Cônego Pierre-Joseph Pession

O

PARAÍSO CELESTE

CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICAS SOBRE O

CÉU EMPÍREO

PRINCIPALMENTE ENQUANTO LUGAR

* * *

UM ESTUDO SOBRE A MORADA E A FELICIDADE DOS BEM-AVENTURADOS

Original francês:
Considérations Théologiques sur Le Paradis consideré principalement comme lieu – Abbé Pierre-Joseph Pession.
Aosta, Itália, pela *Imprimerie Catholique*. (1899)

Imprimatur
Aosta, 24 de outubro de 1899.
Pe. Beuchod, Vigário Geral.

Tradução: Marcos Aurélio Vieira
Revisões:
Livro I: Renato William Murta de Vasconcelos
Livro II: Elenice Efigênia Teixeira Caldas
Livro III: Marcos Aurélio Vieira
Av. Angélica, 1106 – Apto. 188 - CEP 01228-100 – São Paulo – SP.

CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICAS

EXPOSTAS SOB FORMA DE MEDITAÇÕES

A RESPEITO DO

PARAÍSO CELESTE,

VISTO ENQUANTO LUGAR

Suas relações com o resto do universo, o estado de prova das criaturas racionais e a felicidade, especialmente acidental, de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Nossa Senhora, dos Anjos e dos Eleitos

---

Fundamentadas na Sagrada Escritura, nos Papas, na Teologia Escolástica (especialmente Santo Tomás) e em analogias e dados das ciências humanas.

Pelo
Cônego Pierre-Joseph Pession
Doutor em Teologia da Universidade Gregoriana,
Cônego teólogo, Juiz Sinodal,
Ex-Professor de Filosofia Escolástica e de Física,
no Seminário de Aosta (Itália)

Em verdade, a razão, iluminada pela fé, quando investiga diligente, piedosa e sobriamente, consegue, com a ajuda de Deus, alguma compreensão frutuosíssima dos mistérios, seja pela analogia das coisas conhecidas naturalmente, seja pela correlação dos próprios mistérios entre si e com o fim último do homem.

Concilio Vaticano I, Cap. IV, "A fé e a razão".

Semper cor nostrum promissa coelestia meditetur, omnia terrena quae possidemus in futuras coelestis regni mansiones transferamus: ut cum ibi provecti fuerimus, fruamur bonis coelestibus. (S. AUG. Lib.de Salut. docum. Cap. 40).

Gaudebunt itaque (Sancti) de bonis Domini interius et exterius, supra se, et infra se, in circuitu et undique. (S. Anselmo de Aosta, Elucidar. Lib. III, Cap. 20).

AOSTA (ITÁLIA)
IMPRIMERIE CATHOLIQUE
1899

AVALIAÇÃO DESTE TRABALHO

Pelo Revmo. Pe. Beuchod

Reitor da Catedral de Aosta (Itália) e Vigário Geral

Este tema, altamente interessante, apresenta ideias novas mesmo até para pessoas versadas no estudo da Religião. Acima de tudo, ele naturalmente lhes alimentará a piedade ao lerem estas considerações filosófico-teológicas em forma de meditação. Seria desejável que algum teólogo famoso examinasse este trabalho, pois sua opinião só poderia ser muito vantajosa e certamente contribuiria para sua difusão. O vigor de seus raciocínios, as inúmeras provas tiradas de escritos dos Doutores da Igreja, da doutrina católica e das Sagradas Escrituras, dão uma tal força às ideias aparentemente novas, que ninguém com espírito judicioso deixará de admirá-las, tratando-se de uma doutrina que, como Deus, é sempre antiga e sempre nova.

Aosta, 11 de outubro de 1899.

F. BEUCHOD.

DEDICATÓRIAS À SANTÍSSIMA VIRGEM E A SANTO ANSELMO[1]

À SANTÍSSIMA VIRGEM

Virgem Mãe de Deus, Rainha do Universo,
Quem sou eu, homem decaído, para dirigir-vos meus versos?
O oceano de vossa glória inunda o céu empíreo;
Na etérea ogiva, os coros dos bem-aventurados
Unem seus concertos, pensamentos e ardor
A cantar para sempre vossa bondade e grandeza;
Deste ponto insignificante do universo móvel,
Alçarei minha voz pecaminosa e fraca,
Fazendo-a ressoar para além do firmamento,
Para que chegue a vossos ouvidos como harmonioso som!

Sim, venho apesar de tudo; perdoai minha ousadia.
A vós dedico o fruto do meu lazer.
Vosso reino é maternal no céu e por toda parte.
Sendo Mãe de Deus, do que não sois Mãe?
Os doutores mais sábios, os mais puros oradores
Vos pregam como Mãe das criaturas.
Os mortais cá em baixo, os eleitos no céu,
Todos os seres criados, em vosso materno coração
Buscam seu maior bem depois do Bem Supremo;
Poderia eu, vosso filho, deixar de fazê-lo?

Era meu plano escrever somente sobre vós.
Porém, ai de mim! Vossas grandezas, sem limite nem fim,
Me confundiram e desconcertaram,
Acrescentando peso ainda maior à minha já pesada carga.
Ó Virgem Maria, onde não estais?
Buscando com amoroso olhar

[1] Santo Anselmo de Cantuária, conhecido também como Anselmo de Aosta por ser esta a sua cidade natal, foi monge beneditino e arcebispo de Cantuária, na Inglaterra, entre 1093 e 1109, durante do reinado de Guilherme II da Inglaterra. Santo Anselmo exerceu enorme influência sobre a teologia católica. Entrou para a Ordem de São Bento aos vinte e sete anos e tornou-se abade em 1079. O Papa Clemente XI o proclamou Doutor da Igreja em 1720. Canonizado em 21 de abril de 1720.

O brilho de vosso resplendor,
Encontrei-o em toda parte!
O Supremo Verbo ainda nada havia feito,
E vós já desempenháveis vosso papel!

Obra prima ideal do Espírito Criador
Com a humanidade do Divino Redentor,
Presidistes, como arquétipo, ao amanhecer da Criação;
Todas as medidas da natureza, da grandeza, do divino, do belo
Foram tomadas em relação a vós,
E tudo foi medido a partir de vosso nível.
O caos e o tempo, o empíreo e os anjos,
As criaturas e várias falanges,
O destino variado de cada ser,
Tudo, ó Maria, está vós associado,
Como associada estais a Cristo, causa e razão suprema
De tudo o que Deus fez fora de Si.

Mas, ó tristeza, que proporção existe entre esse vasto horizonte
E os fracos esforços do meu pobre intelecto?
Por que lançar meu navio em águas tão profundas,
E tentar compreender inúmeros mundos?

Vós o sabeis, ó Virgem.
Vossos maternais conselhos orientaram meu trabalho.
Certamente não posso alegar milagre
Nem atribuir à vossa influência o brilho de um oráculo;
Mas vosso coração ao meu tantas vezes falou
Que tudo para mim soa com o timbre de vossa voz.

Durante os dias abençoados de vosso mês, ó Maria,
Oásis em meio à tristeza de nossas vidas,
Enquanto a vossos filhos eu pregava vossas grandezas,
Vislumbrei, dos céus glorificados, os esplendores.

Para mim, dentro desta glória, o universo em movimento
Parecia completar sua transitória carreira.
E toda a ordem criada, como a entendi,
Nadava no oceano de espíritos celestes.
E na íris brilhante de vossa imensa luz

Vi os entretenimentos desses intelectos.
Ao longe, vossa íris aos poucos se confundia
Com a imensidão de um céu tão transcendente
Que só o Todo-Poderoso o dominou como Mestre.

É o céu de vosso Filho, que me destes a conhecer.
E vi nossos céus, lançados em direção à felicidade,
Subirem constantemente de altura em altura.
E disse com meus botões: o bem se encontra nas altas esferas,
E todo o universo móvel a ele aspira sem cessar
E direciona seus passos para estes páramos luminosos.
As regiões inferiores são da morte.
Corações ao alto! É lá que se encontra a nossa pátria!
Lá, Cristo e Maria reinam gloriosamente.
E para celebrar-vos, ó Virgem, digo a mim mesmo:
Pare de hesitar e fale do Paraíso!

Mas, nesta matéria, o que me dita a prudência?
Devo revelar o que sei, ou ficar calado?
Ela desempenhou tão grande papel em meu empreendimento,
Que é como sua alma e ponto de partida.
Ora, se para minhas velas foi um vento favorável,
Por que esconder sua força motriz?

Sei que os mundanos podem rir de mim,
E dizerem, zombando, “mas que fé robusta!”
Mas do sobrenatural, eles só veem a casca,
Ignorando sua presença e desprezando sua força.

Por acaso não sois, ó Virgem, a Rainha do universo?
Trabalho, repouso, os fatos mais diversos,
Tudo que vive, existe ou pode acontecer,
Tudo está sujeito, ó Rainha, ao vosso imenso império;
E quando um filho vosso vos invoca com amor
Não lhe dareis uma resposta materna?
Se vossa luz sobre ele pousar,
E ele prontamente obtiver o que pediu,
Conforme os desejos do seu coração,
Por que não poderia proclamar-vos benfeitora?

Mas, tudo bem pesado, não posso, neste momento,
Contar a história desta graça.
Foi ela um dos maiores benefícios concedidos pelo vosso Coração,
E conheço em profundidade seu preço e seus efeitos.

Obrigado, ó Mãe de Deus!
Agora vos imploro, ó Maria,
Que, do mais alto dos céus, abençoeis este livro.
Ó! Que ele vos faça bem-amada!
Que dos humanos as enfraquecidas mentes,
Faça com que se voltem ao Paraíso!
Que arranque os corações das mil ninharias do mundo,
Perverso e traiçoeiro como areia movediça!

Filho de Adão, teu império é o universo inteiro,
De Cristo não és, por acaso, o feliz co-herdeiro?
No entanto, de tua imensa glória, será o universo
Apenas um raio mais fraco, um brilho acessório;
Por ti, será este universo glorificado
E como que animado por teu esplendor;
E apesar de sua divina riqueza,
Jamais poderá equiparar-se à tua nobreza.
Um dia o Todo-Poderoso te proclamará deus,
E que significado terá, então, para ti, tal lugar?
O infinito é o teu bem, o imenso é o teu espaço,
Eternidade, teu tempo, e Deus, tua recompensa.
Teu Paraíso é Deus! E tudo mais como cêntuplo!

Ó divina Maria, Mãe de Jesus,
Por este livro, fazei brilhar aos nossos olhos,
O fim maravilhoso que devemos buscar;
Dai aos nossos corações, ó Mãe da graça,
O generoso élan que forma triunfadores.

A SANTO ANSELMO, DE AOSTA

Santo Padre e Doutor, grande devoto de Maria Santíssima,
Ilustre Valdostano[2], cujo poderoso gênio
De vasto conhecimento dominou as alturas,
A vós também dedico este fruto do meu trabalho,
Que aborda assuntos pouco tratados;
Dignai-vos levá-lo a bom porto.

A Virgem Maria e seu Filho, o céu e sua beleza,
A graça salvífica e a imortalidade,
Anjos e santos, suas lutas e glórias,
E a vitória final do bem sobre o mal,
Muitas vezes alimentaram vossas meditações,
E moveram de vosso coração as aspirações.

Agora que vossa alma, iluminada
Pela divina Palavra, Sabedoria Encarnada,
No céu contempla sem véus a Deus Todo-poderoso,
E a maravilhosa morada de seus eleitos,
Alertai-nos para as ciladas deste mundo,
E fazei-nos aspirar às celestes moradas.

Vossa alma transbordava de ciência e de amor:
Operai, com Maria Santíssima, um grande *sursum corda*
Nesta humanidade terra-terra, que vaga
Miseravelmente, extraviada do caminho do céu
Para que, amando profundamente nosso derradeiro fim,
E desprezando todo bem fugaz e passageiro,
Vivamos a todo momento da esperança cristã,
E do céu possamos provar as maravilhosas alegrias.

Veremos assim de bons olhos este texto que, neste exílio,
Da cidade celeste nos mostra o perfil.
E deste divino assunto admirando a nobreza,
Perdoaremos desta redação a extrema fraqueza.

Ó grande compatriota, mestre entre doutores,
Abençoai do céu este livro e seus leitores.

---

[2] Valdostano é uma designação dos habitantes das regiões do Vale de Aosta e do Piemonte, na Itália.

ORAÇÃO ESPECIAL A MARIA SANTÍSSIMA PARA PEDIR, POR SUA INTERCESSÃO, A GRAÇA DE ATINGIR NOSSO FIM ÚLTIMO: O PARAÍSO[3]

Nós vos saudamos, Virgem cheia de graça;
Obtivesteis do Altíssimo o eterno favor.
Diante de vós, toda glória mortal se esvanece.
Bendita sejais para sempre, ó Mãe do Salvador!

Sim, possam homens e anjos
Vos celebrar em seus concertos;
Que os ecos de vossos louvores
Ressoem por todo o universo!

Ó doce e terna Mãe,
Ouvi nossa humilde oração;
Com vossa mão protetora
Guiai vossos frágeis filhos
Ao seu derradeiro fim.

Os bemaventurados vos proclamam Rainha;
Não sois da humanidade a honra e a esperança?
Do inferno, ondas de ódio se chocam a vossos pés;
Todas as coisas sentem os efeitos de vosso vasto poder.

Mas, a graça de vosso sorriso sobre nós,
Muito mais ainda do que vossa grandeza,
Exerce sobre nós um império
Que nada iguala em doçura.

Ó doce e terna Mãe,
De nossa humilde prece
Atendei nossos pedidos
Com vossa mão protetora
Guiai vossos frágeis filhos
Ao seu derradeiro fim.

Sobre o coração de Jesus teu poder é imenso;
A vosso bel prazer, podeis extrair divinos tesouros.
Vossa maternal bondade e vossa doce clemência
São um mar sem fundo, um oceano sem limites.

---

[3] Estas estrofes foram extraídas, com poucas alterações, do livreto intitulado *Petits chants religieux et patriotiques, à l'usage des élèves du Petit-Séminaire d'Aoste*.

Ah! Transbordai sobre a nossa fraqueza
As ondas benditas de vossos favores.
Em todo lugar, mostrai-nos sempre,
Os efeitos de vossa ternura.

Ó doce e terna Mãe,
Ouvi nossa humilde oração;
Com vossa mão protetora
Guiai a seu último fim
Vossos frágeis filhos.

Navegamos em mar tão frequente em naufrágios
Onde domina um furioso tirano de morte.
As sirenes, as ondas, os recifes e as tempestades
Ameaçam, em coro, nossa fragilidade.

Protegei nossa frágil embarcação
Neste reino de morte;
Sustentai-a quando vacilar,
Acompanhando-a até o porto.

Ó doce e terna Mãe,
Ouvi nossa humilde oração;
Com vossa mão protetora
Guiai a seu último fim
Vossos frágeis filhos.

Somos teus filhos! Que honra! Que glória!
Então, quantos socorros temos em Vós!
Dispostos sob os vossos estandartes, seremos vitoriosos
Sobre o mundo e o inferno, que sujeitam à vossa lei.
Assim, cheios de confiança

Que nos inspiram vossos cuidados maternais,
Receberemos a recompensa
Que Deus confere aos imortais.

Ó doce e terna Mãe,
Ouvi nossa humilde oração;
Com vossa mão protetora
Guiai a seu último fim
Vossos frágeis filhos.

_____

PREFÁCIO

Vamos, primeiramente, explicar os principais motivos que nos levaram a escrever este trabalho. Em seguida, daremos algumas explicações sobre a forma escolhida e o esboço que decidimos seguir. Por fim, para concluir nosso plano, indicaremos os assuntos que pretendemos desenvolver em um volume que está em preparação.

I - Razões que nos levaram a redigir este trabalho

Além da importante razão dada em nossa dedicatória à Santíssima Virgem, três outras, específicas, nos levaram a dedicar nosso tempo de lazer a escrever este trabalho:

– a importância excepcional do assunto, que é o fim último da humanidade;

– a possibilidade de melhor conhecê-lo, pelo estudo e pela meditação;

– e o desejo de contribuir, na medida de nossas possibilidade, à solene homenagem que no fim deste século (XIX) a Igreja e, por ela, toda humanidade, a tão justo título vão render a Cristo nosso Redentor.

1º) Importância do assunto

Em via de regra, a conduta do ser racional é reflexo de seus pensamentos habituais e de seus afetos.

Caso seu espírito e seus desejos estejam cheios de imagens e esperanças de bens eternos, sua vida será cristã. Ou, se se nutrirem de bens transitórios, reais ou imaginários, sua vida será mundana.

A vida cristã é baseada na fé, que faz com que o homem se comporte segundo as exigências de seu fim último.

Já a vida mundana é baseada no naturalismo, que não pode terminar senão no infortúnio, porque Deus não pode conceder ao homem um fim último apenas natural. Pode-se dizer que toda a raça humana, posta à prova, pertence a uma ou a outra das duas categorias, conforme proceda, mais ou menos, de acordo com esses dois fins opostos, vida cristã ou vida mundana: a) ao verdadeiro Paraíso, depois da morte, b) ou, ao falso Paraíso da vida presente.

Somos, todos, testemunhas dos estragos que o naturalismo, essa praga do nosso tempo, está produzindo atualmente na sociedade. Não satisfeitos de não se mostrarem frágeis e débeis, como soíam fazer no passado, das alturas de um trono fictício erguido pelo orgulho, os na-

turalistas afirmam ser ciência e verdade, e terem pena de quem acredita no sobrenatural e em suas promessas. Infelizmente, quantas pessoas se deixam enganar pela arrogância deste vício terrível, que além do mais lisonjeia todos os maus instintos! Os poucos progressos obtidos no conhecimento da natureza e na invenção de coisas úteis para a humanidade parecem eclipsar os grandes ensinamentos da Igreja e ofuscar o incomparável benefício da religião, porque perdem de vista os primeiros princípios e os últimos fins, e fazem do Cristianismo a ideia a mais incompleta e mais falsa. E daí levam uma vida deplorável, mais própria de animais selvagens e industriosos, e não de homens racionais e de almas imortais. É preciso ser por demais tolo para acreditar que a natureza se explica suficientemente por si mesma e que seres inteligentes não têm nenhuma relação com um mundo superior. Embora dotados de razão, preferem a ignorância de mil coisas que predicacam a respeito da Criação, ao invés de procurar, no sobrenatural, suas únicas causas adequadas, que toda a Criação não cessa de pregar e das quais a História nos demonstra, de maneira autêntica, e que nosso coração exige, continuamente, em sua busca da felicidade.

Assim, para as pessoas com visão naturalista, e particularmente positivista, a vida humana se torna uma série de contradições. Buscam a ciência sem querer que ela seja realmente grande e verdadeira; buscam a felicidade, fugindo, porém, das fontes das quais ela jorra; querem ser virtuosas, mas de uma virtude que nada custa; estão cheias de ambição, mas a imortalidade pouco lhes importa; amam, às vezes, coisas grandes, belas, sublimes, mas as detestam precisamente quando são muito grandes, muito belas, muito sublimes; sabem que devemos semear para colher, que devemos crer para salvar-nos, que devemos merecer a recompensa eterna para obtê-la. Essas são precisamente as condições que não querem cumprir. Ora, levar uma vida não cristã dentro do cristianismo é a coisa mais irracional do mundo. Uma vida assim não chega ao seu fim último, é horrível dizê-lo. Afunda-se no eterno abismo de dor, embora tenda necessariamente à felicidade.

Como remediar um descaminho tão geral, profundo e fatal? A Igreja de Cristo põe à disposição todos os seus recursos para curar tão grande mal. Este é o seu ministério mais essencial. A Igreja sempre reza, sempre prega, sempre prodigaliza graças com alto poder de elevar o homem ao seu sublime destino. Mas, apesar destes contínuos esforços da Esposa de Cristo, um número muito grande de pessoas, com os olhos voltados para a *vaidade e a mentira* (Sl. 4:3), vive como se não tivessem nenhuma esperança na imortalidade, como se não ti-

vesse nenhum bem superior a alcançar, como se nada lhe ensinasse a existência, a grandeza e a necessidade do Paraíso segundo o plano divino. Uns nem mesmo acreditam na *vida eterna*. Outros professam nela acreditar, mas sua fé é tão débil que pouca influência exerce sobre suas vidas. Outros ainda se comportam ordinariamente conforme os ensinamentos de sua fé, mas com grande dificuldade, por falta de um ideal assaz atraente para levá-los além de si mesmos e fazê-los desprezar os bens passageiros.

Ora, parece-nos que as meditações sobre o Paraíso são eminentemente úteis tanto aos incrédulos quanto aos crentes. Se os incrédulos as considerarem como um trabalho intelectual sobre a universalidade das coisas, mesmo assim não lhes será em vão, caso tenham ainda pelo menos um pouco de bom senso e de boa fé admirar uma doutrina tão sublime, tão vasta, tão harmoniosa, em que o cristianismo é exposto pelas suas causas supremas, em que a humanidade é explicada, brevemente, em tudo aquilo que tem de grande e de pequeno, de bom e de mal, de transitório e de permanente, em que o conjunto do que há de acontecer é apresentado aos nossos olhos em conformidade com o passado e o presente. Em que, em uma palavra, se encontra a filosofia mais profunda e mais inteligente de Deus e de tudo o que é finito. A ciência cristã é incomparável! Não é *uma ciência que incha,* mas *que edifica* (1 Cor. 8,1) porque vem de Deus, como todos os maiores benefícios; e nela o homem não é nada mais que um instrumento vivo, tão mais próprio a se humilhar quando escreve as coisas divinas.

Ninguém se surpreenda que o universo e todas suas partes figurem constantemente, por assim dizer, num tratado sobre o Paraíso. Pois o universo foi feito para as criaturas racionais. E as criaturas inteligentes têm, por fim último, com o fato de um tratado sobre o Paraíso versar o tempo todo sobre o universo e seus componentes. Pois o universo foi feito para criaturas racionais, às quais compete louvar a Deus com conhecimento e amor. E as criaturas inteligentes têm por destino final o Paraíso. Donde tudo o que é finito gravitar em razão deste mesmo fim. Portanto, não há meio melhor possível de conhecer os tempos, as coisas e os movimentos do que se colocando sob o ponto de vista do estado e do lugar da suprema felicidade.

Ó homens, que procurais a verdade e cujo coração tem sublimes aspirações, lede este livro! Malgrado seus numerosos defeitos, que deveis atribuir apenas a seu autor, ele abrirá a seus olhos um imenso horizonte! Seu valor está nas autoridades citadas. Por nos darem uma

justa ideia do plano divino, elas nos prestam um grande serviço, porque "todos os bens nos virão com esta sabedoria" (Sab., VII, 11)

Quanto aos fiéis, para quem a vida futura é um dogma, eles têm tudo a ganhar na meditação do Paraíso. Embora nossa obra não tenha outras vantagens que não a de lhes entreter sobre seu último destino, será para eles, desde já, uma vantagem incalculável. "Em todas as suas ações, diz o Sábio, lembrai-vos de seu último fim, e jamais pecarás[4] (Ecles., VII, 40). Jamais pecar não é a porta da verdadeira felicidade? Ora, qual é a verdadeira felicidade do homem? A morte não é nada mais do que o fim da vida presente. O juízo é uma circunstância transitória. O inferno é o fim eterno do homem desgraçado. É o oposto de seu verdadeiro fim. Somente o Paraíso é seu fim querido pela bondade de Deus, a satisfação de todos os seus desejos, o auge de sua perfeição. Eis, pois, o que deve ser o objeto principal de seus pensamentos e de suas afeições. Esquecer do Paraíso, ou não pensar nele pelo menos superficialmente, é o início de todos os seus males. Pelo contrário, pensar no Paraíso e procurá-lo é o caminho da vida e da felicidade interminável.

Nesse sentido, até nos causa espanto o pequeno número de livros escritos sobre o Paraíso. Todos os escritos piedosos fazem contínuas alusões ao Paraíso, é verdade. Mas poucos há que tratam dele de modo saliente, como objeto principal, com amplitude, aproveitando largamente das referências múltiplas e preciosas que encontramos nas Sagradas Escrituras, nos Santos Padres, na sublime teologia dos grandes mestres e em outros bons autores!

Ademais, trata-se do fim do homem! E da própria finalidade de todos os escritos religiosos! Ó, quanto é de desejar, parece-nos, que o Paraíso, sua própria Suma, sua enciclopia específica, em que os pregadores pudessem fundamentar-se, onde os fieis encontrassem um copioso alimento de piedade para suas almas, onde todos os homens, ao contemplar o fim de todas as coisas, pudessem fazer uma grande ideia do plano divino e do cristianismo!

Longe de nós a pretensão de oferecer ao público esta Suma tão preciosa. Semelhante trabalho ultrapassa nossas forças, compartilhadas, aliás, durante longos tempos, por uma multidão de outros cuidados. Mas nós nos damos por satisfeitos em oferecer uma espécie de

[4] O texto siríaco diz: Memor esto **finis**. Martini, cuja tradução é aprovada pela Igreja, dá assim esta passagem: "Em todas as suas ações recordai do *teu último fim*, e não pecarás eternamente". Outros traduzem da mesma maneira.

esboço, e chamar a atenção dos escritores católicos sobre esse ponto capital.

Seria necessário que o ideal católico, como um sol resplendescente, fizesse enrubecer e desaparecer todos os outros ideais, na prática e universalmente. É difícil desapegar os homens da vida sensual, dos erros e dos vícios, sem os entusiasmar por uma vida superior, sem lhes apresentar, sob vivas cores, a beleza e o valor da virtude, como também o fim delicioso e perene do fiel católico. É verdade que não se cessa de lhes prometer a visão e a posse da eterna bem-aventurança de Deus. Nada de mais acertado, sem dúvida, nada de melhor. Mas esse bem é tão sublime que os mortais não conseguem imaginá-lo senão debilmente. Por isto são tentados a "desprezar a terra de delícias e não darem crédito na palavra de Deus" (Salmo 105,24). A representação dos bens inferiores, abundam na pátria celeste, é mais proporcional à sua debilidade de espírito. Pois estes bens são mais semelhantes aos avidamente procurados na terra, e por isto despertam mais a imaginação e servem para elevar a alma ao Soberano Bem. Ademais, o ideal católico da beatitude compreende todos os bens e não somente aqueles referentes à inteligência e à vontade, mas inclusive aqueles que são uma plena satisfação da imaginação, da memória e dos sentidos corporais. Daí se conclui que o conjunto dos bens secundários, que a fé nos promete como parte de nossa recompensa, comumente contituem o específico do mais direto contra nossas más paixões[5]. Importa, pois, expor em toda sua integridade o ideal cristão. Mesmo aquilo que ele tem de menor valor representa um grande papel. Esta é a razão pela qual nossas meditações têm por objeto particularmente a felicidade acidental dos eleitos.

Pensar no céu sempre foi na Igreja um dos meios mais eficazes do martírio e da santidade. Um militar de vinte e quatro anos, de nome Adriano, vendo a firmeza dos mártires no meio dos suplícios, perguntou-lhes o que esperavam em compensação de tantos sofrimentos. Os mártires lhe responderam: "Esperamos estes bens que os olhos não vêem, que os ouvidos não entendem, que o coração do homem não pode entender, que Deus preparou para aqueles que o amam". Impressionado com estas palavras, Adriano abraçou o cristianismo e se fez

[5] Se nossa imaginação se impressionar por certas imagens de bens secundários, procuraremos a graça com mais empenho e avidez, e toda a religião católica se nos tornará mais simpática. Os sete irmãos Macabeus sofreram corajosamente o martírio na esperança de que Deus restituiria os membros de seus corpos na ressurreição. É isto que faz parte da felicidade acidental. (Mac., II, VII)

mártir, em Nicomédia, sob o reinado de Diocleciano, no ano 306 (Cornélio a Lapide in 1ª. Epist. ad Cor. Cap. II, 9).

Na cidade francesa de Autun, um jovem chamado Sinforiano foi submetido a várias torturas. Quando estava para morrer, sua mãe gritou-lhe: "Meu filho, meu filho, lembra-te da vida eterna, levanta os olhos para o céu, olhe para Aquele que aí reina; não te estão tirando a vida, mas mudando-a para melhor". E o jovem apresentou corajosamente sua cabeça ao carrasco.

São numerosos os santos, como São Bento e Santa Escolástica, sua irmã, que passavam a noite meditando ou imaginando as alegrias do céu. Esse foi também o pensamento dominante de todos os outros santos. Eles diziam, como São Paulo: "não temos aqui cidade permanente, mas vamos buscando a futura" (Heb. 13,14) e sua vida maravilhosa foi um delicado desabrochar deste pensamento sublime. "São inimigos da cruz de Cristo (...) os que só se preocupam com as coisas terrenas". Se formos verdadeiros católicos, todos poderemos afirmar que “nossa vida está nos céus” (Fil. 3,18-20).

Muitos santos obtiveram especiais luzes sobre o Paraíso: "O Espírito sopra onde quer; e tu ouves a sua voz, mas não sabes donde ele vem, nem para onde vai. Assim é todo aquele que nasceu do espírito” (Jo 3,8). Mas as boas inspirações são sementes que devem ser convertidas em plantas, e estas devem ser cultivadas. Daí a necessidade da meditação. E a meditação supõe elementos que normalmente se encontram no estudo e nas leituras piedosas. Por estes tipos de preparações, procuramo-los de maneira a encontrá-los: "Buscai e achareis; batei e vos será aberto”" (Mt 7,7).

Este escrito, esperamos, servirá de instrumento à graça para um certo número de pessoas. “Eu me alegrei, escreve o salmista, porque me disseram: iremos à casa do Senhor” (Sl. 121, 1).

Esperamos que este livro se torne instrumento de graça para muitos. "Que alegria quando me disseram: Subiremos à casa do Senhor", exclama o salmista (Sl. 121,1). Se nossa confiança não nos engana, muitos também se alegrarão considerando a grandeza, a beleza e a variedade da Jerusalém celeste, “que Deus preparou para nós desde a fundação do mundo" (Mt. 25,34), e um efeito como que natural desta alegria é nos inspirar o amor a todas as virtudes cristãs e a desprezar os bens passageiros.

2º - A possibilidade de melhor conhecer o Paraíso

Como o Paraíso é um dos principais mistérios da nossa fé: “Credo in ... vitam aeternam” algumas pessoas imaginam que dele só se consegue saber muito pouca coisa e que é melhor simplesmente crer do que procurar estudar e compreender. Pensam mesmo estar de acordo com São Paulo, que disse: "Nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais passou pelo pensamento do homem o que Deus preparou para aqueles que o amam" (1º Cor 2:9). Mas nós respondemos que Deus revelou os mistérios a fim de que os meditemos e isto para nos iniciar, já na terra, nos sublimes conhecimentos do que teremos no céu. Aqui na terra, quanto mais os mistérios forem impenetráveis quanto a seu fundo mais íntimo, tanto mais serão luzes diretivas de toda a vida cristã. E quanto mais resplandecerem, tanto mais serão eficazes para nos conduzir ao nosso último fim.

Quanto às palavras de São Paulo, se lidas em seu contexto, têm elas um significado completamente diferente. O Apóstolo fala aí, literalmente, da sabedoria divina que presidiu os mistérios de Nosso Senhor Jesus Cristo e “que nenhum príncipe deste século conheceu unicamente pelas luzes da razão, pois se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória". É bem verdade que os bens da pátria eterna foram dispostos por Cristo também por esta sabedoria que constitui a beatitude, aplicável a nós pela Encarnação e outros mistérios do Homem-Deus, como também aos bens que “o olho natural jamais viu”, etc. Daí essa interpretação dada por outros bons autores sobre esta passagem do Evangelho.

Mas, mesmo que essa interpretação seja a única verdadeira, São Paulo não nos apresenta os bens celestes como sendo inacessíveis a nós como fiéis, mas, ao contrário, como tendo sido revelados aos olhos de nossa fé. “O que olho (pagão) não viu, diz ele, o que o ouvido (infiel) não entendeu, o que não pode alcançar (naturalmente) o coração do homem, o que Deus preparou para aqueles que o amam, **é também o que Deus nos revelou pelo seu Espírito**, porque o Espírito **penetra todas as coisas, mesmo nas profundezas de Deu**s... “Por nós, nós não recebemos o espírito deste mundo”, espírito fechado às realidades sobrenaturais, “mas o Espírito que é de Deus, para de **conhecermos** os dons que nos foram dados por Deus, e **que nós anunciamos**... segundo a doutrina do Espírito... **O homem animal** não percebe aquilo que é do Espírito de Deus. Para ele são loucuras... Mas o

homem espiritual julga de todas as coisas... Nós, porém, temos o pensamento de Cristo" (1 Cor. 2, 9-16). Não está claro?

Nossos mistérios são gradualmente inteligíveis e cognoscíveis; são como fontes inesgotáveis. Mas que o homem de bom senso não veria em tais riquezas um motivo para não esplorá-las. Assim, outra razão para nossas meditações é a possibilidade de adquirirmos um conhecimento muito mais amplo do Paraíso do que o comumente disponível.

Os homens espirituais que julgam todas as coisas, que têm o pensamento de Cristo, são os escritores, papas, concílios, que compõem e contituem a tradição. Os Santos Padres, teólogos, membros da Igreja docente, autores sábios e piedosos que, solidamente unidos à cátedra de Pedro, se inspiram nas luzes da fé e vivem de acordo com a moral cristã, participam dessa liberdade de juízo sobre *todas as coisas e têm também o pensamento de Cristo*. É por isso que seus ensinamentos e mesmo suas opiniões são altamente dignos de considerações e de nossa estima por nos instruirem abundantemente sobre o Paraíso.

Observemos no entanto que, num mundo infinitamente variado de concepções, é necessário discernir, antes de escolher, e completar mais do que refutar, sob pena de diminuir consideravelmente a soma de conhecimentos.

As questões católicas, que parecem muito frequentemente opostas umas às outras, na maioria dos casos são aspectos diferentes e igualmente variados da mesma questão. Os santos mais doutos tinham algumas vezes pontos de vista muito diferentes. E não é o caso de nos apressarmos em nos colocarmos em conflito uns com os outros, mas antes de tudo deixá-los ensinar adequadamente, sobretudo pontos de doutrina difíceis de se precisar. Seguindo esta regra, que é ademais uma homenagem de respeito a estes grandes homens, temos a possibilidade de compreender mais plenamente a verdade. A expressão "*distinguir frequentemente*" contém muita sabedoria. Eis alguns exemplos.

Santo Anselmo, indagando *se o Paraíso é um lugar material e onde está localizado, responde que ele não é um lugar material, porque os espíritos não ocupam lugares, mas que o Paraíso é uma morada espiritual dos bem-aventurados, aperfeiçoada desde o princípio pela eterna sabedoria, e que se encontra no céu espiritual onde a divindade, ela mesma, se mostra aos espíritos face-a-face e tal como ela é*. (Elucidar, libr. III, C. 1).

São Gregório, papa, Santo Agostinho e outros têm expressões parecidas. Mas eles falam da *felicidade essencial dos eleitos* e, sob este aspecto, seus ensinamentos nada deixam a desejar.

Também o mesmo Santo Anselmo, falando um pouco mais amplamente do Paraíso de uma maneira mais completa, nos faz entrever a beatitude secundária dos imortais como uma consequência de sua felicidade essencial. *Ó, que alegria,* exclama ele*, e que exultação eles terão quando entrarem na glória do Senhor! Ó Deus! Que alegria eles terão logo que virem, para sempre, intuitivamente, tal como é, o Pai no Filho, o Verbo no Pai, e o Amor do Espírito Santo em um e no outro! Eles participarão da sociedade dos anjos e da familiaridade de todos os santos. Eles desfrutarão, em uma palavra,* ***dos bens*** *do Senhor, interior e* ***exteriormente****,* ***acima e abaixo deles, ao redor e por todas as partes****. Eu convido todos os meus amigos à conquista destes bens. Se me escutarem, gozarão dessas delícias com fartura e superabundância, numa sociedade de inumerável contentamento. Tal é a alegria* ***completa****. Esta alegria é a completa satisfação de* ***todos*** *os bens sem* ***nenhuma*** *indigência... Eles serão iguais aos anjos, serão os filhos de Deus. E, por isto, serão tão poderosos que,* ***se desejassem um outro céu, eles o fariam sem dificuldade****. O céu, a terra e* ***toda criatura*** *também deverão ser glorificados (Ibid. c. 20)... E a força dos bem-aventurados será tal que poderão mover as montanhas, desde os pés e toda a massa de terra. E isto com a mesma facilidade como presentemente se pode* ***ver*** *estas mesmas coisas. (Ibid. c. 18)... As harmonias dos céus ressoarão sem cessar nos seus ouvidos, em concerto com os anjos e os melodiosos instrumentos de todos os santos... Os bem-aventurados terão a abundância de* ***todas*** *as riquezas. De posse da alegria do Senhor serão estabelecidos sobre* ***todos*** *os bens de Deus (Ibid., c. 19)... Todas as criaturas corporais serão renovadas e aperfeiçoadas para eles. A própria terra será,* ***toda inteira****, como um paraiso. Banhada pelo sangue dos santos a terra será perpetuamente ornada de flores odoríferas, lírios, rosas, violetas incorruptíveis... O trabalho cansativo e a dor não mais existirão*. (Ibid. c. 15). Estas são, seguramente, preciosas noções.

Mas Santo Tomás não admite que haja plantas na morada dos bem-aventurados. Plantas, animais, tudo aquilo que é corruptível não haverá no Paraíso, segundo o Anjo da Escola. À exceção do corpo humano, os seres materiais ou mistos, glorificados, serão unicamente aqueles que são incorruptíveis, como os quatro elementos e a quinta essência (os corpos celestes).

Diante do que diz Santo Anselmo, pergunta-se: o que devemos pensar dos ensinamentos de Santo Tomás? Constatamos, de início, que ambos admitem um ponto capital. É que no Céu Empíreo não há nada com corruptibilidade degradante. Depois nos parece claro que Santo Anselmo mais completa do que diverge de Santo Tomás[6]. Com efeito, está provado atualmente que o ar, o fogo, a terra, a água e os corpos celestes móveis são corruptíveis. Mas, embora atualmente estejam em contínua mudança, eles devem ser renovados e participar da imortalidade. Esta é a opinião de todos os autores. Então o fato da corruptibilidade intrínseca dos animais e das plantas não serve mais de pretexto para os excluir, absolutamente, do Paraíso. E assim estaremos em conformidade com o ensinamento geral de Santo Tomás segundo o qual Deus não criou nada para depois aniquilar, o que invoca as ideias de Santo Anselmo.

Ademais, tanto Santo Anselmo, como Santo Tomás e a generalidade dos escolásticos afirmam que os céus, uma vez glorificados, cessam de se mover por terem atingido seu fim, embora hoje em dia autores muito respeitáveis defendam que os movimentos dos céus, por serem magníficos e grandiosos, serão perpétuos. Ora, será o caso de condenar uma ou outra destas duas opiniões, dado que elas se completam mutuamente?

Com efeito, os céus se moverão não mais para **procurar** seu fim, nem por seguir uma lei geral imposta a tudo o que existe, nem por estarem de certa maneira submetidos à prova, nem para escapar da corruptibilidade e nem para impor à criatura racional uma necessidade de exercício de sua virtude. Mas qual é o fim almejado e alcançado por estes céus? Consiste em compor o céu material dos bem-aventurados! Consequentemente, estes céus se movem segundo as vontades, sempre ordenadas, de seus reis, os filhos de Deus, coroados de "deuses": *vos dii estis*[7].

Os seres humanos glorificados serão *iguais aos anjos*, *que governam*, diz Santo Tomás, *toda a criatura material, e Deus estabeleceu seus eleitos sobre todas as obras de suas mãos*. Os perfeitos membros de Cristo *reinarão* com Cristo.

Sobre o que reinarão eles, se não pelo menos sobre o mundo físico? Isto que os santos fazem, algumas vezes de modo excepcional,

---

[6] Não vemos qualquer pretensão em pensar e dizer isto porque, se bem que Santo Tomás é o "príncipe dos teólogos", a autoridade dos outros doutores e dos outros santos não é diminuída pela excelência do "Anjo da Escola".

[7] "Vós sereis como deuses"

sobre a terra, operando milagres, os bem-aventurados farão, constantemente e universalmente, na glória.

Ademais, contemplando em Deus os supremos arquétipos e um número mais ou menos grande de possíveis, os bem-aventurados se alegrarão ao concretizar em imagens concretas, no universo, sendo capazes, diz Santo Anselmo, *de fazerem outros céus* se isto lhes agradar. A harmonia dos céus será, pois, devida ao efeito de vontades criadas, mas fixadas no bem. Ela poderá passar de variações em variações, indefinidamente, segundo a fecundidade que propiciar sempre ao modelo divino e segundo a capacidade maravilhosa dos imortais.

Consideremos as plantas e os animais segundo as mesmas regras. Todas as formas inferiores à do homem, afirma Santo Tomás, são possíveis na matéria. E assim consideradas, estas coisas duram eternamente[8]. Se, pois, os bem-aventurados experimentam algum contentamento, o que não parece apresentar nenhuma dúvida, ao ver sua morada adornada de animais e de plantas, este ornamento não lhes estará em falta. Eles o farão e o disporão, eles mesmos, por sua sabedoria e pelo poder que terão sobre tudo aquilo que lhes for inferior em perfeição. *É certo*, diz Santo Anselmo, e ninguém contradiz este ponto, que no céu *nada faltará de tudo que os eleitos desejarem encontrar* (Medit. XVII). Ora, como as faculdades humanas não mudam nada na natureza pelo fato da beatitude, parece eminentemente crível que as faculdades inferiores do homem desejarão ver estes ornamentos no céu, e em suas faculdades superiores gostarão de contemplar a sabedoria de Deus, como em *um conhecimento noturno*, segundo as palavras de Santo Agostinho, nos seres orgânicos em que a composição é muito mais perfeita que nos minerais. Suprimir o reino animal e o reino vegetal, equivale a suprimir de um só golpe um número incalculável das mais belas maravilhas divinas de segunda ordem, e com isto eliminar o que na obra do Todo-Poderoso se deve mostrar em todo seu esplendor e em toda sua magnificência. Confessemos que esta hipótese não é admissível.

Mas, é escusado dizer que, no Paraíso, estes seres estarão numa situação proporcionada ao estado de glória, porque todas as partes de um todo perfeito são análogas umas com as outras. Se houver evolução e alterações, nada disto será feito de maneira penosa e desagradá-

[8] Omnia opera Dei in aeternum perseverant, vel secundum se vel in suis causis: sic enim et animália et plantae remanebunt manentibus caelestibus corporibus. Q. 5. De Pol. a. 9, ad. 1.m Simpliciter dicendum est, quod nihil omnino in nihilum redietur. 1 p. q. 104, n. 4. In corp., et ailleurs.

vel. Quantas transformações admiráveis veremos se darem aqui na terra, não sujeitas aos tristes espetáculos da morte e da decomposição! No Paraíso nada há que não seja bom e belo para todos os seres que lá estão. É a suprema perfeição de tudo!

Concluamos, pois, que lá as plantas e os animais não existirão como necessários à alimentação e ao serviço material do homem, mas como decoração de sua habitação e como formando uma muito notável parte da criação e do domínio dos bem-aventurados. Tudo estará disposto, lá no alto, para a felicidade, como presentemente, aqui na terra, tudo se dispõe para a prova[9].

Estas questões são das mais obscuras que pode encontrar o teólogo que trata do Paraíso. Entretanto, como vimos, não faltam luzes sobre estas questões.

O que dizer, consequentemente, de uma infinidade de outros pontos sobre os quais mais facilmente se encontram dados? Em geral os ensinamentos católicos estão repletos de noções sobre a celeste pátria. Importa, pois, reuni-los e completá-los desenvolvendo os princípios sempre formulados pela Igreja, respeitando o mais possível todas as opiniões dos santos, servindo-nos dos progressos das ciências e de analogias.

Ademais, será muito difícil nos contentarmos se, nesta matéria, não tivermos na maior consideração os dogmas da fé católica. Entretanto, quantas verdades da fé católica que são ensinadas pelas divinas escrituras e no entanto jamais foram objeto de definições dogmáticas da Igreja! Quantas fortes probabilidades que corroboram a certeza moral e que, na prática, precisam obter a nossa valorização para regular nossa conduta? Por que motivo sermos mais exigentes com relação à nossa futura pátria, quando é certo que as mais belas opiniões serão ultrapassadas pela realidade?! É assim que fazem os santos, por exemplo Santo Afonso Maria de Ligório, quando nos dão exemplo de um verdadeiro entusiasmo por teses livres que defendem. Ah! É que a revelação divina nos apresenta questões tão grandes e sublimes que, se contentarmo-nos apenas com as analogias da fé e à submissão à Igreja, elas se tornam, por assim dizer, impossíveis de ir muito além.

Acolhamos, pois, com prazer todas as particularidades relativas ao nosso último fim. Se o amamos, se vivermos para ele, nada daquilo

---

[9] Aquele que está assentado sobre o trono (de Cristo) diz: "Eis que eu renovo *todas as coisas* (Apoc. XXI, 5).

Quando tudo lhe estiver sujeito, então ainda o mesmo Filho estará sujeito àquele que sujeitou a ele todas as cisas, a fim de que Deus *seja tudo em todas as coisas*. (1ª Cor., XV, 28).

que lhe concerne pode nos deixar indiferentes. Santo Tomás diz da filosofia que *uma parcela desta ciência tem mais valor que toda a soma de conhecimentos que nos dão as outras ciências naturais*. (In lib. 1 Metaph. Lect. 3).

Com mais forte razão, acrescentemos, toda noção ulterior que obtenhamos sobre a eterna felicidade, mesmo acidental, importa mais em excelência sobre a mais alta filosofia humana, porque, no nosso caso, diz respeito à sabedoria divina e ao nosso supremo destino.

O grande mal do homem é *gostar das coisas da carne* (Rom. VIII, 5) e *não ter gosto senão das coisas da terra* (Filip. III, 19). Também, diz São João Crisóstomo, *a vida presente é doce e cheia de muitos prazeres, não para todas as pessoas, mas para aquelas que lhe são apegadas. Aquele que eleva os olhos para o céu e nele contempla as magnificências, este despreza desde logo a vida terrestre e nela não encontra nenhuma estima. Ademais, a beleza dos corpos é um objeto de admiração apenas enquanto não surge nada de mais bonito, porque, logo que aparece uma beleza superior, aquela é menosprezada. Então, se quisermos contemplar, nós também, esta beleza superior e considerar os esplendores do reino celeste, desfaçamo-nos desde logo dos laços que nos prendem às coisas deste século*. (Homil. 66 in S. João).

É possível, então, conhecer mais e mais o Paraíso, como temos observado, meditando profundamente a este respeito. E com isto nossa vida cristã receberá um maravilhoso acréscimo.

3º - Homenagem a Cristo Redentor e, consequentemente, à sua divina Mãe

O Paraíso é, por excelência, o reino de Cristo. O bom ladrão disse a Jesus: "Senhor, lembrai-Vos de mim quando estiverdes **no vosso Reino**". E Jesus lhe respondeu: "Em verdade te digo que ainda hoje estarás comigo **no Paraíso**" (Lc. 23, 42-43). Todos os dias pedimos ao Pai celeste que complete a formação de seu reino, ao dizer: **Venha a nós o vosso reino** (Mt. 6,10). *Este reino virá*, diz Martini, *quando, tendo sido domados todos os revoltosos... e os eleitos libertados, Deus "será tudo em todas as coisas" como diz São Paulo* (1 Cor. 15,28). Ora, o reino do Pai é o reino de Cristo: *Deus colocou **todas as coisas** aos pés do Verbo feito carne, e o constituiu chefe supremo sobre **toda** a Igreja, que é seu corpo e seu complemento* (Ef. 22-23). *Rebaixado* por certo tempo, enquanto homem, *um pouco abaixo dos anjos, Nosso Senhor Jesus Cristo foi em seguida coroado de glória e honra e rece-*

beu o império sobre as obras das mãos de Deus, de maneira que todas as coisas foram postas sob seus pés, e ***nada ficou sem lhe estar submetido*** (Hb 2,7-8). *Deus tinha resolvido, por efeito de sua benevolência, reunir na plenitude ordenada dos tempos* ***todas as coisas*** *em Cristo, as que estão nos céus e as que estão sobre a terra* ((Ef 1,9-10). O Paraíso, na sua plena perfeição, não é, pois, outra coisa que o império total e glorificado de Cristo. E, por consequência, também o império de sua divina Mãe.

Por isto, é impossível meditar, ainda que de modo pouco profundo, sobre a Jerusalém celeste, sem considerar as grandezas incomparáveis do Homem-Deus. E, sobre este ponto de vista capital, dizemos francamente que a teologia pode realizar progressos. Sobre as grandezas de Nosso Senhor Jesus Cristo, a última palavra não será dita senão no Céu. Mesmo assim parece-nos que essas grandezas serão o objeto eternamente inesgotável da contemplação dos eleitos, porque não estão à altura a não ser da alma hipostáticamente unida ao Verbo. Mas, se para os membros de Cristo o progresso neste conhecimento é eterno, por mais forte razão isto acontece aqui na terra até o fim dos séculos. Os doutores antigos, tão claros quanto foram, não disseram, pois, tudo sobre esta matéria.

Todos nossos mistérios, particularmente os mais profundos, participam de certa forma do livro em que Deus fala assim ao profeta Daniel: *Mas vós, Daniel, conserva guardadas estas palavras, e sele este livro até ao tempo determinado; muitos leitores o examinarão, e a ciência se multiplicará*. (XII, 4). Santo Agostinho dá as razões destas obscuridades a serem esclarecidas progressivamente: "Não duvido que tudo isto foi divinamente disposto para obrigar o orgulho ao esforço e para livrar do tédio o espírito humano, que de ordinário é facilmente levado a menosprezar o que já foi descoberto" (De Doctrina Christiana, Livro, 2, cap. 6, Nº 7). São Gregório, papa, usa mais ou menos a mesma linguagem (Homilia sobre Ezequiel, L, 1. Homilia 6, nº 1).

Nem tudo estava completo desde o início, diz também Santo Epifânio*, mas aquilo que era necessário à perfeição das coisas se preparava com o tempo* (Haeres. 75). *É suficiente*, objetou Ruperto, *aquilo que encontraram e escreveram os melhores e mais santos autores; é temerário acrescentar algo à doutrina de ilustres padres católicos. Mas quem terá razão em se indignar, respondeu o mesmo autor, que depois que os pais cavaram um ou dois poços, os filhos que os sucederam cavem vários outros por seu trabalho? Isaac cavou outros po-*

ços. Que a nós seja também permitido, após nossos Pais nos terem deixado seus escritos, cavar outros poços pelo esforço da inteligência, para que também nós possamos encontrar água viva, que não prejudique nenhum vivo, não choque e engane qualquer leitor (Em Proem. ao Apoc.).

Aproveitamos dessas palavras para prevenir uma objeção que facilmente se pode fazer contra as razões das grandezas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Baseados na Sagrada Escritura, nos lúcidos ensinamentos de muitos Padres da Igreja e em respeitáveis autoridades teológicas, consideramos que tudo, absolutamente tudo, foi predestinado em Nosso Senhor Jesus Cristo: os Anjos, o Paraíso, os mundos atualmente móveis, Adão inocente e Adão culpado, bem como tudo quanto Deus tirou do nada. Consequentemente, dizemos que, depois de realizado o plano divino, todo o universo foi criado como um cortejo para o Verbo encarnado e que a queda do primeiro homem, como todos os fatos que ocorreram em todas as coisas ou o que acontecerá, está subordinada ao *grande mistério da piedade, que se manifestou na carne, que foi justificada pelo Espírito, visto pelos anjos, pregado aos Gentios, crido no mundo, exaltado na glória* (1a Tim III, 16).

Dizem-nos Santo Agostinho (Serm. 175, De Verbis Ap. n. 1), São Leão (Serm. 77, n. 2) Santo Tomás de Aquino (S. Theol. 3, Q. 1, A. 3), e outros ilustres doutores sustentam que se Adão não tivesse pecado o Verbo não teria se encarnado. Quanto a este ponto confessamos que nós somos contrários, mesmo porque inclusive o grande bispo de Hipona e o Anjo da Escola (Santo Tomás de Aquino) nos forneçam os princípios teológicos nos quais baseamos nossa tese. Isto prova que seu ensinamento pode ser completado nesse ponto e que eles não definiram a questão como só a Igreja pode fazer.

Com efeito, Santo Agostinho considera Nosso Senhor Jesus Cristo homem como nossa cabeça e a fonte mesma da graça, de onde ela se irradia a todos os membros... A predestinação dos santos é ela mesma, que brilhou com seu maior fulgor no Santo dos Santos... Aprendemos que o próprio **Senhor da graça**, enquanto homem Filho de Deus, foi predestinado... Somente Ele foi predestinado a ser a nossa cabeça... Em tudo isso, **é a graça de Deus** que reina **através de Jesus Cristo**..., o Filho unigênito de Deus, o único Senhor... Deus nos fez crer em Cristo, deu-nos Cristo em quem acreditamos; Deus opera **em Jesus Cristo**, para os homens, **o princípio e a perfeição** da fé, que fez o Homem Jesus **príncipe e consumador da fé** (De Praedest. Sanct. c. 5, n. 30, 31). Assim, de acordo com o próprio Santo Agostinho, não há

fé, graça, santidade, filiação adotiva, sem participação na *fonte mesma da graça, na predestinação do Santo dos Santos, na filiação natural do Verbo Encarnado, e no próprio princípio da graça e da fé*. Ora, não está claro que esse arrazoado inclui também Adão inocente e Adão culpado, os anjos e os homens?

Quanto a Santo Tomás, ele fala apenas de uma conveniência de acordo com as Escrituras, uma conveniência que ele parece modificar em outros lugares: *convenientius dicitur*. Assim ele nos diz em outro lugar que *o Filho unigênito ... é*, segundo a ação da graça (que ocorreu na Encarnação, porque o Verbo não recebeu graça) *o primogênito entre muitos irmãos... e que Ele mesmo nos foi dado, todas as coisas nos foram dadas* (Comentário em Epist. ad Rom. c. VIII, 28-32). Além disso, acrescenta o Doutor Angélico: *a plenitude da graça que está em Cristo é a causa de todas as graças que existem em todas as criaturas inteligentes ... Todos os anjos também receberam essa plenitude ... a plenitude da causalidade e influência, que pertence somente a Cristo, considerado como Homem e autor da graça* (Comentário, em Joan. c. 1, Lect. 10).

O mistério do reino de Deus, realizado por Cristo, todos os anjos o conheciam, de alguma maneira, desde o princípio, mas sobretudo a partir da glorificação deles (part. 1. q. 64. a. 1. ad 4m). Tal é também o ensinamento de Santo Agostinho (De Gen. ad litt. 1. 5. c. 19, n. 38). *Da mesma forma, o homem, antes do estado de pecador, tinha uma fé explícita no tocante à encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo, enquanto ordenado para a consumação da glória... E, portanto, o mistério da encarnação de Cristo tinha que ser acreditado, de alguma maneira, em todos os tempos e por todos* (2a, 2ae. q. 2. a. 7). Do contrário, como os anjos antes da prova e Adão, ainda amigo de Deus, deveriam, de acordo com o plano divino, ter realmente Nosso Senhor Jesus Cristo como ponto de referência?

É por isso que vários Padres têm formalmente apoiado nossa tese. Deus predestinou desde o início o homem animal, diz Santo Irineu, a fim de que ele fosse salvo pelo homem espiritual, para que o Salvador pré-existente também já necessitasse de salvar e não fosse um salvador de ninguém. (l. 3. c. 33). *O primeiro fundamento que foi colocado diante de nós*, também diz São Cirilo de Alexandria, *é Cristo, e é sobre Ele que todos nós somos constituídos. E isso na presciência de Deus, antes do início do mundo, para que, em virtude da ordem divina, a bênção precedesse a maldição, e a promessa da vida precedesse a sentença de morte, que a liberdade de adoção precedesse a escravi-*

dão do diabo e que a natureza humana pudesse, triunfando sobre seus males, reconquistar sua anterior dignidade, pela graça de Cristo... Cristo dispôs de tal maneira as coisas antes do começo do mundo, que, se viéssemos a cair, pudéssemos levantar nele (Ver neste livro, nº 685). São Fulgêncio e São Bernardo pensam da mesma maneira (Ibid. n. 300). São Gregório Magno também diz: *Nenhum homem, nenhum anjo é santo, senão por Cristo* (In I° Reg. c. 2). Esses Padres ilustres complementam o ensinamento de Santo Agostinho, São Leão e Santo Tomás.

Mas, sobretudo as Sagradas Escrituras nos dão sobre esta matéria os ensinamentos mais esplêndidos e categóricos. São estas divinas luzes que engendraram em nós a profunda convicção da veracidade de nossa opinião. Mantenhamo-nos fielmente no seu sentido literal, que é o fundamento de outros significados, e não tardaremos em perceber que *as Sagradas Escrituras dão de Cristo um testemunho* (Jo 5,39) mais favorável à nossa tese do que comumente se costuma acreditar. Convém dizer que aqui estamos apenas tocando na superfície deste nobre e vasto tema.

São Paulo diz que *Deus nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo para que fossemos santos... e que Ele nos predestinou a ser adotados como filhos seus por meio de Jesus Cristo* (Ef. 1,4-5)[10]. Então, como é possível supor que esta eleição, feita anteriormente à fundação do mundo, dela os anjos e Adão fiel fossem excluídos? Eles, pela graça, eram filhos adotivos de Deus e criam em Cristo. Tudo leva a crer, pois, que eles também foram predestinados à adoção como filhos de Deus por Nosso Senhor Jesus Cristo. E esta conclusão parece tanto mais verossimil uma vez que *Deus estabeleceu, consigo mesmo, reunir ou restaurar, na plenitude ordenada dos tempos, todas as coisas em Cristo, as que estão no céu e as que estão sobre a terra* (Ibid. 1,9-10). E isto prova que seu plano dominou tudo desde o começo, porque, sem motivo suficiente, a ciência divina não podia ignorar nada, nem a vontade divina mudar sua resolução, nem a divina sabedoria exigir a fé em Cristo.

Com efeito, Nosso Senhor Jesus Cristo, homem, quem nos redimiu pela efusão de seu sangue, é a imagem de Deus invisível, o primogênito de toda criatura, sem dúvida, na predestinação divina. (Co-

[10] Advertimos o leitor, uma vez por todas, que, quando nos reportamos, em francês, a passagens do Novo Testamento, nós servimos da tradução do Padre Glaire (M. l'abbé Glaire), devidamente aprovado pela Santa Sé.

loss. 1, 14,15), conforme esta passagem: *Eu, a Sabedoria Encarnada, saí da boca do Altíssimo antes de toda criatura* (Ecl. 24,5).

A humanidade de Cristo, ou seja, a encarnação do Verbo, foi decretada primeiro. E é por Ele, pelo Verbo encarnado ou como devendo encarnar-se, acrescenta o Apóstolo, *que todas as coisas foram criadas nos céus e na terra, o visível e o invisível, tronos ou dominações, principados ou potestades: tudo foi criado por Ele e nele*. Por que, mais especialmente por Ele e nele, do que pelo Pai, pelo Espírito Santo e neles, não porque o Verbo é considerado como tendo que se tornar carne, *como tendo que nos redimir com seu sangue e pacificar tudo pelo sangue na cruz*? O Verbo criou o cortejo de sua humanidade, e é *nele*, considerado como o primeiro predestinado, como o primeiro decretado a se tornar homem, que todos os seres finitos nasceram. É por isso que *Nosso Senhor Jesus Cristo está antes de tudo, e tudo subsiste nele. E ele próprio, ainda como homem, é a cabeça do corpo da Igreja, composta de anjos e homens.* Ele é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em todas as coisas Ele mantenha o primado ..., porque agradou ao Pai que toda a plenitude habitasse nele.

E há mais: esse desígnio manifesta a liberdade divina, na criação e na Encarnação. Deus tomou suas medidas para que *em todas as coisas* o Deus-Homem *conservasse a primazia*. Essas expressões não teriam sentido se o Apóstolo falasse de Cristo considerado apenas como Deus, porque em Deus toda a plenitude é necessária. Ele é, portanto, o homem formado pelo Verbo, no ventre de Maria Santíssima, cujo Verbo se dignou ser a Pessoa que é *o primogênito de todas as criaturas*. É por Ele como pelo ideal que tinha o Criador, e *nele* como neste mesmo ideal, como em uma causa exemplar, meritória, final imediata, que *todas as coisas foram criadas no céu e na terra*. É Ele quem está ante todos os seres racionais; *tudo subsiste nele*, porque Ele mesmo decretou, todo o resto foi decretado por causa dele e por ele, e que Deus, querendo, quer por isto mesmo seus membros e seu império; Ele *é a cabeça do corpo da Igreja*, porque somente Ele está hipostaticamente unido ao Verbo, tornando a Igreja santa e divina; é Ele que é o primeiro *princípio* criado, e que também é o *primeiro ressuscitado* dentre os homens, pois Deus livremente quis que Ele tivesse em todas as coisas a primazia e que *toda plenitude* do bem *habitasse nele*, como a fonte na qual devem dessedentar todos os outros seres.

É por isso que Deus *conheceu, eternamente, por sua presciência* os anjos e o primeiro homem, e *também os predestinou a serem em conformidade com a imagem de seu Filho*. Quer dizer, que eles fos-

sem o que havia de mais visível no seu Filho, na sua humanidade, afim de que fosse ele mesmo, enquanto homem, o primogênito entre muitos irmãos tirados do nada. *E aqueles que o antecederam fossem criados e fossem também justificados*, dando-lhes a graça santificante juntamente com a natureza. E aqueles que foram justificados e que livremente perseveraram no bem ou que fizeram penitências verdadeiramente, fossem também glorificados (Rom., 8, 29-30), mas sempre como *conformes à imagem de seu Filho*.

Também, de acordo com o decreto divino, a graça nos foi dada em Cristo Jesus *antes do início dos séculos*, porque, em relação a Cristo, somos, de alguma maneira, contemporâneos dos anjos viandantes e pai dos homens. Somente aos nossos olhos é que *essa graça foi manifestada agora pelo aparecimento de nosso Salvador Jesus Cristo*, mas ela foi revelada, pela fé, aos anjos e ao primeiro homem (2a Tm. I, 9, 10). É por isso que Cristo, Redentor da preservação e da libertação, *já era designado antes da fundação do mundo, como um cordeiro sem mancha e sem contaminação, mas manifestado como Libertador, mesmo de maneira sensível, nos últimos tempos, por nossa causa*. (1ª Ped. 1, 19, 20).

Essa é outra razão pela qual o Cordeiro nos é apresentado como sacrificado desde a origem do mundo e como segurando na mão o livro da vida sobrenatural de todos os tempos (Apoc. 12, 8).

Da mesma forma, o triunfo dos anjos bons, modelo das vitórias dos mártires, também foi conquistado em virtude *do poder do Cristo de Deus..., e eles derrotaram o dragão pelo sangue do Cordeiro,* desprezando sua vida puramente angélica por viver a vida de Cristo, e dando aos cristãos o exemplo do desprezo de si mesmo pela morte, quando a fé de Cristo exige (Ibid. 12, 10-11).

São profundas e universalmente verdadeiras as palavras que o Filho de Deus, o Salvador Jesus, falou com sua boca: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, exceto através de mim* (Jo. XIV, 6). Os anjos e Adão foram *filhos de Deus,* por adoção, somente por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Filho natural encarnado. Nosso Senhor é o caminho pelo qual o Criador desceu ao nada para dele tirar suas criaturas; e veio às suas criaturas preferidas para enriquecê-las com dons sobrenaturais. Nosso Senhor Jesus Cristo é o caminho pelo qual os seres inteligentes ascendem a Deus, pois ao alcançarem a humanidade de Cristo, alcançam ao mesmo tempo o Verbo, o Pai, o Espírito Santo, e toda a Trindade: Deus. *Ele é a verdade*. Se quiser conhecer todo o plano divino em suas linhas gerais, olhe apenas

para Jesus e traga todas essas linhas para Jesus. Teria sido em vão que Ele é A VERDADE?

Da mesma forma, se desejas uma regra de conduta, simples e segura, que resuma nela todas as regras e que certamente o leve ao seu fim, olhe novamente para Jesus Cristo, que é a Verdade, não apenas para o universo em geral, para os anjos, para o primeiro homem, mas também para cada um em particular.

Nosso Senhor Jesus Cristo é a vida: oh! Quão sublime é a vida! O Verbo, cuja vida é o próprio ser de Deus, formou em si mesmo a humanidade de Cristo, e queria ser a pessoa única. Eis aqui a graça em seu primeiro fluxo! Toda a graça existe aqui como na sua fonte, toda a graça que vem de Deus. Tudo o que Deus quer dar de si, Ele pôs lá. Todos os escritores admitem que os anjos, como também Adão inocente, foram atraídos a Nosso Senhor Jesus Cristo pela fé. Portanto, *ninguém vai ao Pai senão por meio de Cristo*.

Ninguém, nada, vem do nada ao ser sem o *caminho*, sem a *verdade*, sem a *vida*. Ninguém passa do ser à filiação adotiva de Deus, e daí à filiação gloriosa, sem participar do *caminho, da verdade e da vida sobrenatural,* que é Nosso Senhor Jesus Cristo.

Ouçamos a linguagem humana do Verbo: *Fui criado desde o início e antes dos séculos*. O ato criativo é eterno; mas foi realizado em direção a coisas possíveis, segundo seu grau de importância. Não, porém, para fazer surgir primeiro, quanto ao tempo, as melhores, mas decretando-as preferencialmente às demais, porque elas, por si só, eram dignas de Deus. E também para organizar outras criaturas em harmonia com elas.

Que artista sábio não faria o mesmo? Deus não decreta nada após o fato e como instruído pela experiência. Ele sempre quer mais o que é mais valioso e mais parecido com Ele. Caso contrário, Deus não seria uma santidade essencial. Desde o momento em que sua sabedoria determinou todo o finito que deve surgir do nada e se desdobrar sucessivamente, sua vontade se concentra, em particular, naquilo que mais o glorificará e que será o mais benéfico para outros seres. Isso não é otimismo, como se Deus fosse *obrigado* a criar o melhor possível. Mas, a "dose" do bem a ser realizado fora, tendo sido determinada de acordo com os fins desejados por Deus, a vontade infinita propende antes de tudo para esses fins. Só então, imediatamente depois, para aquilo que leva, de maneira mais eficaz, a eles. E daí, na mesma ordem, para todo o resto.

Então, ao criar, Deus primeiro queria ser Ele mesmo. Ou seja, o brilho de sua bondade lá fora, sua glória. E para ter toda a sua glória, que também é o maior bem dos seres finitos[11], ele queria Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima. Nosso Senhor Jesus Cristo, cujo mérito será literalmente infinito. Maria Santíssima, que trará mérito elevado ao mais alto grau de perfeição possível. O homem Jesus será infalível e impecável pelo fato de sua existência no Verbo e para o Verbo, sua pessoa. Maria Santíssima, como mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, será impecável. Depois do que o Todo-Poderoso decretou a criação dos seres contingentes, dos anjos e das duas primeiras pessoas que deveriam habitar no Paraiso Terrestre. Ele os orientou, em seu decreto, até Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima em quem deveriam acreditar, como agentes incorruptíveis da glória de Deus e depositários de todos os bens sobrenaturais destinados aos seres finitos. O destino dos anjos e dos homens era ser membros de Cristo e filhos de Maria, tanto para a glorificação de Deus quanto para seu próprio benefício. E então, como Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima são chamados a uma nobreza tão sublime, Deus destina para eles todos os seres que compõem os céus e a terra. Após esses decretos que consideramos sucessivos, Deus começou a realizar seu plano: *No princípio, Deus criou o céu e a terra*. É claro, antes de extrair algo do nada, o Criador precisava saber por que estava criando, para onde e como iria direcionar sua criação.

Isto é o que a santa humanidade do Verbo expressa sob o nome de Sabedoria quando diz: *Fui criado desde o princípio e antes dos séculos, e não deixarei de existir em toda a sucessão dos séculos... Em mim está toda a graça do caminho e da verdade; em mim toda a esperança da vida e da virtude ... todas essas coisas constituem o Livro da Vida, e a aliança do Altíssimo com suas criaturas e o conhecimento da verdade* (Ecli. 24, 14, 25, 32) ..... *O Senhor me possuía no início de seus caminhos*, quando estava a caminho do nada para tirar os seres: antes que Ele criasse qualquer coisa eu já era deste então. *Fui estabelecido desde a eternidade e desde o início como sendo o princípio de tudo o que deveria ser criado* (Martini). Os abismos ainda não eram reais quando eu já estava concebido e decretado. Nasci antes das colinas ... Quando Deus preparava os céus, eu estava presente como o ideal segundo o qual os céus e todas as coisas deveriam ser formadas ...

[11] Deus suam gloriam non quaerit propter se, *sed propter nos*. (Santo Tomás, Suma t. 2ª 2ae., q. 132, a. 1, ad 1m)

Eu estava com ele ocasionando todas as coisas, como uma causa exemplar e final. O Verbo, minha Pessoa, eterna e criativa como o Pai, onipotente por ser Deus, organizou todas as coisas com facilidade divina e como se estivesse brincando com alegria, porque *achou suas delícias em me levar e estar com os filhos dos homens..... Quem me encontrar, achará vida e encontrará no Senhor a salvação* (Pv. 8). Quantas razões tem a Igreja para compreender essas palavras como sendo não somente da Sabedoria Incriada, que é o Verbo, mas também da Sabedoria criada, que é a humanidade de Cristo, e da mais perfeita imagem dessa sabedoria, que é Maria Santíssima! Esses ideais presidiram à criação e à formação de todas as coisas.

Os anjos e o primeiro casal humano começaram a vida eterna, pois foram enriquecidos com graça santificante e creram na encarnação do Filho de Deus. Então beberam da mesma fonte em que nós nos dessedentamos.

Qual é essa fonte? Vamos ouvir o discípulo amado de Jesus: *Deus nos deu a vida eterna. Ora, esta vida está em seu filho. Aquele que tem o Filho, pela fé na encarnação do Verbo, tem a vida. Quem não tem o Filho dessa maneira não tem a vida. Eu vos escrevo essas coisas a fim de que vós saibais que tendes a vida eterna, vós que acreditais no nome do Filho de Deus* (1ª. Jo, 5, 11-13).

Este, que era desde o princípio, era a pessoa do Verbo. Mas este que ouvimos, este que vimos com nossos olhos, este que contemplamos e tocamos com nossas mãos, a Palavra de vida, foi sua humanidade. É assim que a vida se manifestou, nós vimos, atestamos e estamos anunciando a vós. *Esta vida eterna que apareceu a nós, o que temos visto e ouvido, estamos anunciando a vós, para que vós entreis na sociedade com ... o Pai e com seu Filho Jesus Cristo* (Ibid. 1, 1-3). A vida eterna aparece, manifesta-se a criaturas inteligentes pela humanidade do Verbo. Esta humanidade é o canal através do qual a vida eterna flui para se comunicar com essas criaturas. Todos os anjos, como Santo Tomás nos disse, conheciam, desde o princípio, o mistério de Cristo. Portanto, o homem ainda inocente acreditava no mesmo mistério pela fé explícita. O mistério da encarnação de Cristo devia ser crido.... em todos os momentos e por todos, porque era Cristo, como objeto de fé e como causa meritória, que atraía sobre eles a vida eterna ou a graça. Era para eles, como para nós, o caminho, a verdade e a vida. Era, como agora, que ninguém vai ao Pai senão por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Por que razão então perguntar se, se o Verbo não teria se encarnado, se Adão não tivesse pecado? De acordo com o real plano divino, nada teria sido criado sem a encarnação do Verbo. Portanto, se alguém supuser um plano divino elaborado de outra forma, um plano puramente possível, não poderá responder nem sim, nem não a essa pergunta. Deus escolheu todo o plano que nos revelou e o escolheu com todas as suas peculiaridades. O que Deus teria feito se outros detalhes tivessem entrado em seu plano só Ele pode saber. E Ele não nos disse. Deus teve a gentileza de nos revelar o que fez, como acabamos de ver, mas não o que decretaria nessa ou naquela outra suposição. Perguntas mal feitas dificilmente podem ser resolvidas!

Quando as Escrituras nos ensinam que Cristo apareceu para tirar nossos pecados, que Ele apareceu para destruir as obras do demônio (1 Jo 3, 5, 8), que não veio chamar os justos, mas os pecadores (Mt. 9, 13), não faz nada além de completar a doutrina que acabamos de expor, porque, se todos os bens vêm de Jesus Cristo aos anjos, aos homens e a todas as criaturas, a redenção também vem dEle. Ele não veio para chamar os justos porque, quando veio, todos os homens eram pecadores e precisavam ser salvos[12].

Alguns autores objetam que o pecado original seria dificilmente explicável se se admitisse que Cristo sempre dominou todo o plano divino. Parece-nos, pelo contrário, que esse pecado seria inexplicável sem Nosso Senhor Jesus Cristo. Porque, como conceber um plano imaginado pela Sabedoria infinita, executado ao mesmo tempo pela onipotência e pela bondade infinitas, que não contivesse, em si, as garantias desejadas, que fosse irreparavelmente sujeito à ruína, que não chegasse ao fim para o qual foi adotado, e requereria uma intervenção inesperada de seu autor e uma reformulação que provaria sua principal imperfeição? Na verdade, se tal plano é digno de mentes e corações limitados, não é digno de Deus. Deus age como Deus, que sabe tudo eterna e simultaneamente, e que não decreta nada senão em sua bondade. Se Adão pecou por ele e seus descendentes, se Deus permitiu essa queda, é precisamente, de acordo com o real plano divino, foi para que a humanidade pudesse se beneficiar ainda mais das *incompreensíveis riquezas de Nosso Senhor Jesus Cristo* (Ef. 3, 8)[13]. Quando

[12] A Sagrada Escritura não nos fala de um possível plano divino, mas do verdadeiro plano divino, que incluía a permissão de que o primeiro homem caísse. Seu ensinamento a respeito parece-nos positivo, e não condicional.

[13] É conveniente dizer que Deus não quis o pecado original, mas, longe de o querer, proibiu-o a Adão sob pena de morte: Morte morieris. Mas Deus não se serviu de toda sua força para o impedir. Ou seja, Deus permitiu que Adão pecasse, a fim de tirar dele um bem muito maior.

uma chuva de fertilização é abundante sem medida, há toda vantagem em um campo ser extremamente seco. Ele abeberá mais do que um solo já umedecido com água comum. Nosso Senhor Jesus Cristo estava por vir, não porque Deus houvesse predestinado as coisas na Encarnação de seu Filho; mas porque:

No Senhor está a misericórdia
E nele é abundante a redenção (Sl. 129, 7)

O plano divino traz a marca de seu autor. A redenção não será apenas preservativa, mas também libertadora; não apenas abundante, mas também superabundante. Cristo virá de uma só vez, *para que suas ovelhas tenham vida e tenham-na em abundância* (Jo. 10, 10), e para que *a graça seja superabundante onde abundou o pecado*. (Rom. 5, 20) Como é fácil ver, o pecado original é melhor explicado por nossa tese do que por nossos opositores.

Mas, poder-se-ia acrescentar: como Adão pode representar a raça humana quanto à conservação dos dons sobrenaturais e quanto à sua perda, se é Cristo quem é a cabeça da humanidade de acordo com o primitivo plano divino? Se Adão não representasse a humanidade, ele falharia apenas em seu nome.

É pura confusão de ideias, respondemos. Nosso Senhor Jesus Cristo não é apenas cabeça da humanidade, mas também dos anjos, dos céus, da terra, dos tempos, de todo o universo. É muito pouco para o rei de todas as coisas ser apenas um gerente de homens. Esse papel secundário foi confiado ao pai natural da família humana, que apenas representava a si e a sua família. Daí sua responsabilidade limitada ao seu destino e ao de sua raça. Mas, tendo o preposto humano falhado (tão pouco podemos contar com a natureza!), o representante chefe de todas as obras de Deus interveio. Ele endireitou a administração deplorável de Adam. Com grande mal, produziu um bem maior para nossa espécie. E, como o Representante Universal pensa em tudo, ele se certificou de que todos os seres tivessem algo a ganhar com esse problema parcial: Deus terá um aumento na glória, os anjos verão as fileiras de sua sociedade se reformarem e crescerem o universo material, contemplando o corpo de Cristo ressuscitado, depois de sofrer tormentos e morte, descobrirá que quanto mais doloroso é o *seu trabalho de nascimento* (Rom. VIII, 22), mais gloriosamente será renovado. Somente a magnitude incomensurável da obra de Cristo seria suficiente para nos demonstrar que o papel do Filho de Deus é maior que o de mero Reparador da espécie humana. *O filho de Deus! O homem-Deus!* Nós pensamos sobre isso! *Tudo foi criado Nele no céu e na terra, coi-*

sas visíveis e coisas invisíveis ... Todas as coisas foram criadas para ele e nele; e Ele é antes de todos... Ele próprio é a cabeça do corpo da Igreja, o princípio, o primogênito dentre os mortos: para que ele seja o primeiro em tudo, como homem e como Deus, porque agradou que residisse nele toda a plenitude (Colos. I, 16-19).

É sobre o que dissemos que a teologia pode alcançar um progresso considerável. As grandezas de Nosso Senhor Jesus Cristo podem ser mais conhecidas. De acordo com a estreita medida de nossas forças, tentamos trazê-las à luz com novo relevo, bem como as grandezas da mãe de Deus, em nossas *Considerações Teológicas sobre o Paraíso Celeste*. Mas, não fazendo em grande parte uma obra de controvérsia, contentamo-nos em aprofundar e meditar da melhor maneira possível a doutrina que achamos mais verdadeira e honrosa para o Deus-homem e para sua incomparável Mãe.

Além disso, é o ensino mais fecundo dos dados sobre o Paraíso, o reino glorioso de Jesus e Maria Santíssima.

E, por esse meio, esperamos trazer nosso pequeno tributo à homenagem de louvor, reconhecimento e amor que a elite da humanidade no final do século XIX oferece a Cristo, nosso Redentor.

II – Dificuldades de nosso empreendimento – Obserações sobre os personagens do trabalho, sobre o trajeto que seguimos e a extensão dada a determinados assuntos – Submissão total ao julgamento da Igreja

A) As razões que tivemos para dedicar nosso cuidado a este trabalho são talvez muito sólidas, mas o trabalho em si é digno das boas intenções que o inspiraram! Cabe aos leitores julgar. E para que o façam de maneira justa, devemos declarar que não tivemos dificuldades. Até tratados teológicos comuns, mesmo os mais extensos, mencionam apenas de passagem muitos dos assuntos sobre os quais meditamos. Muitas vezes eles nem falam sobre isso. Apesar de nossa pesquisa, era impossível encontrar um único trabalho sobre o Paraiso composto do nosso ponto de vista. Então não tivemos que criar os primeiros elementos, o que seria um absurdo, é claro, mas por assim dizer fazer as combinações e montar os quadros. Não encontramos nada que pudesse servir de modelo ou facilitar nossa caminhada. Só podíamos extrair de fontes gerais, imensas minas onde os veios pesquisados eram continuamente interrompidos e deslocados. Este é sem dúvida o principal obstáculo que desvia os teólogos modernos, aqueles que conhecemos,

da consideração do Paraíso, considerado como um lugar especial no universo.

Felizmente, as Escrituras divinas, seus intérpretes instruídos, os grandes teólogos dos séculos passados, Santo Agostinho, Santo Anselmo de Aosta, Santo Tomás de Aquino, Dionísio o Cartuxo, Suarez e algumas outras luzes da Igreja projetaram, sobre este assunto tão interessante, suas luzes admiráveis.

Mas uma questão séria se nos apresenta. Esses doutores sagrados e ilustres precederam às grandes descobertas astronômicas e físicas. A ciência moderna não arruinaria completamente a velha concepção do universo? No mínimo, não teria ridicularizado a ideia do empíreo, pois dissipou a convicção de que a Terra ocupa o centro da criação?

Não acreditamos nisso. No entanto, não é fácil falar um idioma antigo neste mundo que afirma ser novo em folha. Embora a astronomia e as outras ciências naturais não ocupem um lugar considerável em nosso livro, tivemos que estudar cuidadosamente suas conclusões consideradas certas, imitando assim Santo Tomás e os outros grandes teólogos, que não negligenciaram nenhum dado nos seus raciocínios filosófico-religiosos. Diante dos trabalhos científicos de nossa época, tínhamos que distinguir constantemente as sublimes ideias teológicas dos antigos de suas noções elementares sobre a ordem física, e mostrar a concordância delas com o que as manifestações certificaram dos nossos estudiosos. Outra tarefa difícil que nossos leitores levarão em conta.

B) Essas observações pressagiam as peculiariedades de nossa redação. É uma série de estudos sobre a felicidade dos bem-aventurados, e talvez essa ideia tivesse sido expressa no título de nosso trabalho se tivéssemos podido manter insensíveis diante da Jerusalém Celeste e o que a toca de perto. Mas essa capacidade não estava mais no nosso gosto do que no nosso plano. O último termo do homem, pois não consideramos apenas a parte material do Paraíso, é, como objeto de conhecimento, algo tão eminentemente moral, que considerações sobre esse objeto são naturalmente resolvidas em meditações que passam do espírito ao coração, da especulação à prática. O ascetismo não domina e não é excluído dele. São meditações no gênero filosófico-religioso, que buscam em toda parte a verdade, a ordem, a beleza, o bem, no ascetismo como em outras fontes, e que tendem constantemente a Deus e ao desdobramento supremo de sua bondade no céu: *procure coisas do alto.... prove as coisas do alto* (Coloss. III. 1-2).

Isto que tem alguma relação com os estudos geralmente segue um curso mais ou menos subjetivo. A ideia de nosso trabalho nos veio quando pregávamos sobre a grandeza de Maria Santíssima glorificada, como dissemos em nossa dedicação à Virgem Maria. Nosso escrito se ressente desta originalidade. E cremos que devíamos não remover esta característica por particular atenção à Mãe de Deus. Começamos nossas meditações com ela e não perdemos nenhuma oportunidade de revelar seus méritos, sua grandeza e sua glória. Cremos mesmo que mal podemos tratar do Paraíso, do ponto de vista que escolhemos, sem expor com certa amplitude o papel da mais sublime das criaturas. Esse processo é necessário para percepção do que está abaixo de Maria Santíssima e daquilo que lhe é superior. Ocupando com a humanidade de seu Filho, o ponto culminante do finito, ela nos abre os horizontes divinos que se estendem acima dela, ao mesmo tempo em que nos mostra, em sua pessoa, como a mais alta causa segunda e pessoal, os traços finitos que serão imitados por outros seres criados, por suas tendências e por seu destino. Quando falamos dela, naturalmente se apresenta às nossas considerações seu Filho, o rei da glória, o herdeiro de todas as coisas.

As pessoas divinas e Deus, consideradas absolutamente, desejando ter com ela relações tão íntimas, parecem-nos como um espelho proporcional à fraqueza de nossa visão. O plano divino aparece a nós com linhas e cores muito visíveis. E a partir de então os esplendores que emergem da face radiante da Virgem, iluminando com uma humanidade suave e viva, os anjos, as formas inferiores, o mundo da matéria e, especialmente, o elemento sobrenatural que é como a alma e a vida de tudo isso, nos permitem contemplar a predestinação, o papel temporal e variado, e o destino final, ou seja, a glorificação de todas as coisas.

Assim, a figura sublime de Maria Santíssima nos ajudou muito em nossas considerações gerais sobre os céus.

A bem-aventurança, mesmo acidental, dos eleitos, dificilmente pode ser conhecida diretamente por si mesma, pelos mortais. Mas, como corresponde ao mérito e como o mérito provém de tudo o que constitui a prova, tivemos que aprofundar o máximo possível as condições dos seres viandantes para então julgar o termo final que é o Paraíso: *Cada qual receberá sua recompensa de acordo com seu trabalho* (1a Cor, III, 8).

É por isso que tivemos que fazer muitas considerações sobre a vida temporal de Jesus, Maria Santíssima, os santos e os anjos.

Os santos anjos formando especialmente a primeira parte da Jerusalém Celeste com os céus já glorificados, mostrando-nos antecipadamente em si mesmos o destino futuro da humanidade viandante e dos céus inferiores, deveriam ser, ao longo de sua vida de prova e depois gloriosa, objetos de numerosas e detalhadas meditações.

Os santos anjos são nossos "irmãos mais velhos". E nós somos chamados a nos tornar seus *iguais*. As criaturas inferiores a nós, que nos servem durante nossa vida terrena, têm, de acordo com a analogia e com o ensinamento revelado, o mesmo destino que os seres não racionais, assim como os seres materiais que serviram aos anjos durante o período de prova, e que, como resultado e reflexo da glorificação desses espíritos, formaram o Paraíso terrestre, também preparado para nós a partir da formação do mundo (Mat. XXV, 34). Da mesma forma, a contrapartida do céu empírico glorificado, ou seja, o fogo eterno foi preparado nesta era primitiva para o demônio e seus anjos (Ibid. 41). É também a triste estadia reservada aos homens não arrependidos, que assumem a causa dos anjos rebeldes e que consequentemente acabam no mesmo termo.

Portanto, tudo o que se relaciona com os anjos também interessa à humanidade no mais alto grau. Pois esta primeira sociedade espiritual, posta no campo do combate e do mérito, com suas lutas, suas virtudes, suas deficiências, que resultaram na glória de uns e na vergonha eterna dos que opuseram ao destino do universo, terá seu desfecho final na primeira parte da grande epopeia das obras de Deus. Quantas luzes são projetadas dali aos céus inferiores, à terra, à Igreja militante e à nossa humanidade, onde são reproduzidas as façanhas do mundo angélico! Quão instrutivos são esses exemplos! E quão sábios eles deveriam nos tornar!

Pois o que foi feito é o que permanece, diz o Eclesiastes; *as coisas que hão de ser, já foram; e Deus renova aquilo que aconteceu*. (III, 15).

Deus perguntou a Jó: *Onde estavas tu quando eu lançava os fundamentos da terra? Sabes quem deu as medidas para ela? E quem estendeu sobre ela a régua? Em que bases foram estabelecidas? Ou quem assentou a sua pedra angular, quando as estrelas da manhã me louvaram juntas, e quando todos os filhos de Deus (os anjos) estavam transportados de júbilo*? (Jó, XXXVIII, 4-7).

Foi nesse período primitivo que os fundamentos de todas as coisas foram lançados.

Ao mesmo tempo que criou os anjos, Deus também criou os céus superiores, ou o empíreo, para lhes dar uma habitação proporcional à sua inimaginável multidão. Os limites extremos do universo foram então traçados. E essas *estrelas da manhã*, as maiores, as mais numerosas, as mais bonitas, serão os fundamentos sólidos de tudo o que emergirá, mais tarde, do caos. Enquanto isso, *todos juntos louvam o Altíssimo* através de evoluções tão ordenadas quanto gigantescas, e *todos os filhos de Deus*, todos os puros espíritos criados e adornados com graça, antes que o pecado rompesse a unidade de seus concertos, elevam a Deus *cânticos de alegria e de louvor*.

Pela razão natural e pela fé os anjos conhecem e vêem a *Nosso Senhor Jesus Cristo* como a pedra angular, principal, que une Deus e suas criaturas. Eles sabem que *sobre Ele todo o edifício construído pela criação se ergue como um templo sagrado no Senhor* (Efésios II, 20, 21), e que *ninguém pode estabelecer outro fundamento além do que foi estabelecido, que é Nosso Senhor Cristo Jesus* (1ª Cor. III, 11).

Os grandes fundamentos das obras divinas foram lançados nesta época primeira. Então as disposições gerais foram feitas, os movimentos foram impressos nos vários seres de acordo com seus fins, a cidade inteligente de Deus, ou seja, sua Igreja, começou e se completou o primeiro ato, dos dois de que é composta a atividade de todas as criaturas, preparando e prenunciando o segundo, pois o plano divino brilha com admirável unidade, e todas as suas partes se complementam mutuamente, formando um todo único e maravilhoso.

É por esta razão que a sociedade angélica ocupa um lugar relativamente grande em nosso trabalho.

C) Como dissemos, o assunto de que tratamos está entre os mais difíceis. Sempre seguimos a magnífica regra assim formulada por Santo Agostinho: *unidade nas coisas necessárias; nas coisas duvidosas, liberdade; e em todas as coisas, caridade*! Acreditamos sinceramente que não afirmamos ou negamos nada que tenda a comprometer a unidade do ensino católico em questões definidas ou consideradas como tais. Pelo contrário, desejamos apoiá-lo e fazê-lo sobressair da melhor maneira possível.

Da mesma forma, como nossas meditações não comportam nenhuma controvérsia, são elas uma rara oportunidade de praticar a caridade própria à discussão cristã. Ademais, a matéria escolhida é daquelas que raramente encontramos tratada de maneira ampla e ex-professo. Sobre ela abundam sentenças apenas de passagem. Razão porque, às vezes, tivemos que expressar nossa preferência por tais e

quais opiniões determinadas. E às vezes até refutar aquelas que nos pareciam falsas. Nesses casos, tentamos manter a moderação em relação às pessoas, sem enfraquecer o sentimento que, a nossos olhos, expressa a verdade. Por isso, aproveitamos de bom grado a liberdade que os escritores têm em coisas questionáveis: *in dubiis libertas*.

Esta faculdade favorece poderosamente o progresso na exposição da verdade. Torna possível usar os novos dados que o trabalho humano e a ciência natural fornecem à teologia, porque todas as atividades dependem da grande ciência divina. Dá ao escritor uma certa latitude na qual ele pode se mover tão facilmente quanto um astrônomo em seu observatório. E graças à qual ele pode se agarrar às conclusões resultantes de seus estudos e observações. Como o progresso, mesmo no desenvolvimento de verdades sobrenaturais, é um fato, qual pode ser uma das causas mais eficazes, senão a inestimável liberdade da qual falamos?

No entanto, como é muito possível entender mal esses assuntos delicados, que tocam ao mesmo tempo, por assim dizer, em todos os pontos da teologia, especialmente os mais difíceis, sentimos a necessidade de deixarmos completamente ao juízo da Igreja tudo o que escrevemos. Ela *é a Igreja do Deus vivo, o pilar e o fundamento da verdade* (1ª Timot. III, 15). Apenas colocamos a mão na caneta para servir à Igreja em sua missão de glorificação de Deus e para sermos úteis a seus filhos.

Se, portanto, algo em nosso trabalho não se conformar com o ensinamento, formalmente pretendemos que seja alterado, a fim de que entrem pela porta da frente na unidade de seus ensinamentos.

III – Matérias que serão objeto de outro volume

A obra que apresentamos ao público está longe de esgotar o material contido em seu título. Atualmente estamos trabalhando em "Considerações Teológicas" que seguirão às primeiras sobre o mesmo assunto. Um volume, pelo menos igual a este, está em preparação. Embora os consideremos independentes um do outro, são, no entanto, duas partes do mesmo plano. E, por isso, acreditamos que estamos procedendo com acerto, expondo aqui muito brevemente a questão do volume que agora é o objeto de nossa atenção.

1° - Em primeiro lugar, dedicamos um livro ao *Fiat lux*. Esse grande ato é para nós o fim da era primeira e o começo da formação dos céus inferiores.

Esta é *a luz da glória*, produzida para glorificar os anjos fiéis e o céu empíreo. Daí uma série de meditações sobre esta luz e sobre a felicidade essencial a que ela dá acesso. – *O fogo eterno*, ou inferno, é produzido ao mesmo tempo e pela mesma palavra divina. A luz que, beatifica os justos, cega e queima os culpados, porque estes têm disposições inteiramente opostas. Foi então que Satanás, seguido por seus seguidores, *caiu do céu como um raio* e foi relegado, segundo nós, a um lugar onde o universo deixa completamente de ser céu, ao centro do caos, ao núcleo da criação convertido em inferno... Algumas considerações sobre esta terrível morada e seus habitantes.

Ao mesmo tempo, todo o caos recebeu um violento choque e *foi feita* a luz que ilumina nossos céus inferiores.

Vamos estudá-la em si e em suas relações com os seres glorificados do céu empíreo.

Consideraremos, também brevemente, a formação sucessiva dos céus inferiores e de seus habitantes, inteligentes e outros, a fim de entender o melhor possível seu destino temporal e a glorificação final, à qual estão reservados de várias maneiras. – O dogma da Encarnação e o mundo habitado.

2° – Meditaremos, mais plenamente do que no primeiro volume, a marcha do universo móvel, no empíreo e em suas influências. Vamos tentar entender melhor a teoria da gravitação universal. – Realidades sobrenaturais e glorificadas, pertencentes ao empíreo, agem em toda parte em certa medida, embora invisível aos olhos do corpo e da pura razão, nos mundos submetidos à prova.

A terra, a humanidade, a Igreja militante são penetradas pelas influências do Paraíso. Essas influências são produzidas não apenas pelos corpos do céu empíreo, mas também e principalmente pelos anjos gloriosos, pelas almas dos bem-aventurados, por Maria Santíssima, por Cristo Eucarístico e por suas operações em todos os sacramentos e nos templos sagrados.

Assim que o justo fecha os olhos, sua alma, se complemente pura, vê de imediato a essência divina, os anjos e toda a corte celestial, presentes nas harmonias do Paraíso, de que vai desfrutar numa eterna felicidade. E isto mesmo antes de alcançar a *morada celeste* que está preparada para ela. O que é uma prova óbvia de que o Paraíso nos rodeia e nos penetra, sem que percebamos, porque *nossos olhos são impedidos de ver pelo receio de não reconhecê-lo* (Luc. XXIV, 16), antes de tê-lo merecido o suficiente.

Daí a explicação de os fenômenos sobrenaturais aparecerem frequentemente na vida dos santos, durante sua peregrinação terrena: êxtase, audição de concertos angélicos, elevação de seus corpos acima da terra, vários triunfos sobre leis físicas, etc., etc.

Portanto, nossa *conversação deve estar no céu* (Filipenses III. 20). *Então* ***agora*** *somos filhos de Deus; mas* ***ainda não vemos*** *aquilo que seremos. Nós sabemos que, logo que Deus* ***aparecer****, seremos semelhantes a Ele, porque* ***nós o veremos tal como Ele é*** (1ª Jo. III, 2). Não é tanto uma produção de coisas novas senão o complemento e a plena manifestação das coisas, reais desde agora, mas ainda invisíveis. – Contudo, como os corpos que formam nossa estada aqui embaixo não estão sobrenaturalmente renovados; como as pessoas que convivem conosco são postas à prova, enquanto os espíritos malignos infestam nossa atmosfera e nossos ambientes, os lugares que habitamos não são ainda regiões do Paraíso, mas apenas lugares onde se sentem as suas influências e se produzem as lutas mais amargas.

3º – O universo móvel e os seres racionais em busca de seu fim devem caminhar neste crepúsculo de provação e da fé até o dia da ressurreição. – Magnificências da ressurreição. – As qualidades dos corpos bem-aventurados. – Relações dessas qualidades com o universo, sua natureza, sua origem. – As coroas. – Consequências da ressurreição em relação ao universo material.

4° – A criatura racional sendo glorificada na alma e no corpo, todo o universo criado para ela participará da glorificação e formará uma habitação digna dela. – Renovação do universo material e móvel; certeza e beleza deste ensino. – Espetáculo que o Céu Empíreo apresentará no auge de sua extensão e perfeição. – Condição do inferno e do limbo. – Física e astronomia então tratadas de acordo com os lineamentos desde prefácio (I, 2°).

5° – Alguns ornamentos do Paraíso. – Existem plantas e animais? Análise aprofundada desta questão e conclusões.

6° – Músicas e vida musical na Jerusalém celeste. – Vida eterna que alguém leva para lá segundo as Escrituras Sagradas, os órgãos da tradição etc.

Aosta, na festa de São Miguel, 29 de setembro de 1899.

LIVRO I

Considerações gerais sobre o Céu Empíreo, seus habitantes e sua relação com os universos inferiores

---

Capítulo I - Verdade dos louvores que os santos dão a Maria Santíssima. – Inovocação à Virgem. – Visão geral dos céus de que Maria Santíssima é a rainha. – Os céus são feitos para a criatura racional, maior do que eles: temos a incumbência de governar os céus. – Oração a Maria Santíssima.

Ave, Regina coelorum: Eu vos saúdo, ó rainha dos céus.

Primeiro Ponto - A Igreja e os santos não exageram quando falam de Maria Santíssima. – Invocação à Virgem.

---

1. – Há cinco séculos, aproximadamente, que a *Igreja do Deus vivo, a coluna e o fundamento da verdade* (1ª Tim., III, 15) pôs nos lábios de seus ministros e fiéis estas palavras tão gloriosas para Maria Santíssima: *Salve, ó Rainha dos céus, salve, ó senhora dos anjos*. Longe de nós pensar que essas expressões podem conter algum exagero ou que foram ditadas por um espírito mais poético do que preocupado com a pura verdade. Não é da Igreja, continuadora de Jesus Cristo na terra, a regra viva de nossa fé, estar sujeita a desvios da imaginação e nem para consagrar, por séculos, em todo o mundo católico, belezas audaciosoas. Para si mesma e nem para todos os justos.

Só é belo o verdadeiro; somente a verdade é amável.

Mas se a beleza está nas coisas mesmas, se nossa religião é um sorriso do céu, se ela envolve todo o universo, se nossos mistérios são ao mesmo tempo os mais sublimes e mais tocantes nesta terra de provação, escusado será dizer que o ensinamento da Igreja e dos santos tem algo de grandioso e poético, sem o qual não seria verdadeiro.

Quando, portanto, dizemos à Santíssima Virgem: *Salve, Rainha do Céu, salve, Senhora dos Anjos*, expressamos a Ela, como a uma pessoa eminen-temente superior a nós, nosso respeito e nossa veneração, e afirmamos sua realeza sobre os homens, a terra, os céus inferio-

res, o céu mais alto, que é o Paraíso, os coros angélicos, em uma palavra, sobre todo o universo. Em tudo isso, como veremos melhor a seguir, a própria realidade está acima de tudo, imponente, nobre, sublime, graciosa.

Quanto aos termos que usamos para louvá-la, é mil vezes mais provável que estejam aquém do que merece. Nossa linguagem, para isso, é muito pobre, infelizmente! É rígida e mesquinha para descrever a grandeza e os encantos do mundo sobrenatural. Portanto, quem discorre sobre assuntos tão elevados deve ser tratado mais com compaixão do que ser facilmente acusados de exagero.

Não quer isto dizer que devemos, portanto, considerar a Igreja e os santos mais ilustres como sonhadores vulgares! Eles tinham uma consciência esmerada, preocupavam-se com a verdade, pesando cuidadosamente todas as palavras! É sempre preferível tentar entendê-los! Entremos o máximo que pudermos em seus pensamentos e sentimentos e não demoraremos muito a vislumbrar os horizontes mais amplos e a provar os prazeres mais puros.

2. – Como me é doce, ó Maria Santíssima, falar convosco no início dessas meditações! E dizer-vos: *Eu vos saúdo, ó Rainha do Céu, Ave Regina Coelum. Os céus e a terra,* direi com um de seus servos mais fiéis[14], *estão cheios de vossos benefícios*. *Vós sóis, portanto, a Rainha do universo, especialmente pela sua bondade e misericórdia, das quais todas as criaturas se beneficiam. Porque, seja qual for o nosso pensamento, vemos nelas as felizes influências de vosso Filho, o fruto divino de vosso ventre virginal*.

Se é ao Verbo Encarnado, que por justiça e para exercício da justiça, pertence todo o reino de Deus, o mesmo reino pertence a Vós, ó Maria, por misericórdia e para o exercício da misericórdia[15]. *Vós nos envolveis, portanto, de todos os lados por vossos benefícios. Sempre e em toda parte Vós tendes para nós os laços de vossa benignidade, tanto assim, ó Mãe muito doce, que não podemos razoavelmente nos afastar de Vós*.

Que nossos corações se elevem, nos céus ou na terra, no tempo ou na eternidade, em todos os lugares, para vos encontrar e *repousar na imensidade de vossa doçura. Então acorrei de todos os lados, ó*

---

[14] Santo Anselmo de Lucques, *Medit. De Salut. B. V. Mariae, scilicet, Ave Maria*.

[15] Quando Filium Dei in utero concepit, et postmodum peperit, sic dimidiam parem regni Dei impetravit, ut ipsa sit Regina misericordiae, cujus Filius est Rex justitiae. (S. Thomas, Préface aux Epitres canoniques).

homens!, afastem-se das preocupações terrenas e *louvem tão nobre e tão suave Virgem*.

Ó admirável e mais do que admirável ***Ave****, pelo qual os demônios são expulsos, os pecadores derramam salutares lágrimas, os filhos de Deus se encantam, o anjo felicita Maria Santíssima, o Verbo se encarna, a Virgem se torna mãe!* Foi este por **Ave**, sem dúvida, que teve efeito a renovação das criaturas, a redenção dos homens, a reparação dos anjos. Que toda a criação, ó Maria, proclame sem cessar, em vossa honra, esta maravilhosa saudação: ó muito doce, ó muito suave **Ave**, que torna feliz tudo o que é terreno, que abrange tudo o que é celestial, que une as últimas profundidades às alturas mais inacessíveis! Ó **Ave**, que ilumina a inteligência, que satisfaz o sentimento, que eleva o espírito às coisas celestes, que ilumina a razão, que inunda o coração de doçuras![16]...

É também esta saudação do Anjo, este *Ave, cheia de graça*, que hoje repito, ó Maria, para vos pedir que sejam a luz da minha inteligência e a bússola do meu coração, neste trabalho, infinitamente acima de minhas forças, que tem como objetivo a felicidade celeste e a vossa glória nos céus. Vós sois **cheia de graça**; nada vos é impossível; tenho absoluta confiança em Vós. O Paraíso é a minha última morada. Não há objeto mais digno que ele para minhas meditações. Ajudai-me então, como um de vossos filhos que tenta andar. Dizei-me, antes de tudo, o que se entende por esses *céus dos quais Vós sois a rainha*: *Ave, Regina coelorum*.

Segundo Ponto: Visão geral dos céus

3. – Segundo Aristóteles, comentado por Santo Tomás, existem três céus, ou três maneiras de entender o céu.

O *primeiro céu* é o mais alto. É chamado primeiro por causa de sua perfeição. Também é designado sob o nome de *terceiro céu*, quando se quer indicar que é o mais distante de nós. *Ocupa a extrema circunferência de todo o universo*. É como o envelope que contém toda a Criação. Nele existem os corpos celestes mais perfeitos. É o lugar particularmente habitado pelas *substâncias imateriais*, ou seja, pelos Anjos, e nele Deus manifesta suas perfeições de maneira especial. Assim, *todos os homens atribuem a Deus essas regiões superiores*.

Este céu também leva o nome de *esfera suprema*, que abrange todas as outras que compõem os céus inferiores.

---

[16] S. Anselmo de Lucques, ibid. n. 3 e 4.

Em segundo lugar, chamamos céu o conjunto de corpos e de esferas que se harmonizam com o primeiro céu e que continuam, por assim dizer, na direção do centro, porque esses corpos e esferas são um todo, no qual, sem dúvida, permanecem distintos e diferentes, mas estão ligados entre si por uma certa comunidade de movimento.

As esferas não devem ser confundidas com os corpos visíveis ou estrelas que contêm. Elas são materiais. Sua natureza é a mesma das estrelas que dentro delas se movem, mas sua matéria é vaga e difusa, o que as torna invisíveis ao olho humano, enquanto nas estrelas a matéria é aglomerada e condensada, a fim de atingir nossos sentidos. Além disso, as esferas ocupam todos os espaços dos céus. Formam, como um todo, o grande oceano do espaço, onde as estrelas aparecem como ilhas luminosas e não há espaço vazio, porque *é impossível que exista vazio na natureza*.

Em terceiro lugar, chamamos de céu, mais simplesmente, *todo o universo*, *todo o conteúdo da esfera suprema*. Dessa forma, a própria terra faz parte do céu. Na realidade, não há fora de Deus senão o céu e os habitantes do céu, excetuando-se tão somente o inferno e o limbo, como veremos mais adiante[17].

4. – "Não somente Deus escreveu seus pensamentos nas páginas deste vasto universo, *publicae paginae* (São Leão), mas estabeleceu uma harmonia secreta entre cada uma de suas partes. As diferentes esferas da criação são como círculos concêntricos de luz, de beleza, que se coordenam o primeiro correspondendo ao segundo; o segundo refletindo aqueles acima de si. A luz, o ser, a vida são difundidos em doses diferentes em cada uma dessas esferas. Mas parece que as esferas superiores são protótipos secundários para as inferiores e estas são uma imagem da primeira"[18].

As brilhantes descobertas astronômicas dos estudiosos modernos mudaram sob vários aspectos a teoria antiga do universo. Hoje está provado, por exemplo, que a Terra não é o centro imóvel dos céus, mas um planeta simples que circula ao redor do sol. No entanto, devemos ter cuidado para não abandonar as grandes linhas traçadas pela profunda filosofia da Idade Média. Os medievais não faziam uma ciência isolada e fragmentada; os esforços dos gênios eram complementados pelas luzes da revelação. Por isso sempre temos muito a aprender com seus ensinamentos. Assim, as numerosas esferas admitidas

[17] De coelo et mundo, livro II, lição 20ª, lição 13ª; 1. 1, lição 8ª e 20ª e seguintes.
[18] Mons. Laudriot, *Le Symbolisme*, l. 1, c. 1, n. IV.

por Santo Tomás estão longe de serem contestadas por M. Desdouits. "Nada impede, diz este astrônomo, de admitir que as estrelas não são escalonadas em uma infinidade de zonas sucessivas, de tal sorte que a luz que parte de algumas dentre elas deva levar milhões de anos e séculos para nos atingir... Os astrônomos não recuam diante da ideia de se admitir uma infinidade de etapas na profundidade dos céus. E essas etapas seriam espaçadas em intervalos de extensão prodigiosa... As nebulosas formam sistemas cada vez mais distantes. São etapas e zonas que se sucedem no espaço em intervalos relacionados com o poder amplificador das diversas luzes. Aquelas que nossos instrumentos não podem atingir estão na primeira escala de uma faixa inacessível aos meios de que o homem dispõe. Com a ajuda do telescópio, nossos olhos alcançam e transpõem enormes espaços. Mas nada nos impede de admitir que, além do limite atingido, ainda exista uma infinidade de espaços comparáveis a esse"[19]. Portanto, não façamos pouco caso dos céus e das numerosas esferas mencionadas por Santo Tomás[20].

5. – Vamos tentar agora fazer uma ideia da multidão de mundos que viajam nos céus e a extensão do espaço que eles ocupam.

Observemos antes de tudo que nosso sol é uma simples estrela, e mesmo uma estrela tão pequena que em comparação com outras estrelas, de acordo com a expressão de M. Desdouits, é *como o inseto que esvoaça em meio a um exército de gigantes*. No entanto, apesar de sua relativa pequenez, é mil e quatrocentas vezes maior que a terra. No entanto, o sol tem sob sua dependência um exército inteiro de corpos celestes. Primeiro, existem trezentos e nove planetas, cinco dos quais são muito visíveis a olho nu, depois diversos satélites de vários desses planetas, depois um número incalculável de cometas, o que fez Keppler dizer: "Há mais cometas no céu do que peixes no oceano".

O espaço ocupado pelo sol com seus planetas e cometas é de sete bilhões de léguas. No entanto, este é por assim dizer apenas um simples distrito do qual nosso sol é o subprefeito.

---

[19] Leçon élém. d'astronomie. Ch. XIV.

[20] Lamartine canta assim a abóboda celeste:

Suas luzes multiplicadas mais do que o átomo errante
Que ilumina com a luz de um raio transparente,
Separadas ou agrupadas por camadas, por etapas,
Em ondas, em espuma, inundando suas praias,
Tão numerosas, tão apressadas! que deslumbram nossos olhos,
Que perseguem no espaço uma estrela desaparecida,
Vê cem vezes, no campo de alcance de sua pálpebra,
Mundos que circulam como torrentes de poeira!

Harmonias, livro 2 °, IV

Cada estrela é um outro sol, em geral maior do que o nosso, a qual dirige, por sua vez, seus planetas e cometas, e assim todos os satélites de seu sistema. Descobrimos, por exemplo, um planeta de Sirius, uma linda estrela de primeira magnitude que brilha no emisfério sul. Se fosse ocupada como terra, seus habitantes veriam o sol como uma simples estrela quatro vezes menor, e todos os seus planetas não seriam visíveis ou pareceriam formar apenas um corpo com ele, tão grande é a distância que separa Sirius do nosso sistema. Se pudéssemos alvejá-la com uma bala de canhão, esta levaria mais de setecentos mil anos para alcançá-la[21].

Supondo que Sirius tivesse um grande séquito como o nosso sol, esses dois sistemas por si só já teriam um contingente que excederia muito mais de um milhão de estrelas.

Consideremos apenas duas estrelas ainda. Para se ter uma ideia do número de corpos celestes flutuando no espaço, vejamos quantas estrelas existem. Sem o auxílio de instrumentos, é possível contar até seis mil estrelas de vários tamanhos. Com uma simples luneta, encontramos quarenta mil. O telescópio mostra pelo menos sessenta e oito milhões. E é claro que, se não encontramos mais, é apenas porque os instrumentos são muito fracos. Se, portanto, cada estrela governasse pelo menos quinhentos corpos secundários, como o Sol, teríamos trinta e quatro bilhões de corpos celestes.

Quanto ao tamanho das estrelas e sua distância de nós, é assustador. O sol, dissemos, é uma estrela catorze mil vezes maior que a terra. Porém todas as estrelas de primeira, segunda e terceira magnitude o excedem por suas dimensões. Há uma infinidade delas que nos parecem pequenas por causa de sua distância inconcebível. Comparadas ao sol, parecem montanhas diante de monte insignificante.

Conseguimos medir a distância de várias estrelas. A Estrela do Norte é separada de nós por setecentos e vinte trilhões de quilômetros. Embora a luz percorra trezentos mil quilômetros por segundo, os raios desta estrela, que agora atingem nossos olhos, tiveram que viajar por cinquenta e cinco anos antes de chegar até nós. Capricórnio, uma das estrelas mais bonitas do hemisfério norte, demora setenta e quatro anos para seus raios nos atingirem. Muitas estrelas, visíveis apenas em telescópios maiores, demoram dois mil e setecentos anos. "*Existem estrelas*", disse Euler, "*cuja luz pode precisar de um milhão de anos*

[21] Perrault-Maynaud, *Uranographie*. Ch. 25, art. 1

para alcançar a terra". Desdouits vai ainda mais longe na passagem que citamos anteriormente (n. 4).

Os céus estão, portanto, povoados de mundos! Quão vastos são e como confundem a imaginação e o pensamento do homem! *Muitas das obras de Deus estão escondidas de nós, que são maiores do que aquelas que conhecemos, pois vemos apenas um pequeno número. Mas tudo foi feito pelo Senhor, e Ele dá sabedoria aos que vivem piamente*. (Eccli. XLIII, 36, 37)

> Vós me encantates, Senhor, com vossa obra,
> Eu me estremeço diante das obras de vossas mãos.
> Como são grandes as vossas obras, Senhor,
> Quão profundos são vossos desígnios!
> O homem estulto nada dele pode conhecer,
> E o insensato dele nada pode compreender[22].
>
> Bendizei, ó minha alma, ao Senhor!
> Senhor, Deus meu, a vossa grandeza é infinita,
> Vós estais revestido de majestade e de esplendor.
> Envolvido em luz como num manto,
> Vós estendestes os céus como uma tenda[23].
>
> Quão numerosas são vossas obras, Senhor!
> Fizesteis com sabedoria todas as coisas[24].

Terceiro Ponto: Os céus foram feitos para nós. Deveremos reinar sobre eles.

6. – Por mais imenso que o universo nos pareça com seus bilhões de mundos, ele é feito para a criatura racional, que é seu fim direto e imediato.

Embora apenas o nosso pequeno planeta seja habitado por tais criaturas, permanece o fato de que as obras de Deus são sabiamente organizadas e que a matéria deve servir ao espírito.

O Concílio Vaticano I lançou um anátema contra aqueles que negassem que o mundo foi criado para a glória de Deus. Mas essa glória

[22] Salmo 31, 5-7 (Tradução do Hebreu)
[23] Salmo 103, 1-2
[24] Salmo 103, vers. 24

de Deus seria absurda se não houvesse ninguém para vê-la, contemplá-la e glorificar a Deus com conhecimento e com amor.

Os céus narram a glória de Deus,
E o firmamento publica a obra de suas mãos.
O dia transmite esta mensagem ao outro dia,
E uma noite revela o conhecimento disso à outra noite.
Não é, pois, uma linguagem, nem são palavras,
Cujo som não se pode perceber.
O som delas estende-se por toda a terra,
E suas melodias, até às extremidades do mundo. (Salmo 18, 2-5)

Esses conhecimentos e essas pregações requerem ouvintes. Alguém tem que admirar a ordem que preside as estações, dias e noites. É necessário que alguns ouçam essas "vozes", entendam essa linguagem e façam subir ao sublime Autor da natureza os incensos que o glorificam.

7. – Todas as criaturas irracionais existem para servir e estão a serviço do homem e dos anjos, como os homens e os anjos estão a serviço de Deus: *Todas as coisas são vossas... ou seja o mundo, ou seja a vida, ou seja a morte, ou sejam as coisas presentes ou sejam as futuras; tudo é vosso; mas vós sois de Cristo; e Cristo de Deus*[25].

Sim, "o mundo, que é o conjunto de todas as criaturas, pertence aos fiéis de Cristo, na medida em que o homem é ajudado pelas coisas do mundo, no que diz respeito às necessidades corporais, ou no que diz respeito ao conhecimento de Deus, segundo estas palavras de sabedoria: *A grandeza e a beleza da criatura podem tornar conhecidas e tornar intelectualmente visíveis o Criador* (XIII, 5) ... *A vida é útil para os fiéis de Cristo merecerem; e a morte para obter recompensas... Coisas presentes são úteis para nós como prova. E as coisas futuras, como o preço do nosso trabalho, pois não temos morada permanente aqui, mas estamos procurando a cidade futura* (Hebr. XIII. 14) ... *Mas vós, vós estais em Cristo porque Ele vos redimiu por sua morte; se vivemos ou morremos, somos do Senhor* (Rm. XIV, 8) ... Assim como *Cristo, enquanto homem, é de Deus"*[26].

---

[25] 1ª Cor. III. 22, 23. Omnia corporalia propter hominem facta esse creduntur: unde et omnia dicuntur ei subjecta. Serviunt autem et dupliciter: uno modo ad sustentationem corporalis vitae, alio modo ad profectum cognitionis divinae, in quantum homo *per ea quae facta sunt, invisiblia Dei conspicit, ut dicitur* (Rom. I.)

Sum. Theol. 3 Suppl. q. 90. a. 1.

[26] Santo Tomás, Comm. In epist. 1ª ad Cor. Cap. II, lect. III.

"*O mundo foi criado para nos fazer nascer*", diz Lactancio[27]. *Nós nascemos para conhecer a Deus, o criador do mundo e nosso. Nós o conhecemos para O servir. E nós O servimos para conquistar a imortalidade por nossos trabalhos, pois o serviço de Deus consiste em grandes trabalhos. Seremos gratificados com a recompensa imortal e, tornando-nos semelhantes aos anjos, serviremos eternamente ao Pai e Mestre soberano, e formaremos, para sempre, o seu reino*".

8. Ó maravilha! como homens, e acima de tudo como filhos de Deus, somos maiores que os céus! Formamos com os anjos a transição de mundos materiais para o infinito que é Deus. Ó milhares de mundos,

O que tendes, entre tudo, que desperta meu desejo?
Vejo vossa existência como serva da minha;
Eu sou o rei do universo.
Vós estais no fundo como um monte de poeira;
Vós sóis, todos, como petrificados por uma matéria vil;
E eu sou um ser pensante[28].
O tempo vos faz envelhecer sem me prejudicar;
Céus e terra, vejam: em minha alma está impressa
A imagem do Deus Todo-Poderoso.
Vós ocupais, sem dúvida, um espaço imenso;
Mas a esta grandeza, acrescentai-vos o poder
Do ver, pensar, sentir?
Eu sou apenas um átomo e um ponto no espaço,
E vejo o passado; envolvo o presente,
E penetro no futuro.
Vós ignorais o Deus que lhe deu nascimento;
Não tendes voz para cantar seu poder;
Por ele Vós estais sem amor.
Mais afortunado que Vós, eu o conheço, eu o amo;

---

[27] Libr. 7. Inst. c. 6 - Ea (Omnia astra caeli) quae creavit Dominus Deus tuus in ministerium cunctis gentibus quae sub coelo sunt (Deut. IV 19).

[28] Embora os corpos celestes sobrepujem incomparavelmente o corpo humano, contudo muito mais os sobrepuja a alma racional, do que eles a ela. Não há pois, nenhum inconveniente em afirmar que os corpos celestes foram feitos para o homem; não porém como se fosse o fim principal deles esse; porque o fim principal de todas as coisas é Deus. (Suma Teológica Supl. Q. 91, a 3, resposta objeção 6ª.

Quamvis corpora caelestia maxime excedant corpus humanum, tamen multo plus excedit anima rationalis corpora caelestia, quam ipsa excedant corpus humanum. Unde non est inconveniens, si corpora caelestia propter hominem esse facta dicantur, non tamen sicut propter principalem finem, quia principalis finis omnium est Deux. *Sum. theol. Supplem.* q. 91. a 3 ad 6.m

E canto seus benefícios e minha felicidade suprema
Está em possuí-lo um dia[29].

9. – No Paraíso, veremos Deus *face à face* com uma visão que divinizará, por assim dizer, todo o nosso ser e todas as nossas faculdades; teremos Deus sem medo de perdê-lo; desfrutaremos da própria felicidade com a qual Deus é feliz. Esta será a nossa felicidade principal e essencial. Mais. Do que podemos ser privados quando temos o oceano infinito de todas as grandezas, todas as belezas, todos os bens? Cada um de nós dirá com indizível contentamento: *Todos os bens se uniram a mim com essa posse, e recebi de sua mão riquezas inumeráveis. E me rejubilo* ***com todas as coisas****, pelo efeito desse bem supremo, que é a fonte de todos os bens* (Sab. VII, 11,12).

Não somente os milhares de mundos serão nosso domínio, mas, para nós, após nossa ressurreição, *eles serão renovados e glorificados*, a fim de que sejam mais dignos de nós[30], o que faz escritores sagrados dizerem que *haverá novos céus e uma nova terra* (Is. 65, 17; 2ª Petri III, 13; Apoc. XXI, 1), quer dizer, os céus e a terra serão transformados para uso e glória dos bem-aventurados. Os pobres de espírito terão não apenas todos os bens e todas as honras, mas, além disso, "a dignidade real... Os bem-aventurados dominarão todo o universo, ou seja, todos os elementos do céu, os animais, as plantas, as coisas mistas, o inferno, os condenados e os demônios" (O mesmo autor, ibid)... Os bem-aventurados possuirão o mesmo reino que o próprio Deus possui, e eles reinarão com Deus, para sempre, da maneira mais feliz e mais esplêndida" (Ibid.). "Eles são os senhores e reis do céu e da terra" (Id. In Apoc. v. 10).

10. – Se se considera o homem apenas em relação à sua vida e ao seu atual estado, a grandeza dos céus parece ser qualquer coisa muitíssimo desproporcional à sua capacidade, salvo, todavia, se ele for instruído sobre o aspecto de que os céus lhe manifestam os atributos do Criador. Mais ainda. De que, quando o homem for gloriosamente ressuscitado, a extensão indefinida dos espaços e do universo formará simplesmente uma morada que corresponderá ao seu ser e às suas faculdades. Pela sua clareza, ela ofuscará o esplendor dos astros. Sua impassibilidade o manterá saudável e feliz, quaisquer que sejam, todavia, as condições dos corpos celestes e dos espaços cósmicos. Nada

[29] Cônego Gérard, *O Perfume do Altar*, ode sobre a dignidade do homem.

[30] Post judicium mundus totus, puta caelum et terra, innovabuntur et glorificabuntur, ac subjicientur Christo ejusque Sanctis. Cornélio a Lápide. In Matth. c. v. 1.

pode resistir à sua sutileza e cada pessoa será o centro das atrações materiais. Sua agilidade não terá nada comparável entre os corpos. Somente a velocidade do pensamento pode nos dar uma ideia. Não apenas a extensão do universo, conhecida pelos astrônomos, mas também a extensão real dos céus, será proporcional às magnitudes angelicais e humanas, como a terra é proporcional à atividade da linhagem itinerante de Adão.

Além disso, a liberdade e o poder dos bem-aventurados não serão de forma alguma limitados por seres inferiores em dignidade. Se Josué parou o sol, se o milagroso São Gregório taumaturgo fez recuar uma montanha, se tantos santos triunfaram de mil maneiras, pela fé, sobre a natureza e suas leis, no local da provação, que dizer dos santos bem-aventurados em que o próprio Deus está presente? *Tudo o que eles querem, fazem-no livremente, e podem estar, sem demora, onde queiram*[31]*... Eles terão tanto poder que, se quiserem pisar nas montanhas e na massa da terra, farão isso facilmente, com a mesma facilidade que temos agora para ver essas coisas*[32] *... Se quiser fazer outro céu, terão poder assás suficiente para fazê-lo. Pois eles são filhos de Deus e e co-herdeiros de Cristo, e, por conseguinte, são deuses.* **Eu disse, vós sois deuses** (Sl 81, 6). *E por serem deuses, podem fazer o que quiserem*[33].

Ó Maria! Como me é fácil entender, agora, que Vós sois *a Rainha dos Céus*! Se somos apenas nós mesmos, pobres pecadores, chamados a uma tal realeza sobre o céu e a terra, que dizer de Vós, ó Imaculada, ó cheia de graça, ó Rainha dos Anjos, ó Mãe de Deus?! Sim, ave Rainha do Céu, não somente porque Vós o presidais, mas porque Vós sois a porta das graças que obtendes para nós. Ó! derrame sobre nós, piedosa Rainha, aquelas graças da salvação que nos colocarão na posse do nosso sublime destino.

Assim seja.

Capítulo II - Maria Santíssima é particularmente a Rainha do Paraíso, do Purgatório e inclusive dos infernos. – O Paraíso conside-

---

[31] S. Anselmo de Aosta. Elucidar. Quidquid volunt lebere agunt : et ubicumque esse volunt, sine mora ibi sunt. Libr. III, c. 17.

[32] Illorum talis erit valentia, ut si montes et omnem molem terrae pede vertere vellent, valenter possent, et tam facile quam nunc videre: hoc enim nemo dubitat angelos posse, quibus ipsi aequales dicuntur esse. Ibid. c. 18.

[33] Illorum tam efficax erit potentia, ut si aliud caelum facere vellent, potenter possent. Sunt enim filii Dei, et cohaeredes Christi, et ideo dii, ut dicitur : *Ego dixi, dii estis*. Et quia dii sunt. omnia quae volunt possunt. Ibid. c. 20

rado como um lugar. – Sua extensão inimaginável – O Paraíso compreende todos os lugares que servem para os que estão em estado de prova, como também o limbo, o purgatório e o inferno

Pulchra es, amica mea, suavis et decora sicut Jerusalem, terribilis ut castrorum acies ordinata (Cant. VI, 3).
(Formosa és, amiga minha, suave e bela como Jerusalém, terrível como um exército em ordem de batalha)

Primeiro Ponto: Maria Santíssima, bela como o Paraíso, é ela mesma um Paraíso. - Ela exerce seu poder sobre os céus, o purgatório e o inferno. – Invocação de suas luzes para conhecer as grandes realidades sobrenaturais sobre as quais Ela preside.

11. – É vosso celeste esposo, ó Maria, que tem para Vós esta linguagem: *Vós sois bela, ó minha amiga*, diz o Espírito Santo; *vós sois suave e esplendida como Jerusalém, terrível como um exército em ordem de batalha*. Vós sois bela como filha do Pai Celeste, porque, entre todas as criaturas humanas, Vós guardastes intacta essa beleza primitiva que havia em todas as coisas ao sair das mãos do Criador.

Vós sois ainda excepcionalmente bela porque Vós sois a mais nobre, a mais perfeita obra do Todo-Poderoso.

Também Vós sois *a amiga de Deus* por excelência. O Verbo encarnado não pode ter esse título porque é Deus com seu Pai, e a amizade implica não apenas uma distinção de pessoas, mas também um certo compartilhamento, uma certa divisão da natureza. Os anjos estavam em um estado de prova, onde sua amizade por Deus estava sujeita a perecer. O homem, criado na inocência, nela não perseverou e seus filhos nasceram filhos da cólera: *Eramus natura filii irae, sicut et caeteri.* (Efes. II,3.)

Mas Vós, ó Maria, sempre e irrevogavelmente foi a *amiga de Deus*. É por isso que Vós não sois apenas agradável a Ele, mas doce, e o Verbo divino será atraído por Vossa doçura. Ele amará e se desposar-se-á com a natureza humana por Vossa causa, em vós e por vosso ministério.

Mãe de Deus, Vós sois *esplêndida como Jerusalém*, não apenas como a Jerusalém terrestre que foi, no entanto, a *alegria de toda a terra* (Lamentações II, 15), não somente como a Igreja aqui na terra, que é, portanto, *sem mácula e sem rugas* (Efes. V, 27), mas também como a Jerusalém celeste, como o Céu Empíreo, *pois assim como o Empíreo foi ao mesmo tempo criado, arranjado e ordenado, o que não pode ser*

dito dos outros céus, assim, ó Maria, Vós recebestes, ao mesmo tempo que a existência, a graça e a santificação[34].

Vós mesma sois um Céu Empíreo por vossa inefável clareza; pois, assim como este céu é brilhantíssimo, Vós também sois toda luminosa e plena de esplendor..., e pela sua sublimidade, porque, assim como esse céu é mais sublime que todos os outros, assim também vós sois mais sublime que todas as outras criaturas[35].

12. – Mas, além disso, Vós sois *terrível como um exército armado em batalha*. *Como um exército, porque*, diz Santo Sophrone, *Vós estais cercada por inúmeras tropas de anjos e santos* (Serm. De Ass.). Ademais, Vosso *próprio nome Maria significa Senhora; e este nome é perfeitamente adequado para a Imperatriz que é verdadeiramente Soberana dos céus, da terra e dos demônios (S. Boaventura, in Speculo B. Virg., c. 3*). Assim, *sob a ordem da Mãe de Deus, a multidão de anjos acorre de todos as partes, para defender aqueles que evocam a gloriosa Virgem* (Santa Gertrudes, Revelações l. 4, c. 49). *Ó Maria*, *somente a evocação piedosa de Vosso nome repele os ataques que o inimigo cruel dirige contra Vossos servos e os protege de qualquer ataque* (S. Germ., *Orat. in zonam Deiparae*)

"*Ó! Como desejo ser Vosso ardoroso servidor*", como Santo Afonso de Ligório disse de vós: "A Santíssima Virgem não é apenas Rainha do céu e dos santos. É também Soberana do inferno e dos demônios, pois Ela triunfou pelo heroísmo de suas virtudes!... O pedido de socorro a Maria Santíssima é, portanto, um meio muito seguro de vencer todos os ataques do inferno. Com efeito, diz São Bernardino de Siena, Ela estende seu império até ao inferno e reina soberanamente sobre os próprios demônios. Ela os amedronta e os domina: *Beata Virgo dominatur in regno inferni; merito ergo Domina dicitur, quasidomas daemonum manus* (Pro Fest. M. V. s. 3. a. 2. c. 2). Diz-se de Maria Santíssima que Ela é terrível para as potestades infernais, como um exército em boa ordem: *terribilis ut castrorum acies ordinata*, porque sabe dispor admiravelmente de seu poder, de sua misericórdia e de suas preces, para confundir seus inimigos e salvar seus servos, que, nas tentações, invocam sua ajuda onipotente" (Glorias de Maria, *Explicação da Salve Rainha*, c. IV & 2).

---

[34] Coelum empyreum (Maria est), quia sicut coelum empyreum quam cito factum est, ordinatum est, quod non alii coeli, sic et ipsa in gratia et sanctificatione. Santo Alberto Magno, in Bibl. Mar. super libr. Genes.

[35] Bernadin de Busto, Sermo 3 de Nativ. B. M.

13. – Soberana do céu, da terra e do inferno, ó grande Mãe de Deus, Vós estendeis também Vosso domínio sobre o Purgatório: *B. Virgem in regno Purgatorii dominium tenet*[36]. *Vós libertais vossos devotos desses tormentos, visitai-os, socorrei-os em suas necessidades* (Ibid.). *Vós sois particularmente mãe de todos os que estão no Purgatório. Todos os castigos que sofrem pela expiação de seus pecados são mitigados a cada hora, de alguma maneira, por Vossas preces... Não há punição no fogo do Purgatório, que, por causa de Vós, não seja de alguma maneira mitigada e tornada facilmente suportável*[37].

14. – Assim pois, ó Rainha das criaturas, Vós estendeis vosso império benéfico sobre os Céus e o Purgatório. E já que exerceis um poder formidável sobre o inferno, ninguém melhor do que Vós pode me instruir nessas grandes realidades sobrenaturais, sua natureza, sua extensão, seu lugar no universo.

Além disso, Vossa ciência é igual a Vosso poder: "*Nas coisas perfeitamente ordenadas, uma superior ciência acompanha um grande poder e a um grande poder acompanha uma ciência superior. Portanto, Vós possuís, no mais alto grau, ó Beata Virgem, operação e ciência*"[38]. "*O conhecimento da Beatíssima Virgem Maria*, também diz Santo Antônio, *supera todo conhecimento e todo modo de conhecimento possível para qualquer criatura, devido à sua pureza incomparável, à sua excepcional plenitude de graça e sua união de caridade, a mais íntima possível, com Deus*". (Ibid.) "*Além disso, Vós vos apresentais corretamente como vestida de sol, porque penetrastes, muito mais profundamente do que podemos acreditar, no abismo da sabedoria divina*"[39]. Fazei brilhar na minha inteligência, ó Sede da Sabedoria, um raio de tanta luz!

Segundo Ponto: O Paraíso não é apenas um estado feliz das criaturas recompensadas, mas também um lugar especial, o lugar mais risonho. Esta região também é feita para espíritos.

15. – O céu é, antes de tudo, o estado da criatura racional, onde desfruta para sempre, da maneira mais certa, da recompensa prometida por Deus àqueles que passaram vitoriosamente na prova. Nesse estado, o homem está de posse do seu fim último. Ele desfruta plenamente de Deus, a própria verdade, a beleza infinita, o bem supremo. Todas as suas faculdades, tanto as do corpo (após a ressurreição)

[36] São Bernardino de Sena, Serm. 3 de gl. nom. Mariae
[37] Santa Brígida. Revelações, livro 4, c. 43 e livro 6, c. 10
[38] Santo Alberto, o Grande, citado por Christóvão Veja – Theologia Mariana n. 1136
[39] São Bernardo – Sermão 1 De Nativitate.

quanto as da alma, são abundantemente satisfeitas. Nesse estado, o homem *abraça o bem perfeito que satisfaz completamente todos os desejos* (Santo Tomás, 1-2, q. 2, a.8). Tal é a essência do Paraíso, ou melhor, a felicidade essencial desfrutada pelos santos no Paraíso.

16. – Mas *todos os teólogos admitem que a beatitude do homem, essencial ou acidental, requer outros bens além de Deus* (Mazzella, *De Deo creante* n. 1162). O corpo humano exige um lugar. Seus sentidos não podem perceber Deus diretamente como sua alma e têm necessidade, para ter sua parte de felicidade, de repousar sobre criaturas em que brilhem, de uma maneira sensível, os atributos divinos.

Portanto, o Paraíso é um lugar especial, o mais bonito, o mais atraente, o mais vasto, o mais rico e o mais alegre dos lugares. Em comparação com ele, o Paraíso terrestre não é senão uma sombra. E, no entanto, *era um Paraíso de delícias* (Gen. II, 8). *O Senhor Deus havia colocado nele toda sorte de árvores agradáveis de se ver, e cujos frutos eram agradáveis ao paladar*. A árvore da vida e a árvore da ciência do bem e do mal estavam no meio do Éden. *Um rio saía deste lugar de delícias para banhar o Paraíso*. Ouro e pedras preciosas abundavam nele. *O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no Paraíso das delícias para que ele o cultivasse e o guardasse. Ele lhe submeteu as plantas, animais terrestres e pássaros do céu.* (Ibid. v. 8 e seguinte)

Nesta singela descrição, vemos o Criador muito preocupado em formar para o homem a mais agradável habitação. Assim, a humanidade, mesmo decaída e desviada nos caminhos da idolatria, sempre manteve a lembrança do Éden ou da *idade de ouro*.

Mas o que é o Paraíso da prova, onde foram colocadas duas criaturas racionais, em comparação com o Paraíso celeste, criado para servir de recompensa eterna a inumeráveis multidões de anjos e de santos, fieis à sacral humanidade do Verbo Encarnado e à Mãe de Deus?

17. – *O Paraíso celeste é a pátria da felicidade, é o mais agradável dos lugares, destinado, estritamente falando, a ser a habitação de Deus* (Hugo card., *Super Prov*. C. 15). Daí Nosso Senhor Jesus Cristo dizer: *Pai nosso que estás no céu. O Paraíso é um lugar completamente divino; é um palácio digno daquele que foi criado à imagem de Deus* (São João Damasceno, De fide orth. L. 2, c. 11). *O Paraíso supra-celeste é uma região feliz e gloriosa, plena de delícias e de graça, suavidade e júbilo, beleza e glória* (S. Bernardo. *Prosec.*). "*O Paraíso celeste é a Igreja triunfante* (S. Boaventura, *Super Sal. I*)". "*É*

a habitação de Deus, o lugar da felicidade, o lugar da luz, o lugar do amor perfeito" (Id. Tit. 5, Diaetae. c. 1). O Paraíso *é uma cidade admirável, onde não se encontra nenhum defeito e nenhuma miséria, onde ninguém sofre, não envelhece e não morre*[40].

18. – Portanto, fica claro que o Paraíso é um lugar, uma determinada região do universo, o que não se pode garantir com certeza, mas que se harmoniza maravilhosamente com o estado de completa felicidade daqueles que o habitam.

Certamente esse estado é feliz por várias razões. É feliz principalmente por causa da visão intuitiva e do gozo garantido de Deus.

É feliz porque o Paraíso também é a reunião de todos os bens secundários, entre os quais devemos colocar a vasta e deliciosa região ocupada pelos amigos de Deus. E não cremos que seja uma localidade apropriada somente para os corpos ressuscitados. Também é conveniente, como prova Santo Tomás (Supl. q. 69, a. 1), que haja lugares especiais para os anjos e para as almas separadas de seus corpos.

Os anjos foram designados para governar os corpos celestes e as criaturas inferiores. E quando estes tiverem atingido sua finalidade (1, q. 9, a. 2), só podem estar onde suas virtudes possam ser praticadas. É assim que, como seres espirituais, ocupam certos lugares.

Quanto às almas humanas, separadas de seus corpos, é verdade que não têm a finalidade de influenciar e dirigir outros corpos, mas, no entanto, elas requerem, *por conveniência e por uma espécie de proporcionalidade*, lugares que estejam na proporção de sua dignidade e seu mérito (Supl. q. 69, a. 1, n. 3).

Isso é tão verdadeiro que as Sagradas Escrituras indicam um lugar especial ao próprio Deus:

"Jeová estabeleceu seu trono no céu,

E seu império abrange todo o universo (Sl. 102, v.19).

O céu é meu trono, e a terra meu escabelo (Is., c. 66, v. 1).

"O Céu Empíreo é um lugar material. E, contudo, imediatamente depois de criado foi cheio dos santos anjos. Logo, sendo os anjos, como as almas separadas, incorpóreos, parece que também a elas se lhes devem ser atribuídos receptáculos determinados" (Suma, Supl. q. 69,

---

[40] S. Vincent Ferrier, Serm. 12, Dom. 4. adv. —Como o Paraíso deve conter corpos ressuscitados, é evidente que ele deve ser um lugar: *Non potest a corpore removeri quod sit in aliquo loco vel situ nisi auferatur ei sua corporeitas per quam debetur ei locus vel situs..... Corpus autent gloriosum nunquam suam corporeitatem amitet*. S. Thomas, sum. theol. supplem. q. 84. a. 3. ad 3.

a. 1, n. 3). Santo Tomás prova sua afirmação de várias maneiras e em seguida baseia essas provas em seis de seus artigos.

19. – Nesta doutrina nada há que nos deva surpreender, pois os corpos são feitos para as almas e os espíritos, e estes são feitos para glorificar diretamente a Deus (n$^{os.}$ 6 e 7). É verdade que *as almas separadas não recebem nenhuma influência*, **à maneira dos corpos**, *dos ambientes corporais em que se encontram..., mas também é verdade que elas se alegram ou se entristecem conforme sejam enviadas para um lugar de recompensa ou para um lugar de punição* (Supl. loco cit.).

Concluamos de tudo isso que o Paraíso é uma região específica do universo[41] e que não deve ser considerado um lugar desabitado, mesmo que não contivesse senão anjos e almas separadas de seus corpos. Esses espíritos, lá, seriam felizes e louvariam a Deus, em razão das belezas do lugar onde estão.

Terceiro Ponto: Identificação entre Paraíso Celeste, Céu Empíreo e Terceiro Céu. – O Paraíso compreende todo o universo criado.

20. – Paraíso Celeste, Céu Empíreo, Terceiro Céu, Jerusalém Celeste, são no fundo palavras sinônimas. É conveniente demonstrar esta asserção para se entender melhor a linguagem dos autores que tratam do Paraiso.

"O Empíreo, diz Santo Tomás, *foi criado para ser o lugar dos bem-aventurados. É o céu supremo que de alguma maneira corresponde à ordem das substâncias espirituais* (os anjos); *chama-se empíreo, isto é, ígneo, não por causa do fogo que estaria lá, mas por causa da luz que o inunda"*[42].

"O Céu empíreo é o mais elevado dos lugares corporais e enquanto tal local adequado para a natureza angélica... Mas, como imóvel, ele é conveniente ao *estado de beatitude*, que se consuma na estabilidade suprema. Portanto*, o lugar da bem-aventurança* combina com o do anjo segundo sua natureza; também o anjo foi criado lá ... Mas é adequado ao homem *para sua felicidade* (da qual o Paraiso é o lugar). Assim, o homem, não posto nele no princípio, deveria ser transferido para lá *no estado final de beatitude*"[43].

---

[41] Animae (defunctorum) REALITER EXISTUNT vel in inferno, vel in purgatorio, vel in limbo, vel in caelo... Mazzella, De Deo creante, n. 333. b).

[42] Quodlibet VI art. 19 – Ver também Suma Teológica p. 1, q. 66, a. 3

[43] Suma Teológica p. 1, q. 102, a. 2 ad 1 – q. 66, a. 3, ad 2.

Vejamos São Paulo sobre a mesma questão: "*Conheço um homem ... que foi arrebatado até o terceiro céu..., e sei que esse homem foi arrebatado ao Paraíso* (2ª Cor. XII, 2,4). Sobre o qual Santo Tomás (o "Anjo da Escola") dá as explicações seguintes: "O apóstolo foi arrebatado até o terceiro céu, ou seja, até à visão das coisas que estão no Empíreo, para que visse com clareza as coisas que são acima da natureza material... Segundo a interpretação de Santo Agostinho, não se deve entender como uma coisa o terceiro céu e como outra diferente o Paraíso, mas uma só e mesma coisa, que é a glória dos santos, embora com denominações diferentes. Pois Céu quer dizer uma certa altura com a luz (da glória), enquanto Paraíso exprime uma agradável suavidade... Diz-se que os santos estão no céu enquanto estão na luz (*quantum ad claritatem*), e no Paraíso enquanto estão felizes (*quantum ad suavitatem*) ... Entrar no Paraíso, quer dizer *no gozo do Senhor* ... (Mat. XXV, 21) é, pois, entrar nesta doçura de cuja abundância os habitantes da Jerusalém celeste jamais cessam de se satisfazerem".

Conclui-se, pois, que o Paraíso não é outra coisa, quanto à sua substância, que o empíreo ou o terceiro céu, ou a Cidade de Deus, etc.[44]

21. – Mas, o que me impressiona vivamente, porque nunca havia visto esta matéria bem estudada, é a extensão inimaginável do Paraíso. E também o lugar que ele ocupa no universo.

Segundo os ensinamentos, que considero quase unânimes, dos melhores autores, o Paraíso é a circunferência de todo o universo material. Mergulhemos nossos olhos, armados com telescópios, nas profundezas dos céus que estão acima de nossas cabeças; que nossos semelhantes façam o mesmo na América, na Oceania, em todos os pontos dos oceanos, nas praias extremas do norte e do meridiano, com relação aos céus que estão acima deles; suponhamos todo o espaço que podemos abraçar entre todos e contemos os bilhões de mundos que rolam nas alturas opostas! Tudo isso, tão imponente, está circun-

---

[44] O Paraíso é tríplice. O primeiro é o Paraíso terrestre onde Adão foi colocado. O segundo, corporal e celeste, é o Empíreo. O terceiro, espiritual, é a glória que decorre da visão de Deus. Santo Tomás citado por Marchini, Institut, theol. dogmat. Tom. II n. 104

Santo Agostinho designa também de empíreo quando, falando do Céu Material Superior, diz que estamos nos esforçando para alcançá-lo e que aquela é a nossa casa (Enarratio in Salmos. XXXII, Sermo. 2.n. 6). E quando fala dos anjos que eles *são cidadãos da cidade de Deus*, habitando *nos céus acima dos céus que vemos* ..., no céu que está o Senhor. (Confições, lib. 12, cap. 11. n. 12

dado pelo Céu Empíreo, como a polpa e as sementes de uma laranja estão encerradas na casca desta fruta.

"É uma verdade comumente reconhecida na Igreja e *totalmente aceita* que, além de todos os céus em movimento, existe um céu imóvel, mais nobre que os outros, muito luminoso. É a encantadora habitação dos bem-aventurados, que se chama o Empíreo". Assim fala Suarez (Trat. I *De opere sex dierum*, c. 4, n. 2), citando em apoio de sua afirmação, o Mestre das Sentenças, Santo Tomás, São Basílio e outros autores de peso. "Suposto o dogma da fé", continua ele, "que nos faz acreditar na glória sobrenatural preparada para os eleitos no céu, é eminentemente crível que esse céu seja distinto de todos os outros céus que cercam a terra, sobrepujando-se a todos, pela altura de sua posição, por sua natureza e sua excelência". "Além disso, todos os céus em movimento foram feitos para o serviço dos homens. Era, portanto, adequado que um céu mais perfeito fosse criado especificamente para ser o lugar da glória dos bem-aventurados e como o trono material sobre o qual Deus reina especialmente" (Ibid. Suarez, n. 4).

E isso é ainda mais admissível, continua Suarez, que Deus pretendia um lugar especial para os réprobos. "*Portanto, é imperativo crer, pela força da razão, que ele destinou um céu que fosse o futuro reino e a habitação dos bem-aventurados, de maneira que se entende num sentido material estas palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo: "Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino que vos foi preparado desde o começo do mundo"* (Mat. XXV, 34)... Enfim, a constituição deste céu contribui não pouco para completar e embelezar o universo". (Ibid. n. 5)

22. – O mesmo autor nos representa o empíreo encerrando em seu seio todos os outros corpos (Ibid. n. 12), e sendo (em relação aos céus em movimento) *um telhado magnífico que cobre, contém e completa todo o universo*[45]. "O Empíreo é o invólucro resplandescente do mundo inteiro; é o telhado de beleza do brilhante palácio divino (a criação), e a soberba cobertura do templo de Deus; é sua mansão real, a morada de sua glória e o palácio próprio ao rei soberano. Comparadas ao Céu Empíreo, as outras partes do mundo nada mais são do que lojas e casas vulgares em relação à residência de um rei"[46]. "É impossível imaginar um lugar de maior capacidade que o Céu Empíreo"[47].

---

[45] Ibid. c. 5. n. 10. Entende-se por empíreo o lugar que contém todas as coisas: locus intelligitur in coelo empyreo omnia continente. (S. Thomas p. 1. q. 66. a. 4. ad 5m.)

[46] Guillaume de Paris, De universo, c. 35.

[47] Bernardin de Busto, Serm. III, de Nativ. B. M.

23. – Este ensinamento tão categórico não pode deixar de ter fundamento nos escritos divinamente inspirados. Com efeito, eles nos falam frequentemente, ou de Deus *que está assentado eternamente no mais alto dos céus* (Salmo 67,34); ou de Deus que habita especialmente no *céu dos céus* (Salmo 113, 16)); ou do Senhor que está no palácio de sua santidade, que *tem seu trono nos céus* (Salmo 10,5); ou de Deus, que deve ser louvado particularmente *pelos céus dos céus* (Salmo 148,4); ou desse Deus a quem invocamos para que, do seu santuário, se digne *olhar para nós, deste lugar onde ele habita no mais alto dos céus* (Deut. 26,15).

São Paulo também escreve aos Efésios, referindo-se a Nosso Senhor Jesus Cristo: *Aquele que desceu* (pela encarnação) *é o mesmo que subiu acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas* (Efésios, IV, 10). Assim, portanto, o Salvador Jesus ressuscitou acima de todos os céus para dessa maneira abarcar todo o universo e manifestar sua glória, seu poder e seu triunfo, à terra, ao inferno e a toda a multidão de criaturas[48].

24. Eis, pois, a imensa e divina morada que foi preparada para nós, *desde o começo do mundo*! Cabe a nós ir e nela reinar. Todo o Cristianismo tem por fim nos conduzir a essa região de suprema felicidade. *Ó! Como a terra é vil quando consideramos o céu*! *Bem-aventurados os pobres de espírito, porque é deles o reino dos céus* (Mat., 5, 3); que nenhum bem terrestre, nem essa fagulha passageira de glória, nem esses bens de um dia, nem esses grosseiros prazeres, *nos enfeiticem por sua tolice* a ponto de enfraquecer em nós a ideia de *verdadeiros bens*, que Deus tem reservado para nós no céu (Sab., 4, 12). Corações ao alto! Vivamos desde agora mais no céu do que na terra: *Nostra autem conversatio in coelis est* (Filip. 3, 20), a fim de estabelecer uma proporção entre nós e nossa futura morada.

Nosso Senhor Jesus Cristo, Maria Santíssima, os Apóstolos, os santos, por assim dizer, tocaram a terra apenas com a ponta dos pés; ela era indigna deles. Assim eles reinam, para sempre, no Céu Empíreo. Felizes! Mil vezes felizes, aqueles que compreendem essa grandeza dos filhos de Deus e que a delineiam em si mesmos, já nesta vida, pela prática das virtudes evangélicas!

---

[48] Cornel. a Lap. in hunc loc. Exaltata est humana natura Christi super omnem creaturam, non solum ordine dignitatis sed etiam loco. (S. Thom. l. 3. Dist. 22. a. 3, ad 2^{m}.)

Quarto Ponto: No universo, lugar que ocupam o inferno, o purgatório e o limbo

25. – Se o Paraíso, ou empíreo, enfeixa como uma capa de glória, como vimos, todas as outras regiões do universo[49], escusado será dizer que o inferno, o purgatório e o limbo se encontram em algum lugar circundado pela grande Jerusalém celeste.

Onde, pois, está o inferno? São Gregório Magno, em um Capítulo intitulado *ubi esse infernus creditur*, apoiado em duas passagens das Sagradas Escrituras (Sl 85, 12; Apoc. V, 3), conclui que o inferno deve estar sob a terra: *Quid obstet non video ut **sub** terra infernus esse credatur* (Diálogo. lib. 4 c. 42).

Santo Tomás expõe nesse ponto os sentimentos de São Gregório, de Santo Agostinho, de Santo Isidoro e de vários filósofos e acrescenta: *É mais conforme com a Escritura e mais conveniente dizer que o inferno está **sob** terra* (Supl. q. 97, a.7). Segneri expressa o mesmo pensamento, justificando-o, quando escreve: "*Os condenados descerão às partes inferiores da terra*" (Sl 62, 10), ou seja, em seu centro mais profundo, onde é mais justo crer que o inferno esteja colocado, de modo que, dessa maneira, é de todos os lados também o mais distante do Céu empíreo: *eles foram, todos, entregues à morte no fundo da terra* (ad terram ultimam". Ezech 31, 14) (Manna dell'anima, 37 agosto, II ponto).

"Assim, todo o universo corpóreo está envolvido entre dois extremos fixos e imóveis, que são os dois limites opostos quanto à sua posição e às suas propriedades, porque um é tudo o que há de mais denso e de mais opaco, e o outro, tudo o que é mais esplendoroso e sutil. E, em um como no outro, há uma disposição que os torna eminentemente próprios para servir como permanência definitiva para os eleitos e para os réprobos, quer sejam homens ou anjos. E contra essa verdade não vejo o que de sério se possa objetar"[50].

26. – Os ensinamentos cristãos sobre esse ponto são, portanto, bastante claros. E não se pode supor que na Igreja conduzida pelo Espírito Santo, homens tão santos e tão distintos errem, por assim dizer, unanimemente. O Empíreo é, pois, o espaço mais vasto que engloba

---

[49] Sicut coelum emppyreum licet non sit in alio corpore quod circumdet illum, realiter adest ubi praesens est, et non est in nihilo (está contido nas influências de Deus, Cristo, Maria, anjos e outros abençoados) sed est ibi . Ubi superius corpus (no céu material) non est. (Suarez. De Angelis. I. IV, cap. VIII, n. 12)

[50] Suarez. *Tract. I, De opere sex dierum* 1. I. c. 4. n. 5)

todo o universo como uma circunferência. E o inferno o lugar oposto a isso. Ou seja, o centro.

Mas, é o centro da terra ou o centro do universo?

Todos os autores alegados supõem que a terra é como o núcleo imóvel em torno do qual os céus se movem circularmente. Muitos dentre eles dizem, sem mais delongas, que o inferno está no centro da terra. Mas as razões que dão servem de corretivo a certa afirmação motivada em parte por um preconceito astronômico dissipado pelas descobertas modernas. ***Máxima distantia inter paradisum et infernum***, diz Santo Tomás (*q. 9. De Veritate, art. 6, Sed contra*). Mais, se o Paraíso é como a circunferência que envolve em seu seio **todo** o universo, fica claro que o lugar mais distante do Paraíso é o centro.

De acordo com o salmo e o Apocalipse mencionados acima, o inferno está no **sub** da terra, ou em suas partes **inferiores**. De acordo com São Gregório e Santo Tomás, está também no **sub** da terra. E, segundo Segneri, é o *lugar mais distante do Empíreo*; de acordo com o texto citado de Ezequiel, o inferno é a última etapa, a fossa, como quem diz o último mundo; de acordo com Suarez, é a região oposta ao Empíreo.

Todas essas maneiras de dizer nos permitem afirmar que o inferno está no centro, não da terra, mas do universo.

Então a terra pertence aos céus em movimento e se encontra acima do inferno. Somente o inferno não faz parte dos céus. É como o esgoto[51], onde não reina nenhuma ordem, mas um horror eterno[52].

27. – Segundo Santo Tomás, o lugar comum do purgatório é contíguo ao inferno, *de modo que o mesmo fogo que atormenta os condenados no inferno purifica os justos no purgatório, se bem que os condenados, conforme a inferioridade de seus méritos, ocupem localidades inferiores*.

Mas, por permissão de Deus, às vezes acontece que o purgatório é expiado em *diversos lugares*, na terra, ou *para a instrução dos vivos ou para o benefício dos mortos*[53].

Podemos, portanto, considerar o purgatório como certa zona esférica, ocupada talvez por diversos corpos análogos aos corpos celes-

---

[51] S. Tomás, 4 Dist. 47, q. 1 a. 4 a 2m e 3m.

[52] Job. 10, 22 – "Terra de miséria e de trevas, onde habita a sombra da morte, e onde não há nenhuma ordem, mas um sempiterno horror".

[53] Suppl. Apêndice, ultima pagina.

tes, mas invadido pelas chamas do abismo infernal e exceto o que diz respeito à esperança e ao amor.

28. – Ao redor da zona do purgatório estende-se a área destinada à habitação de crianças mortas sem batismo, que não tiveram senão a mancha do pecado original. Elas aí desfrutam de uma felicidade natural[54].

Acima do purgatório encontra-se aquele lugar que ocupavam os santos patriarcas antes da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo ao Céu. Por serem santos e amigos de Deus, tiveram que viver em um local mais elevado que o Purgatório (Supl. q. 69, a. 5 e 6).

29. – As zonas superiores, até os Empíreos, são destinadas ao uso dos seres racionais no estado de prova, que circulam entre o Paraíso e o inferno. Criados para o Céu Empíreo, *devem realizar sua salvação com temor* (Filip. 2, 12), de serem precipitados no inferno, como *Satanás* (Luc. 10, 18).

Ó Maria! Ó Rainha e Senhora do universo, aquele que, com verdadeira devoção, Vos tenha achado, *encontrará a vida, e alcançará a salvação nos tesouros da bondade do Senhor* (Prov. 8, 35). Tenho toda confiança em Vós porque *um verdadeiro servo de Maria Santíssima jamais perecerá*. Assim seja.

Capítulo III – A perfeição do Paraíso considerado como Céu e a perfeição incomparável de Maria Santíssima, a vários títulos chamada de Céu

Ave, gratia plena; Dominus tecum (Luc. I, 28). *Eu Vos saúdo, cheia de graça; o Senhor está convosco.*

Primeiro Ponto: Explicação do texto – As três obras divinas – Visão rápida sobre a perfeição material do Paraíso – Maria Santíssima, ela mesma, é um Céu.

30. – O arcanjo São Gabriel, a sublime inteligência confirmada na graça de Deus, o embaixador do Altíssimo, diz a Maria Santíssima: *Eu Vos saúdo, cheia de graça*. Essas palavras são a própria expressão da verdade, não pode enganar nem estar errada: Maria Santíssima é cheia de graça e de maneira tão excelente que, por assim dizer, seu nome é: *Ave, gratia plena*. Dons sobrenaturais, riquezas intelectuais,

---

[54] *Sibi (Deo) conjunguntur per participationem naturalium bonorum; et ita etiam de ipso gaudere poterunt naturali cognitione et dilectione* (S. Thomas II Dist. 33. q. 2. a. 2. ad 5).

qualidades do coração, perfeição física, poder sobre as criaturas, todos os favores do Céu se reúnem naquela que *é cheia de graça*.

"Porque convinha que a Virgem estivesse ligada a Deus por tais benefícios que a tornaram cheia de graça, Ela que deu glória aos Céus e o Senhor à terra, que restaurou a paz, que trouxe a fé aos gentios, o fim dos vícios, a regra da vida humana e a disciplina dos costumes. Maria Santíssima era cheia de graça, enquanto os outros receberam apenas parcialmente esse dom do céu. Sim, ela era verdadeiramente cheia de graça. Se é verdade que os Santos Padres e os Profetas foram enriquecidos com graças, eles não a possuíam tão plenamente. No entanto, em Maria Santíssima abundava a plenitude de todas as graças que Nosso Senhor Jesus Cristo tinha, porém, de maneira diferente"[55]

Nosso Senhor Jesus Cristo é a causa meritória de todas as graças e, enquanto Deus, Ele é a fonte principal, tendo por direito e por natureza a plenitude da graça. Maria Santíssima é, por privilégio, o único repositório e o único canal, de modo que todas as graças que Deus concede aos homens passam por suas mãos. Plena, Ela mesma, de todos os dons naturais e sobrenaturais, foi estabelecida como dispensadora de todos os dons divinos para as criaturas. "Nosso Senhor compartilhou o reino de Deus, que consiste na justiça e na misericórdia. Reservou para si o reino da justiça e cedeu à sua Mãe o reino da misericórdia, desejando que todas as graças concedidas aos homens passassem pelas mãos de Maria Santíssima e fossem repartidas conforme seu agrado"[56]: *Dominus tecum*.

31. – A plenitude de graça concedida à pessoa de Maria Santíssima, se se incluir nela a maternidade divina, é uma dessas três obras-primas da sabedoria, da bondade e do poder divino, às quais o Todo-Poderoso não pode acrescentar nada!: "A humanidade de Cristo, enquanto unida a Deus; a beatitude criada, enquanto sendo a fruição de Deus; e a bem-aventurada Virgem, enquanto Mãe de Deus. Sob estes aspectos nada se pode acrescentar, nem se pode ter algo superior, senão Deus"[57].

Não seria dizer muito? O Criador poderia tirar do nada milhões de outros mundos, todos mais perfeitos dos que existem. Mas nem as Pessoas Divinas, nem Deus considerado absolutamente, podem ser distinguidos por obras melhores do que as três que mencionamos. Que

---

[55] S. Jerônimo. Brev. Rom. Office de l'Imm. Concept. IV leçon.

[56] S. Afonso de Ligório. *Glorias de Maria Santíssima*, c. I. O Santo cita em apoio de sua afirmação passagens de Gerson, de Santo Tomás, de São Boaventura, etc.

[57] Sum. theol. 1. q. 25 a. 6 ad 4m.

nosso Pai Celestial admita que seus filhos sejam felizes com a própria felicidade de Deus, que o Verbo Eterno se una hipostaticamente à humanidade em Cristo e que o Espírito Santo eleve uma criatura humana à dignidade de Mãe de Deus, são obras tão maravilhosas e intensivamente tão perfeitas que o Infinito nelas esgotou os recursos de sua invenção e de seu poder!

32. – Digamos, no entanto, que a primeira dessas obras-primas seja a felicidade celestial em sua essência. Ou seja, a posse de Deus, e não precisamente o Paraíso enquanto lugar e como um mundo material, que só pertence à felicidade acidental dos bem-aventurados. Mas devemos observar que este lugar é proporcional a seu destino e, portanto, o mais perfeito dos lugares.

A habitação deve convir àqueles que a ocupam (Supl. q. 91, a. I)[58]. *O empíreo é o mais elevado dos lugares corporais...; é o lugar que combina com a natureza angélica e com o estado de bem-aventurança definitiva do homem* (Suma 1. q. 102, a. ad 1). *É o local de contemplação do bem-aventurado* (2ª. 2ae q. 15, a. 3, ad 4). *O empíreo é a matéria mais resplandescente e é tão perfeito que, de alguma forma, alcança a ordem das substâncias espirituais* (Quodlib. 6, q. 11, a. 19)). *É o lugar destinado à eterna contemplação de Deus, para que a clareza externa e sensível corresponda à clareza interior dos anjos e das almas bem-aventuradas* (1 q. 66, a. 3, ad 3). A luz que o inunda e o penetra pode ser *a luz da glória* (Ibid. ad 4m). Nenhum corpo, *nenhum lugar no universo dele participa tanto quanto a natureza dos espíritos e das almas* (De caelo et mundo, lib. II, lect. 15, n. 10). *A suprema esfera é a mais nobre de todas e sua ação causadora é a mais poderosa*[59]. É tão perfeito como lugar que, fora dele, não há nada

[58] O céu empíreo é o mais elevado dos lugares materiais e está fora de toda mutabilidade. Pela primeira qualidade (mais elevado dos lugares materiais), era lugar congruente à natureza angélica, pois, como diz Santo Agostinho, Deus rege a criatura corpórea pela espiritual. E por isso é conveniente que a natureza espiritual seja constituída superior a toda a corpórea, como que presidindo–a. A segunda (estar fora de toda mutabilidade) convém ao estado de beatitude, firmado em suma estabilidade. E, portanto o lugar da beatitude onde foi criado o anjo que lhe é congruente pela natureza, aí foi ele criado. Mas não era congruente ao homem pela sua natureza, pois o homem não preside a todas as criaturas corpóreas, governando–as, o que só lhe compete em razão da beatitude. Por isso o homem não foi colocado, desde o princípio, no Céu Empíreo. Mas para ele deverá ser transferido, no estado final da beatitude. (*Suma*, Parte I, q. 102, a. 2, ad 1)

[59] Suprema sphaera est maxime formalis et nobilissima. Ibid. lect. 20, n. 7.

no mundo dos corpos: *esse modo de perfeição pertence ao primeiro e ao mais alto dos corpos que contém todos os outros* (Ibid. lib. I, lect. 4, n. 10).

33. Ó Maria Santíssima, de acordo com a linguagem de vossos servos mais instruídos e piedosos, Vós mesma sois um Céu, um empíreo: *um empíreo para o esplendor de toda a sabedoria..., um céu divino ornado com tantos dons que é impossível enumerar* (São Boaventura, Serm. 1, De B. M.); *um empíreo que recebeu o Verbo de Deus* (Barth. De Pisa: De laud. V. 1, 1, fruet. 8.); *um empíreo ainda, porque, assim como é impossível imaginar um lugar de maior capacidade que o empíreo, não se pode imaginar uma criatura que tenha mais caridade do que Vós* (Ern. Prag. In Mariali, cap. 2); *um céu de riquezas de onde vêm as melhores coisas* (Santo Alberto Magno, in Bibl. M. super libr. Deut. C. 28); *um céu capaz de receber o Deus que nada pode conter* (S. Metódio, in Homil. Purific. B. M. V.); *o céu da divindade, que tem por sol a Cristo Nosso Senhor, cuja claridade ilumina o céu e a terra* (S. Epifânio, in Serm. De laude V.); *um céu resplandescente às virtudes, maior que o do universo* (S. João Crisóstomo, Orat. 7. In Ss. Deipar.). *Ó grande Mãe de Deus, ó céu animado do Rei de todas as coisas* (S. João Damasceno, Cant. dormit. B.M.V.), *ajuda-me a compreender as partes e a disposição deste céu, desta feliz região, onde Deus, na sua bondade, reservou um lugar para mim*.

Segundo Ponto: Riqueza do Céu Empíreo em sistemas e mundos diversos

34. – Vimos, de acordo com Desdouits (n. 4), que *nada impede de admitir no céu uma infinidade de zonas e diferentes condições*. É a confirmação do ensino escolástico. Vimos também que o empíreo envolve, na mais ampla das zonas, todo o universo (n$^{os.}$ 22, 23, etc.). Podemos, por aí, ter uma ideia de sua grandeza e, consequentemente, de um dos caracteres que constituem sua perfeição como lugar, que é a sua extensão.

Mas, é necessário observar, ademais, que essas zonas e estas condições têm mais ou menos profundidade e que não são semelhantes a finas abóbadas, nem a tecidos estendidos, mas a espaços esféricos onde flutuam, com alturas muito diferentes, estrelas mais ou menos numerosas. Assim, nosso sol, com seus quinhentos satélites (nº 5), ocupa em seu curso um amplo cinto esférico. "A distância dos plane-

tas que giram em torno dele varia de 15 milhões (Mercúrio) a 1147 milhões de léguas (Netuno), o espaço que esse sistema ocupa no céu é de cerca de 7 bilhões de léguas"[60], se supusermos que esses corpos celestes são fixos, ou seja, que o sistema solar não se desloque.

Mas ele se move. Vimos que o universo tem um centro (25, 26), e essa é ademais uma das opiniões hoje aceitas pelos astrônomos[61]. Portanto, nosso sol, com toda sua prossissão, descreve uma orbita a certa distância deste centro. Assim o sistema solar, em suas revoluções, ocupa um espaço muito maior do que o que mencionamos acima, pois é necessário atribuir-lhe todo o espaço que ele percorre sucessivamente com sua numerosa família. Mas quero dizer que esse espaço, que é apenas uma zona celeste, é ademais extremamente alto e largo, já que Netuno está a 1117 milhões de léguas do sol e os outros pertencentes ao "astro do dia", embora estejam menos distantes de seu líder, ainda assim andam a grandes distâncias um do outro, sem encontrar corpos pertencentes a outros sistemas.

35. – Se, portanto, a zona celeste constituída por nosso sistema solar, que para nós é apenas o céu mais baixo, já é tão profunda e contém tantos corpos a tão grandes distâncias um do outro, o que podemos dizer sobre zonas e céus mais altos que o nosso? E quanto a essas sessenta e oito milhões de estrelas (nº 5), a maioria das quais provavelmente com famílias muito maiores do que as do sol, descrevem orbitas imensamente maiores que a do nosso sistema? O que dizer, enfim, porque é a isto que quero chegar, do número de corpos celestes que compõem o Céu empíreo? É possível crer que as zonas inferiores contenham tantas estrelas e que a zona superior contenha poucas?

O Empíreo forma, por si só, todo um céu, o maior, o mais nobre, o mais belo dos céus. Que variedade de astros portanto não deve ter e a que distância se encontram uns dos outros, no maior céu, que contém todos os céus?[62]

36. – Muitas razões me levam a acreditar que o terceiro céu é tão rico, em si mesmo, em estrelas, quanto os céus inferiores. Com efeito:

1. – O empíreo foi criado primeiro, como veremos em uma próxima meditação. É como que o tipo de material dos céus inferiores. Estes são apenas imagens pálidas dele. Portanto, no Terceiro Céu de-

---

[60] Farges, "A ideia de Deus'', 1a. parte, Maravilhas da astronomia.

[61] Constant, "Concepção científica do universo", c. II

[62] Segundo Santo Tomás, quanto mais perfeitas coisas, tanto mais são criadas por Deus em grande número, porque Deus tem acima de tudo em vista a perfeição do universo. Ora, está claro que o empíreo é o melhor em termos de corpos celestes. Portanto, os corpos celestes abundam muito mais no céu empíreo do que nos céus inferiores. (1 p, q. 60, a. 3)

vemos encontrar, eminentemente, tudo quanto existe nos outros: extensão, profundidade, número e variedade de corpos.

2. – Após o Juízo Final, haverá novos céus e nova terra. Ou seja, as estrelas visíveis mais próximas a nós, assim como nosso globo, serão transformadas e glorificadas sobrenaturalmente. O Segundo Céu deixará de se mover, como também o primeiro, que é o nosso. Esses corpos celestes e esses céus terão chegado ao fim, que é apenas servir aos anjos e aos santos constituídos para sempre amigos de Deus. Assim, o Empíreo terá adquirido sua extensão final, assimilando e incorporando os céus inferiores, o que provaremos amplamente a seguir.

Agora, vemos que o Empíreo não é genericamente diferente dos céus inferiores. É apenas mais nobremente informado[63], como o serão os outros céus após o Juízo Final. Sendo, portanto, essencialmente da mesma natureza de outros céus, escusado será dizer que abundam nele corpos celestes de várias dimensões, colocados em diferentes altitudes.

3. – Se, como diz Suarez (nº 21, no final), pode-se entender inclusive no sentido material *esse reino que nos foi preparado desde o começo do mundo*, nada impede entender também no mesmo sentido material estas outras palavras do Salvador: *Na casa de meu pai há um grande número de mansões*? (Jo. 14, 2). É verdade que este texto significa, antes de tudo, os vários graus de glória. Mas a felicidade acidental também tem seus graus. E a diversidade de lugares deve corresponder de alguma maneira à diversidade de méritos e recompensas (1., q. 66, a. 3, ad 3^{m}): *um local adequado é destinado a cada corpo glorioso segundo o grau de sua dignidade* (Supl. q. 64, a. 2, ad 5^{m})

4. – Esses lugares devem ser proporcionados a uma inconcebível multidão de anjos, de todas as classes e de todos os graus de perfeição, e a uma igualmente multidão de santos, a quem Deus quer recompensar eternamente. Ora, para os anjos, e para os homens ressuscitados e gloriosos, que habitação devemos imaginar que possua proporções adequadas a tais seres, dotados de tais faculdades e que todas devem ser plenamente satisfeitas?

Na verdade, além da visão clara da essência divina, eles precisam de uma grande variedade de lugares e mundos, seja como estadia habitual ou como local de prazer. O homem ama naturalmente todo o universo. Portanto, deseja o bem do universo. E assim, para satisfazer o

[63] Suarez, lib. I, De universo, c. 5, n. 3

desejo do homem glorificado, Deus melhorará o universo[64]. Mas, se após o Juízo Final, o universo precisar ser glorificado para satisfazer o desejo do homem, que mundos glorificados ainda não estão presentes no empíreo para a felicidade dos anjos e dos primeiros homens ressuscitados?

5. – É bom observar que os corpos de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima não são os únicos que atualmente brilham no terceiro céu; muitos santos do Antigo Testamento já ressuscitaram. *Quando Jesus rendeu o Espírito ... as sepulturas se abriram e muitos corpos de santos que dormiam levantaram-se; e deixando seus túmulos, após sua ressurreição, foram à cidade santa e apareceram a um grande número de pessoas*. (Mat., 27, 50-52). Ora, de acordo com os ensinamentos mais verdadeiros, para usar a expressão de Cornélio a Lápide, (in hunc loc.), esses santos ressuscitados não morreram novamente. A ressurreição deles foi definitiva e eles formaram um cortejo triunfal para Jesus Cristo subindo ao Céu. Santo Tomás é dessa opinião, como também São Jerônimo, Santo Anselmo e um grande número de outros autores.

É de crer que todos os grandes santos do Antigo Testamento já estejam no céu em corpo e alma (Cornélio a Lápide, in loc. cit.). Portanto, é muito admissível que, para satisfazer o desejo desses santos e honrar Jesus Cristo e Maria Santíssima, Deus tenha disposto o Empíreo de modo a conter um grande número de corpos celestes glorificados, talvez até maior do que aquele que lhe estava destinado após o Juízo Final.

6. – Segundo Santo Tomás, todo o universo, exceto sem dúvida o inferno e o limbo, estão destinado a fazer parte do Céu Empíreo ou da Cidade da Glória, quando da renovação do mundo[65]. Ora, se me perguntarem sob que forma posso representar a habitação dos bem-aventurados, para responder devo relacionar as ideias expressas acima com as que os Livros Sagrados nos deram sobre o mesmo assunto.

Terceiro Ponto: Disposição geral do Céu Empíreo e do universo.

37. – Vimos (nº 20 e segs.) que Paraíso, Céu Empíreo, Jerusalém celeste e Terceiro Céu são expressões sinônimas em termos de substância. O céu é, portanto, *uma cidade*, (Hebr. 12,4) mas uma cidade

---

[64] Ibid. q 91, s. 1 Este aperfeiçoamento será uma glorificação sobrenaturalmente operada por Deus, ibid. 3m, 4m e 5m.

[65] . Suppl. q 74. a. 1. O grande doutor diz a mesma coisa ainda mais claramente, em seu Comentário na Ep. ad Rom. cap. VIII, lect. 4, no vers. 21. Os céus renovados devem ser a *habitação* dos filhos de Deus.

como o é, ao mesmo tempo, o *Terceiro Céu* (2 Cor 12,4). *É a casa do Pai Celestial, onde há um grande número de* ***mansões*** (Jo. 14,2), mas é ao mesmo tempo o *reino* ***dos céus*** (Mat. 5,10, etc.), o glorioso reino de Jesus Cristo (Luc. 23,42), o lugar de felicidade com Jesus Cristo (Ibid., 43), *o reino que foi preparado para os eleitos desde a fundação do mundo*[66]. Sua denominação mais comum, no Novo Testamento, é sem dúvida *Reino dos* ***céus***.

São Mateus, para mencionar apenas ele, se refere ao Reino dos Céus umas quinze vezes, sem contar os textos onde o designa pelas palavras de "Igreja da Terra". Além disso, o mesmo evangelista nos fala umas vinte vezes sobre o Paraíso nestes termos: *Pai Nosso que* ***estais nos céus*** *... o Pai que está* ***nos céus*** *... tudo o que vós ligardes na terra será ligado* ***nos céus***, etc. etc. Estes céus, no plural, tantas vezes repetidos, não são significativos?

Não podemos concluir daí que o Paraíso é todo um conjunto de sistemas celestes materiais, já glorificados e formando todos eles o Céu empíreo? Se ele for uma cidade, os palácios serão os mundos; os vários distritos são os sistemas planetários; as ruas e as praças são os espaços que separam os mundos e os sistemas; e os habitantes são deuses:

> *Eu disse: vós sois deuses,*
> *Vós sois todos filhos do Altíssimo!* (Sl. 81,6)

O que significam as distâncias de uma habitação tão vasta para anjos e homens ressuscitados? – Apenas o que é proporcional à sua condição (9, 10). Ademais, os sentidos humanos serão totalmente fortalecidos no céu e a luz da glória ilumina igualmente esses mundos, cuja incrível grandeza de proporções se reduz, relativamente aos habitantes do céu, a uma medida justa e harmoniosa.

38. – Esta concepção da habitação dos bem-aventurados, tudo bem considerado, parece-me estar em conformidade com os ensinamentos antigos, bem como com os dos astrônomos modernos, desde que se modifiquem certos detalhes acidentais dos primeiros e que os segundos sejam completados por noções sobrenaturais.

Assim, Cristovão Vega, em sua *Theologia Mariana* (n. 1874), nos diz: "Eu estabeleci, antes de tudo, que o corpo de Maria Santíssi-

---

66 Mat. XXV, 34. Um reino é um país que compreende muitas regiões. Mas, se é o *reino dos céus,* compreende numerosos céus. Se é o *reino de Jesus Cristo*, a quem tudo está sujeito no céu e na terra, abrange *todos os céus* e a terra, e até mesmo de certo modo, o inferno. Se é *o reino preparado desde a origem do mundo*, Deus formou o universo tendo em vista esta destinação; e os santos, além disso, reinando com Jesus Cristo... terão o mesmo reino que Ele. Isto é, terão, de início, os mundos do Empíreo, e, depois, os mundos que serão glorificados após o Juízo Final.

ma, já glorificado, esteja agora na superfície convexa do empíreo, como muitos teólogos pensam também dos corpos de outros bem-aventurados; mas com a diferença de que o corpo da Virgem ... ocupa um lugar mais alto. Vários autores dizem a mesma coisa de Jesus Cristo e explicam nesse sentido esta passagem de São Paulo: "Era conveniente que tivéssemos um tal pontífice, santo, inocente, sem mancha, separado dos pecadores, *e nos tornássemos mais elevados do que os céus"* (Hebr. VII, 26). Suarez pensa o mesmo ... Cajetano também diz: *Na superfície esférica mais externa do empíreo, Deus dispôs uma elevação na forma de cume e um trono para o Imperador soberano que é Jesus Cristo; mas as outras moradas ou regiões* (*reliqui autem situs*) *são as dos bem-aventurados, que estão tão próximos de Cristo que lhe assemelham devido aos seus graus de graça*" (Crist. Vega, *Theol. Mariana*, n. 1874)

39. – Os progressos da astronomia, em conjunto, desordenados, nos impedem de admitir *a superfície* convexa ou côncava dos céus. Não havia um consenso, entre os antigos que acreditavam que as estrelas, como também os espaços entre elas, formam corpos homogêneos. Vejamos Santo Tomás a respeito deste ponto: *este espaço no qual as estrelas se movem não pode estar vazio, porque é impossível que exista vácuo na natureza.* Mas o que preenche esse vazio não pode ser ar nem fogo, porque esses são elementos corruptíveis, enquanto que os céus são incorruptíveis. Portanto, deve-se concluir que *todo o espaço, no qual as estrelas parecem se mover, está cheio de um corpo celeste que pertence à própria substância das esferas*[67]. Esse corpo que continua até às estrelas é invisível, por não ser tão denso quanto as estrelas, mas é sólido, o que não impede que seja diáfano.

Assim, para Santo Tomás e os outros escolásticos, os céus eram semelhantes a imensas calotas, todas em uma peça, sobrepostas umas às outras, tendo um fundo invisível, embora sólido, e aparecendo apenas por seus ornamentos luminosos, que são as estrelas. Estas, segundo eles, não se movem por si mesmas, mas, fixadas em sua esfera, são arrastadas em um movimento circular pelas esferas invisíveis[68], *e as esferas não se movem senão para moverem as estrelas*[69].

40. – É lógico que essas noções das esferas celestes deveriam modificar o raciocínio desses teólogos sobre a disposição e a forma externa do Céu Empíreo. Nós, que desfrutamos dos progressos da ci-

[67] De caelo et mundo, lib. 2, lect. 13, n. 3
[68] De caelo et mundo, libr. II, lect. 13
[69] Ibid. lect. 19, n. 3

ência, precisamos adotar um procedimento muito simples sobre essas questões. Aceitamos os princípios teológicos desses grandes homens, mas modificamos suas aplicações de acordo com os dados de uma astronomia mais esclarecida. Nisto imitamos o exemplo do próprio Santo Tomás, que não desdenhava citar a autoridade de astrólogos de seu tempo[70].

41. – Vamos, portanto, retomar o raciocínio de Cristovão Vega e dos outros escolásticos e traduzi-lo para a linguagem moderna.

Não existe *superfície* côncava ou convexa que envolve ou é envolvida pelo universo. Mas há um número muito grande de diferentes sistemas planetários ou mesmo estelares, e cada um desses sistemas é composto por uma variedade mais ou menos considerável de corpos celestes.

O universo tem um centro. Os vários sistemas estão escalonados a determinadas distâncias e circulam ao redor do centro, cada um na zona que lhe foi atribuída.

Mas, os sistemas mais distantes do centro não circulam! Eles formam o Céu Empíreo, ou a morada dos bem-aventurados. O Céu Empíreo não tem movimento circular. *Ele é o mais elevado dos lugares materiais e não tem mutabilidade*[71]. *Tudo o que se move, move-se para evitar algum mal ou para adquirir algum bem*[72]. Mas o Céu Empíreo já está glorificado e não precisa buscar a perfeição através do movimento[73]. Está em repouso porque chegou ao seu lugar e ocupa o seu espaço final[74].

Como o Céu Empíreo está em repouso, todos os sistemas, todos os mundos, todos os corpos que o compõem estão também em repouso. Mas eles são, no entanto, dispostos de modo a formar céus mais altos ou mais baixos no Empíreo, segundo estas expressões das Escrituras Sagradas: *Nem o céu* ***nem o céu dos céus*** *podem conter Deus*[75]*; Eis que o céu e* ***os céus dos céus*** *(Ecl. 16, 18)... e tudo o que está incluído nele tremerá à sua vista;* ***céus do céus****, louvem ao Senhor (Sl 148, 4); olhai-nos de vosso santuário e deste lugar onde vós habitais*

---

[70] De caelo et mundo, libr. II, lect. 9, n. 1, etc.

[71] Caelum empírico é supremum corporalium locorum, et est omnem extra mutabilitatem. 1. q. 102, a. 2, ad 1[m].

[72] De caelo, etc. libr. I, lect. 21, n. 13

[73] Como dissemos em nosso prefácio, o empíreo não se move como estando em estado de prova, e nem à *procura* da perfeição, porque já é perfeito. Mas os eleitos glorificados podem movê-lo. É preciso ter em conta essa advertência todas as vezes que falamos da imobilidade do Paraíso.

[74] Quaecumque mota quiescunt, tunc quiescunt quando perveniunt locum. Ibid. n. 14

[75] 3 Reg. VIII, 27, 18; 2 Paral. II, 6; VI, 18.

no mais alto dos céus *e abençoai vosso povo de Israel (Deut. 26, 15); o reino dos céus é para os pobres de espírito e para os que sofrem perseguição por justiça (Mat. 2, 14)*.

O empíreo é, portanto, uma grande divisão dos céus e se subdivide em um maior ou menor número de céus. Deus ocupa especialmente o mais alto céu do empíreo: *Hosanna in altissimis*, glória a Deus no **mais alto** *dos céus* (Mat. 26, 15); *Gloria em altissimis Deo* (Luc. 2,14); é o céu espiritual, onde reina somente o Espírito infinito.

Imediatamente abaixo está o céu reservado à santa humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima. *Nosso Senhor Jesus Cristo foi elevado acima dos céus inferiores* (Hebr. 7, 26); *Ele ascendeu acima de todos os céus* por sua divindade, que é infinita; *Ele ascendeu* por sua humanidade *acima de todos os céus* que devem ser transformados, e acima de todos os céus inferiores do Empíreo, *para ocupar todas as coisas*[76]. Subir mais alto, muito alto, no topo do empíreo, não significa uma falta ou diminuição de influência ou de poder nos céus inferiores. É preencher mais espaço, com sua radiação. E o Deus-Homem ocupa o mais alto dos céus materiais para encher, com sua virtude, todo o finito.

42. – Maria Santíssima está no mesmo céu que a santa humanidade de seu divino Filho, segundo Santo Agostinho, Santo Alberto Magno e São Pedro Damião. *O trono do rei da glória Vos é dado, ó Soberana,* diz o grande bispo de Hipona; *o próprio Rei da glória, amando-Vos mais do que todas as outras criaturas, como sua verdadeira Mãe e a bela Esposa do Espírito Santo, Ele vos associa num amplexo de amor*. *A Virgem*, diz também São Pedro Damião, *elevada ao trono de Deus Pai, está colocada na própria Sede da Trindade*[77], o que não deveria parecer surpreendente. Porque, estando apenas a Trindade no céu espiritual e infinito, que concebemos como se estendendo infinitamente em todas as direções, fora do universo, o trono da Trindade é o próprio universo e notadamente as mais altas esferas do Céu Empíreo.

Ora, o Deus-Homem e sua digna Mãe presidem juntos o universo. Eles formam, por assim dizer, uma transição entre o infinito e o

---

[76] Ephes. IV 10. Nulla ratio cogit ut nomine caeli ... unum tantum corpus caeleste, illudque supremum et empyreum intelligatur, nam frequens et usitatus modus loquendi habet, ut nomine caeli simpliciter dicti totus ordo caelestium corporum comprehendatur. Qui mos etiam frequens est in Scriptura, etc. (Suarez, Metaph. Disp. 13. sect. 11. n. 26). Mas quando as Escrituras falam *de céus* (no plural) e ao mesmo tempo do Céu Empíreo, ela designa uma pluralidade de corpos celestes no Paraíso. É o que nos parece, pelo menos, secundariamente.

[77] Citado por Cristóvão da Vega, Theolog. Mar. N. 1973

finito. Maria Santíssima, como preparação para a união hipostática, e Nosso Senhor Jesus Cristo como homem hipostaticamente unido à divindade. Portanto, somente eles ocupam todo o mais alto céu material. Nosso Senhor Jesus Cristo como o Rei e Maria Santíssima como a Rainha do universo. Eles têm tudo a seus pés, as esferas dos coros angélicos, as esferas dos Apóstolos, as dos outros santos, e todos os céus inferiores: *no céu, na terra e no inferno, tudo dobra o joelho* para adorar o Verbo incarnado e venerar profundamente sua divina Mãe (Filip. 11, 10).

43. – *Deve-se considerar como certo que Maria Santíssima foi elevada à glória acima de toda pura criatura*, diz São Bernardino de Siena. P*or si só*[78], *Ela forma toda uma ordem distinta, toda uma hierarquia, onde a razão correta nos impede de supor qualquer outra pessoa, porque convém que o Filho de Deus tenha apenas uma Mãe natural. Mas a razão natural nos diz espontaneamente que a Mãe do Rei de todas as coisas deve estar colocada em um trono que domina todas as ordens dos ministros*[79]. Fulbert de Chartres fala assim a Maria: *Vós estais colocada* ***nos reinos celestes****, acima de todos os coros das Virgens.* E a Igreja também canta: *A Santa Mãe de Deus foi exaltada acima dos Coros dos Anjos*, **nos reinos celestes**. (C. Vega, loc. cit.)

44. – O Empíreo é, portanto, composto por um grande número de reinos: *caelestia regna*; é o *reino* ***dos céus***, quer dizer, este reino composto de um grande número de *céus*, sobrepostos uns aos outros, os inferiores servindo de tronos aos bem-aventurados dos céus superiores, e estes sendo a morada de Jesus Cristo, de Maria Santíssima, dos anjos mais ilustres, dos doze Apóstolos *que julgam as doze tribos de Israel* (Mat., 19, 28), de acordo com a dignidade e os méritos destes felizes habitantes do Paraíso.

45. – Ó Maria Santíssima, Vossa plenitude de graça é manifestada no céu, pela sublimidade do lugar que ocupais, e pela plenitude da Vossa irradiação em todo o universo que está aos Vossos pés; *pois, na terra, por mais que tenhais sido privilegiada em graça sobre todos os outros, tanto mais Vós obtivestes a glória incomparável no céu*[80]. Quão fácil é para Vós obter-nos toda espécie de graças, até graças temporais, uma vez que Vós presidas toda a natureza! Ah! Que confi-

[78] Á exclusão, não de seu Filho, mas de qualquer outra criatura.

[79] Tomo 3, serm. 3. De gloria Nom. Mariae, art. 2, cap. 1

[80] S. Bernard, In Assumpt. Serm. I .: Quantum enim gratiae in terris adepta est prae caeteris, tantum et in caelis obtinet gloriae singularis.

ança ilimitada desejo ter naquela que é *cheia de graça*! *Ave, Gratia Plena.*

Capítulo IV – Beleza de Maria Santíssima e beleza do Paraíso

Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te
(Cant. IV, 7).
Vós sois toda formosa, amiga minha, e em Vós não há mácula

Primeiro Ponto: Maria Santíssima é tão bela como um arquétipo divino encarnado, um céu mais belo do que todos os céus

46. – Segundo Cornélio a Lápide, essas palavras, de acordo com seu sentido *principal*, referem-se a Jesus Cristo e a Maria Santíssima. Entre as criaturas somente a humanidade de Jesus Cristo e a de Maria Santíssima é *toda bela e sem mancha*.

Houve um tempo em que até mesmo os anjos fiéis não eram *tão belos*, pois estavam na prova e poderiam ofender a Deus, embora, de fato, pela ajuda da graça, não tenham ofendido. Não eram pois *totalmente belos*, porque, podendo receber o sobrenatural e recusá-lo, tinham a graça própria para a prova, mas não a graça inabalável daqueles que estão confirmados na amizade de Deus.

Nosso Senhor Jesus Cristo sempre foi totalmente belo, porque era, desde o início de sua existência, absolutamente impecável, por causa da união hipostática de sua humanidade com a divindade. E Maria Santíssima sempre foi *tão bela* pelo privilégio da impecabilidade, que recebeu simultaneamente com a vida.

Mas, a impecabilidade era, por assim dizer, apenas o primeiro grau de perfeição dessas figuras incomparáveis. Sobre esse fundamento, Nosso Senhor Jesus Cristo acrescentou, quanto à aparência, *uma sabedoria e uma graça sempre crescente diante de Deus e diante dos homens* (Luc. 2,52) e, na realidade, Ele era a própria graça, quer dizer, Aquele em quem o Pai tinha posto toda a sua complacência (Mat. 3,17; Marc. 1, 11; Luc. 3,22), o bem-amado por excelência, a graça em sua fonte, pois todas as criaturas não recebem graça na sua plenitude (Jo. 1,16): ***Ele é cheio de graça e de verdade***! (Jo. 1,14)

47. – E Vós, ó Maria Santíssima, Vós sois também cheia de graça: *Ave, gratia plena*, mas como por reflexo; Vós estais cheia de graças recebidas por Vós e pelos outros homens (n. 30); mas até que grau chega esta plenitude? – *Vós sois toda bela, ó amiga de Deus*, a própria perfeição, *e nenhuma mancha há em Vós*! *Vós sois belíssima: bela no espírito, bela no coração, bela no corpo*; *não há mancha em Vós*: nem

mesmo um pecado venial, nem mesmo uma ligeira imperfeição; Vossa vida inteira é toda bela e sem mancha. O que mais dizer?

48. – Vós sois, ó arrebatadora criatura, o arquétipo divino encarnado, encarnado sem perder sua perfeição, encarnado para adquirir uma perfeição concreta que não havia ainda na mente divina. Ó maravilha! Para se fazer uma ideia pouco precisa, pode-se imaginar que há três ideias de mim mesmo na mente de Deus.

A primeira ideia de mim mesmo é o ideal absoluto da minha pessoa. Ou seja, a ideia divina do mais alto grau de perfeição a que sou chamado, o qual eu atingiria se tivesse sido e continuado a ser, sempre e em tudo, fiel à graça. Esse ideal é o arquétipo divino que me concerne. É confrontando-me com esse modelo que Deus me julgará. Este é o "eu mesmo" perfeito. Mas somente um ideal.

O segundo "eu mesmo" é aquela espécie de "fotografia divina" que retrata toda conduta, todas as vicissitudes, todas as variações do meu ser real, desde o começo de minha existência até o último momento da minha vida mortal. É a ideia que Deus tem da minha peregrinação temporal.

O terceiro "eu mesmo" é esse "eu mesmo" real e definitivo (ou seja, a ideia que Deus tem) que sucederá à morte e à ressurreição e não mudará mais.

Agora, quanta diferença há entre o primeiro "eu" e os outros dois! Quão distante o segundo está da perfeição do primeiro! E quantos traços e dos mais belos, figuram no primeiro, mas que jamais brilharão no terceiro! Ó miséria da minha pobre vida! Mas, infelizmente, exceção feita mais ou menos, esta é a triste condição de todos os homens: *não há homem justo na terra que faça o bem, e não peque* (Ecles. 7, 21); *se dissermos que não temos pecado, nós nos enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós* (1ª Jo. 1,8)

Mas Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima são os únicos representantes da raça humana que igualam em perfeição a seu arquétipo supremo. E até lhe acrescentam realidade! Ó ideais encarnados, Vós sois dignos de nossa admiração e de nosso amor! E quão orgulhosos estais da nossa espécie! Que não mais se diga que todo ideal é necessariamente imaginário, e nada mais, e que toda realidade finita é inferior ao seu ideal: olhai para Nosso Senhor Jesus Cristo! Olhai para Maria Santíssima! *Vós sois toda bela, ó minha bem-amada, e não há mancha em Vós*.

49 – *Se alguém afirmar*, diz o Concílio de Trento, *que o homem justificado pode, durante toda a vida, evitar todo pecado, mesmo ve-*

nial, sem um privilégio especial de Deus, como a Igreja admite a respeito da bem-aventurada Virgem Maria, seja anátema (Sess. 6, can. L23). É certo, pois, que Maria Santíssima nunca cometeu sequer uma falha venial. Tal é também a afirmação de Santo Agostinho: *Maria Santíssima recebeu graças suficientes para vencer o pecado completamente e em todos os aspectos, porque mereceu conceber e dar à luz Aquele que certamente não tinha nenhum pecado* (De nat. et grat. C. 36). Citemos ainda o Anjo da Escola: *a pureza se mede pela distância do seu contrário, que é mistura ou impureza; portanto, pode-se encontrar algo criado que atinja o máximo possível de completa pureza, se o contágio do pecado não o contaminou de maneira alguma; e tal era a pureza da bem-aventurada Virgem, que foi isenta* ***do pecado original*** *e do pecado atual*[81]. Digamos finalmente com Santo Epifânio, que *Maria Santíssima, excetuando-se somente Deus, é superior a todas as coisas, que Ela é* ***mais bela*** *do que os Querubins e os Serafins, e do que todo o exército angélico*[82].

50 – Maria Santíssima, sendo *toda bela*, é também bela quanto ao corpo. *Na Virgem Maria*, diz Santo Tomás, *realizou-se tudo quanto se refere à perfeição*[83]. A bem-aventurada Virgem tinha os melhores dons naturais e uma perfeitíssima complexão e disposição do corpo[84]. A Virgem Mãe de Deus foi a glória de toda natureza inteligente e de toda natureza sensível; foi superior a toda beleza e a todo esplendor criado[85]. *Ó Maria, o Espírito Santo disse de Vós não somente que* ***sois bela****, para indicar que tendes toda a beleza humana, mas acrescentou:* ***não há mancha em Vós****, para frisar que não tendes nenhum defeito. Assim sois supremamente bela (summe pulchra) pela posse de todos os bens e sois sem mancha pela ausência de todo mal e de toda falta*[86]. Segundo Santo Antonino, Maria Santíssima se assemelhava perfeitamente a Jesus Cristo perfeita e reciprocamente, porque Jesus Cristo, não tendo pai temporal, tinha que tomar sua forma de Maria Ima-

---

[81] Puritas intenditur per recessum a contrario, et ideo potest aliquid creatum inveniri, quo nihil purius esse potest in rebus creatis, si nulla contagione peccati inquinatum sit, et talis fuit puritas beatae Virginis, quae a peccato originali et actuali inmunis fuit. (In IV *Distinct.* 44. q. unic. a. 3. ad 3.)

[82] Solo Deo excepta cunctis superior existit; natura (elle est NÉE plus parfaite...), formosior est ipsis Cherubim, Séraphim, et omni exercitu angelico. Orat. *De laud. Deiparae*.

[83] In beata Virgine debuit apparere omne illud quod perfectionis fuit. In IV Dist. 30, q. 2. A. 1.

[84] S. Antonin, IV p. tit. 15. cap.10, 2.

[85] Virgo Deipara fuit omnis intelligibilis, ac sensibilis naturae gloria, et claritate creata superior. 7° concile général. Act. 3º.

[86] S. Bonav. Serm. 1. de B. Virg.

culada, e a operação divina, que realizava o mistério da Encarnação, não podia encontrar obstáculos. Ora, conclui este santo doutor, *Nosso Senhor Jesus Cristo é o mais belo dos filhos dos homens ...; portanto, a Virgem, Mãe de Deus, também é belíssima (Loco cit. c. 11)*. Também Santo Agostinho diz a Maria: *Se eu vos chamo de 'a forma de Deus', é porque sois digna disso*[87]*:* Ela era o tipo, o modelo do Deus-Homem! Ó perfeição de Maria Santíssima!

51 – *Vós sois mais bela do que o sol*, ó sublime Mãe de Deus; *Vós superais todo o sistema estelar e, se comparada à luz, Vós a superais*[88]. *Vós sois mais bela do que o sol* e todos os céus inferiores: a natureza inteira não é senão a escada dos Vossos pés. *Vós ultrapassais qualquer sistema estelar*, mesmo os mais brilhantes, os mais ornados, os mais bem dispostos do Céu Empíreo; Vós sois, depois de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo, o que há de mais atraente no Céu. *E se fordes comparada à luz, Vós prevaleceis sobre ela*; Vós superais até mesmo a luz da glória! Esta luz é uma criatura, e nenhuma criatura existe que vos iguale; Vós sois a flor suprema, a coroa mais nobre, a consumação beatífica da graça. Mais: a maternidade divina, especialmente glorificada, é uma graça de uma ordem superior. Seus esplendores se perdem nas alturas da união hipostática acima da glória comum dos santos, e estes esplendores se formam com as claridades que emanam do divino corpo de Jesus Cristo, assim como o céu superior do próprio Empíreo.

52 – Ó Maria, que estais no auge da beleza criada, ó Vós que superais em conhecimento toda criatura pura[89], dignais-Vos esclarecer-me sobre a beleza e a perfeição intrínseca do Paraíso. Quem pode fazer isso melhor do que Vós, que *sois o céu vivo construído por Aquele que completou o céu da natureza*? *Vós sois o céu onde habitou o fogo da Divindade, de onde Deus saiu como um sol nascente para iluminar aqueles que estavam mergulhados nas trevas*[90].

Vós sois o céu que excede incomparavelmente em excelência os outros céus, porque o Construtor e mantenedor dos céus se fez, Ele

---

[87] Si formam Dei te appellem, digna exsistis, libr. II Contra Munich. Cap. 44.

[88] Est haec speciosior sole, et super omnem dispositionem stellarum, luci comparata invenitur prior. (Sap. VII, 29).

[89] In beata Virgine fuit major cognitio, quam in aliqua pura creatura. Bernardin de Busto, p. 4. serm. 2. De virtut. Marian.

[90] Caelum animatum, ab eo, qui caelum extendit, elaboratum, ex quo caelo Deus inter medias tenebras de gentibus, tanquam sol oriens prodiit, et in quo Divinitatis ignis habitavit. (S. J. Damasc. in *Men. graec.* die 22 januar.)

mesmo, filho Vosso, sem concurso humano[91]*... Vós sois um céu mais divino que o céu, pois Aquele que fez o sol no céu nasceu de Vós, o sol de justiça*[92].

Vós sois um céu mais nobre do que aquele que envolve todo o universo (o Empíreo); Vós tendes, como estrelas, virtudes resplandescentes, etc.[93] *Ó céu da divindade*[94], fazei brilhar a meus olhos alguns dos Vossos raios, a fim de que eu conheça um pouco a beleza do céu dos Anjos e dos Bem-aventurados!

Segundo Ponto: As belezas do Paraíso segundo o Pe. Ségnéri

53 – Quão amável é a tua morada,
Senhor dos exércitos!
Minha alma suspira e desfalece
Desejando os átrios do Senhor;
Bem-aventurados, Senhor, os que habitam na tua casa,
Eles vos louvam sem cessar[95].

"Considerai", nos diz o Pe. Ségnéri[96], "como o Paraíso deve ser belo, pois é a casa de Deus: *Domus Domini*. Quanto mais nobre o príncipe, mais suntuosa e esplêndida deve ser a sua morada. Então, que casa podemos achar melhor do que a do maior dos reis? *Dominus dominum* (Apoc. 19, 6).

São em número de cinco as qualidades que tornam uma casa perfeita: a grandeza, a disposição, a beleza, a riqueza (opulência) e a amenidade. E essas qualidades, onde melhor se encontram senão na casa de Deus? Com efeito, a grandeza (do Paraíso) é tal que nosso fraco entendimento não somente não pode compreendê-la, mas é incapaz de dela fazer uma imagem: "*ó Israel, tão grande é a casa de Deus*" (Baruc, 3, 24). Já anteriormente tentamos descrever a imensidão dos céus (nº 5), e vimos em seguida que o Paraíso é ainda maior, pois engloba em proporções inimagináveis o universo inteiro (nº 21-21).

---

[91] Id. orat. 2 de Assumpt.

[92] Caelum caelo divinius, nam qui in caelo solem effecit, ex hoc justitiae sol ortu est. (Ibid. Orat. I De Hatie. B. M. V.)

[93] Caelum loco mundum ambiente nobilius, habitaculum virtutum fulgoribus, ceu stellis coruscans. (Ibid. Orat. 4 ***De Nativ.*** B. M. V.)

[94] Caelum Deitatis. Id. ***In cant. Ecclc . grace.*** Sono 1.

[95] Salmo 83, 2, 3 e 5.

[96] Manna dell'anima, 1ʳ nov.

"E a disposição do Paraíso? Nosso Senhor Jesus Cristo no-lo permite entender muito bem nesta passagem: *Na casa de meu Pai há um grande número de habitações*" (Jo. 14,2), o que indica simultaneamente a multiplicidade e a ordem, na maior variedade associada à mais admirável unidade das partes, embora se saiba que nos lares dos grandes nada produz tanta confusão quanto a multiplicidade de cômodos". Vimos acima (n^{os} 34-36) quanto o Empíreo é rico em categorias austrais, em sistemas, em corpos diversificados e como essas numerosas mansões estão dispostas em ordem de excelência, o que torna sua distribuição ao mesmo tempo simples e sublime.

54 – "Quanto à beleza do Paraíso, é suficiente 'dar uma olhada', mesmo de muito longe, ou seja, de nossa terra, para nos encher de admiração:

Senhor, eu amo a beleza da tua casa,

E o lugar onde reside a tua glória. (Salmo, 25,8)

"Sua riqueza? Mas, quem quiser uma riqueza que não seja falsa, deve procurá-la aí, se quiser encontrá-la: '*A opulência e riqueza estão em sua casa*'. (Salmo 61, 3 segundo os hebreus)

"Fora de sua casa o que desfrutamos é pobreza, não riqueza.

"Sua amenidade, por fim? Ora, não sabes que esta casa divina não é propriamente uma casa, mas antes um agradabilíssimo jardim de delícias? Daí seu nome de Paraíso: *vós tínheis as delícias do Paraíso de Deus*. (Ezeq. 28, 13)

"Como o salmista tinha razão ao exclamar: *Felizes aqueles que habitam tua casa, Senhor*! E qual é essa casa que te faz feliz somente pelo fato de nela habitares? As casas dos grandes, os palácios dos monarcas? Não, certamente. Ao contrário, neles seguramente é-se mais infeliz do que em Vossa casa, porque nela somos livres e nas outras, escravos.

"Somente a morada da bem-aventurança tem este privilégio de tornar felizes os que a habitam. Tal é a casa de Deus: Domus Domini (a casa do Senhor). O que esperas então apegando-te a uma casa sobre a terra, onde moram os que não têm por abrigo senão cabanas, os que habitam em casas de barro" (Jó, IV, 19).

Vamos tentar aprofundar ainda mais essas noções que o Pe. Ségnéri nos dá sobre a beleza, a riqueza e a comodidade do Paraíso, consultando a filosofia e a teologia escolástica.

Terceiro Ponto: Belezas do Paraíso julgadas segundo sua matéria

55 – Santo Tomás define assim a beleza: *é o esplendor da forma sobre as partes da matéria, dispostas com proporção, ou ainda sobre as diversas forças ou ações*[97]. Seus principais elementos são, portanto, a forma, o material e as qualidades de características de uma e de outra, porque deixamos para posterior meditação tudo o que diz respeito *às ações*, ou seja, às influências do Céu Empíreo sobre os céus inferiores. O que chamamos de riqueza e comodidade do Paraíso faz parte dos elementos que encontramos em sua beleza. Comecemos por estudar esta questão.

56. – Os escolásticos se ocuparam muito seriamente com a matéria dos céus[98] e se perguntaram se é da mesma natureza que a dos quatro elementos, ou seja, dos quatro corpos reputados simples: o fogo, o ar, a água e a terra. Concluíram, de modo geral, que os céus são constituídos de uma quinta essência, ou seja, de um outro corpo simples, incorruptível, que é o *éter*. Como se trata da constituição física de nossa futura morada, a questão é importante, longe de ser uma simples curiosidade. Mas para tratar dela devemos proceder como está indicado no item 40, levando em conta os progressos da astronomia e da química, sempre nos inspirando nos grandes princípios teológicos e nas grandes visões escolásticas.

57. – Os cinco corpos elementares dos antigos estão, hoje, substituídos por setenta corpos simples, cujo número pode aumentar ou diminuir com o progresso da química. Cada um desses corpos possui átomos especificamente diferentes, cujo peso e espessura variam consideravelmente segundo a espécie. Assim, o peso do átomo de hidrogênio é representado por 1; o do urânio por 240; o do ferro por 56; o do ouro por 196,5; o da prata por 108; o do mercúrio por 200; o do chumbo por 207; o do enxofre por 32; etc.

Cada um desses átomos, do ponto de vista matemático, é divisível indefinidamente, mas na realidade é indivisível por todos os meios físicos[99]; pois cada átomo tem sua forma específica que requer uma

---

[97] Opusc. de Pulchro: Resplendentia formae super partes materiae proportionatas, vel super diversas vires, vel actiones.

[98] S. Thomas 1. q, 66. a. 2. — De caelo et mundo, libr. I, lect. 6, n. 6, etc. Suarez, De opere 6 dierum l. I, c. 5; Disput. metaph. Tom. 1, Disputat. 13, sect. 10, et 11.

[99] Licet corpus mathematice acceptum sit divisible in infinitum, corpus tamen naturale non divisible in infinitum : in corpore naturali invenitur *forma naturalis quae requirit determinatam quantitatem* sicut alia accidentia. S. Thom. *Phys.* lec. 9.

certa quantidade *mínima* de matéria fixa e invariável como instrumento indispensável para suas manifestações sensíveis[100]. Também quando a ferrugem ataca o ferro ou a água régia o ouro, ou o ácido nítrico a prata, as moléculas desses corpos simples se desintegram para dar lugar a composições, mas os átomos permanecem materialmente os mesmos, não importando que composição de moléculas se formem a partir dos elementos heterogêneos. Pode-se, pois, concluir que há setenta unidades materiais diferentes, cuja multiplicação e suas várias combinações formam todo o universo material.

58. – Mas, estas diferenças específicas que distinguem os átomos de diversas naturezas provêm unicamente das formas substanciais destes átomos, ou antes, de uma natureza diferente do princípio material? O ouro, por exemplo, é ouro não apenas porque seus átomos têm a forma substancial de ouro, mas também porque a parte material de seus átomos se distinguem, independentemente de seu princípio formal, da parte material da prata, do mercúrio, etc.?

Grave questão da qual Suarez expôs sabiamente os "pros" e os "contras"[101]. *Grande número* de teólogos, diz ele, opinou que o princípio material, considerado em si mesmo e independente de qualquer forma, é o mesmo em todos os corpos, de modo que a matéria é una. De acordo com essa opinião, seria suficiente dar à prata a forma substancial de ouro, o que só Deus pode fazer, para que ela realmente se tornasse ouro, pois seus átomos não seriam de natureza diferente, mas parte da matéria, única no fundo, agrupada ou cristalizada de maneira diferente pelos diversos princípios ativos que são as formas.

Mas outros teólogos, dentre os quais se destacam Santo Tomás e Suarez, sustentam que a matéria é múltipla e que a ação diversa das várias formas não é suficiente para produzir seres materiais de natureza diferente: *as diversas coisas constam de matérias diferentes, pois a matéria (substância) dos espíritos não é a mesma que a dos corpos; esta não é a mesma dos corpos celestes e incorruptíveis ... Não há uma matéria única que potencialmente possa vir a ser qualquer coisa que seja* na natureza (Contra Gentiles, l, 2, c. 16, n. 8).

59. – Após essas observações, é mais fácil responder à seguinte pergunta: qual é a matéria dos céus empíricos e dos céus inferiores?

---

[100] Farges, Matière et Forme, 1e. partie, 1l, 2º, a.

[101] *Disput. melaph.* p. prior. Disput. 13. sect. 11ª A ciência hoje está de acordo com Santo Tomás de Aquino neste ponto e admite a pluralidade dos primeiros elementos da matéria, independentemente da diversidade das formas.

Se, de fato, seguimos a primeira das duas opiniões mencionadas acima, é claro que a matéria dos céus, sejam eles quais forem, seria fundamentalmente a mesma da terra, pois haveria apenas uma matéria-prima no universo. No entanto, como há um grande número de corpos simples, diversamente informados, nada nos impede admitir que os céus, especialmente o céu empíreo, sejam compostos dos mais belos e melhores elementos.

Agora, se, com o Anjo da Escola e Suarez, reconhecermos a existência de vários tipos de matéria, antes de qualquer forma propriamente dita (que, para dizer a verdade, me parece impossível admitir depois das noções escolásticas da primeira matéria e da forma, a primeira como sendo um poder puro e não tendo absolutamente nada determinado por ela mesma), devemos imediatamente concluir, a partir disso, que os céus são de constituição material bem diferente do da terra? Santo Tomás pensava assim, e baseou sua afirmação na crença de que os céus são incorruptíveis e que os elementos incorruptíveis não podem ser idênticos aos elementos decomponíveis, como os que nos são mostrados na terra.

60. – Com a devida vênia, não posso seguir o Mestre neste ponto[102], e por várias razões: 1ª) os céus e a terra têm a mesma constituição material, pelo menos genérica, porque a própria terra é, ela mesma, uma parte dos céus; 2ª) Os uranolitos ou massas rochosas caídas do céu são compostos de elementos materiais conhecidos: ferro, níquel, cromo, fosfato, silicatos, carbono, etc. Ademais, a análise espectral do sol e das estrelas leva às mesmas conclusões; 3ª) Todos os céus, excetuado o céu empíreo, foram tirados, como veremos em uma próxima meditação, do mesmo caos primitivo, da mesma *matéria informe* de que fala o Livro da Sabedoria[103]; 4ª) Não se admite mais hoje a incorruptibilidade dos céus estelares: "A análise espectral mostra-nos estrelas em vias de formação, outras na força e brilho da maturação, enquanto outras, tremeluzentes, indicam pelos raios vermelho-

[102] Existem “elementos comuns nos corpos celestes e nos terrestres. Isto é uma novidade. Uma novidade considerável. Até então eu sonhara com corpos celestes e terrestres... uma matéria mais sutil e mais pura; uma matéria separada e incorruptível. Foi um sonho. Hoje se ensina, sem objeções, que as estrelas volumosas, têm peso, densas, por vezes sólidas, por vezes gasosas, nesses pontos semelhantes à matéria daqui de baixo ... Fragmentos de corpos celestes caíram na terra e logo a análise química deles descobriu ferro, cobalto, manganês, cobre e outros metais e metaloides, representando cerca de um terço das substâncias que a ciência distinguiu nos corpos terrestres ... A luz do sol e das estrelas, submetidas à análise espectral, mostraram em sua substância, no estado de gás ou de vapor, ferro, cálcio, etc. ... As estrelas, de acordo com os astrônomos. . ., são feitas de um material em parte idêntico àquele que compõe nosso globo ". Vallet, *A ideia do belo*, II. vs. II, III.

[103] Creavit orbem terrarum ex matéria invisa Sab. 11, 18. (Criou o mundo de uma matéria informe)

escuros do espectro uma superabundância de hidrogênio, sinal de velhice e declínio"[104].

"Entre as estrelas, a análise espectral nos permite estabelecer categorias: umas são mais jovens que o nosso sol; outras, pelo contrário, são mais avançadas em seu resfriamento... O sol não escapa a essa evolução geral. Seus raios se extinguirão um dia, quando, à força de irradiar o calor e luz, cobrir-se-á, por sua vez, de uma crosta sólida"[105].

"*Nos princípios fundaste a terra* (ó Senhor), diz o salmista,
E o céu é obra das tuas mãos.
Eles passarão e tu permanecerás;
Eles todos (os céus inferiores) envelhecerão como um vestido;
***Tu os mudarás** como um hábito, e eles passarão.*
Mas tu, tu permaneces sempre o mesmo, e teus anos
não terão, pois, fim!
Os filhos de seus servos terão suas habitações (especialmente no céu emp*íreo*),
E sua descendência subsistirá diante de Vós[106].

61. – Destas várias considerações, podemos tirar inúmeras consequências importantes que iremos expor, em parte, nesta meditação e em parte na meditação seguinte.

1º. – Os setenta corpos simples, com todas as combinações possíveis e mais fáceis, nos dão uma ideia da perfeição material do Paraíso bem melhor do que se admitíssemos simplesmente uma *quinta essência* uniformemente comum a todos os céus. Com efeito, a variedade agrada: *varietas delectat*; e, desde que Deus quis fazer do Paraíso a morada da bem-aventurança definitiva e sem nenhuma mistura, imaginemos, quanto seja possível, a riqueza, a beleza, a variedade, a comodidade, as combinações materiais que formarão esses elementos entre si! Ouçamos M. Farges[107]:

"12 pessoas em torno de uma mesa de 12 lugares podem se organizar de 479.002.600 maneiras diferentes; entre dois jogadores de dominó, que tomassem sete dominós cada um, pode-se calcular mais de 137 milhares de partidas possíveis, diferentes. A imaginação recua perante esse resultado. O que lhe acontecerá se se tentar calcular o número de átomos contidos apenas no globo terrestre (cerca de 30 mi-

[104] Flages – A Ideia de Deus, 1ª parte, II, 2º.

[105] Lapparent. *Discurso pronunciado no congresso de Paris,* em 4 de julho de 1878.

[106] Salmo 101, vv. 26-29.

[107] A ideia de Deus, 1ª parte, II. 5º, B)., b).

lhões por milímetro cúbico) e o número de combinações possíveis? Todos os edifícios existentes nas cinco partes do mundo não seriam suficientes para conter os manuscritos necessários para os calculadores. E se acrescentarmos que nosso globo não é senão um ponto infinitamente pequeno na imensidade de céus, podemos concluir que o número total de combinações dos átomos do universo pode ser considerado praticamente como infinito".

Agora, pergunto, quão sublimes e quão arrebatadoras combinações pode operar a sabedoria divina para a beleza e a riqueza da Jerusalém celeste, servindo-se de setenta simples espécies diferentes, mas em que os átomos, infinitamente multiplicados, por assim dizer, não têm número?! Tudo aqui desconcerta nossa imaginação: as habilidades da ciência infinita, as possibilidades de variedade e de beleza por parte da matéria e o amor divino que quererá completar corporalmente por toda a eternidade uma de suas três obras-primas (itens 31 e 32).

62. – 2º) Além disso, se é verdade que Deus pode combinar admiravelmente toda a matéria, não é menos verdadeiro dizer que o céu empíreo será abundante dos mais finos, dos mais graciosos e dos mais ricos elementos. *A muralha da cidade de Deus era construída de pedras de jaspe; e a mesma cidade era de ouro puro, semelhante a um vidro claríssimo. E os fundamentos da muralha da cidade eram ornados com* ***toda qualidade de pedras preciosas****. O primeiro fundamento era de jaspe; o segundo de safira; o terceiro de calcedônia; o quarto de esmeralda; o quinto de sardônica; o sexto de sárdio; o sétimo de crisólito; o oitavo de berilo; o nono de topázio; o décimo de crisópraso; o undécimo de jacinto, o duodécimo de ametista. As doze portas eram doze pérolas; de modo que cada porta era de uma única pérola, e a praça da cidade era de ouro puro, como vidro transparente*... (Apoc. 21, 18-21). *E tinha um muro grande e alto com doze portas, e nas portas doze anjos, e uns nomes escritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel*.... (Ibid. 12). *E o muro da cidade tinha doze fundamentos; e neles os doze nomes dos doze Apóstolos do Cordeiro*. (Ibid. 14)

"As diversas belezas de *todas essas pedras preciosas*", diz Bossuet (O Apocalipse, cap. 21, 19,20), "representam muito bem os diversos dons que Deus concedeu a seus eleitos e os vários graus de glória que São Paulo explica de outra maneira pela comparação das estrelas*: "cada estrela difere, em clareza, de outra estrela*". Mas devemos acrescentar que o sentido místico e o sentido simbólico em nada prejudicam o sentido literal, que é como seu corpo. Eles não fazem senão

completá-lo nobremente. Os doze *Apóstolos do Cordeiro* e as *diversas tribos dos eleitos*, ou de Israel, têm *suas moradas particulares* na *casa do Pai Celeste* (ver itens 36, 38, anteriores), e a *habitação*, diz Santo Tomás, *deve convir àqueles que a habitam*, como é necessário que a *claridade exterior* da habitação *corresponda à luz interior* das almas felizes (item 32).

Ademais, não esqueçamos que *a cidade santa*, a Jerusalém celeste, é idêntica ao *terceiro céu* e ao céu empíreo (nn. 20-24; 37, 41). Consequentemente, *outra é a claridade do sol*, ou da morada, por exemplo, de um apóstolo; outra, a *claridade da lua*, ou da morada, por exemplo, de um santo servidor; outra, a *claridade das estrelas*, ou dos predicados físicos, glorificados, dos grandes santos (1ª Cor. 15, 41).

63. – Oh! Como deve ser doce nos privarmos, aqui na terra, de bens materiais que não nos são absolutamente necessários, pois todos esses bens são muito imperfeitos, grosseiros, feios, perecíveis, danosos! *Tendo comida e roupas, contentemo-nos com isso, porque aqueles que a todo custo querem se enriquecer cada vez mais caem na tentação e nas redes do demônio... A raiz de todo mal é a cupidez*. Temos tudo a perder, correndo atrás desses bens imperfeitos e tão enganosos. *Por isso, homem de Deus, fuja dessas coisas e busque a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão... Alcance a vida eterna* (1ª Tim. 6, 8-12). *Todos os bens nos virão com ela, até mesmo os bens materiais mais preciosos; nós nos alegraremos com tudo aquilo que é bom, pois a vida eterna é a mãe de* ***todos*** *os bens*. (Sab. VII, 11-12)

Quarto Ponto: Belezas do Paraíso Celeste segundo suas formas

64. – Por uma questão de brevidade, resumimos em poucas palavras esse grande e excelente assunto, na esperança de completar as noções a seguir.

1°) Os antigos poderiam se perguntar simplesmente qual *é a forma* substancial do *céu empíreo*, eles que acreditavam que todo o céu é um corpo homogêneo e que todos os céus formam, em conjunto, *uma quinta essência*.

Temos a dizer que, no empíreo, existem tantas formas especificamente diferentes quanto corpos especificamente diferentes; e que esses corpos não são apenas os corpos simples, mas também todos os corpos quimicamente compostos, tal como a maior parte dos que vemos na terra.

Além disso, os céus, incluindo o céu empíreo (n. 37, 41), são compostos particularmente por corpos e até mesmo sistemas de corpos celestes; mas essas massas não têm a unidade que se vê em uma planta ou em um animal, onde reina, além disso, uma só forma substancial: têm apenas a unidade que provem de formas acidentais. Por conseguinte, elas são agregados de substâncias diversamente informadas, as quais, como observamos anteriormente, podem se prestar à mais admirável variedade.

2°) – Se se considerar, sob o ponto de vista da forma, a matéria do céu empíreo, pode-se dizer que ela é, em vários aspectos, corruptível e, em vários aspectos, incorruptível. É naturalmente incorruptível nos seus primeiros elementos. Assim o átomo do ouro, da prata e de todos corpos simples não podem ser alterados por causas finais. São fisicamente indivisíveis e sua forma existe sempre. Em ato, se o ouro for puro. Ou em potência, se na composição entra um outro corpo. Somente Deus tem poder para alterar os corpos simples, quer dizer, as unidades primeiras da matéria[108]. Mas os corpos, considerados neles mesmos, se forem compostos de elementos simples em número mais ou menos grande, estão sujeitos à corrupção. É por isto que, se o Céu Empíreo não se constitui senão de corpos incorruptíveis, então mesmo que estes sejam compostos, como realmente são, esta incorruptibilidade provém de uma causa extrínseca e sobrenatural, mas não da condição da matéria.

Tal é o entendimento de Platão, citado por Santo Tomás. Segundo essa filosofia grega, Deus "fala" assim aos corpos celestes: *Vós sois solúveis por natureza, mas minha vontade é que sejam indissolúveis. Minha vontade prevalece sobre vossa constituição*. (1. Q. 66, a. 2).

Concluímos daí que nos corpos que constituem o empíreo brilham certas qualidades divinamente operadas neles. Eles são sujeitos de uma certa sobrenaturalização, análoga à que faz do homem um filho adotivo de Deus e um cidadão do Céu. Por conseguinte, os corpos do Céu Empíreo ultrapassam tanto os outros corpos, assim como o

---

108 Essas unidades são essencialmente constituídas por sua forma: forma de ouro, forma de enxofre, etc. Elas são como os fundamentos intrínsecos do universo material. Nada na natureza pode interferir nisso. Essas formas primitivas, ao disputar a matéria, engendram as formas secundárias, que são as dos compostos químicos, e passam assim do ato para a potência, assim que surgir a ocasião favorável. As formas secundárias são acionáveis pelos diversos agentes da natureza e estão sujeitas à corruptibilidade. O Paraíso Celeste, sendo a suprema perfeição material em ato, nele não há pois "luta de formas", mas as mais perfeitas nele prevalecem sem obstáculos.

católico ultrapassa o pagão e o corpo humano ressuscitado excede o seu estado natural.

65. – 3°) O corpo humano glorificado pela ressurreição será incorruptível e impassível, não, certamente, por causa de sua constituição, pois, como composto, pode estar sujeito à corrupção. Mas o império que a alma gloriosa exerce sobre ele e a proteção eficaz com que o envolve[109], *fará dele o rei de todos os corpos* e o protegerá de todo dano[110]. Ora, se o corpo do homem, o mais perfeito dos corpos, mesmo glorificado, não possui em si o princípio de sua incorruptibilidade, o que dizer dos corpos inorgânicos do Céu Empíreo?

Na verdade, estes não podem subtrair-se à corrupção senão em virtude de princípios que asseguram a incorruptibilidade ao corpo humano ou de princípios semelhantes. E estes princípios são Deus e as criaturas racionais. Deus enquanto causa eficiente e final última. As criaturas racionais enquanto causas meritórias e finais subordinadas: *O mundo foi feito para ser a habitação do homem. Donde ele deve convir ao homem. Mas o homem será glorificado pela ressurreição. Então o mundo também deverá ser igualmente*, embora proporcionalmente, *glorificado*... Deus *glorificará o mundo para agradar ao homem*, para fazer reluzir as perfeições divinas por meio dos corpos glorificados, inclusive aos sentidos corporais do homem: glorificação dos corpos *que não mudará em nada a sua espécie*, *mas que lhes acrescentará uma perfeição esplendorosa*... *Esta perfeição será sobrenatural* e procederá do Agente supremo... *Mas o homem merece esta glorificação do universo, a qual será feita em sua honra: como um homem pode merecer usar vestimentos suntuosos*...[111]

Então, se tais são as causas da glorificação futura do mundo, a glória atual, a incorruptibilidade e a beleza do céu empíreo nós devemos também atribuir a Deus, como autor do sobrenatural, também aos anjos fieis, a Nosso Senhor Jesus Cristo, a Maria Santíssima e aos Santos. Oh! Como toda esta habitação é moldada e disposta, inclusive do ponto de vista sobrenatural, para nos agradar e satisfazer todos os nossos gostos! E cabe a nós – a nós! – dar-lhe mais formosura por meio de mais méritos! A este respeito, a onipotência divina estará, por assim dizer, a serviço de nossos desejos! Nela Deus se empenhou em

[109] Santo Tomás, Suma Teológica, Supl. q. 82, a. 1.
[110] Ibid. Sed contra.
[111] Iibd. q. 90, a. 1.

nos contentar plenamente! *E não nos faltará absolutamente nada daquilo que desejarmos encontrar*[112].

66. – 4°) Assim, as belezas encantadoras do céu empíreo, como as dos bem-aventurados que o habitam, proveem sobretudo de formas acidentais. E são efeitos, não somente da boa vontade de Deus, mas também do interesse das criaturas racionais progredir no bem: *quem é justo se justifique ainda; e que aquele que é santo se santifique mais* (Apoc. 22, 11). *Bem-aventurado o homem... que dispõe de ascensões em seu coração... e que, neste vale de lágrimas, caminha de virtude em virtude* (Sal. 83, 6-8). O Paraíso é como um espelho claríssimo que espalha, nos seus diversos arredores, claridades e bondades conforme as pessoas que neles habitam. Tudo aí é proporcionado ao supremo grau. Portanto, não posso concordar com Suarez, que pensa que o empíreo é *por toda parte igualmente bonito e uniforme*[113]. Não. Em toda parte divinamente belo, ele o é, todavia de uma maneira proporcionada aos méritos de cada um, porque a felicidade acidental tem seus graus como também a felicidade essencial: *Multae mansiones sunt* (Jo. 14, 2).

67. – 5°) A cidade santa é bela com a luz de Deus que a inunda; e sua luz é semelhante a uma pedra preciosa de jaspe ou de cristal. (Apoc. 21, 11). A glória de Deus a ilumina e sua lâmpada é o Cordeiro (Ibid. 23). A luz é a forma do primeiro agente material que existe no céu[114]. O Céu Empíreo é uma luz, porém, por ser subtilíssima, não é condensada em um corpo, como no sol.... E ela pode ser a luz da glória[115] enquanto aperfeiçoando os corpos inorgânicos. É isto que torna inabaláveis os céus dos céus, quer dizer, as regiões, ou os "mundos", do Paraíso: *Ele (o Senhor) as estabeleceu para sempre; Ele pôs uma lei que não será transgredida* (Salmo 148, 6); Vós ouvireis (o estrangeiro) do céu onde está vossa habitação *firmíssima e inabalável* (II Paral. 6,83); são os céus do Céu Empíreo, que são *solidíssimos como se fossem de bronze* (Job. 37, 18). Os outros céus mudarão (60, 4º).

68. – 6°) Visto que as maiores riquezas, as mais raras belezas, as qualidades mais preciosas, vêm, tanto na ordem material quanto na

---

[112] S. Anselmo : Hoc scio quod nihil omnino aberit quod velis adesse. (*Meditatio XVII*: De futuris beneficiis Dei. D.

[113] De opere 6 die, lib. 1, c. 5, n. 5

[114] S. Thomas. Quodlib. VI, a. 19. q. 11 : Lux corporalis est forma primi corporis agentis, scilicet caeli.

[115] *Habet lucem caelum empyreum non condensatam … sicut corpus solis, sed magis subtilem: vel habet claritatem gloriae. (*1. q. 66, a. 3, ad 4m.)

ordem espiritual, da graça de Deus, este é o bem que devo procurar com o maior empenho: *Adveniat regnum tuum* (Mat. 6,10). *Ó Deus..., de vós está sedenta a minha alma, e quanto minha carne vos deseja!* (Sal. 62, 2)

Capítulo V – Quadro das moradas celestes

Primeiro Ponto: Explicação do texto - Morada celeste de Maria Santíssima

*Ego in altissimis habitavi, et thronus meus in columnna nubis. Gyrum caeli circuivi sola, et profundum abyssi penetravi, et in fluctibus maris ambulavi; et in omni terra steti; et in omni populo et in omni gente primatum habui (Eccl*i. XXIV, 7-10).

(Eu habitei em lugares mais altos e o meu trono está sobre uma coluna de nuvens. Eu só fiz todo o giro do céu, e penetrei a profundidade do abismo, andei sobre as ondas do mar, e percorri toda a terra; e em todos os povos, e entre todas as nações tive a primazia.)

---

69. – A linguagem divina que forma a Sagrada Escritura é eminentemente mais fecunda que a linguagem humana. Pode significar ao mesmo tempo várias coisas diferentes que se encontram nos diversos graus de perfeição. O motivo é que os ensinamentos de Deus têm como primeira fonte a inteligência infinita que não pode ignorar absolutamente nada, revelando qualquer coisa que seja. Essa inteligência pode, pois, ter em vista múltiplos assuntos utilizando apenas uma palavra, e essa palavra será igualmente verdadeira para todas as coisas que significa, embora as signifique de acordo com sua natureza ou sua excelência particular.

Portanto, a mesma passagem pode literalmente denotar a cidade de Jerusalém e, nos sentidos mais elevados, a alma cristã, a Igreja e a Jerusalém celeste. Essa maneira de instruir é a que melhor se adapta ao Organizador de todos os seres e de todos os movimentos. É a linguagem mais natural dessa Providência que organiza as coisas inferiores, de modo que elas sirvam às coisas superiores e, juntas, elevem harmoniosamente o homem ao Paraíso e à visão intuitiva de Deus.

70. – Algo disto encontramos na linguagem humana. Se raciocinarmos sobre a planta enquanto ser vivo, o que dizemos sobre ela também pode-se aplicar de modo mais perfeito ao animal, de modo mais perfeito ainda ao homem, mais excelentemente ao anjo e final-

mente de modo absoluto a Deus, que é a própria vida, substancial e infinita, fonte primária de todas as vidas.

71. – Deus quis adotar, na Sagrada Escritura, este método de instrução. Como testemunha e garantia disto temos a Igreja, a quem o Espírito Santo ensinou todas as verdades. E que, por exemplo, interpreta o mesmo texto, algumas vezes como se referindo à Sabedoria incriada, outras à Maria Santíssima e outras como a si mesma. Prova disso são as admiráveis palavras citadas no começo desta meditação. É a Sabedoria Eterna que a nós se faz conhecer. É, ao mesmo tempo, a absoluta Sabedoria de Deus e a Sabedoria hipostática em Pessoa, que é o Verbo, e a Sabedoria Encarnada que é Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas é, também com muita propriedade, embora em sentido menos elevado, a sabedoria compartilhada no mais alto grau, ou seja, a Santíssima Virgem Maria. Ou então a sabedoria orientadora dos homens, que é a Igreja. Ou ainda, em significado decrescente, a sabedoria sobrenatural dos santos e dos justos.

Toda sabedoria pode, portanto, dizer, cada uma em sua própria medida: *Eu fiz a minha morada nos céus mais elevados, e meu trono está sobre uma coluna de nuvem*: Eu habito nas alturas, e meu reino é benéfico como a nuvem que iluminou, abrigou e dirigiu os israelitas no deserto (Ex. 12, 21, etc.); meu domínio vem sobrenaturalmente de Deus. *Faço, sozinha, o percurso por todo o céu, penetro as profundezas do abism*o, porque tenho conhecimento das primeiras e supremas causas, que são os atributos divinos, sobre os quais repousa todo o finito. *Caminho sobre as ondas do mar*, por serem semelhantes a um raio sobrenatural da face de Deus, as vagas do mundo e as coisas transitórias não me atingem. E *pouso meu pé sobre todas as partes da terra; e exerço meu domínio sobre todos os povos e sobre todas as nações*; nasci *católica* (universal), tendo não somente um conhecimento superior do mundo, de sua origem e de seu fim, mas ainda uma divina supremacia contra a qual virão sempre se quebrar meus inimigos, e sob cuja influência meus amigos serão sempre cumulados de bênçãos em toda a extensão do globo e por todos os séculos.

72. – Se à sabedoria em seus graus inferiores pode-se aplicar corretamente esta linguagem, o que dizer da mais alta sabedoria participada, da mais sublime das criaturas, da Mãe de Deus?... O que dizer dEla se nós A considerarmos não como passageira na terra, mas como triunfante e gloriosa no Céu?! Tentemos compreender a sublimidade destas palavras.

Eu fixei minha habitação no mais elevado dos céus, e meu trono está sobre uma coluna de nuvens: minha parte de felicidade celeste é tão grande e incomparável que ultrapassa a de todas as partes reunidas dos anjos e dos bem-aventurados. *O sol ao chegar ao mais alto ponto de seu curso diário eclipsa totalmente as estrelas e a lua de tal modo que elas parecem não mais existir*. *Semelhantemente a Virgem Maria, mensageira da verdadeira luz* na mansão dos mortais*, prima por seu esplendor na luz inacessível do Céu Empíreo e faz empalidecer a dignidade dos espíritos angélicos e humanos, que, em comparação com Ela não podem nem querem aparecer*[116]. Também Cristovão Vega afirma *que somente o Filho de Deus pode descrever a glória de Maria e que os Anjos são incapazes de fazê-lo*[117]. Eis porque a Mãe de Deus pode dizer: *O meu trono está sobre uma coluna de nuvens,* nuvens brilhantes e graciosas que alegram todo o Paraíso, mas também nuvens que se elevam tão alto como *uma coluna* e como *um trono*, acima dos Serafins que podem alcançar tanta elevação.

73. – A Santíssima Virgem pode, do alto da celeste morada, continuar a falar assim: "De todas as puras criaturas *sou a única a percorrer todo o céu, penetro nas profundezas do abismo, caminho sobre as ondas do mar*. A glória excepcional com que o Todo-Poderoso me cumulou inunda, com suas fortes e doces claridades, todas as regiões e todos as moradas do Céu Empíreo. *Pouso meu pé sobre todas as partes da terra* dos vivos, porque nela não há ninguém que meu Filho tenha colocado acima de mim. E *exerço meu império*, beatificando de uma felicidade secundária, *sobre todos os povos e todas nações* que habitam o reino dos Céus".

Com efeito, depois de Deus, dizem os eleitos, "*Maria Santíssima é a fonte de nossa maior glória e de nossa maior alegria"*[118]. *É certo que os bem-aventurados se sentem mais honrados e mais contentes em contemplar o espetáculo único da beleza de Maria Santíssima do que em ver o conjunto maravilhoso da corte celeste, se nisto não se incluir Nosso Senhor Jesus Cristo* (Veja, ibid. n 1869). "*A suprema glór*ia, diz à Maria Santíssima São Pedro Damião, *depois da que provém da visão* intuitiva *de Deus, consiste em Vos ver e a Vós estar unido* por

---

[116] Sol lucidius incandescens, ita sibi syderum et lunae rapit positionem, ut sint quasi non sint et videri non possint: similiter et Virgo veri praevia luminis, in illa inaccessibili luce praelucens, sic utrorumque spirituum habetat dignitatem, ut in comparatione Virginis nec possint, nec debeant apparere (São Pedro Damião, Sermão da Assunção).

[117] Mariae gloriam solus Filius describere potest, non Angeli. Christ. Vega, Theolog. Mar. Syllabus rerum in voce Maria, et n. 1879.

[118] Post Deum major nostra gloria, et majus nostrum gaudium ex Maria est. S. Bonav.

amor"[119]. *A gloriosa Virgem*, diz também São Bernardo, *por sua Assunção, enche sem nenhuma dúvida, a felicidade dos habitantes do Céu com copiosos acréscimos de alegria*[120].

74. – Esta doutrina nos faz conhecer sempre melhor a morada local e material designada a Maria Santíssima no Céu Empíreo. Vimos, com efeito, como a divina Virgem ocupa no céu material o mais elevado (n. 38), que Ela compartilha com seu Filho por presidir com Ele toda a criação e por formar a transição do finito ao infinito (ns. 41-45). Os globos, os sistemas celestes glorificados estão dispostos de maneira a formarem e a completar materialmente a felicidade acidental dos eleitos. É para esta finalidade que o grande Artista os fez e ordenou. Não podem, pois, falhar em corresponder à sua destinação. Ora, uma vez que Maria Santíssima, como acabamos de ver, é tudo o que há de mais beatífico no Paraíso, depois de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo, é necessário que seu trono, sua habitação, seu astro, sua esfera, sejam visíveis a todos os santos em toda a extensão inimaginável (ns. 21-22) do *reino dos céus*, o que significa ainda o texto colocado em destaque no início desta meditação.

75. – *Eu fixei minha morada nos céus mais altos*: não é apenas a seção mais sublime do céu material que é a minha área, mas toda a extensão deste céu que circunda todos os astros. *E meu trono está sobre uma coluna de nuvens*: ele aparece a todos como o mais altamente colocado e envolto de uma riqueza, de uma beleza, de uma graça impossível de exprimir até na linguagem de um serafim. *Fiz, sozinha, toda a volta em torno do céu e penetrei a profundidade dos abismos*: esta morada, este reino, não o compartilho senão com meu divino Filho, e nosso reinado beatífico, o meu como o dEle, à maneira de uma inundação de suaves luzes, se expande sobre todos os mundos inferiores e todas as partes destes mundos onde se encontram bem-aventurados. *Eu caminho sobre as ondas do mar; e pouso meu pé sobre* ***toda a terra****; e exerço meu império sobre todos os povos e sobre todas as nações*: não somente reino com meu Filho sobre o oceano de todos os bens limitados que enriquecem o Céu Empíreo, sobre estes mundos glorificados, sobre seus felizes habitantes, mas, lá do alto, sou também a *Estrela do Mar* caminhante para quem está no estado de prova, e, em minha qualidade de Rainha e Mãe dos homens, abençoo os povos e as nações que me invocam.

---

[119] Summa gloria est post Deum te videre, adhaerere tibi. *Serm. 1*, De Nativ.

[120] Virgo gloriosa caelos ascendens supernorum gaudia civium copiosis sine dubio cumulavit augmentis. Serm. 1 De Assumpt.

76. – Ó grande Mãe de Deus, acolhei estas duas lágrimas filiais que brotam de meus olhos quando penso em Vossas grandezas, nas pulcritudes e nas imensidades do Paraíso. Fazei, se for de Vosso agrado, que, fiel às graças que Vós me dispensais do alto de Vossa gloriosa morada, eu santifique minha peregrinação terrena e não termine meus dias de prova senão para Vos contemplar, a Vós, a alegria do céu, a Vosso divino Filho, Salvador e *Rei imortal dos séculos* (I Tim. 1, 17) e a Deus, Oceano infinito do ser, da verdade, do belo e do bem.

Segundo Ponto: Visão de conjunto das moradas celestes abaixo daquela de Maria Santíssima

77. – *Está escrito: Nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais passou pelo pensamento do homem o que Deus preparou para aqueles que o amam; a nós, porém, Deus revelou-o por meio do seu Espírito; porque o Espírito tudo penetra, mesmo nas profundezas de Deus*. (1ª Cor. 2, 9-10). Trata-se neste texto, primeiro e diretamente, do mistério da Encarnação e dos bens espirituais que devem decorrer para a salvação do homem, mistério e favor que jamais a razão humana, abandonada às suas próprias forças, não poderia nem conjecturar, mas que conhecemos graças à revelação que nos fez o Espírito Santo.

Mas, segundo as observações feitas anteriormente (nn. 69-71), o Apóstolo inspirado fala igualmente dos efeitos ulteriores da Encarnação e da graça do Redentor, quer dizer, das recompensas eternas *que Deus tem preparado para aqueles que O amam.* Esta é também a interpretação de excelentes comentaristas.

78. – É por esta razão que não teríamos audácia e nem capacidade para tratar do Paraíso, de suas glórias espirituais, de suas moradas materiais, se Deus nada nos tivesse revelado através de sua Igreja ou das Sagradas Escrituras, nem por *esta espécie de Evangelho material e visível que é a natureza*[121]. Felizmente as luzes divinas que esclarecem a humanidade são abundantes e, embora nossos fracos olhares não consigam aperceber senão uma parte, segundo o dom que Deus concede a cada um de nós, este pouco que podemos contemplar já é contudo admirável.

79. – *Há muitas moradas na casa de meu P*ai, disse o divino Mestre (Jo. 14, 2). Mas, a *Casa de meu Pai*, *que está* ***nos Céus****, é a Jerusalém Celeste*, é o Céu Empíreo com todos seus mundos (nn. 20-22; 34-44). Que podem, que devem pois ser *estas numerosas mora-*

[121] Velum quoddam Evangelium corporale et visibile. Herbert de Boscham, piedoso autor da Idade Média, citado por Mons. Landriot. *O Simbolismo*, 1. I, c. I

das? São, certamente e antes de tudo, segundo Santo Tomás, São Gregório, Santo Anselmo, os diversos graus de glória e de beatitude. Mas estas expressões são genéricas e englobam, todas numa só, a felicidade essencial e a felicidade acidental dos eleitos. Mas estas moradas são também materiais e estão dispostas em forma de céus, como a Revelação e a natureza nos dizem em uníssono.

Entendemos, de fato, pela palavra *céus* os diversos graus da criação, esfericamente superpostos uns aos outros em consideração a nós, contendo corpos diversos como o ar, o éter e os inumeráveis astros, escapando à nossa percepção, por seu distanciamento, suas partes superiores[122]. As duas ideias principais, que se apresentam primeira e mais naturalmente a nosso espírito quando dissemos *os céus*, são a de um espaço infinito e a de um número prodigioso de globos que se movem nesse espaço.

Por conseguinte, *o reino* ***dos céus*** *e os* ***céus*** **dos céus** têm tantas *moradas* espaçosas quantos globos diferentes. E cada um destes globos pode ser dividido, como é presentemente nossa terra, em moradas mais restritas: *Há muitas moradas na casa de meu Pai*. É por esta razão que não consideramos o Céu Empíreo como um só corpo celeste, por maior que seja. Porque, concebido assim, ele não seria sequer *um céu* e muito menos ainda *o reino* ***dos céus***.

80. – Mas a Igreja, dir-se-ia, é frequentemente designada de *reino dos céus* no Evangelho, embora ocupe apenas um pequeno planeta. Respondo que essa denominação da Igreja não é senão uma derivação, de vez que esta não pode ter um sentido tão pleno como o da sua matriz, que é a Jerusalém Celeste.

É necessário observar ademais que a Igreja é designada assim por ser ela originária dos céus glorificados, de onde desceu seu Fundador, porque na terra ela vive da vida sobrenatural que recebe dos céus superiores, posto que é o viveiro dos futuros cidadãos e reis dos céus. E porque, considerada em sua totalidade como Igreja militante, Padecente e Triunfante, abarca realmente um grande número de mundos. E, enfim, porque quando da formação *dos novos céus e da nova terra*, o globo que ela ocupa será um "bairro" ou talvez uma cidade do imenso império dos céus renovados. A denominação dada à Igreja pe-

[122] A palavra *coelum* deriva, segundo alguns autores, de Koilos, cavidade, molde, côncavo, profundo. Outros leem *caelum*, donde os verbos *caelare* e *celare*, cinzelar, esculpir e esconder. Caelum vocatum est eo quod tanquam caelatum vas impressa lumina habent stellarum, veluti signa. (S. Isidore de Sév. Livre 13, Etymol. C. 4.) S. Ambrósio disse a mesma coisa: l. 2 Hexam. C. 4. Segundo estes Padres, e segundo a etimologia da palavra *céu*, não há céu sem estrelas.

lo Homem-Deus em nada se opõe à nossa interpretação das mansões celestes. Pelo contrário, confirma-a de muitas maneiras.

81. – Estas moradas, assim entendidas, nos dão uma noção um pouco menos imperfeita da descrição da *Cidade Santa,* feita por São João. De fato, considerar essa feliz morada como uma cidade, esquecendo por assim dizer, que ela é o *reino* ***dos céus***, a habitação *do Pai que* ***está nos céus***, o terceiro céu, o empíreo, é arriscar-se a fazer uma ideia muito inferior da que nos dá, ademais, a doutrina católica. Procuremos, pois, entender a descrição de São João colocando-nos num ponto de vista que se poderia chamar de astronômico.

82. – *A cidade tinha uma grande e alta muralha*. (Apoc. 21, 2). Esta proteção é grande e alta relativamente a nós, porque o empíreo, mesmo pela sua zona mais inferior, compreende todos os céus móveis com nosso sistema solar, os limbos, o purgatório e o inferno. Mas esta muralha é de apenas *cento e quarenta e quatro côvados* (Ibid. 17), e consequentemente *pouco se relaciona com a prodigiosa elevação dos edifícios desta cidade*[123]. Isso certamente não é surpreendente porque a muralha ou a linha demarcatória que separa o empíreo dos céus inferiores é a parte mais baixa e menos perfeita do Paraíso[124].

A muralha tem *doze portas e nas portas, doze anjos. E nas portas estão inscritos os nomes das doze tribos de Israel*. Há três portas em cada ponto cardeal; *as doze portas são doze pérolas, e cada porta é feita de uma só pérola.* Certas noções astronômicas são necessárias para se entender essas passagens.

83. – Existem, nos céus, astros nas mais diversas formas. O planeta Saturno tem a seu redor três anéis concêntricos, sólidos, opacos, separados por um espaço considerável e independentes uns dos outros. O cometa de 1744 tinha seis caudas dispostas em leque. Já se viu cometas cuja cauda ocupava mais de um quarto do céu; o cometa de 1843 media 62 milhões de léguas[125].

As estrelas chamadas nebulosas são ainda mais notáveis. Muito numerosas, são também de diferentes formatos. Formam cones, eixos, espirais, losangos, anéis. “Esta longa faixa branca, *que faz a volta no céu*, e que todo mundo conhece com o nome de *Via Láctea*, *é apenas*

---

[123] Pe. P. Drach*, Comentário sobre o Apocalipse*.

[124] Segundo Bossuet, a medida da muralha indica sua espessura e não sua largura. *L’Apocalypse,* cap. 21. Seria a espessura da zona limítrofe.

[125] Léon-Michel Desdouits, *Leçons élémentaires d’astronomie*, c. XL.

uma imensa nebulosa".[126] "Otto Struve acredita que as estrelas que compõem a Via Láctea formam, não um disco compacto, como William Herschel afirma, mas um anel em cuja circunferência haveria uma grande quantidade de massas, enquanto a parte vazia seria ocupada pelo nosso sol e algumas estrelas espalhadas a sua volta. Nosso sistema estelar seria apenas uma espécie de *nebulosa em forma de anel*".[127]

84. – Ora, uma vez que os céus acessíveis às observações da ciência humana nos apresentam anéis tão vastos, astros que abrangem um quarto dos céus, conjuntos inumeráveis de estrelas[128] que parecem formar apenas uma só e que envolvem todo o céu como uma larga faixa, eu me pergunto: estamos muito longe desse muro de que fala São João, que circunda a Jerusalém celeste e separa o céu empíreo dos céus inferiores?

Existem nebulosas em todas as partes do céu, como também imensos aglomerados de matéria cósmica. Tudo leva a crer que o apóstolo viu a muralha que separa o empíreo dos céus móveis e mutáveis, ou seja, a zona mais baixa do empíreo, onde começa a estabilidade da matéria e sua glorificação: *sua muralha era feita de jaspe*.

Aqui estão, pois, as três ideias que nos indica a muralha da Jerusalém celeste: a) a imobilidade da matéria, que alcançou seu perfeito equilíbrio; b) o limite que separa a morada da glória e os mundos em evolução; c) e a riqueza que nela existe em profusão.

85. – *A muralha tem doze portas*, três para cada lado da cidade, o que indica sua grandeza e sua perfeita simetria.[129] Estas doze portas estão colocadas num mesmo plano horizontal? Ou algumas dentre elas estão dispostas umas sobre as outras num plano vertical? O apóstolo não no-lo diz. Mas é claro que o Céu Empíreo, envolvendo os céus inferiores, se abre por suas doze portas sobre todos os pontos destes últimos.

86. – *Doze anjos estão nas doze portas*: é aí que começa o reino sobrenatural e glorioso, muito bem indicado pela presença dos anjos. Ninguém pode chegar lá sem a ajuda especial da Providência. Ade-

---

[126] Ibid. c. XIV n. 118. Certos astrônomos nos dizem mesmo que há várias Vias Lácteas nos céus, embora a olho nu enxerguemos somente uma.

[127] Marie-Nicolas Bouillet, *Dictionnaire des sciences,* verbete *Voie*.

[128] Contam-se dezoito milhões de estrelas somente na Via Láctea e há nebulosas em todo o céu.

[129] Veremos mais adiante (nos. 160-162), que o empíreo, na sua forma exterior, constitui um grande cubo. Parece mesmo que deve ser sua face interna que envolve imediatamente os mundos inferiores. Neste caso, ele teria duas portas em cada uma de suas seis faces.

mais, os mensageiros divinos estão lá para honrar os que entram e os que saem, todos filhos e bem-amados de Deus.

87. – As doze portas da cidade santa *têm os nomes das doze tribos de Israel*: a Igreja na terra é uma imagem da Igreja do céu. O Antigo Testamento, relativamente imperfeito, era o vestíbulo do Novo, e seus santos, genericamente falando, não igualaram em santidade os que se formaram no grande dia do Evangelho: *entre os filhos nascidos de mulher nenhum há mais elevado do que o grande João Batista; contudo, o que é menor no reino dos céus*, em sua qualidade de católico e como observador da lei da graça, na Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, este *é maior do que ele*.[130] É por isto que as regiões do Empíreo mais próximas das portas são particularmente as moradas dos santos que precederam a Nosso Senhor Jesus Cristo na Terra.[131]

Essa disposição da Jerusalém celeste nos leva a pensar numa de suas mais claras imagens materiais, o Templo de Jerusalém que tinha no começo *o pátio dos gentios*, depois, sucessivamente, o *dos judeus*, o *dos sacerdotes* e por fim o *Santo dos Santos*.

Noutra disposição, *as doze tribos de Israel* indicam sobretudo a multidão e a universalidade dos santos, nos diversos graus admiráveis de santidade, indicação muito bem colocada sobre as portas da Cidade de Deus.

88. – *E estas doze portas eram doze pérolas, e cada porta era feita de uma pérola*. "Todas estas hipérboles, diz-nos o P. Drach[132], são empregadas por São João para nos dar uma fraca ideia da beleza da esposa do Cordeiro". Peço perdão ao venerável autor destas palavras pois essas *hipérboles* não podem me agradar. Por que? Ora, se há pérolas aqui na terra, é de estranhar que as haja, e por mais fortes razões, no Céu Empíreo? Por que a matéria escolhida para compor o Paraíso material não deva ser aquela que há de mais rica e mais bela no reino mineral e animal? E desde que esta matéria serve, por assim dizer, de espelho na luz da glória, pode ser ela de menor valor do que aquelas substâncias mortais que se formam nas conchas de moluscos? Se os astrônomos veem três anéis ao redor de Saturno, se há nebulosas e cometas das formas as mais variadas, porque julgar estranho que o Empíreo tenha portas materiais e que estas portas sejam ao menos tão

---

[130] Mt 11:11. Nossa interpretação é uma das duas interpretações mais naturais a respeito desta passagem dentre as três dadas pelos melhores autores.

[131] *Duodecim portae designant patriarchas (...) per quos fides venturi Filii Dei, meritis beatae Virginis, ad posteros pertransivit*. São Bernardino de Siena, T. III, *Serm. De Assumpt. B.V.*

[132] Loc. cit.

ricas como as pérolas, e feitas de uma só peça? Estas realidades substanciais e palpáveis nada têm de oposição ao simbolismo nem aos significados místicos que os autores católicos encontram nelas. Pelo contrário, elas são as causas materiais. E a Igreja viva, também como as coisas espirituais que formam as belezas superiores do Paraíso, adquire pelos seres materiais glorificados realces sensíveis que completam as riquezas e as belezas da gloriosa Cidade de Deus. Vejamos sobre este ponto o Anjo da Escola, Santo Tomás de Aquino.

89. – "*Os olhos carnais não poderão fruir da visão da essência divina. Por isso, a fim de que haja uma compensação conveniente pela privação, ver-se-á a divindade nos efeitos materiais, sobre os quais se refletirão com evidência os sinais da majestade divina. Particularmente na carne de Nosso Senhor Jesus Cristo, depois nos corpos dos bem-aventurados e, enfim,* em todos os outros corpos. E assim será necessário que até os corpos celestes recebam uma maior influência da divina bondade do que quando estavam em estado natural. Influência que em nada mudará sua espécie, mas que lhes acrescentará uma certa glorificação"[133]. As palavras de São João, acima referidas, podem, pois, ser tomadas ao pé da letra, a menos que se diga que isto não é verdadeiro, e que a linguagem humana, mesmo a revelada, seja incapaz de retratar toda a beleza e toda a riqueza da felicidade da glória.

90. – Se as portas do Paraíso são de uma tal magnificência, o que dizer das moradas mais suntuosas que se escalonam de todas as formas até ao mais alto do Céu Empíreo? Pois *a conveniência exige que* o lugar material destinado à contemplação corresponda, por sua claridade exterior, aos diversos graus de claridade interior dos bem-aventurados[134]. Faz parte da felicidade acidental dos santos que um lugar conveniente seja indicado a cada corpo glorioso conforme o grau de sua dignidade[135]**.** Também o Apóstolo bem-amado, falando a respeito da cidade e dos alicerces dos edifícios, nos diz que *eram ornados de toda sorte de pedras preciosas* e que tinham *inscritos os nomes dos doze Apóstolos do Cordeiro*. Uma coisa é a riqueza das portas, outra coisa a suntuosidade dos fundamentos. Mas o que se deve entender por estes fundamentos?

---

[133] 3 p. q.90.a. 1

[134] *Locus corporeus deputatur contemplationi (...) propter congruitatem, ut exterior claritas interiori conveniat.* 1. p. q. 66. a. 3. ad 3.

[135] *Locus congrues unicuique glorioso corpori deputatus secundum graduam suae dignitatis pertinet ad praemium accidentale.* 3 p. q 84, a. 2, adl 5.

91. – Em astronomia (como o Paraíso engloba os céus dos céus e este é o céu por excelência), os alicerces são os corpos maiores e mais majestosos que regem os corpos menores. A nós afigura-se, então, estes alicerces colocados nas mais altas regiões do Céu Empíreo e tendo sob sua dependência todos os corpos de menor dimensão. E estes são os tronos que convêm aos Apóstolos do Cordeiro, especialmente melhores e mais proporcionados à claridade interior dos fundadores da Igreja[136]. Dessa forma as moradas materiais são elas mesmas glorificadas pelos reflexos daqueles que as ocupam, tão perfeita é a harmonia universal que reina nesta feliz habitação. A Igreja material está aí toda disposta de maneira a refletir corporalmente, de maneira admirável, as perfeições e os graus hierárquicos dos membros da Igreja viva e triunfante.

Nada impede, ademais, que os Apóstolos tenham como cortesãos, em suas esplêndidas *moradas*, melhor do que os reis da terra, as pessoas que lhes imitaram mais fielmente em seus lugares de prova. Seria um isolamento não ter acesso ao reino supremo da caridade, nem na sociedade mais feliz. Também os alicerces da Cidade são *ornados de toda sorte de pedras preciosas*, elas mesmas prodígios de riqueza.

92. – Quanto ao ouro puro, límpido como o cristal, que forma o pavimento do lugar e que serviu à construção dos edifícios, indica sobretudo as belezas e as riquezas comuns a todas as moradas do Céu Empíreo, que tem por fim distingui-los uns dos outros.

Ademais, tudo aí está medido com cuidado. Nada está colocado ao acaso. Prova disso é que todas as moradas colocadas entre as que são mais esplêndidas e as que são menos, estão postas na altura conveniente com ornamentos proporcionados à recompensa de seus habitantes.

Terceiro Ponto: As Províncias do Céu Empíreo e as residências dos Apóstolos

93. – Imagino também o Céu Empíreo dividido em doze imensas províncias, onde cada uma é presidida por um Apóstolo e terminando em uma das portas. Estas têm *inscritos os nomes das doze tribos dos filhos de Israel,* como vimos. Disse também o divino Mestre a seus caros discípulos: *Em verdade vos digo que, no dia da regeneração ou da renovação do universo, quando o Filho do homem estiver sentado*

[136] *Fundamenta ejus in montibus sanctis*: Os alicerces (da Cidade de Deus) estão sobre as montanhas santas (Sl 86:1).

no trono da sua glória, também vós estareis sentados sobre doze tronos e julgareis as doze tribos de Israel[137].

94. – Sobre esta passagem, Cornélio a Lapide assinala que o trono dos Apóstolos significa *sua função de juízes, sua dignidade e sua preeminência sobre os outros;* ***a proximidade, com relação a Nosso Senhor Jesus Cristo, do lugar que ocupam****, e sua união intimíssima com o Homem Deus; sua primazia na graça, na felicidade e na glória, sendo príncipes no reino dos céus, com direito de julgar os demais, admitir no Paraíso os que lhe são dignos e de excluir os indignos*. E Santo Tomás nos ensina em que consiste precisamente o julgamento que farão os Apóstolos: "eles proclamarão, disse ele, *a sentença pronunciada por Nosso Senhor Jesus Cristo... a fim de que cada um conheça o que lhe é justamente devido por seus méritos"*[138].

O Santo Doutor consagra em seguida todo um artigo para provar que *o poder judiciário é devido aos pobres que abandonam tudo e que não se apegam senão a Jesus Cristo*. Este poder lhes é devido, primeiro, porque, tendo calcado aos pés tudo que pode corromper o julgamento, *preferiram a verdade da justiça a todas as coisas*; segundo, porque eles mereceram a glória de ser juízes suportando por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo todas as humilhações decorrentes da pobreza; terceiro, porque, preparados pela pobreza, tiveram a inteligência e *o coração esclarecidos por toda a verdade divina, a fim de poder manifestá-la aos outros*[139].

95. – Múltiplas consequências decorrem naturalmente desta doutrina:

1ª – É óbvio que os Apóstolos conservam no Céu a mesma preeminência de que gozarão no dia do Juízo, porque as razões desta primazia não mudam e eles serão sempre os príncipes do Céu com todas as prerrogativas ligadas à sua dignidade.

2ª – Serão eles que, encarregados por Nosso Senhor Jesus Cristo de *fazer conhecer a cada um aquilo que lhe é devido por seus méritos*, indicam a cada eleito sua morada, como também a cada condenado sua medida de castigo.

3ª – Posto que os Apóstolos ocupam doze tronos, haverá pois, por assim dizer, doze reinos[140]; e como eles julgam da parte de Nosso

---

[137] Mt 19:28.
[138] 3a. Parte, q. 89. a. I.
[139] Ibid. a. 2.
[140] *Aperuisti credentibus REGNA caelorum. Brev. Rom.*

Senhor Jesus Cristo *as doze tribos de Israel*, ou seja, *todo o povo fiel do mundo inteiro*[141], eles reinarão com Jesus Cristo sobre toda a extensão e todos os habitantes do Empíreo, cada um especialmente sobre aquela que se designará como sua província, porque não é sem razão que o Evangelho nos apresenta como distintos as tribos e os tronos.

4ª – Na Igreja militante, imagem do Paraíso, os Apóstolos tinham a jurisdição sobre o mundo todo – *Euntes in mundum universum*[142] – mas trabalharam em regiões determinadas.

5ª – Seus tronos no Céu Empíreo são dignos dos amigos íntimos do Filho de Deus e se encontram altamente colocados nas regiões superiores dos céus glorificados, o que convém aos príncipes da corte celeste aos mais pobres, aos mais perseguidos, aos mais zelosos, aos mais santos, depois de Nosso Senhor Jesus Cristo.

96. – Mas, do alto de seus tronos, próximos do trono do Filho de Deus, sua glória e sua dignidade se irradiam por todo o Paraíso, e particularmente na região própria a cada qual, que termina em uma das portas do empíreo. É o que foi dito por Santa Vigilância, sobre a vida de Santo Astião: *A cidade de Deus é ilustríssima... Sua muralha tem doze portas... A primeira é a de São Pedro; a segunda, a de São Paulo; a terceira, a de Santo André; a quarta, a de São João; a quinta, a de São Tiago; a sexta, a de São Filipe; a sétima, a de São Bartolomeu; a oitava, a de São Tomé; a nona, a de São Matias; a décima, a de São Tadeu; a décima primeira, a de São Simão; e décima segunda, a de São Mateus*.[143]

Nesta enumeração não aparece o nome de São Tiago, filho de Alfeu, o qual, entretanto, conforme diz Nosso Senhor, possui também seu *trono*. Santa Vigilância nomeou São Paulo em seu lugar. Mas isto não representa uma grande dificuldade, porque, sem recorrer à interpretação mística dada comumente pelos autores, São Pedro e São Paulo podem melhor figurar em conjunto, visto como a Igreja lhes dá o mesmo nome de Príncipes dos Apóstolos[144], pois completaram juntos seu apostolado e a Igreja

---

[141] *... Super duodecim tribus Israël, intelligitur tota plebs fidelium totius mundi: quia (...) gentilitas (...) facta est consors promissionis factae patribus*. Santo Tomás, *Comment. in Matth.* C. XIX, 28.

[142] Mc 16:15.

[143] Citado por Cornélio a Lapide, *Comment. in Apoc.* C. XXII, 5.

[144] *Decora lux aeternitatis auream*
Diem beatis irrigavit ignibus,

celebra sua memória com uma mesma festa. Portanto, nada impede que compartilhem o mesmo trono no céu.

97. – Isto que acabamos de dizer sobre as portas do Paraíso não invalida o que afirmamos acima, de acordo com São João: que *os nomes inscritos nas portas são os das doze tribos dos filhos de Israel* (nº 87), pois estas portas, embora tenham os nomes das doze tribos, elas dão acesso às regiões presididas pelos doze Apóstolos que, como doze novos patriarcas e, num sentido mais elevado, engendraram espiritualmente as tribos cristãs e se encontram com elas nos mais altos páramos do empíreo graças a graus de perfeição mais sublimes.

98. – Estas explicações me parecem corroboradas pelo ensinamento formal de Nosso Senhor Jesus Cristo. Com efeito, Ele se apresenta a si mesmo retornando do Céu para julgar os homens no último dia e ordenando *que lhe façam vir seus servos, aos quais havia dado dinheiro (graças), para saber como cada um o havia aplicado*. A circunstância é a mesma da mencionada anteriormente (n. 93), mas o gênero de recompensa que será concedida a seus fiéis servidores está aqui melhor indicado. *Ao primeiro servidor, que chegou dizendo "Senhor, vossa libra rendeu dez outras libras", Ele disse: muito bem, bom servidor, como fostes fiel no pouco, tu terás poder sobre dez cidades. Um outro veio e disse: Senhor, vossa libra rendeu cinco outras libras. E a este Ele disse: Tu também esteja à testa de cinco cidades*.[145]

"Isso significa", observa Cornélio a Lapide, "que por uma libra receberás cem e, portanto, mil...; e, muito mais, receberás o governo de uma província..., por exemplo, 'dez cidades e mais ainda'. Por um pouco de trabalho e cuidado que terás tido na Terra, receberás grandes, admiráveis e inefáveis recompensas no Céu. E notadamente presidirás sobre aqueles aos quais terás feito tomar parte nos teus dons divinos na terra, tendo-os convertido a Jesus Cristo ou confirmando-os na fé e na virtude".

Apostolorum quae coronat principes,
Reisque in astra liberam pandit viam.
Hino dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, Brev. Rom. 29 June.

"Si hic audivorimus (Paulum praedicantem), et illic (in caelo) ipsum omnino videbimus, licet non e propinque stantes, videbimus tamen prope regalem thronum splendentem, ubi Cherubim Deum glorificant, ubi Seraphim volant, illic Paulum videbimus cum Petro Sanctorum Chori principem ac ducem, et ejus germana caritate fruemur" St. John Chrysosthom, *Breviar. Rom.* die IV julii, lect. IV.

[145] Lc 19:15-19.

99. – Ora, a obra dos doze Apóstolos foi tal que todos os dons sobrenaturais que se dispensam aos homens até o fim dos séculos, provêm, de algum modo, de seu ministério, de seus trabalhos e de seus exemplos, e de sua completa imolação à causa de Deus e das almas.[146]

Ademais, é graças a eles, depois de Jesus Cristo, que a Igreja figurativa do Antigo Testamento se transformou na Igreja relativamente perfeita do Novo Testamento e alcançou seu destino.[147] Portanto, a recompensa adequada a tais obras, em termos de felicidade acidental, não pode deixar de ser uma glória e uma preeminência sobre todas as tribos celestes e todas as regiões em que habitam.

100. – Ouçamos Santo Ambrósio comentando a passagem evangélica acima relatada: *as dez cidades são as almas sobre as quais reinam os que emprestaram às pessoas a moeda do Senhor, ou seja, a verdadeira doutrina. Pois, assim como se diz que a Jerusalém terrestre foi construída como uma cidade* (Sl 121), *as almas pacíficas e bem-aventuradas o são também; e assim como os anjos presidem, o mesmo fazem aqueles que mereceram a vida dos anjos*.[148]

"*Vós tereis a intendência de dez cidades*", diz o venerável Beda, isto é, tereis em recompensa nos céus uma felicidade e uma honra mais abundantes, e sereis glorificados nas regiões superiores por todo o bem que tenhais feito aos outros e por todos aqueles para cuja salvação tenhais cooperado. Porque, mesmo depois do Juízo, a ordem de dignidade e de homenagem, proporcionada à posição de cada um, permanecerá entre os bem-aventurados. É isto que levou o Apóstolo a dizer: "*Qual é nossa esperança ou nossa alegria, ou nossa coroa de glória? Porventura não o sois vós diante de Nosso Senhor Jesus Cristo na sua vinda? Sim, vós sois a nossa glória e a nossa alegria*."[149]

101. – Mas, como os Apóstolos responderão, no céu, às honras e às homenagens que recebem de seus inferiores? Santo Tomás ensina, quando diz: "Não há inconveniente em admitir que um receba alguma iluminação de outro, porque os anjos são iluminados por Deus e os homens pelos anjos. Não se deve, pois, estranhar que os homens sejam esclarecidos pelos Apóstolos que serão cheios de luz". "A ação dos Apóstolos não se limitará a julgar os homens. Como temos dito, eles

---

[146] Fui eu que vos gerei em Jesus Cristo pelo Evangelho, diz São Paulo (1Cor 4:15.), o que é verdade de todos os Apóstolos.

[147] Deus (...) nos fez aptos para ser ministros da Nova Aliança (...) do Espírito (...) um ministério muito mais abundante em glória do que o de Moisés (2Cor 3:6-13).

[148] Citado por Santo Tomás, *Catena aurea*, in Lucam, XIX. 17.

[149] 1Ts 2:19-20. Essa passagem de São Beda é citada por Cornélio a Lapide. *Comm. in Lucam*, 19:17.

também farão resplandecer uma certa luz sobre os justos... Como a luz foi dada pelos Anjos, a execução do julgamento será também feita pelos anjos", ou seja, pelos Apóstolos, "pois são chamados de anjos que serviram à justiça e abandonaram todo o resto, conforme a palavra de Jó: *o julgamento será confiado aos pobres*" (Jó, 36, 6)

102. – Assim se exprime o Doutor Angélico em seu Comentário sobre São Mateus[150]. É também a doutrina que a Igreja consagrou pela sua liturgia. *Que o globo exulte de alegria, que o céu reboe de louvores, a terra e os astros cantem em uníssono a glória dos Apóstolos. A Igreja os designa de juízes dos séculos e verdadeiras luzes do mundo. São eles que fecham* ***os templos*** *do céu e os abrem, por suas palavras. Os corações inebriados de alegria cantam as eternas dádivas de Nosso Senhor Jesus Cristo, a glória dos Apóstolos, os salmos e hinos que lhes são devidos. Eles são os príncipes da Igreja, os generais vitoriosos nas batalhas, os soldados da corte celeste e as verdadeiras luzes do mundo. Neles brilha a glória do Pai, neles triunfa o Filho, neles reina a vontade do Espírito, por eles o céu se enche de alegria*.[151]

Assim, a luz que os Apóstolos projetam a todas as regiões inferiores do empíreo não é uma simples claridade, mas uma efusão divina que se acrescenta à luz da glória e dá aos santos diversos contentamentos, que aperfeiçoam sua felicidade acidental. Deus se serve dos Apóstolos para completar a felicidade dos bem-aventurados, como se serviu deles para conduzir os homens ao reino dos céus. E desta maneira eles reinam gloriosamente no Céu Empíreo.

Ademais, o Paraíso é incontestavelmente o modelo mais perfeito de uma sociedade bem ordenada e de um império cujas partes são melhor harmonizadas entre si e o todo. A razão teológica vem, pois, acrescentar seu peso ao das autoridades que temos citado.

Quarto Ponto: Reflexões

103. – Mil vezes felizes são aqueles que durante o tempo tão curto de sua vida mortal, seguem fielmente os passos da augusta Mãe de Deus e dos santos Apóstolos! É adotando seu modo de ver, seus sentimentos, seus gostos e imitando sua conduta que se constroem ricas e imperecíveis moradas no Céu Empíreo. Portanto, será mais elevado e glorificado na celeste mansão quem tenha recebido mais graças e se empenhado em fazê-las frutificar: "*Porque fostes fiel nas pequenas*

---

[150] 19, 28.

[151] Hinos do Breviário Romano, Com. dos Apóstolos.

coisas, eu te estabelecerei sobre muitas".[152] Mas, a essas poucas coisas distribuídas a cada um de nós podem ser acrescentadas outras indefinidamente em número e em qualidade, porque a fidelidade aumenta as graças e as graças aumentam a fidelidade. Em grande parte depende, pois, de nós em nos elevar de grau em grau nos estados cada vez mais resplandescentes da pátria celeste.

104. – Ó Maria, ó a mais feliz, a mais santa e mais amável das criaturas, fazei uso, se for de Vosso agrado, de Vosso crédito todo poderoso para me obter a graça de Vos imitar na terra, a fim de que eu possa Vos seguir e participar de Vossa felicidade no céu. Eu Vos peço particularmente a graça desta sabedoria cristã, dom do Espírito Santo que brilhou em Vós no mais alto grau e que me é necessário para que eu aprecie, no seu justo valor, os bens espirituais e os bens eternos, a fim de os preferir sobre todos os outros. Se Vós dignardes atender a esse meu desejo, terei a felicidade de dizer convosco, mesmo que seja em pequena medida:

105. – *Estabeleci minha morada nos céus mais elevados*: meus pensamentos habituais, minhas mais frequentes aspirações são pelo Terceiro Céu, onde Deus teve por bem me preparar uma morada. Lá é o fim de minha existência. Ó! como é razoável que para lá tendam, constantemente, a minha inteligência, o meu desejo, a minha imaginação e tudo aquilo que em mim possa se elevar às regiões superiores!

Meu trono está sobre uma coluna de nuvens. É verdade que para viver no céu[153] devo ser levado por uma força sobrenatural que me arranque da tirania dos sentidos, rompa os liames que me prendem a este mundo visível e me transporte como num carro, malgrado as resistências da natureza e malgrado *o príncipe das potências do ar*[154]. Mas esta força, este carro, *este trono* é a fé, esta *fé que é vitoriosa no mundo*[155]*,* onde o *bom combate* me faz *conquistar a vida eterna, à qual sou chamado.*[156]

106. – *Faço, sozinha, o percurso por todo o céu, penetro as profundezas do abismo*; *ando sobre as ondas do mar*: minha alma, na solidão, medita nos bens inefáveis *do* ***reino dos céus***; desço, em pensamento, ao abismo da perdição e, tão assustada com esse último espetáculo quanto encantada com o primeiro, vivo nesta terra como se caminhasse sobre as ondas do mar, sempre preparada para a morte, não

---

[152] Mt 25:21.
[153] *Nostra conversatio in caelis est*. Fl 3:20.
[154] Ef 2:2.
[155] 1Jo 5:4.
[156] 1Tm 6:12.

vendo, por assim dizer, senão uma superfície nua e móvel e não me apegando a nada, porque *a figura deste mundo passa*.[157]

Que Vossa graça, ó meu Deus, que Vossa benigna proteção, ó Maria, sustentem minha frágil embarcação sobre esse mar, no meio destas ondas que devo atravessar; que elas não me engulam, mas que eu as domine. Acompanhai-me com o vento favorável de Vossas celestes inspirações, a fim de que não fique nem um só momento parado, mas que, pelo cumprimento contínuo de meus deveres, eu *marche* sem cessar em direção ao porto.

107. – *Eu percorri toda a terra:* quer dizer, *examinei os meus caminhos* em todos os sentidos que se abrem para mim em toda a terra, a tudo o que poderei fazer e me acontecer durante os dias de minha prova, e *voltei os meus passos para os vossos preceitos*.[158] *Vaidade das vaidades,* diz o Eclesiastes*, todas as coisas são vaidade*;[159] apenas uma é *realmente importante para o homem*: *temer a Deus e observar seus mandamentos*, pois Ele tomará em conta, em seu julgamento, todas as faltas, todo o bem e todo o mal que se terá feito.[160]

108. – T*enho a primazia sobre todos os povos e nações*: esta sabedoria cristã dá a todos aqueles que a praticam uma grande superioridade sobre toda a parte da raça humana que não a pratica, por maior que seja. É preciso desprezar o mundo para dominá-lo. *Procurai, pois, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo*.[161] *Todo aquele que, por minha causa, tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, receberá o cêntuplo nesta terra e terá, por herança, a vida eterna*.[162]

Maria Santíssima e os Apóstolos procederam assim para reinar depois no Céu: *Vós os fizestes príncipes sobre toda a terra*[163] da prova para os tornardes, depois, príncipes sobre toda a terra dos vivos. Ó, como é verdade que servir a Deus é reinar! E como é nobre este reinar!

---

[157] 1Cor 7:31
[158] Sl 118:59.
[159] Ecl 12:8
[160] Ecl 12:13,14.
[161] Mt 6:33.
[162] Mt 19:29.
[163] Sl 44:17.

Capítulo VI – O mundo acessível às nossas observações nos dá uma ideia da disposição das mansões celestes, em razão da unidade do plano divino.

Fundamenta ejus in montibus sanctis: Diligit Dominus portas Sion super omnia tabernacula Jacob. Gloriosa dicta sunt de te, Civitas Dei ... Numquid Sion dicet: Homo et homo natus est in ea; e ipse fundavit eam Altissimus? ... Sicut lactantium omnium habitatio est in te (Ps. 86, 1-7).

(O Senhor ama a sua fundação sobre os montes santos; as portas de Sião mais que todos os tabernáculos de Jacó. Coisas gloriosas se dize de ti, ó Cidade de Deus! ... E, formando um coro, cantarão: todas as minhas fontes estão em ti)

* * * *

Como este salmo é tão belo e todas as suas partes se relacionam diretamente com os assuntos tratados neste Capítulo, darei primeiro a tradução completa do hebraico, feita por Vigouroux e Lesêtre[164].

1. – Ele fundou (o Senhor), nas montanhas sagradas;
2. – Jeová ama as portas de Sião
Mais do que todas as tendas de Jacob.
3. – Com palavras gloriosas fala-se de ti, Cidade de Deus ...!
--.--
4. – Contarei o Egito e a Babilônia entre meus servos;
Eis os Filisteus e Tiro,
Com a Etiópia: Eles nasceram lá (em Jerusalém espiritualmente) "!
5. – E é dito de Sião:
"Uma multidão de homens nasceu lá."
Foi o Altíssimo quem a fundou.
6. – O Senhor conta e registra os povos:
"É lá onde eles nasceram"!
7. – E cantores e músicos (exclamam):
"Todas as minhas fontes em vós"!

Primeiro Ponto: O mundo físico, a sociedade humana, o sobrenatural visível, sobretudo a Sagrada Escritura nos pre-

[164] Vigouroux, *Manuel Biblique,* et Lesètre, *Le livre des psaumes.* Fundi aqui em uma as duas traduções um pouco diferentes, aproveitando os comentários.

gam o Paraíso, assim como a diversidade e a subordinação de suas habitações.

* * *

109. – *O Senhor mora nas montanhas santas*. É o caso de todas as obras fundadas por Deus: têm por base qualquer coisa que as excede em excelência ou em quantidade, porque tudo está organizado e ordenado pela Sabedoria Suprema[165]. Assim a Lua, que tem por fundamento sobretudo a terra, é, quanto à sua superfície, catorze vezes menor que nosso globo, e seu volume é quarenta e nove vezes inferior ao do nosso planeta; e a terra, que paira sob o Sol, é quatrocentas mil vezes menos volumosa do que a "estrela do dia". Da mesma forma, os céus visíveis, com seus milhões de mundos, são todos atraídos pelo empíreo, que é a verdadeira causa de seu movimento centrífugo e que os ultrapassa de muito em perfeição e grandeza. Enfim, todo o universo material repousa sobre os espíritos, sobre os Anjos que os governam, sobre as três pessoas divinas cujo poder, sabedoria e amor sustentam, dirigem e conduzem a seus fins todas as coisas criadas; e o fundamento mais profundo de tudo o que existe é Deus considerado absolutamente, é o Senhor, que é infinito e que existe por si mesmo: *Eu sou Aquele que é*, independente sob todos os aspectos; a Razão suficiente de mim mesmo e de tudo o que existe fora de mim[166]. *Fora de mim, nada tem o ser por si mesmo; Eu sou o Senhor e não há nenhum outro*[167].

110. – Todos os seres que na natureza servem de base, ou centro, para outras coisas, podem ser chamados de *montanhas santas*, porque são fiéis ministros de Deus, agindo de maneira perfeitamente conforme ao plano divino. *Pertence à dignidade de um rei*, diz Santo Tomás, *ter um grande número de ministros e várias espécies de executores de suas ordens; pois sua autoridade se mostrará com tanto mais brilho e força quanto mais sujeitos tiver nos vários graus de existência. Mas não há nenhum rei cuja dignidade seja comparável à do Rei divino*

---

[165] Ad providentiam divinam pertinet ut ordo serveter in rebus ... Haec autem proportio (ordinis) est, ut, sicut supremne creaturae sunt sub Deo, et gubernantur ab ipso, ita inferiores creaturae sint sub superioribus, et regantur ab ipsis... Corpora inferiora reguntur a Deo per superiora... Mediantibus creaturis intellectualibus aliae creaturae reguntur a Deo... Substantiae intellectuales inferiores reguntur per superiores. (S. Thomas, Contra gent. l. 3. cc. 78, 79, 82.)

[166] Exod, 3, 14

[167] Isaías 45,6

que governa o mundo. Portanto, os planos da providência divina devem ser executados por agentes de vários graus[168].

111. – É também sobre um princípio análogo que se funda a sociedade humana. A autoridade pressupõe ordinariamente mais esclarecimento e mais mérito do que se encontrada no comum dos homens. Mas isto que é verdade em todos os casos, tanto mais quando formada por uma mais abundante participação no soberano domínio que o Criador tem sobre todas as coisas. Eis porque os reis, os sacerdotes, os pais de família e, geralmente, todos os homens que governam a sociedade, são chamados especialmente de ministros de Deus: eles exercem uma atração possante sobre a qual se funda a ordem social.

Escolha entre todo o povo, foi dito à Moisés, homens firmes e corajosos que temem a Deus, que amem a verdade, que sejam inimigos da avareza e dê a condução, a uns mil homens, a outros cem, a outros cinquenta, a outros dez. Que sejam encarregados de exercer a justiça ao povo em todos os tempos, mas reservando para vós as maiores causas e julgando somente as menores. Assim este fardo que vos sobrecarrega se tornará mais leve, estando dividido com os outros[169]*. O insensato será sujeito ao sábio*[170]*. O homem sábio é vigilante; o homem instruído é forte e resoluto...; a salvação se encontrará aonde houver muito conselho*[171]*. O servo sábio dominará os filhos insensatos* de seu senhor[172].

112. – Se, enfim, considerarmos as duas ordens de coisas que dividem o universo, a ordem sobrenatural e a ordem natural, constataremos também que a primeira, sendo incomparavelmente mais perfeita que a segunda, lhe servirá de fundamento sob certo aspecto; sob outro aspecto a coroará por sua perfeição[173]. Vemos como todos os

---

[168] *Cont. Gent.* I. 3. c. 77. In hoc mundo visibili nihil nisi per creaturam invisibilem disponi potest (S. Grég. Dial. liv. 4. e. 6). — Omnia corporalia reguntur per Angelos *(Sum. th.* 1 p. q. 110. a. 1.). — Omnia corpora reguntur per spiritum vitae rationalem... et ille per ipsum Deum (S. Aug. *De tirinit.* I. 3. c. 4). — Dei providentia regens atque administrans universam creaturam...., subdit primitus omnia sibi, deinde creaturam corporalem creaturae spirituali, irrationalem rationali (id. *De Gen. ad litt.* l. 8, c. 23).

[169] Êxodo 18, 21-22

[170] Prov. 11, 29.

[171] Ibid. 24, 5,6.

[172] Ibid. 17, 2. Vide Cont. Gent. 1, 3, c. 81

[173] Quia ille (Deus) non est talis substantia, quae videri oculis possit, et *miracula ejus, quibus tatum mnudum regit, universamque creaturam administrat,* assiduitate viluerunt..., servavit sibi quaedam . . . *Majus enim miraculum est gubernatio totius mundi,* quami saturatio quinque milliun hominum de quinque panibus. (S. Aug. *Tract.* 24 *in Joann.* et *Brev. Rom.* Dom. IV Quadrag. 3° nocturno.)

seres da natureza se submetem uns aos outros, os grandes servindo de centro para os menores, e estes a outros menores que eles. Mas todos, em conjunto, necessitam de apoio natural e voltariam ao nada se não fossem mantidos pelo oceano sobrenatural no qual navegam todos sem exceção. E este oceano é aquele dos anjos gloriosos, e sobretudo o Ser infinito *no qual nós vivemos, nos movemos e somos*[174].

Também a Igreja fez seus ministros recitarem, cada dia, esta sublime prece: *Ó Deus, Vós que sois a força que toca o ser das coisas, Vós que sois imutável em Vossa suprema perfeição, Vós que determinais as etapas da luz do dia, dispensai-nos também Vossa luz e Vosso socorro, a fim de que nossa vida não seja falha em nada, mas coroada pelo preço de uma morte santa, na eterna glória*[175].

113. – É pois verdadeiro que o Senhor *não construiu senão sobre montanhas sagradas*. Tudo isto que há de dirigente, na própria natureza, está ordenado a seus ministros, e, como tal, participa da santidade de Deus, que é o amor substancial e infinito da ordem e de todo bem. Mas o estilo divino, como foi observado anteriormente (69-71), está cheio de coisas. É como o espelho do mundo inteiro.

Cada imagem refletida por este espelho nos apresenta desde o começo, muito fidedignamente, os traços daquilo que Deus nos quer dar a conhecer, diretamente e sem dificuldade. Este é o sentido literal. Mas como este reflexo é bem mais real do que nas fotografias, ele reproduz, pelo menos mais frequentemente, seu próprio ser por inteiro. Nessa imagem, para quem a considera à luz da revelação, aparece com todas as relações que tem com as outras partes que compõem o universo. E como o Criador não fez nada isolado, dispondo todas as coisas em grupos e em categorias, Ele faz, por assim dizer, ver em germe as coisas superiores nas inferiores e pressentir nas coisas superiores as coisas mais nobres e ainda mais perfeitas. E assim sucessivamente até que O encontremos e O contemplemos face a face[176]. Daí os diversos significados das coisas na Sagrada Escritura.

114. – Se o que é invisível em Deus tornou-se visível depois da criação do mundo pelo conhecimento que as criaturas nos dão[177], com mais razão aquilo que entra no plano divino tende a fazer conhecer

---

[174] Atos. 17, 28.

[175] Breviário Romano, hino de noa.

[176] Talis est ordo in rebus, quod superiora in entibus sunt, perfectiora inferioribus; et quod in inferioribus continetur deficienter et particulariter et multipliciter, in superioribus continetur eminenter et per quamdam totalitatem et simplicitatem. (Sum. *Theol.* 1 p. q. 57 a. 1.)

[177] Rom., 1, 20.

umas às outras nos escritos divinamente inspirados. Certamente, se existem relações íntimas entre a criatura e seu Criador, elas não são menos estreitas do que as relações que existem entre as diversas partes de uma mesma ordem sobrenatural. Essas partes se parecem com os membros de um corpo. Elas se encaixam umas nas outras e a forma de uma ajuda as pessoas que a conhecem a determinar a forma das outras e a fazer uma ideia mais adequada. Permita-me estabelecer uma comparação tomada na paleontologia.

115. – O ilustre G. Cuvier, tendo encontrado alguns fragmentos esparsos de um corpo fossilizado, de espécie incomum, esboçou o desenho do animal inteiro, sem outras indicações que as formas dos fragmentos que possuía. Os sábios contestaram a exatidão da reprodução. "De repente, de uma pedra de gesso surge, em Vitry-sur-Seine, um esqueleto gigantesco. 'Vós me reconheceis?', parece dizer este monstro. - Comparem o fóssil precioso com o desenho de Cuvier. Qual dos dois é cópia do outro? Jamais a ciência obteve um triunfo tão deslumbrante e completo"[178].

Pois bem! a Jerusalém material, com tudo o que lhe está ligado, era apenas uma parte das coisas que figuram no plano divino e que pertencem de alguma forma à ordem sobrenatural, mas esta parte, descrita pelos Livros Sagrados, tem tais características que nos levam, graças ao ensinamento cristão, ao conhecimento da Igreja, ao conhecimento da Cidade Celestial, ao conhecimento de Maria Santíssima, especialmente de Maria gloriosa. Portanto, deve parecer-nos cada vez menos surpreendente que um único salmo nos apresente ao mesmo tempo a descrição da Jerusalém terrestre, da Igreja, do Paraíso e da Santíssima Virgem, pois se a própria natureza nos oferece algo análogo, nem é preciso dizer que a palavra divina, sobrenaturalmente expressada, tem uma fecundidade incomparável.

116. A isso acrescentemos que Deus, mestre absoluto de todo o finito e que faz tudo convergir para a religião cristã e para o céu, quer nos dar lições com palavras e exemplos. Assim, o Antigo Testamento tinha por fim figurar e preparar o Novo: *Todas estas coisas* (que se passam no deserto, após a saída do Egito) *foram figuras destas que vemos... Todas estas coisas lhes chegaram por figuras e foram escritas para nos servir de aviso, a todos nós, para quem é chegado o fim* (plenitude) *dos tempos*[179].

---

[178] O almirante Jurien de La Gravière, presidente da Academia das Ciências, citado por Farges, "*A ideia de Deus*", 1º p. 11, *provas para a ordem do mundo e a finalidade*, F.

[179] 1ª Cor. X, 6, 11.

Nos elementos instrutivos que mencionamos, há, portanto, muito mais do que relatos importantes do plano único que abrange estes elementos. Há mais harmonia do que a que une uns aos outros. É necessário acrescentar aí o fim formal que eles têm de anunciar, de predizer, de prefigurar os outros. A Jerusalém antiga era, pois, antes de Deus tê-la abandonado, uma profecia e um prelúdio da Igreja, como a Igreja é uma profecia e um prelúdio do céu. E as três Jerusalém, que devem tudo ao Verbo encarnado, pregam também em uníssono a glória de sua Mãe.

117. – Ó! Que veneração devemos ter pela Sagrada Escritura e pelos diversos significados de seus ensinamentos![180] Não é a imaginação humana que cria as relações entre as coisas que Deus quer nos fazer conhecer. O espírito se desprende da matéria e dos fatos e emerge como uma poesia tão verdadeira quanto deliciosa; o futuro antecipado brilha no presente; aí a verdade se mostra a nós, gradativamente, para se propor ao nosso entendimento e nos provocar ascensões. A santidade, tão difícil de adquirir, nos é frequentemente apregoada por fatos tão impressionantes que não podem ser esquecidos. Numa palavra, é a ciência de Deus, associada ao seu amor, que assim nos fala... Pode haver algo tão rico em instrução variada e benéfica?

118. – Como a posteridade de Jacó, duramente provada no Egito, circulou em busca da Terra Prometida onde deveria se elevar o famoso tempo consagrado ao verdadeiro Deus, igualmente Israel e a gentilidade gravitam[181] em torno da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nossas mentes e corações devem convergir, com a Igreja, para as verdades superiores da fé e para a santidade, assim como a fé, a santidade e a graça, que é seu princípio, conduzem à visão intuitiva de Deus e para a luz da glória.

Não impeçais, pois, pelo abuso da liberdade, o movimento posto por Deus no interior do homem. Impedir esse movimento subverte a ordem querida pelo Criador e nos torna infelizes.

O homem, criado sociável e perfectível, deve também almejar a obtenção de uma certa felicidade temporal. Então ele deve se encaminhar consequentemente em direção à autoridade segundo a forma de governo da sua sociedade. Em primeiro lugar, em direção a Jesus

---

180 "Temos a palavra mais segura dos profetas, à qual convém estar bem atentos, como a uma lâmpada que ilumina em um lugar escuro, até que o dia brilhe, e que a estrela da manhã nasça em vossos corações ... É inspirados pelo Espírito Santo que falaram os homens santos de Deus". (2ª. Petri, I, 19, 21)

181 Gravitar = Tender para um ponto central; andar em volta de; adotar as opiniões e atitudes.

Cristo, *a quem foi dado* ***todo o poder*** *no céu e na terra*[182]. Enfim, aos ministros sagrados de Jesus Cristo, que receberam de seu divino Mestre a *mesma missão que ele mesmo recebeu do Pai*[183]; finalmente, sem prejuízo das duas primeiras tendências, para *todo homem* investido de autoridade, como *o rei, que está acima dos outros, e os governadores que são enviados por ele*[184], pois *não há poder que não venha de Deus*[185].

Que admirável hierarquia regula a natureza inteira, no seu conjunto e em seus detalhes! *Todos os corpos se estabelecem proporcionalmente às suas massas e na razão inversa de sua distância*[186]. Os pequenos giram em torno dos grandes porque estes procuram outros que são maiores do que eles, e melhores sob alguns aspectos. E todos, em conjunto, giram em torno do empíreo, que é o verdadeiro fundamento material do universo, o lugar de matéria glorificada, o lugar onde reinam os amigos de Deus[187]. Assim, o universo inteiro, com tudo o que ele contém, bem como cada uma de suas partes, está fundado nas *montanhas sagradas*.

Ó minha alma, olha e escuta: nada há que não te mostre e que não te fale do Céu. Ó povos das diversas regiões da terra, vinde à Igreja para ascender ao céu. Ó fé divina, vós sois a aurora do céu. Ó Revelação, sois o céu por cima de tudo o que nos fazeis considerar. Ó mundo físico, é em direção ao céu dos bem-aventurados que o Todo-Poderoso vos lançou, e circulais até encontrar o ponto definitivo de parada, e então as luzes do Céu Empíreo vos inundarão de todas as partes, e sereis glorificado.

Só o naturalismo e o inferno são como duas enormes massas de chumbo que fogem do Céu e dele são repelidos. Portanto, um, o inferno, é o centro do universo, e o outro cai nele sem que o movimento centrífugo impeça sua terrível queda, pois ele foge da graça![188]

---

[182] *Mat., 28, 13*

[183] *Jo. 20, 21*

[184] *1ª Petri II, 13, 14.*

[185] *Rom., 13, 1.*

[186] *Lei de Newton.*

[187] *"Tudo vem do belo e do bom, e aspira ao belo e ao bom ... É para o belo e o bom que tudo olha, sob ele que tudo se move e se conserva ... Todos os seres apetecem, amam e querem o belo e o bom, de sorte que, para ele e por ele, se ligam os inferiores aos superiores, solicitando sua atenção ..., os mais excelentes aos menos nobres, servindo a eles de providência". (S. Dionísio Aeropagita. Trad. de M. Dulac, Dos nomes divinos, C. IV. para X.)*

[188] *Os partidários do naturalismo são impostores que seguem suas paixões desregradas e cheias de impiedade. São pessoas que se separam elas mesmas do corpo de Jesus Cristo e da alta fonte de todos os bens; homens sensuais que não têm, pois, o Espírito de Deus. Mas vós, meus muito amados, erguendo-se como um edifício espiritual sobre o fundamento de sua santíssima*

Assim, o universo inteiro, com tudo o que ele contém, bem como cada uma de suas partes, está fundado nas *montanhas sagradas*.

Ó minha alma, olha e escuta: nada há que não te mostre e que não te fale do Céu! Ó povos das diversas regiões da terra, vinde à Igreja para ascender ao céu. Ó fé divina, vós sois a aurora do céu. Ó Revelação, sois o céu por cima de tudo o que nos fazeis considerar. Ó mundo físico, é em direção ao céu dos bem-aventurados que o Todo-Poderoso vos lançou, e circulais até encontrar o ponto definitivo de parada, e então as luzes do Céu Empíreo vos inundarão de todas as partes, e sereis glorificado.

Só o naturalismo e o inferno são como duas enormes massas de chumbo que fogem do Céu e dele são repelidos. Portanto, um, o inferno, é o centro do universo, e o outro cai nele sem que o movimento centrífugo impeça sua terrível queda, pois ele foge da graça![189]

Segundo Ponto: A Jerusalém judaica gravita em direção à Igreja como em direção ao Céu. A Igreja é o "laboratório" onde são desenhadas as moradias da Igreja triunfante

119. – Se considerarmos o salmo exposto acima (67, 16-18) em seu sentido literal, ele canta a glória passageira da Jerusalém judaica. O *Senhor construiu nas montanhas sagradas* de Sião, de Moria e de Acra, transformando a antiga Jebus e a antiga Salém, em Jerusalém, a *visão ou posse de paz*. Basan é chamada de *montanha de Deus*, por sua altura, mas inveja em vão essas outras montanhas, materialmente mais baixas, nas quais o Senhor fixará sua morada e que merecem por isto o qualificativo de *santas*:

> *Montanha de Deus, Monte de Basan.*
> *Montanha escarpada, Monte Basan.*
> *Por que invejar-vos, montanhas escarpadas,*
> *A montanha onde Deus quis sua morada?*
> *Sim, claro, o Senhor nela habitará para sempre.*
> *Eles são milhares e milhares na carruagem de Deus.*
> *O Senhor está no meio deles, Sinai está no santuário*[190].

---

fé, orando pelo Espírito Santo, que vos eleva às regiões superiores, conservai-vos no amor de nosso Senhor Jesus Cristo, para a vida eterna. (S. Judas, 19.)

[189] Os partidários do naturalismo são *impostores que seguem suas paixões desregradas e cheias de impiedade*. *São pessoas que se separam elas mesmas* do corpo de Jesus Cristo e da alta fonte de todos os bens; *homens sensuais que não têm, pois, o Espírito de Deus. Mas vós, meus muito amados, erguendo-se como um edifício espiritual sobre o fundamento de sua santíssima fé, orando pelo Espírito Santo*, que vos eleva às regiões superiores, *conservai-vos no amor de nosso Senhor Jesus Cristo, para a vida eterna*. (S. Judas, 19.)

[190] Salmo 67, 16-18.

Os prodígios, as teofanias, as revelações do Sinai, o governo divino se concentra por assim dizer em Jerusalém e no seu templo, que são dedicados a esse uso sagrado. Assim *o Senhor ama as portas de Sião mais que todas as casas de Jacó*.

120. – Antigamente a Arca da Aliança era nômade, agora tem um lugar determinado. Tanto quando sai, como quando entra, ela passa pelas portas de Sião, cidade amada de Deus:

Fez que chegassem à sua terra santa,
Aos montes que adquiriu com sua dextra...

Abandonaram a morada de Silo,
Tabernáculo onde habitava entre os homens...

Rejeitou o tabernáculo de José...
E não escolheu a tribo de Efraim.
Mas escolheu a tribo de Judá,
O monte de Sião que amou.
E edificou santuário, como o céu,
Na terra que fundou para sempre. [191]

121. – *Ele disse gloriosas coisas sob vós, Cidade de Deus*! E o que então? Após a brilhante vitória obtida sobre Senaqueribe, os diversos povos vizinhos correriam a Jerusalém para aí receberem a regeneração espiritual e adorar o verdadeiro Deus. Os egípcios, os babilônios, os tirrenos, os etiópios, os filisteus renascerão na *Cidade fortalecida pelo Altíssimo*, e oferecerão presentes a Deus, o que foi visto particularmente sob o reinado de Ezequias. Ora, o Deus de Israel conta esta multidão de filhos de prosélitos e os inscreve no seu livro da vida, *para que nasçam na cidade santa*. *E os cantores e os músicos clamam: todas as minhas fontes estão em ti*, ó Sião. É em vós que nós encontramos a salvação, e que aprendemos a servir a Deus, que é somente a nossa fonte e o dispensador de todos os bens*; tudo o que há de* verdadeiramente *feliz habita no vosso seio,* ó Jerusalém.

122. – Quem não o vê à primeira vista? Esta profecia considera muito melhor a Igreja Católica que sua prefigura, a Jerusalém perecível. Assim, todos os Santos Padres admiram neste salmo, primeiro, as características da esposa de Nosso Senhor Jesus Cristo e, depois, a imagem da gloriosa Cidade de Deus e Maria Santíssima. E tudo isso é simultaneamente verdadeiro.

---

[191] Salmo 77, 54, 60, 67-69.

123. – Não está a Igreja, com efeito, edificada *sobre os fundamentos dos Santos Apóstolos e dos Profetas*[192], os quais, por sua vez, repousam *sobre uma montanha ou sobre um fundamento único e imutável, Cristo Jesus*[193]? Esta Sião espiritual, que o Redentor *adquiriu pela efusão de seu sangue*[194]*, não é mais amada pelo Senhor do que todas as habitações de Jacó, do qual o Senhor dos exércitos tirou sua afeição*[195]?

Sim, é particularmente de Vós, ó Igreja de Jesus Cristo, *que foram ditas gloriosas coisas* pelos profetas e sobretudo por Vosso divino fundador: *Nos últimos tempos a montanha sobre a qual foi construída a casa do Senhor será fundada sobre o alto dos montes e se elevará acima das colinas* para se mostrar a toda a terra e **todas as nações correrão para ela**, como todas as águas correm para o oceano[196]. *A terra está cheia do conhecimento do Senhor, assim como o mar está cheio das águas com as quais está coberto*[197]. *Ide e ensinai a* ***todas as nações***[198]; *pregai o evangelho* ***a todas as criaturas***[199]. E *haverá um só rebanho e um só pastor*[200], e este Pastor todo-poderoso *estará com sua Igreja até ao fim dos séculos*[201]. E fundada como uma *pedra angular*, imutável, e também como pedra secundária *de um chefe visível, as portas do inferno não prevalecerão contra ela*[202]*. Esta Igreja terá as chaves do reino dos céus*[203]; ela própria *será verdadeiramente a casa de Deus e a porta do céu*[204]:

O Deus dos Exércitos é grande e muito digno de ser louvado,
Na cidade do nosso Deus,
A montanha sagrada, esplêndida por sua altura,
A alegria de toda a terra ...
Ó Deus, nós meditamos na tua bondade
No meio do vosso templo.
Como teu nome, ó Deus, assim é o teu louvor,

---

[192] Efes. II, 20
[193] 1ª Cor. 3, 11
[194] Atos 2, 28
[195] Malac. 1, 10
[196] Isaias, 2, 2
[197] Isaias, 9, 9
[198] Mat. 28, 19
[199] Marc. 16, 15
[200] Jo. 10, 16
[201] Mat. 28, 20
[202] Id. 16, 18
[203] Id. Id. 19
[204] Gen. 28, 17

Até os confins da terra[205].

124. – *É o Altíssimo quem a fundou*, não de uma maneira comum, como fundou a maior parte de suas outras obras, mas *descendo-se primeiro ele mesmo* do alto de sua glória*, às partes inferiores da terra*[206]. *O Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos sua glória, glória do Unigênito do Pai, pleno de graça e de verdade*[207]. *Cristo amou sua Igreja e se entregou Ele mesmo por ela, a fim de a santificar, purificando-a pelo batismo da água, pela palavra de vida, para fazer aparecer diante de si uma Igreja gloriosa, sem nenhuma mancha, nenhuma ruga, nem nada de parecido, para que ela seja santa e imaculada*[208].

Assim, *ó Igreja, Aquele que te governa é Aquele que te criou; seu nome é Deus dos Exércitos; teu Redentor é o Santo de Israel; ele é o Deus de toda a terra*[209]. *Impossível ser melhor fundada e protegida que tu. Os montes serão abalados, diz teu Deus, e as colinas tremerão, mas minha misericórdia não se afastará de ti; e a aliança pela qual eu estabeleci a paz não será jamais abalada... Pobre desolada, castigada pela tempestade, sem consolação humana, eu mesmo pus em ordem as pedras que te compõem e teus alicerces serão de safira. Construirei os teus baluartes de jaspe, farei tuas portas de pedras cinzeladas; e todo teu recinto será de pedras escolhidas. Teus filhos serão instruídos pelo Senhor e eles gozarão de uma abundante paz. Tu serás fundada sobre a justiça*[210].

125. – *O Senhor Deus dos Exércitos conta e registra os pov*os, fazendo-os habitantes da Jerusalém celeste. Eles nascem lá, na Igreja*, são escritos* no livro da vida, porque a Igreja é a porta do céu. É por isto que os filhos da Igreja se alegram e cantam em coro: *Todas as minhas origens em vós.*

Se Deus me tirou do nada, ó santa Igreja, foi para que eu pudesse me tornar vosso filho e, por meio de vós, um herdeiro do reino celeste. Se o Criador me dotou de uma inteligência ávida e de um coração insaciável, é para que, procurando a verdade e o bem, eu atinja as regiões luminosas da fé e da santidade, e que, de lá, possa me alçar até o lugar da felicidade perfeita. Se desejo, mesmo neste lugar de prova, um certo contentamento que corresponda à condição de exílio, eu o

---

[205] Salmo 47, 2, 3, 10 e 11.
[206] Efes. 4, 9, 10.
[207] Jo. 1, 14.
[208] Efes. 5, 25-27.
[209] Is. 54, 5.
[210] Ibid. 10-14.

encontro ainda em vós, ó Igreja bendita, e *posso transbordar de alegria no meio de todas as tribulações*[211]. Ó, verdadeiramente, *todas as minhas fontes estão em vós. Vós me ofereceis os bens da alma* e os do corpo, os bens do tempo e os da eternidade!

126. – A Igreja é a mais perfeita imagem da Jerusalém celeste que se pode ver aqui na terra, uma imagem viva, ativa, que gira sem cessar em direção ao seu ponto original como a Jerusalém antiga orientava na direção da Jerusalém espiritual. Assim dela os escritores sagrados fizeram descrições que em parte se confundem com as do Paraíso.

Segundo São Paulo, a Igreja é *o conjunto de coisas celestes*, sem dúvida não completas e nem glorificadas, mas em vias de se tornarem[212]. E na sua epístola ao Gálatas (4, 26) ele chama de *Jerusalém, aquela que é de cima, é livre e é nossa mãe,* porque, observa Martini, "ela tem sua origem no céu, de onde desceu seu Chefe e porque, seguindo seu Chefe, ela aspira continuamente o Céu"[213]. *Jerusalém, cidade de Deus..., diz também Tobias, renda graças ao Senhor pelos bens que te tem feito... Tu brilharás com uma luz admirável e tu serás adorada por todos os povos até às extremidades da terra... Felizes são aqueles que amam e que põem sua alegria na tua paz! Ó minha alma, bendizei ao Senhor porque o Senhor, nosso Deus, libertou a cidade de Jerusalém de todos os maus que a afligiam... As portas da Jerusalém serão construídas de safiras e esmeraldas e todo o contorno de suas muralhas será de pedras preciosas. Em todas* as *praças públicas serão colocadas pedras brancas e puras; e se cantará ao longo de suas ruas: aleluia*![214]

127. – Quão grandes são vossas praças, ó Jerusalém espiritual! Como são longas e largas as vossas ruas! Como vossos palácios são numerosos, altos, ricos, magníficos! Vós não abarcais todo o globo terrestre? E se houvesse outros mundos vossa força expansiva não os converteria em seus bairros e em seus subúrbios? Como vós ultrapassais vossa figura! Procuro encontrar países assaz pequenos para comparar à famosa *terra prometida,* aonde presidia a Jerusalém de Israel. Qualquer que fosse a influência religiosa desta cidade, como era entre-

---

[211] 2ª Cor. 7, 4.

[212] Era necessário que as figuras das coisas celestes (o tabernáculo e o testamento mosaico) fossem purificados pelo sangue de animais. Mas que as coisas celestes (a Igreja) o fossem por vítimas mais excelentes (Nosso Senhor Jesus Cristo e aqueles que sofrem com Ele). Hebr. 9, 23.

[213] *Comentário* sobre este texto.

[214] Tobias, 15, 11-22. *Os olhos dos cegos verão o dia... etc., e aqueles que o Senhor resgatou... virão a Sion cantando seus louvores; eles serão coroados de uma alegria eterna...; a dor e os gemidos aí serão banidos*. Isaías, 35, 5, 10.

tanto restrita a área de sua ação! Aquilo que havia de mais memorável nela era esta voz constante e forte que predizia o nascimento de Vosso fundador e Vosso império universal.

Mas, a vosso turno, ó Igreja católica, o que sois vós junto à Igreja triunfante, quanto à vossa grandeza, ao número e à suntuosidade de vossas habitações? O que sois vós perto deste império que compreende todos os céus visíveis, onde reina o Altíssimo com seus incontáveis anjos e seus santos, onde a matéria bruta está ela mesma glorificada, onde se encadeiam tantas maravilhas que a imaginação mais audaciosa não pode alcançar nem mesmo uma milionésima parte?[215]

128. – No entanto, malgrado vossa exiguidade relativa, vós nos dais uma grande e bela ideia do Paraíso. Vós assumis completamente todo este globo sobre o qual estais apoiada, os mais vastos reinos da terra estão compreendidos por vossas províncias e em vossas regiões apostólicas.

Pelas luzes de vossa doutrina, pela santidade de vossa moral, pela excelência de vossos membros, pelos vossos poderes divinos, vós ocupais portanto o primeiro degrau e é evidente, porque qualquer um reconhece, que vós sois mais celeste que a terra. Como vossa hierarquia é perfeita! Um corpo vivo e físico não é melhor disposto e proporcional como o é vosso imenso corpo moral. Que admirável subordinação entre vossos membros! E que ordem preside a todas as vossas ações! É com uma serenidade imperturbável que Vós atravessais os séculos.

As sociedades humanas não param de mudar de forma, levadas como são por um não sei que delírio febril. Mas a vossa forma permanece imutável e vosso progresso consiste em desdobrar cada vez mais a imensidade de vossos recursos. Sim, vós sois a imagem fiel e o prelúdio do Céu Empíreo, que contém no seu seio toda a criação mutável de onde nos vêm todas as luzes e todas as graças, onde encontramos tantas moradas de acordo com os graus de méritos, que inundarão finalmente todos os céus de sua glória; vós sois destinada a abraçar todos os povos para fazer de todos eles *um só rebanho sob a condução de um só pastor*.

129. – Vós combateis e o Paraíso triunfa; vós adquiris méritos e o Paraíso Vos coroa; vós engendrais e elevais filhos de Deus e o céu é a

[215] As descrições que os livros Sagrados da Igreja militante compreendem com frequência caracteres que não convêm inteiramente à Igreja triunfante, como temos visto acima (n. 126). É que os escritores inspirados são levados a considerar também a Igreja militante no seu fim. Quase sempre, quando a veem combater, veem-na também triunfar. E quando triunfar, ela será transformada completamente em Igreja celeste e gloriosa.

vossa morada definitiva. Em vós, é Deus que veladamente reina pela graça, convidando a liberdade humana ao bem, aos bens espirituais e imperecíveis.

Na Jerusalém celeste é Deus que reina abertamente e seus eleitos reinam com Ele pela possessão de todos os bens. Vós viveis na fé, na esperança e na caridade, elementos divinos e sobrenaturais. E a Igreja celeste vive na luz da glória e na possessão de Deus. *Devendo reinar eternamente com Nosso Senhor Jesus Cristo, vós sois desde o presente a terra dos bem-aventurados, a terra dos vivos*[216]. *Vossas raízes estão no céu mais do que na terra*[217]. *Vós tendes vosso Chefe colocado nos céus: é Ele (Nosso Senhor Jesus Cristo) quem governa vosso corpo. E, embora vós não O veja, entretanto a Ele estais unida pela caridade*[218]. Vós sois para nós o esboço do Paraíso.

Terceiro Ponto: Assim como a Igreja militante nos dá uma ideia da variedade das moradas celestes, o papel que Maria Santíssima assumiu na terra nos dá uma ideia de sua Celeste morada.

130. – A Igreja, como acabamos de ver, é um esboço da eterna Cidade de Deus. Ou melhor, a Igreja é uma imagem diminuída deste tipo primeiro e perfeito que é a Jerusalém celeste, recebida pelos anjos, como veremos melhor em seguida na formação dos céus inferiores e da nossa Terra. Ademais, é um princípio admitido por todos os teólogos que *aquilo que é o primeiro no gênero de qualquer coisa é causa das outras coisas que estão no mesmo gênero*. Ora o Paraíso é o primeiro ser do seu gênero como Igreja, seja pela sua perfeição clara enquanto causa exemplar, seja pela data de sua formação, que é anterior a todo o resto.

O Paraíso é também o primeiro de seu gênero como céu, de maneira que os céus inferiores, com os corpos que os compõem, são reflexos mais ou menos imperfeitos do Empíreo e de suas moradas. É o que nos permite fazer uma ideia da felicidade dos bem-aventurados pela contemplação dos astros e do espaço, assim como se pode fazer uma ideia de Deus e de seus atributos contemplando suas obras, porque Deus é também a causa exemplar de tudo aquilo que fez. Eu diria mesmo que uma obra, a cópia diminuída de outra, nos faz melhor co-

---

[216] In aeternum regnatura cum Christo (Ecclesia), ipsa est terra beatorum, terra viventium (S. Aug. 1, 3, De Doct. Christ. C. 34)

[217] Ecclesia radices in caelo fixas habet potius quam in terra. (S. J. Crisóstomo, de verto Is. Homil. 4)

[218] Ecclesia... habet illud caput (Christum) positum in caelestibus, quod gubernat corpus suum... et si separatum est a visione, sed adnectitur charitate. S. Aug. Psal. 56.

nhecer seu tipo material; que uma e outra nos fazem conhecer o artista que é o autor de ambas, porque há menos diferença entre duas obras que são irmãs do que entre essas obras e seu autor.

131. – Eis porque o mundo visível e as instituições sobrenaturais, com o conjunto das verdades reveladas, se conjugam para nos revelar o reino dos céus. Mas a Igreja nos faz conhece-lo melhor do que o mundo físico, porque ela vive de uma emanação continua do céu empíreo. A Igreja se desenvolve sob suas influências, recebendo do alto suas formas, agindo principalmente segundo os impulsos superiores. É o porque, quando vemos a Igreja tão possantemente e tão santamente persuasiva por sua força educadora, como formadora das almas, e pela educação com todos seus efeitos, o que a torna como ator de mais eficácia de todos os aperfeiçoamentos, mesmo materiais, que a Igreja Celeste é, desde o princípio, tudo aquilo que temos de mais desenvolvido, e que terminará por englobar no seu vasto império, e para glorificar todos os mundos, com exceção dos limbos e do inferno.

Quando vemos a Igreja militante subdividida em tantas igrejas particulares (arquidiocese, patriarcados, dioceses, postos diferentes na mesma diocese), pensamos nas províncias do Paraíso, na multiplicidade e na variedade de suas moradas, porque é uma cidade tal, que é ao mesmo tempo o *reino* ***dos céus***.

132. – É preciso, entretanto, não esquecer que a Igreja da terra é muito imperfeita em comparação com a do céu. Assim, na Igreja são numerosas as pessoas que ocupam postos iguais, e que são da mesma hierarquia, tanto na Igreja docente como na Igreja discente! Mas no céu não haverá provavelmente duas pessoas que ocupem lugares iguais e que estejam nas mesmas condições de glória essencial e de glória acidental. Os menores matizes diferentes de talento, de gostos, de aptidões, de virtudes, de méritos, aí aparecem internamente pelas moradas perfeitamente proporcionadas a cada indivíduo. Os homens ressuscitados se assemelharão aos anjos e lhes serão iguais: *Eles são iguais aos anjos, e Filhos de Deus*, com as atribuições completas desta dignidade, *sendo filhos da Ressurreição*[219].

Ora, *cada anjo*, nos diz Santo Tomás*, tem seu ofício e sua ordem particular nas coisas, e muito melhor que cada estrela, embora não conheçamos esses detalhes*[220]. *Quem conhece perfeitamente a natureza*, acrescenta o Santo Doutor, *poderá distinguir muitas ordens mesmo*

[219] Luc 20, 36
[220] 1 p. q. 108, a. 3.

nos corpos celestes e em cada categoria de seres[221]. Entre os anjos há entretanto espécies diferentes de cada indivíduo. Pois bem, é isto que se verifica em cada eleito no céu. Todo bem-aventurado aí é bem conhecido, tão justamente posto no seu lugar, tão adequadamente recompensado, tão acumulado de honra mesmo acima de seus méritos que a menor *nuance* de diferença, como se pode observar entre os santos, dará lugar a distinções muito marcadas, mesmo de lugar, na forma e na grandeza de suas moradas. A perfeita justiça de Deus, coroada por sua inefável bondade, não pode nos deixar nenhuma dúvida quanto a esse ponto. Há, pois, inenarrável variedade de moradas celestes.

133. – O que dizer, depois disso, quanto à morada de Maria Santíssima, a Mãe de Deus e dos homens, a Rainha dos Anjos, dos Santos, do Céu e da terra? Para se ter uma ideia mesmo que seja um pouco aproximada, examinemos o papel particular que coube à Virgem Maria durante sua carreira mortal com relação à Graça, a Deus, ao universo, à Igreja e ao gênero humano.

134. – Nomear Maria Santíssima é nomeá-la *cheia de graça*. E essa plenitude, que Ela é, é a mesma daquela que abundou em Nosso Senhor Jesus Cristo. Maria Santíssima a teve por privilégio e Nosso Senhor Jesus Cristo pela natureza (nn. 30 e 31). Quanto à correspondência à graça da parte da Virgem bendita, vimos como Ela a teve absolutamente a ponto que devemos considerar a Nova Eva como um arquétipo divino encarnado (nn. 46-52).

Disto resulta claramente que *as virtudes de Maria Santíssima, mesmo as comuns a outros Santos, são nela de uma condição tão heroica, tão eminente, que constituem uma ordem superior àquela na qual as possuem os outros justos...; suas virtudes são tão sublimes, tão admiráveis, que elas ultrapassam toda regra mesmo na ordem da graça*[222]. *É certo*, diz Santo Afonso de Ligório, *que há uma distância infinita entre a Mãe de Deus e os servidores de Deus, segundo a palavra célebre de São João Damasceno: Matris Dei et servorum Dei infinitum est discrimen*[223].

*... Esta Virgem privilegiada***,** continua o mesmo Santo Doutor*, tendo sido eleita numa ordem superior a de todas as criaturas, viu*

---

[221] Ibid. Segundo Santo Tomás, isto não se dá somente quanto ao indivíduo angélico que constitui por si mesmo toda uma espécie, mas também todo indivíduo incorruptível como o será cada homem depois de sua ressurreição gloriosa: *Unde videmus quod in rebus incorruptibilibus non est nisi unum individuum unius speciei, quia species sufficienter conservatur in uno; in generabilibus autem et corruptibilibus sunt nulla individua unius speciei ad conservationem speciei*. (P. 1, q. 47, art. 2.)

[222] Segneri, Manna dell'anima, 8 Déc. 4º point.

[223] *Glória de Maria*, Discurso sobre a Imaculada Conceição, no fim do primeiro ponto.

que a dignidade de Mãe de Deus pertence, de alguma forma, segundo o Padre Suarez*, à ordem da união hipostática, por ter recebido, desde o começo de sua existência, dons de uma ordem superior, incomparavelmente acima dos dons concedidos a todas às outras criaturas... Era conveniente que o senhor A ornasse... com uma graça imensa e numa ordem superior àquelas que obtiveram todas os outros homens e todos os anjos...; assim concluem* ***todos os teólogos*** *com Santo Tomás*[224]*... São Bernardino afirma que, por ser mãe de Deus, a bem-aventurada Virgem devia ser elevada a um certo estado de dignidade com as Pessoas divinas, por uma espécie de infinidade de Graças*[225].

135. – Como então é verdade que *Deus ama as portas de Sião mais que todas as tendas de Jacó*! As insondáveis perfeições de alma e de corpo de Maria Santíssima foram as portas por onde o *Homem-Deus entrou no mundo*[226]. *A Virgem real, descendente de Davi, concebeu o Menino Deus em seu espírito antes de O conceber no seu corpo*[227]. A inefável beleza moral de Maria Santíssima, suas virtudes que constituem o espelho o mais fiel e o mais puro da santidade Divina, provocaram um novo desenvolvimento do poder da parte do Pai, um devotamento sem limite da parte do Filho, uma divina efusão de amor da parte do Espírito Santo, *e o verbo se fez carne no seio de Maria Virgem, e habitou entre nós*[228].

136. – Dessa forma, Maria Santíssima tornou-se a filha por excelência do Pai que está nos céus, a mãe do Filho, a esposa do Espírito Santo. Somente *Ela está colocada* de maneira tão excelente sobre as *montanhas sagradas* da adorável Trindade. O Criador derramou sobre Ela todos os tesouros de suas graças e de seus dons naturais e sobrenaturais, para em seguida fazê-los refluir sobre o mundo e inclusive sobre o céu. O Filho do Pai, como para O imitar, fez resplandecer sua caridade sobre toda a criação até o fim dos séculos. E além!...

Ó providência criada e humana, enriquecida com todos os dons de Deus, com o coração de uma Mãe, que milagre de bondade, de munificência e de ternura, vós sois por nós! Ó homens, quaisquer que formos, sejamos todos como um só coração e como uma só alma para

---

[224] Ibid. Discurso sobre a Natividade, 1º ponto.

[225] Quod femina conciperet et pareret Deum, opportuit eam elevari ad quandam acqualitatem divinam, per quandam infinitatem gratiarum. Ibid. Discurs sur l'Annonciation, 2º point.

[226] Hebr. 10, 5.

[227] S. Leão, Papa, Sermão 1. De Nativ. Domini. Santo Agostinho diz também: Beatior Maria percipiendo fidem Christi, quam concipiendo carnem Christi: sic et materna propinquitas nihil Mariae profuisset, nisi felicius Christum corde quam carne gestasset. De S. Virgisnsity. c. 3.

[228] Jo. 1, 14.

louvar a mais perfeita das criaturas, para amá-la ardentemente, para imitá-la! Maria Santíssima é a criatura por excelência do Pai[229].

137. – Maria Santíssima é a mãe do Filho. *É por Ele que todas as coisas foram criadas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, tronos, dominações, principados e potestades; tudo foi criado por Ele e nele; e ele mesmo é antes de todos, e todos subsistem nele. Ele mesmo é o Chefe do corpo da Igreja; Ele é o príncipe, o primogênito entre os mortos, a fim de que nele todas as coisas mantenham a própria primogenitura*[230]. Entretanto, Maria Santíssima é sua mãe! *E era-lhe submisso*![231] Ah! Compreendo, ó Maria, como vossa dignidade tem qualquer coisa de infinito (n. 31), pois o Criador de todas as coisas quis existir como homem por Vós, sem cessar de ser Deus.

Como é maravilhoso que Aquele *a quem tudo está submisso*[232], se submeta a Vós como um filho à sua mãe! Ó! como o amor de Jesus por nós é gracioso, pois Ele quer ter por Mãe uma filha da raça humana!

Mas este mistério é bem mais profundo: o Criador e Rei do Universo se submete à Maria Santíssima para lhe sujeitar todo seu império; Ele quis que o Céu Empíreo, os céus móveis, a terra, os anjos, os homens, todas as criaturas tivessem uma Rainha, uma Mestra, uma Mãe; e, por Ela, Ele, que abarca tudo, se inclina diante de Maria Santíssima, e o universo deve reconhecê-la por soberana, por causa de sua excelência incomparável, por causa de seu poder e porque seu divino Filho o quer[233].

138. – Maria Santíssima é a esposa do Espírito Santo. O Verbo é a sabedoria em pessoa e quis ter por mãe Maria; o Espírito Santo, o amor hipostático, quis ter Maria por esposa. Quantas maravilhas na conduta das três pessoas divinas a respeito da Virgem! Já vimos que Maria Santíssima é uma das três obras-primas que Deus, sob certo as-

---

[229] Maria est Filia nobilissia Domini Patris... Filia Domini qua nulla nobilior. S. Bonnav. In specul. B. M. V. cap. 8. – Est Filia digna Deo. S. J. Damasc. Orat. 1 De Nativit. B. M. V. – Filia Regis Dei Patris per creationem et gratiam. Idiota. De B. M. V. p. 14. contemplat. 4. Filia ducens nos ad Patrem. S. Petrus Dam. Serm. In Annunt. – Filia praedilecta aeterni Patris. S. Laur. Justin. In triumphali Christi agone, cap. 7.

[230] Coloss. 1, 16-18.

[231] Luc., 2, 51.

[232] I Cor. 15, 26.

[233] Querendo ter uma mãe, Nosso Senhor Jesus Cristo nos ensina também a humildade, a obediência e o amor filial. Ele restabeleceu a honra da mulher, tão comprometida por Eva e tão desconhecida pelos povos gentios. Ele elevou o sexo feminino em Maria Santíssima como o sexo viril foi elevado em Jesus Cristo. Ele tornou seu amor extremamente popular e ininteligível. A todos Nosso Senhor Jesus Cristo preparou uma mãe na ordem sobrenatural, e uma rainha, coroando assim todo o edifício da natureza por uma perfeição análoga, mais divinamente ajustada à criação primeira, o que completa o plano divino.

pecto, não pode ultrapassar (n. 31). Mas, para se ter uma ideia um pouco menos incompleta desta perfeita obra divina, suponhamos que nela o poder infinito, a sabedoria infinita e o amor infinito trabalharam de comum acordo, aplicando, por assim dizer, todos os seus recursos.

Tudo que o Pai tinha de bondade, de graça, de perfeições nos seus tesouros, Ele utilizou para formar e para ornar a Filha de seu coração[234], sua criatura bem amada[235], aquela que Ele quis associar à sua fecundidade de maneira que Ela se tornasse a Mãe do Verbo encarnado, como Ele mesmo era o Pai do Verbo eterno: *ex qua, virtute Spiritus Sancti, Filium generavit, communem Filium utrique*[236].

Tudo aquilo que a Sabedoria hipostática tinha de gênio, de habilidade, de invenção maravilhosa, o Artista supremo empregou para formar uma digna mãe: *Sapientia aedificavit sibi domina*[237]. *Esta sabedoria divina, que é o arquiteto de todas as coisas, executou e fez espiritualmente em Maria Santíssima tudo o que se possa imaginar de mais perfeito numa obra de arte*[238].

Mas, ao trabalho do poder infinito e às meditações da Sabedoria hipostática, é preciso acrescentar as operações do Amor Divino em pessoa, formando uma esposa de acordo com seu gosto: *Maria Santíssima é a esposa de Deus Espírito Santo, correspondendo perfeitamente aos desejos do amor hipostático*[239]*; Ela é a Esposa da Bondade soberana, a Esposa do Soberano Consolador*[240]; *a Esposa muito querida do Espírito Santo, na qual o Espírito Santo quis por suas mais vivas complacências*[241]. Santo Anselmo garante que o Espírito Santo desceu corporalmente (de maneira a produzir um efeito corporal, a concepção do filho de Deus) *em Maria, e que, tendo-a elevado acima de todas as criaturas pela graça singular com que a enriqueceu, Ele repousou nela, e a fez assim Rainha do Céu e da terra, sua Esposa bem amada*: *Ipse Spiritus Dei, ipse Amor Patris et Filii corporaliter venit in eam,*

---

[234] *Filia praecordialissima Patris aeterni*. (Denis le Chartr. De prec. B. M. V. lib. 2. art.14.)

[235] *Creatura perfecta in summo inter puras creaturas*. S. Bonav. Sermo. 2. B. M. V. — *Creatura nobilior omnibus creaturis, quae in humuna natura fuerint, aut possint, aut potuerint generari. S.Bernardin de S. Sermo de Sancto Josepho. — Creatura divinissima primatum in ominibus sortita*. Denis le Ch. De laud. V, lib. I. art. 21.

[236] S. Anton. *Summa*, p. 4, tit. 15, cap. 3.

[237] Prov. 9, 1.

[238] Ernesto de Praga, Mariali, ch. 84.

[239] Sponsa Justissima Domini Spiritus S. S. Bonav., in Speculo B. M. V. ch. 5

[240] Id. ch. 8: Sponsa summae bonitatis… Sponsa summi Consolatoris.

[241] Denis le Ch. 1. 2. De Laud. S. V. M. art. 26.

singularique gratia prae omnibus requirit in eam; et Reginam caeli et terrae fecit eam[242].

139. – Vê-se por aí que as três pessoas divinas concentram sua predileção em Maria e querem viver com ela num festim contínuo e muito familiar, o que leva o Santos a chamar Maria Santíssima de "*Triclinium totius Trinitatis"*[243].

140. – Nem é preciso dizer que *Deus colocou em Maria Santíssima a plenitude de todo o bem*[244]; *que, sendo Mãe de Jesus Cristo, Ela possui por direito hereditário e governa como verdadeira Rainha, tudo o que está abaixo de Deus; que Ela é a Mãe que comunica todos os bens*[245]*; que, como Mãe de Deus, ela é, portanto,* ***a mãe de todas as criaturas***[246]*, Mãe e Senhora de todas as coisas*[247]*, Mãe dos próprios anjos mesmo estando já glorificados,* pois eles devem sua fidelidade aos méritos obtidos por Jesus Cristo e Maria Santíssima[248]. Ó! Como Deus é bom em colocar todo o universo sob os pés e sob a feliz proteção de Maria Santíssima! *O Criador ama tudo o que existe*[249]; é por isso que Ele não se incomoda que sua obra flutue, por assim dizer, em seu amor; quer, ademais, que esse amor seja associado a um amor literalmente materno. Ó! Universo, vós não tendes apenas um *Pai que está nos céus*, mas também uma Mãe celeste que cuida de vós por meio de seus anjos, seus fiéis servos. Toda ação benéfica que o Altíssimo exerce sobre vós passa pelo coração de Maria Santíssima e ali se torna maternal, antes de se espalhar sobre as criaturas que vós abarcais.

141. – Mas o que dizer do papel de Maria Santíssima em relação à Igreja e aos homens? *O Pai da glória ... tendo dado Nosso Senhor Jesus Cristo como cabeça de toda a Igreja, que é o seu corpo e a sua plenitude; é Cristo que toma todos os seus desdobramentos por meio dela*[250]; e Maria Santíssima é a Mãe de Cristo! Ela é, pois, também a Mãe da Igreja, dos católicos e de todos aqueles chamados a sê-lo, isto é, de todos os homens.

---

[242] Santo Anselmo (De excell. V, c. 4) citado e traduzido por Santo Afonso de Ligório, *Gloria de Maria*, *Discursos sobre a Imaculada Conceição* 3º p.

[243] S. Bernardino de Sena, tomo 2, sermão 5º - *Triclinium Deitatis.* S. Boaventura, Laud. B. M. V. – *Triclinium nobile totius Beatissimae Trinitatis*. S. Tomas. Sermo De B. V. M. Dom. 4ª, Quadr.

[244] São Bernardino de Siena, Serm. *De Nativ.*

[245] Albert. M. *Bíblia Mar*. super libr. Sap.

[246] S. Boavent. 1, 3. Sent. D. 9, p. 1, n. 1, q. 3, art. 2

[247] Albert. M. Super Missus, cap. 198.

[248] Id. cap. 182.

[249] Sab., 11, 25.

[250] Efes. 2, 22, 23.

É verdade que, tendo sido redimida também por Jesus Cristo, Maria Santíssima é membro da Igreja da qual Jesus Cristo é a cabeça. Mas, como o coração faz parte do corpo vivo, ele é o primeiro de um corpo em formação, inclusive é por onde começa a própria formação da cabeça.

142. – Ó Maria, por todas essas características de vosso destino temporal, pode-se ver claramente qual deve ser a vossa morada no céu: ela se funde de alguma forma com a de seu divino Filho; ela se eleva acima de todas as outras moradas; os esplendores que emergem da humanidade gloriosa de Jesus suavizam em seus esplendores e passam, por assim dizer, por vosso arco-íris antes de irradiar na morada da glória. Todo o empíreo freme de alegria, e para sempre, num divino amor maternal[251].

CAPITULO VII – Configuração da Jerusalém Celeste

Civitas in quadro posita est... et mensus est civitatem de arundine aurea per stadia duodecim millia; et longitudo, et altitudo, et latitudo ejus aequalia sunt... (Apoc. 21, 16)

A cidade é quadrangular... e mediu a cidade com a vara de ouro até doze estádios; e seu comprimento, altura e largura, são iguais...

* * *

143. – O amor pela pátria celeste levou os escritores escolásticos a se perguntarem se o Empíreo é uma esfera como os céus que se movem ou se tem alguma outra forma.

Visto que até agora consideramos em linhas gerais as moradas do Paraíso, especialmente suas grandes divisões, resta-nos ver, em relação ao que chamaríamos de sua "geografia geral", se algo pode ser conhecido sobre o seu aspecto como um todo. Já vimos em vários lugares que ele envolve em sua vastidão, dentro de seu todo, o resto do universo. Mas não especificamos ainda sua configuração. Vamos tentar fazer isso neste Capítulo.

---

[251] Maria Santíssima deve, de fato, cumprir no céu um papel análogo ao que desempenha na terra, mas em tudo superior. Ela deu à luz a humanidade de Cristo; Ela, no céu, é como um espelho que reflete, em todo o empíreo, o imenso esplendor do Verbo Encarnado. As três pessoas divinas desejaram coordenar e compartilhar com ela a grande obra da salvação das criaturas racionais; imediatamente após as Pessoas Divinas, é portanto Maria Santíssima que faz a glória e a beatitude do Paraíso. Maria alimenta a Igreja da plenitude das graças recebidas de Jesus Cristo e todas as graças passam por suas mãos. É o que nos faz daí tirar ainda as mesmas conclusões anteriores. Portanto, imagino o espaço celestial de Maria abrangendo todos os espaços inferiores do empíreo, e estas gravitando em direção a Ela.

Primeiro Ponto – Apresentação da opinião da Escolástica sobre a configuração do Paraíso. A noção de Cidade Santa é muito diferente da noção de cidade comum.

144. – Santo Tomás admite a opinião de Aristóteles, que designava como *última esfera* o Céu Supremo, a esfera absoluta. Quer dizer uma esfera perfeita. Dava também, por causa de sua dignidade, denominações de *esfera primeira* e de *esfera suprema*[252]. O santo Doutor emprega as palavras de São Basílio, que diz: *consta que o céu é contido por uma esfera, tendo um corpo sólido assaz forte para separar as partes mais elevadas das inferiores*[253].

Esta "barreira" é o que denominamos mais acima, segundo São João, de *muralha da Cidade de Deus* (n.82).

145. - Suarez prefere, a toda outra forma, uma diferente da esférica: *A figura do empíreo,* diz ele*, é menos certa. Entretanto é mais exato admitir a figura redonda*[254]. E acrescenta que imaginar um "plano vasto", imóvel, sobre os céus esféricos móveis, nada tem que repugna; que, ademais, os corpos gloriosos não gravitam em baixo, e se mantém também facilmente sobre outro plano, que não o horizontal; que podem se elevar ou descer a seu bel prazer, sem mesmo tocar nos outros corpos; que a Escritura e os Padres, mantendo silêncio sobre esta questão, devemos nos ater à doutrina Escolástica (de Aristóteles), e que não é falso afirmar *alguma novidade corajosa sobre isso que os olhos jamais viram e sobre o que a Revelação nada diz*[255].

146. – Mas será verdade que a Revelação e os Padres não nos deram sobre isso nenhum ensinamento? **É certo**, diz Cornélio a Lápide, *que disto que escrevemos aqui (Apoc. 21), no sentido literal, não se pode concluir que se refira diretamente à Igreja Celeste e Triunfante*. Este piedoso e sábio comentador cita em seguida esta passagem memorável de Santo Agostinho: *Entender essas coisas* (isso que descreve São João no Capítulo indicado) *do tempo presente é uma imprudência excessiva, porque estas palavras* – **Deus enxugará toda lágrima –** *são ditas, com tanta evidencia, em referência ao século futuro, à imortalidade e à eternidade, que não deveríamos procurar e ler mais*

---

252 Prima sphaera ordinatur sicut extrinseca et contentiva omnis mutationis, De caelo et mundo, lib. 1. lect. 21 n. 7 et alibi. — Concludit ex praemissis (Aristoteles) manifestum esse quod mundus sit sphaericus tum propter corpus primum (supremam sphaeram) quod continet totum mundum... Unde sequitur quod superficies supremi corporis caelestis sit maxime regularis. Ibid. 1. 2. Lect., n. 8.

253 Constat *factum esse caelum rotunditate conclusum*, etc. p.1.q.66. a.3.Ad 4m.

254 De opere sex dierum, I. 1. e. 10, n. 16.

255 Ibid.

nada nos Livros Sagrados, se crermos que estas coisas são obscuras[256].

Ora, São João nos indica claramente a forma exterior da Cidade Santa. Não importa, como observei acima (n. 88), que esta forma seja simbólica, pois pode ao mesmo tempo ser real e que sejamos privados de qualquer fundamento para contestar que seja cúbica. Certamente a Jerusalém celeste é física. Deve, portanto, ter uma configuração específica e, se São João no-la descreve com muita clareza, que razão devemos ter para duvidar?[257]

147. – *A cidade está construída em forma quadrangular e seu comprimento é tão grande quanto sua largura. E ele (*o anjo*) mediu a cidade com sua vara de ouro em um espaço de doze mil estádios*[258]*; e seu comprimento,* ***sua altura*** *e sua* ***largura*** *são iguais*[259]*. Tudo é quadrado,* diz Bossuet*, e compõe* ***um cubo perfeito****; o que marca a estabilidade perfeita*[260]. Sem prejuízo dos significados místicos indicados pela disposição da Cidade Santa, parece-me claro que tudo também é material e literalmente verdadeiro na descrição de São João.

Mas é preciso explicar.

148. – Observemos inicialmente, nesta primeira meditação, que não se trata aqui de uma cidade semelhante em tudo às construídas na terra. Pois, entre as cidades construídas na terra e a Jerusalém celeste só pode haver analogia. Com efeito, a própria Igreja militante é frequentemente denominada de *cidade*, embora considerada em seu conjunto não tenha a forma de cidade e compreenda na sua catolicidade todo o globo terrestre.

Vós sois a luz do mundo, foi dito aos Apóstolos. *Uma cidade situada sobre uma montanha não pode ser escondida*[261]. Esta cidade é sem dúvida a Igreja enquanto visível sobre toda terra. *Nós somos,* diz São Paulo*, os concidadãos dos Santos*, ***e da casa de Deus***[262], e esta *casa* é tão vasta como a Igreja. *Jerusalém será denominada de a cidade da verdade*[263], *e o Evangelho deverá ser pregado a todas as criaturas*[264]. *Nos últimos tempos a montanha sobre a qual se edificará a ca-*

---

[256] De Civit. Del, liv. 22, c. 27, ou mieux, I. 20, e. 17, édit, de Migne. Ver também '*Manual Bíblico'* por Bacuez et Vigouroux.Tom IV, n. 933.

[257] Não é necessário que tudo aquilo que no interior aparece redondo seja também redondo ou convexo no exterior. Santo Tomas conforme São Basílio. 1 p. q 68, a. 2. ad 2m.

[258] Um estádio equivale, mais ou menos, a 185 metros. M. Drach.

[259] Apoc. 21, 16.

[260] O Apoc. Ibid.

[261] Mat., 16, 14.

[262] Efes., 2, 19.

[263] Zach. 8, 3.

[264] Marc. 16, 15.

sa do Senhor será fundada no alto dos montes, e ela se elevará além das colinas para se mostrar a toda terra e todas as nações acorrerão, em multidão[265], a ela. Esta *casa de Deus* será visível por todos. Isaías nos fala ainda da *cidade* dos comerciantes, que é o mundo*: o mundo está todo inteiro sob o domínio do maligno*[266]. Esta cidade *será reduzida a um túmulo e um povo poderoso renderá glória a Deus; é a cidade das nações formidáveis que reverenciará* o Altíssimo[267]. Concluamos daí que a Igreja militante é uma cidade verdadeira, no sentido bíblico, ao mesmo tempo universal. Ela é a *Casa de Deus*, mas uma casa imensa quanto aos espaços que ocupa, não tendo outros limites que os de nosso planeta, oferecendo até mesmo horizontes visuais sobre o empíreo e o purgatório. O que não impede que a Jerusalém celeste seja uma cidade deste gênero. Ela da qual a Igreja militante é a imagem[268]?

149. – Esta interpretação é corroborada por grande quantidade de evidências. Assinalemos algumas, com o risco de nos repetir.

Esta Cidade é um reino, o reino **dos céus** (nºs 20-24, 37 etc.).

Se, durante o período da prova, formos fiéis a Nosso Senhor Jesus Cristo, *Ele nos fará desfrutar, no céu, de todo o seu reino; todo o seu reino será o nosso, como sendo seus co-herdeiros*[269]*. Se sofrermos com Ele, reinaremos com Ele*[270]. Ora, Jesus Cristo certamente reinará sobre todos os universos. Então tal será também o nosso reino, sem que, no entanto, abandonemos a cidade celeste: ele é, portanto, o mais vasto dos impérios.

As cidades são construídas para os homens e, consequentemente, estão dispostas segundo o que requer a natureza, as condições, as necessidades e os gostos de seus habitantes. Ora, vemos que todas as cidades que se erguem aqui e acolá na face da terra mostram a vida de prova do homem e seu estado de viandante. As casas estão fechadas dentro de estritos limites para não atrapalhar às dos vizinhos e não dar lugar a tantos gastos e trabalhos e melhor abrigar o homem do frio ou dos malfeitores; os telhados, os portões, os muros e uma infinidade de outras coisas supõem as inclemências das estações, os ladrões, os

---

[265] Isaia, 2, 2.

[266] 1a. Jo. 5, 19.

[267] Is. 25, 2 e 3.

[268] Há duas cidades, ou sociedades, diz Santo Agostinho: uma a dos anjos e dos homens bons e outra, a dos maus. Cidade de Deus, l. 12, c. 1.

[269] Segneri, Manna, 24 Déc. 3º point.

[270] 2 Tim. II, 12. Si filii (Dei), et haeredes: haeredes quidem Dei, cohaeredes autem Christi : si tamen compatimur, ut et conglorificemur (Rom. VIII, 17).

animais ferozes e outros inimigos do bem do homem; as habitações estão aglomeradas para formar centros administrativos, comerciais, intelectuais, etc. Todas essas coisas são consequência das necessidades da vida, da ignorância, da inclinação do homem para o mal e de outros efeitos do pecado original, ou, pelo menos, do estado de prova. No Paraíso, nada de semelhante: todas as criaturas são amigas dos eleitos; nada de medo, nada de ignorância, nenhuma tendência para a desordem, sem necessidade de proteção ou de defesa.

Além disso, as distâncias estão como que supressas para o homem ressuscitado, que anda mais rápido do que a luz; nada na natureza lhe serve de obstáculo; sua vista, sua audição, suas forças têm uma potência proporcionada à sua agilidade, e o elemento no qual vive, a luz da glória, graças à qual o bem-aventurado contempla a essência divina, sustenta e favorece eternamente a energia como que divinizada de todas as suas faculdades.

Como, pois, supor para tal serem casas e cidades semelhantes às nossas? A mais magnífica das casas é a natureza clemente e propícia! Que digo? Ela é perfeitamente submissa ao homem, e é glorificada pelo uso e pela felicidade do homem[271].

150. – A cidade celeste é, pois, na criação, o que há de maior, de mais belo, de mais agradável e delicioso aspecto da obra de Deus.[272] As Sagradas Escrituras também não nos dizem que nossos primeiros pais, desfrutando de uma amostra de felicidade no paraíso terrestre, felicidade sem dúvida muito inferior do que a felicidade da pátria celeste, teriam casas para se abrigar? Sua habitação era o jardim de delícias: *O Senhor Deus havia plantado, desde o começo, um jardim delicioso* ***no qual colocou o homem*** *que havia formado*.[273]

O primeiro casal humano vivia dia e noite ao ar livre, próximo de fontes, à sombra de árvores, nos diversos lugares de uma paisagem sempre risonha e fértil, num vasto ambiente mil vezes mais saudável e agradável do que estes sistemas de "buracos", adotados mais tarde pe-

---

271 Dominus in caelo paravit sedem suan, et *regnun ipsius omnibus dominabitur*. Benedicite Domino, *omnes* angeli ejus... Bénédicite Domino, *omnia opera ejus... in omni loco dominationis ejus*. Ps. 102, 19- 22. Não é preciso dizer que o céu e todas as obras de Deus constituem, não somente seu trono, mas ainda sua cidade e seu império? Ver o n. 407... *Não sabeis vós que esta mansão divina não é apenas uma casa, mas um felicíssimo jardim de delícias*? Segneri, Manna dell'Anima, I. nov. I.

272 O Deus que fez o mundo, diz São Paulo, e tudo o que há neste mundo, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos humanas (At 17:24). Isso não quer dizer que a verdadeira mansão material de Deus, à semelhança de seus tempos aqui na terra, é o conjunto de Suas obras? Anteriormente, no mesmo livro dos Atos, encontramos a mesma ideia mais claramente ainda (7:48-50). Ver nº 407, que explica esta passagem.

273 Gn 2.

los homens culpados, denominados pelos nomes de "casas" e de "palácios".

A espécie humana, desde que se tornou pecadora, encontrou-se ameaçada pela revolta dos diversos elementos da natureza e por seus próprios membros criminosos. Ela foi lenta em se fechar entre quatro muros de pedras, em deixar de desfrutar parcimoniosamente do ar vivificante e da luz prazerosa, em se conter e em se esconder. A espécie humana, no início, sentia-se, por assim dizer rainha da natureza e não tinha que se defender das perturbações do clima com os trajes e as residências. Isso prova como a verdadeira moradia do homem é a grande obra de Deus e não estes edifícios artificiais que somente o pecado tornou necessários.

151. – Ora, *no céu, temos uma casa construída pelo próprio Deus e não pela mão dos homens,* como nos diz São Paulo.[274] Ela é *eterna* em sua predestinação; imutável na sua realidade, indestrutível como a eternidade. É, antes de tudo, a glória celeste, o esplendor beatificante que emana de Deus, do Homem-Deus, de Maria Santíssima e dos príncipes da corte celeste. É, além disso, todo um conjunto de criaturas que formam o céu empíreo, esses mundos aprazíveis, essa imensa natureza em festa sobrenaturalmente formada e embelezada.

Há *numerosas moradas,* pois todos os graus de talento e de mérito estão representados pelas diferentes moradas (n. 132). Mas como tudo aí é grande, vasto, digno de Deus e dos bem-aventurados! *Tabernáculos eternos*[275]*!* Mas como são luminosos, vaporosos, semelhantes à nuvem que envolveu os Apóstolos no Tabor[276], e a que, em outra situação, *escondeu a seus olhos* o Salvador quando se elevava ao céu[277]!

Os santos se alegram na sua glória.

Eles exultam de alegria ***em seus leitos***[278].

Mas *esses leitos* são *lugares* de repouso distribuídos *conforme a categoria de cada um e segundo o mérito de suas obras*[279]. Constituem, no seu conjunto, *o reino que Jesus Cristo preparou aos seus amigos, a fim de que comam e bebam na sua mesa, em seu reino*[280]. Não num palácio pequeno, não em uma sala, não em uma cidade parecida

---

[274] 2Cor 5:1
[275] Lc 16:9.
[276] Mt 5.
[277] At. 1,9
[278] Sl. 149, 5.
[279] Omnis misericordia faciet locum unicuique secundum meritum operum suorum, Ecl 15:15.
[280] Lc. 22, 29, 30.

àquelas que os homens constroem no lugar de exílio, mas na extensão incomensurável do reino Celeste[281]. Ó Pai, Vós coroastes de glória e honra Vosso Filho, e Vós O haveis estabelecido sobre as obras de Vossas mãos. Vós haveis posto todas as coisas debaixo de seus pés, e a Ele, submetendo todas as coisas, não deixastes nada que Lhe não fosse submetido[282]. O reino de Vosso Filho único é pois a universalidade das coisas, mas particularmente as coisas na glória; é sobretudo o Céu Empíreo e as *moradas* dos bem-aventurados, onde seus *tabernáculos e* seus *tronos* são proporcionados à extensão do Empíreo, adquirido por Jesus Cristo conjuntamente com seus santos (149, 37 e seg).

152. – A Jerusalém Celeste ultrapassa pois as nossas vilas e cidades vulgares, assim como a Igreja militante ultrapassa um modesto lugarejo, assim como o Céu ultrapassa a terra. A Jerusalém Celeste é, entretanto, uma cidade, e mesmo o primeiro tipo de todas as cidades, pela unidade e concórdia de todos os seus habitantes, por suas riquezas inimagináveis, pela diversidade maravilhosa de suas residências, por sua disposição como obra da Sabedoria incriada e por sua segurança absoluta, pois nenhum mal pode ter acesso a ela.

Vejamos agora, na segunda meditação, como a ideia geral, que nos é dada da cidade, está de acordo com a descrição que nos fez São João no Apocalipse. Pesemos cada palavra desta linguagem inspirada, e consideremos sobretudo o seu sentido literal para diminuir o mais possível as possibilidades de erro.

Segundo Ponto: São João viu uma "amostra" do Céu Empíreo, que é um cubo perfeito.

153. – *A cidade está construída em quadrado*. Veja como não está muito claro. *Seu cumprimento é também grande, tanto quanto sua largura*: depois disto, é de duvidar ainda que o Empíreo tenha uma forma esférica ou uma forma quadrada, como falamos anteriormente (ns. 20-24), que o Céu Empíreo, o Terceiro Céu, o Paraíso e a Jerusalém Celeste sejam sinônimos quanto ao fundo? Mas, eis o que faz do Paraíso uma cidade única no seu gênero: *seu comprimento, **sua altura** e sua largura são iguais!*

---

[281] Embora o universo inteiro pertença a Deus, diz Santo Ambrósio, a Igreja é chamada *Casa de Deus*: *Cum totus mundus Dei sit, tamen domus ejus Ecclesia dicitur* (1Tm cap. 3). Portanto, se a Igreja Militante, que é espalhada sobre toda a terra, é chamada Casa de Deus, o Empíreo pode ter o mesmo nome, embora seja ainda maior. Ele é a Casa de Deus por excelência porque Deus é particularmente o Pai dos que nele habitam, e porque todos seus filhos ali O louvam dignamente. *Christus Filius in domo sua; quae donnus sumus nos* (...) Hb 3:6. A Igreja também é esta casa.

[282] Heb. 2; 7-8.

O quê? A altura desta cidade, igual a seu comprimento e a sua largura? É necessário então que os edifícios sejam de uma altura incrível, ou seja, de 775 km, a não considerar senão as medidas menores[283]. Diz-se que o anjo não mediu senão a dimensão da cidade, o que parece muito mais razoável (porque conhecida uma das faces de um cubo, conhece-se imediatamente todas as outras). Assim, a cidade deve ter uma altura de doze mil estádios, ou seja, de 2220 km. Ora, mais de um intérprete se encontra fortemente embaraçado diante destes cálculos e de seus resultados; outros se refugiam no sentido místico, o que é mais cômodo.

154. – Mas, na minha humilde opinião, São João nos indica um detalhe da mais alta importância e que é a chave do mistério: *O anjo*, diz ele, *mede a cidade num espaço de doze mil estádios*. Não mede toda cidade, mas simplesmente um pequeno distrito. E teria tido um trabalho enorme para medir todo o Empíreo. Ademais, sua intenção evidente era dar a São João uma ideia da Jerusalém Celeste e de sua disposição. Para isto uma fiel amostragem seria suficiente.

Deve, pois, ter sido uma Jerusalém Celeste em miniatura o que foi mostrado ao viandante de Patmos, e o profeta nos descreveu o que o Anjo quis dar-lhe a conhecer. Ademais, São João não nos fala senão dos palácios desta cidade. Por que então concluir como se aí não pudesse ter uma cidade diferente das nossas? Mais. Se se quer que a Cidade da glória se assemelhe às cidades da terra, parece evidente que não se deve atribuir a seus edifícios mais do que dois mil quilômetros de altura. Neste caso, as medidas indicadas pelo Escritor inspirado são ininteligíveis, e deve-se renunciar a seu sentido literal. Pois isto é de graves inconvenientes quando se tem diante dos olhos uma descrição tão clara.

155 – Ao contrário, tudo se concilia admiravelmente, se admitirmos que a Cidade de Deus é um céu ou um conjunto de céus em conformidade a outros ensinamentos da Sagrada Escritura (números 23, 37 e 41), e que São João tenha visto apenas uma fiel e pequena representação. Pode-se dizer que a fotografia de Roma é Roma. E esta maneira de falar é mais verdadeira ainda se, no lugar de uma fotografia,

[283] O estádio, como dissemos, tem 185 metros; e, de acordo com as medições mais superficiais, a altura da cidade é de três mil estádios; temos, portanto, 755 km. Mas alguns autores mais precisos dizem que o anjo não mediu a cidade apenas numa direção, e que seu comprimento é de doze mil estádios. Ora, era inútil medir os outros lados, pois eram todos iguais; assim, prefiro esta interpretação à primeira. Simplesmente a cidade é, para mim, um cubo, em vez de um simples quadrado.

nós tivermos uma obra em madeira ou em gesso, onde tudo é reproduzido em pleno relevo, com as proporções expressas exatamente. Temos assim toda uma cidade, embora pequena, o que é suficiente quando se trata de uma questão de *conhecimento* sumário desta Cidade. Ora, não é uma **revelação** que São João teve da Jerusalém Celeste; é um *ensinamento* que o anjo lhe deu e que nos foi transmitido. E, por aí, é uma fiel amostra do Paraíso, reunindo todas as condições desejadas.

156. – Também o Apóstolo não nos diz que viu toda cidade, nem que o Anjo a tenha medido por inteiro. Ao contrário, diz formalmente que o Anjo a mediu *num espaço* de doze mil estádios. Ou, segundo Cleber, *na extensão de doze mil estádios*. Ou, segundo Martine, *in dodici mila stadi*, deixando na indeterminação tudo o que ultrapassa estas medidas. Com efeito, se o Anjo quisesse nos dar as dimensões do Empíreo, quem, entre os mortais, poderia compreender sua linguagem e suas cifras? Se é muito difícil ter uma ideia nítida do milhão e, sobretudo, do bilhão, as medidas do Céu Empíreo seriam para nós absolutamente ininteligíveis.

Então, por que o Anjo mediu a cidade? Certamente o Anjo conhecia suas dimensões sem ter que recorrer à geometria. Mas, entre outras razões, nos indicou, por este procedimento, que aqui na terra não conseguimos conceber senão muito poucas coisas, como elas o são de fato na imensidade da celeste Jerusalém. E ele, aos olhos do Profeta, deu uma amostra proporcionada à capacidade ordinária dos homens, como para indicar que não lhe mostrava todo o Céu Empíreo.

157. - Ademais o anjo pode fazer, – e isto me parece muito razoável - com que cada parte do Céu Empíreo seja um fac-símile do todo. Isto se pode ver em certas plantas e em certos cristais. É o que se pode ver também nos céus, que se sobrepõem nos universos e que parecem ser aumento sucessivos do mesmo desenho. Em todo caso, é claro que o Céu Empíreo, em cada uma de suas partes, é a obra prima material a mais perfeita e a mais simétrica. Nada há, pois, para se espantar em admitir que São João não viu senão uma parte do grande todo, ou, melhor ainda, apenas uma cópia dele, em relevo, diminuída, para se adaptar aos nossos fracos olhos. *Eu vi a Cidade... descida do céu, junto de Deus*[284], é o que melhor convém a uma imagem da original.

[284] Apoc. 21, 2

158. – Contudo, esta amostra tem proporções colossais. A se considerar os cálculos de Cornélio a Lápide[285], que toma os doze mil estádios como a medida completa da cidade (que é quadrangular), ela ocuparia um espaço igual ao que há entre Nápoles e Milão. Isto tanto para a largura quanto para o comprimento. Mas convém observar que o Alcazar quadruplica este espaço. Tomando os doze mil estádios apenas pela medida do comprimento, atribui assim, à Jerusalém Celeste, um espaço quadrado que se estenderia como de Sevilha até Nápoles.

Parece-me que o sentido mais natural do contexto é o que considera a medida do Anjo como a de apenas uma das três dimensões da cidade: *Ele mediu a cidade com uma vara de ouro, num espaço de doze mil estádios; e seu comprimento, altura e largura são iguais.* É como se dissesse: *Ele mediu seu comprimento, altura e largura, como sendo iguais ao seu comprimento que é de doze mil estádios*. A muralha tem a sua medida à parte.

Segundo esta interpretação, um estádio tem 185 metros, mais ou menos. A área da Cidade Santa teria 4.928.400 Km2. Ou seja, pouco mais ou menos a metade da área da Europa, que é 9.900.000 Km2[286].

159. – Na verdade, uma cidade terrestre, para uso dos mortais, essas proporções são respeitáveis! Mas, se se considera que a cidade Celeste é o lugar dos imortais, daqueles para quem foi feito o universo (nn. 7-10), daqueles que devem reinar com Jesus Cristo sobre todas as obras das mãos de Deus; se se pensa o que é o **reino dos céus** prometido frequentemente no Evangelho, e formado pelos *céus dos céus*; se se pensa que os milhares de mundos serão renovados e glorificados para uso e glória dos Anjos fiéis e dos homens na sua suprema finalidade; se se pensa nas inteligências como que divinizadas pela luz da glória, nos dons dos corpos gloriosos, nos sentidos humanos tornados instrumentos perfeitos das almas felizes, e capazes de reger, por assim dizer, tudo aquilo que em excelência lhes é inferior; é preciso confessar que a Jerusalém Celeste, vista por São João, não é senão o Céu Empíreo em miniatura, como o discípulo bem amado de Jesus parece, ademais, nos indicar claramente e de diversas maneiras.

160. – Assim, fica claro compreender como a Cidade de Deus forma um cubo perfeito. E que sua altura não tem nada que nos sur-

---

[285] In Apoc. ibid.

[286] Alcazar considera também a cidade como sendo quadrada; mas, como São João nos diz claramente que ela é um cubo, é necessário tomar seis vezes essas medidas para se ter a superfície de todo o cubo. Deve-se fazer a mesma multiplicação quanto às medidas dadas por Cornélio a Lápide, se se preferir sua interpretação àquela de Alcazar.

preenda. Por que, de fato, o Empíreo seria sobre tudo a figura de uma esfera e não de um cubo? A persuasão de que a sua forma é esférica foi engendrada devido à aparência que oferece a abóboda Celeste, mas foi dissipada pelos progressos da astronomia (nn. 39-41).

Ademais, a forma esférica convém particularmente aos mundos e aos céus móveis. Seu movimento, se bem observado, é como o de uma contínua procura de repouso; é uma viagem que visa um termo. Sabemos, pela Revelação, que este termo será atingido quando os céus e a terra forem glorificados. Então, segundo ensinamento comum da filosofia e da teologia católica, os céus não mais circularão. Tendo atingido seu fim, repousarão: *Nós sabemos*, diz São Paulo, *que todas as criaturas gemem e estão em serviço de parto até àquela hora*[287]. Mas, elas se disporão de maneira a formar uma imensa esfera? Ou um imenso cubo? São João nos diz claramente que a forma cúbica prevalecerá: *O comprimento, a altura e a largura da Cidade santa são iguais*. A Cidade tem, desde agora, esta forma. E se engrandecerá depois ao incorporar e assimilar os céus inferiores, mas sem mudar de configuração: *In quadro posita est*.

161. – Muitas outras autoridades corroboram este ensinamento. Cornélio a Lápide afirma que São João Crisóstomo, Teofilacto, L. Molina, Santo Atanásio, São Basílio, os doutores de Coimbra, consideravam que *o Céu Empíreo não é redondo, mas quadrangular, ou ao menos quanto à sua superfície convexa* ou exterior, tal é a doutrina de São João na passagem citada. São Clemente defende também que *O céu é feito em forma... de quadrado, estável como a pedra*. Entretanto, o sábio comentador, levado sem dúvida pela ideia comum de seu tempo de que o céu é abobadado, não compartilha a opinião e nos convida a ver nas palavras apocalípticas uma linguagem simbólica.

A forma quadrada, diz São Clemente, indica a estabilidade, a beleza e a bondade; as cidades quadradas são mais cômodas, mais belas, mais perfeitas, mais fortes e se prestam melhor à ornamentação arquitetural. Mas acrescentarei, em tudo professando grande respeito a um autor tão distinguido, a Jerusalém Celeste é realmente tudo isto, tem realmente todas essas características, porque, em se tratando de obras materiais, nela nada há que seja mais cômodo, mais belo, mais perfeito, melhor ornado que o Paraíso. E nada simboliza melhor os atributos da Cidade Santa do que sua realidade palpável. Não procuremos, pois, dificuldades em uma doutrina revelada tão clara: *A cidade está cons-*

[287] Rom. VIII, 22.

truída em quadrado, e seu comprimento é também grande como sua largura...; seu comprimento, altura e largura são iguais. O Céu Empíreo é um cubo[288].

162. – Os céus mutáveis se movem no imenso cubo do Empíreo. Fora da renovação dos céus inferiores, os mundos, à semelhança das moléculas que formam os cristais, irão se colocar simétrica e harmoniosamente no interior do grande cubo, não somente em virtude de uma lei natural, mas também sob as influências glorificantes que receberam. Entretanto, este grande cubo e os mundos que dele fazem parte devem ser concebidos como um corpo não contínuo: o Céu Empíreo será sempre o céu típico onde os corpos se mantêm a distâncias variadas.

A Jerusalém Celeste tem suas ruas em todos os sentidos: longitudinal, transversal e vertical, porque todas as direções são igualmente cômodas para os imortais. As ruas são proporcionadas à vasta extensão da cidade. Não é necessário dizer quanto às suas praças. A luz da glória inunda-a por inteiro. Eu a imagino aumentando de intensidade sem cessar, à medida que se sobe do interior para superfície, de tal maneira que cada bem-aventurado a perceba de acordo com sua capacidade. Não me repugna admitir corpos celestes em forma de globos imóveis, excetuando-se os ângulos, favorecendo a vista e as comunicações. Mas esses corpos estão dispostos de maneira a formar, no seu conjunto, o grande cubo de que temos falado.

163. – Eis como, ó nosso Pai dos céus, do fundo deste lugar de exílio, ouso figurar minha celeste pátria. Sem dúvida, sendo uma pequena criança em relação a estas inefáveis realidades, *falo como uma criança, tenho os gostos de uma criança; raciocino como uma criança*; um dia, se Vós dignardes me dar a graça, como espero firmemente, tornar-me-ei *homem* e verei, não mais *através de um espelho, em enigma, mas face a face*[289], Vós mesmo, meu doce Salvador Jesus, e Maria, a grande e boa Maria, os Anjos e os Santos e toda a Jerusalém

[288] O cubo é necessariamente composto de seis faces. Ora, Santo Agostinho encontra uma grande perfeição neste nome: "Hoc commemorandum putavi ad commendandam senarii numeri perfectionem, qui primus, ut dixi, partibus suis in summam redactis ipse perficitur in quo perfecit Denis opera sua. Unde ratio numeri contemnenda non est, quae in multis Sanctorum Scripturarum locis; quam magni aestimanda sit, elucet diligenter intuentibus. Nec frustra in laudibus Dei dictum est: omnia in mensura et numero et pondere disposuisti" (Sb 11:21). Como o Paraíso é uma das três obras primas de Deus, por excelência (nº 32), convém que tenha uma forma cúbica. A passagem de Santo Agostinho se lê na *Cidade de Deus*, 1.II. cap. 30).

[289] 1ª. Cor. 13, 11-12

Celeste. Fazei, ó meu Deus, que eu viva continuamente deste pensamento e que ele oriente toda a minha conduta.

"*Ensinai-me, Senhor, o caminho de vossa lei, eu a quero observar até o fim.*

Ensinai-me a observar a vossa Lei e a guardá-la de todo o coração.

Dai-me a inteligência para guardar vossa lei, e a observar de todo coração.

Conduzí-me no caminho de vossos preceitos, porque é deles que eu gosto.

Inclina meu coração para os vossos ensinamentos, e não para o interesse sórdido.

Desvie meus olhos do espetáculo do mal, fazei-me viver no vosso caminho.

Cumpre vossa promessa para vosso servo, a propósito de vossa crença.

Desvie de mim o opróbrio que eu receio, porque vossas sentenças são justas.

Veja, eu aprecio vossas prescrições; em vossa justiça fazei-me viver[290].

Quem poderá subir a montanha do Senhor,
E permanecer na sua santa morada? –
Aquele que tem as maus inocentes e o coração puro
Que na alma não leva nada de mal,
E não jura para enganar.
Este receberá a benção do Senhor.
Tal é a justificação de Deus, seu Salvador.
Tal é a geração dos que o procuram,
Dos que buscam a face do Deus de Jacó[291].

Terceiro Ponto: Assim concebido, o Paraíso Celeste não seria demasiadamente grande?

[290] Sl 118, 33-40
[291] Sl 23, 3-6

164. – Respondemos que não. Isto por muitas razões, algumas das quais já indicadas. Dispomo-las aqui como num quadro resumido e acrescentamos simultaneamente, algumas que nos parecem de peso.

1º) O Paraíso Celeste é *o reino* ***dos céus***, não somente porque está nos céus, mas também e particularmente por abarcar os céus.

2º) Com efeito, é certo que os mundos do universo devem ser glorificados para uso e glória acidental dos imortais, pois eles devem fazer parte do seu reino.

3º) É certo também que todas as criaturas irracionais têm por fim imediato as criaturas privilegiadas que conhecem a Deus e que O amam. Ora o Paraíso é a visão, a compreensão e a fruição de Deus, e também a plenitude no exercício de todas as prerrogativas do homem, e em geral dos seres racionais, que meritoriamente atingiram seu fim último. É por isto que *o reino dos céus é deles, pertence a eles*.

4º) Os imortais são os *filhos de Deus*, não mais em formação, em crescimento, no estado de prova, mas já ornados de um diadema real e divino. Sua dignidade é tal que são *deuses* por participação: *Eu disse*: *Vós sois deuses, vós sois todos filhos do Altíssimo*[292], e uma tal dignidade exige o domínio do universo: *Aquele que tiver vencido*, disse Nosso Senhor Jesus Cristo, *Eu o farei assentar sobre meu trono comigo, assim como eu venci e me assentei com meu Pai sobre um trono*[293]; se sofremos com Jesus Cristo, reinaremos com Ele[294]; *se somos filhos (de Deus), somos também herdeiros; herdeiros de Deus e coerdeiros de Jesus Cristo, porque sofremos com Ele, a fim de sermos glorificados com ele*[295]. Jesus Cristo, reinando sobre todas as criaturas (n. 151), com Ele reinaremos também sobre todas as criaturas.

5º) As perfeições da alma, do corpo e dos sentidos dos bem-aventurados resuscitados são de tal forma grandes e sublimes que o universo, purificado, será apenas uma morada proporcionada às suas faculdades morais, espirituais e físicas. Não basta, pois, a sua grandeza, que é apenas um dos elementos de sua felicidade acidental, e porque, para os contentar plenamente, é necessário o próprio Infinito: *Eu*, diz o senhor, *serei vossa recompensa demasiadamente grande*[296]*; eu serei ressuscitado, ó meu Deus, não quando os mundos me forem submissos, mas quando alcançar eles vossa glória*[297]. A inteligência

---

[292] Sl. 81, 6
[293] Apoc. 3, 21
[294] II Tim. 2, 12.
[295] Rom. 8, 17.
[296] Gen. 15, 1.
[297] Sal. 16, 15.

humana quer mais que o finito; o coração humano é mais vasto que a criação; o corpo e os sentidos do homem glorificado serão servidores dignos das inteligências e dos corações que desejam o Bem infinito (ns. 9, 10, 149). Como, pois, poderá ser que as distâncias e as grandezas de ordem material satisfaçam suficientemente tais seres? Não, não. A universalidade de coisas será o *jardim de delícia* dos imortais. É para eles e em vista deles que Deus fez o mundo tão extenso e tão cheio de globos. Para quê, pois, uma obra com tal amplitude para os eleitos, se não tivessem, eles mesmos, essas medidas no pensamento divino?[298]

165. – 6º) São os anjos que governam os corpos celestes (ns. 109, 110 com as notas); ora, os homens ressuscitados são *iguais aos anjos*[299]. Se, pois, no presente o universo não é demasiado vasto para a multidão dos puros espíritos, será menos ainda quando os eleitos se juntarem aos coros angélicos e reinarem com eles, como amigos e irmãos[300].

166. – 7º) Os anjos, ao mesmo tempo que governam o universo, desfrutam da visão intuitiva e se encontram no Paraíso Celeste. É verdade que, nesta perspectiva, o Paraíso Celeste não é completo em suas perfeições acidentais. Ele só o será após a renovação do mundo. Mas essa renovação não será uma diminuição: o sobrenatural completa, orna e eleva a natureza, sem a diminuir nem encolher. Pois o campo atual da ação angélica é, em parte, o Paraíso já glorificado, e em parte, o conjunto de corpos da natureza que devem ser glorificados. Na concepção que fizemos da Cidade de Deus nada há, pois, de exagerado.

167. – 8º) Haverá certamente um número de habitantes suficientes para povoar o Céu Empíreo, porém não do modo que se deva disputar os espaços, como a posteridade decaída do primeiro homem disputa a posse da terra. Todos terão tudo o que desejarem, segundo sua capacidade e seus gostos. Os bem-aventurados, tendo recebido o engrandecimento sobrenatural, prodigioso quanto à alma, ao corpo e a toda as suas capacidades, serão como Reis no grande império de Jesus

---

[298] Os predestinados são aqueles que estão no pensamento de Deus desde a eternidade; são aqueles que realizam todos os desejos de Deus. É por isso que *omnia propter electos*: tudo se destina aos eleitos. É também porque *diligentibus Deum omnia cooperantur in bonum*: "tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus"; *omnia*, tudo; e uma vez que tudo é feito para a sua glória, nada existe em que o Criador não tenha dado um poder e até mesmo uma secreta inclinação para servi-los. Bossuet, segundo sermão para a Festa de Todos os Santos, item 1. Ver em sua integridade este magnífico sermão de Bossuet, digno de seu gênio.

[299] Luc. 2, 36.

[300] "*Pleni sunt caeli et terra gloria tua: hosanna in excelsis*", canta a Igreja. É necessário, então, que em todos os céus haja expectadores inteligentes da glória de Deus, adoradores de Deus, repletos de Deus, mas não de sua glória.

Cristo. Mas esse Reino será em tudo proporcionado e não terá nada de excessivo quanto à sua extensão.

Acrescentemos a isso que o número real dos bem-aventurados será a soma de todos os Anjos, visíveis então como simples cidadãos[301], e de todos os eleitos, desde Abel até o último justo que houver sobre a terra, todas as crianças mortas na inocência, todos os que pertenceram à alma da igreja, todos os que no ato de arrependimento se reconciliaram com Deus antes da morte, toda esta multidão de "reis" deve se alojar convenientemente no Paraíso!

Até o fim do mundo, quantos cidadãos serão enviados ao Céu antes da terra ser purificada pelo fogo?

168. – Com isto, cremos poder concluir legitimamente que, no universo, o Paraíso Celeste é tudo que há de mais vasto, mais belo e mais rico.

> *Feliz, ó meu Deus, aquele que escolhestes e fizestes vir a vós, pela graça!*
> *Ele habitará nos vossos átrios.*
> *Poderemos nos saciar dos bens de Vossa casa,*
> *Do Vosso santo Templo*![302]

Quarto Ponto: Segundo Santos e Doutores, Maria Santíssima é de maneira notável uma Cidade de Deus que recebeu o Verbo Encarnado, sem nenhuma limitação da divindade

169. – Como vimos, as Cidades de Deus são muito diferentes das cidades dos homens na terra. São mais variáveis, mais completas e mais nobres. São cidades primordiais, típicas, das quais as cidades terrenas são como partícipes e pálidas imagens. Têm, por assim dizer, múltiplas espécies.

A Cidade Celeste é um modelo perfeito de unidade: mesma glória, mesma qualidade, mesma felicidade, mesma imortalidade. E, simultaneamente, tudo que há de mais vasto e de alegre.

A Igreja Militante é imperfeitamente aquilo que é a Igreja Celeste: *Solícitos em conservar a unidade do espírito pelo vínculo da paz, sede um só corpo e um só espírito, como também fostes chamados a*

---

[301] Nas Escrituras o nome de Anjos é sempre designado de grandíssimo e imenso. Martini, Apoc. VI, 2 – "Vós nos revelastes, ó Deus, que estas puras criaturas são inumeráveis (Hebr., XII, 22; Dan. 7, 10)... Não é de crer que, falando assim, Vosso profeta tenha querido contá-los. Essa prodigiosa multiplicação significa apenas que são inumeráveis e que a mente humana se perde naquela imensa multidão. Contem, se puderem, as areias do mar ou as estrelas do céu, tanto as que vemos como as que não vemos, e, acreditem em mim, vós ainda não imaginastes o número de anjos. A Deus não custa nada multiplicar as coisas excelentes e aquilo que há de mais belo. É, por assim dizer, o que Ele mais prodigaliza". Bossuet, Elévations, 4, sem. I, EL.

[302] Salm. 64, 5.

um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e um só Pai, que está acima de todos, no meio de todas as coisas e em todos nós"[303]. É uma cidade divina na qual os habitantes estão espalhados por toda a terra, abarcando a humanidade inteira, em todo globo onde esta exista. A Jerusalém terrestre antiga era uma cidade divina que servia de prefigura da Cidade Celeste.

170. – A Virgem Maria é também, de maneira notável, uma cidade divina. *Ela é a cidade viva da qual o profeta disse: gloriosas coisas foram ditas de ti, cidade de Deus* (Sl. 86)[304]; *cidade do Grande Rei, não pela excelência das casas e nem pela altura dos edifícios, mas pela grandeza e pela sublimidade e pureza das virtudes divinas que de forma alguma podem ser comparadas*;[305] *a cidade por Deus habitada, na qual Ele quis ser contido, porque, sem abandonar as regiões superiores, habita nela como a rosa sobre a terra e Ele nos reformou no seu seio*[306]; *a cidade que recebeu o Verbo de Deus e Deus mesmo, o Criador, de maneira que ultrapassa a natureza e toda possibilidade natural, sem nenhuma limitação da divindade*[307].

171. - Ó! Como é verdade que Maria Santíssima é excelentemente uma cidade! Pois entendemos por cidade, primordialmente, o número de homens vivendo enquanto seres sociais. E, por conseguinte, em conjunto. O que a distingue, antes de tudo, é o carácter social.

Ora, Maria Santíssima foi criada principalmente para a sociedade. *Vós tereis*, diz São João Damasceno, *uma vida superior à da natureza, não por Vós mesma, porque por Vós mesma não teríeis nascido; é para que Vós tivestes Deus no Vosso ventre que recebestes a vida*[308]; *sem a Encarnação do Verbo para que Maria Santíssima teria existido*[309]?

Maria Santíssima não deve sua existência, primordialmente, às relações que as três Pessoas Divinas queriam ter com Ela para a salvação da humanidade decaída.

A finalidade principal de sua existência é a sociedade com Deus donde decorre outra característica social de sua existência: a materni-

---

[303] Ef. 4, 3-6.

[304] S. J. Crisóstomo, Orat. De annunt. B. V.

[305] São Germano, Oratio in zonam Deiparae.

[306] Santo André de Creta, Can. In Sabbat. Sanct.

[307] S. João Damasceno, Orat. 1, De Assumpt. B. M.

[308] Orat. 1, De Nativ. Virginis: Vitam natura praestantiorem habebis, non tibi ipsi, neque enim tui ipsius causa progenita es, quocirca Deum habebis, ob quem in vitam prodiisti.

[309] Si non erat Deus caro, quorsum Maria in medium producta? S. Efrem, Sermo De Transfig. Christi.

dade dos homens na ordem sobrenatural, a correção e o aperfeiçoamento da maternidade de Eva.

Segundo Padres e Teólogos, Maria Santíssima não viu o dia apenas para se tornar filha adotiva de Deus e se salvar como os outros homens. Ela é, como Nosso Senhor Jesus Cristo, um ser todo social. É então verdadeiro que Ela é uma cidade. E uma divina cidade!

172. – Uma cidade supõe um número considerável de pessoas inter-relacionadas, vivendo sob as mesmas leis, sob a mesma autoridade, na concórdia, tendo um mesmo fim único a atingir. Ora, Maria Santíssima é, depois de Jesus Cristo, o elemento mais poderoso dessa unidade que deve fazer de todos os homens *um só rebanho sob a condução de um só pastor*[310]. Para realizar este grande ministério social, tudo está preliminarmente disposto nEla, de maneira a fazer dEla um modelo perfeito de unidade, uma cidade de moral incomparável. Maria Santíssima *é uma cidade, por assim dizer a unidade de seus "habitantes". Ou seja, a plena concórdia dos sentidos com a razão. Uma cidade em que os "cidadãos" são os santos pensamentos, as piedosas afeições, os desejos ardorosos e outras coisas semelhantes, tendendo todos para um só fim,* ***a unidade necessária***[311]*, governados pela ação do Espírito Santo, porque os habitantes devem ser dirigidos com prudência*[312].

Assim Maria Santíssima é uma espécie de harmonia personalizada e viva, produzida pelas Pessoas divinas e pela graça, sem que nela nada se oponha às direções e às impressões do alto. Mas uma harmonia que no plano divino está destinada a ordenar todas as criaturas, especialmente os homens. O que levou São Bernardino de Siena a dizer que Maria Santíssima é uma *cidade na qual estão os eleitos misticamente reformados, os doze patriarcas e todos os predestinados*.[313]

173. – *Todos os eleitos estão misticamente reformados em Maria Santissima*, ou seja muito **vivamente!**, de uma maneira difícil de compreender e na qual se deve meditar e procurar aprofundar assim como com os *mistérios*.

Certamente, se Deus quis que Maria Santíssima fosse a Mãe do Homem-Deus, do Salvador dos homens, Ela é, pelas mais altas razões segundo o plano divino, a Mãe dos membros de Jesus Cristo: Ela é, diz Santo Agostinho, a Mãe dos membros de Cristo, ou seja, de todos,

---

[310] Jo. 10, 16
[311] Luc. 10, 42.
[312] S. Proclus, De laud. V, lib. XI.
[313] Tom. 3, Serm. De Assumpt. B. V.: *civitas in qua omnes electi mystice continentur*, etc.

porque cooperou por sua caridade para o nascimento dos fiéis da Igreja, membros dos quais Jesus Cristo é a cabeça[314]. Enquanto ser todo social, como dissemos (n. 171), Maria Santíssima foi, de todas as maneiras, compatível com sua natureza, por seus dons sobrenaturais e todos os seus privilégios. Criada para ser a Mãe do **Redentor**, tudo nela é **salutar** para a Redenção. E, como nela tudo se encaminha por inteiro, racionalmente, desde o princípio, para dar à luz o Redentor, é preciso dizer que Ela se projeta como coRedentora do gênero humano e Medianeira Universal de todas as graças. Não há graça que Deus dispense aos homens que não seja pelas mãos de Maria Santíssima.

O Criador quer que esta sublime criatura sirva de traço de união entre Deus Salvador e os homens afim de salvá-los. Vê-se como, no plano divino, é grande a sua misericórdia, dando também uma Mãe aos homens (nn. 137, 140) e que esta Mãe, pelas graças que distribui, faz nascer todos os eleitos do Céu.

Ela é de fato também membro da Igreja (n.141), da mesma forma que uma mãe é membro da família. Os Apóstolos e seus sucessores, são todos filhos espirituais de Maria Santíssima. Ademais, Ela tem por filhos todos aqueles chamados a ser filhos da Igreja. Ou seja, todos os homens. Ela é a rainha dos Anjos e de todas as criaturas (nn. 2, 12). Enfim, Ela enche com sua glória beatificante todo o Céu Empíreo (nn. 73-75).

É, pois, impossível encontrar um fator de unidade tão poderoso como Maria Santíssima. E esta unidade Ela a realiza com todo o poder de Deus. Assim, Maria Santíssima é a alma não somente de toda a sociedade humana e angélica, mas também da sociedade de todos os seres materiais.

Consideremos todos os elementos que unem as coisas entre si e todas elas a Deus e veremos concentrar, no cume da criação, tudo em Maria Santíssima. E, pelo ministério de Maria Santíssima, a união com o Verbo Encarnado, alcançando assim o fim último, que é Deus.

Maria Santíssima, diz Santo Anselmo, *é Cidade Celeste em que Deus tem a sua fecundidade*.[315] Ela é a *cidade do Soberano bem*.[316] Ela dá às criaturas o Homem Deus, que é seu Fruto e Ela sua Filha. Maria Santíssima dá a Deus as criaturas das quais Ela é Mãe e Rainha. E, assim, *toda plenitude habita nela,* pela graça de Deus (n. 30). E

---

[314] Mater membrorum Christi, quod nos sumus, quia cooperata est charitate, ut fideles in Ecclesia nascerentur, que Christi capitis sunt *membra*. In libr. *De sacata Virginit*.

[315] Salter. B. V. part. 2ª.

[316] Id. De Concept. Virg.

Ela, em consequência, *reconcilia com Jesus Cristo todas as coisas, pacificando... tanto as coisas da terra como as coisas do céu*. Ela é a *paz do Senhor*: *Pax Domini*, segundo Santo Alberto Magno[317]; *a paz do mundo, pax mundi*, segundo Santo Efrem[318]; *a bem-aventurada paz dos corações, pax beata cordium*, segundo São Boaventura[319]. A Santíssima Virgem é, pois, de modo iminente, uma cidade! Ela tem na mão o cetro da unidade universal!

174. – Uma cidade é ainda um foco de luzes, centro de administração e de governo. Ora, Maria Santíssima é como a Metrópole de Deus, *metropolis Dei*,[320] onde o *Verbo se fez carne para habitar entre nós*[321], e *a metrópole de todas as "cidades", que são as almas dos fiéis*.[322] Ela é *a cidade do Grande Rei, ou seja, de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o Rei dos reis e Senhor dos senhores*[323], e *na qual a plenitude da divindade habitou corporalmente, como Homem-Deus*[324]. *Ela é cidade Mãe de Deus, civitas Dei genitrix*[325]. Por conseguinte, *Ela é, segundo* diz Santo Efrém, *a luz puríssima que ilumina o mundo*[326]; *a luz inextinguível, mais resplandecente que o sol*, diz São João Crisóstomo[327]; *a luz que brilha divinamente perante Deus*[328], entre Deus e o mundo, porque *Ela é a luz do mundo*, segundo a palavra de São Boaventura[329].

Maria Santíssima é também *o cetro da pura doutrina*, segundo São Cirilo[330], como também *o cetro do rei de todas as coisas*, na afirmação de Santo André de Creta,[331] por presidir a toda autoridade criada. E a Igreja aplica também a Maria Santíssima essas palavras do Livro dos Provérbios: *Por mim reinam os reis e os legisladores decretam a justiça; por mim governam os magistrados e os magnatas regem a terra*.[332]

---

[317] Super Missus, c. 121.
[318] Sermo De laud. B. V.
[319] Salter. B. M. V.
[320] Santo André de Creta, *Or. 3ª De Dormit. B. V.*
[321] Jo. I, 14.
[322] Ricardo de S. Lauro. *De laud. B. M. V*. libr. 11.
[323] São Proclus. *De laud. Virginis, lib. 11*
[324] S. Germano, *Orat. in zonam Deiparae.*
[325] S. Bernardo, *De prec. Elegantis ad V. M.*
[326] Serm. De laud. B. M.
[327] Hom. In Christi Nat.
[328] Santo Anselmo, *Orat. ad B. V.*
[329] Salt. min. B. V. M. Quinquag. 1.
[330] Hom. 6, *Contra* Nestor.
[331] Can. In Dom. post diem 17 dezembro.
[332] Prov. 8, 15, 16.

Com efeito, posto que Maria Santíssima é a Rainha de todas as coisas, é necessário que toda autoridade participada decorra dEla, pois Ela é a dispensadora de todas as graças. E como a autoridade é una, é necessário que esta graça também passe por suas mãos. *Como a Mãe de Deus*, diz São João Damasceno, *possui tudo quanto pertence ao Filho, é necessário que, diante da Mãe de Deus, toda a criação se incline... O Filho colocou todas as criaturas a serviço de sua Mãe*.[333]

Comandar é tomar parte na ação providencial de Deus na condução dos homens a seus fins temporais e eternos. Mas, após a Encarnação do Verbo em seu seio, Maria Santíssima tornou-se como que o universal de tudo o que glorifica a Deus, de tudo o que honra seus atributos, de tudo aquilo que faz de bem o homem, individual e socialmente, segundo São Bernardo: Deus pôs em Maria Santíssima a plenitude de todo bem, *totius boni plenitudinem posuit in Maria*. É, pois, claro que a divina Virgem é uma sublime Cidade de Deus como centro de luz e de autoridade.

175. – Isso é verdadeiro ainda sobre outro aspecto. Sendo as cidades centros de atividades mais intensas que os campos, atraem a si homens distintos, gênios e de maior capacidade, favorecendo trabalhos de talento, assim a Mãe de Deus atrai tudo o que há de melhor na humanidade em matéria de santidade e de verdadeira ciência. Maria Santíssima é uma espécie de local das grandes almas, das que julgam o mundo presente pequeno para seus desejos, muito ruim para os seus gostos, instável e passageiro para sua natureza imortal, muito inferior às suas aspirações quase infinitas. A Mãe de Deus abre a seus olhos os horizontes tão vastos da fé e das esperanças cristãs.

Maria Santíssima é também para todas as almas boas, *uma cidade altamente colocada e ao mesmo tempo, uma cidade de refúgio: civitas in excelsum et in refrigerium nobis posita*[334]. Ela é com a Igreja, mas no sentido ainda mais nobre, a cidade divina, onde se reúnem as almas predestinadas antes de alçar seu voo para a Jerusalém Celeste.

E que virtudes luminosas são praticadas por pessoas verdadeiramente devotas da Mãe de Deus? Como irradiam em torno de si as palavras do grande Apóstolo: *Nós somos, por Deus, um bom odor de*

---

[333] Opportebat die matream ea quae Filii erant possidere, atque ab omnibus rebus conditis ut Dei matrem adorari… Filius Matri res omnes conditas in servitutem addixit. Orat. 2 De Assumptione.

[334] Santo Alberto Magno, *Biblia Mar. Super Evang. Mat.* c. V.

Cristo para aqueles que se salvam e para aqueles que se perdem![335] E que fecundo fermento de santas influências para a sociedade são esses Filhos de Maria, quando partem para o Céu, testemunham São João Crisóstomo, Santo Agostinho, São Bernardo, Santo Afonso de Ligório, Santo Anselmo, Santo Tomás de Aquino e uma infinidade de outros santos!

O! como deve ser doce a todos os exilados da terra recitar devotamente o Rosário, celebrar piedosamente as festas da Virgem, acorrer ao pé de seus altares nos edificantes exercícios do mês de maio! Na verdade, os corações que se reúnem em torno de Maria Santíssima neste Vale de Lágrimas constituem uma cidade mística com a Mãe de Deus, desde já pertencem mais ao Céu do que à terra e têm uma indicação mais segura da predestinação à felicidade eterna: *Ela é a salvação verdadeira e sincera*[336], *o meio de salvação mais seguro para os homens*[337], *a verdadeira salvação do mundo*[338].

176. – Uma quinta característica das cidades é a de serem federações de pessoas para a defesa comum contra os inimigos. Ora, *Maria Santíssima, Ela só, é um exército em ordem de batalha, ao qual deve recorrer quem está em luta contra os ataques dos inimigos, seja o mundo, a carne, ou o demônio, a fim de que a Mãe envie a seus filhos o socorro do alto e que a salvação venha do céu*[339]. Maria Santíssima *é a vitória das pessoas piedosas, victoria priorum*, como diz São Gregório Taumaturgo[340].

177. – Havia antigamente cidades de refúgio, onde os autores de homicídio involuntário podiam encontrar salvação e segurança. Pois bem, Maria Santissima é a cidade de refúgio para o pecador...; *a misericórdia de Deus propiciou um refúgio misericordioso em Maria, mesmo para aqueles que pecam voluntariamente*[341]. *Ela é o refúgio dos pecadores* (Santo Efrem)[342], *o refúgio de nossas almas* (São Sabbas)[343], *o refúgio de todos os cristãos* (São João Damasceno)[344], *o refúgio fortíssimo contra toda invasão de todo inimigo visível e invisí-*

---

[335] II Cor. II, 15.

[336] Salus firma universorum christianorum ad eam sincere et vere recurrentium. S. Efrem, Serm. De laud. B. M. V.

[337] Salus hominum tutior. S. Boaventura, in Laud. B. M. V.

[338] Salus vere mundi. S. Germano, Serm. In Annunt. B. M. V.

[339] Acies castrorum ordinata, ad quam respicere debet, quaecumque sentit impugnationem ab hostibus, vel a mundo, vel a carne, vel a daemone ut ipsa per Filium mittat auxilium de Sancto et de Sion tueatur. Papa Inocêncio III, Serm. 2. De Assumpt. B.M.V.

[340] Orat. 2. De Annunt. B. M. V.

[341] Santo Antônio de Pádua, Serm. in Dom. 3 Quadr.

[342] Serm. De laud. B. M. V.

[343] Menae. Graec. Die 17 Jan.

[344] Can. in Elis. Proph.

vel (id.)[345], *o refúgio dos desesperados*[346], *o refúgio dos aflitos*[347], *o refúgio estável do mundo onde nos salvemos porque Deus, tendo encarnado na Virgem Maria, confiou todos a Ela como a uma proteção salvadora* (id.)[348].

178. – Enfim, a cidade é a expressão do progresso e tem por fim o bem-estar e a prosperidade, o que seria possível atingir com homens isolados ou em pequenos grupos. Ora, Maria Santíssima é o cume do progresso; Maria Santíssima é o máximo de progresso, da prosperidade, da riqueza, da felicidade, para Ela mesma e para seus filhos. *Ela é cidade munida pelo Espírito Santo de toda graça e de toda virtude*[349], *de todos os bens da natureza, da graça e da glória*[350]; *uma cidade na qual reina toda a civilização celeste*[351], *a cidade do soberano bem*[352]. *Também Ela, como a Jerusalém Celeste, é uma cidade quadrangular, e este quadrado está formado pela Fé, pela Esperança, pela Caridade, pelas boas obras, pela Justiça, pela Fortaleza, pela Temperança, pela Prudência*[353], por todas as virtudes infusas, pelos dons do Espírito Santo, pela maternidade divina e humana, e pela glória proporcionada a todas estas grandezas.

Nada há para completar em Maria Santíssima. Ela é um Céu Empíreo moral superior ao Céu Empíreo material, a maravilha que eclipsa todas as outras obras de Deus. *Feliz quem habita e quem vive nesta cidade tão segura! Nela se encontra a paz, a piedade e a felicidade, a virtude, a luz, a honestidade, a alegria, a doçura, o amor e a concórdia. Nela não se é privado de nenhum bem*[354]. A verdadeira devoção a Maria Santíssima é um começo do Paraíso.

CAPÍTULO VIII – Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima são inteiramente visíveis de todos os lugares do Paraíso não obstante a imensidade do Céu Empíreo. E exercem sobre todos a sua influência beatífica – Necessidade da intercessão de Maria Santíssima, segundo o plano divino

[345] Ibid.
[346] Cant. Eccles. Graec. Sono. 1.
[347] In Paracl. B. M. V.
[348] Ibid.
[349] S. Proclus. De laud. Virg. Psal. 30, 1, II
[350] Santo Alberto Magno. Bibl. Mar. Super Jerem. proph.
[351] Id. in Postil. Super cap. X Luc.
[352] Santo Anselmo ut supra, n. 175.
[353] Civitas in quadro posita (Apoc. 21) cujus quadratura fuit Fides. Spes, Charitas, etc. S. Proclus, ibid. ut supra
[354] Idiota, De Beata Virgine, part. 14, contemplat. 36.

Signum magnum apparuit in caelo: mulier amicta sole, et luna sub pedibus ejus, et in capite ejus corona stellarum duodecim.

Um grande sinal apareceu no Céu: uma mulher revestida de sol, a lua sob seus pés e sobre sua fronte uma coroa de doze estrelas (Apoc. 12, 1).

Primeiro Ponto: Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima, devido à sua excelência beatífica, são totalmente visíveis no Céu Empíreo

179. – Esta passagem (Apoc. 13, 1) deve ser ententida primeiramente como a luta da Igreja contra o demônio. *É esse sentido mais próprio e mais natural por ser profético (como o Apocalipse, que é o único livro Profético do Novo Testamento). Este é o sentido que o Espírito Santo teve sobretudo em vista*.[355] *O segundo sentido, alegórico, exprime a luta de São Miguel contra Lúcifer*. À qual *faz alusão, e é simbólico. O terceiro sentido exprime a luta da Virgem contra o demônio. Este sentido é histórico e, por assim dizer, original e fundamental. O primeiro destes três sentidos faz alusão aos dois outros*[356].

A Santíssima Virgem nos é apresentada nesta passagem como modelo da Igreja e a Igreja como imagem fidelíssima da Mãe de Deus. *Um grande prodígio apareceu no céu* do sobrenatural; é Maria, a *mulher revestida* e toda penetrada dos esplendores do sol divino. *Sob seus pés* estão a Igreja, da qual é Rainha e Mãe, e todas as excelências inferiores, com todo o mundo natural, simbolizadas pela lua. E *sobre sua fronte está uma coroa de doze estrelas.* Seguindo-se o método de interpretação de São Bernardo[357], as doze estrelas indicam os principais privilégios de Maria Santíssima: a Imaculada Conceição, a confirmação em graça, a primazia na possessão e prática das três virtudes teologais, das quatro virtudes cardeais, dos dons interiores e exteriores do Espírito Santo, a plenitude de graça e de mérito, a maternidade divina e a maternidade espiritual dos homens. Estas são, por assim dizer, as doze estrelas que compõem sua coroa, os dozes florões que resumem e indicam suas grandezas. Eis os fundamentos de sua realeza, junto a Jesus Cristo, sobre o Céu e a terra. E, no caso que nos ocupa, de sua qualidade de Rainha dos Apóstolos e da Igreja militante.

---

[355] Cornélio a Lápide.
[356] Ibidem.
[357] Citado por Cornélio a Lápide, in hunc loc.

180. – A Igreja é como um segundo prodígio que apareceu no céu e que é, se se pode falar assim, um desenvolvimento do primeiro. Este é o prodígio *original e fundamental*; aquele é o prodígio derivado, o complemento místico do prodígio original. Maria Santíssima é aurora da Encarnação e da Redenção. O que nele se vê de celeste só pode ser ultrapassado por Nosso Senhor Jesus Cristo, como o sol ultrapassa a lua. Ou simplesmente imitado, sem poder ser igualado, pela Santa Igreja. Maria Santíssima não é o sol, sem dúvida, mas é diretamente revestida dele, de modo que não se pode ter mais abundantemente os esplendores solares, os quais Ela por sua vez reverte à Igreja, o Corpo Místico de Jesus Cristo, que Ela gerou espiritualmente após ter gerado corporalmente o Homem-Deus. Se, pois, a Igreja é secundariamente *uma mulher vestida de sol* com relação à humanidade, ela o é apenas como imitação e filha de Maria Santíssima, o que todavia não impede São João ter aqui sobretudo em vista os filhos de Maria. Ou melhor, é isto que leva o profeta a predizer os destinos da Igreja pelos de Maria Santíssima, ao menos neste Capítulo.

181. – Assim as principais circunstâncias indicadas por São João no Capítulo décimo segundo (12º) do Apocalipse se aplicam primeiramente à Maria Santíssima e em seguida à Igreja.

Como Rainha dos Mártires a Virgem bendita foi entre todas as mulheres a que mais sofreu, sobretudo no Calvário quando, cooperando para nossa redenção, nos deu à luz nas dores mais indescritíveis. O dragão de sete cabeças e dez chifres, ou seja, Lúcifer e seus sequazes, não teriam levado à morte o Filho unigênito de Maria, *este filho primogênito masculino*, o homem por excelência, que *deveria governar todas as nações com cetro de ferro*? E depois que o Homem-Deus *subiu ao Céu..., para seu trono*, o mesmo dragão não teria perseguido da mesma maneira o povo cristão, filho mais jovem da da divina Virgem, que Maria Santíssima alimentava, por assim dizer, com o amor proporcionado às dores que lhe havia causado o nascimento deste Filho? Mas, sob o braço da proteção de Deus, a Mãe e a criança, renovariam a vitória antes obtida por São Miguel sobre o exército de satanás.

Maria Santíssima, levada a seu trono no Céu, seu papel continuou na terra, a seu exemplo e sob sua maternal proteção, por outra mulher *revestida de sol*, pela Igreja tornada adulta. Esta se identifica, por assim dizer, com Maria Santíssima, assim como uma imagem viva com seu original. O Profeta não menciona, portanto, a sucessão de uma mulher à outra, porque aí não há sucessão a não ser nas aparências. Maria Santíssima reina sempre no mundo e a Igreja combate com

Ela. Mas, como a Igreja está num grau inferior de perfeição e em condições diferentes, é de crer que certos detalhes não convenham bem à imagem, enquanto que outras imagens convenham melhor ao modelo.

182. – Dizemos, então, com Bacuez: "Os santos doutores têm razão em aplicar este emblema (*mulier amicta sole*) à Santa Virgem. Sendo Rainha da Igreja, Maria Santíssima deve possuir todos os dons e compartilhar todas as prerrogativas. Pode-se dizer que a ideia de uma e de outra se apresenta aqui ao mesmo tempo"[358].

183. – Com efeito, toda esta passagem do Apocalipse é com frequência aplicada a Maria Santíssima pelos melhores autores católicos. Eles a designam, inicialmente, *de um grande sinal, um grande prodígio no Céu*: *Maria Santíssima é um prodígio admirável, maravilhoso e muitíssimo diferente dos que a natureza pode nos apresentar*[359]*; um grande prodígio visto no Céu e prometido do Céu*[360]; *um prodígio que marca com sua impressão todas idades, todas as épocas, o presente, o passado e o futuro* (Richard de Saint-Laur.)[361]; *um grande prodígio feito de graça e de glória, de mérito e de recompensa..., grande porque Ela é virgem, o maior, porque é ao mesmo tempo Mãe, grandíssimo porque é Mãe de Deus, além da qual não há grandeza maior criad*a (id.)[362]; *grande prodígio em razão do lugar onde apareceu e que é o Céu*[363]; *um grande prodígio por sua novidade, por ser inimaginável... e o homem jamais podia imaginar que uma pura criatura humana seria exaltada acima de todos os coros angélicos*[364]; *um sinal virginal e celeste que apareceu no céu à Igreja militante, como um exemplo de todas as virtudes*[365]*; um sinal virginal que apareceu no céu da glória, posto que, elevada ao Céu em corpo e alma, Maria Santíssima embelezou e ornou toda a corte celeste*[366], *de maneira que Ela é o grande prodígio que apareceu no céu da Igreja militante e da Igreja triunfante*[367].

184. – Pelo fato, pois, de que a augusta Mãe de Deus é um *grande prodígio*, um *prodígio celeste*, um divino fenômeno que marca *todas as épocas*, como predito e figurado, como atual ou como resplan-

---

[358] *Manuel biblique*, Tom. 4, n. 925, 1V. O autor cita, em nota, uma passagem de Santo Ambrósio: *Multa in figura Ecclesiae de Maria prophetata sunt.*

[359] São Basílio, Hom. 25, *De hum. Cti. gener*.

[360] São Bernardo, Serm. De B. M. sobre este texto do Apocalipse.

[361] De laud. S. V. 1, 7.

[362] Ibid. 1, 12.

[363] Ibid.

[364] Ibid.

[365] Ibid.

[366] Ibid.

[367] S. Antonino, Summa. 3 p. tit. 31, c. 3.

decendo da eterna glória; pelo fato de que Ela é um sinal luminoso de graça e de salvação para humanidade, de glória e de felicidade para os habitantes do Céu, é preciso que todos A veem de alguma forma, e que também Ela veja tudo o que deve aprimorar ou alegrar com suas sublimes influências.

Aqui na terra todos podem e devem ver, pela Fé, Maria Santíssima, porque todos estão chamados a ser filhos d'Ela e da Igreja. Mas no Céu, onde a clara visão terá sucedido à Fé, todos os bem-aventurados devem contemplar direta e abertamente sua divina Mãe, não somente com os olhos do espírito, mas também com os olhos do corpo. Se pela inteligência, fortalecida pela luz da glória, os bem-aventurados contemplam Deus em si mesmo, o Espírito infinito, é preciso que seus olhos corporais recebam um aperfeiçoamento proporcionado àquele do espírito. E que eles participem de tudo o que há de melhor no universo criado.

Por conseguinte, a humanidade gloriosa de Jesus Cristo e de Maria Santíssima serão contempladas, sem dificuldade e com profunda alegria, de todos os pontos do Céu Empíreo, não obstante a extensão inimaginável desta feliz habitação. Jesus Cristo e Maria Santíssima devem ver com seus olhos corporais todo o Céu Empíreo e cada um de seus habitantes, como também todas as criaturas existentes nas zonas inferiores, o que será melhor demonstrado em seguida.

185. – Mas, Maria Santíssima não é *um grande prodígio, um grande sinal* qualquer. Ela está *revestida de sol*, tendo *a lua sob seus pés* e na *sua fronte uma coroa de doze estrelas*. O que há de mais claro? E que criatura é melhor feita para ver todas as outras? O Sol, que é Nosso Senhor Jesus Cristo – diz São Bernardo à Virgem à propósito deste texto – *habita em Vós e Vós nele*; *Vós O revestistes e Ele vos reveste; Vós o revestis da substância da carne e Ele vos reveste da glória de Sua Majestade. Vós reveste o Sol com uma nuvem e Vós sois revestida do Sol*[368]. A condição de Maria Santíssima é como que misturada à condição de Jesus Cristo. A humanidade gloriosa do Filho de Deus provém de Maria Santíssima e Ele, por sua vez, comunica a Maria Santíssima a imensidade e a majestade de sua glória.

Maria Santíssima é a *mulher revestida de sol porque o sol da divindade brilha nela*, *resplandece em torno dela, penetra-A toda inteira. E, após ter iluminado a Virgem no mais alto grau, ilumina os ha-*

[368] S. Bernardo, Sermo de B. V. in hunc. loc. Apoc.

bitantes do Céu[369]. A luz da glória se concentra, de início, em Jesus Cristo e se expande em Maria Santíssima antes de irradiar nos espíritos angélicos e nas almas dos bem-aventurados. E assim, tanto no Céu como na Terra, toda graça passa por Maria Santíssima. A luz da glória é um dom sobrenatural, o apogeu da graça, que comunica à alma humana sua suprema perfeição, tornando-a capaz de ver Deus face-a-face.

Todas as graças da salvação são jorradas do seio de Deus pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo e passam todas pelo canal, que é Maria Santíssima. E no Céu, onde todas as qualidades são aperfeiçoadas ao invés de serem suprimidas, passa-se um fenômeno semelhante. A visão de Deus não seria menos imediata por isto, porque tudo o que dá às inteligências a capacidade de ver precede a visão. E isto se faz sem intermediário. Parece mesmo necessário que depois de Maria Santíssima um papel semelhante seja desempenhado por São José, pelos Apóstolos, pelos Anjos e pelos Santos mais elevados na glória, porque foram os ministros e os instrumentos vivos da graça no tempo da prova e finalmente cumpriram a mais nobre das missões. Por isso devem ter uma recompensa análoga a seus méritos no lugar onde estão coroadas todas as perfeições.

186. – Este admirável lugar hierárquico (que adiante será melhor explicado) nos faz compreender, cada vez melhor, a íntima familiaridade que reina entre todos os bem-aventurados, não obstante as incomensuráveis distâncias existentes no Céu Empíreo. Mas, para se referir especialmente a Maria Santíssima, parece-me que muitos autores apoiam fortemente o ponto de vista indicado acima.

Maria Santíssima é a mulher que apareceu no Céu revestida de sol, diz Santo Alberto Magno, *tendo a lua sob seus pés e na fronte uma coroa de doze estrelas, porque a perfeição divina brilha nela nas operações miraculosas*[370]. *Tudo que a lua significa de graça* (porque este astro recebe toda sua luz do sol) *está derramado sobre a Igreja por seus méritos*; ***toda luz que no Céu brilha nos bem-aventurados****, vem de Maria ou* ***se reporta a Ela****, porque Ela é a Mãe do Redentor que abriu a porta do reino celeste*[371]. *Maria Santíssima é a mulher revestida de sol*, diz ainda o mesmo doutor, *tendo na sua fronte, num*

[369][369] Ricardo de São Vitor, Exposit. In Cantic. Cap. 39: *Mulier amicta sole, quia sol divinitatis infulget ei, et circumfulget eam, et totam occupat, et post eam maxime illustratam caeli cives illuminat.*

[370] Quia fulgor divinus splendet in ea in miraculis.

[371] Quidquid lucis refulget in caelo in beatis, refertur in eam, eo quod Mater est Redemptoreis aperientis januam regni caelestis. In Post. Sup. C. X Luc.

esplendor divino, uma coroa de doze estrelas. **Ou seja**, a Coroa **do brilho dos santos,** porque Ela reparou as ruínas da humanidade e encheu de vida os lugares deixados vazios no Céu pelos anjos rebeldes[372].

187. – Escutemos também São Bernardino de Sena e Dionísio Cartuxo descrevendo-nos, um, a missão temporal; outro, a missão eterna de Maria Santíssima. *Maria é a mulher revestida de sol,* nos diz o primeiro. *Ou seja, da verdade solar, da sabedoria e da caridade de Cristo, tendo a lua sob seus pés. Isto é, as coisas temporais e criadas. Estando no céu, quer dizer, solidamente estabelecida pelo espírito e pela contemplação acima dos habitantes do céu; tendo em seu seio – ou seja, na sua afeição maternal – o Filho de Deus e todo o Corpo Místico de Cristo. Ou seja, a Cabeça com todo o corpo dos eleitos*, *e triunfando sobre o dragão,* etc[373]. Ora, se é verdade que todo o Corpo Místico de Cristo, que todos os predestinados, estão aqui na terra, de maneira real, mas mística, no seio de Maria Santíssima, o que é indubitável, como pensar que seja diferente no Céu, onde o papel de Maria Santíssima deve ser ainda mais sublime e onde os eleitos, devendo ser completamente felizes, estão ainda mais intimamente unidos a Ela?

Enquanto peregrinos, estamos no seio de Maria Santíssima para nele nos alimentarmos das graças da salvação. Possuidores da bem-aventurança, estaremos no seio de Maria Santíssima para imergirmos na Luz de Cristo, a Luz da glória, que nos torna capaz de ver e de possuir Deus e todos os bens secundários. Este pensamento é também o do Dionísio Cartuxo, que é mais explícito ainda que os autores citados anteriormente.

188. – *São Dionísio ensinou com muita veracidade,* diz este grande devoto de Maria Santíssima (São Bernardo), *que mesmo as ordens superiores dos anjos, os Tronos, os Querubins e os Serafins, são purificados, iluminados e aperfeiçoados por Ela, e muito mais excelentemente... do que as ordens inferiores o são por qualquer ordem superior, pois a incomparável Virgem, Ela sozinha, ultrapassa incomparavelmente, em toda sabedoria, em ciência, em conhecimentos dos divinos segredos, todos os habitantes celestes*[374].

Com efeito, os Serafins e os Querubins, belos seres puros e perfeitos por sua natureza, jamais serão capazes de ver Deus, o Infinito,

---

[372] Mulier, quae in caelo amicta sole apparuit, in splendore divino coronam duodecim stellarum, hoc est, claritatis sanctorum, restaurata ruina, habens in capite. Ibid. super c. I.

[373] Tom. III. Serm. 3, De glorioso Nomine Mariae.

[374] De laud. Virg.

se sua natureza não for fortificada e elevada pela luz da glória. Mas esta luz lhes vem por Maria Santíssima, como ela vem a Maria por Jesus Cristo, porque o Paraíso é o ideal real da ordenação e da glorificação proporcionada aos seres.

Antes da ascensão de Jesus Cristo ao Céu e antes da Assunção de Maria Santíssima, os anjos podiam receber a luz da glória em virtude dos méritos previstos do Homem-Deus e de sua Mãe. Mas no momento que o Rei e a Rainha do universo foram instalados no seu trono, os rios da suprema graça partem deles para se repartirem, nos diversos degraus do Céu Empíreo, as ondas deíficas convenientes, segundo a capacidade e o mérito de cada filho de Deus.

189. – Qualquer que seja, portanto, a compreensão do Reino dos Céus, Jesus Cristo e Maria Santíssima devem ser considerados como estando presentes em todos os bem-aventurados. E estes como presentes em Jesus Cristo e em Maria Santíssima. Esses dois "astros animados" são mais brilhantes que o sol e a lua. Portanto, estão presentes em todos os lugares da terra e também em todos os lugares celestes. Mas, o Céu Empíreo é melhor esclarecido pelo Sol de Justiça e por aquela que se chama Estrela da Manhã; por *Aquele cuja Face, mesmo aqui embaixo, na terra, brilha como o sol*.[375] E por Aquela que *é revestida do sol*, como nosso planeta não é pelo "astro do dia" e nem por aquele da noite.

Nós vos saudamos, pois, ó Mãe de Deus e nossa Mãe, Céu onde Deus habita, Trono do alto do qual o Senhor distribui ***todas*** *suas graças! Rogai sem cessar a Jesus por nós, a fim de que, por vossa intercessão, possamos encontrar misericórdia no dia do juízo e participar da glória dos eleitos na eternidade*[376]*. Todas as gerações,* diz São Bernardo a Maria Santíssima*, vos proclamarão Bem Aventurada, vós que destes a vida e a glória a todas as gerações*[377].

Maria Santíssima é nossa vida na terra; Ela será também, mais excelentemente ainda, no Céu. E, por conseguinte, Ela vive com todos os bem-aventurados e todos os bem-aventurados vivem com Ela na mais estreita intimidade.

Segundo Ponto: Nosso Senhor Jesus e Maria Santíssima são inteiramente visíveis em todo o Céu Empíreo por causa do lugar que eles ocupam e do papel que desempenham na hierarquia dos seres

---

[375] São Mateus, 17, 2.
[376] Santo Afonso de Ligório, *Glórias de Maria*, Explic. da Salve Rainha: *Maria, nossa vida*.
[377] Citado pelo mesmo, ibid.

190. – Se consultarmos o ensinamento teológico, devemos tirar mais ou menos as mesmas conclusões. *São Dionísio afirma*, diz Cristobal Vega, *que o coro superior dos Anjos tem mais graça e, por conseguinte, mais glória do que os coros inferiores. Pode-se compará-los aos globos celestes. Assim como os globos superiores superam em tamanho e capacidade todos os globos inferiores e os contêm em seu interior, os coros superiores de anjos superam em perfeição e intensidade a graça e a glória de todos os coros inferiores, como um recipiente ultrapassa seu conteúdo. Mas nós demonstramos que a Beatíssima Virgem constitui no céu um coro muito mais superior ao dos Anjos e de todos os homens. Assim como Deus dispôs a esfera total do universo de maneira que, entre os elementos, a esfera ígnea seja maior e tenha uma capacidade mais ampla que a terra, o ar e a água, da mesma forma o Céu Empíreo ultrapassa, de longe, pela grandeza de seu volume e por sua perfeição, todos os outros globos reunidos, como o mais alto elevado dos nove coros angélicos ultrapassa em sabedoria, em graça e em glória, todos os coros inferiores, da mesma forma era necessário que Deus elevasse uma criatura que por sua dignidade de Mãe de Deus é uma ordem e* ***uma esfera*** *mais alta e, à sua maneira, infinita, para que Ela superasse em excelência sobre as graças e sobre os graus de beatitude de seus inferiores. Daí se conclui que se se estender ao infinito a graça e a glória de Maria Santíssima, não acrescentará nada em termos de sua dignidade na proporção conveniente*.[378]

191. – Para se compreender bem o alcance desta passagem relativa ao assunto do qual nós nos ocupamos, lembremos que Maria Santíssima é um ser essencialmente social na sua natureza elevada pela graça, como Ela o é também pela sua missão direta e especial (nn. 173-175). Consequentemente, Ela, nos Céus, não é elevada e glorificada acima de todas as criaturas somente pelo fato de ser digna de ocupar o primeiro lugar para simplesmente ornar o Céu Empíreo com a sua presença. Maria Santíssima ocupa no Céu uma posição e Ela desempenha um ministério social análogo e inefavelmente superior àquele que Ela desempenha junto ao homem na terra e à Igreja militante. No Céu Empíreo Nossa Senhora desempenha, sem cessar, sua atividade para elevar as inteligências angélicas e humanas à visão intuitiva de Deus, de maneira que sua função celeste e eterna é o supremo aperfeiçoamento de sua função temporal.

---

[378] *Theologia Mariana*, no. 1868.

192. – Esta conclusão, ademais, resulta claramente da teoria, tão largamente ensinada por são Dionísio na sua *Hierarquia Eclesiástica*. *A Hierarquia*, diz esse Padre, *é, para nós, uma sagrada ordenação, ciência e operação, que reproduz, tanto quanto possível, a deiformidade. E amostra, na proporção das ilustrações divinamente infusas, até à imitação da divindade*[379]. *A Hierarquia tem então por fim, assimilar e possuir a Deus no limite do possível*[380]. *Efetivamente, a perfeição dos membros da hierarquia consiste em elevar, com todas as forças, até à imitação de Deus (Efésios V, 1) e, coisa mais divina ainda, dizem os oráculos, a fazê-los cooperadores de Deus (I Cor. 3,9), e a manifestar em si, com toda clareza possível, a operação divina*[381].

Eis, então, duas funções da hierarquia celeste. Quer dizer, dos coros angélicos. Elevar-se o mais possível à imitação de Deus. E, *o que é mais divino ainda*, cooperar-se com Deus para elevar a esta imitação, quanto possível, as ordens e os seres inferiores. Ora, é certo que Maria Santíssima é, de todas as criaturas, a mais semelhante a Deus, a mais perfeita imitação de Deus, por sua perfeição absolutamente incomparável no mundo das coisas finitas. Ou seja, segue-se daí isto que é *mais divino ainda*. Quer dizer, que Maria Santíssima, como Mãe de Deus e Rainha do Céu e da terra, é, depois de Nosso Senhor Jesus Cristo, o agente mais deíficos de todos, o ser que mais coopera para elevar à imitação divina seus súditos e seus filhos, que são os anjos e os homens. Então, no Céu, Maria Santíssima preenche o papel que São Dionísio atribui aos seres finitos mais perfeitos.

193. – Qual é esse papel? As funções de qualquer hierarquia, responde São Dionísio, se limitam a receber e transmitir santamente uma pureza ilibada, luz soberana e ciência perfeita,[382] substâncias primárias que se elevam acima de todo poder criado visível ou invisível e constituem uma hierarquia especial e única.[383] Ora, essas características se adequam à Maria Santíssima.

Cristobal Vega também dedica uma tese completa para provar que, no céu, a Virgem Mãe constitui um coro especial superior ao dos anjos e santos.[384] Ele cita numerosas autoridades, entre as quais São Bernardino de Siena, Fulbert de Chartres, a liturgia da Igreja (ver acima nº 43), Santo Antonino de Florença, Alberto Magno, Gerson. So-

---

379 Ch. 3, par. 1
380 Ibid. par. 2
381 Ibid. ao citar São Dionísio, utilizo a tradução francesa do Padre Dulac.
382 Ibid. cli. 7 par. 2
383 Ibid.
384 *Theologia Mariana,* Palaestra 35, certamen II, nos. 1873 e ss.

zinha, diz o último, a Virgem constitui a segunda hierarquia sob o Deus Uno e Trino, primeiro e soberano hierarca junto ao qual se encontra apenas a humanidade de Seu Filho, que por sua vez fica à direita da virtude de Deus graças a Sua união hipostática com o Verbo.[385]

As três Pessoas divinas, juntamente com a santa humanidade de Jesus Cristo, formam a primeira de todas as hierarquias. A Virgem, Mãe de Deus e dos homens e Rainha de todas as criaturas, constitui a segunda.[386] Em seguida vêm, em ordem decrescente, as hierarquias constituídas pelos anjos e homens de acordo com seus graus de mérito e glória.

Autores idôneos crêem que o Homem-Deus e Maria Santíssima formam a primeira hierarquia depois de Deus; Filho e mãe pertenceriam à mesma ordem que a gloriosa humanidade do Verbo (nº 42).

194. – O fato é que devemos concluir o sublime raciocínio de São Dionísio, colocando Maria Santíssima acima de todas as hierarquias angélicas.

A Santa Virgem, tendo sido, nos conselhos de Deus, isto é, na predestinação, *o objeto do mesmo decreto que a Encarnação da divina Sabedoria* (Pio IX, citado na nota 2ª), e tendo atingido a máxima fidelidade à graça durante sua vida mortal (n. 48, 49), a Santíssima Virgem está próxima de seu Filho Jesus Cristo, tanto no começo quanto no fim da predestinação.

Portanto, quando São Dionísio nos ensina que as primeiras substâncias (Serafins e Querubins) têm a honra de se comunicar com Jesus (...) de quem recebem imediatamente o conhecimento de Suas luzes divinas, ele não exclui o ministério intermediário de Maria Santíssima entre Jesus Cristo e os seres superiores da hierarquia angélica. Mas, como dissemos no número anterior, ele parece supor que o Verbo Encarnado e Sua Mãe formam a primeira hierarquia depois de Deus e das Pessoas divinas. Em nossa opinião, é assim que devemos entender as seguintes passagens do santo doutor.

195. – A hierarquia de nível intermediário das inteligências celestes é purificada, iluminada e aperfeiçoada por luzes teárquicas (di-

---

[385] Ibid. nº 1873.

[386] "Deus (...) a amou acima de todas as criaturas, que somente nela se encontrou sua grande benevolência. Pelo que tão maravilhosamente a encheu da abundância de todos os carismas celestes, por méritos do tesouro divino, muito acima de todos os anjos e santos, que ela, absolutamente sempre livre de toda mancha de pecado, sendo toda formosa e perfeita, manifestasse tal plenitude de inocência e santidade, que não se concebe de modo algum, depois de Deus, alguém tão grande e nada pode imaginá-la distante de Deus. (...) À exceção somente de Deus, resultou superior a todos, por natureza mais formosa e vistosa e santa que os mesmos querubins e serafins" (Pio IX, Carta Apostólica *Ineffabilis Deus,* 8 de dezembro de 1854).

vinas) a ela transmitidas secundariamente pela primeira hierarquia. A mediação da primeira hierarquia comunica essas luzes à hierarquia de nível médio no segundo grau de sua manifestação.[387] Essa iluminação é mais vívida nas ordens angélicas mais próximas da divindade, e dela participam mais diretamente do que naquelas cuja iluminação ocorre apenas de maneira indireta. É por isso que nossa tradição sacerdotal diz que as primeiras inteligências aperfeiçoam, iluminam e purificam as de nível inferior (...) por ser uma regra geral instituída de maneira soberana pelo princípio de toda ordem (Taxiarquia), que aqueles que vem depois recebam iluminação divina somente dos que os precedem.[388]

As ordens superiores possuem de maneira eminente as propriedades sagradas das ordens inferiores, mas essas últimas como um todo não possuem as excelências das primeiras. Estas apenas transmitem parcialmente àquelas, de acordo com sua capacidade, as iluminações iniciais com luz super substancial.[389] As inteligências destas últimas têm as propriedades das primeiras, mas dentro de limites mais reduzidos.[390]

Assim, seguindo as mesmas leis do mundo físico, o mundo supra-físico,[391] Fonte de toda ordem visível e invisível, mostra de maneira sobrenatural a glória de Seu próprio esplendor em efusões benfeitoras, primeiro aos seres mais elevados, e através deles, aos menos elevados para participarem do Raio Divino (...) Assim, por toda a Hierarquia, os mais elevados transmitem o que recebem aos inferiores, e todos recebem, da Providência Divina, participação na Divina Luz na medida de sua capacidade (...) Mas está ordenado que, imitando a Deus, cada uma das fileiras mais altas de seres seja a fonte da que segue, à medida que os Raios Divinos passam através dela para a outra.

Portanto, os seres de todas as fileiras angélicas consideram naturalmente a mais alta Ordem das Inteligências Celestes como a fonte, depois de Deus, de todo conhecimento sagrado e imitação de Deus (...) Por essa razão, eles se referem a todas as obras sagradas na imitação de Deus, a Deus como a Causa Final, mas às primeiras inteligências divinas como os principais reguladores e transmissores das coisas

---

[387] *Hiérarchie celeste*, cap. VIII, par.1.
[388] Ibid. par. 2.
[389] Ibid. cap. XI, par. 2.
[390] Ibid. cap. XII, par. 2
[391] A este respeito, São Dionísio diz que a luz do sol passa rapidamente pela primeira matéria pois ser mais transparente e, com isso, exibe seu próprio brilho com mais brilho; mas quando incide sobre um material mais denso, ela se reflete com menos brilho porque o material iluminado não se adapta a refletir a luz.

divinas.[392] (...) A divindade ilumina todas as essências inferiores através das superiores.[393]

196. – Apliquemos agora a Maria Santíssima essas ideias vastas e profundas. Como a iluminação é mais vívida nas criaturas mais próximas a Deus e diretamente iluminadas pela própria Fonte de luz, nos perguntamos qual é a criatura mais elevada e mais intimamente unida a Deus. Não é Maria Santíssima? Quanto aos anjos, todos são súditos e filhos de Maria Santíssima.

A Santíssima Virgem, diz São Bernardo, recebeu de Deus Pai inesgotável fertilidade para dar à luz os eleitos e proporcionar aos próprios anjos um deleite crescente com a dignidade e a ciência divinas.[394]

Se os anjos, diz Santo Antonino de Florença, recebem glória, perfeição e bem-aventurança de Jesus, que restaurou todas as coisas na terra e no céu, sendo Maria Santíssima a Mãe deste divino Redentor, ela de certa forma é a fonte e fonte da glória dos anjos e com razão pode ser chamada sua Mãe.[395]

Além disso, Santo Tomás nos diz que Jesus Cristo é a cabeça dos homens e dos anjos por estar mais intimamente unido a Deus e participar de seus dons mais abundantemente e perfeitamente. Assim, não só os homens, mas também os próprios anjos recebem suas divinas influências.

Cristo é a cabeça de toda a Igreja celestial (*compreendentium*), tendo a absoluta plenitude de graça e glória (...) a humanidade de Cristo, em virtude de sua natureza espiritual, ou seja, divina, pode produzir um efeito não apenas no espírito dos homens mas também no dos anjos, devido à sua união mais íntima e pessoal com Deus.[396]

Na alma de Nosso Senhor Jesus Cristo encontra-se a plenitude, dada com medida a todas as criaturas racionais, tanto angélicas quanto humanas.[397]Mas mostramos acima que Maria Santíssima tem, por privilégio, a mesma plenitude de graça que Jesus Cristo possui por natureza (n. 10; 31; 33); que nenhuma das criaturas pode nem de longe se comparar com Maria Santíssima em dignidade e excelência (nº 134); e que a união da Santíssima Virgem com as três Pessoas divinas é a

---

[392] Ibid. cap. XIII, par. 3.

[393] Ibid., par. 4. Assim, Maria é a Potentia divinarum illuminationum immediate susceptiva, et omnium bonitatum veluti distributiva. Santo Alberto Magno, Missus est, cap. 53.

[394] T. II. Serm. XI. art. 2.

[395] Part. VI. Tit. XV, ch. 24, par. 3. Essas duas passagens são citadas pelo Pe. Justo de Mieckow, *Conferências sobre as Ladainhas da B.V.M.*, Conferência 379 – Maria, Rainha dos Anjos.

[396] *Sum. Theol.* P. 3. q. VIIIV.a.4.

[397] S. Tomás, *Comment. In Johannes*, cap. 2, ad V.14.

mais íntima que se possa imaginar após a união hipostática de Cristo com o Verbo (n. 136-142).

Daí segue-se necessariamente que, no reino dos céus, Maria Santíssima recebe a iluminação mais vívida e direta; que as hierarquias dos Serafins, Querubins e Tronos são iluminadas através da hierarquia da Mãe de Deus; que a Filha do Pai e Esposa do Espírito Santo é o canal de luz divina que derrama esplendores divinos mediata ou imediatamente sobre todos os estágios do Céu Empíreo; que Maria Santíssima constitui, com a sagrada humanidade de Jesus Cristo, a mais alta ordem das inteligências celestes que é *o primeiro princípio finito de todo conhecimento sagrado de Deus e de toda sagrada semelhança com Deus*.[398]

197. – Devemos repetir que essa doutrina não se opõe ao ensinamento de que, no céu, os abençoados têm uma visão direta e imediata de Deus. Tudo o que acabamos de dizer está relacionado à ordem providencial, cujo objetivo supremo é levar as criaturas racionais ao seu último fim. Ora, o último fim do anjo e do homem não é outra coisa senão a contemplação, posse e fruição de Deus. Consequentemente, a luz da glória é, por assim dizer, o último meio providencial que coloca diretamente a criatura racional na posse de seu fim último.

Portanto, seria surpreendente se este supremo aperfeiçoamento subjetivo dos eleitos fosse efetuado pelo Redentor e pela co-Redentora, a Cabeça e a Mãe de toda a Igreja, Jesus a quem os anjos adoram,[399] e a Rainha do Céu cuja perfeição está além da compreensão dos anjos? (Nº 72, com notas.)

A visão intuitiva é o auge da perfeição para anjos e homens, porém são para elas *capacitados* por algo criado, e sem dúvida, Jesus com sua Mãe reinam no mais alto trono do mundo finito.[400] Deus é a causa eficiente da luz da glória; Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima são suas causas meritórias.

198. – Portanto, deles vêm as iluminações iniciais. É através dos ministérios do Homem-Deus e de Maria Santíssima que os espíritos angélicos e as almas humanas são *purificadas*, *iluminadas* e *aperfei-*

---

[398] Praedilecta (est Maria) ut sol, quia sicut sol solum orbem illuminat; sic haec sola solidiori lumine et angelos et hominos illustrat. St. Peter Damasc. Serm. 4 de Ass. Sic ergo illuminans Maria in gloria sua rutilans per omnia respicit; quia per omines angelos, et per omnes sanctes gloriae suae illuminationem extendit. S. Boaventura, Speculo Virginis lect . 3

[399] Hb 1:6.

[400] S. Tomás também diz que os anjos mais altos iluminam os inferiores *quantum* ad capacitatem *videntis, qui divinam essentiam non comprehendit* (lib. II, Dist.9. a. 3. Ad 5). Assim, a Alma de Cristo recebe sua capacidade do Verbo; Maria recebe a sua de Cristo; José recebe a sua de Maria (ver nº 460); os Serafins, de José; os Querubins, dos Serafins, e assim por diante.

çoadas a ponto de serem capazes de contemplar a essência de Deus. No Empíreo, Jesus Cristo, como Homem, e Maria Santíssima são os primeiros mestres e ministros das coisas divinas. Quem pode duvidar disso em relação a Jesus Cristo? O mesmo se deve admitir sobre a Virgem, porque ela alcançou *o mais alto grau possível de pureza finita* segundo Santo Tomás (nº 49) e é superior a qualquer mera criatura e mais bela que os Querubins e Serafins, segundo Santo Epifânio (nº 49). Vestida de sol, ela inunda todo o empíreo com suas iluminações.[401]

199. – É nosso desejo insistir sobre esse ponto doutrinário, porque tem admiráveis consequências. Passemos a esboçar brevemente algumas delas.

1. A luz da glória é o elemento ou atmosfera em que vivem todos os habitantes do céu. Portanto, se Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima são as fontes dessa atmosfera luminosa e vital, segue-se que Eles são perfeitamente visíveis de todos os pontos do Empíreo, nos quais a luz da glória está sempre presente.

2. Essa luz é um elemento intrínseco e vital em cada bem-aventurado, análoga à graça que eleva e aperfeiçoa nossas almas. Portanto, todos os eleitos verão Jesus Cristo e Maria Santíssima como as fontes de sua vida bem-aventurada. O Homem-Deus e Sua Mãe viverão em cada um dos bem-aventurados, de acordo com a palavra de São Paulo: *Para mim, o viver é Cristo*.[402] Assim, todo habitante do céu sente de perto a presença de Jesus Cristo e de Maria Santíssima.

3. Aquilo que acontece mística e invisívelmente na Igreja militante se dá ostensivamente no Céu, onde a visão clara e a evidência substituem a Fé. Não é verdade que a Santíssima Virgem está presente de algum modo a todas as almas que A invocam no mundo todo e que seus servos sabem encontrá-la em toda parte, nas mais altas montanhas, na vasta superfície dos oceanos e dos campos, bem como em igrejas e casas particulares? Ora, como todas as trevas cessam na porta do Empíreo, todas as trevas e sombras se dissipam ao aproximar-se da indefectível luz, o santo convívio da Mãe celeste e de seus filhos será um dos mais belos espetáculos que regalam os olhos e o coração dos imortais.

---

[401] Electa est ut sol (Maria) ad **irradiandam totam multitudinem spirituum beatorum**. São Bernardino, Tom. 3. Serm. 3 . B.Virgini immediate a Trinitate illuminationem omnis dispensatur et per ipsam in reliquos angelos descendit… B. Virgo a Deo Trino sine ullo médio ucem et illumiationes sortitu: a B. Virgine reliqui omnes sive angeli sive homines illuminationum ac revelationum arcana mutuantur. Cristóbal Vega, Theologia Mariana, no. 1528.

[402] Fl 1:21.

Se presentemente a graça nos une a Jesus Cristo, à Rainha do Céu, aos afortunados habitantes dessa divina morada, sem que as distâncias de lugar constituam o menor obstáculo, então o que será quando a própria graça, glorificada, aparecer na luz da glória? Não haverá esplendores e energias superiores a todas as noções que podemos formar presentemente. É porque quanto mais extenso possa ser o Empíreo, suas proporções materiais não oferecem qualquer inconveniente quanto à familiaridade que unirá os habitantes do Paraíso, entre si e sua divina Mãe.

Em outras palavras, toda matéria, entrando na composição do Empíreo, será ela própria glorificada e disposta à utilidade do bem estar dos amigos de Deus. E, por conseguinte, antes de prejudicar, por sua natureza ou por sua extensão, as comunicações mútuas dos bem-aventurados, ela funcionará de maneira a lhes servir, de sorte que todas as suas propriedades visarão a sua felicidade[403].

Terceiro Ponto: Necessidade da devoção a Maria Santíssima deduzida dos princípios expostos nas duas primeiras meditações

200. – A necessidade da intercessão de Maria Santíssima para obter a salvação, e por conseguinte a necessidade da devoção a Ela, é assunto muito amplo ao qual deveremos retornar muitas vezes, neste trabalho. Por enquanto nos contentamos em abordá-lo apenas nos seus aspectos mais gerais no plano Divino, em conformidade com o exposto nas duas primeiras meditações.

201. – Maria Santíssima é o maior dos prodígios que se encontram na ordem das coisas finitas: *Signum magnum*. Prodígio da graça *no céu* do mundo da glória, prodígio aos olhos dos maiores santos, prodígio aos olhos dos serafins e dos querubins; prodígio, de certo modo aos olhos do próprio Deus: *Quam pulchra es, amica mea! quam pulchra es*[404]! *Ela é o grande prodígio que apareceu nos céus da Igreja militante e no céu da Igreja triunfante, o prodígio que marca com seu sinal todas as épocas, o presente, o passado e o futuro* (n. 185). Maria Santíssima não é, portanto, somente a criatura mais perfeita, que embeleza o universo; Ela é a mais ativa, a mais benfazeja, de modo que *este grande prodígio* é um prodígio de amor e de caridade, *em todas as épocas*, para todas as criaturas racionais, no tempo da prova, no lugar da prova e na imortal glorificação.

---

[403] Creatura corporalis finaliter disponetur per congruentiam ad hominis statum, etc. Santo Tomás, *Contra Gentiles*, c. 97 in fine.

[404] Cant. 4, 1.

Ela está *revestida de sol* para projetar misticamente os esplendores vivificantes na Igreja que luta e sobre a humanidade que caminha. E, de maneira ostensiva e evidente, sobre os coros angélicos e os eleitos da espécie humana.

Assim *a lua está sob seus pés*, quer dizer, este mundo que recebe através de Maria Santíssima as influências divinas. Pois este mundo não recebe a irradiação diretamente do próprio Sol, mas dAquela que *está revestida de sol*. Este mundo inferior é *purificado, aperfeiçoado, iluminado* pelo ministério da criatura que ultrapassa todas as outras em pureza, em excelência e em união com Deus (n. 197)[405].

E sobre sua fronte há uma coroa de doze estrelas que lhe designam realeza sobre a universalidade das coisas finitas e as influências deíficas. Segundo a palavra de São Dionísio, a Santíssima Virgem possui a fonte infinita e a distribui às hierarquias inferiores.

Há uma regra geral, soberanamente instituída pelo Príncipe de toda ordem, segundo a qual quem segue recebe as divinas iluminações daquele que o precede (ibid.) E Vós, ó Maria, Vós precedeis a todas as puras criaturas no pensamento divino e na predestinação, assim como Vós ultrapassais a todos por vossa inefável dignidade e pelo conjunto de vossas incomparáveis perfeições. Em consequência, todos os favores divinos passam por Vós antes de chegar aos destinatários, vossos filhos, ao Império universal que governais. *É o Príncipe de toda ordem*, Deus, a Sabedoria encarnada, que quer que preenchais esse papel de dispensadora de todas as graças, de canal inteligente de todos os favores. A necessidade de vossa intercessão e do recurso a Vós decorre portanto diretamente do plano divino.

202. – Pode-se dizer que a ordem é o fim supremo e diretivo de todos os seres criados. A natureza, a sociedade, o indivíduo, tudo caminha no bem enquanto caminha na ordem. O mal começa onde começa a desordem e o máximo do bem é o máximo da ordem, como o máximo do mal é o máximo da desordem: *ubi nullus ordo sed sempiternus horror inhabitat*[406]. Isto é também verdadeiro tanto no mundo espiritual como no mundo físico, tanto no mundo sobrenatural como no mundo natural. E mais! A ordem exige que as coisas inferiores dependam das superiores e que estas desempenhem o papel de ministros benfazejos para aquelas. De tal modo que o mais excelente e o

[405] In caelesti hierarchia tota ratio ordinis est ex propinquitate ad Deum; et ideo illi qui sunt Deo propinquiores, sunt et gradu sublimiores, et scientia clariores; et propter hoc superiores nunquam ab inferioribus illuminantur. Santo Tomás, Suma Teológica, p. 1, q. 106, art. 3, ad. 1.

[406] Jó, 10, 22.

mais perfeito das criaturas é, segundo o plano divinamente realizado, o reservatório comum de todos os bens para os seres pertencentes às categorias inferiores.

203 – Destas teses gerais deduzem os melhores teólogos: Maria Santíssima é a primogênita das criaturas na divina predestinação. Ou seja, tudo é feito e organizado para Ela e em vista dEla, a fim de que tudo A glorifique e encontre nela o seu bem[407]. Maria Santíssima é o canal de todas as graças e de todos os bens divinos. Maria Santíssima mereceu por mérito de congruidade, ou seja, de conveniência, tudo o que Jesus Cristo mereceu condignamente. Ou seja, em rigor de Justiça. Maria Santíssima sempre presidiu e presidirá, sempre secundariamente com Jesus Cristo, a sorte dos anjos, dos homens e do universo.

Estas proposições e muitas outras semelhantes são desenvolvimento do princípio afirmado acima. As diversas criaturas são *purificadas, aperfeiçoadas, iluminadas* pelas que lhe são superiores. Todas, por aquela que está mais elevada. E esta, por Jesus Cristo, Homem-Deus, segundo a ordem divinamente estabelecida.

O que há, portanto, de mais eficaz para nos fazer compreender quanto o papel de Maria Santíssima nos é necessário e quão importante é para nos conformarmos à ordem divinamente instituída, recorrer à Maria Santíssima através de uma verdadeira devoção?

204. – Eis o que diz São Bernardino de Siena a propósito do ministério sublime da Santíssima Virgem: *É preciso santificar as solenidades da bem-aventurada Virgem Maria por causa de suas soberanas perfeições, que enchem Ela mesma, e que, sob a inspiração de seu divino ministério, Ela compartilha conosco para os conferir a nós. Porquanto, o próprio Deus seja doador geral de todas as graças que descem sobre o gênero humano, e que Jesus Cristo seja o mediador geral, a gloriosa Virgem é a dispensadora geral. Ela é o pescoço de nossa cabeça, por onde todos os dons espirituais são comunicados ao Corpo Místico de Jesus Cristo*[408]. Em seguida o mesmo santo detalha ainda melhor essa doutrina.

Maria Santíssima dispensa a seus devotos, diz ele, *a luz da sabedoria divina e a rosa da celeste graça*. O que fez São Bernardo dizer:

---

[407] Estas afirmações não têm nada em oposição à passagem seguinte da Sagrada Escritura: O Senhor fez todas as coisas para Si mesmo (Prov. 16, 4), pois, diz Santo Tomás, Deus não procura sua glória para Si mesmo, mas para nós (2ª., 2ae., q. 132, a. 1, ad. 1m). Tudo que é inferior em excelência a Maria deve glorificar Maria, como Maria glorifica Nosso Senhor Jesus Cristo, e como Nosso Senhor Jesus Cristo glorifica a Deus. Mas Deus não tem necessidade de nada. Ele atinge toda sua gloria desde que suas criaturas desfrutem de suas bondades e de suas perfeições no grau desejado.

[408] Serm. 10, primeiro da quaresma do Tomo II (30)

Nenhuma graça vem do céu sobre a terra sem passar pelas mãos de Maria. Também São Jerônimo diz no seu Sermão sobre a Assunção: *Em Jesus Cristo está a plenitude da graça como na cabeça que é o centro de influência. E em Maria Santíssima, como no pescoço, que serve de canal (in collo transfundente) ... Pois, do mesmo modo que, pelo pescoço as forças vitais se difundem da cabeça para o corpo, assim, pela Santíssima Virgem as graças vitais se espalham continuamente da cabeça, que é Cristo, a seu Corpo Místico, especialmente a seus amigos e devotos. Eis, pois, a ordem hierárquica e a distribuição das graças celestes: Este rio benfazejo parte de Deus e inunda a alma bendita de Cristo, pois todo dom perfeito vem do alto e desce do Pai das Luzes*[409]; *e inunda em seguida alma da Santíssima Virgem, depois dos Serafins, depois dos Querubins. E assim sucessivamente às outras ordens dos anjos e dos santos. E, enfim, sobre a Igreja militante, particularmente sobre os amigos de Deus e da gloriosa Virgem Maria*[410].

205. – Mas, como a graça e a glória existem para ser dada aos anjos pelo ministério de Maria Santíssima, uma vez que os anjos foram enriquecidos pela graça e coroados de glória muito antes do nascimento da Mãe de Deus? A resposta a esta objeção, para ser completa, exige a exposição de uma grande e bela tese de teologia. É o que faremos em uma meditação subsequente. Aqui nos contentamos em indicar os grandes pontos que servem para dar a primeira tese conjunta do plano divino.

1º. Deus, ao criar os anjos e os outros seres finitos, tinha em vista principalmente a Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima, que Ele contemplava na sua eternidade, pois não há tempo para Deus;

2º. Jesus Cristo e Maria Santíssima foram objeto da Fé dos anjos durante a prova e é pelos méritos previstos do Redentor e da Corredentora que os anjos receberam a existência, a graça e depois a glória;

3º. Esta é a razão pela qual *Jesus Cristo é o salvador dos anjos e dos homens. Os homens, depois da Encarnação; os anjos, desde o começo do mundo*[411]; dos homens, resgatando-os da queda; dos anjos preservando-os. E Maria Santíssima, tendo merecido por mérito de congruidade tudo que Nosso Senhor Jesus Cristo mereceu por mérito de condignidade. Daí ser Ela, com Jesus Cristo secundariamente, corredentora dos anjos e dos homens.

---

[409] Tiago, I, 17.
[410] São Bernardino de Siena, Serm. De glorioso nom. V. M.
[411] São Bernardo, Serm. I de Circunciasione.

206. – Donde, então, Jesus Cristo e Maria Santíssima serem visíveis em todos os pontos do Empíreo e verem tudo o que se passa na imensidade do universo. Eles estão igualmente presentes e atuam em todas as obras divinas, em todos os tempos. O sublime ministério de aperfeiçoamento e de glorificação que desempenham no Céu não significa que Eles sejam apenas o último complemento e o coroamento do ministério que sempre exerceram a respeito de todas as criaturas, como objeto da Fé, como causas meritórias, como causas finais, que exercem por sua bondade, ou como causas eficientes.

Assim, ó Maria, Vós que estais revestida do sol, Vós que imitais, sobrepujando, o astro do dia: *Ele impulsiona até à extremidade dos céus. Seu curso se estende até à outra extremidade, e nada há que não esteja coberto por seus raios ardorosos*[412]. Nenhuma criatura vive sem vossos benefícios; nenhum benefício é concedido sem Vós. Quem deseja viver precisa Vos procurar. E aquele que em Vós possui a vida, possui-la-á em Deus.

CAPÍTULO IX – Deus, a santa humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima são os templos e as principais luzes do Céu Empíreo.

(Et templum non vidi in ea: Dominus enim Deus omnipotens templum illius est, et Agnus. Et civitas non eget sole neque luna ut luceant in ea, nam claritas Dei illuminavit eam, et lucerna ejus est Agnus.)

"E não vi templo nela (na Jerusalém celeste), porque o seu templo é o Senhor Deus onipotente, e o Cordeiro. E a cidade não necessita de sol nem de lua que a iluminem, pois a claridade de Deus a ilumina, e a sua lâmpada é o Cordeiro" (Ap 21:22, 23).

Primeiro Ponto: Comentários sobre o texto – Primeira parte

207. – Na cidade celeste não há templo semelhante aos que nós vemos na terra. Por que haveria? Os templos são necessários em um mundo onde abundam elementos profanos. São como quê pequenos paraísos onde se possa dignamente louvar a Deus, orar e Lhe oferecer sacrifícios. Neste mundo desértico é preciso que haja oásis, lugares santos, construções consagradas a Deus; *neste mundo todo colocado no mal*[413], onde existem tantos edifícios para abrigar o homem, satisfazer sua vaidade, esconder suas fraquezas e seus vícios. Mas no Céu

[412] Sal. 18, 7.
[413][413] 1ª. Jo 5:19

Empíreo tudo é santo, tudo está consagrado à contemplação e ao louvor de Deus. Nele não há templo que se assemelhe aos nossos, por ser ele mesmo o mais vasto, o mais rico, o mais santo dos templos materiais, onde Deus é eternamente glorificado de uma maneira digna de Si por todos seus eleitos.

208. – Mas São João eleva ainda mais alto nosso pensamento, dizendo que *o Senhor, Deus onipotente*, é o primeiro *templo da Jerusalém Celeste*. O que isso quer dizer? *Em Deus, como no templo divino e incriado, os santos têm sua divina e feliz morada. Deus é um templo para eles e Aquele que preside no templo está em todas as coisas*.[414] Segundo Santo Ambrósio, *Deus é uma esfera infinita em que o centro está em tudo e a circunferência em nenhuma parte*. O Céu Empíreo e todos os mundos movem-se no seu interior, por assim dizer em Deus, como um peixe no vasto oceano. Deus é, pois, o Templo por excelência.

Tudo o que Deus habita, diz Santo Tomás, *pode ser chamado templo. Mas Deus habita principalmente nele mesmo, porque só Ele se compreende a si mesmo*. *De onde se segue que Deus é, para si mesmo, seu próprio templo*, conforme se lê no Apocalipse: *O Senhor, Deus onipotente, é seu templo*[415], e um templo tal que compreende não somente todo o finito, mas inclusive o infinito. E como Deus é visível para os bem-aventurados melhor do que as paredes e a cúpula de um templo material, para nós Deus se mostra aos olhos dos bem-aventurados como o templo que engloba tudo na sua divina imensidade[416].

209. – Ademais, uma vez que se pode chamar de templo tudo aquilo em que Deus habita especialmente por Sua graça através de uma consagração ou pela santidade, Jesus Cristo é o primeiro templo depois de Deus. Maria Santíssima é o primeiro templo depois de seu divino Filho. Depois, vêm os bem-aventurados. Em seguida, todos os homens cujas almas estão adornadas com a graça santificante. Depois o Céu Empíreo, material, que é por assim dizer consagrado e glorificado. Depois as igrejas usadas para o culto divino na terra. Unicamente a habitação de Deus, diz Santo Tomás, é que faz um templo ou

---

[414] Cornélio a Lápide.

[415] *In Epis. 1am ad Cor. C. 3, lec. 3.* no princípio.

[416] Independentemente desta variedade, de que Deus é o templo do Céu Empíreo, devemos conceber Deus como o templo do universo: É nele que vivemos, que nos movemos e que somos (At. 17, 25) e toda criatura finita está no mais santo e maior dos templos, que é Deus. Nossos templos sagrados são a imagem visível do Templo infinito.

templos de Deus[417] no sentido mais nobre. Isto é, as moradas de Deus como autor do sobrenatural.

Ademais, Deus está em todas as criaturas por sua essência, por seu poder e por sua presença.[418] *Por sua essência*, porque não está num ponto do universo criado, nem nos mundos possíveis, onde não está com todo o seu ser e toda a sua substância. *Por seu poder,* porque todo ser finito ou possível não existe, não age ou não pode existir e agir, senão em virtude da causa primeira, fundamentalmente necessária, de tudo o que é contingente. *Por sua presença*, porque Ele quer tudo, e seu desejo, nas coisas finitas e nas diversas maneiras com que as quer dirigir com seu poder, é aperfeiçoá-las e levá-las a Si, segundo as respectivas capacidades e vias[419].

Depois disto o mundo da natureza é também, no sentido menos nobre, um templo de Deus. Mas todos esses diversos templos, onde Deus habita e se manifesta de diferentes modos, estão contidos no templo infinito da divindade, na esfera espiritual na qual o centro está em todo lugar e a circunferência em nenhuma parte.

210. – É particularmente como onipotente que Deus é o templo do Céu Empíreo: *Dominus enim Deus omnipotens templum illius est*. É seu poder que sustenta toda matéria e que, ao sustentá-la, sustenta ao mesmo tempo todos os mundos já gloriosos ou caminhando no período da prova para alcançar finalmente a glorificação, pois estes mundos, como vimos (nn. 21-23), fazem parte do Céu Empíreo.

Assim, após ter falado genericamente das moradas celestes, da morada de Jesus Cristo, de Maria Santíssima, dos Apóstolos, dos Anjos e dos Santos inferiores, nós podemos fazer uma ideia, mesmo que seja muito imperfeita, da *morada* de Deus. O grande Espírito mora em si mesmo e tudo mora nele.

211. – Mas, como é que o Cordeiro é também, com Deus, o templo da santa Cidade? É, sem dúvida, antes de tudo, como tenho dito, porque Deus *habita* particularmente nele, ou melhor, porque Ele é o mesmo Deus. Por outra, a Humanidade santíssima de Jesus Cristo exerce uma tal influência sobre todo o Céu Empíreo, uma influência tão visível e tão arrebatadora, que todas as outras criaturas glorificadas

---

[417] Ibid.

[418] Ibid.

[419] V. Santo Tomás, Sum. Teol. P. 1, q. 8, a. 3. Pode-se também explicar estas palavras como se segue: Deus está em todas as criaturas *por sua essência*, enquanto ser por si, Ele é infinito, imenso, causa criadora e conservadora do finito; *por seu poder*, enquanto sendo, como ato puríssimo e sempre agente, o primeiro motor de toda atividade; *por sua presença*, como já disse neste texto.

estão como que imersas na sua glória e envolvidas por ela como num templo.

212. – Com efeito, Deus colocou Cristo à sua dextra, nos Céus, acima de todo principado, de todo poder, de toda virtude, de toda dominação e de tudo o que tem nome, não somente neste século, mas também no futuro. Ele pôs todas as coisas sob seus pés e O constituiu a cabeça de toda a Igreja, que é seu corpo místico e seu último complemento, porque, no progresso sobrenatural das coisas e no seu supremo aperfeiçoamento, devemos ver Nosso Senhor Jesus Cristo conquistando seu completo desenvolvimento[420].

A Igreja, diz Martini, é o Corpo Místico de Cristo e por isso o complemento de Cristo. Assim como a cabeça dá o ornato, o complemento e a integridade aos membros, igualmente a cabeça recebe a sua perfeição na união que tem com os membros. Como o corpo humano, que é feito para a alma, é o complemento da alma humana, assim a Igreja, que é feita para Nosso Senhor Jesus Cristo, é o complemento de Cristo[421]. Nosso Senhor Jesus Cristo se realiza em todos, e faz um todo completo e perfeito na união com todos os seus membros. Quer dizer, unindo os fiéis que compõem a Igreja e tornando-os dignos de ter Nosso Senhor Jesus Cristo por cabeça[422].

213. – Ora, o corpo de Jesus Cristo, no seu pleno desenvolvimento, é toda a Igreja, quer dizer a Igreja Militante, a Igreja Padecente e a Igreja Triunfante, com todos os anjos fiéis e todos os santos. A Igreja, considerada em seu sentido mais amplo, é o pleno desenvolvimento de Cristo, de maneira que todas as coisas que existem em virtude, em Cristo se completassem, de alguma forma, nos membros da Igreja. As diferentes graças, as diversas virtudes em seus diversos graus, os dons espirituais de toda sorte, tudo o que possa existir na Igreja se encontra superabundantemente em Cristo, como em sua fonte, e deriva de Cristo para os membros da Igreja para aí adquirir seu último desdobramento[423].

É por isto que Cristo algumas vezes é designado como sendo toda a Igreja e que os Apóstolos dizem com frequência que nós somos, que nós cremos, que nós agimos, que nós sofremos em Cristo[424]. É,

---

[420] Ef., 1, 20-23.

[421] Corpus est factum propter animam, et non e converso. Unde secundum hoc *corpus naturale est quaedam plenitude animae.* Nisi enim essent membra cum corpore completa, non posset anima suas operationes plene exercere. Similiter itaque est hoc de Christo et Ecclesia; Santo Tomás, *Comment. In Epis. ad Ephes. I. 23.*

[422] Comment. In cap. I ad Ephes. I, 23.

[423] Santo Tomás 1. Cit.

[424] Cornelio a Lapide, ad Efes. 1. C.

pois, fácil compreender que o Cordeiro seja, depois de Deus, o templo da Jerusalém celeste. Tudo o que está glorificado sobrenaturalmente é como a irradiação final e completa de Jesus Cristo. Assim como um imperador se realiza, diz São Jerônimo, quando seu exército se torna cada dia mais numeroso e novas províncias passem para seu cetro, assim se completa Nosso Senhor Jesus Cristo[425].

214. – Cristo penetra toda igreja por sua virtude, por suas operações e por suas influências. Ele é como a hipóstase, alma e o espírito, quer dizer a forma de toda a Igreja[426]. Igreja pode dizer como São Paulo: *Eu vivo, não eu, mas Cristo é que vive em mim*[427]. Jesus Cristo pode dizer: *A igreja habita em mim e eu nela*[428]. Mas, como o Cordeiro é tudo o que há de mais santo e maior depois de Deus, como Ele é mais santo, maior, mais perfeito, mais rico, mais poderoso que a Igreja, Ele é eminentemente o templo que envolve a Igreja, e, com ela, tudo o que deve pertencer à Igreja: os tempos, a natureza e o Céu Empíreo.

215. – Cristo é juiz dos Anjos e preside a administração de toda criatura. Como Deus dirige, segundo uma certa ordem, as coisas inferiores pelas superiores, é preciso dizer que todas as coisas são governadas pela alma de Cristo, que está acima de toda criatura[429]. É Cristo, não somente como Deus mas também como Homem, que indica aos anjos suas ocupações e o uso de sua atividade[430]. O próprio corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo está colocado no Céu Empíreo mais alto que os anjos mais sublimes, envolvendo com seu brilho sensível todas as pessoas e todos os lugares gloriosos. Porque é necessário a cada coisa um lugar tanto mais elevado quanto esta coisa seja mais nobre... Ora o corpo de Cristo..., considerado como pessoalmente unido a Deus, ultrapassa em dignidade todos os espíritos angélicos. Por esta razão deve ocupar um lugar mais elevado que aqueles onde se encontram as outras criaturas, inclusive as espirituais[431].

---

[425] Citado por Cornelio a Lapide, ibid. O Homem-Deus utilizou sua Igreja para a *edificação de seu corpo místico*, de maneira que *nós todos viemos*, *pela união da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem perfeito, na medida da idade da plenitude de Cristo.* Ou seja, à virilidade perfeita e sobrenatural, ao pleno desenvolvimento dos membros de Cristo, o que se desabrocha nesta vida pela santidade e que se completa na outra pela ressurreição. Ef., 4, 13.

[426] Cornélio a Lápide, ibid.

[427] Gal. 2, 20.

[428] Jo. 6, 57.

[429] Santo Tomás, 3. q. 59, art. 6, ad. 3.

[430] Ibid. In corp.

[431] Ibid. Q. 57, a. 5

Se, pois, o Deus onipotente é, como temos visto, o templo do Céu Empíreo, no sentido mais completo e mais perfeito, a alma e o corpo de Jesus Cristo formam o templo criado, o maior e o mais nobre depois de Deus, porque todas as criaturas inferiores vivem das influências e **nas influências** da humanidade santa de Cristo, influências que no céu serão, ademais, inteiramente visíveis e, em parte, ultra sensíveis.

216. – As razões que provam essas afirmações nos são indicadas por Santo Tomás.

1º) A natureza humana, assumida e elevada pelo Verbo, é tudo o que há de mais próximo de Deus. É o porquê a alma de Cristo é mais plena da virtude do Verbo que qualquer anjo[432]... Alma de Cristo é plena da veracidade do verbo de Deus[433]. Mas este papel de primeiro intermediário entre Deus e as criaturas, e esta plenitude de graça e de verdade, que superabundam na alma de Cristo, demandam uma efusão de influências beatíficas sobre todas as ordens inferiores do Céu Empíreo, a começar por Maria Santíssima, porque Jesus Cristo é nossa cabeça e o que foi dado a Cristo também nele nos foi dado[434]. Não é, pois, surpreendente que as felizes influências de Cristo permeiem por sua santidade e encubram como um templo o Céu Empíreo todo.

2º) Cristo, mesmo como homem, senta-se à direita do Pai, *por causa da graça que é mais abundante nele do que em qualquer outra criatura, de tal modo que a natureza humana de Cristo é mais feliz que as outras criaturas e tem sobre todas elas um poder real*[435]. Ele projeta, portanto, a suprema graça, que é o princípio subjetivo da suprema felicidade, em tudo que está abaixo dele e que forma seu Império. *Deus, que é rico em misericórdia*..., *quando estávamos mortos pelos pecados, nos vivificou em Cristo*[436]. Somos justificados *em Cristo*, ressuscitaremos *com Cristo*, seremos estabelecidos nos Céus *em Cristo*, e o brilho divino se projetará sobre nós *em Cristo*.

Ó! sim, depois de Deus, *o Templo do Paraíso é o Cordeiro*.

Segundo Ponto: Comentários do texto – Segunda Parte

217. – De fato a Jerusalém Celeste *não tem necessidade do sol inanimado nem da lua para a iluminarem*, *pois a glória de Deus a ilumina e sua lâmpada é o Cordeiro*. Mas o Céu Empíreo tem sóis,

---

[432] 3. q. 59, art. 6, ad. 3
[433] Ibid. n. 4.
[434] Ibid. q. 58, a. 4, ad. 1.
[435] Ibid. a. 3.
[436] Ef. 2, 4-7.

luas, planetas, estrelas, toda sorte de astros resplandescentes. Eles estão lá, por assim dizer, como palácios. Na realidade estes astros não têm qualquer utilidade do ponto de vista da produção da luz: *ut luceant in ea*. Os espíritos angélicos, as almas gloriosas e os corpos ressuscitados são mais brilhantes que toda luz puramente material: *Os justos resplandecerão como o sol no reino de seu pai*.[437] E se tal é o esplendor dos justos, o que dizer do esplendor de Deus e do esplendor de Nosso Senhor Jesus Cristo?

Com respeito das luzes materiais, os justos eclipsarão todas as luzes dos astros. Mas em relação a Nosso Senhor Jesus Cristo e a Deus, eles serão luzes comparáveis àquelas que as estrelas produzem para nós: *Aqueles que tiverem sido doutos resplandecerão como a luz do firmamento, e os que tiverem ensinado a muitos o caminho da justiça luzirão como estrelas por toda a eternidade*[438]. O grande Sol do Empíreo será o Senhor, o *Sol de toda inteligência*[439], a luz infinita que não será vista senão pelos espíritos. Esta *glória de Deus*, *Claritas Dei*, que ilumina o Céu Empíreo, é *o próprio Deus, o esplendor imenso*[440], mostrando-se tal como é: *Quando Ele* ***se manifestar****, seremos semelhantes a Ele, porque O* ***veremos como Ele é***[441], e que ***Deus é luz***[442].

218. – Deus é de tal maneira luminoso que Ele é a própria luz, a luz essencial infinita, foco primordial onde todas as luzes têm sua fonte, em proporção desigual. Cristo Nosso Senhor, enquanto Homem, é de todos os seres o que mais reflete os esplendores eternos da Divindade. Também *o Cordeiro é a lâmpada que ilumina a Jerusalém Celeste*. Por mais incompreensivelmente sublimes que sejam as perfeições de Sua Alma e mesmo de Seu Corpo, Nosso Senhor não é, entretanto, comparável ao Sol infinito, que é a *lâmpada* do Céu Empíreo, pois tudo o que é criado é infinitamente abaixo do Infinito. Mas esta lâmpada que se ilumina diretamente no próprio foco da divindade e distribui, em graus diversos, suas luzes aos seres inferiores, é tudo o que há de mais resplandescente, depois de Deus.

Pode ser que a denominação de *lâmpada* seja modesta para indicar o lugar especial em que brilha esta luz, e que é a **mansão** do Pai Celeste. Pode ser ainda que esta denominação marque a proximidade desta luz quanto aos eleitos e, para assim se exprimir, sua familiarida-

---

[437] Mat., 13, 43.
[438] Daniel 12, 3.
[439] Sab. 5, 6.
[440] Cornélio a Lapide
[441] 1ª. Jo. 3, 2.
[442] Ibid. I, 5.

de com cada um deles e sua proporcionalidade com a visão, mesmo corporal, dos diferentes bem-aventurados. Quanto à força iluminadora do Cordeiro, ela tem sem dúvida o máximo de esplendor criado. A divindade do Verbo resplandece direta e imediatamente sobre a alma do Homem-Deus e sua alma sobre seu corpo, de maneira que a humanidade santíssima de Nosso Senhor Jesus Cristo é o grande sol criado de tudo o que é finito e a segunda fonte de toda luz limitada, mesmo no Céu Empíreo, material.

219. – *A humanidade santíssima de Jesus Cristo*, diz Martini, *expandirá uma luz imensa, que iluminará e encherá de consolação os bem-aventurado*s[443]. Esta *lâmpada*, diz também Cornélio a Lápide, ou seja, *este fanal*..., *esta luz*, *que ilumina e que encanta os olhos corporais dos bem-aventurados, é a humanidade santíssima e gloriosíssima de Cristo, a qual, como uma luz brilhante, difunde sua luminosidade pelo Empíreo, a fim de que os olhos dos santos, ajudados por essa luz, possam ver a humanidade gloriosa de Cristo, bem como os astros, os outros eleitos e tudo o que está no Céu.* O esplendor da humanidade de Cristo tem também por efeito *a claridade sensível dos santos, sua gloriosa ressurreição, e a alegria sensível mais abundante*[444].

Segue-se daí que, assim como a luz da glória, que torna as felizes inteligências capazes de ver Deus intuitivamente, provém de alguma maneira de Jesus e de Maria Santíssima (nn. 185-189), assim também as luzes secundárias, que permitem ver os corpos e tudo o que está no Céu depois de Deus e dos espíritos, são variados reflexos das criaturas mais perfeitas. Todas as luzes secundárias se iluminam no grande foco da humanidade de Cristo, imediata ou mediatamente. Maria Santíssima é o astro mais luminoso do Empíreo depois da humanidade de seu Filho. Depois, gradualmente, os anjos e os santos, conforme seu grau de perfeição. Mas todos os bem-aventurados, mesmo os dos últimos lugares, vêem as luzes superiores na sua claridade, sobretudo as de Jesus e de Maria, e as saúdam com alegria como fogos benfazejos nos quais se alumiam de alguma maneira as próprias luzes (nn. 185-199), tanto mais que elas exercem sua influência sobre as luzes de segunda ordem (195) as quais engrandecem e fortificam[445].

---

[443] Sobre o Apocalipse 21, 23.

[444] In hunc loc. Ver nota seguinte.

[445] Esta opinião não se opõe à de Santo Tomás que diz que as qualidades dos corpos ressuscitados são como os reflexos de sua alma gloriosa, porque a humanidade santa de Jesus Cristo age também sobre as almas e pelas almas sobre os corpos, como ainda pelos corpos, sobre os outros corpos, e mesmo por seus corpos sobre as almas, como testemunha a Eucaristia.

220. – A lâmpada, de que fala São João, é denominada *sol de Justiça* pelo profeta Malaquias: *O sol de Justiça*, diz ele, *se levantará sobre vós que acreditais em meu nome; e encontrareis a salvação em suas asas; e saireis da poeira do túmulo, e exultareis de alegria*[446]... *Em Cristo*, diz Martini, cuja tradução e comentários são aprovados pela Igreja, *que nesta passagem é nomeado sol de Justiça, porque, como o sol ilumina todas as coisas, assim Cristo Nosso Senhor, nesse dia, iluminará, glorificará e tornará visível a todos as virtudes dos justos**... E sob suas asas se encontra a salvação**: As asas deste sol são seus raios, que darão aos corpos dos justos a ressurreição, a imortalidade, a agilidade, a impassibilidade, um esplendor inefável;às almas darão uma alegria inenarrável, o aperfeiçoamento de todas as potências, a luz da glória, a visão do soberano bem, que é Deus*[447].

221. – Poderemos concluir daí que, sem Nosso Senhor Jesus Cristo, os bem-aventurados não desfrutam nenhum bem no lugar da glória e que todos os bens que constituem a felicidade dos eleitos são como irradiações de Cristo sobre eles. *Para nós*, diz São Paulo, *só há um Deus: o Pai*, ***de quem*** *todas as coisas vivem..., um só Senhor, Jesus Cristo,* ***pelo qual todas as coisas*** *são, e nós também* ***por Ele***[448].

Imagino a radiação de Jesus Cristo no Empíreo sob a forma de três esferas concêntricas que, todas, envolvem o universo inteiro.

A esfera mais vasta é aquela da Luz incriada. E essa irradiação de Cristo se identifica com Pai e o Espírito Santo. *Não há nada mais alto do que a divindade*[449]. Assim Cristo senta-se à direita de seu Pai, sendo Deus como Ele, e *esse lugar é inacessível não somente a todos os homens, mas inclusive a todos os anjos*[450].

A segunda esfera luminosa é a da alma de Cristo, que ilumina com a claridade secundária todas as inteligências criadas[451].

A terceira esfera é aquela que constitui a irradiação de seus corpos. Esta irradiação ilumina, nos diversos graus, todos os corpos gloriosos. Ela é o grande sol de toda a matéria e nada de material no Empíreo se subtrai a seu calor e à sua luz[452].

222. – Uma bela passagem de Santo Tomás confirma esta doutrina e a que expusemos na presente meditação. *Quanto mais os corpos*

---

[446] IV, 2.
[447] Comentário sobre o versículo citado, de Malaquias.
[448] 1ª. Cor. 6 – Rom. 11, 36.
[449] Nihil est divinitate allius. Sum. Theol. 3, p. Q. 57, a. 2.
[450] São João Crisóstomo, citado por Santo Tomás, ibid. q. 58, a. 4, ad 4.
[451] Anima Christi magis est plena virtute Verbi Dei, quam alliquis Angelorum, unde et Angelos illuminat. *Sum. th*. p. 3, q. 59, a. 6
[452] Sal. 18, 7.

participem abundantemente da bondade divina, diz o Príncipe dos Teólogos, *mais alto devem estar colocados no conjunto ordenado das coisas corpóreas*. *Também vemos que os corpos dotados de formas mais perfeitas e os mais influentes (corpora magis formalia) são naturalmente superiores aos outros... pois é pela sua forma que todo corpo participa do ser divino. Porém um corpo participa tanto mais abundantemente da bondade divina por sua glorificação sobrenatural, quanto um corpo natural qualquer dela participa pela forma de sua natureza. E entre os corpos gloriosos é manifesto que o corpo de Cristo brilha de uma glória incomparável. É, então, muitíssimo conveniente que esteja colocado numa altura de onde domine todos os outros corpos*[453].

223. – Assim, como uma lâmpada é posta, não *sob o alqueire*, mas sobre *um candelabro*, *a fim de iluminar todos os que estão na casa*[454], igualmente o corpo de Cristo está colocado no alto do Empíreo para iluminar toda a mansão de Deus, e as inumeráveis moradas dos eleitos. Ele está colocado no alto, como então? Sobre um trono semelhante a uma alta montanha? Isso não basta, pois um tal trono se elevaria apenas num ponto do Céu Empíreo, e Cristo foi elevado em Corpo e Alma ***acima de todos os Céus para cumprir todas as coisas***[455]: *para encher tudo de seu poder, de sua majestade, de sua vitória, de sua glória, de seu triunfo, de sua dominação, de sua realeza, de seu império*...; o que fez São Bernardo dizer: *Cristo está posto acima de todos os céus para cumprir todas as coisas; pois, tendo já demonstrado que era o Mestre de tudo o que está na terra, no mar e no inferno, não restava senão provar da mesma maneira ou melhor ainda, que era também o Senhor dos ares e dos céus... Resta-vos, Senhor Jesus, vos elevardes, aos olhos de seus discípulos, nos ares, como o Senhor do espaço e subir acima de todos os céus. Após o que estará provado que sois o Senhor de todas as coisas, porque tereis cumprido todas as coisas sem exceção. E vos será dado seguramente que ao vosso nome todo joelho se dobre no Céu, na terra e nos infernos, e que toda língua confesse que estais na glória e à direita do Pai*[456]. Para isto é necessário que toda criatura receba, de alguma maneira, a marca de Jesus Cristo.

---

[453] Suma Teológica, p. 3, q. 57, a. 4

[454] Mat. 5, 15

[455] Ef. 4, 10.

[456] V. Cornélio a Lápide, Ad Ef. c. 4, 10, Septimo et planissime.

224. – Evidentemente não é enquanto Deus que Jesus Cristo se eleva acima de todos os céus, mas enquanto homem. É, portanto, também como homem que preside todo o universo e seja o astro iluminador. A *humanidade de Cristo tem a glória ou a honra da divindade em razão da pessoa à qual esta humanidade está unida*. É o que levou São João Damasceno a dizer: *O filho de Deus, eterno como Deus e consubstancial ao Pai, assenta-se na glória da divindade com sua carne glorificada, porque é adorado com sua carne numa só adoração, por toda criatura*[457].

Sem dúvida seria herético e absurdo dizer, com os ubiquitários, que a carne de Cristo é em tudo como a pessoa divina à qual está hipostaticamente unida. Mas é sensato afirmar que a alma e o corpo glorioso de Cristo inundam todo o Empíreo de suas luzes e de suas beatíficas influências. O ensino cristão é abundante sobre este ponto.

225. – *Os corpos gloriosos, e sobretudo o corpo de Cristo*, observa Santo Tomás, *não tem **necessidade** de estar contido pelos céus, pois não recebeu nada dos corpos celestes; estes recebem de Deus, por meio de sua alma, todas as influências vivificantes que os beatificam. Nada impede admitir que o corpo de Cristo está fora de toda a capacidade dos céus e que não esteja circunscrito a um lugar*[458]. Eu o imagino também como um sol em que o poder de irradiação abarca, penetra e ilumina todo o Céu Empíreo (n. 221). Esta conclusão resume todas as considerações que fizemos a este respeito e forma uma espécie de contraprova de nossas afirmações.

226. – Assim o Cordeiro é, ao mesmo tempo, *o Templo* do Céu Empíreo e *a lâmpada* que o ilumina. Seu corpo é o mais alto colocado dos corpos; e Cristo é visível em toda a extensão da Jerusalém Celeste. Assim, pode-se ver como Ele reina com seus eleitos e é a grandeza de seu reino.

Sua *morada* celeste está claramente definida: Ele ocupa, por sua humanidade ou pelo brilho de sua humanidade, os céus mais elevados, embora lhes esteja superior. Mas nada limita a difusão de sua luz aos graus inferiores do Céu Empíreo, segundo a capacidade dos eleitos, e das outras criaturas, de receber suas iluminações e seus eflúvios sobrenaturais.

A esfera de ação e de influência de sua humanidade se econtra, por assim dizer, entre o Deus imenso e infinito, de um lado, e o uni-

[457] Suma Theol. 3, p. q. 58, a. 3, ad 1.
[458] Ibid. q. 57, a. 4, ad. 2.

verso criado, de outro. Tudo vem de Deus por Jesus Cristo. Inicialmente ao Céu Empíreo e em seguida, pelo Céu Empíreo, aos seres inferiores.

227. – Ó Cristo, como sois grande! Não sois maior apenas enquanto bondoso. Em Vós todas as sublimidades são proporcionadas. Porquanto, subindo aos céus, colocais todas as criaturas a vossos pés, elevando a natureza humana, da qual participamos, *acima de todas as grandezas celestes, acima das ordens angélicas*..., de modo que *nenhuma sublimidade possa limitar a sua elevação. Ela vai sentar-se à direita do Pai Eterno, associada a seu trono e à sua glória, porque ela mesma está associada à pessoa de seu filho*[459]. *Ela assenta-se à direita do Pai, não apenas localmente porque Deus é espírito e nada tem à direita e à esquerda, mas pelo poder*[460] universal, *pela glória e pela honra que ela divide com o próprio Deus*[461].

Assim vossa humanidade, ó Cristo, é, *como Deus Todo-Poderoso, o templo do Empíreo* e de todas as coisas, porque o Empíreo e todas as coisas revelam seu poder e o de Deus. A vossa humanidade é também a lâmpada, a fonte luminosa secundária, que, *com a glória de Deus, ilumina o Empíreo* e todas as coisas, porque todos os bens não vêm de Deus às criaturas senão por Cristo. A irradiação da humanidade de Cristo, seja no pensamento de Deus antes da Encarnação, esteja na realidade após a realização deste grande mistério, é o elemento vital de tudo o que participa da glória, do movimento, da existência. Não há nada que, de alguma maneira, não esteja em Cristo. Deus nos deu a conhecer *o mistério de sua vontade.... de restaurar em Cristo todas as coisas, quando tivesse chegado a plenitude dos tempos, tanto as que há nos Céus como as que há na terra. Sim, tudo em Cristo: instaurare omnia in Christo... in ipso*[462].

Ó Cristo! Ó templo sagrado que abarca o universo! Ó elemento universal de glória, de vida e de existência! Como deve ser doce ao homem vos adorar, vós que sois o Homem-Deus! Que honra, que prazer, que necessidade para o homem viver em vós pela vida sobrenatural! Pensar convosco pela Fé! Viver de vossa vida pela graça! Não fazer senão um corpo convosco pela caridade! Ó religião de Cristo, co-

---

[459] São Leão, papa, no ofício da Ascensão, 5ª lição.

[460] Ipsam dexteram intelligite potestatem, quam accepit ille homo susceptus a Deo. S. Agost. *Serm. De Symb*. l. 2, c. 7.

[461] Dexteram Patris dicimus gloriam et honorem divinitatis. S. J. Damasc. *De fide orth*. l. 3, c. 2.

[462] Ef., I, 9, 10.

mo sois bela, sublime, deliciosa! Ó Igreja, como sois amável, pois sois o corpo de Cristo! Ó universo, como sois santo, pois vós formais, desde agora, o império de Cristo, e porque aspirais, ademais, a uma glorificação que fará de vós o digno reino do Homem-Deus glorioso! Ó homem, como vosso destino é grande e como sois feliz, pois deveis partilhar com Nosso Senhor Jesus Cristo um tal Império! Um Reino que não terá fim!

Mas, ó dor! a mente do pecador, do incrédulo, do indiferente me atormenta. Meu querido leitor, l*evanta-te, tu que dormes; levanta-te dentre os mortos e Cristo te iluminará*[463].

228. – Encerremos esta meditação com uma oração da Igreja[464]:

> Ó Rei eterno e sublime, Redentor dos fiéis, a quem a morte, derrotada, traz o triunfo da suprema glória;
>
> Vós ascendeis através das esferas celestes a este trono que vos chama, não um poder humano conferido, mas por poder divino que tendes sobre todas as coisas,
>
> A fim de que a tríplice ordem dos seres, celeste, terrestre e infernal, dobre o joelho diante de seu Conquistador.
>
> Os anjos tremem vendo mudar o destino dos mortais: a carne peca, a carne apaga o pecado, e Deus reina tendo feito carne.
>
> Sede Vós mesmo nossa felicidade, fazendo de Vós nossa recompensa no Céu Empíreo, Vós que governais o universo e venceis toda a alegria mundana.
>
> Da terra elevamos a Vós as nossas preces e nossas súplicas. Perdoai todas as nossas faltas e transporteis nossos corações para o alto até Vós, pela graça divina.
>
> A fim de que, quando começardes subitamente a brilhar nas nuvens como um juiz, afasteis os castigos que merecemos e nos devolveis as coroas perdidas...
>
> Divino Artesão da salvação dos homens, Nosso Senhor Jesus Cristo, delícia dos corações, Criador do mundo resgatado, e casta luz daqueles que vos amam...
>
> Que vossa misericórdia nos leve a reparar nossas perdas e a nos enriquecer, contemplando vossa Face na luz da glória.

---

[463] Ef. 5, 14.

[464] Extratos dos hinos do Ofício da Ascensão.

> Vós sois o nosso guia para as estrelas; Vós sois o nosso caminho; sede também o fim onde gravitam nossos corações; sede, aqui na terra, a alegria dos mortais aflitos, e sua doce recompensa na vida imortal.

Terceiro Ponto: Depois de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo, Maria Santíssima é também o templo e a luz do Céu Empíreo

229. – "Para tornar Maria Santíssima digna de seu Filho, diz Bossuet, Deus moldou-a segundo seu próprio Filho; e antes de nos dar o Verbo Encarnado, mostrou-nos na Natividade de Maria, um rascunho de Jesus Cristo, se assim posso dizer, um jovem Jesus Cristo com uma expressão viva e natural de Suas infinitas perfeições"[465].

Se isto é verdadeiro quanto ao nascimento de Maria Santíssima, é também verdade, com mais forte razão, de Maria Santíssima tornada mais perfeita pela prática de todas as virtudes, de Maria Santíssima como Mãe de Deus, de Maria Santíssima glorificada no Céu, onde cada eleito possui a plenitude de sua perfeição. Na Jerusalém Celeste, melhor ainda do que na terra, Maria Santíssima é, pois, *uma expressão viva e natural das perfeições infinitas de Jesus Cristo*, e de Jesus Cristo reinando na sua glória. Na Jerusalém celeste Ela é como um Jesus glorioso *esboçado e começado*. Ela aí é, na Jerusalém Celeste, em primeiro lugar, depois do Cordeiro, o *Templo*[466] e a *Lâmpada* do Céu Empíreo. Aliás, é isso que aparece claramente no ensinamento dos santos e dos doutores.

230. – Escutemos inicialmente Santo Anselmo. Maria Santíssima é a *rainha dos Anjos e a senhora do mundo..., a porta da vida e da salvação*..., *o santuário da universal propiciação, a causa da reconciliação geral, o vaso e o templo da vida e da saúde de todas as coisas*[467].... *Ó Senhora admirável*, sois Vós que trouxestes ao mundo o vosso Senhor e seu Deus, que ele não conhecia, que tornou visível ao mundo seu Criador, *que antes ele não via*... O Céu, os astros, a terra, os rios, o dia, a noite, tudo o que está disposto para o homem ser feliz, ó Senhora, por vós devia ser restaurado em sua beleza primeira e alcançar uma graça nova e inefável. Todas as coisas estavam como mortas e destituídas de sua dignidade original, quando serviam aos pecadores para os quais não foram feitas. *Mas, de alguma forma ressusci-*

---

[465] Primeiro sermão sobre a Natividade da Bem-aventurada Virgem Maria, exort.

[466] *Sicut lactantium omnium nostrum habitatio est in te, Sancta Dei Genitrix.* Breviário romano, In festis B.M.V. 3 ant. Du II noet.

[467] *Tu aula universalis propitiationis, causa generalis reconciliationis, vas et templum vitae et salutis universorum.*

tadas, elas se alegraram logo que foram novamente regidas pelos amigos de Deus e que tiveram a honra de os servir. Elas exultam de alegria sobretudo pela graça nova e inestimável que receberam, quando, não mais apenas sentindo seu Deus e Criador regendo-as do alto de uma maneira invisível, mas vendo-O claramente no meio de si e se servindo delas para santificar-se a Si mesmo[468]*. Bens tão grandes provieram do fruto bendito do seio bendito da bendita Virgem Maria*.

Mas, por quê, ó Senhora, a terra está cheia de vossos bens? Eles penetram até nos infernos e se elevam acima dos céus. Pois, pela plenitude de vossa graça, *as almas dos Santos Pais, que estavam no limbo, se alegraram de sua libertação* e os coros angélicos, nas altas regiões do universo, rejubilaram-se de terem sido restaurados. É pelo glorioso Filho de vossa ilustre virgindade que... a Cidade dos Anjos, arruinada pela metade, se levanta e se completa... *Ó mulher plena e cheia de graça na qual a plenitude irriga e rejuvenesce toda criatura! Ó Virgem bendita, bendita além de toda medida, cuja benção abençoa toda a natureza*!...

231. – *Ó maravilha! Sobre que trono sublime eu contemplo Maria Santíssima! Nada é igual a Maria. Nada, exceto Deus, é maior que Maria... Aquele que, do nada, pode fazer todas as coisas, não pode querer, após a degradação delas, repará-las sem Maria Santíssima. Deus é o Pai das criaturas; Maria Santíssima é a mãe das coisas recriadas... Deus engendrou Aquele sem o qual nada, absolutamente nada, existe; e Maria Santíssima concebe Aquele sem o qual, nada, absolutamente nada, existe numa condição boa. Ó! verdadeiramente, o Senhor é convosco, pois Ele Vos deu este privilégio de que toda a natureza Vos fosse devedora ao mesmo tempo que a Ele próprio*[469].

232. – *Ó feliz Mãe de Deus, Virgem Maria, templo do Deus vivo, Palácio do Rei eterno, Santuário do Espírito Santo... Nada pode ser comparado a Vós, sob nenhum aspecto*[470]*... Vós sois a alegria de Israel, a nobreza do povo católico. Ó Rainha, ó Senhora do mundo, Estrela do Céu, trono de Deus, Porta do Paraíso*[471]*... quando nascestes o mundo foi iluminado*[472]*... No dia de vossa Assunção fostes elevada acima dos coros dos Anjos e estabelecida, para sempre como a gloriosa Rainha do Céus, de onde ajudais todos aqueles que vos glori-*

---

[468] Para santificar-Se, isto é, preparar para imolar-Se em sacrifício pela humanidade.
[469] Santo Anselmo, Oratio, LI ad S. V. Mariam.
[470] *Singulari privilegio nescis in omnibus comparationem.*
[471] Oratio 54.
[472] Oratio 55.

ficam como Senhora[473]*... Maria Santíssima, Templo do Senhor, Santuário do Paráclito... Ilustre Rainha do Céu, Lâmpada celeste do globo, luz etérea*[474]*.., por Vosso brilho ofuscais o esplendor do sol... Bela, deliciosa, vós sois um cântico de alegria. Vós deveis ser celebrada e louvada privativamente e em público, não somente na terra, mas em toda a extensão do mundo e dos céus.*[475].

233. – Eadmer, discípulo confidente de Santo Anselmo[476] e feliz divulgador das doutrinas do grande Doutor, teve a mesma linguagem em sua obra s*obre a excelência da Virgem Maria.* Mencionar *a maternidade divina da Virgem*, disse ele, *é exprimir* tudo o que se pode conceber de sublime depois de Deus[477]. O reino glorioso de Jesus Cristo *é devido, por direito maternal, o Reino de Maria... Toda a corte celeste pertence a Cristo, mas, por Cristo, ela é também toda de Maria*[478]... *Vossa Assunção não apenas que vos elevou, ó Senhora, a uma altura inefável, mas o próprio Céu em que tínheis penetrado, e tudo o que ele encerra foi ordenado neste dia de uma glória nova e inenarrável... Vossa presença no Céu levou-o a uma glória além do que se pode dizer e mesmo imaginar... Vós o iluminastes pela dignidade incomparável de Vossas virtudes; Vós o inundastes da imensa luz de Vossa bondade e de Vossas graças... Que poderei eu dizer ainda, ó Senhora? Quando considero a imensidade de Vossa graça e de Vossa glória, minha razão se confunde e minha língua se cala*[479].

234. – *Deus elevou Maria Santíssima acima de todos os céus e a colocou em um trono de glória, donde Ela reina com Deus por um direito irremissível sobre todas as criaturas*. Os anjos se alegram ao ver a reconstrução, *pelo glorioso fruto da fecundidade virginal de Maria Santíssima*, de sua cidade semi destruida[480]... Todas as criaturas são restabelecidas em sua dignidade primeira pelo ministério de Maria Santíssima. *A luz do sol, o movimento dos astros, o céu, os próprios astros* foram como que humilhados e des*prezados* pelo pecado das criaturas racionais, devendo servir a pecadores, seres que foram criados para serem os amigos de Deus[481]. Depois do pecado, *o ar, a terra,*

---

[473] *Ubi adjuvas omnes qui te Dominam glorificant.* Oratio 5.
[474] *Oratio 60. Ritimo.*
[475] *Hymni et Psalterium S. Virginis, p. 3. Hymn. I in laud. S. Deiparae.*Cap. 2.
[476] *Hymni et Psalterium S. Virginis, p. 3. Hymn. I in laud. S. Deiparae.*
[477] Cap. 2.
[478] Cap. 7.
[479] Cap. 8.
[480] Cap. 8 – Ibid.
[481] Seria errôneo dizer que o pecador perde todo direito de propriedade por causa do pecado. A bondade de Deus mantém esse direito para sua conversão. Mas também é verdade que o universo foi criado apenas para os justos, atuais ou futuros.

o mar e tudo o que compreende esses elementos sofreram da mesma sorte... *Todas as formas das coisas* experimentaram *uma perturbação, uma confusão, um um rebaixamento, uma desonra*. O mal provocado às criaturas foi reparado pelo ministério de Maria Santíssima. *Todas as espécies de coisas recuperaram, por meio dEla, sua condição primeira*[482].

235. – Toda criatura racional ou irracional *é, pois, grandemente devedora a esta Santíssima Senhora...* Como Deus, por seu poder, é o Pai e o Senhor de todas as coisas, assim a bem-aventurada Virgem Maria, reparando todo universo por seus méritos, é a Mãe e a Senhora das coisas[483]...

Nós Vos pedimos, em consequência, ó Senhora, por esta mesma graça e por aquela graça de Deus bom e Todo-Poderoso, que Vos elevou a ponto de tornar tudo possível junto a Ele, *obter-nos de sua bondade, que a plenitude de graça que haveis merecido opere misericoriamente em nós, de maneira a nos tornar um dia partícipes da bem-aventurada recompensa*[484].

236. – Retomemos os principais pensamentos de Santo Anselmo e de Eadmer para melhor compreender nosso propósito.

Maria Santíssima é a *Senhora do mundo*, não somente deste globo terrestre que nos transporta, das pessoas e das coisas que o habitam, mas também do universo inteiro. Ou seja, dos anjos, de toda criatura racional, dos céus com todos os seres que eles envolvem, do Céu Empíreo, de todas as obras de Deus. *No dia de sua Assunção Ela foi elevada, radiante, acima dos coros angélicos e estabelecida para sempre como gloriosa Rainha dos céus*. Ela preside, portanto, a toda mera criatura.

O reino de Jesus Cristo, quer dizer, todo o sistema de coisas finitas, *tornou-se, por direito maternal, o reino de Maria Santíssima. Toda a corte celeste, pertencente naturalmente a Cristo, pertence, pela graça, à Virgem Maria. Colocada acima de todos os céus, num trono de glória, Ela reina com Deus, por direito irremissível, sobre todas as criaturas*[485]*. Maria Santíssima é a Mãe e ao mesmo tempo Senhora de*

---

[482] Cap. 10.
[483] Cap. 11.
[484] Cap. 12.
[485] *Maria est domina omnium*. São Dionísio Aeropagita, *Orat. Ad B.V apud S. Birgitt. In Revel. 1. IV.c; 103. Domina cunctis sublimior. S. Ephrem; Serm. De laud. B.M.V. Domina omnium vere*. São Gregório Nazianzeno, *In treg. De C. pat. Domina totius mundi*. Santo Agostinho, *Sermo 20 ad fratres in eremo. Domina rerum omnium*. São Sabba, *in Men. Grece. Die 14 aug. Domina totius universi.* Id. die 18 jan.

todas as coisas. O que há de mais claro para provar que Maria Santíssima é, depois de Deus e de Jesus Cristo, o templo do Céu Empíreo?

Tudo o que Deus operou *ad extra* está na esfera de influência de Maria Santíssima. E, como o que é invisível na terra é visível no céu, onde a visão substitui a fé, nele a influência universal de Maria Santíssima é como um elemento de felicidade em tudo o que alegra cada criatura que alcançou seu fim último. O brilho benfazejo da sublime Virgem é, pois, como um Templo Sagrado onde os bem-aventurados e os seres inferiores, renovados, cantam eternamente, cada um segundo sua capacidade, louvores ao Todo-Poderoso[486].

237. – Ademais, é verdade que Maria Santíssima não é somente *a Rainha,* mas ainda *a Mãe de todas as criaturas*. Seu poder no céu é eminentemente benfazejo. Assim como a Santíssima Virgemé, para a criatura racional viandante, *a porta da vida e da salvação, o santuário de universal propiciação, o vaso e o templo da vida e da salvação de todas as coisas*, Ela o também no Céu Empíreo, porém mais perfeitamente. Em sua qualidade de Templo Celeste, Ela transmite às camadas inferiores dos Céus as luzes infinitas do Templo Infinito, que é Deus, e os raios inefáveis da humanidade de Cristo, que é o mais vasto Templo Finito.

Instrumento, canal universal da graça, Ela o é também, de alguma maneira, da glória. Assim, por Ela, *tudo é melhorado por uma graça nova e inefável; os favores de Maria Santíssima se elevam além dos céus. Ela é a Virgem Bendita, sem medida para benção. Ela abençoa toda a natureza. Nada é igual à Maria Santíssima* até mesmo o Céu Empíreo considerado sem Ela. *Somente Deus é maior que Maria Santíssima. Toda natureza é-lhe devedora dos maiores bens*, sobretudo dos bens imperecíveis que abundam na Jerusalém Celeste. *Embora nada sendo igual a Maria Santíssima,* Ela participa, entretanto, da esfera de influência de Jesus Cristo, seu filho, como homem sempre querendo elevá-la, num sentido: *toda criatura deve à Maria Santíssima os maiores bens, ao mesmo tempo como ao próprio Verbo encarnado*. Verificai tudo quanto é finito: *nada se pode comparar a Maria Santíssima sob nenhum aspecto*. Sua perfeição é pois tal que Ela contém, como o maior contém o menor, todas as outras perfeições

---

[486] *Maria est un templum magnificum gloriae divina. S*anto André de Creta, *oratio in annunt. B.V.M. templum caeleste.* S. Ildefonso, *Serm. 7, de assumpt. B.V. Templum animarum, excelsius caelis, totoque creatorum ambitu latus ac capacius*. Jorge de Nicomédia, *orat,1 de Prasent. B.V. Templum Dei sanctum, coelis amplius ac speciosus*. São João Damasceno, *In Paracl. B.V.*

do Empíreo. E, por conseguinte, todos os bens, excetuado o bem por excelência, que é Deus.

Como Maria Santíssima *é a glória do mundo*, Ela é também, depois de Deus e Jesus Cristo, a maior glória do Céu[487]. Como *o nascimento de Maria Santíssima iluminou o mundo*, sua presença ilumina o Empíreo. *Gloriosa Rainha dos céus*, Ela aí ajuda todos aqueles que a glorificam como Senhora... Quer dizer, todos os eleitos[488]. Pois eles não aproveitam nada da luz da glória sem a intermediação de Maria Santíssima (nn. 196-198; 204). *Maria Santíssima é a lâmpada celeste, a luz etérea* do Paraíso. *Por seu esplendor Ela ofusca o esplendor do sol*. *Depois do Cordeiro*, no céu não há nada mais luminoso que a Mãe de Deus e de todas as criaturas. Assim, *Maria Santíssima deve ser celebrada em toda extensão do mundo e dos Céus. Ela ilumina o céu pela dignidade incomparável de suas virtudes; Ele o inunda da imensa luz de suas bondades e de suas graças.*

238. – Ó Maria, que sois a *Mãe da graça, da glória[489], e de todos os bens[490], que sois o traço de união que une Nosso Senhor Jesus Cristo à Igreja, o criador à criatura*[491], é justo nós irmos a Deus por vós, pois tudo o que é bom e divino nos vem de Deus por vós! *Ó mediadora do céu e da terra[492]*, tornai-nos Deus propício e obtende-nos, se for de vosso agrado, vivermos como verdadeiros filhos de Deus.

CAPÍTULO X – O trono e os tronos de Deus, de Cristo, de Maria Santíssima e dos outros bem-aventurados

Et vidi, et audivi vocem angelorum multorum in circuitu throni, et animalium, et seniorum: et erat numerus eorum millia millium, dicentium voce magna: Dignus est Agnus, qui occisus est, accipere virtutem, et divinitatem, et sapientiam, et fortitudinem, et honorem, et gloriam, et benedictionem. Et omnem creaturam, quae in caelo est, et super terram, et sub terra, et quae sunt in mari, et quae in eo: omnes audivi dicentes: Sedenti in throno, et Agno, benedictio et honor, et gloria, et potestas in saecula saeculorum.

---

[487] *Templum gloriae supercaelestis.* Id. in cant. Eccles. Grace. Sono.1. *Templum divinum multutudine luminum splendens.* Id. in Men. Grace. Die 27 januar. - *Templum animatum, quod caelis est sublimius atque universis rebus creatis amplius et capacius.* Jacob. Monach. In Mariali, Orat.3. *Gloria regalis universu.* S. André de Creta, Orat. De Nat. S.M.V. *Gloria universi ex hominibus prognata.* São João Damasceno, *in cant. Eccles. Grace.* Sono 2.

[488] *Domina quae omnibus est auxilio. St. Sabba, in Men. graecie 25 jan. Marie est aussi lucifer in quantum dat principium agnitionis divinae.* Jacobus De Voragine, *In Mariali, Serm.10.*

[489] Santo Alberto Magno, *super Missus est*, c. 182.

[490] Ibid. cap. 57

[491] São Bernardino de Santo Tomás, 3. Serm. 1.

[492] S. Epifânio, Sermão de Laudes B. M. V.

"E olhei, e ouvi a voz de muitos anjos em volta do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número deles milhares de milhares, os quais diziam em alta voz: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber a virtude, e a divindade, e a sabedoria, e a fortaleza, e a honra, e a glória, e a benção. E a toda a criatura que há no céu, e sobre a terra, e debaixo da terra, e as que há no mar, e a todas as coisas que nestes (*lugares*) se encontram, a todas ouvi dizer: ao que está sentado sobre o trono e ao Cordeiro, benção e honra, e glória, e poder pelos séculos dos séculos". (Ap. 5:11-13)

Primeiro Ponto: Visão geral dos tronos

239. – O que, a rigor, se deve entender por Trono de Deus? Depois de ter feito muitas leituras sobre este assunto, em autores muito competentes, cremos poder afirmar que o Trono de Deus, em geral, é o universo. Ou seja, todo conjunto de coisas criadas[493]. É verdade que Deus sendo imenso e puro espírito, penetra sua obra em todos os sentidos. Ele está em todas suas criaturas por sua essência, por seu poder e por sua presença (n. 209). Mas, como é sobretudo no mais alto dos céus, *in altissimis*, que Deus se manifesta com maior brilho de sua glória e sua bondade (nn. 41-44), dizemos que Ele é particularmente no Céus[494] e no céus dos Céus, ou seja, nos Céus maiores e mais distantes do centro (n. 41). Assim, a terra, os céus móveis e os céus fixos do Céu Empíreo compõem o trono de Deus e são como o escabelo de seus pés, porque todas as criaturas Lhe são, ao mesmo tempo, inferiores e presentes, e todas O servem.

240. – Como é fácil ver, esse trono divino é composto de um grande número de degraus. Jesus Cristo os síndica muito sumariamente quando diz: *Não jureis em nenhum caso, nem pelo céus, porque este é o trono de Deus; nem pela terra, porque esta é os escabelos dos seus pés*[495]. Quando se diz *o céu e a terra*, indica-se o conjunto de todas as criaturas ao mesmo tempo que sua diversidade.

Tudo o que Deus tirou do nada faz parte de seu trono, mas o Criador reina com maior esplendor sobre os seres mais nobres e mais per-

---

[493] *Qui caelorum contines thronum, et abussos intueris, domine, Rex regun,* etc. Antífona do Breviário romano, sábado que precede o 4o. domingo de novembro.

[494] Mt. 6,9.

[495] Mt. 5, 34-35.

feitos. Eis o que diz o Senhor: *O céu é meu trono, e a terra, o meu estribo*[496].

241. – A parte mais sublime do trono de Deus, isto é, o trono divino por excelência, é a humanidade santíssima de Jesus Cristo com a glória que ela projeta em todo o Empíreo. *A divindade*, diz Cornélio a Lápide, *não é o trono da humanidade de Cristo, mas é sobretudo o contrário; a humanidade que é o trono da divindade*[497].

É de Cristo como homem que Isaías diz da parte de Deus: *Eis meu servidor que eu escolhi, o objeto de minha dileção, em que minha alma pôs todas as suas complacências. Eu farei repousar meu espírito sobre ele*[498]. Se todas as complacências divinas se concentram sobre Cristo, é claro que Deus nada criou, ordenou, aperfeiçoou, senão em vista a Cristo e por Cristo. Também Nosso Senhor Jesus Cristo é, como homem, *o primogênito de toda criatura*[499], sua predestinação, sendo a primeira e motivando toda outra predestinação[500]. Sempre o olhar divino se repousa sobre Nosso Senhor Jesus Cristo como sobre seu trono de predileção.

Nosso Senhor Jesus Cristo *é a cabeça do corpo da Igreja*[501]; o amor divino se difunde sobre a Igreja atraído por Cristo. *Agradou ao Pai que toda a plenitude habitasse em Cristo*[502], de maneira que todos os bens, todas as excelências, todas as glórias não viessem ao universo, ao Céu Empíreo, aos eleitos, senão como uma irradiação de Nosso Senhor Jesus Cristo e *como uma participação nas suas riquezas incompreensíveis*[503].

Então os habitantes celestes, quando se voltam para Deus, eles veem o Ser Soberano reinar sobre Cristo e, por Cristo, sobre todos os outros seres. Nosso Senhor Jesus Cristo, com sua esfera imensa e plena de influências beatíficas, envolvendo todo o Céu Empíreo com uma atmosfera deliciosa, poderia ser o trono imediato da divindade, cuja imensidão parece repousar sobre a esfera de Cristo.

---

[496] Is 66:1. Qui jurat in caelo, jurat in throno Dei, et in eo qui sedet super eum. Mt 23,22.
[497] Coment. Ad Hebr. 1,8.
[498] Mat. 12,18.
[499] Colos., 1, 15.

[500] Dissemos acima (nº 205), que Maria é *a primogênita das criaturas*. Tal é a linguagem dos santos e da Igreja, que dizem de Maria, secundariamente, o que dizem principalmente de Jesus Cristo. Observemos a este propósito que Jesus Cristo e Maria Santíssima figuram no mesmo decreto de predestinação - *codem decreto* – como diz São Pio X na Bula *Ineffabilis Deus*. Ademais, Maria é absolutamente a primogênita das meras criaturas.

[501] Ibid. 18.
[502] Ibid. 19.
[503] Ef., 3,8.

242. – Depois da humanidade santa de Jesus Cristo e seu resplendor teântrico, nada no Céu é tão nobre, tão belo, tão perfeito, tão grande, como Maria Santíssima e seu esplendor de mãe de Deus e das criaturas racionais. Também os santos e os doutores A designam frequentemente de Trono de Deus. Ou ela forma, por si mesma e por suas influências visíveis, o mais alto degrau do Trono divino, após aquele formado por Cristo enquanto Homem. Ou melhor, Ela compõe, com seu Filho, o mais elevado degrau deste Trono, como vimos (nn. 42-44; 193), sentimento que nos parece o mais conforme o ensinamento católico.

243. – A divina Virgem é, segundo São Metódio, *o trono inteligente, glorioso e digno de Deus*[504]..., *o trono virginal sobre o qual o Senhor, revestido da carne, se mostra publicamente*[505]. Vê-se por aí que o papel desenvolvido por Maria Santíssima sobre a terra, de uma maneira proporcionada a um lugar de prova, é desempenhado por Ela, de maneira mais perfeita, na morada da Glória.

Segundo São Gregório taumaturgo, *Maria Santíssima é um Trono Querúbico, irradiante de esplendor luminoso nos céus espirituais mais elevados*[506]. *Ela é o trono da divindade* (Santo Epifânio)[507]; *um trono mais glorioso de nosso criador* (Santo Efrem)[508]; *o Trono de Deus, mais sublime que os céus e que toda criatura* (Santo André de Creta)[509]; *o Trono querúbico, o mais vasto, ígneo, sublime, que leva em seu seio Cristo Rei* (São Germano de Constantinopla)[510]; *o trono que eleva ao alto de seu cume*, *o trono vivo de Deus na glória*..., *oferecendo-Se a Deus como seu principal local de repouso* (São João Damasceno)[511]; *o trono do Senhor ultrapassando os Querubins e os Tronos, e colocado na mais alta residência de Deus* (São José, o Hinógrafo)[512]. *O trono mais precioso e o mais sublime de Deus Altíssimo*[513]. *O trono do Espírito Santo* (Dionísio o Cartuxo)[514]. *O trono de toda a Trindade* (Santo Alberto Magno)[515].

---

[504] Homil. *In festo Purific. B. M. V.*

[505] Ibid.

[506] Thronus cherubicus in summis spiritualibus regnis lucis splendore coruscans. Prat. 2, *in Annuntiatione B. M. V.*

[507] Serm. *De laud.* B. M. V.

[508] *Sermo De laud. B. M. V.*

[509] Can. 7. *In partum* B. M. V.

[510] Sermo in Nativ. B. M. V.

[511] Thronus alte fastigium tollens. In gloria animata sedes Die… et portionem Deo requiem praestans. In Orat. 4; de *Nativitate* B. M. V.

[512] Himn. *In Mariali.*

[513] Ibid.

[514] Liv. IV, *de laud*. S. V., art. 9

[515] *In Biblia Mariae*, super lib. III Regum.

244. – Maria Santíssima *é um trono* divino *que tem as propriedades*, sem dúvidas superando-as, *dos anjos que se chamam Tronos*. *Quer dizer, daqueles que ocupam a altura a mais sublime, que estão ao redor do Rei*, não certamente de uma maneira absoluta, mas relativamente aos habitantes do Céu Empíreo, *que é estável e que está num lugar determinado, que recebem do Rei, de algum modo, que é escolhido pelo Rei* para seu trono*, e que está à disposição do Rei*[516]. Maria Santíssima *é este trono de Deus,* com Jesus Cristo seu Filho, do qual São Paulo diz (Hebr., 4, 16): *Aproximemos, pois, com confiança do trono da graça, a fim de obter misericórdia e de encontrar graça para sermos socorridos em tempo oportuno*[517].

Ora, parece-nos evidente, que o Céu Empíreo, sendo o lugar da suprema perfeição de todas as coisas, Maria Santíssima nele desempenhe, com relação à glória, de maneira incomparavelmente mais excelente, o mesmo papel que Ela desempenha na terra em relação a Encarnação e à distribuição de graças. Assim como o Verbo Divino não quis reinar sobre os homens e se mostrar a eles, sem se servir de Maria Santíssima como de um trono vivo, e sem fazê-la participar com Ele em todas as operações da graça nas almas, assim é fácil ver que o mesmo plano se realiza no Céu relativamente à glória.

Maria Santíssima é, pois, com seu Filho, na glória, o caminho mais elevado do Trono divino. Ou melhor, a parte mais nobre, depois do seu Filho, deste trono imenso. Maria Santíssima é, ao mesmo tempo, com Jesus Cristo, um foco universal de luz, de glória, de felicidade, para todos os habitantes do Céu Empíreo que lhe são inferiores em perfeição.

245. – *Os espíritos angélicos mais elevados são também tronos divinos*, mas parciais e secundários. Maria Santíssima ultrapassa a todos *por uma familiaridade incomparável com Deus*. Pois, Jesus Cristo, como Deus, *é consubstancial ao Pai*. Ele, enquanto Homem, *é consubstancial à Maria*. E se Nosso Senhor Jesus Cristo é, enquanto Homem, o Trono de Deus por excelência, ao mesmo tempo que é o Rei do universo, Maria Santíssima participa de todas as perfeições e de todas as prerrogativas da Humanidade gloriosa de seu Filho. E porque Ela é também *o Trono de Deus... onde Cristo exerce uma jurisdição pacífica*. *Pois o Filho, pela presença, pelas orações, pelos méritos de sua Mãe, concede, aos cativos, libertação; aos cegos, a visão...;*

[516] Maurit. De Villa Probata, Serm. 14 Coronae novae B. M. V.
[517] Ibid. Serm. 54.

aos viandantes, a graça; e aos triunfadores a glória e a coroa[518] (nn. 236, 237).

Deus *repôs*, então, sobre a Humanidade santa de Jesus Cristo e sobre Maria Santíssima o cuidado de tornar os eleitos capazes da luz da glória (nn. 196-198, 204), e de produzir todas as influências necessárias à felicidade acidental dos habitantes celestes. Eles são assim, não somente templo secundário do Céu Empíreo (nn. 217 e seguintes; 232 e seguintes), mas ainda o cume do Trono divino: trono com relação à Deus, fonte universal que influências beatíficas com respeito aos outros bem-aventurados, pois Maria Santíssima é, com Jesus Cristo, *o cume dos cumes*[519], *o cume que compreende todos os degraus da glória*[520], *o astro mais resplandescente que brilha no Céu Empíreo*[521] (n. 42).

246. – Os anjos, todos os Apóstolos, todos os Eleitos, o Céu Empíreo, os Céus inferiores são também Tronos de Deus. Ou melhor, partes mais ou menos preciosas e nobres do Trono único de Deus Todo-Poderoso. O trono ou os tronos de Deus correspondem ao reino devino considerado como único ou como múltiplo (nn. 37, 43, 44).

A Igreja, as almas justas, o Paraíso, são tronos de Deus porque Deus neles reina, ou neles se assenta, por assim dizer, para reinar, e reina sobre cada categoria de coisas de uma maneira proporcionada à capacidade, aos fins, às qualidades dos seres diferentes.

Mas as criaturas reinam também, abaixo de Deus, sobre seres inferiores a elas. Nosso Senhor Jesus Cristo, enquanto homem, e Maria Santíssima, reinam sobre todo universo. Os outros eleitos e os outros seres reinam, conforme seu grau de perfeição, sobre o que lhes é inferior. Assim o trono divino vem a ser, parcialmente, o trono dos Eleitos: *Aquele que vencer, eu o farei sentar comigo sobre meu trono, assim como eu mesmo venci, e me sentei com meu Pai no seu trono*[522].

247. – Como Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, tem o mesmo trono que seu Pai, quer dizer, sua santa Humanidade e todo o universo; e, enquanto Homem, tem por trono a criação inteira, sobre a qual reina sua Humanidade. É deste reino sobre as criaturas que participa-

---

[518] Pierre de Blois, Serm. 33.

[519] S. Germain de Constant. Orat. 2 In Praesent.B. M. V.

[520] Caput capiens (...) omnes gradua gloriae. Santo Antonino de Florença, Summ. P. 4, Tit. 15, c. 23.

[521] Santo Alberto Magno, Serm. 3. *in Annunt. B.M.V*. Compreende-se assim como Maria *abarca* a Deus até mesmo no Empíreo; sua esfera luminosa está, por assim dizer, entre Deus e os bem-aventurados; Ela abarca a todos eles, que só vão a Deus por Maria e a Santíssima Virgem pode dizer, com seu Filho: *Nemo venit ad Patrem nisi per me* (Jo 14:6).

[522] Apoc. 3,21.

rão os Eleitos, cada um segundo seu grau de glória essencial: *Na mansão do meu pai*, disse o Salvador, *há um grande número de moradas*[523]; *em verdade Eu vos digo que vós, que me haveis seguido, logo que,* após a ressurreição*, o Filho do Homem se sentar na sua glória, vós também, Apóstolos, todos que tereis imitado os Apóstolos e os outros Santos, sereis sentados cada um sobre um trono particular, julgando todo o que depende de vós*[524], *e se alegrando no reino preparado para vós desde a criação do mundo*[525]. Ó, bondade divina! Ó preciosa revelação do segredo divino! Ó amor infinito, como tudo se explica por vós!

248. – Qual era a ideia orientadora do Criador quando do nada Ele fez jorrar o universo e o dispôs como nos ensinam a razão e a fé? Era a de formar tronos e reinos para fazer-nos felizes. Não podendo se desinteressar de Sua glória, sem a qual nada pode ser feliz, Deus fez, no início, um trono para Ele próprio, de tudo o que é criado, a fim de fazer tudo encaminhar ao Bem infinito. O que é uma disposição perfeitamente digna da própria Justiça e do amor essencial. Mas, como as criaturas são muito diferentes em perfeição e em qualidade, elas não podem, todas, atingir no mesmo grau o Bem infinito. Então é necessário que este seja proporcionado a cada uma delas.

Como atingir a esse fim?

249. – As criaturas racionais, no estado de prova, têm os recursos, mais ou menos abundantes, da razão e do sobrenatural para se aproximarem de Deus. Já os Eleitos têm uma luz de glória proporcionada a cada um deles, que lhes faz possuir Deus diretamente, de uma maneira inefável, segundo sua capacidade. Mas, como Deus não é visível senão pelas inteligências, o que todavia é o bem de todos os seres finitos, Ele utiliza dos meios de se comunicar com todas as coisas, sobretudo no lugar de felicidade, pois as faculdades secundárias do homem, como a memória, a imaginação, os seus corpos, também demandam sua parte no bem infinito. O mesmo acontece com as criaturas mais imperfeitas, que serão renovadas e glorificadas.

É porque, *logo que tudo estiver submetido ao Pai* e formar um trono digno, *então o próprio Filho*, enquanto homem trono de Deus por excelência, *será submetido Àquele que submeteu todas as coisas, a fim de que Deus seja tudo em todos em tudo*[526]. *O Filho do Homem*,

---

[523] Jo., 14, 2.
[524] Mat., 19, 28.
[525] Id. 25, 34.
[526] 1ª. Cor. 15, 28.

sentado sobre o trono inteiramente visível e inteiramente sensível *na sua glória*, comunicará as influências do Bem infinito em tudo o que é submisso à sua Humanidade, porém de uma maneira que convém a cada ser e a cada faculdade. A imaginação, os próprios sentidos corporais, perceberão o Bem supremo posto no seu lugar pelo Homem-Deus e por Maria Santíssima, que é inseparável de seu Filho.

Os anjos, os Apóstolos e os maiores príncipes da corte celeste ocuparão um trono análogo no que diz respeito ao que constitui seu trono para cada um, para que Deus sempre *esteja todo em todos*; e assim, de trono em trono, até aos simples corpos celestes glorificados, é o Bem infinito que se comunica, às diversas criaturas, por ministros fiéis, verdadeiras imagens de Deus, que Ele criou para serem felizes.

250. – Eis o ideal que presidiu a criação. Deus *preparou um reino para cada um de nós, desde a criação do mundo*! E que reino! O Universo inteiro não tem senão este fim!

E que "mundos" incomuns ainda somos nós!

Mas todos estes mundos, com exceção dos Limbos e do inferno, serão glorificados para as criaturas racionais! Ó Deus, infinitamente bom, porque todos os homens não vivem senão num perpétuo êxtase de amor por Vós?

Porque, homens de pouca fé, aqui na terra achamos tão difícil a prova e o cumprimento da Lei divina, *de vez que as tribulações da vida presente, tão curtas e tão rápidas, produzem em nós a perda eterna de uma sublime e incompreensível glória*? Ó! que dano há para nós deixarmos *ensurdecer pelas ninharias* do século, *que obscurecem os verdadeiros bens*, e deixamos *transtornar o espírito pelas inconstantes paixões da concupiscência*[527]! Sejamos razoáveis e católicos. Não consideremos apenas as coisas que se veem, mas aquelas que não se veem, pois as coisas que se veem são passageiras, mas aquelas que não se veem são eternas[528].

Segundo Ponto: O trono dos Apóstolos, segundo o texto deste Capítulo

251. – São João pode ver um trono divino *rodeado de quatro animais*, vinte e quatro anciãos e uma multidão enumerável de anjos, como seria um trono terrestre de cortesãos e de militares. Esta noção do trono divino, considerada como uma eminência circunscrita e central, é mais popular que aquela que nós expusemos. E, ademais, a fina-

[527] Sab., 4, 12.
[528] 2ª Cor. 4, 17-18.

lidade principal da visão parece ter sido nos apresentar Deus e o Cordeiro na atitude de juízes, armados de relâmpagos, contra os inimigos da Igreja e contra todos os maus. É porque Deus, querendo nos instruir sobretudo sobre o rigor do julgamento e sobre a sorte futura da Igreja mais do que a disposição definitiva da Corte celeste, fez o discípulo bem-amado revelar atendendo especialmente a estes fins. Entretanto, parece-nos que o Apóstolo exprime de maneira a não excluir nossa concepção do trono divino e, mesmo, se prestarmos bem atenção, a confirmá-la poderosamente. Esta interpretação tem, além disso, a vantagem de conciliar facilmente os textos que nós temos citados (nn. 240, 246, 247, 249) com as descrições que nos faz São João, no Apocalipse[529].

252. – Com efeito, a não considerar inicialmente que o texto posto como epígrafe neste Capítulo, nós vemos que o trono divino é único em relação a Deus, se bem que Deus nele se assenta de modos diferentes segundo a diversidade das perfeições criadas, mas que este trono é múltiplo em relação aos seres finitos.

Eu vi e entendi, em torno do trono, animais e anciãos, a voz de muitos anjos, e seu número era de milhares de milhares. Segundo o grego, de *miríades de miríades*[530]. Esse trono é, sem dúvida, o trono de Deus, porque toda criatura é seu trono, mas *nem tudo* é trono de Deus e de Cristo, porque os anjos não podem *circundar tudo inteiramente*.

Nosso Senhor Jesus Cristo está *acima de todos os céus*. Deus tem por trono todo o Céu, inclusive os anjos (n. 240). Também os anjos não são senão uma parte do trono de Cristo, que os envolve no seu reino, à maneira de um templo (nn. 221-227).

Acima dos anjos se encontra o esplendor da Humanidade de Jesus Cristo, como que misturado ao esplendor de Maria Santíssima. E deste esplendor os anjos *podem apenas ser revestidos*. Eles estão, portanto, *ao redor do trono* inferior de Deus, *ao redor dos animais e dos anciãos*, e de todos as outras criaturas de menor perfeição, que compõem os tronos dos Anjos.

---

[529] Em outras palavras, não devemos perder de vista a noção do Empíreo que amplamente expusemos anteriormente (nn. 20-23). Uma boa interpretação dos Livros Santos tem em conta, sem cessar, todas as partes do ensinamento cristão. Lembremo-nos também que os textos dos Livros Santos podem ter, além do significado literal, muitos outros significados mais elevados. Ver os números 69-71.

[530] Os anjos são mais numerosos que todos os átomos do ar e que todos os grãos de área no mar. Segueri, Manna dell'anima, 31 juillet, 3º ponto.

253. – Os anjos dizem *com uma voz forte*: *Ele é digno, o cordeiro que foi imolado, de receber a virtude, a divindade, a sabedoria, a força, a honra e a bendição*. Eles reconhecem a superioridade absoluta do Cordeiro que pairava, entronizado sobre eles, seja tanto como Deus, seja tanto como Homem morto para a salvação do mundo. Eles proclamam que o Cordeiro é *digno de receber a virtude e a divindade*, ou, segundo o grego, *a riqueza.* Quer dizer, receber as homenagens devidas Àquele a que todo poder foi dado no céu e na terra[531], e que, estando na forma, ou seja, na natureza de Deus, *não é de se crer que isso seja uma usurpação de se fazer igual* a Deus[532], e Rei de toda a criação. *É digno, o Cordeiro, de receber a sua sabedoria e a força*, quer dizer que sua humanidade é assaz esclarecida por conhecer perfeitamente todo o finito, e poderosa para o sustentar e para o governar. É o porquê Ele deve ser *honrado, glorificado e bendito* por todos os anjos, por todos os homens e por todas as outras criaturas. Isso não é reconhecer que tudo está compreendido em Cristo, que tudo está posto sob seus pés, que toda criação Lhe serve de trono[533]?

254. – Mas os anjos *cercam a parte inferior do torno de Cristo* e de Deus. Também sua *voz forte* se faz ouvir por *todas as criaturas que estão* ***no céu***, abaixo deles, e *sobre a terra, e sob a terra, e no mar*. Todos estes seres unem sua voz à poderosa voz dos anjos para fazerem um único concerto com eles. Eles dizem: *Àquele que está sentado sobre o trono e ao Cordeiro: Benção e honra e glória e poder pelos séculos dos séculos. Os quatro animais dizem: Amém. Amém! E os 24 anciãos abaixam suas faces e adoram aquele que vive pelos séculos dos séculos*.

255. – Veja como o Céu Empíreo é demasiadamente grande, para que os Eleitos tenham relacionamentos próximos com todos os seres e

---

[531] Mat., 25, 18.

[532] Filip., 2, 6.

[533] *Pater diligit Filium: et omnia dedit in manu ejus* (Jo 3:35). O Filho tem todas as coisas *na sua mão*! Como seu reino é absoluto! Como Ele é maior do que aquilo que Ele governa! Como está tudo *nEle*! Pode-se dizer que, com relação a Deus e a Cristo, as palavras *trono* e *império* são sinônimas, de maneira que tudo está sob os pés de Cristo como tudo está *em sua mão*. O trono de Cristo não simboliza então seu império. Mas é o seu próprio império. Ele não sustém Nosso Senhor Jesus Cristo, mas é por sustentado por Nosso Senhor Jesus Cristo; ele não o envolve, mas é revestido por Ele e Cristo reina sobre ele. Que trono! E que Rei! Os outros tronos e os outros reis não são senão pálidas imitações. E é também como homem que o *Filho* tem tudo*, pois tudo lhe foi dado com sua humanidade.*

sobretudo com Nosso Senhor Jesus Cristo e com Maria Santíssima! Aqui o universo nos é apresentado no seu estado atual, com toda a sua grandeza e toda multiplicidade de suas partes. Nos "lugares altos" se encontram o Céu Empíreo coroado por Jesus Cristo, continuado mais abaixo pelos anjos, depois pelos *quatro animais*, depois *pelos anciãos*, depois pelos outros eleitos.

Nos lugares inferiores se encontram as criaturas pertencentes aos céus móveis, entre os quais são mencionados nossa terra com tudo o que ela comporta, e o mar com seus habitantes.

As partes mais centrais do universo estão indicados também por estas palavras e *sobre e sob a terra*. Estes são os Limbos, o Purgatório e o Inferno (nn. 25-29). O conjunto dos seres criados foram tão ligados e dispostos pela Sabedoria infinita quanto um homem, sobrenaturalmente preparado pela graça, pode entender tudo o que se diz: *Omnes audivi dicentes: sedenti,* etc.

Os anjos, cujo número é inimaginável (n. 167, nota), e que formam *miríades de miríades*, rodeiam o universo que eles sustentam e governam como fieis ministros de Deus (nn. 109-110). Eles o convidam, com uma *voz forte*, a louvar Deus e o Cordeiro, e não há nada na criação que não responda expressamente a seu apelo e que não se associe a seu concerto. O próprio inferno, *o poço do abismo*[534], ruge de maneira a honrar Deus e o Cordeiro, pois nada pode existir senão para glória de Deus. É necessário que *ao nome de Jesus todo joelho se dobre* mesmo *nos infernos*[535]. Por que? Porque tudo é trono divino, mesmo Cristo, enquanto Homem, e Maria Santíssima, porque tudo é trono de Cristo e de Maria Santíssima, inclusive os anjos. E porque tudo em seguida, de maneira descendente, é trono dos anjos e dos eleitos. E o último dos Santos, aquele que ocupa o último lugar na Igreja Triunfante julgará os anjos rebeldes[536], e pisará o Inferno.

Terceiro Ponto: Considerações mais particulares sobre o trono de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima.

256. – Se consultarmos outras passagens do Apocalipse, elas confirmam e completam ainda melhor o que acabamos de dizer.

E logo eu fui arrebatado em espírito, diz ainda São João[537]; *e vi um trono colocado no céu, e alguém assentado sobre no trono*. A vi-

[534] Apoc. 9, 1,2.
[535] Filip. 2, 10.
[536] 1ª Cor. 6, 3-4
[537] Apoc. 4.

são, para se adaptar às ideias comuns dos mortais (n. 253), não mostra ao Apóstolo senão uma parte do grande trono de Deus. Também não é *o trono* de Deus simplesmente, mas *um trono*, razão pela qual ele colocado *no céu*, num lugar englobando todos os céus e todas as criaturas. É, por assim dizer, o trono transitório do Juízo, porque é uma espécie de *luzes, vozes e trombetas*, antes que o trono divino considerado na sua totalidade.

A justiça e o juízo simplesmente preparam o trono divino, em definitivo[538], ao colocar em seu lugar cada parte do grande trono do Todo-Poderoso, do trono do qual está dito: Vosso trono, ó Deus, será eterno[539], depois do juízo. Mas, como temos dito, o sentido específico não exclui o mais completo.

257. – *Aquele que está sentado sobre o trono parecia semelhante a uma pedra de Jaspe e de sardônica*, símbolos, pelas cores avermelhadas e alaranjadas, da justiça de Deus, segundo os intérpretes, e, podendo ser também, da Encarnação do Verbo. *E ao redor do trono estava um arco-íris que parecia uma esmeralda*. "No íris e na cor verde da esmeralda, os intérpretes pensam, com razão, que esteja representada a misericórdia divina"[540].

258. – *O arco-íris* onde predominam as cores da esmeralda está ao redor do trono de Deus. Ela faz parte da atmosfera que envolve o Empíreo e que permite os habitantes do Céu viverem. Cada um dirá:

> *Eu vos dou graças, Senhor, meu Deus,*
> *Com todo meu coração, e glorificarei vosso nome eternamente,*
> *porque vossa misericórdia para comigo é sem limites,*
> *E porque resgatastes minha alma do mais profundo dos infernos*[541].
> *Regozijar-me-ei, alegrar-me-ei na vossa misericórdia,*
> *porque olhastes para minha humilhação,*
> *e socorrestes minha alma em suas necessidades urgentes.*
> *E, em vez de me entregar nas mãos do inimigo,*
> *Antes colocastes meus pés num ligar espaçoso*[542].

---

[538] Sal. 88, 15.

[539] Sal. 44, 7. Quanquam Pater in Filio, et Filius in Patre, et alterutrum sibi et habitator et thronus sit, tamen in hoc loco ad regem, qui Deus est, sermo dirigitur. São Jerônimo, Epist. 65. Este trono é formalmente divino.

[540] L'Abbé Drach, La sainte Bible, Apoc. 4, 3.

[541] Sal. 85, w. 12, 13.

[542] Sal. 30, w. 8 e 9.

A terra, sobretudo a terra dos vivos, *está cheia da misericórdia do Senhor*[543], como também da divina justiça, em recompensa de gloriosos méritos. É, contudo, a misericórdia que proporcionou esses méritos e que os recompensa além de suas exigências.

É o Senhor que salva da morte vossa vida,
Que vos coroa de bondade e de misericórdia,
E que sacia de bens vossos desejos[544].

259. – Mas a misericórdia de Deus, por causa de sua intensidade e de sua imensidade, não quis permanecer, por assim dizer, abstrata. Se se pode suprimir assim, ela é duplamente encarnada em Jesus Cristo e em Maria Santíssima.

A misericórdia consiste em sentir, no nosso coração, a miséria alheia como se ela fosse a nossa[545], e a suprir, tanto quanto possível, aquilo que falta ao próximo[546]. Ora, Jesus Cristo, o Rei dos Mártires, concedeu toda misericórdia a nós querendo experimentar nele próprio todas nossas penas, despojando-se de tudo, sacrificando-se inteiramente para curar todos nossos males e nos enriquecer sob todos os aspectos.

E Maria Santíssima, Rainha dos Mártires, enquanto Mãe de Deus, ao pé da cruz no Calvário, deu à luz, na dor, a todos os eleitos e mereceu por isto ser a Corredentora do gênero humano e a dispensadora de todas as graças.

E, assim, a misericórdia divina, que tem sua fonte na infinita bondade, se distribui nos universos sob a forma de dois rios imensos. O primeiro alimenta o segundo. E, pelo segundo, esparge a todos, vida, alegria, prosperidade e felicidade. E *quando estiverdes irado*, ó Deus soberano, contra os desregramentos sem número dos mortais, *lembrai-vos de Vossa misericórdia*[547], e olheis nosso escudo, que é *a Face de Vosso Cristo e a de sua Mãe*[548].

260. – Se assim é, a misericórdia que cura e que salva, não será também, com mais forte razão, a misericórdia que coroa?

Toda a conduta do Senhor são misericórdia e verdade,

---

[543] Sal. 32, 5.
[544] Sal. 102, 4, 5.
[545] Santo Tomás, Suma Teológica, p. 1, q. 22, a. 3
[546] Ibid. 2ª, 2ae, q. 30, a. 4.
[547] Habacuc, 3, 2.
[548] Sal. 83, 10.

Para aqueles que guardam sua aliança e seus preceitos[549].

O Paraíso é o pleno desenvolvimento da misericórdia de Deus, misericórdia que fixa a criatura racional na posse do soberano bem; misericórdia que torna esta criatura capaz da possessão do Infinito; misericórdia que recompensa além dos méritos.

É verdade que essa misericórdia se exerce, por assim dizer, na entrada do Paraíso. Mas seus efeitos são todo o Paraíso, com todos os seus bens. Nele a justiça ocupa um segundo lugar: *A obra da justiça divina pressupõe sempre a obra da misericórdia e está fundada nela... Em toda obra de Deus a misericórdia aparece como a raiz desta obra*[550]3.

A terceira obra prima divina, que é a felicidade eterna (n. 31), nasce, portanto, da misericórdia. E, se isto é assim, ela navega no "oceano" das influências de Jesus e de Maria. É por isso *que ao redor do trono há um arco-íris que parece uma esmeralda*.

261. – Ó Maria, sois Vós que formais este arco-íris do céu juntamente com a Humanidade santa de Vosso divino Filho. Vossos esplendores são variadíssimos para iluminar, conforme os diversos graus, todos os Eleitos e todos os seres do Empíreo. E tão grandes para abarcar todos os reinos dos céus, todos os mundos, de que Vós sois a soberana. O que direi? O reino universal da misericórdia vos pertence, de alguma maneira, melhor do que a Vosso Filho. Ao mesmo tempo como Redentor e Salvador, Ele é juiz dos vivos e dos mortos e os impenitentes dirão um dia às montanhas...: *Escondemos... Da Cólera do cordeiro*[551]. Entretanto, Vosso reino é todo maternal. *Desde o momento que Vós concebestes em Vosso seio o Filho de Deus e que em seguida Lhe destes à luz, Vós obtivestes a metade do Reino de Deus, de maneira que vós tornastes a Rainha de Misericórdia, ao passo que Vosso Filho é o rei de Justiça.*[552] *Ó Jesus! Vós mesmo guardais, sem dúvida, a primogenitura em todas as coisas*[553], mas vossa misericórdia quer reinar por Maria Santíssima. *Vossa misericórdia se eleva acima dos céus*[554], mas Vossa digna Mãe recebeu de Vós o governo e a administração.

O senhor é bom para todos,

---

[549] Sal. 24, 10.
[550] P. 1, q. 21, a. 4.
[551] Apoc. 6, 16.
[552] Santo Tomás, Prefácio às Epístolas canônicas.
[553] Colos. 1, 18.
[554] Sal. 107, 5.

E a misericórdia se estende sobre todas as suas obras[555]*,* mas por Maria Santíssima.

262. – Assim, a Virgem santa preside, de certa forma, o imenso desdobramento das bondades divinas na imensidade do Céu Empíreo. Ela é o arco-íris do céu que circunda o trono divino. *Há tantas criaturas que servem à gloriosa Virgem quanto as que servem a Trindade; ou seja, todas as criaturas, como anjos, como homens e tudo o que está no Céu e sobre a terra, pois todas as coisas que fazem parte do domínio de Deus, estão submissas a gloriosa virgem*[556]. Nada há, por conseguinte, que não recebe as suas benéficas influências. Ela encobre todo o Céu Empíreo com o manto de suas inefáveis bondades e de suas arrebatadoras belezas.

Maria Santíssima é o *arco-íris que se estende ao redor do trono de Deus e que é parecida a uma esmeralda*, diz Ernesto de Praga; *pois o esplendor da gloriosa Virgem na eterna Pátria é tão grande e seu aspecto é tão gracioso que os anjos e os santos desejam contemplá-la. E, porque a admiram, não cessam de olhá-la, longamente,* acima de si*; eles se alegram com esta visão sem jamais perder sua afeição.* Ao contrário*, experimentam um desejo sempre vivo de fruir de seu aspecto.*[557]

Concluamos, de novo, que, como Jesus Cristo e Maria Santíssima constituem o trono imediato de Deus e são o Céu Empíreo por excelência, tudo o que é inferior a Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima forma-Lhes o trono e o império particular, bem como a esfera de suas beatíficas influências.

Quarto Ponto: Independentemente de seus fins e de aplicações particulares, as revelações de São João têm um caráter geral com visões preciosas sobre os tronos celestes.

263. – Por diversas vezes fizemos observar (nn. 69-71; 113-116; 251; 256), como nada é mais rico do que a linguagem divina. A respeito da menor coisa e daquilo que se passa, ela nos ensina também o maior e o que deve perdurar para sempre. Tudo que Deus fez "ad extra" (para fora), tudo que Ele diz no tempo tem um fim último que é a Jerusalém Celeste e nos faz entrever de alguma maneira o fim dos fins. Assim o Apocalipse, considerado objetivamente, é um jorro de luz divina sobre os combates sucessivos da Igreja, sobre os diversos

---

[555] Sal. 144, 9.

[556] São Bernardino de Sena, *Pro Fest. V. M. Serm.* 5, c. 6.

[557] Em Mariali, ch. 14.

atores que tomam parte neste combate e sobre o triunfo final e glorioso do exército do bem. Mas, como todos os elementos do Céu, da Terra e do inferno desempenham apenas um papel nesta luta formidável, abrem eles a nossos olhos vislumbres dos tronos celestes e dos príncipes gloriosos que reinam com Nosso Senhor Jesus Cristo.

264. – *Uma porta está aberta no céu* a fim de que vejamos um pouco do que nele se passa e do que deve acontecer futuramente[558]. *Aquele que venceu, eu O farei assentar comigo no meu trono*[559]. Ele terá uma parte de meu trono, composto de todas as criaturas. Uma parte somente, como está dito em outro lugar: *Vós assentareis sobre tronos*[560]. Quanto a mim, como Deus, tenho o mesmo trono de meu Pai. *Um rio vivo brota do trono de Deus e do Cordeiro*[561], quer dizer, da virtude radiosa da Humanidade de Cristo e da celeste virtude de Maria Santíssima. Mas, enquanto Homem, *tendo vencido* o mundo nesta qualidade, *Eu assento com meu Pai no seu trono* [562], quer dizer, sobre todas as criaturas regidas e governadas por minha Humanidade. Como Homem, não tenho senão parcialmente o trono de meu Pai: *O próprio Filho será submisso*, enquanto homem, *Àquele que Lhe submeteu todas as coisas*[563], e o esplendor incomensuráveis de sua Humanidade será ela mesmo a parte mais alta, mais vasta e mais nobre do trono do Pai.

265. – O cordeiro nos é representado como estando *no meio do trono e dos quatro animais, e no meio dos anciãos, tendo sete chifres e sete olhos que são os sete espíritos de Deus enviados por toda a terra*[564]. O Cordeiro está *no meio do* trono inferior de Deus, porque Ele abarca e coroa, por sua dominação, todos os tronos parciais. É como se os tronos dos animais e dos anciãos se reunissem como colinas para formar uma montanha a fim de compor o trono do Cordeiro. Inclusive os principais anjos são apenas ministros da irradiação de Cristo sobre todo o Empíreo, sobre os céus inferiores e sobre *toda a terra*.

O Cordeiro recebe um livro d'Aquele que está sentado à direita do trono[565], trata-se aqui do trono superior de Deus e dAquele a quem o *próprio Filho é submisso*. São João nos mostra como Nosso Senhor Jesus Cristo torna a sua Igreja vitória sobre todos os inimigos: reinan-

---

[558] Apoc. 4, 1.
[559] Ibid. 3, 21.
[560] Luc., 22, 30.
[561] Apoc. 22, 1.
[562] Apoc. 3, 21.
[563] 1ª Cor. 15, 28.
[564] Apoc. 5, 6.
[565] Apoc. 5,7.

do no mais alto do Céu, provendo tudo por sua sabedoria, governando todas as coisas por seu poder, regulando todos os acontecimentos, em vista da última e completa formação da Igreja Triunfante.

266. – *Assim que o Cordeiro abriu o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um cítaras e taças de ouro cheias de perfumes, que são as preces dos Santos. E cantavam um canto novo, dizendo: Vós sois digno, Senhor, de tomar o livro e de desatar os seus selos, por que Vós fostes imolado e Vós nos haveis resgatados para Deus, com Vosso sangue, de toda tribo, e toda língua, de todo povo e de toda nação. E fizestes de nós um reino e sacerdotes para nosso Deus; e nós reinaremos sobre a terra*[566].

O fato de o Cordeiro tomar o livro e abrir os selos, pode-se entender sua perfeita ciência de todas as ações das criaturas livres. E isto para julgá-las e retribuí-las conforme seu valor. É claro que, tendo o poder de julgar, recompensar e punir no fim da prova as criaturas livres, o Cordeiro conserva esse poder para reinar depois, pacificamente e para sempre. Assim, os animais e os vinte e quatro anciãos, como também tudo o que está sob sua dependência, fazem parte do Céu Empíreo ou do Trono do Cordeiro.

267. – Os animais e os anciãos adoram o Cordeiro, oferecem-Lhe as homenagens dos Santos e cantam Seus louvores por sua conta e também daqueles que representam. Eles próprios são *reino* de Deus. Eles próprios constituem tronos para Nosso Senhor Jesus Cristo e para Deus. Mas eles também reinam: São *padres para Deus e reinam sobre a terra*. Como padres, têm por império e por trono todos aqueles que presidem. Reinam, com mais ou menos dificuldade, sobre a terra ainda sujeita à prova. Mas, *reinarão* plenamente, e de mais fácil maneira, *sobre a terra dos vivos*.

Os tronos dos animais nos são apresentados como mais elevados, mais nobres e maiores que os tronos dos anciãos. Eles compreendem estes últimos e vão além, como os municípios ultrapassam os bairros.

268. – *Eu vi e ouvi, ao redor do trono e dos animais e dos anciãos, a voz de muitos anjos, e seu número era de milhares de milhares*[567]. O Vidente não menciona aqui todos os anjos, mas somente um grande número deles. Esses anjos devem ser os mais elevados, como serafins, pois estão ao *redor dos animais e dos anciãos*. O que quer

[566] Ibid. 8-10.
[567] Apoc. 5, 11.

dizer, estão entre a área de Maria Santíssima e as zonas inferiores. Também *todas as criaturas que estão no céu, sobre a terra e debaixo da terra*..., *todas* atendem ao apelo destes anjos e se associam a seu canto de louvor[568] e às suas adorações.

Quanto a Maria Santíssima, Ela não está precisamente no Céu mas formando o mesmo coro com seu Filho (nn. 42, 43, 191,194, 195), está propriamente acima dos céus dos quais é a Soberana. Ela é, com o Cordeiro, o objeto do cântico dos serafins, dos querubins e de toda a corte celeste[569]. Nossa Senhora foi, como se lê no Ofício da Igreja, *quem entoou o cântico* em honra a Jesus Cristo. E *quem, com sua voz, alegra toda Cidade de Deus*. Os serafins, os outros Eleitos, todas as partes do universo, que glorificam Deus e *o Cordeiro* são apenas como ecos cada vez mais distantes, dos cânticos da Mãe de Deus.

A aristocracia angélica, se me permitem esta expressão, tem então tronos mais vastos e mais sublimes do que *os animais*[570] e do que os anciãos, mas fazendo parte do trono de Maria Santíssima e de Nosso Senhor Jesus Cristo.

269. – No Capítulo 7, 11-17, São João parece expor como tivesse em mente o lugar dos anjos, dos animais e dos anciãos. Mas, tudo considerado, esta exposição só confirma a primeira. De fato ele fala aqui de *todos os anjos*. E, em vez de começar pelos degraus mais sublimes do Trono de Deus, começa pelas partes inferiores[571]. A ordem da narração, sendo pois inversa, deixa claro que os anciãos devem figurar antes dos animais.

Todos os anjos estão, portanto, *ao redor do trono dos anciãos e dos animais*. Quer dizer, os anjos inferiores estão ao *redor do trono inferior*; anjos mais elevados, *ao redor dos tronos dos anciãos*; o anjo mais nobre, *ao redor dos tronos dos animais*. E assim todos esses espíritos sustentam o conjunto e as partes do trono divino sob a regência de Maria Santíssima. É, em suma, o papel indicado por São Gregório, Papa, Santo Agostinho e Santo Tomás (nn. 109-111, com as notas).

270. – Muitas outras passagens do Apocalipse podem ser interpretadas como acabamos de fazer no decurso desta meditação. Por

---

[568] Ibid. 12, 13.

[569] Santo Efrém chama Maria *Canticum Cherubim et Seraphim* (Serm. *De laud. B.M.V*); e São João Damasceno, *canticum angelorum* (Triod. Raccor).

[570] Também os animais, enquanto inferiores, dizem: AMÉM, ao cântico entoado pelos anjos mais nobres; e os anciãos adoram como que obedecendo a um convite do alto (Ap 5:14).

[571] É o que se vê neste contexto, pois ele faz questão de mencionar santos do Antigo e do Novo Testamentos e, não diretamente, personagens muito dignificados.

exemplo, a aurora que brilha na testa de um anjo, que vem ameaçar a terra[572], significa a misericórdia de Deus sempre prestes a receber os pecadores penitentes, o que se realiza por Maria Santíssima.

No Capítulo 19, 4, *os vintes e quatro anciãos* são nomeados antes dos *quatro animais,* porque o Profeta, falando no início *com a voz para as grandes multidões*, segue, na narração, a ordem ascendente, como dissemos no número precedente.

Uma voz saiu do Trono dizendo: *Louvai nosso Deus, vós todos que sois seus servidores, e vós que acreditais, pequenos e grandes*[573]. É Maria Santíssima que dá esta ordem. E sua ordem se repete de trono em trono, num instante, até os limites inferiores do Céu Empíreo. E toda a corte celeste diz: *Aleluia*, etc.

O Verbo, que se fez carne, está aqui representado tendo sobre a fronte um grande número de diademas[574], pois seu trono compreende todos os tronos inferiores ao seu, em sua qualidade de Rei dos reis e de Senhor dos senhores[575].

271. – Mas quem são os quatros animais com tronos tão grande no Céu Empíreo? Questão complicada! Designados algumas vezes de *animais,* no Apocalipse eles não têm outros nomes. E também nas visões de Ezequiel, onde essa designação parece muito significativa.

Isso seria muito coerente com o padrão geral que o universo nos apresenta, uma vez que aqui as coisas superiores são vistas normalmente como existindo em germe nas inferiores. E as inferiores existindo em maior estado de perfeição e com natureza mais perfeitas nas superiores.

272. – Mas a Tradição é muda quanto a esse ponto. Ou, antes, ela explica São João com base no Profeta Ezequiel que, formalmente, chama de querubins animais semelhantes[576]. São chamados de animais devido às aparências, algumas das quais se assemelham a um leão, a um boi, a um homem ou a uma águia em voo.

Por que os querubins assumem aparências aparentemente indignas deles? Este é um segredo do Deus revelador. Talvez o contexto de São João e o de Ezequiel sugiram implicitamente razões para tal. De fato, essas revelações se destinam a instruir homens e as formas mencionadas fossem mais significativas do que a palavra *animais*

---

[572] Apoc. 10, 1.
[573] Ibid. 19, 5,6.
[574] Ibid. v. 13.
[575] Ibid. v. 16.
[576] Ezeq. 10, 15, 20, 22.

(*animantia*). É isto que veremos claramente após expor em poucas palavras as funções desses seres misteriosos.

273. – *Eles estão no meio e ao redor do Trono de Deus* (Apoc. 4, 6). "*No meio*" parece indicar que eles compõem esse trono *nas mais altas regiões* secundárias. "*Ao redor*", porque abarcam, com suas influências, todas as partes inferiores ao trono divino. *A glória do Deus de Israel estava sobre eles* (Ezeq. 10, 19), porque servem parcialmente de trono para esta glória. Mas, o trono divino, nas suas alturas mais sublimes, os ultrapassa. *No firmamento que estava sobre a cabeça dos querubins apareceu... uma espécie de trono acima deles* (Ibid. 1), *como um trono semelhante à safira, e sobre esta forma de trono aparecia um homem sentado... Eu vi, como num fogo brilhante, tudo ao redor dele* (Ezeq. 1, 26, 27), *como o arco-iris que se eleva numa nuvem no dia de chuva*. *Tal era o aspecto da Luz que brilhava ao redor* (Ibid. 28).

É esta, primordialmente, a região dos Serafins: *um firmamento que estava acima da cabeça dos animais, ou querubins, e que era semelhante a um cristal admirável à visão* (Ibid. 22). Porém, mais alto, encontramos o *arco-iris* ou a irradiação de Maria Santíssima. Depois vemos, não um homem qualquer, mas *um homem assentado*, o Homem-Deus, tendo por trono todas as criaturas. Depois, *sob este firmamento, as asas dos querubins se alongavam uma contra a outra* (Ibid. 23), e *quando uma voz*, ou a dos querubins, ou a da Virgem Maria, ou a de Jesus, *se fez ouvir acima do firmamento*..., *eles pararam e abaixaram suas asas* (Ibid. 25) na atitude de obediência e de respeito. O conjunto desse espetáculo não é transitório e de ocasião, mas *uma visão da imagem da glória do Senhor*, no Céu (Ezeq. 2, 1).

274. – Tronos espirituais de Deus, os querubins têm também importantes funções a preencher a respeito dos seres que lhes são inferiores.

Os querubins têm *perto de si* (Ezequiel, 10,9), ou melhor, *abaixo de si* (v. 2), quatro rodas chamadas *rodantes* (v. 13) que podem ir em todos os sentidos, seguindo todos os movimentos dos querubins (vv. 16,17). São, como os querubins, cheias de olhos por todos os lados (1, 18; 10, 12). Seu *comprimento e sua altura* são quase inconcebíveis (*horribilis*).

Os movimentos dos querubins e das rodas são extremamente rápidos (I, 14, 19,20). Todo o universo móvel, que se move no Empíreo

imóvel (n. 41), é aqui designado por rodas, rodas *rolantes*, *tão compridas e tão altas*[577].

Cheia de olhos, ele não caminha ao azar, pois é conduzido pelos querubins como um veículo rapidíssimo. Ele é, por assim dizer, vivo (Ezeq. 1,20). São os querubins que o animam, ou seja, que movem-no como eles próprios são pelo Espírito de Deus (ibid.). Eis porquê de os querubins serem chamados de *animais* (*animantia*)[578].

275. – *Apareceu nos querubins como uma mão de homem e mãos de homem, que estavam debaixo de suas asas* (Ezeq. 10,8; 1, 8). São as mãos humanas de Jesus Cristo e de Maria Santíssima, do Rei e da Rainha do universo, que dirigem os movimentos dos querubins. Estes são ministros do Homem-Deus e de sua Mãe Santíssima, e recebem desta dupla causa humana, para cumprimento de seu ministério, a força do leão, a docilidade do boi, a sabedoria do homem e a rapidez audaciosa da águia. Daí as aparências de animais dos querubins (1, 10; 10,14; Apoc. 4, 7)[579].

Eles não retrocediam ao caminhar, mas cada um deles ia diante dEle, como também as rodas (10, 19), porque o curso da natureza deve sem cessar caminhar para seu fim.

E os querubins, estendendo suas asas, se elevavam da terra...; as rodas também os seguiam (10, 9) e todos paravam na entrada da porta oriental da mansão do Senhor. Eles visam à elevação e à transformação finais do universo móvel, para que este seja assimilado e se rejubile na Jerusalém celeste.

276. – Servindo como ministro de Jesus e de Maria Santíssima, os querubins dirigem a maioria das causas segundas de maneira a possibilitar, à Igreja Triunfante, à Jerusalém Celeste, destruir os inimigos da Esposa de Cristo, esmagar a besta e seus comparsas, punir todos os culpáveis culpados, e fazer triunfar e reinar os santos (Apoc. 15, 7, etc., etc.).

277. – Creiamos em Deus, em Jesus Cristo e em seus ministros espirituais; amemos Maria Santíssima. Ao contrário, o Todo-Poderoso *levantará sua cólera inflexível*...; ***e todo o universo combaterá com Ele contra os insensatos*** (Sab., 5, 21).

---

[577] *Currus Dei (nam pluraliter dicti sunt) angelica ministeria non inconvenienter accipimus*. Santo Agostinho, De Civitas Dei, I;20, c. 21, nº 2.

[578] Eles são em número de quatro para designar os quatro pontos cardeais. Ou seja, todo o universo móvel.

[579] Assim como os animais se movem de modo seguro por um instinto recebido de Deus, também os Querubins agem sob o impulso das ordens vindas do alto. Que querubins conduzam o universo não é de se espantar: OMNES (Angeli) sunt administratorii spiritus. Hebr. I, 14.

Capítulo XI – Razões intrínsecas do papel universal de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima com respeito ao universo e ao Céu Empíreo

Elegit nos in ipso ante mundi constitutionem, ut essemus sancti et immaculati in conspectu ejus ... secundum divitias gratiae ejus, quae superabundavit in nobis in omni sapientia et prudentia; ut notum faceret nobis sacramentum voluntatis suae ... quod proposuit in eo, in dispensatione plenitudinis temporum, instaurare omnia in Christo, quae in caelis et quae in terra sunt (Ad Ephes. I, 4-10).

Deus nos escolheu em Nosso Senhor Jesus Cristo, antes da criação do mundo, para que sejamos santos e imaculados em sua presença..., pelas riquezas de suas graças que superabundaram em nós; em toda a sabedoria e toda inteligência, para nos fazer conhecer o mistério de sua vontade..., que havia estabelecido consigo mesmo, em reunir, na plenitude ordenada dos tempos, todas as coisas em Nosso Senhor Jesus Cristo, tanto as que estão no céu como as que estão na terra.

---

278. – As afirmações acima sobre o papel universal de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima não sofrem nenhuma restrição com relação aos tempos, lugares, pessoas e coisas. Por causa disto pode parecer a alguns leitores que nelas haja qualquer coisa de exagerado.

Por exemplo: como é que Jesus e Maria possam ter exercido suas influências no tempo que precedeu a sua existência física sobre a terra? Como é que a sorte dos anjos tenha dependido, de certa forma, de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua Santíssima Mãe, que só apareceram muito mais tarde na série de gerações humanas? Ademais, o Rei e a Rainha do universo, tendo sido glorificados, a inteligência tem dificuldade de compreender a possibilidade de um esplendor humano e corporal de Jesus e de Maria, que abarcasse e penetrasse todos os céus, pois esses dois corpos, embora informados por suas almas glorificadas, parecem pequenos em relação ao universo e não proporcionados aos efeitos que se lhes deseja atribuir.

Eis as dificuldades que importam resolver, caso não se queira passar por sonhador e paradoxal. Já indicamos aqui e lá, é verdade, razões e pontos que não deixam o leitor sem recursos em face destas

obscuridades. Mas, para uma questão capital como esta, é muito pouco e cremos ser um dever nosso consagrar a ela um Capítulo especial.

Comecemos pelos ensinamentos de São Paulo, no texto citado.

Primeiro Ponto: Explicação sumária do texto - Tudo o que está predestinado de alguma maneira o foi em Nosso Senhor Jesus Cristo, para glória de Deus e bem de todas as almas.

---

279. – *Deus nos escolheu em Nosso Senhor Jesus Cristo antes da criação do mundo*. Para Deus, que é eterno, cuja ciência é infinita e imutável, não há passado nem futuro. Tudo está igualmente presente a seus olhos: *Nenhuma criatura é invisível em sua presença; mas tudo está a nu e a descoberto a seus olhos*[580]. *Não há, para Deus, coisas futuras*, diz Santo Agostinho, *mas todas as coisas lhe estão presentes; isto porque seu conhecimento não pode se chamar presciência, mas somente ciência*[581]. *Para Deus as coisas futuras estão presentes*, diz também Santo Ambrósio, *e para Aquele, a quem tudo é conhecido antes, as coisas que devem chegar equivalem a fatos realizados*[582].

Tal é também a doutrina de São Gregório, Papa, de Santo Anselmo, de Santo Tomás. *Se bem que as coisas contingentes*, diz o Anjo da Escola, *se realizem sucessivamente, Deus entretanto não as conhece sucessivamente, à nossa maneira, mas ao mesmo tempo*[583] e num só olhar.

Tudo se apresenta, pois, simultaneamente ao olhar de Deus, tanto os últimos fatos que se produzirão no fim dos séculos, como o primeiro dos fatos que se mostrou no tempo.

A razão é bem simples: o tempo nas coisas temporais se move na eternidade de Deus, e tudo o que coexiste uma vez, não importa quando, com a eternidade divina, é percebido igualmente pela ciência eterna e infinita de Deus, a qual é indivisível.

Esta ciência é, portanto, tal que conhece simultaneamente todas as realidades, e para ela não há passado ou futuro[584]. *Deus nos elegeu*, portanto, *em Cristo, antes da criação do mundo*. Se Ele nos viu e es-

---

[580] Hebr. 4, 13.

[581] Lib. II Ad Simplic., q. 2.

[582] De fide ad Grat., l, 1, c. 15, al. 7.

[583] 1, p. q. 14, a. 13.

[584] Si autem sicut in ordine temporalium creaturarum, ita apud eum (Deum) nondum sunt quae futura sunt, sed ea prevenit sciendo, bis ergo ea sentit, uno quidem modo secundum futurorum praescientiam, altero vero secundum praesentium scientiam. Aliquid ergo temporaliter accedit scientiae Dei, quod absurdissimum atque falsissimum est. Santo Agostinho, De Div.q.ad Simpl. l. II, q. II, n. 2.

colheu antes do mundo material, se viu e amou a Nosso Senhor Jesus Cristo antes de nós, nisto não está uma maneira de indicar a prioridade do tempo, mas a ordem de nobreza, de excelência e de predestinação. Nosso Senhor Jesus Cristo, como Homem, *é o primogênito dos seres, porque é a imagem mais perfeita de Deus*[585], a primeira excelência depois de Deus. Em seguida vem Maria Santíssima, depois os anjos, os homens, os seres irracionais, o inseto e o átomo, inclusive os astros que enchem os céus.

É por Cristo e pelo amor a Cristo, primeiramente, e em seguida por Maria Santíssima, depois pelas outras criaturas racionais, que Deus tirou do nada tudo o que criou. Eis a mais nobre gravitação universal!

280. – Os fins desejados por Deus têm isto de próprio que atraem os seres criados para atingirem esses fins. Eles têm uma dose mais ou menos forte de bem, imitando mais ou menos a Deus, que é o Bem infinito. É por isto que têm mais força para atraírem os melhores, ou seja, aqueles que participam mais vantajosamente da perfeição criada. De outro lado, todos os seres finitos recebem de seu criador um estímulo constante, moral ou físico, que os impulsiona para seus fins ou para o bem que lhes é proporcionado. Atração para o bem e impulso para o bom são as duas forças divinamente ativadas para tornar felizes todos os seres.

281. – Ora, Nosso Senhor Jesus Cristo, como objeto de fé, antes ou depois da Encarnação, sempre atraiu a si o finito. *O mistério do Reino de Deus* (a Encarnação e o que se lhe seguiu), *realizado por Nosso Senhor Jesus Cristo*, *todos os anjos na verdade O conheceram de alguma maneira, desde o começo*, durante o tempo de sua prova. *Mas sobretudo depois de sua glorificação*[586]. *Este mistério do reino do céu,* diz também Santo Agostinho*, não foi, portanto, escondido aos anjos. Tendo sido revelado no tempo oportuno para nossa salvação..., ele devia nos unir à sociedade angélica... Este mistério foi, pois, escondido* ***desde o início dos séculos*** *em Deus* (Ef. 3, 9, 10) *contudo de maneira a ser conhecido dos Principados e das Potestades que estão nos céus, por meio da Igreja que eles constituem, pois a Igreja teve início com os anjos, e a nossa Igreja deve se unir àquela...*[587]. Toda a Igreja dos anjos tinha, portanto, os olhos da Fé voltados para Nosso Senhor Jesus Cristo antes de desfrutar da visão intuitiva de Deus. E,

[585] Lib. II ad Simplic., q. 2.
[586] Suma Teológica p. 1, q. 64, a. 1, ad. 4.
[587] De Genesi ad litt. Lib. V. Cap. 19, n. 38.

após ter sido confirmada em graça, como preço de sua Fé, ela viu mais claramente ainda *a multiforme sabedoria de Deus*[588] se desdobrando em Cristo e por Cristo.

Igualmente *o* primeiro *homem, antes do estado de pecado, teve uma fé explícita no tocante à Encarnação de Cristo, enquanto esta obra divina estava ordenada à consumação da glória. Depois do pecado, este mistério foi crido explicitamente* como remédio contra o pecado e contra a morte[589]. E assim o mistério da Encarnação de Cristo foi crido, de alguma maneira, em todos os tempos e por todas as pessoas[590], pois não há salvação em nenhum outro[591].

Vemos isso claramente no movimento rumo a Nosso Senhor Jesus Cristo impresso por Deus em todos os seres racionais, pois é Deus que prescreveu a fé. E também na atração que sempre exerceu Nosso Senhor Jesus Cristo, que é a única salvação, *o Caminho, a Verdade e a Vida* de toda criatura racional, e *ninguém vai ao Pai senão por Ele*[592]. Se todos os seres irracionais giram para os seres racionais, o que é certo, daí se segue que todo o universo, dirigido pelos seres racionais, gira para Nosso Senhor Jesus Cristo. Então não é somente os anjos e os homens que Deus *elegeu em Cristo antes da criação do mundo*, mas também o próprio mundo, que foi criado para os eleitos, tendo em vista Nosso Senhor Jesus Cristo (n. 164, 5o., sobretudo a nota 7ª.)

282. – *Deus nos elegeu em Cristo antes da criação do mundo a fim de que fossemos santos e sem mancha na Sua presença*. Tal foi o motivo de nossa eleição e a dos anjos: a santidade. Deus não nos criou para que fossemos seres profanos no conjunto da natureza. Ele criou a natureza para nós! Mas criou-nos para Ele, para sua glória e quer que encontremos nosso bem naquilo que Lhe dá glória de maneira especial. Quer dizer, na perfeição sobrenatural.

Ele nos elegeu em Cristo como membros virtualmente contidos na Cabeça, que é como Deus a própria santidade. E, como Homem, o ideal concreto da santidade criada. Nosso destino é entender o esplendor sobrenatural de Cristo como fac-similes que O reproduzem nos diversos graus de perfeição: *Eu vos conjuro, sejam meus imitadores, como eu o sou de Cristo*[593]. *Aqueles que o conhecem por sua presciência, Ele também os predestinou a serem conformes à imagem de seu*

---

[588] Ef. 3, 10.
[589] Suma Teológica, 2ª., 2ae., q. 2, a. 7.
[590] Ibid.
[591] Atos dos Apóstolos, 4, 12
[592] Jo. 14, 6.
[593] 1ª. Cor. 4, 16; 11, 1.

Filho, a fim de que fosse Ele próprio o primogênito entre muitos irmãos. E aqueles que predestinou, Ele os chamou[594].

No seu Filho por natureza, Deus viu todos os imitadores de seu Filho como filhos adotivos. E suas complacências, que se repousam sobre Nosso Senhor Jesus Cristo, se prolongam ao longe, em todos os sentidos, sobre todas as imagens de seu Filho bem-amado. Daí a importância de sermos *santos e sem mancha diante de Deus*. Quer dizer, de não viver senão para Deus a exemplo de Jesus e em nada danificar os traços das imagens amadas por Deus[595].

283. – *Para este fim a graça de Jesus Cristo superabunda em nós para nos remir*, inicialmente, para nos *livrar de nossos pecados* e, em seguida, para nos aperfeiçoar ao ponto de *nos tornar agradáveis aos olhos de Deus em seu Filho bem-amado* (Ef. 1, 6, 7, 8). Como Deus só nos encontra agradáveis em seu Filho bem-amado, *devemos ser revestidos*[596], pois devemos ser *o bom odor*[597], para que assim Cristo Nosso Senhor nos envolva com suas influências não só *para nos tornar santos e sem mancha na presença de Deus, na caridade*[598], mas também para fazer de nós *filhos de Deus por adoção, segundo o desejo da vontade divina*[599], *a fim de que sejamos o louvor da glória de Deus*[600].

284. – Ora, isto é para nós de uma grandeza tão incrível que, sem uma revelação sobrenatural, seria impossível disso fazermos uma ideia. É por esta razão que o Apóstolo reza *a fim de que o Deus de Nosso Senhor, o Pai da Glória, nos dê o espírito de Sabedoria e de Revelação, para O conhecer*, para conhecer os desígnios maravilhosos do amor de Deus sobre nós. O Apóstolo reza para que *o Pai da Glória ilumine os olhos* de nosso coração (porque é o coração que tem as maiores aspirações), *para que saibamos qual a esperança da felicidade esperada, a que Ele nos chamou, quais as riquezas de glória da herança destinada aos santos; e qual a grandeza supereminente de sua virtude em nós, que cremos segundo a operação do poder de sua virtude, que Ele exerceu em Cristo, ressuscitando-O dentre os mortos e O colocando à sua direita nos céus.*

---

[594] Rom. 8, 29-30

[595] Deus ama antes de tudo seu Filho porque Ele é o esplendor de sua glória e o sinal de sua substância (Hebr. 1, 3); Ele não nos ama, a nós, senão como imagens de seu Filho. Nosso fim temporal é de nos assemelhar o mais possível com Jesus Cristo. Também, fiéis à nossa vocação, comunicaremos a todos a grandeza de Jesus Cristo glorioso, sendo com Ele herdeiro de todas as coisas, reinando com Ele, etc. etc.

[596] Rom. 12, 14.

[597] II Cor. 2, 15.

[598] Ef. 1, 4.

[599] Ibid. 5.

[600] Ibid. 12.

Para engendrar em nós a Fé é necessário o mesmo poder e a mesma virtude divina que ressuscitou Nosso Senhor Jesus Cristo e O colocou à direita do Pai nos céus. O Pai operou primeiro em Cristo a ressurreição e a glorificação. Mas esta operação se prolonga em nós, membros de Cristo, para nos dar a vida da Fé e para encher os nossos corações das mais sublimes esperanças[601]. Por este fluxo da virtude divina, tendo nos inundados com uma superabundância que nos vem de Nosso Senhor Jesus Cristo, sabemos *quais são as riquezas de glória da herança que nos é destinada*: estas riquezas de glória, esta herança, serão o próprio apanágio de Cristo de que participaremos com Ele, segundo a medida de nossa semelhança com o Primogênito.

285. – Sigamos, pois, a Nosso Senhor Jesus Cristo para ver aonde iremos. Sigamo-lo *acima de todo Principado, de todo Poder, de toda Virtude, de toda Dominação e de todo nome que seja mencionado, não somente neste século, mas também no futuro. E o Pai pôs* todas as coisas sob seus pés*,* todos os anjos, todos os homens, todos os mundos que compõem o universo, de maneira que o universo inteiro seja o império de Cristo. *E o Pai estabeleceu Cristo como cabeça de toda a Igreja, que é seu corpo, o complemento de Cristo. E é Cristo que se completa inteiramente* em todos os seus membros justificados e glorificados. Ó grandeza do cristão em Nosso Senhor Jesus Cristo!

Como é evidente que Nosso Senhor Jesus Cristo está presente em todos os eleitos, na imensidade do Céu Empíreo, porque eles são o próprio Cristo completado, sua extensão definitiva, seu pleno esplendor! O que há de mais presente e de mais íntimo do que uma cabeça para seus membros, e que os membros para a cabeça? É o porque a predestinação de Cristo é também a nossa: *Elegit nos in ipso*. Anjos, homens, toda criatura racional gloriosa, são o Corpo Místico de Cristo. Mais. O que chamamos místico sobre a terra (n. 173) será muito aparente, muito visível, muito evidente no Céu. E a Igreja Celeste é Cristo inteiramente glorificado em si mesmo e em seus membros[602] (nn. 213, 214, 220, etc.)

---

[601] *Assim que somos mortos pelo pecado, Deus nos vivifica em Cristo..., RESSUSCITOU-NOS COM ELE e nos fez assentar nos céus com Jesus Cristo, para manifestar nos séculos futuros as riquezas abundantes de sua graça, por sua bondade para conosco em Cristo Jesus*. Ef. 2, 5-7.

[602] Já aqui na terra Nosso Senhor Jesus Cristo é todo por nós, de modo místico ou velado: *Permanecei em mim e eu em vós. Como o sarmento não pode dar frutos por si mesmo se não permanece unido à vinha, assim vós também, se não permanecerdes em Mim. Eu sou a vinha e vós os sarmentos. Aquele que permanece em mim e Eu nele produzirá muitos frutos, porque sem mim nada podereis fazer* (Jo. 15, 4, 5). Como a graça de Jesus Cristo penetra, alimenta, vivifica, todos os fiéis da terra, no Céu a glória de Jesus desempenhará o mesmo papel relativamente aos Eleitos, porém mais ostensivamente como convém à glória.

286. – A Igreja do Céu ocupa um lugar certamente bem mais extenso do que o ocupado pela Igreja da terra. O universo inteiro foi criado apenas para Nosso Senhor Jesus Cristo e seus membros. Os membros que a compõem têm, todos, por fim Jesus Cristo e sua Igreja. Na prova eles servem como membros militantes de Cristo. Nas últimas expiações, servem como membros sofredores, ou têm a seu encargo aqueles que, não podendo viver da vida de Jesus Cristo, depauperam e perturbam sua Igreja. Nada no conjunto das coisas existe senão em relação a Nosso Senhor Jesus Cristo e à sua Igreja.

Eis as luzes que encontramos nas riquezas da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, *a qual superabundou em nós, com toda sabedoria e toda inteligência, para nos fazer conhecer a vontade de Deus*. No que consiste este mistério, este grande mistério, que nos foi revelado? – Em que o Criador *resolveu, Ele próprio,* reunir, na plenitude ordenada dos tempos, todas as coisas em Cristo, aquelas que estão nos céus**,** *e as que estão na terra*[603]. Assim que os tempos forem plenamente realizados, assim que todos os membros de Nosso Senhor Jesus Cristo estiverem glorificados, tudo encontrará o ser em Cristo, e, de alguma maneira, na sua Igreja. Não somente todos os anjos e todos os homens, mas todas as coisas, todos os mundos, todo o universo, e tudo o que é susceptível de participar da vida e da glória de Nosso Senhor Jesus Cristo, exceção somente do Limbo, por de seu estado natural definitivo. E do inferno, por de sua impenitência[604].

Segundo Ponto: Como todos os seres gravitam em torno de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima. – Tudo foi predestinado também em Maria Santíssima, embora secundariamente.

287. – Estas são as razões intrínsecas, como dissemos no começo, do papel universal de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima em relação ao Universo e ao Céu Empíreo, pois as coisas têm, em sua natureza, uma disposição, um temperamento, um impulso, que

---

[603] Ef. 1, 7-10..

[604] *Se alguém não permaneces em Mim, será lançado fora como o sarmento, e secará; e se o amassará, e se o jogará ao fogo, e queimará* (Jo. 15, 6). O inferno é este montão de pessoas e de coisas que serão jogadas fora da influência benéfica de Nosso Senhor Jesus Cristo. Quer dizer nas *trevas exteriores* (Mat., 22, 13).

"Por estas palavras*, trevas exteriores,* as Sagradas Escrituras designam a prisão dos malfeitores (Salmo 106; Is. 48, v. 9). Para os grandes malfeitores havia, em Jerusalém, uma prisão construída debaixo da terra, sem nenhuma abertura, úmida, tenebrosa, que não poderia ser mais horrível... Apelidavam-na de *Bética* ou ainda *trevas exteriores*". Got. Scotton, *Il Vangelo stud*. Mat. 8, 5-13. O inferno está fora do Paraíso como essa prisão tenebrosa.

as levam para o bem e para o melhor. E como, no final, nada há de melhor do que Nosso Senhor Jesus Cristo, considerado enquanto Homem, e do que Maria Santíssima, tudo gravita em torno deles. Isso não quer dizer que o natural exige o sobrenatural a ponto de comprometer o caráter gratuito deste último.

O sobrenatural, pelo próprio fato de ser superior à natureza, não pode ser merecido por ela. Mas pode preencher, com relação a ela, o papel de fim, livre e amorosamente querido, a ser atingido por meios sobrenaturais. Portanto, esse fim foi Deus que decretou. E então as belezas, os esplendores, as felicidades do mundo sobrenatural, contemplado pelo olhar divino antes da criação, porque tudo está presente a Deus (n. 277), motivaram e dirigiram o ato criador de maneira que toda coisa finita recebeu em seu ser, como dose de perfeição natural, tais propriedades, tais tendências, tal meio para existir, unicamente em vista de tal bem sobrenatural a atingir ou a favorecer.

288. – Segundo o plano divino, a natureza só existe para servir de matéria ou de meio sobrenatural, como uma casa é construída tendo em vista os serviços que pode ter e do bem-estar que deve proporcionar àqueles que a habitam. Assim, na realidade, o sobrenatural é a medida do natural, pois Deus fez este (natural) para aquele (sobrenatural)[605]. Embora a natureza seja composta particularmente de substâncias e o sobrenatural apareça a quem observa as criaturas quanto ao gênero dos acidentes, entretanto, o sobrenatural é essencialmente mais nobre que a natureza, da qual ele é um aperfeiçoamento divino, um reflexo do infinito sobre o finito, uma elevação do finito à ordem divina. Uma vez que isto é assim em vista da ordem divina que Deus criou e dispôs todas as coisas para sua glória e para o bem dos seres finitos, segue-se tudo o que a natureza tem de ser, de modo de ser, da aptidão para melhorar, de tendências, tudo isto é pesado e calculado em vista do sobrenatural. Tudo isto visa o sobrenatural como seu fim. Eis porque toda natureza não corrompida tende para Nosso Senhor Jesus Cristo e para Maria Santíssima. Eis como tudo *foi predestinado* à existência e a um aperfeiçoamento divino, em Cristo e em Maria Santíssima (251).

289. – *Tudo é para vós, seja Paulo, seja Apolo, seja Céfas, seja a vida, seja a morte, as coisas presentes e as coisas futuras. Sim, tudo é vosso. Mas vós, vós sois em Cristo, e Cristo é Deus*[606]. Todos os seres

[605] A vontade de Deus ordenou a natureza à graça e os graus da natureza aos graus da graça. Santo Tomás, 1. p. q. 62, a. 6, ad. 1m.

[606] 1ª. Cor. III, 22, 23.

inferiores da natureza são feitos para as criaturas racionais. Mas estas são para Cristo. E Cristo, enquanto Homem, é feito para Deus. Portanto, o universo material tem disposições especiais e mais imperfeitas quanto às criaturas racionais no estado de prova, porque deve contribuir para a prova. Mas o universo se revestirá de glória, sem nada perder de sua imensidade, quando servir aos eleitos gloriosos, pois tendo sido feito para eles, para os bem-aventurados, será digno deles[607]. E os bem-aventurados completarão, por si mesmos, o esplendor humano e sobrenatural de Nosso Senhor Jesus Cristo, de maneira que Cristo será em menor ou maior medida visível em cada um deles, como também Maria Santíssima. E Nosso Senhor Jesus Cristo irradiará os esplendores divinos e beatificantes, servindo-se do ministério de sua Mãe, sobre todas as obras saídas das mãos de Deus.

290. – Ó grandeza de Cristo Nosso Senhor e de Maria Santíssima! Ó grandeza do homem, do anjo e de toda natureza, em Cristo e em Maria!

Mas, o que não se observa, talvez suficientemente, é que nenhum bem jamais foi concedido aos seres finitos sem que Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima não o tenha concedido de alguma maneira. Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima, eternamente vistos por Deus como seus bem-amados e objetos de todas as suas complacências, eternamente conhecidos como seus agentes mais nobres, mais poderosos, mais desinteressados, mais fiéis de sua glorificação, atraem a vontade criativa a tirar do nada as criaturas racionais menos perfeitas[608] e todos os sistemas corpóreos que compõem a natureza, para que o conjunto de todos estes seres sirva de Reino ao Homem-Deus e à sua Mãe, pois, somente Estes rendem ao Todo-Poderoso uma plena, inteira e adequada glorificação. Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima são, ao mesmo tempo, os focos de caridade os mais ricos e os mais generosos para seus inferiores.

Todos os seres são, portanto, devedores de sua existência a Jesus Cristo e a Maria Santíssima. E nenhuma perfeição lhes é concedida se não for em vista do Rei e da Rainha do universo[609].

---

[607] A este propósito pode-se dizer, num certo sentido, o que se dizia do Templo antigo em II, 1, Mac.: Non propter locum, gentem; sed propter gentem, locum Deus elegit (V. 19).

[608] Sumus creati in Christo Jesus in operibus bonis (Ef. 2, 10)

[609] In ipso condita sunt universa in caelis et in terra, visibilia et invisibilia, sive throni, sive dominationes, sive principatus, sive potestates: omnia per ipsum et in ipso creata sunt (Colos. 1, 16). Falando deste texto, Suarez diz; Ubi... plane loquitur (Apostolus) de Christo ut homine, como provam os versículos seguintes, 18 e 20 – Suarez, in 3 part. S. Tomás, q. 1, a. 4, sect.. 2, n. 15.

291. – Essa doutrina, por mais que tenha em vista a Jesus Cristo, é claramente ensinada e solidamente provada por Suarez no lugar citado na nota "774", e nos números 13-17, 32, 33, da mesma seção. É verdade que sobre este ponto há outras opiniões de muitos teólogos. Mas, parece-nos claro e quase é vidente que os que não pensam como Suarez sobre essa questão não têm a compreensão mais adequada possível da eternidade e da imortalidade da ciência divina, ideia extremamente fecunda como expusemos acima (n. 279). E que, bem compreendida, basta para desvendar a confusão das opiniões divergentes.

De fato, a existência de Maria Santíssima e a Encarnação do Verbo para Deus jamais foram mais futura que a criação dos anjos, da matéria, do homem, como também do Pecado Original e de outros fatos relativos às coisas finitas. Para Deus tudo é simultâneo, embora as coisas se sucedam umas às outras, engendrando assim o tempo.

E mais. Deus, conhecendo uma infinidade de outros sistemas de coisas possíveis, mais ou menos diferentes do sistema tirado do nada, se vier um dia, depois de milhões de anos, a criar qualquer um desses sistemas, Ele os conhecerá, *desde já estando presentes como reais*, em todas as suas partes e suas vicissitudes. Somente Deus os verá reais em tal ponto da duração finita[610]. Se não fosse assim seria preciso dizer que a ciência divina pode crescer à medida que essa realidade se produz, o que seria, diz Santo Agostinho, *um grande absurdo e tremendo erro* (n. 279, nota 4º.).

292. – Sendo, portanto, admitida a simultaneidade de todas as coisas reais em relação a Deus, não importa quando elas se realizam, tornando-se de uma maneira relativamente fácil vários problemas teológicos da mais alta importância, tais como o conhecimento eterno dos atos livres dos anjos e dos homens, a predestinação efetiva da felicidade eterna, graça aos méritos conhecidos, bem como outros que visam o destino do mundo relativamente a Nosso Senhor Jesus Cristo e a Maria Santíssima.

293. – Portanto, Deus viu eternamente, num só e mesmo olhar, a Encarnação e todo o sistema atual de coisas. Sobretudo amou Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima e, neles, os anjos e os homens. E, depois, os seres inferiores. Desta forma Deus viu o pecado de Lúcifer e o de Adão, pois estes já eram fatos reais. Viu, ao mesmo tempo, que Nosso Senhor Jesus Cristo, Maria Santíssima e os Santos reme-

[610] Toda duração finita, qualquer que seja, não é como um ponto móvel no meio da eternidade imóvel de Deus. Tudo está penetrado por Deus. Quer dizer, por Deus eterno, sabendo tudo, e imediatamente.

deiam a todos, de maneira a salvar tudo o que nestes havia de boa vontade. Então, levado por amor a todo este conjunto de coisas, *por causa do que nele via de melhor, Ele disse e tudo foi feito. Ele ordenou e tudo existiu*[611], sem dúvida sucessivamente, segundo a ordem querida por Ele. Tudo *foi*, tudo *existiu* desde então, de alguma maneira, pois todo sistema devia existir. A criação dos anjos, por exemplo, não foi mais real aos olhos de Deus do que o Juízo Final e a glorificação dos justos.

294. – Não pode, portanto, haver dificuldade a respeito do papel universal sobretudo de Nosso Senhor Jesus Cristo, enquanto Homem na mente do Criador, em face de tudo o que foi tirado do nada. Quanto a Maria Santíssima, as razões que já tantas vezes explicamos nos obrigam a vê-La como participante de todas as excelências de Nosso Senhor Jesus Cristo, inclusive a de sua primazia na mente de Deus. Nossa Senhora pode dizer, com a Sabedoria encarnada, segundo a linguagem que lhe empresta a Igreja: *Eu saí da boca do Todo-Poderoso, eu nasci antes de toda criatura*[612], porque Ele amou e decretou os outros seres por causa de mim*... O Criador do universo me falou e me fez conhecer sua vontade: Aquele que me criou repousou no meu Tabernáculo*[613]. *Eu fui criada desde o início e antes dos séculos*[614], pois Deus exerceu a vontade criativa ao me dar a existência e, por causa de mim, a todo o resto. *O Senhor me possuiu ao começar seus caminhos; antes que Ele criasse qualquer coisa, Eu já era desde então*; fui decretada a primeira, quer dizer, já que o tempo não é nada para Deus, Ele quis a ordem real das coisas sobretudo em função de mim e em razão de mim[615].

Eu fui estabelecida, desde a eternidade e desde o princípio, antes que a terra fosse criada, como uma garantia da glória do Todo-Poderoso e do bem de todos os seres (n. 290). *Quando o Senhor preparou os céus, Eu estava presente na sua mente. Logo que Ele abriu os abismos de seus limites e prescreveu uma lei inviolável, logo que Ele firmou o ar acima da terra e dispensou de seu equilíbrio as águas das fontes, logo que Ele conteve o mar e seus limites e impôs uma lei*

---

[611] Salmo 31, 9.
[612] Ecl. 24, 5.
[613] Ibid. 12.
[614] Ibid. 14, o que convém mais literalmente a Maria Santíssima do que a Nosso Senhor Jesus Cristo, porque Cristo, propriamente falando, não é uma criatura.
[615] Se se parecer que o texto não autoriza estas expressões, seria falsa a significação das palavras: *ser predestinado em Maria*. Ademais, interpretamos o texto em conformidade com os santos e os melhores autores que falaram sobre Maria Santíssima. Ver os números seguintes 299, 300, etc., 296.

às águas..., logo que Ele pôs os fundamentos da terra, Eu estava com Ele e regulei todas as coisas com Ele, como um ideal que Ele começava a realizar e segundo o qual agiria o Soberano Artista.

A própria natureza foi medida, pesada, composta, organizada, em vista de meu Filho, de Mim e de todos aqueles que querem viver de nossa vida sobrenatural (nn. 288, 289).

Eu estava cada dia nas delícias dos olhos de meu Criador[616]*, Ele me tem sempre conhecida como a mais feliz das criaturas: Beatam me dicent; Eu sempre tive a alegria, a glória e as delícias de meu Senhor*[617], porque Ele sempre me viu cheia de graças. E, criando o mundo para meu Filho e para mim, Ele viu que a sorte de sua glória estava assegurada (290). *Eu estou, pois, sempre feliz em sua presença*, oferecendo a seus olhos o mais belo espetáculo criado, *como eu me alegro no conjunto dos seres,* pois sou a Rainha e *minhas delícias é estar com os filhos dos homens* para os elevar a mim e até Deus.

295. – *Escutai-me, pois, agora, meus filhos. Bem-aventurados os que guardam as minhas vias*, seguindo os meus exemplos e os encantos com os quais os convido. *Escutai minhas instruções, sejais sábios e não as rejeiteis,* portanto. *Feliz aquele que me escuta, que vela todos os dias na entrada de minha mansão*, ávido de meus ensinamentos e de meus favores, *e que permanece à minha porta* pela constância de seus desejos e de sua afeição por mim. *Aquele que me encontrar terá encontrado a verdadeira vida* da natureza e a *vida da graça*, *e possuirá a salvação* por mim nos tesouros *da bondade do Senhor*. *Mas aquele que pecar contra mim*, negligenciando minha proteção ou desprezando minhas bênçãos, *fará mal à sua alma*. *Todos aqueles que me odeiam amam a morte,*[618] pois Eu sou, com meu Filho, *o caminho, a verdade e a vida*. Esta linguagem convém perfeitamente a Maria Santíssima, posto que foram proferidas diretamente pelo Verbo e por Cristo, conforme as noções que expusemos anteriormente (nn. 69-75).

296. – Também os santos e os teólogos mais sérios veem em Maria Santíssima o fim de todas as coisas, sendo que a própria Maria Santíssima tem como fim a Cristo. *Toda criatura foi feita por causa de Maria Santíssima, todo mundo foi feito para Ela*[619]. *Ela é a causa de todos os bens* (São João Damasceno)[620]; *a causa das coisas* (São

---

[616] Segundo a Vulgata.
[617] Segundo a Septuaginta.
[618] Proverbio 8.
[619] Propter Mariam omnis criatura facta est, propter hanc totus mundus factus est. São Bernardo, Serm. 3 in Salve.
[620] Orat. 1, de Ass. B. M.

Bernardo)[621]; *a causa da beatitude dos bem-aventurados* (Santo Alberto Magno)[622]; *nosso fim depois de Nosso Senhor Jesus Cristo* (Henrique Suso, c. 20, Dial. Sap.). *A Mãe não foi separada de seu Filho na eleição divina* (Suarez)[623]; *tudo, portanto, foi predestinado em Maria Santíssima como em Jesus Cristo. Deus quis que Maria Santíssima fosse o princípio de todos os bens* (Santo Irineu)[624]. *Tudo o que Deus dá de bom às suas criaturas, Ele o faz pelas mãos da Virgem Mãe* (Ricardo de São Lourenço)[625].

297. – Concluamos disto que os próprios anjos não triunfaram da prova e nem foram coroados sem a mediação de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima, tanto o papel dos dois é universal. *Nenhum homem e nenhum anjo não é santo, se isto não é por Nosso Senhor Jesus Cristo*, diz São Gregório Magno[626]. Destas palavras como nas seguintes, lemos sempre o nome de Maria Santíssima depois do nome de seu Filho, pois Cristo não é mais separado de sua Mãe no pensamento divino que na ordem dos fatos. *Como Deus*, diz também Santo Anselmo, *preservou do pecado os bem-aventurados por seu filho, igualmente Vós, ó Maria Santíssima, ó flor de Pureza, por Vosso filho salvareis do pecado os infelizes humanos, como haveis contribuído para também a salvação dos Anjos. Não há justificação como Aquela que haveis desejado em Vosso seio imaculado, não há salvação senão aquela que haveis concebido sem cessar de ser virgem. Ó Senhora, sois a bondosa mãe da justificação e dos justificados, Vós haveis concebido a salvação e os que se salvam*[627].

298. – *É por Nosso Senhor Jesus Cristo que é lançado, tanto nos Santos Anjos como em nós, o germe de toda frutificação espiritual*[628]. – *É a mesma virtude divina*, ou seja, Nosso Senhor Jesus Cristo, *que preserva o anjo da ruína e que repara a ruína dos homens decaídos; tanto em um, como no outro é a mesma graça que operou para levantar um e preservar o outro. O Anjo foi preservado do ferimento, o homem foi curado dele. Nosso Senhor Jesus Cristo dissipou a doença do homem e impediu a dos Anjos; a este Ele concedeu a força, e a*

[621] Serm. 2, in die Pentecostes.
[622] In postill, c. 1 Luc.
[623] T. 2, in 3 p. d. 1, sect.. 3.
[624] Adv. Valent. l. 3, c. 32.
[625] De laud. B. M. l. 2, p. 3.
[626] In I Reg. C. 2.
[627] Orat. 50 ad S. V. Mariam. A justificação não se refere somente às pessoas que foram libertadas do pecado por receberem a graça santificante, mas ainda àquelas que receberam a graça santificante sem ter pecado anteriormente, como os anjos fieis e a Santíssima Virgem.
[628] São Cirilo, l. 5 *in Isai. In verba Laetere sterilis*.

medicina àquele[629]. *Jesus Cristo foi igualmente o redentor do anjo e do homem, conservando aquele e libertando este*[630]. Por isso *não somente para os habitantes da terra, mas também para os habitantes do Céu, Nosso Senhor Jesus Cristo é oferecido na hóstia*[631]. *– Para obter a plenitude sem igual em superabundância na produção de graça que está em Nosso Senhor Nosso Senhor Jesus Cristo, o Evangelista (São João) disse: nós todos recebemos de sua plenitude (Jo. 1, 16), quer dizer, todos os Apóstolos, os Patriarcas, os Profetas, os Justos, que foram, que são, e que serão, inclusive todos os anjos... A plenitude de graça que está em Cristo é a causa de todas as graças que estão em todas as criaturas inteligentes.* E esta plenitude está em Cristo considerado como Homem*: É a plenitude de causalidade* (eficiência) *e de influência da graça, que não aparece senão em Cristo, considerado como autor da graça*[632].

A estas belas passagens não falta o nome de Maria Santíssima. Mas, que digo? Nomear Cristo não é dizer que Ele tem uma Mãe? *O Redentor* não está sempre acompanhado da Co-Redentora? O Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, imolado *na Hóstia*, não é a carne de Maria Santíssima e o fruto de seu seio? E se Nosso Senhor Jesus Cristo é a plenitude original da graça, Maria Santíssima não é a plenitude derivada, por onde passam todas as graças de Cristo, para formar e inundar seu Corpo Místico, composto dos anjos e dos homens? (n. 204).

299. – *Todas as coisas sobrenaturais,* diz Suarez*, foram feitas de alguma forma para a Virgem e pela Virgem, segundo a linguagem dos santos. Porque por Ela se operou a Encarnação, e, pela Encarnação, ou por causa da Encarnação, foram feitos todos os outros bens... A Beatíssima Virgem é, pois, como uma causa universal secundária intimissimamente unida a Cristo*[633].

300. – Dizemos, portanto, com o próprio Suarez e com Christovão Vega: *A Beatíssima Virgem é, pois, a Senhora de todas as coisas. Ela age de alguma maneira em todas as criaturas e todas as criaturas A servem. Isso porque a predestinação dos anjos e dos homens à glória e à beatitude... está subordinada à predestinação da Virgem Mãe*

---

[629] São Fulgêncio, lib. 2, *ad Frasimundum*, c. 3.

[630] São Bernardo, Serm. 22 *in Cantico*.

[631] São Cirilo de Alexandria, *Hom. 1 in Levit.*

[632] Santo Tomás, Coment. In Joannem, Chap. I, lect. 10.

[633] *Omnia supernaturalia quodammodo per Virginem et propter Virginem facta sunt, ut Sancti loquuntur... Est ergo B. Virgo sub Christo veluti universalis causa illi conjunctissima*. In 3. p. S. Tomás, q. 38, a. 4, Disput. 21, sect.. 3, n. 5.

de Deus. Porque... e os homens e os anjos foram não somente criados em consideração a Maria Santíssima, mas ainda predestinados à glória e à graça por causa dEla... A razão é que Deus previu, na sua presciência, os méritos de Cristo e da Beatíssima Virgem, antes de predestinar os anjos. Então, segundo a disposição divina, a predestinação dos Anjos é como uma consequência dos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Beatíssima Virgem. Com efeito, a Beatíssima Virgem deveria ser a Rainha dos anjos. E importava soberanamente à sua honra que os anjos obtivessem por Ela toda a graça e toda glória... Mostramos na

teriormente, ademais, que os anjos, durante sua prova, conheceram a Beatíssima Virgem. Ela era, para eles, como Jesus Cristo, um objeto de Fé[634]. Eles puderam, portanto, obter a graça por seus méritos[635].

301. – Resumamos toda esta doutrina em poucas palavras.

1º – *O Senhor fez tudo para si próprio*[636], quer dizer, para sua glória, considerada em relação às criaturas, e também para seu maior bem, o que fez a Igreja cantar: *gratias agimus tibi propter magnam gloriam tuam*.

2º – Jesus Cristo e Maria Santíssima dão a Deus, da maneira mais segura, tudo o que é da máxima glória. E são também, por conseguinte, tudo o que há de mais benfazejo para o conjunto dos seres.

3º – Considerando todos os possíveis sistemas de criaturas, Deus Todo-Poderoso nos chamou à existência porque viu nela Jesus e Maria, e, depois deles, os Eleitos, porque todo ser que age sabiamente quer as coisas pelo que têm de melhor.

4º – Todo esse sistema foi inicialmente concebido em relação a Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima. E, depois, em relação aos Eleitos, como num corpo orgânico tudo está disposto com vista às partes principais[637].

5º – O tempo não existindo senão para Deus e tudo estando presente para Ele de uma maneira simultânea, o Criador

---

634 Chr. Vega, Theolog. Mariana, n. 1523 e seguintes, até o número 1528.

635 Ver n. 283.

636 Prov. 26, 4.

637 *Secundum praefinitionem saeculorum* e de tudo o que aí está compreendido *quam fecit* (Deus) *in Christo Jesu*. Ef. 3, 11.

orientou todas as coisas para seus bem-amados, donde os méritos incomparáveis terem sempre a primazia diante de seus olhos, garantindo assim sua glória como também à felicidade dos seres criados.

6º – Todos os bens que foram concedidos aos anjos, aos homens e às criaturas inferiores, inclusive a existência, visam formar o Reino de Cristo e de sua Mãe, a compor o Corpo Místico de Jesus, a dar filhos à Maria Santíssima, *para que*, por aí, após as provas e as preparações convenientes, *Deus seja* finalmente *tudo em todas as coisas*[638], pela última expansão de sua glória e para a mais larga difusão de suas bondades.

302. – Ó Jesus, ó Maria! Como é verdade que todas as coisas foram predestinadas em vós, *antes da criação do mundo*! Ó! Como é verdade que, *na plenitude ordenada dos tempos, todas as coisas devem ser reunidas em Vós, tanto aa celestes como as terrestres*, pois tudo foi feito para Vos servir, posto que tudo deve encontrar o bem em Vós para o encontrar em Deus, pois sois o sublime coroamento de todo o universo, sua razão de ser, sua glória, os príncipes de sua futura transformação, suas fontes de bem-aventurança e os primeiros canais que transmitirão tudo o que poderão receber do Bem infinito! Se o universo móvel Vos é devedor de todos os bens, embora esta verdade deva ser demonstrada a olhos mortais, no Céu Empíreo, logo que o plano divino estiver realizado, o conjunto das coisas aparecerá com evidência enquanto domínio Vosso, brigará nos reflexos de Vosso esplendor e navegarão, por assim dizer, em Vossa felicidade.

Terceiro Ponto: Todas as distâncias e todos os espaços, como todas as pessoas criadas, todas as coisas e todos os tempos, estão submetidos a Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima.

---

303. – Como tudo foi predestinado em Nosso Senhor Jesus Cristo e em Maria Santíssima, tanto quanto à existência, quanto ao grau de ser e de perfeição, tudo foi subordinado e submisso a Cristo Nosso Senhor e a Maria Santíssima.

Deus criou os anjos e os homens para fazê-los membros de Cristo e Filhos de Maria. Isto é requerido pelas excelências e pelos méritos do Rei e da Rainha do universo, excelências e méritos realmente sem-

[638] I Cor. 15, 28.

pre presentes aos olhos do Deus eterno, cuja Bondade Suprema conferiu a graça e a glória aos anjos fiéis, chamou os homens a participarem das mesmas felicidades e destinadou os seres inferiores do universo, primeiramente à existência e posteriormente à glorificação final. Portanto, desde que tudo foi tirado do nada e ordenado em vista de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima, segue-se, sobretudo no Empíreo, onde sua glória é completa, que nada os desconforta, nenhum obstáculo se lhes apresenta, todas as criaturas os servem e neles procuram o seu bem.

304. – Como, pois, as distâncias no Empíreo, por mais incomensuráveis que sejam, podem prejudicar o papel universal de Jesus e de Maria? Se tudo foi feito para Eles, se Eles são o ápice de sua felicidade e de sua glória, se todos os Eleitos são seus membros ou filhos submissos, como se pode dar que o universo material, sujeito a uma cega docilidade, os desconcertem de alguma maneira por suas distâncias e seus espaços? Não, não. Quem pensasse isto demonstraria que desconhece, não somente as grandezas de Jesus e de Maria glorificados, mas ainda a condição dos Eleitos e o poder do sobrenatural sobre as criaturas.

305. – Primeiramente, é certo que, malgrado a extensão incomensurável do universo, Jesus Cristo, enquanto Homem, o conhece por inteiro e em cada uma de suas menores partes, com tudo o que tiveram, ou terão desde o momento de sua criação.

É possível, diz Santo Tomás, *que uma inteligência criada que vê a essência de Deus, conheça tudo o que Deus criou seja pela ciência da visão, seja também pelo que se refere à alma de Cristo... Atribui-se à alma de Cristo, aquela que vê Deus mais perfeitamente como não o podem todas as criaturas, o conhecimento de todas as coisas passadas, presentes e futuras*[639]*. Não há nenhuma inteligência bem-aventurada que não conheça, no Verbo, tudo o que lhe concerne. Mas, todas as coisas veem, de algum modo, Cristo e sua dignidade, porque todas as coisas Lhe estão submissas... E é por esta razão que a alma de Cristo conheceu, no Verbo, tudo o que existe, não importa em que tempos..., como também tudo quanto possam fazer as criaturas*[640]. Portanto, não pensemos que a Humanidade santíssima de Nosso Senhor Jesus Cristo seja tão pequena em relação ao conjunto dos mundos, pois sua alma os envolve a todos no seu conhecimento, em todas

[639] De veritate, q. 8, a. 4.
[640] Suma Teol. p. 3, q. 10, a. 2.

as suas partes e em todas as suas vicissitudes. Certamente, esta Alma contempla o Verbo Divino com uma intensidade incomparável. E o Verbo inunda todo o Universo com sua imensa luz, o envolve e o penetra com suas divinas claridades, como os esplendores solares envolvem e penetram uma tênue nuvem. Ora, a alma de Nosso Senhor Jesus Cristo, hipostaticamente unida ao Verbo, e também a causa exemplar de todos os seres, adquire por isto uma grandeza, uma energia, uma lucidez tal, que o universo inteiro é muito pequeno para a sua compreensão, pois Ela o vê inclusive em seus arquétipos divinos e eternos, e também a si mesma. E Ela não está plenamente satisfeita senão na mais perfeita contemplação de Deus, que seja possível a um ser criado.

306. – A maternidade divina é, por assim dizer, depois da união hipostática, a forma mais *divinizante* da criatura. Nem a graça, nem a própria glória celeste unem uma alma a Deus tão estreitamente como a maternidade divina. E sobretudo a maternidade divina glorificada, no Céu Empíreo. Isso porque graças à sua união inefável com o Verbo Encarnado, a inteligência de Maria Santíssima vê e também compreende todo o universo. Ela o vê todo inteiro tanto em si mesmo quanto no Verbo. Seu conhecimento certamente ultrapassa o dos Anjos, os quais entretanto, no dizer de Santo Agostinho, *conhecem sem nenhuma dúvida, no Verbo, toda criatura; e em seguida, toda criatura em si mesma*[641].

307. – Em seu conjunto os anjos conhecem todo o universo. Entretanto este conhecimento total não é próprio de cada um deles. *As bem-aventuradas inteligências somente conhecem no Verbo*, como diz Santo Tomás, *aquilo que a elas concerne*. Entretanto todos os seres criados concernem à Rainha e Mãe do universo. Nada existe, pois, abaixo de Jesus Cristo que Nossa Senhora não conheça. Assim as miríades de anjos (167, nota), seus ofícios, seus pensamentos..., tudo o que diz respeito ao gênero humano, tudo que tem vida e tudo o que é material, está a nú e a descoberto aos olhos da Mãe do Verbo Encarnado, a *Imperatriz de todas as criaturas*[642], *a Senhora de tudo o que está nos céus, sobre a terra e nos infernos*[643].

308. – *A Virgem Maria vê no Verbo*, diz Suarez, *tudo o que Deus vê por sua ciência de visão, excetuadas as coisas que dizem respeito*

[641] De Gen. Ad litt. l. 4, c. 24.
[642] Santo Alberto Magno, Biblia Mariae, super libr. Apoc.
[643] São Boaventura, em Speculo B. M. V. cap. 3.

particularmente a Cristo[644]. Quer dizer, todas as coisas passadas, presentes e futuras que são inferiores à sua dignidade e à sua excelência.

Teu espírito, ó Maria, escreveu São Germano, vive eternamente; tu observas tudo, vê tudo e teu olhar clarividente se estende sobre todas as pessoas[645]. *Como cada Eleito vê o que lhe concerne, e como tudo é feito para os Eleitos, todos eles veem todas as coisas em seu conjunto. Mas, a Bem-aventurada Virgem vê tudo o que vê cada eleito, tudo o que veem todos os Eleitos. Pertence a seu estado compreender no Verbo todo o universo e a situação de todos os bem-aventurados e dos condenados. Cada perfeição convém ao mais alto grau à dignidade de Mãe de Deus, de Senhora e de Rainha de todas as coisas, e a isto não há nada que possa se opor*[646].

309. – Se é como Senhora e como Rainha que Maria Santíssima vê todas as coisas, as distâncias não se opõem ao seu poder também quanto à visão. Isto porque Ela exerce de fato sua dominação, com Nosso Senhor Jesus Cristo, sobre tudo o que existe, sem que os espaços lhe causem o menor

obstáculo. *Dominadora de todas as criaturas*[647], é pouco para Ela, a Senhora do espaço, um simples acidente das coisas finitas e materiais.

310. – Mas, o espaço real supõe os corpos. E importa saber se há uma proporção razoável entre o corpo de Maria Santíssima e de o Nosso Senhor Jesus Cristo, de um lado, e o universo material, de outro lado. Apresentamos esses corpos gloriosos como sendo os astros materiais mais esplendorosos do Céu Empíreo. Quanto a isto pensamos seriamente? O Céu Empíeo é tão grande que envolve em seu seio todos os milhares de mundos móveis (nn. 21 e seg.). Como são, portanto, os corpos de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima em proporção a uma tal extensão?[648]

---

[644] In 3 part. D. Thomae, Disput. 21, sect.. 3, n. 5.

[645] Sermão da Assunção: Acrescentemos com Suarez e Véga que Jesus Cristo e Maria veem tudo no Empíreo e tudo no Universo também por seus olhos corporais. Isto nos parece eminentemente crível. Suarez, tom. 2 in 3m p.; Santo Tomás. Disp. 47, sect.. 6, n. 11.; C. Vega, Teol. Mariana, n. 1875.

[646] Suarez, loc. c. Disput. 21, sect.. 3, n. 5.

[647] São João Damasceno, in Octocc. Grace.

[648] Os corpos de Jesus e de Maria são gloriosos. Mas gloriosos de uma glória e de uma força tais que em face deles o universo é pouca coisa. Ademais, sustentamos que Jesus e Maria veem, sem dificuldade, com seus olhos corporais, tudo o que é matéria e acidente material. Seus corpos são proporcionais às suas almas e suas almas veem no Verbo todo o finito. O universo foi criado principalmente para Jesus e Maria. Ele é proporcionado também a seus sentidos gloriosos, cuja força está na medida do universo. Em outros termos, no cume da beatitude e da perfeição,

311. – Ah! Elevemos os olhos de nossa Fé ao grande mistério de nossos altares. A Eucaristia da Igreja militante nos dará preciosas instruções sobre a Eucaristia Celeste.

Não é verdade que o Paraíso Celeste é a suprema perfeição de todas as coisas, o pleno e visibilíssimo desabrochar de todos os mistérios que nos ensina, presentemente, a Fé, a Igreja gloriosa e eterna? Ora, o corpo de Cristo não está realmente presente em todos os templos da Igreja Católica? Este mesmo Corpo, que está no Céu, encontra-se também nos tabernáculos e involucra num tecido de amor todo o globo terrestre. Suponhamos que este divino Corpo, ao invés de se esconder nas sombras do mistério para favorecer a nossa Fé e sua recepção, se mostrasse, de repente como no Tabor, nos esplendores naturais a seu estado glorioso. Suponhamos que Ele se mostrasse simultaneamente em todos os lugares onde se encontram Hóstias consagradas: nosso planeta não seria todo ele iluminado pelo sagrado Corpo do Homem-Deus? Cada habitante da terra O contemplaria em êxtase e diria com São Pedro: *É bom para nós ficarmos aqui*. Isto seria uma amostra do Paraíso! Onde estaria o obstáculo das distâncias?

312. – Admitamos que a Igreja Católica um dia conseguisse converter todos os homens e realizar completamente estas palavras de seu Fundador: *Eu tenho outras ovelhas que não são deste redil; e é necessário que Eu as chame, e elas ouvirão a minha voz, e não haverá senão um só rebanho e um só pastor*[649]. Os templos e os tabernáculos se multiplicariam largamente pela terra e o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, que supomos radiante de glória, seria ainda incomparavelmente mais visível em toda a extensão terrestre. Mas, a Jerusalém Celeste oferece evidência ao invés de mistérios. Nela o plano divino está completamente realizado. A Jerusalém Celeste é mais rica em tudo que a Igreja militante. Como é e como será, então, sua Eucaristia? Ó! quanto a este ponto esperamos experimentar as maiores e as mais inefáveis surpresas.

313. – Para se ter uma ideia aproximada do estado do Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo na Eucaristia e no Céu, elevemos nossos pensamentos acima das leis físicas comuns, que não são feitas para os corpos gloriosos.

Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima, não podem ver imperfeitamente como os reis da terra. Leiam-se, ademais, as considerações seguintes.

[649] Jo., 10, 16.

O corpo humano, aqui na terra, é um corpo animal, mas *ressuscitará enquanto corpo espiritual*[650]. E como nossa alma está toda inteira em cada parte viva de nosso corpo, como um anjo está todo inteiro em cada um dos pontos do espaço onde se encontra, como o corpo de Jesus Cristo adquire, sobrenaturalmente em relação ao espaço uma espécie de simplicidade que o subtrai às leis ordinárias da extensão e lhe permite realizar indefinidamente sua presença total em cada parte de um objeto ou em grande número de lugares diferentes. Este Corpo não se multiplica, portanto. No Céu e em cada um de nossos Tabernáculos, Ele é por toda parte o mesmo e sempre único. É o espaço que desaparece e cede por ser de uma ordem muitíssimo inferior. Os lugares como que se desvanescem em presença deste Corpo glorioso e hipostaticamente unido a uma Pessoa divina.

314. – O Corpo Eucarístico de Nosso Senhor Jesus Cristo, considerado em si mesmo, tem suas partes dispostas em ordem e sem nenhuma confusão, pois Ele é verdadeiramente corpo e corpo orgânico. Mas, se olharmos ao redor dele, não há nenhum espaço que O contenha, que seja capaz de O medir, que corresponda, parte por parte, às partes deste Corpo glorioso. Esse é o ensinamento formal de Santo Tomás, de Lessius, de Franzelin e dos melhores teólogos[651]. *Segundo a revelação*, diz o Cardeal Franzelin, *é certíssimo que o corpo orgânico de Cristo com todas as suas partes, este mesmo corpo que está no céu, existe realmente na Eucaristia*[652]. É sem dúvida da essência de todo o corpo exigir um espaço, mas não de tê-lo e estão nele aprisionado, quando a causa primeira, que pode eminentemente tudo o que podem as causas segundas, satisfaz ela própria, sem o espaço, as exigências dos corpos. Neste caso, longe de lhes faltar qualquer coisa, eles são melhor servidos e ficam mais nobremente satisfeitos. O Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo está, por assim dizer, na sua Alma bem-aventurada. E sua alma, no Verbo[653]. E sua alma, sem multiplicar o Corpo, O torna presente em qualquer extensão do universo[654]. Ele pode aumentar indefinidamente as relações de seu corpo com o que é criado, sem que este corpo deixe de ser único e o mesmo.

---

[650] 1ª. Cor. 15, 44.

[651] Ver Franzelin, De Sacram. Euchar. Thes. 11, 3.

[652] Ibid.

[653] Ver a passagem de Santo Tomás (n. 319).

[654] *In sanctis post resurrectionem omnino anima dominabitur supra corpus*, o que é mais verdadeiramente ainda na alma sumamente perfeita de Nosso Senhor Jesus Cristo. Suma Theol. Suplemento q. 82, a. 1, ad. 2m.

Concebo este efeito, de um lado, como um esplendor tão possante do Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, que este Corpo se torna presente, de uma só vez, num grande número de lugares e, de outro lado, como um ato perfeito de submissão de toda a natureza diante deste divino Corpo, o Rei dos corpos[655]. Imagino a multiplicação da presença deste corpo sagrado como uma multiplicação dos pontos de onde se pode ver Jesus (como se faz no Céu), ou ao recebê-Lo (o que se faz na Eucaristia). E a Consagração é um ato que, transubstanciando o pão e o vinho no Corpo e no Sangue de Jesus Cristo, torna toda a natureza dócil e produz a presença de Nosso Senhor Jesus Cristo nos altares.

315. – Ó mistério! Ó mistério de poder e de amor! Ó Paraíso começado e antecipado! Se olharmos claramente, estaremos no céu.

316. – *Pela multiplicação das relações de um corpo*, diz ainda Franzelin, *Deus pode se tornar presente a um número de seres sempre crescente indefinidamente... E, por causa disso, pode, absolutamente falando, tornar-Se em todas as coisas que existem realmente e naquelas que existirão, quando existirem*[656]*... Como a natureza exige a presença da alma em todas as partes do corpo que é deificado por ela, assim também na ordem sobrenatural da graça a Divina Misericórdia quis que o Corpo vivificante de Nosso Senhor Jesus Cristo, princípio de vida, estivesse presente em todo o seu Corpo Místico, que é a Igreja, não porém da mesma maneira que a alma está presente no corpo, mas segundo uma especial instituição*[657].

317. – Ó Jesus, agora tenho uma ideia da Eucaristia Celeste! Vós estais também presente em todo vosso Corpo Místico glorioso, bem mais perfeitamente do que estais em Vossa Igreja militante. A imensidade do Céu Empíreo a isto nada se opõe, pois as distâncias não são nada para Vosso Corpo. Ele não está "murado" no espaço. Os corpos gloriosos, e sobretudo Vosso Corpo, não têm necessidade de estarem contidos (num ambiente material), porque não recebem nada dos corpos celestes, mas de Deus, por meio de suas almas. *Também nada impede Vosso corpo, ó Cristo, de ir além dos limites dos corpos celestes e de ser independente de qualquer lugar.*[658] Estais presente, mesmo com o Corpo, em todo o Céu Empíreo que é Vossa Igreja perfeita. E,

---

[655] *Nullum corpus erit corporibus sanctorum, de quibus dicitur* (1ª. Cor. 15, 43): "*Seminatur in infirmitate, surget in virtute*". E o que dizer do corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo? Santo Tomás, ibid. a. 1, sed contra...

[656] Loco citato.

[657] Ibid.

[658] Santo Tomás, Sum. Teol. p. 3, q. 57, a. 4, ad. 2m.

como muitos de Vossos Santos têm sido honrados aqui na terra pela bilocação[659], vossa divina Mãe, que ultrapassa a todos em conjunto, sobretudo na glória, participa excelentemente de Vossa independência local, e estende também seu esplendor corporal, sua irradiação corporal, a todo o Céu Empíreo. Ó Jesus, ó Maria, abrasai nossos corações de amor por Vós.

Capítulo XII – Tudo foi predestinado à existência em Nosso Senhor Jesus Cristo, em Maria Santíssima e nos Eleitos. A natureza móvel fala uma linguagem conforme à sua destinação e procura o Céu Empíreo, que a vivifica através de suas influências.

Si consurrexistis cum Christo, quae sursum sunt quaerite, ubi Christus est in dextera Dei sedens; quae sursum sunt sapite, non quae super terram. Mortui enim estis, et vita est abscondita cum Christo in Deo. Cum Christus apparuerit, vita vestra, tunc et vos apparebitis cum ipso in gloria (Coloss. 3, 1-4).

"Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas do alto, onde Cristo está assentado à dextra de Deus; afeiçoai-vos às coisas do alto e não às que estão sobre a terra. Porque (pelo batismo) estais mortos (para as coisas da terra), e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a vossa vida, aparecer, então também vós aparecereis com Ele na glória".

Primeiro Ponto: O Espírito Santo, por suas vivas exortações, e todos os seres da natureza, por sua presente condição, incentivam-nos a reconhecer as coisas do alto.

318. – Se tudo foi predestinado em Jesus e em Maria, como temos visto, se todas as coisas foram orientadas e elevadas ao mundo sobrenatural, presidido por Jesus e Maria, se toda a natureza foi criada, medida, modelada, organizada para servir o sobrenatural, a parte mais nobre do Império de Jesus e de Maria, é claro que todas as criaturas têm uma linguagem conforme à sua destinação, com a qual nos pregam, se soubermos compreendê-las, o amor ao Paraíso, o horror ao inferno e, de certa maneira, até mesmo o lugar que ocupam no universo estas duas moradas tão diferentes.

---

[659] A este respeito ver Franzelin, loco citato.

Esta é uma daquelas questões sobre as quais nos vêm ensinamentos de toda a parte. A natureza "estende a mão" às aspirações do homem, à Revelação, ao ensinamento da Igreja, à Fé e à prática dos fiéis. Todos seres da natureza proclamam em uníssono que o bem se encontra nas alturas e que é preciso caminhar para elas. E que a descida é o caminho do mal e o abismo[660].

319. – O homem, por causa de sua liberdade, sendo o mais inclinado dos seres a errar a direção que o conduz ao fim supremo, arriscando-se a cair mais fundo que os outros, beneficia-se entretanto do privilégio inapreciável do ensinamento divino que lhe diz sem cessar: "Corações ao alto", *sursum corda*, e lhe dá a conhecer, um a um, todos os meios de se elevar.

Em outras palavras, seu Redentor lhe infunde uma vida sobrenatural que o faz vencedor das atrações baixas, atraindo seus pensamentos e suas afeições ao alto, em direção ao Céu.

Quando o homem *ressuscitar com Cristo*, sairá do túmulo onde as atrações inferiores o haviam lançado e abaixado. E *procurará as coisas do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus*. Instruído, fortificado, remido, pelas poderosas atrações celestes, *terá gosto das coisas do alto e não das coisas da terra*. Pode-se dizer que estará morto para as tendências que o degradam, porque, sendo homem sobretudo pela inteligência e pela vontade, só deseja os bens celestes e os meios para os alcançar. Assim *sua vida*, como seus pensamentos e seus desejos, *estão guardados, com Cristo, em Deus*. Mas, quando Nosso Senhor Jesus Cristo aparecer um dia em sua glória, *o homem que vive de Cristo*, recebendo dele suas luzes, suas forças e suas tendências, *aparecerá também com Cristo nos esplendores de seu triunfo*.

320. – As atrações sobrenaturais, por mais eminentemente reais e possantes, são invisíveis aos olhos fracos e distraídos do mundo e dos mundanos: *O homem animal não percebe aquelas coisas que são do Espírito de Deus; porque para ele são estultícia e não as pode entender; porque elas ponderam-se espiritualmente. Mas o (homem) espiritual julga bem todas as coisas; e ele não é julgado por ninguém.*[661] Por isto *a vida* cristã *está escondida com Cristo em Deus*. Ela é desde já um paraíso na terra, um paraíso incoado, de tal modo que é compatível com a prova. Portanto, a vida celeste não precisa nascer quando o

[660] Trataremos dessas questões mais adiante, no capítulo seguinte. Aqui desenvolvemos tão somente os pensamentos indicados no título.

[661] 1ª. Cor. 2, 14.

justo parte deste mundo, mas somente completar-se para *aparecer, com Cristo, na sua glória*. Agora somos filhos de Deus; mas não se pode ver ainda *o que seremos*[662].

321. – Vemos por aí que o fiel católico tem seu lugar entre os mundanos, *que não percebem* o sobrenatural, e os felizes habitantes do Céu, que o compreendem perfeitamente: *Nós agora vemos por um espelho, em enigma; mas então o veremos face a face. Agora conheço-o em parte; mas então hei de conhece-lo como eu mesmo sou dele conhecido*[663]. No início, *o próprio Espírito Santo testemunha a nosso espírito que somos filhos de Deus, e que recebemos o espírito de adoção de filhos,* mercê do qual clamamos*: Abba, Pai*[664]*. Nosso Pai que estais nos céus.* Além do mais, sabemos *que, se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros de Jesus Cristo*[665], e, por conseguinte, destinados *a sermos glorificados com Ele* e a reinar com Ele sobre todo universo, renovado e transformado, porque *tudo existe para nós; nós para Cristo, e Cristo para Deus* (nn. 289, 301).

322. – É por este motivo que nossa tendência para a Jerusalém Celeste deve ser compartilhada por todas as criaturas, especialmente porque os seres irracionais não podem pecar e seguem cegamente o impulso impresso pelo Criador. Com efeito *a criação aguarda, com viva atenção*, *a manifestação* plena e inteira *dos filhos de Deus*. *Pois está submetida à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou na esperança de que ela mesma*, a criatura*, seja também libertada da escravidão da corrupção, para passar à liberdade da glória dos Filhos de Deus*[666].

323. – Ó criaturas irracionais, que povoam os Céus e a terra, qual é o *vosso desejo de viver? Quais são? E vosso amor pela independência e pela liberdade, vossa esperança por essa glória dos Filhos de Deus* de que vós quereis participar? Certamente, agora mesmo, tais como nós vos vemos, vós sois atormentadas por esses sentimentos e esses desejos. Ou melhor, vós vos comportais como se deles estivésseis penetradas. É o Apóstolo, divinamente inspirado, que no-lo diz. Quem poderia duvidar da verdade de suas afirmações? Ele não per-

---

662 1ª. Jo. 3, 2.
663 1ª. Cor. 13, 12.
664 Rom. 8, 15, 16.
665 Ibid. 8,17.
666 Ibid. 8, 19, 21.

gunta, mas diz com segurança: Porque *sabemos que todas as criaturas gemem e estão como que em trabalho de parto até agora*[667].

Ademais, São Paulo acrescenta que as criaturas gemem pelos mesmos motivos que nos fazem gemer a nós mesmos: *E não só elas,* diz ele, *mas também nós mesmos que temos as primícias do Espírito; sim, também nós gememos dentro de nós mesmos, esperrando a adoção de filhos de Deus, a Redenção do nosso corpo* pela ressurreição[668]. Ó criaturas irracionais, é claro que buscais a felicidade do Céu Empíreo, como nós. Pois tudo está dirigido para o Céu Empíreo, tudo o deseja, tudo trabalha para lá chegar, *não somente a natureza material*, *mas também nós mesmos*, como se nisso ela nos servisse de exemplo como se sua tendência para o Paraíso fosse mais conhecida que a nossa. De fato, se os seres irracionais, que são desprovidos de conhecimento e de amor, se movem em torno do Céu Empíreo menos nobremente que nós, entretanto eles o fazem com uma segurança e com uma constância que devemos imitar[669].

324. – Mas como a natureza nos mostra seus vivos e perpétuos desejos do Paraíso? Por pouco que observarmos atentamente, veremos que a natureza passa por mudanças e trabalhos contínuos. Como que prisioneira, por assim dizer, nos quadros de uma harmonia universal, estabelecida pelo Todo-Poderoso, ela desenvolve sem cessar lutas internas. As formas, em número inimaginável, que parece dar uma espécie de vida aos elementos e aos seres que compõem a natureza, disputam a matéria encarniçadamente e sem interrupção. Os mais fortes sobrepujam os mais fracos e estes, vencidos por algum tempo mas não destruídos, se contentam com uma gota obscura nas entranhas da matéria, fingem de mortos e se adormecem. Mas o reino das formas vitoriosas não dura sempre. Dir-se-ia que elas se desgastam e a matéria termina por seu futuro indócil. É uma revolução. As formas adormecidas, excitadas por agentes de fora, como a luz, o calor ou outros, ou simplesmente pela derrocada de seus adversários, acordam e retomam a ofensiva. Elas obrigam seus antigos conquistadores a desempenhar a seu redor um papel apagado e a retornarem ao poder da matéria. Mas

---

[667] Os Eleitos gloriosos não desfrutam, até o momento, de uma felicidade acidental completa. Eles têm a solicitude por nossa salvação, como diz São Cipriano (Ofício de Todos os Santos) e sua glória deve se completar no Juízo Final. Eles devem *gerar* ainda alguma coisa.

[668] Rom. 8, 22-23.

[669] *Quanto mais uma coisa exige preparação e é perfeita, tanto mais o desejo da matéria tende com mais força para essa coisa*, diz Santo Tomás. Ora, entre as coisas materiais, o Paraíso é a mais perfeita. Tudo se encaminha, então, para o Paraíso, *mediata ou imediatamente*. *De onde é forçoso concluir*, acrescenta o Santo Doutor, *que o apetite pelo qual a matéria deseja a forma tende à perfeição mais distante e mais alta de que a matéria seja capaz*. Contr. Gent. l. 3, c. 22.

para elas chegará também o momento de reinar de novo. E este trabalho *de gerar* durará até o fim dos séculos[670].

325. – Deste trabalho imenso toda a natureza toma parte. Os átomos e as moléculas fazem, em pequeno, o que os globos celestes fazem em grande. É, em todos, a procura do bem e do melhor. Ninguém se contenta plenamente com aquilo que tem. A natureza inteira diz com o Sábio: *Vaidade de vaidades; tudo é vaidade*[671], uma vez que tudo perde aquilo que conquistou e que nada se pode conquistar de maneira durável e definitiva, e que contente plenamente aos desejos[672]. Ó! Como o Apóstolo foi divinamente inspirado quando escreveu: *A criatura está submetida, malgrado ela, à vaidade*, sem dúvida por Deus, que a fez participar da prova de seus filhos e de suas esperanças, porque *ela própria será também libertada da servidão à corrupção, para passar à liberdade da glória dos filhos de Deus*.

Esta morte perpétua de um grande número de formas inferiores, substituídas por outras semelhantes ou diferentes, esta falta de equilíbrio perfeito que a nada permite repousar, este balançar contínuo da matéria que é naturalmente inerte, estas variações indefinidas e formas acidentais, esta guerra atroz que fazem os animais nos ares, nas águas, na terra e em suas entranhas, tudo prova que não há na natureza bens puros, mesmo naturais, apesar dos bens puros serem procurados por toda parte: *Malgrado ela própria, a criatura está sujeita à vaidade*.

326. – Mas, se é *malgrado ela* que a natureza está posta nestas condições, seria preciso confessar que ela tem um sentimento comum a todos os seres, pelo qual eles apetecem um bem perfeito. Porque, se todos os seres têm repugnância à luta e à corrupção, todos aspiram, portanto, a uma certa imutabilidade e a uma possível possessão do bem. Ah! Isso é verdade. Mas estas tendências, jamais encontrando na natureza seus objetivos adequados, olham evidentemente para mais alto e procuram o sobrenatural[673]. Ademais é preciso dizer que a natu-

---

[670] A mutabilidade dos seres da natureza tem por fim imediato ajudar a geração de um maior número de indivíduos e sobretudo o homem, conforme Santo Tomás (ibid.). Mas o fim último de todo este trabalho é o Paraíso, ou a glorificação final da criação.

[671] Eclesiastes 1,2.

[672] A própria matéria é insaciável de bens até que obtenha o máximo do melhor bem: A matéria primeira tem necessidade de uma forma de corpos compostos...; em seguida, aquela dos vegetais; depois, a dos animais e, depois, a do homem (Contra Gentiles ibid.) Mas isto ainda é vaidade, tanto para a matéria quanto para o homem, porque ela deseja ainda melhor. Toda coisa que é mudada à procura do bem *tende a uma similitude divina*, de maneira a tornar-se perfeita nEle. (Ibid.) Servindo o homem no corpo humano a matéria tende à ressurreição. E qualquer matéria tende a ser glorificada depois do corpo humano.

[673] A criatura visível está ordenada, por Deus, a um fim que está além de sua forma natural. Porque, assim como o corpo humano será revestido de uma certa forma sobrenatural de glória, assim toda criatura visível obterá nesta glória dos Filhos de Deus uma certa renovação de glória,

reza, criada por um Ser infinitamente sábio e bom, encontrará sempre a vida no fim de suas procuras. Enretanto seria errado concluir que a natureza, pelo fato de sempre ter necessidades maiores que seus recursos, seria uma obra mal feita. Ó Deus, como uma tal conclusão seria horrível e absurda! Não, não. Não é assim! A natureza tem como seu fim o sobrenatural (nn. 286-290). E é impossível explicar de maneira suficiente, se não se admitir, como princípio, que ela aspira passar *à liberdade da glória dos filhos de Deus*. Mediata ou imediatamente a natureza procura, portanto, o Paraíso Celeste.

Sob o governo de um Deus infinitamente bom e sábio, a morte, a guerra, a instabilidade, a fome insaciável, a satisfação que faz infelizes, a vida dependente dos outros, não podem constituir um estado definitivo das coisas. Cada ser da natureza está assentado num feliz banquete, que é invariavelmente seguido, como aquele de Baltazar[674], de humilhações as mais profundas ou de dores da agonia. E esta terrível sorte deve chegar aos extremos de uma violência inevitável! Ó liberdade, que grande bem não serieis vós para todos os seres! Ó Deus, que *amais tudo o que existe, e não odiais nada do que fizestes*[675], não permitais que o cenário da existência sempre termine por oferecer uma horrível tragédia e que o descontentamento e o desespero sejam os últimos atos dos seres que haveis tirado do nada[676]. É o amor que deve terminar tudo, porque foi ele que começou tudo.

327. – Este é o porquê da razão concordar com a Fé para nos dizer que todos os seres participam das sublimes esperanças do homem viandante: *Subjecit eam (creaturam) in spe*. Tudo espera *a liberdade*, tudo espera *a glória*, tudo espera *a incorruptibilidade*, tudo espera *o repouso* após o trabalho penoso. Ó homem, abra os olhos; contempla os espetáculos da natureza; escuta as vozes que se fazem entender e que te dizem: Estamos na prova como tu; nosso destino temporal é te instruir e de te servir, a fim de que alcances *a glória dos filhos de Deus*; e, logo que teu corpo for ressuscitado dará o sinal de uma espécie de ressurreição de toda matéria. Então teremos atingido, nós tam-

---

como lemos no Apocalipse (21, 1): "*E vi um novo céu e uma nova terra*". Santo Tomás, Comentário à Epístola aos Romanos, c. 8, 21.

[674] Daniel, 5.

[675] Sabedoria, 11, 25.

[676] *A criatura visível está sujeita à vaidade, quer dizer, à corruptibilidade, malgrado ela, porque esta mudança é contrária à sua natureza particular que deseja sua conservação* (Santo Tomás, loc. cit.). Mas todos os seres da natureza têm este desejo. De onde nenhum ser por natureza não está satisfeito, pois todos acabam numa mudança violenta. *Mas a criatura visível está submetida a esta terrível vaidade... Na esperança, quer dizer, de atingir sua gloriosa renovação* (Santo Tomás, ibid.)

bém, nosso fim último, porque seremos glorificados para servir dignamente os gloriosos filhos de Deus, como somos presentemente provados de mil maneiras para servir os filhos de Deus que estão postos à prova. Sendo criados para vos servir, ó homens, não podemos ter um destino preferível ao vosso, mas como vós *sereis Deuses*[677], nós, vossos servidores, seremos enobrecidos por causa de vós, e participaremos da vossa liberdade e da vossa glória.

328. – A terra e os Céus que contemplamos são, pois, obras que Deus ainda não terminou[678]. São seres viandantes como nós. Visando seu último aperfeiçoamento, elas praticam, a seu modo, as recomendações de São Paulo: *Procurai as coisas do alto, onde Nosso Senhor Jesus Cristo está assentado à direita de Deus*. Apreciai *as coisas do alto e não aquelas de baixo... Quando Cristo, que é vossa vida, aparecer, então vós também aparecereis com Ele na glória*.

329. – *Procurai as coisas do Alto, onde Cristo está assentado*... Acima do conjunto dos seres que vemos há coisas perfeitas que atraem tudo o que é perfectível e as quais toda a natureza visível deseja alcançar. Isto que a natureza nos diz e nossos corações o sentem, o Espírito Santo no-lo assegura. *Ao alto os corações*!

Segundo Ponto: A natureza toda nos prega sobre o Céu Empíreo por seus dois grandes movimentos (centrífugo e centrípeto) – Doutrina de Santo Tomás, de Santo Agostinho e de Suarez – O Céu Empíreo é a parte mais nobre do Reino material de Maria Santíssima.

330. – Se colocarmos uma pedra numa funda e girá-la no ar, a pedra obedece a duas forças opostas que a disputam. Uma força mantém a pedra a uma distância determinada e a outra lhe dá uma forte tendência a se mover e distanciar. Eis uma imagem simples das duas grandes forças físicas que governam todos os corpos da natureza. Os átomos, as moléculas, as montanhas, os astros, estão igualmente submissos a essas leis, que se chamam força centrífuga e força centrípeta. Ora, assim como não se gira uma funda e não se retém a pedra durante alguns instantes senão para lança-lá com mais força e mais longe, igualmente o Criador mantém o mundo físico na prova para o lançar posteriormente ao Céu Empíreo. Não se deve crer que os movimentos

---

[677] Jo. 10, 34.

[678] Cada ser da natureza é como um edifício que tem de todos os lados Pedras à espera de serem utilizadas. O Supremo construtor não deixará de completar sua obra. A terra e os seus móveis são, como o homem, no trabalho de parto, sobre as influências superiores do sobrenatural e do Céu Empíreo.

giratórios das ondas cósmicas tenham uma duração desmesurada e não proporcionada, porque o estado de perfeição, onde terminam todos os seres não teria ponto final. E os milhões de anos empregados a circular, como que procurando um lugar definitivo, são igualmente semelhantes a alguns instantes em comparação da eternidade que deve segui-los.

331. – Isto não é, portanto, somente por suas perpétuas mudanças intrínsecas, pelas lutas de suas formas, por seus fracassos, pela procura perseverante de um melhor presentemente inapreensível[679], que a natureza nos fala do Paraíso, mas ela o faz ainda por dois grandes movimentos, que não podem ser mais visíveis, que são como a chave da química, da física e da astronomia. E que mantêm todos os corpos, pequenos e grandes, no geral e harmonioso equilíbrio. Por que o Criador do Céus e da terra imprimiu estes dois movimentos em todo o universo inferior? Interrogada, a ciência humana nos diz que a atração e a gravitação são propriedades que parecem ter sido dadas a todas as partes da natureza, em virtude das quais toda matéria tende para a matéria. Mas que filosofia pobre e pouco satisfatória!

Entretanto uma ciência mais esclarecida, pelo fato de ter menos medo do sobrenatural, conserva e explica melhor as duas forças diretivas da natureza: *Constatamos que todos os astrônomos* (menos o sonhador Kant), *de Newton a M. Faye, sem excetuar Laplace, acreditaram que é necessário supor,* na origem *da matéria, os dois movimentos de atração e de rotação*[680]. Mas essas noções são ainda insuficientes, pois elas não nos revelam nada do plano divino nem de seu modo de execução, porque consideram a natureza sem levar em conta o fim principal para o qual ela foi criada, fim que é a fonte para nós das mais preciosas luzes!

Ó Deus de bondade, permiti, se for de Vosso desejo, a tão pobre teólogo, que não possui outro mérito senão o de preferir por Vossa graça a Ciência Sagrada a todas as outras ciências, entender com alguma clareza essas questões capitais. Ó Maria, Sede da Sabedoria, dirigi meus pensamentos e a minha pena.

332. – O Anjo da Escola, *que escreveu muito sobre Deus*, deve também ter escrito muito sobre as obras de Deus. Ora, falando da no-

---

[679] Há uma necessidade de evolução e de progresso que está no fundo de toda coisa e que Santo Tomás e Aristóteles... afirmaram... como a lei fundamental da natureza. Farges, *Matéria e Forma, natureza da matéria*, 7º. Mas um progresso, qualquer que seja, visa a uma perfeição análoga. É um estado de insaciabilidade e de procura do perfeito.

[680] Farges, *A ideia de Deus*, p. 82.

ção da glória celeste, ele nos diz: *É conveniente que a glória material começasse desde a origem do mundo em algum corpo, que sempre estivesse isento da servidão da corrupção e da mutabilidade, e que fosse totalmente puro e luminoso,* como toda criatura material espera ser após a Ressurreição*. É por isso que este céu, quer dizer este corpo glorioso, se chama Empíreo... Por causa de seu esplendor*[681].

No conjunto dos seres criados há, portanto presentemente um céu glorioso e imóvel. É o mais vasto dos céus, o céu que abarca todos os céus, como vimos anteriormente (nn. 20-24). *Este céu é um verdadeiro corpo que ocupa a extrema circunferência de todo o universo*[682]. *É o mais elevado dos céus*: *quod est máxime sursum*. É o lugar de todas as coisas divinas: *quod est locus omnium divinorum*... *Todos os homens atribuem a Deus esse lugar que está no alto*[683]... *Chama-se em seguida céu, não somente a esfera suprema (o Empíreo), mas tudo o que é material, contido sem solução de continuidade na extrema circunferência de todo universo. Quer dizer, todas as esferas de corpos celestes... circularmente móveis*[684].

333. – *Chama-se de céu, primeira e principalmente, a suprema esfera; em seguida as outras esferas celestes... que são móveis; em terceiro lugar, todos os corpos desde que estejam contidos pela ou na esfera suprema*[685]... O céu supremo é o mais vasto e o mais perfeito: *Ele é a razão deste que é totalmente perfeito* em seu gênero, *que não tem nada* do mesmo gênero, *que esteja fora dele*. *E este mundo de perfeição convém ao primeiro e supremo corpo que contém todos os corpos.* O Empíreo não seria o céu perfeito se não abarcasse todos os outros céus[686].

Segundo Aristóteles, comentado por Santo Tomás na obra *De caelo et mundo*, o supremo céu é móvel como os céus inferiores e se move mais rapidamente que estes últimos: *motus simplex, regularis et velocissimus*[687]. Mas Santo Tomás, em suas outras obras, nos diz que o céu mais alto, o Empíreo, é imóvel, tendo atingido toda a sua perfeição. E atribui ao segundo céu, o céu cristalino (o éter), o movimento rapidíssimo e uniforme que Aristóteles atribuiu ao céu superior.

---

[681] 1. p. q. 66, a. 3.

[682] Santo Tomás, *De caelo et mundo*, l. 2, lect. 20, n. 2.

[683] Ibid.

[684] Ibid. l, 1, lect. 8, n. 16; et lect. 20, n. 2.

[685] Ibid.

[686] Ibid. 1, 1, lect. 4, n. 10.

[687] Santo Tomás, *De caelo et mundo*. l, 2, lect. 15, n. 2. Nós vamos ainda mais longe que Aristóteles e Santo Tomás, provando que o Empíreo foi, no início, móvel e que ele não se tornou relativamente imóvel senão com sua glorificação. Ver os números 422, 425.

334. – Malgrado sua imobilidade, o Empíreo exerce entretanto uma grande influência sobre os céus inferiores e sobre todos os corpos móveis, segundo Santo Tomás. *Os corpos que no universo contêm outros corpos são por sua vez contidos por outros corpos, como a forma em relação à matéria e o ato em relação à potência*[688]. Eles exercem uma ação formativa e imprimem o movimento... *É manifesto que o que contém é mais digno de honra do que o contido e o que coloca limites, mais louvável do que aquele que é demarcado. Porque ser contido e ser limitado é próprio da matéria. Mas conter e limitar é o próprio da forma, que é a substância de toda a consistência das coisas... A suprema esfera é soberanamente formativa e nobilíssima*[689].

A suprema esfera, por sua perfeição, se aproxima do que há de melhor (quer dizer das substâncias espirituais), porquanto é a causa universal das coisas materiais, ademais de ser a causa de sua manutenção[690].

Os planetas, assim como os céus inferiores, são comparáveis a instrumentos de que se serve a esfera suprema, que é como o fator principal que age sobre os corpos[691]. Eis uma preciosa indicação da fonte dos movimentos gerais que observamos na natureza.

335. – *Os corpos visíveis*, continua o santo Doutor, *são móveis conforme o estado do mundo*, quer dizer, segundo o estado de preparação e de geração onde se encontra o mundo, que procura sua perfeição última: *Porque, para o movimento, a criatura material procura a multiplicação dos elementos. Mas na consumação última da glória, o movimento dos corpos cessará; e tal foi, desde o começo, a disposição do Empíreo... Parece mais provável dizer que, como os anjos mais elevados exercem influência sobre seus subalternos imediatos e sobre os últimos..., igualmente o Empíreo influencia os corpos móveis, uma vez que eles não se movem a si mesmos. E, por causa disso, pode-se dizer que comunica ao primeiro céu móvel* (ao céu cristalino, que designaríamos de éter), *não qualquer coisa de transitório e por via de movimento, mas qualquer coisa de fixo e estável, por exemplo, a virtude de conter e de causar, ou qualquer coisa semelhante que seja nobre*[692], e que se procura olhar como princípio do que é inferior.

---

[688] Ibid. l. 1, lect. 4, n. 18 in fine.

[689] Ibid. 1, 2, lect. 20, n. 7.

[690] Ibid. lect. 18, n. 6.

[691] Ibid. lect. 19, n. 4. In corporibus superior sunt quasi actus (formateurs, moteurs) respectu inferiorum… Omnis potentia confortatur et perficitur ex conjunctione ad actum suum; unde et corpora inferior conservantur in superioribus, quae sunt locus eorum. q. 9, *De veritate*, a.1.

[692] 1. p. 2. 66, a. 3 ad 1m e ad 2m.

336. – *Outrora pareceu-me*, diz ainda o grande Doutor, *que o Céu Empíreo não tem influência sobre os outros corpos, porque ele não foi instituído para produzir efeitos naturais, mas para ser o lugar dos bem-aventurados. Mas, tendo considerado esta questão com mais cuidado*, é preciso dizer, parece-*me que o Céu Empíreo influi sobre os corpos inferiores, porque todo o universo constitui um só sistema de coisas ordenadas... E esta unidade de ordem consiste, segundo Santo Agostinho..., em que as coisas materiais sejam governadas com uma certa harmonia pelos seres espirituais. E esses corpos inferiores* ***são realmente regidos*** *pelos corpos superiores. Se o Céu Empíreo não influenciasse os corpos inferiores, estes não pertenceriam, pois, à unidade do universo, o que não é conveniente. Quanto a seu efeito próprio, parece que ele consiste na perpetuidade e na conservação* (perpetuitas et permansio) *que ele procura dos corpos inferiores*...

O primeiro Céu, quer dizer, o Céu Empíreo, influencia particularmente por seu repouso.

O segundo Céu..., por seu movimento uniforme.

E o terceiro Céu, o céu sideral, por seu movimento variado.

O Céu Empíreo tem de próprio que ele influencia sem se mover, sendo ele o Céu supremo, e tocado de alguma forma pela ordem das substâncias espirituais, como afirma São Dionísio... Quando diz que a divina sabedoria junta o que há de mais perfeito nas ordens inferiores ao que há de menos perfeito nas ordens superiores[693]*... A luz material é a forma do primeiro corpo que age, quer dizer, do Céu Empíreo. Quanto a esta luz do Céu Empíreo pode-se dizer que não é condensada, como no sol, e não se irradia à maneira deste astro. É uma luz mais subtil, ou melhor, é a claridade da Glória, que não é da mesma natureza que a claridade natural*.[694]

Continere est formae, contineri vero materiae: É próprio da forma conter a matéria e é próprio da matéria está contida pela forma. *Libr. I Distinet. 37, q. 2. n. 1, ad 1m*. Portanto, o Céu Empíreo, que involucra todos os céus móveis, os anima também de alguma maneira e os aperfeiçoa, como a forma aperfeiçoa a matéria. – O Céu Empíreo é uma das coisas que foram criadas obrigatoriamente no começo. Ele é o lugar que contém todas as coisas e que foi criado, por inteiro, ao mesmo tempo, como o princípio material da formação dos céus inferiores que saíram do caos. *l. p. q. 66, a. 4, ad 5m*. O Céu Empíreo ajudará, portanto, por suas influências formativas, por suas atrações, seja para desfazer o caos, seja para dirigir e manter os mundos móveis, seja para lhes fornecer forças e atividades de que tenham necessidade. – Segundo Aristóteles e Santo Tomás, o Céu Empíreo desempenha no universo material a função que desempenha o coração no corpo animal, sendo que o Céu Empíreo não tem necessidade de proteção, por estar fora. *Libr. 2 Dist. 14, q. 1, n. 1, ad 2m.*

[693] Quodlibet VI, no fim.

[694] p. 1, q. 66, a. 3, ad. 4^{m}.

337. – Que sublimes pensamentos, que perspectivas profundas, e que larguezas de vista nesta doutrina do Anjo da Escola! Depois destes ensinamentos, o que são as hipóteses naturalistas dos modernos? Santo Tomás faz tudo marchar de frente, o mundo sobrenatural e o mundo natural, as coisas invisíveis e as coisas visíveis, as origens das coisas, suas condições presentes, seus fins temporais, seus fins últimos, as razões de ser dos movimentos da natureza e as primeiras fontes destes movimentos. Colocado nos píncaros da Teologia, este grande homem contempla o plano Divino em todo o seu conjunto e no-lo descreve com uma simplicidade deliciosa. Eis a filosofia!

Enquanto participante da como que infância da astronomia *experimental*, como dissemos anteriormente (nn. 39, 40), é necessário reconhecer a incomparável riqueza dos princípios expostos pelo Príncipe dos teólogos, princípios que geram a verdadeira ciência da natureza, porque ela sabe bem que conhece por suas causas. Mas, aprisionar-se no universo móvel para explicar inteligentemente o universo móvel, é brincadeira de criança num círculo vicioso. *Procurai as coisas do alto*, se quiserdes conhecer as grandes molas que movem os seres visíveis. Se não, contentai-vos em falar apenas sobre tal movimento e tal outro. Demonstrai erudição e não vos apresenteis, pois, como ciência.

338 – Santo Tomás está longe de estar isolado nesta maneira de conceber a constituição e a organização do universo. Seu mestre principal, santo Agostinho, teve antes dele a mesma linguagem. Eis como o Bispo de Hipona apresenta numa sublime síntese, a origem dos movimentos impulsionados dos seres criados.

Deus se serve de todas as criaturas segundo sua vontade... Lembremo-nos desta Pátria superior e Celeste, onde está o ponto de partida de nossas peregrinações (unde pregrinamur). *Porque ela quer a vontade de Deus, que dá a seus anjos a rapidez dos ventos e a seus ministros o ardor das chamas* (Salmos 103, 4), que *preside aos espíritos, associados na paz e na amizade mais íntima, e fundidos em uma só vontade por uma espécie de fogo espiritual da caridade. Estes espíritos lhe servem, por assim dizer, de trono, trono elevado, santo e secreto. Eles são como sua mansão e seu templo* (n. 211). E d*e lá, a Divina vontade, por movimentos harmoniosíssimos impressos nas criaturas, de início às espirituais, em seguida às materiais, se expande a todo o conjunto dos seres e se serve de todas as coisas segundo seus desígnios livres e imutáveis, tanto das imateriais, quanto das materiais, das almas racionais, das almas irracionais, dos bons, que são tais por sua graça, e dos maus, que são tais por sua própria vontade.*

Mas, igualmente, os corpos mais grosseiros e colocados mais abaixo na escala dos seres, são regidos por uma certa ordem pelos corpos mais sutis e mais possantes.

Da mesma forma todos os corpos são governados por um espírito de vida. E o espírito de vida irracional, por um espírito de vida racional. O espírito de vida racional, desertor do bem e pecador, pelo espírito de vida racional, piedoso e justo. E este pelo próprio Deus. Assim todas as criaturas são governadas pelo Criador, de quem, por quem e em quem recebem também a existência e a formação (Coloss. 1, 16).

Isto é assim porque a vontade de Deus é a primeira e suprema causa das diferentes espécies de corpos e de suas atividades motoras (motionum). *Porque nada se faz de invisível e de sensível sem que a ordem ou a permissão não parta da corte interior, invisível e inteligível do Imperador supremo, que, nesta espécie de magnífica e imensa república de todos os seres criados, disposto tudo sobre o ponto de vista de uma justiça inefável, relativa às recompensas e aos castigos, às graças e às atribuições*[695].

339. – Que soberbo coroamento da doutrina de Aristóteles e de Santo Tomás! O grande gênio africano acentua particularmente nas suas considerações o sobrenatural: Deus, os espíritos, os fins temporais e os fins últimos das coisas, a glória celeste e as penas eternas. Com efeito, toda a natureza nasceu, se organizou, move-se e busca seu bem definitivo no sobrenatural.

Predestinada à existência em Jesus Cristo e em Maria Santíssima (nn. 290, 301, etc.), a natureza não sofreu na provação e no trabalho de nascimento como os Eleitos[696]. Sua condição segue e seguirá a das criaturas racionais. Presentemente a natureza é em parte gloriosa, com Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima, com os anjos fiéis e os outros eleitos.

---

[695] *De Trinitate*, l. 3, cap. 4.

[696] Santo Tomás lembra, como passagem de grande autoridade, a seguinte glosa de Santo Ambrósio: "*Todos os elementos desempenham com esforço seus ministérios. Assim o Sol e a Lua não percorrem sem esforço os espaços que a eles estão designados. Eles fazem isso por causa de nós. Como também só repousarão quando formos elevados à glória*". Esse trabalho da natureza, acrescenta Santo Tomás, *não é uma fadiga proveniente do movimento..., mas a frustração do fim para o qual tende toda a natureza. Com efeito, seu movimento está ordenado, pela Divina Providência, a completar o número dos Eleitos, e, enquanto este número não estiver completo, a natureza não atingirá seu fim. É porque se diz que a natureza trabalha, que ela sofre, como um homem que não tem ainda o que deseja. Esse defeito será removido tão logo o número dos Eleitos esteja completado. Esse trabalho da natureza pode também se reportar a seu desejo de renovação futura, quando ela atender à divina disposição*. Supl. q. 91, a. 2, ad 6m.

Em parte ela está na prova, movendo-se com a Igreja militante e com as outras criaturas racionais no estado de prova.

Em parte, bela e perfeita, de uma perfeição toda natural, nos limbos.

Em parte, desordenada como num terrível caos, expressão física do estado mais horrível ainda das criaturas racionais que o habitam e que falharam, pelo pecado não arrependido, quanto a seu último fim.

Em parte, mas transitoriamente, como a parte sujeita à prova, colocada nas últimas expiações das almas amadas de Deus, mas não totalmente puras ainda para vê-lo em sua glória. Todo mundo material *está ordenado pela inefável justiça divina*, *com vista às recompensas e aos castigos, às graças e às retribuições*.

340. – Quanto ao que se refere notadamente ao Céu Empíreo e suas influências, temos ainda uma grande autoridade, Suarez. Após o que disporemos de todos os dados para julgar, o mais plausivelmente possível na terceira meditação, as atrações e os movimentos materiais, como também a tendência de todos os corpos móveis para o Céu glorioso.

Todo o corpo natural tem uma certa força ativa que parece resultar da perfeição de sua forma. Mas essa virtude, nas coisas que não têm vida, não visa agir nelas mesmas, mas sobre as outras coisas. Ora, o Céu Empíreo é uma substância que deve sua estabilidade a uma certa forma perfeitíssima nesta ordem de coisas sobrenaturalmente transformadas. *De onde não faltar nelas nenhuma virtude para agir. Mas não assaz perfeitas para atender ao grau de perfeição de uma alma*, porque o espírito, como tal, é superior a toda matéria, pois *sua virtude não se exerce somente em si mesmo*. O que é possível apenas aos espíritos que podem produzir uma ação e recebê-la toda em si mesmos... *De onde a ação do Céu Empíreo sobre ele próprio. E de onde ele poder influir sobre outras coisas. Donde ele influir de fato... Com efeito, sua virtude age, por si mesma, natural e necessariamente, não sendo livre, evidentemente, de suspender sua influência.*

Nem é provável que o Céu que o avizinha mais de perto (o céu cristalino) *seja incapaz de receber sua influência, o que anularia perpetuamente a ação do Céu Empíreo por falta de um ente capaz de recebê-la. Isso não estaria de acordo com a excelente disposição dos corpos do universo, nem com a providência sapientíssima de Deus. Essa força ativa do Céu Empíreo está, portanto, sempre em ato. E, por conseguinte,* ela influencia continuamente os outros corpos. *Assim*

pensam também Durant, Ricardo e Gilles (Colonne, *O médico de grande autoridade*)[697].

341. – *O que dá maior solidez a estas considerações*, continua Suarez, *é que a ordem atual de coisas apetece, por si, a perfeição.* Quer dizer que elas visam diretamente a se aperfeiçoar *e que esta doutrina não oferece nenhum inconveniente... Eu não nego... que o Céu Empíreo tenha sido feito principalmente para a perfeição do universo, tendo em vista sobretudo o fim sobrenatural e para ser a* morada dos bem-aventurados... *Mas é necessário que ele influencie também, considerado em si, os seres inferiores, porque é mais perfeito e, por consequência, muito ativo. E ele não deve falhar em relação a um ente proporcionado sobre o qual ele possa exercer sua virtude*...

Que o Céu Empíreo seja imóvel relativamente ao lugar, isto não atrapalha em nada as suas influências, pois, mesmo imóvel como é, pode produzir *qualidades* nos seres inferiores. Por exemplo, *iluminar*, aquecer, modificar de alguma maneira... *Para que o Céu Empíreo exerça sua influência não é necessário que ele próprio esteja em movimento* quanto ao lugar. Basta que produza o movimento *de alteração* naquele que o avizinha. Quer dizer que ele engendre qualidades. Ademais, mesmo que o Céu Empíreo se movesse localmente, não influenciaria mais do que estando imóvel, *porque ele todo foi feito homogêneo* (e igual em ação em todas as suas partes inferiores).

Acrescentemos a essas razões de Suarez, que o Céu Empíreo, envolvendo todo o conjunto dos seres móveis, como um Céu glorioso que coroa o universo (nn. 21-23), deve agir como um ser material que atingiu seu fim último. O que quer dizer que ele deve comunicar, de alguma maneira, sua perfeição sem a procurar, pelo movimento local, porque nada procura aquilo que já tem e que deve comunicar, mediata ou imediatamente, a tudo que está posto sob sua dependência. Ou seja,

---

[697] Quando Santo Tomás e outros escolásticos nos dizem que os Céus são incorruptíveis e *que a divina Providência dispôs os corpos inferiores por meio dos corpos celestes*, tudo isto, quanto ao fundo, é muito verdadeiro. Mas, é preciso fazer algumas distinções. Todos os movimentos da natureza móvel provêm realmente dos *corpos incorruptíveis do Céu Empíreo*, quer dizer, de sua primeira causa material. E a divina providência dispôs realmente os corpos inferiores, quer dizer, todos os seus móveis e os corpos que os compõem, *pelos corpos celestes mais elevados*, que são os do Céu Empíreo. A tese que em princípio sustentam os escolásticos é com efeito verdadeira. Nós somente não olhamos como incorruptíveis os Céus móveis. Para nós todos os grandes corpos da natureza, submetidos à lei do movimento, são cambiantes. A doutrina Escolástica deve ser completada e aperfeiçoada, mas não combatida. Em suma, tudo o que dizem Santo Agostinho, Santo Tomás, Suarez, e outros grandes autores católicos, sobre o governo providencial dos corpos inferiores pelos corpos superiores, prova as possantes influências do Céu Empíreo sobre toda a natureza móvel. Ver Santo Tomás, q. 5 *De Veritate*, a. 9. - 1. p. q. 22, a. 3 . - q. 115, a. 3.

a todos os corpos móveis que viajam no seu seio. Ele, portanto, os conserva e os alimenta por uma espécie de graça física, provoca-lhes os movimentos a fim de que passem por todas as fases necessárias à obtenção de seu aperfeiçoamento final e glorioso.

342. – Segundo o mesmo Doutor, o Céu Empíreo pode influir nos outros corpos por sua luz, como também por outros meios, porque as influências não se fazem senão pela luz... *Ele não altera nada para corromper nem para desorganizar, mas somente para aperfeiçoar... Quem nos diga, ademais, que o céu cristalino (o éter) não tem seu brilho em virtude das influências vizinhas do Céu Empíreo*? ... Não surpreende que não percebamos os raios luminosos do Céu Empíreo porque eles podem ser obstruídos por *obstáculo de algum Céu intermediário* ou simplesmente pela *enorme distância* que o separa de nós. ... Em suma, c*oncluamos em geral e como a priori, que este Céu por causa de sua nobreza não pode falhar em toda virtude ativa*... Segundo Santo Tomás, *o Céu Empíreo coopera para a perpetuidade e a estabilidade do universo*. *Mas é razoável que, de fato, ele não influa sobre as coisas inferiores* senão enquanto ajudando os outros astros e os outros céus, e cooperando em suas ações. É por isto, acrescentamos, que o Céu Empíreo desempenha de maneira análoga com relação aos corpos móveis da natureza mais ou menos o mesmo ofício que desempenha a graça em relação ao homem viandante. Mas deixemos ainda a palavra a Suarez.

343. – *Os efeitos do Céu Empíreo chegam até nós pelos céus inferiores. Eles agem, aqui, com mais ou menos força e eficácia. Ou melhor, são temperados e dispostos de uma maneira ou de outra segundo a diversidade de influência que os céus inferiores recebem do Céu Empíreo*[698].

344. – Vejam como, na pena de grandes doutores, dos quais a Igreja se honra, o mundo físico repercute no mundo moral. As grandes linhas de um se reencontram no outro. Isto que se realiza invisivelmente nas almas, opera-se ostensivamente, mas mais grosseiramente, nos universos. Tudo entra no mesmo plano, porque tudo é obra de um mesmo Deus. O universo móvel "viaja" com a criatura racional no estado de prova. *Os astros* do Céu Empíreo repousam-se na sua glória com os bem-aventurados que os habitam e que comunica às suas habitações tudo o que elas têm de mais belo e de melhor. E este expande suas influências benfazejas sobre os corpos viandantes, como também

[698] Suarez, *De opere sex dierum*, lib. I, cap. V, nn. 8-17.

Nosso Senhor Jesus Cristo, Maria Santíssima e todos os Eleitos fazem chover graças divinas das altas regiões do Céu Empíreo sobre todos os seres racionais empenhados na conquista do Céu.

345. – *Vós me encantais, Senhor, por Vossa obra,*
Tremo diante das obras de vossas mãos!
Como Vossas obras são grandes, Senhor,
Quão profundos são os Vossos desejos!
O homem estúpido disto não conhece nada
E o insensato nada pode compreender[699].

346. – Vós, Maria Santíssima, Vós sois a criatura mais perfeita sobre a qual foi moldado e modelado o Céu dos Céus. Predestinado em Vós e em Vosso divino Filho, a existência e as perfeições que possui (nn. 294-302), o Céu Empíreo é a parte mais nobre de Vosso Império material. E, portanto, de maior beleza, de maior grandeza, de maior luminosidade, de maiores virtudes ativas e de influências benfazejas, ele foi feito digno de Vós. O Céu Empíreo é o espelho físico que reflete Vossas excelências sobrenaturais e divinas da maneira mais perfeita que seja possível à matéria. Também é fácil encontrar em Vós todos os seus caracteres, mas possuídos por Vós num grau incomparavelmente superior.

347. – O Céu Empíreo envolve todos os céus móveis, mas Vós sois a *Imperatriz, na realidade a Matriz de todos os seres celestes, terrestre e infernais* (São Boaventura)[700]. O Céu Empíreo envolve o universo com um manto de luz gloriosa, mas Vós, vós sois a *iluminadora dos próprios espíritos angélicos*[701]; *a iluminadora dos Santos na glória* (Santo Alberto Magno)[702]; *a iluminadora que, por sua glória resplandentíssima, ilumina o céu inteiro e em tudo, como o sol ilumina o mundo* (São Boaventura)[703]; *a iluminadora de todos os céus* (Santa Brígida)[704].

O Céu Empíreo exerce uma favorável e poderosa influência sobre todos os corpos móveis da natureza. Mas Vós sois *a dispensadora da alegria a todas as criaturas* (São Gregório Taumaturgo)[705]; *a dispensadora universal de todas as bondades* (Santo Alberto Magno)[706]; *das riquezas que enchem todo o Céu e a terra* (Santo André de Cre-

[699] Salmo 101, vv. 5-7 Tradução segundo o Hebreu.
[700] In Speculo B. M. V. cap. 8.
[701] Ibid.
[702] In Postillis, sup. Cap. 1. Mat.
[703] Loco cit.
[704] Revelações 1. 1, c. 50.
[705] Oratório 2, in Anunciação B. M. V.
[706] Bíblia Mariana super libr. Eccli.

ta)[707]; *do poder mais completo que possuem os seres criados: potestas consummata omnium creatorum* (São Bernardino de Siena)[708].

348. – Ó Maria Santíssima, como é doce ter para convosco uma devoção sincera, forte e afetuosa! Com uma tal égide sente-se que nada pode prejudicar, nem a natureza, nem a sociedade. São as influências do Céu Empíreo que dirigem todos os corpos, a natureza e os homens. Os demônios são dominados e governados pelos Anjos fiéis, ministros da Providência divina. E Vós, ó Virgem Poderosa, tendes na mão os lemes de todo o governo providencial. O Céu Empíreo reina sob Vossas ordens e impulsiona os seres inferiores segundo Vossas vias.

Os anjos são Vossos servos obedientes, que, ao menor sinal recebido de Vós, contêm ou reprimem para o abismo os poderes das trevas. E os homens, maus ou malfeitores, o que são eles perante a Rainha do Céus e da terra? Vós sois, para cada um deles, *terrível como um exército em ordem de batalha*1[709]. Vós lhes permite exercitarem nossa virtude e, assim, nos fazerem bem[710]. Mas eles não podem fazer mal a Vossos servidores *porque Vós amais* particularmente *aqueles que Vos amam*; *e aqueles que velam desde a manhã para Vos procurar Vos encontrarão*. *As riquezas e a glória verdadeiras estão convosco, como também a magnificência e a justiça*. *Assim os frutos, a que Vós levais, são mais estimáveis que o ouro e as pedras preciosas. E o que vem de Vos vale mais que o ouro mais puro. Vós encaminhais* aqui na terra, por Vossas sábias e celeste disposições, *nas vias da justiça e pelos caminhos da retidão, para enriquecer aqueles que Vos amam e para encher seus tesouros dos bens imperecíveis*[711].

Encontra-se em Vós a defensora mais segura, como também a abundância de toda a bem-aventurança.

Terceiro Ponto: Como o Céu Empíreo exerce sua influência sobre a natureza móvel

349. – Vejamos as principais aplicações dos princípios tão largamente concebidos por Santo Tomás, por Santo Agostinho e por Su-

---

[707] Oratório 1, Sermão 61, De supern. Deip. Virg.

[708] Tom. 1, Serm. 61, De supern. Grat. Et gloria B. M. Virg.

[709] Cant. VI, 9.

[710] *Os olhos do Senhor*, como os de Maria Santíssima, *estão sobre os justos, e seus ouvidos, às suas preces; mas a face do Senhor está voltada para aqueles que fazem o mal. E quem é que Vos olha, se Vós tendes o zelo do bem?* São Pedro, 1ª., ch. 3, 12-13.

[711] Prov. 8, 17-21.

arez, a fim de compreendermos sempre melhor a movimentação da natureza móvel em torno do Céu Empíreo.

1º. – Existe presentemente, desde a origem de nosso mundo, um Céu glorificado onde os corpos atingem toda a sua perfeição (n. 332), um Céu rico em corpos e em numerosos sistemas (nn. 34-42), um Céu que engloba todos os céus inferiores (n. 333), um Véu que pertence à unidade do universo e que faz parte dele (n. 336). Imaginemos assim se todos os corpos da natureza não devessem receber alguma influência deste Céu supremo! Uma pedra jogada no mar substitui, dizem, as águas. Admitais a existência do Céu Empíreo e sua união com os universos móveis e todas as explicações do mecanismo e dos movimentos do universo devem ser afetados mais ainda.

Pode-se dizer que isto não passa uma hipótese? Sim, pode, mas certamente seeria um engano. Esta não é, sem dúvida, uma verdade definida como de Fé pela Igreja, mas *é uma verdade*, diz Suarez, *comumente recebida na Igreja e* absolutamente certa *de que além de todos os céus móveis existe um céu imóvel... É a arrebatadora habitação dos bem-aventurados* (n. 21). É uma verdade solidamente fundada na Sagrada Escritura (nn. 20, 23, 37, 41), ensinada como vimos, pelos mais sérios autores apoiados em numerosas razões teológicas, de modo algum contraditada pela ciência humana, mas sobretudo confirmada por ela (n. 4) e corroborada ainda por muitas outras razões que exporemos em seguida.

Para explicar a natureza visível devemos portanto levar em consideração o Céu Empíreo, pois caso contrário estaríamos procurando resolver o mais difícil dos problemas, deixando de lado o fator principal. Seria como tentar compreender o movimento de uma máquina complicadíssima, ignorando o primeiro e mais poderoso recurso para entendê-lo.

Ora, dado que é natural que os corpos se atraiam, o que ninguém contesta, e que aquilo que é mais perfeito tem poderosa influência sobre o menos perfeito, como tudo prova, admitamos sem hesitar que os grandes movimentos da natureza visível têm o Empíreo Céu como sua primeira causa material, e que todos os mundos perceptíveis aos nossos olhos, bem como todos os átomos, nos dizem: *Buscai as coisas do alto, onde se encontra Cristo*[712].

[712] *Actio etiam contrarii, quod repugnat virtuti activae alicujus corporis caelestis habet causam in caelo : per motum enim primum (aquele causado pelo empíreo) ponitur a philosophis quod conservantur res inferiores in suis actionibus; et ita illud contrarium, quod agit impediendo*

350. – 2º. Como o Céu Empíreo influencia os corpos inferiores? – Ele busca os corpos móveis *como as formas buscam a matéria, como o ato procura a potência... Ele é eminentemente formador e nobilíssimo...; é a causa universal das coisas materiais..., o fator principal que age sobre os corpos* (n. 334)... *Todo corpo natural tem uma certa força ativa que parece resultar da perfeição da forma..., força que visa agir sobre as outras coisas, de fora...* Mas o Céu Empíreo é verdadeiramente corpo, e sua perfeição superior não faz senão ajudar a sua atividade... *Esta força ativa do Céu Empíreo está sempre em ato, e, por conseguinte, influi continuamente sobre os outros corpos* (n. 340).

As formas são os princípios ativos que estão nos corpos, assim como a matéria é o princípio passivo. A exemplo do homem, tudo é Corpo e Alma na natureza visível[713]. O animal, a planta, o mineral, o átomo tem, na sua forma, o seu princípio ativo. Quando um corpo se lança em outro é a alma deste que se lança àquele outro corpo. E é a alma deste que o faz caminhar em direção daquele. Mas essas duas almas desejam sobretudo a matéria de seu próximo, porque as formas são criadas para possuir e governar a matéria. Cada alma se serve de

---

effectum alicujus corporis caelestis…habet etiam aliquam causam caelestem. Santo Tomás, De verit. art. 9, quaest. 5, ad 15.

Portanto, as duas forças contrárias que governam a natureza móvel têm, ambas, por causa principal não inteligente, o Céu Empíreo. Pois este, enquanto permanente, mantem as coisas móveis em estado de prova particularmente pela força centrípeta que exprime o fim temporal. E, como fim último, busca as coisas inferiores e as lança fora, o que é expresso sobretudo pela força centrífuga.

[713] Expliquemos esta verdade com alguns exemplos para aqueles leitores que não estão habituados à filosofia Escolástica. O leão tem uma alma e um corpo. Quem duvida? É sua alma de leão que forma seu corpo de maneira a distinguir e a fazer distinguir especificamente este animal do tigre, do lobo, etc. É uma alma entretanto puramente animal. – A noz tem um princípio ativo que a faz viver e vegetar, uma força substancial, uma alma, que lhe dá seu ser e suas características particulares, que a distinguem especificamente do carvalho, da macieira, etc. Há realmente uma alma, embora somente vegetal. – Todo átomo de corpo simples tem também seu princípio ativo que mantém seu pequeno corpo e lhe fornece uma certa energia. Ele tem sua forma substancial, sua alma, que o distingue especificamente. Ou que, pelo menos, contribui para distingui-lo especificamente de qualquer outro átomo de espécie diferente. Uma é a alma do átomo do ouro, outra é a do átomo da prata, assim como a alma do leão é especificamente diferente da alma do urso. Apenas a alma desse átomo é mineral. – Em todo corpo composto encontramos igualmente uma alma, uma forma, um princípio ativo. Logo que o hidrogênio e o oxigênio se combinam quimicamente e nos dão a água, a forma do hidrogênio e a do oxigênio, de ativas como eram, mudam de estado e passam à potência para dar lugar a uma nova forma ativa, a *forma da água*, a qual é a alma, o princípio ativo deste composto que tem todas as propriedades diferentes daquela do hidrogênio e do oxigênio. – A terra, o ar, os corpos celestes, o grande conjunto da natureza conhecida se constituem de corpos compostos, a exemplo do corpo humano. As formas compostas predominam na criação. Contudo nela tudo é corpo e alma como temos dito. Não é difícil, portanto, imaginar como uma montanha, por exemplo, um astro, um seixo, um rio, não têm senão somente uma forma substancial na sua massa. Em cada um desses seres coletivos são os átomos ou as células que têm suas formas substanciais. O que faz com que, na natureza, as formas sejam em número inimaginável. E as montanhas, os astros, etc., são imensos aglomerados unidos por formas *acidentais*, ou melhor nos parecem sê-lo, pela irradiação atrativa e combinada de formas substanciais, que têm, todas, desejos, se se pode dizer assim, mais vastos que os corpos que elas informam (nn. 325, 326).

sua matéria como de um instrumento para agir. Isso é o que se vê claramente no homem, no qual a alma se serve do corpo para todas as suas operações.

351. – Ora, as formas dos seres materiais que compõem o Céu Empíreo são eminentemente poderosas e a matéria, como que glorificada, de que elas se servem para agir é um maravilhoso instrumento que complementa da melhor maneira a ação destas formas. Estas, portanto, têm uma preponderância marcada sobre as formas dos corpos móveis e atraem toda a matéria que tenha formas menos perfeitas, porque *a ordem atual das formas, de si, deseja a sua perfeição* (341). Isso quer dizer que ela é perfectível e tende sem cessar para o melhor. Prova evidente de que há qualquer coisa de excelente e de completo, materialmente falando, que atrai a si tudo o que é material.

Assim também como Nosso Senhor Jesus Cristo, Maria Santíssima e todos os bem-aventurados exercem uma atração moral sobre a humanidade viandante para atraí-la ao Paraíso, igualmente o Céu Empíreo material exerce uma atração física sobre os corpos viandantes da natureza para fazê-los participar finalmente da liberdade da glória dos filhos de Deus (nn. 322, 323)[714].

352. – 3º – Fazendo mover os céus inferiores, para que estes provoquem a geração de *novas formas*, de novas *virtudes* e de novos *movimentos*[715], o Céu Empíreo serve de base sólida a tudo o que se move: *O Céu Empíreo influi particularmente por seu repouso; ele influi sem se mover, sendo ele o Céu supremo, atingindo, de alguma forma, a ordem das substâncias espirituais...; seu efeito próprio parece ser a perpetuidade e a* ***estabilidade dos outros corpos***[716] (nn. 336, 342).

Não basta explicar os movimentos da natureza. É preciso ainda explicar o que mantém nela a estabilidade. Tudo o que vemos morre, isso é verdade. Mas tudo se move, em alguma medida, sem comprometer uma certa ordem, que vemos imutável. Tudo se move mas num determinado meio. A natureza está confinada em limites como o oceano que se move num fundo estável. Qual é este fundo? Qual é o limite que mantém a sua unidade, que o impede de se desmembrar e de se projetar em desordem no espaço?

---

[714] Quanto aliquid est perfectioris virtutis, et eminentius in gradu bonitatis, tanto appetitum boni communiorem habet, et magis in distantibus a se bonum quaerit et operatur. Contr. Gent. l. 3, c. 24. Não é este o caso do Céu Empíreo?

[715] Santo Tomás, ibid.

[716] Todos os astrônomos e todos os físicos atribuem a estabilidade dos corpos à ação simultânea de duas forças contrárias: a força centrífuga e a força centrípeta. Mas pertence à Teologia e à filosofia cristã, única filosofia digna deste nome, distinguir as causas destas duas forças, como também a origem e a durabilidade da natureza.

Verificai um relógio, impressionante imagem do universo móvel. O relógio se move, mas sobre um plano que é imóvel em relação a ele. Ele se move, não por todos os lados, mas somente onde está posto. Dir-se-á que a inércia, a força de coesão, a força centrífuga explica bem as coisas. Mas são explicações que requerem outras explicações. Qual é a causa material de todos estes efeitos? Qual é a mais alta causa não inteligente?

Quanto a mim, seguindo Aristóteles, Santo Tomás, Santo Agostinho, Suarez, eu a encontro no Céu Empíreo, *que acaba sendo a causa universal das coisas materiais* (n. 334), *e que contém esses corpos mais subtis que governam os corpos mais grosseiros e colocados mais abaixo* (n. 338). Assim, encontro de uma vez a base sólida do universo, sua medida e a fonte física primeira de seus movimentos[717], e todos os corpos me dizem: *Procure as coisas do alto*.

353. – Verificamos que todos os corpos da natureza visível, em seguida os mundos e inclusive os átomos, são governados e mantidos em um certo equilíbrio por duas forças opostas: a força centrífuga, que tende a empurrar tudo para longe, para o Céu Empíreo. E a força centrípeta que tende a tudo concentrar, inicialmente para os centros pequenos e depois para o centro de todo o universo (nn. 25, 26, 34). Ora, este fato universal deve depender de uma causa universal, ou melhor, de duas grandes realidades físicas dominadas pelo sobrenatural e que influenciam de alguma maneira todo o universo móvel: o Paraiso e o Inferno.

Vimos (nn. 322-325, 327) como a natureza mutável participa da prova da criatura racional. Como aquela, esta tem portanto dois extremos: o supremo bem e o supremo mal. E como o homem é atraído para cima pela graça e para baixo, pela concupiscência, esses dois movimentos se produzem na natureza a fim de que tudo contribua para por sob nossos olhos estas duas verdades capitais e orientadoras de toda a vida humana: o Paraíso e o Inferno. Todo o mundo material *está disposto na perspectiva de uma justiça inefável, relativa às recompensas e aos castigos, às graças e às retribuições* (Santo Agostinho, n. 338).

354. – É verdade que os corpos inanimados, desprovidos de inteligência, não se condenam, portanto. Mas são feitos para instruir o

[717] A Teologia não faz nenhuma sombra à verdadeira ciência. Ao contrário, completa-a nobremente. A ciência estuda e constata os fatos naturais. A Teologia vai até à fonte primeira, porque monta a "árvore genealógica" das causas e projeta uma luz divina sobre as conquistas da ciência. Pelo que ela não é ridiculamente invejosa. Há alguma coisa melhor na ordem dos conhecimentos humanos?

homem e servir para recompensá-lo ou puni-lo: *Eu vou fazer todas as coisas novas..., o que for vitorioso possuirá essas coisas*[718]; *Ele armará suas criaturas para se vingar de seus inimigos*[719]. Se um dia os corpos da natureza vierem a ser abandonados à força centrífuga, eles se precipitarão imediatamente uns sobre os outros e formarão uma massa horrível de matéria. A sociedade dos corpos será destruída. Sua harmonia – que é isto, que eu chamaria de sua liberdade –, daria lugar a uma concentração e a uma servidão que seriam imagem do inferno. Suponhamos, ao contrário, que somente a força centrífuga prevalecesse. Para onde iriam os corpos? Todos eles se encaminhariam na direção do Céu Empíreo.

Ora, posto que o mundo físico foi feito para o mundo moral e é dele uma espécie de imagem grosseira, vejo na força centrípeta a lei da prova e a última desgraça. E vejo, na força centrífuga, a busca do perfeito, da verdadeira liberdade, do grande, do mais vasto e mais belo dos Céus, do Deus imenso e infinito. Ah! a natureza inteira nos chama a atenção para o Céu Empíreo. Que instruções para nós! O movimento que leva tudo para fora é a expressão física do fim último das coisas. E este movimento que leva tudo para dentro é a expressão da tentação e do próprio mal[720]. Mas o equilíbrio destas duas forças (centrípeta e contrífuga), com a rotação que procura sem cessar o Céu Empíreo, lembra-nos o justo que tende para seu fim terreno, passando com fruto pela prova, podendo dizer: *Eu me sinto solicitado por esses dois lados, desejando ser desatado (da carne) e estar com Jesus Cristo, coisa bem melhor para mim. E permanecer na carne, por amor a vós..., para o vosso proveito*[721].

355. – As formas do Céu Empíreo, como dissemos, são as principais fontes físicas dos movimentos dos corpos. Podemos conceber sua natureza e seu modo de operação? Isto não é fácil. Mas podemos dizer, entretanto, algumas palavras, tomando como guia a Sagrada Escritura, Santo Agostinho e Santo Tomás, e prometemos retornar a esta questão numa outra meditação.

---

[718] Apocalipse 21, 5-7.

[719] Sabedoria 5, 18.

[720] Tendemos naturalmente para baixo, como um galho para a terra, ao menos enquanto homem decaído. Mas a autoridade, sobretudo a autoridade divina e a graça, nos elevam para o alto, como a terra, por seu movimento centrífugo, tende a levar para o alto tudo o que repousa sobre ela. Somos atraídos, também naturalmente, para a autoridade imediata, como um galho em direção ao solo, quando não está preso na terra. Ademais, a autoridade põe um final à queda, como a terra retém, na sua superfície, o galho caído, impedindo-o de ir mais longe.

[721] Filipenses I, 23, 25.

1º) Depois de ter criado o *céu e a terra*, quer dizer, o Céu Empíreo e o abismo, que continham os materiais dos corpos móveis, Deus, pelo Espírito vivificador, tornou esse material capaz e desejoso de formas. Pois Ele lhe deu suas ordens: *Que a luz seja, e a luz se fez...; que o firmamento seja feito..., e logo se fez; que a terra produza... árvores..., cada uma segundo sua espécie, produzindo elas próprias suas sementes..., isto se fez desta maneira*[722]. Eis a origem das formas, como princípios ativos que dirigem os corpos. Elas são como ordens divinas recebidas na matéria e para a matéria, impulsos específicos em número inimaginável, impressões que, sendo dadas nas condições requeridas, se perpetuarão sempre no reino da matéria. Porque *minha palavra que sai da minha boca, disse o Todo-Poderoso, não retornará a min sem frutos; mas ela fará tudo o que Eu quero, e produzirá o efeito para o qual eu a enviei*[723]. *Também a vontade de Deus é a primeira e suprema causa das diferentes espécies de corpos e de suas atividades motoras* (Santo Agostinho, n. 340).

356. – 2º) Mas a suprema causa supõe causas segundas. Nosso Senhor Jesus Cristo, enquanto Homem, e Maria Santíssima abarcam, intelectualmente no Verbo, e inclusive nos olhos materiais da realidade, todo o finito (nn. 307, 310); os anjos, que são seus servos, veem todos os corpos e todas as formas, e as governam sob as ordens de Jesus e de Maria.

Os anjos conhecem perfeitamente, como também os outros Eleitos, a ordem providencial e as vias de Deus quanto ao universo material e partem de sua bondade para executar esta ordem e estas vias[724]. *A vontade de Deus* produz inicialmente movimentos harmoniosíssimos na alma de Nosso Senhor Jesus Cristo. E este na alma de Maria Santíssima. E a alma de Maria Santíssima sobre os anjos. E os anjos sobre as formas do Céu Empíreo, as quais não são somente imateriais como todas as formas, mas também perfeitíssimas no seu gênero. E as formas do Céu Empíreo sobre o Céu cristalino, sobre o éter. E este sobre as formas inferiores que agem também, segundo seu grau de poder, umas sobre as outras. É assim que *todos os corpos são governados por um espírito de vida* (Santo Agostinho, n. 340). *Tudo o que se*

[722] Gênesis, I.

[723] Isaías, 55, 11.

[724] Não é em vão que os santos do Céu são iguais aos anjos, e Nosso Senhor Jesus Cristo é o Rei e Maria Santíssima é a Rainha de todo o universo, que tudo é feito para a criatura racional. É por isto que os Amigos de Deus reinam sobre o inferno e sobre os outros seres finitos.

faz na natureza deve-se atribuir a uma substância inteligente[725] . *É necessário dizer que os corpos celestes são postos para os seres que têm conhecimento*[726], e os corpos inferiores para os corpos superiores (n. 340)[727].

357. – Mas, neste caso, objetará alguém, por que apresentam a forma centrípeta como a expressão da tentação e inclusive do mal? Não é ela também dirigida por agentes superiores e inteligentes?

A resposta é que a tentação não é de si má. Ela é uma prova e testemunha de um estado imperfeito do qual pode-se seguir o mal. Esta força centrípeta está dirigida pelos seres superiores não para uma concentração absoluta, mas para os centros que atraem, eles por si também, para o Céu Empíreo. Tudo em vista diretamente o Céu Empíreo, pelas forças centrífugas. Os corpos menores são conduzidos pela influência dos corpos maiores pelo fato de serem atraídos mais fortemente pelas energias do alto. Em última análise, é o Céu Empíreo que produz as duas forças (centrípetas e centrífugas), mas de duas maneiras diferentes.

O Céu Empíreo tem seus ministros da natureza. E estes se assemelham às autoridades em torno das quais sempre giram os inferiores. Porém, em vista do fim último[728]. O mal se encontra numa tendência

---

[725] Santo Tomás, Contr. Gent. l.3, c. 24.

[726] Ibid. c. 23.

[727] Os corpos superiores *atraem* realmente os corpos inferiores como os fins atraem aquilo que é criado para eles. Mas os corpos superiores atraem também, conforme a distância, os corpos inferiores para que a ordem posta pela Providência durante a prova se mantenha segundo a vontade divina e que nada atinja a glória antes de completar o trabalho exigido e produza os frutos que deseja o Criador. Em outras palavras, os corpos superiores conservam, fortificam e excitam os corpos inferiores para que nada se definhe na inatividade e que o plano divino se realize. A ordem moral explica os princípios da ordem material e esta submete a si nossos sentidos, para grandiosos efeitos, na ordem moral. – Ademais, os corpos móveis têm um real pendor para o Céu Empíreo. Tendo sido criados para serem assimilados por ele, sua organização os leva para lá.

[728] Esta ideia nos pareceu extremamente fecunda. Voltaremos a ela posteriormente se for do agrado de Deus, no outro volume, quando expusermos a formação e o funcionamento dos céus inferiores, no Céu Empíreo. No momento contentemo-nos com apenas algumas curtas explicações.

O Céu Empíreo tem seus ministros, no universo móvel. É o que se faz moralmente, religiosamente, na sociedade humana, e, fisicamente, na natureza material. O homem, o espaço, a massa, junto com os princípios ativos ou com as formas substanciais, são, na natureza material, o que a autoridade é nas sociedades inteligentes.

Ora, que toda alma deve estar submissa aos poderes superiores, porque não há nenhum poder que não venha de Deus e daqueles que são foram postos por Deus. É por isso que quem resiste à autoridade resiste à ordem do próprio Deus. Portanto, aqueles que resistem à autoridade legítima atraem para si a condenação (Romanos, 13, 1-2). – *Sede, pois, submissos a toda a instituição humana* (que seja ela judia, pagã ou cristã, não importa)*, por amor de Deus, quer seja ao rei, como a soberano; quer aos governadores, como enviar véu para encobrir a malícia, as como servos de Deus. Servos, sede obedientes aos Vossos senhores em todo o tempo.* (1a. Petri, 2, 13-18).

para o menor, para nele parar e não visar ir mais longe. Quer dizer, parar na imobilidade fora de seu fim. O que conduz à impenitência e ao inferno. O mal, portanto, está em "*não procurar as coisas do alto, onde está Nosso Senhor Jesus Cristo"*.

Todos os corpos móveis, não estando portanto no centro do universo, são atraídos duplamente para o Céu Empíreo mediante as duas forças mencionadas. E como esses corpos estão a distâncias desiguais do interior do Céu Empíreo, suas atrações não se neutralizam. Agindo, portanto, na devida medida, por uma parte e por outra, essas duas for-

---

Eis as forças centrípeta e centrífuga na ordem moral e social. Não caminha realmente para Deus quem apenas considera os ministros estabelecidos por Deus. Ou melhor, apenas sua autoridade. Pois esta autoridade lhes vem de Deus e devemos procurar o divino nos canais pelos quais Deus quis no-lo transmitir e para nos levar até ao nosso destino imortal.

Também não há salvação fora da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo. A harmonia exige este procedimento. Os ministros de Deus, considerados formalmente como tais, recebem o divino com mais abundância que os particulares e é seu dever comunicá-lo na proporção de suas faculdades e de suas necessidades.

Bem, encontramos essa mesma disposição no universo material! O Céu Empíreo, o maior, o mais influente, o mais resplandecente dos céus, é como a suprema autoridade no gênero dos corpos. Ele influencia os céus e os corpos menores e menos perfeitos do que ele, em extensão ou em massa, e segundo o grau de distanciamento destes últimos em relação ao Céu supremo.

O inferno, estando na maior distância possível do Céu Empíreo, dele não recebe nenhuma influência, além da conservação na imobilidade. Dir-se-ia que as influências do Céu dos céus são semelhantes a uma chuva de correntes elétricas, que atingem todas as partes deste caos, incapaz de toda a formação, envolvendo-o como com uma muralha esférica de chamas. Mas os outros corpos e os céus móveis vivem, por assim dizer, da graça física da qual o Céu Empíreo é o primeiro-ministro. Dóceis, eles se ordenam e não se inflamam.

O sol, para nos servir dele como exemplo, é quatorze cem mil vezes maior que a terra (n. 5). Os princípios ativos, ou formas, que ele contém são em números fabulosos. Ora, eles são atraídos, segundo seu número, pelas emissões do Céu Empíreo, para o céu cristalino, para o éter. Como todas as formas têm, naturalmente, uma irradiação ativa que ultrapassa os limites dos corpos que animam, como no nosso caso, elas constituem uma imensa sociedade. E recebem, ademais, um possante reforço do alto, elas estendem seu poder atrativo sobre nossa terra e a dirigem como os superiores dirigem os inferiores. É, portanto, sobretudo esta, a razão pela qual o sol recebe, mais abundantemente que a terra, influências celestes que a atraem para ele.

Entretanto, a terra é lançada para o Céu Empíreo, que é seu último fim. E ela tende para o Céu Empíreo sem cessar. Mas, seu fim último a terra não atingirá senão seguindo fielmente o sol. Daí o equilíbrio operado pelo concurso das duas forças contrárias, mas que visam o mesmo fim e provêm da mesma fonte. O mesmo ocorre com relação aos outros corpos.

Estas explicações, dir-se-ia, não são suficientes para se compreender inteiramente a natureza das duas forças contrárias. A natureza destas forças, respondemos, devemos procurá-la nos seres onde ela se mostra mais claramente, ou seja, no homem, no animal e na planta. Quando tivermos uma ideia clara dos instintos, compreenderemos os movimentos do universo.

Meu instinto, para mim, é a minha razão. E, catolicamente falando, são os dons do Espírito Santo. Em virtude desses instintos tenho a tendência internamente àprocura da felicidade, à procura de todos os bens. E externamente à procura do que me for necessário para me conservar e prosperar. A simples matéria tem formas, princípios ativos, dotados de "instintos" minerais. Explicando os primeiros instintos compreende-se os últimos, bem como os instintos vegetativos das plantas.

ças conservam os corpos móveis, no período da prova, até quando for do agrado do Todo-Poderoso de fazê-los participar da *liberdade da glória dos filhos de Deus*. Então, libertando-se de seus lugares, eles só procurarão ser *coisas do alto, onde está Nosso Senhor Jesus Cristo*. E aí eles darão seus louvores definitivamente na Jerusalém Celeste.

Capítulo XIII – O ensinamento católico confirma e completa esplendidamente a "linguagem" da natureza física a respeito dos lugares da suprema felicidade, como também do supremo mal

Ascendens in altum, captivam duxit captivitatem; dedi dona hominibus. Quod autem ascendit, quid est, nisi quia et descendit primum in inferiores partes terrae? Qui descendit, ipse est et qui ascendit super omnes coelos, ut impleret omnia.

Tendo subido ao alto, levou cativo o cativeiro, distribuiu dons aos homens. Ora, o que significa "subiu", senão que também antes tinha descido aos lugares baixos da Terra? Aquele que desceu é Aquele mesmo que também subiu acima de todos os céus para completar todas as coisas (Efésios, 4, 8-10).

---

358. – Se o universo material e móvel não cessa de procurar e consequentemente de nos falar sobre o Céu Empíreo, o que dizer das aspirações da espécie humana viadora, a mais nobre parte conhecida do universo móvel? Certamente toda livre como é, ela visa necessariamente o Céu Empíreo, porque procura necessariamente a felicidade. Quer o homem seja virtuoso ou viciado, crente ou ateu, de fato o que ele professa formalmente é de *não ter aqui na terra nenhuma cidade permanente, mas de procurar a cidade futura*[729], *e sua vida estar nos céus*[730].

Quanto ao ímpio e ao incrédulo, por que jamais cessam de serem insaciáveis de prazeres, de riquezas, de honras, de grandeza? É porque, depois de terem conseguido tudo o que quiseram e, satisfeito seus desejos, eles se sentem amargurados, porque *tudo é vaidade e aflição de espírito*[731]*, porque eles se extraviaram do caminho da verdade... Por que o sol da inteligência não nasceu para eles*[732]? Ah! É porque sua natureza procurava os prazeres, as riquezas, a glória do Céu Empí-

[729] Hebreus, 13, 14.
[730] Filipenses, 3, 20.
[731] Eclesiástico, I, 14.
[732] Sabedoria, 5, 6.

reo e eles quiseram saciar-se de bens vis e efêmeros. Daí seu cruel desencantamento e sua aflição de espírito.

Todo homem tende fortemente para o Céu Empíreo, porque procura o melhor possível e o máximo de bem só se encontra senão no Paraíso Celeste.

359. – Mas, para confirmar a noção que demos do Céu Empíreo, suas influências, sobre a constituição geral do universo, devemos tomar como representantes da espécie humana aqueles que o são realmente e não aqueles que violam brutalmente sua natureza, que ousaram dizer a Deus: "*Retirai-Vos de nós; não queremos conhecer nada de Vossas vias*[733]; *que pervertem seus sentidos e desviam seus olhos para não ver nada do Céu*[734]; *porque estes insensatos, retirando-se e renunciando ao Céu, serão escritos sobre a terra*[735]; *os abismos os cobriram e eles desceram ao fundo como uma pedra*[736].

Ó Jesus, que sois o divino ideal do homem; ó católico, que caminha seguindo o seu salvador; ó Igreja Católica, que é a Igreja do Deus vivo, *a coluna e o fundamento da verdade*[737], sois Vós que realizais o plano divino da maneira mais transparente e mais sublime. Na Vossa conduta, nas Vossas tendências, nas vossas aspirações, nos vossos nobres trabalhos, nós encontramos, nos graus eminentemente mais altos da perfeição, todo o trabalho, todas as afinidades, todos os movimentos da natureza material e móvel, de modo que se os corpos nos falam sobre o Céu Empíreo de uma maneira grandiosa, mas grosseira, Vós ensinais às nossas inteligências e aos nossos corações de uma maneira toda sobrenatural e divina.

Entretanto, como o plano divino, como também a criação, que é modelada segundo esse plano brilham com uma unidade admirável, devemos dizer que todo o finito tem a mesma linguagem a respeito das grandes realidades sobrenaturais. Cada coisa, cada ser não desnaturado, se aplica por inteiro a nos fazer conhecê-lo. Mas o Homem Deus está acima de todo finito; sua Mãe Santíssima, que é o motivo da criação, os Filhos de Deus e a Igreja, que vive de uma vida divina, são predicadores incomparáveis!

Ó Jesus, ó Maria Santíssima, ó Filho de Deus, ó Igreja Católica, neste Capítulo iremos então meditar sobre Vossos ensinamentos e Vossos exemplos, com a intenção de precisar cada vez melhor nossas

---

[733] Jó, 21, 14.
[734] Daniel, 13, 9.
[735] Jeremias, 17, 13.
[736] Exod. 15, 5.
[737] 1a. Timóteo, 3, 15.

ideias sobre os lugares que ocupam o Paraíso e o Inferno, como a respeito das tendências que conduzem a esses dois termos.

Primeiro Ponto: Ensinamentos decorrentes dos principais mistérios sobre Nosso Senhor Jesus Cristo.

360. – *Subindo ao Céu Ele conduziu o cativeiro cativo*; *deu dons aos homens*. *Mas o que é: Ele subiu? Quer dizer que Ele havia descido às partes inferiores da terra? Aquele que desceu é o mesmo que subiu acima de todos os céus a fim de preencher todas as coisas*. Não é claro? Há o alto e o baixo. O alto para onde Nosso Senhor Jesus Cristo subiu; o baixo para onde Nosso Senhor, anteriormente, havia descido. O alto é o que está acima de todos os céus; o baixo é onde gemem, ou melhor, onde suspiram os cativos. O alto é onde se encontra ao largo, onde se triunfa, onde se encontra definitivamente o bem sem mistura de mal. O baixo é o lugar da prova, o baixo inferior onde estão os cativos a se libertarem. O muito baixo, a última profundidade, é onde Nosso Senhor Jesus Cristo não exerce senão seu poder e sua justiça, porque Ele *deve preencher*, de alguma maneira, *todas as coisas*, uma vez que tudo foi predestinado nEle (nn. 278 e seguintes).

Vimos igualmente que há duas tendências, dois movimentos, duas forças contrárias. Uma que faz *subir ao Céu* e até acima de todos os Céus, e a outra que faz descer *até as partes inferiores da terra,* inclusive aos lugares dos cativos.

Eis a força centrípeta e a força centrífuga na ordem moral.

361. – É verdade que no Homem-Deus a gravitação para baixo não constitui uma prova pessoal que deveria terminar no mal e no distanciamento definitivo do Céu Empíreo. *Mas Ele experimentou, como nós, todas as sortes de tentações, excluído o pecado*[738], para nos ensinar a triunfar em nossa prova, que para nós é perigosa. *Mas Ele, aniquilando-se a Si próprio, tomando a forma de escravo, tendo-se feito semelhante aos homens e tido pelos de fora como homem, Ele se humilhou a Si mesmo fazendo-se obediente até a morte, e a morte de Cruz. É por isso que Deus O exaltou e a Ele foi dado um Nome que está acima de todo nome, a fim de que ao Nome de Jesus todo joelho se dobrasse, no Céu, na Terra e nos infernos. E que toda língua confesse que o Senhor Jesus Cristo está na glória de Deus Pai*[739].

O salvador Jesus, pelas profundas e divinas humilhações que sofreu na região terrestre, no lugar onde a prova foi a mais rude, fez des-

[738] Hebreus, 4, 15.
[739] Filipenses, 2, 7-11.

cer do alto do Céu sobre nós os rios de misericórdia de Deus e de graças sobrenaturais. *Ele reconciliou com Deus todas as coisas, pacificando pelo seu sangue na cruz tanto o que está sobre a terra, quanto o que está no céu*[740], encaminhando para o Céu os habitantes da Terra, atirando sobre a Terra os olhares benéficos e ricos das influências do Céu. Assim *Deus Pai, por seu Filho, nos fez dignos de tomar parte na herança dos santos na luz. Ele nos livrou do poder das trevas*, que nos atrai para as profundezas do abismo, *e nos transferiu para o Reino do Filho de sua dileção*[741].

362. – O Verbo encarnado *desceu* para compartilhar a sorte do homem pecador, do homem provado, do universo móvel, a fim de tudo elevar e lançar com mais força ao Céu Empíreo. Se o Salvador, depois de seu batismo, subindo o Rio Jordão, *tirou da água e elevou, de alguma maneira, o mundo batizado com Ele*[742], não o elevou melhor ainda quando subiu ao Céu *conduzindo o cativeiro cativo*? Certamente estas últimas palavras têm uma imensa importância. Nosso Senhor Jesus Cristo não conduziu aos Céus somente *cativos*, como eram as almas dos Santos Padres que esperavam, nos Limbos, o triunfo do Messias. Teria sido facílimo ao Apóstolo escrever *cativos*. Mas ele quis exprimir um pensamento mais amplo e mais profundo: *subindo ao Céu Jesus conduziu o cativeiro cativo*.

363. – Cativeiro é a detenção forçada, é a privação da liberdade. O cativeiro deixa à vida esperanças maiores ou menores de rever a Pátria ou de recuperar a liberdade de exercício de seus atos. Para falar com propriedade, no Inferno os condenados não são portanto cativos, mas estão mortos para toda Esperança, fixados invariavelmente fora de seu fim, eles não podem sequer se alegrar com o pensamento de que sua libertação seria possível. Mas todos os outros seres privados de liberdade foram libertados, de alguma forma, por Nosso Senhor Jesus Cristo, subindo ao Céu.

As almas dos Santos Padres O seguiram para ir ao Céu Empíreo. Por isso a sua libertação foi completa.

Os membros da humanidade submetidos ainda à prova foram libertados, segundo os Teólogos, *no ato primeiro*. Quer dizer que o Senhor quebrou os liames de todos os tiranos e deu à humanidade os meios infalíveis de recuperar a liberdade dos Filhos de Deus. Não ha-

---

[740] Colossenses, 1, 20.

[741] Ibid., 12, 13.

[742] Ascendit Jesus de aqua, secum quodammodo demersum educens et elevans mundum. (São Gregório Nasianzeno, Orat. in Sanct. lumina.)

verá, portanto, mais cativeiro entre os homens, a menos que ela seja voluntária, porque não se trata aqui, inicialmente, senão da escravidão moral. *O pecado, a morte, o diabo, o inferno, os ídolos, os tiranos, aquilo que nos subjuga, foram atados ao carro triunfal de Cristo..., em sua ascensão gloriosa ao Céu Empíreo*[743]. Quanto à escravidão corporal em que os servidores de Deus podem incorrer, ela é uma prova passageira que não consegue vencê-los, que acaba numa maior liberdade de espírito e de aspiração para o Céu. É, portanto, a própria escravidão que foi quebrada no coração. Seus entraves foram dissolvidos. Os Amigos de Deus receberam um poder sobre os demônios, sobre o mundo, sobre os maus decadentes, que nada pode prejudicá-los. E, até mesmo, *tudo coopera a seu favor*[744].

364. – Quanto ao universo móvel, ele compartilha a libertação do homem pelo fato de ter havido a Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo ao Céu. No lugar de servir à iniquidade, ele serve à virtude e se encaminha assim para a sua glorificação final.

Ademais, tendo o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo sido o primeiro corpo ressuscitado a subir ao Céu Empíreo, a renovação final da matéria móvel começou. O corpo de Maria Santíssima seguiu o corpo de Jesus; um grande número de santos do Antigo Testamento, tendo já ressuscitado, estão no Céu em Corpo e alma (n. 36, 5º). À medida em que a Igreja militante avança na sua peregrinação terrestre, uma quantidade maior de matéria é empregada na construção e no uso da maior parte dos sacramentos. Isso constitui uma elevação contínua e progressiva da ordem material.

Quanto mais os indivíduos da espécie humana se multiplicam através dos tempos, tanto mais a matéria oferece tributo à formação e à alimentação do corpo humano, que irá ressuscitar um dia, por ser substancialmente unido a uma alma espiritual e imortal, e que deve ser o templo do Espírito Santo: *Não sabeis vós que vossos membros são templo do Espírito Santo, que está em vós... Glorificai e louvai a Deus no vosso corpo*[745]. Além disto, quantas coisas materiais recebem consagrações e bendições por servirem ao culto divino!

365. – Por outro lado, graça à grande civilização cristã, cujo primeiro princípio é este: *Ide... Ensinai todas as nações*[746]*... O espírito*

---

[743] Cornélio a Lapide, ad Ephes. 4, 8.
[744] Romanos, 8, 28.
[745] 1a. Cor., 6, 19, 20.
[746] Mateus, 28, 19.

de verdade... vos ensinará toda a verdade[747], as mais preciosas descobertas não cessam de se multiplicar na geografia, na astronomia, na química, na física... E o trono de Deus, que é o universo, se tornará cada vez mais o objeto proporcionado aos nossos conhecimentos (nn. 239, 240). A ciência, estimulada *por Aquele que é a luz vinda ao mundo*[748] e por aqueles que são também *a luz do mundo* por participação[749], estende suas explorações ativas e enriquecem todos os seres. A filosofia cristã vem em seguida agrupar e como que vivificar todos esses conhecimentos animando-os com seus verdadeiros princípios. Por fim, a Teologia, rica em luzes divinas e sobrenaturais, eleva as relações do universo visível ao universo invisível, as relações do tempo com a eternidade, as relações do movimento e da prova com o repouso final dos seres na glória.

Ó! Como toda criação é assim enobrecida! E como ela anima seu trabalho de glorificação do Supremo Ser, o que constitui uma preparação cada vez mais próxima *dos novos Céus e da nova Terra*![750]

366 – Estimulada pelos esplendores crescentes das obras de Deus, a criatura racional faz subir ao Altíssimo um concerto de louvor, de adoração e de amor, mais sonoro, harmonioso e universal.

Os membros da família humana foram aproximados por suas descobertas recentes. As distâncias no globo terrestre não contam para mais nada. Embora isto se avizinha inicialmente por causa das surpresas e mesmo dos conflitos de ideias e de interesses, entretanto é um caminho rápido para a unificação científica e de expansão da única religião verdadeira, porque o trabalho é tributário da virtude. E a atividade geral e enérgica apressa a realização do plano divino, principalmente sob a influência e a direção da Igreja de Cristo, a mais santa, a mais universal e a mais poderosa das sociedades.

Assim, o concerto de amor que se eleva ao Criador se torna mais único e maior. Os conhecimentos, as virtudes, os santos se multiplicam. De todos os pontos da natureza surgem vozes novas que cantam a glória de Deus e acrescentam seus alegres acentos à antiga harmonia. O universo móvel se expande e se desgasta sempre mais nobremente, devendo seguir os progressos da Igreja e da verdade, favorecer a formação de novos eleitos e exaltar os atributos divinos com uma força crescente.

---

[747] João, 16, 13.

[748] Ego lux in mundum veni (João, 12, 46).

[749] Vos estis lux mundi. (Mateus, 5, 14.)

[750] Nós aguardamos, segundo a promessa do Senhor, novos Céus e uma nova Terra. (2ª. Pedro, 3, 13.)

367. – Ora, esse imenso trabalho da criatura racional e dos seres materiais frutifica sobretudo no Céu Empíreo. A força centrífuga se torna superior e a força contrária é contida.

No dia de seu triunfo, o Salvador não destruiu nem aniquilou de um só golpe a escravidão, porque ela era ainda necessária à prova. Mas Ele a enfraqueceu. Ele a venceu e, ao subir aos Céus, atracou-a a seu carro. Ele como que decuplicou, em todo o universo móvel, a energia que leva as coisas ao alto, e deu aos homens os meios de romper totalmente seus laços com a escravidão. Fez soar, em todo o finito sujeito à prova, um *sursum corda* pelo qual nenhum ser pode-se furtar à poderosa impressão de que Ele finalmente pôs à morte, em princípio, a própria escravidão.

Logo que Ele se levou ao Céu e que *uma nuvem O ocultou aos olhos dos Apóstolos*[751], que força seria capaz de puxá-Lo para baixo? Restou nEle alguma sombra de escravidão? *Ele destronou os principados e as potestades das trevas e as levou cativas, Ele próprio triunfando sobre elas, com um nobre orgulho*[752]. Então, na ordem dos seres inferiores quem poderia lhes resistir? Certamente Nosso Senhor Jesus Cristo elevou-se com todo poder sobre todas as criaturas. Ele se proclamou *a cabeça do corpo da Igreja; Ele é o príncipe, o primogênito dentre os mortos, a fim de que em todas as coisas Ele mantenha a primogenitura*[753].

A Igreja, da qual Nosso Senhor Jesus Cristo é a cabeça*, tem dois estados. Quer dizer, o estado da graça, no tempo presente, e o estado da glória, no tempo futuro. E é a mesma Igreja. Nosso Senhor Jesus Cristo é a cabeça da Igreja nesses dois estados dela, porque Ele é o primeiro na graça e o primeiro na glória*[754].

368. – Assim, pois, como Nosso Senhor Jesus Cristo, por sua Encarnação, *veio à terra para que suas ovelhas tenham a vida, e que a tenham mais abundantemente*[755], *para que a graça superabunda onde havia abundado o pecado*[756], desde o início, por sua ressurreição universal e sua ascensão, Nosso Senhor é um príncipe da ressurreição universal e da glória para tudo o que está submisso, de qualquer maneira, à prova: *Eu sou a ressurreição e a vida*[757], inicialmente para

---

[751] Atos, 1, 9.
[752] Colosenses, 2, 15.
[753] Ibid. 1, 28.
[754] Santo Tomás, Comentários à Epístola aos Colossenses, c. 1, 18, lect. 5, 2.
[755] São João, 10, 10.
[756] Romanos, 5, 20.
[757] São João, 11, 25.

humanidade. Agora, *a ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo é diretamente a causa de nossa ascensão, que começa na nossa cabeça, a qual necessita que os membros se juntem... Cristo, subindo céu, adquiriu para si próprio, e para nós, para sempre, o direito e a dignidade da morada celeste*[758].

Mas, há mais. *Ele foi preparar, para nós, o lugar da glória*[759], *os mundos que devem ocupar sua Igreja triunfante: Ele subiu além de todos os céus para encher* todas as coisas de seus dons.[760] Ao atravessar, triunfante e glorioso, todos os espaços para subir *além de todos os céus*, ele impregnou, por assim dizer, a natureza inteira de um fermento de renovação e de glória, a fim de preparar seu Reino na suprema perfeição e na suprema bondade[761].

Mas, soberanamente sábio como é Nosso Senhor, Ele procede, em todas as coisas, gradualmente e com ordem. *A ordem natural das coisas, sendo de instituição divina, tem isto de particular que toda causa age inicialmente sobre o que a avizinha de mais perto, e, em seguida, por aí, sobre as coisas mais distantes: Como o fogo aquece, de início, o ar que o contorna, e, pelo ar, os corpos que estão mais distantes*[762]. Assim, causando a santificação, a ressurreição e a glorificação dos seres racionais, é que o divino Salvador causa a renovação universal. Ou melhor, Ele quer este último efeito (renovação de todas as coisas) por causa daquele (santificação, ressurreição e glorificação das criaturas racionais).

Tendo desposado a natureza humana e glorificado sua alma e seu corpo, o Homem-Deus, por sua alma e seu corpo glorificados, agiu, de início, sobrenaturalmente sobre seus irmãos segundo a natureza humana. E, em seguida, em vista desta e das outras criaturas racionais, sobre o conjunto de seres finitos, notadamente sobre os mundos celestes, que estão destinados a ser a habitação dos seres racionais: *Convém à liberdade da glória dos filhos de Deus que sua habitação seja só*

---

[758] Santo Tomás, 3 p. q. 57, a. 6, ad. 2m e 3m.

[759] São João, 14, 2.

[760] Santo Tomás, ibid.

[761] Todas as criaturas foram restauradas, e mesmo como que deificadas, por Cristo, porque, por Cristo, elas foram unidas ao Verbo de Deus... O homem é um microcosmo e um compêndio de todas as criaturas. Tornando-se Homem, Nosso Senhor Jesus Cristo assumiu, portanto, todas as criaturas. É por esta razão que sua Encarnação as moveu e fê-las rejubilar-se de alegria, sobretudo pela esperança... de serem libertadas da corrupção e da miséria... (Cornélio a Lápide, in Agg. 2, 7.) Como deve ter sido essa esperança no dia da Ascensão!

[762] Santo Tomás, 3 p. q. 56, a. 1.

sobrenaturalmente renovada... E essa habitação é constituída pelos corpos celestes que são destinados a ser glorificados[763].

369. – Concluamos, então, de uma maneira geral, que Nosso Senhor Jesus Cristo, pela glorificação de sua alma e de seu corpo, destruiu, em princípio, toda a escravidão. Ele aliviou todos os seres desta horrível poeira que os precipitavam, quase fatalmente, nas profundezas e nos abismos, pois haviam recebido do pecado seu peso tirânico.

O Redentor restabeleceu a harmonia do universo e o fez de tal maneira que a restauração enriqueceu sua beleza primeira: *Ó felix culpa*! Mas Ele operou esta grande obra descentralizando e lançando, por assim dizer, todos os seres ao longe, ao Céu Empíreo![764]

370. – Ó homens, ó mundos móveis, no momento eu compreendo, tanto de uns como de outros, vossos procedimentos e vossos movimentos.

Como os homens procuram necessariamente uma felicidade ilimitada, e como Nosso Senhor Jesus Cristo os elevou às alturas celestes, da mesma forma os grandes corpos da natureza se movimentam em direção ao Céu dos céus, obedientes à força que os impulsiona para seu fim último. Como um galho tomba para o chão, porque ele não tem, por si só, a força de procurar o Céu Empíreo, assim também a humanidade se reúne em torno de Nosso Senhor Jesus Cristo para procurar, com Ele, o Paraiso.

Como a terra, caminhando por sua conta para o Céu supremo, gira também em torno do sol porque este recebe, mais que ela, influências do alto, assim nós recorremos à Maria Santíssima, aos anjos e aos santos, como grandes canais da graça. E a eles recomendamos nosso destino. Assim sendo, nós temos, por Nosso Senhor Jesus Cristo, as luzes da Fé que engendram em nós o conhecimento dos seres e dos mundos superiores; pela firmeza da esperança, o desejo dos bens supremos; pelos liames unitivos da caridade, o que nos une a Deus; e, por Deus, aos nossos semelhantes.

---

[763] Santo Tomás, Comentários à Epistola ao Romanos, cap. 8, leitura 4, 3, 2º e 3º. Mas os corpos celestes não serão glorificados senão quando tiverem terminado de completar seu ministério junto aos Filhos de Deus, no estado de prova. Contudo, o universo móvel passou a cumprir melhor esse ministério depois da vinda e do triunfo de Nosso Senhor Jesus Cristo do que anteriormente, como já dissemos nos números precedentes.

[764] Esta descentralização não destrói a gravitação mútua dos corpos, mas ela faz gravitar melhor todos os corpos para as criaturas racionais, para seu conhecimento e devido uso. E direcionar estas, as criaturas racionais, também melhor, para o Céu Empíreo, de maneira que, graças a Nosso Senhor Jesus Cristo, a natureza móvel faz progressos consideráveis no sentido de sua glorificação.

Igualmente o Céu Empíreo move, por suas luzes, os mundos inferiores,[765] mantendo-os entretanto, malgrado os seus movimentos, na estabilidade (n. 352) e na procura de seu equilíbrio final. Une-os entre si, seja contendo todos no seu seio, seja penetrando-se em todos, com suas influências recíprocas, o que faz com que sejam todos unidos para o Céu Empíreo, por causa dele e para ele.

371. – Ó natureza, como vós sois bela e inteligível no plano divino explicado pela obra divina de Nosso Senhor Jesus Cristo! Que não se me pergunte quais são, portanto, vossas forças, vossas atrações, vossas repulsas, vossas afinidades, vossos movimentos, como se vós fosseis mais misteriosa que o homem e que a religião divina. É que o homem, sobretudo o católico, especialmente o verdadeiro Filho de Deus, não tem excelentemente tudo isto que vós tendes? Vosso pensamento e vossos desejos são maiores que vossa extensão... Vossa dignidade é tal que vos serveis dela como uma senhora que aguarda a vossa glorificação como reflexo da vossa e que está destinada a vos dominar por inteiro. Vós tendes, mas ainda em um grau muito inferior, vossas necessidades, vossos amores e vossos ódios. Como o homem é sociável e constituído em sociedade, para vantagem de cada indivíduo e de toda a espécie, assim vossos corpos se atraem mutuamente, cada um sendo um bem para os outros e para o conjunto. E vós formais diversos sistemas e diversos grupos onde vossos indivíduos se encontram à vontade.

Nossas simpatias estão nas vossas afinidades. Nossos olhos estão nas vossas repulsas e lutas de elementos. Finita como nós, vós, como nós, tendes vossas necessidades. Ainda bem que alguns de vossos seres não são vivificados por uma alma racional e livre. Mas, cada um deles é, entretanto, dirigido por uma alma elementar, um princípio ativo, uma forma substancial capaz de procurar o que lhe falta e de fugir daquilo que lhe é contrário.

Nossa alma, com suas forças ativas e passivas, com suas faculdades e suas tendências, nós a recebemos diretamente do Criador. As *forças ativas e passivas* dos seres que nos compõem, força que Santo Agostinho designa *razões seminais*, pelas quais elas estão dirigidas para seus fins, também provêm *imediatamente de Deus*[766].

Nós não podemos nada sem a graça divina na ordem da salvação eterna, graça que nos é merecida por Jesus Cristo e transmitida por

[765] Lux corporalis est forma primi corporis agentis, scilicet caeli, cujus virtute omnia corpora inferiora agunt. (Santo Tomás, Quodlib. 6, in fine)

[766] Santo Tomás, *De Veritate*, q. 5, a. 8 ad 4m, et a. 9 ad 8m.

Maria, pelos anjos, pelos santos e pela Igreja. Igualmente, se bem que *nossos corpos agem por sua virtude natural*, Deus, entretanto, *age sobre todas as coisas como a causa primeira opera sobre a causa segunda...; as virtudes ativas das coisas inferiores* não são senão instrumentais*...; todos seus efeitos devem se atribuir a causa superiores, quer dizer, aos corpos celestes*[767] mais próximos; depois ao segundo Céu e ao Céu Empíreo (nn. 335, 370 nota 4ª); *depois aos anjos, que têm toda administração das criaturas materiais, como um agricultor cuida de seu campo para a agricultura*[768].

Ó natureza móvel, ó grandiosa imagem do mundo moral, o que direi de vós? Como todas as criaturas racionais viadoras estão em movimento para formar a grande Igreja inteligente de Cristo, seu esposo amante e glorioso, assim, ó natureza afortunada, Vós vos moveis e trabalhais para formar depois o imenso lugar dessa Igreja, como o globo terrestre é o cenário da ação e da morada da Igreja militante[769].

372. – Ainda uma vez, ó natureza, devo constatar que vós fazeis causa comum conosco. Todos os motores mais nobres, tanto para vós como para nós, são ou sobrenaturais ou sobrenaturalizados. Vossos primeiros princípios, vossos últimos fins, vossos principais meios providenciais pertencem ao mundo sobrenatural como os nossos. Mas, desprovido de inteligência e de vontade, e não podendo ter parte na filiação divina, o máximo de vossas aspirações se voltam para a formação das moradas celestes materiais (n. 21), que é o fim sobrenatural proporcionado à vossa capacidade.

Ora, dessas considerações brotam as luzes mais preciosas que esclarecem o que há de mais íntimo nas vossas capacidades, nas vossas energias, nas vossas tendências, nas vossas afinidades, nas leis que vos governam.

Em face destas realidades fundamentais e diretivas, a ciência humana deve guardar silêncio, ou melhor, resolver-se dizer, tristemente: Eu ignoro. Portanto, se a ciência quiser ver melhor, que ela se faça batizar. Após o que, como Valeriano e Tibúrcio, graças ao batismo, viram o anjo da guarda de Santa Cecília, igualmente a ciência verá as moções celestes e angélicas dirigirem sabiamente todas as nossas ope-

---

[767] Ibid. a. 9, ad. 4m, ad 3m, et in corpore.

[768] Sicut agrícola gubernat pullulationem agri, ita per Angelos omnis administrativo creaturae corporalis administratur.

[769] Também, logo que o *Desejado das nações* veio à terra, *o céu, a terra, o mar e todo o universo* foram abrandados (Aggée, 2, 7), como arrebatados pelas poderosas influências de uma nova forma que, sendo a *ressurreição e a vida*, veio restaurar tudo, aperfeiçoar e elevar.

rações[770]. Na natureza aquelas coisas que parecem ingênuas e infelizes assim se manifestam porque são procuradas onde elas não devem estar. Ou porque são procuradas como pura mecânica quanto devem ser vistas como princípios vitais das influências e das vontades superiores.

373. – Mas, a nossos olhos esclarecidos pela fé, a natureza faz parte, como nós, do grande Reino de Deus, de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Maria Santíssima, dos Anjos e dos Eleitos. E esse reino é realmente governado, a partir dos mundos maiores até aos menores átomos, por estes seres superiores.

De início é necessário dizer que todas as coisas estão submetidas à Providência divina. Não somente no seu conjunto, mas também em todas suas particularidades[771]*. Mas a Providência divina se serve de certos meios. Ela governa as coisas inferiores pelas superiores, não porque sua virtude seja defeituosa, mas por causa da abundância de sua bondade, que quer comunicar às criaturas a dignidade da causa*[772].

Ora, no cume das criaturas que recebem diretamente de Deus a comunicação da *dignidade causal* encontra-se a Cidade Santa de Nosso Senhor Jesus Cristo, depois de Maria Santíssima (nn. 212-227; 229-237; e cap. 10), tendo os anjos como seus ministros e seus servidores (ibid. e cap. 11). A matéria glorificada do Céu Empíreo desempenha, depois dos anjos, um papel muito importante quanto aos seres materiais inferiores (cap. 12º, Medit. 2ª. e 3ª.), mas sob a moção e a direção dos anjos. *Porque as criaturas materiais, mesmo as mais dignas, não são nada providentes, mas apenas agentes..., enquanto os anjos são providentes, ademais de agentes. E sua providência é universal. Ou seja, estende-se sobre todas as criaturas materiais.* É por que os santos, assim como os filósofos, dizem que todas as coisas mate*riais são regidas ou governadas pela Divina Providência mediante os anjos... E que os anjos desempenham esse ministério imprimindo movimento aos corpos superiores que, a seu turno, causam o movimento nos corpos inferiores*[773].

374. – Se isto é assim – tudo feito, evidentemente, para a Igreja de Cristo, os espíritos, as almas, as formas, os corpos, a matéria e todo

---

[770] Quamvis motus caelestis, secundum quod est actus corporis mobilis (considerado enquanto um corpo posto em movimento), non sit actus voluntarius; secundum lamen quod est actus moventis, est voluntarius, id est ab aliqua voluntate causatus ; et secundum hoc, ea quae ex motu illo causantur, SUB PRUDENTIA cadere possunt.

[771] Suma Teológica, 1, p. q. 22, a. 2.

[772] Ibid. a. 3.

[773] *De Veritate*, q. 5, art. 8, in corp.

universo perfectível participam da prova e da glória de seu Chefe – sua corte está, nos diversos graus, em Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o modelo e o Senhor do Universo. E como a Alma e o Corpo de Cristo, *glorificados*, estão elevados acima de todos os céus, toda alma, toda forma, todo corpo, toda matéria móvel experimenta tais *ascensões*[774] ao Céu Empíreo, no mais íntimo do seu ser suspiram para ser libertadas por Nosso Senhor Jesus Cristo e querem pertencer à sua Igreja Triunfante, ou como preparação, ou como habitante, ou como lugar.

Segundo Ponto: Ensinamentos que decorrem dos exemplos de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua obra, considerada em geral

375. – A Humanidade santíssima de Nosso Senhor Jesus Cristo ressuscitado e glorificado é, portanto, a primeira causa final que move todos os seres perfectíveis, quebrando as amarras de seu cativeiro, atraindo-as ou fazendo-as atrair para o Céu Empíreo e *enchendo todas as coisas* de suas universais influências.

Evidentemente o Paraíso ocupa todas as alturas porque o Rei do Universo fixou sua morada acima de todos os céus e porque Ele dirige e faz dirigir para essas sublimes regiões tudo o que é capaz de se aproximar delas.

Mas, quando, antes de seu triunfo, Nosso Senhor desceu *às partes inferiores da Terra,* foi ao lugar *do cativeiro* e do mal que Ele se dirigiu. Ele se aproximou, vindo da Terra, da região do mal supremo, do inferno, onde nós corremos o risco de cair, e do qual Ele nos salvou.

O Paraíso ocupa, portanto, todos os lugares superiores do universo. O inferno é imóvel na mais baixa profundidade. Quer dizer, no centro (nn. 25-29).

Os seres em movimento e a criatura racional, na condição da prova, se encontram entre os dois extremos (n. 25). Porque é literal e absolutamente verdadeiro que Cristo Nosso Senhor desceu quando Ele veio à Terra e quando foi aos limbos. E é igualmente verdadeiro que Ele subiu ao alto *quando foi acima de todos os céus, ou melhor, quando Ele se tornou mais* elevado *que os céus*[775].

376. – Às provas desta tese, que deduzimos da Sagrada Escritura, da teologia, da tradição, da cosmologia, dos grandes mistérios do triunfo e da realeza universal de Nosso Senhor Jesus Cristo, nós va-

[774] Salmo 83, 6.
[775] Hebreus, 7, 26.

mos acrescentar aqui provas morais que, fornecendo-nos as mais salutares lições, nos ajudaram a compreender melhor ainda o conjunto das obras de Deus, e nos mostrarão também, à sua maneira, o lugar da felicidade perfeita e o lugar dos horrores irremediáveis.

377. – Um doutor sério disse justamente: "Há um princípio que se apoia na Escritura e na Tradição que é o de que as coisas visíveis não são somente um meio para o homem poder se servir para se levar a Deus e às coisas invisíveis. Elas foram dispostas pelo próprio Deus *de maneira a serem verdadeiramente a imagem e o símbolo destas realidades superiores*. Estas relações simbólicas, nosso espírito não as criou. Seu papel não é senão o de as reconhecer"[776].

Não é, portanto, sem razão que nós aliamos as atrações físicas às atrações morais, e reciprocamente, porque o plano divino brilha com uma unidade maravilhosa. E as obras que exprimem esse plano participam desta unidade, explicando-se mutuamente uns aos outros.

378. – Entretanto não hesitamos em dizer que o mundo moral é geralmente mais conhecido de nós do que o mundo físico, seja porque nele desempenhamos um grande papel, mas sobretudo porque esse mundo é iluminado por luzes divinas, particularmente pelo grande "sol da Revelação", que é Nosso Senhor Jesus Cristo. Ó, que bondade incomparável, mesmo do ponto de vista do conhecimento da natureza, pelo fato de ter por Redentor, por Salvador e por Doutor um Homem-Deus, que é o *Alfa e o Ômega, o princípio e o fim de todas as coisas*[777], *que é a imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, Aquele pelo qual todas as coisas foram criadas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis*[778], e que a todos governa por sua Mãe e pelos seus anjos (nn. 290, 347, 348, 372)! Tudo que o Ele diz, tudo o que Ele faz, interfere de alguma maneira na universalidade dos seres. Devemos estar certos de que seus exemplos e ensinamentos se harmonizam com todas as criaturas e nos dão o tom justo de todas as coisas. Então, mesmo que Ele não nos instruísse direta e formalmente sobre tal ou tal verdade que diz respeito ao conjunto ou às disposições dos seres que nos são invisíveis, entretanto, como Ele é a *verdade* e sabe tudo, como Ele rege todo o finito, sua conduta, sua maneira de dizer, seus gestos, seus preceitos, seus conselhos deixam eu sempre transpa-

[776] "*A renovação na vida cristã*": pequena obra sem nome do autor, mas que é muito boa e está garantida por grande número de aprovações episcopais. Ver esta obra na pág. 33, nota.

[777] Apocalípse, 21, 6.

[778] Colossenses, 1, 15, 16.

recer ao longe uma luz que não tem mais limites como sua ciência, da qual se podem extrair muitos ensinamentos (nn. 305-310).

379. – Esta riqueza inesgotável dos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo foi muito justamente expressa por São João, quando diz, no fim de seu Evangelho: *Há ainda muitas outras coisas que Jesus fez; se elas fossem escritas* em detalhe, *eu penso que o mundo não poderia conter os livros que se poderiam escrever*[779].

Com efeito, não há no universo criado uma substância, uma forma, um átomo do ar ou dos outros corpos, um ponto do espaço, que não tenha relações diretas com Nosso Senhor Jesus Cristo, em que tudo foi predestinado, a Quem tudo foi submetido, e que governa tudo (nn. 279-286; 373). Ora, se se escrevesse apenas uma palavra sobre as relações de cada substância, de cada átomo, de cada ponto do espaço, com Nosso Senhor Jesus Cristo, é evidente que essa palavra ocuparia mais espaço do que o átomo e do ponto do espaço indicado. E se se fizesse isto com todo o mundo, é claro que *o mundo não poderia conter os livros que seria necessário escrever*. Não é isto uma consequência muito lógica do que a teologia nos ensina sobre as grandezas de Nosso Senhor Jesus Cristo e sobre as relações de toda matéria com o corpo do Homem-Deus e com sua Igreja?

380. – Se é assim quanto a uma infinidade de coisas que os Evangelistas escreveram referente à vida mortal de Nosso Senhor Jesus Cristo e as que eles não escreveram, o que dizer dos grandes tratados desta vida divina, que figuram nos Evangelhos? Não têm, por mais forte razão, um alcance universal? E por que seus preceitos e seus conselhos, como também seus observadores fiéis, não têm uma elegância que repercute em todo universo? É porque aquilo que se passa nas mais altas esferas criadas, ou seja, no mundo dos seres inteligentes e racionais, não pode falhar em representar sobretudo o que foi feito por esses seres, cujas condições obedecem de alguma maneira às condições dos seres superiores, tanto maior é a glória que dão no período da prova (nn. 36, 4o. e 5o.; 89, 90; 113; 326-328).

381. – Ora, se for possível resumir em algumas palavras os exemplos de Nosso Senhor Jesus Cristo, nós devemos dizer que todos eles visam principalmente nos tornar vitoriosos sobre as atrações baixas e aviltantes e a nos fazer *viver nos céus*[780], pela nossa inocência e

[779] São João, 21, 25.
[780] Filipenses, 3, 20.

por nossas aspirações. É também para este fim que eles nos reconciliam com Deus e nos enchem de suas graças.

A vida cristã, modelada na vida do Homem-Deus, é uma aprendizagem de comando e de domínio do corpo humano sobre as faculdades inferiores do homem e sobre: a) o conjunto dos homens perversos, que se chama mundo; b) sobre os espíritos malvados; c) sobre os bens perecíveis; e d) sobre toda a natureza. Essa vida prepara os habitantes do Céu, que reinarão com Nosso Senhor Jesus Cristo e sobre aqueles que lhes serão inferiores em mérito e em glória. E também sobre os condenados e todo universo material.

Para alcançar uma tal grandeza e uma tal elevação, é necessário que o homem, durante a prova, se engrandeça e se eleve segundo sua capacidade, com ajuda das influências celestes da graça, e se conforme, na medida de suas possibilidades, ao arquétipo da grandeza humana, que é Nosso Senhor Jesus Cristo. Porque a vida da glória não é uma criação, mas um desabrochamento completo, um coroamento inefável da vida cristã.

382. – Mas, quais foram os principais caracteres da grandeza de Cristo Nosso Senhor?

1º) Nosso Senhor Jesus Cristo *foi pobre* dos bens efêmeros desta vida, *e miserável* segundo o mundo[781]. O Autor dos verdadeiros bens, e de todos os bens, quis mostrar que o reino material, não glorificado, não é digno do homem, que é preciso preferir os bens espirituais e sobrenaturais, que conduzem o homem à perfeição e à posse de Deus, e que *aquele que terá abandonado..., por causa de seu nome, ou sua casa ou seus irmãos..., ou terras, receberá o cêntuplo e terá por herança a vida eterna*[782].

As coisas materiais, tendo sido criadas para o homem as possuir e desfrutá-las, elas não são más em si. Inclusive o próprio Salvador se serviu delas conforme a necessidade exigia. Mas procurar nelas a felicidade, atribuir-lhes importância maior do que aquela de simples meios para aquisição de bens superiores, deixar se arrastar e assenhorear-se delas, julgá-las boas apenas para guardar e não para utilizá-las para fins mais altos, aí está um grande mal, porque assim o homem decai e se arrasta para os abismos. E por causa do perigo de se deixar levar por um problema tão usual e importante, o Salvador nos mostra, com seu exemplo, o melhor procedimento a seguir neste caso: consiste em

[781] Ego autem mendicus sum et pauper. (Salmo 39, 18).
[782] São Mateus, 9, 20.

desprezar esses bens e a não procurar senão o indispensável, para em seguida elevar para o alto seus pensamentos e seus desejos.

383. – 2º) Outra característica da grandeza de Nosso Senhor Jesus Cristo: o desprezo da glória mundana.

Provando ser isto que Ele queria, Nosso Senhor não pretendeu ser nem grande conquistador, como Alexandre; nem grande filósofo, como Platão; nem grande orador, como Cícero; nem grande poeta, como Homero; nem grande artista, como Fídias. Ele recusou todas as grandezas puramente humanas como indignas dEle e absolutamente desproporcionadas aos desejos de grandeza e de glória que estão no coração do homem, sobretudo no coração do católico.

Nosso Senhor Jesus Cristo não procurou em todas as coisas senão a glória de seu Pai, dando exemplo de aquisição da única verdadeira glória. Por isto Ele reconcilia o Céu com a Terra; os homens, com os anjos; as consciências, com os destinos humanos.

Filhas de Deus por natureza, entretanto as grandezas mundanas, de si, seriam risíveis. Mas Ele quis possuir todas as virtudes e todas as graças, porque somente elas tornam o homem verdadeiramente glorioso.

Elevar todos os homens à filiação adotiva de Deus, fazendo isso, contudo, como reis que dividirão um dia seu domínio universal com todas as criaturas; conduzir todos à contemplação e à posse de Deus, imenso, infinito, Bem supremo da beleza e da própria verdade; paralisar e anular, no princípio, as atrações que os degradam, que os abaixam, que os tornam *cativos* dos poderes inferiores. Em uma palavra, tudo engrandecer, tudo expandir, conduzir aos fins supremos tudo aquilo que está em vias de aperfeiçoamento: eis a única ambição do Homem-Deus. Eis onde Ele põe sua glória, eis o fim que Ele quer atingir, mas sem compelir, todavia, a liberdade humana, porque para o seu serviço no Reino dos Céu o Deus dos Exércitos não admite senão voluntários.

384. – 3º) Terceiro caráter da grandeza de Cristo: Não procurar o contentamento de seu corpo nem das faculdades inferiores de sua humanidade: *Minha alimentação*, diz Ele, *está em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar sua obra*[783]. *Suas delícias são em estar com os filhos dos homens*[784], *mas para procurar e salvar o que estava perdido*[785], e Ele realizou esse ministério condenando-se a uma vida

[783] São João, 4, 34.
[784] Provérbios, 8, 31. .
[785] São Lucas, 19, 10.

de penitência, de trabalho corporal e de sofrimento, coroada pela morte da Cruz.

Os prazeres corporais concentram o homem nele próprio. Eles o tornam egoísta; amesquinham seus pensamentos, fazem-no rebaixar-se à animalidade com culpabilidade maior. O inferno e os demônios arrastam fortemente para o abismo um infeliz que se degrada assim. O Salvador ensinou, por seu exemplo, a procurar os nobres e castos prazeres da alma, da virtude, da graça, da glória celeste. E, para procurá-los, é preciso como que sair de si mesmo, desposar-se com os interesses de Deus, promover a salvação eterna das almas, ser fonte de caridade para os semelhantes, ser soldados e mártires da verdade e homens de oração a fim de ter as forças sobrenaturais para renunciar a si mesmo e fazer em si grandes coisas. Que descentralização! Que engrandecimento!

385. – 4º) Enfim, a grandeza incomparável de Nosso Senhor Jesus Cristo aparece no poder e na universalidade de sua obra de restauração e aperfeiçoamento. Ele completa os lugares deixados no Céu pelos anjos rebeldes, *julga e lança fora o príncipe deste mundo*, quer dizer, o demônio[786], fazendo-o *cair* mais baixo ainda que quando foi expulso do Céu[787]. Recupera à espécie humana sua liberdade e suas sublimes esperanças, conferindo *a faculdade de se tornarem Filhos de Deus àqueles que creem em seu nome.*[788] O Céu, a Terra e o inferno voltaram seus olhos para Ele, embora com sentimentos diferentes. Deus, para dizer que Ele era *Filho bem-amado*. Os anjos, para cantar: *Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa vontade*[789]. Os astros, que incumbiram uma estrela de honrar seu nascimento; e o sol, de tomar parte na dor de sua morte; a terra, que tremeu; os mortos, que ressuscitaram logo que Ele entregou sua alma a Deus; os infernos superiores, onde Ele levou a alegria da libertação; os infernos inferiores que tiveram de *dobrar o joelho*, forçadamente, *ao Nome de Jesus*[790]. O mar, que tornou sólido sob seus passos; as doenças, que desapareceram sob o império de sua palavra; os corpos mais duros se fizeram fluidos para deixar passar seu corpo ressuscitado; os corpos naturais e os espaços, vencidos pelos mistérios de seu amor eucarístico e de sua ascensão ao Céu. *Todas as verdades*, *todos* os tempos, *todos* os lugares, *todos* os corações submetidos, em princípio,

[786] São João, 12, 31.
[787] São Lucas, 12, 18.
[788] São João, 1, 12.
[789] São Lucas, 2, 14.
[790] Filipenses, 2, 10.

à sua Igreja: *O espírito de verdade vos ensinará toda a verdade*[791]. *Ide a todo o universo e pregai o Evangelho a toda criatura*[792]. Porque toda criatura móvel está destinada a ser renovada e glorificada.

386. – Ó Jesus, como Vós sois grande! Mas há uma íntima relação entre as coisas da ordem moral e as coisas da ordem física, como o poder de Nosso Senhor Jesus Cristo e a universalidade de sua obra nos demonstra, como no-lo demonstra também a unidade do plano divino. Por conseguinte, como Jesus vem restaurar, por uma virtude *do alto*, expandir, engrandecer, elevar tudo aquilo que é perfectível, o Paraíso – para onde devem ir os corpos depois do período dos movimentos ou da prova – deve ser, em vez de lugar, tudo o que há de maior, de mais vasto, de mais elevado, de mais distante do centro do universo. O Paraíso deve ser, portanto, a circunferência ou o envelope de toda ordem física (nn. 21-23, etc.). E isto, mais ainda do que objeto da felicidade essencial da criatura racional no Céu, é o Imenso, o não circunscrito, Deus. É necessário, portanto, que o lugar mais perfeito seja aquele que mais se pareça com Deus, tanto mais quanto o objeto da felicidade essencial da criatura racional no Céu é o Deus Imenso, o não-circunscrito. Portanto, é necessário que o lugar mais perfeito seja o que mais se assemelhe a Deus, tanto quanto um lugar possa se assemelhar ao Imenso.

387. – O universo móvel, que serve à prova, figura no segundo grau, em termos de perfeição. E, portanto, deve ser menos extenso do que o Céu Empíreo.

Que ninguém nos objete que a extensão não é, propriamente falando, uma perfeição. Pois, se isso é verdade em relação aos espíritos, é falso em relação aos lugares. Todas as outras coisas, sendo iguais, um lugar grande é mais valioso do que um lugar pequeno. Contém mais seres, pode ser cenário de mais perfeições e maior felicidade.

Ora, Nosso Senhor Jesus Cristo **desceu** ao lugar da prova: *descendit primum in inferiores partes terrae*. Quer dizer que Ele veio *mais abaixo ainda* do que o *céu* móvel *e que o ar*. E, por conseguinte, mais baixo que o Céu Empíreo, para *desposar e elevar nossa natureza inferior e terrestre*[793]. É verdade que, como filho de Deus, *Ele não se moveu localmente,*[794] porque Ele está em todos os lugares. Mas a descida significa, portanto, a inferioridade da Terra relativamente ao Céu.

---

[791] São João, 16, 13.
[792] São Marcos, 16, 16.
[793] Santo Tomás, Com. in epist. ad Ephes. Ch. 4, 9.
[794] Ibid.

E, portanto, a inferioridade de todos os corpos da natureza móvel com relação ao lugar da glória.

Concluamos, então, que o universo móvel, menos perfeito que o Céu Empíreo e o lugar onde Nosso Senhor Jesus Cristo veio se humilhar e se abaixar para nos elevar e nos glorificar, é menos extenso que a Jerusalém Celeste (nn. 20 e seguintes) e se encontra entre o Paraíso e o Inferno, seja quanto à perfeição, seja localmente.

388. – Mas, ademais, a *alma de Nosso Senhor Jesus Cristo* realmente *desceu ao inferno, que está* ***abaixo*** *de nós... para libertar as almas dos Santos Padres... e para também retirar de lá o cativeiro cativo*[795]. Este lugar é bem uma parte do inferno, como o é o limbo das crianças mortas sem batismo, como também, num certo sentido, o Purgatório (*a porta inferi erue, Domine, animas eorum*), porque ele não é um lugar de prova, nem o lugar da glória celeste.

Há muitos infernos, e é sempre descendo que a ele conduz, como nos ensina nossa fé: *Descendit ad inferos*. É, portanto, evidente para nós que as regiões infernais se encontram embaixo. E, com relação ao Céu Empíreo, e ao universo móvel, sobretudo a Terra: *Subirei eu aos céus? Vós lá estareis, Senhor. Mas, se eu me prostrar nos infernos, lá estais*[796]. Mas o Inferno onde são infligidas as penas eternas, *esta terra de miséria e de trevas*, *onde habita a sombra da morte, onde tudo está em desordem e num eterno horror*[797] é, cremos, o que há de mais profundo e de mais central no universo (nn. 25, 26). Outras autoridades mencionada nos lugares indicados dão-nos por provas os caracteres do pecado e a analogia.

389. – Todo pecado é, no início, uma aversão a Deus, que é infinitamente grande e infinitamente perfeito.

O pecado é também, por consequência, uma aversão aos maiores e mais belos lugares, o Céu Empíreo: *Eles desprezaram uma terra de delícias, não creram na palavra de Deus*[798]. Todo pecado é, em consequência, também uma afeição exagerada a criaturas imperfeitas e, portanto, uma reviravolta enorme, uma imensa diminuição dos pensamentos, dos afetos e dos gostos, uma concentração no menor e mais baixo.

Isto não é assaz dizer tudo, porque todo pecador não ama as criaturas imperfeitas por elas mesmas, mas por ele somente. Do orgulhoso

---

[795] Ibid.
[796] Salmo 138, 8.
[797] Jó, 10, 22.
[798] Salmo 105, 24.

ao preguiçoso, todos os pecadores são egoístas que nada amam a não ser aquilo que tem relação com eles, na medida que são pecadores. É, portanto, uma concentração sem limites em prejuízo da imensidade do bem infinito. Além disto, os pecadores não são de fato egoístas hábeis na visão um pouco ampla de seus próprios interesses, porque eles não têm em nenhuma conta seu destino eterno. Eles concentram, então, seus pensamentos e seu amor naquilo que há de menor neles mesmos, no seu ser considerado como mutável e passageiro. E, se eles se fixam na impenitência final em tantas aflições, eu pergunto que lugar está proporcionado a semelhantes disposições?[799]

Com certeza eles devem estar longe de tudo o que é grande, de tudo o que é amplo, de tudo o que é parecido com a imensidade. Eles não devem reinar sobre nada, mas se contentar com eles próprios, com eles próprios culpados. Eles devem ter o menor contato possível com as criaturas de Deus, com esta *tam immensa creatura*[800] da qual eles não serviram senão para seu egoísmo. E o pequeno homem, relativamente ao universo, às criaturas que o envolvem, *será armado para vingar Deus de seus inimigos*[801], e dos inimigos de suas obras.

Tudo isto corresponde ao centro do universo, a esta região imóvel no mal. É o que não se pode dizer de nossa terra, que se move e que pertence aos Céus móveis, na procura de aperfeiçoamento. *Um grande caos está afixado* entre o Céu Empíreo e os mundos móveis, de um lado, e o inferno, do outro lado[802]. *É a região onde não há nenhuma ordem*[803]. O que não parece em nada conveniente que seja o centro da Terra, porque o caos não seria tão grande, pareceria, como está insinuado no Evangelho. Seja porque toda a Terra está em movimento e nela não há nada *de fixo* para sempre, seja porque há uma ordem entre os elementos que a compõem, bem como entre as partes inferiores e as partes superiores, seja também por outras razões que exporemos em seguida, neste trabalho.

390. – O Verbo divino Se encarnou para Se revelar e para encaminhar para Deus, habitando *nos mais altos lugares*. E encaminhando *ao Reino* ***dos Céus*** tudo o que é aperfeiçoável. Sua obra, que é totalmente oposta à do demônio e do pecado, é uma espécie de descentralização, uma ruptura das correntes do *cativeiro*, uma dominação sobre

---

[799] Moraliter considerando loca, ut poemium meritoum, ad ordinem rectum pertinet, ut boni sint in nobilisimo loco, mali vero in infimo. (Suarez, *De Ang*., l. 4, cap. 9, n. 7)

[800] Eclesiástico, 16, 17. – Sabedoria, 5, 18.

[801] Sabedoria, 5, 18.

[802] São Lucas, 16, 26.

[803] Jó, 10, 22.

as forças centrípetas, diabólicas, pecaminosas, e, inclusive, num certo sentido, sobre as forças físicas e naturais[804] (nn. 322-329). A obra de Nosso Senhor Jesus Cristo não se restringe ao homem e ao anjo. Ela compreende tudo o que é finito (n. 286). Não há mundos no universo que não façam, portanto, parte de seu império.

Consequentemente o inferno, que é a contrapartida do reino de Cristo, de cujo poder e justiça não sofre senão os efeitos, deve ter um lugar conveniente no universo, e não somente com relação à Terra. E como, segundo o ensinamento católico, ele está no centro, o termo último, onde termina todas as atrações degradantes, o mundo refratário à ação benfazeja de Nosso Senhor Jesus Cristo, o oposto do Céu Empíreo, o lugar mais baixo, *o mais profundo dos abismos*[805], *o último mundo*, seu lugar está no meio do universo, sob os pés, por assim dizer, de todas as criaturas, debaixo de todos os céus.

Terceiro Ponto: Ensinamentos que decorrem da doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo e das operações da graça – Doutrina da Igreja – Persuasão e prática dos fiéis.

391. – Por seus principais mistérios, por sua obra genericamente considerada e por seus exemplos, Nosso Senhor Jesus Cristo nos incita e nos ajuda a procurar nas alturas os verdadeiros bens, sejam morais, sejam físicos, e a fugir dos verdadeiros males, que estão nas regiões inferiores das almas e do universo. Nosso Senhor confirma tudo isso por seu ensinamento, o mais explícito, e pelas operações de sua graça nos seus fiéis discípulos e imitadores.

392. – Pode-se dizer que a doutrina do Homem-Deus se resume nas oito bem-aventuradanças. Pois cada uma delas liberta o homem das atrações e das forças que tendem a rebaixá-lo e o eleva ao que há de maior e mais sublime[806].

---

[804] "Há em Deus, como em nós, diz Santo Tomás, uma espécie de circulação das operações da inteligência e da vontade, porque a vontade retorna àquilo que foi o princípio da intelecção. Conosco o ciclo se completa *naquilo que está fora de nós*. Porque o bem exterior move nosso intelecto, o intelecto move a vontade, e a vontade tende, pelo desejo e pelo amor, *ao bem exterior*. Em Deus o ciclo se fecha nele mesmo". Ver mais adiante esta passagem (n. 792). Como se vê, o homem é feito para desfrutar da imensidão.

[805] Isaías, 15.

[806] A respeito da natureza das oito bem-aventuranças evangélicas a opinião dos Doutores tem uma certa variedade. Segundo Santo Tomás, elas *se distinguem das virtudes* morais e dos *dons do Espírito Santo*, *não como sendo hábitos distintos* dessas virtudes e desses dons, mas como atos se distinguem nos hábitos... *Não há outros hábitos que dirigem a vida humana além das virtudes e dos dons* (2a. q. 69, a. 1). As bem-aventuranças são, então, ATOS de virtude, produzidos especialmente sob a influência dos dons do Espírito Santo. Ou, ainda, OBRAS PERFEITAS *que, ademais, em razão de sua perfeição, se atribuem mais aos dons do Espírito Santo que às virtudes* (Ibid. q. 70, a. 2). -

1º) *Bem-aventurados os pobres de espírito, porque a eles pertence o reino dos Céus*[807]. E, segundo o texto grego: *Felizes os mendicantes em espírito*... Felizes aqueles que conhecem as misérias inerentes aos bens passageiros e terrestres por não os estimar, por os abandonar ou por não a se afeiçoar a eles, e por procurar, de coração, em Deus,

---

Suarez também não distingue claramente as bem-aventuranças das virtudes e dos dons. Mas ele prova, em geral, que *elas não são atos distintos dos atos das virtudes e dos dons e que elas estão compreendidas nestas categorias de hábitos*. Ele cita quatro teólogos: Santo Alberto Magno, Gerson, Henrique, o grande, e Gabriel, para os quais *as bem-aventuranças são atos distintos dos dons e das virtudes. Ou melhor, VIRTUDES elevadas a um estado perfeito*. Ou seja, *que produzem atos heroicos* (Suarez, *De necessitate gratiae*, l. II, c. 22, n. 1).

É necessário observar que as *virtudes* às quais ele se refere aqui não são as virtudes teologais, que se referem *diretamente* ao fim último do homem. Nem às virtudes morais *naturais*. Quer dizer, as virtudes cardeais e aquelas que delas decorrem naturalmente, como a obediência, a mansidão, a doçura, etc. Mas são as virtudes morais *infusas ou sobrenaturais*, que têm os mesmos nomes das virtudes morais naturais, mas que delas se distinguem *específica e substancialmente*, sendo *sobrenaturais* quanto à sua origem e quanto aos motivos que as levam a agir, uma vez que estão fundadas na fé (Mazzella, segundo Santo Tomas, *De Virtut. infus*, nn. 48 e seg.).

Destas noções e destes ensinamentos parece-nos possível tirar as seguintes conclusões:

1ª) As bem-aventuranças evangélicas não formam uma categoria de hábitos moralmente *melhoráveis*, que sejam distintos e independentes das virtudes morais sobrenaturais e dos dons do Espírito Santo.

2ª) Da leitura atenta do contexto resulta, parece-nos, que as bem-aventuranças são *virtudes* e não somente *atos e obras* de virtude.

A mansidão, a misericórdia e a pureza de coração são evidentemente virtudes. Entretanto, o mesmo não se pode dizer do desapego, ou da pobreza de espírito, do zelo pela justiça e pelo bem, do amor à paz e à ordem e do caráter cristão, que sofre corajosamente perseguição por amor à justiça ou pela honra da causa?

Tal é também a disposição daqueles que choram sobre as misérias da vida presente e que aspiram os bens superiores. A felicidade, *beati*, não está tanto nos atos passageiros senão nos hábitos virtuosos de onde emanam os atos.

3ª) O fundo *habitual* destas virtudes é composto de virtudes morais sobrenaturais contidas nas bem-aventuranças e dons do Espírito Santo que são também hábitos.

4ª) Por conseguinte, na nossa opinião, as bem-aventuranças são a elite das virtudes morais sobrenaturais. Quer dizer, estas virtudes é que formam os principais delineamentos da visão moral dos católicos, depois das virtudes teologais. Elas são necessárias a todos aqueles diversos degraus de perfeição, segundo a diversidade dos estados e das condições.

5ª) As bem-aventuranças têm uma excelência particular dentre as virtudes morais infusas por causa dos dons do Espírito Santo que as elevam e lhes comunicam um heroísmo mais ou menos sublime, e, ao mesmo tempo, uma aptidão especial para receber e seguir as inspirações e os movimentos do Espírito Santo.

A descentralização que operam essas virtudes é maravilhosa! Por elas, o homem eleva seus desejos acima de todos os bens passageiros. Ele mantém sua serenidade quando deles é privado, deplora somente as perdas de bens sobrenaturais e eternos ou a falta de tais bens, tem fome das riquezas espirituais e imperecíveis, imita a Deus promovendo, por misericórdia, o bem ao seu redor, purifica-se cada vez mais para se preparar para ver e possuir a Deus, a Verdade e o Bem supremo. Como pacífico, ele quer, com Deus, a ordem e a paz universal. E todas essas disposições e perfeições, juntas, o fazem invencível em meio às perseguições. Ele se prepara a ser Deus, Ele se torna Deus, ele age em Deus: *Vos dii estis*.

[807] São Mateus, 5, 3.

os bens espirituais, a graça, as virtudes, a glória, as moradas celestes. O *reino **dos Céus*** é deles, de direito, desde o presente. E, mais tarde, será deles de fato, uma vez que, possuindo a Deus, o Bem infinito, eles possuirão, com mais forte razão com Jesus Cristo, todas as obras saídas da mão de Deus, mas gloriosamente melhoradas e transformadas. Como, portanto, Nosso Senhor Jesus Cristo nos desapega da terra e nos leva ao Céus![808]

393. – 2º) *Bem-aventurados aqueles que são pacíficos, porque possuirão a terra*. O desapego dos bens imperfeitos deste mundo, para ser puro, deve ser provado como o ouro no cadinho. E esta prova consiste nas humilhações, nas tribulações, nos desprezos, nas injustiças que forem necessário suportar, sobretudo se for por ser pobre. Ora, *bem felizes aqueles* que, nesta conjectura, se conservam na paz. Eles provam por aí que, nas riquezas e nas vantagens passageiras desta vida, realmente não existe paz. Os desapegados das riquezas e dos bens desta terra não sucumbem a nenhuma tentação de se irritar e de se vingar, porque não se preocupam com coisas de muito pouca importância. Porque, na sua calma, eles veem a mão de Deus ocupada a lhes preparar, por estes meios, bem superiores, uma vez que nada pode atentar contra seu verdadeiro tesouro aqui na terra, que é a graça e o amor da Lei divina. Eles são *felizes* já no presente, porque têm a esperança fundada em *possuir um dia*, sem contestação possível, *a terra* dos vivos: *Eu creio que verei os bens do Senhor na terra dos vivos*[809]. *– Eu vos invoco, Senhor; Eu disse: Vós sois minha esperança, minha herança, na terra dos vivos*[810]. *– Os homens pacíficos herdarão a terra e gozarão da abundância da paz*[811].

394. – 3º) *Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados*. Desde que uma alma católica seja sinceramente desapegada, pelo espírito de pobreza e pela mansidão, das vantagens efêmeras desta vida, ela tem, todavia, bons motivos ainda de se entristecer e de chorar. Sua fragilidade a faz cometer faltas, ela deve lutar sem cessar;

---

[808] Vis intelligere quis pauper spiritus sit? Qui corporale in opulentiam animae divitiis permutat; qui propter spiritum egenus est; qui terrenas divitias veluti quoddam onus excussit et abjesit, *ut sublimis par aerem sursum rapiatur*, ut inquit Apostolus, *in nube una cum Deo per caelestia tendens. Ponderosa quaedam res est aurum, onedam et sublimia petens est virtus. Si igitur ad superna nos accedere oportet, ab iis qua deorsum trahunt inipes et egeni simus, ut in supernis versemur*. São Gregório de Nissa, I. De Beatitudinibus.

[809] Salmo 26, 13.
[810] Salmo 141, 6.
[811] Salmo 36, 11.

ela vê Deus ofendido; sente as penas do exílio e a condição de que é feita neste corpo mortal e vive neste vale de lágrimas. Mas está mesmo feliz, se ela chora por esses motivos, porque *será consolada*, inclusive neste mundo, pela infusão ou pelo aumento da graça, por um acréscimo sobrenatural de forças e de amor de Deus, como *avant-goûts* da felicidade celeste. Em outras palavras, pela alegria de todos os bens que ela possa desejar e que constitui a Pátria sobrenatural. Ainda uma vez, a divina Senhora procura, sem cessar, nos elevar!

395. – 4º) *Bem-aventurados aqueles que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados*. Já vimos que toda natureza é insaciável de bem (nn. 323-328). O homem é também assim até que consiga alcançar a felicidade infinita. Mas quantos, infelizmente, querem tudo menos fazer o que é preciso para chegar lá! Ora, aqueles que se encontram no quarto degrau da escala que conduz à felicidade e que são denominados aqui de *bem-aventurados*, *são os famintos e os desejosos da justiça*. Quer dizer, aqueles que desejam vivamente conformar e ajustar sempre melhor sua vontade à vontade de Deus. Aqueles que *caminham de virtude em virtude para comparecer diante de Deus na celeste Sion.*[812] Aqueles que, *sendo justos, se justificaram ainda. E que, sendo Santos, se santificaram ainda*[813]. Estes estão *cheios de consolação e de superabundante alegria, mesmo nas suas tribulações*[814], sobretudo graça à firme esperança de que, *pela justiça, eles poderão um dia contemplar a face de Deus e se saciar plenamente, quando atingir sua glória*[815].

396. – 5º) *Bem-aventurados os misericordiosos, porque obterão misericórdia*. Se, pela fome e sede de justiça, nós amamos a Deus acima de todas as coisas, pela misericórdia nós amamos, também por amor de Deus, mais nosso próximo como a nós mesmos. É uma ascensão ao Céu mais alta que a precedente, porque, não contente em amar a Deus nEle mesmo, nós O amamos inclusive em suas imagens. Nós nos associamos à sua Providência benfazeja. Nós estendemos o reino do bem, que é o reino de Deus. Nós nos engrandecemos ao servir ao próprio Deus[816]. Nós aperfeiçoamos o homem que é uma das mais nobres obras do Criador. O caráter essencial da misericórdia está em *suprir*, de todas as formas, segundo nossa capacidade, *tudo o que*

---

[812] Salmo 83, 8.
[813] Apocalipse, 22, 11.
[814] II Cor., 7. 4.
[815] Salmo 16, 15.
[816] Em verdade, eu vos digo: cada vez que fizerdes (este serviço) a um destes mais pequenos entre meus irmãos, *é a mim mesmo que Vós o haveis feito* (São Mateus, 25, 40).

falta ao próximo. Ó! Como essa virtude é grande! Unida à caridade, pela qual nós amamos Deus, e que é sua alma, ela é a maior das virtudes[817]. Assim poderá ela *obter misericórdia* para aqueles que a praticam. Não somente eles serão postos, no dia do julgamento, à direita do soberano Juiz, mas mais ainda, malgrado a falta de correspondência absoluta ao ideal divino que os concerne (nn. 48-49), os misericordiosos serão recompensados como se tivessem plenamente correspondido. Os méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo, os méritos de Maria Santíssima, a misericórdia de Deus suprirão as faltas. Por que? *Porque os misericordiosos obterão misericórdia!*[818]

397. – 6º) *Bem-aventurados aqueles que têm o coração puro, porque verão a Deus*. É outra escada mais elevada que as precedentes e que aproxima o homem do Céu, da *visão* intuitiva de Deus.

De acordo com as Sagradas Escrituras, por coração pode-se entender tanto a vontade, como a inteligência, a memória[819], a imaginação do homem[820], ou todas estas faculdades tomadas em seu conjunto. Aqui o coração do homem está tomado, de uma vez, em todas estas acepções.

O coração puro é o espírito desapegado de todo erro e de toda preconcepção.

É a vontade sem nenhuma afeição ao pecado.

É a memória, é a imaginação, quando não mais solicitadas pelas lembranças ou pelas imaginações perigosas e voluntárias.

É particularmente a alma liberta dos desejos da carne e que, elevada acima *da animalidade, percebe as coisas que são do espírito de Deus, julga todas as coisas e não é julgada por ninguém*[821].

Aqueles que têm o coração puro veem Deus sempre melhor, mesmo aqui embaixo, pela razão e pela fé. Eles O veem, portanto, em todos os lugares: na natureza, na História, nas diversas disposições providenciais, na autoridade, da Igreja, nos sacramentos, nos mistérios cristãos. Eles têm uma aptidão especial para apreender as mais altas verdades. Mas, no Céu, onde a visão de Deus não é igual para todos, eles verão Deus melhor que aqueles que terão sido menos puros que eles.

---

[817] Secundum se... misericórdia máxima est; pertinet enim ad misericoriam quod effundat, et, quod plus est, quod defectus aliorum sublevet. S. Tomás, IIa. 2ae. Q. 30, n. 4.

[818] Dai, e dar-se-vos-á; lançar-se-á no vosso seio uma medida apertada, ... e transbordante. Porque se usará para vós a mesma medida que vós tereis usado para os outros. Luc. 6, 38.

[819] Ségnéri, Manna dell'anima, em 12 de novembro.

[820] 1ª. Cor. II, 9, e outros.

[821] 1ª. Cor. 2, 14-15.

398. – 7º) *Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados Filhos de Deus.* Eis uma ascensão que ultrapassa em altura todas as precedentes e as supera.

A paz é a tranquilidade da Ordem. Nos pacíficos a fé reina plena e tranquilamente sobre a razão. A Lei de Deus sobre a vontade. A razão sobre a imaginação, sobre a memória e sobre os sentidos. Os interesses espirituais e eternos sobre os interesses materiais e temporais; a vida da graça sobre a vida da natureza; a consciência sobre as operações do homem. É o Reino de Deus estabelecido numa alma!

Todos aqueles que são conduzidos pelo espírito de Deus, esses são *Filhos de Deus*[822]. Mas os pacíficos o são e o serão excelentemente, porque eles serão proclamados tais pelos homens de bom senso, pelos anjos de Deus e por Deus: *Eles serão chamados filhos de Deus*, sobretudo na morada eterna da paz, onde se verá e onde se dirá que eles parecem particularmente com Deus.

399. – 8º) *Bem-aventurados aqueles que sofrem perseguição pela justiça porque a eles pertence o Reino dos Céus.* Estes são os mais célebres de todos, porque todos os soldados que têm a verdade, a virtude e a justiça, o mundo não os pode suportar. Eles são como que idênticos com a verdade e o bem, de maneira que todos os perseguidores da verdade, do bem e de Deus se encarniçam contra eles.

Ó Jesus, como *aqueles que sofrem perseguição pela justiça* Vos imitam bem! Vós sois o justo por excelência; Vós não procurais nem a glória, nem as honras, nem as riquezas, nem os prazeres mundanos. E, malgrado Vosso supremo desinteresse, que deixa a todos os homens as suas vantagens, ou Vós os encontrais insuportáveis às vossas verdades e às vossas virtudes! Ou eles Vos crucificam, tanto o mundo é perverso! Ah!, é que o inferno e seus prepostos neste mundo sentem seu império se dissolver sob a ação dos homens que estão verdadeiramente cheios do Espírito de Deus. E eis que todas as forças baixas se reúnem contra eles e gritam em uníssono: *Que eles sejam crucificados*!

Mas os homens assim *perseguidos por causa da justiça* não são menos *bem-aventurados* porque eles são as imagens mais perfeitas de Cristo; porque eles formam a "avant-garde" do exército do bem. O que é uma honra insigne, porque eles agem segundo Deus e segundo sua consciência; porque eles merecem imensamente; porque eles têm em

[822] Romanos, 8, 14.

sua mão, já nesta vida, o cetro da razão, da verdade, da virtude, dos caracteres; *porque a eles pertencem o Reino dos Céus*.

Considerado como sendo o auge de todas as riquezas, o Reino dos Céus pertence aos *pobres de espírito*. Mas, considerado como sendo uma nação e um Império, ele pertence *àqueles que sofrem perseguição pela justiça*[823]. Esses são os homens nascidos para comandar soberanamente. E se eles, aqui na Terra, não encontram senão perseguição da parte dos maus, *nos Céus* eles reinarão, entretanto, mais excelentemente.

400. – É assim, ó Jesus, que Vós elevais o homem, de degrau em degrau, até o Céu. Todas as virtudes heroicas das quais Vós falais para nossas almas serem apaixonadas, como as oito *bem-aventuradanças*, têm seu princípio e seu fim nas mais altas regiões sobrenaturais.

Da mesma forma como toda natureza móvel é governada e animada pelas poderosas influências do Céu Empíreo material (nn. 336-338; 349 e seg.), igualmente, ó Jesus, é pelas influências do Céu Empíreo espiritual que Vós vivificais sobrenaturalmente e elevais as almas até a própria Verdade, até a Bondade essencial e ilimitada, até o Bem imenso e infinito.

Vós começais infundindo a Fé, por abrir aos olhos humanos os vastos horizontes dos bens supremos e dos piores males, a fim de que a vista de uns e de outros imprima no homem sua verdadeira direção.

Depois, pela influência superior da esperança, Vós mostrais estes bens como certamente possíveis de serem adquiridos. E estes maus como certamente possíveis de serem evitados. Pois o reino divino da caridade vem, por seu turno, do mais alto dos Céus, passa por vosso Sagrado Coração, ó Jesus, e pelo Coração Imaculado de vossa Mãe, e vem engendrar, nas almas humanas, uma vida divina, fazer palpitar os corações com divinas vibrações e começar o Paraíso na Terra.

401. – Sob essas influências celestes, tão poderosas e tão favoráveis, manifesta-se a floração mais esplêndida das virtudes cristãs, o desinteresse dos bens grosseiros e enganadores, bem como a doçura, que é uma imagem da bondade divina; o amor nostálgico da graça e da glória e a insaciabilidade dos bens superiores; a necessidade misericordiosa de irradiar em torno de si o maior bem possível; o amor de uma pureza de alma e de corpo sempre mais perfeita; o espírito de paz, que quer a ordem universal, a todo preço; a coragem cristã, espé-

[823] Segneri, Manna dell'anima, em 14 de novembro, 2º. ponto.

cie de força divina incarnada, que nenhum agente do mal pode vencer; e todas as outras virtudes que decorrem daí.

Ainda uma vez, todas essas virtudes são ascensões para os altos[824], que encerram, que coroam, que alimentam, que governam o universo. E, sobretudo, levam para o Empíreo do Céu Empíreo. Quer dizer, para Deus, que reina particularmente nos Céus dos céus e em Quem todos vivemos, morremos e existimos (Atos, 17, 28) (Ver os nn. 208-210).

402. – Os dons do Espírito Santo vêm também tornar cada vez mais forte todos esses movimentos ascensionais.

O temor de Deus, do Deus tão grande, tão justo, tão bom, ajuda poderosamente a nos desapegar dos bens inferiores, os quais devem ser degustados apenas parcimoniosamente, por medo de prejudicar o amor divino.

A piedade filial para com Deus, Pai de todos os homens, e a piedade fraterna para com o próximo, ajudam possantemente a mansidão, esta virtude tão social.

O dom da ciência, que permite vislumbrar claramente o conjunto e o valor de todos os bens, ajuda poderosamente, por suas luzes, a deplorar a perda total ou parcial da graça e da glória, e sugere os meios de reparação.

O dom da fortaleza ajuda possantemente a saciar a fome e a sede de justiça, porque põe em ação todas as energias para contentar uma necessidade tão viva, e faz enfrentar os perigos e derrubar os obstáculos.

O dom do conselho ajuda fortemente a misericórdia, porque todo bem feito ao próximo com vistas a agradar a Deus será retribuído ao cêntuplo em bens superiores pelo Deus de misericórdia que não se deixa vencer em generosidade.

---

[824] Toda lei e os profetas são contidos nestes dois preceitos (São Mateus, 22, 40): Vós amareis o Senhor vosso Deus, de todo coração, de toda vossa alma, de todas as vossas forças, e de todo vosso espírito; e vosso próximo como a vós mesmo (São Lucas, 10, 27). Não é a descentralização a mais completa que se possa imaginar? O homem adere, com todas suas faculdades, ao Deus imenso e infinito. Ele se engrandece, portanto. Ele se eleva, sem limites, nas alturas e ao longe, em todo sentido, atraído pelo objeto que ama. Em outras palavras, amando seu próximo com a si mesmo, ele multiplica, por assim dizer, toda vez que houver criaturas que constituam *seu próximo*. Aqui ainda a descentralização não tem limites! Quanto a seu bem pessoal, ele o encontra na convivência social, ou melhor, na sua grandeza e na sua perfeição: *Quem procura sua própria alma*, por egoísmo estreito, *a perderá, e quem tiver perdido sua alma por amor de Mim, a reencontrará* (São Mateus, 10, 39).

Pode-se fazer o mesmo raciocínio a respeito da Oração dominical, a prece por excelência dos católicos. Cada pedido exprime um alargamento indefinido do coração e do espírito humano. Todo o verdadeiro cristianismo visa elevar o homem e a universalizá-lo, de sorte que ele encontre seu bem no bem geral.

O dom da inteligência ajuda possantemente a pureza do coração, porque põe diante dos olhos de cada pessoa o ideal divino de sua perfeição, para que, na clareza desse ideal, fazer ver a feiura de todos seus defeitos, mesmo os menores, e indicar os remédios apropriados às necessidades, que estão nos tesouros da graça divina.

O dom da sabedoria auxilia possantemente o espírito de paz, porque, fazendo conhecer vivamente ao homem, por uma luz superior, as supremas razões das coisas, isto é, os atributos divinos, e lhe dando o gosto da harmonia, do bom e do belo, o mantém ou o recoloca em ordem com todas as suas faculdades, e põe sua conduta em harmonia com seu fim temporal, com seu fim eterno, com os destinos dos outros seres, bem como com a exigência das perfeições divinas.

Enfim, todos esses dons, em conjunto, ajudam possantemente a ter este devotamento sublime, e esta imolação de si próprio, por causa da *justiça*, da qual Jesus Cristo e os mártires nos deram os mais belos exemplos.

403. – Todas as virtudes cristãs, adquiridas ou infusas, o ensino da Igreja, os sacramentos, o divino sacrifício de nossos altares, os exercícios de culto, em uma palavra, todo o cristianismo, visa engrandecer o homem, a elevá-lo às esferas superiores, a lhe fazer *participante da natureza divina*[825] por uma grande semelhança com Deus, imenso e infinito, e aí lhe conferir finalmente, com a posse do próprio Deus, o domínio de todo o universo, na glória.

O cristianismo é uma elevação sobrenatural do homem em todos os sentidos. Donde ser ele uma poderosa descentralização[826]. Donde o inferno, para onde acaba indo todo mal e todo pecado, estar no centro do Universo. Donde também o Paraíso ser o conjunto de todas as alturas, tanto mais risonhas e mais vastas quanto mais elevadas. De onde o universo móvel, a caminho do progresso e da prova, navegar entre os dois extremos fixos, o Paraíso e o inferno (nn. 25, 26).

404. – Estas conclusões são confirmadas pela conduta e pela prática dos fiéis. Condutas e práticas fundadas no Evangelho, nos exemplos dos santos e no ensinamento da Igreja.

---

[825] 2ª. Petri. 1, 4.

[826] *Por vós, ó Coríntios*, diz São Paulo, *nossa boca está aberta, nosso coração ESTA DILATADO. Nós não nos reservamos nada por vós, mas vós, vós reserveis vossas entranhas. Tornando, portanto, segundo o que vós recebeis (eu vos falo com a meus filhos) DILATAI-VOS também* (2ª Coríntios, cap. 7; 11, 12, 13). Todas as influências cristãs são forças de *dilatação*, de expansão e de elevação.

O Evangelho nos fala frequentemente do *Reino dos Céus*. Ele nos leva a invocar sem cessar nosso *Pai que está nos Céus*: que está *nos Céus* não somente enquanto Deus, mas também enquanto nosso Pai *que quer* nos fazer partilhar, com seu Filho, o *Reino dos Céus*, que fez dos Céus nossa verdadeira Pátria, que nos envia sua graça do alto dos Céus, que nos atrai para os Céus.

Antes de ressuscitar Lázaro, Nosso Senhor Jesus Cristo *levantou os olhos para o alto para falar a seu Pai*[827]. Ele pede a seu Pai que O glorifique. Ele não a faz sem *elevar* ainda *os olhos ao Céu*[828]. Indo ao Céu, Ele sobe. Indo aos infernos, Ele desce[829].

A glória e *as honras* que se fazem a Deus são dirigidas às *alturas*, aos lugares *mais elevados*[830].

O mau rico está *no lugar de tormentos*. E esta localidade, que é o inferno, está colocada bem mais abaixo que os Limbos, porque o mau rico, do meio *dos tormentos, dobra os joelhos ao alto e vê, de longe, Abraão e Lázaro em seu seio*[831].

O inferno está no fundo. As outras regiões se escalonam acima dele. E o Paraíso ocupa todos os lugares altos.

Satanás cai do Céu como um relâmpago[832]. Vai-se ao lugar do inferno pela queda, enquanto se vai ao Céu subindo.

O mal é o prisioneiro do bem. Cercado de todos os lados pelo bem, ele termina por se aglomerar todo no lugar central, para se devorar a si próprio sem poder se consumir.

O bem é Deus. O bem participado é tudo o que mais se assemelha a Deus. Ele tem, portanto, por si, o grande conjunto dos seres. Ele reina ao longo e ao largo, e em todas as alturas[833]. Sua morada é a imensidade. Seu Império é toda a criação. Ó Paraíso! Ó Paraíso! Vós sois o Rei dos lugares, e o lugar de todos os lugares, como Deus é o grande Rei de tudo o que existe e o ser dos seres.

405. – O Paraíso é uma região do universo. *É o lugar do refrigério, da luz e da Paz*[834].

---

[827] São João, 11, 41.

[828] São João, 17, 1.

[829] Efésios, 4, 8-10.

[830] São Marcos, 11, 10; São Lucas, 19, 38; id. 2, 14; São Mateus, 21, 9.

[831] São Lucas, 16, 23-28.

[832] São Lucas, 10, 18.

[833] *Nós vemos o Paraíso como nossa pátria... Quantas delícias abundam nestes reinos celestes, sem receio de morrer e com uma eternidade para viver*! (São Cipriano, in Brev. Rom., Octava Sanct. Ommnium.)

[834] Canon da Missa.

Mas, que espécie de lugar é o Paraíso? É o *reino dos Céus*. Isto quer dizer que ele é formado de *todos os Céus já glorificados* e está destinado a acrescentado de todos os Céus móveis quando estes forem renovados[835].

Também Nosso Senhor Jesus Cristo dá a seus fiéis *os reinos celestes*[836]. *Ele abriu aos fiéis os reinos dos Céus*[837].

Senhor, Vós coroastes de glória e de honra nossos santos e constituístes reis das obras de vossas mãos[838]. Quer dizer do universo.

O que São Pedro liga, no globo terrestre, será ligado no alto dos Céus... E o que ele desliga na terra será desligado no Céu mais alto![839] *Como é largo o seio no qual a cidade celeste recebe os triunfadores dos tiranos deste mundo*[840]*! O Altíssimo não habita, portanto, nos Templos feitos pela mão dos homens, conforme disse o profeta: O Céu é meu trono, e a Terra, escabelo dos meus pés. Que mansão eu construirei para vós, disse o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso? Não é minha mão que fez todas as coisas*?[841] Sim, ó grande Deus, *o lugar de vosso repouso será o conjunto de todas as coisas*! Vosso Paraíso será o universo glorificado, com a única exclusão das regiões centrais.

Mas, neste momento, vosso Paraíso é formado pelo Céu superior: *Como ele* (Santo Estevão) *era repleto do Espírito Santo*, como eram divinamente forte seus olhares; *levantando os olhos ao Céu, ele viu a glória de Deus acima dos Céus móveis e Jesus, à direita de Deus, e disse: Eis que eu vejo os Céus móveis abertos e o Filho do homem que está à direita de Deus*[842]. Enquanto que lapidavam, *ele viu resplandecer a claridade divina* do Céu Empíreo *através das cavidades etéreas da corte* ou do ambiente celeste que dá acesso ao lugar da glória[843]. Ou seja, *as portas do Céu,* do Empíreo estavam abertas ao bem-aventuradado Estêvão[844].

---

[835] Judicium sedebit, ut .... Regnum, et potestas, et magnitudo regni quae est subter OMNE CAELUM, detur populo sanctorum Altíssimi... (Daniel, 7, 26, 27). – Esta *grandeza* do reino dos santos será começada na Terra e depois completada após o julgamento, quando envolverá *o que está sob o céu*, todos os céus, todo o universo.

[836] Non eripit mortalia qui *regna dat caelestia*. (Brev. Rom. Hymne de l'Epiph.)

[837] Hino Te Deum

[838] Breviário Romano 3º Ant. do ofício de todos os santos.

[839] In arce sideum... caeli in alto vértice. (Ibid.) – Hino do ofício, 18 janeiro.

[840] Ibid. Beda, Ofício de Todos os Santos, 2º. dia.

[841] Atos, 7, 48-50.

[842] Ibid., 55.

[843] Breviário Romano, na Oitava Santo Estevão, responso 7º.

[844] Ibid. responso 9.

406. – Daí o hábito que têm todos os fiéis de dizer "elevar às alturas celestes", quando querem se referir ao Paraíso, e de olharem para o Céu quando invocam a Deus ou aos Santos. Isto se pratica ao redor do globo terrestre, cada um olhando verticalmente para os montes que estão acima de si, o que se faz porque cada um crê estar o Paraíso acima de sua cabeça, *na região mais distante*. E como seria absurdo e ímpio supor os olhos piedosos, atraídos e dirigidos pelas luzes reveladas se enganarem de direção, é forçoso concluir que o Paraíso ocupa todas as mais sublimes alturas que rodeiam por toda parte a terra e os céus móveis.

407. – É também de persuasão universal que o inferno está embaixo, na última profundidade.

Em qual lugar particular do universo? Sobre este ponto tampouco mesmo os condenados não estão seguros. Contudo, parece evidente que é num lugar em tudo o oposto do Céu Empíreo. Então, é necessário que seja no centro da criação[845].

Foi preparado, ademais, *para o diabo e seus anjos*[846], e não para os homens, a menos para aqueles que abraçam a causa de Lúcifer.

Ora, os anjos estão espalhados por todo o universo. O que a Terra é para os homens, o universo é para os anjos[847]. Logo, como os anjos rebeldes *caíram do Céu como um relâmpago*, eles se distanciaram igualmente de todo o Céu Empíreo e não podem terminar senão nas regiões centrais do universo, onde, *tudo estando em desordem*, em nada merece o nome de Céu.

Preservai-nos, Senhor, da morte eterna!

---

[845] Maxima distantia est inter paradisum et infernum. (Santo Tomás, q. 9, De Veritate, a. 6). Ora, o Paraíso, sendo o Céu Empíreo, e o Céu Empíreo sendo a circunferência de todo o universo (n. 20, 21-23), o que está mais distante *está no seu centro*.

[846] São Mateus, 25, 41.

[847] Ver o n. 371, sobretudo a nota 3ª.

LIVRO II

Criação do Céu Empíreo, dos anjos e toda a época primitiva

Capítulo I – Criação e primeira condição do Céu Empíreo - Os anjos considerados em geral

In principio creavit Deus caelum et terram. Terra autem erat inanis et vacua, et tenebra erant super faciem abyssi; et Spiritus Dei ferchatur super aquas.

No princípio Deus criou o céu e a terra. A terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas (Gênesis I, 1,2).

408. – A narração divinamente inspirada da criação do mundo é uma fonte das mais abundantes de onde decorrem expressivas luzes sobre nossa temática. Dela se pode fazer ideia da excelência, da grandeza incomparável e da ação do Céu Empíreo tais como as temos descritas.

Porém, na divina descrição da origem das criaturas, o Céu Empíreo não aparece e nem ocupa o primeiro lugar.

O Escrivão sagrado sem dúvida não entra em detalhes porque, querendo sobretudo instruir seus contemporâneos, incapazes de se elevarem bem alto, ele apenas lhes dá, em termos muito simples, descrições as mais elementares sobre o começo das coisas.

Contudo, seja como inspirado de Deus, seja como historiando o universo, Moisés escreveu para a humanidade inteira e sobretudo para o Cristianismo, para a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, que devia encher a terra do conhecimento do Senhor tal como o mar está totalmente repleto de águas (Isaías, XI, 9).

Por esta razão, disto estejamos certos, as palavras e o conjunto da descrição mosaica, não obstante sua simplicidade, estão repletos de um vasto significado, elevado, profundo e múltiplo. Em uma palavra, digno do Espírito Santo, que é o principal autor de todos os livros sagrados.

409. – Para se compreender e expor do melhor modo ensinamentos tão sublimes, limitaremos sobretudo ao contexto, persuadidos de que o melhor intérprete de Deus é o próprio Deus. Autoridades da Igreja, santos e teólogos nos servirão de guia. E também nos servirão de boa ajuda as luzes da ciência humana e os conhecimentos de analogia, porque nada deve ser negligenciado quando se trata do nosso futuro e glorioso Reino.

Ó Maria! *Vós, que sois a luz de todos aqueles que confiam em vós*[848]*; a luz que mais aproxima da divina luz*[849]*aqueles que a desejam; a luz que, desvendando O esplendor da glória do Pai, dissipa nossas trevas*[850]; esclarecei-me, se for de vosso agrado, sobre uma questão tão bela e tão importante. Vós vedes, certamente no Verbo, todas as criaturas; e os seres materiais vós os vedes, em toda a extensão do universo, com os olhos de vosso corpo (n. 308,310); vós vedes sem dúvida todo plano providencial, e, por consequência, todos os fatos que foram realizados desde a criação e organização do mundo. Ó! permitais, grande mãe de Deus, boa e compassiva mãe dos homens, que um pequeno raio de vossa imensa claridade venha iluminar minha pobre inteligência, para que eu não me afaste da verdade, alcance-a com justeza e abundância, exponha-a com clareza e piedade, e que ela edifique a mim próprio e também a meu próximo. Em vós eu tenho, ó Maria Santíssima, um conhecimento absoluto, porque vós sois *a nova luz que está elevada para todos..., cheia da luz da graça*[851].

Primeiro ponto: criação do Céu Empíreo e sua condição primeira – Como Maria Santíssima é um céu superior

In principio creavit Deus Caelum.

No princípio Deus criou o Céu.

410. – Que Céu Deus criou no princípio senão o Céu por excelência, ou seja, o Paraíso Celeste? Com efeito, o *firmamento* que Deus designa de *céu (Gen. I, 6,8),* que é o céu que aparece aos nossos olhos, foi feito no segundo dia.

Os sóis que enchem o espaço, depois de terem sido tirados do caos, neste dia foram postos nos seus lugares, embora não fossem ainda luminosos como eles são presentemente.

No mesmo dia, ou no dia seguinte, os planetas se destacaram de seus centros e assim se multiplicaram os corpos celestes porque foi ao terceiro dia que **apareceu** *o árido*, que foi designado *terra* por Deus. E, em virtude da analogia, parece-nos poder dizer que num mesmo dia todos os principais planetas foram formados e colocados nos seus lugares.

No quarto dia os sois se tornaram luminosos bem como os seus planetas que receberam seus raios luminosos. É por isso que o texto sagrado os designa *luminária,* luminosos, e os designa expressamente

---

[848] São Boaventura in Psalt. B. V.
[849] Santo Alberto Magno, Super Missus est., cap. 3: *Lux ad divinam lucem mediatíssima*.
[850] Santo Antonino, *Summa*, p. 4, tit. 15, cap. 15.
[851] *Lux nova omnibus orta..., plena luce gratiae*. Santo Antonino, ibid. cap. 5.

de *sol, lua e estrelas (*Gen. 14-16). *Deus os colocou no firmamento do céu para iluminar a terra (*Ibid. 17), não que neste dia Deus os colocou no firmamento, porque esta foi a obra do segundo dia. Porém o texto sagrado exprime aqui o motivo pelo qual o criador os *colocou no firmamento do céu*, motivo que está expresso nos cinco versos – ou seja, em toda narração das obras deste dia (Ibid. 14-148) –, para indicar que lá está sobretudo aquilo que o autor quer indicar.

411. – Dado, pois, que a formação dos céus móveis é objeto da ação divina do segundo, do terceiro e do quarto dias, segue-se quase rigorosamente que Deus criou no princípio o Céu Empíreo e o Caos.

Mas, dir-nos-ia que se pode dizer que o autor sagrado não tenha querido mencionar no primeiro verso apenas a criação em geral, deixando para contar em seguida, por ordem da criação, os diversos seres. Neste caso, o Céu Empíreo teria sido formado nos primeiros dias genesíacos (a partir da criação da luz). É isto que se pretendeu vários bons autores.

Mas a nós parece que assaz esta interpretação não se deve levar em conta o contexto. O autor inspirado diz, com efeito: ***No início*** *Deus criou o céu*... A criação do céu é, pois, **a primeira** obra de Deus Todo Poderoso. O tempo começou lá. Esta é com certeza a interpretação mais literal.

A operação divina preliminar precedeu a obra dos seis dias[852] e é a criação propriamente dita, ou seja, ação de *tirar do nada*.

No primeiro dia Deus **não criou** a luz, mas ele disse: *Que a Luz seja feita*; ele a atirou do Caos.

No segundo dia Deus *fez o firmamento.* Ele não mais o criou.

No terceiro dia Deus ordenou às águas que *se reunirem.* E ao *árido* (terra) que *aparecesse.* Não foi criação.

No quarto dia Deus disse: *Que as luzes sejam feitas*, quer dizer que os astros se tornassem *luminosos*. Não se trata aqui senão de uma formação.

412. – Pelo contrário, no primeiro versículo está formalmente dito que Deus **criou**, que Deus *tirou do nada o céu e a terra*. Ora, dado que a obra **do início** e a dos seis dias que se seguiram se distinguem entre elas como a **criação** e a **formação**, é evidente que os dois primeiros versículos não têm apenas um sentido genérico, mas que eles

[852] Nós encontramos em Santo Tomás que *é melhor sustentar que a formação das coisas foi feita sucessivamente, mas que a CRIAÇÃO propriamente dita precedeu todos os dias genesíacos*. Livro II Distinct. XIII, art. 3, ad 3^{m}.

exprimem a primeira operação de Deus Todo Poderoso: a criação do finito.

413. – Esta conclusão é, ademais, ampla e solidamente confirmada pelo sentido do segundo versículo: *Mas a terra era informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus vagava sobre as águas*. O Autor disse apenas: *No início Deus criou o céu e a terra,* sem nos explicar o que era esta *terra*. Com certeza não é o *Árido* que foi formado com o *firmamento* e que Deus não tinha ainda denominado de *terra*, mas é uma massa de matéria *aquosa*, ou inconsistente como *as águas*: *super aquas*. É um *abismo,* qualquer coisa de vasto, de profundo, de tenebroso, de horrível. É, segundo o texto hebreu, o *Tohu-Bohu* que todos os povos têm denominado de *caos*[853].

O próprio Ovídio o explicou muito bem nestes versos:

> *Unus erat toto natura vultus in orbe,*
> *Quem dixere chaos, rudis indigestaque moles;*
> *Nec quidquam nisi pondus iners, congestaque codem*
> *Non bene junctarum discordia semina rerum.*
>
> *"Todo o universo móvel apresentava o mesmo aspecto; o que se chama caos, massa bruta e confusa. Isso não é outra coisa senão um traço da matéria pesada e inerte e o amontoado de germes incoerentes de coisas não organizadas*".

414. – Também é desse Caos que nós vemos aparecer, ao menos parcialmente, a luz; depois o firmamento ou os céus móveis; depois nossa terra, que dele é uma dependência; depois o sol, a lua e as estrelas.

Como dissemos, Deus não criou esses corpos, mas Ele se limitou a os fazer, a os organizar, a os dispor em forma de céus que, no início, Deus criou o Céu Empíreo e o *Tohu-bohu*[854].

---

[853] Escutemos Santo Agostinho: "*É maravilhoso o céu corporal que vós fizestes no segundo dia, após a formação da luz. Este firmamento... este é o céu de certa terra e de certo mar que vós fizestes no terceiro dia, tornando especificamente visível a matéria informe que vós fizestes antes de todos os dias (genesíacos). Porque Vós já havíeis feito um céu antes do primeiro dia, ou seja, o CÉU DE NOSSO CÉU (o Paraíso), ao criar no início o céu e a terre. Mas esta terra que vós havíeis feito era uma matéria informe, invisível e desordenada... da qual Vós devíeis servir para compor todas as partes do universo móvel*". Confissões, livro 12, cap. 8.

[854][854] Santo Tomás confirma esta conclusão quando diz que *quatro coisas foram criadas ao mesmo tempo: a natureza angélica, o Empíreo, que o mais nobre dos corpos superiores..., a MATÉRIA PRIMITIVA que serviu para a produção de todas as outras coisas, e o tempo...* Livro II, Dist. 12ª, art. IV, ad 3m.

O tempo foi criado simultaneamente com o Empíreo, o que prova, como vimos, que o Empíreo era então móvel: *os tempos*, diz Santo Agostinho, *foram formados pelas mudanças que experimentaram as coisas enquanto que as espécies variam (acidentalmente) e completem suas revoluções*. Ibid. loc. citato.

415. – Esta interpretação, que é a mais natural e a mais conforme ao texto. É também sustentada, com força, pelo ilustre Cornélio a Lápide.

Após ter analisado três opiniões diferentes sobre esta questão, Cornélio a Lápide escreveu: "*Em quarto lugar, é soberanamente provável que foi engendrado o Céu, o supremo céu, ou seja, o Céu Empíreo, o céu que São Paulo chama terceiro céu, que Davi designa de "céu do céu", e que é a habitação dos bem-aventurados, todos os autores afirmam contra Eugubinus... É por quê, de todos os céus, Deus não criou no início senão o Empíreo, ornou-o com toda sua beleza e o aperfeiçoou. Porque era para habitar este céu que foram.... criados os anjos e os homens. E é este o lugar que os fiéis de todos os tempos designam de céu, de sorte que, se se os perguntar onde desejam ir após esta vida, eles respondem imediatamente: Ao céu, ou seja ao Empíreo, para aí desfrutar da bem-aventurança. É o que foi dito por São João Crisóstomo*: *Contrariamente aos usos dos homens, Deus edificou seu Edifício estabelecendo-o inicialmente no céu e em seguida colocou a terra em baixo. No início o fez e depois disso o firmamento, porque o fez como edifício do mundo este céu e não o céu sideral, mas o Empíreo... O céu que foi criado no primeiro dia não é, pois, outra coisa senão o Céu Empíreo*.

416. – O sábio comentador acrescenta que tal é o ensinamento recebido por São Clemente diretamente de São Pedro, como afirma este Papa no seu primeiro livro "Des Recognitionum" (Dos Conhecimentos), que tal é também a doutrina de Teodoreto, de Santo Hilário, de Beda, de Santo Anselmo, de São Boaventura, de Guilherme de Paris, de Molina e de quatorze outros autores que ele cita. Ele diz enfim que *São Boaventura julga este entendimento o mais comum e que Catharinos o julga o mais verdadeiro* (Comentário do Gênesis, cap. I, 1.)

417. – O Céu Empíreo e o Caos – quer dizer, o céu dos céus e o conjunto confuso dos elementos que deviam servir para a formação dos outros seres materiais[855] – foram, portanto, criados "i*n principio"* (no início).

[855] Como então neste ponto grandes autores como Suarez, Santo Tomás e outros interpretaram diferentemente o Gênesis? Cremos que a razão principal era sua crença na *incorruptibilidade* dos céus móveis. Suarez, *De opere sex dierum*, liv. 1, cap. III, n. 5, n. 6., etc. Mas as descobertas científicas modernas têm amplamente demonstrado a verdade destas palavras de Cornélio a Lápide: *É mais verdadeira a opinião daqueles que admitem a identidade material dos céus (móveis) e das coisas sublunares e que creem que esta matéria surgiu do abismo das águas*; e ele cita em seu apoio autores sérios. In Gen., cap. I, 2 até o fim.

Mas, em que condição se encontrava o Céu Empíreo imediatamente após sua criação? Era ele perfeito e glorificado tal qual é presentemente? Era ele móvel ou imóvel?

Há muito poucas informações sobre isso que possam ser acompanhadas de provas sólidas. Cornélio a Lápide diz, de passagem, sem indicar as bases de sua afirmação e mesmo sem dar as razões de conveniência, que *desde o início Deus ornou o Empíreo com toda sua beleza e perfeição*.

Santo Tomás escreveu: *É conveniente que, desde o início, a glória material também começasse em algum corpo como foi desde o início, exceto a servidão, a corrupção e a mutabilidade, e totalmente lúcido como todas as criaturas materiais esperam ser após a ressurreição.*

Mas o Príncipe dos teólogos deduziu esta glória material da *condição de glória dos anjos* e deduziu *a glória material da glória espiritual* (1, q. 66, a. 3).

Segue-se naturalmente daí que o Céu Empíreo só foi glorificado sobrenaturalmente em seguida à glorificação dos anjos fiéis. E esta conclusão é a que nos parece preferível a qualquer outra.

418. – O Anjo da Escola escreveu ainda que, *na natureza criada a glória não deve ter começado ao mesmo tempo que a natureza; porque a glória é o fim que deve atingir a operação da natureza ajudada pela graça* (1, q. 62, a. 3, ad 3^{m}). Santo Tomás ainda acrescenta, a propósito da renovação do mundo: *A habitação deve convir a seus habitantes. E o mundo foi feito para ser a habitação do homem; ele deve, pois, lhe convir. Mas o homem será renovado* pela ressurreição. *De onde o mundo deve ser-lhe semelhante. – O universo deve, pois, ser aperfeiçoado para satisfazer o desejo do homem. – A renovação do mundo e a glorificação do homem serão simultâneas. – Propriamente falando os corpos sensíveis não merecem esta glória, mas é o homem que merece que todo universo seja glorificado uma vez que isto aumenta sua glória*[856].

419. – Vamos ainda expor alguns ensinamentos do grande Doutor antes de tirarmos as consequências que particularmente interessam ao nosso propósito.

Santo Agostinho e todos os autores latinos modernos asseguram que os anjos foram criados ao mesmo tempo que a natureza material, p*orque o universo se compõe de anjos e de criaturas materiais. Era,*

[856] Suplemento, q. 90, a. 1; e lib. II, Distinct. 48, q. 2, a. 2, ad. 1^{m}.

pois, conveniente que as partes principais do universo começassem a existir em conjunto para mostrar que todas elas pertencem igualmente a uma mesma ordem de coisas (Ibid. *Distinct*. II, q. 1ª, a. 1.) – *O conjunto das criaturas materiais e das criaturas espirituais constituem um só universo*. *Donde se segue que as criaturas racionais foram criadas com qualidades que as unem à criatura material* e que, por estas qualidades, elas *presidem todos os corpos*. Esta a razão do porquê era conveniente que os anjos fossem criados no mais alto dos céus (*in supremo corpore*), *que se chama Empíreo, ou seja, como preposto sobre toda a natureza material*. Este raciocínio é especialmente adequado *aos anjos mais elevados* (1 p. q. 61, a. 4). – *Por uma certa conveniência o Céu Empíreo é considerado como um lugar para todos os espíritos bons e contempladores de Deus; e, por esta razão, se diz que o anjo foi criado no Céu Empíreo* (Lib. II, Dist. 2ª, q. 2ª, a. 1). – *Os outros corpos naturais* (aqueles que compõem o universo móvel) *foram ordenados ao homem enquanto sendo úteis a seu presente estado de mutabilidade; mas o Céu Empíreo é destinado à sua imutável felicidade; e é o porquê o Céu Empíreo se compõe somente de corpos que sejam imutáveis em todos os sentidos* (Ibid. ad 2m.)[857].

420 – Daí se segue:

1º) que a glória do Céu Empíreo devia ser merecida pelas criaturas racionais, e que, por conseguinte, a sua glorificação é posterior à prova angélica;

2º) que os anjos, tendo sido criados no Empíreo e se encontrando no estado de prova, sua habitação deveria ser proporcionada a seu estado, ou seja, desprovida da glória e mesmo móvel;

3º) que o Céu Empíreo foi glorificado como um reflexo da glorificação dos anjos e para *contentar o desejo* dos anjos confirmados em graça, porque esses anjos, *tendo sido criados em vista a se relacionarem com criaturas materiais*, eles se alegrassem ao ver que todas os espaços do universo submisso a seu governo são inundados da luz da glória e atendendo a outros eleitos;

4º) que os anjos, t*endo sido criados ao mesmo tempo que a natureza material*, não parece nada conve-

[857] Tudo leva a crer que esta *imobilidade absoluta* seja posterior à sua glorificação, mas que antes era móvel, reportando também à mobilidade dos anjos antes de sua confirmação em graça.

niente que esta, que é a última categoria dos seres, tenha as primícias da glória da união definitiva ao bem;

5º) que os anjos não glorificados não pudessem presidir um Céu Empíreo glorificado. E como se admite que os anjos *presidissem todos os corpos*, é necessário então que *no início* o Céu Empíreo fosse naturalmente bom;

6º) que, como os mundos que presentemente servem a criatura inteligente durante sua prova sejam móveis e procurem a última perfeição, do mesmo modo o Céu Empíreo devia participar de uma condição análoga durante a prova angélica[858].

421. – Por conseguinte, podemos imaginar o Céu Empíreo, no momento de sua criação e até à glorificação dos anjos fiéis, como um imenso "Paraíso Terrestre" de puros espíritos. Todas as bem-aventuranças e as grandezas naturais abundavam nele. Se para o primeiro homem e a primeira mulher Deus dispôs um Éden tão maravilhoso; se em caso de fidelidade à lei de Deus toda terra devesse ser um Paraíso terrestre para a posteridade de Adão, o que dizer dos *charmes* e das vastas proporções do "Paraíso terrestre" dos anjos, tão numerosas que sua multidão ultrapassa toda a multidão material (1. P, q. 51, a. 3), e tão perfeitas que sua natureza as eleva consideravelmente acima da natureza humana? Se a perfeição do universo é o que Deus teve principalmente em vista na criação das coisas (Ibid.), o Céu Empíreo foi feito belo e naturalmente perfeito, porque ele é como o "envelope" resplandecente de toda criação (n. 22). E é, com os anjos, a primeira obra que Deus criou e formou, ao mesmo tempo.

422. – Os céus e os seres inferiores demandaram seis dias – ou melhor, seis épocas – de operação divina, na sua organização. Isto porque eles foram feitos especialmente para seres lentos em se desenvolver, como o homem, ou ainda outras criaturas irracionais. Mas o Céu Empíreo foi criado particularmente para os anjos que deviam habitá-lo imediatamente. E esses seres espirituais, estando tão prontos a alcançar toda sua perfeição ou tão prontos a se degradarem, convinha

[858] Suarez parece favorecer esta opinião quando diz: "A guarda do universo, principalmente das coisas materiais como os elementos e os corpos celestes, foi confiada aos anjos antes que eles pecassem porque cremos que os céus começaram a se mover antes da rebelião dos anjos maus". De Angelis, l. 6, c. 18, n. 2.

que o Céu Empíreo fosse criado e formado quase simultaneamente com a sua natureza celeste.

423. – Dizemos, ainda, que este feliz e imenso "Éden Angélico" devia ser móvel. Com efeito, entre outras razões já indicadas, os ministérios dos anjos parecem provar solidamente.

Se o Senhor Deus pôs o homem no Paraíso de delícias a fim de que ele o cultivasse sem trabalho penoso, e que o guardasse em toda sua beleza (Gen. II, 15), de maneira análoga os anjos, de uma natureza tão ativa, deviam ocupar e "cultivar" o Céu Empíreo, sem dúvida com ações convenientes a puros espíritos e não como Adão com a agricultura. Ora, é natural aos seres materiais serem imediatamente postos, pela natureza espiritual, no devido lugar. Também os próprios filósofos estabeleceram que os corpos mais elevados sejam localmente postos pelas substâncias espirituais (P. 1, q. 110, a. 3).

Segundo a ordem natural, os anjos estão colocados entre nós e Deus e, por causa disso, é de lei comum que eles administrem não somente as coisas humanas, mas também todos os corpos[859]. Durante sua prova os anjos administraram, pois, os corpos do Céu Empíreo; moviam-nos e os dirigiam segundo as leis devidamente estabelecidas, tanto mais que eles não tinham ainda outros corpos a governar, pois toda a ordem do universo inferior estava então em potência, na confusão do Caos.

424. – Ademais, ao presidir a todo movimento local das coisas materiais, os anjos podiam ornar e embelezar naturalmente o Céu Empíreo, como Adão podia embelezar artisticamente sua feliz morada e a tornar mais fértil[860]; *ut operaretur et custodiret illum*. Deus pôs na matéria, diz Santo Tomás, as razões seminais, seja como germens das coisas, ou ainda as virtudes de onde as coisas podem sair. Cabe então à *providência do agricultor colocar em ato essas virtudes* e realizar essas possibilidades. Assim *como um agricultor controla a vegetação de seu campo* (*pullulationem agri*), *igualmente os anjos administram* **toda a criatura material** (Q. 5, *De Veritate*, a. 8, ad 4^{m}).

É por isto que esses poderosos espíritos, mais do que o homem, podem dar, para seu prazer e imediatamente, formas substanciais ou mesmo formas acidentais às coisas materiais (Suma Teológica, p. 1, q.

---

[859] P. 1, q. 108, a. 8, ad 2^{m}. Oportet dicere, statim a principio fuisse aliquem motum AD MINUS secundum successionem conceptionum et affectionu in mente angelica. Q. 66, a. 4, ad 3^{m}.

[860] O homem, se tivesse permanecido amigo de Deus, deveria também estender o Paraíso terrestre à medida que ele fosse se multiplicando. O Éden ornado por Deus seria ser o reflexo divino do Éden deveria ser a terra, graças ao trabalho do homem. (Civiltà Cattolica, quad. 1121, page 562, année 1897)

110, a. 2). Porque *toda informação da matéria vem, ou imediatamente ou de algum agente material (Ibid.), que age instrumentalmente* (n. 371); mas, para mover localmente os corpos, os anjos *podem se servir de certos princípios ativos que estão na matéria para produzir diversos efeitos*, e, neste caso, a natureza material, manuseada por mãos de uma ordem superior, engendra maravilhas superiores à sua virtude nativa (Contra Gentiles, l. 3, cap. 103).

425. – Pode-se imaginar, então, a multidão incalculável de anjos, durante a prova, parcialmente ocupados em ornar o Céu Empíreo com charmes da mais radiante natureza, em adorar a Deus, em louvá-lo, em suplicá-lo, em agradecê-lo, em crer nos mistérios propostos à sua fé, abster-se do "fruto proibido" que poderia ser da maior estima deles. E que isto constituísse a sua atividade principal. Atividade bem "doce" para seres naturalmente bons e enobrecidos pela graça.

E mais, *criados com qualidades que os uniam aos seres materiais* já formados (n. 419) eles obteriam, por assim dizer, lazeres nas artes, sobre este fundo incomensurável que depois se chamou Céu Empíreo, porque parece-nos forçosamente necessário admitir uma analogia entre a prova angélica nos céus superiores e a prova dos nossos primeiros pais no Éden.

426. – Ó Maria Santíssima, nenhuma das grandes obras operadas pelo Deus Todo Poderoso é desprovida de íntimas relações convosco porque tudo, exceto Nosso Senhor Jesus Cristo, foi predestinado à vossa existência (nn. 292 e seguintes). Como, pois, a primeira obra do Criador, o Céu Empírico, como os anjos, seria estranha a Vós? Certamente já era o começo de vosso Reino, estabelecido inicialmente na ordem natural, mas depois aperfeiçoado pela graça que tinha os anjos, visando assim à glorificação, glorificação que se completou com vossos incomparáveis esplendores.

Porque, ó Maria Imaculada, vós sois um Céu superior ao próprio Céu Empíreo e aos espíritos que o habitam. *Vós sois o Céu no qual toda a plenitude da divindade habitou durante nove meses*[861]; *vós sois o Céu daquele que fez a terra e os céus*[862]; *o Céu capaz de receber o Deus que, ademais, não pode jamais ser abarcado*[863]; *o Céu no qual o Pai Eterno enviou seu Filho único*[864].

---

[861] S. Pedro Damião. Sermão 1, de S. João Apost. e Evang.
[862] S. André de Creta, Orat. 1, de Dormit. B. M. V.
[863] S. Metódio, in hom. Festi Purif. B. M. V.
[864] S. Procus, in orat. 8, De Transfiguratione Domino.

Se, pois, o Céu Empíreo foi o céu dos anjos, vós, ó Mãe de Deus, sois o Céu de Deus; e, como vossa maternidade divina não é um fato passageiro, mas uma excelência durável que na glória terá seu esplendor completo, todo o Céu Empíreo e todos os anjos gloriosos estão contidos no Céu de vossos esplendores.

Eis porque vós sois *o céu mais elevado que o Céu*[865]; *o céu cuja altura não é alcançada senão por Deus*[866]; *o céu que brilha pelas virtudes e que é maior que o céu material da natureza*[867]; *o mais esplêndido dos céus criados, que contém Deus, o incompreensível, que ultrapassa por seu brilho o trono feito para a divindade*[868].

De fato, ó Maria Santíssima, vosso reino celeste abarca, ultrapassa e alimenta de alguma maneira todos os reinos dos coros angélicos e dos maiores santos. E o brilho que vós irradiais, o mais poderoso depois daquele da Humanidade santa de vosso Filho, é como um templo sagrado que compreende não somente todo universo material, mas também os céus vivos, quer dizer, essas luzes espargidas pelos puros espíritos e pelas almas que contemplam a Deus face-a-face (nn. 219-237).

427. – O Céu Empíreo material e os anjos foram pois criados e dispostos, ó sublime Virgem, segundo o ideal de vossa futura glória, que esteve eternamente presente aos olhos do Criador e no qual a sabedoria suprema mediu todas as coisas (nn. 294-301).

428. – É o porquê não era conveniente, parece-nos, que o Céu Empíreo fosse criado glorioso desde o início, pois Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima, os anjos e os santos foram glorificados após terem realizado uma trajetória de sofrimento ou de provas. Deviam ser modelados segundo seus tipos[869]. E, postos Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima, fixados no bem como foram durante sua vida mortal, como participantes, de alguma maneira, da mobilidade

---

[865] Caelum caelo altius. S. Agostinho in Sermone de Assumpt. B. M. V.

[866] Caelum cujus altitudinem solus Deus dimensus est. S. Boaventura, in Speculo B. M. V. Cap. 5

[867] Caelum virtutibus coruscans, majus eo quod est in rerum natura. S. J. Crisóstomo. Orat. 7, SS. Deipar.

[868] Caelum splendidum in caelis, incomprehensum continens Deum, cherubicum Thronum Divinitatis fulgore superans. S. Epifânio, in Sermão De Laude V. Ver também anteriormente outras passagens que provam que Maria Santíssima é um Céu, um Empíreo superior ao Empíreo material, n. 33 e n. 43.

[869] Maria Santíssima é um céu porque, como no início Deus criou o céu, também Maria Santíssima foi sua obra de primeira ordem pela dignidade e "prefiguração". O sábio Idiot (Raymond Jordan), De Beata V. part. 14, contempl. 11ª – O Céu Empíreo, material, com seus anjos, foi uma *figura* de Maria Santíssima e de sua glória maior do que o Céu Empíreo; e Maria Santíssima foi uma *figura* e um anúncio da glória ainda maior de Nosso Senhor Jesus Cristo no Céu.

humana por verdadeiros progressos, o que em Maria Santíssima se verificou por um progresso material e em Nosso Senhor Jesus Cristo como na aparência se verificou, necessitava também que o Céu Empíreo, ser de uma ordem muito inferior como tudo material, tivesse sua época de movimento e de realidade mutável. O que a ele permitiu, ademais, de ser cuidado e embelezado à maneira de um campo cuidado pelo agricultor (n. 424).

Segundo ponto: os anjos – sua criação – suas hierarquias e as razões de ser delas

In principio creavit Deus coelum.

No princípio Deus criou o céu.

429 – Segundo o ensinamento que parece o mais provável, é necessário dizer, conforme Santo Tomás, *que os anjos foram criados ao mesmo tempo que a matéria. De fato, eles são uma parte do universo e não constituem um universo à parte. Eles participam da criatura material na composição de um só universo. É o que está provado pelas relações naturais que existem entre uma criatura e a outra* (S. Tomás, Suma Teológica, p. 1, q. 61, a. 3), *a criatura espiritual e a criatura material* (n. 419). Além disso, acrescentamos nós, que isto é uma verdade certa, para não dizer que é de fé, porque o IV$^{o.}$ Concílio de Latrão definiu que *há somente um criador de todas as coisas, que no começo dos tempos tirou, simultaneamente (simul), do nada a criatura espiritual e a criatura material. Quer dizer, os anjos e o mundo (*Cap. *Firmiter). Os anjos foram, pois, criados no início dos tempos, juntamente com o mundo. E isto, como temos dito, no Céu Empíreo. Daí eles serem seus cidadãos e seus habitantes (*Cornélio a Lápide*, in Gen. c. 1).*

Com isso nós vemos que quatro coisas foram criadas ao mesmo tempo: *a natureza angélica, o Céu Empíreo..., a matéria-primeira ou o caos, e o tempo* (Santo Tomás, ver acima n. 414, nota). Tudo isto está incluído na palavra **céu**: *No início Deus criou o céu*; e estas quatro espécies de seres eram móveis conforme comportava sua natureza.

Os *anjos*, móveis em relação ao bem e ao mal, o que constituiu a sua prova.

O *Céu Empíreo*, móvel quanto ao lugar e quanto à perfectibilidade, porque ele devia corresponder à condição de seus habitantes e prefigurar, talvez mesmo preparar materialmente, a futura organização do caos.

O *caos*, móvel quanto ao lugar e quanto à natureza, porque todo universo, formando uma unidade, um só todo criado e finito, o *Tohuo-bohu*, deveria sentir as influências do Céu Empíreo e experimentar, por assim dizer, a necessidade de se dispor em céus à imagem do Céu superior já ordenado e posto em movimento.

E, por fim, o *tempo*, móvel, porque ele não é outra coisa senão a expressão coletiva da mobilidade das coisas, o que constitui uma nova prova, ademais, da mobilidade primitiva do Céu Empíreo.

430. – Eis, ó meu Deus, o primeiro jato de vosso poder e de vossa sabedoria. Inicialmente Vós haveis traçado no nada os limites extremos do universo.

Os anjos, nas suas multidões inimagináveis, suas hierarquias e seus coros, compõem os céus espirituais finitos, céus que mais se avizinham do céu espiritual de vossas divinas pessoas e de vossa essência.

Depois os céus angélicos, e de alguma maneira abaixo deles se estendem os primeiros céus materiais incluindo o de nome Empíreo, a região do fogo, por causa das luzes que nele abundam.

Mais abaixo estão os elementos dos céus móveis, designados pelos nomes de *terra* ou de *caos*, ou de *abismo*, sobre os quais *vaga vosso espírito*, ó meu Deus, porque o amor é comunicativo e ele quer fazer surgir desta confusão de materiais elementares as grandes maravilhas: o corpo de sua Mãe, os corpos dos santos e os outros corpos do universo inferior.

431. – Os anjos foram criados no início, quando Deus criou o céu dos céus. Mas, além disso, o que é muito interessante para nos dar uma ideia do seu número, também de suas hierarquias e de seus diversos ofícios, dos lugares que podem e que devem ocupar Maria Santíssima e os Santos, em suas hierarquias ou nessas diferenças e hierarquias, as relações gerais em particular dos Anjos com o universo material e com a humanidade. Por fim, de sua prova e dos conhecimentos que se deduzem para nós. Limitemo-nos, inicialmente, aos anjos.

432. –Segundo as Sagradas Escrituras os anjos são inumeráveis. *Eu olhei em torno do trono*..., diz São João, *e ouvi a voz de muitos anjos; e era o número deles milhares de milhares* (Apoc. V, 11). Daniel diz a respeito do "Ancião dos dias": *Um milhão de anjos o serviam, e mil milhões assistiam diante dele* (Daniel, VII, 10).

Jó se pergunta se o número de soldados de Deus pode se contar. Quer dizer, segundo a interpretação comum, o número dos anjos de Deus: *Numquid est numerus militum ejus*? (Jó, XXV, 3).

Estas passagens, como também outras, indicam que o número dos anjos ultrapassa a capacidade humana[870].

433. – Ouçamos São Dionísio Aeropagita: *Convém ainda, cremos, reter nossa atenção sobre o que os oráculos* (inspirados) *ensinam sobre os anjos, que deles há mil vezes mil e dez mil vezes dez mil* (Daniel, 1, c.), *aglomerando e multiplicando ao seu redor os números, para nos mostrar com energia que as ordens das Celestes substâncias escapam a nossos cálculos. Tal é, com efeito, o número desses felizes exércitos das inteligências sobre-humanas, que ultrapassam a fraca e insignificante apreciação de nossa aritmética material, e que não se pode definir com conhecimento* (*gnostiquement*) *pela intelecção e pela ciência senão quando ajudadas... pela sabedoria criativa*[871].

Segundo São Dionísio, entre as criaturas, somente os anjos e os eleitos glorificados podem fazer uma justa ideia do número destes espíritos e isto em virtude de uma *intelecção e de uma ciência que constituem dons divinos*.

434. - Santo Tomás usa, quanto ao fundo, a mesma linguagem no artigo do qual o mais saliente já temos exposto, de passagem. Convém citar completamente uma tão alta autoridade sobretudo pelas razões teológicas que ela apresenta, razões que depois da Sagrada Escritura são as provas mais sólidas desta tese.

É necessário dizer que os anjos, enquanto substâncias imateriais, forma uma espécie de multidão[872], *que é a maior de todas, ultrapassando toda multidão material. A razão deste número é que a perfeição do universo, sendo o que Deus tem principalmente em vista na criação das coisas, quanto mais certos seres são perfeitos mais Deus é magnânimo em os criar. Ora, do mesmo modo que nas coisas materiais se encontra certa abundância em sua grandeza, pela mesma forma isto que concerne às coisas incorpóreas pode-se encontrar certa abundância em seu número, ao mesmo tempo quanto à sua perfeição variada. Ora, nós vemos que os corpos corruptíveis (os corpos celestes), que são os mais perfeitos dos corpos, ultrapassam quase incomparavelmente em grandeza os corpos corruptíveis (a terra e o*

870870 Mazzella, *De Deo creante*, n. 268. Santo Agostinho diz: *Ad quórum (angelorum) multitudinem, ut legimus in Evangelio, omne genus humanum ad unam comparavit ovem, dicens: "Relictis nonaginta novem in montibus venit quaerere unam errantem. Collatio cum Maxim*. 14, 9.

871 Hierarquia Celeste, c. 14, tradução de M. l'abbé J. Dulac.

872 Dizemos UMA ESPÉCIE de multidão porque os anjos não têm nada material; seu número é algo como a multidão de formas e de princípios ativos. Ver Santo Tomás, 1, q. 50, a. 3, ad 1^{m}.

que ela comporta)[873]*. Porque todas as esferas dos corpos ativos e dos corpos passivos são algo muito pequeno em relação aos corpos celestes. De onde ser razoável concluir que as substâncias imateriais ultrapassam em número, quase incomparavelmente, as substâncias materiais* (1, q. 50, a. 3).

435 - São Gregório parece ir mais longe ainda. *O número dos anjos*, diz este grande Papa, *é finito para Deus, mas é infini - quer dizer indefinido - para os anjos e para os homens... Deus os conta, mas os homens não podem enumerá-los. O número dos anjos que assistem diante de Deus é relativamente menor, mas o número daqueles que o servem (ministrantium) é indefinido*[874].

Os anjos são inumeráveis como admitem todos os profetas (Santo Irineu)[875]. Assim fala também São Jerônimo.

São Cirilo de Jerusalém e Santo Ambrósio comparam, como Santo Agostinho, os homens à ovelha perdida e os anjos às noventa e nove ovelhas que não se desgarraram do rebanho.

436. - São Cirilo de Jerusalém tem uma passagem que nos parece particularmente notável. *O número de habitantes, qualquer que eles sejam, diz ele, deve ser considerado segundo a grandeza do lugar*, porque se trata aqui no caso, acrescentamos nós, de uma obra divina tudo é proporcionado a mais alta sabedoria. *A terra inteira não é senão como um ponto* (segundo a compreensão dos antigos) *colocado no meio de um único céu. Mas o céu que o contorna contém uma multidão de ocupantes também tão grande como os espaços desse céu.* ***E o céu dos céus*** *tem uma quantidade de habitantes superior a toda avaliação*[876].

437. – Vê-se por aí quanto se engana certos autores modernos que acusam os antigos de terem visto nos céus apenas vastas e intermináveis solidões, privadas de todo ser vivo e de toda criatura que glorifica a Deus. Esta visão é correta, até que os céus móveis sejam povoados, como o nosso, em grande número, com animais racionais e

---

[873] Nós não admitimos a incorruptibilidade dos corpos celestes móveis (n. 60), mas somente a incorruptibilidade dos corpos celestes que desde agora pertencem ao Céu Empíreo. Nós aceitamos, portanto, todo o raciocínio que faz aqui Santo Tomás, conforme já dissemos anteriormente (n. 35, com a note, e n. 36); mas os corpos incorruptíveis são para nós todos os corpos já glorificados que compõem o Céu Empíreo material e não os corpos móveis e mutantes que devem ser renovados depois da ressurreição geral.

[874] Mralium, lib. 17, cap. 13, édition Migne.

[875] Contr. Haeres. L. 2, c. 7, n. 4. V. Mazzella, De Deo creante, n. 269.

[876] Pro magnitudine locorum quorumlibet incolarum aestimandus est numerus. Terra universa puncti instar est in medio unius coeli: tantanque coelum, quod illam ambit, incolentium multitudinem continet, quantam *ipsum* habet amplitudinem. Et coeli coelorum omni aestimatione superiorem numerum complectuntur. Mazzella, ibid.

animais irracionais, e com os anjos, para louvar a Deus em todas as partes do universo material (163, 166, 167).

438 – Esta multidão inimaginável de criaturas espirituais, que enche todo o universo material e o envolve, por assim dizer, com uma atmosfera de vida e de atividade, divide-se em hierarquias e cada uma é composta de três coros.

À primeira hierarquia pertencem os serafins, os querubins e os tronos.

À segunda hierarquia, as dominações, as virtudes e as potestades.

E à terceira hierarquia, os principados, os arcanjos e os anjos.

Cada ordem superior angélica, qualquer que seja, possui por inteiro a perfeição das ordens inferiores. E estas possuem apenas parcialmente as perfeições das ordens superiores[877]. Assim os serafins e os querubins têm toda elevação, toda firmeza, toda capacidade e toda sede do divino que têm os tronos. Mas os tronos não têm toda a ciência dos querubins e nem todo o amor divino que têm os serafins.

Cada anjo, como também cada ordem e cada hierarquia, tem dois papéis para desempenhar. O de receber do mais alto as influências divinas e o de as transmitir às ordens e aos seres inferiores, segundo a capacidade de cada um destes[878]. Por exemplo, os tronos, com relação à ciência e ao amor divino, são influenciados pelos querubins e pelos serafins, todavia sem poder igualá-los nisto.

Igualmente se pode raciocinar, analogicamente, a respeito das hierarquias, das ordens e dos indivíduos inferiores.

439. – Como se faz a distinção e a divisão das hierarquias e das ordens angélicas? Para responder a esta questão observemos, inicialmente, que, segundo Santo Tomás, cada anjo forma, somente ele, uma espécie particular (1, q. 56, a. 4), e *tem seu ofício próprio e sua ordem própria nas coisas,* de maneira que não há dois anjos que sejam *realmente iguais*[879].

Sobre este ponto de vista é, portanto, muito fácil distinguir as diferenças das hierarquias e das ordens angélicas, já que isso explica até mesmo as diferenças individuais desses puros espíritos.

440. – Os anjos foram criados em diversos graus de perfeição. Além disso, como a quantidade de graça foi dada a cada um deles *em*

---

[877] Santo Tomás, 1. Q. 108, a. 5, ad 6_m et in corpore.

[878][878] Eis porque todos os indivíduos dos oito coros superiores são também anjos – quer dizer, mensageiros – porque todos eles devem transmitir alguma coisa a seus inferiores. (Santo Tomás, ibid ad 1^m. Cada tem ainda a missão de elevar aquele que lhe é inferior, quer dizer, de purificar, esclarecer e de o aperfeiçoar. E isto, transmitindo-lhe as influências superiores. Ibid. ad 3^m.

[879] p. 1, q. 108, a. 3, in corp. et ad 1^m.

proporção de sua capacidade natural[880], a graça, ao elevar e aperfeiçoar a natureza, acentuou consequentemente as diferenças naturais.

Assim, um grande número de plantas, quando nascem, se distinguem muito pouco umas das outras. Mas, quando adquirem todos os seus desenvolvimentos, elas mostram dissemelhanças muito grandes. Isto pode-se dizer também dos animais e dos homens.

As diferenças naturais dos anjos adquirem, pois, uma expressão notável sobre ação da graça e um relevo ainda muito maior na irradiação da glória. Tal é, segundo nos parece, a razão primeira das diversas ordens angélicas.

441. – Mas esses diferentes graus de perfeição têm, por si mesmos, sua razão de ser.

Para tornar belo o universo, Deus fê-lo variadíssimo e a variedade exige a diversidade de graus.

E para tornar o universo ainda mais belo, Deus quer que cada ser criado pareça com Ele não somente pelos dons da natureza, da graça e da glória, mas também pelas operações. Isto porque, como o Criador age como causa primeira de todo finito, Ele quer que cada ser limitado haja como causa segunda, ou terceira, ou quarta, e assim sucessivamente.

Todo ser criado participa, portanto, numa certa medida, do governo ativo exercido por Deus. E age como instrumento mais ou menos perfeito da Divina Providência, segundo sua capacidade e segundo a ordem em que ele se encontra.

Também todo o universo é maravilhosamente ordenado, por ser um composto de um número incalculável de seres diferentes e por serem todos mais ou menos ativos. Eles estão como que encaixados numa hierarquia que produz a harmonia universal.

442. – Observemos, além disto, que as hierarquias propriamente ditas têm algo de sagrado.

A hierarquia, diz São Dionísio, *é, na nossa opinião, uma sagrada ordenação, ciência e operação, destinada a reproduzir, tanto quanto possível, a deiformidade e a se elevar, em proporção das iluminações divinamente infusas, até à imitação da divindade... A hierarquia tem por fim assimilar e unir a Deus no limite do possível... Ela aperfeiçoa seus adeptos (seus iniciados e seus membros) em 'cópias' (simulacros) de Deus... Os quais, misteriosamente inundados destas deslumbrantes irradiações, refletem-nas sem inveja sobre os*

[880] Ibid. a. 4. Ver também p. 1, q. 62, a. 6.

seres de um grau inferior segundo as leis teárquicas (sobrenaturais)... A perfeição dos membros da hierarquia consiste em se elevarem, com todas as forças, à imitação de Deus; e, coisa mais divina ainda, os oráculos (os escritores sagrados) a tornarem-se os cooperadores de Deus[881]*, e a manifestarem em si, com todo o brilho possível, a operação divina*.

A hierarquia é, pois, uma série de seres inteligentes, ora mais ou ora menos nobres, visando a própria perfeição, sobrenaturalmente, o mais possível, ao participar da perfeição enquanto seres relativamente superiores. E visando comunicar suas perfeições aos seres inferiores, segundo a capacidade e a destinação destes.

Esta perfeição consiste na purificação, na iluminação e na aquisição do supremo grau de bondade sobrenatural, proporcionado e destinado a cada ser[882].

443. – *Parece-me então necessário*, continua são Dionísio, *que as Iluminações resplandecessem da divina luz, para ser elevarem, com os castos olhos da inteligência, à* ***bem-aventurança e ao poder da contemplação****; ... Para que as iluminações, inteligências especialmente mais aptas a receber e* ***a transmitir*** *a* ***luz,*** *elas próprias tendo uma maior transparência, maravilhosamente inundadas de santos esplendores,* ***expandem sua luz****, de todo lado transbordante,* ***sobre quem é digno dela****; enfim, que as perfeiçoa nas suas essência, em* ***distribuir*** *a perfeição,* ***aperfeiçoando os aperfeiçoáveis,*** *em os iniciando da maneira mais augusta n****a ciência dos sagrados objetos*** *da hipopsia (da visão)*[883]*. As santas ordens das substâncias celestes... são especialmente e excelentemente honradas com nome de anjos, a tearquia (a divindade, que é o primeiro princípio de todas as coisas) primeiro dando sua ilustração, com as quais elas* ***transmitem seus brilhos****...*[884].

Na ordem da economia divina, o inferior se eleva a Deus por meio do superior, o que é verdadeiro não somente para as inteligências de alto a baixo (nas hierarquias), mas ainda para aquelas do mesmo

---

[881] *Quanto aliqua agentia magis in participatione divinae bonitatis constituuntur, tanto magis perfectiones suas nituntur in alios transfundere, quantum possibili est*. Sum. Theol. p. 1, q. 106, n. 4. Dessa forma, tanto mais as ordens e as hierarquias angélicas estão elevadas, mais elas são zelosas quanto ao bem de seus inferiores.

[882] Os anjos são *PURIFICADOS quanto à sua ignorância* no tocante ao plano divino ou ainda fortificados para melhor poder conhece-lo. Eles são *ILUMINADOS*, quer dizer, esclarecidos pelos seus superiores sobre este plano. São *APERFEIÇOADOS* para o conhecimento deste plano. (Ibid. a. 2, ad. 1^{m})

[883] Hierarquia Celeste cap. III, tradução de M. l'ábbe Dulac.

[884] Ibid. C. IV, parag. 2. Lumen intellectuale potest dici ipse vigor intellectus *ad intelligendum... Nihil ergo est aliud Angelum ab Angelo illuminari, quam CONFORTARI INTELLECTUM INFERIORIS ANGELI per aliquid INSPECTUM in superiori, ad alia cognoscenda.* S. Tomás, q. 9, *De Veritate*, art. 1.

grau (da mesma hierarquia), tendo a substancial *taxiarquia* (o distribuidor supremo dos patamares e dos degraus de perfeição que formam a ordem) *estabelecido esta regra*: *Que em cada hierarquia haverá ordens e potências, primeiras, médias e últimas, e que* ***os mais divinos se tornarão os mistagogos*** *(iniciadores nos sagrados mistérios) e* ***os condutores dos menos adiantados*** *no progresso, na ilustração, na comunhão face-a-face de Deus...* (Ibid. parág. 3).

Esta santa sem inteligência..., após ter recebido, sem se orgulhar, a sua primeira aparição, este imediato esplendor, ***transmite-a a seus subalternos*** *liberalmente,* ***mas diminuído no seu esplendor*** *e conforme suas respectivas capacidades...* ***Elas têm o privilégio de fecundar, de vivificar, de aperfeiçoar****, espalhando uma chuva intelectual, cuja* ***fértil irrigação predispõe o seio umedecido com ela a nascimentos imortais*** (a atos sublimes e sobrenaturais) (Ibid. q. 15, p. 6).

444. – Toda ordem sobrenatural está, pois, disposta em hierarquia, embora em graus diversos de participação, a fim de que tudo seja diversamente aperfeiçoado e que tudo aperfeiçoe qualquer coisa[885], à semelhança de Deus, modelo infinitamente perfeito de toda bondade substancial e de toda operação benfazeja sobre os seres.

A graça e a glória têm Deus por única fonte, mas nem a graça e nem a glória são conferidas aos seres racionais independentemente das causas segundas.

Assim Nosso Senhor Jesus Cristo, como homem, é a causa meritória de toda predestinação e de toda graça. Maria Santíssima é também uma causa junto a Nosso Senhor Jesus Cristo (nn. 279 e seguintes; 287 e seguintes). Os anjos e os homens de Deus desempenham semelhantes ministérios, cada um segundo sua vocação especial.

E o último dos homens está ele mesmo destinado não somente a se divinizar de alguma maneira, sob a ação de outros, mas ainda a divinizar os outros tanto quanto possível, ao menos por suas preces e seus bons exemplos: *Orai uns pelos outros, afim de que sejais salvos, porque a prece assídua do justo pode muito* (São Tiago, V, 16). *Nós somos diante de Deus o bom odor de Cristo, nos que se salvam e nos que perecem* (II Coríntios, 2, 15).

447. – Uma análoga ação causadora também ocorre na morada da glória.

---

[885] *Omnes creaturae* ex divina bonitate participant ut bonum quod habent in alia diffundant; nam de ratione boni est quod aliis se communicet. Et inde est etiam quod agentia corporalia similitudinem suam aliis tradunt quantum possibili est. (S. Tomás, p. 1, q. 106, a. 4)

Cada bem-aventurado, anjo ou homem, nela contempla Deus imediatamente graças à luz da glória que eleva e fortifica sua inteligência, enquanto essa luz de glória, esta perfeição habitual dos seres racionais, lhe provém de Deus por via hierárquica. Ou seja, pela transmissão dos seres criados superiores aos seres inferiores, conforme diz excelentemente São Dionísio, sobretudo nas passagens que temos mencionado (n. 443) e como anteriormente temos mostrado (nn. 194-198; 191, 244).

Tanto no Céu quanto na terra as hierarquias têm então a mesma razão de ser da autoridade. Elas participam do governo providencial sob a direção do supremo Criador (nn. 356, 357; 370-373). Pode-se concebê-las como espécies de igrejas docentes em relação às pessoas menos instruídas.

Assim um anjo mais elevado *fortifica a virtude intelectual de um anjo inferior* como um corpo mais perfeito fortifica, por sua aproximação e por sua influência, a virtude de um corpo menos perfeito.

Além disso, o anjo superior distribui a verdade, que ele conhece mais largamente e mais profundamente, de maneira proporcional à *capacidade* do inferior, como fazem os mestres em relação a seus discípulos.

O anjo superior não dá então ao inferior a luz natural nem a luz da graça ou da glória, mas ele fortalece a capacidade do inferior e o predispõe a receber as formas mais nobres da graça e da glória (Santo Tomás, p. 1 q. 106, a. 1.)

Terceiro ponto: os anjos (continuação) – As diferentes hierarquias – Ofício dos diversos coros angélicos

446. – Eis o suficiente sobre as razões de ser das hierarquias e das ordens estabelecidas no mundo sobrenatural.

Se desejarmos conhecer mais especificamente como nas hierarquias angélicas se diferem uma das outras, diremos com Santo Tomás que essas diferenças devem ser procuradas na diversidade da multidão submissa à cada hierarquia: *distinguuntur hierarchiae ex parte nultitudinis subjectae* (Ibid. q. 108, a. 1).

Como os anjos gloriosos pertencem a graus muito diferentes em perfeição (n. 440), eles todos não podem ser governados da mesma maneira em relação aos ofícios que têm a desempenhar.

Assim os anjos da primeira hierarquia (Serafins, Querubins e Tronos), têm por ministério principal *assistir diante de Deus*, receber as primeiras luzes e as primeiras impressões de Deus Todo Poderoso.

E, após as ter contemplado, darem todos os louvores e todas as adorações dos seres finitos, veem as razões das coisas, tanto no universo inferior (com todas suas finalidades, que figuram no plano divino) como no próprio Deus. Quer dizer, perfeitissimamente e universalmente. Desta forma, *estão voltados imediatamente para Deus*.

Os anjos da segunda hierarquia (Dominações, Virtudes e Potestades) têm um ministério mais restrito que visa particularmente *o governo dos seres inferiores*.

As Dominações distinguem as coisas a fazer segundo as vias divinas.

As *Virtudes dão* aos diversos agentes *a faculdade e a energia* necessárias para fazerem aquilo que devem realizar.

As *Potestades determinam o modo de completarem aquilo que está definido e prescrito*.

E, para isto, os anjos da segunda hierarquia veem as razões das coisas e as disposições a lhes dar, *nas causas universais criadas*, na humanidade santíssima de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Maria Santíssima, na primeira hierarquia angélica, às vontades humanas mais influentes nas mais altas causas materiais.

Por conseguinte, os anjos da segunda hierarquia não são governados como os da primeira hierarquia. Deus os dirige *mediatamente* no cumprimento de seus ofícios.

A terceira hierarquia deve principalmente se ocupar da "mão de obra", como acontece, por exemplo, em um exército: generais, superiores subalternos e simples soldados. Assim como nas categorias de trabalhadores se distinguem os mestres de obra, os contramestres e os operários, igualmente a última hierarquia angélica tem os Principados, os Arcanjos e Anjos, que servem os superiores, no governo do mundo: Maria Santíssima, Nosso Senhor Jesus Cristo e o Altíssimo.

Os membros da terceira hierarquia (Principados, Arcanjos e Anjos) executam os planos e as ordens recebidas da segunda hierarquia e assim se vê que Deus não os dirige como os das hierarquias superiores.

E que, por conseguinte, as três hierarquias são muito diferentes entre elas[886].

447. – Mas, quais são estas razões das coisas que os anjos superiores ensinam aos inferiores?

---

[886] Ver Santo Tomás p. 1, q. 108, a. 1, a. 6 e outros artigos sobre a mesma questão. Os anjos da terceira hierarquia recebem divinamente o conhecimento da ordem providencial... considerando esta ordem nas causas particulares. Contra Gentiles, l. 3, c. 80, Infimi autem.

Santo Tomás não diz claramente e Suarez não julga fácil explicá-las (*De Angelis*, l. 1, cap. 4, n. 12). Nós procuramos responder em conformidade com diversos pontos de doutrina expostos em diversas ocasiões pelo Anjo da Escola.

1º) Ver as razões das coisas para as governar não é igual a ver a essência divina, que todos os anjos bem-aventurados contemplam imediatamente (P. 1, q. 106, a. 1, ad 1^{m}.)

2º) Todos os anjos não veem a essência divina *com a mesma perfeição*. Segue-se daí que todos não conhecem igualmente bem o plano divino (Ibid.), plano que deve, entretanto, ser executado completa e perfeitamente. É a razão de os anjos superiores esclarecem sobre este ponto os anjos inferiores.

3º) Os anjos não têm poder sobre as vontades livres (Ibid. q. 111, a. 2). Portanto, os anjos não veem, no homem, seus pensamentos e suas vontades, as quais somente Deus conhece (Ibid. q. 57, a. 4). Ademais, consta que *o universo material pertence* especialmente aos *fiéis de Cristo*[887]. E, genericamente, a todas as criaturas racionais (*Contr. Gentiles*, cap. último). O universo material é, pois, governado segundo exigem o estado e as disposições – variáveis ou invariáveis, boas ou más – dos seres livres (Ibid. e alibi).

Assim, em grande parte, o modo de governar o universo depende *dos pensamentos e dos desejos*, livres e variáveis, que os anjos *por si mesmos* não podem conhecer.

Daí se deduz que os anjos, sobre este ponto, devem ser esclarecidos e iluminados, mediata ou imediatamente, pela luz divina, à qual nada é desconhecido e da qual nada escapa.

Para os anjos, conhecer as razões das coisas, significa, portanto, conhecer os diversos modos segundo os quais Deus quer que o mundo seja governado, nas diversas circunstâncias[888].

Isto significa conhecer as coisas tais como elas são, mas também elas tais como devem ser para terem a aprovação divina. É também conhecer e procurar o funcionamento conveniente de cada coisa sob o ponto de vista providencial, para conduzir cada ser a seu fim e para

---

[887] Santo Tomás, *Comentário à Epístola aos Coríntios*, c. III, lec. III, no vers. 22.

[888] A palavra *razão* deriva, com efeito, de *ratum*, aprovado. As *razões* das coisas são, portanto, as condutas (comportamento) das coisas nas direções aprovadas por Deus, e conformes ao plano divino.

glorificar, dessa forma, a Deus, o Ser Supremo[889]. É a ciência **prática** do plano Divino.

448. – As *iluminações* angélicas consistem, como dissemos (n. 442), em *esclarecer*, em *purificar* e em *aperfeiçoar* os inferiores.

Iluminar se diz em relação a tudo quanto se refira a seres gloriosos que não podem falhar no seu dever. Nesse caso a ação é sempre conforme as iluminações.

> *Bendizei o Senhor, vós, seus anjos, poderosos e fortes,*
> *Cumprindo suas ordens, obedecendo à sua voz.*
> *Bendizei o Senhor, vós todos, seus soldados,*
> *Vós, seus ministros, que executais sua vontade* (Salmo 102, 20- 21).

449. – Vejamos agora os ofícios próprios a cada coro angélico.

Para melhor compreensão começaremos pelo terceiro coro de cada hierarquia porque a excelência e a perfeição de cada coro são comuns nos coros superiores (*S. Teol*., p. 1, q. 108, a. 5, ad 6^{m}.).

Os *Tronos* estão vinculados ao serviço de Deus sobretudo quanto ao governo direto dos seres inferiores. Sua capacidade é tão ampla que eles não podem se desligar totalmente da direção dos mundos materiais, inclusive dos homens (*Contr. Gentiles*, l. 3, c. 80, in princípio). Eles estão altamente colocados na série dos seres. Os esplendores divinos mais deslumbrantes parecem repousar sobre eles e os fazem irradiar, diminuindo-os, para segunda hierarquia, proporcionando estas luzes à capacidade de seus inferiores.

Os Tronos veem o plano divino no próprio Verbo. Deus os tem fortemente ligados a Si como inteligências que lhe são muito queridas. E eles, a seu turno, se abeberam copiosamente das influências divinas para glorificar a Deus com mais energia e para as transmitir às ordens inferiores (1. p. q. 108, a. 5, ad 6^{m}).

Juntamente com os Querubins e os Serafins, os Tronos formam o *Céu vivo* mais elevado, depois do *Céu de Maria Santíssima* e do *Céu de Nosso Senhor Jesus Cristo*.

450. – Os Querubins são também como os Tronos e têm as mesmas excelências, mas eles os ultrapassam pela *plenitude de sua ciência*.

---

[889] Na Suma Contra os Gentis, l. 3, c. 80, Santo Tomás confirma, de maneira a mais esplêndida, a explicação que acabamos de dar sobre as *razões das coisas* sobre as quais os anjos são iluminados.

Os Querubins veem Deus ainda mais perfeitamente, recebem com mais abundância a divina iluminação, veem melhor a bondade divina reluzir na harmonia da criação e conhecem melhor as razões das coisas. Eles aumentam, por conseguinte, o concerto de louvores que sobe a Deus, o Ser supremo.

E, plenos de conhecimentos tão sublimes, ajudam inclusive os Tronos a verem as coisas em Deus, a glorificarem a Deus, a repartirem o bem aos que estão abaixo deles (Ibid. ad 5^{m} et alibi).

453. – Os Serafins ultrapassam os Querubins em ciência e os iluminam, como os Tronos.

Mas os Serafins se distinguem sobretudo pelo ardor do amor que têm por Deus.

Também, *de acordo com os hebraisantes, o augusto nome de Serafim significa "Incendiários" ou "queimadores"* (S. Dionísio, Hierarquia Angélica, c. 7, part. 1). Ou, melhor ainda, segundo os hebreus, os "Incendiantes".

A primeira ordem que existe *é a das pessoas divinas, a qual se completa no Espírito Santo, o amor procedente*, o amor hipostático.

Ora, os Serafins, *assim designados por causa do "incêndio" de seu amor, têm uma particular afinidade com o Espírito Santo* (S. Teol., p. 1, q. 108, a. 6). *Como poderosas chamas, eles não cessam de se elevarem para Deus; fogos ultra ativos e ultra penetrantes, eles agem fortemente sobre seus subalternos, os quais eles purificam das menores manchas e os abarcam com um sublime fervor; possuidores de uma luz inextinguível, eles iluminam perfeitamente os outros anjos* (Ibid. art. 5, art. 5^{m}).

452. - Dissemos que os Serafins ocupam as mais sublimes regiões espirituais do Céu criado, se Nosso Senhor Jesus Cristo não estivesse *acima de todos os céus para preencher todas as coisas* (Efésios, IV, 10). E se sua augusta Mãe não fosse a *Rainha dos Serafins e de todos os anjos* (Santo Alberto, o Grande, Missus est, c. 189), a *Rainha de toda a cor celeste* (S. Boaventura, Cantic. Psalt. B. M. V.).

O Homem Deus e a Mãe de Deus não encontram entre as criaturas nenhuma comparável a eles e nenhuma criatura recebe tantas influências sobrenaturais.

São Dionísio e Santo Tomás dizem, com razão, que a suprema hierarquia é *iluminada imediatamente por Deus*, mas isso não se faz sem o ministério de Maria Santíssima e de seu divino Filho.

Antes da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Assunção da Virgem, Deus não concedia favores aos anjos senão em virtude dos

méritos previstos de Jesus Cristo e da futura Rainha dos Céus (nn. 294-302).

Mas, depois da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Assunção de Maria Santíssima, todos os habitantes celestes dependem de seu Rei e de sua Rainha.

E essa dependência é uma das mais eficazes causas da glória deles, de seu brilho beatificante e de sua felicidade (nn. 189;193-198).

Maria Santíssima, como dissemos anteriormente (nn. 196 e 198; 230-235; 245; 249; 262), ilumina todas as ordens angélicas e todas as criaturas inferiores. Com os olhos da inteligência, Ela vê no Verbo todas as razões das coisas; vê com seus próprios olhos corporais tudo o que é material e sensível (nn. 308-310 com as notas).

É, portanto, do Filho do Padre Eterno, da Mãe do Verbo Encarnado, da Esposa do Espírito Santo, que partem todas as iluminações de que são favorecidos os Serafins, todos os Anjos e todos os Eleitos.

Maria Santíssima, ademais, é a Rainha de todas as criaturas em razão dela as governar efetivamente[890] (n. 347).

453. – Os anjos da segunda hierarquia, como temos dito (n. 446), veem as razões das coisas em Jesus Cristo Homem, em Maria Santíssima e nos anjos superiores.

Os anjos da segunda hierarquia *se ocupam especialmente* da ***disposição*** *dos divinos ministérios* (1, q. 108, a. 6).

As Potestades, que compõem o último coro da segunda hierarquia, têm, como dizemos anteriormente (n. 446) outro ofício, que é o de impedir a violação da ordem providencial universal, de reprimir os esforços maldosos dos demônios e todas as causas perturbadoras.

As Virtudes e as Dominações também cuidam, com maior razão, de manter a ordem geral. Mas elas fazem ainda algo a mais.

As Virtudes *constituem o princípio da operação universal*. Esses anjos são chamados de *Virtudes dos céus* (Luc., XXI, 26 e Mat., XXIV, 29). São eles que põem em movimento todas as fontes da natureza material imóvel, depois as regiões que tocam ao Céu Empíreo, incluindo os últimos corpos que recebem alguma impressão (nn. 356; 371-373). Aí a eles convém também atribuir, juntamente com Deus, o operar

[890] É verdade, segundo Santo Tomás de Aquino (p. 1, q. 108, a. 8, ad 2^{m}) que, segundo a ordem da natureza, um indivíduo humano está menos apto que os anjos para administrar as coisas humanas e as coisas materiais. Mas, Maria Santíssima, no Céu, age como Rainha e não como servidora. Toda ordem de superioridade está em Deus, de início como em fonte primeira; e as criaturas dela participam tanto mais se aproximam de Deus. As criaturas mais perfeitas e que são as mais próximas de Deus são também aquelas que têm a maior influência sobre as outras criaturas (Santo Tomás, ibid. q. 109, a. 4). Quem está mais próximo de Deus do que Maria Santíssima?

milagres, obedecendo sempre aos anjos superiores, à Maria Santíssima e a Nosso Senhor Jesus Cristo[891].

As Dominações têm todos os poderes das Virtudes, mas elas formam um coro superior como anjos que *escolhem e determinam todos os agentes que devem executar o plano providencial*[892], e que lhes são inferiores em dignidade.

454. – Dessa forma, as Dominações indicam todos os trabalhos a se concluir (n. 446) e fazem a nominação de todos os agentes puramente materiais, ou simplesmente vivos, humanos ou angélicos, desde o grão de areia até as *virtudes dos céus*.

As Virtudes fortalecem e movem esses agentes.

As Potestades presidem os modos de agir e afastam os obstáculos.

Ó, se as criaturas racionais, sujeitas à prova, obedecerem finalmente às moções angélicas a seu respeito, seja por vias de inspiração ou de *persuasão* (l, q. 111, a. 2), o próprio mundo móvel seria uma espécie de Paraíso. Ele caminharia completamente segundo as influências do Céu Empíreo e de seus sábios e felizes habitantes. Seria a imagem fiel dos céus superiores.

Ó liberdade humana, como tua responsabilidade é grande!

Ó triste pecado, como tu estragas tudo!

Ó homens, quem quer que sejas, tornai, todos, dignos filhos da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, e vós tereis atingido o máximo de felicidade aqui na terra.

455. – Os membros da terceira hierarquia estão colocados *imediatamente acima* das criaturas racionais no estado de prova, *de todas as naturezas inferiores*. Quer dizer, acima de todos os seres irracionais, e *de todas as causas particulares,* que foram criadas e dispostas para o serviço do ser racional (Contr. Gent., loc. cit.).

> Ó justo caminhante,
> *O mau não virá até vós,*
> *E o flagelo não se aproximará da vossa tenda.*
> *Porque para vós, Ele enviará seus anjos (o Altíssimo),*
> *Para vos guardarem em todos os caminhos,*

---

[891] Como pensamos, como Suarez, que as virtudes dos céus de que falam os Evangelhos são os anjos considerados de modo geral como governadores dos céus (3 p. q. 59, a. 6. Disp. 56, sec. 3). Também Martini traduziu: As potestades dos céus. As propriedades físicas dos astros serão abaladas pela interrupção parcial ou pela mudança no modo do governo angélico. Ou, por outra, o coro das Virtudes altera o movimento dos céus quanto às suas particularidades, sob a alta direção dos Querubins. Ver os números 273-276.

[892] Ver a maior parte destas noções em Santo Tomás, *Contra Gentiles*, l. 3, c. 80.

Eles vos levarão nas suas mãos,
Para que vosso pé não tropece em alguma pedra (Salmo 90, 10-12).

Os simples Anjos são os mentores e os protetores imediatos do homem viajante, como também os diretores de todos os seres menos elevados que de alguma maneira servem ao homem.

Os Arcanjos são tudo isso, porém mais excelentemente. Eles presidem, além disso, *todas as coisas relativas à Fé, ao culto divino, às leis sobrenaturais e naturais a serem observadas, às novidades a anunciar e outras coisas semelhantes* (*Contra Gentiles*, loc. cit.).

Os Principados são Arcanjos de uma ordem superior, prodigalizando seus cuidados aos Impérios, aos Reinos, às cidades e sobretudo à sociedade por excelência, que é a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os Principados são os que elevam ou rebaixam as nações, dão a preponderância de tal povo sobre tal outro, mudam ou mantêm as dinastias e as formas de governo.

Portanto, toda nação que conheça seus verdadeiros interesses deve consagrar um culto especial aos santos Principados.

Quarto ponto: os santos da espécie humana são, no Céu, iguais aos anjos

456. – Demos uma visão geral sobre a organização da imensa sociedade angélica, que preenche e ultrapassa o universo material.

Como a criação é bela e grandiosa quando considerada com olhos da Fé!

Como a natureza e seus fenômenos se explicam radicalmente por Deus, pelo Céu Empíreo e pelos anjos!

Mas, como será quando vistos com olhos iluminados pela luz da glória, quando veremos tudo isto que agora não se sustenta senão enquanto objeto da Fé!

Como será quando contemplaremos todas essas coisas invisíveis, das quais Deus é o criador tanto como as coisas visíveis! *Quando não poderemos mais falecer*, *porque seremos iguais aos anjos, e filhos gloriosos de Deus*! (S. Lucas, XX, 36).

457. – Embora, segundo a natureza, como diz Santo Tomás, seja impossível a toda criatura humana se igualar aos anjos, entretanto *os*

homens podem merecer, pela graça, uma glória bastante grande para serem associados a cada coro angélico[893].

Há, portanto, santos da espécie humana entre os serafins, entre os querubins, entre os tronos, e assim sucessivamente[894].

Mas há algum homem acima dos serafins? Sem falar da humanidade de Cristo, é óbvio que a morada de Maria Santíssima é muito mais elevada do que a mais alta morada dos anjos[895].

Contudo a pergunta que fazem os teólogos é se acima de todos os anjos há alguma pessoa humana inferior à beatíssima Virgem Maria. A este propósito um grande número de autores participam da opinião

---

[893] l. q. 108, a. 8. Santo Agostinho parece ser de outra opinião quando diz: Animae... rationales... illis superiribus (angelis) officio quidem impares, sed natura pares. De lib. arbítrio, l. 3, c. 11, n.32. Ver também *Contra Maximinum,* libr. 2, cap. 25. Em outras passagens, entretanto, ele está com Santo Tomás: in Joann, Tract. 110, n. 7. Mas o próprio Santo Tomás, no seu *Comment. in Epist. ad Hebr*. (cap. II, vv. 9-18), precisa melhor seu pensamento: Isto que explica também perfeitamente a maneira de dizer de Santo Agostinho.

Nosso Senhor Jesus Cristo, diz o Anjo da escola, *não desceu abaixo do nível dos anjos por causa da condição da natureza humana, mas por causa de sua Paixão. Porque a natureza do espírito humano que Cristo tomou sem Pecado, é tudo o que ele tem de maior depois da Trindade*. Em seguida, falando da natureza angélica em geral e da natureza humana, o santo doutor continua assim: *Se se considera estas duas naturezas somente nelas mesmas, a natureza angélica é mais excelente e mais nobre do que a natureza do espírito humano, porque o anjo recebe tem o conhecimento da verdade divina numa certa excelência e plenitude de luz intelectual, enquanto o homem a recebe por meio das criaturas. Mas, se se considera a natureza de um e de outro como isentas do pecado e como aptas à aquisição da beatitude, estas duas naturezas são iguais: "sois iguais aos anjos"* (Luc. XX, 36). *Mas Nosso senhor Jesus Cristo, quanto à excelência da graça, mesmo no seu espírito humano, é maior do que os anjos. Seu "pequeno rebaixamento" a inferior aos anjos não deve, pois, ser entendido enquanto natureza divina e, nem mesmo ABSOLUTAMENTE, enquanto natureza humana, mas somente enquanto que Ele sofreu conforme esta última. Além disto, se nós consideramos o homem viajor como filho de Deus – quer dizer, como liberto do pecado – enquanto ornado da graça santificante, como instruído pela Revelação e pela Fé, como atraído para a beatitude pelas ações do sobrenatural, também sua natureza se aperfeiçoa e o coloca ao nível dos anjos viajores, segundo Santo Tomás: São iguais aos anjos e filhos de Deus, pois são frutos da Ressurreição*.

É nesse sentido que André de Jerusalém disse de Maria Santíssima: *A virgem eclipsa a natureza inclusive dos serafins. Pelo milagre da maternidade divina Ela se tornou a "primeira da natureza", aquela que mais se aproxima de Deus, autor de toda a geração* (Orat. 2. de Annuntiatione).

O sobrenatural tende, ademais, a igualar os homens aos anjos, nesta perspectiva. O sobrenatural supera a inferioridade de nossa natureza para nos colocar, em nobreza, na condição dos celestes espíritos. Como sobrenatural é, pois, precioso para nós! E como é verdadeiro que santos, como São Luiz Gonzaga e outros, levaram na terra uma vida angélica! E como é, portanto, facilmente admitido que os santos se coloquem, no Céu, em todos os coros angélicos! O anjo que revelou a São João os mistérios apocalípticos lhe diz: *Guardai-vos de não me adorar porque eu sou servidor como tu, e como seus irmãos, os profetas* (Apoc. XXII, 9). Isto, segundo Bossuet, *para igualar o ministério apostólico e profético ao estado angélico*. S. Greg. hom. 8, in Evang. (Bossuet, Apocal. c. 19, v. 10).

[894] Deus, pela largueza de sua graça, eleva os membros (místicos) de seu Filho único à igualdade com os santos anjos. (S. Greg., Hom. 8, in Joann. Trat. 110, n. 6).

[895] Lib. 2, Dist. 6, art. 1.

que Santo Tomás prefere, adotando a maneira de pensar de São Gregório papa: *São Gregório diz que o Anjo que pecou mais gravemente (Lúcifer) era o mais elevado de todos os anjos. É isto o que parece mais provável* (1, q. 63, a. 7 - lib. 2. Dist. 6, art. 1). Ora, *admitida a doutrina dos santos de que os homens são destinados a preencher os lugares deixados vagos pelos anjos rebeldes*, segue-se daí que o lugar de Lúcifer deve ser ocupado por um santo da espécie humana e que, por conseguinte, um santo deve estar mais elevado na glória do que o mais sublime dos serafins (Suarez, ibid.).

Não é de forma alguma estranho que na glória membros da humanidade sejam interpostos aos coros angélicos e exerçam papéis próprios. Nada de estranho há em se admitir que um membro humano de Nosso Senhor Jesus Cristo seja elevado acima dos serafins, porque:

1º) esta elevação é devida à graça, não à natureza;

2º) as obras de Deus seguem comumente a progressão do imperfeito para o perfeito, termina em Jesus Cristo e em Maria Santíssima, que ultrapassam todos os anjos; o Novo Testamento, que ultrapassa o Antigo; a Jerusalém Celeste completa, que ultrapassa Empíreo primitivo;

3º) os homens têm mais afinidade com Jesus Cristo, o Rei dos reis, do que os anjos;

4º) segundo bons autores, os homens estão sujeitos, comparativamente aos anjos, a um maior período de prova, a uma mais longa prova, prova de cada instante, que dura por toda a vida temporal do homem;

5º) esta prova do homem é muito rude: luta interna entre suas próprias faculdades, luta contra o mundo e contra a fascinação dos bens materiais; luta contra os demônios; luta contra a dificuldade de aprender, de crer, de sobrenaturalizar um corpo pesado e singularmente inclinado para as coisas sensíveis; luta contra as doenças e contra a morte.

Tudo isto tem por fim o aumento do mérito e, por conseguinte, da glória.

458. – Para mim, se me for permitido expressar meu sentimento sobre esta questão, tenho que São José habita a gloriosa mansão que Lúcifer deveria merecer.

Neste caso (para mim pouco provável – nn. 782 e seg.), Lúcifer teria sido o mais alto dos anjos. Porque é incontestável, antes de tudo, que os dois membros mais nobres da Sagrada Família, Jesus e Maria, ocupem o mais alto dos coros dos mais sublimes anjos. Que lugar po-

de, pois, ter sido reservado ao chefe temporal da Sagrada Família, senão o primeiro depois daquele da Santíssima Virgem?

Além disto, São José era o verdadeiro esposo de Maria, esposo castíssimo, esposo virgem da Mãe de Deus, esposo escolhido por Deus entre todos os homens por suas virtudes incomparáveis, esposo expressamente preparado por graças escolhidas para um ministério tão eminente.

Este grande Patriarca foi um confidente de Deus, foi um intimíssimo e fidelíssimo confidente de Deus. O segredo divino que concerne à salvação de toda a humanidade, a restauração da sociedade angélica, enobrecimento de todo universo, foram-lhe revelados. São José foi o depositário daquilo que Deus tinha de mais caro: seu Filho único, *objeto de todas as suas complacências*, e de sua Mãe Santíssima, a mais perfeita das criaturas.

Com o suor de sua fronte, ele alimentou e manteve o Homem-Deus, o redentor dos homens, o Rei e o Juiz de toda a criação.

Este personagem tão distinto desenvolveu constantemente um papel apagado entre os homens. Imensamente grande em sua humildade, em seu devotamento; não vivendo senão para Maria, para Jesus e para Deus; dirigido pelo próprio Altíssimo, através dos Anjos; recebendo somente no Céu a remuneração de suas sublimes virtudes; homem de Fé, obediente, de abnegação completa, de oração e de trabalho incessantes; seguindo em tudo as inspirações da graça e do Espírito de Deus, São José é, depois de Maria Santíssima, a mais pronunciada antítese de Lúcifer, o orgulhoso, o egoísta, o primeiro partidário e criador do naturalismo, o anjo rebelde, o pai da mentira, o primeiro homicida.

Ó São José, eu vos saúdo como o mais nobre habitante dos habitantes do céu, depois da divina Virgem. Vós tendes por trono todos os coros angélicos. A Sagrada Família, no Céu, não está dividida, aliás como esteve na terra. Vós participais, no Céu, das excelências das excelências de vossa incomparável Esposa e Mãe de vosso divino Filho adotivo (n. 245).

Também, ó grande São José, a sublime posição que vós ocupais na morada da glória, eu desejo que vós ocupeis também dos meus pensamentos, das minhas afeições e das minhas preces.

459. – Os outros santos se escalonam nos diversos coros angélicos, segundo os diversos graus de seus méritos e segundo suas excelências individuais.

Com efeito, *os anjos bons e os santos*, diz Santo Agostinho, *não formam duas cidades ou duas sociedades* no céu, mas uma só que consta de anjos e de homens (*De Civ. Dei*, 1, 12, cap. I, n. 1). *Nós e os anjos*, diz também São Gregório, Papa, *formamos uma espécie de sociedade de irmãos, porque fomos criados racionais*[896]. O Evangelho formalmente nos ensina esta verdade quando diz: *Aqueles que forem encontrados dignos do século futuro e da gloriosa ressurreição dos mortos, serão iguais aos anjos, e filhos de Deus, visto serem filhos da ressurreição* (S. Lucas, XX, 35, 36).

Ora, essa igualdade de condição entre os homens e os anjos, no Céu Empíreo, comporta e exige a distribuição dos santos nas diversas ordens angélicas, desde os serafins até o mais simples dos anjos. Esta paridade parece mesmo tão absoluta para São Gregório que, segundo esse grande papa, no Céu os homens serão iguais em número aos anjos fiéis: *A cidade celeste*, diz ele, *se compõe de anjos e de homens, e nós cremos que a ela subirão tantos representantes do gênero humano quantos anjos eleitos nela permaneceram*...; *é de se crer que a multidão dos homens que alcançarão o Céu seja igual à quantidade dos anjos que permaneceram fiéis*[897].

460. – Mas, já aqui na terra, há sinais que distinguem os eleitos que pertencerão a tal ou a tal outro coro angélico?

Respondemos afirmativamente, de acordo com São Gregório (loco citato), São Vicente Ferrer (*3º Sermão sobre os Santos*), Santa Matilde (*Revelações*) e de acordo com as noções anteriormente expostas, tiradas principalmente de São Dionísio e de Santo Tomás. O ensinamento dos santos tem um grande peso especialmente quando eles nos falam da sociedade dos Filhos de Deus, por estarem cheio do Espírito do alto. Ver-se-á figurar entre os simples anjos *a multidão dos homens que têm pouca instrução religiosa, mas que não cessam de piedosamente transmitir o que sabem a seus irmãos* (S. Gregório), por palavras e por bons exemplos*; os penitentes* (S. Vicente Ferrer) e pelas pessoas que praticaram obras de misericórdia material, como *o cuidado dos pobres e dos doentes* (Santa Matilde).

Pode-se acrescentar a esses a multidão de crianças batizadas que morreram antes do uso da razão: *Como a igreja celeste é uma única Igreja, é muito conveniente dizer que todos os que se salvam são elevados às ordens angélicas* (Santo Tomás, *livro II Dist. 9, art. 4*). Santo

[896] Super Cant. Cantic. Expos. Cap. 1, in versic. 5, n. 25.
[897] XL Homiliar, in Evang. Libr. II, Homil. 34, n. 11.

Tomás prefere esta opinião a dos teóricos que dizer haver um como que *décimo coro*, composto de santos menos perfeitos. É necessário, portanto, incluir no nono corro angélico todos os homens de uma santidade comum, que não foram como os simples anjos (n. 447, até o fim, e n. 455), como executores obedientes, num âmbito circunscrito, das vontades divinas[898].

461. – Os homens *de grande devoção* (São Vicente Ferrer), *os homens de meditação e de oração* (Santa Matilde), os homens de boa instrução nas verdades da religião e zelosos em ensinar aos outros (São Gregório) serão admitidos no coro dos arcanjos. Os professores edificantes e devotos; os bons chefes de família ou de outras sociedades particulares; os bons padres que propagam a fé, os bons costumes, a devoção, o uso do sacramentos (n. 455) entre o povo que lhes foi confiado; todos os empregados subalternos, quaisquer que sejam, que fizeram predominar a religião e a ordem, por um princípio de verdadeira piedade entre todos seus dependentes, todos esses e outros semelhantes, que se santificaram nestas situações, participam da glória imortal dos arcanjos, se todavia, na sua modesta condição, não adquiriram méritos eminentes que os façam se elevarem mais alto.

462. – Ver-se-á assentar-se entre os Principados as pessoas que, aos méritos das categorias precedentes, acrescentaram *uma vitória mais completa sobre os desejos da concupiscência* (Santa Matilde); quem, além do cumprimento exato dos deveres de seu estado, tenham também praticado *obras de misericórdia* sobretudo espirituais (São Vicente Ferrer); quem, *superiores em virtude aos bons, a eles tenham santamente comandado* (São Gregório).

Um domínio completo sobre si mesmo, uma ampla influência de caridade, uma ascendência *marcante sobre as pessoas da própria elite*, são as principais qualidades que distinguem, na terra, os imitadores e os futuros semelhantes aos principados celestes. Estes são os fiéis executores das vontades superiores dos que têm a administração da cidade, das províncias, dos reinos e das igrejas particulares (n. 457). Glorificados, eles estão num degrau mais elevado que os Arcanjos, uma vez que pertencem igualmente à ordem dos executores das leis. As aplicações aos casos particulares são fáceis de serem feitas, conforme os estados e as ocupações.

[898] Tais são aqueles que morreram na amizade de Deus e que não tenham, por assim dizer, exercido alguma autoridade durante sua vida, nem praticado uma santidade excepcional e nem ocupado algum cargo de importância.

463. – Outros homens ainda mais perfeitos serão agregados à segunda hierarquia angélica.

Aqueles que tenham ocupado um alto grau de conformidade à vontade de Deus no meio das tribulações (São Vicente Ferrer); aqueles que, como superiores, se distinguiram pelo zelo e por sua caridade (Santa Matilde); aqueles que, *pela oração e pela autoridade tenham postos em fuga os maus espíritos* (São Gregório, *loco citato*, no n. 459), serão associados às Potestades.

Nesta classe de pessoas distingue-se uma união especial à vontade de Deus, malgrado as graves dificuldades, um zelo que leva a lutar contra os obstáculos, um terrível combate contra os demônios.

É notável que também pertençam ao coro das Potestades as pessoas a quem cabe *determinar o modo de cumprirem o que está prescrito* (n. 446). Os frouxos jamais serão prudentes. Mas estas pessoas (que determinam o modo de cumprir o que está prescrito) sabem impedir a violação da ordem universal e afastam as causas perturbadoras desta ordem (n. 453). É por isto que elas são poderosas na terra, antes de o serem no céu.

Aqui estão no seu lugar esses homens valorosos – bispos, padres, religiosos e leigos –, que unem os católicos em falanges disciplinadas e compactas, para a defesa dos direitos de Deus, da Igreja, da família, da sociedade, e contra a própria franco-maçonaria, a igreja de Satanás; estes escritores de renome; estes oradores possantes e cativantes que põem em fuga o exército dos sofistas, emissários de Lúcifer, que afastam as hostes da incredulidade e dos vícios, que desacreditam o partido do mal, que reconduzem a fé, a religião, a Igreja, a virtude, à divina ascendência que lhe é própria e ao alto governo das nações, dos povos e dos indivíduos; esses ministros do culto religioso que, com recursos de sua prudência, do zelo e das instituições divinas, liberta do pecado e do demônio as almas imortais e as fazem reinar nos céus; esses magistrados e esses juízes íntegros que, nos tempos de fraqueza e de prevaricação, mantêm na justiça todo seu domínio, e tratam os crimes, a despeito de toda influência contrária, como eles merecem ser tratados; todos aqueles, enfim, que reúnem a estes gloriosos da ordem, a estes francos e destemidos inimigos da desordem.

464. – No coro das Virtudes deve-se incluir os taumaturgos e todos os santos que operam prodígios para glória da religião, para o bem das almas e para honra de Deus (São Gregório): os Gregórios taumaturgos, os Joãos de Malta, os Vicentes de Paulo, como também os Dons Boscos, os Cotolengos; os religiosos fiéis a seu voto de pobreza,

de castidade e de obediência (Santa Matilde), *por terem feito coisas maravilhosas durante sua vida* (Eclesiastes, XXXI, 9); as pessoas que particularmente amaram e abençoaram seus inimigos (São Vicente de Paulo), como os Estevãos, os Ciprianos, os Joãos de Gualberto; os homens que de modo excelente persuadiram seu semelhantes e os conduziram ao bem, dando-lhe a possibilidade e a energia de realizar sua volta a Deus ou de crer de modo perfeito (n. 446), como os Joãos Crisóstomo, os Antônios de Pádua, os Franciscos de Sales; os homens que *constituem o princípio da universal operação* (n. 443) como os mais santos e mais sábios pontífices, os Pedros Eremitas, os Bernardos de Claraval e tantos outros homens de Deus que possantemente influenciaram seu século para o melhorar.

De acordo com São Dionísio e Santo Tomás (1. q. 108, a. 5, ad 1^{m}) este coro angélico, e por conseguinte também o santos que nele serão admitidos, *se distinguem por uma espécie de excesso de força*, o que lhes dá o nome de Virtude; *por que este nome significa uma certa força viril e inabalável, de início para fazer cumprir todas as operações divinas que são de sua competência, e depois para receber corajosamente todas as ilustrações com que a divindade os favorecem* (S. Dionísio, Hierarquia Celeste, c. VIII, part. 1). *As virtudes empreendem sem nenhuma fraqueza as coisas divinas que a elas competem, o que parece pertencer à força de alma* (Santo Tomás, 1. c.); e, *com a vista sempre fixada na própria virtude, que é Deus, procuram com todo seu poder reproduzir em imagem neles mesmos a Virtude infinita..., tudo reproduzindo, à imitação da divindade, sobre os seres de um nível inferior* (São Dionísio, ibid.).

465. – As Dominações humanas, que regem juntamente com as Dominações angélicas, são aquelas pessoas que foram excelentes na conformidade com Deus (Santa Matilde), na submissão de sua razão à Fé, de sua vontade à lei divina, de sua carne ao Espírito, e de sua natureza à graça (São Gregório). Estas pessoas são os reis, os imperadores, os pontífices santos, que especialmente fizeram reinar a justiça entre os povos e as nações, e que fizeram florir a religião de Cristo, atendendo, dando crédito, fazendo praticar o amor, fazendo-se amar e respeitar (São Vicente Ferrer). Seus sábios conselhos, que distinguem as coisas a fazer segundo as vias divinas (n. 446), que fazem eleger para os diversos cargos mais importantes as pessoas mais virtuosas e mais capazes, que em todas as coisas escolhe e indica os melhores meios de governar santamente os homens e as coisas, têm também os méritos iguais aos das celestes Dominações.

A *dominação suprema*, diz Santo Tomás segundo São Dionísio, *não se afastam de Deus, mas as Sagradas Escrituras a chamam de Dominações por eles participarem das ordens angélicas superiores* (porque os membros da suprema hierarquia são também Dominações, porquanto ultrapassam as Dominações propriamente ditas), *pelas quais os inferiores recebem os dons de Deus... O nome de dominações significa: 1º, uma certa liberdade que eleva acima da condição servil, de uma sujeição vulgar e da tirânica opressão a que submetem, algumas vezes, os grandes; 2º, uma espécie de modo de governar rígido e inflexível, que não se inclina para nenhum ato servil, para nenhum ato próprio de sujeitos, ou melhor, de vítimas dos tiranos; 3º, o desejo da participação no verdadeiro domínio que há em Deus, e na real possessão desta participação* (Suma Teológica, 1. p. q. 108, a. 5, ad 2^{m}).

Esses caracteres nos lembram os Ambrósios, os Gregórios e o glorioso exército dos mártires.

466. – Serão vistos brilhar entre os Tronos angélicos as almas contemplativas e aquelas que praticaram uma devoção especial à pobreza evangélica (São Vicente Ferrer); as almas inteiramente ocupadas com Deus e com as coisas celestes, e cujo coração fora um rico templo de Deus (Santa Matilde); *as almas que dominam a si mesmas com um vigilante cuidado; que, sempre penetradas da crença em Deus, seriamente se examinam; que, em retorno, recebem o dom de julgar as coisas como devem ser julgadas; que, com o espírito familiarizado com a divina contemplação, fazem de si mesmas Tronos de Deus, onde o Senhor examina as ações das outras pessoas, de onde Ele admiravelmente reina sobre todas as coisas. Como são essas almas, senão tronos de seu criador? Onde elas serão admitidas, senão entre os Tronos? Quando a Santa Igreja é dirigida por homens assim, ela consegue ordinariamente que os próprios eleitos sejam por si mesmos contidos em seus atos de fraqueza* (São Gregório). Esses homens podem até não ter nenhuma parte direta no governo de outros homens e coisas, mas, plenos do Espírito de Deus, eles são os inspiradores e as luzes daqueles que governam (n. 449).

Segundo Santo Tomás, essas pessoas são Tronos de Deus de quatro modos:

Primeiro, **como elas são bastante elevadas** *para ver em Deus* ou no plano ou nas divinas escrituras, ou nos exemplos de Jesus Cristo e dos Santos, as razões das coisas, ou seja, por ver nas coisas o ideal aprovado de Deus (n. 447, no final);

Segundo, porque **estão** particularmente **unidas a Deus** na verdade e no bem, e assim elas servem de sede sólida. O que nos leva a pensar nos maiores mártires, nos santos Atanasios, nos Crisóstomos, nos Basílios, e em todos os santos que mais brilharam por seu caráter invencível;

Terceiro, **porque recebem Deus em si mesmos e o levam de alguma maneira com os outros**, o que quer dizer, com mais forte razão, verdades divinas, inspirações e vontades divinas, eles fazem brilhar no mundo, como a glória do monarca brilha do alto de seu trono;

Quarto, **porque estão sempre voltados** para o alto, **para receber prontamente Deus e o servir** (Ibid. ad 6^{m}), vivendo somente para Deus: *por mim o viver é* (todo para servir a) *Cristo*..., *pelo que eu renunciei todas as coisas para ganhar a Cristo* (Filipenses, I, 21), *esquecendo-me do que fica para trás e avançando para as coisas que estão adiante* (Ibid. 13).

Tais são os tronos humanos que se misturam aos tronos angélicos.

467. – Se, na categoria dos santos que acabamos de mencionar, há alguns que tenham, além disso, brilhado por uma singular ciência divina, eles não são somente Tronos mas também Querubins, porque os coros angélicos superiores sempre têm toda a perfeição dos corpos inferiores e os ultrapassam (n. 438).

Os Querubins, humanos ou angélicos, distinguem-se pela *plenitude de sua ciência*. Esta é a sua característica própria (n. 450). No entanto, aos olhos de Deus, eles em tudo são superiores aos Tronos, podendo, entretanto, não oferecer aos olhos do mortal comum todos os esplendores dos Tronos, por estarem mais distantes.

Ora, quais são estas pessoas destinadas a uma tão alta dignidade na corte celeste?

470. – São os Doutores da Igreja e os pregadores da verdade (São Vicente Ferrer), sem dúvidas os mais eminentes, porque os de menor relevância, como vimos, têm seu lugar nos coros inferiores.

Os futuros querubins humanos são os homens que possuem a verdadeira sabedoria, que a ensinam aos outros (Santa Matilde) e que a possuem em alto grau, que de uma maneira excelente a ensinam a um grande número de pessoas; esses *são aqueles que acrescentam à plenitude de sua ciência a plenitude da caridade* (São Gregório). Ou seja, uma caridade proporcionada à sua ciência.

471. – São Dionísio e Santo Tomás traçam, com uma mão mais firme, a fisionomia dos Querubins.

Esses anjos sublimes são designados de **plenitude da ciência** por quatro razões (Santo Tomás):

1ª) por causa de **sua aptidão** para o *conhecimento e para a visão perfeita de Deus*: Eles são criados para isto (São Dionísio e Santo Tomás).

2ª) por causa *de sua capacidade de absorver as ondas da suprema luz* (São Dionísio), *e de que, em realidade*, *eles recebem plenamente estas ondas* (Santo Tomás): Eles foram fiéis à sua vocação e à graça.

3º) por causa *de sua virtude para contemplar a beleza soberana em sua inicial irradiação* (São Dionísio). Ou seja, *para contemplar no próprio Deus a beleza da ordem das coisas, a qual deriva de Deus* (Santo Tomás). Por exemplo, se se trata dos querubins terrenos, eles vêm na Encarnação do Verbo todo o plano divino; nos Eleitos, todos os homens; na Igreja Católica, todas as outras sociedades temporais; nas verdades religiosas, todas as outras verdades, etc.

4ª) *por causa do vigor de suas larguezas sapienciais e de sua prontidão em comunicar a seus inferiores imediatos os tesouros da sabedoria dos quais a Sabedoria os cumulou* (São Dionísio); *estando eles próprios plenos desta ciência, repartem-na abundantemente aos outros* (Santo Tomás)[899].

470. – Quem não vê nisto a fotografia moral destes ilustres santos cuja doutrina esclarece os papas, os concílios, os bispos, os doutores, as escolas superiores? Os querubins da humanidade são os Dionísios, os Agostinhos, os Tomás de Aquino, os Boaventuras, os Isidoros de Sevilha e todos aqueles que, grandes por sua santidade, ademais primaram no mundo a verdade religiosa, rainha e mestra de todas as verdades. Se a maior parte dos santos foi constituída por "grandes pontífices", ou, em outros termos, por Potestades, Virtudes, Dominações e Tronos eminentes, esses Querubins humanos foram ainda mais nobres por sua ciência divina, unida à santidade, do que pela dignidade de que foram revestidos.

Convenhamos também que nada falta à glória de um São Jerônimo e de um Santo Tomás de Aquino, se bem que eles não foram governadores de povos. É mais sublime, com efeito, esclarecer os governantes do que governar. Por outra, é como prover as ovelhas de maneira excelente para alimentar os pastores[900].

---

[899] São Dionísio, História Eclesiástica, c. 7, part. 1. Santo Tomás, 1, q. 108, a. 5, ad 5m.

[900] *Os mais altos lugares estão sempre abaixo das grandes almas; nada as incha e nada as deslumbra porque ninguém emite um brilho mais esplendoroso do que elas próprias*. Massillon.

471. – A espécie humana tem também membros dignos de reinar entre os Serafins. Segundo São Vicente Ferrer, Santa Matilde e São Gregório, Papa, (nos lugares citados, n. 460), estes são os homens que ardem com o mais inflamado amor divino e que têm maior caridade ao próximo.

Não é a caridade que os distinguem dos santos inferiores, porque todos os santos são tais pela caridade. Mas é o excesso, o incêndio de sua caridade, para falar com Santo Tomás e São Dionísio, de quem nos reportamos aqui a doutrina (nos lugares citados anteriormente, n. 469, nota).

O nome de Serafim (os *Abrasados e os Abrasadores*, n. 451) exprime brilhantemente:

1º) *por seu perpétuo movimento para as coisas divinas* (São Dionísio). *Eles têm a propriedade do fogo..., cuja chama continuamente se move para o alto; eles se dirigem a Deus por um movimento que nunca diminui e nunca se desvia* (Santo Tomás, ibid.).

2º) pelo *ardor, pela subtileza, pela efervescência de sua atividade, firme, inflexível e permanente* (São Dionísio); *eles são como fogos que brilham com uma extrema vivacidade, que penetra todos os átomos daquilo que tocam, que agem com ardor que ultrapassa de longe todo ardor comum*. (Santo Tomás)

3º) pela ***sua enérgica faculdade de levar até à sua semelhança os seres abaixo deles***, *animando-os e estimulando-os com fogo parecido, assim como purificando-os nas chamas eminentemente devorantes* (São Dionísio)[901]; *estas chamas tão potentes significam a ação enérgica que os Serafins exercem sobre seus subordinados, estimulando-os a um sublime fervor e os purificando totalmente pelo seu incêndio* (Santo Tomás), como o fogo purifica o ouro.

4º) pela *sua propriedade, patente, indefectível, sempre a mesma, de receber a luz e de a transmitir, ao mesmo tempo de afastar e de repelir os obstáculos das trevas* (São Dionísio); *eles são fogos resplandecentes, o que quer dizer que estes anjos têm, eles próprios, uma luz inextinguível, e que eles iluminam perfeitamente os outros* (Santo Tomás).

471. – Não são essas as marcas distintivas da maior parte dos Profetas e sobretudo dos Apóstolos e dos Evangelistas? Eles eram, por excelência, os homens de Deus, recebendo e transmitindo todas as inspirações divinas: *Não é pela vontade dos homens que a profecia foi*

[901] Sempre citamos a tradução de M. l'abbé J. Dulac.

dada, mas é pela inspiração do Espírito Santo que falaram os santos homens de Deus. (2a. Petri, I, 21); *então apareceram (sobre os apóstolos) como línguas de fogo que se espalharam, e o fogo repousou sobre cada um deles, todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar diversas línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem* (Atos, II, 3, 4*). Nós não podemos,* disse São Pedro em nome de todos os apóstolos*, falar do que vimos e entendemos* (Ibid. IV, 20), tanto o fogo que os animava era irresistível. Constantemente voltados para Deus e *para as coisas divinas*; sempre no máximo fervor; mudando quase imediatamente os pagãos, repletos de vícios, em santos fervorosos, em mártires, tanto quanto eles fossem receptivos; dignos discípulos *daquele que é a luz do mundo* (São João, VIII, 12), eles eram os poderosos refletores desta luz[902], e engendravam a cada passo, a cada palavra, filhos da luz. Eram os Serafins da espécie humana no lugar da prova e da mortalidade; *sua voz refletiu por toda terra, e suas palavras até às extremidades do mundo* (Rom. X, 18).

Não estão eles, agora, no lugar aonde a perfeição é completa e coroada, iguais aos serafins angélicos?

473. – "Vós não podeis compreender plenamente, diz muito bem o padre Seguinery, quanto é grande a excelência dos santos apóstolos. Eles não somente ultrapassam todos os santos do Antigo Testamento, mas ainda os santos do Novo Testamento; porque, se a graça abundou nos outros santos, neles ela superabundou: *Deus nos fez agradáveis a seus olhos, no seu Filho bem-amado, ... segundo as riquezas de sua graça que superabundou em nós em toda sabedoria e toda inteligência* (Rom. X, 18). Pode ser verdadeiro que outros santos tenham sofrido por Deus martírios mais atrozes que o de qualquer apóstolo, suportado maior pobreza, feito maiores penitencias. Mas, o mérito não se mede só pela dificuldade das obras. O mérito se proporciona ao amor de quem a faz. E esse perfeito amor foi feito de forma mais intensa pelos apóstolos do que qualquer outro santo. É porque, como os apóstolos afrontaram corajosamente por Deus todos os sofrimentos que se apresentaram a eles em cada dia, e os afrontariam muito mais ainda e indefinidamente, conforme a necessidade: *Quem nos separará da caridade de Cristo*? (Rom. VIII, 35).

474. – Que não se objete que um amor igualmente intenso possa ver ter existido também no coração de outros santos, pois eles não podiam tê-lo se Deus, por sua graça, não lhes houvesse dado. E esta gra-

[902] Vos estis lux mundi (São Mateus, V, 14.

ça é dada "na medida": *A cada um de nós foi dada a graça, segundo a medida do dom de Jesus Cristo* (Ef. IV, 7). Excetuada a Virgem Maria, e, como provável, seu esposo (Ver o número 458), a graça não foi dada tão abundantemente a mais ninguém, como aos Apóstolos, que deviam ser como as doze pedras fundamentais servindo de bases da Igreja: "*Deus estabeleceu na Igreja, primeiramente os apóstolos"* (1a. Cor. XII, 28).

Assim privilegiados pela graça, os Apóstolos o foram igualmente de outros dons, como sabedoria, piedade, prudência, etc., pois está escrito que eles eram as primícias do Espírito Santo: *Nós que somos as primícias do Espírito* (Rom. VIII, 23): E sabeis vós que as primícias são os mais mimosos e mais apreciados frutos do campo: *Israel foi consagrado ao Senhor; ele foi escolhido para ser as primícias de seus frutos* (Jerem. II, 3) (seu povo primogênito); e, destas primícias, Nosso Senhor Jesus Cristo reservou para si mesmo o seu cuidado, não o confiando a mais ninguém, em cumprimento da palavra que o Senhor deu a Arão: *Eis que eu vos dei a guarda das primícias das minhas ofertas* (Num., XVIII, 8).

Conclui-se ainda, a partir daí, que não é necessário provar *que o Senhor estava intimamente ligado a eles e que os amava*! (Deut. X, 15). Basta observar que, se não é um erro formal, é ao menos uma temeridade, como nos ensina Santo Tomás, afirmar que Deus esteja unido mais estreitamente a outro santo do que aos Apóstolos. Porque, se não me é permitido, por respeito aos outros santos, discutir qual entre eles deve ser considerado o maior – *Quis eorum viveatur esse major* (Luc. XXII, 24) –, porque *pertence ao Senhor pesar os espíritos* (Prov. XVI, 2), por outro lado é não somente permitido, mas um dever, dar o primeiro lugar aos apóstolos, em qualquer caso:

No lugar de teus pais estarão teus filhos,
Tu os colocará para comandar toda a terra[903].

476. – Os Apóstolos, diz Santo Tomás, são os membros da Igreja que *obtiveram a primogenitura das graças espirituais*[904]. Ora, tendo sido fiéis às graças recebidas, os Apóstolos têm, depois da Mãe de Deus e de seu casto esposo, também a primogenitura da glória no Céu, em que eles participam dos esplendores dos Serafins.

Ademais, como temos dito muitas vezes (nn. 95, 96; ver particularmente anota 2º., n. 96, da passagem de São João Crisóstomo), a Igreja Militante é a imagem fiel da Igreja Triunfante e os Apóstolos

[903] Salmo 44, 17. Segneri, Manna dell'anima, 1º maggio.
[904] Com. In Epist. ad Cor. Cap. 12, v. 28.

ocupam nesta o mesmo lugar que ocuparam naquela, iluminando os coros celestes como o fazem os anjos superiores (n. 195), e reinando na glória, mais excelentemente do que como reinaram no período da prova.

477. – Se os dons gratuitamente dados servem de regra infalível para julgar a elevação dos santos nas ordens celestes, devemos igualmente assinalar aos Apóstolos o lugar de honra: *primum apostolos*; e devemos colocar imediatamente após eles, de acordo com São Paulo (1ª Cor. XII, 28), os santos *profetas*, depois os santos *doutores*, depois os taumaturgos, etc.

No caso dos santos profetas, homens eminentemente esclarecidos para que vissem o futuro, seriam associados ao coro dos Querubins, que brilham sobretudo pela *plenitude de sua ciência*.

Os santos doutores, firmes colunas da verdade, seriam agregados aos Tronos. Os outros santos se repartiriam nas duas hierarquias inferiores.

478. – Mas, não há senão uma regra segura de julgar os graus de santidade.

Esta regra é o grau de união com Deus, o grau de caridade, que aqui na terra somente Deus pode conhecer. É porque, se bem que nomeamos muitos santos como podendo fazer parte de tal ou tal outro coro angélico, não queremos emitir um julgamento quanto a esta questão, mas somente oferecer exemplos que tornem mais inteligível a doutrina de São Dionísio, de Santo Tomás, de São Gregório, sem prejudicar a precedência que podem ter tais ou tais santos sobre outros. Nós raciocinamos segundo uma certa analogia e segundo o ensinamento de grandes santos, princípios que nos parecem muito sólidos e muito instrutivos, mas não fazemos aplicações a personagens específicos.

Cremos, entretanto, que essas considerações têm uma grande utilidade, a melhor parte enquanto nos esclarecem sobre a excelência relativa aos dons sobrenaturais, às diferentes virtudes e aos diversos ofícios que na Igreja os homens desempenham.

Assim, por exemplo, os contemplativos, perfeitamente separados do mundo, *escolhem a melhor parte* (Luc. X, 42); fiéis à sua vocação, eles gravitam para a suprema hierarquia angélica, onde os esplendores da caridade e da verdade são os mais amplos e mais vivos.

Os ministros do alto governo dos fazeres, estão, como tais, numa esfera inferior, participando das ações das Dominações, das Virtudes e

das Potestades[905]; também os grandes papas e os grandes bispos jamais deveriam ambicionar suas dignidades, por mais brilhantes que elas fossem, mas desempenhá-las sobretudo com resignação.

Por exemplo, Santo Ambrósio, Santo Anselmo, São Gregório e uma infinidade de outros. Sua profunda modéstia não era a simples razão de sua repugnância àquilo que a dignidade tem demais brilhante aos olhos dos homens. Ademais, eles sentiam uma forte inclinação para os altos estudos, para as profundas meditações, para a prolongada oração.

E esta era a iluminação que lhes vinha das altas regiões, onde sua alma se elevava com facilidade, que os desinteressavam das distinções mais honráveis, nas quais eles viam mais embaraços e responsabilidade do que brilho. Também, como eles foram grandes!

A classe dos funcionários mais ou menos distinguidos em relação àqueles que executam a vontade dos governantes, é chamada, por si, a figurar entre os Principados, os Arcanjos e os Anjos.

479. – Mas, como Deus é sábio e bom! Ele quer tudo medir com o peso do amor e não segundo a importância do trabalho.

E o amor, por meio da graça, é de responsabilidade de cada um, qualquer que seja sua posição social. É porque *muitos dos primeiros serão os últimos, e muitos dos últimos serão os primeiros* (Mat. XIX, 30). Terrível sentença que humilha salutarmente os grandes e que encoraja fortemente os pequenos. Que os grandes temam a sorte de Lúcifer, e sejam também grandes por suas virtudes mais do que por seus cargos. E que os pequenos ambicionem a verdadeira grandeza, acessível, àquela da caridade.

Quando uma alma santa se eleva aos céus, ela sobe mais ou menos alto entre os coros angélicos segundo a intensidade de seu amor divino.

O grau de amor é o peso específico que coloca a alma santa lá onde seu equilíbrio será estável. Ela não tem necessidade de procurar seu lugar; todas suas energias e o ambiente que ela atravessa coloca-a, naturalmente, na sua morada definitiva.

Ó caridade, tu és verdadeiramente tudo para o homem: *O amor é a plenitude da lei* (Rom. XIII, 10); *tu amarás o Senhor Deus de todo o*

[905] Unde Principatus et Protestates, *in quórum nominibus praelatio designatur*, virtutibus praeposuit (São Gregório)... Dionysius vero..., quia virtus complementum potestatis designat, praeposuit Virtutes, Potestates et Principatibus. Videtur autem verior assignation Dionysii utpot qui ab Apostolo immediate accepit. (S. Tomás, lib. 2, Dist. 9, art. 1, ad 5^{m}).

teu coração, de toda tua alma, de todas as tuas forças, e de todo o teu espírito; e teu próximo como a ti mesmo (Luc. X, 27).

Assim como o cervo suspira pelas fontes das águas,
Assim a minha alma suspira por ti, ó Deus!
Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo;
Quando irei e contemplarei a face de Deus? (Salmo XLI, 2, 3)

Quinto ponto: número relativo de anjos – todos os anjos, inclusive os assistentes, têm alguma parte no governo direto do mundo ou dos homens.

480. – Até obtermos uma ideia geral da sociedade celeste e das principais classes de habitantes que a compõem, vamos estudar, nesta consideração, questões mais particulares que são:

1º) o número relativo dos anjos das três hierarquias;

2º) a diversidade dos anjos que formam o mesmo coro;

3º) o governo geral e particular do mundo pelos anjos, inclusive pelos anjos *assistentes*.

I- Número relativo dos anjos

483. – Já vimos anteriormente (nn. 432-437), que o número de anjos ultrapassa a multidão de objetos materiais[906]. Mas pode-se perguntar se este número, inimaginável pelo homem viandante, é sobretudo formado pelos anjos mais nobres, Serafim, Querubins, Tronos, ou particularmente pelos anjos dos coros inferiores.

São Gregório, Papa, e São Dionísio não estão de acordo sobre este ponto, porque eles interpretam diferentemente a passagem seguinte de Daniel: *millia millium ministrabant ei, et decies millies centena millia assistebant ei* (Daniel, VII, 10).

Segundo São Gregório os milhares de milhares de anjos (*millia millium*) ocupados nos ministérios exteriores constituem um número indefinido, e, por conseguinte, superior a todos os números, enquanto que o *milliard (decies millies centena millia*) de anjos que assistem diante de Deus é um número determinado que indica precisamente a multidão dos anjos assistentes[907]. Estes seriam, pois, menos numerosos que os primeiros.

Mas, nós não encontramos que esta opinião seja partilhada por outros Padres. Ao contrário, quase todos os intérpretes admitem que

[906] Excedunt igitur in numero intellectuales substantiae separatae omnium rerum materialium multitudinem. S. Tomás, Contr. Gent., l. 2, c. 92, 3º

[907] Moral, l. 17, ch. 13, ou, segundo outras edições, c. 9.

estes dois números não são mais definidos um que o outro, e que os dois significam multidões incalculáveis.

A diferença está em que apenas o segundo designa uma multidão bem maior que o primeiro: *les milliers de milliers* representam os anjos no governo do universo material ou misto; e o *milliard* representa os anjos da primeira hierarquia.

482. – Qual é a interpretação de São Dionísio, que teve oportunidade de se esclarecer diretamente com os apóstolos, e que escreveu todo um tratado sobre a *hierarquia celeste*.

Ademais Santo Tomás compreende assim a doutrina de São Dionísio e o apoia com as seguintes razões: 1ª) *Deus quer particularmente e multiplica mais o que é melhor. E, segundo esse princípio, os anjos contemplativos sendo superiores, são também mais numerosos*; 2º) esta conclusão tem a vantagem de melhor corresponder ao sentido literal da Sagrada Escritura, porque o *milliard* de anjos *assistentes* é um número superior aos *milhões* de anjos da segunda e da terceira hierarquia (1, q. 112, a. 4, ad 2m).

Pode-se acrescentar que os Serafins, formando, como naturezas espirituais, a primeira ordem após as Pessoas divinas (n. 451), e servindo, por assim dizer, de transição entre a Trindade, infinitamente grande e perfeita, e as criaturas, é necessário que elas compensem o melhor possível pelo número de sua imensa inferioridade em relação a Deus. O que se pode dizer também, proporcionalmente, quanto aos Querubins e aos Tronos.

Além disto, quanto mais o Céu Empíreo transbordar destes nobres espíritos, mais ele é rico e mais ele é bom, mais Deus aparece grande.

483. – Pode parecer que, se os anjos superiores ultrapassarem em número os anjos inferiores Nosso Senhor Jesus Cristo como Homem, Maria Santíssima e São José, sendo em número de três, não formem então uma proporção conveniente na corte celeste acima dos Serafins.

Nós respondemos que a glória deles é tão grande que ultrapassa a dos anjos superiores em qualquer número que eles sejam. A Trindade terrestre se mistura, por assim dizer, aos esplendores da Trindade celeste. Quem está mais próximo das pessoas divinas é uma trindade criada.

Nenhuma dúvida há, certamente, a quanto ao Homem-Deus nem quanto à Mãe de Deus.

Quanto à São José, quem pode apreciar dignamente a eminência de sua santidade? Quanto mais nós meditamos nos principais traços

que distinguem este incomparável personagem (n. 458), mais o vemos se elevar acima dos serafins; quanto mais sondamos a grandeza de sua vocação, e as dificuldades de sua prova, sua união com Deus, a intimidade de suas relações com Jesus e com Maria, sua virtude tão sublime num corpo mortal, mais nós sentimos eclipsar, apenas ele, o esplendor dos coros angélicos. Sua perfeição é a imagem viva e fidelíssima da vida escondida de Nosso Senhor Jesus Cristo, vida tão importante aos olhos de Deus que Ele ocupou trinta anos da vida mortal tão curta do Salvador; vida que foi o modelo daquela da futura Rainha dos anjos; vida que, por suas influências ocultas, mas poderosíssimas, engendrou a vida interior dos Apóstolos e dos maiores santos, e foi como a alma de sua maravilhosa vida exterior.

É neste mundo, invisível aos mortais, mas, entretanto, mais próximo de Deus, que brilhou São José. E sua virtude, elevada de todo um degrau acima daquele dos serafins, forma por seus esplendores uma espécie de céu que compreende a multidão inimaginável dos anjos mais nobres.

Que honra para a humanidade! Que honra para nós ter como chefe o Homem-Deus! O maior personagem da corte celeste pertence ao gênero humano!

Após Nosso Senhor Jesus Cristo, Nossa Senhora e São José, abaixo deles se alinham, de três em três, outras imagens da Trindade, que são os nove coros dos anjos e os felizes humanos da segunda ordem e das ordens inferiores.

Pareceria, entretanto, contrariamente a isto que se verifica entre os anjos, que os santos da espécie humana sejam relativamente raros nos coros superiores e que eles mais especialmente abundam nos coros angélicos colocados mais baixo.

A prova humana é rude e a perfeição cristã é muito elevada. Daí decorre que *os homens, sendo chamados a preencher os lugares deixados no céu pelos anjos rebeldes*[908], sejam mais numerosos nos coros inferiores do que nos coros superiores.

O orgulho de Lúcifer teria particularmente deslumbrado os espíritos mais fracos, os anjos mais simples[909]. Entretanto, ao contrário, é sobretudo aos pobres e aos simples da espécie humana que será anunciado o evangelho: *O espírito do Senhor.... me enviou para evangeli-*

[908] In quemlibet ordinem (angelorum) homines assumuntur in supplementum ruinae angelicae. S. Tomás, 1. Q. 63, a. 9, ad 3m.

[909] É assim que, entre nós, os sofismas anticatólicos enganam especialmente os espíritos superficiais e vãos, ou onde a Fé criou poucas raízes.

zar os pobres (Luc. IV, 18). *Dissipou aqueles que orgulham nos pensamentos de seus corações; depôs do trono os poderosos, e elevou os humildes; encheu de bens os famintos, despediu os ricos com mãos vazias* (Luc. I, 51-53). Enquanto os simples repovoam o Céu, quantos espíritos fortes, quantos grandes segundo o mundo, tomam o caminho do abismo onde preside Lúcifer!

II – As diversas naturezas angélicas

484. – Todos os eleitos de um mesmo coro não são igualmente perfeitos nem igualmente elevados: *Entre os próprios anjos que pertencem a uma mesma ordem distinguem-se os primeiros, os do meio e os últimos, como diz são Dionísio*[910]. *Eles têm, com efeito, certos caracteres comuns que os fazem pertencer ao mesmo couro, mas não são iguais em tudo*[911]. E muito mais. *É preciso dizer... que todos os anjos diferem especificamente uns dos outros e esta diferença provém dos diversos graus de perfeição que aproxima mais ou menos de Deus a natureza de um anjo, o que encontramos nas diversas espécies de coisas naturais*[912].

O Anjo da Escola sustenta, com força, a mesma tese na sua Suma Teológica (1, q. 50, a. 4), na Suma Contra os Gentis (L. 2, c. 93), no seu *Tratado das Criaturas Espirituais* (Art. 8) e outros. Mas os outros teólogos divergem muito sobre esta questão[913].

Vamos expor, sem *parti pris,* a nossa maneira de ver.

485. – A *espécie* nós a concebemos como sendo a melhor parte essencial de um ser e como distinta da essência de outros seres.

Assim a razão, ou faculdade de raciocinar, é minha espécie, porque ela é o melhor do que há na minha essência e que me distingue do anjo, que não raciocina[914]. E também me distingue da besta que não pode raciocinar.

A mesma coisa acontece nos seres de graus inferiores quanto à faculdade sensitiva, que é a espécie do animal. E da vida, que é a espécie vegetal.

Ora, o que há de melhor na essência angélica e o que distingue esta essência das outras essências criadas? Antes de tudo respondemos que é apura espiritualidade, criada assaz nobre, suficientemente perfei-

---

[910] S. Tomás, 1, q. 50, a. 4, sed contra.
[911] Ibid. q. 108, a. 3, ad 1m.
[912] Lib. 2, Dist. 2, a. 2.
[913] Ver Mazzella, *De Deo Creante*, nn. 280-285.
[914] Cum in Angelo sit lumen intellectuale perfectum... relinquitur quod Angelus sicut non intelligit rationando, ita *non intelligit componendo et dividendo*. 1ª p. q. 58, a. 4.

ta para *existir por si própria*, quer dizer, não destinada a informar substancialmente um corpo[915].

Esta concepção, a mais simples e a mais fácil, naturalmente nos leva a dizer que todos os anjos formam uma única espécie e que eles não se distinguem entre si como indivíduos da mesma espécie mais ou menos perfeitos. Assim pensam São Boaventura, Santo Alberto Magno, Scot e outros ilustres teólogos[916]7.

486. – Mas Santo Tomás e seus fiéis seguidores levantam sérias objeções a essa doutrina, que a eles parece inconsiderada.

A primeira é que o que há de melhor na essência de um anjo, ao menos de um anjo que não seja o último, não é a pura espiritualidade, que é apenas o *gênero comum de todos os anjos* (Ibid. 2, *Dist*. 3a, q. 1., a. 2, ad 3m.).

O que há de melhor na essência de um anjo é o mais alto grau de perfeição *essencial e natural* que aquele anjo recebeu na sua criação.

Este grau nós, aqui na terra, não podemos conhecer perfeitamente porque nossas ideias, formando-se no mundo das coisas sensíveis, não são suficientemente perfeitas para compreender os graus de perfeição essencial da pura espiritualidade, o que nos torna impossível a definição própria e exata do anjo (*De Spirit.* Ibid. ad 6^{m}).

A segunda objeção é que a pura espiritualidade não pode ser a esfera angélica porque os anjos não são compostos de matéria e de forma substancial, como as criaturas inferiores.

A espécie humana consiste em que a razão está unida à animalidade[917]; a espécie animal consiste em que a sensibilidade está unida à vida; a espécie vegetal, em que a vida esteja unida ao ser; e estas adições informam esses seres.

Mas, como poderemos conceber semelhantes processos em seres de nenhuma maneira compostos de matéria e de forma, em seres que têm senão formas substanciais, e, por conseguinte, sem estarem sujeitos a informar?

Poder-se-ia conceber o anjo como matéria ou como sujeito a informar pela **pura** espiritualidade? Seria uma contradição nos termos, pois essa espiritualidade só é pura por não informar nada. Em outras palavras, supor o anjo como podendo ser planta, animal, homem, e, *além disso*, *puramente espiritual*, é um absurdo.

---

[915] Santo Tomás, Q. un. De Spirit. Creat. a. 8, ad 13^{m}.

[916] Ver Mazzella, no lugar indicado.

[917] Differentia constitutiva hominis est *rationale*, quod dicitur de homine ratione intellectivi principii. Intellectivum ergo principium est forma hominis. 1, q. 76, n. 1, *Sede contra*, et in corp. et a. 3, ad. 4^{m}.

Também achar que o anjo informa a espiritualidade pura é igualmente uma contradição, pois nesse caso o anjo seria a própria espécie de si mesmo, e a pura espiritualidade não seria mais do que uma espécie inferior.

Pode-se dizer que o anjo é composto de potência e ato, e que assim há nele alguma coisa que faça o lugar de matéria e forma?

O ato é realidade, e nada tem de específico; e ele convém a todas as espécies existentes. Ademais, esta composição dá lugar às formas acidentais, o que neste caso não pode.

A terceira objeção à tese de que os anjos pertencem a uma mesma espécie é que, pelo próprio fato de que o anjo é *forma separada*, cada anjo constitui a espécie de si próprio[918]. O contrário seria uma contradição, porque seria *forma separada* que não está separada.

Ora, as formas são como os nomes. Nada se lhes pode acrescentar nem retirar sem mudar-lhes a espécie.

E, como os anjos são numerosos, eles devem formar quantas espécies tanto quantos são os indivíduos[919].

487. – Os adversários de Santo Tomás[920] dizem que os anjos não diferem entre si apenas pelos diversos dons da graça, da glória e das qualidades naturais acrescidos à essência comum de todos os anjos.

Além dos inconvenientes já mencionados, esta opinião oferece muitos outros. Observemos alguns.

1º) Esta opinião não contém razões que se possa chamar de *conveniência, o* que é muito frequente em Santo Tomás.

Quando se trata de questão, como esta aqui, de cujas obras o próprio Deus é o autor, as conveniências nos parecem constituir argumentos muito fortes. Com efeito, a beleza do plano divino ultrapassa em realidade todas nossas concepções. É necessário ao menos que ela seja verdadeira, para que os grandes santos saibam nos ensiná-las belamente. E, se muito santos não estão de acordo sobre este ponto, a razão quer, na falta de provas sólidas, que prefiramos a doutrina daquele que melhor se aprofundou no ensino da religião.

2º) Se as formas inferiores à do homem estão em potência na matéria e assemelham às coisas múltiplas, tendo a mesma espécie, um

---

[918] Non potest intelligi quod aliqua forma *separata* sit nisi uma unius speciei. 1a., q. 75, a. 7.

[919] Nós não fazemos aqui senão tocar nesta questão. A natureza de nosso trabalho não permite maiores desenvolvimentos.

[920] Não falamos dos partidários da opinião intermediária que admite muitos anjos da mesma espécie porque esta opinião, conciliadora a todo custo, não nos parece apoiada em nenhum argumento de valor.

pouco como as obras humanas que saem da mesma máquina, Deus é o autor imediato dos puros espíritos e das almas racionais.

Ora,

> *Ele forma um a um os corações dos homens* (Salmo 32,15),
>
> *Quer dizer que ele próprio tira do nada todas as almas distinta e separadamente* (São Roberto Belarmino, *Comentário sobre este salmo*).

Deus fez, pois, coisa melhor ainda para os anjos que são puros espíritos. Se nossas almas, por suas perfeições naturais tão diferentes umas das outras, têm uma certa tendência a se distanciar da espécie humana, mesmo sendo ligadas a ela como estando *unidas a corpos*[921], o que dizer das *formas* mais essencialmente *separadas*? Cada uma é um jorro particular do poder infinito.

O Artista Supremo não se repete nas obras mais eminentes do universo. Ele multiplica os indivíduos numa espécie quando eles são corruptíveis e mortais, para que, desaparecendo uns, outros iguais os sucedam e salvem a espécie.

Mas, o imortal, único em sua espécie, não tem nada a temer. E, então, como é sublime e profunda a variedade na sociedade angélica! Como Deus é fecundo e admirável!

3º) Essa opinião de que todos os anjos pertencem a uma mesma espécie em nada se assemelha com a tese, que nós cremos quase geralmente sustentada, de que *os anjos recebem a graça e a glória proporcionalmente à dose de perfeição de sua natureza* (1, q. 62, a. 6).

Todos os autores estão de acordo em dizer que a graça e a glória foram conferidas aos anjos em medidas diferentes. Ora, por que as naturezas angélicas, aquelas que são os fundamentos de seus diversos "edifícios" sobrenaturais, não serão elas mesmas essencialmente diferentes? *Como a graça provém unicamente da vontade de Deus, ela não é da mesma da natureza do anjo. E como a vontade de Deus ordena a natureza à graça, assim também Ele ordena os graus da natureza aos graus da graça* (Ibid. ad 1^{m}).

Sustentar o contrário é deformar a natureza feita unicamente pelo sobrenatural e com vistas ao sobrenatural (nn. 287, 289).

Ou melhor, sustentar que os anjos todos são de uma só espécie é rebaixar as criaturas superiores ao nível das inferiores, o que não é

---

[921] *Anima ex natura suae essentiae habet quod sit corpori unibilis; unde nec proprie anima est in specie, sed compositum (humanum*) (1, q. 75, a. 7, ad 3^{m}. *Formae non collocantur in genere vel specie, sed composita* (1, q. 76, a. 3, ad 2^{m}).

melhorar. Ou ainda, é querer obter pela via acidental o que Deus produziu mais excelentemente por via essencial e de uma maneira mais apropriada aos puros espíritos[922].

488. – Afigura-se-nos, pois, os anjos, espíritos tão puros, como perfeitas imitações de Deus quanto à sua natureza.

Somente Deus é, na sua unidade absoluta de essência, pairando infinitamente acima de todo gênero e de toda espécie, imenso na sua solidão essencial, oceano infinito da essência por si mesma.

O anjo é dependente do ser que o criou. E é, por conseguinte, limitado e contingente. Mas ele, em nada, é nem limitado nem prejudicado pela matéria ou por afinidades essenciais com a matéria.

O anjo escapa a toda outra espécie que não seja a sua própria, formando, para si somente, seu grau de excelência, nas altas regiões espirituais do Céu Empíreo, compondo assim uma imagem magnífica do grande Espírito cuja essência está incomensuravelmente fora.

E, embora cada anjo tenha um grau de essência particular, imaginemos, se formos capazes, a riqueza e a variedade da sociedade evangélica, desta sociedade em que os membros não podem ser calculados, devido à sua multidão, por nossa matemática! (nn. 432-437).

Se a natureza é tão bela nas supremas regiões do universo[923], o que dizer dos ornamentos acrescentados pela graça e pela glória? Os dons sobrenaturais são admiravelmente proporcionados a todas estas naturezas, e as fazem ressortir do brilho divino, com gloriosos relevos, com as menores particularidades. É o caso de repetir:

> *Tudo me encantas, Senhor, por tuas obras,*
> *Eu estremeço diante da obra de tuas mãos.*
> *Como tuas obras são grandes, Senhor,*
> *Quão profundo são teus desígnios!* (Salmo 91, vv. 5 e 6).
>
> *Como são numerosas tuas obras, Senhor,*
> *Tu as fez todas com sabedoria* (Salmo 103, v. 24).

489. – Quanto aos bem-aventurados que, não obstante a unidade e a unicidade de sua natureza, são associados aos anjos em que todas as naturezas são diferentes, convém observar que a graça e a glória

---

[922] Manifestum est quod in omnibus individus unius speciei non est ordo nisi secundum accidens. (Q. una *De Spirit. creat*. a. 8.) Ver especialmente todo este grande artigo.

[923] Ille qui perfecte cognoscit res aliquas, potest usque ad mínima et actus, et virtutes, et naturas carum distinguere... Qui imperfecte cognoscit res naturales, distinguit earum ordines in universali, ponens in uno ordine caelestia corpora, in alio corpora inferiora inanimata, in alio plantas, in alio animália; qui autem perfectius cognosceret res natures, posset distinguere et in ipsis corporibus caelestibus diversos ordines, *et in singulis aliorum*... Si perfecte cognosceremus oficia angelorum et eorum distinctiones perfecte sciremus quod quilibet ângelus habet... *suum proprium ordinem in rebus*. 1, q. 108, a. 3

são neles superabundantes para compensar a inferioridade de sua essência.

Sua prova muito múltipla, muito variada e muito longa, com graças análogas, se presta à aquisição não importa de qual o grau de glória.

Inferiores aos anjos por natureza, os homens bem-aventurados têm como acidente o que os anjos têm como essência. E são glorificados particularmente pela bondade misericordiosa de Deus, enquanto que os anjos glorificam especialmente o criador e o supremo autor do sobrenatural.

Parentes mais próximos do Homem-Deus do que os anjos, os bem-aventurados desfrutam comparativamente de maiores favores.

Além disso a sociedade humana pecou menos do que a sociedade angélica.

Segue-se de tudo isto que, à exceção dos dois ou três primeiros lugares da corte celeste, os quais estão reservados aos grandes representantes da espécie humana, uma vez que ela não inventou o pecado, as duas felizes sociedades (angélica e humana, glorificadas) estão em pé de igualdade e não fazem senão uma só sociedade de irmãos (n. 459).

III – Todos os anjos, *inclusive os Assistentes*, tomam alguma parte direta no governo do mundo ou dos homens

490. – Já vimos anteriormente que o universo material e os seres submetidos à prova são governados por Deus através dos anjos (nn. 109, 110; 356; 371; 373).

Estes ministérios das celestes inteligências fazem parte de sua bondade acidental, porque, considerando nos seres criados inferiores seus respectivos fins, esses espíritos expandem até eles a perfeição que têm. Enquanto mais perfeitos (1, q. 62, a. 9, ad 2^{m}), eles, à semelhança de Deus, propagam aquilo que faz feliz.

Nós mesmos experimentamos esta felicidade quando praticamos as obras de misericórdia: *É mais ventura dar que receber* (Atos, 20, 35). Estando livres da penosa condição de prova que necessita particularmente de *receber*, os anjos sentem em si mesmo, constantemente, o *prazer de dar*; e todos os anjos dão ou aos bem-aventurados menos elevados que eles ou aos seres que caminham para seu último fim. O primeiro anjo *ilumina* o segundo; este, o terceiro; e assim sucessivamente até o anjo que dispensa seus cuidados ao mais humilde dos seres: *Todos eles são espíritos incumbidos de um ministério e enviados*

para o exercer, especialmente *em favor daqueles que recuperaram a herança da salvação* (Hebr. I, 14); e por causa deles a exercem sobretudo naquilo que foi criado para eles.

491. – É esta a razão do porquê *neste mundo visível nada se pode ordenar sem a criatura invisível*[924]. *Todos os corpos são regidos com uma certa ordem pelo espírito de vida*, quer dizer, pelo anjo[925], que está próximo de Deus como espírito vivificante de toda a natureza. *Deus fez algumas coisas por ele mesmo, por exemplo, a iluminação e a beatificação das almas; mas Ele fez outras coisas para o ministério de sua criatura angélica que ordenou por meio de leis justíssimas, segundo os méritos, e para o que elas podem tudo, inclusive administração dos pássaros, o perfume das ervas e inclusive o número de nossos cabelos; a divina Providência não esqueceu nada*[926]. *O mundo necessita dos anjos, que presidem os animais, o nascimento dos animais, o crescimento de botões e plantas e as outras coisas.*[927]

Não é somente a vida humana que é regida pelos anjos, diz Hugo de São Vitor, mas também as coisas que são feitas pelos homens. Ora, acrescenta Santo Tomás, *todas as coisas materiais estão ordenadas ao homem; donde todas as coisas são governadas pelo ministério dos anjos*[928].

492. – Por isto as maravilhas da natureza recebem uma explicação adequada. Os princípios ativos das coisas foram postos na natureza por Deus, o criador das formas, da matéria e de toda substância finita. Mas as formas são provocadas e dirigidas, mediata ou imediatamente, pelos anjos.

E a simples matéria, não tendo ela mesma nenhuma iniciativa, é feita para obedecer aos homens. De onde, todas as harmonias do universo sensível, as constituições dos diversos corpos, as grandes atrações, o movimento perpétuo do mundo, as pequenas atrações, as vibrações dos átomos, os instintos dos animais, a estrutura das plantas e todo este imenso conserto da criação. Uma profunda sabedoria é nele visível, o que verdadeiramente não pode escapar à vista humana.

Muito surpreendente? Deus e os anjos são mais sábios que nós!

493. – Mas, dir-se-ia, neste caso são os defeitos da natureza que se tornam inexplicáveis. Então, as intempéries, a pobre sorte de certas

---

[924] São Gregório, Papa, 4, *Dial*. c. 5.
[925] Santo Agostinho, 3, *De Trin*. cap. 5.
[926] Santo Agostinho, 83. *Quaestionum*, q. 62.
[927] Origines citado por Santo Tomás, q. 5, *De Veritate*, a. 8.
[928]

plantas, o sofrimento dos animais, testemunhariam a negligência dos anjos bons!

Não, responde Santo Tomás: *Como não é vontade de Deus excluir todos os defeitos das coisas, mas de as permitir, igualmente é vontade dos anjos que estão perfeitamente conforme com a vontade divina*[929]. Os mundos móveis e aquilo que os contém estão dispostos em vista da prova da criatura racional e da gloriosa renovação final (nn. 321 e seguinte). E os anjos governam os seres com vistas a estes fins principais, de que nós nunca devemos esquecer.

494. – Todos os anjos foram designados para o governo direto das criaturas inferiores, ou este mandato está confiado somente às últimas hierarquias?

Sobre este ponto há grande divergência entre os melhores autores. São Dionísio[930], Santo Tomás[931], São Boaventura, Santo Alberto Magno e outros[932], são da segunda opinião.

São Cirilo, São Basílio, São Jerônimo, São João Crisóstomo[933], Santo Atanásio, Scott, Duram, Molina e outros[934] são partidários da primeira.

495. – Quanto a nós, após ter estudado seriamente o pró e o contra, adotamos modestamente quase firmemente a tese de Cornélio a Lápide, e dizemos com ele e com São Paulo: *Todos os anjos são espíritos encarregados de um ministério e enviados para o exercer em favor daqueles que hão de receber a herança da salvação* (Hebreus, I, 14).

Muitas razões nos persuadem da verdade desta afirmação. Indicamos algumas com a brevidade necessária:

1º) Em outro ensinamento de São Paulo, tomado no sentido mais natural, nós temos a doutrina mais firme do profeta Isaías. *Eu vi o Senhor*, diz este homem de Deus, *sentado sobre um trono sublime e elevado* (nn. 239 e seg.); *e suas vestimentas, ou sua glória, enchiam o templo* (nn. 208 e seg.). *Os serafins estavam por cima do trono*, quer dizer sobre esta parte do trono divino que começa com os querubins e que tem para última base os últimos dos seres (nn. 251-255). *Cada um deles tinha seis asas; com duas cobriam a sua face*, e portanto a deles[935];

---

[929] Ibidem, *Sed contra*.
[930] Hierarquia Celeste, c. 7 e 13.
[931] 1, q. 112, a. 2 e 3.
[932] Ver Suarez, De Angelis, l. 6, c. 9.
[933] Ver Cornélio a Lápide, in Epist. ad Hebr., c. 1, v. 14.
[934] Ver Suarez, l. c.
[935] Estas duas asas estavam estendidas entre a face luminosa de Deus e a face dos Serafins (Cornélio a Lápide, *in h. loc*.).

com duas cobriam os pés, ou a futura humanidade de Cristo e Maria, que eles viam no Verbo, com profundo respeito, e que adoravam ou veneravam antecipadamente como seus superiores[936]; *e com duas voavam*, prova evidente de que também eles *são enviados para exercer um ministério em favor daqueles que recolheram a herança da salvação*. Do contrário, para que adianta *duas asas para voar*?

Mais. *E voou para mim* (do profeta Isaías) *um dos serafins*, *o qual trazia na mão uma brasa viva, que tinha tomado do altar com uma pinça; e tocou a minha boca, e disse: Eis que esta brasa tocou os teus lábios; será tirada a tua iniquidade, e extirpado o teu pecado* (Isaías, VI, 1-7).

496. – Eis, pois, como o serafim executa um ministério junto a um homem. Um dos puros espíritos, dos mais *brilhantes* (n. 451), purifica pelo fogo. É bem exatamente o ato que convém a um serafim.

Os três pares de asa destes sublimes espíritos designam as três principais atribuições que lhes são próprias e as ações que eles devem exercer como serafins.

O primeiro par *vela a face de Deus* porque, abundantemente iluminados do alto nos segredos divinos, os serafins transmitem a seus inferiores imediatos apenas luzes diminuídas segundo a capacidade destes últimos. Ademais, inflamados do amor e possuindo o máximo da ciência angélica, eles se abismam, por assim dizer, nos mistérios de Deus incompreensível e o adoram suave e humildemente.

O segundo par de asas *cobrem os pés de Deus*[937], ou os atributos divinos que as criaturas veem, ou o Verbo feito carne em Maria Santíssima, que o levou em seu seio[938], ou os maiores e mais sublimes mistérios de nossa divina religião. Ou melhor, tudo ao mesmo tempo, seja para indicar que os serafins não comunicam a seus subalternos todos seus conhecimentos sobre estes sagrados objetos, seja para indicar que eles também têm, por si próprios, mistérios sobre esses pontos, seja para significar que eles ocultam sabiamente a seus inferiores, com asas mais ou menos obscuras que dependem deles, os conhecimentos específicos para execução do plano divino.

---

[936] Ibid. *Tertio et optime*.

[937] Que os serafins *cubram a face e os pés de Deus* não tem nada em oposição ao que dissemos antes (n. 471) sobre a ação iluminativa e abrasadora destes espíritos, porque, pelo próprio fato de amarem seus inferiores, eles devem temperar as excitações e as luzes de maneira a lhes proporcionar, segundo a capacidade deles, as vias providenciais.

[938] Os serafins entendedores veem no Verbo as realidades futuras que constituíram para eles, durante a prova, um objeto de fé.

Havia um terceiro par de asas para voar, e *eles voavam* de fato, para cumprir certos ministérios junto aos homens. Eles são *assistentes* quanto a um terço de seu ofício, se pode falar assim; semi-*assistentes* quanto a outro terço; *executantes* para o terceiro; *todos os anjos sendo*, ademais, *incumbidos de um ministério e enviados para o exercer*.

497. – 2º) Dessa forma nós não rejeitamos a distinção comumente aceita entre anjos assistentes e anjos executores. Dizemos somente que os primeiros são especialmente assistentes e que os outros são especialmente enviados para execução do plano divino. Não consideramos aqueles como assistentes apenas porque *eles veem sem cessar no céu face-a-face do Pai* (S. Mateus, XVIII, 10), o que é comum a todos os bons anjos. Mas, é porque eles são mais perfeitos, mais elevados, mais contemplativos, e, por conseguinte, mas intimamente unidos a Deus que os outros. Eles cantam em honra de Deus, Uno e Trino, um cântico perpétuo: *Santo, Santo, Santo, é o Senhor, Deus dos exércitos: a terra está toda cheia de sua glória*.

Mas, enquanto os serafins cantam *sucessivamente* este cântico, o universo inferior, considerado como sendo um templo[939], estremece sobre suas bases e se enche da glória de Deus (Isaias, VI, 3, 4). Nova prova de que os serafins, enquanto principalmente assistentes, exercem, entretanto, sobre o que lhe é inferior, outras influências que não são a simples iluminação[940].

498. – Para completar esta última parte de seu ministério, ou seja, para fazer sentir suas influências, os serafins têm necessidade de se mover localmente e de voar realmente ao lugar onde eles querem agir?

Puros espíritos e, ademais, glorificados, eles não podem multiplicar sua presença nos diversos lugares sem se deslocar, o que se denominou de *voo*, conforme com o que temos dito anteriormente, inclusive a propósito de um corpo, como o corpo glorioso de Nosso Senhor Jesus Cristo (nn. 313-317)? Veremos esta questão em outra consideração.

499. – 3º) A essas razões acrescentamos: a citada passagem de Isaías é a única na Sagrada Escritura que menciona a existência do mais nobre coro dos anjos e as funções dos serafins. É, portanto, o caso de nunca se afastar do seu significado literal.

---

[939] Nos templos sagrados estão figuras do universo e do céu. Ver Cornélio a Lápide sobre esta passagem.

[940] Também nós dizemos, com Cornélio a Lápide: *Que certos anjos, como inferiores, são enviados mais frequentemente, concordamos; mas nós dizemos que os anjos superiores, que assistem ordinariamente diante de Deus, são também enviados embora mais raramente. Pode-se dizer assim que os primeiros são servidores e que os outros são assistentes*. In Danielem, c. VII, 10.

E, se admitimos este significado na primeira parte do texto, porque não admitir no segundo?

Deus está em todo lugar e os mais sublimes espíritos não abandonam, portanto, os lugares de honra que eles têm na celeste corte quando prestam algum serviço aos homens. Esta última parte de seu ministério é como um reflexo ou uma consequência da primeira.

Assim como com os apóstolos, a vida interior é a alma da vida pública. Os mais ardentes no amor e na glorificação de Deus, os serafins, fazem irradiar também seu lúmen, sobretudo em certos casos, sobre os homens chamados talvez a lhes igualar na glória[941]; é justo, é belo (nn. 471-476).

Se as Dominações e as Virtudes se ocupam especialmente em governar os anjos inferiores, a humanidade em geral e os corpos da natureza (nn. 464, 465); se as Potestades combatem todas os fatores de desordem; se os Principados têm um cuidado particular com os impérios, os reinos e seus chefes (nn. 462, 463), é que a justa proporção não exige que os anjos mais perfeitos prestem qualquer serviço imediatos aos mais perfeitos dos homens no estado de prova[942]?

Se o Filho de Deus, se o Espírito Santo foram enviados, embora de outra maneira, aos homens, porque os Serafins seriam imóveis em sua sublimidade?

Eis o que deles está escrito, como de todos os anjos:

Vós fizestes de vossos anjos ventos rápidos,
E de vossos ministros um fogo brilhante? (Salmo 103, 4)[943].

500. – O que dissemos dos Serafins deve-se dizer também, proporcionalmente, dos Querubins e dos Tronos.

A Igreja Triunfante tem uma missão a cumprir, não somente indireta, mas também direta, com relação à Igreja Militante, que deve completar todos os lugares da Igreja Triunfante.

Os serafins têm a missão de esclarecer e de abrasar as almas de elite, que são, depois dos bem-aventurados, o que há de melhor e mais nobre no universo. Ou melhor, de ajudar as operações extraordinárias da graça nestas almas seráficas.

---

[941] Poder-se-ia objetar que eles o fazem, mas somente segundo a via hierárquica, servindo-se para isso dos anjos inferiores? Respondemos que é assim normalmente. Mas nada impede que algumas vezes os superiores façam eles mesmos aquilo que ordinariamente eles fazem por meio de outros. É o que vemos na Igreja Militante que, na sua hierarquia, é a perfeita imagem da hierarquia celeste.

[942] *Lemos em alguns grandes santos que eles tiveram Serafins como Anjos da Guarda, que lhes foram enviados por Deus*. (Cornélio a Lápide, in Apoc. c. I, 4, não longe do fim).

[943] São Gregório Nazianzeno diz: Quidam Graecorum *apprime in Scripturis eruditus* Seraphinas virtutes quasdam in coelho esse exponit, quae *ante Tribunal Dei assistentes* laudant eum, et *ad diversa ministeria mittuntur*. *Tract. 2, de Theol*.

Aos querubins cabe iluminar, favorecendo a ação da graça, nos mais santos e nos maiores doutores.

Aos tronos compete consolidar, depois de Deus, aqueles que se levantam contra o inimigo e *se opõem como uma muralha na defesa da casa de Israel* (Ezeq. XIII, 5).

A ordem hierárquica dos anjos de nenhum modo é transtornada por estas ações diretas dos anjos contemplativos e assistentes sobre os santos mais destacados da espécie humana, porque os objetos de seus cuidados são o que há de mais elevado e mais semelhante a Deus entre os seres criados. Anjos assistentes, eles contribuem a engendrar santos assistentes. Tudo se faz nas mais altas esferas.

501. – É curioso que, na profecia de Ezequiel, os querubins estão representados como tendo somente quatro asas e uma espécie de mão de homem sob as asas (Ezeq., X. 20, 21), ao passo que os serafins têm seis asas, tal como os animais do Apocalipse (Apoc. IV, 8).

Os querubins estão em tudo num degrau inferior aos serafins. Sua natureza menos perfeita os aproxima um pouco mais da espécie humana. Cheios da ciência divina, o que é sua característica distintiva, os querubins se elevam especialmente às circunstâncias onde o conhecimento está em jogo.

Os querubins impedem a nossos primeiros pais culpados a entrada no Paraíso terrestre onde o pecado foi cometido à propósito da árvore da ciência do bem e do mal (Gen. III, 24).

Querubins foram representados na Arca da Aliança, que continha as tábuas da Lei, e sobre o propiciatório, onde Deus proferia seus oráculos (Êxodo,XXV, 16-20).

Querubins conduzem rodas cheias de olhos que indicam, para nós, as engrenagens do universo (nn. 274-276), pois a marcha do universo móvel supõe uma grande ciência[944].

Muitas outras passagens da Sagrada Escritura, relativas aos querubins, comportam a mesma significação. Vê-se por aí que os querubins não estão menos presentes que os serafins na condução direta das criaturas inferiores, particularmente do homem.

502. – Embora a Sagrada Escritura não nos dê um ensinamento preciso sobre os ministérios dos tronos, nós devemos, entretanto, por analogia, fazer sobre eles uma apreciação semelhante.

As influências diretas que as dominações exercem sobre o universo supõem a energia indomável dos tronos, *a plenitude da ciência*

[944] Ezequiel, nos diversos lugares. Ver anteriormente os números 274-276.

dos querubins e o ardente amor dos serafins. Mas as criaturas racionais que caminham para seu fim, sobretudo as mais perfeitas, são objeto, ao menos em certas circunstâncias, da atenção e dos cuidados imediatos dos mais altos espíritos[945].

Ó grandeza da Igreja Católica! O Homem-Deus está sempre nela, inclusive corporalmente; a Mãe de Deus nela distribui todas as graças; os serafins inflamam as almas de elite; os querubins instruem os doutores destinados a igualá-los; os tronos a mantêm inabalável; todas os outros coros angélicos nela se repetem na sua hierarquia e trabalham para a elevação dos membros a seus níveis.

Felizes os homens, esclarecidos pela fé, que correspondem a estas celestes influências!

Capítulo II – Os serafins conhecidos

Primeiro ponto: São Miguel, São Gabriel e São Rafael são serafins

503. – Os anjos mais conhecidos são: São Miguel, São Gabriel e São Rafael, cujas festas a igreja quis solenizar.

Cornélio a Lápide nos dá, com bastante fundamento, os nomes de quatro outros anjos que seriam postos no mesmo coro que os três primeiros e que teriam também ministérios específicos a preencher.

Estes são:

Primeiro, *Uriel*, que significa *luz* ou *Fogo de Deus*, que transmite aos homens o conhecimento de Deus e os inflamam nesse amor;

Segundo, *Salatiel*, que significa *oração de Deus*, reza pelos homens e os incita a orar;

Terceiro, *Jéhudiel*, que significa *louvor a Deus*, e que exorta os homens a glorificar Deus;

Quarto, *Barachiel*, que significa *benção de Deus*, que nos proporciona os benefícios de Deus e nos incita a abençoar e a agradecer a Deus.

É um fato que *sete anjos* são mencionados com bastante frequência, sob uma forma ou outra, na Sagrada Escritura. Rafael faz parte desse número: *Eu sou o anjo Rafael, um dos sete que assistem diante de Deus* (Tobias, XII, 15). Estes anjos são-nos representados como assistente diante de Deus, ou diante do Trono, ou diante do Cordeiro, e ao mesmo tempo como desempenhando certas missões fora. Tudo nos

---

[945] Segundo São João Crisóstomo, querubins e serafins não faltaram entre os anjos que evangelizaram os pastores de Belém quando do nascimento de Jesus: *Supernorum chororum Cherubim et Seraphim hoc est múnus, Deum assidue laudare et hymnis celebrare. Ex his choris etiam in terra apparuierunt, cum vigilantibus pastoribus cantantes*. Cité par Suarez após uma longa discussão sobr esta questão. *De Angelis*, l. 6, c. 10, n. 47.

leva a crer, como vimos nesta consideração, que eles são serafins, especificamente São Miguel, São Gabriel e São Rafael.

504. – Sobre esta tese temos contra nós, é verdade, importantes autoridades. São Dionísio e Santo Tomás em nada nos ajudam sobre isto. Santo Alberto Magno, São Boaventura, Giles Colonne e outros, não admitem que anjos enviados aos homens sejam anjos assistentes[946].

Mas temos por nós um número igualmente respeitável de grandes autores, para não dizer em maior número, e, o que é mais importante, que são sobretudo ensinamentos mais simples e mais direto das divinas Escrituras que fundamentam a escolha de nossa tese.

Citamos, nas considerações precedentes, alguns nomes de santos e de autores que nos serão úteis (n. 494). Além de Cornélio a Lápide podemos citar vários outros.

São Cipriano e Santo Irineu são por nós. Clemente de Alexandria diz que há *sete anjos que excedem, pelo seu poder e que eles são os príncipes primogênitos dos anjos*. Ele faz alusão aos sete anjos assistentes do Apocalipse, que são, contudo, enviados em missão fora.

Cornélio a Lápide cita, ademais, dezesseis autores sérios como favoráveis à nossa opinião (*In Apocalip*. I, 4).

Santo Atanásio diz que Deus *escolheu entre todos seus anjos aqueles que Ele quer enviar em missão* e nos apresenta *um grande número de Tronos*... como se *oferecendo espontaneamente a Deus para serem enviados*[947].

São Basílio invoca assim São Miguel: *Ó Miguel, general dos espíritos celestes, que, por sua dignidade e por suas honras, presides a todos estes sublimes espíritos, eu te suplico*...[948] Ora, que anjo foi mais frequentemente enviado aos homens do que São Miguel? E, entretanto, São Basílio o considera como o chefe de todos os anjos, quer dizer, o mais nobre dos serafins.

São Lourenço Justiniano diz também a respeito do mesmo príncipe celeste: *No primeiro combate espiritual São Miguel foi posto à frente dos bons espíritos, como Lúcifer à testa dos maus*[949].

505. – Ninguém ignora que São Gabriel desempenhou muitas vezes as funções de enviado de Deus junto aos homens. Ora, São João Damasceno diz que São Gabriel *é o primeiro dos anjos*[950].

---

[946] Ver Suarez, *De Angelis*, l. 6, c. 9, n. 5.
[947] Ver Suarez, loc. c. n. 3.
[948] Ver Suarez, l. c., ch. 10, n. 22.
[949] Citado também por Suarez, ibid.

A propósito da Anunciação, São Gregório, Papa, se exprime assim: Os espíritos celestes *que transmitem anúncios menores são chamados de anjos, e aqueles que anunciam os maiores acontecimentos são chamados de arcanjos*. *Eis porque não é um anjo qualquer que foi enviado à Maria Santíssima, mas o Arcanjo Gabriel*. *Pois era conveniente que o mais elevado dos anjos fosse escolhido para esse ministério, porque se tratava de anunciar a maior das novidades*[951].

O anúncio da Encarnação do Verbo, sendo absolutamente o maior de todos, necessitava também, segundo o raciocínio de São Gregório, que o anjo que dele se incumbisse fosse absolutamente o primeiro dos anjos.

506. – Além do mais, este grande papa rejeita o ensinamento de São Dionísio, segundo qual os anjos superiores nunca desempenham o papel de mensageiros[952]. Ele observa que, conforme certas passagens da Sagrada Escritura, os querubins e os serafins fizeram certas obras fora, mas isso, por falta de testemunhas formais, não quer dizer que esses sublimes espíritos fizeram estas obras eles próprios ou se foi através dos espíritos inferiores que lhes são submissos. O respeito por São Dionísio, antigo e venerável pai, está presente nesta ponderação. Entretanto é significativo que São Gregório não adota este último pensamento e este não é o ensinamento da Sagrada Escritura admitido por ele quanto a este ponto.

Mas São Gregório apresenta, em seguida, duas coisas como certas (*Hoc tamen certissime scimus..., hoc... cetum tenemus...*): 1ª, que anjos enviam outros anjos e que os enviados são menores que aqueles que os enviam; 2ª, que aqueles *que são enviados junto a nós desempenham inteiramente seu ministério exterior jamais deixando de contemplar* (a Deus) *interiormente*.

Eles são enviados e assistem ao mesmo tempo, o que invalida o fundamento sobre qual São Dionísio baseia sua maneira de ver. Dizemos *maneira de ver* porque o próprio São Dionísio não expõe afirmativamente esta matéria. *Eles* (os anjos) *são enviados e assistem porque*, continua São Gregório, *completamente circunscrito como é o espírito angélico, o Soberano Espírito, que é o próprio Deus, não cir-*

---

[950] Ver Cornélio a Lápide, in Daniel, prop. IX, 21.

[951] Ad hoc quippe ministerium summum angelum venire dignum fuerat, qui summum omnium nuntiabat. *Homil. 34 in Evang. n. 8*.

[952] Ibid., n. 12, edit. Migne.

cunscreve. É o porquê os anjos são, todos, ao mesmo tempo enviados e assistentes[953]*, porque seja onde estejam, eles viajam em Deus*[954].

507. – Destes dois fatos, que São Gregório qualifica de *certos* e de *certíssimos*, vamos explicar brevemente o primeiro, deixando o que concerne ao segundo à meditação posterior.

Consta, como prova São Gregório (loco citato), que certos anjos enviam outros, e, evidentemente, que os enviados são inferiores aos mandantes.

Ora, encontramos nas Sagradas Escrituras que São Miguel, São Gabriel e São Rafael, foram enviados por outros anjos? Não encontramos. Ao contrário, lemos que eles foram enviados *por Deus*. *Agora, pois, diz São Rafael, o Senhor me enviou para vos curar, ó Tobias, e para livrar do demônio Sara, a mulher de vosso filho. Eu sou o anjo Rafael, um dos sete que estão presentes diante do Senhor (qui astamus ante Dominum*) (Tobias, XII, 14, 15). Impossível dizer mais claro que Rafael é um anjo *assistente* e que é Deus que o enviou, que os anjos superiores podem ser ao mesmo tempo assistentes e mensageiros, e que em realidade eles são enviados algumas vezes: *que estamos presentes diante do Senhor*. Rafael estava *presente diante de Deus, assistindo*, no momento em que falava a Tobias: *qui astamus*.

Tudo nos leva a crer, portanto, que São Rafael pertence ao menos à suprema hierarquia angélica, e seja um serafim.

508. – Depois ele acrescenta: *Quando eu estava convosco, eu o estava por vontade de Deus; bendizei-o e cantai-lhe louvores* (Ibid. 18). *É hora de eu retornar para Aquele que me enviou,* e que é Deus.

O anjo *retornar para Deus,* inteiramente assistente como ele é, significa que *ele desapareceu diante deles e que eles não mais podiam vê-lo* (Ibid. 20,21).

Há outras indicações claríssimas que São Rafael faz parte do número dos sete anjos mais próximo do trono de Deus, que ele é assistente, que é enviado pelo próprio Deus e que ele oferece as preces dos homens ao Senhor. O que prova que ele é como os serafins no interior da corte celeste e que goza da intimidade especial do Rei dos Reis: *Eu, pois, vou descobrir-vos a verdade, e não vos ocultarei o que está em*

---

[953] A Igreja diz também na oração do ofício de São Miguel: Ó Deus, que dispusestes com uma ordem admirável os ministérios dos anjos e dos homens, seja-nos propício, e concedei-nos *que aqueles de vossos ministros que assistem sempre diante de vós no céu protejam também nossa vida na terra*. Estes dois ministérios são, pois, perfeitamente compatíveis.

[954] ... Et mittuntur igitur et *assistunt*, quia etsi circumscriptus est angelicus spiritus, Summus tamen Spiritus ipse, qui Deus est, circumscriptus non est. Angeli itaque et missi, *et ante ipsum sunt*, quia quolibet missi veniant, intra ipsum currunt. Ibid. n. 13.

segredo. Quando tu oravas com lágrimas, e enterravas os mortos, e deixavas o teu jantar e escondias os mortos em tua casa de dia e os enterravas de noite, eu apresentei as tuas orações com vossas boas obras *ao Senhor. E, porque tu eras agradáveis a Deus,* o que um serafim todo abrasado no amor de Deus conhece particularmente*, por isso foi necessário,* segundo os desígnios providenciais que os serafins conhecem também perfeitamente, *que a tentação te provasse* (ibidem 11-13).

509. – Estas passagens nos explicam duas outras coisas. As seráficas orações do velho Tobias e da jovem Sara[955], é o serafim São Rafael quem, tendo apresentado estas orações ao Senhor, foi enviado por Deus para curar a ambos: *Ao mesmo tempo foram ouvidas as orações de ambos diante da majestade de Deus soberano. E o anjo de Deus, Rafael, foi enviado para os curar a ambos, cujas orações ao mesmo tempo tinham sido apresentadas ao Senhor* (Tobias III, 24, 25).

Comparemos estas palavras com aquelas citadas no número precedente: *Sou eu que apresentei vossas preces ao Senhor*, e concluiremos naturalmente que é também São Rafael que *repetiu diante do Senhor* as orações dos dois aflitos e quem as completou, agindo em tudo isto como um serafim de ardente oração, com caridade abrasada e com a mais estreita intimidade com Deus.

Também é o próprio São Rafael que recebe a ordem de socorrer pessoas tão piedosas e tão cheias de caridade.

Um serafim celeste é enviado junto a serafins terrestre duramente provados justamente porque eram agradáveis a Deus, num tempo de prevaricação quase universal: o velho *Tobias fugia da companhia dos perversos* (Tobias, I, 5).

Quem ler os dois primeiros Capítulos do *livro de Tobias* e as outras passagens que citamos verá, com profunda emoção, que os dois Tobias, pai e filho, e sua mãe, a jovem Sara, eram verdadeiros serafins da espécie humana, naquele tempo. Quanta fé! Quanta santidade! Quanto espírito de oração! Quanto ardor, quanta coragem, quanto devotamento no praticar o bem! E quanto cuidado no evitar a menor falta!

Verdadeiramente, se os anjos das hierarquias inferiores se ocupam particularmente em governar o conjunto dos seres da natureza, inclusive as nações pagãs, quanto aos indivíduos humanos, quaisquer

[955] Tobias, III, 1-23. Estas orações são dignas de serafins humanos assistidos pelo serafim São Rafael.

que eles sejam, os serafins parecem dignos de dirigir somente as pessoas de raros graus de santidade. E como esta consideração vem em apoio do ensinamento mais direto da Sagrada Escritura, bem como de um considerável número de santos e grandes autores, todas as nossas dúvidas sobre este ponto desaparecem como que por encanto (n. 500). A obra de Deus é o que de mais proporcionado há.

510. – Se tal é a excelência de São Rafael, que nenhum autor por nós conhecido coloca acima de São Gabriel e de São Miguel, o que dizer desses dois últimos, que um grande número de autores coloca no primeiro e no segundo grau da sociedade angélica?

São Gabriel e São Miguel são, cremos, os serafins mais elevados, *os primeiros dos sete que assistem diante de Deus*.

São Miguel é denominado *um dos primeiros príncipes* da corte celeste. Também os hebreus o coloca como o primeiro *dentre os primeiros príncipes* (Daniel, X, 13). Ele é denominado *o grande príncipe, o protetor dos filhos de Israel* (Ibid. XII, 1).

São Miguel é representado ainda como o antagonista de Lúcifer: *Houve no céu batalha. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão e o dragão com seus anjos pelejaram contra ele; porém estes não prevaleceram; e o seu lugar não se achou mais no céu* (Apoc. XII, 7,8).

São Miguel é visto por todos os autores como o protetor da Igreja tanto no Antigo Testamento como novo: *Michael, princeps magnuns, qui stat pro filiis populi tui*.

Ora, a Igreja, como mãe de todos os santos, inclusive dos maiores, convém que ela seja assistida por um serafim mais digno ainda do que aquele que acompanhou Tobias.

No grande combate que teve lugar no céu, *Miguel e seus anjos pelejaram contra o dragão* e o venceram. Ora, o dragão era Lúcifer, o mais nobre dos serafins convertido em chefe dos demônios (n. 457)[956], e todos os anjos fiéis tomaram parte na luta, os serafins, os querubins e os tronos, como também os membros santos das hierarquias inferiores.

De onde não parece convir que todo o exército angélico siga um simples arcanjo, ou uma potestade, ou um principado, ou uma dominação, ou mesmo um trono ou um querubim. Um serafim amigo de Deus, um dos principais do coro, era o chefe nato dos celestes defen-

[956] Nós falamos de acordo com Santo Tomás e outros autores. Mas demonstraremos mais adiante que Lúcifer era apenas um querubim.

sores da boa causa. Também está escrito: *Miguel e seus anjos*, como dizendo: O general e seu exército.

Além disto, não se lê em nenhuma parte que Miguel foi mandado ou enviado por qualquer outro anjo, o que prova também, embora de modo negativo, ao menos sua qualidade de serafim. Mais. Encontramos que Miguel, numa contestação ao diabo, não se reportou a nenhum outro anjo, mas somente a Deus: *Quando o Arcanjo Miguel, disputando com o diabo, disputava o corpo de Moisés, ele não o condenou com palavras de maldição*[957], mas lhe disse: *reprima-te o Senhor* (S. Judas, 9).

511. – Mais fácil ainda é reivindicar a dignidade de serafim para São Gabriel.

São Gabriel aparece constantemente como o anjo **iluminado** por excelência, como o mais conhecedor do plano divino, como tendo o maior conhecimento relacionado com o Verbo Encarnado e com a Mãe de Deus, Rainha do Céu e da terra.

Tentemos aqui fazer notar as expressões da Sagrada Escritura de onde resulta naturalmente o porquê São Gabriel foi o escolhido entre os anjos do supremo coro.

Eu sou Gabriel, disse ele a Zacarias, *que assisto diante de Deus* (*qui asto ante Deum*) *e fui enviado para te falar e te dar esta boa nova* (S. Lucas, I, 19). Não se pode nunca subtilizar a palavra divina, mas antes de tudo procurar o significado que ela própria apresenta. Então é forçoso confessar que Gabriel é um anjo *assistente*, e que está assistindo mesmo quando fala aos homens: *qui asto ante Deum*.

A passagem de Daniel, que permitiu São Dionísio, Santo Tomás e outros autores distinguirem anjos *assistentes e anjos servidores*, não é mais expressiva neste sentido que aquele de São Lucas e este de Tobias: *Milhões de anjos o serviam e mil milhões assistiam diante dele: millia millium ministrabant ei, et decies millies centena millia assistebant ei* (Daniel, VII, 10).

Ora, quando o próprio anjo diz: *Eu sou o anjo Rafael, um dos sete que estão presentes diante do Senhor*, *qui astamus ante Dominum* (Tabias, XII, 15), não devemos simplesmente concluir que Rafael é o nome de um dos mil milhões que assistem diante de Deus, o que é comum aos querubins, aos tronos, como também aos serafins, mas ainda que ele figura entre os sete serafins mais privilegiados, que ocupam os primeiros lugares angélicos na corte celeste?

[957] O que nos dá uma preciosa noção do modo de combate dos anjos.

E não somos igualmente obrigados a atribuir a mesma honra, ao menos a Gabriel, que diz ainda de sua pessoa: "*Eu sou Gabriel que estou diante de Deus"*?

512. – Podemos provar o mesmo fato pela excelência dos mandatos confiados a este sublime espírito, mas desenvolveremos este pensamento mais adiante.

Aqui limitemos a indicar que São Gabriel não foi enviado por nenhum anjo, mas somente por Deus, o que é ainda indicação de sua dignidade seráfica: *O Anjo Gabriel foi enviado por Deus... a uma virgem... E o nome da virgem era Maria* (S. Lucas, I 26,27). O encargo dado por Deus diretamente a São Gabriel era, ademais, parece-nos, exigido pela própria natureza e pela excelência da missão.

Suarez nos diz que, numa outra circunstância, São Gabriel *foi enviado por São Miguel* e indica o oitavo Capítulo de Daniel[958]. Esta afirmação deixa muito a desejar. Nesta passagem nada se fala de um *envio*, mas de um convite, de uma prece ou de um pedido: *Ouvi a voz de um homem na porta de Ulai, o qual gritou e disse: Gabriel explica-lhe esta visão. Imediatamente Gabriel veio..., e me disse: Compreendei.. b*em, etc. (Daniel, VIII, 16,17). São Miguel não está mencionado aí. É verdade que São Jerônimo, seguindo nisto *o pensamento dos rabinos*, julgou que o homem que fala a São Gabriel fosse São Miguel, mas segundo Martini[959], *Theodoreto e outros* veem neste homem o Filho de Deus, interpretação que nos parece mais preferível do que a primeira, como veremos a seguir.

Além disto, estas palavras "*Explica-lhe esta visão"* podem ser entendidas como um convite e uma oração mais do que uma ordem. Nós mesmos empregamos esta forma de linguagem no *Padre Nosso* para solicitar a Deus suas graças.

Enfim, se fosse São Miguel que tivesse enviado São Gabriel, o que não cremos, os dois poderiam igualmente pertencer ao coro dos serafins. Neste caso São Miguel apenas teria a preeminência, mas na mesma ordem.

513. – Terminamos esta parte com pequenas observações importantes:

1ª) Ao sustentar que os três anjos de que falamos são serafins, estamos de acordo, em princípio, com ilustres comentadores da Sagrada Escritura, que escreveram livros divinos, considerados no seu conjun-

[958] Suarez, De Angelis, l. 6, c. 10, n. 30.
[959] Coment. in hunc. locum.

to e nos seus detalhes, matéria de estudos especializados e profundos. Tais são particularmente Cornélio a Lápide[960], e Maldonat, homens ultra versados no conhecimento da teologia especulativa e da tradição. A seus nomes e àqueles que citamos ou indicamos (nn. 504, 505), podemos acrescentar o Mestre das Sentenças, Scot, Durand, Molina, Cedrenus, que considera São Gabriel como um serafim[961]; Rupert, Viégas, São Roberto Belarmino, João Molanus[962] e outros, que atribuem a mesma excelência a São Miguel.

514. – 2ª) Que São Miguel seja denominado de *arcanjo* pelo Apóstolo São Judas (v. 9), não representa grande dificuldade porque no texto arábico essa palavra está substituída pela locução *príncipe dos Anjos*[963]; e, ademais, a denominação de arcanjo é sinônimo de *grande mensageiro*, o que melhor convém a um serafim em missão do que a qualquer outro anjo.

Além disso, vimos que um anjo superior tem, ultrapassando-as, todas as perfeições que possuem os anjos que são inferiores a eles (nn. 449 e seguinte; 438, 467, etc.).

Todo anjo superior, que é mensageiro, é por este motivo arcanjo. Essa denominação em nada impede a existência de um coro angélico especial, que é o dos arcanjos, porque estes são utilizados em missões celestes **ordinárias**, que dizem respeito às *coisas da Fé, do culto divino, das leis sobrenaturais*, e que transmitem instruções importantes (nn. 455, 461), ao passo que os serafins ou os querubins só recebem missões **extraordinárias**. Ou, ao menos, missões cuja importância e sublimidade são proporcionais à perfeição dos mais nobres espíritos angélicos (n. 500).

Assim como os historiadores narram especialmente os fatos mais salientes e mais notáveis, igualmente os autores inspirados nos relatam certas ações dos serafins e dos querubins, não para diminuir o ministério dos anjos inferiores, mas para nos mostrar que todos os anjos tomam uma parte ativa, às vezes direta e pessoal, nos principais acontecimentos relativos à sociedade humana, aos santos e à Igreja Militante[964].

---

[960] Ver Cornélio a Lápide, *Comment. In Apoc*. I, 4; in *Epist. Ad Hebr*. I, 14; in *Daniel*, VII, 10; IX, 21. - João Maldonado ou Juan Maldonado (Juan Maldonato, Maldonatus) foi um jesuíta espanhol, teólogo e exegeta do período da reforma católica.

[961] Cornélio a Lápide, ibid.

[962] Idem in Daniel, X, 13.

[963] Cornélio a Lápide, in hunc. loc.

[964] Dicuntur superiora agmina DEO ASSISTERE, et ab intimis nunquam recedere: *non quin aliquando mittantur, sed quia rarissime ad exteriora prodeunt; neque tunc ab intimis recedunt,*

Um serafim purifica os lábios de Isaías, que é um grande profeta; um querubim guarda a entrada do Éden depois que a humanidade culpável dele foi expulsa, o que é um fato que diz respeito à espécie humana e sua presente situação de prova; os querubins de Ezequiel dirigem sabiamente o universo com uma força inconcebível para o triunfo da Igreja Militante e glória da Igreja Triunfante (nn. 273-277), o que é um fato geral de uma altíssima condição; o Serafim Miguel derrota Lúcifer e seu exército de rebelados, protege pessoalmente a Igreja: o que há de mais digno para um serafim, que é todo amor e toda a força?

O Serafim Gabriel é o anjo das grandes revelações. Ele é todo amor e todo luminoso. Parece existir apenas para o Homem-Deus e seu Corpo Místico. Também revela a Encarnação e a maternidade divina, o nascimento do precursor de Jesus, e o número preciso das semanas que devem preceder a vinda do Messias, as vitórias da Igreja tanto quando sob a direção dos Macabeus como sob a condução visível ou invisível daquele *cujo reino não terá fim* (S. Lucas, I, 33).

Como isto tudo é seráfico! E o que pode haver de maior e mais excepcional do que estes fatos?

O Serafim Rafael é o anjo da santidade e da caridade insígnias, como já vimos. Ele se revela não durante toda a vida de Tobias e de Sara, mas somente durante uma viagem. Mas, mesmo em casos ordinários, nada impede que São Rafael, como também os outros serafins e os outros querubins não atuem particularmente por meio do ministério de anjos inferiores.

515. – 3ª) E aqui não posso me impedir de admirar ainda mais a beleza arrebatadora do plano divino. *O Pai Celeste age sem cessar* (S. João, V, 17), fora, no universo. Ele próprio mantém as coisas no ser; ama-nos a ponto de nos dar, continuamente, de alguma maneira, seu *Filho único* e sua graça (Id. III, 16); *faz nascer o sol sobre bons e maus, e manda a chuva sobre justos e injustos* (S. Mateus, V, 45).

O Verbo Encarnado, digno filho de tal Pai, após ter glorificado sua humanidade, não se contenta em nos *preparar lugares no céu* (S. João, XIV, 2), e de nos *servir de advogado junto ao Pai celeste* (1ª S. João, II, 1), ainda *quer ficar conosco, corporalmente, até o fim dos sé-*

---

sed Dei praesentiae et contemplationi SEMPER ASSISTUNT, quod etiam faciunt qui frequenter mittuntur. Pedro Lombardo, o Mestre das Sentenças, livro II, dist. 10.

Para Suarez não há dúvida que os anjos *assistentes sejam enviados e estejam presentes* nas grandes ocasiões, como o Juízo Final, a Ressurreição e a Ascenção de Nosso Senhor Jesus Cristo, a Assunção de Maria Santíssima e outros casos semelhantes, conforme a Sagrada Escritura. Mateus XXR, 31; Atos I, 11; Hebreus I, 6.

De Angelis, l. 6, cap. 10, in fine.

culos (S. Mateus, XXVIII, 20), servindo-nos divinamente não somente por seus anjos, mas também diretamente por si próprio. *Nossos corpos são templos do Espírito Santo*, *que está em nós, que recebemos de Deus* (1a. Coríntios, VI, 19); *porque somos filhos adotivos de Deus*, nosso Pai Celeste nos enviou coisa bem melhor do que seus serafins, querubins e tronos: *Ele enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, exclamando: Abba, Pai!* (Gal. IV, 5,6).

E este divino *Espírito ajuda* pessoalmente *nossa fraqueza, pois não sabemos o que solicitar em nossas preces; mas o próprio Espírito Santo solicita por nós com gemidos inenarráveis* (Rom. VIII, 26).

516. – Agora, não fica claro que as criaturas mais nobres, sob todos esses aspectos, são as mais perfeitas imitadoras das pessoas divinas?

Ó Maria, todos os filhos de Deus são vossos filhos (n. 173 e seguinte), vós não sois sua mãe para, somente por meio de outros, cuidar deles e socorrê-los. Quantas vezes vós aparecestes a eles pessoalmente, mesmo estando todos os anjos a seu serviço! Quantos serafins, ou querubins, ou tronos da espécie humana, santos apóstolos, santos profetas, santos mártires, quantas vezes, após vossa gloriosa entrada no céu, viestes se mostrar a homens ainda vivos, falando-lhes, consolando-os, fortificando-os, mesmo que esses tipos de missões sejam menos adequados para os santos do Céu do que para os anjos[965]!

O que dizer, então, dos serafins angélicos? Respondemos com São Paulo: *Porventura não são todos eles espíritos uns ministros de Deus enviados para exercer o seu ministério a favor daqueles que hão de receber a herança da salvação?* (Hebr. I, 14).

517. – Ó Igreja Militante, ó apetentes de santidade, como há muitos recursos para vós! Olhai alto e sem receio!

Que o inferno se alarme e se enfureça, porque toda sociedade celeste toma vossa defesa. Não somente Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima, mas também os Gabrieis, os Miguéis, os Rafaeis, todos os serafins, todos os querubins, todos os inumeráveis anjos que governam o universo e os acontecimentos para vossa utilidade: *Sabemos que tudo coopera para o bem daqueles que amam a Deus, e que são chamados... a seres santos. Se Deus está por nós, quem será contra nós*? (Rom. VIII, 28, 31).

[965] Ver número 452, nota 4ª.

Segundo ponto: São Gabriel é o primeiro dos serafins

518. – De acordo com a Sagrada Escritura e a Tradição os serafins parecem apresentar São Miguel e São Gabriel, alternativamente, como os primeiros dos anjos. Portanto, um dos dois deve ter a superioridade sobre o outro, porque, como provamos (nn. 484 e seg.), todos os anjos são desiguais quanto à perfeição acidental e inclusive quanto à espécie.

Então, qual dos dois ocupa o primeiro lugar, São Miguel ou São Gabreil?

Há razões sérias para um e para outro. Vamos expô-las rapidamente, bem como os motivos de nossa preferência.

519. – Cornélio a Lápide reivindica abertamente a primeira dignidade angélica para São Miguel. "Um grande número de autores, diz ele, pensam com muita probabilidade que São Miguel, pela dignidade de sua natureza, pelas graças que recebeu e por sua glória, é absolutamente o primeiro dos anjos, o primeiro de todos, sem exceção. O que se prova, inicialmente, pela passagem do Apocalipse (Apoc. XII, 1) em que São Miguel está representado como combatendo Lúcifer e seus anjos (revoltados), como resistindo ao orgulho do Dragão e dizendo humildemente: '*Quem é como Deus*, **mi ca el?'.** Sendo Lúcifer o chefe dos demônios, contrariamente São Miguel é o chefe do exército angélico que combateu por Deus, e ocupa, portanto, o primeiro lugar entre os serafins. 2º, a Igreja chama São Miguel generalíssimo do exército celeste, intendente do Paraíso, e ela celebra em seu nome a Festa de todos os Anjos; 3º, São Miguel é venerado pelos fiéis como chefe e guardião de toda a Igreja, desde quando ela era, antigamente, a Sinagoga. Na missa dos defuntos, a Igreja o denomina de *Porta estandarte de Cristo*, e, além disto, que São Miguel é o *encarregado de receber as almas do céu* (*Coment. in Daniel*, X, 13)".

Ademais, São Basílio, o diácono Pantaleão, São Roberto Belarmino, João Molanus, atribuem a preeminência angélica a São Miguel (Idem, ibid.)

520. – De nossa parte não ousaríamos adotar outra opinião se, nesta questão, autores sérios não nos tivessem precedidos e se os ensinamentos da Sagrada Escritura, postos em confronto com a doutrina de São Dionísio e de Santo Tomás sobre as iluminações angélicas, não nos parecessem favorecer São Gabriel muito mais do que São Miguel.

521. – São João Damasceno diz: *Rezemos com Gabriel, que ocupa o primeiro lugar entre os anjos*[966].

Hésichius designa São Gabriel de *o Príncipe dos Anjos*[967].

Já vimos que São Gregório, Papa, depois de ter exposto a doutrina de São Dionísio sobre os anjos assistentes, de que nunca seriam enviados fora, também não a adota e diz que isto não está proibido pelo ensinamento das Sagradas Escrituras (n. 506). São Gregório diz: *Era conveniente que o mais elevado dos anjos fosse escolhido para este ministério* (a Anunciação)*, porque se tratava de anunciar a maior das novidades* (n. 505).

São Gregório, parece-nos, não poderia indicar com estas palavras o mais elevado dos anjos do oitavo coro, porque este anjo não seria *o mais elevado dos anjos*. E, ademais, esta interpretação implicitamente levaria São Gregório a adotar a opinião de São Dionísio, enquanto que este papa, embora sempre respeitando a opinião de São Dionísio, ensina justamente o oposto: *Hoc... certum tenemus... et mittuntur igitur et assistunt...; Angeli itaque et missi et ante ipsum sunt* (n. 506).

O próprio Papa teve o cuidado de nos dizer que as denominações de anjos e de arcanjo não indicam nada quanto à natureza, mas às *funções* dos anjos. É o porquê ele designa São Gabriel de *arcanjo* por causa de sua sublime e incomparável missão. Neste caso, a palavra *arcanjo* não indica uma natureza angélica pertencente ao oitavo coro, e muito menos o primeiro nela, mas a importância, sem igual, que o ministério exigia que ele fosse desempenhado pelo mais elevado dos anjos[968].

Para nós o pensamento de São Gregório está, pois, muito claro e é totalmente favorável à nossa opinião, tanto mais, como já temos observado, que este Padre não endossa, após tê-la explicado, a opinião de São Dionísio, e que ele próprio estabeleceu posteriormente um certo princípio em virtude do qual *o anjo mais elevado* pode ser enviado, sem prejuízo de sua dignidade de **assistente**.

Ademais, nesta interpretação de que São Gabriel é o maior dos anjos, nós encontramos um ensinamento, explícito e formal, do Evangelho: *Eu sou Gabriel que assiste diante de Deus*: *Qui asto ante Deum* (S. Lucas, I, 19). O que não deve ser confundido com *a visão do Pai celeste desfrutada por todos os anjos fiéis* (S. Mateus, XVIII, 10), pois,

---

[966] *Clamemus cum Gabriele, qui primum locum obtinet inter angelos*. Cité par Chr. Veja, *Teologia Mariana*, n. 1529.

[967] Hom. 2, *De B. Virgine*.

[968] Homil. 34, *in Evang*. n. 8.

do contrário a palavra divinamente inspirada de São Gabriel seria insignificante e inútil.

522. – Também Suarez diz: *Se bem que a Providência, na ordem ordinária da graça, não se sirva apenas dos anjos mais sublimes para operar os efeitos exteriores, entretanto é provável que estes anjos sejam enviados algumas vezes para aquilo que se refere à ordem da união hipostática ou que concerne de alguma maneira ao mistério da Encarnação. E, sob esse ponto de vista, não é improvável que São Gabriel, o anjo enviado à Virgem, seja o primeiro dos Serafins, ou um dos primeiros, por causa da excelência do ministério.*[969] Ora, provamos abundantemente (nn. 281-317), que tudo no universo e todos os acontecimentos se reportam *de alguma maneira ao mistério da Encarnação*.

O que dizer então dos mandatos confiados a São Gabriel, os quais se referem, todos, diretamente, ou às vitórias da Igreja, que é o corpo místico de Cristo, ou ao próprio Nosso Senhor Jesus Cristo, ou a sua divina Mãe, ou a seu incomparável Precursor? Estes casos não parecem dignos da incumbência do primeiro Serafim? De fato, trata-se de uma consideração própria a corrigir certas restrições que Suarez julga bom fazer sobre esta questão[970].

523. – O Cardeal Marc Viguier (Viguerius) é bem mais categórico. Ele prova com oito razões relativas à Encarnação que São Gabriel é o primeiro dos serafins. Cornélio a Lápide dá o resumo desta demonstração.[971]

Nós a ajudamos boa, mas incompleta. Há, além dela, cremos, uma série de provas a serem tiradas da Sagrada Escritura e dos principais teólogos concernentes às iluminações angélicas.

524. – Lembramos as principais noções dadas anteriormente sobre esta questão.

Um membro da hierarquia celeste está tanto mais elevado na medida em que ele seja *uma imitação mais perfeita de Deus* e mais coopere com Deus no aperfeiçoamento dos outros (442).

As iluminações angélicas são *tanto mais aptas a receber e a transmitir a luz quanto mais elas próprias têm uma maior transparência; elas espalham sua luz de todo lado sobre quem dela é digno. Os perfeitos aperfeiçoam os perfectíveis instruindo-os na ciência dos sagrados objetos da visão* sobrenatural*. O inferior se eleva a Deus por*

[969] De Angelis, l. 6, c. 10, n. 46.
[970] Ibid.
[971] Comment. In Daniel, IX, 21.

meio do superior. Os mais divinos são os mistagogos e os manudoctores dos menos avançados na ilustração (n. 443).

A ação dos superiores sobre os inferiores tem por efeito dar a estes o **poder** e o **hábito** *da contemplação*. Ou seja, a *capacidade* de receber a luz da glória para ver Deus intuitivamente e o contemplar. E, ao mesmo tempo, o conhecimento prático e necessário do plano divino, para que os inferiores saibam cumprir perfeitamente seu ministério providencial com relação àqueles que se encontram na prova (nn. 188; 197; 195; 443; 447).

Agora, em todos esses aspectos, não encontramos nenhum personagem na Sagrada Escritura, excetuados Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima, que esteja superior ou igual a São Gabriel. Nenhum deles se mostra tão *incendiário*, tão análogo ao Espírito Santo, tão *fervoroso iluminador* (n. 451) quanto São Gabriel.

Então, todos esses caracteres reunidos nos parecem formar uma demonstração sólida da superioridade de São Gabriel sobre os outros serafins. [972]

525. – Vejamos em detalhes. As revelações feitas ao profeta Daniel da parte de Deus têm São Gabriel por autor imediato, segundo o testemunho do próprio Daniel: *Gabriel, que havia visto no princípio desta visão, voando rapidamente, me tocou no tempo do sacrifício da tarde; e me instruiu* (Daniel, IX, 21,22).

São Gabriel lhe revelou o plano divino a propósito de um sonho de Nabucodonosor: *Então este mistério foi revelado a Daniel numa visão durante a noite... É Deus quem revela as coisas mais profundas e mais escondidas... E é nele que se encontra a luz* (Ibid. II, 19, 22). Mas Deus *instruiu e iluminou* o profeta pelo ministério de São *Gabriel, o mais divino dos mistagogos*. Mostrou-lhe o reino de Nosso Senhor Jesus Cristo, *que jamais será destruído, que nunca passará*, como as antigas monarquias, *a outro povo; antes esmigalhará e aniquilará todos estes reinos e ele subsistirá eternamente* (Ibid. II, 44; VII, 18,27; X, 14), até o fim dos séculos como Igreja Militante e, para sempre, como Igreja Triunfante.

Mas, o reino de Nosso Senhor Jesus Cristo é a finalidade de todas as coisas, para glória de Deus. O universo material, a sociedade angé-

---

[972] *Eu vos anunciarei*, diz Gabriel a Daniel, O QUE ESTÁ MARCADO NA ESCRITURA DA VERDADE; E NINGUÉM É MEU AUXILIAR em todas essas coisas, senão Miguel, vosso príncipe (Daniel, X, 21).

Gabriel lê diretamente na *Escritura da Verdade*, que é o Verbo, e não é iluminado por nenhum anjo. Miguel não é senão sua *ajuda*, seu *auxiliar,* nas obras exteriores.

lica, a sociedade e os indivíduos humanos, tudo foi feito e disposto com vistas ao Reino de Nosso Senhor Jesus Cristo (nn. 289-293).

É, portanto, o plano divino nas suas principais linhas que foi revelado ao profeta Daniel por São Gabriel. O mais esclarecido dos serafins angélicos *ilumina* o "serafim humano" ainda detido nas trevas da prova, mas que *era um varão de desejos* (Ibid. IX, 23), homem abrasado do amor de Deus e de sua Igreja, homem sedento de conhecimentos sobrenaturais[973].

526. – Ora, é particularmente sobre o plano divino que os anjos superiores iluminam os inferiores (n. 447), e é o filho de Deus como prefigurando a Encarnação, não um serafim, que convida São Gabriel a explicar as visões: *Eu, Daniel, logo que tive esta visão, procurei entendê-la*; *eis que se apresentou diante de mim uma como figura de homem. Ouvi a voz do homem no meio de Ulaí, o qual gritou e disse: Gabriel, explica-lhe esta visão*[974] (n. 512). Aliás, apesar de tudo, estas palavras, como dissemos no local citado, tenham sidos ditas a São Gabriel por um serafim, elas significam também, conforme o estilo bíblico, mais uma súplica e um convite que uma ordem. E como São Gabriel aparece constantemente nas escrituras como o mais ilustre dos anjos, é necessário concluir daí que ele é o mais elevado e que nenhum outro anjo não lhe dá ordens.

527. – Isto é ainda mais verdadeiro porquanto São Gabriel apresenta com frequência sob uma forma humana o Filho de Deus, do qual ele é o principal arauto e pregador.

Este anjo foi o tipo de Cristo-Homem, diz Cornélio a Lápide[975]; e esta qualidade também o eleva acima de todos os anjos.

Em Daniel há muitas passagens muito significativas sob este ponto de vista. Assim, enquanto *Sidrach, Misach e Abdénago*, *servidores de Deus altíssimo*, louvavam o Senhor na fornalha ardente, Nabucodonosor viu nela também *um quarto personagem semelhante ao Filho de Deus, que espalhava as chamas. Este personagem era um anjo* (Daniel, III, 49, 92). *Considerei estas coisas numa visão noturna,* diz também Daniel ao falar das monarquias terrestres*, e vi como o Filho do homem vinha com as nuvens do céu, que se avança até os antigos dias... E ele (Deus) lhe dava o poder, a honra e o reino; todas as tribos e... todas as tribos o servirão; seu poder é um poder eterno..., e seu reino jamais será destruído* (Ibid. VII, 13, 14).

---

[973] Daniel, VI, 10; IX, 3-21; X, 2, 12.
[974] Daniel, VIII, 15,16.
[975] *Comment. In Daniel*, X, 16.

Nosso Senhor Jesus Cristo, como Homem, não existia ainda, mas foi figurado e representado nesta ocasião: *Quasi Filius hominis*.

Para que ou por que foi? *Eis que o homem Gabriel, que eu havia visto em visão desde o início, apresentou-se de súbito a mim... Desde o início de vossa prece,* diz São Gabriel*, recebi ordem de vir a vós* (Daniel, IX, 21-23). *Desde o primeiro dia em que afligistes na presença de vosso Deus, vós haveis aplicado o vosso coração em entender, vossas palavras foram ouvidas e vossas preces me fizeram vir até vós* (Ibid. X, 12).

Gabriel, às vezes simboliza o *Filho do Homem*. E, às vezes, ele O prega ao revelar o plano divino.

Levantei os olhos e olhei, continua o profeta Daniel, *e vi um homem vestido de roupas de linho e cingido pelos rins com cinto de puríssimo ouro; seu corpo era como o crisólito, seu rosto como o relâmpago e seus olhos pareciam uma lâmpada ardente; seus braços e todo o resto do corpo até os pés eram semelhantes ao bronze reluzente; e o som de sua voz era como o ruído de uma multidão* (Daniel, 10, 5,6).

É Gabriel novamente, e não o Filho de Deus (Daniel, 13, 20,21), mas a descrição nos retrata um *tipo* de Homem-Deus, semelhante ao original que nos é retratado do Apocalipse (Apoc. I, 13-15), o que ainda está conforme com as duas passagens seguintes: E eis que *aquele que tinha a semelhança de um filho de homem me tocou os lábios...; novamente esta espécie de visão humana me tocou e me fortificou* (Daniel, X, 16,18).

538. – Como São Gabriel é grande! Não, não. São Gabriel não tem semelhante entre os anjos! De tal maneira ele esposou a causa do Homem-Deus que é a sua imagem profética.

Seu próprio nome significa o Homem-Deus de várias maneiras, conforme os melhores autores. Tanto é verdade que São Gabriel foi o primeiro a combater Lúcifer, o grande inimigo da Encarnação.

Gabriel significa: *Deus homem; homem de Deus; a força ou o forte de Deus; meu nome é Deus; minha força é Deus; Deus me fortifica; homem de Deus*[976].

Somente após a ideia expressa pela palavra *Gabriel* que a exclamação que traduz a palavra *Michael* é logicamente tem seu significado: *Quem é como Deus?!*

As palavras, *Gabriel, Lúcifer*, foram divinamente reveladas. Elas são plenas de significado, e de um significado profundo. Exprimem

[976] Cornélio a Lápide, *in Daniel*, IX, 21, e *in Lucam*, I, 19.

diretamente o papel, as façanhas, o ministério principal de cada um desses espíritos.

Lúcifer, antes de pecar, era o portador ou propagador da luz. Um dos mais perfeitos anjos, como natureza, um dos mais ricos de dons da graça, fazia resplandecer, durante a prova angélica, as luzes da Fé por todos os coros angélicos, em toda a extensão no Céu Empíreo. Mas, tendo que crer na futura Encarnação – e não, se se nos permite essa palavra, na angelização do Filho de Deus (n. 281)[977] – , seu orgulho se revoltou. E ele gritou, por todo gênero angélico que queria representar, mas especialmente por sua própria conta: *Subirei ao Céu* mais elevado, que é aquele da união hipostática com a divindade; *estabelecerei meu trono acima dos astros de Deus*: que o homem chamado Jesus, uma criatura humana chamada Maria, sejam exaltados tão alto quanto queiram. Mas, *eu reinarei sobre eles*; *eu assentarei sobre a montanha da aliança*, fazendo a união mais íntima e mais sublime da criatura com a divindade, *ao lado do aquilão*, onde a montanha toca o mais alto. *Eu me colocarei*, por minha força em todo caso, *acima das mais elevadas nuvens* humanas e *serei igual ao Altíssimo* pela máxima exaltação de um ser criado. Quer dizer, pela união hipostática com a divindade (Isaías, XIV, 13,14).

529. – São Gabriel, cuja divisa é *Deus-Homem*, usa uma linguagem totalmente diferente.

Este Homem, diz ele, segundo a fé, deve ser divinizado e pessoalmente unido à divindade. *Somente o Homem-Deus subirá acima de todos os céus e estabelecerá seu trono acima dos astros de Deus*; o ponto eminente da *montanha da aliança* pertence à humanidade. Eu creio firmemente no Homem-Deus e foi minha fé que indicou meu nome. Eu não temo combater contra vós, *ó satanás*[978]; *Deus me fortifica, minha força é Deus*. Tudo é inferior a vós por natureza e pela graça[979]; sou superior a vós devido ao seu orgulho e pela causa que eu sustento. Aquele a quem sou devoto, Aquele que eu represento, *é Deus*, *é o Homem-Deus,* e por causa desta fé eu sou *o forte de Deus*.

530. – Imagino, portanto, São Gabriel iluminando os outros serafins com esse discurso, e sobretudo a São Miguel, para exclamar:

---

[977] *Nulle part* o Filho de Deus *tomou nos anjos*; ele não diz nenhuma parte esposou sua natureza; *mas é a raça de Abraão que ele toma*: Ele quer se fazer homem e não anjo. (Hebr. II, 16).

[978] O nome hebreu de *Lúcifer*, de onde se deriva provavelmente a palavra *satanás*, significa *adversário de Deus*. (Cornélio a Lápide, *In Isaiam*, XIV, 12).

[979] Falamos aqui de acordo com São Gregório, Papa, Santo Tomás de Aquino e de outros autores, que pensam que Lúcifer era o primeiro de todos os anjos (ver S. Tomás, 1. Q. 63, a.7). Mas nossa opinião é diferente. Vamos expô-la posteriormente nos números 722-723.

Quem como Deus?! E a palavra de Satanás: *eu estabelecerei meu trono assim dos astros de Deus*, e a palavra de São Miguel, *quem como o Homem-Deus*, retumbando através de todos os coros angélicos.

E é engajado o combate entre a Fé e o racionalismo; entre a graça e o naturalismo; entre o amor puro e desinteressado da verdade e a fatuidade do orgulho; entre a aceitação do plano imaginado pela sabedoria infinita e o sonho interessado e egoísta da criatura soberba. Luta-se de parte a parte encarniçadamente. Mas *São Miguel e seus anjos* permanecem vitoriosos. E *o lugar do dragão e de seus anjos não se encontrou mais no céu* (Apoc. XII, 7,8).

São Miguel é o segundo dos serafins. Exceto São Gabriel, todos os anjos lhe são submissos. Isto porque São Miguel combateu com todos aqueles que ainda não tinham seguido Lúcifer e seus adeptos, mas queriam permanecer na fé e na verdade. Daí essas palavras: *Miguel e seus anjos*.

Quanto a São Gabriel, ele já havia triunfado. São Gabriel, mais do que um combate, ele é, primordialmente, o próprio representante da boa causa. Ele não solicita que se libere. Ele não diz, como São Miguel: *Quem como Deus?* Mas, diz: "Este Homem; somente este Homem deve ser Deus, e será Deus em Cristo".

– Não, grita Lúcifer, deve ser um anjo; sou eu.

– Não, responde São Gabriel, é o Homem; é Cristo Nosso Senhor!

Antes do combate exterior e universal, há, inicialmente, a luta ideal e íntima.

Nesta luta – ideal e íntima – São Gabriel triunfa sobre o *pai da mentira.*

A luta exterior e universal é presidida por São Miguel, que levanta a bandeira da verdade e diz ou faz dizer a todos os anjos: *Quem como Deus?!*

São Miguel é o *generalíssimo* do exército celeste, mostrando-se assim, depois da graça de Deus, *o mais poderoso auxiliar* de São Gabriel[980].

São Miguel faz o papel de "força armada" a serviço do direito, que é representado por São Gabriel.

---

980 *Ninguém ME AJUDA em todas essas coisas, diz São Gabriel, senão Miguel que é o príncipe da Igreja* (Daniel, X, 21). Miguel, GRANDE PRÍNCIPE, se levantará para a defesa..., inicialmente da POPULAÇÃO ANGÉLICA, em seguida do povo judeu, depois do povo católico (Daniel, XIII, 1).

São Gabriel, o mais *esclarecido* (iluminado) dos anjos fiéis sobre o plano divino e o mais afeiçoado ao Homem-Deus, o Vigário prefigurativo do Verbo Encarnado, decide, ordena e declara a guerra.

São Miguel publica, reúne, instrui, entusiasma e dirige os combates.

São Gabriel é o "primeiro-ministro" do império celeste. Ele reúne em si, servindo-nos de comparações modernas, o Ministério da Instrução, que é o primeiro ministério angélico, o Ministério do Interior, o Ministério do Exterior, o Ministério da Guerra, e os demais.

São Miguel, **um dos primeiros príncipes celestes**, ou ainda o primeiro depois de São Gabriel, dá "mão forte" (Daniel, X, 13) àquele cujo próprio nome é uma profissão de fé no Homem-Deus[981].

531. – Os nomes dos anjos têm uma importância capital do ponto vista teológico. E é do que nos ocupamos, porque certamente são inspirados e revelados por Deus.

Os nomes dos anjos exprimem a excelência, a dignidade, o ministério, as ações, muito mais do que o das pessoas que os portam: *Nomen officii non naturae* (n. 521).

Mas a preeminência absoluta que atribuímos a São Gabriel sobre todos os outros nada tem de oposto a uma espécie de primazia relativa de São Miguel com relação à Igreja Militante, sobre o que, parece-nos, deveria estar de acordo todos os autores que tratam desta questão.

Depois da vinda do Filho de Deus à terra; depois de seus divinos ensinamentos, depois da descida do Espírito Santo, *que ensina todas as verdades* (Jo. XIV, 26, XVI, 13); depois que o *conhecimento de Deus encheu a terra como a terra encheu o leito do mar* (Isaías, XI, 9); o ministério de São Gabriel se tornou menos percebido, uma vez que o *tipo* perde o reflexo de seu valor quando está na presença do *original*.

Mas, *uma vez que nós... temos que lutar contra os príncipes e as potestades, contra as dominações deste mundo de trevas, contra os espíritos malignos espalhados nos ares* (Ef. VI, 12), e que *Miguel e seus anjos expulsaram do céu* (Apc. XII, 7,8), invocamos à nossa ajuda especialmente o grande guerreiro celeste, a fim de que ele limpe os ares e a terra destes espíritos malignos, como ele fez no Céu Empíreo, e que *os mergulhe de volta no inferno.*[982]

---

[981] A palavra hebreia *gabri* significa *homem*, e, poder derivação, *força, mestre*; e a palavra *el* significa *Deus.*

[982] *Spiritus malignos... in infernum detrude*. (Oração que se reza no final da missa)

Estas observações, parece-nos, justificam e explicam plenamente todos os títulos e todo o culto que a Igreja Militante presta a São Miguel, sem obscurecer a primazia absoluta de São Miguel.

532 – Como é belo ver o mais sublime dos serafins, com *os olhos sempre fixos na majestade infinita da qual ele é o primeiro-ministro*[983] e ao mesmo tempo sobre o Homem-Deus e sobre seu corpo místico. Como é belo, digo eu, ver o mais perfeito ou mais santo dos puro espíritos criados anunciar o nascimento do precursor de Jesus, deste São João Batista que será um *anjo humano*[984], chamado a figurar um dia entre o serafim celestes (n. 472), e *que caminhará diante do* Homem-Deus *para lhe preparar um povo perfeito* e bem disposto ao espírito de penitência, para receber as graças da salvação! (S. Lucas, I, 17).

O chefe da sociedade angélica não esqueceu nada do que se relaciona com Verbo encarnado! Cada uma de suas palavras é um raio de luz a respeito do plano divino (Ibid. I, 13-17).[985]

533. – Mas sobretudo belo é ver São Gabriel saudar a futura Mãe de Deus, a Sublime Rainha dos anjos e dos homens: *Eu vou saúdo*, diz ele, *ó cheia de graças*.

A graça é abundante em nossa sociedade angélica, mas vós, ó Maria Santíssima, vós a tendes na plenitude, por Jesus Cristo. O Senhor está convosco pela união mais íntima de todas, depois das pessoas divinas, e depois de Cristo-Homem com o Verbo.

Vós subistes até o cume da *montanha da Aliança* tanto quanto é possível a uma pura criatura ajudada por todas as graças de Deus.

Em atenção a este incomparável destino realizado em vós, Vós sois a *bendita entre todas as mulheres... Eis que concebereis... e terás um filho ao qual dareis o nome de Jesus*. Ele será o salvador dos homens como foi, por antecipação, o salvador dos anjos (nn. 281, 297, 298). *Ele será grande e se chamará Filho do Altíssimo*, tal como sua divina e eterna filiação se manifestará claramente. *O Senhor Deus lhe*

---

[983] *Ego sum Gabriel, qui asto ante Deum*. (S. Lucas, I, 19).

[984] *De quo scriptum est: Ecce ego mitto angelum meum ante faciem tuam.* (S. Mateus, XI, 10).

[985] A respeito do conhecimento que os anjos, desde o início de sua glorificação, tiveram do mistério da Encarnação, Santo Tomás diz: *Geralmente falando este mistério foi revelado a todos os anjos desde o início de sua beatitude. A razão está em que esse mistério é um princípio geral ao qual se reportam TODOS OS OFÍCIOS DOS ANJOS. "Porque todos os espíritos angélicos são encarregados de um ministério e enviados para o exercer a favor daqueles que receberam a herança da salvação*" (Hebr. I, 14); *é o que foi feito pelo mistério da Encarnação* (1, q. 57, a. 5, ad 1m). Ora, não está claro que o anjo, por excelência, da Encarnação, São Gabriel, que é que tem por particular ministério cuidar DAQUILO QUE É O FIM DE TODOS OS OFÍCIOS ANGÉLICOS, se apresenta por aí superior a todos os outros anjos? Posteriormente (nn. 626 e seg.) falaremos dos conhecimentos angélicos durante a prova.

dará o trono de Davi, seu pai, e o povo de Deus estará sempre sob seu cetro. *Ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó.*

Além disso, *o Pai colocará todas as coisas em suas mãos* (Jo. III, 35), *e seu reino não terá fim*.

Tal é o conjunto do plano divino, que está todo contido em Nosso Senhor Jesus Cristo. Se, ó Maria, quiserdes saber *como isto* começará de fato e *como se fará*, eis que *o Espírito Santo virá sobre Vós, e a virtude do Altíssimo a cobrirá com sua sombra. Por isto Aquele que nascerá de Vós será chamado Filho de Deus* (Jo. 28-35).

534. – Ó Gabriel! Ó Maria! que multidão de grandes pensamentos se acumulam em minha mente quando falo de vós!

A imensa multidão dos bem-aventurados se inclina com São Gabriel, seu chefe, diante da Virgem de Israel. A profunda humildade dos anjos, diante de uma criatura humana, associada à humildade ainda mais profunda da serva do Senhor, e a do Verbo, que se aniquilou ao tomar a atitude de escravo (Filip. II, 7), para nos fazer abominar o vício de Lúcifer.

Uma poderosa irradiação de iluminações angélicas inunda a terra, todos os mundos e em todos os tempos, para nos levar a entrever *o reino universal e eterno* de Nosso Senhor Jesus Cristo, do qual somos os membros.

Todas estas linhas do plano divino, ao se concentrarem em Nosso Senhor Jesus Cristo, também se concentraram em Maria, sua mãe. Ó, que Mãe! Ó, santuário desta inefável Trindade, que o universo não pode conter, e que contém tudo nele! *A virtude do altíssimo cobre com sua sombra Maria; o Espírito Santo descerá sobre ela; o Filho de Deus nascerá dela*. Ó, mistérios de grandeza, de amor, de elevação!

O plano divino se elabora em Maria Santíssima, como em Nosso Senhor Jesus Cristo (nn. 294, 297-302).

É o mais sublime dos serafins que também a nós vem dizer!

Capítulo III: Os anjos e seus lugares na hierarquia angélica

Primeiro ponto: os anjos e seus lugares na hierarquia angélica segundo diversas autoridades

I. Confirmação da doutrina precedente de que São Gabriel é o primeiro dos Serafins

535. – *O Anjo São Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré a uma virgem esposada com homem cha-*

mado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria (S. Lucas, I, 26,27).

Este que levou à Maria a feliz nova da maternidade divina *tinha o nome de Gabriel. O que significa o nome Gabriel? Escutai e aprender: Significa seguramente Deus e homem, porque o que ele anunciava era* ***Deus e homem****. Ele antecipa o milagre da coisa pela significação do nome a fim de persuadir sobre o ministério da economia divina*[986]*. Considerai que Gabriel significa homem de Deus*, diz no outro padre... *É, pois, Gabriel, o homem de Deus, que foi enviado quando o homem de Deus quis nascer* (Théophylacte, ibid.). O enviado é designado de *homem de Deus* porque ele representava entre os anjos, como dissemos (nn. 527-531), a personificação do Homem-Deus.

Sobre estas palavras do Evangelho "*Gabriel foi enviado por Deus",* São Bernardo faz as observações seguintes*: Ele nos é mostrado como* ***enviado de Deus*** *porque* ***não foi enviado por outro espírito*** *que seria superior a ele, como de ordinário, mas* ***pelo próprio Deus****. Ou melhor, está dito* ***de Deus*** *para que nós não creiamos que Deus tenha revelado seu segredo a qualquer um dos bem-aventurados espíritos antes de o revelar à Virgem, senão somente ao Arcanjo Gabriel, que certamente deve dispor de uma grande excelência entre os seus, pela qual foi digno de um tal nome e de um tal mandato*[987]*.*

Gabriel, que consideramos como o "*São Pedro da Igreja Angélica"*, mesmo antes da queda de Lúcifer, não foi enviado por nenhum anjo, mas por Deus somente.

Sobre o plano divino São Gabriel não foi iluminado por nenhum espírito criado, mas somente pelo Verbo. Escondeu, por enquanto, o segredo de Deus a todos os anjos e a todos os homens para não o revelar senão à Virgem Maria, sua futura rainha e iluminadora[988].

De acordo com seu nome e sua missão deve-se dizer que sua excelência era incomparável *entre os seus*. Tais são os principais pensamentos expressos por São Bernardo pelos quais este doutor confirma o que dissemos na meditação anterior sobre a primazia angélica de S. Gabriel[989].

---

[986] S. Proclus, citado na *Summa aurea de Laud. B. M.* Tom. I, pag. 444, edição Minhe.

[987] Homil. 1, *super Missus est*, n. 2.

[988] A Encarnação foi revelada, *de uma maneira geral*, a todos os anjos bem-aventurados, como foi dito por Santo Tomás (n. 532, fim, nota); mas as condições particulares deste mistério, diz o próprio Doutor, não foi revelada igualmente a todos os anjos (ibid.). Ora, é tocante a estas particularidades que São Gabriel nos é apresentado na Sagrada Escritura como o mais esclarecido dos anjos, o que confirma nossa tese.

[989] Os graus de excelência das criaturas se medem pelos graus de semelhança com o Homem-Deus. Ora, São Miguel prefigura as gloriosas vitórias de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre o exército infernal. E São Gabriel prefigura o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo na sua pessoa divina e nas suas duas naturezas, o que é incontestavelmente mais perfeito.

536. – Mas as palavras, *foi enviado, missus est*, sobremaneira têm interessado os mais santos e mais sábios autores, razão porque não vamos acrescentar mais nada.

O que se deve entender por *viagens dos anjos* no universo material?

Se São Gabriel é *assistente*, se ele é o chefe dos serafins, ele, quando enviado, deve abandonar a mais alta região do Céu Empíreo para vir *à cidade da Galileia, chamada Nazaré*?

Estas questões se reportam à felicidade acidental de São Gabriel e de todos os anjos. É conveniente, portanto, meditar mais sobre eles, pois ajudam a nos fazer compreender o papel do espaço e dos seres materiais na felicidade dos espíritos celestes e dos outros eleitos.

II. Os anjos conhecem todos os lugares

537. – Inicialmente, dizemos, com Santo Agostinho, que os anjos conhecem perfeitamente a extensão, o mecanismo e as disposições do universo material.

Tendo sido criados simultaneamente com o Céu Empíreo, o tempo e o universo (Caos) (nn. 414 e seg.), os anhjos conhecem o Céu Empíreo como sua morada própria. E o tempo, como exprimindo sua duração e a duração de sua morada material.

No período da prova, o Caos, em parte já era conhecido pelos anjos. E em parte era ignorado, como o são todos os objetos da Fé.[990] Mas, logo que os anjos foram glorificados, todo plano do universo móvel desdobra-se a seus olhos antes que realizem de fato: *A condição do céu móvel* e de tudo que estava em germe no Caos, *já estava no Verbo de Deus como na Sabedoria encarnada* desde toda eternidade; *em seguida ela foi feita na criatura espiritual, quer dizer, no conhecimento dos anjos, sob forma de sabedoria criada neles; depois o Céu Empíreo foi feito a fim de que a própria criatura 'Céu' existisse*, no seu gênero próprio, como criatura material realizada.

Santo Agostinho repete seis vezes este pensamento num mesmo Capítulo[991] e o inculca também em outros.[992]

Portanto, como nada existia universo móvel antes no estado ideal e no plano dos espíritos angélicos, segue-se rigorosamente que os an-

[990] O Redentor e a Igreja humana deveriam surgir de acordo com os elementos do corpo.
[991] *De Genesi ad litteram*, l. 2, cap. 8
[992] Ibid. l. 4, cap. 24, et cap. 32.

jos conheciam em suas menores particularidades a geografia dos mundos móveis e seus espaços[993].

538. – Algum conhecimento é necessário aos anjos: 1º) para governarem a natureza material à qual eles são essencialmente superiores (nn. 307, 336, 356, 371, 3a. nota; 373, etc.)2º) para glorificar a Deus no lugar dos seres que são incapazes de o fazer; e, 3º) para satisfazer uma parte de sua felicidade acidental.

Entretanto o que está afirmado aqui, com o grande bispo de Hipona, nada tem a ver com o que dissemos sobre as iluminações angélicas. Porque, se é verdade que os anjos têm as ideias inatas e um conhecimento glorioso de todos os seres materiais, eles não conhecem, igualmente, os modos de governar estes seres quanto a seus fins temporais e ao fim último da criatura racional.

Neste caso (modo de governar os seres quanto a seus fins temporais e ao fim último da criatura racional) é necessário considerar os supremos desígnios de Deus e penetrar no santuário das livres vontades criadas. O que é possível somente a Deus.

Daí a necessidade, para os anjos subalternos, de obter esclarecimentos com os espíritos mais esclarecidos na *ciência infinita* (n. 447).

III. – Os anjos se movem localmente e podem exercer sua influência em lugares distantes, sem incluir os lugares intermediários.

539. – O conhecimento que os anjos têm de todos os corpos, de todos os lugares e de todos os espaços não é uma condição prévia de suas missões em tal ou tal lugar determinado.

Vamos ver agora o que é necessário entender quanto ao movimento local.

Os anjos são espíritos, e, ademais, espíritos gloriosos. Eles não se movem, portanto, como os corpos materiais. Se imaginarmos São Gabriel nas condições de um embaixador humano, abandonando as sumidades do Céu Empíreo, atravessando como uma estrela fibrosa todos os espaços e chegando finalmente a Nazaré, junto à Virgem Maria, formaremos uma ideia falsa, ou ao menos muito grosseira, sobre o movimento do anjo. E fica mais difícil entender que um anjo pode ser ao mesmo tempo assistente e mensageiro.

---

[993] Omnia materialia in ipsis argelis praeexistunt, simplicius autem et immaterialius quam in ipsis rebus, multiplicius autem et imperfectius quam in Deo... Angeli cognoscunt ea (materialia) per hoc quod sunt in eis per suas intelligibilies species. Santo Tomas 1, p. q. 57, a. 1. Ver também q. 56, a. 2, onde Santo Tomás explica ainda melhor seu pensamento nesta questão.

Mas essa dificuldade desaparece se obtivermos uma correta noção das relações dos anjos com os lugares.

Consultemos, portanto, o Anjo da Escola sobre este ponto.

540. – Os anjos não têm *quantidade material* que os circunscrevam num lugar ou num espaço. Eles têm a *quantidade virtual*.

Os anjos influenciam tal ou tal corpo, tal ou tal lugar, com mais ou com menos amplitude e intensidade. Mas eles não ocupam lugar como os corpos que estão restritos às suas dimensões e a uma proporção limitada do espaço. Sua virtude, sua energia, é medida pelo Autor da natureza, da graça e da glória, o que faz com que eles não tenham, todos, a mesma influência nem o mesmo poder.

Mas não são os corpos grosseiros ou subtis, pequenos ou grandes, que colocam limites ao poder dos anjos. Os corpos contêm ou se limitam uns aos outros em razão de sua massa e das distâncias. Os puros espíritos estão além do alcance de quantidades materiais. Eles lhes são superiores e suas influências são reguladas pela "dosagem" de perfeição espiritual e sobrenatural, sem que as distâncias nisto nada tenham a ver.

Diz-se que o anjo está em um lugar material na medida em que ele aplica sua virtude ali de alguma maneira, na medida em que ele atua lá, mas não na medida em que ele estaria *encerrado* lá (1, q. 52, a. 1).

541. – *Então não é necessário dizer, pois é claro, que o anjo não é limitado pelo lugar e nem tem uma situação no continuo, porque estes são os atributos de um corpo colocado em um lugar, na medida em que ele tenha quantidade e dimensões.*

Igualmente não se pode dizer, sem mais, pela mesma razão, que os anjos estejam contidos por um lugar, porque a substância incorpórea, alcançando uma coisa corpórea, a contém e não é circunscrita por ela. Com efeito, a alma está no corpo como o contendo e não como contida por ele. E, semelhantemente, é dito que o anjo está num lugar material não como estando contido por este lugar, mas como contendo-o, de alguma maneira (1, q. 52, a. 1).

Assim, para um anjo não há nem o alto e nem o baixo, nem a direita e nem a esquerda, nem o próximo e nem o longe, materiais.

O alto, para o anjo, é sua operação mais nobre; o abaixo, sua operação menor; sua direita é sua especialidade; sua esquerda, no que ele não é tão forte; seu próximo é o que ele faz mais comumente; sua distância, o que ele faz mais raramente.

Com relação aos lugares, o anjo se comporta um pouco como a alma em relação ao corpo. Ele influencia os lugares sem a eles estar aprisionado. O anjo é mais livre do que uma alma, porque a alma humana está substancialmente unida a seu corpo e dele depende, nas operações do corpo que ela informa. Ao passo que o anjo é um puro espírito e se une aos corpos apenas por acidente, dominando, assim do alto, os corpos e os lugares.

542. – *O anjo existe individualmente fora do gênero da quantidade e da situação. Não é, pois, necessário que ele determine um lugar indivisível, conforme voluntariamente ele aplique sua virtude a um corpo maior ou menor. E também todo corpo ao qual o anjo aplica sua virtude*..., ou melhor ainda, todos os corpos que ele envolve na sua influência, *corresponde-lhe como sendo apenas um lugar* em relação a ele.

Relativamente a Deus, cuja virtude é infinita e universal, todos os seres criados são como uma única coisa finita e dependente. E, por conseguinte, um só lugar.

Mas o anjo tem uma virtude limitada que não pode abarcar, por sua influência, simultaneamente, todos os corpos e todos os lugares. Contudo todos os corpos e todos os lugares que o anjo abarca são para ele como um só corpo e um só lugar: *Tudo aquilo a que o anjo aplica imediatamente sua virtude é considerado seu lugar único, mesmo quando este lugar ou este corpo não seja continuo* (1, q. 52, a. 2).

543. – Então, não se seguiria daí, retornando ao exemplo já proposto, que a rigor o anjo São Gabriel efetuou sua ida a Nazaré sem deixar sua morada no Céu Empíreo?

No Céu ele ocupa sua morada, mas a ela ele uniu, com sua influência, a casa de Maria Santíssima. E estes dois lugares *não são considerados, por ele, como um só lugar*.

Para um anjo não existe, como dissemos, alto e baixo, longe e próximo. *A substância do anjo não está submissa ao lugar como contido nele, mas ele está superior ao lugar, uma vez que ele o contém* (1, q. 53, a. 2).

O lugar do anjo pode ser divisível e mesmo dividido, *maior ou menor, segundo ele aplique voluntariamente sua virtude a um corpo maior ou menor*, ou a diversos corpos, mesmo muito distantes um do outro, *que são para ele apenas como um só corpo*, *embora, na realidade, não sejam contínuos*, o que se deve dizer também do lugar.

Deste modo São Gabriel pôde abarcar na sua irradiação sua própria morada celeste e a casa de Maria Santíssima. *O anjo não está sujeito, como os corpos, às leis dos lugares* (1, q. 53, a. 2).

544. – De fato os teólogos estão muito divididos sobre a questão de saber se um anjo pode, naturalmente e simultaneamente, influenciar os lugares distintos e distanciados, sem abarcar com sua presença ou em sua operação os lugares intermediários[994].

Suarez, Scot e Gabriel duvidam. Mas Denys, o Cartuxo (Dionísio Cisterciense, segundo Suarez), denominado *doutor extático*, afirma-o e se esforça para provar. Os doutores que eram *modernos* no tempo de Suarez *ensinavam comumente que aquilo repugna a natureza* dos anjos. Entretanto Suarez demonstra que seus argumentos não têm valor[995]. Suarez combate, embora modestamente, a afirmação de Dionísio Cisterciense *pelas razões que lhe parecem assaz prováveis* e algumas das quais, segundo Mazzella, *não são tão fáceis de admitir*[996].

As principais razões dadas por Suarez são:

1ª) que os anjos, de acordo com o ensinamento de São Dionísio, *podem ocupar um número indefinido de lugares, não importando a que distâncias esses lugares estejam colocados, desde que todos eles, se reunidos, não excedam um espaço mais amplo do que aquele que o anjo possa ocupar, por ultrapassar a capacidade natural da criatura*;

2ª) *que toda substância criada, pelo próprio fato dela ser una e finita, ela determina por si própria seu lugar, não somente quanto à quantidade, mas ainda quanto à unidade deste lugar; e assim, como ela não pode estar naturalmente em um lugar além de uma tal extensão, também ela não pode estar senão num só lugar*[997].

545. – Ora, dizemos francamente que a primeira razão de Suarez nos parece se destruir por si própria. E que a segunda, em nossa opinião, não tem mais peso do que a primeira.

Com efeito, repugna que o anjo ocupe lugares que, como um todo, não sejam proporcionados a ele, porque isso ultrapassa a capacidade natural desta criatura espiritual.

Ademais, não se trata de uma questão de distância do lugar, que segundo ele cresceria *indefinidamente* (*in infinitum*), porque o universo material tem limites reais, não somente para si mesmo, mas tam-

---

[994] Ver Suarez, *De Angelis*, l. 4, cap. 10, n. 8 e seg.
[995] Ibid. nn. 9-14,
[996] Una vel altera assignata, quae aliqua difficultate non caret... de *Deo creante* (n. 341, 3).
[997] Ver Mazzella, l. c., e Suarez, l. c. n. 15 e n. 16.

bém quanto ao conhecimento angélico (nn. 537-538). O que significa que não existem distâncias indefinidas para esses espíritos.

Em outras palavras, esta maneira de raciocinar nos parece singular. Se um anjo pode reunir sua influência a dois, três, quatro... lugares que estão distanciados entre si, por que não reuniria cinco, mil..., um milhão?

O anjo, qualquer que seja ele, tem um poder limitado. Ele existe numa sociedade inumerável (nn. 432-438) na qual cada membro tem suas atribuições particulares no governo do universo. Os anjos, e a sua própria criação, são proporcionados a um universo real[998]. Não há um universo imaginário.

E simplesmente se trata de saber se puros espíritos, que devem agir por via acidental sobre o espaço ou sobre o mundo material, podem ser coibidos de alguma maneira pela extensão deste espaço ou deste mundo; se eles podem abarcar, por exemplo, dois pontos extremos deste espaço e influenciá-los ao mesmo tempo como se as distâncias não existissem para eles.

Ou melhor, se os anjos devem se comportar mais ou menos como os seres materiais e como os seres mistos, que não podem atingir os extremos sem os intermediários e são obrigados a levar em conta a extensão dos corpos e do espaço[999].

546. – Parece-nos que esta questão se resolve com a própria noção de puro espírito.

O espírito, no nosso caso, só é puro enquanto não feito para informar substancialmente a matéria, sendo assim superior à alma humana, que tem "aderências" essenciais com um corpo, e que, por causa do corpo, está, ora mais ou ora menos, sujeita ao espaço e à extensão.

O puro espírito, como diz o próprio Suarez, **determina o seu lugar**, *não somente quanto à quantidade, mas também quanto à unidade do lugar*. O anjo compõe então seu lugar nos lugares que ele deseja influenciar, não além do que sua virtude e sua missão comportem. E este lugar assim especificado é um lugar apenas em relação ao anjo,

---

[998] Deus unamquanque creaturam fecit proportionatam universo quod facere disposuit (S. Tomás, 1 p., q. 56, a. II, ad 4[m]).

[999] A ação que têm os anjos sobre os lugares é comparável ao conhecimento que eles têm por serem puro espírito. *Ora, nulla distantia localis,* diz Santo Tomás*, impedit animae separatae cognitionem, et similiter nec Angeli... Ad eam (*locutionem angelorum*) nihil facit propinquitas vel distantia loci; et sic aequaliter a propínquo vel remoto Angelus locutionem Angeli percipit, illo modo quo Angelos in loco esse dicimus* (Q. 9, De veritate, art. 6).

mesmo havendo cem, duzentos ou mil lugares em relação a seres inferiores aos anjos.

A unidade do lugar angélico não é a mesma unidade do lugar dos corpos. O que determina um lugar do anjo é sua vontade e o simultâneo desdobramento de sua atividade sobre aquele lugar, como nos foi dito por Santo Tomás (nn. 542, 543). Ao passo que o que determina o lugar de um corpo é a unidade do tamanho deste corpo.

Assim, para completar a ideia de Suarez, como *a substância criada* angélica *não pode naturalmente estar unicamente no lugar de uma tal dimensão* – dimensão determinada pelo anjo segundo sua virtude, sua vontade e sua missão – *igualmente ela só pode estar num só lugar angélico*[1000].

547. – Mas, objetar-se-ia, se o anjo pode agir estando simultaneamente no Céu Empíreo e na terra, sua substância é, portanto, algo imenso!

Respondemos que "imensidade" é outra coisa. A imensidade ultrapassa não somente dois limites por mais distantes que estejam, mas todos os limites imagináveis. Suponhamos um número realmente infinito de mundos criados e colocados além do atual universo: a imensidade os incluiria necessariamente.

Mas, que uma criatura das mais perfeitas, no pequeno universo existente, atinja simultaneamente dois determinados lugares distantes um do outro, não existe nisto uma "imensidade" senão uma simples semelhança dela.

Mesmo assim pode-se dizer que o mais sublime dos anjos, podendo projetar sua influência sobre todo o universo atual e ao mesmo tempo sobre tudo, ele está ainda infinitamente distante da verdadeira imensidade, tanto quanto à natureza desta, quanto à extensão que ela pode alcançar.

Ora, esta "imensidade" seria a mais bela imagem natural da imensidade divina.

E seria melhor, parece-nos, encontrá-la no ser naturalmente mais perfeito depois de Deus, do que no espaço material, onde, livre de simplicidade, a natureza da imensidade não aparece nem mesmo na imagem e na semelhança.

[1000] Substantia angeli non est subdita loco ut contenta, sed est superior eo ut continens; unde in potestate ejus est apllicare se loco pront vult, vel per medium, vel sine médio... Locus angeli non accipitur ei aequalis secundum magnitudinem, sed secundum contactum virtutis. (S. Tomás, 1, q. 53, a. 2)

548. – Mas ainda. É possível conceber a unidade da substância angélica ocupando dois lugares separados, sem imaginá-la presente nos lugares intermediários?

A substância angélica não está submissa, de nenhuma maneira, aos corpos, aos espaços e às leis que os regem. A continuidade ou a descontinuidade dos lugares não é nada para ela. Que o espaço seja grande ou pequeno não importa nada para o anjo.

O anjo está, e age, onde quer estar e agir, uma vez que a sua natureza não vai além do papel que lhe está designado por sua natureza e por seu dever.

Então o anjo deve considerar o número e a importância dos seres que ele governa, porque é isto que tem em vista sua virtude limitada, bem como no seu ofício, mesmo que esses seres sejam vizinhos uns dos outros ou mesmo que estejam colocados em lugares distantes no universo, pois isto é insignificante para um puro espírito. Do contrário seria preciso dizer que a unidade de substância do anjo depende da continuidade dos lugares! Se o anjo não pode estar lá e aqui sem estar também no meio, então o anjo é algo estendido, ou pelo menos aquilo que se concebe como estendido. Neste caso, seria aplicar, de modo grosseiro, a noção que se tem dos corpos a um puro espírito!

Concebe-se que a alma humana deve estar presente simultaneamente na cabeça e nos pés do homem tanto quanto nas partes intermediárias, porque ela forma com o corpo um composto substancial. Como todo o corpo humano deve ser informado pela alma, é necessário que ela o ocupe por inteiro.

Mas o anjo é essencialmente todo livre de união substancial com os corpos. O anjo foi feito ministro de Deus para o governo de todos os corpos, por via acidental.

O próprio anjo determina, portanto, sua esfera de ação. Ou, se se pode falar assim, ele próprio forma seu corpo acidental[1001], não importa de quais corpos da natureza, segundo sua aptidão e as ordens que ele recebe. Qualquer corpo pode lhe estar presente tal como o corpo humano está presente na alma, pois não repugna ao anjo o estar presente em qualquer corpo uma vez que Deus certamente poderia criar os anjos sem criar a matéria[1002].

[1001] Spirituales creaturae... *corpora sua quaeque possident*, os corpos que eles governam acidentalmente. (S. Agostinho, *De libero arbítrio*, lib. 3, c. 11, n. 33).

[1002] Potuisset Deus angelos ante totam creaturam corporalem creasse, ut multi sancti doctores tenent. (S. Tomás, 1, p. q. 61, a. 4, ad 1^{m}).

Vê-se por aí a perfeição e a excelência dos anjos, considerados como *ministros de Deus*[1003]. É do alto que eles governam toda a matéria. Está ao seu alcance tudo o que eles querem, tudo o que eles devem governar.

As distâncias e os tamanhos materiais não se consideram senão para aquilo que é material ou está ligado à matéria. Mas Deus fez dos espíritos *seus mensageiros* (Salmo 103, 4).

Segundo ponto: Esta doutrina está de acordo com o ensinamento comum. – Os anjos agem enquanto glorificados.

I – Conformidade desta doutrina com o ensinamento comum da Igreja

549. – Assim escrevendo não contradizemos em nada os três pontos dados como certo pelos teólogos sobre esta matéria e que são, segundo o Cardeal Mazzella:

1º) o fato real da presença dos anjos em todos os lugares;

2º) sua não ubiquidade;

3º) sua faculdade de mudar de lugar, ou seja, de passar de um lugar a outro.[1004]

Mas, tudo isto deve ser entendido de uma maneira que seja conforme a natureza dos puros espíritos, como diz Santo Ambrósio a respeito dos serafins: "*O Serafim*, diz este grande Doutor, *passa de um lugar a outro porque ele não abarca todas as coisas. O Serafim desce por um movimento de acordo com sua natureza*".[1005]

Da mesma maneira, acrescentamos, o serafim está num lugar como um puro espírito.

550. - Ora, conforme entendemos de Santo Tomás (nn. 540-542) – e cremos que o Anjo da Escola ultrapassa de muito, nesta matéria, aqueles que não pensam como ele –, os puros espíritos não estão *nos* lugares, mas que eles *influenciam de alguma maneira esses lugares por sua virtude e por seus atos*.

Dizer que a substância do anjo está presente em tal lugar determinado e não em outro, é, cremos, atribuir implicitamente uma espé-

---

[1003] Nonne sunt omnes administratorii spiritus...? (Hebr. I, 14).

[1004] Mazzella, *De Deo oreante*, nn. 332 e seg.

[1005] *Seraphim de loco ad locum transit; non enim complet omnia. Seraphim descendit cum aliquo secundum naturam suam transitu*. (l. 1, *De Spir. S.,* c. 10).

cie de grandeza e de amplitude materiais que choca quando se trata de puro espírito.

Ao contrário, dizer que o anjo age aqui e não lá, é elevá-lo completamente acima das leis que regem localmente os corpos e, ao mesmo tempo, é dizer, o que é muito verdadeiro, que sua virtude é limitada. *As criaturas espirituais foram criadas tendo em vista as criaturas materiais* e esta relação consiste em que as criaturas espirituais **presidem a toda criatura material**..., **a toda natureza material** (1 p. q. 61, a. 4).

A substância angélica goza de uma absoluta transcendência sobre a matéria, sobre a extensão e sobre o espaço. Donde se segue que as comunicações sensíveis que têm os anjos com os lugares não são de atividade e de influência sobre esses lugares. Estes, relativamente aos anjos, são apenas passivos.

Portanto, dizer que os anjos estão presentes num determinado lugar devemos entender geralmente essa presença como sendo a ação que os anjos exercem sobre esses lugares, mas não, se é permitido falar assim, como a justaposição inerte e adequada dos puros espíritos à matéria: *Nenhuma substância incolor pode estar em um corpo ou num lugar, se não for por sua operação que nele produz algum efeito*[1006].

Poder-se-ia alegar que, para que o anjo opere num lugar é necessário que ele esteja lá.

Respondemos que ele está lá, porém não localmente. O anjo está como contendo e modificando tal lugar, o que não o impede de, ao mesmo tempo, conter e modificar um outro, segundo o grau de sua virtude, formando com um "lugar angélico", talvez muito maior do que aquele que imaginamos.

551. – Que os anjos não dispõem, portanto, de ubiquidade propriamente dita mostramos suficientemente no número 547. Entretanto tudo leva a crer que eles influenciam lugares mais extensos do que se pensa comumente. E isso em razão da perfeição de cada anjo.

O Cardeal Mazzella cita como exemplo de lugar proporcionado a um anjo, *uma casa, uma cidade ou mesmo uma província inteira* (L. c. n. 334).

[1006] Santo Tomás, citado por Mazzella (l. c., n. 323). Sustentar o contrário nos parece quase igual a dizer que os anjos se unem substancialmente aos corpos e aos lugares, o que ninguém admite. Entretanto, mesmo supondo isto, a coisa seria ainda ao menos duvidosa, de acordo com Santo Tomás, porque a alma humana é também uma *substância incorpórea*. (Ver adiante nn. 762, 763; 769-771; 830).

O teólogo Valencia nos agrada ainda mais: *Não é crível*, diz ele, *que um pequeno lugar material corresponda a cada anjo, mas é preferível pensar que cada anjo pode ocupar um vasto lugar no universo* (citado por Mazzella, n. 340), sem prejudicar ação que nele podem exercer outros anjos para fins diferentes.

Esta é a opinião de que nós participamos, pelas razões já expostas.

Também, sem cair na temeridade errônea de Durand, que admite a ubiquidade no universo atual, nós achamos que São Gabriel é o mais sublime de todos os anjos (nn. 521 e seg.), o único que pode agir amplamente nas partes mais distantes do universo, não abarcando todas de uma vez, porque é necessário atribuir-lhe o movimento: missus est, mas formando seu lugar adequado em quantidades de partes escolhidas onde ele quer, no conjunto dos seres que lhe são inferiores.

Os outros serafins, querubins e tronos parece que participam, com intensidade decrescente, nesta universalidade de ação sobre o universo.

552. – Falamos assim de acordo com esses princípios enunciados anteriormente. Com efeito, é *da lei comum*, diz Santo Tomás, que *os anjos administram não somente as coisas humanas, mas ainda todos os corpos* (n. 423).

É, pois, claro que o principal entre todos os anjos alcance amplamente, embora muitas vezes umas após outras, todas as partes do universo. Sua excelência parece exigir isto dele. *Como é natural que os seres materiais sejam movidos imediatamente, quanto ao lugar, pela natureza espiritual* ou angélica (ibid.), os anjos presidem, portanto, todos os lugares.

Neste caso podemos imaginar qual é a esfera de ação de um anjo supremo!

553. – *Os anjos administram toda criatura material como um agricultor cultiva a vegetação de seu campo* (n. 424)... *É razoável concluir que as substâncias imateriais ultrapassam em número quase incomparavelmente as substâncias materiais*.

Qual é, então, o campo do primeiro serafim, daquele que guia aqueles todos os corpos e todos os lugares? Quais são os espaços daquele que tem à sua mão, por assim dizer, os espíritos criados (n. 434)?

554. – *O que é comum a todas as ordens angélicas é que a excelência da ordem inferior esteja contida na excelência da ordem supe-*

rior[1007]*... O anjo superior recebe a noção da verdade numa espécie de concepção universal...; e a transmite a seus inferiores proporcionando-a a eles...; e robustece a capacidade intelectiva de seus subalternos*[1008].

O que todos os anjos fazem reunidos, sem o chefe, este poderia fazer sozinho, mediata ou imediatamente. Ele fortalece a todos: *confortando lumen naturale ipsius (angeli inferioris*)[1009]...

555. – Os anjos da segunda hierarquia têm uma ação universal sobre os corpos e sobre os espaços (nn. 453, 454).

Com mais razão é assim com os anjos da primeira hierarquia. E, em particular, com os da mais alta de todas.

Além disso, São Gabriel é particularmente o anjo da Encarnação e este grande mistério é o fim de todas as coisas (nn. 521, 528 e seg.). Tudo leva a crer, também, que este "chefe", o primeiro dos anjos, esteja investido de um papel que diz respeito à universalidade das coisas.

A Igreja Militante é formada segundo o modelo da Igreja Angélica. Ora, assim como o Papa estende sua autoridade sobre toda a Igreja que deve abarcar toda a terra, igualmente o chefe da Igreja é, de direito, o chefe de todos os homens.

Igualmente, e melhor ainda, o chefe dos anjos, sob as ordens de Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima, estende suas ações sobre todas as criaturas que lhe são inferiores. Puro espírito, e o mais perfeito dos espíritos criados, São Gabriel tem para isto uma aptidão incomparável.

Pode-se dizer, num certo sentido, que São Gabriel tem, de fato, tudo o que lhe cabe de direito. E, como na Igreja o vigário temporal de Nosso Senhor Jesus Cristo pode fazer diretamente, quando quiser, por si mesmo, aquilo que ele faz comumente por outros, assim também o supremo poder angélico pode agir diretamente, aqui e lá, em todo universo. E isto com a perfeição própria ao mais nobre dos espíritos angélicos.

556. – Que este anjo se mova também e mude de lugar é evidente.

Apenas acontece que, um anjo se mover e se deslocar, é antes de tudo mover e deslocar sua influência, conforme a doutrina de Santo Tomás (n. 550).

[1007] Suma Teológica 1 p., q. 108, a. 5, ad 6[m].
[1008] 1 p. q. 106, a. 1. Ver também n. 445.
[1009] Ibid. ad 2[m].

É ainda estender ou restringir sua influência, ou melhor, exercê-la ou suspendê-la. Quanto à substância angélica, ela é transcendente em relação aos lugares[1010].

É verdade que, *quando o anjo se move localmente ele aplica sua essência aos diversos lugares* onde ele deve se mover (S. Tomás, p. 1, q. 53, a. 2, ad 2^{m}). Mas, já vimos qual é a extensão e a condição destes lugares angélicos; lugares modelados, por assim dizer, pelo anjo, conforme a extensão de seu poder e de sua missão; lugares, por conseguinte, que podem ser de regiões as mais distantes no universo.

Isto em nada impede que as palavras do Evangelho sejam literalmente verdadeiras: *O Anjo Gabriel foi enviado por Deus há uma cidade da Galileia* (S. Lucas, I, 26)..., *o anjo veio à Maria* (Ibid. 28)..., *o Anjo se afastou dela* (Ibid. 38).

O anjo foi enviado *como era conveniente à sua natureza*, segundo a palavra de Santo Ambrósio (n. 549), *à cidade de Nazaré*. Mas esta cidade não formava, por si só, o lugar adequado do Serafim. *Ele aproximou-se de Maria;* e, a sua missão tendo terminado, *afastou-se dela*. Tudo se refere à ação exercida por São Gabriel e nada nos diz que a substância do anjo não esteve, ao mesmo tempo, no Céu Empíreo e na terra.

Além disto, parece claro que o anjo se apresentou à Virgem Maria sob forma humana. E, do ponto de vista desta forma, animada sem dúvida pelo anjo, não há nada que não seja literal e adequadamente verdadeiro na narração evangélica.

557. – Até aqui consideramos apenas os anjos, especialmente São Gabriel, na relação de sua natureza ou de suas propriedades naturais com os lugares e espaços.

Sob este ponto de vista, restrito, nossa tese ainda poderia oferecer dificuldades se confrontada com certas passagens de Santo Tomás e com certas sentenças de muitos Padres da Igreja.

Não podendo abarcar toda esta questão sem sair de nosso âmbito, restringimo-nos a expor um argumento teológico e a mostrar, ao concluir, que os anjos, depois de sua glorificação, agem especificamente

---

1010 *Anima et quaelibet incorporalis substantia, quantum est de sui natura, non est obligata alicui loco; sed trascendit totum ordinem corporalium*... (Suma Teológica, *q. una de anima*, art. 21). Os corpos, acrescenta o santo doutor, não têm a virtude de reter e de assumir as substâncias espirituais, a menos que Deus as utilize para punir os espíritos culpados, o que acontece no inferno onde o fogo serve de prisão aos demônios e às almas condenadas. Que espíritos puros e almas humanas se *liguem* a corpos, a lugares, a um espaço, sem governá-los, é o castigo dos condenados! (Ver também *Contra Gentiles*, l. 4, c. 90; e *De Veritate*, q. 26, art. 1).

no plano sobrenatural, o que torna nossa opinião cada vez mais digna de crédito.

558. – O Cardeal Franzelin[1011], a propósito da existência sacramental do corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, tratou superiormente bem desta questão, como também quase tudo escrito por ele.

O modo de presença do corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, diz ele, *é em tudo análogo ao modo de presença dos espíritos e não podemos concebê-lo diversamente e explicar senão conforme esta analogia... É necessário insistir sobre esta maneira de conceber o mistério eucarístico... Esta presença deve ser concebida como alguma coisa espiritual e eminentemente superior às leis físicas que regem a matéria... Há, por assim dizer, uma esfera divina sobrenatural mecânica, em virtude da qual um corpo é libertado de suas relações naturais com o lugar e com o espaço, e imita, na maneira de manifestar sua presença, o modo de existir dos espíritos*[1012].

Foi São Paulo quem indicou este ponto de vista quando fala do corpo humano: *É semeado um corpo animal, ressuscitará um corpo espiritual. Como está escrito: O primeiro homem, Adão, feito alma vivente; o último Adão, espírito vivificante* (1a. Cor. XV, 44, 45).

Nosso Senhor Jesus Cristo havia dito, antes de São Paulo, a propósito da Eucaristia: *As palavras que vos tenho dito são espírito e vida* (S. João, VI, 64).

559. – Ora, o que observamos de especial no corpo eucarístico de nosso Salvador? Aquilo que está por inteiro em cada partícula da hóstia dividida, inteiro e sempre o mesmo, está no Céu e em todos os lugares descontínuos da terra onde se encontra o Santíssimo.

Ele ocupa todos os espaços intermediários? Não! Esta necessidade de ocupar os espaços intermediários só está concernida àquilo que está sujeito às leis dos lugares e dos corpos[1013], mas não ao que está livremente acima e que governa, como regente, as coisas materiais e naturais.

A alma gloriosa de Nosso Senhor Jesus Cristo pode multiplicar indefinidamente no universo a presença de seu Corpo, este Corpo permanecendo sempre único e o mesmo.

O que se multiplica, neste caso, não é o Corpo de Cristo, *mas somente suas relações com o lugar e com o espaço*.

[1011] Johannes Baptist **Franzelin** (Nascido em Aldein, no Tirol, 15 de abril de 1816; morto em Roma, 11 de dezembro de 1886) foi um teólogo e cardeal jesuíta.

[1012] Franzelin, *De Sacram. Euchar.* (Thes. XI, III).

[1013] Ou o que, sendo espiritual como a alma humana não foi glorificada, é feito naturalmente para animar um corpo.

Como podemos ver, são os lugares e os espaços que se adaptam às exigências da alma e do seu corpo glorioso. As coisas independentes do lugar e das relações naturais com o espaço não podem se multiplicar, por elas mesmas nestes casos, mas conservam sua perfeita unidade de singularidade em sua presença multiplicada, onde quer que esta presença se encontra.[1014]

560. – Tiramos agora a conclusão destas premissas.

O corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo está presente, simultaneamente, em um número indefinido de lugares, inclusive de lugares muito distantes uns dos outros, sem ocupar os espaços intermediários uma vez que, ressuscitado e glorioso, Ele imita o modo de ser dos espíritos relativamente aos lugares e ao espaço.

Como é natural aos espíritos – sobretudo aos anjos, que não têm nenhuma união substancial com a matéria, e sobretudo particularmente ao mais sublime dos serafins – eles podem multiplicar sua presença nos lugares, onde quer que esses lugares se encontrem, sem outra regra senão sua vontade sempre reta, o grau de sua virtude e a extensão de sua missão.

E, considerando que no caso se refere a apenas a dois lugares, a residência de São Gabriel no Céu Empíreo e a casa da Santíssima Virgem em Nazaré, parece-nos que isto deve ampliar muito pouco a esfera de ação do mais nobre dos espíritos criados.

II. Os anjos atuam enquanto gloriosos Filhos de Deus

561. – Acrescentemos, enfim, que os anjos, após sua confirmação em graça, agem sobrenaturalmente e, mais ainda, como espíritos gloriosos.

Ora, todos os autores que parecem recusar aos anjos a faculdade de unir, na sua influência, lugares distantes sem englobar os lugares intermediários, excetuam o caso em que esses espíritos agem sobrenaturalmente, como instrumentos de Deus todo poderoso.[1015]

Pois bem, desde antes da criação do homem, os fiéis espíritos criados deixaram de ser apenas anjos para serem irrevogavelmente filhos adotivos de Deus e habitantes da morada da glória.

Por que, então, supor que eles ajam apenas de acordo com suas forças naturais?

[1014] Franzelin, 1. Cit. n. IV. Ver também acima, n. 31f3-317.

[1015] Ver Suarez, *De Angelis*, 1. IV, cap. X, n. 2; Mazzella, *De Deo creante*, n. 341.

Essa forma de comportamento seria digna de compreensão? Estaria ela de acordo com a felicidade essencial e com a felicidade acidental deles?

Na verdade, os afortunados habitantes do Céu Empíreo não descem mais a este modo natural, inferior, de operar, pois todo seu ser foi elevado não somente a uma ordem superior, que é o sobrenatural, mas também à ordem mais elevada, que é o estado de visão intuitiva de Deus, e à perfeição mais completa possível do que é finito.

Depois de todas estas considerações, parece-nos que não se pode mais duvidar da veracidade da tese que sustentamos.[1016]

562. - Ó! Como o universo material é belo com seus milhares de mundos, com sua grandeza que desconserta a imaginação dos mortais, com sua imensa harmonia!

Como o universo material é belo, dizemos, e como ele é inteligível se, com os olhos da Fé, nós o considerarmos governado pelos anjos gloriosos que, do alto do Céu Empíreo, sem que seja necessário abandonar sua morada habitual, podem atendê-lo em todas as suas partes. Por assim dizer, eles o dividem não em regiões diversas à maneira dos monarcas terrenos, mas em áreas de influências diferentes.

Cada anjo, por sua virtude específica e própria a ele, preside a virtude particular da ordem física. E todos os anjos governam assim, sob as ordens de Deus, de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima, todas as formas que são as "almas" da matéria!

Aos serafins compete irradiar o amor divino, que é o fim último de todas as energias criadas.

Aos querubins, propagar a ciência que ensina, de uma certa maneira, a todas as coisas como atingir esse fim.

Aos tronos, comunicar e assegurar a força e a estabilidade necessárias para alcançarem esse fim, segundo a destinação final de cada ser.

Tais são os primeiros motores finais do universo. Eles não atingem imediatamente todas as coisas, mas somente o que querem fazer por si mesmos, segundo as conveniências que eles leem no plano divino. O resto eles o fazem por seus subalternos, porque todos os anjos, embora em graus diferentes, amam a Deus, conhece Deus e a Ele estão fortemente unidos.

[1016] Que os anjos podem agir em diversos lugares ao mesmo tempo, sem ocupar os lugares intermediários.

Contudo a influência dos primeiros motores angélicos, direta ou indiretamente, é universal (n. 554).

A influência das Dominações, das Virtudes e das Potestades tem também algo de universal, porém mais circunscrita, por assim dizer, aos anjos inferiores e aos mundos móveis.

Os anjos da terceira hierarquia (Principados, Arcanjos e Anjhos) têm, respectivamente, esferas de ação ainda menores (n. 446 e nn. 449 e seg.).

563. – O lugar ordinário dos anjos gloriosos é o Céu Empíreo. *Os anjos, quando não agem fora*, diz o Cardeal Mazzella, *estão no Céu Empíreo como em sua localidade própria, presidindo toda a natureza material e desdobrando sua ação operativa a fim de estar imediatamente prontos para executar as ordens divinas*[1017]. Governando o Céu Empíreo material, os anjos governam por isso mesmo todos os mundos e todos os seres móveis que caminham no vasto Céu Empíreo em virtude de suas influências (nn. 334 e seg.). Entretanto, seja se deslocando realmente, seja permanecendo em sua morada celeste, os anjos podem, como vimos, exercer sua ação nos diversos pontos do universo móvel, na matéria, na extensão e no espaço, sendo impossível colocar limites para a radiação de puros espíritos glorificados.

564. – De tudo isto, concluímos:

1º) que os anjos superiores, sem cessar de serem *assistentes*, podem também desempenhar diversas missões junto aos mortais e nos diversos lugares da criação, não somente porque Deus está em toda parte, não somente porque todo ato dos anjos gloriosos, notadamente dos mais elevados, é um ato de louvor e de glorificação de Deus, mas ainda porque estes espíritos criam, por si próprios, sua esfera de influência, impondo suas leis aos corpos e aos espaços, sem se submeter a eles;

2º) que as harmonias da natureza visível, consideradas no seu conjunto e em cada uma de suas partes, são um reflexo da felicidade acidental dos anjos, que produzem esta ordem e que alegram em assim pregar a todos os seres os atributos divinos;

3º) que os próprios corpos, após a gloriosa ressurreição, imitam o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, tornando, segundo a palavra de São Paulo, *corpos espirituais*, realizando no universo uma ação análoga a dos anjos, sob o império de sua alma, graças a sua claridade, a sua agilidade, a sua subtileza e a sua impassibilidade.

[1017] *De Deo creante*, n. 326, fim da segunda nota.

Ó! quanta glória, quanto poder, quanta felicidade, que maravilhosas belezas, Deus prepara no Céu a seus eleitos!

Capítulo IV: Os anjos da guarda segundo Santo Agostinho e Santo Tomás – A felicidade acidental que os anjos da guarda desfrutam na realização de seus ministérios

---

Primeiro ponto: os anjos da guarda do universo material

565. – Todos os anjos *foram criados*, como já vimos (n. 548, 1ª. nota, n. 550), *com relações que os unem à criatura material* e, com maior razão, à criatura racional no período de prova. É por isto que julgamos que o próprio Lúcifer e os anjos que com ele se revoltaram eram guardas ou motores parciais do Céu Empíreo, quando este primeiro céu era móvel (nn. 417 e seg.). Sua prevaricação e a glorificação dos santos anjos modificaram profundamente o universo.

O Céu Empíreo tornou-se imóvel, e glorioso, para servir de habitação conveniente aos anjos que se tornaram impecáveis.

O inferno foi criado, estabelecido no centro do caos e incapaz de vir a ser céu, para servir de prisão eterna aos espíritos eternamente obstinados e incapazes de nada governar em conformidade com o plano divino.

Os outros materiais do Caos foram empregados na formação do universo móvel, do novo Empíreo móvel e do novo céu em movimento, para o uso das criaturas racionais inferiores aos anjos. É o universo itinerante, como os seres para o qual eles foram feitos, e que também estão esperando ser fixados e glorificados, a confirmação em graça e a ressurreição dos novos Filhos de Deus.

Dessa forma nós não temos necessidade de perguntar o porquê, por exemplo, Santo Agostinho, Suarez e outros autores herdaram ministérios deixados vagos pelos anjos rebeldes, de vez que os ministérios mudaram com a nova condição do universo.

566. – Os santos *anjos, que representam toda a Igreja Triunfante*[1018], mantêm o Céu Empíreo na sua estabilidade, dirigem as influências sobre os mundos que se movimentam, os quais são as suas primeiras causas motoras materiais (n. 356 e os nns. precedentes, 336..., 350...). Em seguida, por suas influências e por suas ações diretas sobre

[1018] Quo nomine (angeli) generali, universa illa superna civitas nuncupatur. (S. Agostinho, *De Genesi ad litt.*, lib. V, cap. 19, n. 37).

as formas do universo móvel, os anjos governam este, particularmente a humanidade e a Igreja Militante, conforme as vias do criador.

Como ministros de Deus, os anjos circundam todo o inferno e todos os condenados com barreiras de fogo indestrutíveis e os regem, inclusive Lúcifer e seus demônios. Estes espíritos perversos não podem mais ter acesso à *corte fortificada do Imperador celeste. Os desertores do exército celeste não podem mais exercer seu roubo no Céu Empíreo*!

Embora constantemente cercados de montanhas de chamas, os demônios têm uma certa liberdade de excursão aos mundos móveis. Entretanto eles jamais têm a audácia de se aproximar da Jerusalém Celeste. *Eles a evitam como a um suplício*[1019]. A *luz da glória* seria para eles uma pira como as chamas infernais. Sua iniquidade urraria com ela mais horrivelmente do que com as chamas de fogo criadas para o pecado.

Além disto, os santos anjos *fortificam* de tal forma *a corte do Imperador Celeste* que nenhum condenado tem a tentação de se avançar contra ela.

Os condenados giram nas profundezas do abismo[1020] pela atração que exerce sobre eles a ausência de bem, mas também, e principalmente, pela repulsão que recebem das altas regiões onde o bem reina como mestre, onde Deus e seus anjos fiéis não toleram nada de mal.

567. – Os santos anjos dominam também os maus espíritos que, por permissão de Deus, vagueiam no universo móvel. *Aos anjos dos céus*, diz Santo agostinho, *foram atribuídos poderes sobre as potestades do ar, nas quais é preciso procurar as causas do que acontece aqui embaixo. Pois eles seguem a lei fixa, a lei eterna, a lei que ordena sem escrita, sem sílabas, sem ruído, a lei sempre imutável e estável. Os anjos seguem esta lei com coração puro e fazem de acordo com ela tudo o que acontece aqui embaixo. Todos os poderes, desde os mais sublimes até os ínfimos, estão ordenados segundo esta lei. E, se os poderes dos céus mais elevados são governados pelo Verbo de Deus, com quanto mais razão o são os poderes inferiores e terrestres? Então aos maus espíritos não resta senão o desejo de os prejudicar*[1021].

[1019] S. Agostinho, *Confissões*, l. 7, cap. 21: Ubi non latrocinantur qui caelestem militiam deseruerunt; vitant enim eam sicut supplicium.

[1020] Incipient dicere montibus: cadite super nos. (Luc., XXIII, 30)

[1021] *Enarr. in Ps. 103*, serm. 4, n. 9.

Os maus espíritos desejam perder o homem, destruir a Igreja, subverter a natureza, transformar a obra de Deus num caos parecido com aquele que é sua habitação forçada e eterna. Mas, se é verdade que *o desejo dos pecadores está destinado a perecer* (Salmo 111, v. 10), também é verdadeiro que ele se transforma num suplício para eles. Os demônios pagam caro a liberdade, temporária e circunscrita, de agir na natureza móvel. É conveniente que eles vejam com raiva a ordem mantida pelos anjos fiéis e apareçam como **joguetes** dos bons espíritos, dos homens amigos de Nosso Senhor Jesus Cristo, e inclusive da matéria, cujas leis os desafiam e os afrontam. Quantos tormentos para estes soberbos! Cada uma de suas excursões na natureza é uma multidão de novas derrotas.

Se eles fazem mal aos homens pervertidos, é porque estes o querem. E assim estas naturezas sublimes dependem, mesmo nisto, da vontade de seres fracos e mortais. Além disto eles não podem até mesmo seviciar, segundo Santo Agostinho, sem receber cada vez a permissão de Deus e dos anjos bons. E, neste caso, eles não são mais do que meros instrumentos da cólera de Deus que quer castigar os pecadores. Ou do amor divino que quer aperfeiçoar os justos. É uma afrontosa alternava: ficar imóvel no inferno ou sair para promover a ordem. Tal é a sorte de satanás! *Ele foi feito para ser um joguete... aquilo que parece ser sua glória é sua condenação.*[1022]

Tal é também a sorte de todos os demônios.

568. – Não somente os demônios, mas todo o universo está submetido aos anjos bem-aventurados. *As boníssimas, santas e sublimes criaturas dos poderes celestes e supercelestes são tão grandes que somente Deus as comanda e todo universo lhes está submetido... À sociedade angélica foi dado o poder de abranger todas as coisas pelos ministérios que lhes são próprios, ministérios que não podem falhar quanto à ordenação das coisas... Não é, entretanto, por sua majestade que a sociedade dos anjos abrange tudo, mas pela atração de sua majestade e pela sua devotíssima observância das ordens daquele pelo qual, segundo qual e no qual todas as coisas foram feitas*[1023].

Todo o universo obedece aos santos anjos. *Seu ofício próprio é o de assumir todas as coisas e mantê-las na ordem*. O Céu Empíreo material é, portanto, mantido pelos santos anjos na sua multidão, é sus-

---

1022 Sic est fictus ut illudatur... quae tibi videtur ejus gloriatio, damnatio est (S. Agostinho, ibid.)

1023 Santo Agostinho, *De libero arb*. 1. 3, cap. 11, n. 33.

tentado por eles e é sua habitação específica, não apenas por ser glorioso e nem porque nele os anjos contemplam a Deus, mas ainda porque eles agem principalmente sobre o Céu Empíreo para alcançar e governar o universo que circula em seu interior (nn. 21 e seg.; 25; 208 e seg.; 245 e seg.; 334 e seg.; 550 e seg.).

As habitações de Deus, dos anjos e dos outros bem-aventurados têm pouca semelhança com as habitações que têm os homens na terra.

Estas contêm seus habitantes. Aquelas convêm a reis verdadeiros, que dominam a natureza e que nelas estabelecem suas esferas de influência.

Estas esferas são habitações particulares no sentido de que elas se "alegram" da presença e da ação destes seus habitantes. Santo Agostinho as denomina de "*esferas de habitação celeste"*: *Parece-me*, diz ele, *que os anjos têm uma certa habitação celeste; lá eles levam uma vida de alegrias inefáveis; lá reinam a imortalidade e a incorruptibilidade; lá todas as coisas existem perpetuamente, segundo o dom e a graça de Deus;* é o eterno império do sobrenatural e da glória; este império **é a parte superior das coisas.**[1024]

Segue-se daí que todo universo móvel é, por assim dizer, um "apêndice" da Jerusalém Celeste, o qual, pelo movimento que a ele é transmitido de cima, tudo ao redor se modifica sem cessar, até que, após a glorificação completa de todos os Amigos de Deus, também ele seja glorificado e assim seja dado ao Céu Empíreo a sua extensão interior definitiva.

Eis porque os habitantes celestes, que, no cumprimento de seus ministérios, sempre têm em vista os fins últimos das coisas e governam com tanto amor os seres móveis.

569. – A suprema "ambição" dos habitantes celestes é completar a Igreja racional e a Igreja material do Criador.

A Igreja racional, presidida por Nosso Senhor Jesus Cristo e por Maria Santíssima que, sendo consagrada a Deus pela graça de adoção ou pela glória, é excelentemente, em vários graus, o Templo e o Trono de Deus (nn. 209 e seg.; 239-247),[1025] o que forma, ou está destinado a formar, os Céus dos Céus. Quer dizer o Empíreo inteligente e amante.

A Igreja material, é a composta da matéria que já atingiu o seu fim último e daquela que vai alcançar sua glorificação final. Ela foi

---

[1024] S. Agostinho, Enarr. jn psal. 85, n. 17.

[1025] Certe, quod manifestum est, in Angelis habitat Deus... Ipsa congregatio Angelorum templum Dei est... Ecclesia deorsum et Eclesia sursum: Ecclesia deorsum in omnibus fidelibus, Ecclesia sursum in omnibus Angelis. Sed descendit ad Ecclesiam deorsum Dominus Angelorum, et ei Angeli in terra ministraverunt ministrante nobis. (S. Agostinho, Enarrat. In psal. 137, n. 4)

criada, primordialmente, para servir aos seres racionais submetidos à prova e fazê-los ver Deus em suas obras, inclusive nos seus sentidos corporais e nas faculdades secundárias do homem ressuscitado.

No governo das coisas também os anjos observam constantemente o ideal que terminará por se realizar inteiramente e que lhes serve de regra.

Os anjos só podem prover o bem transitório de um ser na medida em que os fins gerais o permitem. *O poder angélico que preside um ser se comporta diferentemente conforme ele o considere, por assim dizer, como seu direito privado*, ou como seu ofício em relação ao ser a ele confiado, *ou ainda, que ele deve agir como ministro do bem universal.*

A universalidade prevalece sobre a parte e o anjo pode prover para o bem do ser confiado aos seus cuidados somente na medida em que a lei da universalidade o permitir. Mas todo espírito... tem uma piedade para com a criatura tanto mais elevada quanto menos apegada ela está ao seu fato particular, e mais ele defende a lei da universalidade e se conforma com ela com mais devoção e prazer. Pois a lei da universalidade é a sabedoria divina[1026].

Esta submissão dos anjos à ordem universal e aos fins últimos das coisas e das pessoas, no período da prova, explica os defeitos aparentes que se pode notar na natureza e nas sociedades humanas.

Como Deus quer a prova e as *dores do parto* (nn. 323 e seg.) como vestibular para a Jerusalém Celeste, os santos anjos estão satisfeitos com ela e não podem evitar aquilo que Deus quer.

Então os anjos bons toleram, até certo ponto, *o joio no campo do Pai de família* (S. Mateus, XIII, 29). *Em suas ações os anjos se regulam conforme o agrado de Deus.* [1027]

570. – Não é, pois, necessário que o espetáculo da natureza e da sociedade, por certas particularidades que nos desagradam, nos leve a pensar que os santos anjos fazem pouca coisa.

Na realidade, *toda natureza material está submetida aos anjos e a Deus.*[1028] *Toda coisa visível neste mundo tem um poder angélico preposto à sua guarda, como certas passagens da Sagrada Escritura o testemunham.*[1029] *Às diversas coisas da sabedoria divina foram prepostos diversos governadores; ... São os santos doutores que ensinam*

[1026] Santo Agostinho, *De Div. quaest.* 83, q. 79, n. 1.
[1027] Santo Tomás, 1 p. q. 113, a. 8.
[1028] Santo Agostinho, *De Gen. ad litt*. c. 24.
[1029] Id. De diversis quaest. 83, q. 79, n. 1

que as diversas substâncias espirituais presidem as coisas materiais..., embora cada anjo, inclusive o menor, tenha uma virtude superior e mais universal do que qualquer gênero de coisas materiais[1030].

De nenhuma maneira esta guarda rebaixa os habitantes celestes porque ela não os ocupa por inteiro. Pois, como dissemos, eles dirigem suas coisas ou suas pessoas com vistas à universalidade. E quem pode nos dizer o número de relações que qualquer ser tem com a universalidade dos seres?

Se um pedregulho lançado no oceano acaba deslocando todas as suas águas, segundo o pensamento de Pascal, o menor ser da natureza tem, de certa forma, relações com todos os seres do universo.

E assim cada ser, por menor que seja, ele se torna, para quem o conhece bem, extremamente grande.

Além disso cada ser é nobre pois é uma criatura de Deus. E caminha, à sua maneira, para a Jerusalém Celeste (nn. 323 e seg.), o que causa verdadeiro contentamento aos santos anjos.

Enfim quantas maravilhas no menor dos seres! Maravilhas que ultrapassam e confundem todos os sábios, mas que o olhar angélico capta nas suas causas, em seu conjunto e em seus fins, admirando a obra do poder e da sabedoria infinitas, e se relacionando, ao cuidar de um ser, com todos os felizes guardiões dos outros seres.

571. – *Cada coisa visível neste mundo tem um poder angélico preposto a sua guarda*!

Como essas coisas visíveis são, portanto, preciosas!

Mas, sobretudo admirável é a introdução universal da Igreja Triunfante no universo móvel e na Igreja Militante! Introdução pouco visível aos olhos da pura razão, mas ultra visível aos olhos da Fé. Por falta de visão clara, a razão se sente oprimida pela quantidade e profundidade dos mistérios da natureza.

Ao contrário, *o homem espiritual*, o homem de Fé, julgando todas as coisas (1ª Cor. II, 15) à luz dos mais altos princípios facilmente se dá conta das energias e dos fenômenos que se oferecem a seus olhos.

572. – *Neste mundo visível*, diz São Gregório, Papa, *nada pode ser disposto a não ser para a criatura invisível... Entendemos por criatura invisível os santos anjos e as almas dos justos...*

Assim como Deus Todo Poderoso, ajudando com seu sopro ou completando com ele os seres racionais, vivifica e move os seres invi-

[1030] Santo Tomás. p. 1 q. 110, a. 1, ad. 3m.

síveis, assim os seres invisíveis, por sua vez, enchem, movem e revivem corpos de carne e outros corpos visíveis[1031].

O que há de mais íntimo nos seres que se oferecem à nossa observação são suas formas ou seus princípios ativos naturais, que agem imediatamente sobre a matéria que a eles está associada.

Mas, não tendo neles próprios sua razão suficiente, e não vendo além do que sua natureza comporta, e uma vez que os fins de todas as coisas são o sobrenatural e a glória, eles necessitam também de motores e de reguladores. Somente as influências da natureza não lhes são suficientes, porque ela própria é dirigida.

Então, nós nos encontramos em face da necessidade de seres gloriosos e de Deus. E é necessário concluir que a Igreja Triunfante penetra e invade todo universo móvel. Que fermento de renovação e glorificação!

Sobre quão nobres fundamentos está posta a ordem natural que contemplamos!

573. – *A causa das coisas, que faz e por nada é feita*, diz Santo Agostinho, *é Deus*.

Mas as outras causas são feitas e fazem, como todas as almas e sobretudo os espíritos.

Quanto às causas materiais, que são feitas mais do que elas fazem, deveríamos, pois, classificá-las entre as causas eficientes, porque só fazem o que as vontades espirituais fazem por meio delas[1032].

Ora, como limitado é o poder do homem viajante sobre os acontecimentos, sobre os elementos, sobre o espaço, e sobre os astros! E, portanto, *vontades espirituais* regem e dirigem tudo o que aí é feito.

Ó Santos Anjos, é a vós que devemos atribuir, depois de Deus, a constância e a ordem da natureza. Vós presidis todas as tendências e todos os movimentos naturais.

E, isto constatado, as maravilhas da criação não mais nos surpreendem. Certamente seria surpreendente que os imortais glorificados não soubessem e nada pudessem fazer que nos ultrapasse.

Portanto, tudo aquilo que no conjunto dos seres está acima de nossas concepções e de nossas forças nos indica a presença dos habitantes do Céu Empíreo e nos põe em contato com a Jerusalém Celeste, que condescende em descer até nós sob a forma natural: *Vi a cidade santa... descendo do Céu (Apoc. XXI, 2)*.

[1031] S. Gregório, *Dialog.* l.4, cap. VI.
[1032] *De Civit. Dei*, l. 5, cap. 9, n. 4.

É um convite à fé, que salva!

Segundo ponto: os anjos guardiães da humanidade viajante

574. – O universo material, irracional, foi feito para as criaturas que podem conhecer e amar a Deus (nn. 289; 293, 294; 318 e seg.).

Portanto ele é governado, dirigido, influenciado pelos anjos, de maneira que ele serve a criatura racional segundo os diversos estados dela (327).

O universo material, móvel, será glorificado para habitação dos bem-aventurados. É o Céu Empíreo.

Mas, antes de ser glorificado, ele é móvel, mutável, provado, pelos homens postos à prova, porque a casa é para o habitante e não os habitantes para a casa.

575. – Daí se segue que os anjos da guarda do universo material móvel consultam sem cessar, no cumprimento de suas funções, os interesses dos seres racionais que buscam seu fim. *A guarda dos anjos*, diz Santo Tomás, *é uma maneira de execução da ordem providencial e divina relativa ao homem... Ora, é claro que a Providência divina consagra seus cuidados principalmente aos seres cuja duração é perpétua. Quanto às coisas transitórias a Divina Providência se limita a ordenar os seres perenes (*1 p. q. 113, a. 2). Ou seja, a dirigi-los de maneira que eles sirvam convenientemente os seres dotados de razão.

Todo universo transformante está, portanto, subordinado ao destino do ser racional.

576. – Não ignoramos que certos incrédulos se escandalizam desta afirmação: "Qual!, dizem eles, os milhões de mundos e o espaço infinito, foram feitos para o homem? Ó, absurdo! É como dizer que o oceano foi feito para algumas ervas marinhas! E a atmosfera, tão grande, para os insetos; a imensidade, para aquilo que não é nada"!

Parai, ó incrédulos! Seu escândalo mostra sua estranha pequenez. Sua recusa da Fé cortou as asas de sua inteligência e não consegue ir além da pequenez do homem.

É verdade, sim ou não, que, mesmo na prova do exílio, o espírito humano leva seus pensamentos além desta imensidade que vos espanta? Que a imaginação humana, ainda imperfeita que seja, voa acima de todos esses mundos flutuantes que nos confundem?

E, se o homem faz tais atos quando está apenas no estado inicial, o que ele fará quando voar livremente nos campos dos céus glorifica-

dos, como uma águia adulta que desenvolveu todas as suas faculdades? Então não será maior do que tudo quanto é material?

O homem reinará sobre a matéria!

Ó, o Criador, que conhece o homem, digna obra de suas mãos, trata-o segundo seu destino final e, desde agora, faz servi-lo todas as coisas que, na eternidade, devem servi-lo. Onde está, pois, o escândalo? Ó espíritos estreitados pelo livre pensamento!

Se a vossos olhos nada há melhor do que a extensão e as massas materiais, então vosso terreno, que é maior do que vós, bem como vossa besta de carga, que pesa mais do que vós, valem mais do que vós! E vós fostes feito para eles, não eles para voz!

Que Deus nos preserve da atrofia do livre pensamento!...

Além disto, se criaturas racionais vierem a conquistar e habitar outros astros, ainda assim esses astros serão para elas como a terra é para nós, pois todos os astros foram feitos para as criaturas inteligentes.

577. – Portanto, é principalmente para nós que os anjos agem na natureza. Sob esse ponto de vista geral, todos os anjos são, de alguma maneira, nossos anjos da guarda.

Mas, ademais, cada um de nós, justo ou pecador, foi confiado à guarda de um anjo particular, que é seu anjo da guara: *Singulis hominibus singuli angeli ad custodiam deputantur* (S. Tomás, ibid).

Tanto as crianças quantos os homens têm seu companheiro celeste: *Não desprezeis um só destes pequeninos,* disse o salvador*, pois vos declaro que os seus anjos nos céus veem incessantemente a face de meu Pai, que está nos céus* (S. Mateus, XVII, 10).

O filho da Igreja Militante está em conexão direta com os membros da Igreja Triunfante. Do ponto de vista desta conexão ele é grande, nobre e poderoso.

É grande a dignidade das almas, disse São Jerônimo, *porque cada uma delas tem, após o nascimento, um anjo preposto à sua guarda... Constantemente os anjos oferecem a Deus as orações daqueles que devem ser salvos por Nosso Senhor Jesus Cristo; portanto é prejudicial desprezar aquele cujos desejos são levados a Deus, eterno e invisível, pelos bons ofícios e pelo ministério dos anjos*[1033].

578. – Quais são os principais efeitos da guarda dos anjos?

Os principais efeitos da guarda dos anjos estão condensados nesta bela passagem do Êxodo: *Eis que vos enviarei o meu anjo, que vá*

[1033] S. Agostinho, *In Matth. XVIII*, l. 2, *Comment*.

diante de ti e vos guarde pelo caminho, e vos introduza no lugar que preparei.

Respeita-o, e ouve a sua voz, e vês que não o desprezes; porque ele não vos perdoará se pecares, e o meu nome está nele.

Se ouvires a sua voz, e fizerdes tudo o que vos digo, eu serei inimigo dos vossos inimigos, e eu afligirei os que vos afligem. E o meu anjo caminhará adiante de vós (Êxodo, XXIII, 20-28).

579. – *O Anjo é enviado diante de nós*! O Pai Celeste é tão bom que não descuida nem mesmo de um pássaro (S. Lucas, 6). E tem por nós, *que valemos muito mais do que aos pássaros*, um cuidado tão minucioso que *todos os cabelos de nossa cabeça estão contados* (Ibid. 7).

Ora, é sobretudo pelos anjos que Deus nos assiste e nos protege: *O nome de Deus está no anjo da guarda*.

O nome indica a coisa nomeada. Quando o nome de Deus está em alguém, Deus, bem como seus múltiplos atributos e suas diversas operações estão nele e agem por ele. A bondade de Deus, sua sabedoria, sua misericórdia, seu poder, sua justiça, sua santidade, sua providência, se exercem pelo ministro divino no qual está o nome de Deus.

Ó nobreza dos anjos da guarda!

Ó felicidade do homem que é guardado pelos anjos!

580. – Nosso bom anjo da guarda anda diante de nós para nos preparar um caminho seguro. Ele nos sugere santos pensamentos, excita-nos ao bem, proporciona-nos ocasiões de os praticar, nos repreende, exorta-nos e nos instrui[1034].

O anjo da guarda caminha diante de nós junto a Deus oferecendo a Ele nossas preces e nossas boas obras, acrescentando suas próprias preces e ainda tornando mais eficazes as nossas orações (Tobias, XII; Apoc. VIII).

O anjo da guarda nos ajuda a obter do Céu todas as graças, que são os princípios de todo bem.

E dispõe, para nossas pessoas, as coisas e os acontecimentos de maneira que possamos realizar nossa finalidade temporal e alcançar o nosso fim eterno.

581. – *O anjo nos guarda no caminho*, velando por nossa saúde corporal, por nossa inocência, pelo nosso arrependimento se estamos em pecado; combatendo nossos inimigos espirituais e materiais; go-

[1034] Mazzella, *De Deo creante*, n. 451. Ver também Gênesis XVIII; Judite XIII, Atos V, VIII, X; S. Mateus I, 20; II, 13, etc. etc.

vernando os seres da natureza de maneira que eles nos sejam úteis e não nos prejudiquem em nada, como nas histórias de Tobias, de Jacó, de Daniel e tantos outros.

582. – *O anjo da guarda nos faz entrar na terra que nos está preparada*, conduzindo-nos à Fé, à Igreja, ao nosso estado de vida, ao grau de perfeição que desejamos, à nossa morada no céu.

583. – *Ele só não nos perdoa quando pecamos* por causa de nosso endurecimento no pecado porque, nesse caso, a impunidade seria nosso pior mal.

O castigo amigo e misericordioso, destinado a nos reconduzir à ordem, ao dever e à felicidade, é neste caso a melhor ajuda que nos pode ser prestada.[1035]

584. - Exporemos agora alguns pensamentos que nos parecem importantes, extraídos de Santo Agostinho e de Santo Tomás.

A ordem conveniente de nossa profissão de fé, diz o grande Bispo de Hipona, explicando o Símbolo, *exige que imediatamente após a Santíssima Trindade nós colocamos a Igreja, passando a ser sua casa e não apenas habitantes; de Deus, a seu Templo; do Criador, a sua cidade. A Igreja aqui deve ser tomada em toda sua integridade e em sua extensão, não somente a parte que peregrina na terra* (Igreja Militante), *mas mais ainda a parte que está nos céus e que, depois de sua criação, sempre esteve unida a Deus. Esta* (Igreja Triunfante), *sempre feliz, é composta pelos santos anjos e ajuda convenientemente sua parte caminhante, porque uma e outra terão a mesma sorte eterna, e elas constituem, desde agora, uma só Igreja, unida por sua caridade, e instituída para adorar o mesmo Deus* (*Enchiridion*, cap. 56).

A criatura racional, aperfeiçoada pelo sobrenatural e formando a Igreja de Deus, é o que há de maior e mais nobre depois das três Pessoas divinas.

E é a mais bela mansão de Deus, seu tempo mais santo, sua cidade mais rica, depois da qual o Céu Empíreo material, por mais glorioso que seja, é uma sombra ou um reflexo.

Os diversos membros desta Igreja estão ligados entre si pela caridade, de maneira que os felizes membros da Igreja Triunfante cuidam dos membros da Igreja Militante, e estes invocam e honram os primeiros.

Como a Igreja é grande! E como ela é bela!

[1035] Ver em Cornélio: l. *P. in Exod.*, c. 23, v. 20, os diversos casos em que os anjos socorreram os homens, segundo a Sagrada Escritura. *O anjo da guarda de cada pessoa*, acrescenta este autor, *se comporta da mesma maneira*.

O universo todo, glorificado ou móvel, é o campo onde se desdobra a Igreja inteligente de Nosso Senhor Jesus Cristo.

585. – *Para se adquirir o supremo bem da bem-aventurança, necessitamos que os anjos nos favoreçam com sua sincera benevolência, em nada visem fazer de nós seus súditos, mas que eles nos anunciem Aquele sob o governo do qual devemos ser associados a Ele na paz.*[1036]

Tudo o que Deus tirou do nada Ele faz convergir para a saúde e a glorificação dos seres racionais.

E cada coisa, mediata ou imediatamente, trabalha nesta grande obra segundo sua capacidade e sua finalidade[1037].

Agora, os anjos fiéis, como seres inteligentes, como glorificados, como dignos executores do plano divino, podem nos prestar, sob esse ponto de vista, grandes serviços.

E Deus, que não quer nada inútil no local da perfeição, exige que os anjos utilizem sua capacidade a nosso respeito e que nós recorramos a seus bons ofícios.

Assim Deus honra as causas segundas e obriga à caridade, a mais divina das virtudes, todos os membros de sua Igreja.

Por esta razão, os anjos não nos tratam como servidores, mas como irmãos e futuros iguais. Toda sua missão a nosso respeito visa penetrar em nós, tanto quanto possível, as influências divinas, para que, elevados enfim a seu nível, constituamos com eles uma só sociedade sempre feliz.

Para isso, os santos anjos desejam principalmente nos iluminar.

586. – Santo Agostinho designa os anjos como *órgãos do Céu*: *Deus enviou à terra os órgãos do céu, quer dizer, os anjos celestes, pelos quais as revelações divinas são-nos ordinariamente manifestadas.*[1038]

É pelos anjos que Deus costuma comunicar-se com o universo móvel, e, notadamente, à humanidade viajante.

Também nossos ancestrais na Fé *receberam a lei pelo ministério dos Anjos* (Atos, VII, 53), antes que, na plenitude dos tempos, *Deus nos falasse por seu Filho, que foi feito herdeiro de todas as coisas* (Hebreus, I,2).

[1036] Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, l. 10, c. 26.

[1037] *Todos os seres participam da Providência*. (São Dionísio, *Hierarquia Celeste*, c. 4. n. 1).

[1038] *Annot. In Job*, 38, até o fim.

O que levou São Dionísio a dizer: *Deus comunica primeiro aos anjos a sua ilustração da qual eles nos transmitem as luzes. Assim a Lei, como prova a teologia, é cuidada por meio dos anjos* (Gal., III, 19). E*, tanto antes como depois da Lei, os anjos guiaram para Deus nossos ilustres pais* (Atos, VII, 53), *às vezes lhes prescrevendo sua conduta* (Gênesis, XXII, 12); *às vezes, os erros de uma vida profana, trazendo-os de volta ao caminho da verdade* (Atos, X, 3); *às vezes manifestando-lhes como intérpretes* (Dan. VII, 6); *às vezes, as ordens sagradas* (Ibid. 10); *ou as visões secretas dos mistérios sobrenaturais* (2. Cor. XII, 2); *às vezes, as predições divinas*[1039].

587. – *A guarda dos anjos*, diz Santo Tomás, *tem por fim esclarecer-nos a* verdadeira *ciência, que é o fim último e principal de seu ministério a nosso respeito*[1040] e eles nos esclarecem de duas maneiras, *propondo-nos a verdade inteligível sob imagens sensíveis* para proporcioná-la à nossa capacidade. Ou, fortificando nossa inteligência para o contato de seu vigoroso espírito, eles mesmos contribuem, em parte, para nos dar a Fé.

O movimento interior da vontade, que nos leva a crer, nos vem somente de Deus, aperfeiçoando nosso livre-arbítrio. Mas a apresentação à nossa inteligência das verdades para serem acreditadas é feita pelos apóstolos humanos *e principalmente pelos anjos*. *– A razão natural do homem provém imediatamente de Deus, mas ela pode ser fortificada pelo anjo*.

Quando o homem contempla o espetáculo da natureza e raciocina de acordo com as impressões que recebeu, *a verdade que aparece à sua mente é tanto mais elevada* e mais sublime *quanto mais forte é sua inteligência*. Assim *é o anjo fortifica o homem para o fazê-lo atingir mais perfeitamente, por meio das criaturas visíveis, o conhecimento de Deus.*

E esta ajuda pode ser ultra real *sem que o homem perceba.*[1041]

588. – Oh! existe hoje no mundo uma ciência vã por causa da orgulhosa loucura de prescindir do sobrenatural!

São vaidosos todos os homens, sobretudo os ditos sábios, *que não tomam por base de sua ciência o conhecimento de Deus*: *in quibus non subest scientia Dei;* e *que, vendo os bens finitos, não chegam a conhecer a existência dAquele que é o bem supremo, e que,*

[1039] S. Mateus, II, 13; S. Dionísio, *Hierarquia Celeste*, c. 4, n. 2.
[1040] P. 1, q. 113, a. 5, ad 2m.
[1041] P. 1, q. 111, a. 1.

mesmo considerando as suas obras, não reconhecem quem é o seu autor (Sab., XIII, 1).

Em vez de se julgarem homens de gênio, eles deveriam lamentar a fragilidade de suas concepções, que os condenam a se arrastarem.

A verdade que aparece ao espírito do observador da natureza é muito mais poderosa. Se, pois, nem Deus, nem os anjos, aparecem à vista de sua inteligência, seus talentos estão longe de igualar aos do vulgo e eles se colocam, apesar de sua cultura e sua erudição, na base da sociedade humana.[1042]

Pertencem a esta categoria de pessoas aquelas que têm muito mais memória do que julgamento. Se elas tivessem Fé como se engrandeceria rapidamente! Os primeiros princípios viriam fecundar sua inteligência viva e cultivada, embora desviada e apressada. O sobrenatural lhes daria o que mais lhes falta. Deus, com sua graça, fortificaria sua vontade; os anjos fariam afluir verdades ao seu espírito, que seria endireitado, e dariam à sua inteligência uma força maravilhosa para compreender estas verdades e as aprofundar.

Homens de estudo, homens de ciência, a devoção aos anjos da guarda é uma grande fonte para vós. Não a negligenciem!

589. – Além da instrução, os Anjos da Guarda prestam-nos todos os tipos de outros serviços.

A guarda dos anjos *tem um grande número de outros efeitos, por exemplo, afastar os demônios e impedir tudo que será prejudicial ao nosso corpo e à nossa alma.*[1043]

Os anjos amam nossas almas que, sendo espíritos, são parecidas com eles; que foram criadas à imagem e semelhança de Deus; que são da mesma natureza da alma de Nosso Senhor Jesus Cristo, o governante de toda criação; que têm o mesmo destino eterno como o dos anjos; que servem de transição entre o mundo dos espíritos e o mundo dos corpos,[1044] e que, desta maneira, resumem nelas todo o universo.

Os anjos amam também nosso corpo, na formação do qual provavelmente contribuíram quando formava o corpo de Adão;[1045] e na renovação dos quais eles também contribuirão, no dia da Ressurreição[1046].

[1042] Mesmo que alguém pareça perfeito entre os filhos dos homens, ele será considerado NADA se a sua Sabedoria, ó Deus, estiver ausente dele (Sab., IX, 6). Estima-se demasiado os talentos mal orientados.

[1043] Santo Tomás, p. 1, q. 113, a. 5, ad 2m.

[1044] Porque, embora essencialmente espirituais, elas foram criadas para estarem substancialmente unidas ao corpo, do qual elas são a FORMA.

[1045] Ibid. 1 p. q. 91, a. 2, ad 1m.

[1046] Ibid. et q. 110, a. 4, ad 1m.

Aos olhos dos anjos nossos corpos são *templos do Espírito Santo*[1047], membros de *Nosso Senhor Jesus Cristo*[1048], as obras-primas mais perfeitas da ordem material presidida por eles, as causas finais mais diretas da existência dos mundos móveis e de sua futura glorificação.

590. – Os anjos da guarda do universo e os da guarda dos homens também nos consideram como os principais objetos, depois de Deus, de seu amor. Os primeiros governam a natureza com vistas à criatura racional posta à prova e os outros seguem passo-a-passo, ou melhor, presidem e protegem cada uma das criaturas racionais.

Sustentamos também que nos corpos móveis do universo os anjos operam um grande número de efeitos que não pode se explicar pelas ações naturais dos corpos, nem mesmo pelas simples influências dos corpos celestes.

Por exemplo, a seca e a chuva causadas pelas orações de Santo Elias,[1049] as pragas do Egito, os milagres que se operaram na morte do Salvador, e uma infinidade de outros casos.

É, pois, necessário admitir que os anjos presidem imediatamente não somente os corpos celestes, mas também os corpos inferiores.[1050]

Quando a natureza é propícia, a terra é fértil, o ar é bom, são os anjos que regem as coisas segundo o sorriso divino.

E quando os elementos da natureza estão convulsionados e as pragas são desencadeadas, é a ira de Deus que, pelos anjos, se desata sobre as criaturas culpadas.

Os juízos de Deus sobre os diversos reinos e sobre as diversas pessoas são executados pelos anjos e, em suas ações, eles procedem conforme à vontade divina.[1051]

591. – Ó, Santos Anjos, por que pensamos tão pouco em vós? Vós preencheis a natureza.

E na sociedade humana vós sois mais numerosos que os homens, porque certas pessoas mais distintas têm muitos anjos da guarda e mesmo as coisas materiais nos fazem perder de vista a sua presença prestativa ... neste lugar de prova!

Toda a Jerusalém Celeste ora por nós! Nossos futuros concidadãos, os anjos gloriosos, nos acompanham amigavelmente.

Porque não os invocar com frequência e com mais fervor?

[1047] 1ª. Cor. VI, 19.
[1048] Ibid. 15.
[1049] Tiago, V, 17, 18.
[1050] S. Tomás, 1 p. q. 110, a. 1, ad 2m.
[1051] Q. 113, a. 7.

Por suas orações Deus realiza milagres a nosso favor[1052], se soubermos merecer um pouco melhor sua afeição. Mas, helás! por causa de nossos esquecimentos, de nossas distrações, de nossas faltas, obrigamos, com frequência, nossos celestes companheiros a nos castigar, quando eles só querem nos recompensar.

É verdade que, segundo Santo Tomás, a felicidade dos anjos em nada é prejudicada pelos pecados dos homens e pelas punições infligidas aos pecadores (Q. 118, a.7). Mas cremos poder dizer que a afirmação do grande Doutor se refere à felicidade essencial dos anjos e não à sua felicidade acidental. Esta, pensamos, seria maior para eles se, no lugar da suprema justiça que pune, eles pudessem aplicar somente a misericórdia, que perdoa, e a bondade, que espalha benefícios agradáveis.

Bons autores, com razão, também nos recomendam a *não contristar nossos anjos da guarda*.

592. – Pode-se perguntar se os anjos, postos à nossa guarda durante todo o tempo da nossa vida terrena, estão como exilados, durante todo esse tempo, da Jerusalém Celeste material, o que pareceria ser um grande inconveniente.

Respondemos com Santo Tomás: *Se bem que o anjo por vezes abandona a pessoa que lhe está confiada, localmente falando, porém não no que diz respeito ao cuidado que tem com ela, porque, mesmo estando no Paraíso Celeste, o anjo sabe o que está acontecendo em relação ao seu protegido e não tem necessidade de lapso de tempo para atravessar as distâncias, pois num instante ele pode se encontrar na terra.*[1053]

Ademais, já vimos que um anjo pode influenciar, simultaneamente, dois ou muitos lugares, por mais distantes que eles estejam (n. 544 e seg.).

Assim, mesmo quanto a isto, devemos dizer que as relações entre o Céu Empíreo e nosso globo são contínuas.

593. – A que hierarquia e a que coro pertencem os anjos da guarda?

Há muitas coisas a serem ditas sobre este ponto. Mas, por motivo de brevidade, diremos apenas duas palavras.

É provável que anjos mais elevados sejam delegados à guarda de pessoas predestinadas por Deus a mais alto grau de glória[1054]. Contudo, os serafins, os querubins e os tronos, se bem que às vezes eles re-

[1052] Santo Tomás, 1. p. q. 110, a. 1, ad 1m.
[1053] Ibid. a. 6, ad 3m.
[1054] Ibid. a. 3, ad 1m.

cebam missões a cumprir (nn. 504 e seg.), eles não devem ser incluídos no número dos anjos da guarda.[1055] Sua missão é mais universal e mais nobre. Eles são, por assim dizer, os modelos matriciais espirituais, doutores, e defensores da Verdade, que, como tais, não são necessariamente encarregados de cuidados particulares.

O amor divino, a ciência de Deus e a inabalável união com Deus são os objetos principais de seus cuidados, com as homenagens que Eles prestam assiduamente ao Rei dos reis.

Terceiro ponto: Felicidade acidental dos anjos da guarda do universo e dos anjos da guarda dos homens, no cumprimento de suas funções

594. – À primeira vista pode parecer que não é praticável a condição desses espíritos que, por mais felizes que eles sejam, graças à visão intuitiva de Deus, estejam, entretanto, ligados ao governo do sol, da lua, das estrelas, do éter, da atmosfera, dos homens, dos animais, das plantas, dos minerais... Para puros espíritos imortais esta via parece singularmente pouco digna e monótona.

Mas, se considerarmos este assunto à luz de uma razão mais iluminada, e especialmente à luz da fé, rapidamente mudaremos esse modo de ver e entenderemos a felicidade desses espíritos sublimes.

595. – De início consideremos o universo móvel, incluindo também o Céu Empíreo como mergulhado nele, no imenso oceano da divindade.

Tudo existe ou navega, em Deus, a beleza eterna e essencial; na Trindade, a harmonia suprema; no Ser por si mesmo, a perfeição infinita e a própria beatitude.

Ora, em um tal meio, qual pode ser a vida destas criaturas que não têm mais prova a se submeter e que desfrutam, tanto quanto seu

---

[1055] Há autores que pensam que São Rafael não era o anjo da guarda de Tobias, mas um enviado celeste extraordinário. Além disto, autoridades sérias dizem que Maria Santíssima teve, desde seu nascimento, São Rafael como anjo da guarda, um dos príncipes da corte celeste, que assistem diante do Trono de Deus. O padre Just. Mieckrow (*Conferências sobre as Ladainhas da Santíssima Virgem*, 380ª Conferência II), cita em apoio desta opinião, Santo Ildefonso, Eusébio de Nissa, São Pedro Damião e São Bernardo. "*Era, com efeito, de toda conveniência, acrescenta ele, que esta gloriosa Virgem, que deveria ser a mãe de Deus, não fosse confiada, durante sua vida, à guarda de um anjo comum, mas aos cuidados assíduos de um dos sete principais, de um daqueles que está acima de todos os outros da corte celeste. É assim que Nosso Senhor Jesus Cristo a confiou do alto da Cruz um de seus principais discípulos, aquele que ele mais amava*". Longe de nós contrariar esta opinião. Dizemos, ao contrário, que a exceção confirma a regra. Está na ordem, a nossos olhos, que a Mãe de Deus, a futura Rainha dos Anjos e de todo o universo, tenha sido guardada, durante sua peregrinação, pelo mais elevado dos serafins.

ser engrandecido pela glória possa comportar, de todas as excelências divina?

Na verdade, quaisquer que sejam suas operações secundárias, os anjos estão sempre envolvidos do Bem infinito, e, desde então, encontram necessariamente sua felicidade em fazer tudo o que fazem.

A felicidade é a satisfação plena e inteira do ser que a experimenta. Ela não pode existir adequadamente senão de acordo com o tipo de ocupação deste ser.

Assim, a andorinha que choca seus ovos fica feliz em sua pequena prisão voluntária. Ela que é a "livre filha dos ares". Ela jejua, emagrece, mas se sente mais feliz no ninho, graças ao amor, do que em suas "excursões aéreas".

O que dizer então dos santos anjos, que são incapazes de sofrer, que têm um amor incomparavelmente mais intenso do que o de todos os seres móveis, que desejam os seres que lhes são confiados com vistas à glorificação final do universo e das criaturas racionais que foram salvas, que podem mudar de lugar segundo seu bel-prazer, e inclusive reunir sob sua influência lugares muito distanciados (nn. 544 e seg.)?

596. – Em outras palavras, como vimos (n. 434), os anjos são de tal maneira numerosos que *eles ultrapassam inteiramente todo tipo de multidão e toda a multidão material*.

Por conseguinte, os anjos da guarda desfrutam continuamente da inumerável sociedade de seus companheiros disseminados em todo o universo móvel.

Enquanto estou falando com um amigo, seu anjo fala com o meu e com os vários anjos do lugar, sejam pessoas ou coisas, não sendo atrapalhados por obstáculos materiais, que são completamente dominados por espíritos cada vez mais glorificados, forma-se entre eles a mais amável e mais feliz sociedade.

Além disto, superiores às distâncias e ao espaço, como eles o são, sua sociedade cresce com tudo aquilo que dirigem, as estrelas, a atmosfera, éter.

Ou melhor, tudo isto forma uma única sociedade com todos os anjos do universo móvel e do Céu Empíreo.

Vê-se por aí como os anjos da guarda podem ser felizes, de uma felicidade acidental, no cumprimento de seus ministérios.

Sua felicidade essencial é para eles uma fonte inesgotável de toda felicidade secundária.

597. – Mas, há mais. Independente da felicidade que os anjos têm como membros da inumerável sociedade da qual participam, eles encontram as mais puras alegrias nas funções que lhes são próprias.

Assim os serafins, os querubins e os tronos, que são também guardiões do universo no seu sentido mais geral e mais elevado, obtêm, sem cessar, em Nosso Senhor Jesus Cristo e em Maria Santíssima, as luzes necessárias para o governo do universo móvel. Eles transmitem essas luzes à segunda hierarquia, que se ocupa imediatamente da alta direção das coisas (nn. 446, 453, 454).

Daí acontece que, *até o dia do Juízo, os supremos anjos recebem, sempre, algumas novas revelações divinas sobre a disposição do mundo e particularmente sobre a salvação dos predestinados.*[1056]

Cada anjo tem, portanto, o duplo prazer de sempre conhecer melhor o plano divino e sempre melhor ensiná-lo a seus inferiores.

Os anjos têm as alegrias tão puras das mais altas inteligências e dos maiores corações, que possuem de modo abundante das fontes primeiras e que alimentam, em seguida, aqueles a quem devem instruir e dirigir o comum dos mortais.[1057]

598. – À primeira vista, pareceria-nos que os anjos da guarda do homem viajante, cuidando de seres racionais, deveriam ser superiores aos anjos que governa os astros e o conjunto do universo móvel material.

Mas, se considerarmos melhor esta questão, não nos custará ver que as Dominações, as Virtudes e as Potestades, ao governar o universo material, desempenham também o papel de anjos da guarda superiores em relação à humanidade.

As Dominações escolhem, entre os anjos que lhe estão submissos, para, na sociedade humana e na natureza, serem os agentes mais próprios para executar o plano providencial.

As Virtudes alimentam e dirigem todas as energias destes agentes e de outros seres aos quais elas presidem.

As potestades determinam o modo de realização do que está prescrito e impedem a perturbação da ordem (nn. 446, 453).

[1056] Santo Tomás, p. 1, q. 106, a. 4, ad 3^{m}.

[1057] Dizendo que os anjos da primeira hierarquia transmitem suas luzes à segunda hierarquia, que se ocupa imediatamente da alta direção das coisas, falamos de acordo com São Dionísio e Santo Tomás. Mas cremos já ter demonstrado, anteriormente, de modo suficiente, que os querubins têm a alta direção do universo móvel (nn. 272-276). Por isto eles recebem, sem dúvida dos serafins, iluminações plenas de amor, e, a seu turno, iluminam os tronos, as dominações, as virtudes, etc. É preciso entender também nesse sentido o que, no número seguinte, dizemos sobre esta questão.

Quem não vê? Estes anjos são-nos mais úteis do que aqueles que nos acompanham passo-a-passo.

Pois, se eles dirigem os grandes corpos da natureza, se eles presidem as forças físicas, se eles fazem de modo que os efeitos se produzam convenientemente, se eles impedem a desordem, é pela criatura racional que fazem tudo isso.

E isso não é todo o seu trabalho, uma vez que presidem também nossos "guardas intermediários", e que, do alto, eles velam também por nós.

Então, toda excelência que há nos anjos da guarda os anjos que dirigem os grandes corpos da natureza têm também. Mas com alguma coisa a mais. Eles têm uma virtude mais elevada, mais forte e mais geral.

Suas alegrias são semelhantes a dos anjos da primeira e hierarquia: encher-se com o bem, na fonte, que está imediatamente superior a eles, para comunicá-lo aos que estão abaixo.

599. – Observemos, ainda, que o universo móvel, governado pelos anjos, visa dois fins, que são:

– servir para engendrar os eleitos; e
– prepará-los para glorificação final, para completar, depois do julgamento, a Jerusalém Celeste material.

Ora, é uma grande alegria para esses bons espíritos dirigir as causas gerais de maneira que elas produzam esses efeitos tão importantes:

– contribuir poderosamente para aumentar, sem cessar, o número dos adoradores de Deus e dos membros da sociedade celeste;
– favorecer a fecundidade de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua Igreja;
– fazer pregar os atributos divinos a toda a natureza e em convertê-la numa escola de verdadeira ciência e de verdadeira piedade;
– governar as criaturas irracionais de maneira que elas retornem à união e se associem ao Céu Empíreo, como outrora o Empíreo móvel estava fixado no estado glorioso, graças ao trabalho e à perseverança dos anjos bons (nn. 417, 418 e seg.).

Que missão plena de encantos! E como ela é fértil para nós em vantagens de toda sorte!

600. – Aqui na terra são os homens expoentes que:

– tornam a pátria grande e forte,
– fazem-na ser temida e admirada fora,
– tornam-na próspera e feliz internamente,

– fazem leis excelentes,
– são temidos unicamente pelos maus,
– conferem os cargos apenas às pessoas capazes e conscienciosas,
– procuram em tudo o bem moral e material,
– e impedem toda desordem.

Por isto estes homens são realmente mais úteis a cada particular do que aqueles que só cuidam dos interesses pessoais e exercem uma pequena influência.

Igualmente, e de modo melhor ainda, os anjos da segunda hierarquia têm um cuidado universal e são universalmente benfazejos. Eles são guardas mais nobres do que os outros, e desfrutam do bem tanto quanto mais o generalizam.

601. – Querendo saber de uma maneira ainda mais detalhada em que consiste a felicidade acidental dos anjos da guarda, consultamos Santo Agostinho e Santo Tomás.

A alegria dos anjos pode ser aumentada com a salvação daqueles que estão confiados a seu ministério, segundo esta palavra de São Lucas: Eu vos digo que haverá júbilo entre os anjos de Deus por um pecador que faz penitência (Luc., XV, 10).

Mas esta alegria pertence a sua recompensa acidental, o que pode ser acrescida até o dia do julgamento[1058].

Nosso Senhor Jesus Cristo não morreu para os anjos, diz santo Agostinho, *e, entretanto, tudo que há de humano, redimido e libertado do mal por sua morte, aproveita também aos anjos, retornando de alguma maneira em graça com eles, depois das inimizades que os pecados puseram entre os homens e os anjos.*

Em outras palavras, as perdas feitas à sociedade angélica, com a queda dos demônios*, foram reparadas pelos homens resgatados*[1059].

Os anjos e os homens, diz ainda Santo Agostinho, *formam uma única sociedade* viva *de Deus*, *um só sacrifício vivo e divino, um só templo vivo de Deus:*

– *uma só cidade* viva *de Deus*, porque Deus habita mais particularmente, por suas influências de escolha, nos seus eleitos angélicos e humanos do que nas coisas materiais, que não recebem na sua glorificação influências menos nobres,
– *um só sacrifício vivo e divino*, porque esta sociedade inteligente e santa se inflama sem cessar de amor a Deus e à sua

[1058] 1 p. q. 62, a. 9, ad. 3m.
[1059] *Enchir*. c. 61

glória. E ela própria se considera, com contentamento, como um holocausto perpétuo que se oferece ao Deus infinito, mas, contente de existir para louvar a Deus do que dele se desfrutar;

– *um só templo vivo de Deus*: Deus é ele próprio seu templo infinitamente santo e infinitamente digno dele.

Mas, há ainda um templo vivo, que é sua perfeita imagem, que recebe as suas melhores influências, que O enche de sua mais pura glória, que é composto por Nosso Senhor Jesus Cristo, Homem, por seu Corpo Místico, por Maria Santíssima, pelos anjos e pelos justos que fazem parte da humanidade (nn. 208 e seg.): anjos e homens constituem um só templo vivo consagrado ao verdadeiro Deus, porque eles fazem um só corpo social do qual Nosso Senhor Jesus Cristo é a cabeça e a vida.

Este templo, formado pelos anjos e pelos homens (um só corpo social do qual Nosso Senhor Jesus Cristo é a cabeça e a vida) se constitui, por assim dizer, de três naves:

– a do meio, maior e mais alta, que é a Igreja Triunfante;

– a da direita, que é a Igreja Padecente;

– e a da esquerda, que é a Igreja Militante.

Esta última, diz Santo Agostinho, *compõe-se das pessoas mortais na terra, e que devem se unir aos anjos imortais*[1060].

602. – Vê-se por aí *que os ministérios dos anjos são úteis aos anjos bem-aventurados e que eles constituem uma certa parte de sua bem-aventurança*, não somente porque *é próprio dos seres perfeitos, enquanto perfeitos, expandir aos outros a perfeição que eles possuem.*[1061] Mas é também porque são competentes e aperfeiçoam sua sociedade, bem como pelo que deve pertencer como reino à sua sociedade. Por exemplo, a Jerusalém Celeste material.

Deus não tem necessidade de mensageiros e de ministros porque Ele sabe tudo e pode tudo. *Deus tem, portanto, mensageiros por nós e por eles, porque obedecer a Deus e assistir, de maneira a consultá-lo sobre o bem dos inferiores, a executar seus preceitos divinos e suas ordens é um bem para eles, é um bem conforme a sua própria natureza e à sua substância*[1062].

Como espíritos, os anjos foram criados superiores à matéria e capaz de dominá-la.

[1060] *A Cidade de Deus*, l. 12, cap. 9, n. 2.

[1061] Santo Tomás, p. 1 q. 62, a. 9, ad. 2m.

[1062] Santo Tomás, *De Gen. ad litt*., lib. 5, cap. 19, n. 37 .

Como espíritos gloriosos, os anjos têm todas as aptidões para servir a Deus, pronta e fielmente, tanto na ordem da natureza quanto na ordem sobrenatural.

Por conseguinte, governando o universo móvel e guardando as criaturas racionais que viajam para sua finalidade, eles se alegram em exercer sua atividade segundo as tendências que se encontram em seu ser.

603. – Nos anjos o desejo mais ardente é servir a Deus como Ele quer ser servido, porque eles o amam muito mais do que a si próprios, por causa de sua excelência inefável e porque Deus é a fonte inesgotável da felicidade de que desfrutam.

Ora, os anjos sabem que Deus quer elevar ao nível deles, pela largueza de sua graça, os membros místicos e humanos de seu Filho Único[1063]...

Os anjos sabem que Deus nos prometeu tornar-nos iguais a eles (Luc., XX, 36).

Porém, *os anjos, presentemente, não têm sede* de felicidade *como nós* ...; *eles têm a abundância da verdade, da luz, da imensa sabedoria. Eles são felizes; e de uma tão grande beatitude, do alto da cidade, que é a Jerusalém Celeste, longe da qual nós agora caminhamos. Por isto, eles nos consideram, a nós, viajantes, e têm piedade de nós.*

E, por ordem do Senhor, eles nos socorrem a fim de que retornemos à esta Pátria comum, e que nos saciemos enfim com eles na fonte divina da verdade e da eternidade[1064]...

*Todos os anjos... e as sublimes virtudes... nos ajudam na proporção de sua sublimidade (*pro sua sublimitate*), conformando-se com a vontade de Deus, que, por nós, até mesmo se dignou enviar à terra seu Filho único.*[1065]

Cremos que os boníssimos anjos e seus excelsos ministérios divinos têm como fim principal o de nos fazer amar a Deus, como eles.[1066]

604. – Se os justos da terra só se contentam se conformarem cada uma de suas ações com a pura intenção de agradar a Deus, o que dizer dos anjos gloriosos que estão confirmados na perfeição?

Se, para um São Paulo, *viver é estar em Cristo* (Filip. I, 21), com mais forte razão para os imortais *viver é estar em Deus*. Seu supremo

---

[1063] Santo Agostinho, *in Joan. Tratc*. 110, n. 6.
[1064] Santo Agostinho, *Enarrat. in psalm*. 62, n. 6.
[1065] Id. *De divers. quaest.* 83, 67, 7.
[1066] Id. *De Vera Religione*, cap. 55, n. 110.

princípio de ação é o próprio Ato, a própria Vida, o Amor substancial e infinito.

Tudo o que os anjos fazem tem por primeiro princípio a caridade que têm por Deus. E daí então eles querem, por sua bem-aventurança, imitar a Deus, a Nosso senhor Jesus Cristo e à Maria Santíssima.

A Deus*, porque Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu seu Filho Unigênito a fim de que todo aquele que crer nele não pereça, mas tenha a vida eterna* (Jo., 3, 16).

A Nosso Senhor Jesus Cristo porque Ele *nos amou e se entregou a si mesmo por nós em ablação a Deus e em hóstia de suave odor* (Ef. 5, 2).

À Maria Santíssima, porque Ele existiu unicamente para seu Filho e por nós (nn. 171 e seg.).

Tais são também as disposições do santos anjos a nosso respeito, que eles assistem habitualmente junto a Deus, ou governam o conjunto da natureza, guardando a nós, ou dirigindo em atenção a nós os seres que nos são inferiores e que devem nos servir.

605. – *É manifesto*, diz ainda Santo Agostinho, *que o preceito que nos obriga a amar nosso próximo, obriga-nos também aos santos anjos, que nos prestam tantos serviços de misericórdia, como é fácil ver num grande número de passagens das divinas Escrituras*.

E como não agiriam eles assim, *depois que o próprio Homem-Deus, Nosso Senhor, quis passar por ser nosso próximo? Pois Jesus Cristo, Nosso Senhor, é, por Ele próprio, significado neste samaritano "que socorreu o homem despojado, coberto de feridas e deixado semimorto por ladrões" (São Lucas, X, 30-35).*

Deus exerce sobre nós sua misericórdia devido à sua bondade. Mas nós devemos praticar essa virtude, uns com os outros, por causa da bondade de Deus.

Ou seja, Deus tem piedade de nós para que nós gostemos dele e para termos piedade uns dos outros a fim de nos ajudar a desfrutar dEle.[1067]

Os espíritos bem-aventurados se saciam sem medida no oceano da bondade divina e nós somos seus próximos.

O que se segue daí?

É justo que, estabelecidos nas celestes moradas, imortais e felizes, participem, em conjunto, da alegria de seu Senhor *e Criador, cuja eternidade os consolidam, cuja verdade os livra de toda incerteza,*

[1067] *De Doctrina Christ*. l. 1, c. 30, n. 33.

cuja graça os torna santos. É justo, dizemos nós, *que os anjos*, se bem compartilhados, *nos curam misericordiosamente, nós, mortais e miseráveis, a fim de que participemos também da imortalidade e da felicidade...*

Porque nós formamos com eles uma só Cidade de Deus, ... da qual somos a parte viandante, e eles são a parte ajudante.[1068]

606. – Agora, os anjos observam o preceito da caridade com tanto mais alegria quanto mais eles, no Céu, participam da caridade.

E também porque eles são impelidos pela excelência de sua natureza a fazer o bem, à semelhança de Deus, de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima.

Todas as criaturas, diz Santo Tomás, *tem certa participação na bondade divina, que consiste em repartir com os outros os bens que elas têm; pois pertence à essência do bem o comunicá-lo aos outros.*

E daí vem que inclusive os agentes materiais infundem sua semelhança nos outros, desde que isso seja possível.

Por conseguinte, quanto mais agentes participem, por sua perfeição, da Bondade divina, mais eles se esforçam em comunicar a outrem, conforme a medida do possível, suas perfeições.

Também São Pedro dá esta recomendação àqueles que participam, pela graça, da divina bondade: "que cada um de vós se ponha ao serviço dos outros segundo o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus" (1ª IV, 10).

Donde, com maior razão, os santos anjos, que participam plenissimamente da bondade de Deus, prodigalizarem a seus inferiores tudo aquilo que recebem de Deus.

Todavia, estes dons são recebidos pelos inferiores, devido à menor capacidade destes, *tão excelentemente de modo a levá-los a uma situação mais elevada.*[1069]

607. – Nosso Senhor Jesus Cristo disse: *É mais ventura dar do que receber*[1070].

Pois bem, os Santos Anjos *dão tudo o que recebe de Deus a seus inferiores*, na medida que estes possam receber.

Como é, portanto, tão grande a caridade dos santos anjos!

E como são felizes em exercê-la!

[1068] Id *A Cidade de Deus*, livr. 10, cap. 7.

[1069] P. 1, q. 106, art. 4.

[1070] Atos XX, 35. Actus ministerii quo Angeli ministrant AD PERFECTIONEM GLORIAE IPSORUM PERTINET; cum per hoc máxime ad Dei similitudinem pertingant, quod Dei cooperatores efficiuntur, ut Dionysius dicit. (S. Tomás, Livr. II, Dist. V, q. 2, art. 2)

Como eles imitam seu Deus, que no Céu se dá também todo inteiro às suas criaturas racionais, embora estas, sendo finitas, têm que se limitar a encher sua capacidade! A felicidade dos imortais se distingue pela superabundância de todo bem.

Que contraste com o estado tão parcimonioso e tão miserável da vida presente!

Entretanto, verdadeiras imagens do Céu, a Igreja, os apóstolos, todos os santos ainda vivos na terra, dão também ao mundo mais do que recebe e se mostram pertencentes a uma ordem mais elevada.

Mas também eles desfrutam das oito bem-aventuranças evangélicas e cada um deles pode dizer com São Paulo: "*Estou cheio de consolação, estou inundado de alegria no meio de todas as nossas tribulações"* (2ª Cor. VII, 4).

Que bom seria se, na Igreja Militante, todos pudessem usar essa linguagem, graças à posse e ao exercício da caridade divina!

Que ideia podemos fazer da felicidade que os santos anjos encontram no cumprimento de seus ministérios, eles que são libertos de toda provação!

608. – Resumamos num pequeno quadro, os principais fatores da felicidade acidental dos anjos da guarda.

Os anjos da guarda são felizes em cuidar das criaturas móveis, parti-cularmente de nós, pelas seguintes razões:

1ª) *Deus deu uma ordem* especial *a seus anjos a propósito de nós: a de nos guardar em todos os nossos caminhos* (Salmo 90, v. 11).

2ª) Nós formamos uma muito notável parte da Igreja de Deus, da qual os santos anjos são a outra parte e, depois de Deus, eles não amam nada mais do que a sua Igreja.

3ª) A caridade é a sua vida celeste, e tudo neles os leva a exercê-la e a expandi-la[1071].

4ª) Com nossa salvação, restauramos as "ruinas" da sociedade angélica, preenchendo os lugares deixados pelos anjos rebeldes, dando lugar, provavelmente, a novos lugares após a renovação do universo e completando assim a grandeza, a beleza e as harmonias da Jerusalém Celeste.

5ª) Nossa salvação multiplica os amigos e, por consequência, as amizades dos santos anjos.

[1071] Este exercício da caridade e da beneficência pertencem à perfeição de sua glória, como nos ensina Santo Tomás.

6ª) A Cabeça da Igreja, que é Nosso Senhor Jesus Cristo, e os principais membros da Igreja, que são Maria Santíssima e São José (n. 458), são dos nossos. Por isso desfrutamos, aos olhos dos santos anjos, de uma incomparável nobreza sobrenatural, apesar da inferioridade de nossa natureza.

7ª) Nosso destino supremo deve se confundir com o deles, que é louvar e contemplar eternamente a Deus. E nossas hierarquias devem se misturar com todas as suas, desde o coro dos simples anjos até o dos serafins (nn. 471, mais os precedentes e os seguintes).

8ª) Em nossa qualidade de seres mistos, formamos a transição que une o mundo dos puros espíritos ao mundo das formas perecíveis e da matéria, resumindo em nós todo o universo sensível, sendo o fim próximo deste último, que é governado pelos anjos, e constituindo assim a categoria dos seres mais nobres, cuja guarda foi confiada aos santos anjos.

9ª) A ressurreição de nossos corpos terá por reflexo a fixação e a glorificação material do universo móvel, de forma que o Céu Empíreo material se tornará fixo e glorificado como reflexo da confirmação em graça e da glorificação dos anjos fiéis (nn. 417-428).

Assim os anjos querem a nossa salvação, de acordo com o plano divino, para o enobrecimento definitivo da natureza viandante, que estará como um campo cultivado, com satisfação, por estes bem-aventurados espíritos (n. 424).

10ª) Os anjos desejam, nesta futura renovação, a conclusão final da *Casa de Deus, do Templo de Deus*, *da cidade* material *do Criador*, a qual, sob todos os aspectos, será digna de seus gloriosos habitantes.

11ª) Nossa salvação completa a derrota dos demônios, bem como o triunfo dos santos anjos que tomaram o partido da humanidade (nn. 529, 530).

12ª) Assim os anjos estão associados ao sublime ministério de salvação que Deus confiou principalmente ao seu Filho único, à sua Mãe Santíssima e aos Santos Apóstolos.

13ª) Enfim, o ofício de guardiães que os anjos devem preencher com relação à natureza móvel e às criaturas racionais sujeitas à prova, permite-lhes:

– estender sua sociedade em toda a *imensidade da criação,*[1072]

– admirar suas grandezas e suas belezas,

[1072] *In tam imensa criatura* (Ecle. XVI, 17).

– compreender cada vez mais suas perfeições,
– conduzí-la ao seu fim temporal e ao seu fim último, e
– glorificar a Deus em toda a extensão,

quando a humanidade ressuscitada tiver alcançado este sublime concerto de louvores, como nunca houve.

609. – Para chegarmos a este feliz termo devemos procurar merecer a proteção dos santos anjos.

Se quisermos ganhar a benevolência ou a beneficência dos deuses, diz Santo Agostinho, *tenhamos cuidado de lhes assemelharmos em sua boa vontade, que faz que sejamos como eles, que vivamos como eles, que com eles sirvamos a Deus, embora não possamos vê-los com os olhos do corpo.*

Mas, como somos miseráveis pela dissimulação da vontade e pela fragilidade de nossa fraqueza, distanciamo-nos deles, não pelo lugar dos corpos, mas pelo mérito da vida. Não é porque habitamos na terra e estamos sobrecarregados com o peso da carne que nos separamos deles, mas é porque nosso coração é impuro e nossa sabedoria é terrena.

Mesmo assim nós nos aproximamos deles pela fé, se acreditarmos que seremos beatificados, também graças a seu favor, por Aquele que beatificou a eles mesmos[1073].

Assemelhar aos anjos pela reta intenção, pela pureza do coração, pela sabedoria cristã, pela firmeza da Fé na felicidade futura, eis os melhores meios de nos tornar-nos propícios e alcançar sua feliz ventura.

Capítulo Quinto: Como os bons anjos mereceram sua felicidade. Ou seja, a prova dos anjos e os assuntos que com ela diretamente se relacionam

610. – Para conservar a unidade a respeito daquilo que trata dos anjos, já consideramos o mundo móvel organizado depois da criação dos anjos e do Céu Empíreo, dos anjos depois de glorificados, dos seres ainda a serem provados, caminhando para seus fins. E dos anjos da guarda, postos ao serviço da Divina Providência para realizar o plano de Deus.

Agora é necessário completar a explicação do texto que utilizamos como ponto de partida deste livro e que compreende outras no-

[1073] *A Cidade de Deus*, liv. 8, c. 25.

ções muito preciosas do ponto de vista das causas da glorificação dos santos anjos e do Céu Empíreo.

Tudo o que se refere ao primeiro período histórico do Paraíso parece-nos muito interessante.

Vamos, pois, verificar, neste Capítulo quinto, o que era esta *terra informe, vazia, inconsistente como a água, sem fundo, e convertida em trevas*, que estava colocada no seio do Empíreo móvel, como um mistério caro ao Espírito Santo: *Spiritus Dei ferebatur super aquas*.

Vamos considerar:

– os ministérios dos anjos com relação ao Empíreo móvel e ao Caos;
– a duração deste estado de coisas, que é também a duração da prova angélica;
– os conhecimentos naturais e sobrenaturais dos anjos durante sua prova;
– as causas principais e finais da glorificação dos anjos bons e da perda, definitiva, dos anjos maus.

Primeiro ponto: Natureza do caos – Como ele serviu para a provação dos anjos – O que o caos tem de instrutivo para nós

---

611. – Admite-se, diz Santo Tomás (1, q. 46, a. 3), *que quatro coisas foram criadas simultaneamente. São:*

– o Céu Empíreo;
– a matéria corporal, que designamos com o nome de terra;
– o tempo;
– e a natureza angélica.

O Céu Empíreo foi constituído no estado natural e era móvel, para servir convenientemente à prova dos Anjos (nn. 417 e seg.).

A *natureza angélica* saiu do nada ao mesmo tempo que o Céu Empíreo, que era sua morada (n. 429). Ou melhor, seu Éden (nn. 423-425).

O tempo era a expressão dos movimentos sucessivos do Céu Empíreo e das operações angélicas: *É necessário dizer, primeiramente, que as coisas começaram e com isto houve o movimento, pelo menos segundo a sucessão de concepções e de afeições dos espíritos angélicos* (1, q. 66, a. 4, ad 3^{m}).

A *matéria corporal*, denominada de *terra informe*, brotou também do nada na mesma palavra que deu o ser aos anjos e ao Céu Empíreo, contendo, potencialmente, os céus que atualmente se movimen-

tam, nossa terra e a região central do universo, que cremos ser o inferno: *Os primeiros seres que foram criados são aqueles que têm relações gerais com as coisas*. (ibid. ad 4^{m}).

Ora, *entendemos por Céu Empíreo o lugar que contém todas as coisas* (Ibid. ad 5^{m}), e que exerce possantes influências sobre todos os corpos que encerra em seu seio (nn. 334 e seg.). Suas relações são, portanto, gerais.

Vimos também que os anjos são os ministros da Providência divina para conduzir todos os seres a seus fins. Portanto, sobre isto, cremos que nada há para acrescentar.

O Caos, a seu turno, deve ter necessariamente relações não somente com os seres materiais que saíram dele, mas ainda com o Céu Empíreo e com os anjos, porque o universo inteiro forma um só todo em que cada parte interessa ao conjunto (n. 336).

612. – Para compreender o melhor possível o Céu Empíreo primitivo e os primeiros ministérios desenvolvidos pelos anjos é necessário, portanto, estudar o Caos e ver o papel que ele desempenhou durante a prova angélica.

613. – Já observamos anteriormente (nn. 41-416), que a *terra informe* não era outra coisa senão o Caos. Quer dizer, o conjunto confuso dos materiais que deveriam servir à formação dos céus inferiores e daquilo de que eles contêm.

Vamos agora acrescentar um novo ponto à nossa afirmação e examinar mais intimamente a natureza do Caos para deduzir daí as consequências que particularmente interessam nesta questão.

614. – Todos os corpos simples foram criados ao mesmo tempo com os anjos: *O criador..., no começo do tempo, tirou simultaneamente do nada a criatura espiritual e a criatura material* (n. 429). Mas, uma quantidade desses corpos simples foi imediatamente empregada na formação dos céus superiores, quer dizer, do Céu Empíreo. E a outra parte permaneceu no Caos, como um "material de reserva". É o que foi designado pelo Escrivão sagrado sob o nome de **tohu-bohu**, *terra informe e árida, abismo coberto de trevas*, massa inconsistente como *as águas*.

A matéria existe para as criaturas inteligentes. É por isto que a primeira parte da Igreja de Deus, a sociedade angélica, desfruta da primeira porção da matéria, disposta em forma de céus.

Os corpos simples foram transformados em corpos compostos.

E estes, em céus, para oferecerem uma morada conveniente aos espíritos criados, como também para apresentar um objeto para sua atividade.

A outra parte da matéria permaneceu, no início, sem organização, seja para servir de exercício à virtude angélica, seja para indicar que os céus inferiores e seus habitantes, mais lento em se desenvolverem do que a natureza angélica, servissem ou constituíssem a outra parte da Igreja de Deus.

615. – Dissemos que o Caos compreendia somente corpos simples. Com efeito, não nos parece possível concebê-lo de outra maneira, nem dar uma interpretação mais natural do relato bíblico.

O Caos era **informe**. Isto não quer dizer que ele não contivesse nenhuma forma, porque a matéria, sendo **essencialmente** composta de um princípio ativo e de um princípio passivo (*a forma e a matéria primeira*), é inteiramente impossível a matéria existir sem forma, assim como a forma existir sem matéria.

Se a matéria do Caos tivesse existido absolutamente sem forma, as causas superiores, como Deus ou os anjos, teriam compensado o defeito das formas materiais, coisa que, embora não fosse impossível, seria no mínimo muito improvável.

A matéria primeira, sustentada por Deus ou pelos anjos e desprovida de seu princípio ativo essencial seria verdadeiramente matéria?

Isto seria, cremos, uma espécie de contradição ontológica. Convém, sem dúvida, aos anjos, como agentes extrínsecos, governar a matéria informe.

Mas, se se trata de suprir o defeito das formas essenciais da matéria, como os anjos, formas essencialmente *separadas* poderiam desempenhar esse papel? Sua natureza não se prestaria a isto?

Não, porque aos anjos é impossível se abaixarem até se tornarem formas substanciais da matéria e mesmo a fazer algo equivalente.

Quanto ao Autor da natureza, sem dúvida Ele pode fazer tudo o que não implica em contradição, mas sua própria perfeição o impede de realizar impossibilidades.

Isto porque, no momento em que Deus criou a matéria e que esta existe como matéria, é necessário que ela tenha tudo o que constitui a essência do ser material. Quer dizer, o princípio material e o princípio formal, o princípio passivo e o princípio ativo. O simples fato da existência da matéria prova sua *atualidade* completa e sua forma.

Concluímos, portanto, que o Caos não era, pois, desprovido de toda forma, mas apenas das formas superiores. Então, era realmente Caos...

616. – Esta afirmação conserva toda a sua força qualquer que seja a opinião que se adote sobre os primeiros elementos de que constituem os corpos.

Admitamos, com a maior parte dos entendidos, que os átomos dos corpos simples são aqueles que primeiro existem na matéria e que o *prótilo*[1074] (protyle) nem existe, ou seja, não há nenhuma matéria que, pela simples mudança de formas, possa tornar-se um simples corpo qualquer que seja. Neste caso o Caos só continha corpos simples e cada átomo tinha sua forma própria, a do ouro, do ferro, do enxofre e a de outros.

Pensamos, com alguns autores, que somente um dos corpos simples conhecidos – por exemplo, o hidrogênio – é o corpo material comum de todos os corpos, mas que ele é diversamente modificado e constituído pelos diversos princípios ativos.

Neste caso o Caos teria, ao menos, a forma primitiva do hidrogênio: *Super aquas*.

Adotamos esta opinião que parece a mais provável para certos físicos de relevo que admitem o éter como princípio material único dos corpos, de maneira que todos os átomos, homogêneos ou heterogêneos, resultariam de diferentes concretizações do éter.

Neste caso é necessário admitir a forma do éter no Caos. E como o éter é, entretanto, matéria, por mais subtil e imponderável que ele seja para nós, é necessário que ele seja composto de partes, que tenha as suas moléculas ou seus átomos e que cada uma delas tenha seu princípio ativo e sua forma.

A matéria caótica não poderia, portanto, ir além das formas elementares.

617. – Ademais, a leitura atenta dos dois primeiros versículos do Gênesis nos confirma nesta convicção. *No princípio Deus criou o céu e a terra*. Este céu é o Céu Empíreo (nn. 410-416).

O Céu Empíreo, pelo fato de ser céu, ele existe não somente com formas elementares, como o Caos, mas ainda organizado em corpos compostos e dispostos com arte.

[1074] Prótilo (Biologia) = Matéria-prima hipotética de todos os corpos.
Prótilo: Entre os Gregos, espaço adiante da parte principal de um edifício; vestíbulo.

Quanto à terra, criada ao mesmo tempo com o Céu Empíreo, poder-se-ia fazer sobre ela o mesmo raciocínio quanto ao céu, se o Autor sagrado não se apressasse em nos descrever as profundas diferenças: *A terra, porém,* diz ele, *estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas*[1075].

A antítese expressa pelo Autor inspirado nos ajuda a compreender melhor os dois termos opostos.

Se a terra estava *vazia e árida*, o Céu Empíreo era um sistema de corpos solidamente estabelecido e ricamente ornado.

Se *as trevas cobriam a face do abismo*, uma certa luz resplandecia nas regiões do primeiro Céu, tanto mais que o Céu Empíreo não podia, em conjunto, ser naturalmente belo e artisticamente organizado sem alguma luz.

A luz que seria feita em seguida, quando Deus diz *fiat lux*, é aquela que brotará do Caos e que iluminará o universo móvel.

Se *o Espírito de Deus movia-se sobre as águas* para as fecundar, para dispô-las a se organizarem em corpos compostos e em céus, este Espírito divino não agia desta maneira sobre o Céu Empíreo, que já era organizado e que caminhava para sua finalidade.

618. – Quando a Sagrada Escritura nos diz que *o Espírito de Deus movia-se sobre as águas*, ou seja, sobre as matérias fluidas do Caos, ela nos apresenta o Espírito Santo como aquecendo esta massa e comunicando uma espécie de vida. É este o sentido da palavra hebraica *merachephet*, traduzida para o latim por *ferebatur*.

Ouçamos sobre este ponto o Cornélio a Lápide: *Segundo São Basílio, Deodoro e São Jerônimo, este termo indica o ato dos pássaros enquanto incubam seus ovos e aquecem seus filhotes... Os textos arábicos são: 'esvoaçava', agia como pássaros, movia-se com as asas. A versão caldaica é 'soprava' sobre ele. É a ação de fornecer calor, de cuidar delicadamente, de animar. O Espírito Santo era levado sobre as águas, não por um movimento local, mas por seu poder soberano que abarca tudo, como a vontade à ideia de um artista – diz Santo Agostinho (l. 1. De Genesi ad litt. c. 7) – paira sobre as obras que está fazendo. Por sua vontade e por seu poder, que produzem um sopro*

[1075] Augustinus dicit, quod ubi Scriptura in principio terram et aquam commemorat cum dicitur, Gen. I, 2: *Terra erat inanis et vacua, et Spiritus Domini ferebatur super aquas*; non ideo nominatur terra et aqua quia jam talis erat, sed QUIA TALIS ESSE POTERAT. Ergo aliquando matéria prima nondum habebat speciem aquae vel terrae, sed tantum habere poterat; et sic materia informis formationem praecessit. (S. Tomás, *De potentia*, q. 4, art. 1, Sed contra, 8). – Malgrado as restrições feitas por S. Tomás (ibid. ad 8^{m}), às palavras de Santo Agostinho, é claro, entretanto, que este Padre não reconheceu nas águas caos da mesma natureza delas. Ver n. 620.

de calor vivificante, o Espírito Santo que cobria, portanto, por assim dizer, as águas, inoculou-as com uma força prolífica para a produção de répteis, pássaros, peixes, vegetais e até mesmo todos os céus inferiores. É por isso que a Igreja, no dia da Bênção das Fontes, canta ao Espírito Santo: "Vós pairáveis sobre as águas para as fecundar"[1076].

619. – As formas dos átomos caóticos estavam como que dormindo no seu crepúsculo, tendo vitalidade apenas suficiente para a mera existência de cada átomo. Era, por assim dizer, a vida rudimentar do do pintainho cujo ovo ainda não experimentou a ação do calor, sem nenhum desenvolvimento, nenhum progresso, nenhuma influência externamente exercida.

Se considerarmos agora os seres da natureza, nós os veremos todos vivendo de uma certa maneira e atuando no seu meio.

O homem se apodera, de todo alguma maneira, de toda a natureza.

O animal se move e vai tomar aqui e ali o que lhe convém.

A planta estende suas raízes na terra, e ao ar, seu caule, seus galhos e suas folhas, para apreender do seu redor o que precisa para crescer e se multiplicar.

O átomo mineral exerce uma atração sobre o que o cerca; é a vida dele. Sua "alma", isto é, sua forma, tem uma irradiação mais extensa do que os limites de seu corpo. Esta irradiação tem qualquer coisa a ver com a insaciabilidade do coração humano. Também quer tomar a matéria dos átomos vizinhos cujas formas têm a mesma necessidade e têm a mesma "ganância". Daí a tendência da matéria para abraçar a matéria e formar corpos compostos. Tudo é associável na natureza, embora os átomos gasosos desejem unir-se apenas com a condição de gozarem de certa liberdade.

Na maioria dos casos (que são as combinações químicas) as próprias formas se penetram intimamente umas nas outras até modificarem sua matéria e inclusive mudar as propriedades dos dois seres convertidos em um só.

É o tipo de material de uma sociedade perfeita onde várias almas se desfazem do poder, por assim dizer, para deixar o comando a uma outra, que é a autoridade. Como se vê, a lei do progresso obriga todos os seres viajantes a se associarem e a se darem a mestres para alcançar uma perfeição superior. E quanto mais as formas são elementares,

---

[1076] *Comment. in Gen.* c. I, v. 2.

mais elas estão dispostas a ceder seus domínios às formas dos compostos, dos vegetais, dos animais, do homem.

Também toda a natureza visível nos ensina, como vimos anteriormente (nn. 324-329), que nosso mundo é passageiro e que aspira a uma perfeição definitiva e final, que será o Paraíso Celeste completo.

620. – Mas, nada de semelhante havia no Caos. Nele cada átomo estava isolado e adormecido. Nenhuma afinidade de ação, nenhuma vida social, nenhuma forma superior às dos corpos simples, nenhuma influência exercida por formas externas, nenhum movimento, nenhum calor. Entretanto *o Espírito de Deus* preludiava o desenvolvimento desta "pilha de germes", produzindo o movimento e um certo calor vital.

O *Espírito de Deus* não operava, parece-nos, por enquanto, efeitos mais profundos sobre o Caos porque queria fazê-lo durar algum tempo neste estado, como veremos mais adiante.

Mas, assim Ele manifestava claramente aos anjos que tinha sobre este Caos desejos a realizar e que os executaria sobretudo pelo movimento e pelo calor.

621. – Qualquer que seja esta interpretação, parece-nos estar perfeitamente de acordo com a Tradição, admitindo-se apenas as formas dos corpos simples.

Segundo a opinião que presentemente sustentamos, diz Santo Tomás, *a matéria era denominada de informe não porque nela faltasse toda forma, nem porque ela tivesse somente uma forma em potência para tomar todas as formas – como imaginaram os antigos naturalistas que admitiam apenas um só princípio – nem porque ela tivesse uma forma única contendo virtualmente muitas formas, como aquela que se verifica nos corpos mistos (compostos). Mas ela tinha, em suas diversas partes, formas elementares. Esta matéria era, entretanto, denominada de informe porque as formas dos corpos compostos (mixtorum) não havia ainda sobrevindo à matéria.*

Todavia as formas elementares, tanto presentemente como então, estão em potência para a produção de formas de corpos compostos. Em outras palavras, a disposição dos elementos no Caos ainda não era conveniente para se prestar à geração dos compostos.[1077]

Então todos os átomos estavam totalmente misturados como aqueles que têm uma natural simpatia entre si não podem se associar por causa da intromissão de átomos antipáticos, mesmo quando as

[1077] *De Pot*. q. 4, a. 1, ad 13^{m}.

formas elementares tenham uma certa atividade e uma certa tendência de associação. No **tôhou vábôhou** tudo estava em desordem e nada poderia, por sua atividade própria, visar à ordem.

622. – Embora Santo Tomás sustente abertamente a existência de formas elementares no Caos, entretanto é preciso confessar que os **elementos** que ele admite estando nos corpos simples, e os descobertos mais tarde pela química, acrescidos dos corpos que eram reputados simples no seu tempo: a terra, a água, o e o fogo[1078], aos quais ele acrescentou a *quinta essência,* da qual, segundo ele, foram formados os corpos celestes.[1079]

Malgrado esta diferença, a tese é a mesma, pois não falamos do número de corpos simples, porque mesmo hoje eles ainda não foram fixados, mas somente de sua existência no Caos, com exclusão dos corpos compostos.

623. – Sobre esta questão Santo Tomás resumiu o ensinamento da maior parte dos Padres da Igreja.

Santo Agostinho, diz ele, *quer que o segundo versículo do Gênesis signifique a matéria primeira sob o nome de terra e de água*[1080].

É isto também o que admitimos, mas acrescentando, como outros santos[1081], as formas elementares.

Os outros santos entendem por "terra e água" os próprios elementos do mundo existindo sob suas próprias formas... Segundo uns e outros, desde a primeira produção das coisas, a natureza estava sob as formas substanciais dos elementos, mas com certa diferença que, para Santo Agostinho, não havia gerações sucessivas, e que certas coisas tinham sobre outras apenas uma prioridade de natureza e não de tempo, enquanto que outros Padres ensinam que as coisas estavam, no início da criação, no estado de confusão, pois foram, num tempo posterior, organizada sucessivamente,[1082] em diversos dias.

Esta é o nosso pensamento em relação ao Caos e aos compostos que dele surgiram.

Quanto ao Céu Empíreo vimos que ele foi criado e desde o começo organizado (nn. 410-416).

624. – Entretanto, o próprio Céu Empíreo, como os anjos e toda criatura (n. 428) foram submetidos à lei do progresso (nn. 423-425).

[1078] 1 p. q. 66, art. 1, ad 2m.
[1079] De Pot. ibid. ad 2m.
[1080] 1 p. q. 66, a. 1, ad. 1m.
[1081] São Basílio, Santo Ambrósio e São João Crisóstomo. Ibid. *in corpore*.
[1082] Ibid. q. 74, a. 2.

Sem dúvida Deus poderia ter aperfeiçoado sua obra logo após tê-la criado ou mesmo criá-la já toda perfeita. Mas, *a liberalidade do doador*, diz o Anjo da Escola, *não consiste somente em dar prontamente, mas ainda repartir seus bens com ordem e no tempo conveniente... É porque, a fim de conservar a conveniência da ordem, Deus dispôs as criaturas, no início, numa espécie de imperfeição para que elas, aos poucos, atingissem a perfeição*[1083].

625. – Muitas consequências morais decorrem destas considerações. Indiquemos algumas.

1ª) Se tudo não é perfeito neste mundo que habitamos, se a mistura dos bons e dos maus, do mal e do bem, faz uma espécie de caos, é porque o plano divino está em vias de execução, como no tempo da prova angélica. É uma insensatez acusar, a propósito do que quer que seja, a Sabedoria e a Providência de Deus, mas cabe ao nosso mérito procurar melhorar a sociedade humana, a glorificação de nossos corpos e do universo móvel, como os anjos fiéis mereceram, pelos dons da graça, sua própria glorificação, a do Céu Empíreo e, em parte, o desemaranhamento do Caos.

2ª) Malgrado uma certa desordem aparente que escandaliza os ignorantes e os inimigos de Deus, por não conhecerem os desígnios do Todo-Poderoso, no universo móvel há abundantes motivos para se louvar a Deus e glorificá-lo, como durante o período de prova dos espíritos criados: *Onde estavas tu*, disse o Senhor a Jó, *quando ... os astros da manhã me louvaram juntos, e quando todos os filhos de Deus (os anjos) estavam transportados de júbilo com a visão das minhas obras*?[1084] Estes *astros da manhã*, os mundos então móveis do Céu Empíreo *e todos os filhos de Deus*, estes anjos que se submeteram, alegres e fielmente, à prova, não cambalearam em sua marcha por causa do Caos misterioso que existia naquele tempo! Lúcifer e seus adeptos, somente eles, encontraram uma pedra de tropeço nos desejos ulteriores de Deus. Os fiéis tiveram resignação para entender posteriormente o que de momento não compreendiam, mas que creram então. Ó! Como foram sábios, porque a Fé não é somente um elemento de prova, mas a quintessência!

[1083] De Pot. ibid. ad 8m.

[1084] Ubi eras... eum me LAUDARENT ASTRA MATUTINA, et jubliarent omnes filli Dei? (XXXVIII, 4,7)

3ª) No caos dos corpos simples não havia nenhuma sociabilidade. A palavra coordenadora de Deus foi necessária para colocar em ato as afinidades desses corpos, para fazer composições e formar céus. Assim, toda composição natural e todo céu nos "falam" de Deus. A ordem do mundo é uma das melhores provas da existência de um Artista soberano.

Em outras palavras, cada um de nós deve estar persuadido que, sem Deus, a ordem não pode reinar na sociedade e nem mesmo em nós. E que a caridade, uma afinidade suprema, é o ápice do bem-estar e da felicidade.

Enquanto a sociedade humana não for dirigida pela caridade cristã, que supõe, ademais, as outras virtudes, o verdadeiro bem-estar será apenas uma utopia, porque Deus não deu seu **fiat** e os indivíduos humanos, reduzidos às suas próprias forças, tendem a se concentrar no egoísmo antissocial, figurado pelo estado dos corpos simples que constituíam o Caos.

4ª) Assim como o Espírito Santo *movia-se sobre as águas*, quer dizer, sobre o Caos primitivo, para nele infundir calor, afinidades, princípios de ordem e de sociabilidade (n. 618), os Apóstolos, após terem recebido o Espírito Santo, converteram o caos pagão em um mundo cristão, feito à imagem do Paraíso e recebendo dele recebe as influências vivificantes sobrenaturais.

Ó! Se o mundo conhecesse a sublimidade, a excelência e a divindade do cristianismo, ele entraria em êxtase diante de tantas luzes, de tanta bondade, de tanta caridade. E obteria a verdadeira ciência que torna feliz a humanidade, que a santifica e salva.

Segundo ponto: conhecimentos que os anjos tinham no período de sua prova

626. – Embora o Caos se constituísse apenas de corpos simples, misturados desordenadamente por forças extrínsecas, sem relações entre eles e sem afinidades, os anjos tinham, entretanto, ideias de todos os corpos compostos e de todos os seres mistos que deviam surgir do Caos e formar o universo móvel.

Estas ideias foram-lhes infundidas no exato momento de sua criação porque eles, na qualidade de ministros de Deus, deviam governar os outros seres.

Criados com relações que os unissem a todos os seres materiais, como vimos anteriormente, segundo Santo Tomás (n. 565), os anjos

receberam com a natureza todas as capacidades naturais requeridas para seu ministério. E entre estas faculdades, aquela consiste no conhecimento natural das coisas de que eram chamados a dirigir e a cuidar.

Santo Agostinho e Santo Tomás dizem que o universo móvel existiu na inteligência angélica no estado ideal e na forma de sabedoria, antes dos anjos receberem sua real organização (n. 537 com as notas).

Os anjos não podiam, portanto naturalmente, enganar-se sobre a destinação do Caos. Eles deviam considerá-lo como o conjunto dos materiais destinados a compor novos céus, semelhantes ao Céu Empíreo e que deveriam servir às novas criaturas inteligentes, que também figuravam em suas ideias.

627. – Esta magnífica doutrina é unanimemente ensinada pelos teólogos. Ouçamos Santo Tomás a respeito do que ele resume de modo excelente sobre os dons da mais alta das ciências. *As coisas que pré-existiram, em toda eternidade, no Verbo de Deus, dele defluíram de duas maneiras. De uma maneira, imprimindo-se no intelecto angélico, e, de outra maneira, existindo em suas próprias naturezas. Elas passaram ao intelecto angélico quando Deus gravou no espírito dos anjos as semelhanças, ou as imagens das coisas naturais que Ele produziu. Mas, no Verbo de Deus existiram em toda eternidade não somente as razões,* quer dizer as verdadeiras noções*, das coisas materiais, mas também as razões de todas as criaturas espirituais. Assim, portanto, em cada criatura espiritual, em cada anjo, foram impressas pelo Verbo de Deus todas as razões de todas as coisas, tanto materiais quanto espirituais.*

Se se trata de si mesmo, o anjo se conhece pela ideia especulativa que o concerne e que ele recebeu com as outras ideias. O anjo se conhece também pela natureza real de que é feito seu ser. Mas, as outras coisas, espirituais ou materiais, *o anjo as conhece somente pelas ideias especulativas, pelas razões, que lhe foram impressas* por Deus. Assim para tudo que existe, ou existirá, fora de Deus, além de seu ser real, na mente angélica há também um ser inteiramente ideal e intelectual, que é como um espelho que representa as imagens de todos os seres finitos.

628. – E isto é de tal maneira verdade que, se Deus tivesse resolvido criar um universo diferente deste que existe, ele teria começado por imprimir a ideia deste outro universo nos espíritos angélicos: *Deus proporcionou cada criatura ao universo que Ele se propôs a fazer.*

Isto porque, se Deus tivesse resolvido criar maior número de anjos que o atual, ou maior número de espécies de coisas, Ele teria também impresso nos espíritos angélicos um maior número de espécies inteligíveis. É como um arquiteto que quisesse fazer um palácio muito grande. De início ele daria uma grande extensão aos fundamentos. Donde se segue que estas duas coisas – os anjos e o universo – feitas por Deus participam do mesmo procedimento: o de acrescentar alguns seres ao universo, e acrescentar algumas ideias inatas na inteligência angélica[1085].

629. – Como essa doutrina é bela! E como ela enobrece o universo material! Este universo, de início, existiu desde toda eternidade no pensamento do Verbo, sem dúvida como se reportando à Encarnação do Verbo de Deus e como devendo formar o Céu Empíreo material de Nosso Senhor Jesus Cristo, em que tudo foi predestinado à sua existência (nn. 278 e seg.). Em seguida, *criando o céu e a terra*, quer dizer os anjos, ou o Céu Empíreo e o Caos, Deus fez *derivar do Verbo* todas as coisas e lhes deu um ser real e substancial, conforme as eternas ideias que eram suas causas exemplares.

Mas, às mais nobres das criaturas, que eram de puro espírito e destinadas a glorificar a Deus e a governar todos os seres inferiores, Deus lhes deu, ao mesmo tempo que a existência, o conhecimento de todos esses seres, a fim de que elas pudessem glorificar a Deus imediatamente após sua criação, para que todos os seres existentes, inclusive a matéria e os corpos simples, tivessem *sacerdotes* para louvar a Deus em seu lugar, a fim de que a ordem do mundo começasse desde então a amar e a caminhar, sem intermitência, para a sua completa integridade.

630. – Assim o Céu Empíreo foi, ao mesmo tempo, tirado do nada, organizado e gravado nos espíritos angélicos, tanto é agradável a Deus que as criaturas inteligentes conheçam a natureza! E tanto este conhecimento é útil aos seres racionais para cumprirem dignamente, desde a criação, seu ministério sacerdotal!

631. – Os anjos se conhecem também uns aos outros. Eles conhecem igualmente os elementos do Caos, tão bem quanto o Céu Empíreo. E este conhecimento era, nos dizeres de Santo Tomás, uma espécie de *fundamento* sobre qual repousam toda matéria e toda ordem material. Com efeito, Deus, tendo feito tudo para sua glória, o que é ao mesmo tempo o bem dos seres criados, assim fez todas as coisas

[1085] P. 1, q. 56, art. 2.

para que fossem **conhecidas** e servissem para sua glorificação. De maneira que o conhecimento das coisas pelos seres inteligentes é a causa final ou o fundamento de suas existências.

Vê-se assim quanto é grosseiro o erro dos materialistas. Para eles não há universo ideal, nem no Verbo, nem nos anjos, nem no conhecimento humano. Se tudo é senão matéria, nada **conhece**. Nenhuma ciência existe! A ciência deles é apenas um ácido, ou um mecanismo, ou uma secreção particular. Então, para que a religião? O ácido, a secreção, teriam uma superioridade divina sobre os materiais? Ó "cultos"! Ó "sábios"!

632. – Mas, o verdadeiro sábio vê em tudo o espírito a propósito da matéria. Os céus, a terra, tudo que toca nos sentidos, são expressões das ideias do Verbo, das ideias angélicas, e devem a seu turno engendrar ideias. Assim um concerto musical parte dos espíritos e se encaminha finalmente aos espíritos. A matéria é apenas um meio, um intermediário. Ela flutua no mundo dos espíritos que ela deve servir. E este papel, muito inferior ao dos espíritos, é precisamente o que eleva e enobrece a matéria.

A matéria é uma "linguagem" divina, uma "fotografia" dos anjos, que a dirigem. Ela nos instrui da parte de Deus e de seus anjos, e inclusive sua inércia é um testemunho irrecusável de sua fidelidade no cumprimento de sua missão.

Ó, como são ignorantes ou pouco inteligentes esses homens para os quais a matéria não tem nenhuma significação religiosa e nem espiritual!

633. – *Deus proporcionou cada criatura ao universo que ele se propôs a fazer*. Nós não participamos do sentimento de certos teólogos que atribuem aos anjos as ideias inatas de todas as coisas naturais puramente possíveis, por exemplo, de todos os mundos que Deus poderia criar, mas que jamais criará[1086], porque os anjos seriam assim desproporcionados, por excesso, ao nosso universo. Eles já teriam em sua natureza o que a eles ainda deve vir, em maior ou menor medida, pela glorificação devida a seus méritos. E, além disto, os anjos receberam as ideias infusas em vista do governo das coisas reais, ou devendo ser reais, e não em vista a dirigir o que jamais existirá.

[1086] Ver Suarez sobre esse assunto: *De Angelis*, l. 2, cap. 13.

634. – Pondo de lado esses exageros[1087], nós encontramos o suficiente para admirar neste conhecimento infuso e natural que os anjos tiveram, durante sua prova, de todas as criaturas reais ou as que ainda existirão.

Como Deus cuida de sua glória! E como Ele foi largo no beneficiar as suas primeiras criaturas inteligentes!

Que não mais se diga que, como os astros não estando habitados, Deus não é glorificado em toda a extensão e em todos os lugares do universo. Esquece-se demais dos anjos. Com certeza, inclusive em seu estado natural, os anjos conhecem todas as criaturas e podem louvar a Deus, quer dizer, depois deles serem glorificados? Jamais e em nenhuma parte a ordem natural existiu sem pontífices que fizessem subir seu incenso ao Criador.

Por outra, a terra oferece seu contingente de adoradores e de cantores das divinas perfeições. E mais ainda. Na Pátria Celeste, todos os homens são chamados a completar este ofício, de maneira mais perfeita.

A extensão do universo e a multiplicidade dos seres que ele engloba não nos desconcertam porque tudo isto está proporcionado à virtude natural dos anjos e se encontrará proporcionada às nossas faculdades quando, no Céu, estas tiverem atingido o apogeu de sua perfeição. *No momento, faz parte de nossa prova o ver em enigmas como por um espelho; mas então nós veremos face a face* (1ª Cor., XIII, 12).

O universo material terá atendido todos seus fins quando ele for glorificado. E esta glória lhe virá como um reflexo da glorificação final e total dos Filhos de Deus.

735. – Pode-se perguntar com o Anjo da Escola se os anjos, pelo fato deles terem as ideias infusas de todas as coisas criadas ou a criar, conhecem essas coisas em sua particularidade e em sua individualidade ou somente em sua causa e de uma maneira geral? Santo Tomás responde que esses espíritos, devendo dirigir as coisas da natureza, conhecem-nas em suas particularidades; que o homem, conhecendo bem os seres em sua individualidade, é um inconveniente não atribuir aos anjos um conhecimento parecido e mesmo um conhecimento superior; que os anjos são perfeitas imagens de Deus e que, como tais,

[1087] Como nós mesmos conhecemos possíveis que jamais se realizarão, por exemplo, uma cadeia de montanhas toda de ouro, e mil outras coisas semelhantes, é necessário admitir que também os anjos conhecem possíveis não chamados à existência, mas não todos.

eles veem as naturezas individuais e universais, e seus lados materiais, bem como suas formas[1088].

É verdade, entretanto, que todos os anjos não conhecem da mesma maneira os diversos indivíduos. Os anjos superiores, tendo uma maior capacidade de compreensão, agrupam em um número de ideias relativamente pequenas os conhecimentos de um grande número de indivíduos porque quanto mais um conhecimento é perfeito ele se aproxima da simplicidade da ciência divina. Ao contrário, os anjos inferiores têm necessidade de um maior número de ideias para compreender as coisas, não podendo vê-las o suficiente do alto[1089].

Nós devemos, além disso, acrescentar com Suarez[1090] que os anjos inferiores têm uma noção, verdadeira mas imperfeita, de tudo o que lhes é superior, mas que eles têm um conhecimento adequado do que lhes é igual ou inferior, de maneira que eles têm ideias particulares daquilo que os ultrapassa. E têm ideias mais ou menos universais do que está abaixo deles.

636. – Estas considerações nos ajudam, em seguida, determinar o conhecimento que podemos ter dos anjos, no período de sua prova, a respeito do Homem-Deus e de sua gloriosa Mãe.

É conveniente resolver uma grande dificuldade que se apresenta espontaneamente ao nosso espírito. Parece que, se os anjos devem ter ideias infusas de todos os seres criados e a criar, então eles deveriam conhecer o futuro, mesmo por suas forças naturais? Ora, uma tal ciência não pode ser o atributo de nenhuma criatura e não pode convir naturalmente senão a Deus.

Respondemos que todos os teólogos recusam aos anjos o conhecimento natural do futuro, que depende de causas livres e que, no entanto, é necessário conceder aos anjos as ideias infusas de todas as criaturas, mesmo as futuras.

Quanto ao modo de conciliar essas duas afirmações, os autores se dividem[1091]. Escolhemos a opinião que nos parece a mais fundamentada.

637. – Vimos anteriormente que os anjos têm necessidade de serem iluminados *sobre a ciência prática do plano divino* (n. 447), porque a execução deste plano depende da vontade livre de Deus e também, parcialmente, das vontades livres das criaturas. Ora, as vontades

---

[1088] 1, q. 57, a. 2.
[1089] 1, q. 55, a. 3.
[1090] De Ang. l. 2, c. 14, nn. 15 e 16.
[1091] Ver Suarez, loc. cit. cap. II.

livres são secretas para todos os seres finitos. Somente Deus as conhece sempre e perfeitamente. Segue-se daí que se os anjos ignoram os pensamentos dos corações, e, por mais forte razão, também desconhecem os decretos divinos que, se não lhes forem revelados sobrenaturalmente, eles não podem conhecer com certeza o futuro concernente ao desenvolvimento do caos.

Mesmo tendo, como dissemos, as ideias infusas de todas as criaturas passadas, presentes e futuras, é preciso concluir que, do futuro, os anjos tiveram apenas o conhecimento especulativo e não o conhecimento prático. Eles viam intelectualmente todos estes seres como possíveis. Podiam, naturalmente falando, supor ou presumir a sua realização, mas não conhecendo claramente. Com as ideias infusas dos seres que Deus criará ou tirará do Caos, eles tinham também as ideias infusas de muitos seres destinados por Deus a nunca desfrutar da existência, a serem, para sempre, apenas possíveis. Isso porque, não podendo distinguir os puros possíveis dos outros, os anjos ignoram o futuro concernente àquilo que deve acontecer.

Assim que Deus diz: *Fiat lux, Faciamus hominem*, e o resto..., os anjos, sem nada mudar nas ideias infusas que tiveram da luz e do homem, ao conhecimento especulativo que tinham tido, eles **acrescentaram** o conhecimento prático destas coisas. E assim seu conhecimento em nada mudou, mas completou e aperfeiçoou.

628. – Aí está, acreditamos, o significado das palavras seguintes de Santo Tomás: *O intelecto angélico, como todo intelecto criado, não tem a perfeição da eternidade de Deus..., a qual, sendo simples, está presente em todo tempo (no futuro e no passado, como no presente) e o envolve... É por isto que o futuro não pode ser conhecido no seu ser prático, concreto, inteiro, por uma inteligência criada. Se bem que as espécies que estão na inteligência do anjo, consideradas nelas mesmas, se reportam igualmente às coisas presentes, às coisas passadas e às coisas futuras, não se reportam igualmente às espécies; porque as coisas presentes têm uma realidade real que as fazem parecer com as espécies que estão no espírito angélico e assim elas podem ser conhecidas por estas espécies. Mas as coisas futuras não têm ainda uma natureza real que as assimila às espécies, e, por causa disto, não podem ser conhecidas por meio destas espécies*[1092].

[1092] 1, q. 57, a. 3. Ver também lib. II Dist. IV, q. uma, a. 2, ad em; e Suarez, De Ang. l. II, cc. 9, 10 e 11.

As ideias infusas dos anjos são como fotografias feitas pelo criador antes dos originais que elas representam; elas estão misturadas com inúmeras outras fotografias de originais que jamais existirão na natureza. É claro, portanto, que elas não podem servir a um seguro conhecimento do futuro, se não houver outros dados. Assim a fotografia de um homem não nos diz, por si mesma, se esse homem está vivo ou morto, mas somente que ele existiu. E as ideias angélicas, tendo precedido à formação do universo móvel, não lhes diz que os objetos que elas representam serão reais, mas somente que eles podem vir a ser.

639. – Os anjos, em virtude das forças de sua natureza, não têm, portanto, conhecimento do futuro. Entretanto, parece-nos, nada impede que eles tenham um conhecimento mais ou menos provável. *Se as coisas futuras*, disse Santo Tomás, *estão totalmente nas suas causas que sua realização seja conforme a isto que se passa geralmente nesta sorte de casos, elas podem ser conhecidas pelas criaturas inteligentes mediante uma espécie de conjectura mais ou menos certa conforme as causas sejam mais ou menos inclinadas a produzir estes efeitos* (1, q. 86, n. 4).

Ora, os anjos viram se desenrolar diante de seus olhos as magnificentes naturezas do Céu Empíreo. Eles conheceram que todos os corpos compostos e os sistemas de céus superiores tinham como primeiros elementos apenas corpos simples semelhantes aos que formavam o caos; eles constataram que no centro do Céu Empíreo se encontrava todo o espaço requerido pelos novos céus, e que o caos poderia fornecer todos os materiais necessários à formação dos céus inferiores. Portanto, vendo o caos informe, eles podiam facilmente presumir que a sabedoria de Deus não havia dito sua última palavra sobre esta confusão de matéria, especialmente porque tudo então estava em um estado de transição. O Céu Empíreo caminhava para sua finalidade e os anjos que estavam passando por sua prova. Bastava ser inteligente para entender o desfecho desse estado transitório, sendo um progresso geral, muito provavelmente levaria ao desbravamento do Caos, à formação de novos mundos e à existência de novas criaturas racionais, coisas que, aliás, já figuravam no estado ideal no intelecto angélico.

640. – Mas, há mais. Os anjos, durante sua prova, não perderam suas forças naturais. No dizer de Santo Agostinho, *Deus deu, ao mesmo tempo, a natureza e a graça*. A graça fortificava sobrenaturalmente suas faculdades e uma revelação divina, análoga a que nós presentemente desfrutamos, aumentou consideravelmente o campo de seus

conhecimentos. Dizemos, com Santo Tomás, que a fé dos anjos era muito mais esclarecedora do que a nossa, presentemente. *Sua contemplação*, diz o Príncipe dos teólogos, *era muito mais alta do que a nossa; porque, estando mais próximos de Deus* do que nós, devido à sua natureza toda espiritual e aos dons sobrenaturais correspondentes à perfeição de sua natureza, *os anjos podiam conhecer claramente maior número de verdades referentes aos efeitos e aos mistérios divinos, do que nós somos capazes de o fazer. Donde se segue que os anjos não tinham uma fé em Deus ausente no mesmo grau de distanciamento como o procuramos em nossa fé, porque Deus, pela luz de sua sabedoria, lhes estava mais presente do que está aos bem-aventurados pela Luz da Glória* (2^a 2^{ae}, q. 5, a. 1, ad 1^m.).

641. – *A semelhança de Deus, que está naturalmente no espírito angélico, é como a espécie pela qual o intelecto angélico é informado para conhecer a Deus* (L. 2, *Dist.* 4, art. 4, ad 2^m). Os anjos são, em relação à Deus, os mais nobres e mais perfeitos espíritos.

Olhando para si próprios e percebendo que Deus os ultrapassa infinitamente em perfeição, os anjos tinham uma ideia de Deus muitíssimo superior àquela que podemos ter, nós, que fomos criados, isto é verdade, à imagem e semelhança de Deus como eles[1093], mas num grau bem menor de fidelidade. *A natureza angélica é uma espécie de espelho que representa a semelhança de Deus*[1094] mais claramente do que a alma humana. Acrescentemos a isto as graças proporcionadas à superioridade da natureza angélica em relação à nossa; acrescentemos a revelação divina que aumenta ainda mais as luzes tão amplas e tão vivas e nos será fácil compreender quanto os conhecimentos dos anjos, durante sua prova, ultrapassaram os nossos atuais conhecimentos.

642 . – Se, portanto, graças à revelação, conhecemos muitas verdades sobrenaturais durante nossa prova, nós que, por natureza, somos inferiores aos anjos, o que dizer da extensão dos conhecimentos que tinham os anjos quando batalhavam para sua salvação? Certamente seu símbolo de fé não era menos rico do que o nosso.

Santo Tomás ainda nos diz que *tudo o que os Profetas sabiam por revelação divina, no tocante ao mistério da graça, foi revelado muito mais excelentemente aos anjos*[1095].

[1093] *Quia imago Dei est in ipsa natura Angeli impressa, per suam essentiam Angelus Deum cognoscit, in quantum est similitudo Dei (1. Q. 56, a. 3)*

[1094] Ibid.

[1095] 1, q. 57, a. 5, ad 3^m.

O que é verdadeiro para os santos anjos, acrescenta Suarez; ... mas a proposição de Santo Tomás é muito verdadeira também e se aplica aos anjos durante sua prova, porque os profetas tiveram este conhecimento durante sua vida mortal, e os anjos, mesmo antes de sua glorificação, deveriam, geralmente falando, ser mais perfeitos que os profetas[1096].

643. – Daí se segue que os santos anjos, no seu estado de inocência, acreditaram pelo menos em todos os principais mistérios que nós presentemente cremos e que, além disto, seus olhos, fortalecidos pela Fé e pela Revelação, se estenderam mais ou menos ao futuro. Eles conheceram o mistério da Encarnação futura do Verbo: *O Mistério do Reino de Deus, realizado por Nosso Senhor Jesus Cristo, todos os anjos conheceram, de alguma maneira, desde o início, mas sobretudo depois que foram beatificados pela visão do Verbo... Entretanto todos os anjos não conheceram perfeitamente nem igualmente este mistério*[1097]. Isto dependia de seu grau de virtude e de fé, como no presente o conhecimento da Revelação depende de nós. Ou melhor, depende do uso que fazemos da graça.

644. – Do que acabamos de dizer e nos princípios que foram expostos anteriormente (nn. 378 e seg.); 292 e seg.; 297-302, especialmente o nº. 300; 528-530), resulta que os anjos, durante seu estado de prova, creram na encarnação futura do Filho de Deus, na futura maternidade divina e, por consequência, na futura existência da humanidade e dos céus inferiores. Foi particularmente por ter pecado contra esta Fé, pelo orgulho e pela inveja, por ter querido ser independente da graça do Homem-Deus e das salutares influências da augusta Mãe de Deus, que os anjos rebeldes foram precipitados do Céu, como veremos melhor no seguinte Capítulo.

645. – Às luzes da Fé e às luzes naturais que os anjos possuíam se acrescentaram certas instruções que eram para eles *"leçons de choses"*[1098].

Deste modo o Escrivão sagrado nos diz que *o Espírito de Deus pairava amorosamente sobre o caos*. Isto deveria ser um fenômeno muito perceptível aos anjos, um fato, se se pode falar assim, de notoriedade pública, melhor ainda do que mais tarde foi a descida do Espíri-

---

[1096] De Angel. L. 5, cap. 6, n. 4.

[1097] Santo Tomás, 1, q. 64, a. 1, ad. 4. Santo Tomás diz em outro lugar: "Potest dici quod Angelus ante confirmationem, et homo ante peccatum, quaedam de divinis mysteriis MANIFESTA COGNITIONE cognoverunt, quae nunc non possumus cognoscere nisi credendo". 2ª 2ae q. 5, a. 1.

[1098] "Lição das coisas" como dizem os franceses.

to Santo sobre os Apóstolos, porque o *Espírito do Senhor pairou* continuamente *sobre o caos: ferebatur, fovebat*.

Esta conduta do Espírito de Deus foi extremamente significativa.

O quê! *Este Espírito divino, que havia ornado os céus*[1099] então existentes – quer dizer, o Céu Empíreo – concentrou seus efeitos sobre o caos informe! A criação dos anjos, a criação e a formação do Céu Empíreo, a distribuição das graças às primeiras criaturas inteligentes, parece não ter custado nada: *No início Deus criou o céu e a terra*, e tudo está dito quanto a este período de tempo.

Mas o Caos está descrito com mais cuidado: Ele *era informe e vazio; e as trevas cobriam a face do abismo*; e, se bem que nada nele parecesse belo e atraente, entretanto o Espírito de Deus mostra uma espécie de marcada predileção por essa massa confusa de elementos materiais.

Ah! nada mais é necessário para demonstrar aos anjos, naturalmente tão esclarecidos e, além disso, iluminados pela graça, a existência futura do Homem-Deus, de Maria Santíssimo, sua Mãe, da raça humana e dos céus inferiores. E, como os profetas, os Isaías, os São Pedro, os São João, nos têm preditos a renovação do universo como devendo se efetuar depois do Juízo Final e a *formação de novos céus e de uma nova terra*; igualmente os anjos, geralmente mais esclarecidos durante sua prova do que nossos profetas durante a deles (nn. 640-642) tiveram como ver claro a realização futura da mais nobre parte do plano divino. As luzes foram abundantes para eles mais ou menos como presentemente elas abundam para nós.

Vejamos a que chegaram os anjos, pelo uso do livre arbítrio, sob a influência da graça.

Terceiro ponto: A fé na Encarnação foi a causa principal da prova dos anjos – Consequências do ponto de vista da felicidade acidental dos eleitos.

646. – Como acabamos de ver, todos os anjos deveriam crer, durante sua prova, na Encarnação futura do Verbo. Essa doutrina que é, segundo Suarez, *de longe a mais provável*, ou ainda, *a verdadeira doutrina* (vera sententia)[1100], repousa sobre numerosas razões que o *insigne doutor* chama muito modestamente de *conjecturas*, como se uma opinião *de longe a mais provável,* pudesse ter bases tão débeis. Por nós, cremos francamente que a maior parte das razões expostas

[1099] Jó, XXVI, 13.
[1100] *De Angelis*, Tom. III, l. V, cap. VI, nn. 9-34.

por Suarez é muito sólida[1101] e que a elas se poderia acrescentar outras também de um grande peso.

Aquela que, entre outras, nos parece evidente, segundo o ensinamento formal de São Paulo, é que tudo foi predestinado à existência de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima, que todas as criaturas racionais foram desejadas por Deus a título de cortejo e de membros de Cristo, e que, por consequência, todos os dons repartidos por Deus a suas criaturas e todas as graças da salvação devem se reportar a Cristo Nosso Senhor como à sua *causa final, à sua causa exemplar e à sua causa meritória*[1102] (nn. 278-286; 287-302).

Ora, segue-se daí que os anjos não podiam obter a graça e a sua salvação sem Nosso Senhor Jesus Cristo, sem ter relação com Cristo, o que somente podia ser obtida pela Fé. Como supor logicamente que os anjos, tão iluminados pela natureza e pela graça não conhecessem seu fim imediato que era Nosso Senhor Jesus Cristo, a causa exemplar de sua natureza e de sua santidade? E que a alma e a santidade de Nosso Senhor Jesus Cristo eram a causa meritória das graças que eles receberam?

Em outras palavras, quem admite a prova angélica também deve admitir a Fé como elemento desta prova. E quem admite a Fé deve ainda demitir, por ela mesma, *Jesus..., o autor e o consumador da Fé* (Hebr., XII, 2). Ademais, Nosso Senhor Jesus Cristo é certamente o Chefe dos anjos, dos homens e de toda criatura.

Donde os anjos não poderem se salvar sem a Fé em Jesus Cristo, como os santos do Antigo Testamento. O Chefe devia preservar aqueles e redimir estes (nn. 297, 298). Enfim, reportando a Suarez a maior parte das provas desta magnífica tese[1103], nós nos contentamos em lembrar aqui toda uma categoria de provas que nos parecem novas neste sentido e que já foram objeto de nossas meditações (nn. 520-534), particularmente a propósito do nome e dos ministérios de São Gabriel.

647. – Repetimos, em consequência, com o Príncipe dos teólogos, uma verdade que domina esta questão: *Sua contemplação* (a dos Anjos durante a prova) *era mais alta do que a nossa; porque, estando mais próximos de Deus, eles podiam conhecer mais claramente maior quantidade de verdades no tocante aos efeitos e aos mistérios divinos, que nós não somos capazes de fazer. ... Deus, pela luz da sabedoria,*

[1101] Ver Suarez, ibid.

[1102] Ver Cornélio a Lápide, *in Epist. ad Efes*., cap. I, v. 22, e Suarez, Tom. 1, in 3 p. div. *Thomae, Disput*. 42, Set. 1, num. 6, Quest. 19.

[1103] Loco citato.

lhes estava mais próximo do que a nós (n. 640)... *Entretanto todos os anjos não conheceram perfeitamente e nem igualmente este mistério* (o da Encarnação) (n. 643).

648. – Estas palavras nos ajudam a resolver muito facilmente a maior dificuldade que se possa fazer contra nosso argumento. São Paulo escreve aos Efésios: *A mim, o menor dos santos, me foi dada esta graça ... de esclarecer todos os homens sobre a distribuição dos mistérios escondidos, desde o princípio dos séculos em Deus, que criou todas as coisas, a fim de que os principados e as potestades que estão no céus conhecessem, pela Igreja, a multiforme sabedoria de Deus, segundo a determinação eterna que ele realizou em Jesus Cristo, Nosso Senhor* (Ef., 3, 8-11). Destas palavras alguns autores concluem que a Encarnação não foi, pois, conhecida pelos anjos durante sua prova. Mas esta conclusão nos parece muito ilegítima.

Porque por outra boa interpretação dada por Santo Agostinho (n. 281), e que nos é muito favorável, Santo Tomás encontra também nesta passagem de São Paulo um sentido que não deixa nenhuma dúvida sobre o conhecimento que os anjos tinham da Encarnação (P. 1, q. 117, a. 2). O grande Doutor chega mesmo a dizer que, *no tocante às coisas divinas, jamais os anjos são esclarecidos pelos homens* (Ibid.).

Qual é, portanto, sobre este ponto, o ensinamento literal de São Paulo? Aqui está.

649. – *Eu recebi a graça*, diz São Paulo, *de esclarecer todos os homens sobre a distribuição*, quer dizer, sobre a realização circunstanciada, sobre o cumprimento detalhado e completo, *do Mistério escondido em Deus desde o princípio dos séculos*. Este mistério estava escondido em Deus somente em parte, quer dizer, somente para quem olha a *dispensação* ou a realização acompanhada de todas as suas circunstâncias. Além disto, todo mistério santo está parcialmente escondido em Deus, por causa das obscuridades que ele apresenta; mas, pelo próprio fato de ser *mistério* ou *sacramento*, até certo ponto ele aparece. Caso contrário não passaria de um *segredo*.

Este mistério *estava escondido em Deus desde o princípio dos séculos*, porque era misterioso, porque era um objeto de fé para os anjos sob a prova, e porque *nem todos* os anjos glorificados sabiam *perfeitamente e nem igualmente*, desde o princípio de sua glorificação, tudo o que devia acompanhar o desenvolvimento das riquezas *incompreensíveis de Cristo*, no mundo. Na medida de sua realização ela trazia novas luzes aos Apóstolos, na medida dos desenvolvimentos que ia tomando o Corpo Místico de Cristo sob a ação fecunda do Espírito

Santo, os anjos viam a realidade corresponder, cada vez mais, ao ideal que eles tinham feito, e com isto sua ciência **se completava**. Eles não captavam de modo preciso o plano divino, que conheciam desde então, mas a multiforme sabedoria de Deus, a multiplicidade indefinida de aspectos que apresenta um tão grande mistério, que, ao se realizar, mostra sua relação com todos os seres finitos e com Deus, o *criador de todas as coisas*.

650. – Além disto, se as revelações dos Apóstolos têm por fim *esclarecer todos* os homens sobre a realização do grande mistério de Nosso Senhor Jesus Cristo, elas foram dirigidas, também universalmente, aos habitantes da Igreja Celeste. Segundo as palavras de São Paulo, tais revelações ensinam, sobre esse ponto, aos *principados e às potências celestes*, e, consequentemente, às hierarquias inferiores. Por isto, os serafins, os querubins, os tronos, as dominações, quer dizer, os quatro coros de anjos mais esclarecidos, sem falar das virtudes, não estão mencionados aqui.

Como as potestades determinam *o modo de realizar aquilo que está definido e prescrito e descartam os obstáculos*; como os principados *dirigem os impérios e as outras sociedades humanas* com vistas à Igreja, que é a sociedade divina e por consequência o fim das outras sociedades (nn. 446, 453-455), estes anjos aprendem as coisas dos Apóstolos divinamente inspirados, naquilo que se refere à execução do plano divino.

Sobre *as coisas divinas* que os anjos contemplam na Celeste Pátria pode-se admitir, com Santo Tomás, *que os anjos bem-aventurados nunca seriam esclarecidos por homens* mortais (n. 447), é preciso dizer que os anjos, notadamente os dos corpos inferiores, se instruem com todas as pessoas que falam e agem formalmente sob a influência do Espírito de Deus.

É, além disto, extremamente fácil admitir que *as potestades e os principados celestes* estão ao serviço dos Apóstolos no combate aos demônios e para fazer tudo acontecer para o proveito da Igreja. *Se todos os anjos são espíritos incumbidos de um ministério, e enviados para o exercer a favor daqueles que receberam a herança da salvação* (n. 516), que dificuldade pode haver em que as potestades e os principados, no exercício de seu ministério, também se inspirem na pregação dos Apóstolos, pregação divina em que os instrumentos são os futuros "serafins" da espécie humana? (n. 471, 472)

651. – O mistério da Encarnação *estava escondido em Deus, desde a origem dos séculos*, mas apenas com relação à *razão natural* dos

homens e dos anjos, sobretudo *aos principados e às potestades celestes*, como aliás explica Doutor das Gentes (1a. Cor. II, 6-16). |Ou, melhor ainda, parcialmente, com relação aos olhos da Fé, tanto que os anjos tiveram a **ciência prática** do plano divino somente à medida em que este plano era realizado (nn. 637-640) segundo a predestinação eterna que eles creem e que Deus *realizou em Jesus Cristo, Nosso Senhor*.

652. – Portanto, para nós, não há nenhuma dúvida sobre este ponto: os anjos deveriam crer na futura Encarnação do Verbo. E agora, nós acrescentamos que este mistério foi também o principal objeto da prova dos anjos.

"Se Nosso Senhor Jesus Cristo foi revelado aos anjos pela fé, diz Suarez, desde o primeiro momento de sua criação, é certo que Ele lhes foi proposto como chefe a quem deveriam se submeter e em quem eles deveriam colocar, depois de Deus, sua esperança e sua fé, porque é assim e porque a fé em Nosso Senhor Jesus Cristo é ordinariamente necessária aos amigos de Deus.

Este é também o ensinamento mais provável dos autores mais sérios de que a revelação, feita aos anjos, sobre Nosso Senhor Jesus Cristo, foi a ocasião em que os anjos maus pecaram por orgulho e por inveja da raça humana, como o indica Rupert e como nos diz São Jerônimo... nestas palavras: *Todas as dissensões que existiram antes do mundo* (móvel) *e que começaram mais tarde no mundo, entre as criaturas visíveis e as criaturas invisíveis, tinham a ver* (pollicebatur) *com a vinda de Deus* (que deu aviso disto). Portanto, é muito mais verossímil que os Santos Anjos mereceram em Cristo e por Cristo, no qual eles creram".[1104]

653. – Sim, tudo nos leva a crer que a Encarnação do Verbo foi o principal objeto da fidelidade dos anjos bons, como também o principal motivo da revolta dos anjos maus. Anteriormente já interpretamos neste sentido uma magnífica passagem do profeta Isaías (nn. 528-530). Mas convém lembrá-la para vermos, num relance, todo o ensinamento da Sagrada Escritura sobre este ponto. O Profeta clama: *Como caíste do céu, Lúcifer, tu, o astro brilhante, tão resplandecente ao nascer? Como caíste por terra, tu que farias as nações? Tu foste arrojado sobre a terra, tu, que feriu com pragas as nações? Que dizia no teu coração: Subirei ao céu, estabelecerei o meu trono acima dos astros de Deus, sentar-me-ei sobre o monte da Aliança, (situado) aos lados do*

[1104] In 3 p. divi Thomae, Q. 19, Disp. 42, sect. 1, n. 6.

Aquilão. Sobrepujarei a altura das mais elevadas nuvens, serei semelhante ao Altíssimo. E, contudo, foste precipitado no inferno até o mais profundo dos abismos[1105].

654. – No tocante à interpretação desta passagem, Cornélio a Lápide escreveu: "*Eu afirmo que nas parábolas se encontra, primeiramente, a verdade sobre ela mesma, seja sobre a História ou sobre a coisa que está contada em parábola. E, em segundo lugar, a verdade da coisa que está significada pela parábola, que é o sentido literal da própria parábola. Igualmente, nas parábolas de Isaías, encontra-se a descrição, sob forma de parábola, do esplendor e da queda de Lúcifer. Mas o significado literal de tudo isso se relaciona com o esplendor e a queda de Balthazar"*.

Que este seja o significado desta passagem, o próprio contexto e os Padres da Igreja **unanimemente** ensinam. **P**or exemplo, Santo Agostinho, Santo Ambrósio, São Cipriano, Tertuliano, Santo Atanásio e outros"[1106].

655. – Eis, então, a interpretação bem fundamentada da Sagrada Escritura e da Tradição: a linguagem utilizada por Isaías se referia realmente a Lúcifer. O crime expresso por esta linguagem é o da queda do mais elevado dos querubins.

O Rei da Babilônia imita a iniquidade e participa dos sentimentos de Lúcifer. É o porquê ele participa da desgraça do anjo rebelde. Com efeito, este rei, evidentemente um homem, esforçava-se por se passar por um Deus e queria ser tratado como tal. Era no fundo ambicionar a dignidade do Homem-Deus. Mas, mal a tomara, *foi lançado bem longe ao seu sepulcro como um tronco inútil; e, coberto de seu sangue, foi confundido com a multidão daqueles que foram mortos pela espada. E desceram-no ao fundo da cova como um corpo já apodrecido* (Isaías, 14, 19): imagem humana e fiel de Lúcifer.

Ambos queriam subir às alturas da grandeza e apenas parar na sublimidade divina. Um e outro foram precipitados, por causa de seu orgulho, não somente ao nível do vulgar, mas ao último degrau da abjeção.

Se se pudesse ter uma ideia do orgulho, da malícia e do crime, seria como se a encarnação fosse feita em Lúcifer. E, desde então, a primeira das revoltas seria necessariamente o modelo de todas as ou-

---

[11051105] Isaías, XIV, 12-15. Dicitur Isaïae 14 in figura diaboli: "in coelum conscendam, etc." quod non potest intelligi de coelo empyreo, quia ibi creatus est; et sic restat ut intelligatur de coelo Sactae Trinitatis (S. Tomás, L. II Dist. V, q. 1, a. Sede contra). Trata-se da união hipostática com o Verbo.

[1106] *Coment. in Isaias prof*. XIV, 12.

tras. Ora, se bem que o orgulho e a culpabilidade não sejam mais do que privações mais ou menos completas do bem, entretanto é preciso reconhecer que o maior defeito está em querer ocupar o papel de causa exemplar de todos os defeitos. A maior das culpas está em reproduzir, de alguma maneira em imagem, para todos os culpáveis, tudo aquilo que dele mais aproxima em perversidade.

É por isto que a história de Lúcifer se reproduz especialmente em todas as pessoas soberbas.

656. – Examinemos mais particularmente os caracteres do orgulho angélico.

Lúcifer era naturalmente uma das mais altas criaturas (n. 457). Ele *era brilhante como a aurora.* E, pelo bom uso dos dons sobrenaturais, era Lúcifer que levava à luz aos outros e deveria vir a ser o fator mais possante dos esplendores do Céu Empíreo. Mas, por falta de amor à verdade, ele encontrou uma pedra de tropeço em suas próprias luzes.

A revelação divina fazia-lhe conhecer a existência futura de um Homem-Deus e de uma Mulher que seria a Mãe de Deus. Deus queria que este Homem fosse predestinado a ser a Cabeça de toda a Igreja inteligente, pois *tudo foi criado nele e por Ele*, que Ele seria o rei de todas as coisas depois do Altíssimo, que todos os anjos deviam desde então olhar para o futuro e O adorar. E que todos deveriam igualmente reconhecer a Mãe do Homem-Deus como sua rainha.

Então Lúcifer *disse em seu coração*: *eu subirei ao céu*; desde já estou no Céu Empíreo; mas, já que existe um céu mais elevado ainda, que vai se perder na divindade, um céu mais sublime reservado ao Homem-Deus e à sua Mãe, *eu subirei a este mesmo céu*; *e estabelecerei meu trono acima dos astros de Deus*, acima deste homem e desta mulher, por mais brilhante que eles sejam, porque o anjo deve ultrapassar, em dignidade, toda representação da esfera humana. Se a grandeza vem de Deus e do grau de união que se tem com a grandeza suprema, pois bem! *assentar-me-ei*, por mim próprio, *na montanha da aliança*. A mais íntima das uniões com a divindade, a união hipostática, sou eu que vou tê-la; ela não tem proporção senão com a minha excelência.

Se um homem deve alcançá-la, se para isto uma mulher deve servir de preparação, pelo menos compartilharemos essa incomparável glória; de qualquer modo eu terei a precedência sobre eles: *Subirei acima das nuvens mais elevadas*, eu que, diferentemente dos homens, nada tenho da matéria. Não cedo a ninguém mais, senão a mim, *o ter*

a mais perfeita semelhança com o Altíssimo. Também estabelecerei, eu mesmo, meu trono ao *lado do Aquilão*, lá onde a colina atinge sua maior altura[1107].

657. – Parece-me impossível dar a esta passagem uma interpretação mais natural e mais adequada.

O profeta Ezequiel fala no mesmo sentido de uma maneira ainda mais detalhada. Na carta ele se refere ao rei de Tiro, mas este rei é considerado uma imitação fiel do demônio ou de Lúcifer. E isto é tão verdadeiro que muitas expressões designam mais particularmente Lúcifer do que o soberbo rei.

Filho do homem, lemos em Ezequiel, *chore muito pelo rei de Tiro; e diga-lhe: eis o que disse o Senhor Deus: Vós fostes o selo da semelhança do Altíssimo* (semelhança muito grave e muito fiel). *Vós fostes pleno de sabedoria e de perfeita beleza; vós estáveis nas delícias do Paraíso de Deus; vossa vestimenta era rica de toda sorte de pedras preciosas... Os instrumentos mais excelentes foram preparados para solenizar o dia em que fostes criado. Vós éreis um querubim com extensas asas protetoras; eu vos havia estabelecido sobre a montanha santa de Deus, e vós havíeis caminhado no meio das pedras reluzentes ou preciosas de que vós éreis ornado*. *Vós éreis perfeito em vossos caminhos desde o dia de sua criação até este em que a iniquidade se encontrou em vós. Na multiplicação de vosso comércio, vossas entranhas encheram de iniquidade e vós haveis pecado; e Eu vos retirei da montanha de Deus, e vos condenei, ó Querubim protetor, no meio de pedras preciosas e brilhantes de que vós estaveis envolvido. Porque vosso coração se orgulhou de vosso esplendor; vós perdestes a sabedoria e vossa beleza. Eu vos precipitei à terra, diante da face dos reis, a fim de que eles lançassem seus olhos sobre vós* e sobre vossa vergonha (Ezequiel, XXVIII, 11-17).

658. – Não é Lúcifer quem, antes da existência da alma de Jesus e de Maria, era *uma magnífica semelhança* do Altíssimo, quanto à natureza e quanto à riqueza das graças distribuídas aos anjos no momento de sua criação?[1108] Quem foi **mais sábio e mais perfeito em beleza**

[1107] Alusão ao templo de Jerusalém, que é uma testemunha da Aliança entre Deus e seu povo, e que está construída nas mais altas colinas desta região, o Monte Sião e o Monte Moriá, que estão do lado norte.

[1108] De todos os querubins Lúcifer era o que mais parecia com Deus. Ele era um dos mais perfeitos dos anjos que iam sucumbir à tentação. Era o *selo da semelhança* do Altíssimo tanto quanto é possível a um querubim *com as asas alonga-*

do que ele, enquanto mantinha a inocência? Foi ele, sobretudo, muito mais do que o rei de Tiro, *que esteve nas delícias do Paraíso de Deus*, do Éden por excelência, imensamente maior e mais bonito do que o Paraíso terrestre, do que o Paraiso criado no início: *In principio creavit Deus coelum*, o Céu Empíreo, o mais vasto e mais rico dos céus, o mais esplêndido e imenso "Paraíso terrestre" dos anjos.

Sua vestimenta era enriquecida de toda a sorte de pedras preciosas, pois, portador e refletor da luz, *Lúcifer*, ele aparece aos olhos dos anjos inferiores como a beleza mais resplandecente e mais variada, depois de Deus. *Os instrumentos mais excelentes foram preparados para solenizar o dia em que ele foi criado*: muitas vozes angélicas deviam honrá-lo como seu ornamento, como sua glória, como seu benfeitor, depois de Deus. Podia-se e devia-se solenizar sua criação, pois os anjos não nasceram, como os filhos de Adão, com pecado original, mas simultaneamente na pureza da natureza e nos esplendores da graça santificante.

Lúcifer era um querubim com asas alongadas e protetoras, porque toda sociedade angélica olhava-o como distinguido representante de Deus, por sua autoridade, por suas luzes, por sua benevolência e por sua perfeição.

Lúcifer estava também *estabelecido sobre a montanha santa de Deus*, e caminhava adornado dos mais ricos ornamentos espirituais e sobrenaturais. Ele era um *querubim com asas alongadas e protetoras. Ele era perfeito em seus caminhos no dia de sua criação*, o que era mais verdadeiro para os anjos do que para o homem inocente, e era também mais verdadeiro para Lúcifer do que para todos os outros querubins, o que não poderia se verificar com o rei de Tiro.

Na multiplicação de seu comércio, suas entranhas se encheram de iniquidade e ele pecou: *o comércio* de Lúcifer era o mais amplo e o mais múltiplo. Ele tinha relações muito estreitas e muito frequentes com Deus; esclarecia e dirigia todos os querubins, todos os tronos e todas as hierarquias inferiores. Presidia o Céu Empíreo, e as homenagens vinham-lhe de todas as partes.

---

das. É também como tal que ele *era perfeito em seus caminhos no dia de sua criação*.

Por suas superiores luzes naturais e por seus dons sobrenaturais extremamente ricos, Lúcifer estendia ao longe, no futuro, suas vistas e suas esperanças, pois ele estava em situação de progresso[1109].

Mas, *Lúcifer pegou*. *Seu coração disparou em meio ao brilho de sua posição*. E ele **perdeu a sabedoria e sua própria beleza**, e *foi precipitado à terra*; foi cassado da montanha de Deus, quer dizer, de uma das mais altas condições então ocupadas pela criatura.

Seu brilho e sua beleza foram as ocasiões de sua queda!

659. – Por que, então, foi sua queda, ó Lúcifer? Ah! Vós havíeis dito: *Subirei ao Céu* da união hipostática. Vós se fizestes profeta sem inspiração divina, profeta interessado, não com a verdade, mas com a própria glória, e assim fostes mentiroso desde o início. Vós haveis dito ainda: *estabelecerei meu trono acima dos astros de Deus*, não certamente acima dos outros anjos e dos mundos do Céu Empíreo, porque desde então vós domináveis tudo aquilo[1110], acima de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima que pela fé conhecias como vossos superiores. E, malgrado este ensinamento de vossa fé, vós acrescentastes: *Subirei acima destas nuvens mais elevadas*, porque elas têm qualquer coisa de material e eu sou puro espírito; serei, mais que Jesus e que Maria, *semelhante ao Altíssimo*. Vosso coração *se elevou com o brilho* que vós projetáveis, e não com a graça, com a humildade, com a confiança em Deus.

Vós perdestes a sabedoria devido a vossa beleza: deslumbrado convosco mesmo, vós não quisestes compreender que Deus pode tornar abundante sua graça inteiramente gratuita, se Ele quiser, mais no homem do que no anjo e que a união hipostática com a divindade, bem como a maternidade divina, não podia ser reclamada por nenhuma natureza criada, por mais bela que ela seja. Em vossos discursos há apenas questão sobre elevação e grandeza sobrenaturais sem menção à graça uma única vez.

Ó, primeiro pelagiano; ó, primeiro partidário do naturalismo, vós fostes o inimigo do sobrenatural ao mesmo tempo que pretendias tornar-se o primeiro santo dos seres, depois de Deus. Flagrante contradição! *Vós não poderieis habitar na verdade*. Vossa fé vos ensinavas a encarnação do Verbo e a maternidade divina, e a verdade não foi encontrada em vós, pois vós dissestes de si mesmo o que devias dizer de

---

[1109] Ao supor, algumas vezes, que Lúcifer era o primeiro de todos os anjos, nós falamos de acordo com a opinião preferida por Santo Tomás. Mas, por nós, preferimos outra opinião que exporemos mais adiante, nn. 724, 725, 730-732.

[1110] Mesma observação anterior (n. 658, nota 2ª).

Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima; vós dissestes mentiras. Mentindo, vós debilitastes a si mesmo, e vos transformardes num mentiroso e no pai da mentira (São João, VIII, 44) ao recusar as luzes da Fé. Ó vós, que sois o deus e o primeiro modelo da incredulidade, do racionalismo, do pelagianismo moderno, que põe a ciência acima da Fé e a natureza acima do divino; vós fostes arrojado da face dos reis, que são os filhos de Deus e os homens de Fé, e fostes lançado ao inferno, nas profundezas do abismo.

660. – Foi por suas mentiras que Lúcifer se tornou *homicida desde o início*, como disse o Salvador aos judeus: *Vós tendes o diabo por pai, e vós quereis cumprir os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade* (Ibid.). Foi perseverando no seu ódio, caluniando e crucificando o Homem-Deus, que os judeus *completaram os desejos de seu pai*, o diabo; então fica claro que este, modelo e pai dos deicidas, pecou da mesma forma no paraíso terrestre dos anjos, contra o Verbo encarnado que ele, pela fé, tinha que adorar.

Os judeus são os imitadores do diabo, pois o diabo pecou com eles; o diabo foi *homicida* como então era possível ser. Não querendo de forma alguma a Encarnação do Verbo, em desejo aniquilou a Humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, pois Cristo, enquanto Homem, só existe no Verbo e pelo Verbo, tanto que a humanidade de Cristo jamais teria existido se não tivesse sido, ao mesmo tempo, criada e assumida pelo Verbo. A recusa em admitir a Encarnação era então equivalente há um *desejo homicida*. Era a supressão de Nosso Senhor Jesus Cristo considerado como Homem, aquele que também os judeus deicidas perseguiram.

661. – Mais ainda. Pelo próprio fato de que Lúcifer não queria a existência da humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, ele também não queria a existência de Maria Santíssima.

Semelhante a seu divino Filho, a Virgem Maria jamais existiria se não devesse ser a Mãe de Deus. Todos os teólogos nos parecem estar de acordo neste ponto. E, ademais, a razão teológica facilmente prova-o.

Os desejos *homicidas* do diabo tinham, portanto, por objeto, tanto Maria Santíssima como Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim Lúcifer *não se contentava em elevar seu trono acima dos astros de Deus*. Ele queria elevar seu trono acima das ruínas destes astros porque *foi homicida desde o início*.

E, de um único golpe, no desejo, Lúcifer tentou apagar do desígnio divino a existência de Nosso Senhor Jesus Cristo e a de Maria Santíssima. A de Nosso Senhor Jesus Cristo foi como acabamos de dizer. A de Maria Santíssima, porque Ela só poderia se tornar Mãe de Deus através da Humanidade de Cristo.

E isto ainda não era tudo, pois Lúcifer, ao suprimir inteiramente os dois grandes líderes da humanidade, ele também dela tirou toda a sua razão de ser e, portanto, a aniquilou juntamente com Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima. Então, para Lúcifer, não haveria a humanidade, tão profundamente ele era homicida!

Consequentemente, outro desfecho muito provável é que não haveria também outros céus, senão o Céu Empíreo e a permanência, *sem fim*, do Caos na sua confusão primeira.

Verdadeiramente, Lúcifer, *na sua beleza, perdeu a sabedoria*, pois em seu insensato egoísmo nada poderia convencê-lo de que a ordenação do Caos, como tal, era, e deveria ser, um dos objetivos finais da Sabedoria divina.

662. – Acrescentamos, com Suarez[1111], que nenhum outro objeto do orgulho angélico não nos é proposto tão claramente pela Sagrada Escritura, pela Tradição e pelo ensino teológico, como a Encarnação do Verbo.

Esta razão nos parece ao mesmo tempo incontestável e excepcionalmente forte. A nossos olhos é quase impossível que a verdade revelada apresentasse falhas exatamente onde brilham os melhores e maiores raios de luz divina. O que seria não somente um defeito da Revelação, mas ainda mais uma espécie de decepção, o que é um absurdo nesta matéria.

663. – Agora, nosso ensinamento sobre este ponto é solidamente confirmado pela conduta dos "imitadores humanos" do anjo rebelde.

Como os judeus descidas tinham o diabo por pai, igualmente os incrédulos, os materialistas, os positivistas, os liberais, concentram mais ou menos seu ódio contra o Homem-Deus e a divina majestade na humanidade. O elemento divino-humano os escandaliza e os irrita. Eles querem ser apenas homens, e, todavia, superiores a Nosso Senhor Jesus Cristo, à Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo e aos filhos de Deus.

[1111] De Angeli, l. 7, cap. 13, n. 27.

O liberal diz: "Eu tomo aquilo que me agrada no mundo, na ciência e na obra de Cristo, e largo o resto". Portanto, Cristo e a Igreja eles serviriam, mas não seriam dirigidos e nem seriam servidos por eles!

Os outros revoltados olham para tudo que é divino como um mito risível. A fé, a graça, a filiação divina adotiva, a autoridade sagrada e religiosa, tudo que está calcado sobre a Encarnação do Verbo e recorda essa ideia, provoca suas negações desdenhosas, e eles dizem: "somos mais que isto; somos o progresso, a ciência, a luz; *estamos acima das nuvens mais elevadas*; *estabeleceremos nosso trono acima dos astros de Deus"*.

Eles são homicidas porque se esforçam em privar a humanidade de suas vias superiores, da graça e da glória.

E a verdade não está com eles, e eles são mentirosos e pais da mentira; perderam a sabedoria na sua beleza; e foram *precipitados à terra*, no meio *dos animais privados de inteligência* (Salmo 31, 9).

E, se permanecerem impenitentes, serão *precipitados no inferno, nas profundezas do abismo*.

664. – Ó! quão claramente a encarnação do Verbo, com suas consequências, aparece como principal objeto da prova angélica e da prova humana! *Aquele que crer e for batizado será salvo; mas aquele que não crer será condenado* (Marc. XVI, 16). – *Quem crer nele* (no Filho de Deus) *não será então condenado, mas quem não crer nele será condenado, porque então não crê no nome do filho único de Deus* (Jo., III, 18).

A prova da criatura inteligente se condensa na fé no Filho de Deus encarnado, tanto para os anjos quanto para os homens. E, como uns e outros se salvam por esta *fé viva*, igualmente uns e outros se condenam se não tiverem esta fé.

665. – Consideremos por aí, sob um novo aspecto, a bondade acidental dos santos anjos e dos bem-aventurados humanos.

A recompensa não está proporcionada somente ao mérito e nem quanto à grandeza, mas ela repercute também nos caracteres.

Aquele que, aqui na terra, é *pobre de espírito* será um dos maiores proprietários nos céus (nn. 392, 393); *aquele que sofre perseguição pela justiça*, que adquirir o domínio da verdade e do bem, terá nos céus um império especialmente vasto (n. 399); e assim outros conquistarão a celeste felicidade.

Mas, como todos serão excelentes, embora em graus diversos, na fé no Verbo encarnado e no amor do Homem-Deus, todos reinarão

com Ele, cada um de acordo com sua anterior dose de fé e amor, sobre todas as obras das mãos de Deus.

Santo Tomás disse *que Nosso Senhor Jesus Cristo preside a administração de toda criatura,... que todas as coisas são governadas pela alma de Cristo, que está assim em todas as criaturas..., que Jesus Cristo é nossa cabeça, e que, em consequência, aquilo que foi dado a Cristo, a nós foi também dado nele* (nn. 215, 216).

O que dizer, depois disto, da felicidade, mesmo acidental, dos santos anjos e dos bem-aventurados humanos? Em todas as coisas criadas eles vêm, admiram, e amam o império de Cristo, império que se tornou também o seu: *conregnabimus* (2 Tim. II, 12).

Em toda matéria os santos anjos e os bem-aventurados vêm uma espécie de reflexo do Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, em vista do qual, principalmente, toda matéria foi criada; em toda alma, em todo espírito imortal, eles contemplam uma imagem da alma de Cristo; em toda forma eles vêm uma semelhança da mais sublime das formas que está ainda na alma do Verbo encarnado; do movimento eles vêm a tendência das coisas a uma glorificação final, a qual só acontecerá quando Nosso Senhor Jesus Cristo tiver atingido o seu desenvolvimento completo, na sua alma, no seu corpo, na sua Igreja inteligente e na sua Igreja material (nn. 212, 213, 286, 374).

Ó!, como o santos anjos e os bem-aventurados amam todas as criaturas inteligentes, todas as outras criaturas e toda ordem que a elas preside, porque tudo isto é completado por Cristo e porque Ele é sua vida: **Qui omnin in omnibus adimpletur...** (Efes. I, 23), *Mihi vivere Christus est* (Filip. I, 21).

Sua glória os santos anjos e os bem-aventurados mereceram sobretudo pelo amor por Nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, no conjunto das coisas nada há em que eles não procuram Nosso Senhor, sobretudo agora que estão na glória, com inefáveis alegrias e celestes contentamentos.

Quarto ponto: Nosso Senhor Jesus Cristo como Redentor e Maria Santíssima como corredentora foram predestinados antes de todas as coisas e são os modelos perfeitos para os anjos, para os homens e para tudo que está sujeito à prova

666 – Ó sublimidade do mistério da Encarnação! Se algum mortal, esclarecido por uma luz divina, o aprofundasse adequadamente, este poderia nos contar e nos descrevê-lo com todos seus traços e com todo seu alcance, nos daria a história e a descrição completa de todos

os seres que compõem o universo. E, inclusive, se se for permitido falar assim, de Deus e de toda a sua atividade.

Sobre isso já dissemos algumas palavras ao longo de um Capítulo anterior (nn. 278-294), mas restringimo-nos a uma certa ordem de pensamento.

Convém então completar aqui estas considerações para aprendermos quais eram os *objetivos secundários* da prova angélica e que felicidade sob esse aspecto os anjos tinham.

667. – Segundo o ensinamento de São Paulo, *Deus nos elegeu em Nosso Senhor Jesus Cristo antes de lançar os fundamentos do mundo* (Efes. I, 4). Antes de criar o Céu Empíreo e o Caos, que são os fundamentos materiais do mundo, antes de criar os anjos, que também são seus fundamentos sob outro aspecto, Deus tinha os seus olhos fixos em Nosso Senhor Jesus Cristo, considerado como Homem-Deus. O *Cordeiro imaculado e sem contaminação já era conhecido e previsto antes da criação do mundo* (1ª Ped., 19,20). Não como eram concebidas e previstas todas as coisas que iriam se realizar, porque, neste caso, as palavras do Príncipe dos Apóstolos não continham nada nesse sentido, mas, de uma maneira especial e própria, se referiam somente ao Homem-Deus.

Segundo nossa maneira de entender, no início, Deus decretou:

– a Encarnação do Verbo.

– só depois, por causa do Homem-Deus, que ainda ia existir, é que Deus estendeu seu decreto aos anjos e aos homens, considerados como devendo ser os membros de Jesus Cristo e de sua Igreja universal;

– depois o Céu Empíreo e o Caos, destinados, após as devidas preparações, a serem a habitação material de Nosso Senhor Jesus Cristo e de seus membros.

668. – Sobre essa doutrina não pode haver dúvida porquanto ela é dirigida aos homens pertencentes ao Novo Testamento: entre todos os possíveis, *Deus nos escolheu em Nosso Senhor Jesus Cristo antes de lançar os fundamentos do mundo, a fim de que fossemos santos*, quer dizer, conforme a Jesus Cristo do qual devemos ser os membros.

Também o Apóstolo acrescenta estas palavras: *Deus nos predestinou por efeito de sua boa vontade para nos tornar seus filhos adotivos em Jesus Cristo*.

E no Capítulo seguinte (Efes. II, 10) ele reforça o mesmo pensamento dizendo que *nós fomos criados em Jesus Cristo para nos santificar pelas boas obras. Criados em Jesus Cristo,* quer dizer que nós

recebemos a existência unicamente por ter sido em vista a Jesus Cristo, por causa de Jesus Cristo, para fazer cortejo a Jesus Cristo, para sermos os membros do Corpo do qual Jesus Cristo é a cabeça, para completar Jesus Cristo compondo sua Igreja.

669. – Mas, há mais. O que São Paulo diz a propósito de Nosso Senhor Jesus Cristo, ele disse também de todos os homens, inclusive de Adão e Eva. Diz de todos os anjos e de todos os seres que compõem o universo inteiro, de maneira que, desde os imensos céus até o menor grão de areia, não há um único ser criado que não tenha sido predestinado à existência em Jesus Cristo, por causa de Jesus Cristo, e por Jesus Cristo.

O Apóstolo dos Gentios não poderia se exprimir mais claramente sobre este ponto. E ele se empenhou em incutir esta doutrina nos fiéis.

670. – São Paulo nos diz, de início, que ele considera Nosso Senhor Jesus Cristo como o Homem *por cujo sangue fomos redimidos* (Colos. I, 14); como Homem que pacificou, *pelo sangue de sua cruz, tudo o que está sobre a terra e tudo o que está nos céus* (Ibid. 20); como Homem que ressuscitou e que é *o primeiro dentre os mortos* (Ibid. 18).

Ora, Nosso Senhor Jesus Cristo, assim considerado, indica que Ele é a *imagem* visível *do Deus invisível,* e *que Ele nasceu*, sem dúvida, no pensamento e nos decretos divinos, *antes de todas as criaturas*: "*primogenitus omnis creature*", o que não pode convir ao Verbo tomado absolutamente, pois o Verbo não é um criatura; e que *tudo foi criado nele (in ipso) no céu e na terra, todas as coisas visíveis e todas as coisas invisíveis, sejam os Tronos, sejam as Dominações, sejam os Principados, sejam as Potestades; tudo foi criado por Ele e nele*: "*Omnia per ipsum et in ipso creata sunt*".

Tudo foi criado *por Ele* considerado como Deus, escusado será dizer quanto ao Pai e ao Espírito Santo. Mas, ademais, tudo foi criado *por Ele*, considerado como Homem, no sentido de que Ele, por sua excelência, motivou a criação de todas as coisas; que Ele foi a causa exemplar final sobre a qual Deus mediu e modelou o universo; e que nada seria criado e disposto se não fosse em vista dEle e para que a glória de Deus e o bem dos seres criados tivessem plena e segura garantia e um complemento necessário[1112].

[1112] Dissemos *um complemento necessário* no ponto de vista da perfeição que Deus queria encontrar na sua obra.

É, portanto, por puro efeito de seu amor que Deus decretou a Encarnação do Verbo; é a graça por excelência; é a graça "*gratis data*" (gratuita) sob todos os aspectos.

Mas as outras coisas Deus as decretou por causa das exigências do Verbo Encarnado, graças gratuitas relativamente aos seres que as recebem, porém graças devidas ao Verbo feito carne, cuja realidade sempre está presente aos olhos do Criador.

Nada teria sido criado se não fosse para o cortejo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, tudo está orientado para Ele.

Deus se serviu de Nosso Senhor Jesus Cristo como modelo ideal da humanidade e para criar e ordenar os outros seres, que Ele formou sobre este ideal e dispôs em relação com este ideal.

Isto é particularmente verdadeiro para o homem segundo as palavras célebres de Tertuliano, relatadas e traduzidas por Bossuet: "*Com esta lama que Deus ajusta* (criando o primeiro homem), *Ele pensa em nos dar uma imagem viva de seu Filho que deve se tornar homem*"[1113].

671. – Então, como dissemos (n. 665), tudo é imagem ou semelhança de Nosso Senhor Jesus Cristo. Todas as coisas estão compreendidas no Homem-Deus como num cortejo de honra está abrangida a ideia do Rei ou do Imperador, como num cortejo de membros está contida a ideia de cabeça, como num cortejo de criaturas inferiores está contida a ideia de *primogênito das criaturas*.

No corteja das criaturas, Maria Santíssima está incluída como devendo ser a mãe do Homem-Deus. Ó inefável dignidade! Os anjos e os homens, como devendo ser seus membros, seus irmãos, seus servidores, a extensão de seu corpo, de sua alma e de seu brilho; todos os corpos celestes de todos os espaços, como devendo ser o local de sua Igreja Militante, de sua Igreja Padecente, de sua Igreja Triunfante; inclusive os limbos e o Inferno, como devendo ser outro teatro de sua justiça, porque esses lugares excluem da Pátria Celeste todos aqueles que morreram sem ser um membro vivo de Cristo; inclusive os ímpios e os condenados, como membros a serem vivificados por Cristo, ou como testemunhas daquilo que pode ser encontrado à parte e apesar de Cristo: *Tudo foi criado por ele e nele*[1114].

[1113] Quodcunque limus exprimebatur, Christus cogitabatur homo futurus. (V. Bossuet, 1º sermão *sobre a Natividade de Maria*).

[1114] In eo etiam ut homine condita sunt universa. (Suarez, De Incarnat., in 3 p. Divi Thomae, Disput. V, sect. II, n. 15).

E *ele mesmo*, continua o apóstolo, *é sobretudo* pela sua dignidade e pela sua predestinação, e *todas as coisas subsistem nele*. Elas são conservadas para Ele, por Ele e por causa dele.

Qual a razão desta afirmação especial concernente ao Filho considerado como Deus? A rigor, as coisas não subsistem no Verbo mais do que no Pai e no Espírito Santo. Mas *todas as coisas subsistem nele* (no Verbo) considerado como Homem, porque o objetivo primeiro da vontade divina, depois do próprio Deus, é a humanidade de Cristo. E Deus, querendo a subsistência desta unidade, quis, por causa dela e por ela, a subsistência de tudo que pertence a Cristo. Nosso Senhor Jesus Cristo, *ele mesmo é a cabeça do corpo da Igreja... tanto que Ele é o primeiro em tudo*: "*in omnibus ipse primatum tenens*".

Ó ensinamento tão sublime quanto incontestável! Depois de Deus considerado absolutamente, Nosso Senhor Jesus Cristo *tem a primazia em todas as coisas*. *E foi do agrado do Pai Celeste que toda a plenitude habitasse nele*.

672. – Ó espíritos angélicos, ó Adão, ó Maria Santíssima, ó vós todas criaturas que compõem o universo, quantas graças, quantos dons, vós recebestes, todas em conjunto, do Criador!

Pois bem, Nosso Senhor Jesus Cristo, unicamente Ele, é a plenitude de todas estas as graças e de todos estes dons. Como são grandes, como são numerosos, como são variados os bens que vós procurais! Mas Nosso Senhor Jesus Cristo possui todos, ao mesmo tempo. A plenitude de todos reside nele, de maneira que vós nada podeis receber se não for dele e por ele. Vós deveis dizer com São João: *Todos nós participamos da sua plenitude* (1, 16).

673. – Pouco importa se uma plenitude de coisas tenha sido realizada antes da humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, como já vimos anteriormente (n 279), porque tudo está igualmente presente aos olhos de Deus.

Ademais, há uma regra imposta aos seres inteligentes, que é a de moldar o presente em função dos fins que estão no futuro. Assim, por exemplo, constrói-se um templo em vista do culto divino que ainda não se realiza, mas que nele se praticará logo que seja concluído e consagrado.

Assim todos os seres finitos devem, durante o período de prova, modelar sua vida sob as exigências de seus fins últimos que estão no futuro.

Igualmente todos os movimentos de todos os seres criados têm por finalidade a aquisição de um bem ou a fuga de um mal vistos co-

mo futuros, ao menos quanto à sua real continuação ou como possíveis.

O que haveria, então, para estranhar que Deus, o modelo supremo de todos os seres, especialmente dos seres inteligentes, desde o início tenha orientado tudo para o futuro Cristo Nosso Senhor e para seus membros?

Se o ensinamento de São Paulo não fosse formal sobre este ponto, a reta razão, sobretudo a razão teológica, seria suficiente para nos convencer desta verdade capital.

Ó grandeza inefável de Nosso Senhor Jesus Cristo! *Tudo foi criado nele nos céus e na terra, e todas as coisas visíveis e as coisas invisíveis... Tudo foi criado por ele e nele... Ele é o primogênito das criaturas* quanto à sua humanidade e esta humanidade deu a clave de todos os seres que entram no conserto do conjunto das criaturas.

Ele estava *antes de tudo* no pensamento de Deus, *e todas as coisas subsistem nele*, porque Ele é a razão de ser de todas as coisas. *Ele é o primeiro em tudo, e agradou ao Pai que toda a plenitude habitasse nele*.

Ainda uma vez mais: ó grandeza inefável de Nosso Senhor Jesus Cristo! Nós a conheceremos bem quando, vendo Deus face-a-face, veremos, entre todas, todas as obras de suas mãos.

Ainda nos falta dizer que os esplendores de Nosso Senhor Jesus Cristo ultrapassarão eternamente nossa compreensão e sem cessar nos oferecerão aspectos a contemplar porque ele é o Homem-Deus e sua grandeza se perde no Infinito.

674. – Depois disto como nos parece fácil responder a pergunta que fazem certos autores. Se Adão não tivesse pecado, dizem eles, o Verbo divino teria se encarnado?

Respondemos que, segundo o real plano divino, nada existiria sem Encarnação do verbo!

O pecado de Adão, como o dos anjos rebeldes, faz parte do plano chamado por Deus à existência mesmo se alguma sombra fizesse parte de algum quadro.

Deus não colocou, Ele próprio, estas sombras no quadro. Mas Ele sabia que a liberdade dos anjos e dos homens, uma vez criados nestas condições, eles mesmos as colocariam. Contudo, o próprio Deus escolheu este plano de preferência a qualquer outro, vendo em Nosso Senhor Jesus Cristo, a parte principal do plano, o remédio a todos esses males e uma fonte que faria *superabundar a graça lá onde abundou o pecado* (Rom., V, 20).

Todo o plano divino tem qualquer coisa que nos parece venturoso devido ao livre-arbítrio nele introduzido por Deus e por causa do qual, graça à sua nobreza, o Criador tirou do nada e dispôs todas as coisas inferiores. Mas, para Deus, nada jamais foi incerto. Deus predestinou Nosso Senhor Jesus Cristo como Redentor porque em seu plano Ele queria as falhas angélicas e humanas.

É por isso que perguntar se o Verbo teria feito carne se Adão não tivesse pecado é deixar o verdadeiro plano divino e lançar-se no exame de outro plano puramente possível, o qual, do nosso ponto de vista positivo, é ocioso visualizar. Se de um plano qualquer se retira uma parte importante e a substitui por outra diferente é claro que se modifica tudo e que não será o mesmo plano.

Ora, nós falamos aqui do plano divino real, daquele que o criador, desde toda a eternidade, destinou à existência. E este plano inclui a possibilidade da queda dos anjos rebeldes, da queda do homem e a permissão divina desta queda destinada a ser super-abundantemente reparada pelo Homem-Deus.

675. – Também é *o Cordeiro imaculado e sem contaminação que já havia sido previsto antes da criação do mundo* (1a. Pedro, I, 19, 20).

Ele foi previsto como *imolado desde a origem do mundo* (Apoc. XIII, 8), quer dizer, como Redentor.

É inútil objetar que o Redentor supõe o pecado e que, por conseguinte, o pecado teria sido previsto antes do Redentor, porque isso é apenas um jogo de palavras. As palavras *antes* e *depois* não têm o sentido relativo à sucessão no conhecimento eterno de Deus, que conhece todas as coisas simultaneamente. Mas, elas exprimem a ordem de excelência, de maneira que Nosso Senhor Jesus Cristo é o *primogênito das criaturas*, porque Ele foi principalmente querido e porque os outros seres foram queridos por Ele e por causa dele. Por conseguinte, como também Adão inocente e Adão culpado, foi querido por Cristo e por causa de Cristo. E Cristo como Redentor foi sempre querido por Deus porque o Criador sempre quis o Homem-Deus.

Dizer *Homem-Deus* é dizer o maior bem universal de todas as coisas depois de Deus, e este bem não pode deixar de ser o Redentor e o Salvador num sistema de seres onde a escravidão e a morte serão reais pelo abuso da liberdade criada.

Deus, infinitamente sábio e infinitamente bom, jamais teria permitido o pecado dos Anjos e nem o pecado do primeiro homem, se Ele

não tivesse tido os olhos fixados na cruz do Calvário e na superabundância de bens que o pecado iria ocasionar[1115].

Se todas as coisas criadas têm por fim imediato a Cristo por que o pecado permitido não teria o mesmo fim? Não seria isto uma efetiva diminuição do bem finito? Como então supor que a sabedoria suprema permitisse o pecado em seu plano, se não fosse em vista de um progresso e de uma melhora, enquanto a liberdade do bem feito é mantida?

Além disto, o fato fala mais alto do que todos os raciocínios. O Verbo não teria tomado esta carne que deveria ser oferecida em sacrifício como um Cordeiro. Ora, é incontestável que Nosso Senhor Jesus Cristo se mostrou aos homens tal como foi predestinado desde toda eternidade por Deus, porque em que teria Ele desmerecido para nascer numa condição inferior? E que outra predestinação de Cristo deveríamos encontrar nas Sagradas Escrituras?

676. – Todo o plano divino está baseado no Redentor. E que imensa luz desprende desta constatação! Os anjos, os homens, o Céu Empíreo, desde sua origem, e o mundo móvel, depois do *Fiat Lux*, tudo está sujeito à prova. Nada do que foi criado foi posto noutra condição.

Por que, então, que tudo deve ter as características da cruz de Jesus, desde a Mãe das Dores, a augusta Maria Santíssima, até o último átomo que se agita em busca de seu fim (n. 325)?

Deus poderia ter querido, ao criar, tornar as criaturas racionais impecáveis e estabelecer todos os seres irracionais em seu lugar definitivo. Ele não o quis. Devemos acusá-lo de falha em sua bondade? Longe de nós um tal pensamento! Admiramos sobretudo sua profunda sabedoria unida a uma bondade sem igual. Pois, ó meu Deus, *vós amais tudo o que existe e não odeias nada do que fizestes, pois se vós o odiasse, não o teria criado* (Sab., XI, 25). Vós quereis então que todas as vossas criaturas sejam felizes, segundo suas possibilidades, como vós sois felizes em Vós mesmo.

Ora, Vós, ó meu Deus, vós deveis a vós mesmo vossa felicidade. É por vós mesmo que nós somos feliezes. Se vos excluir vossa felici-

[1115] Deus, observa Suarez, queria fazer do patriarca José o Príncipe do Egito e, por causa disto, permitiu que ele fosse vendido por seus irmãos. Dizer que José foi elevado a príncipe do Egito porque fora vendido seria um raciocínio errado; a causa de sua elevação estaria longe de ser adequada, porque o pecado não produz nenhuma elevação. Mas dizer que Deus se serviu do pecado de alguns para honrar o perseguido, e que permite o pecado nesta perspectiva, é razoável. Assim é o Redentor que domina o plano divino; o pecado está subordinado ao Redentor (Suarez, loc. c., n. 16)

dade, nós não seríamos divinamente felizes. Então, é porque vós sois soberanamente sábio, e é um sinal de uma bondade infinita, ó Deus supremo, que vossas criaturas parecem convosco neste aspecto.

Como vossas criaturas são finitas e como se trata de uma obra sobrenatural, elas têm necessidade de vossa ajuda e de vossa graça, para operar divinamente à vossa semelhança. Mas, assim ajudadas e elevadas para vos assemelhar, elas ainda devem obter, elas mesmas, a vossa felicidade.

É preciso, então, que elas a conquistem na prova, mesmo com perigo de se perder por sua falta. Quanto maior o perigo, mais vossas criaturas, pelo triunfo, terão nelas mesmas vossa felicidade. E, por conseguinte, mais elas serão felizes na vossa semelhança.

É por isto que aquele plano – em que não houvesse provas – que parecia o melhor à nossa covardia e à nossa preguiça é, na realidade, menos belo, menos bom, menos perfeito, do que esse que teve as preferências do Criador.

677. – É inútil observar que, de acordo com este plano, muitas pessoas se perdem, porque *Deus não quer que alguns pereçam, mas que todos recorram à penitência* (2a. Ped. III,9) ou à mortificação da cruz; e, além disto, o plano divino não foi imaginado e moldado em favor das pessoas de má vontade e dos impenitentes, mas em favor *dos predestinados... Que estão todos no pensamento de Deus desde a eternidade... E que alcançaram todos os seus desejos*[1116]. *Nosso salvador quer que todos os homens sejam salvos*[1117] pelo mérito e quanto mais seus eleitos adquirem melhor mérito seus desejos são realizados e melhor sua felicidade será ilimitada na Jerusalém Celeste.

Daí a utilidade dos maus e inclusive dos perseguidores que, por mais infiéis que sejam, por sua maldade eles ocasionam, entretanto, aos fiéis, com a ajuda da graça de Deus, um significante aumento de glória e de felicidade.

Pois, ainda uma vez mais, o plano que inclui a prova e mesmo possibilidade do pecado é contudo mais perfeito que o plano possível onde tudo seria fixado no bem sem que o ser racional tivesse que trabalhar energicamente para aquisição deste bem e sem que ele tivesse a possibilidade de se perder.

Os exemplos de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima, e das almas que foram confirmadas em graça, em nada se opõem

---

[1116] Bossuet, II[e.] Sermão para a festa de todos os santos, 1[r.] ponto.

[1117] 1ª Tim. II, 3, 4: pelo mérito próprio, ou, ao menos, pelo mérito "emprestado" de Nosso Senhor Jesus Cristo ou dos santos.

à nossa afirmação geral porque o pecado foi, também para eles, a ocasião mais fecunda de merecimento. E, além disto, nem um e nem outro teria existido simplesmente para se salvar eles mesmos, tendo sido predestinados, ao contrário, para ser o maior bem, depois de Deus, de todos e de todas as coisas.

678. – Para onde quer que seja que eu volte os olhos, na sequência dos tempos e no conjunto das coisas, vejo sempre reluzir os traços do divino Redentor e de sua gloriosa Cruz. Por toda parte eu noto o violento trabalho da prova, semelhante a um élan que Deus pôs em sua criatura para levá-la mais alto e para torná-la mais semelhante ao Ser supremo.

O Cordeiro foi assim imolado desde a origem do mundo, não somente em previsão, mas também em seus membros, que são os anjos e os homens, e nas outras criaturas feitas por Ele, o Céu Empíreo móvel e os céus viajantes que saíram do Caos.

Todos estes seres foram ou ainda são pecáveis ou móveis, e esta prova universal tem por causa exemplar a prova por excelência, o trabalho, a paixão do Homem-Deus. Isto porque nada há fora de Deus que não esteja sob as influências da Redenção.

Somente a Redenção é, conforme o caso, ou preservativa ou liberativa. Maria Santíssima e os anjos fiéis foram preservados em virtude dos méritos previstos no Redentor.

O primeiro homem não foi preservado durante a inocência, mas após a queda ele foi libertado, assim como sua posteridade, sempre em virtude dos méritos do Redentor.

O universo irracional participou e participa desta dupla sorte, até que, por inteiro, ele seja finalmente *libertado da servidão da corrupção para passar à liberdade da glória dos Filhos de Deus* (nn. 322-328).

Exclui-se deste benefício apenas *o inferno onde não entra nenhuma Redenção*.

679. – Assim, o simples fato da falibilidade angélica ou humana, não prevista desde o início pela confirmação em graça, como também o simples fato da prova por onde começaram e começam todas as coisas, testemunham a existência no plano divino de uma caução infalível, garantindo a glória de Deus e o bem dos seres criados.

Deus não lança ao azar nenhuma de suas obras. Ele é perfeitamente sábio em permitir a vacilação nas pessoas e nas coisas sem nenhuma garantia de segurança da ordem e da estabilidade, inclusive

porque seria um absurdo Ele não ter conhecido, desde toda a eternidade, a futura existência do pecado.

Ó Cristo Jesus! Ó Redentor!, vós sois esta garantia e esta caução. É com os olhos fixados em vós que o Criador *tirou do nada o céu e a terra* e que ele diz: *Façamos o homem*.

É ainda com os olhos fixados sobre vós que o Criador os fez móveis e falíveis a fim de indicar um mais vasto campo ao progresso e ao mérito, a fim de provocar as mais sublimes virtudes, a fim de aumentar a glória de vossa Igreja Triunfante, a fim de comunicar mais abundantemente, às vossas queridas criaturas racionais, a felicidade da qual vós sois feliz por vós mesmo.

680. – Estas considerações nos ajudam a resolver facilmente as dificuldades que poderiam nos aparecer nas interpretações das Sagrada Escritura feitas por Santo Agostinho, Santo Tomás e por outros autores sérios.

O Filho do Homem, dizem alguns, *veio procurar e salvar o que estava perdido* (Luc. XIX, 10). *Se pois não houvesse pecado o Filho do Homem não teria vindo... Nosso Senhor Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores* (1a. Tim. I)... *A única razão da vinda de Nosso Senhor é então a salvação dos pecadores. Suprimais as doenças e as lesões, a medicina não terá mais razão de ser... Aquilo que provém unicamente da vontade de Deus sem ser devida à criatura*, diz Santo Tomás, *somente será conhecido por nós através do ensinamento da Sagrada Escritura, que nos manifesta a vontade divina. Ora, como sempre a Sagrada Escritura indica como razão da Encarnação o pecado do primeiro homem, é mais conveniente dizer que a obra da Encarnação foi ordenada por Deus como remédio contra o pecado, de tal modo que se o pecado não tivesse sido cometido não teria havido a Encarnação*[1118].

681. – Admitimos com a maior boa vontade esses ensinamentos da Sagrada Escritura. Eles confirmam mais solidamente ainda nossas afirmações.

Permitimo-nos somente modificar, de acordo com a própria Sagrada Escritura, conclusões que não nos parecem concordar com eles.

Sim, Nosso Senhor Jesus Cristo veio à terra *para salvar os pecadores*, isso é incontestável. Mas Ele veio como caução dos homens, dos anjos e de todas as criaturas.

[1118] Santo Tomás, Sum. 3 p. q. 1, a. 3.

Segundo o real plano divino, se Adão não tivesse pecado, haveria sempre o benefício da Redenção preservativa como a dos anjos fiéis e de Maria Santíssima, pois Adão, assim como nós, *foi eleito em Cristo*[1119], *antes que fossem lançados os fundamentos do mundo, para alcançar a santidade* e em seguida a confirmação em graça.

Deus *predestinou* Adão, assim como nós, *por um efeito de sua bondade voluntária*, em virtude dos méritos previstos do Redentor, *para nos tornar seus filhos adotivo por Jesus Cristo*.

O primeiro homem **foi criado**, como nós, *em Jesus Cristo, para se santificar pelas boas obras; porque Nosso Senhor Jesus Cristo é o primogênito das criaturas; tudo foi criado nele, no céu e na terra; e antes de tudo, e todas as coisas subsistem nele, e ele é a cabeça do corpo da Igreja*, da qual os anjos e nossos primeiros pais eram os membros; e **Ele é o primeiro em tudo; e toda plenitude reside nele**, de tal forma que a inocência dos anjos bons e de Adão ainda fiel era uma participação nesta plenitude, e após o pecado era a única salvação. Também **o Cordeiro foi imolado desde a origem do mundo**, aos olhos de Deus, que havia determinado, pelos méritos deste sacrifício, a encher de graças os anjos e os primeiros humanos submetidos à prova[1120].

682. – Esta interpretação tem o mérito de concordar com o conjunto de todas as passagens da Sagrada Escritura relativo à questão.

É Nosso Senhor Jesus Cristo, passível, Redentor *pela efusão de seu sangue, que é a cabeça do corpo da Igreja, e quem é o princípio* (Colos. I, 14,18). Ora, *a Igreja tem dois estados: o da graça e o da glória. E é a mesma Igreja. E Nosso Senhor Jesus Cristo é a cabeça da igreja segundo os estados dela: Porque Ele é o primeiro na graça e o primeiro na glória*[1121].

É, então, como **Cristo,** e como passível, a cabeça dos anjos e dos homens. Dos anjos, durante sua prova, e dos nossos primeiros pais, no Paraíso terrestre. Eles tinham necessidade da graça e a possuíam, por onde eram membros de **Cristo** e de sua Igreja.

[1119] *Quid it le Christ*, diz Homem-Deus considerado como passível e mortal. A mesma observação convém também às passagens seguintes.

[1120] Observemos estas palavras de São Paulo: "Que o Deus da paz, que, *pelo sangue do Testamento eterno*, retirou de dentre os mortos o grande Pastor das ovelhas, Nosso Senhor Jesus Cristo, vos torna próprios a todo bem" (Hebr. XIII 20, 21).

Nada nos obriga a restringir o sentido desta palavra "eterno" que diz toda a dureza das coisas e mais.

[1121] Santo Tomás. Ver antes, n. 367.

Se Deus *pôs todas as coisas sob os pés de Nosso Senhor Jesus Cristo, se é Cristo que completou tudo que se move e que está submisso à prova (Efes. I, 22, 23)*, é claro que tudo isto se faz segundo a predestinação de Nosso Senhor Jesus Cristo e segundo a predestinação de todas as coisas em Cristo. Em Cristo real e passível! Se o Criador *resolveu, por si próprio, reunir na plenitude ordenada dos tempos todas as coisas em Cristo, e aquelas que estão no céu e as que estão na terra* (Ibid. 7-10), daí tudo foi orientado para Cristo *tal como Ele foi visto na terra e como Ele conversou com os homens* (Baruc, III, 38).

Por conseguinte, num plano todo dominado por Nosso Senhor Jesus Cristo, onde tudo está disposto com relação a Cristo mortal e passível, e depois Triunfante, não é preciso procurar as condições ou as suposições que mudariam o estado do próprio Cristo.

683. – Além disto, a Tradição nos faze entender sua linguagem também neste ponto, como vimos acima (nn. 297, 298).

E Santo Irineu acrescenta: *Deus predestinou desde o início o homem animal, a fim de que ele fosse salvo pelo homem espiritual, porque, preexistindo o Salvador, seria necessário que houvesse também salvados sobre o risco de que o Salvador não salvasse ninguém*[1122].

São Cirilo explica ainda mais claramente nestes termos: *O primeiro fundamento lançado antes de nós, é Nosso Senhor Jesus Cristo, e é sobre Ele que todos nós fomos constituídos; e isto, antes do início do mundo, na presciência de Deus, a fim de que em virtude de uma ordem divina a benção excedesse a maldição e que a promessa da vida precedesse a condenação à morte, e que a liberdade de adoção precedesse à escravidão do diabo, e que a natureza humana pudesse, triunfando de seus males, readquirir sua antiga dignidade pela graça de Cristo, havia constituído o homem no bem*.

O mesmo Padre acrescenta *que Cristo, nosso criador, o fundamento de nossa salvação, dispôs de tal maneira as coisas, antes do início do mundo, que se viéssemos a cair, pudéssemos nos reerguer nele*[1123].

Eis a caução por excelência!

684. – Sobre esse ensinamento Suarez diz que *é provável, que ele pode facilmente ser sustentado,* mas que *ele ainda não conseguiu se convencer o suficiente*[1124]. Seja dito com todo respeito ao mérito deste

---

[1122] Libr. 3, c. 33.

[1123] Livr. 5 Thesaur. c. 8. Ver Suarez, De Incarnat. in 3 p. divi Thomae, Disp V, sect.. 3, n. 3.

[1124] Ibid. n. 4.

grande homem, que suas razões nos persuadem menos do que numerosas passagens da Sagrada Escritura e dos Padres da Igreja, que citamos. Resumamos esta doutrina num quadro restrito.

1º – O Criador tirou tudo do nada e tudo dispôs principalmente tendo em vista a sua glória: *Universa propter semetipsum operatus est Dominus* (Prov. XVI, 4). Seu plano visava necessariamente isto, porquanto o Infinito não tinha necessidade de nada, e deveria, entretanto, ao operar fora, ter um motivo que fosse proporcionado à sua infinita vontade e que ultrapassasse tudo o que é finito.

2 º – Visando sua glória, o Criador quis por isso mesmo o bem dos seres que Ele haveria de criar, pois, seja tanto na prova como no estado definitivo, nada pode ser feliz se não for glorificando a Deus.

3 º – Esta glorificação, sendo o fim que Deus propôs em todas suas obras e em todo o seu plano, deve ser obtida a todo custo e deve ter uma ou muitas garantias, infalíveis, que o Criador quis, depois de sua glória, de preferência a tudo e mais do que tudo, porque se tratava de sua glória, que é também o bem de todos os seres finitos.

4º – Estas garantias são Nosso Senhor Jesus Cristo, essencialmente, e secundariamente, por participação, sua augusta Mãe, Maria Santíssima. Também um e outro são impecáveis; Jesus, em virtude da união hipostática; e Maria Santíssima, como sendo o reflexo mais perfeito desta união. Portanto, eles calçam absolutamente a glória de Deus e o bem dos seres criados. Aquilo que falhar num encontrar-se-á no outro, com superabundância, de maneira a reparar vantajosamente as diversas deficiências.

5 º – Deus quer todo esse sistema de coisas tal como figura na sua presença e Ele o quer para que o que há de melhor neste conjunto, quer dizer, por Jesus Cristo em Maria Santíssima, e por causa deles, como um homem racional prefere a caução às pessoas caucionadas, e a coisa garantida pela caução a tudo aquilo que não está garantido.

6 º – Pelo amor a Nosso Senhor Jesus Cristo e à Maria Santíssima, o Criador dispõe e ordena todos os seres à semelhança deles, e os quer fazer participar de sua sorte, tanto para glória de Deus como para o bem destes seres e para a honra de Jesus e de Maria.

7º – A glória de Deus e o bem dos seres se obtém mais perfeitamente por meio da prova, que ocasiona o aumento do mérito, e, em consequência, a recompensa e a felicidade, o Amor Supremo, dirigido pela suprema Sabedoria, predestina Jesus e Maria à mortalidade e ao sofrimento. Não que esta condição seja boa em si, e seja querida por ela própria, mas por causa do mérito e da felicidade que dela brotarão.

É porque todos os seres inferiores serão submetidos à prova como foram seus modelos[1125]. As criaturas racionais serão falíveis, mas tendo cauções, e a falibilidade dando lugar a um maior mérito e às suas felizes consequências.

Deus, que quis desde toda a eternidade, e **simultaneamente**, todas as coisas, sabe perfeitamente que a falibilidade degenerará de fato em queda e em pecado num certo número de criaturas. Mas Ele sabe também que os mais heroicos remédios se encontram em seu plano; que Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima evitam todos os inconvenientes em favor dos que querem o bem; que o trabalho e a luta engendram maiores méritos e maior glória; que a felicidade dos fiéis aumentará, por este meio, de uma maneira desconhecida, até os tornar, sob certos aspectos, felizes por eles próprios ao procurar maior semelhança com Deus; que Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima serão assim Redentor e Corredentora, adquirindo méritos formalmente infinitos, e um brilho imenso, alçando desta maneira ao mais alto grau de esplendor a glória da Jerusalém Celeste e a felicidade dos eleitos; que a perda dos maus, agindo no meio de um oceano de graças e de benefícios, que eles desprezam, será devida a eles próprios, especialmente porque a lei divina formalmente os proibirá de pecar; que um plano onde a liberdade criada, ajudada pela graça, faz nascer tantas maravilhas e adquirir uma tão alta perfeição, sobretudo nas ocasiões de falhas e de pecado, não deve ser modificado em sua essência e em sua unidade, por seres que são inimigos voluntários do mérito e do divino, e em que, ao se perderem, a malícia servirá possantemente para aperfeiçoar os bons, bem como o brilho de sua glória.

É por isso que Deus não se serve de seu poder para tornar impossível o pecado, mas Ele se serve de sua graça e de sua autoridade para

---

[1125] Encontramos assim a razão da prova angélica, da prova humana, da falibilidade não prevista da criatura racional e da prova de todas as coisas: *Aqueles que Deus conheceu por sua presciência também Ele os predestinou a serem conforme a imagem de seu filho, a fim de que fosse ele mesmo o primogênito entre muitos irmãos* (Rom. VIII, 29).

Imaginai que todos os anjos tivessem permanecidos fieis, Adão e Eva sem a tentação e não decaídos, e as outras criaturas fixadas em seus lugares definitivos... Vós mudarias todo o plano divino e vós vos lançareis à procura de planos possíveis, infinitos sem número, no qual vós nada podereis afirmar ou negar. Quando a Escritura nos diz que *se o filho de Deus apareceu é para destruir as obras do diabo* (1a. Jo. III,8), e outras coisas semelhantes, são expressões simplesmente afirmativas que não dizem o que teria sido feito em caso inteiramente diferente. A escritura diz também que *Jesus veio para que seus rebanhos tenham a vida e que eles a tenham mais ABUNDANTEMENTE* (Jo. X, 10), o que é verdadeiro para toda a vida, para vida natural dos anjos e dos homens, para vida da graça para uns e outros, para vida espiritual recuperada, para vida da glória. Nosso Senhor Jesus Cristo não é um apêndice do universo nem um simples agente de restauração, mas a chave de cúpula e a Razão de TODAS AS COISAS.

defender os seres livres, e de seu amor soberanamente sábio para tirar um bem maior em favor de sua glória e a dos seus amigos, se a criatura o comete.

Ó! Como este plano é digno de Deus! Como esta é bem a obra do Altíssimo ao mesmo tempo que do amor sublime e da sabedoria infinita!

Não, não, que o impenitente nele não busque sua conta: ele lutaria contra o Infinito!

Mas todo infeliz, todo pecador, todo homem de boa vontade que se volta para o bem, ou que aspira à perfeição, encontra aí a misericórdia sem medida e o amor sem limites.

8º – Mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo sendo impecável e Maria Santíssima confirmada em graça, eles são igualmente os tipos de tudo o que está colocado na prova. Como caução do bem divino e do bem finito eles estão inabalavelmente fixados na graça, mas, não obstante esta condição tenha sido a escolhida, sua vida mortal é o ponto culminante de toda prova.

Se Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima foram favorecidos, é por Deus e por nós, assim como por eles. Mas eles são também favorecidos de fato com tribulações, sofrimentos e amarguras. Estas provas foram, entretanto, mais pungentes para eles porque eles sofreram na sua inocência, na sua perfeição e com sua radical inimizade ao pecado.

Ó anjos, ó homens, considerai em Jesus e em Maria o plano divino, se vós o quiserdes compreender. Deus quer o mérito para a glória; a prova para um maior mérito, e o maior mérito para uma maior glória.

Quanto ao pecado, o Deus Todo Poderoso quis que nada dele se encontrasse em seus modelos, a fim de que vós entendais quanto seriamente Ele vos defende. Mas Ele usa apenas de sua autoridade e de sua graça para impedi-vos de pecar, a fim de que, se vierdes a cometê-lo, Jesus e Maria façam repercutir em Deus uma maior glória, fazendo reportar aos santos um triunfo mais brilhante, e se servindo dele para aumentar a felicidade na Pátria Celeste.

Mas que o Homem-Deus *tenha experimentado, como todos nós, toda espécie de tentação, exceto o pecado* (Hebr. IV, 15); *que Ele nos tenha aparecido como um objeto de desprezo, o último dos homens* (Isaias, 53,3); que a Mãe de Deus seja a rainha dos Mártires, nisto, não duvidemos, está o apogeu e o modo supremo de toda prova.

É porque a condição primitiva dos anjos e dos homens era, no pensamento divino, uma imitação de Cristo e de Maria, que se pode dizer que tudo nasceu na prova porque também Jesus e Maria nasceram nela. *O discípulo não está acima do Mestre, nem o servidor acima de seu Senhor. Basta ao discípulo que seja como seu Mestre; ao fiel servidor, como seu Senhor* (Mat. X, 24, 25).

685. – Estas considerações podem parecer demasiadamente extensas, mas julgamo-las necessárias para se fazer uma conveniente ideia do conjunto da prova angélica e da felicidade acidental que dela decorreu para os anjos fiéis.

Quinto ponto: Oposição dos anjos maus ao sobrenatural trazido pelo Redentor e pela Corredentora – Seu naturalismo e sua maldade – Conduta oposta dos Santos Anjos

686. – Como acabamos de ver, o plano divino é um plano de Redenção sobrenatural, de Redenção preservativa, de liberação da prova desejada por Deus, temporariamente, para um bem maior e de libertação da humanidade se ela cair no pecado.

Todos os anjos, enquanto guardaram a inocência, creram no futuro Homem-Deus considerado como sua cabeça, como o seu preservador da queda, e como sua final libertação da prova, porque, como cabeça, Ele era diante de Deus a caução de sua sociedade[1126]. E daí decorrem suas funções de preservador da queda e da prova, pelas graças de que Ele era a causa meritória.

Os anjos não podiam ignorar este grande mistério de sua fé, que devia dirigi-los durante sua prova; pois, além de terem as ideias inatas de todas as coisas (nn. 626-628) e, por conseguinte, da humanidade passível e mortal de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima, eles eram mais instruídos do que nós *sobre os efeitos e mistérios divinos* (n. 640); *e o mistério da graça foi-lhes revelado muito mais excelentemente do que aos profetas* humanos (n. 642).

687. – Segue-se daí que, segundo o plano divino, que conheciam pela fé, os anjos deveriam se considerar como vivendo em estado de prova, a exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima, como tendo necessidade da graça do Redentor e da corredentora para perseverar na graça e para triunfar, como adoradores de Cristo e devotados servidores da Rainha dos Anjos, segundo este preceito mais

[1126] Também os anjos caídos serão substituídos pelos Eleitos da espécie humana e Nosso Senhor Jesus Cristo será o restaurador, junto com Maria Santíssima, da *cidade angélica arruinada.*

apropriado para os anjos viadores do que para os anjos gloriosos: *Que todos os anjos de Deus o adorem* (Hebr. I, 6). Em consequência, toda a vida de viadores dos anjos e todos seus ministérios deviam visar à preparação e ao estabelecimento do Reino de Cristo, dizendo como nós: *Que vosso reino venha a nós* (Mat. VI, 10), e isto a fim de que *o nome de Deus fosse dignamente santificado* (Ibid. 9).

688. – Foi por falta de conformidade com essas disposições do plano divino que Lúcifer e seus seguidores se tornaram prevaricadores. Não foi por ignorância que eles prevaricaram, mas por preferirem seu plano pessoal ao plano escolhido, estabelecido e revelado por Deus.

Ouçamos sobre este ponto o Anjo da Escola.

É inerente à toda natureza finita poder pegar..., porque nada criado é sua própria regra. Somente a divina vontade é a regra de seu ato porque ela não está ordenada a um fim superior. Ao contrário, toda vontade criada não tem retidão em seu ato ***porquanto ela é regrada pela vontade divina à qual pertence a determinação de seus fins últimos****...*

Os anjos não pecaram por quererem, como boas, coisas que em si seriam más, porque o anjo não é seduzido por paixões, nem inclinado ao mal, por hábitos. *Eles pecaram por seu livre arbítrio, por escolher coisas que são boas em si mesmas, mas foram por eles desejadas independentemente da ordem, da medida e da regra estabelecida; de maneira que o defeito causador do pecado dos anjos se encontra somente no fato da escolha feita unicamente em consideração da coisa escolhida. É o caso de uma pessoa que quer rezar bem, mas que nisto não leva em conta as regras estabelecidas pela Igreja*[1127]. *Portanto, este pecado não supõe ignorância, mas somente o defeito de consideração das coisas que devem chamar a atenção. É assim que o anjo pecou, voltando-se, por seu livre arbítrio, para seu próprio bem sem se ocupar em conformar seu ato à regra, que é a divina vontade*[1128].

689. – Os anjos rebeldes não aceitaram uma prova em que só podiam sair vitoriosos pela Revelação e pela graça da Redenção. Eles desejaram se assemelhar ao Altíssimo, ao passo que o Todo Poderoso nenhuma necessidade tem da humanidade, e nem divindade, de estar associada à humanidade.

[1127] Ó que estas observações sejam fecundas em aplicações morais! Quantas pessoas se julgam boas sem obedecerem à Igreja, sem exatidão no cumprimento de seus deveres, sem fidelidade às regras canônicas estabelecidas! É a vontade criminosa dos anjos revoltados!

[1128] 1, q. 63, a. 1.

Assim os anjos rebeldes pecaram por orgulho e por inveja sem considerar as exigências do plano divino, recusando depender de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima, que Deus havia estabelecido como canal de todas as graças.

Eles desejaram assemelhar-se ao Altíssimo, talvez mesmo receber diretamente seus recursos sobrenaturais, mas sem assemelhar-se a Nosso Senhor Jesus Cristo e à sua Mãe e nem serem seus subordinados. Essa dependência pesava em seu orgulho e constituía a quintessência de sua provação. Para eles seria como dizer a Deus: *Nosso Pai, se é possível, que este cálice passe longe de nós, todavia, não faça a nossa vontade, mas a Vossa* (Mat. XXVI, 39).

Eis aí a atitude de todos os incrédulos, de todos os livres pensadores e de todos os inimigos da Igreja Católica. Eles dizem desejar o bem e o progresso da humanidade, mas não podem suportar que se lhes fale de Nosso Senhor Jesus Cristo, de uma lei divina, de uma Igreja divinamente instituída, de um verdadeiro e imenso progresso resultante do cristianismo. Somente eles se constituem juízes do que é bom ou do que é mal, *sem se preocupar em conformar seus atos à regra, que é a divina vontade*.

Demonstram por aí, até à evidência, que eles *têm por pai o diabo e que querem realizar os desejos de seu pai* (Jo. VIII, 44). *Todos eles* dizem do Homem-Deus: *Que ele seja crucificado!* (Mat. XXVII, 23). E contra a Igreja usam essa mesma linguagem, porque ela é uma sociedade divino-humana, perseguindo nela a Encarnação e a Redenção. É a revolta dos anjos maus se reproduzindo na humanidade!

690. – Ó! Como foi diferente a conduta dos anjos fiéis! Não contentes em procurar coisas boas, além disto nelas eles quiseram ver aquilo que era do agrado de Deus e assim se encaixar no seu plano. Cada um dos anjos fieis queria dizer, à imitação de Nosso Senhor Jesus Cristo: *Por mim, eu faço sempre aquilo que vos agrada* (Jo. VIII, 29). Seguindo São Gabriel, o vigário *pré-figurativo* do Verbo encarnado (nn. 527-530), eles se pronunciaram ousadamente pelo Homem-Deus e pelo sobrenatural vindo de Deus para humanidade. O Todo Poderoso queria assim! E sua palavra deve prevalecer sobre todas as dificuldades.

Por esta obediência, por esta humildade, por esse desinteresse, os santos anjos triunfaram na prova e atingiram o mais alto degrau de ciência e de sabedoria a que os seres viajantes geralmente podem alcançar. Se *não há sabedoria, nem prudência, nem conselho que prevaleça contra o Senhor* (Prov. XXI, 30), com o Senhor todas os benefí-

cios se encontram prontamente. A razão se esclarece, a conduta se regula, o bem geral e o bem particular se obtêm, Deus é dignamente glorificado, encontra-se a felicidade completa na prova e se prepara uma eterna felicidade.

Então os anjos bons viram-se justos, segundo o plano divino, e se consideraram honrados em se conformarem com ele. Eles tiveram por este meio o mérito não somente de se santificar, mas ainda o de contribuir para formar novos céus pelo desmembramento do Caos, em aplaudir a criação da humanidade, em preparar por suas virtudes a glorificação do Céu Empíreo, em combater e vencer os partidários do egoísmo estreito e da desordem, de se formar o sábio governo do universo sob a direção do Altíssimo e de comporem esses espíritos felizes que voam sem cessar diante da face do Pai Celeste, e que enchem com seus concertos e suas benéficas influências toda a criação[1129].

691. – Para se desfrutar intimamente da glorificação é preciso ter merecido muito. Para desfrutar de todas as coisas é preciso ter, de alma maneira, merecido muito todas as coisas. E é isto que fizeram os santos anjos aderindo ao Verbo encarnado e Redentor, que, depois de Deus, é o maior bem universal de todos os seres. Querendo Nosso Senhor Jesus Cristo, eles convidaram para ficar a seu favor toda a parte humana e sua Igreja e todos os mundos que posteriormente saíram do Caos. Prometendo-se a si mesmos o Redentor segundo as luzes de sua Fé, eles aceitaram sua vida como uma prova, vislumbraram seu progresso em Nosso Senhor Jesus Cristo, esperaram a libertação, a renovação e a glorificação final de todo finito, a exemplo de Cristo ressuscitado[1130].

Eis como aconteceu os santos anjos desfrutarem não apenas de Deus, mas também de tudo o que existe fora de Deus, pois *creram naquele que saiu de Deus e que havia de vir ao mundo* (Jo. XVI, 27, 28).

Ó Jesus, quem vos ama na verdade ama assim todas as coisas. Mas, quem não está por vós e convosco é com certeza inimigo de toda criatura. E o único meio a tomar, para na Pátria Celeste conseguir a maior felicidade essencial e a maior felicidade acidental, consiste em aprimorar o mais possível vosso amor.

692. – Felizes, Senhor Jesus, aqueles que são instruídos na vossa *caridade*; *eles alcançam assim todas as riquezas de uma inteligência*

[11291129] Vejam quanto este plano realizado pela Fé e pela obediência é superior àquele com que sonharam Lúcifer e os seus adeptos! E como o ser inteligente deve desconfiar de tudo aquilo que ele acha, mas que poderá não estar conforme a vontade divina.

[1130] Ver ítens 322-325 ; 364-369.

perfeita e o conhecimento do mistério de Deus Pai e de Vós mesmo, *ó Cristo Jesus, em quem todos os tesouros da sabedoria e da ciência estão escondidos* (Colos. II, 2 e 3). Iluminados por vossos esplendores, ele se eleva acima da natureza e não ambiciona nada mais do que os bens sobrenaturais dos quais Deus vos constituiu a única fonte, para todas as criaturas. Eles encontram em Vós o *caminho* para se elevar ao sobrenatural e à glória, a *verdade* que os guias com segurança, e *a vida* que os anima para o alto enquanto eles realizam sua ascensão. Ó! Como os santos anjos foram bem inspirados ao *seguir a vossa luz*, Vós que sois a sabedoria hipostática, *porque vossa claridade jamais se apagará! E todos os bens deles vêm de Vós e eles recebem, com vossos dons, riquezas incontáveis. E se rejubilam com todas as coisas porque vós*, ó Sabedoria em pessoa, *caminhais diante deles* (Sab. VII, 10-12).

693. – De acordo com a economia do real plano divino, aderir a Nosso Senhor Jesus Cristo pela *fé viva* é estar no mundo sobrenatural.

Ao contrário, afastar-se de Nosso Senhor Jesus Cristo, fixar-se no naturalismo, é se distanciar do fim temporal e do fim eterno indicado por Deus à criatura inteligente.

O naturalismo, eis o pecado de Lúcifer e de seus anjos, pecado que também domina, infelizmente, sobretudo em nossos dias, a humanidade.

O diabo, diz Santo Tomás, *indubitavelmente deseja ser semelhante a Deus porque ele deseja, como sua felicidade suprema, aquilo que ele pudesse obter por suas próprias forças, afastando-se da bem-aventurança sobrenatural proveniente da graça de Deus. Ou melhor, o diabo desejou, como fim último, esta semelhança com Deus, que é dada pela graça, mas ele quis obtê-la por sua natureza, não pelo socorro divino segundo a disposição de Deus*. *E isto conforme às palavras de Santo Anselmo* (c. III et IV, liv. *De casu diaboli*) *que diz*: *O diabo deseja aquilo que ele teria conseguido se não tivesse caído. Mas, essas duas coisas, de alguma maneira, são apenas uma, porque num caso e no outro ele desejava obter, por suas próprias forças, a bem-aventurança final, o que é próprio de Deus*[1131]. *O demônio e seus adeptos, em vez de louvar o Verbo encarnado, como fizeram os anjos bons, concentraram-se em si mesmos e se encheram de orgulho*[1132].

Sobre o fim último da criatura inteligente, fim determinado unicamente por Deus, os anjos maus, procedendo inspirados pelo orgu-

[1131] 1, q. 63, a. 3.
[1132] Ibid. a. 6, ad 4[m].

lho, raciocinaram sem as luzes e inclusive contra elas. Eles caíram, em consequência do racionalismo e do naturalismo, nas armadilhas mais formidáveis no anjo e no homem.

Os pretextos não faltaram. A natureza angélica, convém seja dito, é a mais elevada, abaixo de Deus; e é através dela que deve brilhar o sobrenatural em todos os seres finitos. Convém à excelência da natureza angélica que ela possa ultrapassar a natureza da humanidade. A união hipostática do Verbo, toda espiritual, não tem proporção nem com a natureza angélica. E os anjos maus disseram: "Se o sobrenatural brilha por esse meio, nós aceitamos, mas, se ele nos vem de uma natureza inferior à nossa, preferimos caminhar para o nosso fim por nossas próprias forças. Sobretudo porque a vida presente tem encantos para nós e, longe de assemelhar à vida laboriosa e sofredora do Homem-Deus, ela nos oferece uma felicidade natural destinada a ser sempre aumentada pelo progresso".

694. – Ó! Os primeiros sofistas! Sobre o plano divino livremente estabelecido por Deus, a Sabedoria suprema não dispensa o raciocínio com as luzes naturais, quando a revelação do próprio Deus nos instruir? Será que o Ser dos seres não conhece nossa natureza e nossas conveniências? A união hipostática do Verbo, sendo **a graça por excelência**, pode ter proporção com qualquer coisa criada? Como, sendo ela é eminentemente gratuita, não é dada igualmente para os anjos e para os homens? De onde quer que seja que nos vem o sobrenatural, ele não é sempre para nós um aperfeiçoamento divino, superior em tudo à nossa natureza, a nossas qualidades e a nossos progressos? E se Deus nos deu de fato um preceito, o que somos nós para não nos submeter?

Se vós encontrardes dificuldades nisto, pensai então que essas dificuldades, elas mesmas, constituem nossa prova e que esta é a paixão que deveis sofrer, a exemplo do Redentor, para alcançar a bem-aventurança. E se vós recusardes a ter em vossa vida uma prova, e uma preparação, sobre a influência da graça, a uma vida de uma ordem superior, vossa razão falhou como vossa fé, pois, o Amor infinito unido à infinita Sabedoria não quer, sempre, que sua criatura escolhida desfrute apenas de bens medíocres. Vós desprezais o supremo Amor que vos deu o ser e todas vossas belezas, e vós fingis ignorar que a suprema Sabedoria e a suprema Autoridade são inseparáveis do supremo Amor. Ó perplexidade do coração! Ó sedução! Ó tirania, que a vontade mal disposta exerce sobre a inteligência! *As palavras de vossa*

boca são iniquidade e engano: vós não quisestes compreender para não fazer o bem (Sal. XXXV, 4).

O que? Por causa de dificuldades que não são senão por vosso orgulho, vós quereis estragar toda a perfeição do plano Divino! Quereis-vos se restringir e se encolher aos limites de um estreito e idiota egoísmo, aquilo que há de mais sublime do nosso destino e aquilo que contribui mais largamente ao bem de todos os seres criados, e aquilo que faz brilhar mais vivamente a glória do Criador? E vós pensais isto?

A visão intuitiva de Deus e a felicidade acidental que a acompanha são a suprema conquista de Nosso Senhor Jesus Cristo, a qual motivou a existência de todas as coisas. Sim, vós, ao desprezá-la, levais vossas aspirações ao nada! Ou melhor, vós quereis refazer a criação de todas as coisas e a modelar, a seu gosto, o plano divino.

Ó pretensiosos perturbadores da ordem, ó inimigos de todos os seres, de toda grandeza, de toda felicidade e de toda beleza insigne, nada poderia ser mais justo do que vós terdes sido precipitados do Céu. O Céu Empíreo, mesmo o natural, é por demais grande e por demais belo para vós. Porque *vós vos concentrastes em vós mesmos* por uma desordem que tende a subverter tudo, a única morada que vos é proporcionada é o centro do Caos, que será mantido para vós, sob o nome *de inferno*.

695. – Tal é o termo em que acaba o naturalismo das afeições e do pensamento!

O naturalismo é um horrível desprezo de todos os atributos divino; dos fins da atividade e do bem de todas as coisas finitas; do número e da perfeição de todos esses seres; em uma palavra, de todo o plano divino. É a heresia, é o pecado por excelência.

Ao visar formalmente, e exclusivamente, um bem inferior, o naturalismo adota uma marcha descendente que está em exata oposição ao impulso impresso em suas obras pelo Criador; marcha que, continuando, vai dar no caos; e que efetuaria o retorno ao nada, se a onipotência de Deus, que não permite a destruição total de suas obras, não a detiver antes de atingir o lugar da total desordem (inferno). E este lugar deve permanecer para sempre, não somente como uma prisão exigida pela própria Justiça, mas ainda como testemunho do que pode a criatura sem a graça do Redentor e também como objeto de contraste, a fim de que os bem-aventurados apreciem melhor, a propósito deste espetáculo, a imensidade da Bondade divina a seu respeito, porque tudo está disposto para os Eleitos.

696. – O naturalismo e a triste sorte final dos anjos maus nos ajudam, pela noção dos contrastes, a contemplar um novo aspecto da felicidade acidental dos anjos gloriosos.

Já vimos como, unindo-se ao Redentor, os anjos mereceram a criação inteira e que, por conseguinte, presentemente eles *se alegram* com todas as coisas (nn. 691, 692). Mas é preciso observar, ainda mais, a natureza e as qualidades *desta alegria*.

O anjo foi naturalmente feito para governar os seres mistos ou materiais. Eles têm as ideias inatas de todos estes seres, e mesmo dos seres de que eles são iguais ou superiores (nn. 626-631). Que prazer os anjos bons encontram, em consequência, em contemplar as obras de Deus! Ah! *Muitas de suas obras nos foram escondidas, a nós, mortais, obras que são maiores do que aquelas que conhecemos: porque nós vemos apenas um pequeno número delas* (Ecl. XLIII, 36). Mas, todo o conjunto dos seres finitos se desdobra aos olhos dos anjos. É mesmo o campo normal de sua atividade (nn. 565-573).

Se, portanto, a natureza é capaz de nos encantar, a nós, cegos viajantes terrestres, que encantos ela terá para os espíritos que a veem por inteiro e que a percorrem em todas as direções! Entretanto esta alegria, sendo apenas natural, é ainda, relativamente, pouca coisa. Acrescentamos a ela a que provém do conhecimento e dos sentimentos sobrenaturais. Aos olhos da Fé, que é o sobrenatural aliado ao conhecimento natural angélico já tão extenso e tão perfeito, todos os seres se mostram pelas suas razões superiores, com os sublimes relacionamentos que os unem entre si e todos eles com Deus. Todos os seres constituem assim imenso espelho, enormemente variado, de infinitas perfeições do Ser supremo. É porque nada mais há que seja pequeno no conjunto das coisas. Todas são, por assim dizer, arquétipos divinos encarnados à semelhança do Verbo feito carne, e objeto principal da fé dos anjos, reproduzido por eles em todos os degraus da perfeição, nos diversos indivíduos que compõem a criação e sobretudo no conjunto destes indivíduos.

Mas, ainda há mais. É que o conhecimento e as afeições dos espíritos celestes estão glorificados. Os olhos da Fé foram supressos. O imenso oceano da divindade, que os anjos contemplam a descoberto, é, por assim dizer, o elemento luminoso no qual eles veem flutuar todas as coisas.

A contemplação dos anjos ora incide principalmente sobre o plano divino considerado nas ideias divinas, ora incide sobre o plano divino considerado em sua realidade. É o que constitui, nos dizeres de

Santo Agostinho, *seu conhecimento matutino e seu conhecimento vespertino*[1133]. Além de ver todas as criaturas no Verbo e em si mesmas, também as veem nos esplendores da humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, no esplendor de Maria Santíssima e de todos os bem-aventurados, como partes de um mesmo todo, em que uns já adquiriram sua perfeição gloriosa e outros estão em vias de adquiri-la.

Os anjos bons se alegram, divinamente, em acrescentar a cada dia, sem cessar, à Jerusalém Celeste, novos membros do Corpo Místico de Cristo, e em fazer caminhar, continuamente, os mundos móveis para sua assimilação ao Céu Empíreo. Para os anjos bons, com exceção do inferno e dos limbos, tudo é Paraíso, já formado ou em formação. E eles fazem penetrar as influências do Paraíso, embora de uma maneira misteriosa para nós, em todos os seres que se movem no estado de prova.

Ó! Se nos fosse dado ver claramente as influências dos anjos nos universos e sobretudo na Igreja Militante, nós nos julgaríamos no vestíbulo do céu glorioso e nossas provações pareceriam um sonho doloroso que se desvanece.

Como se vê, nas asas do sobrenatural e da glória, os santos anjos, livres de todo naturalismo, estendem suas afeições sobre a universalidade dos seres e em todos encontram em abundância fontes de alegrias secundárias.

Sexto ponto: Os anjos bons mereceram também sua felicidade secundária realizando seus deveres sociais e seus deveres relativos ao governo da matéria. Conduta oposta dos anjos maus.

697. – Acabamos de ver que os anjos bons, ao aderir ao Redentor e a sua divina Mãe, mereceram todas as coisas.

E que seus adversários, ao se limitar ao naturalismo, constituíram-se inimigos do Redentor e de toda a criação.

Agora vamos acrescentar a isto uma consequência que nos parece muito provável. É que todas as provas dos anjos, consideradas no seu conjunto, se ressentem das diferentes disposições desses espíritos com relação ao principal objeto da prova, que era o Redentor.

Com efeito, a fé oposta ao naturalismo é uma virtude fundamental destinada a esclarecer e a orientar toda a conduta do fiel, de tal forma que aquele que vive da Fé cumpre por ela mesma, não somente

[1133] *De Gen. ad litt.* L. 4, caps. 24 e 25.

a obrigação de crer, mas ainda todas as obrigações impostas pela moral.

Ao contrário, aquele que vive do naturalismo, embora seja obrigado a crer, falha por aí em todas as obrigações que decorrem diretamente da Fé. *Qualquer um que tiver observado toda a lei*, diz São Tiago, *e faltar num só ponto, tornou-se réu de* (ter violado) *todos os outros* (II, 10), porque, por faltar neste ponto da Lei, ele teve que calcar os pés no princípio em que se fundamentam todos os pontos de lei.

Ora, isto deve ser particularmente verdadeiro quando falamos dos anjos revoltosos, pois eles falharam não sobre um ponto qualquer da lei, mas sobre o ponto capital, Cristo Redentor, do qual os outros dependem, devendo, portanto, ser adorado como a cabeça, como o fim, como a causa exemplar de todas as criaturas e como a causa meritória de todas as graças.

Além disto, rompendo as relações que as coisas devem ter com Nosso Senhor Jesus Cristo, os anjos maus não puderam mais cumprir suas obrigações sociais e nem os deveres de seu ministério relativo ao governo da matéria, seja porque seus atos haviam falhado quanto ao verdadeiro fim, porque a eles faltava a graça de Cristo, rejeitada por eles.

698. – Também cremos que é preciso aceitar o conjunto das opiniões dos Santos Padres e dos bons autores que atribuem a Lúcifer e a seus seguidores um grande número de diferentes pecados, engendrados pelo orgulho.

Em matéria de teologia e de filosofia há, às vezes, maneiras diferentes de pensar. Julgamos que elas não devem ser consideradas como umas opostas às outras, mas como exprimindo faces diferentes da mesma coisa. Portanto, se trata de reuni-las todas, tanto quanto possível, sob um princípio elevado no qual elas são todas verdadeiras, do que visualizá-las com divergências de ideias em homens que professaram a mesma fé e a mesma moral. Tal é, segundo nós, o presente caso.

Também Santo Tomás diz que *na inveja e no orgulho, tais como estão nos demônios, estão compreendidos todos os pecados decorrentes destes vícios*[1134]. Daí se deduz que o Santos Padres e os teólogos atribuem aos anjos maus, tanto o orgulho e a inveja, como a arrogância, a presunção, a ambição, a vanglória, a impaciência ou a cólera, o

[1134] 1, q. 63, a. 2, ad 3^{m}.

ódio, a avareza ou o egoísmo, a impiedade, uma certa infidelidade, etc.[1135]

699. – Com frequência nós vemos que os partidários do racionalismo angélico falham particularmente em dois deveres: o de pregar a fé a seus semelhantes e o de se referir ao Céu Empíreo móvel de maneira a exercer uma ação ordenadora do Caos. Em um e outro desses deveres eles falham tendo por causa a oposição contra o Redentor, contra Maria Santíssima e contra a humanidade.

700. – Sobre o primeiro ponto (o dever de pregar a fé a seus semelhantes), os partidários do racionalismo falham porque o ensinamento da Sagrada Escritura é formal e expresso a esse respeito. São Paulo nos ensina que *todos os anjos são espíritos encarregados de um ministério, e enviados para o exercer em função daqueles que receberam a herança da salvação* (Hebr. I, 14). Os anjos foram constituídos não somente ministros de Deus em geral, mas ainda apóstolos, superiores que devem esclarecer os inferiores, como já expusemos acima, amplamente.

E, como eles formavam uma sociedade durante sua prova, é óbvio que *Deus ordenou* também *a cada um deles o cuidado de seu próximo* (Ecli. XVII, 12).

Ademais, é incontestável que todos os anjos viajantes (antes da prova) deviam praticar a caridade em relação ao próximo e que esta virtude compreendesse o apostolado do bem. *Todas as criaturas*, dizemos com Santo Tomás, *têm esta participação na bondade divina, que consiste em repartir com os outros o bem que elas têm*[1136]. Ora, *lúcifer e seus anjos, o dragão e seus adeptos* (Apoc. XII, 7*)*, exerceram precisamente um apostolado oposto. *Eles feriram com pragas as nações angélicas* (Isaias, XIV, 12), pregando o racionalismo. *Na multiplicação de seu "comércio social", suas entranhas se transbordaram de iniquidade, e eles pecaram* (n. 657). Lúcifer e seus seguidores foram os autores da desordem; *causaram espanto* no Céu Empíreo; *lançaram o terror nestes reinos; desertaram* de habitantes estes mundos (Ibid. 16,17). A revolta angélica foi o modelo de todos os crimes que tiveram o orgulho como causa primeira. Pois *o orgulho é o princípio de todo pecado, desviando do Criador o coração da criatura* (Ecls. X, 15).

[1135] Ver Suarez De Ang. libr. 7º, c. 15.

[1136] Ver esta passagem e outras no item 606.

Em outras palavras, é certo que um grande combate se fez no Céu, que São Miguel e seus anjos combateram contra o dragão, que o dragão e seus anjos combateram também, e que a cauda do dragão arrastou a terça parte das Estrelas (Apoc. XII, 3, 7).

Entre puros espíritos, como poderia ser este combate, senão uma luta entre o apostolado do bem e o apostolado do mal? E o que poderia ser o *arrebatamento* causado pela cauda do demônio senão o resultado do apostolado da iniquidade?[1137]

701. – Esta luta entre os partidários do bem e os partidários do mal, a qual se reproduziu com tanto encarniçamento na sociedade humana, nos faz visualizar outra face do mérito, e, por consequência, a felicidade acidental dos santos anjos. Todos os felizes espíritos que exerceram uma influência sobre seus inferiores ou sobre os seus iguais, durante a prova, contribuíram para reforçar sua fidelidade a Deus, a sua perseverança e a sua salvação, preservando-os da queda como ministros do Redentor, ou divino protetor, que eles consideraram pela Fé como sua cabeça e seu modelo. É porque eles amaram seus inferiores como os pais espirituais amam seus filhos. Estes, a seu turno, são afeiçoados a seus superiores como a seus pais na fé e como a seus benfeitores.

Ora, esta caridade mútua, praticada durante o período da prova por amor a Nosso Senhor Jesus Cristo, foi eminentemente para a glorificação de uns e de outros, para a visão intuitiva de Deus, e para o prazer do Bem infinito. Disto se seguiu que os santos anjos encontram presentemente em sua sociedade mútua e na união de todos com Nosso senhor Jesus Cristo e com Deus, contentamentos e indivisíveis alegrias, pois todas as fontes das virtudes praticadas durante a prova, na glória se encontram elevadas ao mais alto grau de perfeição.

Eis também porque esses felizes espíritos aplicam tantos cuidados a respeito da Igreja Militante e de seus filhos, podendo dizer de uma certa maneira com São Paulo: *Nós vos anunciamos Nosso Senhor Jesus Cristo representando todo homem, e ensinando, a todo homem, toda a sabedoria, a fim de tornar todo homem perfeito em Jesus Cristo* (Colos. I, 28): eles conhecem, na caridade imortal do Céu, a excelência do zelo pelo bem e sobretudo pela salvação do próximo.

702. – Além desses deveres sociais, os anjos viajantes também tinham de realizar convenientemente seus deveres em relação ao então

---

[1137] Ver em Suarez as provas tiradas dos Padres da Igreja (*De Ang*. libr. 7, cap. 17, nn. 15 e seg.)

existente governo dos céus, a fim de que este, pela influência de seus movimentos, predispusesse o caos para formar os Céus inferiores com vista principalmente a Nosso Senhor Jesus Cristo, a Maria Santíssima e em seguida com vista ao resto da humanidade.

É verdade que estas afirmações não podem ser provadas solidamente como a maior parte das afirmações precedentes. Mas, parecenos que elas decorrem naturalmente dos princípios gerais ensinados pela teologia. Sobre essa questão reportamo-nos a alguns pensamentos de Santo Tomás.

703. – *Segundo São Dionísio, os raios solares contribuem para a geração dos corpos visíveis, dão-lhes impulso vital, alimentam e aumentam. São estes os mais nobres efeitos produzidos nas coisas inferiores. Portanto, todos os outros efeitos são produzidos pela divina Providência mediante os corpos celestes. – Isto que é o primeiro de um gênero e causa das coisas que vêm depois no mesmo gênero. Mas os corpos celestes são os primeiros no gênero dos corpos e seus movimentos são os primeiros entre os movimentos materiais; por conseguinte, os corpos são causa das coisas materiais que se realizam aqui em baixo. – O céu realiza, no mundo, o papel que o coração desempenha no animal. Ora, todos os membros do animal são governados mediante o coração. Donde todos os corpos inferiores são governados por Deus mediante o céu*[1138].

A coisa, tendo sido melhor considerada, como não fizemos no passado, é preciso dizer, segundo nos parece, que o Céu Empíreo exerce uma influência sobre os corpos inferiores, porque todo o universo forma uma mesma ordem de coisas... Mas esta unidade de ordem consiste em que, de uma certa maneira definida, os corpos superiores são governados pelos espíritos; e os corpos inferiores, pelos corpos superiores, como diz Santo Agostinho... Donde se segue que, se o Céu Empíreo não influenciasse os corpos inferiores, ele não estaria contido na unidade do universo, o que é um inconveniente[1139]. – *Todas as criaturas formam uma unidade da mesma ordem*[1140]. Ou seja, pertencem ao mesmo plano.

704. – Agora apliquemos esses princípios ao nosso problema. Depois da *criação do céu e da terra*, o Céu Empíreo estava em movimento e o Caos ocupava seu centro (nn. 410-428).

[1138] Questão V, *De Veritate*, a. 9.
[1139] Quodlib. VI, q. 11, art. 19.
[1140] Livr. II Dist. 2, q. 1, art. 1

Os anjos presidiam os movimentos da natureza já formada segundo o mandato que haviam recebido e que era conforme à sua natureza (ibid. e nn. 565-575).

Ora, como o universo forma um só todo, como o Céu Empíreo foi o primeiro a existir no gênero céu, e como ele desempenha, no universo, o papel que o coração desempenha no animal, segue-se que ele deveria influenciar o Caos e o predispor, de uma certa maneira, para formar outros céus semelhantes a ele. *Todas as coisas que provêm de Deus têm relações mútuas entre elas e relações com Deus... De onde se segue a necessidade de admitir que todas as coisas pertencem a um só e mesmo mundo*[1141].

É porque todos os corpos simples que compõem o Caos devem ter recebido uma certa disposição para sofrerem as influências do Céu Empíreo e uma certa tendência a formar corpos compostos e céus; e esta era uma tarefa dos anjos: favorecer as pré-disposições dos corpos simples, ainda confundidos uns com os outros, a fim de que eles tendessem a se organizar, *pois as criaturas espirituais, na sua própria criação, foram dispostas de maneira a ter relações com a criatura material e a presidir a toda criatura material*[1142]. Por consequência, também o Caos.

705. – Eis porque neste caso não taxamos de singularidade a opinião de Durand, para quem *o espírito de Deus, que pairava sobre as águas* era um anjo que movia as águas, *quer dizer, o céu cristalino e todos os outros céus*; e nem a opinião dos Hebreus, de Teodoreto e de Tertuliano, que entendiam por *espírito de Deus* um vento insuflado por Deus. Eles não concordam com a opinião comum dos Santos Padres que veem neste espírito o próprio Espírito Santo[1143].

Estas opiniões, em conjunto, se acomodam muito bem, a nosso ver. Pois o Céu Empíreo, completo no seu gênero, tinha uma atmosfera, e seus movimentos naturalmente produziam vento, sobretudo por causa da diferença de temperatura que deveria existir entre o Céu Empíreo, todo formado e completo, e o Caos ainda frio e imóvel.

Em outras palavras, era um importante ministério dos anjos o de governar o Céu Empíreo em suas relações com o Caos, e contribuir para manter e aperfeiçoar a unidade do universo material. Enfim, o Espírito Santo era a causa principal destes movimentos do Céu Empí-

---

[1141] 1 q. 47, a. 3. Est ergo corpus coeleste causa omnis alterationis in his quae alterantur. Alteratio autem in his inferioribus est principium omnis motus: nam per alterationem pervenitur ad augmentum, et generationem, etc. (Contra Gentiles, l. 3, cap. 82, n. 7)

[1142] Ibid. Q. 61, a. 4.

[1143] Ver Cornélio a Lápide a este respeito.

reo e do trabalho sobrenatural dos anjos, pois é próprio do amor hipostático o presidir todas as afinidades, todos os amores honestos e todas as obras que necessitam da graça para serem meritórias da vida eterna.

706. – O Caos, como já dissemos, era composto somente de corpos simples e, por conseguinte, continha em ato apenas as formas simples dos corpos simples.

Contudo, a maior parte do Caos devia ser utilizada na formação dos corpos compostos e dos céus inferiores. Ora, as formas dos corpos compostos devem derivar de alguma maneira dos espíritos angélicos.

Ouçamos ainda sobre este ponto o Príncipe dos Teólogos. *O agente composto, que é corpo*, diz ele (no nosso caso é o Empíreo), *é moído pela substância criada espiritual, como diz Santo Agostinho, e é a partir daí que as formas materiais derivam das substâncias espirituais, não tanto como se estas produzissem diretamente estas formas, mas enquanto que, pelos movimentos que imprimem, elas as fazem produzir* pelos corpos compostos*... As formas que estão na matéria vêm dos anjos, pelo movimento... E,* originariamente, *da Inteligência divina que contém as razões de todas as coisas... Os corpos Celeste causam as formas por meio do movimento nas coisas inferiores*[1144].

Quando Santo Tomás diz que *na primeira produção da criatura material não ouve passagem da potência ao ato e que as formas materiais que então existiam foram produzidas imediatamente por Deus*[1145] *unicamente*..., ele não afirma nada que nós não concordamos com ele. Todas as formas do Céu Empíreo e todas as formas dos corpos simples compondo o Caos provêm unicamente de Deus, porque *a primeira produção da criatura material*, aquilo que foi a criação propriamente dita, foi expressa nestas palavras: *No início Deus criou o céu e a terra*.

Quanto ao *Fiat* que Deus repetiu muitas vezes em seguida, significa que somente Deus comandou a produção da luz, do firmamento, etc., mas não que o Céu Empíreo e os anjos não tivessem nenhuma causalidade nesta formação da matéria já existente, porque a unidade do mundo, os ministérios angélicos e outras razões já expostas anteriormente nos levam a pensar o contrário.

[1144] 1, q. 65, a. 4.
[1145] Ibid.

707. – Disto concluímos que os anjos bons utilizaram todo seu poder na transformação do Caos tendo em vista a Nosso Senhor Jesus Cisto, Maria Santíssima e o resto da humanidade[1146].

E que os anjos maus, pelo próprio fato de que eles *foram homicidas desde o princípio* (n. 661), aspiraram egoisticamente a manutenção do statu quo, o que era uma consequência direta de seu orgulho (n. 698). Não há dúvida, segundo nós, que os anjos rebeldes foram os modelos desses homens depravados que fazem guerra ao sobrenatural.

Ora, estes, vangloriando-se de um pretenso progresso que estará eternamente no mesmo lugar, têm horror dos ensinamentos da Fé sobre a ressurreição da carne, sobre a transformação final da Igreja Militante em Igreja Triunfante, sobre destinação final do universo a uma renovação gloriosa, e que eles recusem concorrer para o estabelecimento do Reino futuro e completo de Deus, de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Maria Santíssima e dos santos. Assim *esses que fazem guerra ao sobrenatural completam os desígnios de seu pai* (Jo., VIII, 44), que é o diabo, e de seus primeiros irmãos, que são todos os anjos rebeldes. Uns e outros são os inimigos encarniçados deste imenso, universal e divino progresso, que permitirá completar finalmente a obra de Deus em toda sua excelência.

708. – Ao contrário, os anjos fiéis, modelos dos verdadeiros católicos, trabalharam ativamente para a total realização do plano divino. Por isso eles lançaram, com suas virtudes, os fundamentos desta felicidade secundária, universal, de que eles desfrutam com a imensidade da criação. O desenvolvimento ulterior do poder divino, visando sua prova, foi o coroamento de seus desejos e de seus trabalhos, ao mesmo tempo que a derrota e a condenação de seus inimigos.

O *fiat lux* foi o triunfo dos anjos bons e a perda final dos anjos maus, porque *o Senhor está próximo daqueles que o invocam... Em verdade, o Senhor fará a vontade dos que o temem, ouvirá o seu clamor, e os salvará. O Senhor guarda todos os que o amam e exterminará todos os ímpios* (Sal. 144, 19-21).

Sétimo ponto: A duração da prova angélica

[1146] Esta afirmação poderia se corroborar com todas as passagens onde Santo Tomás diz que o universo material foi feito para o homem e notadamente para os Eleitos. Assim os elementos que estavam no Caos *visavam às formas dos corpos compostos, e assim seguidamente até à forma humana que é a mais nobre das formas inferiores* (L. 2 Dist. 1, q. 2, a. 2 et álibi). É, pois, claro que os anjos inimigos do homem contrariaram esta tendência final dos elementos do Caos, como os anjos amigos do homem a favoreciam.

709. – Pode-se dizer que todos os autores estão de acordo em admitir que a prova dos anjos durou pouco tempo. Mas, no nosso conhecimento, ninguém tentou indicar aproximadamente a duração deste tempo.

Todavia, parece que se encontra alguns dados sobre este ponto não somente na analogia e na razão teológica, mas também na Sagrada Escritura.

Na nossa humilde opinião, a prova angélica teve a duração de uma época genesíaca. É o que nos parece indicar, talvez claramente, os textos sagrados.

Neles lemos, com efeito: *No princípio Deus criou o céu e a terra*. Foi dada a existência ao Céu Empíreo, aos anjos, ao Caos e ao tempo (nn. 410 e seg.). Após isto o texto nos diz: *Mas a terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas*.

Estas expressões e esta maneira de expor os fatos nos sugerem um estado das coisas e das operações que duraram por uma muito apreciável parte de nosso tempo, quer dizer, do tempo que corresponde a coisas materiais. Um trabalho se operou, sucessivamente, sobre o Caos, porque o espírito de Deus *o aqueceu e o fecundou*, servindo-se também, como já dissemos, das influências do Céu Empíreo e do ministério dos anjos.

Em seguida se lê: *E Deus disse: Que a luz seja feita*. Vê-se aqui a passagem de uma época para outra. É verdade que a descrição da época primitiva não se fala de *tarde* e de *manhã*, e que esta época não é denominada dia como nas épocas seguintes. Mas esta diferença se explica pela natureza das coisas e de seu modo de constituição.

710. – O Céu Empíreo foi, por Deus, criado e organizado ao mesmo tempo, ao menos em suas partes essenciais. Portanto havia a luz que desempenha um grande papel nos mundos formados, o que explica muito bem a opinião de São Basílio que admite a existência da luz, antes do *fiat lux*, mas fora e acima do Caos[1147].

Na primeira época não se distinguem, pois, *tarde* e *manhã*. Além disso, não saberíamos porque, no Céu Empíreo, a noite sucederia ao dia! Os maiores e mais belos céus deviam ser os mais iluminados. E, por conseguinte, deviam ignorar as tardes, as manhãs e as noites.

Nós vemos que em cada um dos dias genesíacos se faz operações sucessivas, acrescentando gradualmente a perfeição nas obras, o que

[1147] Ver Cornélio a Lápide, em Génesis I, 2.

formava a marcha da tarde à noite, do imperfeito àquilo que era mais perfeito. Por exemplo, *Deus disse*: *Que a luz seja feita*. *E a luz foi feita*. A luz é produzida. Entretanto, após havê-la produzido, *Deus*, para completar, *a separou das trevas e a* denominou *dia*.

Uma ou muitas operações análogas aconteceram em todos os dias, porque os céus inferiores foram feitos progressivamente, não somente nos *seis dias*, mas ainda quanto às obras de cada dia.

O mesmo não aconteceu com o Céu Empíreo, com os anjos e com Caos. Sua criação e sua formação foram simultâneas. Deus os criou e os formou todos de uma só vez, o Céu Empíreo como Céu Empíreo, os anjos como anjos ornados de graça, e o Caos como Caos. Essas coisas, por assim dizer, nasceram e perseveraram no seu meio. Este estado durou durante toda a primeira época, havendo apenas variações acidentais devidas ao trabalho dos anjos e às influências do Céu Empíreo sobre o Caos.

Segue-se daí que a ausência de denominações de *dia*, de *tarde* de *manhã* em nada afetou a duração da época que precedeu os *seis dias* do Gênesis.

711. – Muitas outras razões, em nossa opinião, favorecem esta interpretação. Vamos expô-las brevemente.

1º – Muitas passagens da Sagrada Escritura, referidas anteriormente (nn. 653-658), têm sentido que coincide com este que nós encontramos nos dois primeiros versículos do Gênesis.

Como caíste do Céu, Lúcifer, tu que se levantou de manhã?... Tu, que feriste com pragas as nações; que dizias em teu coração: eu subirei ao céu; eu restabelecerei meu trono acima dos astros de Deus; sentar-me-ei sobre a montanha da aliança; subirei acima das nuvens mais elevadas; serei semelhante ao Altíssimo! (Isaias, XIV, 12-15). Todas estas palavras empregadas no imperfeito ou no futuro indicam um estado de uma certa duração e uma esperança acariciada por mais ou menos longo tempo pelo anjo soberbo.

Lúcifer se elevou sucessivamente como um astro que se levanta pela manhã. Cada aparição produzia um brilho enganoso que feria com pragas as nações. Ele contraiu, por assim dizer, o hábito de dizer em seu coração: *Eu subirei... Eu estabelecerei... Eu me assentarei... Eu serei*... – quando, então? – "Não presentemente". – E quando, no futuro? – "Quando tiver persuadido de meu sentimento a todos os anjos; quando, por nossas próprias forças, tivermos chegado ao cume do progresso; quando, pelo efeito do progresso natural, a luz se fizer no caos, para aumentar o reino dos anjos, ou melhor, quando for confir-

mado que o Caos perseverará eternamente neste estado, os anjos e o Céu Empíreo satisfizerem à beleza do universo".

712. – 2 º – As alusões evidentes que Ezequiel faz ao chefe dos anjos revoltados são igualmente significativas nesse sentido. O Profeta o representa como *tendo as delícias do Paraíso de Deus*, como sendo *um querubim com vastos e protetoras influências*, como *tendo sido estabelecido sobre a montanha santa de Deus* à maneira de um monarca, como *tendo caminhado no meio de pedras rutilantes*, quer dizer, como tendo tempo, não somente de cometer o pecado, mas também de *encher suas entranhas de iniquidades* e de *multiplicar estas iniquidades* (Izequiel, XXVIII, 13-18; n. 657). Uma tal descrição nos faz pensar, não num instante rápido, mas num certo lapso de tempo comparável a uma vida de prova.

713. – 3º – Isto está confirmado ainda pelas palavras seguintes de São João: *Então se travou um grande combate no céu: Miguel e seus anjos combateram contra o dragão, e o dragão combateu assim como seus anjos. E eles não prevaleceram, e seu lugar não se encontrou mais no céu* (Apoc. XII, 7, 8). Segundo São João, este combate é do tipo daquele que há entre a Igreja Militante e seus inimigos. Esse não é um negócio de um dia, mas de toda uma vida, de uma vida de prova, como àquela da qual Jó disse: *A vida do homem na terra é um combate continuo* (VII, 1). Tal foi a vida dos anjos viajantes. Também seu combate foi **grande**, não unicamente por causa do número de combatentes, mas ainda por causa do encarniçamento e da duração da luta. *São Miguel e seus anjos combateram contra o dragão, e o dragão e seus anjos combateram também*. Não foi apenas um ato, nem dois, mas uma série, uma vida de combate!

714. – 4º – Aquilo que, na nossa opinião, leva muitos autores a supor que a prova dos anjos se fez num piscar de olhos, é a confusão a respeito do *momento angélico* com o momento de nosso tempo.

O momento angélico é a disposição uniforme, boa ou má, dá vontade do anjo, o que pode durar indefinidamente. Mas, o nosso momento, causado pela sucessão das coisas, é essencialmente rápido e mesmo imperceptível. Suarez diz que o *instante angélico é de uma outra natureza do que o nosso instante e que o instante angélico pode coexistir com uma parte de nosso tempo, e mesmo com um número infinito de nossos instantes*[1148].

[1148] De Ang., l. 7, cap. 18, n. 22, et n. 23.

Portanto, nada há de extraordinário em dizer que a prova dos anjos durou até à formação da luz e que ela constituiu uma época primitiva.

Esta é também, cremos, a melhor maneira de interpretar São João e Santo Irineu, que afirmaram, segundo Suarez, que *Lúcifer só pecou quando tentou os homens*. Em vez de qualificar esta opinião como evidentemente falsa, como faz o distinguido Doutor (Suarez), nós a julgamos apenas muito ampla, e a admitimos, contando que se considere a duração da prova angélica até o *Fiat Lux*[1149], o que exclui o erro.

715. – Muitos filósofos também são favoráveis, até um certo ponto, a esta nossa conclusão. São, por exemplo, Scot, Gabriel e Salmeron que pensam que os anjos, depois de seu pecado, podiam se converter e que Deus lhes havia deixado tempo para isto. *Os anjos só foram precipitados do Céu*, diz Salmeron, *somente depois que a bondade de Deus os convidou e esperou longo tempo à penitência*.

Suarez acha que este advérbio, **longo tempo**, *é muito novo e singular*, e, com certeza, ele o é se se amplia o seu alcance, como faz este mestre, até depois dos seis dias genésicos[1150]. Mas, toda novidade e toda singularidade desaparecem se se admite que a época da prova angélica precedeu às seis outras épocas, o que está perfeitamente conforme o relato do Gênesis.

716. – 5º – A estas razões acrescentamos outras que poderiam ser chamadas de razões teológicas.

O divino Redentor e a sublime Corredentora são os modelos perfeitos de todos os seres que foram submetidos à prova, como vimos (nn. 666 e seg.). Ora, sabe-se como foi dura sua vida de sofrimento e de privação. Um momento terrível, atravessado pelo Homem-Deus e por sua divina mãe, a rigor teria sido suficiente para operar a obra da Redenção. Mas *Deus regula todas as coisas com medida, com número e com peso* (Sab. XI, 21). A obra da Redenção levou muito tempo para se cumprir e se estenderá através de todos os séculos até a renovação dos mundos. Deus não tem pressa, foi Ele que criou o tempo e que é eterno.

Vós destes lugar, ó meu Deus, *a esses anjos maus*[1151], *para fazer penitência, embora soubesses que sua raça era má, que a malícia era natural a eles, e que sua mente nunca poderia ser mudada* (Sab. XII,

[1149] Ibid., cap. 21, n. 11.
[1150] Ver Suarez, ibid. l. 8, c. 1, nn. 4-6.
[1151] Como, mais tarde, aos primeiros habitantes da Palestina.

10). *Vós não perdoareis os anjos que pecaram* (2a Ped., II, 4), porque eles não se arrependerão, mas isto em nada perturbará a majestade de vossas obras. O Céu Empíreo móvel caminhará igualmente até ao tempo marcado para sua glorificação, como os mundos móveis seguem sua marcha regular depois de milhares de séculos, malgrado os pecados dos homens. *Vossa misericórdia se elevou até aos céus* (Sal. 56, 11); *vossa misericórdia se eleva acima de vosso julgamento e de vossa severidade* (2 Tiago, II, 13). E se todas *vossas vias são verdade e justiça, elas são também toda misericórdia*[1152], aguardando até mesmo por pecadores que jamais virão, e isto porque vós sois bondoso.

Além disto, se vosso governo, presidido pela misericórdia, permite a multiplicação e o acúmulo dos pecados, por isto também dá lugar para multiplicação e acúmulo dos méritos, e vossos anjos fiéis embelezarão mais especialmente a Jerusalém Celeste em que eles mais opuseram o apostolado do bem ao apostolado do mal.

717. – 6º – Deus teve em conta, certamente, muito mais o aumento do mérito dos anjos bons do que a futura perversão dos maus, pois esta teria sido permitida apenas em vista daquele. Além disto, se os santos da humanidade, que ordinariamente merecem durante longos anos, são destinados, em razão da perfeição de suas virtudes, a serem inseridos em todas as ordens angélicas (nn. 457 e seg.), não necessitava que inclusive os anjos bons tivessem tido tempo para multiplicar seus méritos? Do contrário nós não seríamos chamados a serem *iguais aos anjos*, mas a ultrapassá-los!

Acrescentamos que, mesmo no caso em que os anjos bons tivessem sido confirmados em graça após o primeiro ato de adesão formal ao Redentor e à Corredentora, ser-lhes-ia muito conveniente que, tendo por modelo Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima, eles caminhassem durante algum tempo na via do bem sem ter medo de pecar. Geralmente falando, não são eles, de fato, os seres mais completos depois do Salvador e de sua Mãe divina?

718. – 7º - A rapidez da concepção e da deliberação dos anjos é atenuada e compensada de diversas maneiras.

A Revelação anunciou o futuro por degraus, porque a Igreja angélica é análoga à Igreja humana, onde a Revelação sempre aumentou desde Adão até a morte do último dos Apóstolos, e onde o brilho das

[1152] Tobias, III, 2. "O Senhor é bom para todos, e sua misericórdia se estende sobre todas a suas obras" (Salmo 144, v. 9).

virtudes divinas aumentarão sem cessar até o fim do séculos[1153]. Ou seja, um dos mais importantes ministérios dos anjos é o de iluminar seus inferiores na execução do plano divino (n. 447). Houve, então, entre os anjos sujeitos à prova alguma coisa que corresponda, nos anjos, ao tempo dos Patriarcas, ao tempo dos Profetas, ao tempo evangélico e apostólico. E se pensarmos no número inimaginável de anjos (nn. 432-436), e as diferenças de suas espécies, que entre eles são tão numerosas quanto os indivíduos (nn. 484 e seg.), facilmente podemos concluir que necessitava tempo para persuadir do bem ou do mal esta imensa multidão de seres livres.

Ademais, os anjos, *tão esclarecidos sobre os mistérios divinos,* segundo a expressão de Santo Tomás[1154], não podiam esperar, como Adão, desfrutar da Redenção, após seu pecado. Eles sabiam que sua prova era absolutamente definitiva e, por conseguinte, a enormidade de sua responsabilidade tendia a moderar sua determinação.

Tudo leva também a crer que a bondade de Deus tenha disposto todas as coisas de maneira que os anjos não se determinassem às pressas.

Além disto não é de se supor que os anjos fossem tão precipitados em se lançarem no mal. *O livre arbítrio*, diz o Anjo da Escola, *não se porta da mesma maneira com relação ao bem e em relação ao mal; porque ele está ordenado naturalmente ao bem, ao passo que o mal é-lhe contrário à natureza*[1155]. Como, então, tão grande parte dos anjos, ocupando degraus tão variados de perfeição natural e de dons sobrenaturais, teriam se lançado subitamente no mal, que repugna à sua natureza?

719. – 8º – Portanto, eu imagino a prova angélica como tendo durado toda uma época. Por assim dizer, foi uma civilização completa com seus começos, seus progressos, seus defeitos e sua crise final, de todo, sem dúvida, proporcionado à natureza angélica e ao modo em que os anjos receberam a existência.

A sociedade angélica existiu simultaneamente toda inteira, bem diferente da sociedade humana em que os indivíduos se propagam sucessivamente por gerações. Esta é a razão do porquê a prova da humanidade se estende através dos milhares de anos para que seus membros apareçam sucessivamente na cena da vida. Mas a prova de cada

---

[1153] Urgente mundi fine superna scientia proficit, et largius cum tempore crescit (São Gregório, Le Gr. *Moral*)

[1154] Ver os nn. 642 e 647.

[1155] *Livr. II, Dist*. 3, q. 2, a. 2, ad 2[m].

um deles se reduz a uma vida humana. Ora, as vidas angélicas foram simultâneas.

Parecem então que a prova dos anjos equivaleria, mais ou menos, à prova de uma geração humana. E assim a vida passageira dos anjos seria modelada segundo a vida temporal do Homem-Deus, modelo supremo de todas as criaturas.

720. – 9º – Poder-se-ia dizer que este tempo é enorme para natureza tão ativa como a dos anjos?

Dizemos que não temos a pretensão de fixar o número de anos da prova dos anjos. Temos apenas a opinião, à vista das razões expostas, de que a prova dos anjos durou um tempo apreciável.

Acontece que todos os anjos e os homens foram predestinados a ocupar os mesmos graus de bem-aventurança. Então é necessário que eles multipliquem e aumentem seus méritos mais ou menos da mesma maneira.

Como os anjos são incomparavelmente mais rápidos e mais vivos que os homens, é preciso concluir que eles tiveram uma prova proporcionada às suas faculdades e às graças que haviam recebido, uma prova digna deles. Os homens são também dotados muito diversamente quanto à natureza e quanto a graça. Entretanto a duração de sua prova é geralmente a mesma. Se os anjos bons estivessem na posse da suprema felicidade após seu primeiro ato sobrenatural de obediência e de caridade, não haveria possibilidade alguma de explicar a imensa variedade de suas recompensas, que são as mesmas dos homens eleitos.

Oitavo ponto: Combate dos anjos bons contra a falsa ciência, que pregava contra o Espírito Santo – Recompensas correspondentes

721. – Os anjos, durante sua prova, formaram uma espécie de Igreja Militante. Imensa sociedade onde, em decorrência da liberdade estabelecida, os sentimentos foram muito rapidamente compartilhados, e essa Igreja logo teve suas lutas a sustentar.

O principal objeto das discussões foi o futuro Homem-Deus, o redentor a vir, como Rei, como chefe de todas as criaturas, causa meritória de todas as graças, como garantia da glória de Deus, como bem de todos os seres, como razão primeira, depois da glória de Deus, da criação dos anjos e do Céu Empíreo e do futuro desvendamento do Caos, como coroamento divino-humano de todas as obras do Altíssimo.

Lúcifer e os seus se revoltaram contra este sublime objeto de sua Fé e empreenderam um apostolado herético com orgulho e fanatismo. *Pecaram voluntariamente depois de terem recebido o conhecimento da verdade*.

Malgrado os ensinamentos de sua Fé, eles rejeitaram a Nosso Senhor Jesus Cristo, causa de todas as graças e de todos os arrependimentos salutares. Portanto, *não lhes restava mais uma vítima para expiar seus pecados, mas a terrível expectativa do julgamento e o ardor do fogo que deve devorar os inimigos* (Hebr. X, 26, 27) de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Repelir definitivamente o Homem-Deus é repelir para sempre todos os bens. Ó infortúnio da hostilidade implacável contra o Filho de Deus!

Segundo Santo Hilário, negar a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo é cometer um pecado contra o Espírito Santo, que, no Evangelho, está declarado irremissível: *O pecado contra o espírito santo consiste,* diz esse Padre*, em recusar a Deus todo o poder, e negar a Cristo sua divindade; como por Cristo Deus se fez Homem e o Homem foi deificado, Deus perdoa todos os pecados, exceto esses que dissemos*[1156].

Somos de opinião que durante todo tempo de sua prova, os anjos rebeldes, combatendo especialmente o Homem-Deus, cometeram todos os pecados que são contra o Espírito Santo:

1 – a *presunção*, porque quiseram se passar sem a graça de Cristo;

2 – a *negação da verdade conhecida*, porque eles tiveram as noções de todas as obras fora de Deus, e ainda sua Fé aperfeiçoava esses conhecimentos;

3 – a *inveja da graça do próximo*, porque não quiseram nem a existência de Nosso Senhor Jesus Cristo e da humanidade, *nem o aumento da graça de Deus no mundo*, segundo as expressões de Santo Tomás;

4 – a *obstinação* ao desejarem menor quantidade de bens, inclusive em seu prejuízo, não obstante o querer divino. Isto pelo mal prazer de privar outras pessoas no mundo inteiro daquilo que ele tem de melhor;

5 – a *impenitência*, quer dizer o firme propósito de jamais se arrepender;

[1156] Citado por Cornélio a Lápide em Comment. In Matth. c. XII, 31.

6 – o *desespero* de obter o perdão de Deus, afrontoso coroamento de tanta perversidade[1157].

Ó triste caminho dos anjos soberbos durante sua prova!

Ó execrável modelo das maiores maldades humanas! Tais eram os inimigos que deveriam combater a Igreja Militante angélica.

722. – Os anjos maus eram presididos por Lúcifer, o primeiro dos heréticos, e formaram uma espécie de contra igreja, como hoje os inimigos da Igreja Católica.

O que também nos leva a crer que a duração da luta provavelmente foi longa como todos os conflitos sociais. A história dos anjos rebeldes nos parece ser mais ou menos a história das heresias, infelizmente tão longa, mas que tem, portanto, uma significação que aqui convém ressaltar.

Jamais herético ocupa o primeiro lugar na Igreja[1158]. Toda sociedade religiosa, divinamente instituída, é presidida por uma autoridade infalível em que o depositário pode, em certos casos, pecar, em se tratando da pessoa, **mas não como chefe e como ensinando oficialmente**.

E nós tiramos daí a conclusão de que Lúcifer não era o primeiro dos anjos, mas somente um dos mais elevados.

Se anteriormente supusemos o contrário (nn. 528, 529 e em outros lugares), foi porque falamos segundo a opinião de São Gregório Papa, de Santo Tomás e de outros respeitáveis autores. Mas, por nossa conta, preferimos a opinião de São João Damasceno, na qual *Santo Tomás não vê que haja qualquer erro*, embora se mostre favorável sobretudo à outra[1159].

Ora, para São João Damasceno, Lúcifer estava longe de ser o mais elevado dos anjos. E sua opinião é compartilhada por outros autores muito sérios[1160]. Quanto a nós, concedemos facilmente que Lúcifer foi um dos primeiros anjos, mas não o primeiro de todos. Parece-nos que ele era um querubim.

723. – Uma razão ainda mais sólida do que a que acabamos de dar é o próprio nome de *Lúcifer*, que significa *porta-luz*, ou, ao pé da letra, segundo o hebreu (*helel*), *filho da Aurora*, ou ainda, *estrela da manhã*. Este nome é certamente revelado por Deus, assim como os

---

[1157] Ver Suma Teológica 2ª 2ae, q. 14, a. II.

[1158] Nota do tradutor: Com o Concílio Vaticano II (entre 1962 e 1965) com a questão do papa herege.

[1159] 1, q. 63, a. 7.

[1160] Ver Suarez, De Angelis, l. 7, cap. 17.

nomes de *São Gabriel*, *São Miguel e São Rafael*, que designam os ofícios daqueles anjos. Ora, o *filho da aurora* é menor do que a aurora, e o *porta-luz* é inferior ao que emite a luz.

Vimos anteriormente que São Gabriel era o *Vigário pré-figurativo do Verbo Encarnado*, e, por assim dizer, o Papa Angélico (nn. 528-531). E, como tal, ele era a *aurora*, o primeiro raio do *sol da justiça que se levantará para todas as criaturas* (Malaquias, IV, 2).

Lúcifer era portador, propagador desta luz, uma espécie de embaixador da "Santa Sé" angélica. Assim Lúcifer não era a *aurora*, mas seu *filho*, seu enviado principal junto a todos os coros angélicos.

Em Lúcifer havia mais brilho da ciência do que amor de Deus! Era *um querubim com asas abertas e protetoras*, assim diz o profeta Ezequiel (n. 657). E é como Querubim, inclusive como o mais nobre dos querubins que, na sua hierarquia, era *a mais perfeita semelhança de Deus*, *pleno de sabedoria e perfeito em beleza*. Com efeito, os querubins se distinguem pela *plenitude da ciência* (nn 450, 469), e, em consequência, *pela beleza*.

O coração de Lúcifer não se elevou com seu brilho; perdeu a sabedoria na sua beleza. – Nós vemos seu crime se reproduzir com uma deplorável fecundidade nos fastos da história humana.

Vós sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal. Ó ciência do querubim extraviado, sois vós que precipitastes no mal a pobre humanidade e que nela engendrou todas as heresias. É em vosso nome que o espírito humano é tão geralmente incrédulo, racionalista, e inimigo encarniçado do divino? Está aqui uma prova quase evidente que vosso primeiro inspirador é um querubim revoltado, não certamente, um *serafim*, um *incendiário*, um *queimador*, um *ardente* do amor de Deus (nn. 451, 471).

Em todas as descrições de Lúcifer somente se encontra brilho, beleza, luz, sabedoria, se se deseja, mas nada de amor, nenhum desses traços que distinguem os serafins[1161].

Se Lúcifer estava *cheio de sabedoria* antes de sua queda, era somente em relação a seu ofício, e nada tinha desta sabedoria que não impediu o mais alto dos homens, Salomão, de cair nos mais profundos desregramentos.

[1161] In sacra Scriptura, dit S. Thomás, nomina quorumdam ordinum, ut Seraphim et Thronorum, daemonibus non attibuuntur: qui haec nomina sumuntur ab ardore charitatis, et ab inhabitatione Dei, quae non possunt esse cum peccato mortali. Attribuuntur autem eis nomina Cherubim, Protestatum et Principatuum, quia haec nomina sumuntur a scientia et potentia quae bonis malisque possunt esse communia. (1, q. 63, a. 9, ad 3m). Entretanto o Autor sagrado tinha por fim designar um Serafim *tornado culpado*, o que ele não fez.

Santo Estevão estava *cheio de graça*, tinha uma sabedoria irresistível (Atos, VI, 8,10), estava cheio do Espírito Santo (Ibid. VII, 55), sem ocupar, entretanto, o primeiro lugar na Igreja.

Se o querubim *estava assentado sobre a montanha santa de Deus*, aí ele estava apenas como Querubim, acima dos Tronos, mas abaixo dos Serafins. Também o Altíssimo lhe dirá, chamando-o de querubim: *Eu te expulsei do monte de Deus e te perdi, ó Querubim protetor, no meio das pedras preciosas* das quais estáveis cercado. (n. 657).

A Sagrada Escritura nos parece, então, inteiramente clara sobre este ponto. Que necessidade há de se alterar o sentido dele?

724. – As palavras de Isaías concordam perfeitamente com esta interpretação.

Para o Profeta Isaías, Lúcifer era *resplandecente pela manhã*: era a ciência do querubim ainda inocente antes que **o anjo da luz** *se transformasse em anjo das trevas e em Satanás* (2a. Cor. XI, 14). *Ele feriu as nações* angélicas com pragas, como hoje a falsa ciência fere as nações humanas. Lúcifer *dizia em seu coração*: *Subirei ao céu*; chegarei a meu fim por mim mesmo; *colocarei meu trono acima dos astros de Deus*, acima dos serafins, inclusive acima de São Gabriel, *pois assentarei na montanha da Aliança*, não num ponto qualquer, mas sobre o ponto culminante, *ao lado do Aquilão*. Subirei acima das nuvens mais elevadas, acima daquele do qual Gabriel é o representante na sociedade angélica, acima daquela a qual Gabriel saudou Aquela *cheia de graça*, acima dos chefes futuros de todas as criaturas, os quais, por causa de sua humanidade, são chamados de *nuvens*.

Serei semelhante ao Altíssimo que não tem nenhum superior (ver os números 653, 654).

Ó cientista *independente*, eis-vos perfeitamente descrito em teu modelo, e tanto mais se vos olha, mas se vê claramente que vós sois é imagem, não de um serafim, mas de um querubim orgulhoso, de Lúcifer. Para vós a Igreja de Deus, Maria Santíssima, Nosso Senhor Jesus Cristo, o sobrenatural, não são nada ou estão abaixo de vós.

A grande religião da *ciência*, eis tudo! Mas vós ignorais a virtude e excelência dos serafins, *incandescentes*, que têm tudo que vós tendes[1162], mas em que as luzes estão penetradas de amor de Deus e da divindade. Se eles não tomam a teu respeito uma atitude mais orgulhosa é precisamente porque eles são serafins ou estão abrasados de

[1162] Ver item 451.

amor[1163]; mas com os olhos sem cessar voltados para Deus, eles vos dizem: *Que o Senhor, infinitamente justo e infinitamente bom, vos ordene*[1164].

Visto que desprezas nossas iluminações e nossa autoridade, visto que vos colocais acima de nós e mesmo acima do Verbo encarnado que representamos e a quem servimos, invocamo-vos o julgamento daquele que está acima de todas as coisas, do qual vós quisestes *assemelhar* para vossa independência. Vós não tardareis sentir que a prece dos serafins terá eficácia...

E *vós cairás do céu como um raio* (Luc. X, 18): O calor com a luz é mais poderoso que somente a luz. A própria luz não é verdadeiramente completa se não tem calor. Por falta de amor, vós perdereis o equilíbrio, *não permanecereis na verdade* (Jo. VIII, 4), e *sereis precipitados no abismo* (2a. Pet. II, 4).

725. – Ora, a luta intelectual, envolvendo cerca de um terço de uma sociedade inumerável e os dois outros terços desta sociedade, não é uma questão de um momento, nem de um dia. Vemo-la em nossa Igreja Militante: O combate dura tanto quanto a humanidade na terra. Entre os anjos o combate durou o tempo de uma **vida** de prova, o que supõe numerosos atos. E por aí podemos fazer uma ideia dos méritos insignes e variados adquiridos pelos anjos bons, que *combateram o bom combate e que mantiveram na Fé... aguardando a coroa da Justiça* (2a. Tim. IV, 7).

Geralmente falando *ninguém é coroado se não tem, desde o início e não só no fim, combatido* (Ibid. II, 5). E a vitória que terá por recompensa a *vida eterna* deve, também ordinariamente, ter sido alcançada através de uma **vida inteira** de prova.

Na vida angélica, os anjos, por causa da condição de espíritos, tiveram de combater, por assim dizer, um a um, sucessivamente todos os anjos maus, e cada um se por de acordo nas ideias e nos sentimentos com todos os anjos bons, sobretudo pela caridade e pela submissão aos superiores. As hierarquias e os coros dos anjos foram, sem dúvida, instituídos e estabelecidos no momento da criação destes espíritos. Estas hierarquias são sagradas (n. 442) e, portanto, religiosas. Os ministérios destas sublimes criaturas são seus deveres de estado e, por conseguinte, os anjos deviam cumpri-los desde o momento de sua existência; *todos os anjos se diferenciam especificamente uns dos ou-*

[1163] São Miguel, disputando com o diabo, não ousa condená-lo com palavras de maldição (S. Judas, 9)

[1164] Ibid.

tros (nn. 484 e seg.), de modo que eles constituem tantas naturezas diferentes quanto sua multidão conta de indivíduos. Por aí é fácil imaginar as dificuldades e as complicações de sua prova.

Relações sociais muito numerosas; culto religioso múltiplo e grandioso; apostolado muito ativo e muito extenso em sua sociedade; governo desta sociedade e destes céus constituídos; influências a exercer sobre o Caos; virtudes a praticar com tantos seres inteligentes, todos diferentes uns dos outros pela graça e mesmo pela natureza; dirigir e inclusive *aperfeiçoar* o universo então existindo (n. 424), segundo as exigências do plano divino, de acordo com suas luzes naturais, de acordo com os dons de sua fé, conforme as *iluminações* que recebiam hierarquicamente do Alto; tomar parte na gigantesca luta intelectual que se engajava entre eles, e de cujo relato, se traçado num papel à maneira humana, provavelmente não poderia caber num conjunto de livros igual àquele escrito para os homens! Que prova! Como essa prova é digna destes espíritos! Quanta glória para os bons! Quantas derrotas para os maus!

Ó! Se os homens devem esperar ser um dia *iguais aos anjos* em todos os graus da bem-aventurança, devem-no muito mais do que a seus méritos, aos méritos do Homem-Deus e da Mãe de Deus, que são dos seus. Ó glória! ó alegria para nós! ó grandeza que nos provém do nosso bem-amado Salvador e da grande e muito doce Maria Santíssima!

726. – O combate dos anjos bons durante todo tempo que durou sua prova consistiu principalmente em refutar a falsa ciência, a *ciência* orgulhosa que infla e que é *oposta à caridade que edifica* (1a. Cor. VIII, 1), a ciência invejosa do sobrenatural ou que quer reduzi-lo às proporções da natureza; ciência que quer medir e restringir o plano divino às pobres ideias das criaturas; ciência, em uma palavra, que se insurge contra a Fé.

Ao se oporem às luzes enganosas, os anjos bons iluminaram os espíritos inferiores e exerceram sobre eles um apostolado de salvação. Porque, *tendo ensinado a via da justiça a um grande número* de seus semelhantes, *eles resplandecerão, como sois, por toda eternidade* (Dan. XII, 3).

Deus, para recompensar os anjos bons, mostrando-se a eles face-a-face, fá-los ver também no Verbo, pela Luz da Glória, as razões de todas as coisas e as sublimes magnificências de seu plano. Ele os chama para compor, por assim dizer, sua Providência e os utiliza para

conduzir a seus fins todas as pessoas e todas as coisas que se movem na prova.

São os anjos bons que governam o universo material na qualidade de gloriosos Filhos de Deus. Eles *iluminam* os homens com um zelo maior ainda do que quando anteriormente iluminavam os outros anjos. Dão-lhes a conhecer as verdades e os desejos divinos; fortalecem suas inteligências; sugerem pensamentos salutares; fá-los compreender a linguagem da natureza que "fala" de Deus; fá-los também apreender a força dos motivos da credibilidade[1165], e pode-se dizer que pelos anjos bons os homens *são repletos de todos os tipos de bens* (Tobias, XII, 3).

Os anjos bons aumentam sua própria felicidade acidental à medida que distribuem mais benefícios para as criaturas e à medida que eles engrandecem e enriquecem ainda mais a Jerusalém Celeste.

727. – Os anjos bons não lutaram também contra a falsa caridade e contra o amor enganoso?

E, em caso afirmativo, não se seria induzido a acreditar que Lúcifer era um serafim?

Parece-nos, como dizemos acima (n. 722), que Lúcifer era um querubim, por diversas razões, como já vimos, que nos levam a admitir esta opinião. Além disto, como anjos prevaricadores se encontram de todos os coros angélicos, segundo a opinião comum, e que Lúcifer é o chefe de todos os revoltosos, pareceria que ele deveria ser serafim para presidir, inclusive do mal, os serafins infiéis.

Respondemos que exatamente o que nos repugna é sobretudo ver Lúcifer como *o mais elevado dos serafins*, como o chefe de toda a Igreja angélica, no momento em que a Sagrada Escritura lhe assinala um papel secundário, em que ele prevaricou numa sociedade religiosa divinamente estabelecida, e que ele foi seguido por uma menor parte dos anjos, enquanto a maior parte permaneceu fiel, como é de se crer, à Autoridade.

A rigor, Lúcifer pode ser um serafim de quarta ou quinta ordem, inferior a São Gabriel, a São Miguel, a São Rafael, e a outros ainda, mas, portanto, superior há alguns serafins que ele teria conquistado para seu partido. A questão é que nesse caso a Sagrada Escritura o designaria de *querubim* apenas para indicar um dos serafins mais próximo do coro dos querubins ou ainda para indicar que ele se tornou um querubim por escolha, querendo sobressair em ciência e não em amor.

[1165] Ver Suma Teológica 1, q. 111, a. 1.

Esta última interpretação é a Santo Tomas[1166].

728. – Mas, quer Lúcifer tenha sido membro do primeiro coro angélico, quer tenha sido membro do segundo coro, sobre o que dissemos nessas últimas breves palavras, é certo que os anjos fiéis tiveram que combater a falsa beneficência e a desconfiar de um amor pérfido.

A tentação sempre propõe o bem, real ou aparente, mas não o bem que é preciso querer. E, no caso, nem as aparências deste último bem. No fundo o mal que Lúcifer queria fazer era levar a escolher fora do bem. Portanto, é uma perfídia mascarada de amor. E Lúcifer, que era tão esclarecido, não poderia deixar de conhecer o mal que ele fazia às suas vítimas.

Como então os anjos bons inferiores poderiam se prevenir contra seduções tão laboriosas, tão hábeis, e, aparentemente, tão afetuosas? Contra seduções que vinham de um do alto, exercidas por um depositário elevado e com autoridade?

Ah! Aqui nós vemos particularmente quanto foram grandes as virtudes dos anjos bons, quanto eles tiveram que dispender de atenção e de força, quanta firmeza eles tiveram que ter nas verdades reveladas por Deus, e com que afeição eles se agruparam em torno da autoridade angélica suprema, que, sem dúvida, era infalível, para assumir a salvação de todos os anjos *de boa vontade*!

Os anjos bons devem ter praticado, de uma maneira proporcional a puros espíritos, as oito *bem-aventuranças*, desde *a pobreza de espírito* até o *sofrimento pela justiça*, porque, para o fato mesmo da prova em que se deveria combater o mal e os maus, tanto essas virtudes eram necessárias à salvação, quanto elas podiam ser postas em ato por seres não decaídos.

Repetimos: se, com efeito, os homens são chamados a serem *iguais aos anjos* em todos os graus da bem-aventurança, de alguma maneira, na arena do mérito, os anjos devem se assemelhar a nós.

729. – Se Lúcifer foi criado serafim ou querubim, por sua revolta ele se tornou o modelo da falsa ciência e do falso amor.

Em nossa opinião, pobres humanos, que somos assediados de todas as partes por uma suposta ciência que se reveste de todos os princípios, e por uma pretensa bem-aventurança que arruína e dissolve nossa sociedade, desconfiamos que isto foi o que perdeu o terço da sociedade angélica. E que, sob a inspiração de Lúcifer, também pene-

[1166] 1, q. 63, a. 7, ad 1[m].

trou nos espíritos e nos corações humanos. Que a sorte dos anjos rebeldes nos sirva de lição. E a sorte dos anjos fiéis nos sirva de encorajamento!

Aquela primeira sociedade de seres inteligentes já teve, em certo sentido, seu juízo final. Todos seus membros, bons e maus, simultânea e solenemente, receberam sua retribuição proporcionada a seus méritos. Uns, diversos graus de bem-aventurança eterna. Outros, diversas doses de castigos eternos.

Ó humanidade, a mesma bem-aventurança e os mesmos castigos vos estão reservados pelas vossas obras! Se tomardes o partido de Lúcifer e de seus anjos, terás vossa parte *no fogo eterno que foi preparado para o diabo e seus anjos* (Mat. XXV, 41). Se se colocares do lado de São Gabriel, de São Miguel e de todos os anjos bons, compartilhareis sua sorte na celeste Pátria e sereis seus semelhantes.

O que quereis, ó livre pensadores, ó racionalistas, ó materialistas, ó viventes privados de fé e de obediência, o que vos adianta zombar ou pelo menos pôr em dúvida um ensinamento tão sólido e tão importante? Vosso estado moral atesta que a sedução já vos engajou e vossas menores dúvidas sobre este ponto devem fazer-vos tremer. Tendes vós uma ciência mais fabulosa do que a de Lúcifer? E se a ciência dele o perdeu, sereis vós salvos pela vossa?

Vós gabais de vossa honestidade e de vossa beneficência. Lúcifer vos ultrapassou também nisto, ao ponto de se lançar na sua criminosa causa um grande número de adeptos, todos mais inteligentes do que vós e os vossos. No que eles terminaram e no que terminareis vós? Ó cegueira! Ó perversidade da vontade! Ignorai-vos então que a possibilidade de duvidar, de se subtrair à revelação, de preferir sua vontade e suas ideias próprias às de Deus e da autoridade divinamente estabelecida fazem parte da prova e constituem para a vós um dos males mais terríveis? Por favor, sejam prudentes!

Sobretudo, que prejuízo há em se submeter a Deus e a seus primeiros representantes? Pode-se recear um excesso de virtude, quando a salvação eterna depende da virtude, e que cada grau de virtude terá sua recompensa? Não sejais mais culpáveis do que os anjos rebeldes! Eles se tornaram malditos, embora nunca tivessem tido diante dos olhos exemplos de catástrofes tão terríveis. Qual será o vosso destino se, conhecendo o último termo em que o orgulho e a sedução levaram os anjos maus, vós imitardes a conduta deles durante vossa prova?

730. – Dizemos, ao terminar esta consideração, todo nosso pensamento sobre o grau hierárquico ocupado por Lúcifer antes de sua queda.

Apesar da dificuldade levantada no item 727, tomamos o chefe dos anjos rebeldes como sendo um querubim, mas o mais elevado dos querubins.

Objetar que este anjo não podia ser chamado de serafim faltoso de uma ardente caridade, e que as Escrituras apenas o chamam de querubim por causa desse defeito, não nos parece condizente com o ensinamento do texto sagrado. Quase todos os autores admitem com razão que Ezequiel, no Capítulo XXVIII, descreveu o rei de Tiro com os traços de Lúcifer. E era verdade, como dissemos (n. 657). Mas muitas expressões do profeta não podem convir senão ao mais orgulhoso dos anjos rebeldes.

Ora, na descrição de Ezequiel, Lúcifer é chamado de *querubim,* mas quando ainda ele era considerado inocente e representado como tal. **Vós éreis**, sem dúvida antes de vosso pecado, *o selo da semelhança* do Altíssimo. *Vós éreis cheio da sabedoria e perfeito em beleza... Vós éreis um querubim com asas estendidas e protetoras... Vós éreis perfeito em vossas vias no dia de vossa criação, até aquele que a iniquidade foi encontrada em vós... E eu vos expulsei da montanha de Deus, e vos perdi, ó querubim protetor*... O mesmo título foi dado a Lúcifer antes e depois de seu pecado, pois o pecado não destrói a natureza do culpado.

Se cada anjo é especificamente diferente de todos os outros, como vimos (nn. 484 e seg.), por mais forte razão os querubins são especificamente diferentes dos serafins. E, neste caso, não é fácil transferir a denominação de um coro angélico para outro.

Além disto, se o Espírito Santo tinha querido lamentar a queda de um serafim, os termos não lhe teriam faltado. Ele teria podido escolher mil formas variadas, análogas a esta:

Se fosse um inimigo que me ultraja, eu o suportaria;
Não é este que me odeia, que se levanta contra mim
Eu poderia me ocultar na sua presença!
Mas es tu, uma parte de minha alma, meu confidente, meu amigo.
E nós tínhamos em conjunto doces entretenimentos,
E caminhávamos na casa de Deus num perfeito acordo! (Sal. LIV, 13-15).

731. – Uma análise mais atenta dessa passagem de Isaías, referida acima (n. 653), cada vez mais nos confirma em nossa maneira de pensar.

Quanto às palavras: *Lúcifer, vós tão brilhante na manhã, raios da aurora, portador da aurora, estrela da manhã*, elas levantam em nós a ideia de um serafim, ainda que a luz, somente aí indicada e sem nenhum *ardor da claridade*, seja a marca distintiva dos serafins, as palavras que seguem nos indicam claramente um anjo subalterno, que quer *subir*, sem dúvida, além de aonde ele não está, que quer se elevar acima de outros, sem dúvida porque ele ocupa uma posição inferior, que visa assentar-se na *montanha da aliança* porque ele está colocado mais abaixo.

Dizia em seu coração: Subirei ao céu. A que céu mais elevado, uma vez que ele já estava no Céu Empíreo? *Ao céu da Santíssima Trindade*, responde Santo Tomás[1167]. Mas se tal era a suprema aspiração de Lúcifer, haveriam outros que deviam preparar sua apoteose. *Estabelecerei meu trono*, diz ele, *acima dos astros de Deus; assentarei na montanha da Aliança, ao lado do Aquilão; subirei acima das nuvens mais elevadas, mediante o que serei semelhante ao Altíssimo* (Isaías, XIV, 12-15).

Estava abaixo *dos astros de Deus*, não estava sobre *a montanha da aliança*, havia *nuvens mais elevadas* que ele. Ora, não se pode entender essas palavras em um sentido puramente material, porque os anjos, notadamente os mais elevados, presidem por sua natureza e por seus ministérios aos astros, as montanhas e as nuvens do Céu Empíreo. Aquilo que Lúcifer ambicionava era abater seus semelhantes mais elevados em sua dignidade e dominar sobre eles.

Havia então superiores entre os anjos. Estes superiores Lúcifer os olhava com inveja, *na montanha da Aliança*, numa mais alta intimidade com Deus que ele, aquilo que era próprio dos serafins. Ele queria ser *entronizado sobre esses astros de Deus e subir acima destas nuvens, desde que elas fossem mais elevadas*.

Os serafins, Maria Santíssima e Nosso Senhor Jesus Cristo, eis aí, é o que nos parece, os objetos da orgulhosa inveja de Lúcifer. E quando Ezequiel nos diz, por duas vezes, que ele era *um querubim*, confirmando assim as outras razões que expusemos, ele não nos deixa mais dúvidas sobre o papel secundário que Lúcifer ocupava na sociedade angélica.

[1167] 1, p., q. 61, a. 4, ad. 3[m].

732. – Mas, então, como Lúcifer pôde se fazer como *príncipe dos demônios*? Se alguns serafins prevaricaram como ele, como ele pode comandar aqueles que naturalmente lhe são superiores?

Para resolver estas dificuldades, lembramos que o inferno é o *local de miséria e de trevas, onde habita a sombra da morte, onde tudo é desordem e eterno terror* (Jo. X, 22). No inferno a natureza e as aspirações de seus habitantes são continuamente punidas pela justiça de Deus e pela cruel tirania dos companheiros de suplício. Se serafins tomaram parte na rebelião de orgulhosos querubins, ei-los punidos por onde pecaram, *porque se é escravo daquele pelo qual foi vencido* (2a. Ped. II, 19).

Esta desordem geralmente se verifica em todo pecado. Quando a razão humana se revolta contra Deus ou contra a autoridade, a animalidade se revolta contra a razão e termina por escravizá-la, e se perde até mesmo a ascendência que se devia ter aos inferiores. *Todo reino dividido contra si mesmo sem dúvida será destruído*, e o inferno é precisamente o cúmulo de desolação. *Satanás, todo dividido contra si mesmo como ele é*, entretanto quer que seu reino infernal *subsista* (Luc. X, 17, 18), porque o inferno é mantido pelos rigores da justiça divina e a desordem violenta nele se encontra em seu devido lugar.

Em outras palavras, os malditos, que são naturalmente inferiores a Lúcifer, não mais estão submissos às ordens de um semelhante chefe.

A ordem verdadeira consiste em comandar rebeldes e reduzi-los, não em obedecê-los. Ninguém, enquanto culpado, tem o direito de dominar. E é enquanto sendo o maior criminoso dos condenados que Lúcifer exerce seu império no reino da dor.

Então no inferno tudo está de cabeça para baixo. Nele mesmo a matéria não desempenha seu papel natural porque, criada unicamente para servir os seres inteligentes e se colocar na última escala dos seres na qualidade de servidora, no inferno ela é um agente de punição contra a força irresistível de quem não quer nada nem com os demônios e nem com os outros réprobos. Espíritos que parecem não poder ser impressionados, e corpos para dominar todos os outros corpos, no inferno estão enclausurados com intransponíveis barreiras de chamas, porque é justo que aqueles que menosprezaram o império supremo de Deus submetam eternamente ao menor dos seres: *O zelo divino armará suas criaturas para se vingarem de seus inimigos..., e todo o universo combaterá com elas contra os insensatos* (Sab. V, 18,21).

733. – Felizes os anjos fiéis que colocaram o sobrenatural e a vontade de Deus acima de suas preocupações e de sua estima! Eles não se deixaram seduzir por luzes deslumbrantes, mas enganadoras. Compreenderam que as únicas luzes seguras são as que brotam do fogo divino com a ardente e sublime caridade. Se a dúvida pôde atingi-los, eles a dissiparam por amor. Ó Deus, vós haveis dignado revelar vosso plano a vossas criaturas de elite; não é pela discussão que elas devem corresponder a vossas infinitas amabilidades, mas pela grata submissão.

A razão que não vos ama não vos compreende. Ela não procede das regiões superiores onde o amor domina, mas nasce subalterna, e exclamando: *Eu subirei, eu colocarei meu trono cima dos astros*. Com isto ela corta as próprias asas e inicia uma decida precipitada.

Ó Deus, vós sois a verdade infinita e o bem infinito. A verdade e o bem supremos são idênticos em vós e são vossa essência. Aquele que, ao vos procurar, só quer o verdadeiro com exclusão do bem, não vos encontra, porque vós não sois esta verdade isolada. Ao contrário, a ciência que vos ama vos encontra, e vos compreende suficientemente para vos obedecer, para se humilhar diante de vós e para *encontrar a salvação em vós* (Prov. VIII, 35).

Vossos anjos fiéis procuraram o bem supremo tanto quanto a verdade soberana. É porque entreviram a profundidade, as belezas e o preço do mistério que havia quando *vosso Espírito pairava sobre as águas*. Eles se puseram em uníssono com vosso divino Espírito, que é vosso amor hipostático, ó meu Deus. E assim, aderindo-se ao que é a própria bondade e a própria verdade, pela docilidade às inspirações de vosso espírito, mereceram um largo e seguro conhecimento de vosso plano, e tornarem dignos de dele serem os executores.

Vós os haveis glorificado como filhos afeiçoados a seu pai. *Tornaram-se deuses* (Sal. 81, 6) em relação ao universo, também divinamente bom como divinamente iluminado; pois vós não confiastes o destino de vossas criaturas, ó Deus de amor, a seres que, por falta de amor sobrenatural, não poderão orientá-las para o verdadeiro bem.

<> <> <>

LIVRO III

Céu infinito e suas relações – Visão sintética de seus seres criados inteligentes, de suas relações e de seus materiais superiores

Capítulo I: O Céu infinito e suas relações com os seres criados e os seres possíveis

Respice de Sanctuario tuo, et de excelso caelorum habitáculo, et benedic populo tuo Israel, et terrae quam dedisti nobis (Deut. XXVI, 15)

734 – É geralmente verdadeiro que quanto mais se estuda um assunto tanto mais aumentam os conhecimentos a seu respeito.

Mas, quando se trata do Paraíso Celeste – que é o fim último de todas as coisas criadas –, os conhecimentos parecem advir de todas as partes, mesmo daquelas que já tenham adquirido um grau de esplendor.

Nesse caso deve-se então retomar novamente, sem cessar, ao que já se escreveu para se colocar rigorosamente em conjunto todas as autoridades que falam sobre o mesmo assunto doutrinário, para se obter um tratado propriamente dito?

Isto é desejável, sem dúvida.

Mas, como desempenhamos um trabalho de pesquisa e ao mesmo tempo contemplativo disto que desejamos encontrar, nós nos permitimos uma certa liberdade que nos parece favorecer a pesquisa e a meditação.

Entretanto, esperamos não incorrer em repetições enfadonhas, pois aquilo de que já tratamos é sobremaneira interessante.

Ademais, trata-se de assunto de que somente se pode ter um conhecimento seguro pela Revelação e pelos escritos que são como reflexos da Revelação divina. Isto, de um lado, pela importância transcendental do assunto. E, de outro lado, pelo acréscimo de conhecimentos que aquilo que já é conhecido nos dá garantia suficiente para avançarmos com confiança e para que o leitor nos acompanhe.

735 – No fundo, **este terceiro livro deve ser uma síntese de testemunhos que ainda não citamos ou cujos significados não foram completamente explicados nos livros anteriores.**

Esta visão de conjunto nos forçará a colocar mais salientes certas partes, que são as mais importantes e sobre as quais falamos rapidamente.

As partes sobre as quais mais amplamente meditamos serão agora reduzidas às proporções mais fáceis de compreensão.

Com o terceiro volume a nossa intenção é formar um quadro que mais claramente nos mostrará a Jerusalém Celeste e a universalidade das coisas, além do que nos foi possível fazer nas precedentes considerações e meditações.

Inicialmente consideraremos o Céu imenso, eterno, infinito em celestes perfeições, que é Deus.

Em seguida, o Céu cristão, ou melhor, o Céu de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima, que é a mais perfeita imagem do Céu divino, por amor do qual o Ser absoluto quis ser Criador, pois o Céu Empíreo, com seus Anjos e todo o Universo material, que, à exceção das regiões centrais, é também todo cristão e não é outra coisa que um templo divino, em parte, como finito e consagrado pela luz da glória. E em parte se construindo e se consagrando, por assim dizer, a cada dia, segundo o número de novos Eleitos que atingem o seu supremo destino.

E, pelo contrário, como é triste o final daqueles que querem se apartar do catolicismo universal e terminam na prisão central da imensa Cidade de Deus. Todos eles sob as influências celestes e as influências infernais exercidas sobre os seres que se encontram na vida terrena, no estado de prova, de acordo com as obrigações e deveres de criaturas racionais.

E que poderão conquistar o reino dos céus segundo os meios empregados e as atitudes adotadas.

736 – Todas essas pessoas parecem estar compreendidas muito sumariamente no texto posto no início deste livro. É uma prece também simples quanto sublime, que Moisés colocou na boca do povo: "*Olhai-nos, Senhor, de vosso santuário, e do lugar onde habitais no mais alto dos Céus, e bendizei vosso povo de Israel, e a terra que vós lhes destes*".

Lê-se em hebreus: "*Olhai da morada de vossa santidade, do Céu mesmo, e da alta habitação dos Céus, e bendizei vosso povo de Israel*"...

A morada da santidade de Deus é, antes de tudo, Deus mesmo, que é excelentemente seu próprio templo (n. 210). É o **próprio Céu**

por sua imensidade, assim como Ele é o *próprio Ser* por sua unicidade, assim como Ele é o *próprio Ser* por sua asseidade.[1168]

Mas, ademais, criando o Céu e a Terra, Deus formou uma alta habitação nos Céus, um santuário que é o Céu Empírico, com seus habitantes. Deus criou um **santuário**! É, pois, uma habitação santa e sagrada.

Nesse **santuário** o sobrenatural abundou desde o começo. E isto, por Nosso Senhor Jesus Cristo, pela fé em Cristo, pela esperança em Cristo, pela caridade de Cristo, ao que Maria Santíssima esteve associada.

O Céu Empíreo e o Caos foram criados, por assim dizer, nesta atmosfera. E os anjos nele respiram o ar, desde quando foram criados do nada.

Esse é o Primeiro Céu em seguida ao Céu eterno, imenso e divino.

Os espíritos criados que insurgiram contra esta disposição de Deus foram precipitados ao centro do Caos, num subterrâneo obscuro e ardente, transformado em inferno para eles, porque eles haviam atentado contra o mais luminoso, o mais benfazejo, o mais vasto e o mais belo dos Céus finitos.

Foi *olhando* para si mesmo, *morada de sua própria santidade*, o *Céu soberano*, que Deus conheceu e predestinou o Homem-Deus, a Mãe de Deus, e seu Céu, que é o sobrenatural.

Mas, foi, em seu conhecimento eterno, *olhando* para este segundo Céu (o Céu Empíreo), *esta alta habitação dos céus*, que Deus decretou os outros céus, seus habitantes e seus destinos.

É por esta razão que o *bendito por excelência* é o segundo Céu, ele próprio, o Homem que existe e que vive no Verbo, como oceano de luzes e de graças[1169], que, ao projetar seus esplendores em todos sentidos (aquilo que traça os limites do universo), postula eficazmente a existência dos outros céus e dos outros seres. E o mais poderoso, o mais gracioso raio desta *Bênção* se expandirá sobre o povo de Gabriel, o *povo de Israel*, e sobre o corpo místico de Cristo[1170].

[1168] Asseidade, em filosofia escolástica, é a natureza de um ser que existe por si mesmo e não precisa de outro para existir.

[1169] É o Cordeiro que é excelentemente *o livro da vida* (Apoc. XXI, 27). Os outros sentidos desta palavra se explicam perfeitamente por este. Igualmente os eleitos são os BENDITOS do Pai porque eles são membros vivos de Cristo, que é a suprema Benção como a suprema graça.

[1170] *Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda benção espiritual e CELESTE EM CRISTO, como ele nos elegeu NELE ANTES DA FUNDAÇÃO DO MUNDO* (Efs. I, 3 e 4).

Todos os outros seres, sem exceção, tiveram alguma parte em Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo seus graus de nobreza, porque **todos** foram criados em Cristo**:** *In ipso condita sunt universa (nn. 290, 291; 669 e seguintes).*

Também o Céu Empíreo emite suas influências vitais sob o universo móvel, e todas as graças lhes vêm do alto, assim como todas as moções que produzem a ordem e que impulsionam ao bem.

Da última profundidade onde se encontra, o inferno, animado ou inanimado, tem também uma esfera de influência e se estende o mais possível para o alto. Ou seja, em tudo ao redor de si.

O inferno é o mais temível dos perigos que ameaçam os seres viadores**:** *Céus, alegrai-vos, e vós que nele habitais*, porque *Satanás caiu do céu como uma pedra* (Luc. X, 18), e vós se libertais de sua presença; mas infeliz da terra e do mar, porque o diabo, ganhando sua nova e horrível morada, *desceu sobre vós, cheio de cólera* (Apoc. XII, 12), e assim vós tendes o mais perverso dos vizinhos.

Daí a dupla necessidade para o caminhante: a) seguir as influências vindas do alto, viver das celestes *bênçãos; b)* e recusar as influências vindas de baixo, que são mortais para ele.

Todos os meios e todos os recursos saudáveis se encontram reunidos nesses dois pensamentos (viver das *celestes bênçãos* e recusar as influências vindas do inferno).

Primeiro Ponto: O Céu infinito e as principais relações das criaturas com o Céu supremo, segundo a Sagrada Escritura.

737 – *Grande é Jeová, e infinitamente louvável; e sua grandeza não tem limites (Sl. 144, 3).*

A grandeza de Deus exprime a infinitude de suas perfeições. E, por conseguinte, também sua imensidade realmente *não tem limites* e não os pode ter.

É, pois, crível, escreveu Salomão, quando era ainda o mais sábio dos reis, *que Deus habita verdadeiramente sobre a Terra? Pois, se o Céu dos céus não o pode conter, quanto mais esta casa que eu construí*?[1171]

Antes de começar a construção desta maravilha do mundo (o templo), o glorioso filho de Davi falou também**:** *Quem poderá pois,* dizia ele*, julgar-se capaz de lhe edificar uma casa digna dele? Se o céu e os céus dos céus não o podem conter, quem sou eu para empre-*

[1171] L. III, Reg. XVIII, 27, e 1. II Paral. VI, 18.

*ender de Lhe construir uma casa? Mas (faço-a) somente para que se queime incenso na sua presença (*Paralip. I, II, C. II, 6).

Nossos templos (católicos) destinam ao culto divino. E Deus neles manifesta sua presença de uma maneira especial, pelas homenagens que aí recebe, e pelas graças que aí Ele concede.

Mas nenhum fiel imagina que estas casas santas circunscrevem a imensidade do mais alto, e podem o conter, como uma casa ordinária contém seus habitantes. Sob este ponto de vista, Deus não existe senão num "templo", que é sua imensidade. Ou seja, sua essência, na qual a sua grandeza não tem nenhum limite, e que é todo espiritual e infinitamente simples (n. 210).

738. – É porque o *céu* móvel, que nós contemplamos, e o céu dos céus, que forma o empíreo e cuja altura desafia nossa imaginação, são tão pequenos em relação a Deus como nos templos sagrados, porque o Infinito está infinitamente distante do finito, qualquer que seja o grau de ser deste último.

Entretanto *os céus e o céu dos céus* contribuem admiravelmente a nos dar uma justa ideia do Céu imenso e infinito em grandeza. Eles ampliam indefinidamente a esfera de nosso pensamento. E quando nosso pensamento tiver percorrido todo o espaço proporcionado ao alcance de seu voo, ele dirá a si mesmo**:** eis que nada avencei ainda, porque o infinito em grandeza se inicia lá onde minhas forças se tornam insuficientes. Então, tomado de espanto, emudecido, e como fora de si mesmo, ele adorará em silêncio esta *Grandeza que não tem limites.* E tal é, se lhe acrescenta sua simplicidade, o mais perfeito conhecimento que daqui se possa ter da imensidade divina.

739. – *Deus é designado de grande*, diz são Dionísio, *por causa de sua própria grandeza, que se comunica* (participa) *com todas as coisas grandes, que se expande e se estende indefinidamente para fora, com toda grandeza, que engloba todo lugar, que excede todo número, que ultrapassa toda indeterminação.... Esta grandeza é sem prazo, sem quantidade, sem número e, por isto, sua excelência brilha incomparável na expansão absoluta e supremamente vasta de sua amplitude incompreensível*.[1172]

Vê-se claramente, à luz destes textos, que não se pode confundir a imensidade de Deus com sua ubiquidade[1173]. Quando afirmamos que Deus está *em toda parte*, não indicamos que todos os pontos do uni-

[1172] Nomes Divinos, c. IX, & II

[1173] Ubiquidade = faculdade divina de estar concomitantemente presente em toda parte.

verso criado estão simultaneamente em sua presença e que a vista de nosso espírito não vai além. *Em toda parte,* significa simplesmente em *todos os lugares*. Mas não em lugares fora da criação e o por toda parte cessa de existir nos limites extremos do universo.

Fora destes limites, o que há? Há o puro nada?

Certamente. Há o nada de todo ser finito, qualquer que seja. Deus não criou nada fora do universo. Fora do universo não há nenhuma criatura.

Daí é necessário concluir que o universo vaga no nada absoluto?

Não. Pois o nada absoluto jamais existiu. E, no momento que qualquer coisa existe, o nada é absurdo e impossível.[1174]

Oh Ser absoluto, vós sois o fundamento primeiro de tudo quanto existe. E este fundamento, comparado com o tempo, é eterno; comparado com o espaço, é imenso; comparado com os graus do bom participado é infinito; comparando com a origem dos seres, existe por si mesmo; comparado com as outras naturezas, é o Espírito por excelência, infinitamente distante de toda composição; comparado com a energia dos seres finitos, é todo poderoso...

De onde, oh grande Deus!, como vós sois imenso, o Oceano de vosso ser se estende infinitamente, em todos os sentidos, fora do universo que vós haveis criado. Longe de nosso universo ter por meio vital o nada absoluto, o que implicaria numa horrível contradição, é vós, oh meu Deus, que sois o Oceano infinito do ser, do bom, do grande, do belo, que o cerca amorosamente, que o penetra com vossa excelência, que o sustenta com vosso poder, que o protege com vossa presença, que estais por toda parte nele, como também estais em todas as partes puramente possíveis fora dele.

740. – Mas, oh grande Deus! Como é possível que vós estejais **igualmente** nos lugares reais e nos lugares imaginários? Além destes, Vós não fizestes nada fora de vós, pois fora de vós nada há de criado. Ao contrário, nos lugares reais vós empregastes vosso poder. Neles vós fizestes coisas, desdobrastes vossa presença, porque neles vós estais bondosamente atento e sua essência é como primeiro ser e como causa primeira, porque há seres que vós causais e que repousam em vós. Mas, se Vós não fosseis, pois, ativo como em relação aos seres

---

[1174] O nada ABSOLUTO exclui o próprio Deus e limitaria sua imensidade. O nada é, pois, inadmissível. Ademais, o nada não se diz senão com relação às criaturas, porque todas participam dele, mais ou menos, pelo fato de que elas são limitadas. Também definir o nada como sendo a exclusão do PRÓPRIO SER é algo estranho e contraditório. O próprio ser é infinito sobre todos os aspectos. Por conseguinte, mesmo em grandeza. Donde é impossível admitir que haja um nada absoluto fora do mundo. O próprio ser está nele, assim como o universo.

finitos, lá onde vós podereis ter criado esses seres possíveis, como também em toda as partes nos espaços sem fim que são puramente possíveis, vós não teríeis atividade intrínseca em vossa essência! Mas, neste caso, como explicar vossa perfeita imutabilidade e vossa soberana simplicidade?

743. – Oh perfeição essencial e eterna, é precisamente vossa imutabilidade absoluta e vossa absoluta simplicidade que explicam tudo. Porque, sendo simples, vós estais todo inteiro em todos os lugares, *tanto reais* quanto *imaginários*. Vós quereis e vós fazeis nestes últimos (lugares imaginários) tudo o que vós quereis e fazeis no primeiro (lugares reais). Como todo lugar real que vós quereis e que vós fazeis, que estão lá onde estão. Igualmente, em *todos os lugares* imaginários que vós quereis e que vós fazeis, toda parte real está lá onde está e como está.

E, como em toda parte real, que vós quereis e que vós fazeis, *todas as partes* imaginárias estão fora da parte real, e vós quereis e vós fazeis isso também com elas a mesma coisa.

No nosso universo vós quereis que existam coisas somente fora de vós e é também o que vós quereis em todos os lugares possíveis. Portanto, no universo não há nada que se opõem à vossa simplicidade. Toda a diferença está fora de vós, como no caso da criação.

Com efeito, quando vós criastes *o céu e a terra*, vós realizastes um decreto eterno e nenhuma mudança se operou em vós. Da eternidade que precedeu a saída das coisas do nada, vós fizestes que as coisas saíssem do nada no momento adequado possível. É também isto que vós fizestes quando as coisas começaram a existir. Vosso ato criador é eterno. Ele está presente como sempre esteve, mas nele se incluem as circunstâncias como elas sempre estiveram incluídas, porque este ato é necessariamente sábio, como também poderoso e eterno.

Assim, oh *Pai das luzes* e de tudo o que participa do ser, em vós não há *nenhuma mudança*, *nem sombra de vicissitudes* (Tiago, I, 17). Estas variações são próprias de outros que não vós: Do nada relativo, que está restrito pelo ser existente; do tempo, que é a *imagem móvel da imobilidade eterna*; do espaço, que é contingente como tudo aquilo que nele está circunscrito; dos espíritos criados, que movimentam da potência ao ato, porque eles não são como vós, oh grande Deus, ato puro e perfeitíssimo.

742. – Portanto, nada há de inconveniente em admitir que Deus está também real tanto nos espaços imaginários como nos espaços existentes. É verdade que nos espaços imaginários nada corresponde à

sua presença, mas Ele está presente por si mesmo. É o caso de dizer com Esdras: *Vós mesmo, Senhor, somente vós,* como vós éreis antes da criação; e, no centro destes espaços imagináveis*, vós haveis feito o céu, o céu dos céus; e todo o exército dos céus, a terra e tudo que ela contém, os mares e tudo o que eles encerram; e vós vivifiqueis todas estas coisas* sustentando-as no nada relativo por vossa essência, movimentando-as por vosso poder, cuidando delas com vossa presença*; e o exército dos céus vos adora"* (Esdras, l. II, c. IX, 6).

"*Os céus dos céus* é o céu mais elevado, o mais vasto, o mais excelente*;* é o Céu Empíreo*;* e *todo o exército Celeste* significa todos os anjos e todos os astros".[1175]

Todos estes seres *adoram a Deus*, quer dizer, cumprem o dever que decorre da própria existência.

Os anjos bons fazem-no com conhecimento e amor, reconhecendo que, sem Deus, eles seriam imediatamente absorvidos pelo oceano tenebroso do nada relativo.

Os seres privados de inteligência adoram o Criador: 1) por meio dos seres racionais; 2) por sua presença no mundo das realidades; 3) e por sua obediência passiva e absoluta.

745. – Fora do universo Deus está absolutamente só. É por isto que *os céus dos céus não o podem conter*. Não é somente porque é impossível à matéria e aos espíritos finitos servirem de limites ao Ser absoluto e infinitamente simples. E nem é somente porque o próprio ser, sendo por si mesmo, e todo ser participado não sendo ou não podendo ser por si mesmo, o Ser absoluto contém necessariamente tudo o que é ou pode ser outro que não ele. Mas é porque o Ser absoluto transborda de todas as partes, infinitamente, de vez que, como nos disse São Dionísio, Deus *se expande infinitamente para fora em toda grandeza..., porque sua grandeza é sem limitação e por isto sua excelência incomparável brilha com a expansão absoluta e soberanamente vasta de sua amplitude incompreensível.*

O Senhor é grande e infinitamente louvável..., disse o santo Rei Davi, *todos os deuses dos povos não são senão ídolos; mas o Senhor fez os céus. O louvor e a magnificência estão diante dEle; a força e a alegria estão no lugar onde Ele reside... Ofereceis ao Senhor a glória que é devida ao seu nome... Adoreis o Senhor em seu magnífico Santuário. Que toda a terra trema diante de sua face, porque é Ele que*

[1175] Cornélio a Lápide in hunc. loc.

deu ao universo fundamentos sólidos (Martini). *Que o céu se rejubile, que a terra trema de alegria* (Paralip. l. I, c. XVI, 25-31).

744. – *O Senhor é grande*; *Ele é*, como disse Santo Tomás, *de acordo com toda a amplitude do ser*. Ora, é evidente que a extensão do universo e do espaço pertencem ao ser. É necessário, portanto, que o espaço se encontre eminentemente em Deus; e aquilo que se encontra eminentemente em Deus é infinito em Deus: *Tudo que se atribui a Deus é sua essência*[1176]*;* portanto, Deus é também infinito em certa perfeição que compreende eminentemente a extensão e o espaço. E esta perfeição não é precisamente seu poder, porque este não faz nenhuma alusão direta à extensão. E aqui nós não falamos de Deus considerado como causa; mas, esta perfeição. Esta sua grandeza essencial enche absolutamente um universo infinito em extensão, se um tal universo pudesse existir[1177].

Sim, *o Senhor é grande* também neste ponto de vista*; seu desabrochar é absoluto e soberanamente vasto; sua amplitude é incompreensível*.

745. – *O Senhor fez os céus. Louvor e magnificência estão diante dele*. Fez os céus tão grandes, estendeu suas proporções muito além do alcance de nossos olhos mortais, dentre outras razões para que possamos formar uma ideia menos imperfeita possível de sua grandeza. Quis que ao olharmos seu Céu nós nos disséssemos: Como!, a extensão da criação nos desconserta! O que pensar, portanto, da imensidade do Criador? Nós não vemos o fim na obra de Deus. E mesmo que ela tivesse fim, nós deveríamos estar persuadidos de que Deus não tem nenhum fim. O indefinido da criatura impulsiona nossos pensamentos para o infinito.

Também *o louvor e a magnificência estão diante dele*, entre sua grandeza infinita e nós. A imensidade relativa de suas obras, *confessa, louva* (confessio), manifesta claramente sua imensidão absoluta a nossos tão fracos olhos. E a unidade com a continuidade do universo, que fazem um só todo harmonioso, celebram esta unidade e esta simplicidade do Ser divino, em virtude das quais o Deus imenso está, inteiro e simultaneamente, em cada ponto do universo e dos espaços imaginários. Aquilo que é divisível, mas unido, apregoa a unidade indivisível e soberanamente simples do primeiro princípio da coesão dos diversos seres. E com aquela *magnificência* Deus nos dá estas lições!

[1176] Santo Tomás, 1, q. 40, a. 1.
[1177] Ibid. q. 8, a. 4.

Olhai estes céus inconcebivelmente extensos e enriquecidos; contemplai esta ordem que regula tudo, desde os átomos até os mundos; admirai os diversos movimentos de todos estes seres e esta espécie de vitalidade intensa que os anima: tudo isto forma uma única harmonia universal. Todas estas "vozes" compõe um só conserto! Oh Deus! Verdadeiramente *o louvor e a magnificência estão diante de vós*. Cabe a nós ver-vos por detrás, ou melhor, em tudo isto. Tudo isto está diante vós porque vós vos mostrais a nós por elas: *Vossas perfeições invisíveis, perceptíveis após a criação do mundo, nas coisas que foram feitas, as tornaram visíveis tão bem quanto vosso poder eterno e vossa divindade* (Rom. I, 20). É assim, oh meu Deus, que vossa imensidade nos torna *visível pelos céus que vós haveis feito*.

746. – *A força e alegria estão no lugar onde Ele reside*. Deus reside primeiramente nele mesmo. E sua luz infinita é o único lugar proporcionado à sua grandeza e à sua natureza.

Antes de criar o universo, disse Tertuliano, *Deus estava só; ele era a si próprio, seu lugar e todas as coisas*.[1178] Santo Agostinho se exprime da mesma maneira: *Antes de fazer o céu e a terra, onde Deus habitava? ... Habitava nele próprio, sua própria casa; e Deus está em Deus*.[1179] Eis portanto o Céu formalmente imenso; o Céu infinito como céu; o Céu puramente espiritual e entretanto substancial; o Céu eterno e imutável; o Céu em que a unidade não é o resultado de uma sabedoria e de uma fonte extrínsecas, mas que é essencialmente simples. E, como tal, fonte primeira e primeiro modelo de toda unidade; o Céu que é por si e é necessariamente o que ele é, pois nada pode mudar sua própria espécie. E é impossível que qualquer coisa varie o que é por si mesmo sua razão suficiente, e que é, por maior motivo, o fundamento necessário de tudo que é ou pode ser outro e não ele.

Oh Céu dos céus por excelência, eu vos adoro em vossa eterna e imutável imensidade!

A força e a alegria estão em vós, e isto, infinitamente. Eis porque os milhares de corpos celestes, não obstante suas massas e seus pesos assustadores, percorrem levemente os espaços, como se fossem brilhantes espumas de sabão. Vossa força penetra-os e os empurra. Eles não sabem para onde ir, pois vós sois o céu infinito. Para mais alto? Para mais baixo? Para os diversos lados? O infinito não está igualmente por todo lado? Por que criar-lhes receio de ficarem sem base,

---

[1178] C. *Praxed*., c. 5

[1179] *In Salmo* 122, n. 4.

de afundar como uma pedra num oceano que não tivesse fundo? Vós sois o próprio Ser, mais "sólido" do que eles. Mas eles são materiais e quanto menos têm o ser, mas são leves num certo sentido. Para eles é impossível imaginar um alicerce ou um meio mais firme que o próprio Ser. Vós sois a suprema base, oh meu Deus! Base também intrinsecamente necessária quanto eternamente imutável e imensa. Sob esse ponto de vista, é absurdo que qualquer coisa cambaleie.

Os seres contingentes não são assim sob este aspecto. Os seres possíveis, como possíveis, sempre foram necessários, bem como seu próprio fundamento. Se os seres finitos podem tremer e vacilar, isto acontece porque vós o desejas. Foram criados porque vós os haveis querido;[1180] se eles são usados como uma vestimenta, se vós os mudais como um hábito, e se eles deixam de existir, é ainda porque esta é a vossa vontade. Mas, vós permaneces sempre o mesmo;[1181] o supremo fundamento do universo é indefectível; o céu divino sempre existiu, e existirá sempre, sem que ele próprio possa mudá-lo em qualquer aspecto; tanto isso é verdadeiro que a força está no lugar onde vós habitas! E esta força é vós mesmo; e vós sois, vós mesmo, vosso lugar; e alguns comentadores têm razão em dizer que, por vossa imensidade, vós sois o lugar de todos os lugares: *locus locorum*. Não que vós tendes alguma coisa de material ou materialmente acrescentado, mas porque todo lugar, real ou imaginário, está necessariamente em vós.

747. – A *força e a felicidade também estão no lugar onde Deus habita*. O próprio Ser é essencialmente feliz, porque nada lhe falta e porque Ele tem tudo de bom sem limitação e sem divisão. Oh, feliz sorte das criaturas! Elas participam do Bom tanto quanto do Imenso e não menos na *felicidade* como na *força*. Todos os seres finitos foram criados para a felicidade. E assim como o Ser soberano regulou os graus e as doses do ser participado, assim como o Imenso regulou e determinou os lugares e os espaços, assim também o Ser essencial e infinitamente feliz proporcionou a felicidade segundo a capacidade e a natureza de cada ser finito. Eis porque se atribui a alegria inclusive aos seres insensíveis. *As estrelas*, diz Baruk, *espalharam sua luz, cada uma em seu lugar, e elas se rejubilaram: Deus as chamou, e elas disseram: Eis-nos aqui! Resplandeceram com felicidade diante daquele que as fez* (III, 34, 35). Elas se alegraram por seus habitantes.

[1180] Salmo 148, 5.
[1181] Salmo 101, 27, 28.

Sabe-se, ademais, que o conjunto da natureza viandante visa a uma renovação e a uma glorificação finais, que coroará sua beleza, sua harmonia e a levará àquilo que pode ser chamado de sua bem-aventurança (nn. 322 e seg.), porque tudo flutua no Bem, como no Forte e como no Imenso.

748. – *Prestai ao senhor a glória que é devida a seu nome... Adorai o Senhor no seu magnífico Santuário*. Que toda a terra trema diante de sua face. A criatura inteligente e livre somente pelo cumprimento exato de seus deveres é que ela se harmoniza plenamente com o Ser que é por si mesmo, com o Bom por excelência, com a soberana Força e com o Imenso. Se a alegria do mundo físico consiste na obediência e na ordem, e se daí resulta a suntuosidade e a magnificência do espaço que ele nos oferece, o ser racional deve, com mais razão, porém livremente, recorrer aos mesmos procedimentos para realizar sua harmonia moral com o Ser absoluto. Pois, tanto mais um ser tem nobreza, mas ele deve agir perfeita e divinamente. Consequentemente a harmonia de sua conduta deve ser mais sublime do que a dos corpos da natureza.

O primeiro dever do ser inteligente é o da adoração ao Ser dos seres, pelo que o primeiro carácter do finito é a dependência. O ser inteligente dependeu eternamente, como possível. E depende como real. E, o que a asseidade é para Deus, a *dependência*[1182] é para tudo o que não é Deus. As noções de contingência, de finito, de composto, etc., são posteriores à noção de dependência, pois, se um ser não é necessário, é pela razão de que ele é **resultante** de uma vontade livre. Se ele é *finito* é porque uma causa lhe *deu um fim* ou limite.

Se um ser é composto, é porque ele teve um componente. Ora, um ser inteligente deve conhecer esta primeira verdade moral ao mesmo tempo ontológica.

Então, julgar-se por si mesmo, quando se é evidentemente limitado, é o maior dos crimes e ao mesmo tempo a mais flagrante loucura.

Pelo contrário, reconhecer sua dependência, é a verdade, é a humildade, é a virtude primeira do ser finito inteligente.

E quando a este reconhecimento se acrescenta um sentimento de amor e de gratidão ao Criador de seu ser, nisto está a adoração mais fundamental e o mais doce dos deveres.

[1182] Asseidade: qualidade fundamental de Deus que O distingue de todos os demais seres do universo, pela qual Ele possui em si mesmo a causa ou o princípio de sua própria existência, sendo, portanto, incriado, ademais de absolutamente autônomo, livre e incondicionado.

749. – *Adorai o senhor no seu magnífico santuário*. Oh homens, acorrei todos aos santuários erigidos em honra do Altíssimo, ao Deus boníssimo e grandioso: *Deo optimo, maximo*. Adorando-o vós vos engrandeceis vós mesmos, compreendes a filosofia de vosso ser, vosso pensamento voa no infinito da essência e da imensidade divinas, vós tornareis maior que todos os seres materiais, vós formais em vós, pela fé, pela esperança e sobretudo pela caridade, esta filiação divina que fará de vós os reis do universo, e imagens vivas da própria imensidade, do próprio Ser, da própria bem-aventurança.

Oh! como o ato de adoração tem encantos! Fazendo-o, parece que se humilha, mas é basicamente apenas um ato de justiça e lealdade. E ao fazê-lo, se sente ampliado, fortalecido, elevado e cheio de imortais esperanças.

750. – Nossos *magníficos santuários*, nossos templos, nossas igrejas, são outras tantas imagens do universo e sobretudo do Céu Empíreo, onde Deus se mostra presente especialmente por suas obras concluídas ou por sua glória.

Ao nos reunir e adorar a Deus nos lugares santos, fazemos com inteligência e amor o que fazem necessariamente todos os seres do universo físico. Nós nos pomos em uníssono com os habitantes da Jerusalém Celeste, o mais magnífico e mais vasto dos santuários criados. E nos preparamos para entrar no santuário eternamente grandioso da imensidade divina, o único templo que é, em tudo, digno de Deus, o próprio Céu do altíssimo.

751. – *Que toda a terra trema diante de sua face*. Não se trata aqui de um abalo da massa terrestre porque Deus deu ao universo e à nossa terra fundamentos sólidos, mas todos os homens que habitam a terra devem obedecer a estas ordens do Senhor: *Reúna-me todo povo diante de mim a fim de que ouçam as minhas palavras, aprendam a temer-me durante todo tempo que viver na terra e as ensinam a seus filhos* (Deut. IV, 10). *O temor de Deus é o começo da sabedoria* (Prov. I, 7). É esta virtude que faz o homem conhecer e gostar dos bens superiores, sobretudo o bem infinito, bem como a mostrar temor de Deus.

Também o Senhor, que muito nos ama, escreveu: *Quem me dera que os homens tivessem tal disposição de coração, que me temam e guardem meus preceitos em todo o tempo, a fim de que eles e seus filhos para sempre sejam felizes*! (Deut. V, 29). Este temor de Deus, que torna um homem dócil às vontades do Criador, é como um efeito natural da adoração.

Deus é tão grande! Ele nos deu o ser, um fim sublime e regras de conduta: oh, é evidente que nossa vida encarna, por assim dizer, seus desejos e suas ordens. Nossa fé exige que creiamos[1183].

Deus quer nos dirigir por sua Igreja, que obedeçamos à Igreja como a Ele próprio: *Qui vos audit, me audit; et qui vos sperit, me spernit* (Lc. X, 16).

Deus exige que recorramos a seus sacramentos, sob pena de nos privar da vida Sobrenatural: *Se não comerdes a carne do filho do homem, e não beberdes seu sangue, vós não tereis a vida em vós* (Jo. VI, 54); *com alegria, vamos tirar água das fontes do Salvador* (Is. XII, 3); *Ele sempre nos ordena rezar e nunca deixar de rezar* (Lc. XVIII, 1).

Então, portanto, sejamos sempre animados de um espírito de oração.

752. – Praticando o temor de Deus nós atenderemos também o terceiro convite do profeta Rei: *Ofereceréi ao senhor a glória que é devida ao seu nome. A glória que é devida ao nome de Deus*, ao Todo Poderoso, ao eterno, ao imenso, a própria bondade, a bondade infinita, da qual resulta a harmonia do universo, que é como o resplendor esplêndido de todas as perfeições divinas, e, ao mesmo tempo, o bem de todos os seres criados.

Somente o ser livre, no estado de prova, pode se subtrair desta sublime harmonia, limitá-la ou restringi-la.

Mas, em compensação, *se ele glorifica o nome de Deus*, toda a harmonia do universo se engrandece, melhora, glorificada.

Vedes as regiões supremas do universo, o Céu Empíreo. Como ele é iluminado pela Luz da Glória! Como ele, por sua grandeza, assemelha-se a imensidade divina! Como tudo nele é belo, encantador!

Pois bem, foi a harmonia moral dos anjos fiéis que produziu esses efeitos. Deus glorificou esses espíritos dóceis e obedientes. E os reflexos desta glorificação glorificou sua habitação.

E, para garantir mais tarde esta habitação, Deus organizou o caos. Fez novas novos céus e novos seres vivos livres, a fim de que a harmonia moral dos anjos fieis, sendo também recompensada, reflita no universo móvel e o glorifique como Céu Empíreo.

A criatura racional é cosmopolita. Seus pensamentos e seus desejos são maiores que o universo material. A criatura racional participa mais largamente da imensidade de Deus. E, por sua espiritualidade,

---

[1183] *Aquele que crê e é batizado será salvo; mas quem não crê será condenado* (Mc., XVI, 16).

mas excelentemente. E esta criatura de elite faz participar de sua sorte todos os mundos e todos os espaços.

Se for rebelde a seu Deus e inimiga dela própria, esta criatura de elite fixa na desordem uma parte do Caos e condena esta porção da matéria a não formar céus. Assim ela constrói, no centro da criação, a abrasante cidade do isolamento, das trevas e da dor.

Se for fiel à adoração de seu Deus, no seu temor, em glorificá-lo, zelosa assim de seu próprio bem, a criatura racional se expande, por assim dizer, até os céus, santifica os mundos e os espaços, conquista-os como reinos, propaga no segundo universo a glória que embeleza o primeiro. Formando, ela mesma, a Jerusalém Celeste inteligente e espiritual, forma para ela a Jerusalém Celeste material de todos os mundos e de todos os espassos que se escalonam ao longe, em todos os sentidos, fora das regiões centrais.

Oh! Como é grande o ser que adora a Deus, porque ele pensa e porque ama o infinito! Oh! Cmo é grande o ser que teme a Deus, porque ele recebe docilmente todas as moções do Altíssimo, moções que termina por diviniza-lo: *Vos dii estis*, e torna-o capaz de governar todo universo ininteligente!

Oh! Como é grande o ser que glorifica a Deus, porque, conhecendo e atingindo o fim último de todas as coisas, ele próprio será glorificado e inundará de sua glória os incomensuráveis sistemas do universo: *tam immensa creatura*! (Ecl. XVI, 17)

753. – *Foi o Senhor que deu ao universo fundamentos sólidos. Que os céus se alegrem, que a terra trema de alegria.*

Como já dissemos, o fundamento dos fundamentos é Deus, o Ser necessário, o Infinito em perfeição, o Infinito em grandeza e em força, o Infinito em bondade. *Ele se doou como fundamento sólido* do infinito ao criá-lo e em conservá-lo.

Mas, além disto, Deus quis que o universo tivesse **fundamentos** secundários, também sólidos.

O Céu Empíreo e os anjos fiéis foram glorificados para sempre. E eles servem de base aos céus móveis e à nossa terra. São eles que, como ministros de Deus, atendem os mundos viajantes e móveis; os pequenos pelos grandes; as massas pesadas pelas formas imateriais, e as formas por elas próprias (nn. 349 e seg.).

E este gigantesco "navio", com paredes definitivas e indestrutíveis, cheio por dentro de seres que se movem, flutua no oceano luminoso da imensidão divina.

Helás! como nossas comparações são miseráveis diante de tal realidade. O navio construído pela mão divina, como posso melhor descrevê-lo?

Deus estendeu os céus como algo muito fino e muito leve, como um nada: *extendit velut nihilum caelos*, e os *estendeu como uma tenda que serve de habitação* (Is. X!, 22). São como uma brilhante nuvem suspensa na atmosfera divina, formada para *servir de habitação* a uma infinidade de seres mais perfeitos e a outros que procuram sua perfeição. É por isto *que os céus se rejubilam, que a terra treme de alegria*. Que os céus gloriosos se rejubilem porque foram estendidos e completados.

Que a terra trema de alegria, como também os céus móveis, porque eles devem se unir aos céus glorificados.

Que os habitantes de uns e de outros experimentem ainda mais vivos transportes de alegre, porque é para eles que tantas maravilhas existem ou estão sendo preparadas, e que todos os esplendores do universo físico, tendo chegado ao seu fim, serão apenas como as migalhas que caem da mesa dos imortais.

Ah! Não é em vão que Deus, o grande Deus do Céus, da Terra e da imensidade, contraiu uma dupla aliança com os homens: uma aliança estreita, nos antigos tempos; e uma aliança inefavelmente cordial e íntima, nos tempos novos!

Vejam, ó homens, *que o Céu e o Céu dos céus, a terra e tudo o que ela contém, pertencem ao Senhor nosso Deus; e, entretanto, o Senhor fez uma estreita aliança com vossos pais*; *Ele os amou* (Deut. X, 14, 15). E a Cristo Nosso Senhor, a quem *todas as coisas* foram dadas por seu pai: *Omnia mihi tradita sunt a Patre meo* (Mat. XI, 27), *mora em nós de maneira que nós moramos nele* (Jo. VI, 57); e as *três pessoas divinas vivem em nós, e fazem sua morada em nós* (Jo. XIV, 23).

Porque esta amorosa condescendência do Altíssimo a nosso respeito? Porque o criador **se aliou** tão fortemente com sua criatura amante, para a elevar até à participação gloriosa de sua infinitude, de sua eternidade, de sua imensidade: *Rege eos et extolle illos usque in aeternun?*

Por esta indivisível bondade de nosso criador, *nós somos agora filhos de Deus; mas ainda não se vê o que seremos. Sabemos que logo que ele aparecer nós seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é* (Jo. III, 2).

Nós seremos *semelhantes a vós*, ó grande Deus! Por conseguinte, todos vossos traços se reproduzirão em nós, como vossas imagens fiéis e vivas.

Vós sois santo, e nós formaremos a mais perfeita harmonia com vossa vontade; vós sois Todo Poderoso, e nada, no universo material, não resiste a vosso poder; vós sois imenso, e, por vossa agilidade, nós estaremos presentes, num piscar de olhos, nos lugares mais distantes; vós penetrareis intimamente todos os seres criados, e vós os *expandireis* infinitamente fora deles. Nós, vossos felizes e dignos filhos, os glorificaremos como reflexos de nossa glória, e nossa glória os envolverá como uma atmosfera de vida e de felicidade.

Nós seremos semelhantes a vós, ó grande Deus, porque, dóceis como então seremos, não podemos receber a impressão de vossa presença sem nos assemelhar a vós: *porque nós vos veremos tal como vós sois*.

Logo que vós nos aparecerdes, o amor intenso que teremos por vós conduzirá nossos olhares à vossa imensidão. Nós a veremos *toda inteira*, embora *não inteiramente* (de acordo com Santo Tomás). O vosso poder nos penetrará com uma força prodigiosa. Seremos luminosos com vossa luz, como um ferro incandescente brilha dentro do fogo. Seremos de tal modo engrandecidos pela contemplação afetuosa e filial de vossa grandeza, que o universo, infinito como é às nossas faculdades, então será um *reino* proporcionado às nossas aptidões, *uma cidade* associada a nosso domínio e a nossos gostos. Ele nos será *um templo*, *uma casa*, *uma sala de festas, como tabernáculos*, não porque suas proporções serão reduzidas, mas por sua glorificação, pois a glorificação nada diminui e tudo aperfeiçoa. E porque os filhos de Deus, *os deuses*, participam tanto da imensidão e dos outros atributos de *seu Pai que está nos céus*, que a criação material parecerá perder em extensão o que ganhará em grandeza. Além disso, o Paraíso acidental é, muitas vezes, considerado com relação ao Paraíso essencial, que é Deus. Ele é, portanto, relativamente pequeno.

Segundo Ponto: Continuação da mesma matéria, consoante a Sagrada Escritura

---

754. – Certos teólogos que professam especialmente o tomismo, não compartilham todas nossas maneiras de ver a imensidade divina. Eles creem melhor combater nossa doutrina como não dando uma

ideia assaz exata e suficientemente perfeita deste atributo do Ser absoluto.

Quanto a nós, livre de toda preocupação sistemática, achamos que as divinas Escrituras, os santos Padres, notadamente Santo Agostinho e o próprio Santo Tomás, se se toma seus ensinamentos em toda sua integridade, favorecem unicamente a nossa tese.

Em nossa opinião esses tomistas confundem a imensidade de Deus com a ubiquidade, e depois a própria ubiquidade com a demonstração deste atributo divino, tal como ela é dada por Santo Tomás.

Ademais, eles não tomam em seu sentido mais literal as diversas passagens da Escritura que nos falam da imensidade de Deus. O que é também um grave inconveniente.

Devendo considerar nestas últimas meditações deste Capítulo a doutrina de Santo Agostinho e a de Santo Tomás sobre esta questão, inicialmente consagramos algumas meditações a diversas autoridades escriturais, que corroboram o sentido daquelas que temos citado precedentemente. Elas ainda nos apresentam o Altíssimo como mais elevado do que os Céus, e, por conseguinte, como se estendendo infinitamente, sem ter as imperfeições da extensão material; como preenchendo o universo com sua essência, sua substância e não somente com seu poder; como sustentando, entretanto, com seu poder e movendo os seres finitos.

A isto acrescentaremos duas meditações sobre a Santíssima Trindade, o que ajuda a dar um acabamento todo particular ao Céu divino.

Nesta meditação vamos nos limitar ao seguinte pensamento: **Deus é mais alto que os céus.**

755. – Senhor, nosso soberano,

Como teu nome é admirável em toda a terra!
Pois tua glória está exaltada acima dos céus! (Sal. VIII, 1).

Senhor (Jeová), é o nome inefável que designa Deus como Ser absoluto.

Nosso Senhor exprime o criador, o mestre, o sustentador, o motor dos seres finitos, particularmente dos seres inteligentes.

O *nome de Deus* indica a virtude, o poder, as influências do Altíssimo sobre sua criatura. É por isto que se batiza *em nome* do Pai, do filho e do Espírito Santo. Quer dizer, em virtude, em poder de Deus uno e trino.

Mas, por que *o nome de Deus é* particularmente *admirável em toda a terra*? É porque *sua glória*, como disse São Jerônimo, ou Sua Majestade, como traduziu Martini, *é mais elevada que os céus*, e por-

que, no entanto, Ele também desdobra sua generosidade e sua magnificência na terra:

> *Quando contemplo os teus céus, obra de tuas mãos,*
> *a lua e as estrelas, que tu estabeleceste (exclamo):*
> *O que é o homem, para que tu cuides dele?*
> *Ou, o que é o filho do homem, para cuidares dele?* (Sal. VII, 3 e 4)

756. – *A glória e a majestade do Senhor, do Criador, ultrapassam os céus* móveis; elas brilham no Céu Empíreo e nos céus espirituais criados ou angélicos; *ultrapassam* ainda os *céus* finitos, pois sempre se deve dizer que *elas ultrapassam* os céus, inclusive que elas se identificam com *o Céu* infinito. Por conseguinte, no oceano sem limites da majestade e da glória divinas, em que navegam alegremente o Céu Empíreo e seus bem-aventurados habitantes. É o Infinito que contemplam e que os Imortais possuem. Este Infinito é infinito em perfeição, no qual não pode faltar esta majestade, esta grandeza que envolvem um universo infinito em extensão se ele existisse. Caso contrário, poder-se-ia imaginar um Deus maior que o Senhor (Jeová), o que é um absurdo.

Oh Deus! Eu não tenho nenhuma dúvida sobre isto. Minha fraca razão vos proclama imenso. Mas o universo é mensurável. A sociedade angélica o percorre por inteiro e constata os limites. Serieis Vós, pois, imenso, segundo toda a noção de imensidão, se a tua essência estivesse apenas onde há seres finitos?

É verdade que Vós sois imenso por natureza, e que, como ser infinitamente simples, nenhum ser composto poderá vos medir. Mas, a imensidade comporta também a ideia de grandeza e de grandeza absolutamente ilimitada, que exclui todo nada absoluto, mesmo parcial. Agora, se sua substância estivesse realmente apenas onde está o universo, seria preciso dizer que fora de lá reside o nada absoluto, a ausência total de qualquer ser, mesmo do Ser divino!

Que ideia monstruosa! Neste caso, ó meu Deus!, eu poderia me perguntar se vós estáveis lá antes da criação do mundo! Porque se vós existíeis apenas aonde há algo finito, vós não existíeis, portanto, antes da criação, pois seu poder ainda não havia feito! Jamais se poderia admitir um tal raciocínio! Vós sois essencialmente imenso. Se há lugares e espaços, ou se não os há, sua imensidão é sempre a mesma. Portanto, não é um atributo que viria da impotência das criaturas para vos medir. O espaço possível onde vós haveis posto o universo ao criá-lo, realmente não existia antes da criação e, no entanto, vossa es-

sência nele estava como servindo de fundamento à possibilidade do espaço.

Evidentemente, vós não estáveis presente no espaço, porque o espaço não existia, mas vós estáveis presente lá por si mesmo, pois era necessário que vós estivésseis presente no espaço durante a criação dele. Caso contrário, seria preciso dizer que vosso poder fez vossa presença no lugar ao mesmo tempo que o próprio lugar, ao passo que, para falar exatamente, é preciso dizer que ao criar o lugar vós o haveis posto em vossa presença, que vosso poder fez que o lugar fosse em vós, não precisamente vós no lugar, que vossa presença não fez nada por causa de vossa presença (pois vossa presença é necessária, eterna, imensa, indistinta de vós, independente de todo finito), mas somente com relação aos possíveis que ela realiza e aos seres limitados que ela põe em vossa presença, ao criá-los.

Não podeis vós, oh, meu Deus, criar mil outros mundos além destes que existem? Quem poderia contestar? E, neste caso, vós dilatarieis vossa presença! Vós dilataríeis, vós mesmo, de maneira a encher todos esses mundos! Serieis vós ainda o ato puríssimo e infinito sobre todos os aspectos? Se vossa presença dependesse de vosso poder, vós poderíeis então não estar presente em vós mesmo! E vosso poder multiplicaria a vossa presença ao multiplicar os seres finitos!

Oh, como estas concepções me parecem falsas! Todos os autores admitem que vós estais em todo lugar *repetidamente*, quer dizer, todo inteiro em todos os lugares, e todo inteiro em cada parte de cada lugar. Ora, posso supor o caso que vós aniquilásseis todo o finito. Isto é possível a vosso poder absoluto. Neste caso, todo o finito, tendo entrado no seu nada, será que vossa presença estaria modificada de alguma forma? Nulamente, porque vós sois absolutamente independente do finito. Então vós sois o mesmo quanto aos espaços imaginários, já que o finito existe.

O fato de vossa transcendência absoluta sobre os espaços e sobre os lugares nos obriga a considerá-los como chamados do nada e postos em vossa presença, ou como desaparecendo de vossa presença para retornar ao nada, sem que nada afete a imutabilidade e a universalidade de sua presença.

A criação é um ato de vosso poder que tem por fim chamar seres finitos a participar, como realidades, de vossa presença. Então isto é um fundamento necessário, imenso e eternamente pré-existente, dos lugares e dos espaços. E, se vosso poder fez os céus tão vastos e tão extensos, não foi para que eles nos pregassem vossa fundamental

imensidade? Todas as vossas obras são imitações, não somente de vosso poder ativo, mas ainda de vosso ser soberano. Vós sois, e elas existem. E, se existem com extensão, elas devem imitar a imensidão do vosso ser e vosso poder teve que formá-las conforme o modelo de vossa essência. Isto porque se vossa essência não fosse imensa em difusão, vosso poder, ao realizar a extensão dos Céus, faria alguma coisa que vosso ser não seria necessariamente e nem eminentemente.

Tudo o que os seres finitos têm como ser ou como acidente, vós tendes substancialmente e infinitamente. Ora, vossos céus têm a extensão atual, ao menos como acidentes: vós os tendes, então, como substância e eminentemente. Eles estão nos seus lugares como uma multiplicação e uma associação de pontos justapostos, que formam sua continuidade e seu espaço real. Os céus estão em seus lugares perfeitamente simples, não circunscritos, indissociáveis de si, como tudo aquilo que é finito, invariável sob a variedade daquilo que não era e que agora existe, o que pode ser expandido ou restringido, acrescentado ou dividido. A extensão material não é alguma coisa ativa, mas algo de passivo sob a ação de vosso poder, que tende a unir o que pode se desassociar. Eles não foram feitos à imagem de vosso poder, que é ativo, mas à imagem de vossa imensidade, que é uma necessidade de vossa natureza. E não, se se pode falar assim, um resultado de vossa atividade. *Vós estais em todo lugar segundo vós mesmo* e não, conforme nossa maneira de pensar, somente segundo algum de vossos atributos. Por exemplo, vosso poder. *Vós estais em todo lugar por vós mesmo* e não *por acidente*, de maneira *que se pode apresentar casos diferentes*, relativos à vossa presença, e *sempre resultará que vós estais em todos os lugares*[1184].

Vosso poder ainda não havia nada criado de importante? Vosso ser não depende de vossas obras e vós estais presente inteiramente em vós mesmo, e por vós mesmo, em todos os espaços possíveis. Vós criais um universo e ele está posto na vossa presença. Mas, vossa presença o transpassa infinitamente. Se vós tivésseis criado mil universos, eles estariam todos na vossa presença, mas não seriam senão acidentes em relação à vossa presença, acidentes que não seriam nada em vosso ser, e que, em consequência, não mudariam de nenhuma maneira a vossa imensidade. Também deixar cair todas vossas criaturas no nada relativo em nada afetaria a vossa presença infinita: *Per se convenit*

[1184] Santo Tomás, 1, q. 8, a. 4.

esse ubique alicui, quando tale est, quod, qualibet positione facta, sequitur illud esse ubique. Et hoc proprie convenit Deo[1185].

Eis, oh grande Deus, como eu concebo vossa imensidade. São vossas Sagradas Escrituras que me dão esta ideia e, ao lê-las, devo me preservar de muitas subtilezas, porque há muitos mistérios que *vós escondeis aos sábios e aos prudentes e revelais aos pequenos* (Mat. XI, 25). Dai-me a graça de sempre ser do número desses pequenos, quando procuro e quando medito em vossas deliciosas verdades.

757. – Agora é fácil compreender o sentido destas palavras divinas: *Os céus dos céus não podem conter Deus; Deus está mais elevado que os céus, a glória de Deus se eleva acima dos céus.* Mas nós encontramos ensinamentos ainda mais explícito nos escritos inspirados. *Ó Israel*, escreve o Profeta Baruc, *como é grande a mansão de Deus! E quanto é extenso o lugar de seu domínio! Ele é vasto e não tem nenhum limite; é elevado e imenso* (Baruc, III, 24, 25). Nesta passagem se trata, em primeiro lugar, da extensão incomensuráveis do universo. Mas, como admite Cornélio a Lápide, e como as expressões do profeta indicam, a imensidade de Deus é aí também designada e representada como ultrapassando os limites da criação. *Como é grande a mansão de Deus*!, sobretudo a imensidade que tem o próprio templo de Deus (nn. 208 e seg.).

Em seguida, *como é extenso o universo*, que é *o lugar onde Deus domina*! Este é *vasto*; *aquele não tem limites*; um é *elevado* e o outro *não tem fim*. Lá *havia gigante célebres*, *desde o início, de uma estatura colossal, mestres na guerra*. *O Senhor não escolheu esses, e neles não se encontrou a via da sabedoria; por isso eles morreram... Quem subiu ao céu para ir aprender a sabedoria*? (Baruc, ibid., 26-29).

Nas alturas dos Céus e no Céu Empíreo, estiveram Lúcifer e os outros anjos rebeldes, primeiras espécies desses gigantes que o povo de Deus exterminou. Os gigantes do céu e os da terra foram banidos da terra prometida, tanto da celeste como da terrestre. Mas é particularmente a celeste, que é *vasta e elevada*. No entanto, como ela está próximo do Senhor, cuja essência *não tem limites*, e *é imensa*? O espaço criado é comparado à imensidade divina porque a criatura advoga o Criador. E a extensão proclama o Imenso.

758. – *Pretendei-vos*, disse também Jó, *conhecer perfeitamente o Altíssimo*? *Ele está mais elevado do que o céu. E o que farei vós? É mais profundo do que o inferno. E como o podeis-vos conhecer? Sua*

[1185] Santo Tomás, ibid.

medida ultrapassa a terra e se estende além do mar (XI, 7, 8). Sua medida é do ser sem medida. Ele está, portanto, mais elevado que o céu, pois o céu é mensurável. Mais profundo que o inferno, pois é Deus que o sustenta. *Deus é infinito em duração*, o que constitui sua eternidade. *Igualmente Ele é infinito em grandeza. Mas, por causa de sua infinita duração, diz-se que Deus é sempre, quer dizer, em todo tempo; então, por causa de sua infinita grandeza, Deus está em toda parte, ou seja, em todo lugar*[1186].

Ora, concluímos nós, Deus é eterno enquanto ultrapassa infinitamente os tempos por sua duração. Então Ele é imenso porquanto ultrapassa infinitamente os lugares por sua presença. *Disto se diz que Deus sempre existiu, e que fora da sua permanência não é possível imaginar algum tempo. Semelhantemente também se diz, estritamente falando, que isto é para todo lugar, sem o qual não se pode imaginar nenhum outro lugar. Ora, isto só pode ser com o infinito. De onde se segue que, sendo somente Deus infinito, rigorosamente pertence a Deus estar por toda parte*[1187]. Pode-se ver aqui, claramente, como a imensidade de Deus, segundo Santo Tomás, é a infinitude de seu ser considerado *na extensão absoluta e soberanamente vasta*, quer dizer, infinita, *amplitude incompreensível*. Este último Padre, versado nas coisas divinas, afirma o mesmo pensamento numa outra passagem: *A própria afirmação de sua presença em todos os seres*, diz ele, *fica aquém de sua limitação, que os compreende e os excede a todos*[1188].

759. – Eis o que nos faz compreender a sublime variedade da linguagem tão simples da Sagrada Escritura. Nela lemos que *o Céu é* ***o trono*** *de Deus* (Mt. V, 34), que o *Senhor diz*: *O céu é* ***meu trono*** (Is., c. 66, v. 1), *que aquele que jura pelo céu jura* ***pelo trono de Deus e por aquele que nele está assentado*** (Mt. XXIII, 22), *que o céu é o trono da grandeza de Deus* (Sab. IX, 10).

Ora, não é evidente que um rei sentado em seu trono está acima de seu assento? Mas, sem variar a ideia principal que nos dão estes textos, devemos notar a infinita diferença que existe entre *o rei imortal e invisível dos séculos* (1a. Tim., VI, 15), e os pobres reis da terra. Tanto os céus e o universo excedem em grandeza os tronos de nossos reis como também sua esfera de influência, tanto, pelo menos, *o Deus dos deuses, o senhor dos senhores* (Sal. 23,8), *o rei eterno* (Jer. X,10), se eleva acima dos monarcas humanos. E ainda é muito pouco. Nossos

[1186] Santo Tomás, l. 1 *Dist*. 37, q. 2, a. 1.
[1187] Ibid., a. 2.
[1188] *Des noms divins*, c. III, & 1.

reis estão presentes apenas por sua autoridade e por seus representantes na quase totalidade de seu reino. Sua pessoa ocupa apenas um lugar. Mas Deus está presente, com todo seu ser, em todos os pontos do espaço, como nossa alma está, toda inteira, presente em cada parte de nosso corpo.

Os reis mortais de mil maneiras dependem daqueles que lhes estão submissos. Sem alimentação, eles morrem; sem súditos, não são reis; sua vontade não pode comandar sem que sua alma esteja ligada a seu corpo. Somente Deus é um rei absoluto e absolutamente independente de toda matéria, de todo súdito, de todo espaço. Os reis terrenos dividem a superfície do pequeno globo terrestre, tanto eles são pobres e pequenos em sua grandeza. Mas *o lugar do domínio divino* é o universo e a majestade divina se irradia infinitamente fora dele e em todos os sentidos.

Esta é a razão da esfera infinita, toda gloriosa, toda espiritual, do Ser absoluto, envolver seu reino criado na sua imensidade e no seu amor. Como o *espírito de Deus pairava* outrora *sobre o caos para o aquecer e torná-lo fecundo*, assim o Altíssimo, semelhante ao pássaro que cobre seus ovos e aquece seus tenros filhotes, governa e assenta no universo, o objeto de suas afeições.

A criação tem, portanto, por elemento e por meio, se se pode falar assim, a imensidade de Deus, o próprio Ser, a própria Bondade, a própria Verdade, a própria Beleza, a própria Felicidade, o Infinito sob todos os aspectos.

Oh criaturas inteligentes, como vosso destino é sublime! É no oceano ilimitado de todos os bens que vós encontrareis vossa felicidade suprema. É o Céu infinito, o Céu divino, que é o verdadeiro céu de vossa inteligência e de vosso coração. *Sou Eu mesmo*, disse o Senhor a Abraão, *que sou a vossa infinita recompensa* (Gen., XV, 1).

O universo glorificado será como um campo onde se desabrocharão nossas faculdades secundárias, aquelas com as quais somos incapazes de ver e de possuir Deus diretamente. Os bens finitos, mesmo resplandecentes, como serão, de um brilho sobrenatural, e inteiramente dispostos para a nossa felicidade, desempenham apenas um papel de risonhos acessórios. Nossos próprios corpos, nossa memória, nossa imaginação, serão mais beatificados pelas influências que decorrem das faculdades cognitivas e amorosas do que pela inenarrável beleza de todo universo transformado em Paraíso.

Ó Deus do amor! Concedei-nos a graça de atravessar vitoriosamente nossa prova tão curta. Prendei, se for de vosso agrado, nossas

inteligências a vossas divinas verdades, para que um dia elas vos contemplem nos vossos imensos esplendores. Fique-se mais solidamente nossos corações a todas vossas santas vontades, a fim de que, reinando aqui na terra sobre nós, malgrado todos os obstáculos, no Céu vós fazeis de nós a melhor parte de vosso reino: *Fecit nos regnum et sacerdotes Deo, et Patri suo* (Apoc., I, 6).

Ó maravilha! Nós somos a herança de Deus e Deus é nossa herança! *A parte do Senhor é seu povo; Ele estabeleceu Jacó seu herdeiro* (Deut., XXXII,9); e cada um de nós, permanecendo fiel a Deus, podemos dizer:

O Senhor é a porção da minha herança e do meu cálice...
Uma parte me coube nos lugares excelentes,
Também a herança é para mim magnífica (Sal. XV, 5, 6).

Terceiro Ponto: Deus está presente no universo - Sua contínua ação sobre as criaturas

I – Consideração sumária sobre a ubiquidade[1189] de Deus

760. – Como os céus superiores e glorificados não estão, pois, isolados dos céus inferiores e de nossa terra, eles penetram suas influências em tudo que envolvem, igualmente, e de modo mais excelente, o Céu infinito, cuja imensa *amplitude* nada circunscreve, preenche toda a criação, sustenta-a e move-a: *Deus... Não está longe de nós; porque é nele que vivemos, que nos movemos e que somos* (At., XVII, 27, 28). E todas as criaturas participam de nossa condição sob esse aspecto, segundo estas palavras de Jeremias: *Porventura não sou eu que enche o céu e a terra? disse o Senhor* (XXIII, 24). – *Deus não está longe de nós*: Ele não nos atende apenas por sua operação, por seu poder, mas Ele próprio, Deus, seu ser, nos está presente. E é *em Deus, in ipso,* não apenas por suas influências, *que vivemos, que nos movemos, que somos*.

É verdade que para **demonstrar** a onipresença de Deus, devemos recorrer às suas operações, porque Deus é espírito e não pode ser visto pelos nossos olhos mortais. Mas os efeitos visíveis que Ele produz provam também sua presença como também seu poder. Pois, o que é o poder de Deus senão sua própria essência operando fora? Quando passamos da obra à sua causa, encontramos imediatamente a Essência divina, que é esta própria causa. Consideradas em Deus, as operações divinas não são outra coisa senão o próprio Deus. Se considerarmos

[1189] Ubiquidade: Faculdade divina de estar concomitantemente presente em toda parte.

seus efeitos fora, elas são como puras criaturas. O que, então, *em realidade*, haveria como intermediário?

761. – Objetar-nos-ia que é necessário admitir as distinções *de razão,* quando se fala da essência e dos atributos de Deus. – Com efeito, é o que admitimos e o que ensinamos, pois dizemos que o *poder* divino é a essência divina *considerada* como *operando fora*. Então, se se tratar de **provar** a ubiquidade de Deus, estamos de acordo com nossos adversários. Mas nós vamos mais longe e acrescentamos: uma vez que é evidente que a operação de Deus é onde quer que haja seres, é igualmente evidente que sua essência está em toda parte. Por distinção de razão nós consideramos a essência divina sob dois aspectos: como operando fora, o que é **o poder** Deus; e simplesmente como a essência de Deus, o que é seu ser substancial.

Ora, é a própria essência de Deus que opera fora, a qual essência está presente em todo lugar onde há operação, pois, caso contrário, seguir-se-ia que Deus agiria à distância e nada teria feito de sua imensidão. A isto seguiria ainda que a operação de Deus, não sendo em nada distinta, *em realidade*, de seu ser, é realmente distinta, pois a primeira não necessariamente levaria à outra. O que é uma contradição.

Nossas distinções de razão são úteis e mesmo necessárias para um raciocínio perfeito. Mas, uma vez que graças a elas fizemos um bom raciocínio, nele podemos nos basear para fazer um outro. É assim que, da onipresença do poder divino em todos os seres finitos que eles devem sua existência somente a esse poder, devemos necessariamente concluir que é a onipresença do próprio ser de Deus.

762. – Isto que dizemos aqui não contradiz em nada o que, seguindo Santo Tomás, foi dito anteriormente (n. 550) e que agora confirmamos.

Antes falamos das relações ativas dos puros espíritos com a matéria e com os lugares, de sua presença operativa no mundo material, e sua transcendência absoluta em relação às leis que governam os corpos; concluímos que o anjo está em tal lugar, mas não localmente, não à maneira de corpos, não se submetendo às exigências do espaço.

É verdade que o príncipe dos Apóstolos nos diz (Ibid.): *Nenhuma substância incorpórea pode estar nos corpos ou nos lugares, senão por sua operação, que neles produz algum efeito*. Mas nós entendemos isso como uma espécie de prisão ou delimitação dos espíritos aos lugares, o que choca de fato com a transcendência dos espíritos relativamente à matéria. Os espíritos estão nela, operam nela, mas não estão

dentro como **em um recipiente**, não estão apertados, não são limitados por paredes materiais, porque eles governam a matéria, dominam os lugares e não se deixam limitar como pôr uma esfera de habitação ou de ação por aquilo que está totalmente submisso a seu poder e que é de uma ordem muito inferior. Entretanto pelo fato de que eles agem sobre os corpos e sobre os lugares, nestes eles estão substancialmente. Estão como mestres e não como escravos, como modificando o espaço e o que ele contém, mas não como *medido* por aquilo que não pode medir, como a matéria.

763. – Esta interpretação exprime certamente o verdadeiro pensamento do Anjo da Escola, pois ele próprio se explica neste mesmo sentido e de maneira mais clara. *Os anjos estão*, diz Santo Tomás com São João Damasceno, *onde operam*. *Mas operam no lugar, pois eles estão no lugar. – O Céu Empíreo, tão logo criado, foi preenchido pelos anjos. Ora, o Céu Empíreo é um lugar material; então os anjos estão num lugar material... Os anjos não estão no lugar da mesma maneira dos corpos. É preciso admitir algum contato entre o lugar e o que está localizado. Mas há duas espécies de contatos: corporal, que consiste na conjunção dos limites da grandeza* (como o interior de um vaso e a água que nele está contida compõem, em conjunto, os limites de sua grandeza)*; e assim os corpos estão no lugar por uma espécie de comensuração deles com o lugar. – O outro contato é um contato de influência* (contactus virtutis)*, segundo o qual os espíritos* ***podem*** *atingir os corpos, mas não à maneira com que é feito o contato corporal. O contato dos espíritos* ***não requer uma comensuração***[1190] ***de quantidade****.*

É por isto que os anjos ***estão no lugar****, mas não por comensuração ou por circunscrição. E assim como um corpo, se bem que ele toca o lugar apenas por sua quantidade "dimensiva",* quer dizer por sua superfície mensurável*, está, entretanto,* ***no lugar de acordo com sua substância***[1191]*;* ***da mesma forma também o anjo****, embora este toque o lugar de acordo com sua quantidade virtual, ou segundo a medida de sua energia... O lugar serve de medida àquilo que contém por comensuração, quer dizer, ao corpo; de onde se segue que estar assim no lugar como* ***em*** *um lugar, é* ***ser medido*** *pelo lugar; mas estar no lugar*

[1190] Comensurar: medir (mais de uma quantidade) com a mesma unidade.

[1191] A substância do corpo está tanto nas partes do corpo que o limitam quanto naquelas que ocupa o interior do corpo; ela tem, portanto, com relação ao lugar, a mesma presença como a da superfície do corpo. Mas a substância, considerada como tal, não é mensurável pelo lugar. A aplicação desta comparação ao nosso caso não poderia ser mais fácil.

por contato de influência, como estão os Anjos, não deve ser medido pelo lugar, porque este modo não exige uma comensuração... As coisas absolutamente imutáveis não são mensuráveis pelo tempo; diz-se, entretanto, que elas estão no tempo ***como presentes ao tempo****. Assim dizemos que Deus foi ontem e que Ele será amanhã; e* ***igualmente*** *se pode dizer que o anjo está no lugar. Não que ele seja medido pelo lugar, mas como* ***presente no lugar*** *(sed quasi praesentialiter loco assistens)*[1192].

764. – Esta página tão magnífica de Santo Tomás explica maravilho-samente, na nossa opinião, outras passagens do Santo Doutor, que apresentam tantas dificuldades a numerosos teólogos, como se pode ver nas diversas opiniões expostas por Mazzella.[1193] Na realidade, achamos o Anjo da Escola eminentemente mais inteligente, mais simples, mais sublime, mais preciso, do que seus comentadores. Nele predomina um alto bom senso que não procura subtilezas, que parece ser a própria linguagem das coisas. Segundo este grande homem, o *contato de influência* não exclui lugares onde esse contato se realiza com a presença imediata dos espíritos, mas exclui somente *a comensuração dos espíritos pelos lugares.*

Já a operação divina sobre as criaturas supõe *a presença* substancial *de Deus*, não somente de acordo com o mais comum bom senso, mas ainda segundo o ensinamento mais formal de Santo Tomás, como vimos[1194]. Voltaremos a este assunto numa próxima consideração.

765. – Não há mais dúvida: está, portanto, *em Deus*, na própria substância de Deus, no Oceano do próprio ser, que nós *vivemos, em que nos movemos e em que somos*. Evidentemente nenhuma criatura faz parte de Deus, que é simplíssimo e soberanamente elevado acima de suas obras. Mas *Aquele que* ***é***, a Suprema realidade, é como o elemento necessário à existência de todas as realidades participadas, como elemento vital de tudo que é vivo, como o elemento ativo de tudo que age. "Nós somos nele, diz um ilustre comentador da Sagrada Es-

[1192] Libr. I, Dist. F37, q. 3, a. 1: *Utrum Anglus sit in loco*.

[1193] *De Deo creante*, nn. 323-330.

[1194] É bom observar que, quando Santo Tomás fala do contato *de influência* dos espíritos sobre os lugares, ele considera as relações ativa desses espíritos sobre os lugares. Mas não se deve confundir estas relações com a SIMPLES PRESENÇA dos espíritos, como fazem nossos adversários. Santo Tomás distingue cuidadosamente estas duas coisas na passagem citada. Se, portanto, quisermos ser verdadeiramente tomista, sigamos também Santo Tomás nesta via, sem necessidade que ele nos advirta cada vez que trata desta matéria.

critura[1195], como num recipiente e num lugar divino... Porque, como Deus é a idade das eras (por sua eternidade), igualmente Ele é o espaço dos espaços e o lugar dos lugares, sem o qual nenhum lugar existe nem pode existir. Pois, assim como o ser decorre da essência de Deus, e todo tempo, como toda duração, decorrem da eternidade de Deus; igualmente todo espaço, todo lugar, decorrem da imensidade de Deus, como demonstra eruditamente nosso Lessius... Deus é, então, como um mar imenso que se estende pelos espaços infinitos, no qual navegam o mundo e aquilo que ele contém, como uma esponja no oceano", segundo a palavra de Santo Agostinho (l. 7, *Confissões*, c. 5)".

766. – Cornélio a Lápide acrescenta: "Nós estamos em Deus como no éter infinito; vivemos, movemos e habitamos nele. Ele nos penetra com sua essência e com sua substância; penetra todo o nosso corpo, toda a nossa alma, todas suas dobras, todos seus ângulos, todos seus segredos. Não podemos sair dele porque Ele está em todas as partes. E, como Deus é imutável, onde ele está uma vez, estará sempre. São Paulo diz expressamente: Nós vivemos **nele**, não ***por Ele***, a fim de marcar que Deus é totalmente a causa eficiente de nossa vida, que é também a causa local e como material, de vez que Ele nos fornece toda a matéria da vida e da essência do corpo, e toda a substância, assim como o mar fornece tudo ao peixe, mas de uma forma eminentemente superior. Pois do nada Deus criou a matéria e, ao conservá-la, por assim dizer, a cria continuamente, ao passo que o mar recebe de Deus a matéria já criada e a fornece aos peixes. Portanto, os peixes vivem totalmente na água e da água, por uma natural simpatia e dependência; eles não podem viver fora da água.

Igualmente nós vivemos inteiramente em Deus e de Deus, e nos é impossível viver fora dele. De maneira que, na hipótese absurda de Deus não estar em nós, ou no lugar onde nós estamos, nós não poderíamos existir e nem subsistir neste lugar.

Assim como nossa substância depende da substância de Deus, igualmente nossa existência no lugar depende da presença de Deus neste lugar, como os raios dependem do sol, como o embrião depende de sua mãe..., como o pássaro depende do ar, como o homem depende da respiração, ou melhor, como o corpo vive da alma, é movido, existe, é sustentado pela alma. Portanto, como se pode dizer da alma que nela nós vivemos, nos movemos e nela existimos, assim também, e muito melhor ainda, podemos dizer a mesma coisa de Deus. Porque

[1195] Cornélio a Lápide, *in Act. Apost*., c. 17, v. 28

ele é a alma não somente de nosso corpo, mas também de toda alma, em tudo presente na alma, vivificando-a, movendo-a e a sustentando.

"Vejam quanto estamos unidos a Deus psiquicamente. Ora, é assim que devemos moralmente estar unidos a Ele, de maneira que cada vez que respiramos o ar, atraímos a Deus, pensamos em Deus, invocamos a Deus, em quem, como no nosso ar, vivemos, movemos e somos... Nós vivemos, movemo-nos e somos em Deus como num círculo... que nos circunscreve e nos rodeia, o que levou Empédocles a dizer: *Deus é um círculo cujo centro está em toda parte e a circunferência em nenhum lugar*... Deus é como nossa alma e nossa vida, segundo esta palavra de Santo Agostinho (Sermão 18, *de verbis Apost*.): *A vida de nosso corpo é nossa alma; a vida de nossa alma é Deus*" (Id. ibid.)

II – Três maneiras de Deus estar em toda parte

767. – Todas essas considerações podem se resumir nestas poucas palavras: *Deus está por toda parte por sua essência, por sua presença e por seu poder*. Já explicamos muitas vezes este axioma teológico, mas aqui ele nos apresenta certos aspectos que ainda não fizemos notar e que nos parece útil descrever.

Deus não está em todo lugar mais por seu poder do que por sua essência e por sua presença. Pois, mesmo de acordo com o modo humano de raciocinar, dizemos inicialmente que *Deus está em todo lugar* para designar mais diretamente seu ser e sua presença do que seu poder.

Depois, cremos, que aquele que se dispõe a meditar piedosamente começa por se colocar *na presença de Deus.* Este procedimento é certamente muito lógico. Andar na presença de Deus designa a prática de todas as virtudes, assim como esquecer a presença de Deus indica a afeição ao vício. A piedade fala, portanto, a mesma linguagem que devemos ter a propósito da imensidade de Deus.

768. – *Deus está em todo lugar por sua essência*. Sua essência *física* é seu ser real. Sua essência *metafísica* é aquilo que primeiro concebemos no seu ser, e de onde decorre, a nossos olhos, todos os outros atributos divinos.

É destas duas maneiras que Deus está em todo lugar por sua essência. Seu Ser absoluto é imenso e todos os seres participados repousam nele, e nadam, por assim dizer, nele. Deus é por si, sua própria razão suficiente, a própria realidade, a própria existência substancial (se esta palavra não for imprópria ao falar de Deus): é, então, por si que Deus está em todo lugar e eis o que concebemos como sendo a

base mais profunda e mais sólida de todo o finito e de todos os possíveis.

769. – *Deus está em toda parte por sua presença*. Alguns podem imaginar que a essência divina, sendo soberanamente simples, é comparável a um ponto invisível, mas do qual o poder infinito se irradia por todos os lados. Esta ideia seria muitissimo falsa. Por não se poder atribuir a Deus uma extensão divisível, recusaríamos a Ele a grandeza infinita, que contém eminentemente toda a extensão material e todo espaço. Por isso descartamos esta falsa concepção do ser divino ao professar que *Deus está em todo lugar por sua presença*. Como? Se nossa alma, substância espiritual, está toda inteira em cada parte de nosso corpo, se ela está eminentemente toda estendida no nosso corpo sem ter a divisibilidade, julgaremos estranho que a presença de Deus esteja em todo universo, e além dele? Ser-nos-ia difícil admitir em Deus uma grandeza indivisível, que é o tipo supremo de todas as grandezas, uma grandeza *que se comunica a todas as coisas grandes*, como nos disse São Dionísio (n. 739)?

Por que o corpo humano não toma as proporções de uma montanha, de uma árvore, de um elefante? É principalmente porque a alma, forma substancial do corpo, determina as suas dimensões e mede sua extensão de uma maneira proporcional às exigências dela, alma[1196]. As causas segundas têm sem dúvida uma influência sobre a grandeza ou a pequenez relativa do corpo humano. Mas o máximo, o mínimo e a conformação do corpo são regulados sobretudo pela alma. Por conseguinte, a alma, toda simples como ela é, tem uma certa extensão eminente e indivisível, à qual o corpo deve principalmente sua unidade, sua espécie e a coesão do seu composto. Que não se diga que tudo isto se deve à virtude, à atividade da alma, e não à própria alma, porque a alma está substancialmente inteira em cada parte do corpo. Por conseguinte, o que se atribui à sua energia deve ser como ir igualmente à sua substância, fonte de sua energia e presente em toda parte onde está sua energia. Em outras palavras, aquilo que é a *forma* do corpo não é a *virtude* da alma, mas a *própria alma*. Portanto...

770. – Pode-se raciocinar mais ou menos da mesma maneira sobre a presença dos anjos nos lugares, uma vez que esses espíritos não estão unidos substancialmente a nenhum corpo. Sua esfera de influência não é traçada por sua natureza, pelos graus de suas forças, pelas

[1196] Também Santo Tomás diz que é a alma que contém o corpo: Continere est formae, contineri vero materiae. N. 335, nota.

ordens que eles recebem, pela posição de sua hierarquia, e por sua vontade, em nada pelos corpos, pelos lugares, pelos espaços, dos quais eles não se submetem às leis, mas, portanto, sua substância está presente em todo lugar onde eles agem. *Enquanto que o anjo se move localmente*, diz Santo Tomás, *sua essência está aplicada aos diversos lugares*[1197]. E anteriormente entendemos o Santo Doutor nos dizer que os anjos *estão presentes nos lugares* e que aí estão segundo sua substância, embora eles só influenciam os lugares por sua virtude (n. 763). Daí se segue, portanto necessariamente, que a substância do anjo está em toda sua esfera de ação, quando sua ação é imediata e que ele não move as coisas inferiores pelas coisas superiores. O anjo está substancialmente em todo lugar onde ele exerce imediatamente sua virtude.

Portanto, o anjo tem uma esfera de extensão eminente, simples e indivisível. E, se não podemos compreendê-la, é porque nos é impossível ter aqui na terra uma noção adequada dos espíritos.

É, julgamos, particularmente esta grandeza do anjo que faz a unidade do lugar angélico, lugar divisível em si mesmo e talvez ainda mais dividido mas em relação ao anjo, que o ocupa por sua presença e por sua virtude. Entretanto, não se segue daí que o anjo seja obrigado a ter um lugar, nem que este lugar deva sempre corresponder à grandeza do anjo. Levado, por sua natureza, acima das exigências da matéria, o anjo pode ultrapassá-la. A extensão do lugar angélico não poderá ultrapassar a grandeza do anjo, mas ela poderá ser inferior num sentido, desde que o anjo não atue particularmente nesse lugar. Então a presença do anjo excederá sua esfera de influência atual, como vimos que a essência divina excede a grandeza do universo por sua grandeza e por sua imensidade.

771. – É o porquê nos parece verdadeiro que a extensão dos corpos e dos lugares foi feita à imagem da grandeza dos espíritos. E como nos é difícil compreender esta última, podemos compreendê-la melhor considerando a extensão dos corpos e dos lugares, subtraindo da noção de extensão material tudo o que não pode convir aos espíritos.

A substância espiritual, graças à sua simplicidade, tem de próprio que ela está toda inteira em cada parte do corpo que ela anima ou em cada parte de sua esfera de influência direta. Ou, ao menos, na sua própria grandeza se não estiver em outros seres. Eis o que nós designamos de extensão eminente ou grandeza dos espíritos.

[1197] 1, q. 53, a. 2, ad 2[m].

Em Deus a grandeza é infinita. Nos anjos e na alma humana ela é limitada diversamente, mas é uma imagem da imensidade divina. Isto porque a extensão do espaço proclama especialmente a imensidade de Deus. Por sua grandeza na qual não podemos ver os limites e por sua continuidade da qual o primeiro princípio deve ser simples e espiritual. E os diversos corpos que nós conhecemos e cujas dimensões são muito diferentes, nos pregam, por analogia, as diversas grandezas dos espíritos. Quer dizer, pode se falar também em diversas esferas nas quais os espíritos podem estar todo inteiro, tanto em cada parte como no conjunto.

772. – Se essas noções são exatas – disto temos firme confiança, pois a imensidade divina se reproduz em imagens nos espíritos criados –, que admiráveis surpresas nos causará no céu a vista dos anjos e das almas dos santos! Como nós contemplaremos a imensidade de Deus, veremos também nela as diversas grandezas dos espíritos angélicos e das almas humanas.

Estas grandezas tão variadas serão tais, sem dúvida, que o universo glorificado nos parecerá ser uma vasta e magnífica cidade cujo recinto não será exagerado em extensão. Mas quanto mais os habitantes sejam grandes e numerosos, menos a habitação parecerá espaçosa. Ora, nós vimos que o número de anjos é inimaginável (nn. 432-437). Vimos também que eles podem ocupar por sua presença, segundo o grau de perfeição de cada anjo, *um vasto lugar no universo* (nn. 551 e seg.), sobretudo se os considerarmos como glorificados.

Por conseguinte, o universo renovado, o Céu Empíreo finalmente completado, o Paraíso Celeste, a Jerusalém Celeste, será, materialmente falando, uma encantadora cidade, a feliz Cidade de Deus. Nela cada anjo desempenha uma espécie de ubiquidade relativa, quer dizer, proporcionada a seu lugar, somente Deus tendo a ubiquidade absoluta na criação e na imensidade, que é um atributo absoluto e necessário do Ser absoluto.

773. – Há mais. É que os bem-aventurados, segundo toda verossimilhança, para não dizer mais, participam destas propriedades dos espíritos criados. Provamos que Nosso Senhor Jesus Cristo pode estender e como que multiplicar indefinidamente a presença de seu corpo glorioso no espaço (nn. 313-317).

Ora, nossos corpos ressuscitados serão os fac-símiles do corpo do Homem-Deus. É de todo o corpo humano pertencente a um eleito que São Paulo disse: *Ressuscitará corpo espiritual* (1ª Cor., XV, 44). E se os santos às vezes gozaram na terra do privilégio da bilocação, no Céu

não podemos admitir sem hesitação sua presença multilocal? Ela será sem dúvida diferente segundos os diversos graus de glória. Nada não igualará ao que nos permite chamar de "a extensão da presença", mesmo corporal, de Nosso Senhor Jesus Cristo. Sem estar literalmente em todos os lugares, entretanto ela brilhará por todos os lugares. A presença multilocal de Maria Santíssima aproximará daquela de seu Filho. Depois deles, os serafins angélicos e os serafins humanos terão sua ubiquidade relativa proporcionada à sua excelência. E assim, pensamos nós, será gradualmente com todos os bem-aventurados.

Dizendo isto, convém repetir: nós não consideramos cada eleito como ligado a seu lugar. Cada eleito terá sua *morada* ordinária. Mas ele poderá também aproveitar de sua agilidade, compor transitoriamente outros lugares ou mesmo ficar, sem lugar, somente na imensidade de Deus.

Oh Paraíso! Que maravilhas vós nos reservas! Oh Deus! Como vós sois bom em ter criado, em nos dar vossa graça, em nos dirigir por vossa lei e por vossa providência, e em nos atribuir uma tal habitação! Seja eternamente louvado e agradecido.

Oh!, verdadeiramente, *os sofrimentos do tempo presente são uma ligeira prova em comparação com a glória futura que está reserva a nós* (Rom., VIII,18). Esta prova, Senhor, esta curta prova, formada de humildade, de obediência, de trabalho e de paciência, nós queremos suportá-la com coragem e com alegria.

774. – Acabamos de ver em que sentido Deus está em todo lugar, por sua presença, e como as criaturas participam desta onipresença.

Acrescentemos agora, em duas palavras, como Deus está também em todo lugar **por seu poder** (*per potentiam*).

As duas primeiras maneiras de estar em todo lugar (*per essentiam et per praesentiam*) se reportam especialmente à imensidade, ao passo que a terceira maneira (*per potentiam*) designa apenas a ubiquidade ou a presença ativa de Deus em realidades limitadas.

Ora, a primeira e a mais essencial característica dessas realidades limitadas é a dependência. E isto não somente no começo de sua existência, mas sempre.

Não sendo e jamais podendo ser por si, nem totalmente e nem em partes, as realidades dependem, necessária e constantemente, da onipotência de Deus, tanto nas menores ou nas outras particularidades como no conjunto. Razão pela qual a própria existência das coisas é uma prova absolutamente certa da ubiquidade do poder divino.

Em outras palavras, nada existe na criação que não se mova de alguma maneira, que não tenha certas tendências, que não desempenhe um certo papel.

Ora, o ser que está essencialmente, totalmente e sempre dependente, está também necessariamente dependente quanto à sua atividade. Daí decorre, para ele, a necessidade contínua de um primeiro motor, que é ainda o Todo Poderoso (onipotente). Esta verdade é tão óbvia que é inútil prová-la e explicá-la mais ainda.

III – Magnífica linguagem da Sagrada Escritura sobre as três maneiras de Deus estar em toda parte

775. – Assim, quando lemos estes belos versos do salmista:

Contemplarei os vossos céus, obra das vossas mãos,
a lua e as estrelas, que vós criastes (Salmo 8, 4),

em que acreditamos que Deus baseou todas estas obras, senão em seu poder, em sua presença e em sua essência? É por isso que todas as criaturas são convidadas a louvar o Senhor:

Louvai o Senhor do alto dos Céus,
Louvai-o nas alturas,
Louvai-o, vós todos, seus anjos,
Louvai-o, vós todos, seus exércitos.
Louvai-o, sol e lua,
Louvai-o todas, brilhantes estrelas!
Louvai-o, Céus dos Céus.
E vós, águas, das alturas dos Céus,
Louvem o nome do Senhor,
Porque Ele quis e elas foram criadas.
Ele as estabeleceu para sempre,
Fixou-lhes uma lei que não será transgredida...
Louvai o nome do Senhor,
Porque somente seu nome é grande,
Sua majestade domina a terra e os Céus (Salmo, 148).

776. – Sendo por si, eterno, imenso, todo poderoso, *Deus quis e elas foram criadas*. Seu poder, dirigido por sua vontade, *as estabeleceu para sempre e fixou-lhes uma lei que não será transgredida*, porque sempre seremos dependentes. *A majestade de sua presença domina a terra e os Céus.*

777. – *Aquele que se oculta, esconde de mim? E não o vejo eu, disse o Senhor? Não encho o céu e a terra, diz o Senhor?* (Jerem., XXIII, 24).

Sim, Deus está em todo lugar de uma maneira *repletiva*. Um corpo está no lugar por *comensuração*. Está num lugar como em um recipiente, e corresponde a ele parte por parte.

Já um anjo está no lugar de uma maneira *definida*, porque sua grandeza e sua virtude são limitadas, mas ele não está circunscrito e contido pelo lugar, porque, ao contrário, ele mesmo determina seu próprio lugar e o contém.

E o Ser absoluto está em todo lugar *repletivamente*. Não somente Ele enche o Céu e a terra, os espíritos e os corpos, os lugares ocupados e os vazios exteriores, mas enche-os totalmente de maneira que Ele está todo inteiro tanto num ponto como em todo lugar.

Ao ocupar tudo, Deus não impede nada, pois nada tem sua própria natureza. E Ele é infinitamente mais simples que os outros seres.

Ao preencher tudo, Deus sustenta todos. E, embora impossível, se houvesse no conjunto das coisas, um ser, uma molécula, um átomo que Deus não sustentasse, este ser seria por isso aniquilado, porque ele *não* mais *existiria*, não mais participaria do próprio ser, não teria mais nem substância, nem coesão, nem atividade, nem fundamento. Essencialmente dependente, ele não dependeria mais, estaria morto por inteiro, sem mesmo deixar restos.

Oh! Como é verdadeiro, como *há diversas operações, mas como é o próprio Deus que opera tudo em todos* (1a. Cor., XII, 6). Como é verdadeiro ainda que *Deus está todo em todas as coisas*! (Ibid., *XV, 28)*. No Céu nós veremos esta verdade resplandecer em todos os lugares com uma incomparável evidência. Aqui na terra nós os vemos pelo raciocínio que a Fé nos propõe. Oh! Como é justo que nós amemos a Deus acima de todas as coisas, porque sem Deus as coisas não têm nem ser, nem amabilidade, porque tudo de bom que elas possuem provêm sem cessar de Deus, pois Deus é o Oceano infinito do bom, graças ao qual há seres que têm alguma bondade! Oh Deus! Quanto tempo, helás! fiquei sem pensar em vós!

Insensato e ignorante como eu fui,
como um bruto diante de vós!
Mas estarei sempre convosco,
Que me tomastes pela mão direita.

Por vosso conselho me conduz,

Para receber-me em seguida na vossa glória.
Quem há, pois, por mim lá nos Céus?
Convosco eu não desejo nada sobre a terra.
Minha carne e meu coração se consomem,
Ó Deus de meu coração, e Deus de minha herança na eternidade!

Porque aqueles que se afastam de voz perecerão,
Vós exterminais todos aqueles que vos abandonam.
Por mim, minha felicidade é estar junto de Deus (Salmo 72).
Eu bendirei o Senhor que me tem aconselhado,
Inclusive durante a noite meu coração[1198] *me exorta.*
Tenho, no meu pensamento, o Senhor continuamente presente,
E como Ele está à minha direita, eu não vacilarei.
Também meu coração se alegra e minha alma rejubila,
Minha própria carne permanece em segurança.

Porque vós não abandonareis a minha alma na sepultura,
Vós não deixareis à corrupção aquele que vos é devoto[1199].
Vós me fareis conhecer os caminhos da vida,
A plenitude da alegria está diante de vossa Face[1200],
As delícias estão à vossa direita para sempre[1201].

778. – Um dos meios mais eficazes para conseguir esta felicidade é o exercício habitual da presença de Deus. Este exercício nos faz orar, enriquece-nos de graças, consola-nos, sustenta-nos, inspira-nos horror ao pecado, faz-nos desprezar os bens passageiros, torna-nos amáveis e fáceis todas as virtudes. E o que é melhor fundamentado do que esta prática, uma vez que *é em Deus que vivemos, que nos movemos e que somos*?

Onde posso eu ir longe de vosso espírito, ó Deus!
Onde posso eu esconder de vossa face?
Subirei aos céus? Vós lá estais.
Se me abismar nos infernos, vós estais lá.
Tomarei as asas da aurora?
Irei habitar nos confins do mar?

[1198] Ao pé da letra: meus rins, mas na Escritura esta palavra designa o espírito, o coração, a consciência, as afeições mais íntimas.

[1199] Estas palavras se verificam ao pé da letra com Nosso Senhor e com sua divina Mãe. Quanto a nossos corpos, eles triunfarão da corrupção no último dia.

[1200] *Nós veremos Deus tal qual Ele é* (1ª. Jo. III, 2).

[1201] Somente Deus pode dá-las e Ele as concederá aos Eleitos. Salmo XV, 7-11, tradução conforme MM. Lesêtre et Glaire.

Lá ainda vossa mão que me conduzirás,
E a vossa direita me apanharás!
Eu disse: Certamente, as trevas me cobrirão,
E a noite será a única luz que me envolverás.
Mas as trevas não vos escondem nada,
A noite brilha como o dia; as trevas, como a luz.
Foi vós que formastes a fonte de meus pensamentos e de meus sentimentos,
E que me tecestes no seio de minha mãe.
Eu vos louvo por ter feito de mim uma maravilha prodigiosa,
Vossas obras são maravilhosas, minha alma o sabe bem.
Minha substância não vos era desconhecida,
Quando eu fui formado misteriosamente,
E tecestes nas entranhas da terra[1202].
Eu era apenas um embrião e vossos olhos me viam.
Em vosso livro onde estão todos,
Foram escritos os dias que eu viverei,
Quando nenhum deles não existiam ainda.
Por mim vossos desejos são maravilhosos!
Ó Deus, como vosso número é imenso!
Eu os contarei? Eles são mais numerosos que a areia,
Quando acordo, estou ainda convosco[1203].

779. – Todas as criaturas têm com Deus esses relacionamentos tão íntimos. O profeta Isaías no-los retrata magnificamente bem, de modo resumido:

Levantai os vossos olhos para o alto e considerais quem criou esses corpos celestes; quem faz marchar em ordem o exército das estrelas; e as chama a todas pelos seus nomes; e é tal a grandeza da sua fortaleza e força, e poder, que nem uma só falta.

Por que dizes, pois, ó Jacó, e afirmas, pois Israel: o meu caminho está escondido ao Senhor, e o meu direito passa despercebido ao meu Deus? Porventura não o sabes, ou não o ouviste? Deus é o Senhor eterno, que criou os limites da terra; Ele não se cansa, nem se fadiga, e a sua sabedoria é impenetrável. Ele é o que dá força ao fatigado, e o que multiplica a fortaleza e o vigor daqueles que não são fortes. Os adolescentes cansam-se e fadigam-se, e os jovens caem de

[1202] O corpo humano é terra como o do primeiro homem e é também das *entranhas da terra* que nossos corpos foram formados.

[1203] Salmo 138, 7-18. As duas últimas estrofes, traduzidas do hebreu, como as outras, por Lesêtre, têm um sentido assaz diferente daquele adotado na Vulgata.

fraqueza; porém, os que esperam no Senhor adquirirão sempre novas forças, tomarão asas como de águia, correrão e não se fatigarão, andarão e não desfalecerão. (Isaías, XL, 26-31).

Feliz, ó Deus, *aquele que encontra sua força em vós, este não pensa senão em caminhar* para a Pátria! *Atravessando pelo vale de lágrimas*, ele e seus semelhantes *dele fazem jorrar fontes* que o fertilizam e o cobrem de ricas estações. *Uma* abundante *chuva de outono*, que favorece as sementes, *o cobre de bendições*. *Eles marcham com vigor para comparecer diante do Deus de Sião*, na gloriosa cidade dos bem-aventurados (Sal., 83, 6-8). Aquele que é Filho de Deus merece na terra a glória do Céu. Semeia aqui na terra para receber lá no céu. Quanto mais ele aproveita da graça durante o período de prova, tanto mais aumenta seu reino futuro.

Quarto Ponto: O Céu da Santíssima Trindade – Sua imensidade, sua visibilidade pelos Bem-aventurados e a essencial vitalidade

780. – A imensidade, segundo nossa maneira de concebê-la, é uma perfeição absoluta do ser divino, o que quer dizer que em realidade ela é a própria essência de Deus, considerada em sua absoluta simplicidade e em sua magnitude, segundo a palavra de São Dionísio. Ora, o Ser divino está em três pessoas. Por isto *imensidade é o Pai, imensidade é o Filho, imensidade é o Espírito Santo*, de tal sorte, entretanto, que *não há três imensidades, mas uma só imensidade*, que é Deus[1204]. *Esta Trindade de que o homem é a imagem*, diz Santo Agostinho, *não é outra coisa, inteiramente, somente Deus; não é outra coisa, inteiramente, senão a Trindade. Nada pertence à natureza humana que não pertença a esta Trindade: e as três pessoas são de uma mesma essência, não como cada indivíduo humano, uma só Pessoa*[1205].

O próprio Doutor, ou melhor São Fulgêncio, do qual um opúsculo está incluído entre as obras de Santo Agostinho, tem também esta magnífica confissão de Fé sobre a imensidade da Santíssima Trindade: "O próprio Deus, verdadeiro em suas Pessoas, é a Trindade, e Ele é um (Deus) em uma natureza. Por esta unidade natural todo o Pai está no Filho e no Espírito Santo, e todo o Filho está no Pai e no Espírito Santo, e todo o Espírito Santo está no Pai e no Filho. Nenhum deles está fora de cada um; porque cada um não precede ao outro na Eternidade, ou não excede o outro pela grandeza, ou não ultrapassa outro pelo poder. Porque, pelo que concerne à unidade da natureza divina, o

[1204] Símbolo de Santo Atanásio.
[1205] *De Trinit*., l. 15, c. 7. n. 11.

Pai não é nem mais antigo e nem maior que o Filho e o Espírito Santo. E a eternidade, assim como a imensidade do Filho, não pode naturalmente, pela anterioridade ou pela grandeza, preceder ou ultrapassar a eternidade ou a imensidade do Espírito Santo... Por causa disto nós cremos e confessamos com muita razão que três (pessoas) não são senão um só Deus, porque nelas há absolutamente apenas uma eternidade, uma imensidade, uma divindade, necessária, das três Pessoas"[1206].

781. – As três pessoas divinas são, portanto, eternas da mesma eternidade, todas poderosas do mesmo poder, imensas da mesma imensidade, porque estes atributos são na realidade a Essência divina comum às três Pessoas.

Ora, como na Pátria veremos o Céu infinito, que é Deus, veremos igualmente o seu Trono, que é o Céu da Santíssima Trindade: o próprio Céu, que é Deus, mas igualmente possuído pelas três Pessoas, e possuído de tal maneira que as Pessoas aparecem realmente distintas entre elas na possessão do Céu infinito, que é sua grandeza comum.

Com efeito, é de fé, como vimos, que cada pessoa divina é imensa. É igualmente de fé que, no Céu, nós veremos a Santíssima Trindade. "Nós definimos, dizem os padres do Concílio de Florença, que as almas daqueles (que não contraíram nenhuma mancha do pecado após seu batismo, ou que foram perfeitamente purificadas) são recebidas imediatamente no Céu e veem claramente como é o Deus *trino* e uno, embora uma de modo mais perfeito do que a outra, segundo a diversidade dos méritos"[1207]. Em outras palavras, "seria uma evidente contradição, observa o Cardeal Franzelin, afirmar que os bem-aventurados veem Deus tal como Ele é em si mesmo e que, entretanto, não veem alguma perfeição que está formalmente em Deus...; isto se deve dizer igualmente da intuição das três pessoas divinas"[1208].

782. – É o porquê o Céu, formalmente divino e imenso, nos aparecerá como uma tríplice intercomunicação, cada Pessoa divina estando nas outras Pessoas em virtude da essência comum às três Pessoas e cada Pessoa sendo, entretanto, realmente distinta das outras. Espetáculo inefável que será visto e contemplado, mais ou menos perfeitamente, por todos os bem-aventurados.

[1206] *Liber de fide ad Petrum*, tomo 7ª edição Migne, c. 1, n. 4. Santo Atanásio diz o mesmo: Nihil praescriptum, nihil circumscriptum, nihil emensum, nihil dimensum Trinitas habet. Prosce.

[1207] **In decreto unionis**.

[1208] ***In Deo uno***, Thes., 17.

Estas realidades formam um Céu, o Céu divino, o Céu uno e trino. Céu uno, pela imensidade comum das Pessoas; Céu trino pela distinção realmente das Pessoas entre elas na imensidade comum.

Também, podemos dizer, segundo a observação de Santo Tomás, que *a paternidade é eterna ou imensa*[1209]. O que, sem dúvida, se pode dizer igualmente da *filiação*.

Ademais, *se aqui na terra é possível se fazer uma ideia da soberana bondade de Deus por meio das criaturas, sem conhecer a trindade das Pessoas*, o mesmo se dará no Céu, onde o conhecimento será feito em virtude da visão da essência divina... *Como* no Céu *se conhece a bondade de Deus nele mesmo, é assim que a veem os bem-aventurados, é impossível conhecer esta bondade sem o conhecimento também da Trindade das pessoas*[1210].

O mesmo raciocínio deve-se fazer sobre o conhecimento da imensidade divina, porque este atributo é também essencial a Deus como a bondade.

783. – "Os bem-aventurados, diz Franzelin, conhecem pela visão intuitiva o próprio ser infinito, quer dizer, a divina essência tal como ela é em si, com todas as razões formais, tanto absolutas como relativas; ou, o que equivale a mesma coisa, com todas as perfeições e com todas as divinas Pessoas, que são realmente a própria essência de Deus"[1211]. Ora, esta essência é imensa. A imensidade de Deus não é outra coisa senão a grandeza de seu ser, deste ser que é Pai, Filho e Espírito Santo, e as três Pessoas realmente distintas entre elas, tendo, as três, esta mesma infinita grandeza.

Então, o que distingue e o que varia, por assim dizer, o espetáculo, no Céu imenso e divino, para que se possa designá-lo de Céu trino?

Aqui está: "A divina essência, tal como ela é em si mesma, em virtude de sua perfeição intrínseca, é Pai; exprimindo-se por sua intelecção, é o Verbo; ela, produzindo o amor do Pai e do Filho, é o Espírito Santo; o intelecto paternal tem necessariamente por fim intrínseco o Verbo; igualmente o amor do Pai e do Filho tem necessariamente por fim intrínseco o Amor, que dele procede"[1212].

Intelecção ativa, compreensão afirmada e expressa, amor que procede, como de um só princípio, de conhecimento certo, porque, em relação ao Espírito Santo, o Pai e o Filho são apenas conhecimento.

[1209] 1, p., q. 32, art. 2, ad 2[m].
[1210] Santo Tomás, 2 2[ae], q. 2, a. 8, ad 3[m].
[1211] *De Deo uno*, Thes. 18, 11
[1212] Id., ibid., *Thes*. 17, I.

Eis a vitalidade intrínseca, eterna, necessária, imensa, do Ser divino. Eis o Céu dos Céus por excelência; o Ser graças ao qual todos os outros seres são possíveis; o Ser sem o qual nada é possível e nada existe; a Fonte primeira de toda ordem e de toda atividade; a Influência suprema que torna possível todas as paternidades, todas as filiações, todos os amores participados; a Soberana unidade da tríplice iluminação interior, que produz fora, livremente, a multiplicidade e a verdade dos seres finitos (multiplicidade que é a imagem da Trindade), mas que produz também a harmonia dos seres criados, harmonia que é a imagem da unidade de essência das três Pessoas divinas e de sua mútua compreensão.

Ó suave mistério da Trindade, como seremos felizes em vos contemplar na vossa profundidade e na vossa imensidade, assim que *virmos Deus tal como ele é*!

784. – Ó meu Deus! É permitido aqui na terra ter um tímido olhar sobre vossa vida íntima, para se ter um antegosto da felicidade que vós nos prometestes, para robustecer nossa coragem no meio das penas do exílio, para se ter alguma ideia do ambiente espiritual, todo divino, imenso, infinito, no qual vivem os bem-aventurados *na felicidade de seu Senhor*? (Mat., XXV, 21). Em verdade, se isto fosse uma audácia temerária e não um desejo ordenado de vossos filhos adotivos, o Apóstolo bem-amado não nos teria dito: *"A vida que se manifestou, e nós a vimos, e damos dela testemunho, e vos anunciamos, esta vida eterna, que estava no Pai e que nos apareceu a nós; o que vimos e ouvimos, vo-lo anunciamos, para que vós também formais uma sociedade... com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo"*. (1ª Jo., I, 2,3). E aquele que escreveu tão bem sobre vós não nos teria transmitido lições tão sublimes sobre vossa eterna e necessária vitalidade.

Tentaremos, sob a direção de homens esclarecidos por vossas luzes, lançar olhares filiais sobre vossas divinas Pessoas, para compreender, tanto quanto é possível a um simples mortal, vossa suprema vida, da qual todas as criaturas existentes, particularmente as que têm vida, e sobretudo as criaturas inteligentes, são reflexos variados.

785. – Uma vez que *é para a compreensão da Trindade que toda a atenção cristã é piedosamente dirigida e uma vez que é para o conhecimento da Trindade que leva, piedosa e nobremente, toda a atenção cristã e que se dirige todo progresso cristão*[1213], no dizer do gran-

[1213] Cui Trinitati pie sobrieque intelligendae omnis excubat vigilantia Christiana, et omnis ejus provectus intenditur. *De libero arbítrio*, l. 3, c. 21, n. 60.

de Bispo de Hipona, como nós podemos conceber esta Trindade sem prejuízo da unidade da essência do Ser absoluto?

Dizemos, inicialmente, que Deus é puro espírito, que ele é vivo, inteligente, amoroso e que possui todas essas perfeições de uma maneira infinitamente perfeita. Ou melhor, que Deus é tudo isto na unidade indivisível de seu ser e que ele é substancialmente tudo o que existe.

No entanto, um tal Ser conhece necessariamente a si próprio como sendo a Verdade e o Bem infinito, verdadeiro e bom, que constituem sua essência, denominada *verdade* em relação ao que conhece e *bom* em relação ao que ama. Deus se concebe, compreende-se a si próprio, sempre, desde toda eternidade, necessariamente. Do contrário Ele não seria a perfeição infinita, pois ignoraria a si próprio.

Mas aquele que concebe, que compreende o Infinito, tem a natureza de Deus, ao mesmo tempo engendra, porque engendrar, para um espírito, é pensar, conceber, compreender: *intellectus intelligendo concipit*[1214].

Ora, o pensar, ou o *conceber*, não pode ser algo acidental em Deus. Não pode ser uma passagem da potência ao ato, porque o acidente e a transição não convêm à perfeição infinita.

O acidente é algo dependente, variável, secundário.

A passagem da potência ao ato indica a indigência, a necessidade de progresso, a procura de um bem. Tudo isto deve ser excluído do infinitamente perfeito. Permanece então a natureza divina que se conhece a si própria, que diz o que ela é, que engendra a ideia dela mesma, pela vitalidade intelectual do Espírito Soberano. Esta é a pessoa do Pai.

E como nós somos imagens da Santíssima Trindade, o Pai nos dá o exemplo do uso de nossa atividade intelectual para conhecermos a nós mesmos e para conhecermos a Deus.

786. – *O Pai*, diz Santo Tomás, *é Deus compreendo-se a si próprio* e engendrando assim seu Verbo: *Ex hoc quod Deus seipsum intelligit, Verbum ab eo genitum in Deo ponitur*[1215].

Deus se contemplar a si próprio e dizer o que Ele vê é a mesma coisa. Contemplando-se *diz* seu Verbo, sua Palavra[1216]. Exprime a ideia que concebe: *O ser do Verbo concebido no seio de Deus, ou, o que equivale vale a mesma coisa que ser a ideia compreendida* por

[1214] Santo Tomás, Contra Gentiles, l. 4, c. 11.

[1215] Ibid. c. 13, in princ.; et cap. 11, in fine.

[12161216] Suma Teológica, 1, p., q. 34, a. 1, ad 2^{m}.

Deus ao contemplar a si mesmo *consiste em ser compreendida*[1217] e dita por Deus Pai. *Também o Verbo de Deus é Deus compreendido: Verbum Dei est Deus intellectus*[1218], e afirmado como compreendido.

E o Pai *é Deus* **concebendo-se a si próprio** e **expressando** seu Verbo: *Deus dicens*[1219]. O Verbo é a expressão do que Deus compreende, bem como a *imagem* perfeita *de sua essência*[1220].

É *Deus compreendido* que se encarnou: que fonte de conhecimento para todas as criaturas inteligentes! Como é sublime a primeira origem da Revelação sobrenatural que admitimos com facilidade e da razão, que é também um reflexo do Verbo! *Aquele* (Deus compreendido) *era a verdadeira luz que ilumina todo homem vindo a este mundo*[1221]. O Verbo é também a perfeita imagem da essência divina. É o *esplendor de sua glória e a imagem de sua substância*[1222]: como lhe era, portanto, conveniente revestir-se de nossa humanidade, para nos tornar Deus mais inteligível, para colocar, se se pode falar assim, o Ser absoluto ao nosso alcance!

787. – O Verbo, sendo a ideia que Deus tem de si mesmo: *intentio intellecta*[1223], *a concepção de Deus, convindo a si próprio*[1224], é impossível que Ele seja um acidente ou um efeito. "O ser de Deus, diz ainda Santo Tomás, é seu próprio conhecimento. De onde se segue que o Verbo de Deus não lhe é um acidente, nem um de seus efeitos, mas que Ele pertence à sua própria natureza; por isto é necessário que Ele seja subsistente, porque tudo que é da natureza de Deus subsiste"[1225]. Como a Pessoa do Pai não pode ser nem um acidente e nem um resultado da passagem da potência ao ato, como dissemos, assim também o Verbo, que é Deus como seu Pai, está necessariamente acima destas imperfeições e delas é absolutamente isento. Tudo que está *em Deus é substância*[1226].

O Verbo, na sua natureza, é a substância de Deus. Mas Ele se distingue, portanto, do Pai como a ideia se distingue do espírito que a engendra. Em Deus a ideia é Deus, pois ela não pode ser um acidente,

---

[1217] Contra Gentiles, l.4, c. 11, 3 alin.
[12181218] Ibid., 4 alin.
[1219] Ibid., c. 14.
[1220] Ibid., c. 11, 6 alin.
[1221] Jo., I, 9.
[1222] Hebr., I, 3.
[1223] Contra Gentiles, ibid., 3 alin.
[1224] Ibid., c. 12.
[1225] Suma Teológica, 1, q. 34, a. 2, ad 1m.
[1226] Contra Gentiles, l. 4, c. 14, 9 alin. Persona est aliquid subsistens *in genere substantiae*; substantia autem per accidens constitui non potest. *De Potentia*, q. 10, a. 3. Seria absurdo dizer que a pessoa é um acidente.

nem um efeito, nem nada que muda ou que seja transitório. Entretanto ela é ideia, é engendrada, é um verbo, uma palavra, uma expressão, que diz adequadamente o Infinito e que ela própria é infinita. Aquele que denominamos de *o Verbo* ou ainda de *o Filho de Deus*: *Verbo é o nome próprio da pessoa do Filho; significa uma certa emanação do intelecto*[1227] divino.

788. – Deve-se admiti-lo em Deus porque Deus é espírito, porque está vivo, porque o Pai age constantemente e o Verbo também age (Jo., V, 17); porque age de acordo com sua natureza e sua infinita perfeição, porque aquilo que opera fora é apenas uma livre e benéfica irradiação de sua atividade intrínseca e necessária. Não se pode razoavelmente objetar que a relação que dizemos existir entre o Pai e o Filho possa ser apenas uma distinção de razão. Quer dizer, uma distinção que estaria apenas em nosso espírito, porque Deus realmente se compreende a si mesmo, sendo a perfeição absoluta. Donde as relações de paternidade e de filiação estarem realmente em Deus e não somente em nossa maneira de as conceber.

Santo Tomás o prova assim: "A relação do Verbo com Deus dizen-do[1228] que Ele é o Verbo, é atribuída a Deus pela razão de que Deus se compreende a si mesmo. Ora, esta operação está em Deus, ou sobretudo ela é o próprio Deus, como já demonstramos anteriormente. Resta, então, que tais relações estejam verdadeira e realmente em Deus, não somente em nosso espírito"[1229]. Negar seria atentar contra a vida do Grande Espírito. Assim como *poder* pensar é essencial para o anjo e o homem, se o seu pensamento for realmente distinto do que ele pensa, é essencial a Deus pensar realmente, porque nele nada está em potência, e isto sem prejuízo de uma real distinção entre o Pai, que pensa, e o Verbo, que é dito.

789. – Raciocinemos aproximadamente da mesma maneira sobre a Pessoa do Espírito Santo. Sendo Deus a perfeição infinita e substancial, conhecendo-se a si próprio, se ama também necessariamente como sendo o Bem infinito. Este amor é também vital e necessário em Deus por Ele se conhecer e se exprimir a si próprio.

É extremamente fácil admitir que este amor procede de Deus *compreendendo-se a si mesmo* e do *Deus compreendido*, quer dizer do

---

[1227] Suma Teológica, I, q. 34, a. 2.

[1228] *Dicere Deo est cogitando intueri*: O Pai olhando-se a si próprio, no pensamento, ou melhor em se contemplando; *et en disant* o que Ele vê engendra seu Verbo. (Suma Teológica, 1, q. 34, a. 1, ad 2^{m})

[1229] Contra Gentiles, l. 4, c. 14, 8º alin.

Pai e do Filho, porque o amor do Bem infinito supõe *o conhecimento* deste Bem.

Nós dizemos *o conhecimento*, no singular (*tanquam ab uno principio*), porque o Pai e o Filho, sendo *Deus conhecendo* e *Deus expresso* (manifestado) *como conhecido*, não são senão um só princípio em relação ao Espírito Santo. Designam, um e outro, *o conhecimento* de Deus por si mesmo.

Donde, de *Deus se conhecendo a si próprio* e de *Deus expresso por si mesmo* procede *Deus amado por si mesmo*, ou seja, o Espírito Santo.

Dissemos *procede* e *não engendrado*, pois, o conhecendo e o conhecido como tal pertencem os dois à espécie de conhecimento, assim como de um pai e seu filho pertencem igualmente à espécie humana, se diz que o conhecido é *engendrado* pelo conhecendo[1230]. Mas o amor e o conhecimento não pertencem à mesma espécie e se deve dizer que o amor procede do conhecimento[1231]. Entretanto o Amor em pessoa, o Espírito Santo, não procede do Pai e do Filho como um acidente, nem como um efeito. Ele se distingue realmente, como Pessoa, do Pai e do Filho, embora em essência seja um com eles, assim como dissemos do Pai e do Filho.

O que é, então, o Espírito Santo senão a Terceira Pessoa da Trindade, ou *Deus infinitamente amado por si mesmo*? Seu nome próprio é o *Amor hipostático*[1232].

790. – O doutor Angélico demonstra com a mesma clareza e com a mesma profundidade que as três Pessoas divinas são um só e mesmo Deus[1233]. "Estas noções, como escrevemos em outro lugar[1234], não introduzem composição em Deus, pois é a mesma essência, todo ato vital que se compreende, que diz o que é e o que se ama. Vê-se aí uma pluralidade, é verdade, mas é apenas das Pessoas. O Pai é o próprio Deus, pois é Deus que se compreende; o Verbo é Deus, pois é Deus compreendido e expresso por si mesmo; o Espírito Santo é o próprio Deus, pois é *Deus amado* por si mesmo. Há, portanto, um só Deus, o que *se compreende* realmente, *que diz* realmente o *que Ele é e que se*

[1230] Omne quod procedit ab altero per modum geniti, procedit secundum similitudinem speciei a generante. (Ibid., c. 19).

[1231] *Necesse est* igitur quod amor quo Deus est in voluntate divina ut amatum (o objeto amado) in amante, et a Verbo Dei, et a Deo cujus est Verbum, procedat. (Ibid.)

[1232] Ver Santo Tomas, ibid., c. 18, e p. 1, q. 37, a. 1.

[1233] Contra Gentiles, l. 4, c. 14.

[1234] *Sujets des Confér. Ecclés*. du diocese d'Aoeste pour l'an 1899, Réponses..., 2[e] Confér.

ama realmente. Não se pode conceber a ausência destes atos[1235] de uma única essência divina do Ser infinitamente perfeito. E estes atos vitais são realmente distintos entre eles, uma vez que, segundo Santo Tomás, as distinções que existem entre as Pessoas divinas são as menores distinções reais[1236], pois todos os seres finitos, realmente distintos uns dos outros, têm mais contrastes entre eles do que as Pessoas divinas entre elas".

791. – Em nós mesmos encontramos imagens deste sublime e suave mistério. Mas, simplesmente imagens, porque nós somos finitos.

Também encontramos em nós mesmos aquilo que somos e o que nos é necessário para cumprir todos os deveres para com Deus, para com nosso próximo e para conosco mesmos. Nós exprimimos em nosso espírito a ideia que temos de nós mesmos, comparamo-la ao ideal que devemos imitar, lembramos dela no futuro, consultamo-la como uma regra de conduta, imitando assim a Sabedoria em Pessoa, que é o Verbo.

Nós nos amamos também a nós mesmos. E este amor, que nos é prescrito pela natureza e pela lei divina, serve de modelo ao amor que devemos ter ao nosso próximo.

Mas, nosso pensamento, nossa expressão e nosso amor são acidentes em nossa alma, como atos que brotam da potência. Somente as faculdades nos são essenciais. E daí vem que imitamos, de maneira infinitamente distante, a Trindade divina.

Também somos, substancialmente, vegetais, animais e homens. Como vegetais, crescemos e alimentamos; como animais, movemo-nos e sentimos; como homens, pensamos e queremos livremente. Nossa única natureza humana vem desta tríplice vida, que, no fundo, é a vida humana[1237].

Como é, portanto, insensato quem, sendo três em si mesmo, e um, num certo sentido, ousa contestar a trindade das Pessoas divinas em um só Deus?

[1235] Generatio divina attenditur secundum operationem... interius manentem. (De Pot., q. 9, a. 9, ad 4^{m}. Alia atributa (a sabedoria, a bondade, etc.) non habent operationem intrinsecam secundum quam possit attendi processus divinae personae, sicut intellectus et voluntas. (Ibid., ad. 19^{m}.). As pessoas da Trindade devem, então, ser consideradas como a vitalidade divina desdobradas do interior.

[1236] Patet quod ex imperfectione quae in relationibus creatis esse videtur, non sequitur quod personae divinae sunt imperfectae, quae relationibus distinguuntur; sed sequitur quod divinarum personarum mínima sit distinctio. (*Ibid*., c. 14, ad finem).

[1237] Por causa de sua tríplice e inegável imperfeição o homem é apenas uma pessoa. Mas Deus, soberanamente simples e infinitamente perfeito sob todos os aspectos, é necessariamente em três Pessoas iguais.

Enquanto finitos, somos compostos, ao passo que Deus, o Infinito, o ato puro, é em três Pessoas, sem que isto o torne um composto.

Parece-nos que objeções que tentaram fazer contra a Trindade podem ser resolvidas sem dificuldade pela consideração da infinita perfeição do Ser absoluto e pelo exame atento das características próprias a cada Pessoa. Mas, a natureza de nosso trabalho não nos permite aprofundar esta questão. Então devemos nos contentar com alguns pontos de vista gerais e convidar o leitor, caso ele deseje conhecer mais pormenorizadamente, a ler as magníficas e numerosas explicações de Santo Tomás sobre a Trindade.

792. – Apenas acrescentamos, com o Príncipe dos teólogos, que não se pode conceber em Deus mais do que três Pessoas e que estas pessoas são de modo a que a Vida divina se desenvolve fora dela. – *Deus se concebendo a si mesmo* e, com Ele, todas as coisas, é infinito como tal; tudo que há de paternidade em Deus se encontra nele. É, portanto, impossível que haja em Deus mais de um Pai. Igualmente *Deus compreendido*, Deus expresso em imagem substancial, o que compreende também a expressão de todas as coisas, e também Infinito como Verbo. Portanto, não pode haver em Deus senão um só Verbo. Paralelamente o amor mútuo do Pai e do Filho, infinito como amor, inclui todo amor pessoal e torna impossível em Deus um outro Espírito Santo, ainda mais quanto este amor envolve também, por causa de sua infinitude, tudo que é ou pode ser fora de Deus.

"Há em Deus uma como que espécie de circulação de operações do intelecto e da vontade, porque a vontade retorna àquilo que foi o princípio da intelecção. Mas, para nós, o círculo se completa com aquilo que está fora de nós. Porque o bem exterior move nosso intelecto; o intelecto move a vontade; e a vontade entende pelo desejo e pelo amor ao exterior. Para Deus o círculo se fecha nele mesmo. Porque Deus, concebendo-se a si próprio, concebe seu Verbo, que é também a razão de todos os objetos compreendidos por Ele, porque Ele compreende todas as coisas compreendendo a si próprio. E deste Verbo procede o amor de todas as coisas e dele próprio. O que levou alguém a dizer (Mercure-Trismégiste ou Hermes) que *a mônada*[1238] *gerou a mônada e dobrou seu ardor nela mesma*. Mas, logo o círculo esteja fechado, nada se pode acrescentar. É por isto que é impossível uma terceira processão na natureza divina, mas segue, depois, (de uma

[1238] Mônada - No sistema de Leibniz, é a substância simples, ativa, indivisível, de que todos os entes são formados.

maneira livre) a processão da natureza exterior"[1239], quer dizer fora, pela criação e pelas diversas influências divinas sobre as coisas finitas.

793. – Há teólogos que não ousam dizer que as Pessoas divinas têm modos de ser do Espírito infinito e que desaprovam esta maneira de pensar e de se exprimir. Quanto a nós, adotamos facilmente a ideia do padre Perrone, que vê em Deus a Trindade com *modos distintos de existir*[1240]. Santo Tomás tem a mesma linguagem, como iremos provar. "O nome, diz este grande homem, que significa a natureza com *tal modo de existir*, é a hipóstase ou a pessoa... O nome da *pessoa* significa a natureza racional *sob tal modo de existir*... A pessoa está incluída no gênero da substância, não como uma espécie, mas *como designando um modo especial de existir*... A Pessoa é *a existência incomunicável da divina natureza*"[1241] (diferentemente da divina natureza tomada absolutamente, que é comunicável às três Pessoas). E ainda: "A Pessoa significa uma natureza *com um certo modo de existir*... *O modo de existir* que comporta a pessoa é digníssimo"[1242]. – "Nas coisas divinas *este modo*, pelo qual Deus está em Deus como a coisa compreendida na mente que a compreende, expressa por aquilo que nós designamos o Filho, que é o Verbo de Deus; igualmente *o modo*, pelo qual Deus está em Deus como objeto amado na faculdade amante, nós o exprimimos admitindo em Deus o (Santo) Espírito, que é o amor divino"[1243].

794. – Parece-nos, então, que não pode haver dificuldade nesta questão. *Deus é*: é necessário que Ele seja de algumas maneiras. Estas maneiras não podem ser acidentes em Deus, como vimos. Elas são, portanto, modos de ser de sua substância: substância e modos ao mesmo tempo. Mas sua substância é toda espiritual e toda em ato e não cessa de ser operante: as Pessoas são, pois, operações divinas. Elas são como a vida de Deus, a vida inteligente, a vida amante do Ser absoluto. E esta vida, que está formalmente em Deus, e que é Deus, irradia em toda a imensidade do Espírito infinito, e forma o imenso Paraíso dos espíritos e dos corações dos Eleitos. O Paraíso por exce-

[1239] De Potentia, a. 9. Ver também Suma Teológica, 1, q. 41, a. 6.
[1240] Tratado da Trindade, c. 2, prop. 4.
[1241] *De Potentia,* q. 9, a. 2, em quase todas as respostas às dificuldades.
[1242] Ibid., a. 3.
[1243] *Compêndio de Teologia*, c. 46, obra de Santo Tomás. O mesmo santo Doutor diz também: "Licet tota et perfecta divinitas sit in qualibet trium personarum secundum proprium modum existendi, tamen ad perfectionem divinitatis pertinet ut sint *plures odi existendi* in divinis, ut seilicet sit ibi a quo alius et ipse a nullo, et aliquis qui est ab alio". (*De Potentia*, q. 9, a. 54, ad 23^{m}).

lência! O Paraíso que constitui a felicidade essencial dos bem-aventurados!

Agrada a Deus que contemplemos um dia tais esplendores infinitos, que vivamos de sua vida, e que sejamos contentes de tua felicidade! Porque *aquele que se une ao Senhor é um só espírito com ele* (1ª Cor., VI, 17).

Quinto Ponto: Influência do Céu da Santíssima Trindade sobre as criaturas

795. – Ao começar o estudo e a meditação das influências exercidas pelo Céu uno e trino sobre as criaturas, constatamos inicialmente que a soberana bondade, a soberana felicidade e a soberana glória de Deus exigem que Deus seja a caridade infinita e que esta requer a trindade das pessoas divinas.

Em seguida, tendo contemplado a caridade e a suprema ordem em sua fonte, nós as veremos se refletir como um oceano de luz, de amor, de harmonia e de influências beatificantes sobre tudo aquilo que deve participar da felicidade divina.

796. – "A perfeição da bondade, da felicidade e da glória de Deus, diz Santo Tomás, exige que haja em Deus uma verdadeira e perfeita caridade; porque nada há de melhor e de mais perfeito do que a caridade... Mas a felicidade não existe sem a alegria, que é produzida sobretudo pela caridade... Nada há de mais doce e de mais alegre do que a caridade; a vida intelectual não experimenta nada de mais suave do que as delícias da caridade e o desfrutar de uma delectação tão agradável. Igualmente a perfeição da glória consiste numa certa magnificência de uma comunicação perfeita operada pela caridade. Ora, a verdadeira e perfeita caridade exige o número de três Pessoas em Deus. Porque o amor pelo qual alguém ama a si mesmo é um amor privado e não é, em nada, a verdadeira caridade".

"Mas Deus não pode amar soberanamente um outro que não seja soberanamente amável. E este não é soberanamente amável se não é soberanamente bom. De onde aparece claramente que a verdadeira caridade não pode estar soberanamente em Deus se nele houver apenas uma Pessoa. Nem pode ser perfeita se houver apenas duas, pois a perfeição da caridade exige que quem ama queira que o objeto de seu amor igualmente seja amado por um outro. Com efeito, é indício de grande imperfeição não poder suportar a participação no amor; e o poder suportá-la é sinal de grande perfeição. Admitir a participação no amor e com ela se felicitar vivamente é procurar com maior desejo o

bem do objeto amado... Portanto, havendo em Deus a perfeição da bondade, da felicidade e da glória, é necessário que as pessoas divinas sejam em número de três"[1244].

797. – Portanto, se em Deus há necessariamente três Pessoas, é sobretudo porque Ele é a caridade infinita: *Deus é caridade; e quem permanece na caridade permanece em Deus e Deus nele* (1a Jo., IV, 16). Também, diz São Cipriano, *estamos no Pai, vivemos do Filho, movemo-nos e progredimos no Espírito Santo*"[1245].

Estamos no Pai porque Ele *é o princípio de toda a divindade*, nos dizeres de Santo Agostinho[1246], porque Ele não é engendrado e nem procede. Assim há uma certa semelhança pessoal com a asseidade[1247], que nós concebemos como aquilo que há de primeiro e de mais essencial em Deus. Ele *principia* eternamente e necessariamente as outras Pessoas. Isto porque a Ele se atribui especialmente o poder, que nos faz existir: "O poder é um princípio, diz Santo Tomás, por onde Ele assemelha ao Pai Celeste, que é o princípio de toda a divindade"[1248].

Nós vivemos no Filho porque *todas as coisas foram feitas por Ele; e nada do que foi feito, foi feito sem Ele. Nele estava a vida*" (Jo., I, 3 e 4). Vivemos de uma vida participada, comunicada. Ora, a suprema vida comunicada, é o Verbo, que recebe do Pai, eternamente e necessariamente, a natureza vivente de Deus. E esta suprema comunicação vital é o princípio necessário de toda comunicação vital e livre, para fora. Também nada existe e nada vive senão pelo Verbo, porque o Verbo é, por assim dizer, a própria *existência*, o primeiro *participado*, o primeiro engendrado, o primeiro que procede, e a causa exemplar de tudo o que *participará* da existência e da vida. E porque *o Verbo, concebido em Deus entendendo-se a si mesmo, é apenas um e exprime ao mesmo tempo Deus e todas as coisas*[1249]. Sendo Deus soberanamente compreendido e exprimido, Ele é por aí o ideal de tudo o que Deus pode fazer, ou fez, fora. – "Nestas palavras: *Deus diz e tudo foi feito*, compreendemos que Deus produziu o Verbo, pelo qual Ele realiza as coisas como por sua razão (ou sua noção) perfeita"[1250].

[1244] *De Potentia*, q. 9, a. 9, Sed contra.

[1245] Livro *De Baptimo Christi*.

[1246] L. 4 *De Trinit.*, c. 20. Essentia divina est in Patre ut non accepta, in Filio ut accepta etc. S. Tomás, opusc. 9, q. 11.

[1247] Asseidade = Qualidade fundamental de Deus que o distingue de todos os demais seres do universo, pela qual Ele possui em si mesmo a causa ou o princípio de sua própria existência, sendo portanto incriado, além de absolutamente autônomo, livre e incondicionado.

[1248] 1. Q. 39, a. 8.

[1249] S. Tomás, *Contra Gentiles*, l. 4, c. 13.

[1250] S. Tomás, ibid.

Em outras palavras, o Verbo não é somente o ideal pelo qual Deus fez as coisas, como por um conhecimento abstrato que não tivesse nada de substancial e de vitalmente agente; mas Ele subsiste realmente; é um ideal, em substância e pessoa, que tem toda a natureza divina, que age como causa eficiente e ao mesmo tempo como causa exemplar[1251]; e como a própria vida, considerada como participada e como recebida, nós vivemos nele como reflexos da suprema vida participada, como ondulações longínquas desta vida.

Oh, ao Verbo como é conveniente a vida comunicada por excelência, o Se encarnar-se para expandir e proteger esta vida! *A vida que se manifestou, e nós a vimos..., e vos anunciamos esta vida eterna, que estava no Pai e que nos apareceu a nós*" (1a Jo., I, 2). E ainda é esta mesma vida, eternamente recebida, que, pela humanidade santa de Nosso Senhor jesus Cristo, se pôs inefavelmente ao nosso alcance no sacramento eucarístico. Como Deus quer nos deificar! Como será sublime nossa grandeza na Pátria Celeste!

Nós nos movemos e progredimos no Espírito Santo. *Propriamente falando*, é o Espírito Santo sobretudo e é este Espírito, porque *é Deus procedendo à maneira de amor; e como o amor significa uma certa virtude motriz*[1252], que nos move e nos faz progredir. "Objeto amado está na vontade como algo que, de alguma maneira, intrinsecamente, inclina e impulsiona aquele que ama para a coisa amada. Ora, o impulso intrínseco de um ser vivo pertence ao espírito. Portanto, é conveniente a Deus, procedendo por esta maneira do amor, ser designado por Espírito, sua respiração sendo uma espécie de aspiração..."[1253]. "Como o Espírito Santo procede à maneira de amor, e que o amor tem uma certa força impulsiva e motriz, o movimento que Deus imprime às coisas, ou que as coisas receberam de Deus, deve, parece, se atribuir propriamente ao Espírito Santo..."[1254].

"A bondade de Deus é a razão do querer as coisas, e é sua vontade que dá o ser a elas. E é porque Deus ama sua bondade a causa da criação das coisas... Se o impulso e o desejo convêm ao Espírito Santo enquanto sendo amor, atribui-se-lhe convenientemente também a vida, como diz São João (VI, 64): *É o espírito santo que vivifica*"[1255]. Portanto, se vivemos no Filho porque Ele eternamente nos exprimiu, por-

[1251] Ibid. O Filho é também a *Sabedoria*, não a sabedoria considerada como qualidade, mas a Sabedoria Hipostática, que é substancial e agente como pessoa.
[1252] Santo Tomás, Contra Gentiles, l. 4, c. 23.
[1253] Ibid., 19.
[1254] Ibid., c. 20.
[1255] Ibid.

que, por sua geração, Ele abriu o caminho a todas as participações secundárias, porque Ele agiu como ideal pessoal na criação e na Encarnação, movemo-nos e progredimos no Espírito Santo, porque isto foi determinado pela vontade divina ao criar, e porque, como Espírito, Ele sopra sobre nosso movimento vital para o fortificar e o regular; porque, sendo o amor em Pessoa, o amor vivo e substancial, Ele nos infunde o amor de Deus, nosso fim último, o que nos impulsiona e nos eleva, poderosamente, até que alcancemos nosso supremo destino.

798. – Como a vida trina do Ser Absoluto se reflete sobre todos os seres como flocos luminosos e vivificante de Deus! Nada se faz nas criaturas que em Deus não se faz eternamente, necessariamente e eminentemente.

Mas, como os seres finitos não podem ter senão uma bondade finita, é livremente que o Pai às *concebe*, com uma concepção prática, para os criar; que o Filho os *exprime* como devem existir; e que o Espírito Santo os *ama* para os fazer decretar. Entretanto, querendo-as livremente, Deus os faz participar das operações vitais da Santíssima Trindade.

Como é sublime a origem primeira do poder limitado e diversificado, do conhecimento intelectual ou instintivo, do amor e das tendências das criaturas! Oh Céu da Trindade, como vossas influências são maravilhosas!

"Cada coisa é amada segundo sua bondade. Ora, como a bondade do Pai, do Filho e do Espírito Santo é a mesma e não é senão uma, é pelo mesmo Amor, que é o Espírito Santo, que o Pai ama a si próprio, o Filho e o Espírito Santo, *e toda criatura*"[1256].

E como a criatura não pode ser boa senão de uma bondade limitada e com ela em nada é necessária, segue-se daí que Deus não pode querê-la praticamente a não ser de uma maneira livre, e por efeito de sua liberal bondade.

O Anjo da Escola insiste particularmente sobre essa doutrina: "Como dissemos, acrescenta ele, que uma árvore floresce por suas flores, assim dizemos que o Pai, *dizendo* pelo Verbo ou pelo Filho, Ele mesmo e a criatura; e nós dizemos que o Pai e o Filho *se amam*, pelo Espírito Santo ou pelo Amor procedente, a Eles mesmos e a nós"[1257]. E ainda: "O Pai ama pelo Espírito Santo não só o Filho, mas também a si mesmo e a nós. Pois, *amar*, tomada pessoalmente (*notionaliter*), não

[1256] *De Potentia*, q. 9, a. 9, ad 13[m].
[1257] 1, q. 37, a. 2.

só importa à produção de Pessoa divina, mas ainda, à Pessoa produzida pelo amor, a qual tem relação com a coisa amada. Por onde, assim como o Pai se diz de si mesmo e de todas as criaturas; assim, ama-se a si e a toda criatura, pelo Verbo que gerou, enquanto o Verbo gerado suficientemente representa o Pai e toda criatura; assim, ama-se a si e a toda criatura pelo Espírito Santo, enquanto este procede, como amor, da bondade primeira, pela qual o Pai ama a si e todas as criaturas. E assim também é claro, que o Verbo e o Amor procedente importam relação com a criatura, como secundariamente, enquanto a verdade e a bondade divina são princípio de inteligir e de amar todas as coisas"[1258].

799. – Daí resulta claramente, é o que nos parece, que o Céu da Santíssima Trindade é como a atmosfera divina que liga o fim ao Céu da imensidade e da infinitude de Deus. Deus é infinito sobre todos os aspectos. Ele é, portanto, pela sua perfeição absoluta, o que há de mais distante do finito. As Pessoas divinas, consideradas formalmente como Pessoas, são infinitas apenas em seus caracteres pessoais, o Pai como Pai, o Filho como Filho e o Espírito Santo como tal, mas não diretamente o Pai como Filho; o Filho com Pai, etc.: o que removeria as distinções reais das Pessoas. Donde se segue que estas augustas Pessoas, *sendo muitas coisas subsistente na natureza divina*[1259], têm mais analogia e semelhança com as criaturas que Deus considerado absolutamente, quer dizer que Deus, por suas Pessoas, se aproxima mais dos seres finitos do que por sua essência.

É por isto que os Bem-aventurados veem sobretudo a essência divina pela Trindade, e não a Trindade pela essência de Deus.

Também vimos, segundo Santo Tomás (n. 792), que imediatamente após às processões divinas e pessoais, operadas pela inteligência e pela vontade, é necessário colocar *a processão na natureza exterior*.

O princípio imediato da criação é a Santíssima Trindade, à qual é necessário relacionar tudo o que Deus realiza fora. Deus nada pode criar sem pensar em si mesmo, sem se exprimir a si mesmo pelo Verbo, e sem amar a si mesmo pelo Espírito Santo. Tudo aquilo que Deus faz fora de si não é, como dissemos, senão um reflexo, liberalmente produzido, de atos vitais pelos quais Deus é trinitário.

[1258] Ibid., ad 3[m].
[1259] Suma Teológica, 1. Q. 30 a. 1.

Por conseguinte, é ao Céu da Santíssima Trindade que os bem-aventurados devem a visão do Céu infinito, que é a essência divina.

800. – Também Santo Tomás nos diz: *A própria visão das pessoas divinas nos conduz à beatitude*[1260]. É verdade que algumas edições da *Suma Teológica* têm a palavra *missão* no lugar de *visão*, mas parece-nos que isso equivale quase a mesma coisa, pois a graça e a glória, tendo a mesma natureza e distinguindo-se apenas como o imperfeito do perfeito na mesma espécie, também são conferidas de acordo com o mesmo processo divino. Assim como a graça nos vem pelas Pessoas divinas, a luz da glória nos virá pelas mesmas Pessoas, e, vendo a Trindade, *nós veremos Deus Face-a-Face tal como Ele é*.

801. – "Toda criatura é um ser participado. Por conseguinte, um intelecto criado não pode ver Deus em essência, senão quando Deus, por sua graça, se une ao intelecto criado como objeto inteligível a este intelecto"[1261]... "Se se tratasse apenas de uma só e mesma coisa que fosse ao mesmo tempo princípio da força visual e objeto da visão, seria necessário que o *vidente recebesse, conjuntamente, esta coisa, a força* visível e a forma pela qual ele visse... Como a força intelectiva da criatura não é essência de Deus, deve-se concluir daí que ela é uma semelhança e uma participação daquele que é o primeiro intelecto. Donde se segue que a virtude intelectiva da criatura é denominada de luz inteligente, como derivada da suprema luz, o que se entende como sendo a virtude (intelectual) natural, ou uma participação sobreposta pela graça ou pela glória"[1262]. O Príncipe dos Teólogos confirma assim, poderosamente, aquilo que acabamos de dizer.

A criatura não tem nada de participado; e toda participação fora é uma associação às operações vitais, intrínsecas, divinas, de onde resulta a Trindade das Pessoas em Deus.

Daí se segue rigorosamente que todos os seres finitos nascem, vivem, caminham para seus fins, atingem esses fins e neles repousam, em virtude das influências diretas do Céu da Santíssima Trindade. Quando Santo Tomás diz que *uma só e mesma coisa*, como no nosso caso, é o princípio da virtude visível e o objeto da visão, elas não se excluem, mas pressupõe a Trindade, que é essencial em Deus, que nós concebemos como o último complemento da substância divina e como

---

[1260] 2ª 2ae, q. 2, a. 8, ad 3m.
[1261] Suma Teológica, 1, q. 12, a. 4.
[1262] Ibd., a. 2.

a condição indispensável, para não falar mais, do desenvolvimento da sua atividade fora.[1263]

802. – Na realidade, Deus age, então, como sendo em três Pessoas, se bem que o modo de operar fora dele, mesmo que não possa ser conhecido seguramente pela razão, mas apenas por meio da Revelação, é concebendo a si mesmo, ou como Pai, que Deus concebe todas as coisas; é expressando-se, como Verbo, que Deus expressa o finito; é querendo-se pessoalmente, como Amor, que Deus cria, mantém e conduz a seus fins os seres limitados.

Dizemos que este modo divino de operar fora ultrapassa a capacidade natural da razão. Com efeito, se é possível, considerando-se as criaturas, conhecer a existência e os principais atributos do Criador, não é possível igualmente conhecer por este meio o modo de operar da Causa. Este conhecimento é de uma ordem superior. Os efeitos não refletem claramente este modo, e nós não podemos apreendê-lo com segurança como sendo a própria Causa[1264].

803. – Entretanto este modo divino de agir fora é ultra real e não consiste somente numa *apropriação* das diversas operações às Pessoas segundo suas características pessoais, por uma espécie de conveniência. Há mais. É que "as divinas Pessoas têm, *conforme a razão de sua processão*, a causalidade no que diz respeito à criação das coisas..., porque Deus é causa das coisas por sua inteligência e por sua vontade...

Donde se segue que Deus Pai operou a criação por seu Verbo, que é seu Filho, e por seu Amor, que é o Espírito Santo.

E assim as procissões das Pessoas são as razões da produção das criaturas, na medida em que essas procissões incluem os atributos essenciais, que são a ciência e a vontade...

Se bem que a natureza divina seja comum às três Pessoas, é, entretanto, segundo uma certa ordem que esta natureza lhes convém, na medida em que o Filho a recebe do Pai e o Espírito Santo, dos dois.

E o mesmo com a virtude criativa, que, embora comum às três Pessoas, a elas convém entretanto uma certa ordem, porque o Filho a recebe do Pai, e o Espírito Santo, de um e de outro.

Donde resulta que se atribui a criação ao Pai, porque Ele não recebe de um outro a virtude criativa.

[1263] Non esset omnimoda perfectio in divinis, nisi esset ibi processio verbi et amoris. S. Tomás, *De Potência*, q. 9. a. 5, ad 23[m].

[1264] Ver Suma Teológica, 1, q. 32, a. 1.

Diz-se do Filho que tudo foi criado **por** Ele (Jo., I, 2), porque Ele recebeu de um outro a virtude criativa... e que Ele é o princípio derivado do princípio.

E ao Espírito Santo, que recebe esta virtude das duas outras Pessoas, a Ele se atribui o domínio, o governo e a vivificação das coisas criadas pelo Pai e pelo Filho"[1265].

O Anjo da Escola fala em seguida da *apropriação* propriamente dita, que não pode ser confundida com o raciocínio que acabamos de expor.

804. – Apropria-se às Pessoas divinas os atributos essenciais, como o poder, a sabedoria, a bondade. Mas a inteligência de Deus e sua vontade são atributos vitais, que, dando origem à trindade das Pessoas, ou formando-a, constitui também essa atmosfera vital, o Céu uno e trino, onde vivem todos os seres finitos, particularmente os seres inteligentes, e sobretudo aqueles que foram glorificados.

Os atos interiores da inteligência e da vontade de Deus não são, portanto, *apropriados* às Pessoas, mas eles se constituem e se distinguem realmente entre si. Portanto, quando as procissões divinas irradiam livremente para fora, em *vestígios* e *imagens*, percebemos nas criaturas, pelos olhos da fé, alguma coisa além dos reflexos dos atributos essenciais da divindade, atributos que se apropriam às pessoas. Observamos ainda participações especiais nos atos vitais pelos quais Deus é Trindade, o que nos ajuda a, mais tarde, melhor compreender a teoria da graça e da luz da glória.

De momento, contentemo-nos em considerar as irradiações do Céu trino, nos *vestígios* e nas *imagens*.

805. – "A semelhança das três Pessoas divinas, diz Santo Tomás, aparece triplamente nas criaturas:

– 1º) Assim como efeito representa a causa, sem representar a forma da causa; assim como a fumaça representa fogo sem reproduzir a luz; o calor, a utilidade; esta representação da causa pelo efeito é aquilo que nós denominamos de *vestígio*.

Sob este aspecto, o princípio da divindade, quer dizer, o Pai, é representado por aquilo que primeiramente há na criatura, quer dizer, naquilo que a *criatura é una, subsistente em si*, ou, por assim dizer em uma palavra, na medida em que ela sub-

[1265] 1, 1, q. 45, a. 6.

siste (que a mantém). Mas o Verbo é representado pela forma de qualquer criatura; porque, nas obras de um ser inteligente, a forma do efeito deriva da concepção do ser inteligente. Assim um palácio é conforme ao plano do arquiteto que dirigiu os trabalhos. As *formas dos seres criados* representam, então, o Verbo.

Quanto ao Amor, o Espírito Santo, Ele é representado pela *ordem imposta à criatura*, pois, é em virtude do amor que Deus tem a si mesmo que Ele faz girar todas as coisas em sua direção, numa certa ordem; e esta semelhança é chamada de *vestígio*, porque o vestígio representa o suporte como o efeito representa a causa, mas sem nos falar das qualidades da causa, e sem reproduzir a maneira de como a causa operou.

– 2º) A criatura representa a Trindade segundo o modo dela operar; e assim a Trindade é refletida como uma criatura inteligente que pode compreender e amar a si mesma, à imitação de Deus, e produzir o verbo e o amor de si mesma. Nisto está a semelhança natural da *imagem*, porque as coisas que representam a imagem das outras são aquelas que mostram uma aparência semelhante... Nas criaturas racionais, que têm inteligência e vontade, encontra-se a apresentação da Trindade à maneira de *imagem*, uma vez que elas têm um verbo concebido e um amor que procede.

– 3º) A criatura representa a Trindade pela unidade ou pela identidade do objeto, enquanto que a criatura racional conhece e ama Deus. Nisto há uma conformidade de união, que se encontra nos santos; naqueles que, conhecendo e amando a Deus, conhece e ama o próprio objeto que é conhecido e amado por Deus, e que é o próprio Deus.

Esta é a primeira das semelhanças de que fala Jó, quando diz: *Compreenderás, porventura, os vestígios de Deus*? (XI, 7). O Genesis exprime assim a segunda (semelhança): *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança* (I, 26); e São Paulo menciona a terceira, dizendo: "*Para nós todos, contemplando face-a-face a glória do Senhor, somos transformados na mesma imagem de claridade em claridade, como pelo Espírito do Senhor*"[1266].

[1266] 2ª Cor. III, 18. Neste número fundimos e explicamos um pouco duas passagens de Santo Tomas: *De Potentia*, q. 9; e 1, q. 45, a. 7.

806. – Em outro lugar Santo Tomás explica melhor ainda como nossa alma é imagem da Trindade. "*No início, a alma recebe e retém as espécies* (dir-se-ia as fotografias intelectuais das coisas que ela conhece), *e assim nós temos a memória* (não a memória sensitiva que tem também os animais, mas a memória intelectual, a memória das ideias). *Alma conhece* (ou compreende) *as espécies que ela retém, e assim nós temos a inteligência* (que lê as espécies como se lê livro, *intus legere*, e compreende o significado). *A seguir, as coisas retidas e compreendidas, a alma aceita como objetos que lhe agradam, e temos a vontade. Daí se segue que a inteligência procede da memória* (intelectual), *porque, se a alma recebesse as espécies, ela não reteria e não as compreenderia. E assim a vontade procede da memória pela inteligência, porque, se não houvesse a compreensão das espécies, a vontade não as amaria. Vê-se por aí que essas três coisas são os atos de somente uma alma. E que o segundo procede do primeiro, e que o terceiro procede dos dois outros: Como três pessoas numa só essência e uma procedendo da outra, e a terceira das duas anteriores*"[1267].

807. – É óbvio que o mesmo procedimento é seguido nas operações sobrenaturais ou gloriosa das almas humanas e dos espíritos angélicos. Porque, se o próprio Deus, pela necessidade de sua natureza infinitamente perfeita, age como Trindade, suas imagens espirituais e finitas não podem em nenhum caso se subtrair a esta lei. Eis porque é, desde o início, a visão intuitiva de Deus que beatifica os eleitos; depois a compreensão, conforme o grau de capacidade do ser contemplador e, finalmente, o deleite que procede dos dois primeiros atos.

808. – Nós vemos, então, *vestígios* e *imagens* da soberana Trindade, no conjunto dos tempos, dos lugares, das coisas e das pessoas criadas[1268].

Ora, estes vestígios e estas imagens se reportam não somente à Santíssima Trindade, como à sua suprema causa exemplar, mas também como à sua causa eficiente, porque as Pessoas divinas são subsistentes e agentes. Elas criam, conservam, governam, santificam e glorificam. Por conseguinte, tudo o que existe ou que vive fora de Deus, existe e vive pelas influências daquilo que nós denominamos de Céu da divina Trindade.

[1267] Libr. I *Dist.* 3, q. 2, a. 1.

[1268] Percorramos, com o pensamento, os céus, a terra e os infernos... por todos os lugares há coisas ou pessoas criadas, e cada uma dessas coisas ou cada uma dessas pessoas, é um vestígio ou uma imagem da Trindade divina. E é a Trindade que mantém, sem cessar, esses vestígios e essas imagens, como o sol que sempre torna a lua luminosa, numa face ou noutra.

Céu que é a supremo vida; vida una, porque é infinita; vida trina, porque engendra no próprio Deus uma pluralidade, cuja irradiação exterior dá lugar à multidão indefinida de coisas e pessoas, que participam da vida por excelência.

Como é belo este Céu imenso, que consiste numa vitalidade infinita, soberanamente gloriosa e beatificante! Vida essencial, suprema expansão da vida por suas processões, eternamente, e adequada para comunicar imortalidade e fixação no bem! Imensa e toda inteira, em todos os lugares, até que ela se desenvolva e alcance a Jerusalém celeste! e com que firmeza ela aí se estabelecerá! Por toda parte visível aos eleitos e contemplada tal como é, quer dizer, una e trina, oceano imenso de ordem, de beleza, de verdade, de luz, como inundará de glória, de charmes e divina harmonia, um universo renovado!

Trina porque que é a própria Caridade, e fazendo de todos os seres seus *vestígios substanciais* ou suas *imagens vivas*, na suprema bondade e na inefável harmonia de suas três hipóstases que ela quer a todos envolver para ao final elevar *tudo em todas as coisas* (1a. Cor., XV, 28).

Ó homens! Ó sábios! o que ainda é inexplicável na natureza, já que é evidente que ela se move e vive em tal elemento? Pode seguir inúmeras causas segundas, mas a causa primeira, eis-la toda resplandecente em sua incomparável majestade; e já que em tudo nós somos chamados a contemplar um dia *tal como ela é*, o que incluirá o conhecimento das causas das causas. No presente nossa principal ocupação é procurar merecer essa glória e essa felicidade. Ó Trindade adorável, volveis para vós todos os olhares afetuosos de nossos corações. É vós que sois nosso bem essencial.

Quanto às criaturas que nos tentam, elas devem servir apenas a nós, e somos nós que devemos ser o bem imediato delas.

809. – Vamos resumir esta meditação em algumas belas passagens dos santos a respeito do assunto que nos ocupa.

“Como o Pai faria alguma coisa sem seu Filho único e sem seu Espírito Santo as obras da divindade são inseparáveis? E se o Pai deu o poder ao Filho, enquanto Homem, deu a Ele através do Verbo, porque o Verbo é o Filho de Deus. *Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito* (Jo., I. 3). Mas é para honrar convenientemente que Nosso Senhor Jesus Cristo atribui ao próprio Pai aquilo que que Ele próprio fez como Deus, porque Ele é Deus de Deus; é Deus engendrado de

Deus, enquanto que o Pai é Deus não engendrado de Deus"[1269]. – "Tudo o que faz a Trindade deve ser estimado como feito ao mesmo tempo pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo"[1270]. – Encontra-se vestígio da própria Trindade no homem exterior"[1271]. – "No pensamento (do homem) realizasse uma unidade que consta de três coisas, quer dizer, da memória, da visão interna, e dá vontade que une entre elas os dois primeiros atos"[1272].

"Como homens, diz Santo rostinho, somos criados à imagem de nosso Criador, que possui a verdadeira eternidade, a eterna verdade, a eterna e verdadeira caridade, e que é ela própria a eternidade, a verdadeira e querida Trindade, não confusa e nem separada. Quanto às coisas que nos são inferiores, elas não existiriam de modo algum, não estariam contidas em nenhuma espécie, não desejariam uma ordem nem a manteriam, se não tivessem sido feitas por aquele que é soberano, que é soberanamente sábio, que é soberanamente bom. Percorrendo todas estas obras estabelecidas com tanta solidez, recolhemos seus vestígios gravados mais ou menos bem em todos os seres; e considerando em nós mesmos sua imagem, voltando-nos a nós mesmos como o moço pródigo do Evangelho (Luc. XV, 18), levamo-nos a retornar àquele do qual, ao pecar, nós nos distanciamos. Nele nosso ser será libertado da morte, nosso conhecimento será preservado do erro, nosso amor será livre de todo descontentamento."[1273] E a imagem da Trindade terá alcançado, em nós, seu mais alto grau de perfeição, sob as influências beatificantes da própria Trindade.

810. – Mas, durante nossa peregrinação na terra, "o Deus Trino, o Pai, o Filho e o Espírito Santo vêm a nós ao mesmo tempo que nós vamos a eles. Eles vêm a nós socorrendo-nos; nós vamos a eles obedecendo-os; eles vêm a nós esclarecendo-nos, nós vamos olhando para eles; eles vêm a nós enchendo-nos, nós vamos a eles recebendo-os, de maneira que o espetáculo das divinas Pessoas não esteja fora de nós, mas em nós, e que sua morada em nós não seja transitória, mas eterna"[1274]. – "A alma racional e intelectual é feita à imagem e semelhança de Deus a fim de que, como imagem, ela conheça seu criador, e, como semelhante, ela o ame. Porque, a título de imagem, ela tem a razão, e, a título de semelhança, ela tem a caridade. Mas a caridade

[1269] Santo Agostinho, *Contra Sermonem Arianorum*, c. 11.
[1270] Id., *Epistol. Class. I, Epist*. 11ª, n. 2, Edit. Migne.
[1271] Id., *De Trinit*., l. 11, cc. 1 et 2.
[1272] Ibid., c. 3. Ver também *Contr. Serm. Arian*., c. 16.
[1273] A Cidade de Deus, l. 11, c. 28.
[1274] *Tract. 76 in Jo. n. 4*.

representa a própria Trindade. A razão tem o sentimento da Trindade, e, quando está calma, ela a procura; mas é a caridade que a procura, e que, contemplando-a, se descansa na felicidade. Presentemente a fé a segue, a esperança a acompanha até o Céu; a caridade a abraça perpetuamente"[1275].

811. – "A santíssima Trindade brilha nas Sagradas Escrituras, mostra-se em figuras, reluz nas criaturas"[1276]. – Segundo São Cipriano, "a Trindade está escondida em todo lugar e em todo lugar ela é aparente"[1277]. – "A Trindade, diz São Jerônimo, se prega e se anuncia com bondade a todas as criaturas visíveis e invisíveis"[1278]. – "Toda a majestade da soberana Trindade, diz São Lourenço Justiniano, e a unidade desta majestade, brilham suficientemente na vida de todos os santos; conhece-se o Pai nas suas virtudes, o Verbo, na sua sabedoria; e o Espírito Santo, nos dons" que eles possuem"[1279]. – "Na escola do divino ensinamento da Trindade, diz São Cipriano, é o Pai que dá lições e que instrui; é o Filho que nos revela e nos explica os segredos; é o Espírito Santo que nos sacia e nos dessedenta. Nós recebemos do Pai o poder; do Filho, a sabedoria; do Espírito Santo, a inocência. O Pai escolhe, o Filho ama, o Espírito Santo junta e une. O Pai nos dá a eternidade; o Filho, a conformidade com a sua imagem (com a sua Humanidade); o Espírito Santo, a integridade e a liberdade"[1280]. – "Conhecer o Pai, o Filho e o Espírito Santo, é a vida eterna; e a beatitude perfeita é a suprema felicidade"[1281]. – "A Trindade... é este soberano bem que é contemplado pelos espíritos puríssimos"[1282].

Sexto Ponto: O Céu infinito ou a imensidade de Deus, segundo Santo Agostinho

812. – Dissemos antes (n. 754) que iríamos considerar, à parte, os ensinamentos especialmente de Santo Agostinho e de Santo Tomás sobre a imensidade divina. Comecemos agora a cumprir nossa promessa.

813. – Há teólogos que se atribuem apenas a si mesmos o título de tomistas e recusam este qualificativo para todos os teólogos que encontram em São Tomás o que esses mesmos tomistas não encon-

[1275] Id., *Lib. De Spiritu et anima*, c. 39.
[1276] S. Boaventura, l. 1, *Compend. Theol. verit*., c. 10.
[1277] *Expos. S. Symb. Apost*., c. 9.
[1278] Epístola 17, *ad Cyril., de expl.. fidei*.
[1279] De casto con., c. 19.
[1280] De Baptismo Christi, cap. 3.
[1281] São Bernardo, *libr. Medit*., c. 1.
[1282] Santo Agostinho, *De Trinit*., l. 1, c. 2.

tram. E, além disto, acusam-nos de não entender Santo Agostinho melhor do que entendemos o Anjo da Escola, quando esses grandes homens falam sobre a imensidão de Deus.

Temos em mãos uma obra recente composta por um "tomista puro", que representa sem dúvida fielmente a escola a qual eles pertencem. Lendo este livro[1283], aliás sério e muito bom sobre diversos pontos, de início temos surpresa ao ver que nossas ideias não combinam justamente com aquelas destes grandes mestres acima citados no tocante à imensidade divina. Um pouco mortificados, fomos às fontes, e a impressão desagradável logo se apagou. Descobrimos que Santo Agostinho e Santo Tomás são mais ou menos *estrangeiros,* quanto nós, à *escola tomista*. E a conclusão é que, a menos que nós nos enganamos, estamos em boa companhia. Vamos começar resumindo nosso próprio ensino usando as próprias expressões de R. P. Froget.

"Quando certos teólogos, estranhos à escola tomista, querem explicar a onipresença de Deus, dizem que Deus está em todo lugar por sua essência, de vez que a substância divina, sendo infinita, preenche o céu e a terra. Para eles a imensidade é uma propriedade (nós preferiríamos dizer: um atributo divino absoluto) em virtude do qual a essência divina é, por assim dizer, difundida ao infinito em todos os espaços existentes ou possíveis; a onipresença é a difusão atual do ser divino, sem misturar a eles, em todos os seres e todos os lugares reais[1284].

Poderíamos, portanto, de acordo com esta opinião, comparar a imensidade divina a um mar sem margens e sem limites, capaz de conter multidões inumeráveis de seres de toda a natureza e de todas as dimensões, no meio do qual se encontra mergulhado, no tempo, uma esponja que as águas penetram e transborda de todas as partes; imagem deste mundo, que a imensidade de Deus penetra e transborda de todos os lados; com esta diferença, todavia, que Deus está inteiro no mundo e inteiro em cada uma de suas partes, enquanto que cada porção do elemento líquido ocupa um espaço distinto. Santo Agostinho havia formado, na sua juventude, uma concepção semelhante sobre a imensidade divina[1285].

814. – Esta passagem expõe adequadamente nossa tese, mas não hesitamos em dizer que a afirmação que ela contém e que se refere à doutrina de Santo Agostinho é totalmente falha, como veremos. Re-

---

[1283] *Da habitação do Espírito Santo nas almas justas, segundo a doutrina de Santo Tomás de Aquino*, pelo R. P. Bar. Froget, da ordem dos Frades Pregadores. Lethielleux, Paris, 1898.

[1284] Aqui o autor nos dá em nota uma passagem de Hurter, S.J. e duas passagens de Suarez. Admitimos a doutrina que aí está expressa. Esta é também a nossa.

[1285] Froget, obra citada, c. I, part. II.

produzimos primeiro o que o Padre Froget pôde ler em Santo Agostinho.

"Ó meu Deus, ó vida de minha alma, disse ele em suas Confissões, eu vos creio grande de uma grandeza expandida nos espaços infinitos e penetrando a massa inteira do mundo, de tal sorte que se vós vos estendesse ainda a todas as partes além deste universo, sem ter nem fronteiras e nem limites; e que a terra, o céu e todas as coisas criadas estão cheias de vós, terminam em vós, que não tem fim em nenhuma parte. Porque este ar grosseiro que circunda o mundo em que vivemos não pode impedir à luz do sol a passagem através de sua substância, sem rasgá-la ou dividi-la, mas penetrando-a suavemente e preenchendo tudo com sua clareza; assim eu me afigurava que vós passais não somente através das substâncias do ar e da água, mas ainda que, penetrando a terra e a sua massa, inclusive em suas menores partes, em todas elas invisível e presente, vós governais, por esta união secreta e esta influência tão interior quanto exterior, todas as coisas que vós haveis criado.

"Tais eram minhas conjecturas, porque me era impossível imaginar outra coisa; mas eu estava no erro completo, *nan falsum erat*; porque, se fosse assim, uma parte maior da terra teria uma parte maior de vosso ser e uma parte menor conteria menos, e todas as coisas estariam cheias de vós, de tal maneira que o corpo de um elefante conteria uma parte maior de vossa substância do que o corpo de um passarinho, pois o elefante é maior e ocupa um espaço mais extenso; e igualmente na proporção de todas as partes do mundo, umas sendo maiores, outras menores, conforme suas diversas dimensões. Ora, isto não é assim (Santo Agostinho diz a Deus: *non es autem ita*, vós não existe *desta maneira*. Mas essa tradução não era, aliás, tomista); mas vós não havíeis ainda esclarecido minhas trevas"[1286].

815. – Coisa singular, o padre Froget não notou que esta passagem de Santo Agostinho se explica, por si mesma, a nosso favor e torna claro o que o Bispo de Hipona reprovou em suas ideias anteriores. Qual era este erro: *falsum erat.* Ei-lo: Se Deus existisse "*desta maneira* (*illo enim modo*), uma grandíssima parte da terra conteria uma *parte* muito maior de vosso ser, uma parte muito menor da terra conteria menos..., o corpo de um elefante conteria uma maior parte de vossa substância do que o corpo de um pássaro...". As palavras de Santo Agostinho, que seguem estas que acabamos de citar, não foram dadas

[1286] Santo Agostinho, *Confissões*, l. 7, c. 1. Copiamos a tradução dada pelo padre Froget.

pelo padre Froget senão de uma maneira extremamente vaga. A julgar pela minha imaginação, esforcei-me por dissipar de uma só vez e afastar de minha mente a multidão de imagens materiais que pairava em torno dela; mas, mal as afugentava, eis que, num piscar de olhos, se acumulava de novo, elas surgiam diante do meu olhar e o obscurecia, tanto que minha mente, embora livre de qualquer ideia de forma humana, via-se, no entanto, forçada a figurar *alguma coisa material*, estendendo-se por todos os lugares, espalhando-se no mundo e até ao infinito, fora do mundo... porque *tudo o que eu excluía de tais espaços* me parecia não ser nada, absolutamente nada, inclusive a vida: menos ainda do que seria um lugar livre de um corpo, um lugar sem corpo, lugar que não contivesse nem um corpo, nem terrestre, nem líquido, nem etéreo, nem celeste; este lugar permaneceria ainda um lugar vivo, alguma coisa como um 'nada espaçoso'".

817. – Por aí se vê, evidentemente, que o jovem Agostinho era um materialista procurando e encontrando não a verdadeira noção do espírito. É o porquê ele condena ao mesmo tempo a falsa ideia que ele tinha de sua própria alma. "Meu espírito, continua ele, sendo então ofuscado e pesado para não ver, eu acreditava que aquilo que não tinha extensão (material), e que não era uma massa contida em algum espaço, nem *um espaço contendo* ou capaz de conter algo, não era nada. Porque, como meus olhos não viam nada além dos objetos materiais, meu espírito não via nada além das imagens pelas quais se representam esses tipos de objetos; e não cuidei de que o que *havia em mim capaz de formar essas imagens* não era nada que se aproximasse dessas próprias imagens, e que *isto era, portanto, qualquer coisa*, e qualquer coisa de grande, porque havia a virtude de as formar".

818. – Nesta passagem, como em outras, Santo Agostinho não mais corrige a ideia que ele outrora havia feito sobre a grandeza de Deus. De forma alguma ele não restringe essa grandeza; nada tem a dizer contra a onipresença da substância divina. Ele unicamente se censura o não ter considerado Deus como um puro espírito e de lhe ter recusado, por falta de conhecimento, as propriedades que se deve atribuir inclusive aos espíritos limitados[1287].

[1287] A nós é impossível compreender como o padre Froget, depois de ter confessado que *nós não caímos no erro do filho de Santa Mônica*, dizer em seguida que, sobre *o fundo* da questão e sobre a *maneira* de conceber a ubiquidade divina, parecemos compartilhar as ideias da juventude que Agostinho viria reformular mais tarde. O que! nós suprimimos, com Santo Agostinho, todos os inconvenientes que ele mesmo condena na sua antiga teoria, e admitimos senão aquilo que ele não corrige, e que ele sustenta. Nós concebemos Deus como um espírito enquanto que o jovem Agostinho o com concebeu como um corpo: pois, quanto

Mais adiante, Santo Agostinho retorna à mesma questão, mas de uma maneira mais incidente. Ele procura a natureza e a origem do mal. E, para alcançar seu objetivo, de início expõe sua antiga concepção do conjunto das coisas. *Sua imaginação lhe indicava todas as criaturas sempre como seres materiais, inclusive os anjos e todas as naturezas espirituais que habitam o Céu*. Por conseguinte, ele havia concebido o próprio Deus como um mar infinito em extensão e no qual as águas penetram todos os seres finitos: noção correta quanto à grandeza de Deus, mas falsa quanto à natureza desta grandeza, que nada tem de extensão material, que não é divisível em porções (pedaços) e está por inteiro em todo lugar, ultrapassando infinitamente o finito. Eis porque Santo Agostinho *procurava o mal*; eis o que *miseravelmente se desenrolava no seu espírito*[1288].

819. – O R. Padre Froget nos opõe outra passagem de Santo Agostinho. Reproduzimo-la traduzida por esse autor, mas sublinhando outras palavras além daquelas que ele mesmo sublinhou: "Quando se diz que Deus está em todo lugar, é necessário afastar de nosso espírito todo pensamento grosseiro e nos livrar da impressão dos sentidos para não nos figurar Deus expandido por todos os lugares *à maneira de uma grandeza se desdobrando nos espaços, como o da terra, da água, do ar e da luz; porque* (fazemos notar a força da partícula causal; ela anuncia o verdadeiro pensamento de Santo Agostinho e indica o que o grande Doutor quer que seja sublinhado em suas palavras) *todas as coisas desta esfera são menores em uma de suas partes do que no todo*. Sobretudo é preciso conceber a grandeza de Deus como se representa uma grande sabedoria no homem, mesmo que ele seja de pequena estatura"[1289].

Nós subscrevemos sem reserva tudo que nos diz aqui o ilustre santo bispo de Hipona. Em primeiro lugar, não é Deus, estritamente falando, que *se desdobra no espaço*, mas é o espaço que se desdobra em Deus. Deus já estava onde Ele está agora antes mesmo que o espaço fosse criado.

Do contrário, o que aconteceria? Quando o espaço foi tirado do nada, ele foi posto em Deus, na presença de Deus; e é em Deus que ele se desdobra sem que Deus seja modificado em qualquer coisa que seja. Pois Deus não está *espalhado* em todos os lugares, mas Ele está

---

ao fundo e *quanto à maneira*, seria a mesma coisa! Na verdade, isso não honra o tomismo. Não é assim que se raciocina. Ver Froget, p. 15, obra indicada.

[1288] Ibid., c. 5.

[1289] *De praesentia Dei liber, seu* etc., c. 4, n. 11.

substancialmente em toda parte e em todos os lugares imaginários. E esses lugares não são possíveis se Deus neles não estiver. Do contrário, nos casos onde o criador concede a existência, deveriam fazer uma "viagem" para ser, ou melhor, seu poder estaria lá onde não está sua essência. O que poderia haver de mais absurdo?

820. – Mas sobretudo Deus não tem *uma grandeza espaçosa como a da terra, da água, do ar*, as quais são todas divisíveis e divididas, ou, ao menos, circunscritas. Eis o *pensamento grosseiro ao qual é preciso resistir*.

Entretanto os tomistas pretendem que Deus não está direta e imediatamente presente nas coisas apenas *por seu poder* e encontram ainda esta opinião em Santo Agostinho, por onde eles se esforçam por se tornar mais espiritual a noção da imensidade divina. A intenção deles é boa. Mas, é verdade que o grande bispo de Hipona nos condena sobre este ponto? Por mais que o lemos e relemos não encontramos nada nele que não seja favorável a essa nossa tese. Eles citam as seguintes passagens: "Deus está tão disperso por toda parte que Ele não é a qualidade do mundo, mas a *substância criadora* do mundo... Deus não está contido em nenhum lugar, mas é *em si mesmo* que Ele está todo inteiro em todo lugar"[1290]... "Deus estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele"... Mas, como estava Ele? Como *o artista* que governa a obra que fez. Porque Deus não fez como um obreiro faz um cofre; pois o cofre está fora do obreiro... Mas é expandindo-se no mundo que Deus construiu (o mundo); o que ele fez, fez *pela presença de sua majestade*; é por sua presença que Deus governa o que fez. Ele estava, portanto, no mundo *como criador* do mundo"[1291] ... "Deus está *inteiramente* em toda parte, livre de todo o lugar, livre de todos os entraves, não divisível em partes, enchendo o Céu e a terra pela presença de seu poder e por sua natureza, sem necessitar de nada"[1292].

821. – O que de tudo isso que nós não admitimos completamente? – Nada. Deus está espalhado em todo lugar como *substância criativa* do mundo. É, portanto, a substância divina que está em todo lugar. – Dissemos também que Deus não está *contido* nos lugares, mas que Ele está em todo lugar, e que os lugares estão contidos nele: *In ipso vivimus, movemur et sumus*; não somente seu poder mas *nele próprio*. – Deus está no mundo *como o artista que cuida de sua obra*: Ele não tem somente o cuidado, mas também o artista. – Deus está no

[1290] Ibid., n. 14
[1291] *In Evang. João*, Trat. 2.
[1292] *De civit. Dei*, l. 7, c. 30.

mundo quando Ele fez e conserva o mundo; não é somente seu poder, mas seu ser, *Deus*. – O que Deus fez, fez *pela presença de sua majestade*; é *por sua presença* que Deus governa o que Ele fez. É como a escola tomista exprime. E nisto nós a aplaudimos. – Deus encheu o céu e a terra *pela presença de seu poder*, *por sua natureza nulamente indigente*[1293]... Estaremos nós convencidos por estas palavras? Ao contrário, nisto está o nosso ensinamento.

A natureza, a substância de Deus, está em todo lugar sem que ela tenha necessidade das criaturas; estava nos lugares possíveis antes que estes fossem realizados; continua a estar neles depois que fossem criados. Os lugares devem sua existência e sua conservação ao poder de Deus. E como o poder de Deus jamais pode estar isolado de sua substância, é necessário admitir que a substância está em todo lugar onde está seu poder. Esta é uma excelente maneira de *demonstrar* a ubiquidade de Deus. Mas não se limita a indicar a imensidade divina, atributo essencial e absoluto do Ser supremo, divino, não havendo necessidade de recorrer ao poder, atributo relativo, para o fazer.

822. – As palavras de Santo Agostinho, *non indigente natura*, são traduzidas pelo Padre Froget de uma maneira singularmente livre: Deus enche o céu e a terra, mas *não por necessidade de sua natureza*. É muito curioso. O verdadeiro sentido é, parece-nos, que Deus não tem nenhuma necessidade de seres finitos. Mas, no momento que as criaturas existem, quem pode negar que Deus não esteja nelas por necessidade, quer dizer, para a perfeição de sua natureza? São, então, os seres finitos que obrigam Deus ou o seu poder a estar presente?[1294] O pensamento de Santo Agostinho é bem simples, parece-nos: Deus enche o céu e a terra pela presença de seu poder. E sua natureza está também presente, entretanto sem necessidade destes seres, da parte de Deus, como de uma habitação.

Em outras palavras, neste Capítulo, o grande Doutor não fala precisamente da imensidade de Deus, mas do *governo* das criaturas pelo criador e pelos anjos. Também, imediatamente antes das palavras citadas, lemos: "é o único e verdadeiro Deus *que fez e que opera* todas estas coisas", mas Ele o faz em Deus, mais o resto relatado acima. Como, então, neste Capítulo se trata das operações divinas fora de

[1293] *Implens coelum et terram praesente potentia, non indigente natura; aliter: non absente natura.*

[1294] Deus era infinito em grandeza antes de criar o mundo. Mas criando, Ele pôs as coisas na sua presença. Isto porque Ele também está presente nelas. O poder de Deus torna as coisas presentes nele, mas elas em nada limitam *a presença de Deus*, que necessariamente é infinito em grandeza.

Deus, Santo Agostinho fala especialmente do poder de Deus. Não é este o nosso caso. Estamos falando *da presença* de Deus nas coisas e não das *operações* divinas sobre as coisas, do ser divino considerado em si na sua imensidade, não deste Ser considerado como Criador.

823. – Aprofundaremos melhor este assunto na consideração seguinte. Aqui contentemo-nos a indicar algumas passagens onde mais particularmente Santo Agostinho nos serve de apoio, direta ou implicitamente.

"Quando um corpo está inteiramente são, a saúde, que é uma qualidade deste corpo..., está também plena tanto nas partes menores do corpo como nas maiores... Por conseguinte, longe do nosso pensamento, que isto que se verifica na qualidade de um corpo criado, não se encontre na *própria substância* do Criador. Deus está, então, *presente em todos os lugares*... Está todo inteiro apenas no Céu, todo o inteiro na terra somente, todo inteiro no Céu e na terra, *de modo algum aprisionado pelo lugar, inteiramente em toda parte, todo inteiro em si próprio*[1295].

Ora, eis precisamente a nossa tese. Se o poder de Deus agisse ou não agisse fora, Deus está "todo inteiro em si mesmo". Havendo seres criados, Deus está em todos esses seres porque Ele está em toda parte por si mesmo, em sua imensidade; se não houvesse seres finitos, nada haveria que participasse de sua imensidade. Mas Deus, por si mesmo, seria igualmente imenso, e isto, na *sua própria substância*. Também "é necessário confessar que Deus está em todo lugar *pela presença da Divindade*"[1296]; uma presença que nenhum ser criado poderia alterar, pois é essencialmente em si mesmo que Deus está presente. Ou seja, Deus está necessariamente em sua grandeza infinita, necessariamente imensa.

824. – "Os olhos estão tanto mais distantes da luz quanto mais fracos eles são. O que há mais distante da luz do que a cegueira, ainda que a luz esteja presente e ilumine os olhos apagados?"[1297]. Paralelamente, acrescentamos, se o poder divino viesse a não mais dar sustentação às criaturas, a essência divina brilharia igualmente como um Sol Infinito e seria igualmente imensa, mas nada receberia benefícios divinos.

825. – "Se a massa de um corpo, grande ou pequeno, fosse inteiramente suprimida, as qualidades deste corpo não teriam onde perma-

[1295] De praesentia Dei, ut supra, c. 4, n. 13, et n. 14.
[1296] Ibid., c. 5, n. 16.
[1297] Ibid., n. 17.

necer, embora elas não sejam medidas pelo volume. Mas, não acontece o mesmo com Deus. Quando alguém participa menos da sua presença, Deus não está menos nela. Porque Deus está por inteiro em si mesmo, e, desde que Ele esteja em qualquer coisa, Ele está de alguma maneira sem necessidade desta coisa, como se Ele não pudesse está a não ser nela. Mas, assim como Deus não está ausente daquele em que Ele não habita, e como, ao contrário, Ele está presente por inteiro, mesmo que a pessoa não tenha Deus, então Deus está presente em quem Ele habita, embora este homem não o possua completamente"[1298].

Vê-se, por aí, que o poder, quer dizer, a virtude de Deus, age mais forte ou mais levemente fora, porque Ele tem sua grandeza em parte nas operações das criaturas, sem que, portanto, a presença de Deus, considerado nela própria, seja menor ou mais perfeita; e a razão é que *Deus está por inteiro em si mesmo*. *Deus permanece em si próprio por sua eterna estabilidade, e pode se tornar presente por inteiro em todas as coisas, e também por inteiro em cada uma delas, embora as coisas participem da presença de Deus segundo sua capacidade*[1299].

826. – De acordo com Santo Agostinho, é evidente que a onipresença de Deus é um fato primordial, eterno, necessário, imutável, absolutamente independente das criaturas e que está sob o poder de Deus de forma alguma, tal como a própria essência do Ser Supremo? *Estar todo inteiro em todo lugar*, tanto num átomo como no universo, é o próprio *da substância* do Criador. Os seres finitos não lhe acrescentam nada, não lhe subtraem nada, não lhe modificam nada. Presentemente Deus enche o céu e a terra. E isto por seu ser, por sua essência. É o que todos os teólogos admitem. Ora, perguntamos se a substância de Deus não vem deste lugar somente depois de tê-lo criado, ou por criá-lo por seu poder. Não é um absurdo? Quando Deus livremente criou as coisas, Ele teve que colocá-las necessariamente em um lugar por causa de sua imensidade. Pois sua substância já estava lá onde Ele pôs o universo ao criá-lo. Se não fosse assim, Deus seria imutável e imenso? Dir-se-ia que o *lá* não existiu? – Concordo, mas *Deus estava todo inteiro em todo lugar por si próprio*, e está aí o fundamento necessário de todos os lugares possíveis, que o Criador chamou à existência, bem como aqueles que Ele poderia criar.

[1298] Ibid. c. 6, n. 18.
[1299] Ibid. n. 19.

827. – Ouçamos ainda o ilustre Bispo de Hipona: "Deus não está em qualquer lugar. Porque aquilo que está em alguma parte está contido (circunscrito) pelo lugar; aquele que está contido pelo lugar é corpo. Mas Deus não tem corpo. Então Ele não está em qualquer lugar. E, entretanto, como Deus existe sem estar num lugar, todas as coisas *estão mais nele* do que Ele mesmo está em algum lugar. No entanto, as coisas não estão nele como se Ele próprio fosse um lugar, pois o lugar está no espaço que é ocupado pelo comprimento, pela largura e pela altura de um corpo. Deus não tem nada disto. É o porquê todas as coisas estão em Deus sem que Deus seja um lugar. Todavia se diz impropriamente que um templo é o lugar de Deus, não porque Deus esteja contido nele, mas porque Deus está presente nele"[1300].

Admirável doutrina quanto à verdade, à simplicidade e à profundidade! Deus está em todo lugar, mas não como contido, não como medido, não como preso pelos lugares, porque Deus é espírito. Além disto, Deus é Espírito ilimitado, infinito; é porque *todas as coisas estão nele*.

O anjo, sendo uma criatura, não pode estar presente simultaneamente em todo o universo; este ultrapassa a grandeza do anjo. O anjo é limitado por sua natureza, não por seu corpo. Mas Deus é imenso por natureza. Nada é ou pode ser *senão nEle*. E isto não somente porque todo ser participado não pode receber assistência a não ser de Deus, mas ainda porque não há lugar possível onde Deus não esteja por sua essência.

828. – O grande Doutor diz que as coisas estão sobretudo em Deus, que não está Ele próprio nas coisas, porque a partícula *em* poderia designar um lugar, e que Deus, sendo todo espírito, não é um lugar. "Todas as coisas estão em Deus sem que Deus seja um lugar", porque um lugar seria divisível, circunscrito, material, limitado, mensurável pelos corpos, enquanto que Deus "em nada é mensurável". Entretanto Deus *está presente* em todo lugar, nas igrejas e no universo, estando *por inteiro em si mesmo* em todos os lugares.

Santo Agostinho não se afasta do assunto como fazem os teólogos que não sabem tratar da imensidão divina, sem nela misturar continuamente o poder de Deus, a criação e a conservação das coisas.

829. – Pode-se objetar-nos ainda sobre a seguinte passagem de Santo Agostinho: "sobretudo é preciso conceber a grandeza de Deus como se representa uma grande sabedoria num homem, seja ele de

[1300] *De divers. quaest*. 83, XX, De loco Dei.

pequena estatura"[1301]. Respondemos que o santo Doutor se serve desta comparação para nos explicar, até certo ponto, como pode acontecer que Deus esteja todo inteiro nas pequenas coisas como igualmente nas grandes. Mas seu fim não é o de nos fazer conceber a imensidade de Deus à maneira dos universais. A sabedoria é uma qualidade, uma ideia universal, como as propriedades dos corpos, como a saúde. Ora, estas coisas, que estão inteiras também num pequeno ser como num ser grande, não são substanciais. Elas são acidentes que aparecem e que desaparecem com as substâncias que lhe servem de sujeito.

Santo Agostinho tinha também o cuidado de nos dizer que "não acontece o mesmo com Deus" (n. 825) e que é a *própria substância de Deus* que é imensa (n. 823).

830. – Assim, ó meu Deus, vosso grande servidor, santo Agostinho, não fez senão confirmar a ideia de que eu sou feito de vossa imensidade, lendo vossas Sagradas Escrituras. Ele próprio as cita no mesmo sentido que nelas encontrei por sua graça[1302], sem notar aqueles antropomorfismos que outros autores querem encontrar[1303]. Vós sois o Oceano infinito do ser, mas oceano todo espiritual, indivisível, todo inteiro em todo lugar, permanecendo apenas em si mesmo, absolutamente independente de todo ser criado, eterno, imutável, formalmente imenso. A grandeza de vosso ser é o supremo modelo da extensão dos céus, e das ubiquidades limitadas dos anjos e das almas humanas (nn. 542, 546-548). Todas as vossas imagens e todos vossos vestígios falam de vossa grandeza. E nós teríamos dificuldade em vos atribui-la como suas obras a proclamam!

Por vosso poder vós tornais as coisas finitas presentes ao vosso ser, criando-as, sustentando-as, governando-as. Mas vosso ser é preexistente, e suas criaturas, ao emergir do nada, o encontram já *inteiramente nelas mesmas*. É *em vós*, na vossa imensidade, que vós colocais as vossas criaturas, e vós as mantendes pelo vosso poder, com vossa ajuda, com vossa graça. E "as coisas participam de vossa presença conforme sua capacidade". O possível, não sendo ainda ser real, tem apenas a possibilidade de participar. O anjo tem sua ubiquidade no seu lugar angélico; a alma humana, no seu corpo; a forma animal, no seu animal; a forma mineral, no seu mineral, no seu átomo ou em sua molécula. Em tudo nós vemos que o imaterial tem uma espécie de extensão eminente e indivisível, sua ubiquidade, sua pequena imensidade,

[1301] *De praesentia Dei*, ut supra, c. 4, n. 11
[1302] Ibid., c. 4, n. 14.
[1303] Ver a obra citada do Padre Froget, p. 33.

que não é medida pelos corpos, mas que os mede; que não é contida pela matéria, mas que a contém e forma a extensão divisível juntando as partes materiais[1304].

No universo, como tudo fala de vós, ó grande Deus! E todas as coisas somente existem e são tais na medida em que elas participam, nos diversos graus de perfeição, de vosso ser eterno e necessariamente real em vossa imensidade. Vós fazeis todos os seres participarem, uns mais, outros menos, de vossos diversos atributos: do vosso poder, por sua atividade; da vossa bondade, por seus diversos graus de perfeição; da vossa sabedoria, pela luz sobrenatural, pela razão, pelo sentido, pelo peso, e assim por diante.

Mas, em primeiro lugar, vós as fazeis participar, por sua existência, pela vossa presença eterna e pela vossa imensidade.

Ó! Céu dos céus por excelência! Ó! supremo Oceano de realidade, de vida, de grandeza, de beleza, de bondade, de encantos (charmes)! Que pena eu não ser todo espiritual para pensar somente em vós; todo de coração, para amar somente a vós; toda força e toda esperança, para tender incessantemente para vós, para me afundar um dia na vossa imensidão gloriosa!

Enquanto isso, ó meu Deus, para merecer tão grande felicidade, quero viver continuamente na vossa presença e me acostumar a vê-la em todas as coisas.

Que companhia maravilhosa! que inspiração! que diretor! que amigo! que mestre! Oh! como me é agradável, Senhor, exercitar-me aqui na terra e me preparar para aquela vida que, no Paraíso, será a essência de minha felicidade!

[1304] Parece-nos que é esta ubiquidade relativa que é chamada por Santo Tomás de QUANTITÉ *virtual*, n. 540.

Sétimo Ponto: O Céu infinito ou a imensidade de Deus, segundo Santo Tomás de Aquino.

I – Ensinamento formal de Santo Tomás

831. – O Anjo da Escola raramente fala da imensidade de Deus considerada nela mesma, mas habitualmente concentra sua atenção na ubiquidade. E daí vem, parece-nos, que alguns tomistas contestem nossa maneira de ver esta questão. Mas, eles têm razão de o fazer? – Nenhuma, em nossa opinião. Porque o Príncipe dos Teólogos, quando trata do atributo divino, absoluto, que nós designamos de *imensidade*, tem a mesma linguagem que nós. Nas passagens que esses tomistas nos opõem ao santo Doutor, pergunta-se **se** Deus está em todo lugar. E o Doutor Angélico *demonstra* a ubiquidade divina, com um excelente argumento que se pode resumir assim: nem o conjunto das coisas criadas, nem suas partes, pode existir sem a causa primeira, que lhes dá a existência e as conserva; visto que, portanto, o poder divino está em toda parte, é absolutamente necessário que a substância divina também esteja. Deste ponto de vista, nada melhor. Mas, em outro lugar, o grande teólogo se pergunta **como** Deus está em todo lugar. E eis aqui o que ele responde.

832. – "Como Deus dura infinitamente, **igualmente** Ele tem uma infinita grandeza; mas, por causa de sua duração infinita, se diz que Deus é eterno. Quer dizer, que Deus é sempre; portanto, por causa de sua infinita grandeza, Deus está em todo lugar"[1305]. O resto do artigo é consagrado a provar que Deus não está nos lugares à maneira dos corpos, mas que Ele conserva os lugares e que Ele está em todas as coisas colocadas nos lugares.

O artigo seguinte é ainda mais extraordinário. Vamos transcrevê-lo quase totalmente.

833. – "*O Sempre é, para o tempo, o que o Todo Lugar é para o lugar*. Ora, o *Sempre* exprime (*importat*) a imensidade; então o *Por Todo Lugar* faz o mesmo. E assim convém unicamente a Deus estar em todo lugar, *porque somente Deus é imenso*... Assim como este advérbio, *sempre*, tomado em seu sentido próprio, se refere não somente a todos os tempos que é ou que será, mas ainda a todos os tempos que se pode imaginar, *igualmente* o advérbio, *em todos os lugares*, se refere a todo lugar imaginável. Porque, propriamente falando, não se diz que o mundo sempre existiu, embora Deus estivesse em todos os tempos, porque o tempo não existia antes da criação; mas quanto a isto

[1305] Livr. 1, Dist. 37, q.2, a. 1.

apenas se diz que sempre existiu, fora de cuja permanência não é possível imaginar algum tempo. *Assim também*, propriamente falando, se diz que algo está em todo lugar, *sem o qual não se pode imaginar nenhum lugar*. Ora, *isso* ***só pode ser o infinito***. É porque, *unicamente* ***Deus sendo infinito***, somente a Deus convém, a rigor, estar em todo lugar...

"Se houvesse um corpo contínuo, enchendo todos os espaços do céu, não se poderia dizer, por duas razões, que esse corpo estaria em todo lugar: 1ª) porque, fora deste corpo, não se pode imaginar um lugar onde não houvesse nada dele; 2ª) porque se este corpo estivesse em todos os espaços como um único lugar, mas ele estivesse em razão de suas partes estarem nas várias partes desse lugar. Mas Deus está todo em todo o universo e em cada parte do universo; e é impossível imaginar um lugar no qual, se esse lugar existisse, Deus não estivesse nele. De onde se segue que convém a Deus, em toda verdade e da maneira mais exata, estar em todo lugar"[1306].

834. – Eis nossa tese formalmente sustentada e ensinada pelo Mestre da Escola, como ela estava em seu mestre, Santo Agostinho. As formulações destes grandes doutores são diferentes, mas a doutrina, quanto à essência, é a mesma. "Como Deus tem uma duração infinita, igualmente Ele tem uma infinita grandeza". Não se trata aqui do poder ou da virtude de Deus, mas de sua natureza. Como podemos considerar a eternidade de Deus nela mesma, sem vê-la através de sua imagem, que é o tempo, igualmente podemos considerar a imensidade de Deus em sua ubiquidade. Deus é necessariamente eterno; Ele teve toda eternidade antes que o tempo existisse. Paralelamente, sua grandeza, sendo infinita, seu ser ultrapassa necessariamente os limites da criação e se estende infinitamente além. Santo Tomás tem a mesma linguagem que São Dionísio (nn. 739 e 758), do qual ele segue fielmente a doutrina.

835. – "Por causa de sua duração infinita, se diz que Deus é eterno, quer dizer, que Ele é em todos os tempos; portanto, por causa de sua infinita grandeza, Deus está em toda parte, quer dizer, em todo lugar". A duração de Deus é infinita e indivisível; e o tempo, divisível e finito, é absolvido, como uma gota variável e mutável, no oceano espiritual e imutável da eternidade. Assim a eternidade é o Céu infinito dos tempos. Por ser eterno, Deus está necessariamente em todos os tempos.

[1306] Ibid. a. 2.

Isto é a imensidade da duração. E, em relação a essa duração, o tempo nada mais é do que a ubiquidade é para a grandeza infinita de Deus. “Deus está em todo lugar em razão de sua infinita grandeza”: grandeza que penetra necessariamente todos os lugares reais, e que, sendo infinita, os ultrapassa infinitamente. Eis este mar infinito do qual falava Santo Agostinho (nn. 814, 818), e do qual, para voltar à verdade, ele retirou apenas a natureza e as propriedades materiais, sem atingir sua grandeza.

836. – “O *Sempre* é, em relação ao tempo, o que o *Todo Lugar* é quanto ao lugar. Ora, o *Sempre* supõe a imensidade. Então o *em todo lugar* a supõe igualmente. E assim convém unicamente a Deus o estar em todo lugar, porque somente Deus é imenso”. Nenhum tomista nega que a eternidade precedeu o tempo; então que eles admitam também, ao menos por amor a Santo Tomás, que o *em todo lugar divino* ultrapassa os lugares, já que o lugar é imenso, tanto quanto a eternidade. Deus está em todos os lugares não somente porque nenhum lugar pode existir sem o poder de Deus, o que tenderia a limitar a substância divina aos lugares reais. Mas Deus está em todo lugar porque Ele é imenso, o que não limita o ser divino de nenhuma maneira.

837. – “Da mesma maneira o advérbio, *sempre*, tomado em seu sentido próprio, se reporta não somente a todos os tempos que existem ou que existirão, mas ainda a todo tempo *que se possa imaginar*. E igualmente este advérbio, *em toda parte*, se reporta a *todo lugar imaginável*”. É então evidente, segundo Santo Tomás, que Deus está também além do universo criado, nos espaços imagináveis, porque o universo é finito. “Por isto se diz que Deus sempre existiu, fora da permanência do qual é impossível imaginar um tempo. Assim também, propriamente falando, se diz que Deus está em todo lugar, sem o qual não se pode imaginar nenhum lugar. Ora, isso só se pode dizer quanto ao infinito". *Sem o que*: Santo Tomás não diz: *sem a virtude de quem, ou de que*; mas ele diz que não se pode *imaginar* nenhum lugar do qual o ser divino esteja ausente.

Ora, com a Sagrada Escritura (nn. 757 e seg.), com São Dionísio, com Santo Agostinho, com Santo Tomás, nós *imaginamos* um grande número de lugares possíveis fora do mundo real. Então Deus está neles, embora neles não exerça seu poder. E está neles ***porque Deus é infinito***, como diz o Príncipe dos Escolásticos. O Infinito absoluto, sendo tal sob todos os aspectos, é também infinito na grandeza. Sua suprema perfeição inclui também essa perfeição. “É porque, *somente Deus, sendo infinito, não convém senão a Deus, a rigor, estar em todo*

lugar"; e este *todo lugar* não é somente o espaço criado, mas ainda todos os espaços possíveis ou imaginários, porque Deus é infinito na grandeza.

838. – "Deus está em tudo em todo universo, e em cada parte do universo; é impossível imaginar um lugar no qual, se este lugar existir (*illo posito*), nele Deus não esteja. De onde se segue que convém a Deus, em toda a verdade e da maneira mais exata, estar em toda parte".

A condição posta por Santo Tomás para a presença de Deus no espaço imaginário, *illo posito*, nada tem de contrário à nossa tese, porque é um absurdo que Deus esteja presente naquilo que não existe. Mas, neste caso, a falha não está do lado de Deus, cuja grandeza infinita, e que *está por inteiro em todo lugar por si próprio*, como disse Santo Agostinho: o defeito está no lugar, que, sendo apenas imaginário, não tem realidade e, por conseguinte, não pode estar presente em Deus; o que implica na não presença real de Deus *com relação* a este lugar.

Evidentemente, cometer-se-ia um erro grosseiro, se se imaginasse que a grandeza *infinita* de Deus se modifica conforme os lugares, ou que eles não existam, ou que esses lugares são grandes ou pequenos: "Deus está em si próprio, como fala o grande Bispo de Hipona, por sua eterna estabilidade, e *ele pode* se fazer presente... em todas as coisas..." (n. 825), ao criá-las, ao conservá-las ou aperfeiçoando-as. Mas Deus não pode restringir a infinita grandeza de seu ser. A imensidade é uma necessidade de sua natureza. Deus é necessariamente infinito em grandeza, assim como é necessariamente Deus. Igualmente, São Tomás atribui a imensidade de Deus tanto à grandeza quanto à sua eternidade.

II. Ensinamento controverso de Santo Tomás de Aquino

839. – É por isso que ficamos desconcertados quando lemos esta meia página tomista: "Bem mais espiritual, e falando mais conforme a natureza de Deus, aparece-nos a noção da imensidade dada por Santo Tomás (Santo Tomás seria mais espiritual que Santo Tomás?). Em vez de admitir, com os adeptos da opinião que rejeitamos aqui, uma espécie de difusão da substância divina, a tal ponto que Deus ainda estaria substancialmente presente nas criaturas semeadas no espaço, mesmo quando, por impossibilidade, Deus não exerça sobre elas nenhuma

ação[1307] (as criaturas não estariam lá, mas a substância divina, que está lá agora, com sua infinita grandeza, estaria lá do mesmo jeito, porque é imutável e imensa), o Doutor Angélico ensina o contrário (como dissemos acima), que a razão formal da presença de Deus nas coisas criadas não é outra coisa senão sua operação (dizemos que esta razão, *propriamente falando*, é que Deus é *imenso e infinito*) assim como o fundamento da imensidade é a onipotência (que confusão de ideias! um atributo relativo serve como base para um atributo absoluto! Nenhuma distinção entre ubiquidade e imensidade! Se Deus não tivesse criado nada, Ele não seria imenso!). Por si mesma, a substância divina não está determinada a ocupar nenhum lugar (inicialmente)...; ela não necessita, para se desdobrar, de nenhum espaço (requer o infinito em magnitude); não implica qualquer relação de proximidade (negamos isso, pois, sendo Deus infinito em grandeza, está necessariamente próximo de tudo o que existe: *in ipso sumus*) ou de afastamento dos seres existentes no espaço; se, concretamente, Deus tem relação e contato com os seres existentes, é por sua virtude e sua operação (obviamente, relações e contatos supõem dois termos; e, no nosso caso, o segundo termo, o ser criado, só existe por virtude do primeiro, que é Deus); mas o primeiro termo é fixo, eterno, imenso, invariável, quanto à sua substância; e se se quiser ter um segundo termo, se quiser criá-lo por seu poder, deve necessariamente colocá-lo em si mesmo, preexistindo nele, infinitamente grande); se Deus está intimamente presente em tudo o que existe, é porque Ele produz e mantém o ser de todas as coisas"[1308].

840. – Esta última afirmação nos parece muito inadequada. Vamos completá-la conforme as noções que nos deu o Doutor Angélico. Se a substância divina está intimamente *presente* em tudo que existe, é porque é impossível que uma natureza imensa e infinita em grandeza não esteja intimamente presente em qualquer coisa.

O contrário seria um absurdo. O infinito em grandeza seria limitado, necessariamente teria limites.

– "Se a substância divina está intimamente presente em tudo o que existe, é porque ela produziu... o ser de todas as coisas": pode-se menosprezar este ponto? Então a substância divina desapareceria se seu poder não produzisse coisas! Ademais, por que confundir a presença de Deus nas coisas com a presença das coisas em Deus? São

[1307] Cita-se, em nota, uma passagem de Suarez (Metafísica, disp. 30, sec. 8, n. 52) que aprovamos completamente e que está toda baseada, nas passagens citadas, em Santo Tomás.

[1308] Padre Froget, obra citada, p. 15.

ideias muito diferentes. Seria dizer que o poder de Deus produz a presença de Deus! Na nossa opinião, o poder divino não pode nada sobre o ser divino, sobre sua infinitude, sobre sua imensidade, mas ele pode criar coisas e torná-las presentes em Deus.

É preciso então dizer: se a substância divina está intimamente presente em tudo que existe, é: 1º) porque, da parte de Deus, não pode ser de outra forma; 2º) por que o poder de Deus, ao criar, necessariamente deve colocar as coisas na sua presença, pois, onde colocá-las fora do infinito e da imensidade em grandeza? Então, como o poder de Deus produz e mantém as coisas, estas coisas estão presentes em Deus.

Quanto ao ser divino, ele preexiste em sua imensidade; quer esteja presente ou não as coisas, isto não varia de nenhuma maneira sua infinita grandeza. Diz-se que esta grandeza está presente nas coisas quando há coisas; se não há nenhuma coisa, não se nomeia a presença de Deus porque esta palavra supõe dois termos. Mas, se diz tudo ao afirmar que a imensidade de Deus e sua grandeza infinita, ou melhor, o que é igual, ao professar que Deus está *por inteiro em toda parte, em si mesmo*.

841. – Mas, como explicar as numerosas passagens onde Santo Tomás afirma que Deus está nas coisas por sua virtude e por seu poder?

– Parece-nos não haver dificuldade neste ponto. Citemos algumas passagens sublinhando certas expressões dignas de nota e que explicam o pensamento do Santo Doutor segundo os princípios que ele próprio nos deu (nn. 832, 833).

"Deus não está determinado a um lugar pequeno ou grande pela necessidade de sua essência, *como se Ele necessitasse estar em algum lugar*, pois Deus já existia desde toda eternidade antes da existência dos lugares"[1309]. Perguntamos por que não citam as palavras que precedem imediatamente a estas, as quais explicam o significado delas. "*Deus*, diz Santo Tomás, *é indivisível, e isto porque Ele não está determinado a nenhum lugar*..." e o resto. Nós ensinamos esta verdade como o Anjo da Escola: "Deus indivisibilis est, *quasi* omnino extra genus continu existens". Aquilo que é continuo é formado de partes justapostas e ligadas ao conjunto. Também o continuo é divisível. Mas Deus está completamente acima do gênero do continuo, pois é um espírito eminentemente simples e indivisível.

[1309] Contra Gentiles, l. 3, c. 68.

Contudo, Santo Tomás acrescenta a isto um *quase*. Por que? Seria para atenuar a indivisibilidade de Deus? – Evidentemente, não. Mas, segundo nos parece, ele quer salvar a imensidade de Deus e sua grandeza infinita, afirmando que essa grandeza é indivisível e está colocada fora do gênero do continuo, porque a grandeza de Deus é imensa tal como sua eternidade (n. 833). É porque "pela necessidade de sua essência, Deus não está determinado *a um lugar*", mas à imensidade; não a um espaço, mas à grandeza infinita.

842. – Se se quiser pesquisar a relação de Deus com os lugares reais, é óbvio que o poder divino criou primeiro esses lugares. Não há relação sem dois termos. O primeiro existe necessariamente em sua intensidade; mas o outro não é nada sem a virtude divina. Sendo infinita a grandeza de Deus, ela permanece sozinha até que a onipotência divina ponha alguma coisa na presença da amplitude incompreensível (n. 739) do Soberano Ser.

Santo Tomás acrescenta a estas palavras referidas acima: "mas Deus, pela imensidade de sua virtude, atinge todas as coisas postas no seu lugar, porque ele é a causa universal do ser. É, portanto, assim que Deus está por inteiro em todo lugar onde Ele está, porque, por sua simples virtude, Ele atinge todas as coisas"[1310]. O Santo Doutor não diz precisamente isto que se quer ver dito por ele. Ele não trata da imensidade de Deus considerada nela própria, como se fez anteriormente (n. 833), mas ele demonstra que ela atinge os seres finitos por sua virtude, porque Deus é a causa universal do ser, e que ela os atinge estando por inteira em todo lugar. Nenhuma palavra que seja contrária à nossa doutrina. Nós também ensinamos tudo isto.

Dizemos unicamente que, se Deus não sustentasse os seres finitos, se não agisse como causa, se não existisse nada fora dele, Deus não seria diminuído em nada, não seria menos imensa sua expansão absoluta e soberanamente vasta em sua amplitude incompreensível. Pois seu poder não é a causa de sua ubiquidade, mas somente das **ubi**. Não por causa de sua imensidade, que enche o céu e a terra, mas somente com coisas tornadas presentes a esta imensidade, o que permite dizer que a imensidade está presente nas coisas, por causa do sentido relativo da palavra *presença*.

Nossos adversários se deixam singularmente enganar por esta palavra. Nós os convidamos a nos dizer se, suprimindo o lado relativo desta expressão, suprime-se da mesma forma a imensidade de Deus e

[1310] Ibid., n. 4.

sua infinita grandeza. Evidentemente que não. Eles suprimem o termo finito, mas o termo infinito permanece imutável em seu oceano substancial sem limites. Atualmente Deus está acima do Céus e enche o céu e a terra. Suprimis, em pensamento, todo o universo, o que restará? Resta o Deus imenso, inteiramente como era quando Ele encheu o universo com suas criaturas.

Permita-nos dizer: isto é evidente teológica e filosoficamente falando. De onde os opositores de nossa tese suscitarem apenas querelas de palavras...

843. – Citamos ainda uma passagem do Doutor Angélico, servindo como luz para a tradução fiel, tirada da escola tomista: "a presença da divindade em um lugar comporta uma relação de Deus com as criaturas, fundada sobre uma operação, que é o princípio de sua inexistência (nós preferimos a tradução literal: relação fundada sobre alguma operação, graças à qual se diz que Deus está...) nas coisas. Ora, toda relação fundada numa operação que se passa nos seres criados não pode ser atribuída a Deus como temporalmente (adicionar: *sicut Dominus et Creator et huiusmodi*), porque estas espécies de relações, sendo atuais, supõem a existência de dois termos. Assim como, portanto, não se pode dizer que Deus opera desde toda a eternidade nas criaturas, também não se pode afirmar sua presença eterna nelas, pois isso pressupõe (preferimos a palavra designa, *designat*) sua operação"[1311]. Aqui, novamente, estamos simplesmente "empurrando uma porta aberta", como veremos rapidamente.

844. – "A presença da divindade *em todos os lugares* importa *numa relação* de Deus com as criaturas, baseada numa operação, graças à qual se diz que Deus está nas coisas". É claro: Deus não está nos lugares, ou nas coisas, como se não tivesse nenhuma relação de possibilidade ou de existência com Ele; mas, do fato de Deus não está *nessas coisas*, porque *essas coisas* não existirem, pode-se concluir que Deus não é imenso na sua própria natureza? – "Ora, toda relação baseada numa operação que se passa nos seres criados não pode ser atribuída a Deus como temporariamente, como o denominamos *de Senhor, Criador*, e outras semelhantes". Perfeitamente. Então os tomistas devem distinguir a imensidade de Deus com a ubiquidade. Esta é toda relativa e requer preliminarmente a criação; aquela é absoluta e não está sujeita a nenhuma mudança devida à operação criadora.

[1311] L. 1, *Sent. Dist.* 37, q. 2, a. 3, tradução feita pelo Padre Froget.

Na passagem referida, como num grande número de outras, Santo Tomás fala apenas da ubiquidade, e nós estamos com ele. Ou melhor, nós o seguimos respeitosamente. Mas nós o seguimos também quando ele fala da imensidade e da infinitude da grandeza divina (nn. 832, 833): *Sicut Deus est infinitae durationis, ita infinitae magnitudinis... Sicut Semper se habet ad tempus, ita Ugiqui ad locum. Sed Semper importat immensitatem; ergo et Ubique: et ita soli Deo convenit esse ubique, cum solus Deus sit immensus... Cum solus Deus sit infinitus, soli Deu competit esse ubique, proprie loquendo*. Eis-nos completamente tomistas, talvez melhores do que alguns que levam este nome.

845. – "Portanto, igualmente não se pode dizer que Deus opera desde toda a eternidade nas criaturas, como também não se pode afirmar sua eterna presença nelas, porque isso designa sua operação". Estas palavras "nas criaturas", explicam tudo, da maneira mais fácil, como observamos no início do número precedente.

O padre Froget resume assim nosso argumento sobre a presença de Deus nas criaturas: "Uma pessoa está aqui, porque eu a ouço; mas não está aqui porque eu a ouço. Ela poderia estar aqui sem que eu a ouvisse, se ficasse em silêncio. Assim é com Deus; Ele está em toda parte, pois opera em todas as coisas. Mas não está em toda parte porque opera. Mesmo que, por impossibilidade, Deus não agisse nas criaturas, Ele estaria, no entanto, intimamente presente nelas, sua substância infinita sendo necessariamente presente (não distante) em tudo o que existe no espaço". Excelente raciocínio, mas o referido autor logo se esforça para refutá-lo como inconclusivo. "Este raciocínio, diz ele, seria conclusivo se Deus estivesse no espaço à maneira de corpo"; pois Ele multiplica seus corpos, sempre sem nos atingir. E acaba dizendo: "Se Deus não agisse *em nós*, Ele não estaria em nós... A operação divina formalmente imanente... e ... virtualmente transitiva, *virtualiter transiens*, eis aí a razão formal, o fundamento verdadeiro, o porquê definitivo da presença de Deus *nas criaturas*". Perdoe-nos, por favor, mas dizemos com toda franqueza: nestas palavras nós encontramos somente lamentáveis sofismas.

846. – 1º) "Este raciocínio seria conclusivo se Deus estivesse no espaço à maneira dos corpos". – Resposta. Dá na mesma, e seria melhor ainda se Deus estivesse presente no espaço à maneira dos espíritos. Pois, pouco importa o modo de presença, desde que se dê a presença! Então sustentamos que os espíritos estão mais perfeitamente presentes nos corpos do que os corpos podem estar em relação aos

corpos. Com efeito, os espíritos estão presentes, por inteiro, em cada parte de sua ubiquidade absoluta ou relativa, ao passo que os corpos frequentemente estão presentes em outros corpos apenas através de algumas de suas partes.

Em outras palavras. Se Deus estivesse no espaço à maneira dos corpos, Ele não seria imenso, não seria infinito em grandeza, como nos disse Santo Tomás (n. 833); e, neste caso, nosso raciocínio perderia a maior parte de sua força. Que se observe bem: é sobre a imensidade indivisível, toda espiritual, necessária, da substância divina; é sobre a grandeza infinita e infinitamente simples do Ser Absoluto que baseamos todos os nossos raciocínios.

Por conseguinte, se nos combatem neste terreno, é porque não se dão ao trabalho de pensar nas razões.

847. – 2º) "Se Deus não agisse em nós, Ele não estaria em nós". Que ingenuidade! Se Deus não agisse em nós, nós nem existiríamos. E, por conseguinte, Deus não estaria realmente naquilo que não seria real. Mas Deus seria igualmente imenso e infinito em grandeza, condição necessária para que Deus esteja de novo em nós, se Ele quer nos criar e nos fazer bem. Então, as criaturas modificariam, por seu existir ou por sua inexistência, a grandeza infinita da substância divina? Nossos adversários sustentam, como nós, a absoluta independência do Ser Absoluto em relação aos lugares, aos corpos e às criaturas. Por que então eles querem ligar a substância divina às obras de sua onipotência, as quais procedem da livre vontade de Deus? Onde Santo Tomás teria ensinado tal doutrina?

848. – 3º) "A operação divina, formalmente imanente... e ... virtualmente transitiva..., eis a razão formal, o verdadeiro fundamento, o porquê definitivo da presença de Deus nas criaturas". Sempre a mesma falsidade de raciocínio, em nossa opinião.

Esta virtude divina é o modo da criação, considerada em seu princípio ativo. Mas a virtude criativa não tem nenhum efeito sobre a imensidade da substância divina, que ela deixa como a encontra, na sua amplitude soberanamente vasta e necessária, e que é o primeiro termo imutável daquilo que se designa de "a presença de Deus". "Esta virtude é o fundamento verdadeiro, o porquê definitivo da presença de Deus nas criaturas", unicamente no sentido de que ela dá o ser ao segundo termo, e que ela o coloca na presença de Deus. Quanto a Deus, Ele não estava ausente antes que sua virtude operasse. Como poderia estar ausente a imensidão, a grandeza infinita?!

É verdade que se diz que está presente apenas em relação a um segundo termo, pois a presença é relativa, mas preexiste em si mesma em sua amplitude infinita e constitui, por assim dizer, o meio necessário no qual a virtude divina deve colocar todas as coisas que ela cria.

Tenho em minha presença o livro do reverendíssimo Padre Froget. Porque ele está aqui? – Porque eu o coloquei. Se ele não estivesse aqui, eu não estaria menos onde estou e como estou, embora este livro não estivesse presente, porque o livro não estaria presente à minha pessoa. Mas em que a substância de meu ser e seu modo de existir dependeria do ato pelo qual eu coloquei o livro na minha presença? Evidentemente em nada.

Ora, Deus, considerado na imensa atualidade de sua substância, é infinitamente mais independente das suas criaturas como eu sou de um livro. Então a substância divina é determinada pela necessidade de sua natureza a ser imensa, a estar em todo lugar. E se, por impossibilidade, houvesse seres finitos existentes sem a virtude de Deus, Deus lhes estaria presente pelo simples fato de sua imensidade e de sua infinita grandeza. Porque a presença não inclui, por si mesma, relações de influência[1312], mas somente a proximidade imediata dos dois termos, existindo, ademais, cada um à sua maneira.

Oitavo ponto: Linguagem notável de muitos Santos Padres – Observações sobre algumas opiniões teológicas

849. – Consagramos esta consideração à exposição de algumas passagens dos Santos Padres e ao exame das opiniões teológicas que se referem a esta questão.

"Deus, diz São Basílio, não está contido pelo lugar, não está contido em uma medida, não está circunscrito por nada, *porque Ele é infinito*"[1313]. Atenágoras exprime assim: "Deus *ultrapassa* de tal modo o mundo que Ele preenche em todos os sentidos tudo o que está *acima* do mundo (os espaços imaginários, cremos nós), e não deixa nenhum lugar vazio dele próprio"[1314]. – "Deus... está em todas as coisas, envolve todas as coisas e *transborda fora* delas"[1315]. – "Deus está em todas as coisas, *fora de todas as coisas*, acima de todas as coisas, abaixo de todas as coisas... *Ele está no exterior por sua grandeza*; no interior, por sua subtileza... *Está fora*, contornando; dentro, penetran-

[1312] Santo Tomás reconhece que os espíritos podem estar presentes nos lugares sem exercer uma influência sobre eles (nn. 763, 764).

[1313] Citado por Suarez, Tomo 1, l. 2, c. 2, n. 8.

[1314] Ibid.

[1315] Prudence, ibid.

do... Está abaixo e acima, sem lugar (por natureza); maior, sem largura; mais subtil, sem diminuição"[1316]. "Como nos é impossível ignorar *o ar existente em todo lugar*, e existindo não longe de cada um de nós, *igualmente* nós não podemos ignorar o criador de todas as coisas"[1317]. – "Qual o templo que Deus poderia ter, pergunta São Cipriano, uma vez que seu templo é o mundo inteiro? Deus é único, e Ele está todo *espalhado em todos os lugares*"[1318].

"*Em essência,* Deus é *um oceano infinito e ilimitado*: *Infinitum quoddam et interminatum essentiae pelagus*"[1319]. – "Santo Atanásio diz do Filho o que se deve entender igualmente das outras Pessoas divinas, "que Deus está em todo lugar, e fora de todas as coisas: *extra omnia*"[1320]. São Jerônimo diz que Deus está "fora" de todas as coisas e "dentro": *et forinsecus et intrinsecus*"[1321]. – "Deus não apenas preenche, mas *ultrapassa ainda* todas as coisas; porque Ele não está contido, mas contém todas as coisas nele"[1322]. – "Assim como uma romã, munida da casca que a envolve, diz Teófilo de Antioquia, tem no seu interior pequenos alojamentos e diversos compartimentos separados por membranas, e contém um grande número de folhas artisticamente colocadas nela, assim também todas as criaturas estão *envolvidas pelo espírito de Deus*; tanto as criaturas inteligentes como as outras estão todas envolvidas na mão de Deus"[1323]. – Santo Agostinho pergunta: "O que é esse Deus onipotente que preparou para os santos católicos e para os povos fiéis tão grandes bens, bens eternos e celestes? Quem é este Deus que preparou tais e tais grandes coisas? Sim, o que é o Deus onipotente? O que é, senão o insondável, o incompreensível, o inefável, que *está além de todas as coisas, fora de todas as coisas*, diferente de todas as coisas? *Ultra omnia, extra omnia, praeter omnia*. Pois Ele excede todas as suas criaturas, ultrapassa toda sua obra, ultrapassa tudo em excelência. Se vós procurares a grandeza, Deus é maior"[1324].

850. – Vê-se por aí como o ilustre Bispo de Hipona estava longe de enfraquecer a ideia que ele nos dá da grandeza de Deus quando nola apresenta como um mar infinito no qual as águas penetram todas as criaturas e as ampliam em toda direção, infinitamente além do univer-

[1316] São Gregório, Papa, Moral., l. 2, c. 8.
[1317] São João Crisóstomo, citado por Cornélio a Lápide, in Act. Apost., c. 17, v. 28.
[1318] *De vanit. Idol*.
[1319] S. Gregório Nazianzeno, *Orat. In Natal*
[1320] *Epist. ad Serap.*
[1321] *In Isai.*, c. 66.
[1322] Autor citado comumente como *Ambrosiaster, comment. in Epist. ad Ephes.*
[1323] Citado pelo P. Perrone, *De immensitate Dei, Ptaelect. theol.*
[1324] Sermão 384, edição Migne, cap. 1.

so (n. 818). A linguagem dos outros Padres que citamos não é menos expressiva neste sentido. Para nos dar uma ideia da imensidade de Deus eles não julgam que seja sempre necessário falar antes de seu poder e de sua força. A seus olhos o Ser Supremo é infinito em grandeza e se encontra substancialmente inclusive onde sua onipotência não criou nada, pois Deus está também *além e fora* de sua obra.

É neste sentido que Boécio dizia: "em todo lugar Deus está presente, pois não há um lugar capaz de o conter"[1325], seja porque os corpos não podem conter os espíritos, ou aprisioná-los, seja porque o espírito infinito ultrapassa o espaço em grandeza, assim como a eternidade ultrapassa o tempo em duração, como Santo Tomás nos provou através da noção de infinito e de imensidade (nn. 832, 833).

Esta é a doutrina clara e largamente ensinada nas Sagradas Escrituras (nn. 737 e segs., 754 e segs.). E é o ensinamento entendido pelo povo católico.

851. Basta indagar a um fiel medianamente instruído. – Quem é Deus? – Deus é um espírito infinito... – O mundo é infinito? – Não. – Então Deus está ainda além do mundo? – Sim, porque Deus é infinito. – Antes de criar o mundo, Deus estava onde está agora o mundo? – Sem dúvida. – Por que? – Porque Deus é infinito. – Deus poderia aniquilar (reduzir ao "nada") o mundo? – Sim. – Se Deus aniquilasse o mundo, Ele ainda estaria presente aonde o mundo estava? – Sem dúvida! – Por que? – Por que Deus não muda.

– Ó Filho da Igreja, quanto bom senso filosófico e teológico contém sua simplicidade!

852. – Contudo, a propósito da atualidade do ser divino fora do mundo, nos espaços imaginários, as opiniões dos teólogos estão divididas.

Vamos expô-las servindo-nos das palavras de Knoll[1326] e as faremos seguir de nossas apreciações, inspiradas nos princípios que expusemos anteriormente.

1º) "Quanto a esta questão (se Deus está fora do espaço real) alguns, como Herminier, Suarez e outros, julgam que é necessário responder afirmativamente, para não limitar Deus aos limites do mundo".

Esta é a tese que sustentamos e que nos parecem irrefutável. Na nossa opinião, Suarez não somente julgou oportuno responder afirma-

[1325] De Trinit., l. 1.
[1326] *Institutiones theol.*, vol. 1, p. 1, sect.. 1, c. 3, a. 2, Nota 1.

tivamente esta questão, mas provou solidamente seu ponto de vista, e não encontramos nenhuma refutação séria a seus argumentos.

Como? Não seria mais verdadeira as célebres palavras de Empédocles: *Deus é um círculo* (uma esfera) *na qual o centro está em todo lugar e a circunferência em nenhuma parte*? Santo Ambrósio, Pascal e uma infinidade de autores católicos teriam errado em se apropriar dela? Se Deus estivesse substancialmente apenas no universo finito, Ele seria infinito em grandeza? Então, o que se seguiria dessa restrição, se o próprio Deus estivesse cercado pelo nada? Senhor, meu Deus, que ideia! Vós não mais serieis *um oceano infinito e ilimitado em substância*! Em que tornaria vossa infinita grandeza? O que se entenderia por vossa imensidade tão ampla, tão vasta, quanto simples e indivisível?

Antes que vós criásseis o mundo, o próprio nada, que agora existe fora do mundo, ocuparia também o lugar que, neste momento, o mundo ocupa. E que razão teríamos para pensar que vossa substância estava nesta última parte do nada e não na primeira? Então, sem falar de vossa habitação em vós mesmo, vós não estaríeis senão nos espaços possíveis ou imaginários, de onde proviria para eles outras formas que eles não têm hoje? O Infinito se encontraria melhor onde está o finito do que onde o finito não está? *Mas a vida é como um nada diante vós*[1327]*; todos os povos na vossa presença são como se não existissem, e ele os considera como um nada, uma coisa que não existe*[1328]; comparadas a vosso ser, oh meu Deus, todas as criaturas participam da condição de minha substância e a dos povos da terra.

Assim, oh grande Deus, em relação à vossa essência e a vosso modo de ser, o finito não é nada mais do que o nada; e tudo, fora de vós, não é senão uma imaginação. O mundo não é vossa morada mais necessária ou mais útil do que o vazio relativo que o envolve. É em vós mesmo que vós sois, estando em vossas criaturas[1329], e é em vós que está vossa obra. E fora de vossa obra vós estais ainda em vós mesmo como vós estais em vossa obra[1330]. Aqui (no universo) vós dais algo, e daí a realidade do finito; lá (no nada) vós não dais nada, e daí o vazio; mas tanto aqui como lá vossa substância é suficiente por si mesma. Então, a propósito de vossa substância, devemos considerar todo o finito como nada. De maneira que eu creio fazer o mesmo raci-

[1327] Salmo 38, 6.

[1328] Isaías, XL, 17; Daniel, IV, 32.

[1329] A inabitação em vossas criaturas é uma irradiação originariamente livre de vossa inabitação necessária em vós mesmo.

[1330] Porque esta obra em nada vos modifica.

ocínio sobre a imensa atualidade de vosso ser, considerado como estando no mundo ou como estando fora do mundo.

Mas, eu disse que fora do mundo vós não dais nada, e que vós dispensais vossa bondade no mundo. Isto está correto? Vós sois infinitamente simples, *e estais por inteiro em todos os lugares por vós mesmo*. Então vós fazeis lá (fora do mundo) o que fazes aqui (no mundo). Com efeito, aqui vós fazeis porque vossa bondade se aplica aqui, e não se aplica lá; lá vós fazeis com que vossas bondades não sejam exibidas como aqui; então lá e aqui vós fazeis a mesma coisa. Se houver uma diferença, ela está toda fora de vós, na medida em que aqui haja seres participados e lá não exista nenhum.

853. – Mas, alguém poderia objetar que se vós estais *todo inteiro em toda parte em vós mesmo*, é inútil recorrer a lugares imaginários; pois, estando por inteiro em si mesmo em qualquer lugar, por menor que seja, vós não podeis estar mais do que *por inteiro* em uma infinidade de lugares e, consequentemente, para que serve multiplicar os espaços, pelo pensamento? – A dificuldade tem uma aparente seriedade. Entretanto, no fundo, ela nada tem de razoável. Vós mesmo não dissestes, ó meu Deus, que fostes *elevado acima dos céus*, que os céus são *vosso trono*, que *vós encheis o céu e a terra*. Ora, é fato que vossa substância está por inteiro em cada parte do universo, inclusive acima. Então é próprio de vossa grandeza estar assim. Basta, por assim dizer, à vossa imensidade, estar por inteiro num ponto; é necessário, ademais, que vós estejais por inteiro na infinidade de vossa grandeza, como vós estais todo inteiro na infinidade de vossa duração. Vossa eternidade, sendo indivisível, corresponde a um minuto de nosso tempo. Mas nosso tempo não corresponde, por si próprio, à vossa eternidade.

O mesmo deve ser dito de vossa imensidão em relação aos lugares.

Além disto, os espíritos limitados não dão, eles mesmos, uma ideia análoga de vossa grandeza. Minha alma está também por inteiro em cada parte de meu corpo e, entretanto, eu cairia no ridículo se dissesse que um átomo lhe seja suficiente, porque ela estaria toda inteira nele. Em face da grandeza espiritual da alma, é necessário que ela esteja toda inteira em um grande número de partes e num corpo maior. E isto é atribuível não somente à força (virtude) da alma, mas ainda a seu ser; porque cada ser age conforme ele é. E a virtude maior ou me-

nor de uma coisa indica que esta coisa é maior ou menor[1331]. É verdade que uma grande alma pode estar no corpo humano relativamente pequeno, mas neste caso esta alma exercerá uma maior irradiação fora, sobre a natureza. O que dizer, então, do Espírito infinito? A extensão e a circunferência do universo são apenas um insignificante ponto em relação à sua grandeza. Deus é infinito sob todos os aspectos.

Igualmente consta que quanto mais as criaturas angélicas sejam perfeitas, mais elas são grandes e também mais elas podem agir nos lugares com sua presença imediata. Os lugares em nada lhes são necessários, mas sua grandeza tem, portanto, uma relação com os lugares, de tal sorte que o mais nobre dos anjos é também aquele cuja presença ocupa, simultaneamente, o maior número de lugares. Ou, o que dá na mesma, ocupa o mais vasto lugar angélico.

Ora, Deus é tão grande que nenhum espaço real corresponde à sua grandeza. "*Deus, que é todo seu ser..., tem o ser segundo toda a virtude do ser*"[1332], conforme toda amplitude do ser, segundo toda a significação do ser. Uma vez que, portanto, a grandeza pertence ao ser, é necessário que Deus a tenha toda, ou, em outros termos, que ela seja infinita. – "*Uma coisa é perfeita enquanto ela está em ato*", ou que ela seja real; "*e imperfeita enquanto ela esteja em potência ou que ela esteja privada de alguma realidade. Então, aquilo que não esteja nulamente em potência, mas que seja um ato puro, é perfeitíssimo. Este tal é Deus*"[1333].

Ora, há um número indefinido de lugares possíveis fora do universo. E Deus, que está em ato puro, não pode estar *em potência* com relação à ocupação desses lugares; então sua imensidade se estende a eles infinita e necessariamente.

– "É necessário que tudo que está em ato (realidade) numa coisa finita se encontre em Deus muito mais eminentemente do que nesta coisa"[1334]. Ora, a extensão do espaço real é considerável e se encontra muito mais eminentemente, inclusive infinitamente, em Deus, segundo nossa concepção da imensidade. Então essa noção é verdadeira, ainda mais que atribuímos a imensidade à própria substância do Ser divino e não somente à sua potência.

– "Em qualquer gênero há alguma coisa de perfeitíssimo neste gênero, e que mede tudo o que está contido neste gênero; porque cada

---

[1331] Ver Santo Tomás, *Contra os Gentios*, l. 1, c. 28. *Omnium perfectiones pertinente ad perfectionem essendi*. *Suma Teológica*, p. 1, q. 4, a. 2.

[1332] *Contra os Gentios*, ibid.

[1333] Ibid.

[1334] Ibid.

coisa, incluída neste gênero, é estimada mais ou menos perfeita segundo seu grau de proximidade a respeito disto que é o modelo do gênero... Mas isto que é a medida de todos os seres só pode ser Deus, que é o seu próprio ser"[1335]. Por conseguinte, Deus é a grandeza infinita que mede todos as grandezas espirituais e materiais.

"Deus é denominado de grande, como nos diz São Dionísio (n. 739), por causa de sua própria grandeza, que se comunica *a todas as grandes coisas*, que se espalha e se estende *infinitamente fora* de toda grandeza...; esta grandeza é sem limite, sem quantidade, sem número, e por isto espalha sua excelência incomparável *na expansão absoluta e supremamente vasta de vossa amplitude* incompreensível. A grandeza de Deus não é somente a medida necessária do espaço real, dos anjos e dos homens, mas é ainda de todos os espaços puramente possíveis e de todos os seres que poderiam ser criados. Então, para nós, não há nenhuma dúvida sobre a atualidade da substância divina naquilo que se chama de espaços imaginários: *magnitudinis ejus non est finis*![1336]

Vossa grandeza, oh meu Deus, não tem limites. Eu adoro a sublime simplicidade, a incompreensível clareza e a soberana veracidade de vossa palavra. Ninguém, senão vós, conhece perfeitamente vossa grandeza. E dela vós sois o único que pode nos dar uma ideia justa. Ora, vós tendes querido fazê-lo de uma maneira proporcionada à nossa capacidade. O mundo tem limites, vossa grandeza não tem; portanto, excede a extensão do mundo. Excede-a em cem vezes, em mil vezes, em um milhão de vezes, o equivalente a essa extensão? Nestes casos sua grandeza teria limites; seria medida por tantas vezes pela magnitude do seu trabalho. Mas, uma vez que vossa grandeza não tem limites, *non est finis*, ela não é medida de nenhuma forma. Então, está na vossa natureza ser imensa, infinita, não somente em sua essência, mas ainda em sua amplitude. Assim, oh meu Deus, os numerosos ensinamentos que nos dão vossas Sagradas Escrituras sobre vossa imensidade, podem ser entendidos da maneira mais natural.

Sem esforço podemos aprender a vossa verdade e dispensar o refinamento na palavra dos pregadores.

854. – 2º) Conforme Konll, "Outros teólogos, como Tournely, Charmes, etc., sustentam que Deus não está positivamente, mas negativamente, nos espaços imaginários, quer dizer, Deus neles não está

[1335] Ibid.

[1336] Salmo 144, 3: "Grande é o Senhor, e muito digno de louvor, e a sua grandeza é insondável".

fora de si mesmo e não tem nenhuma coexistência nem alguma relação com esses lugares". A nosso ver, esta opinião não tem sentido, a menos que ela não se identifique com nossa tese. Com efeito, Deus está essencialmente em si mesmo, em sua imensidade. E, sob este ponto de vista, Deus só pode estar positivamente.

Quanto à sua habitação nos espaços que se supõe imaginários, ela não é somente negativa, mas completamente nula, porque nada há fora de Deus[1337]. Portanto, é inútil dizer que *Deus não está fora dele mesmo* (expressão que nos parece singular) e que ele não tem nenhuma coexistência e nenhuma relação (real) com esses lugares. É desnecessário dizê-lo. Como coexistir com algo que não existe?

Se estes teólogos admitem, como nós, que Deus está por si mesmo em todos os lugares, em sua infinita grandeza, a opinião deles não é diferente da nossa.

855. – 3º) "Outros, finalmente, e com mais razão, tratam toda essa questão como absurda. Porque, nos dizeres de Santo Agostinho[1338], *são vãos estes pensamentos humanos que sonham com lugares infinitos, porque não há nenhum lugar fora do mundo*. Os espaços imaginários não existem: Deus não está no *nada*, porque, como diz Santo Tomás (em Billart, *Diss*. 3, a. 6, & 4), *no nada não há absolutamente nada"*. E São Boaventura acrescenta (I. D. 37): "É insensato dizer que Deus está no que não é nada".

Conforme nossa humilde maneira de ver, estas autoridades são citadas com razão. Elas condenam o que nós condenamos, porém sem chegar à nossa tese; e esta, consequentemente, não parece absurda, mas apenas parece não compreendida. Com efeito, não se trata de saber se Deus está *no que não existe,* como já observamos anteriormente, mas se trata unicamente de saber se a substância divina, que tem uma infinita grandeza, e que está certamente no mundo, embora não *contida* pelo mundo, se estende também além do mundo, ou se ela está somente onde é exercido o poder de Deus.

A questão posta nestes termos nos parece resolver por si mesma, independentemente das numerosas razões já mencionadas. Qual teólogo quer colocar limites ao Ser que é infinito em todos os aspectos? Se o Espírito soberano tem realmente essa grandeza que corresponde à grandeza do espaço real, como sustentam todos os autores católicos, perguntamos se há uma sombra de razão para provar que essa grande-

[1337] Se se trata dos possíveis, como eles são realmente possíveis, Deus é realmente o fundamento deles. Isso é positivo.

[1338] *A Cidade de Deus*, l. 11, c. 5.

za termina, como se a substância divina não devesse exceder em magnitude a obra real da divina onipotência. Esta última, pertencente à liberdade divina, à natureza de Deus, fez o mundo finito, mas a imensidão é uma necessidade da natureza de Deus, e de modo algum depende da vontade do Criador.

É forçoso, então, que Deus exista segundo toda a amplitude do Ser, o que não pode se dar senão no infinito, no eterno, no imenso, em uma palavra, no infinito sob **todos** os aspectos.

Isto porque, propriamente falando, o *nada* jamais existiu e não pode existir, seja porque ele é nada, seja sobretudo porque é absolutamente impossível para o ser absoluto que é Deus. Deus, sendo o ser absoluto, é absurdo que Ele tenha alguma parte como *nada* absoluto.

Fora do mundo há o não-ser das coisas finitas, ou somente um nada relativo. Mas, pelo fato de Deus ser o próprio ser, o ser em toda sua amplitude, e quanto à substância, à perfeição, à grandeza, e quanto a todo o resto, repugna sonhar com algum vazio completo, absoluto, de onde a própria substância de Deus estivesse ausente. O ser absoluto não seria mais absoluto! Seria apenas até um ponto e não mais. Sua condição seria, em parte, a mesma dos corpos! Ou a dos espíritos limitados (finitos)! A ser assim, minha imaginação poderia sonhar com o infinito em grandeza, e Deus não seria tão grande! Deus *magnus vincens scientiam nostram*[1339]: A grandeza de Deus ultrapassa minha ciência, mas minha imaginação poderia figurar uma grandeza superior!...

Não, não, meu Deus! Não pode ser assim! Nossa imensa realidade é um céu formalmente infinito, que existe em toda parte, adequadamente, apenas em si mesmo. Lá onde falta os seres finitos, vossa substância reina sozinha, sem limite e sem participação, e vós não habitais no nada, vós que sois o próprio ser, o ser absoluto! Onde o poder de vossa vontade colocou as criaturas é ainda em vós mesmo, onde vós estais, uma vez que vós não tirais vantagem alguma do finito, mas faz com que as coisas participem de vossa bondade, de vossa grandeza, e das vossas outras perfeições.

Ainda uma vez mais, para vossa substância, não há nenhuma diferença entre o caso onde ela está sem vossa imensidade e o caso onde, nesta mesma imensidade, ela coexista com criaturas.

Nono Ponto: exame da opinião pessoal do Padre Knoll

[1339] Jó, XXXVI, 26.

856. – Knoll expõe sua opinião nestes termos: “Enganam-se... aqueles que pensam que se restringem a imensidade de Deus dizendo que ela não existe fora do mundo, nos espaços imaginários; porque, quaisquer que sejam os espaços que se imaginam, esses espaços, como estendidos e divisíveis, jamais podem ser infinitos. Por conseguinte, no sentido de espaço (*ratione spatii*) Deus jamais seria imenso. É por isso que é necessário remover de Deus todas as noções de espaço e lugar. Também os Padres dizem que Deus, antes de criar o mundo, existia, não no espaço e num lugar, mas nele próprio”.

Parece, à primeira vista, que este raciocínio tem certo valor. Mas, cremos, que quanto mais considerado menos consistência oferece. E, primeiro, provaria demais, pois, o que este autor diz do espaço, podemos dizer, em relação a essa questão, de todos os seres finitos e de todas as suas qualidades. De onde resultaria que Deus não seria infinito em nenhum aspecto. Por exemplo, todos os espíritos criados são necessariamente limitados, e aqueles que tenham as perfeições que nós lhes atribuímos no pensamento jamais poderiam existir como finitos. Donde o Espírito Supremo jamais seria infinito! Todo conhecimento humano ou angélico seria susceptível de ulteriores graus de luz. Donde a ciência de Deus jamais seria infinita! Um tal raciocínio que tivesse por objeto o espaço ou qualquer outra criatura, evidentemente não pode se sustentar. Portanto, é necessário seguir o processo contrário. Dizemos: sempre se pode acrescentar, no pensamento, o espaço, porque há uma grandeza infinita cujo fim jamais se atingirá e que é o primeiro fundamento e a medida de todos os possíveis que imaginamos. Sempre se pode supor novos graus de perfeição na ciência infinita, porque há uma ciência infinita impossível de ser esgotada, ao se comunicar. E assim quanto a outros casos.

857. – Portanto, visto que o infinito não resulta da adição do ser ao ser e das qualidades às qualidades, e nem da soma das partes às partes, que formam a extensão divisível, segue-se que Deus não é de modo algum infinito no sentido das criaturas (*ratio entis finite*) e que, consequentemente, o argumento de R. P. Knoll não tem mais valor contra nossa tese do que contra qualquer outra sobre as relações do finito com o infinito. É graças à sua própria natureza que a imensidade de Deus não tem limites não graças aos espaços reais ou imaginários. E se dizemos que a imensidade seria contida no caso em que ela não ocupasse os espaços puramente possíveis é porque a imensidade não seria mais imensidade. Seria simples, realmente, como a grandeza dos espíritos criados. E também seria limitada como estes espíritos, pois

ela abrangeria apenas um mundo que certamente é finito. Adicionando, pela imaginação, espaço a espaço, indefinidamente, designamos também os espaços possíveis, aos quais é absolutamente necessário que corresponda à imensidão divina, sem os quais esses espaços não seriam possíveis. Com efeito, repugna que a virtude de Deus agisse onde não estivesse sua substância, de vez que em Deus estas duas coisas (imensidade e substância) são idênticas.

858. – Os espaços imaginários não são outra coisa senão possíveis no gênero da extensão. *É próprio que um ser esteja em toda parte,* diz Santo Tomás*, quando, em qualquer hipótese, se segue que esse ser esteja em toda parte. É o que convém propriamente a Deus, porque, qualquer que seja o número de lugares que se imaginar, mesmo que se suponha lugares infinitos além dos lugares existentes, Deus teria que estar em todos os lugares, pois nada pode existir sem ser por Ele*[1340]. Já fizemos notar, anteriormente, que o Anjo da Escola fala no sentido condicional, para excluir a habitação real de Deus nos lugares que não são reais, mas não para restringir a imensidade divina quanto aos lugares existentes. Santo Tomás quer dizer que nenhum ser finito participa, fora do mundo, da grandeza de Deus. Mas não quer dizer que esta grandeza termina nos limites do universo, pois ele a proclama imensa da mesma forma que a eternidade (nn. 832 e seg.).

Santo Tomás sustenta, então, que a imensidade divina corresponde também a todos os lugares possíveis, porque *nada pode existir* senão por Deus. Portanto, é necessário admitir a atualidade divina fora do mundo.

859. – Mas, vamos continuar, haveria necessidade que houvesse infinitos lugares possíveis em extensão para provar nossa tese. Isso pode ser admitido? – "É tão estranho?", respondemos. Sobre este ponto há importantes noções a serem desenvolvidas. E é porque delas não se tem noções precisas que se criam tantas dificuldades.

Primeiramente constatamos que a imensidade divina não depende de um lugar infinito como possível, mas de um lugar possível, se se supor, que depende da imensidade de Deus e que deve a essa imensidade o ser possível. E, secundariamente, que, quando não pudéssemos explicar adequadamente as relações da grandeza infinita de Deus com os lugares possíveis, mesmo assim a imensa amplitude do ser divino não seria comprometida, porque a demonstramos, com um grande

[1340] 1, q. 8, a. 4.

número de outras provas. E também, para prová-lo, bastaria apenas a ideia do infinito sob todos os aspectos.

860. – Além disto, afirmamos, com Santo Tomás, que Deus efetivamente conhece um *número infinito* de seres finitos, existentes ou possíveis de existir: "É preciso dizer que, como Deus conhece não somente todas as coisas existentes, mas ainda aquelas que estão em potência ou na potência de criatura, e consta que estas coisas são em número infinito, *é necessário* confessar que Deus conhece um número infinito de objetos finitos... e isto, inclusive por sua ciência de visão... A essência divina, pela qual o intelecto divino compreende, é o modelo suficiente de todas as coisas que são *ou que podem ser*..., inclusive quanto ao próprio princípio de cada coisa...; de onde se segue que a ciência divina alcança um número infinito de objetos considerados, inclusive como distinto uns dos outros... Entretanto Deus não conhece... este número infinito enumerando uma parte após outra, porque Deus conhece todas as coisas simultaneamente e sem sucessão... Nada, portanto, impede admitir que Deus conhece um número infinito de objetos"[1341].

861. – Ademais, o mesmo Santo Doutor escreve: "Nada impede que uma coisa seja infinita num sentido e finita noutro sentido. Assim, no gênero de quantidade, podemos imaginar uma superfície que seja infinita em comprimento e finita em largura... Se alguma coisa é infinita apenas de uma maneira, nada impede que haja muitas destas maneiras de infinito. Assim podemos imaginar muitas linhas infinitas tiradas segundo o comprimento sobre uma superfície finita em largura... O infinito se multiplica segundo os diversos objetos..., de maneira que convém a cada um destes objetos... Nós o constatamos nos números, porque as espécies de números pares são infinitas, e igualmente as espécies de números ímpares. E, entretanto, os números pares e os números ímpares, reunidos, são mais numerosos que somente os números pares. Assim, então, é necessário concluir que nada há maior daquilo que é simplesmente infinito, quer dizer, daquilo que é infinito sobre todos os aspectos; quanto àquilo que é infinito apenas sob algum aspecto determinado, não há nada maior nesta ordem, mas pode haver alguma coisa maior numa outra ordem. Desta maneira um número infinito de coisas está, em potência, na criatura; e, entretanto, em Deus há um maior número de coisas, em potência"[1342].

[1341] 1, q. 14, a. 12.
[1342] 3, q. 10, a. 3.

862. – O Cardeal Franzelin é, neste ponto, como em outros, um fiel eco de Santo Tomás: "Nós não podemos, diz ele, fixar os fracos olhares de nosso espírito sobre séries infinitas, em cada uma das quais se encontra também uma infinita variedade de possíveis. Isto porque há uma multidão infinita, e infinitamente variada, de verdades, que em nada correspondem a realidades finitas, mas que são realmente compreendidas por um único olhar divino... Quando procuramos fazer uma ideia da multidão, por exemplo dos mundos e das ordens em que cada um é objetivamente possível, não podemos concebê-la de outra forma senão acrescentando a um número determinado destes possíveis um número ainda maior; e nos é impossível alcançar, num olhar, toda esta multidão, porque a noção do infinito que nós podemos ter é de tal sorte que seu objeto sempre a ultrapassa (e nós não podemos conceber este excedente senão de uma maneira confusa).... Mas, Deus compreende distintamente cada um destes possíveis, e seus modos de ser, se eles se realizassem, e os compreende de tal maneira que eles não têm nada de possível fora da multidão que Ele compreende distintamente... Ora, *toda esta multidão é infinita, sem dúvida nenhuma*, porém não em perfeição, isso é claro, mas em número de coisas possíveis... (Estas coisas) formam *uma extensão, uma multidão infinita*... (também Santo Agostinho diz[1343] que) *os números são certissimamente infinitos*"[1344].

863. – Observamos com o mesmo autor que essa multidão realmente infinita não é considerada por nós como estando no estado de possibilidade e como objeto da ciência divina. Toda essa multidão não poderia se realizar, ao menos simultaneamente. Haveria, no máximo, na ordem das realidades, somente uma infinidade, em potência. A razão deste fato está na própria condição das coisas finitas. Toda coisa que se realiza exclui por isso mesmo a realização de outras possíveis. Uma flor, por exemplo, pode florir a cada minuto que compõem muitos dias. Mas, pelo fato dela florescer no centésimo minuto, torna impossível seu florescimento efetivo em todos os outros minutos. No espírito todas essas possibilidades podem ser associadas; na realidade uma infinidade de coisas exclui outras. Isto se poderia demonstrar por um raciocínio análogo a um espaço infinito, como tal na ordem dos possíveis, seria, então, impossível realizar? Nossa tese não nos permite estudar esta questão, que nos levaria muito longe. A constatação do número infinito de possibilidades, considerado como objeto no conhe-

[1343] A Cidade de Deus, l. 12, c. 18.
[1344] Franzelin, De Deo uno, Thes. 41, 1.

cimento de Deus, é suficiente para a demonstração do que temos proposto.

864. – Resulta claramente das passagens reportadas por Santo Tomás e pelo Cardeal Franzelin, que Deus conhece, nas possibilidades, um espaço infinito. Se uma linha, se uma superfície infinita em comprimento, não se opõem, um espaço infinito seria mais incompatível (contraditório)? Seria apenas um infinito num aspecto, ou seja, em extensão, e, como extensão, não haveria nada maior. A substância divina, sendo imensa, é o modelo suficiente deste "infinito parcial" e simplesmente possível. E há por toda parte seres possíveis porque a grandeza de Deus é infinita. Em cada série infinita, encontra-se, como nos diz Franzelin, uma infinita variedade de possíveis. A série dos lugares é uma destas séries infinitas, onde os lugares possíveis formam também uma infinita variedade. A multidão dos mundos, e de ordens diferentes, tal como é conhecida pela ciência divina, formam um número realmente infinito de possíveis, uma *extensão* infinita.

865. – Ora, acrescentamos, estes possíveis não são tais sobretudo para a imensidade de Deus. Como é necessária a causa exemplar de tudo que seja real ou possível, e como os mundos materiais e as várias ordens de coisas, considerados apenas como possíveis e como objetos da ciência infinita de Deus, são infinitos em número, segue-se estritamente que a imensidade divina, sua causa exemplar, é infinita em magnitude. Por outro lado, estes possíveis não seriam possíveis na falta do primeiro modelo e também de um primeiro fundamento da extensão. Santo Tomás diz que "a ciência tem por objeto apenas seres" (*scientia non est nisi entis*)[1345]. Ora, Deus conhece um número infinito de mundos e de seres materiais, número infinito que não é real. Então há um número infinito de seres possíveis. E como é possível este número infinito de seres, que inclui a noção de extensão na noção de sua possibilidade, sem a imensidade divina que corresponde eminentemente a um espaço possível infinito? Poder-se-ia dizer que a onipotência é a causa adequada de toda extensão real ou imaginária? – Respondemos que o papel da onipotência é agir segundo a livre vontade de Deus. E, como falamos apenas dos possíveis, referimo-nos ao campo das coisas necessárias.

Além disso a onipotência age segundo uma suprema causa exemplar que, no nosso caso, só pode ser a imensidade do ser divino.

[1345] 3, q. 10, a. 3.

Então, parece-nos ter suficientemente demonstrado, pela infinidade dos possíveis, a atualidade da substância divina naquilo que se denomina de “espaços imaginários”.

866. – O Padre Knoll termina a exposição de sua opinião com estas palavras: “É necessário remover de Deus todas as noções de espaço e lugar; também os Padres dizem que Deus, antes de criar o mundo, existia, não no espaço e em um lugar, mas nele próprio” (n. 856, 4º). A primeira afirmação é que, sem dúvida, não se deve atribuir a Deus uma extensão material e divisível. Isto é evidente. Mas, parece-nos absolutamente falso que a extensão dos lugares e dos espaços não poderia nos indicar a imensidade divina e que essa extensão não seja de fato um *vestígio* da grandeza do Ser Supremo.

Não é em vão a Sagrada Escritura diz: *A grandeza e a formosura da criatura dão a conhecer e tornam visível o seu Criador*? (Sab., XII, 5). E ainda: *As perfeições invisíveis de Deus tornaram-se compreensíveis, depois da criação do mundo, pelas coisas que foram feitas, como também tornaram visíveis seu poder eterno e sua divindade* (Rom., I, 20). Ora, o que proclama a grandeza inimaginável do universo, senão a grandeza infinita de Deus?

E a extensão, que está na natureza dos Céus, pode não se encontrar eminentemente na natureza de Deus? Por conseguinte, é verdade que devemos excluir de Deus todas estas propriedades grosseiras que convêm apenas às criaturas. Por exemplo, a extensão divisível e limitada. Mas é necessário reconhecer em Deus uma simplicidade absoluta e ao mesmo tempo a imensidade, em comparação à qual o universo é muito pequeno.

Não são estes os ensinamentos que nos são dados em uníssono pelas Sagradas Escrituras e pelo majestoso conjunto de seres criados?

Quanto ao que se acrescenta, ou seja, que “Deus existe nele próprio", nós já explicamos muito extensamente e julgamos supérfluo retornar a ele novamente.

867. – Eis, então, ó grande Deus, a ideia que formei de vossa imensidade. Concebi-a como um céu infinito, eterno, sem extensão divisível, porque ele excede toda extensão; absolutamente simples, pois é apenas o seu ser considerado em sua amplitude incompreensível (n. 739), preenchendo o céu finito e a terra. Quer dizer, penetrando todas as coisas e não sendo contido senão em si mesmo, ultrapassando

infinitamente os limites da criação[1346]. E Vós sereis comtemplado como céu infinito, ó meu Deus, por vossas criaturas inteligentes, que alcançarem a suprema felicidade. Delas Vós sereis como seu elemento vital e sua morada por excelência, pois é somente em vós que elas encontrarão sua felicidade essencial.

A Jerusalém Celeste material e o universo glorificado terão limites. É por isto que eles servirão de felicidade secundária de vossos filhos. Os céus saídos do nada serão também contemplados segundo seus diversos graus de perfeição. Os mundos dos possíveis em todos os gêneros, têm sua essência em si mesma, em seu poder, em sua bondade, em sua beleza, em sua grandeza infinita; e como certamente há lugares possíveis além dos lugares reais, eles os verão, qual mais, qual menos, de acordo com sua capacidade. Mas jamais verão todos, porque esses lugares, enquanto possíveis conhecidos de Deus, são em número infinito.

Oh Deus! oh Deus! quantas felicidades vós nos reservais na Pátria futura! Sempre novas, e de novo vistas em Deus, pois o Infinito é eternamente inesgotável! O que se oferece aos bem-aventurados é sempre o Infinito, o Infinito que se dá sem cessar com um amor infinito. Mas os bem-aventurados devem recebê-lo de uma maneira finita, o que pode proporcionar uma variedade sem fim.

Obrigado, oh meu Deus, por vossa inefável bondade! Ah! possamos nós cantá-la eternamente! Nós a esperamos, Senhor, por vossa graça, pelos méritos infinitos de nosso Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, e pela intercessão poderosíssima da Rainha do Céu, nossa Mãe.

868. – Ó espíritos celestes, ó eleitos humanos gloriosos, que céu vós habitais! Os céus criados vos convêm, mas eles não vos são suficientes e nem vos são absolutamente necessários. Vossa morada por excelência é o céu infinito[1347]. É a verdadeira morada dos espíritos confirmados no amor de Deus; é a verdadeira morada das almas humanas, tornadas iguais aos anjos; é a verdadeira morada dos corpos humanos glorificados, que vivem de sua alma e não dos elementos materiais. Por conseguinte, vós não estais obrigados a vos permanecer nos limites do universo transformado e inundado de glória. Esse é, por

[1346] "Quem há como o Senhor nosso Deus? Seu trono está nas alturas, e Ele se abaixa para olhar os céus e a terra" (Salmo 112, 5 e 6 – tradução do hebraico pelo Padre. Lesêtre, tradutor e comentador dos salmos, que acrescenta: "Deus é infinitamente grande; por conseguinte os próprios céus estão abaixo dele, e Ele se abaixa para os olhar".

[1347] Está lá o Paraíso espiritual que é a visão de Deus. (Santo Tomás, livro 3, Dist. 22, art. 4, ad 1^{m}.

assim dizer, o lugar de vossas reuniões; é como o tempo onde vós celebrareis vossas festas. Mas, semelhantes a pombas de voo ágil e possante, vós percorreis também, segundo vossos desejos e vosso poder, as regiões possíveis que vós vereis na imensidade do céu divino.

Oh Céu, oh Céu! vós não tens limites em nenhuma parte! Oh felizes habitantes deste Céu, ides em todos os sentidos, desde que quereis, pois nele não há fim. Lançai-vos ao longe; ultrapassai milhões de vezes o equivalente ao diâmetro do universo; Deus está em toda parte, é sempre Deus, é o Oceano Infinito do ser.

O nada! Onde estará ele? Não há lugar para o nada; seu próprio nome prova isso. Há não-seres quanto à realidade finita. Mas estes não-seres são conhecidos de Deus, que *chama as coisas que não são, como as que são* (Rom., 4, 17). Esses não-seres formam o mundo infinito dos possíveis, englobados num só golpe de vista pelo olhar divino, mas oferecendo-se eternamente como seres indefinidos aos olhos dos espíritos e das almas criadas.

Contudo estes espíritos e estas almas, inefavelmente engrandecidas e fortificadas pela Luz da Glória, contemplam a multidão desses possíveis, conforme seus diversos graus de perfeição e de amplitude. Talvez eles a vejam melhor do que nossos olhos mortais veem as realidades passageiras; eles a veem na Santíssima Trindade, especialmente no Verbo, que é a expressão de Deus e de todas as coisas (nn. 792, 797, 797); e numa luz tão intensa e tão esplendorosa, seus olhos intelectuais adquirem uma potência inexprimível. Porque a própria essência divina é o principal objeto de sua visão, que dificuldades eles podem experimentar ao conhecer os possíveis, dos quais a essência de Deus é o supremo modelo?

É por isso que o céu infinito oferece a seus olhos uma variedade infinita. Mais uma vez, que Céu encantador! Sim, *vossa magnificência*, oh meu Deus, *está elevada acima dos Céus (*Salmo 8, 2). *Sejas exaltado acima dos céus, oh Deus*! (Salmo 107, 6). *Acima dos céus está vossa glória* (Salmo 112, 4). Os céus criados são grandes, *mas vós os segurais na palma de vossa mão* (Is., XL, 12). Estes céus, *vós os haveis estendidos como um nada* (Ibid., 22) na vossa imensidade.

Também vosso Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, *está elevado,* com sua Humanidade, *acima de todos estes céus, para preencher todas as coisas* (Efs., IV, 10).

E nós, seus membros, estaremos com Ele, também tanto acima destes céus, pois o Céu por excelência, ó meu Deus, é a vossa grandeza infinita, que penetra e supera todas as coisas.

Capítulo II: Visão sintética do conjunto dos céus criados e de suas influências

Quod autem ascendit, quid est, nisi quia et descendit primum in inferiores partes terrae? Qui descendit, ipse est et qui ascendit super omnes coelos, ut impleret omnia.

Ora, o que significa subiu, senão que também antes tinha descido aos lugares mais baixos da terra? Aquele que desceu, é aquele mesmo que também subiu acima de todos os céus para cumprir todas as coisas (Efésios, 4, 9,10).

Primeiro ponto: A humanidade gloriosa do Verbo forma, por seu brilho, o primeiro Céu, depois do Céu das Pessoas divinas

I. – Esta santa humanidade está acima de todos os céus e de todos os espíritos criados, para preencher todas as coisas de seus dons.

869. – Depois do céu infinito da imensidade divina, o primeiro Céu que se apresenta aos olhos de nosso espírito é o do Verbo Encarnado.

Já vimos (nn. 780 e segs.), que o Verbo é imenso como as outras pessoas da Santíssima Trindade. Mas, assim como a grandeza de Deus, infinita "em sua expansão absoluta e soberanamente vasta" (n. 739), não coexiste com as criaturas em todos os lugares possíveis, mas somente no universo real, da mesma forma, sobre um aspecto, o Verbo, o que é imenso, está unido à natureza humana de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo o poder obediente deste último, de tal sorte que sua humanidade é infinita em si mesma e em sua irradiação. "A hipóstase, diz Santo Tomás, não se estende além dos termos desta natureza da qual ela tira a substância. Mas o Verbo de Deus não tira da natureza humana sua substância; ao contrário, Ele eleva a natureza humana à sua substância ou à sua personalidade, porque Ele não existe para ela, mas nela. Por causa disto, nada impede que o Verbo de Deus esteja em todos os lugares, embora a natureza humana assumida pelo Verbo de Deus não esteja em toda parte"[1348].

870. – Do fato de que o Verbo eleva a sua própria pessoa a natureza humana que ele toma, resulta que a natureza humana de Nosso Senhor Jesus Cristo não forma somente uma Pessoa. De onde parece

---

[1348] *Contra os Gentios*, l. 4, c. 49, 3º. Em qualquer homem que não seja Nosso Senhor Jesus Cristo a natureza humana é igual à pessoa. É diferente em Nosso senhor Jesus Cristo. Sua Pessoa é infinita, ou divina; mas sua natureza humana é finita. (Livro 3, Dist. 22, a. 2, ad 2^{m}).

decorrer que esta natureza, privada de sua personalidade natural, aparenta sofrer uma diminuição. Mas o Santo Doutor que observa que, ao contrário, isto confere uma incomparável dignidade à humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, "porque toda coisa tem o ser mais nobremente quanto mais ela está unida a um suporte que é mais digno do que ele, do que se existisse por si própria. Testemunha a alma sensitiva que tem o ser mais nobremente no homem do que nos outros animais, por ser nestes a forma principal e não no homem"[1349].

A alma humana, única alma que há no homem, desempenha ao mesmo tempo as funções de três almas: da alma vegetativa, da alma sensitiva e da alma humana. Ela faz com que o homem viva e se alimente; que ele sinta e que ele caminha; que ele raciocine e que ame. Assim o homem é eminentemente um vegetal e um animal, porque ele é um animal racional.

Algo de análogo se verifica em Nosso Senhor Jesus Cristo, embora o Verbo não seja a forma de sua humanidade, mas somente a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Entretanto o fato de que a humanidade de Cristo pertencer à Pessoa do Verbo, e não tenha outra pessoa senão o próprio Verbo, eleva esta humanidade a um tal grau de grandeza e de excelência que o próprio Deus não poderia fazer nada de melhor neste gênero (n. 31).

871. – Isto porque a Humanidade do Verbo, considerada em seu pleno triunfo, na sua suprema exaltação, em toda a amplitude de seu brilho glorioso, constitui o mais elevado, o maior e o mais belo dos céus depois do Céu da imensidade divina, como mostramos ao longo do primeiro livro desta obra (nn. 179-317). Inclusive o Príncipe dos teólogos se apropria destas palavras de São Paulo, dando a elas um relevo magnífico: *Nosso Senhor Jesus Cristo subiu acima de todos os Céus, a fim de o preencher de todas as coisas*. "Mas certos corpos que participam abundantemente da bondade divina, disse o Santo Doutor, quanto mais alto eles estão colocados no conjunto das coisas materiais, conjunto que constitui uma ordem local. Pois vemos que os corpos, que são informados mais nobremente, são naturalmente superiores (àqueles que tem formas menos perfeitas)... É, com efeito, por sua forma que cada corpo participa *do ser* divino... Ora, um corpo participa mais abundantemente da bondade divina por sua glória, como qualquer corpo natural dela participa pela forma de sua natureza; e é manifesto que o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo é mais resplan-

[1349] Ibid., n. 8.

decente do que todos os corpos gloriosos. Isto porque é convenientíssimo que esse Corpo esteja estabelecido numa altura de onde Ele domine todos os outros corpos. Por causa disto a glosa interlinear acrescenta a estas palavras do Apóstolo: *Tendo subido ao alto* (Efes. 4, 8), (que Cristo está no alto) *localmente e de acordo com sua dignidade*"...

"Diz-se que o trono de Deus está no céu, não como contido pelo céu, mas sobretudo como penetrando e envolvendo o céu. De onde se segue que não é necessário admitir que alguma parte do céu esteja mais elevada do que Nosso Senhor Jesus Cristo, mas é necessário reconhecer que Cristo está acima de todos os céus, como se lê também no Salmo 8: *Vossa magnificência está elevada acima do céu*...

"O lugar é uma espécie de recipiente; de onde se segue que o primeiro recipiente é também o primeiro local (das coisas materiais), e este local é o primeiro Céu. Mas os corpos não têm necessidade, por eles mesmos, de estarem em um lugar, embora tenham necessidade de estarem contidos por um corpo celeste. Ora, os corpos gloriosos, e sobretudo o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, não têm necessidade de estarem assim contidos, porque eles não recebem nada dos corpos celestes, mas recebem tudo de Deus por meio de sua alma. É porque nada impede que o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja fora de toda contenção dos corpos celestes, e que ele não esteja contido por nenhum lugar.

"Embora isto não queira dizer que fora do céu não encontre a vida, porque lá não ter nenhum lugar, nem alguma potência susceptível de receber algum corpo; mas o poder para chegar lá está em Nosso Senhor Jesus Cristo... Um corpo glorioso não deve aos princípios de sua natureza o poder estar no Céu ou acima do Céu; mas esta faculdade lhe provém da alma bem-aventurada, da qual ele recebe a glória. O movimento ascensional de um corpo glorioso para as alturas não é contrário a este corpo, nem a seu repouso (acima dos corpos celestes); isto porque nada impede que este repouso seja eterno"[1350].

872. – Santo Tomás usa, aproximadamente, a mesma linguagem na sua *Suma Contra os Gentis*. Vamos reportá-lo por causa de algumas explicações preciosas que ele dá sobre vários pontos que interessam particularmente à nossa questão. "Como o lugar deve estar proporcionado àquilo que ele contém, segue-se que os corpos ressuscitados adquirem as propriedades dos corpos celestes, acima de todos os Céus, a fim de que eles estejam com Nosso Senhor Jesus Cristo, do

[1350] 3, q. 57, a. 4.

qual a virtude os conduzirá a esta glória. É o que leva o Apóstolo a dizer de Jesus: *Ele subiu acima de todos os lugares, porque Ele enche todas as coisas.*

"É uma futilidade, parece-nos, opor a esta promessa divina a condição natural dos elementos, como se fosse impossível ao corpo humano, pelo fato dele ser terreno, e que ocupe um lugar ínfimo segundo sua natureza, de elevar-se acima dos elementos ligeiros. Porque é manifesto que é graças à virtude da alma que o corpo, aperfeiçoado por sua alma, não siga as inclinações dos elementos. Com efeito, é a alma que, por sua virtude, mantém o corpo enquanto vivemos, de sorte que ele não caia em dissolução por causa das contrariedades de seus elementos. E é também pela virtude motriz da alma que o corpo se eleva para as alturas, e tanto mais alto quanto a virtude motriz seja mais forte. Mas é evidente que a alma terá atingido seu máximo de virtude quando ela estiver unida a Deus pela visão (intuitiva). Não parece, portanto, difícil admitir que o corpo seja então preservado de toda corrupção pela virtude da alma, e que seja elevado (pela mesma virtude) acima de todos os outros corpos.

"Esta promessa divina também não está comprometida pela impossibilidade de 'quebrar' os corpos celestes (as esferas, n. 3) porque não é necessário abrir passagem para os corpos gloriosos para que se elevem acima dos céus: a virtude divina fará de sorte que os corpos gloriosos penetrem todos os outros corpos, como vimos um exemplo com o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, entrando, com as portas fechadas, na sala onde estavam seus discípulos"[1351].

873. – Mas convém que os corpos estejam colocados mais alto que os espíritos angélicos? E que o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja mais elevado que os Serafins? Sobre este ponto escutamos ainda o Doutor Angélico, explicando esta magnífica passagem de São Paulo: O Pai *colocou Nosso Senhor Jesus Cristo à sua direita nos Céus, acima de todo principado, de toda potestade, de toda virtude, de toda dominação, e de todo nome que é nomeado não somente neste século, mas também no futuro. E pôs todas as coisas debaixo de seus pés* (Efes., 1, 20-22).

"Quanto mais uma coisa seja nobre, mais elevado é o lugar que lhe é devido, que este lugar lhe seja devido quanto ao corpo, por meio de contacto corporal, ou por meio de contacto espiritual quanto às substâncias espirituais; porque se um lugar celeste, o mais elevado dos

[1351] Contra os Gentios, l. 4, c. 87.

lugares, é devido por uma certa conveniência às substâncias espirituais, é porque estas substâncias são as mais nobres que se encontram na ordem das substâncias. Quanto ao Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, se é verdade que, considerando apenas as condições de sua natureza material, ele está abaixo das substâncias espirituais, também é verdade que, se considerarmos a dignidade da união pela qual Ele está pessoalmente unido a Deus, ela supera a dignidade de todas as substâncias espirituais. Portanto, de acordo com a referida razão de conveniência, seu lugar deve estar acima de todas as criaturas, mesmo espirituais. É o que levou São Gregório dizer que '*Aquele que tinha feito todas as coisas devia ser levado, por sua virtude, acima de todas as coisas'*... Embora o lugar seja atribuído diversamente aos corpos e aos espíritos, entretanto a ambos é comum que um lugar mais alto seja atribuído a algo mais digno... Portanto, é devido ao corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo... por causa de sua dignidade..., estar acima das criaturas espirituais"[1352].

874. – Assentar à direita do Pai convém particularmente a Cristo enquanto Deus, porque assim Ele está igual a seu Pai em tudo. Mas, isto convém também, num certo sentido, à sua Humanidade, porquanto Ela está ornada da graça habitual "que está mais abundante em Cristo do que em todas as outras criaturas; o que faz com que a própria natureza humana, em Cristo, esteja mais feliz do que nas outras criaturas, e disponha de um poder real e judiciário sobre todos os seres criados"... Graças à sua incomparável superabundância de perfeições, "a natureza humana de Cristo desfruta dos melhores bens de Deus"[1353]. – "Como Deus está como revestido da dignidade de Senhor (enquanto homem), Ele se assenta acima do trono dos céus, e de lá verte sobre os homens os divinos favores, segundo estas palavras...: "*Ele subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas... com seus dons*"[1354]. – Ele subiu não somente acima de todos os céus materiais, mas também acima de toda criatura espiritual"[1355].

875. – Deste ensinamento tão abundante e tão esplêndido de Santo Tomás, como também daquele que dissemos acima (nn. 308-317), desprendem como raios luminosos as grandes linhas que delineiam o mais elevado céu criado, que é o de Nosso Senhor Jesus Cristo, de

[1352] 3, q. 57, a. 5.
[1353] 3, q. 58, a. 3.
[1354] 3, q. 57, a. 6.
[1355] Coment. In Epist. ad Efes., cap. 4, v. 10.

Maria Santíssima, de São José e outros principais bem-aventurados, angélicos e humanos.

O corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo está acima de todos os céus e de todos os espíritos criados. E isto *a fim de que Cristo Nosso Senhor preencha todas as coisas* com seus dons. Não é como no cume de uma pirâmide de onde Ele dominaria todos os seres. Nosso Senhor Jesus Cristo está no cume, acima de todos aqueles cumes que envolvem o conjunto do universo. Porque há céus em todo sentido ao redor de nosso globo. E Nosso Senhor Jesus Cristo está acima de todos esses céus.

Os espíritos angélicos dominam e ocupam, entre todos, o universo inteiro, mas a humanidade do Verbo está mais elevada, inclusive localmente, do que todos esses espíritos. E ela enche *todas as coisas* de suas influências bem-aventurantes. Ela envolve o universo como Nosso Senhor Jesus Cristo eucarístico envolve nossa terra (nn. 311-312), mas com seu esplendor plenamente desimpedido de mistério, e no seu mais alto grau de intensidade e de expansão.

Tal será o supremo Céu após a ressurreição dos corpos e após a renovação do universo. Nesse momento tudo estará relativamente completo nas alturas as mais sublimes. O Céu de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Maria Santíssima, e de São José, não será essencialmente melhorado no final dos tempos. Mas, para baixo, seu brilho e suas influências trabalham incessantemente para formar eleitos, e a lançar assim os fundamentos da futura glorificação dos céus inferiores. O Reino de Nosso Senhor Jesus Cristo se torna continuamente, mais digno de seu Rei, até que, finalmente, todos os membros místicos do Salvador Jesus, estando na glória, o universo, a Jerusalém Celeste material, receberão também seu último complemento, sua soberana perfeição, sua eterna e universal consagração gloriosa.

876. – "O trono de Deus está no céu, não como contido pelo céu, mas sobretudo como penetrando e envolvendo o céu". Este trono de Deus é principalmente a humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo com sua irradiação (nn. 241 e seg.).

Ó felicidade de todas as criaturas! Sua atmosfera vital é o Céu de Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador.

Qual será seu destino definitivo? – Aquele mesmo de Nosso Senhor Jesus Cristo, adaptado à capacidade de cada coisa.

Ó! É verdade que tudo foi predestinado ***em*** *Cristo*! (nn. 286 e preced.). Deus, que viu eternamente, num único e mesmo olhar, todas as realidades finitas (n. 279), contemplou o Céu de Nosso Senhor Jesus

Cristo ao mesmo tempo que todas as coisas, antes de chamar qualquer uma à existência. E foi por amor a este Céu que Ele deu o ser aos outros céus e a este que os envolve. Neste *Princípio* foi decretado o primeiro, no começo das vias divinas[1356], quando Deus criou o céu e a terra[1357], o Céu Empíreo e o Caos.

O Céu Empíreo, com seus anjos e com o tempo (n. 414); o Caos, com seus destinos, nos quais estavam incluídos: a) Cristo Nosso Senhor, sob a ação vivificadora do Espírito Santo; b) nossos céus e c) nossa humanidade, quanto aos corpos: *É em Cristo que tudo foi criado, nos céus e sobre a terra, as coisas visíveis e as invisíveis, os Tronos, as Dominações, os Principados, as Potestades; tudo foi criado por Ele e nele[1358]; e Ele mesmo antes de todos, e tudo subsiste nele. E Ele mesmo é a cabeça do corpo da Igreja; e é o Príncipe*[1359].

Também, quando os Juízes lhe perguntaram: *Quem és tu? Jesus lhes respondeu: O Princípio, eu que vos fala*[1360].

Ó Princípio admirável e amável! Os efeitos de vossa irradiação divino-humana são: o ser, a vida, a felicidade, a glória, de todas as coisas.

E vosso brilho vem de cima de todas os céus, para encher de vossos dons todas as criaturas, e assim ele forma uma atmosfera, um céu, que penetra e envolve o céu inferior, ou melhor, todos os outros céus.

II. – A presença da humanidade gloriosa de Nosso Senhor Jesus Cristo se estende, de alguma maneira, a todos os tempos e a todos os lugares.

877. – "Se um rei não está em toda parte da extensão de seu reino, diz Santo Tomás, isto provém de um defeito deste rei terrestre. E é porque sua substância é circunscrita. Mas Deus, não sendo circunscrito, está em todo lugar. E, contudo, mesmo que não estivesse em todos os lugares, Ele governaria igualmente todas as coisas por sua Providência. De onde se segue que a presença de um rei, na medida em que

---

1356 Origem eterna da Sabedoria - O Senhor me possuiu no princípio de seus caminhos, desde o princípio, antes que criasse coisa alguma. Desde a eternidade fui constituída e desde o princípio, antes que a terra fosse criada. Ainda não havia os abismos, e eu já estava concebida; ainda as fontes das águas não tinham botado; ainda não se tinham assentados os montes sobre a sua pesada massa;...; ainda ele não tinha criado a terra nem os rios, nem os eixos do mundo. Quando ele preparava os céus, eu estava presente; quando formava, lá no alto, a região etérea, e quando equilibrava a fontes das águas; quando assentava os fundamentos da terra, eu estava com ele, regulando todas as coisas; e cada dia me deleitava, brincando continuamente diante dele, brincando sobre o globo da terra, e achando as minhas delícias em estar com os filhos dos homens. (Provérbios, 8, 22-31)

1357 2, Gen., 1, 1.

1358 Colos., 1, 16.

1359 Ibid., 17, 18.

1360 Jo., 8, 25.

é limitado (e restrito) é um defeito; mas o fato de exercer o governo mesmo onde ele está ausente é o que o torna recomendável. Quanto a Deus, essas duas coisas são verdadeiras ao mesmo tempo: Deus está em toda parte e governa todas as coisas"[1361].

Mas, sob este aspecto, o que dizer de Nosso Senhor Jesus Cristo considerado como Homem e como Rei do Universo? Encontra-se nele o *defeito* inerente a um rei terreno? Mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo glorioso teria essa imperfeição?

Não cremos. É verdade que seu corpo não está em todos os lugares no universo, e que ele é circunscrito. Porém não são os outros corpos, nem os mesmo os céus e nem os espaços que o circundam, mas apenas a sua alma. "Os corpos gloriosos, sobretudo o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, não tem necessidade de serem contidos pelos outros corpos, porque eles não recebem nada dos corpos celestes. Recebem tudo de Deus, por meio de sua alma... Não deve parecer difícil admitir que o corpo é então (após a gloriosa ressurreição) preservado de toda corrupção pela virtude da alma. E que ele seja elevado (pela mesma virtude) acima de todos os outros corpos".

A razão é *evidente*: é que "a alma terá atingido seu máximo de virtude, assim que ela estiver unida a Deus pela visão" (intuitiva).

878. – Ora, nós perguntamos que influência exerce a alma de Nosso Senhor sobre seu corpo glorioso e colocado *acima de todos os céus*?

Se "a natureza humana de Nosso Senhor Jesus Cristo é mais feliz do que as outras criaturas, e goza de *um poder real* e judiciário *sobre todos os seres criados*"; se, *acima de todos os céus* e acima de todas as criaturas espirituais ela "espalha um oceano de favores divino sobre todo o finito", e "enche todas as coisas de seus dons", deve ela agir defeituosamente como os reis da terra, que estão ausentes dos pontos de seu reino, com exceção de um só ponto, onde se encontra seu corpo?

Ainda uma vez mais, não achamos. "É bem certo, repetimos com o Cardeal Franzelin (n. 314), que, depois da Revelação, o corpo orgânico de Nosso Senhor Jesus Cristo, com todas suas partes, este mesmo corpo que está no Céu, existe realmente de uma maneira não estendida, na Eucaristia". É o que permite a este Corpo estar simultaneamente presente no Céu e numa infinidade de lugares, mesmo muitíssimo distante uns dos outros, na terra.

[1361] Quodlib. 11, q. 1, a. 1, ad 4^{m}.

Ora, parece-nos evidente que o Corpo de Nosso Senhor, considerado como envolvido pelo esplendor de sua glória no Céu, faz de uma maneira mais perfeita, mais extensa, mas extensiva, mais maravilhosa, o que Ele opera misteriosamente na Eucaristia.

O Paraíso Celeste é a suprema perfeição de todas as coisas, a ponto de a Igreja Militante, com seus mistérios, suas instituições, seu organismo, ser dele apenas um começo, uma preparação e uma imagem. Se, então, o Corpo de Nosso Senhor está presente em toda sua Igreja Militante, embora esta abranja todo o globo terrestre, igualmente cremos poder dizer que esse divino Corpo, em nada prejudicado em sua irradiação gloriosa, está presente em toda a Igreja Triunfante, tão grande quanto ela seja. As distâncias não são nada para o que existe de forma não limitada!

879. – Repetimos também estas outras palavras de ouro do mesmo Cardeal (n. 316): "Para a multiplicação das relações de um corpo, Deus pode torná-lo presente a um número de seres sempre crescente, indefinidamente. E por causa disto Ele pode, absolutamente falando, torná-lo presente em todas as coisas que existem realmente e àquelas que existirão, quando existirem... Como a natureza exige a presença da alma em todas as partes do corpo que está vivificado por ela, assim, na ordem sobrenatural da graça, a Divina Misericórdia quis que o corpo vivo de Nosso Senhor Jesus Cristo, como um princípio de vida, esteja presente em todo seu Corpo Místico, que é a Igreja, não da mesma maneira que a alma (está presente no corpo), mas segundo uma especial instituição"

Ora, vimos (n. 31) que a humanidade de Cristo considerada como unida ao Verbo é a primeira das obras primas divinas, onde o poder, a sabedoria, a liberalidade e os outros atributos do Ser Supremo têm como que esgotado sua virtude infinita. Se Deus *pode, absolutamente falando, tornar o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo presente em todas as coisas que realmente existem e àquelas que existirão, quando existirem*, temos por certo que Ele o faz no Céu Empíreo, o glorioso reino de seu Filho, e que o fará assim que todo o universo for transformado pela luz da glória. Não é admissível que a real humanidade, cuja única pessoa é o Verbo, cujo império é universal, tenha as carências dos reis terrenos, que estão presentes apenas em um ponto de seu reino.

Em outras palavras, o que não é mais admissível é que assim a Igreja Militante seria, de alguma maneira, mais afortunada que a Igreja Triunfante e a recordação eucarística da morte de Nosso Senhor,

perpétua lição de humildade e de obediência, teria qualquer coisa de mais maravilhosa que o supremo e glorioso coroamento de todas estas virtudes, e o amor que Nosso Senhor Jesus Cristo tem por seus membros!

880. – Observamos, todavia, que a presença do Homem-Deus em todo o Céu Empíreo, e mesmo em todo o universo glorificado, não significa em tudo a ubiquidade deste divino corpo no conjunto das criaturas. São duas ideias muito diferentes. É como o sol que está simultaneamente presente em todo um hemisfério terrestre, mesmo sem estar na terra. Suponhamos que milhões de globos, parecidos ao nosso planeta, formem uma coroa esférica em torno do sol, à mesma distância que separa nossa terra do astro do dia. Este astro estaria ainda presente em todos esses globos sem estar neles, e, por consequência, sem estar em todos os lugares dessa região. Consequentemente a não-ubiquidade do corpo de Nosso Senhor não é contrária à nossa tese.

Se, no Tabor, *a face de Jesus resplandecia como o sol* (Mat., 17, 2), com fraca radiação gloriosa que se desprendia da humanidade sofredora de nosso Redentor, então o que pensar e o que dizer do oceano luminoso que Ele projeta de *cima de todos os céus*? É evidente que tanta luz *encherá todas as coisas*. E, a partir do momento que o Céu Empíreo estiver completado e o universo transformado, esta irradiação deve ser de tal forma tão intensa e tão poderosa que o corpo de nosso Salvador, quando não ocupar apenas um lugar, estará igualmente presente em todos os seres finitos e terá o efeito de uma multiplicação indefinida de sua presença real.

881. – Porque, antes de tudo, o que são a renovação do universo material e a glorificação dos corpos dos justos senão uma participação no estado e no esplendor do corpo do Homem-Deus? "*As coisas que não se reportam à glória*, seja quanto à alma como à perfeita fruição de Deus, como a ressurreição gloriosa, tiveram que começar em Cristo como o *autor da gloria*"[1362].

Não há dúvida quanto a este ponto, pelo que concerne à glorificação dos corpos humanos e à renovação final do universo.

Quanto à glorificação dos anjos e do Céu Empíreo, a qual procedeu ao real advento do Messias, esperamos demonstrar mais tarde (Ia. consideração do IV$^{o.}$ livro desta obra, II$^{o.}$ volume), só aconteceu em virtude de uma irradiação antecipada, de uma aurora brilhante, dos méritos e glória do Homem-Deus.

[1362] Santo Tomás, 3. Q. 53, n. 3, ad 3^{m}.

"Aquilo que é o primeiro no gênero qualquer é a causa de tudo o que vem em seguida, no mesmo gênero"[1363]. "Como a ressurreição do corpo de Cristo, pelo fato de que este corpo está pessoalmente unido ao Verbo, foi a primeira quanto tempo (em relação aos outros corpos humanos e à renovação do mundo), e será a primeira em dignidade e imperfeição... Ora, ***sempre é verdadeiro*** que o que é perfeitíssimo é o modelo do que é menos perfeito, e que o menos perfeito, à sua maneira, se limita a imitar o perfeito; por isto a ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo é a causa exemplar de nossa ressurreição... A ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo é (também) a causa eficiente de nossa ressurreição, pela virtude divina, à qual pertence vivificar os mortos. E essa virtude atinge *por sua presença* ***todos os lugares e todos os tempos***"[1364].

O princípio da vivificação humana é o Verbo de Deus do qual está dito: "*Em Vós está a fonte da vida*" (Salmo 35,10); isto porque Ele próprio disse: *Assim como o Pai ressuscita os mortos e os torna à vida, assim também o Filho dá vida àqueles que quer* (Jo.,5, 21).

Ora, a ordem natural das coisas, a qual é divinamente instituída, tem isto de próprio, que toda causa opera primeiramente sobre o que há de mais próximo dela, e, em seguida, por isto que mais próximo dela, sobre o que está mais distante, como o fogo acalenta, no início, o ar vizinho, pelo qual ele aquece os corpos distantes; assim o próprio Deus ilumina, primeiro, as substâncias que estão mais próximas dele e ilumina, por estas que estão mais próximas, aquelas que estão mais distantes... É porquê o Verbo de Deus dá primeiramente a vida imortal aos corpos que a Ele estão naturalmente unidos, e é por estes corpos que lhe estão mais unidos que Ele opera a ressurreição de todos os outros" (Ibid., in corp.).

882. – Nós pensamos, então, que toda glorificação, inclusive a dos anjos, a do Céu Empíreo, a das almas e dos corpos humanos e a do universo no fim dos tempos, é devida, de alguma maneira, embora de maneiras diferentes, à glória da alma e do corpo do Homem-Deus. Ou, em outros termos, aos esplendores projetados pelo Céu do Verbo Encarnado.

A glorificação do Céu Empíreo não é senão um reflexo da glorificação dos anjos, e a dos anjos é devida *ao Autor da glória*, que, depois de Deus, não é outra coisa senão Nosso Senhor Jesus Cristo con-

---

[1363] 3, q. 56, a. 1.
[1364] Ibid., ad. 3[m].

siderado como homem. E isso não é surpreendente, porque os anjos conheceram mais perfeitamente do que nós, e do que, pela Revelação, conheceram nossos profetas, os *mistérios divinos*, particularmente os mistérios *da graça* e, consequentemente, os da glória (nn. 640. 642).

Santo Tomás nos diz também: "As coisas que se reportam à glória, seja quanto à alma..., seja quanto aos corpos... deviam começar em Nosso Senhor Jesus Cristo como no autor da glória". Ou em Cristo já vindo e glorificado, ou em Cristo sobrenaturalmente conhecido como devendo ter a primazia da glória em sua alma e em seu corpo, preenchendo assim o papel de causa exemplar, e inclusive, em certo sentido, de causa eficiente, depois de Deus. Assim Nosso Senhor é absolutamente o *primeiro no gênero* da glorificação das almas e dos corpos. E, a este título, "a causa de tudo o que vem em seguida, no mesmo gênero".

883. – Esta afirmação é confirmada pelo fato de que "a ressurreição do corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo... é a primeira em dignidade e em perfeição, pelo fato de que este corpo estar pessoalmente unido ao Verbo. E é (ademais) sempre verdade que aquilo que há de mais perfeito é o modelo do que é menos perfeito, que não faz senão imitar, na medida que pode, o perfeito". *É a virtude divina*, que glorifica a ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, os espíritos criados, as almas e os corpos, *ajudados por sua presença em todos os lugares e em todos os tempos*, sempre por Cristo, em quem tudo foi predestinado (nn. 285, 286 e preced.). A ordem divinamente instituída exige que as mais perfeitas influências divinas se exerçam sobre aquilo que é mais nobre junto a Deus, que é a Humanidade do Homem-Deus, e, em seguida, por esta humanidade, sobre os outros seres.

884. – Ó Cristo bem-amado! Eu vos saúdo com júbilo, como *previsto antes da criação do mundo*, como imolado desde a origem do mundo (n. 675), como *o primogênito das criaturas*, como Aquele *em quem tudo foi criado*, como *o primeiro de tudo*, *em quem reside toda plenitude* (n. 681), que é *o Príncipe*, que é *o primeiro na graça e o primeiro na glória* (n. 682). É em vosso Céu, o mais vasto e o mais arrebatador dos Céus, depois daquele da imensidade divina, que todos os seres são criados, que eles percorrem e nele encontram sua finalidade. E neste vosso Céu que triunfaram e foram glorificados os santos Anjos; é nesse vosso Céu que o Céu Empíreo está revestido de glória.

É deste vosso Céu que foram precipitados os espíritos rebeldes. E como vós *enchestes todas as coisas com vossos dons*, esses espíritos

revoltosos tiveram que se aprisionar no centro do caos, onde predomina a vossa Justiça.

É o vosso Céu que os céus inferiores percorrem para nele vos assimilar e participar de vossa glória. Graças às influências de vosso Céu é que os corpos dos bem-aventurados podem estar com vossa Santa humanidade, acima de todos os seres materiais, e que eles reinam sobre estes últimos sem, de alguma maneira, depender deles.

E, entretanto, estes céus estão divididos em diversas moradas. E vossos anjos e vossos santos nelas habitam convenientemente porque toda matéria é feita, ou para os servir durante a prova, ou para os recrear na glória.

Mas, ó maravilha! vosso Corpo, Senhor Jesus, pelo fato de que ele está *acima de todos os céus*, graças à sua união pessoal com o Verbo, paira, por sua irradiação, acima de todos os espíritos criados, acima dos Serafins, dos Querubins, dos Tronos, de todo o exército angélico, *enchendo todas as coisas* de seus esplendores divino-humanos.

Ó anjos, é pela humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo que vós sois felizes!

Ó homens, vindes, vindes com vossa pureza, com fé, com júbilo, receber o Pão dos Anjos, o *Pão vivo descido do Céu*, a fim de que Ele os transforme e que termine por vos elevar, com Ele, *acima de todos os céus*.

Segundo Ponto: Visão sintética do Céu de Maria Santíssima e dos principais bem-aventurados

I – Estes céus considerados principalmente segundo a doutrina de Santo Tomás

885. – Consideremos agora, segundo os mesmos princípios, o Céu da Mãe de Deus e dos principais eleitos.

Todos os membros vivos de Nosso Senhor Jesus Cristo, e partes de seu reino, serão transformados em seu Corpo Místico, e participarão, conforme os diversos graus de perfeição, de sua condição, da sua glória.

"Seus corpos gloriosos não têm necessidade de serem contidos por outros corpos, porque eles não recebem nada dos corpos celestes, mas recebem tudo de Deus por meio de suas almas... Como as almas, graças à sua união com Deus, pela visão, terão atingido o máximo de sua virtude, é fácil admitir que elas perseveram seus corpos de toda corrupção, e que os elevam acima de todos os outros corpos" (n. 872), "a fim de que eles estejam com Nosso Senhor Jesus Cristo" (n. 872).

Vejam como os corpos gloriosos reinam nobremente sobre toda matéria! Eles não têm nenhuma necessidade da matéria; não seguem em nada *as atrações dos elementos* (n. 872). Suas almas gloriosas os sustentam, dirigem, iluminam, tornam-nos subtis, ágeis, incorruptíveis. Isto indica como não há nenhuma necessidade de que o Céu Empíreo tenha uma superfície unida ao seu exterior, para sustentar os corpos dos eleitos.

O Céu Empíreo, como um imenso cubo (nn. 151 e segs.), formado de corpos celestes, ultra artisticamente dispostos e colocados à distância uns dos outros, será como um maravilhoso conjunto de soberbas ilhas, resplandecentes de todas as belezas materiais no grande oceano do éter.

E os corpos dos bem-aventurados, particularmente o de Maria Santíssima, o de São José, os dos Apóstolos, os dos Mártires e os dos outros maiores santos, são como astros vivos deste mundo glorioso, resplandecendo, todos de uma vez, uma luz própria e uma luz conferida pelo maior "sol criado", que é a humanidade do Verbo.

Estes "astros animados", envolvidos de claridade, impassíveis, subtis, ágeis, como já dissemos, não estarão fixos como massas materiais, mas desfrutarão de uma plena liberdade de ir, de vir, ou de se permanecer em repouso: "*os justos resplandecerão, como sois, no reino de seu Pai* (Mat., 13, 43). – *Aqueles que tiveram a verdadeira ciência brilharão como as luzes* no *firmamento; e aqueles que tiveram ensinado a justiça a um grande número de pessoas, resplandecerão como as estrelas por toda a eternidade (Daniel, 1*2, 3 – tradução de Martini). Os fiéis serão as imagens vivas daquele *cuja face*, no Tabor, se tornou brilhante *como o sol (Mat., 17, 2)*, mas que, na plena irradiação de sua glória, *acima de todos os céus*, ultrapassa, por seu brilho deificante, toda comparação imaginável.

Ó "astros" maravilhosos, como vós sereis admiráveis[1365]! Como vós flutuareis acima do éter e de todos os mundos materiais! Como vossos movimentos, sempre harmoniosos, serão belos à vista! Vós

[1365] Escutemos São João Crisóstomo comparando os Apóstolos às estrelas: "Quae sunt tales stellae sicut Apostolik Stelae in caoelo, Apostoli super coelos" (Mediteis as glórias super-celestes dos Apóstolos). "Quae sursum sunt, inquit Apostolus, sapite, ubi Christus est in dextera Patris sedens. Stellae in de igne insensibili, Apostoli de igne intelligibili. Stellae in nocte lucent, in die obscurantur: Apostoli in die et in nocte sui radiis, hoc este virtutibus, effulgent. Stellae orto sole obscurantur : Apostoli, Sole justitiae respelendente, sua claritate lucesseunt. Stellae in resurrectione cadunt sicut folia : Appostoli in resurrectione rapientur in aera nubibus. Et in illis quidem sideribus alius Antifer, alius Lucifer appellatur: in Apostolis autem nullus Antifer est, omens Luciferi : ideo stellis majorfes Apostoli. Et quicumque eos luminaria vocaverit mundi, non peccabit, non solum dum essent in corpore, sed etiam magis nunc quando de vita migrarunt". (Homil. 1a de Pentecost., sub fin, tomi 3).

podereis penetrar o universo em todas as direções, descer ou subir conforme seu agrado, manifestar ou velar vossa presença àqueles que vos estarão inferiores. Vós sofrereis somente as atrações das almas e dos espíritos, como os espíritos sofrerão unicamente as atrações divinas; mas, por vossas almas, vós projetareis influências benéficas sobre o que estará abaixo de vós. Vós embelezareis vossas moradas habituais, que refletirão, convosco, as belezas de vossas almas. E esta será, parcialmente, a utilidade da matéria inorgânica glorificada.

886. – Como os anjos, com certa frequência, têm aparecido aos homens sob formas sensíveis, tomando corpos acidentais, no universo renovado eles podem fazê-lo também, para atrair os olhos corporais dos bem-aventurados, para contentar suas imaginações e suas faculdades secundárias. Então, que inefável variedade brilhará em todas as partes do afortunado lugar de glória! Os Eleitos, anjos e homens, não dependerão da matéria, mas reinarão plenamente sobre ela, e, a seu gosto, se servirão de tudo o que pode interessar à sua felicidade acidental e fazer jorrar aos olhos corporais dos santos os diversos atributos de Deus.

É conveniente dizer que antes da renovação do mundo, muitas dessas maravilhas são apenas parcialmente alcançadas.

887. – "Quanto mais certos corpos participam abundantemente da bondade divina, mais alto eles são colocados no conjunto das coisas materiais, conjunto que constitui uma ordem local...

É evidente que o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo é o mais resplandecente de todos os corpos gloriosos. Isso porque é muitíssimo conveniente que Ele esteja estabelecido a uma altura de onde domina todos os outros corpos" (n. 871).

Raciocinemos segundo o mesmo princípio sobre os corpos de Maria Santíssima, de São José, dos Santos Apóstolos, dos Mártires, dos grandes pontífices, dos grandes doutores e de todos os santos.

Os corpos humanos participam abundantemente da bondade divina pelas perfeições de suas almas. Quanto mais a graça e o amor divino elevar estas almas, mas alto elas elevarão seus corpos, "o que é, no conjunto das coisas materiais, uma ordem local".

Consequentemente, "é evidente que o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo é o mais resplandecente de todos os corpos gloriosos e que ele domine, do alto, todos os outros corpos". "É igualmente evidente que, depois do corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, o corpo de Maria Santíssima é o mais alto colocado, o mais luminoso, o mais poderoso, aquele em que o brilho é mais vasto e mais benfazejo, pois ele deve

corresponder à grande alma glorificada da Mãe de Deus. Então, ele deve aparecer, de alguma maneira, em todos os lugares, por sua irradiação enquanto corpo da Rainha do Céus, da terra e de toda criatura, isenta o mais possível das faltas de presença dos reis mortais em seu reino. (Vede, ademais, o que escrevemos antes sobre este ponto, nos números 184, 185, 190, etc.).

888. – Como Nosso Senhor Jesus Cristo está elevado, inclusive com seu corpo, acima de todos os espíritos angélicos, por causa da dignidade deste corpo pessoalmente unido ao Verbo, igualmente o corpo de Maria Santíssima resplandece acima de todos os coros angélicos, por causa da dignidade de Mãe de Deus e porque o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo foi formado, no corpo e do corpo dela (n. 873).

"É comum aos corpos e aos espíritos que um lugar superior seja atribuído a uma coisa mais digna... É devido ao corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo estar acima das criaturas espirituais" (Ibid.): nova prova de que a perfeição, a bondade, o poder, a glória vão aumentando na medida que se aproxima dos limites superiores do universo e que o inferno, um amontoado dos maus, esteja no centro das coisas (nn. 403 e seg.).

Mas, uma vez que corpos humanos pairam acima de todos os espíritos angélicos, a que lugares eminentes e gloriosos podem alcançar os corpos!

A suprema esfera criada do universo é formada não pelos puros espíritos, mas pelas almas substancialmente unidas a corpos, substancialmente aperfeiçoados, mais do que pelos serafins; e brilhando, inclusive sensivelmente, pelos seus corpos. Este é o Céu finito que o sublime autor da predestinação viu primeiro, *no começo de suas obras, desde o princípio, antes de criar qualquer coisa* (Prov., 8, 22); porque tudo está, simultânea e eternamente, presente a seus olhos e para Ele não há nem presente nem futuro, embora nele haja uma *preferência* pelo que mais se lhe assemelha. Eis aí a *primazia* de que estamos falando aqui (nn. 278 e seg.).

Este é, então, o Céu de Nosso Senhor Jesus Cristo glorioso e de seus membros eleitos; é o Céu de Maria Santíssima e de seus filhos fiéis, angélicos e humanos.

Em uma palavra, é o Céu misto da humanidade, considerada em Nosso Senhor Jesus Cristo e em sua divina Mãe, que Deus quis mais do que todo o resto, e, para o qual e pelo qual, Ele quis os outros céus e todos os eleitos inferiores.

Na humanidade do Verbo e na humanidade da Mãe de Deus, encontram-se, reunidos, o sobrenatural comunicado, o espírito finito e a matéria, no seu mais alto grau de perfeição.

Então a humanidade do Verbo e a humanidade da Mãe de Deus contêm, virtualmente, por assim dizer, todo o universo.

E, ao decretar sua existência, o Altíssimo decretou seu cortejo e seu império. Isto porque a "ideia modelo" da criação é a ideia da humanidade melhorada pelo sobrenatural[1366].

Deus criou os anjos isolando-os da noção de matéria, contida na ideia de ser humano. Ele formou os anjos *com relações que acidentalmente os unem à criatura material* (n. 550), porque sua causa exemplar finita era a Humanidade, na qual a alma e o corpo estão unidos substancialmente.

E o Céu Empíreo material aos anjos foi dado por morada, porque Deus fez a matéria especialmente em vista da criatura mista, onde se encontram os modelos dos anjos.

889. – Ó Céu de Nosso Senhor Jesus Cristo! Ó, Céu de Maria Santíssima! Não é de se admirar que vós envolvais todo o Céu angélico. A participação divina em nenhum lugar é tão intensa, tão poderosa, tão maravilhosa como em vós. E uma vez que "é comum que aos corpos e aos espíritos superiores um lugar superior seja atribuído a uma coisa mais digna", vós formais o cume dos céus criados, e isto para *encher todas as coisas* com vossas influências vivificantes; porque é uma propriedade de todos os céus influenciar aquilo que está compreendido no seu seio, de contê-lo, de prepará-lo, de modificá-lo e de movê-lo de alguma maneira. E vossa atmosfera luminosa é de tal forma abundante e expansiva que não tem dificuldade em penetrar todas as criaturas, uma expressão física do fato de que tudo foi predestinado em vós (ns. 278 e seg.).

Como nos parece fabuloso, a nós mortais, que a irradiação de dois Corpos humanos pudesse ter proporções com a extensão do uni-

---

[1366] Se se compara a natureza do homem com a natureza do anjo, esta é superior. Mas, se se compara a natureza humana elevada à união hipostática em Nosso Senhor Jesus Cristo, incluindo a maternidade divina em Maria Santíssima, com a natureza angélica ornada da graça, esta última natureza é apenas uma fraca imitação da primeira.

Se, enfim, se considera os anjos e os homens como filhos de Deus, uns são iguais os outros. Pode-se dizer que suas excelências se equivalem, degrau por degrau. Mas, como toda natureza é feita para o sobrenatural, que está numa ordem superior, os modelos dos seres são aqueles em que o sobrenatural é mais abundante. E eles são tanto mais perfeitos quanto mais participam do divino. (Ver o n. 457 com as notas).

verso! Isto porque nós nos colocamos no natural. Ou ainda, num ponto de vista que é sobrenatural, mas de um sobrenatural não glorioso. Ou mais ainda, num ponto de vista do sobrenatural glorioso, mas sem pensar nas excelências inefáveis do Corpo que está unido pessoalmente ao Verbo e do Corpo da Mãe de Deus, da gloriosa Rainha das criaturas.

Além disto, nós vimos (n. 67) que se pode admitir que a claridade que resplandece no Céu Empíreo é a luz da glória, que dá também aos corpos inorgânicos sua máxima perfeição.

Ora, é evidente que esta luz, sendo de uma ordem superior, o ideal criado de toda luz, tem um poder de irradiação assaz vigoroso para penetrar o conjunto do mundo. Se o éter foi, repentina e universalmente, iluminado, quantas coisas se verá!

E se nossos próprios corpos serão transfigurados pela ressurreição, até onde se estenderá nossa visão?

A matéria grosseira e as distâncias formarão intransponíveis obstáculos, como na situação em que hoje estamos realmente? Se as fontes de iluminação são o Verbo encarnado e a Mãe de Deus, no auge de suas glórias, onde e no que poderíamos encontrar dificuldades?

Ou seja, os corpos ressuscitados, a exemplo do corpo de Jesus Eucarístico, existem de uma maneira não compreensível segundo a matéria inferior: *surget corpus spiritale*.

Então, sobre o que se pode se basear para recusar nossas considerações? *Nosso Senhor Jesus Cristo subiu acima de todos os Céus para que Ele enchesse todas as coisas*.

E Maria Santíssima fez, num segundo, tudo isto que operou a Humanidade de seu divino Filho.

Enfim, quando se pensa que todo o universo será glorificado (n. 89), com exceção somente das partes centrais, e que *a divindade resplandecerá com evidência nos efeitos corporais* (ibid.), devemos cessar de raciocinar segundo as leis naturais que regem o mundo, e adotar uma posição mental sobrenatural.

891. – "Dissemos que o Trono de Deus está no Céu, não contido pelo Céu, mas sobretudo envolvendo-o e penetrando-o. Daí não é necessário concluir que qualquer parte do Céu esteja mais elevada do que Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas é necessário reconhecer que Nosso Senhor Jesus Cristo está acima de todos os Céus" (n. 871).

Nestas palavras, e especialmente no contexto, o Anjo da Escola ensina abertamente que Nosso Senhor Jesus Cristo, como Homem glorificado, tanto é o Trono de Deus que Ele envolve e permeia todos os

céus: *Sedes Dei (Christus) dicitur esse in coelo, non sicut in continente, sed magis sicut in contento*. Está acima de todos os céus e no conteúdo dos céus: *Super omnes coelos et in contento, para preencher todas as coisas com seus dons*.

Ora, a gloriosa Virgem Maria é o primeiro Trono de Deus depois da Humanidade de seu Filho (nn. 242-244; 257-262). Onde seus esplendores formam o primeiro céu após o de Jesus. Ou melhor, misturando-se aos esplendores divino-humanos de Nosso Senhor Jesus Cristo, a Santíssima Virgem constitui com estes últimos o céu criado mais elevado (n. 242).

Mas uns e outros têm isto de particularmente notável, que, ao mesmo tempo que envolvem toda criação inferior, influenciam-na também e penetram-na por inteiro, distribuindo o bem segundo a capacidade de cada coisa.

891. – Assim, ó Maria Santíssima, compreendemos cada vez melhor que vós sois o primeiro e o mais vasto templo vivo do Céu Empíreo, após o de vosso divino Filho (n. 230-237). Todos os Eleitos e toda matéria glori-ficada navegam, por assim dizer, deliciosamente, em vosso incomparável esplendor.

A natureza raramente nos oferece o espetáculo de um único arco-íris, mas ordinariamente de dois, em que um é interior e o outro é exterior. Assim, ó gloriosa Rainha de todas as criaturas, eu me afiguro vosso esplendor celeste como um arco-íris em relação ao de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas que ilumina todos os vossos filhos. E envolve, de alguma maneira, todo vosso Império (nn. 257-262; 270; 273). É através de vossa íris, que brilha aos olhos dos bem-aventurados, a de Nosso Senhor Jesus Cristo, o único mais elevado e mais estendido do que o vosso. Assim, mesmo no Céu, vós "dais à luz", de alguma maneira, Nosso Senhor Jesus Cristo aos anjos, aos homens e a todos os seres finitos.

Vosso Filho humaniza, por assim dizer, os esplendores divinos. E vós os materializa, para dar aos eleitos um perfeito conhecimento das coisas inferiores consideradas nelas mesmas e para proporcionar o divino à capacidade de seus filhos glorificados, como também às aptidões dos outros seres.

Porque, *ó Maria Santíssima, não é em vão que vós sois a Mãe da graça, da glória e de todos os bens* (nn. 238 e prec.).

892. – É fácil, seguindo a mesma marcha do raciocínio, aplicar à Maria Santíssima todas as passagens de Santo Tomás, citadas na meditação precedente. Porém, reconhecendo que a Virgem Maria tem,

por privilégio, e secundariamente, o que Nosso Senhor Jesus Cristo tem por natureza e no mais alto grau de perfeição.

Contudo, embora o brilho glorioso da Mãe de Deus seja inferior ao da humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, não é menos universal relativamente aos anjos, aos bem-aventurados, ao Céu Empíreo e a todas as coisas inferiores. E é de tal maneira admirável que unicamente o Filho de Deus e a excelente Virgem podem compreendê-lo perfeitamente (nn. 42-45; 72-75).

893. – Quanto a São José; aos Serafins e aos Apóstolos; aos Querubins e aos grandes doutores; aos Tronos e aos mártires; seus céus são tanto mais luminosos, mais vastos, mas compreendidos, e mais próximos do Céu de Maria Santíssima, quanto estes bem-aventurados estejam mais elevados na glória.

O brilho de São José não tem nada de comparável depois daquele de sua Santíssima Esposa (n. 458).

Depois vêm os céus dos coros seráficos, angélicos e humanos. Em seguida, os coros querúbicos.

E depois os outros coros, numa progressão descendente, porque ***a criatura material*** *receberá finalmente uma disposição convenientemente feita* ***para o estado do homem***, como nos diz Santo Tomás[1367]. *Os homens, estando livres da corrupção e glorificados..., é necessário que a criatura material seja glorificada à sua maneira*[1368]. Mas, de tal sorte que ela sirva perfeitamente aos bem-aventurados, em tudo aquilo que convenha materialmente à sua felicidade acidental e aos realces sensíveis próprios aos diversos graus de glória.

Isto porque os esplendores, variados, que brilharão acima de todos os céus, penetrarão também o interior dos Céus e descerão, de região em região, proporcionando seu esplendor à capacidade de cada ser, sucessivamente atenuando o divino para torná-lo acessível a cada coisa.

E não deixando mais, por assim dizer, que a justiça chegue nas partes centrais, onde estão aglomerados o pecado e o caos moral, com o resto de caos material.

Na criação, tudo é ministro de Deus e, na glória, o será excelentemente (nn. 441-445).

As chamas infernais e os próprios condenados desempenham um papel análogo, como executores da vingança divina.

[1367] Contra os Gentios, l. 4, c. 97 in fine.
[1368] Ibid.

O Supremo Imperador, nesta espécie de magnífico e imenso reino ***de todos os seres criados****, dispôs* ***tudo*** *sob o ponto de vista de* ***uma justiça inefável, relativa às recompensas e aos castigos; às graças e às atribuições*** (Santo Agostinho, n. 338-339).

894. – *O Filho do homem* nos disse, com sua boca divina: *Os justos*, após o Juízo, *resplandecerão como sol no reino de seu Pai* (n. 885).

Cada justo será uma espécie de sol no Céu Empíreo, mas um sol, maior ou menor, e mais luminoso, segundo os diversos graus de glória de cada bem-aventurado: "Está dito na primeira epístola aos Coríntios (c. 15, 43): *Nasceu* (o corpo) *na abjeção, ressuscitará na glória*, no que diz respeito à claridade (dos corpos ressuscitados), como se vê nos versículos precedentes do Apóstolo, onde se compara a glória dos corpos ressuscitados à claridade das estrelas"[1369]. *Outra é a claridade do sol*, diz São Paulo no mesmo lugar, *outra claridade da lua, outra a claridade das estrelas. Cada estrela difere de outra em claridade. Assim é a ressurreição dos mortos*[1370]. Magnífico comentário das palavras do Salvador!

As crianças batizadas, mortas antes de ter podido cooperar com a graça, brilharão, por assim dizer, como a lua, de uma luz emprestada. Tomarão "emprestado" sua claridade do grande sol, que Nosso Senhor Jesus Cristo, e dos outros sóis cujos raios formarão uma espécie de celeste comunicação dos santos.

Mas, os adultos justos, que serão assimilados, por sua livre cooperação com a graça, pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo, e que, do livre arbítrio e da graça, terão feito para si apenas um princípio vital de operação sobrenatural, serão tantos sóis resplandecentes de luz própria. O Apóstolo também os compara às estrelas que serão como outros sóis. Unicamente faz-nos observar que *cada estrela difere das outras em claridade e que tal será na ressurreição dos mortos*.

895. – O conjunto dos bem-aventurados será, então, como um conjunto de sóis de diversas grandezas, ordenadamente disseminadas no Céu Empíreo. Mas vivendo, livres, ágeis, subtis, impassíveis, formando um imenso céu animado acima dos céus materiais e iluminando estes últimos até às regiões vizinhas do centro.

Seus esplendores serão como os do nosso sol: "É preciso dizer que a claridade da glória será, *quanto à sua causa*, de outro gênero

[1369] Santo Tomás, Suma Teológica, p. 3, supl., q. 85, a. 1, Sed contra.
[1370] Ibid., 41, 12.

que a claridade da natureza, mas *não quanto à sua espécie*. De onde se segue que como a claridade natural, em razão de sua espécie, é proporcionada à vista, igualmente o será a claridade gloriosa[1371], que será visível inclusive a olhos não glorificados"[1372].

A claridade natural do sol e das estrelas têm por causa a vontade criativa. Mas a claridade dos corpos humanos ressuscitados terá por causas imediatas suas almas gloriosas. Isto porque o esplendor natural dos astros é genericamente diferente, *quanto à sua causa*, da claridade dos corpos renovados.

Mas a luz de uns e outros, considerada nela mesma, é especificamente idêntica.

Também "a claridade dos corpos gloriosos poderá ser vista *naturalmente* por um olho não glorioso"[1373]. Então ela ilumina os céus materiais e os mundos como atualmente fazem os sóis disseminados no espaço.

Se há uma diferença, quanto à luz, entre os olhos de nossos céus visíveis e os olhos animados do Céu Empíreo, esta diferença é toda em favor destes últimos: "Embora a claridade dos corpos gloriosos *ultrapasse a claridade do sol*, entretanto, de sua natureza, ela não incomoda o olhar, mas o encanta. Por causa disto, esta claridade é comparada à claridade do jaspe" (Apoc., 11)[1374], de onde as cores serem variadas e agradáveis de ver.

896. – O Anjo da Escola nos diz, em geral, que o esplendor do corpo ressuscitado do justo ultrapassa o esplendor do sol.

Então temos razão (n. 885) em considerar os bem-aventurados como astros resplandecentes, em que as poderosas irradiações envolverão e penetrarão o universo. Mas esses "sóis vivos" serão muitíssimo diferentes uns dos outros, tanto em grandeza quanto em brilho. A atmosfera luminosa de cada um deles será a demonstração sensível da glória espiritual de cada alma.

Escutemos ainda o Príncipe dos Teólogos: "Esta claridade (exterior) será causada pela super abundância da glória da alma expandindo-se no corpo. Porque aquilo que é recebido por qualquer coisa não é recebido segundo o modo daquele que dá, mas segundo o modo daquele que recebe. Por isto é que a claridade, que é espiritual na alma, é recebida como material nos corpos.

[1371] Ibid., art. 2, ad 1[m].
[1372] Ibid., Sed contra.
[1373] Ibid., in corp.
[1374] Ibid., ad. 2[m].

Ademais, como a alma terá uma clareza maior por causa de um mérito superior, haverá a mesma diferença de clareza nos corpos, como nos disse o Apóstolo (1ª Cor., 15).

E assim, pelos corpos gloriosos, se conhecerá a glória da alma, como num vaso de vidro se vê a cor do corpo que nele está contido, como disse São Gregório... Os corpos gloriosos serão ao mesmo tempo transparentes e luminosos... A densidade do corpo glorioso não lhe suprime sua transparência"[1375].

897. – Assim as luzes superiores poderão ser vistas através das inferiores.

A humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, supremo "sol" criado; de Maria Santíssima, o maior "sol" depois do de Nosso Senhor; de São José, o maior "sol" depois do de sua Esposa; em seguida os "sóis" seráficos, querúbicos, e os outros por ordem de perfeição e de nobreza, serão visíveis em todas as regiões inferiores, excetuadas as centrais.

Todas estas luzes serão as das almas e dos outros felizes espíritos, mas recebidas pelos corpos e espalhadas por eles no universo.

Os diversos graus de glória espiritual estarão como "encarnados" acima dos céus e nos céus, sob o modelo do Verbo encarnado, causa exemplar de todas as coisas.

E como a Encarnação se operou no seio da Santíssima Virgem, igualmente todas as glórias espirituais dos diversos coros dos santos se tornarão sensíveis para os corpos humanos e inclusive no Céu da sublime Virgem, que, desta maneira, aparecerá universalmente, não só como Mãe de Deus (n. 891), mas também como Mãe *do ser glorioso dos Eleitos* (n. 140).

O brilho supremo das criaturas será no Céu Empíreo, de uma maneira grande e evidente, o que na terra se dá em quantidade pequena e de uma maneira mística. Se a "claridade do corpo glorioso *ultrapassa* a claridade do sol", o "grande sol" virginal será proporcionado à alma inefavelmente grande da Mãe de Deus e Rainha de todas as criaturas.

A claridade do corpo, também como diz Santo Tomás, deverá ser uma fiel e visível expressão da claridade da alma. Ora, nenhum bem-aventurado, inferior à Virgem, poderá compreender toda excelência da alma glorificada de Maria Santíssima (n. 72). De onde o brilho da Mãe de Deus deverá, não somente penetrar todo o universo, mas ainda ul-

[1375] L. citado, a. 1.

trapassá-lo. Ultrapassar de tal maneira que os próprios Serafins não podem compreendê-lo totalmente.

Uma vez que "no corpo glorioso se *conhecerá* a glória da alma, como num vaso de vidro se vê a cor do corpo que nele está contido", e uma vez que a glória da alma de Maria Santíssima, embora muitíssimo visível e muitíssimo conhecível desta maneira, devemos admitir que ele ultrapassará, pelo seu brilho, a capacidade dos anjos e dos homens gloriosos. E que todos os céus criados, em todos os céus finitos, serão pequenos se comparados ao da Rainha do universo, em nada lhe será comparável em poder, beleza, graça, extensão e doçura de seu resplendor (nn. 73-75; 172-173; 185-188; 198, etc.).

II. – Os mesmos céus considerados de acordo com outros dados

898. – Os justos resplandecerão como o sol, e inclusive mais do que o sol, como vimos, no reino de seu Pai (Mat., 13, 43).

Mas, como será o esplendor de vosso sol, ó Maria Santíssima? – Aqueles que tiverem tido a ciência resplandecerão como a luz do firmamento, e aqueles que tiverem ensinado a justiça a um grande número de pessoas luzirão como as estrelas por toda eternidade (Dan., 12, 3). Mas, ó Maria Santíssima, todas as luzes do firmamento estarão como eclipsados em face de vossa lareira luminosa (n. 72) e as mais brilhantes estrelas serão muito modestas no grande dia de vossa claridade. Então a luz da lua se tornará como a luz do sol; e a luz do sol será sete vezes maior, como seria a luz de sete dias em conjunto, quando o Senhor tiver atado a ferida de seu povo e curado a sua chaga (Is., 30, 26).

Estas palavras nos retratam de uma vez os tempos evangélicos e a glória do Céu, conforme as observações gerais que expusemos anteriormente (nn. 113-117). A ferida do Povo de Deus não estará perfeitamente curada até o Juízo Final. E a Lua deste Céu, que brilhará como o sol, será Maria Santíssima.

Relativamente a nós, a lua é mais resplandecente que todas as estrelas em conjunto. Igualmente a Virgem Maria, apenas ela, terá mais esplendor do que todos os bem-aventurados, porque ela refletirá a luz do Verbo encarnado. Mas não é suficiente dizer isto. Ela mesma será como a luz do sol: Sol e Lua de uma só vez; será incomparável com todas as criaturas das quais ela é a rainha; Lua relativamente ao sol de Nosso Senhor Jesus Cristo; Sol por excelência de sua glória em toda proporção de suas grandezas; lua enquanto seu céu temperar o brilho

do Céu de Nosso Senhor Jesus, e o tornará sensível aos olhos de todos os bem-aventurados. Em uma palavra, Ela será *revestida do sol* "amicta sole" (n. 85).

Ao redor de seu céu se estende Oceano dos esplendores de Nosso Senhor Jesus Cristo. E o arco-íris, inferior, de Maria Santíssima os proporciona e os transmite aos olhos dos eleitos: ofício maternal que convém eminentemente à Mãe de todas as criaturas, que é tal porque Ela deu todos os bens ao mundo dando-lhe Nosso Senhor Jesus Cristo, e porque Ela é eternamente Mãe de Deus.

899. – Disse o Senhor:

Cantarei eternamente as graças do Senhor,
Não violarei em nada minha aliança,
Não mudarei em nada aquilo que proferiram meus lábios,
Uma vez jurei por minha santidade,
Não faltarei à minha palavra dada a David,
Sua raça será eterna,
E seu trono permanecerá para mim como o sol,
E como a lua cheia, para sempre,
Como um fiel testemunho no céu. (Salmos 88, 35-88).

Todos os significados que os intérpretes encontram nesta passagem nos parecem verdadeiros, mas em diversos graus de perfeição, segundo os princípios enunciados nos números 69 e seguintes, 113-117.

O plano divino é irreformável. Tudo tendo sido destinado a Nosso senhor Jesus Cristo, que é o Filho de David, segundo a carne, e em Maria Santíssima, que é da mesma descendência (nn. 278 e segs.), *o Altíssimo não muda nada daquilo que foi proferido pelos seus lábios*. A própria santidade não pode se desmentir. Isto porque a *raça de David*, religiosamente incluída; o Messias e seus membros místicos; Maria Santíssima, e seus filhos, *permanecerão eternamente*. Serão como Igreja Militante, prefigurada ou completada, ao longo dos séculos. Mas será como Igreja Triunfante na eternidade, ao longo de todas *as eternidades*, porque cada parte desta Igreja será eterna.

Ela própria é o trono solar de Nosso Senhor Jesus Cristo e trono de Maria Santíssima, em conjunto *testemunhando*, de modo *fidelíssimo e muito celestial*, a aliança sobrenatural do Criador com sua criatura. E sobretudo do Padre Eterno com seus filhos. Sempre o Céu de Nosso Senhor Jesus Cristo esteve e esta-

rá diante de Deus como o esplendor maior, depois daquele da divindade. Sempre o Céu de Maria Santíssima esteve e estará perante Deus como a mais brilhante luz depois do sol de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Todos os outros céus o Altíssimo fez sair do nada e deu-lhes tamanho a partir do Céu de Maria Santíssima, que Ele sempre viu como o mais excelente. E é para esses dois céus que o Altíssimo sempre fez gravitar todas as coisas.

Ó feliz David, cuja descendência motivou todos os seres e os todos os tempos, e dá o tom a todas as obras e a todos os benefícios do Criador!

É nestes céus, eternamente presentes aos olhos divinos, que foi criado o Céu Empíreo com seus habitantes espirituais (n. 884). A graça, a fé, a esperança, a caridade, nele abundam influências, antecipadas, de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima (nn. 669 e seg.).

É na mesma atmosfera que foram criados e postos os primeiros seres humanos (ibid. e outros). Ao fazer qualquer coisa nos céus e na terra, o Senhor, cujo propósito é imutável, sempre parecia dizer:

> Não desmentirei minha verdade;
> Não quebrarei minha aliança,
> Nem mudarei o que meus lábios proferiram,
> Jurei uma vez por minha santidade,
> Não faltarei à minha palavra para David,
> Sua raça será para sempre.

900. – Como Deus faltaria à palavra dada a Davi, uma vez que Ele suscitou o próprio David em vista ao Messias e à sua Santíssima Mãe; em vista da Igreja Militante dos novos tempos, e sobretudo em vista da Igreja Triunfante? Não sustentar o trono do filho de Jessé seria modificar todo o plano divino quanto à aliança do Altíssimo com os mortais, com os anjos, com os bem-aventurados e, por eles, com todas as criaturas. Isto nunca acontecerá. *Seu trono permanecerá diante de Deus como sol*.

O Céu da Humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, trono de sua alma gloriosa (n. 241), será sempre contemplado por Deus como o esplendor criado, por excelência. E aquilo que serve de trono a esta Humanidade: o Céu de Maria Santíssima, os céus dos Eleitos, o Céu Empíreo, o universo transformado pela glória, deverá sua beleza, seu

brilho, sua perfeição, sua duração eterna, Àquele *que subiu acima de todos os céus para encher todas as coisas*... de seus dons.

É o porquê este Trono será também como *uma lua* indefectível e *sempre plenamente luminosa*, pois tudo nele brilhará irradiações constantes e perpetuamente emitidas por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Mas é Maria Santíssima que, primeiro, a todas recebe, e que compõe sua íris, porque *Ela é o arco-íris colocado nas nuvens do céu para ser um sinal de aliança entre o céu e a terra*[1376]. Colocada nas nuvens de uma maneira tal que suas alturas, as mais sublimes, ultrapassam a capacidade visual de todas as criaturas e o divino aí se une com a natureza de uma maneira plenamente excelente. Isto será sempre uma espécie de mistério para os bem-aventurados. Entretanto esta união *sempre permanecerá no Céu do Verbo Encarnado*, *como testemunho fiel* da aliança gloriosa de Deus com seus filhos e com sua Igreja, inclusive material, por Cristo Nosso Senhor e por sua divina Mãe[1377].

901. – Maria Santíssima, "é uma *lua espiritual*, diz excelentemente Dionísio de Chartres, porque, assim como a lua, por sua claridade, alegra, orna e ilumina este mundo e nossa terra, da mesma forma a Santíssima Virgem, resplandecente na região dos vivos, na terra dos imortais, alegra todas as almas, espalha seus raios mais brilhantes *por toda a extensão do Céu Empíreo*, embeleza o Paraíso Celeste, atrai todas as inteligências para a contemplação de sua beleza, encanta-as inefavelmente por sua doçura e pela fragrância de sua sua suavidade. E, finalmente, fá-las arder de amor pela amabilidade de sua bondade"[1378].

"Lua espiritual", Maria Santíssima ilumina com suas abundantes luzes todo o Céu Empíreo inteligente. Encerra em seu seio todos os esplendores de *Nosso Senhor Jesus Cristo místico* (nn. 172, 187 e outros); ilumina com sua glória todos os habitantes do Céu (nn. 73-75; 196, 198). Mas, como nos disse o Príncipe da Escolástica (n. 896), a irradiação espiritual da alma será fielmente reproduzida no Céu Empíreo por uma irradiação material e sensível, em tudo proporcionada ao poder das irradiações espirituais: "Ver-se-á a *mesma diferença* de claridade nos corpos".

[1376] Santo Alberto Magno, *Bibl. Mar., sup. libr. Eccli*.

[1377] Como a claridade dos corpos ressuscitados é, *quanto à sua espécie*, a mesma dos astros, e como ela age também naturalmente sobre céus não glorificados (n. 895), segue-se que ela formará céus sensivelmente visíveis, que iluminarão os seus materiais.

[1378] *De Praec. B. V. M.* libr., 4, art. 11.

Não me resta, senão concluir, oh Mãe de Deus, que vossos esplendores beatificantes formarão uma atmosfera na qual se jogarão deliciosamente todos os seres gloriosos. É o que se denomina vosso Céu.

E vosso digno esposo, São José, terá um céu parecido ao vosso, outra *lua plena* das influências luminosas do alto, outro *celeste e fiel testemunho* da gloriosa aliança de Deus com sua Igreja Triunfante.

E, vossos filhos, os anjos e os eleitos humanos, formarão outros céus, imagens dos primeiros, segundo a diversidade dos graus de sua glória espiritual, imagens que também se encarnarão de uma certa maneira para brilhar sensivelmente.

Oh Paraíso! como serás maravilhoso! Oh puros espíritos, oh almas, oh elementos materiais, oh natureza, oh sobrenatural, oh glória, quanta inefável harmonia vós ireis formar no Céu de Maria Santíssima, no Céu do Verbo Encarnado, no Céu infinito da imensidade divina!

E como esta harmonia será visível no eterno meio-dia da luz da glória! Como a criação inteira, chegada ao seu o último aperfeiçoamento, parecerá digna de Deus, e estará disposta completamente, no seu conjunto e em suas partes, para a felicidade dos bem-aventurados (n. 893)!

902. – Santo Epifânio, numa longa e magnífica passagem, confirma admiravelmente o que dissemos de Maria Santíssima e de seu Céu. “O que direi eu, ou o que contarei eu – são palavras deste Padre – sobre a ilustre e santíssima Virgem? Porque, exceto somente Deus, Ela é superior a todas as coisas. Ela é de uma natureza mais bela que os Querubins e os próprios Serafins, e inclusive todo o exército angélico. Nenhuma língua terrestre, inclusive angélica, é capaz de a celebrar dignamente”. – O Céu de Maria Santíssima corresponde à superioridade desta sublime criatura sobre tudo aquilo que não é Deus. – *Natureza mais bela* e mais perfeita do que todas as outras – com exceção da natureza humana de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque nesta se considera as excelências das naturezas com seus acidentes sobrenaturais e gloriosos (nn. 457 e 888 com as notas) –, a Mãe de Deus é a causa exemplar dos anjos e dos homens, tanto na bem-aventurança quanto no estado de prova, na extensão como na intensidade do brilho, porque Ela é, depois de Nosso Senhor Jesus Cristo enquanto Homem, o que mais parece com Deus em grandeza, em beleza, em todas as coisas. – “Nenhuma língua” criada “é capaz de louvá-la dignamente”,

porque, como um céu superior, Ela ultrapassa em tudo o conjunto do céus inferiores.

903. – Ó bem-aventurada Virgem, pura pomba e esposa celeste, Maria Santíssima, céu, templo e trono da divindade, que tem por filho Nosso Senhor Jesus Cristo, sol que encheu o céu e a terra! Nuvem brilhante, que ameniza o Céu de Cristo Nosso Senhor, este brilho permanente, que domina o mundo!

Eu vos saúdo, ó cheia de graça, Porta do Céus, da qual o profeta...disse: "Ela é um jardim fechado, minha irmã, minha esposa, sim, um jardim fechado, uma fonte selada" (Cant., 4, 12). – Aquilo que na terra a Virgem foi de uma maneira velada e misteriosa: *céu, templo e trono*, tendo por filho Nosso Senhor Jesus Cristo, sol dos céus e da terra, Ela o é no Céu com um esplendor que arrebata os olhos de todos os habitantes do Céu Empíreo. Suas grandezas são refletidas, inclusive sensivelmente, em todos os seres gloriosos, aos quais Ela dá à luz, aos quais ela transmite os esplendores do Céu, que é Nosso Senhor Jesus Cristo. – Ela é assim "uma brilhante nuvem que ameniza o Céu" superior, "Nosso Senhor Jesus Cristo, este brilho permanente, que é, então, de alguma maneira, o próprio Céu Empíreo, a Porta do Céus, porque os esplendores de Cristo descem pelos seus esplendores até ao fundo dos céus inferiores e os habitantes destes levantam seus olhares até Nosso Senhor Jesus Cristo, por meio dos esplendores fortificantes de Maria Santíssima, que sempre se comporta como Mãe dos Eleitos. Estes fenômenos são simplesmente a glória espiritual de Maria Santíssima, tornada sensível pelo brilho proporcionado de seu corpo (n. 896). – Contudo, *a irmã, a esposa,* Ela própria é *um jardim fechado, uma fonte selada* como também *uma nuvem*, porque *nenhuma língua* humana ou angélica é capaz de louvar Maria Santíssima tanto quanto Ela é louvável. Sua intimidade com Cristo Nosso Senhor, e com Deus, é de tal forma estreita, a Virgem Maria é de tal forma irmã e esposa, seu Céu se mistura de tal maneira com o Céu de seu Filho, que nenhum bem-aventurado pode compreender toda a sua glória.

904. – "Ó santa Mãe de Deus; cordeiro imaculado, que haveis concebido o Cordeiro, Cristo Nosso Senhor, o Verbo encarnado, de vossa substância! Ó Virgem Santíssima, que arrebatou, com espanto, o exército dos anjos!

Maria Santíssima é um *maravilhoso milagre nos céus*: Ela é a mulher revestida de sol, tendo a luz nos seus braços. Maravilhoso milagres nos céus: *o Senhor dos Anjos se fez Filho da Virgem*. Os anjos acusaram Eva, agora eles celebram Maria Imaculada, que resgatou

Eva de sua queda e introduziu nos Céus Adão expulso do Paraíso Terrestre. Porque Ela é *a medianeira do céu e da terra*, este mistério de união *a* E*la é natural*. A graça da Santíssima Virgem *é imensa*. São Gabriel saúda a Virgem dizendo-lhe: "Eu vou saúdo, ***ó plena de graças**, que sois um céu esplêndido*". "Eu vos saúdo, plena de graças, Virgem ornada de uma multidão de virtudes. Eu vos saúdo, cheia de graças, que saciastes os sedentos com *a doçura da Fonte Perpétua*. Eu vos saúdo, Santíssima Virgem, ó Imaculada, que engendrastes a Cristo Nosso Senhor, *que é anterior a vós*. Eu vos saúdo, *livro incompreendido*, *que destes a liberdade ao mundo, o Verbo e o Filho do Pai*" eterno[1379]. – *Minha irmã, minha esposa, vós sois um jardim fechado, uma fonte selada; vossas irradiações, aquilo que vós nos transmitis, ó Maria, são um paraíso*"[1380].

Em Nossa Senhora nada é comum e vulgar, tudo nela é de uma ordem superior onde as outras criaturas não conseguem alcançar. Entretanto, suas *irradiações*, as plantas deste Jardim, as águas desta Fonte, as luzes desta Morada, suas emanações luminosas e benfazejas, *são um Paraíso*. Nada mais belo para se ver. Nenhuma morada é mais agradável do que essa.

905. – Se entendermos, de Maria Santíssima gloriosa, as palavras de Santo Epifânio e do Cântico dos Cânticos, parece-nos que elas todas falam do Céu da Mãe de Deus muito no sentido que expusemos.

O Céu de Maria Santíssima é um céu mediador entre o céu de Nosso Senhor Jesus Cristo e os céus dos bem-aventurados. *Esta missão de união é natural na Mãe de Deus* e nas criaturas. Aquela que é *a plena de graças* é também a plena de glória. E, como Ela é cheia de graças para todos aqueles que estão no estado de prova, igualmente é plena de glória para todos os que a compreendem. Se como em alguém que viaja algo não *estiver coberto pelos ardores* (Salmo 18, 7) de seu amor maternal, aquele que chegar ao final não será plenamente feliz sem a mediação gloriosa da Rainha dos Céus.

A beatitude é o supremo aperfeiçoamento de todas as coisas, em todos os sentidos, em intensidade, em extensão, em visibilidade inclusive sensível, em beleza, em grandeza, em atividade, em influências, de todas as maneiras. Então, por pouco que meditemos nas excelências de Maria Santíssima, elevada ao apogeu da glória, devemos con-

[1379] Breviário Romano, *Oct. Im. Conc., 3º noct.*
[1380] Ibid., 7m respons. et Cant., IV, 12, 13.

cluir, quanto à realidade de seu Céu, como esperamos ter demonstrado e quase descrito.

906. – Mas, o que havia no Céu antes da assunção da Santíssima Virgem? Já tocamos neste ponto em várias considerações (nn. 626 e segs.; 666 e segs. e voltamos a ele no 4º livro, Consideração 1ª, 2ª e segs. do cap. I).

Aqui contentemo-nos em informar e explicar, brevemente, uma bela passagem de Santa Brígida.

Os anjos, diz esta ilustre santa, "contemplam neste bendito espelho, quer dizer em Deus Criador, uma espécie de venerável trono, tão próximo de Deus que parece impossível haver algo mais próximo. E os anjos sabiam que este trono havia sido preparado, desde toda a eternidade, para uma criatura que ainda não existia. Mas, por causa da visão do esplendor de Deus, a divina claridade de tal maneira inflamava todos os anjos que cada um deles amava seu próximo como a si mesmo e a Deus, soberanamente, mais que todas as coisas. E que certa criatura, ainda não existente, deveria ser colocada sobre o trono mais próximo de Deus. Eles a amavam mais do que a si mesmos, porque viam que Deus a amava soberanamente e a felicitava no mais alto grau.

Ó consolação de todos, ó Virgem, é vós que sois esse objeto de complacência, pelo qual os anjos, *desde o primeiro instante de sua criação*, se inflamaram de tal amor que, mesmo com a inefável alegria que lhes provinha da suavidade, da claridade e da visão de Deus, eles se alegravam extremamente ainda ao perceber que vós devíeis um dia estar mais próxima de Deus do que eles e que o Criador vos reservava uma maior glória e uma maior gravidade do que a deles...

"É porquê, se bem que os anjos soubessem que Deus estava realmente muito honrado e muito contente com sua criação, eles viam, entretanto, que mais honra e mais alegria seriam dadas a Deus por vós, e que vós devíeis ser criada para receber uma coroa tão sublime. Por causa disto, os anjos se rejubilavam mais vivamente em saber que Deus queria criar-vos mais do que com a criação deles próprios. Assim vós, ó Virgem Santíssima, fostes a alegria dos anjos logo que eles foram criados, tendo sido inclusive para Deus, desde o princípio, objeto do amor mais intenso. Portanto, é verdadeiro dizer que antes de vós receberdes a existência, Deus se alegrava intimamente com os anjos e

os anjos com Deus, a vosso propósito, ó Virgem, que ultrapassa em dignidade todas as criaturas"[1381].

907. – Vimos nos números citados acima, que os anjos haviam tido, inclusive durante sua prova, natural ou sobrenaturalmente, uma clara ideia de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Maria Santíssima e de tudo o que Deus queria realizar. Além disto, instruídos por uma Revelação *claríssima* de certos mistérios que aqui na terra nós apenas podemos crer (nn. 642-643 com as notas), parece-nos que eles não podiam deixar de contemplar desde então, embora não tão perfeitamente como depois de glorificados, o Trono e o Céu de Maria Santíssima como imediatamente em seguida ao Trono e ao Céu de Nosso Senhor Jesus Cristo. Esse conhecimento visava, no fundo, à prova deles (n. 652 e seg.).

Nossos primeiros Pais, quando ainda inocentes, tinham conhecimentos análogos àqueles dos anjos no período de prova, como mostramos nos mesmos lugares.

Então o Céu de Maria Santíssima sempre existiu, de alguma maneira, com o Céu de seu Filho, como disse Santa Brígida.

E, mais: este Céu sempre projetou influências vivificantes, de vez que ele não era sem razão um objeto de admiração e de amor. Ele era, desde o princípio, a atmosfera vital dos anjos, dos homens e de todos os seres finitos.

Tudo foi predestinado em Nosso Senhor Jesus Cristo e em Maria Santíssima (nn. 278 e seg.). Por conseguinte, o universo inteiro, com o tempo, com as pessoas, com as coisas, as finalidades, a glória, **tudo,** foi disposto nos céus do Verbo encarnado e de sua digna Mãe. E se isto agora é para nós um ensinamento místico, só prova a sublimidade de sua verdade (n. 173). Quando estivermos na Pátria celeste, *veremos Deus face-a-face e como Ele é*. Veremos também os oceanos luminosos e beatificante de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima. E o universo inferior nos terá revelado seus segredos. Ó Paraíso! Ó Paraíso! Ó Reino de Nosso Senhor Jesus Cristo e da divina Virgem! Ó sublime herança dos membros de Cristo e dos Filhos de Maria, como vós sereis belo! Como vós sereis vastos! Que imensa harmonia vós formareis! Ó graça de Deus, prepare-nos para estas grandezas e estas belezas! Ó mortais, queridos companheiros de exílio, rezemos, rezemos sem cessar, para obtermos a graça e termos nossos corações elevados para o céu. ***Sursum corda***! (Coração ao alto!).

[1381] No "Sermão Angélico", c. 4, apud Cristóvão da Veiga, Teologia Mariana, n. 1526.

Terceiro Ponto: Quadro sintético das influências exercidas pelo céu do Verbo Encarnado

I – Como primeiro céu predestinado

908. – Na primeira consideração deste Capítulo vimos especialmente o Céu de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo a Teologia, como tendo chegado ao seu último aperfeiçoamento, a seu supremo grau de esplendor. Também visamos particularmente estabelecer a veracidade deste Céu e de sua existência perpétua, depois da criação. De sorte que ele foi e sempre será o meio vital onde estão postas as criaturas (n. 884 e outros).

Na segunda consideração tentamos transmitir uma ideia geral e breve do Céus de Maria Santíssima e dos outros principais membros de Cristo.

Todos esses céus são animados, inteligentes, amorosos, e, segundo São Paulo e Santo Tomás, colocados *acima de todos os céus materiais,* penetrando estes últimos com suas poderosas influências. Assim como a sociedade humana cobre a superfície do globo terrestre, igualmente a sociedade gloriosa de Nosso Senhor Jesus Cristo e de seus membros cobre a superfície do Céu Empíreo material e a do universo.

O Oceano do éter é limitado. Imagino sua superfície como o pavimento da Jerusalém celeste, admiravelmente proporcionando às qualidades dos corpos ressuscitados, que *não necessitam* da matéria para se sustentar, mas, todavia, têm relações com a matéria, ainda mais do que os espíritos angélicos (nn. 565, 568, 572 e outros). Nada é tão penetrável como esta superfície. O elemento que a compõe e que nós concebemos como o primeiro céu puramente material, penetra toda matéria. Embora não seja necessário à vida e aos movimentos dos bem-aventurados, estes em nada se servindo para percorrer e para influenciar os céus e os seres inferiores, porque toda coisa tem por fim último servir aos Eleitos e à glória de Deus (nn. 325-327).

Mas, acima do oceano etéreo, acima do Oceano luminoso formado pelos anjos e pelos santos gloriosos, reina a atmosfera eminentemente radiosa e vital de Maria Santíssima e de Nosso Senhor Jesus Cristo, em quem tudo se encontra, porque tudo a eles foi predestinado (nn. 278 e seg.) e porque a suprema glorificação é a realização completa e visível da predestinação.

Estes céus criados superiores existiram, de certa maneira, como já dissemos, desde o começo do mundo, porque os anjos foram cria-

dos em vista ao sobrenatural. E, por conseguinte, sob as influências de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima (nn. 6540-647 e segs.). Além disso, o Verbo é eterno e tudo foi criado no Verbo considerado como devendo se encarnar. Consequentemente, tudo foi criado também em Maria Santíssima (nn. 290-300). O que os anjos, ainda antes da prova, conheciam por suas ideias infusas e pela Revelação (nn. 626 e seg.). Estes céus superiores existiram, então, desde o começo das coisas, como o que havia de principal, mais nobre, maior, melhor, mais influente nas próprias coisas.

909. – Ora, assim como o Céu Empíreo material se manifesta a nós por suas influências sobre o universo inferior (nn. 334 e seg.), igualmente os céus criados superiores, notadamente o céu de Nosso Senhor Jesus Cristo, sempre se manifestaram de alguma maneira por suas influências sobre a série dos tempos e das coisas, e nos diversos acontecimentos.

É útil e interessante, nós cremos, apresentar num quadro resumido o conjunto dessas manifestações e destas influências temporárias, segundo a Sagrada Escritura, pois é uma parte muito notável da ciência do Paraíso, como ela visualiza suas relações mais sublimes com todos os tempos e todas as pessoas criadas, especialmente com a raça humana viadora.

910. – Nossa divina Mãe nos dá um ensinamento tão admirável quanto profundo, quando Ela diz a seu Pai: *E agora vós, meu Pai, glorifica-me convosco com a glória que tive convosco antes que o mundo existisse*[1382].

Qual era esta graça? Preferimos a todas as outras interpretações aquela dada por Santo Agostinho, mais ainda por ela ter sido adotada também por Santo Tomás[1383], por Suarez e por outros importantes autores, e por nos parecer a mais verdadeira.

Trata-se, segundo o grande bispo de Hipona, da glória que Cristo Nosso Senhor teve como Homem na predestinação divina, e da qual agora Ela pede o efetivo cumprimento. "Manifesta mais claramente esta predestinação naquela em que o Pai glorifica o Filho, acrescentando: *da glória que eu tive junto de vós antes que o mundo fosse feito*... Foi por isso que Nosso Senhor disse: *E agora glorifica-me*. Quer dizer, agora como então; como então pela predestinação, o mesmo agora com a realização: Fazei no mundo aquilo que já foi feito junto

[1382] Jo., 17, 5 (Tradução segundo Martini).
[1383] Catena Áurea, in hunc loc. Jo.

de vós antes do mundo; fazei no tempo o que vós havia resolvido antes de todos os tempos".

Se se tratasse da glória que o Verbo tem como Deus no seio de seu Pai, ela não teria nem *então* nem *presente*; pois é sempre a mesma. Se se considera essa glória divina do Verbo como se comunicando à Humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, para ressuscitar seu corpo e o glorificar, ou ainda para demonstrar sua divindade, tudo se reporta à predestinação. É o porquê não encontramos nenhuma interpretação que nos parecesse tão exata e tão natural como esta de Santo Agostinho.

911. – Nada nos obriga, continua o grande Doutor africano, a aceitar esta opinião, na qual não vemos nada que não esteja conforme à verdade (de que a humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo seria glorificada logo que ela voltasse para Deus), se entendermos, nas referidas palavras do Filho... a predestinação da glória da natureza humana que está nele, uma natureza que, de mortal como era, deveria tornar-se imortal com o Pai, e se admitirmos que, antes que o mundo existisse, ela já existia enquanto predestinação, que, a seu tempo, deveria também se realizar no mundo. Porque, se o Apóstolo disse, de nós: *Como ele mesmo nos escolheu antes da criação do mundo* (Efes. I, 4), por que se afastar da verdade dizendo que o Pai glorificou nossa Cabeça quando nos elegeu nele para nos tornar seus membros? Foi porque nós fomos escolhidos da mesma maneira pela qual Ele próprio foi glorificado.

Com efeito, antes que o mundo existisse, nós mesmos não existíamos, e nem existia *o mediador entre Deus e os homens, Nossos Senhor Jesus Cristo-Homem* (1ª Tim., 2, 5). Mas, Deus Pai que, por meio de Nosso Senhor enquanto sendo seu Verbo, *fez também as coisas futuras e designou as coisas que ainda não existiam como se elas existissem* (Rom., 4, 17), certamente nos glorificou em seu Filho, como Homem e mediador entre Deus e os homens, antes da formação do mundo, e então também nos elegeu nele. Pois, como diz o Apóstolo: *Nós sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, que, segundo o seu eterno designo, foram chamados a ser santos. Porque, os que Ele conheceu na sua presciência, também os predestinou para serem conformes a imagem de seu Filho* (a humanidade tomada pelo Verbo)*, a fim de que Ele seja o primogênito*

entre muitos irmãos; e aqueles que predestinou, também os justificou; e aqueles que justificou, também glorificou (Ibid., 8, 28-30)[1384].

912. – Evidentemente, prossegue o santo Doutor, Nosso Senhor Jesus Cristo não foi predestinado enquanto Verbo de Deus, de vez que assim considerado Ele é eterno. Mas devia ser predestinado enquanto devia se realizar no tempo, com a Encarnação. "Quem, portanto, nega a predestinação do Filho de Deus, nega por isso mesmo que ele é Filho do Homem... contrariamente ao ensinamento do Apóstolo, que diz: ... *Foi predestinado como Filho de Deus, com poder, conforme o espírito de santificação, para a ressurreição dentre os mortos* (Ibid., 1, 4). Então, conforme esta predestinação, foi também glorificado antes que o mundo existisse, pelo decreto de sua gloriosa ressurreição dentre os mortos, e de sua ascensão para junto do Pai, à direita do qual Ele está assentado. Portanto, quando chegou o tempo de sua glorificação predestinada, para que a mesma coisa se realizasse agora de fato, havia já um lugar para o decreto divino, Nosso Senhor reza, dizendo: *E agora, Pai, glorifica-me junto a ti mesmo, com aquela Glória que tive em ti, antes que houvesse mundo* (Jo., 17, 5), como se dissesse: Esta glória que Eu tive junto de vós... na predestinação, é tempo de tê-la também junto de vós como vivendo à vossa direita" (Ibid. 8).

913. – O insigne doutor da predestinação e da graça confirma assim, maravilhosamente, o que dissemos antes sobre a predestinação de todas as coisas em Nosso senhor Jesus Cristo (nn. 279 e seg.).

Nosso Senhor Jesus Cristo enquanto Homem teve **uma glória** junto de seu Pai antes que o mundo existisse. E esta glória consistiu em ocupar o primeiro lugar na predestinação, a ser decretado como Cabeça, por amor da qual foram decretados os membros, a ser desejada como causa exemplar de todas as criaturas racionais, a ser estabelecida como fim imediato de todo o finito. Quer dizer, como medida, como fonte universal da caridade, como supremo coroamento finito de todas as coisas na glória, pela ressurreição e pelo assento à direita do Pai, *acima de todas os céus criados*.

Nosso Senhor Jesus Cristo-Homem teve esta glória *junto ao próprio Pai*. Ou, segundo a palavra do Evangelho, "chez le Père", como quem diria *na "Casa do Pai"*, a Jerusalém Celeste ideal, a Igreja eternamente do Pai como devendo ser engendrada à *imagem de seu Filho*, e como pleno desenvolvimento da humanidade do Verbo (nn. 212, 213).

[1384] Santo Agostinho, ibid. n. 7.

914. – *Antes que o mundo existisse*, esta glória sem dúvida não brilhava senão aos olhos de Deus, *apud te*. Mas, estas palavras, segundo Santo Agostinho, equivalem a *apud te praedestinantem,* junto de vós considerado como autor da predestinação. E a predestinação compreende Jesus Cristo-Homem como *Cabeça* e como *Primogênito* (primeiro nascido). Quer dizer, Nosso Senhor Jesus Cristo com sua Mãe, com seus membros angélicos e humanos, e com tudo o que será criado para eles. O que equivale a dizer: com todas as coisas.

A glória de Nosso Senhor Jesus Cristo não existia então, na realidade, senão aos olhos de Deus, mas era glória na medida em que o Autor da predestinação a via brilhar sobre toda a sua futura obra. Ou, em outros termos, na medida em que ela se formava no conhecimento divino o Céu do Verbo encarnado, a única atmosfera da existência, da vida natural, da vida sobrenatural, da vida gloriosa, de acordo com o plano do Artista Supremo.

Então o Onipotente criou os anjos no Céu messiânico, dando-lhes a graça com vistas a Nosso Senhor Jesus Cristo, fazendo brilhar a seus olhos, de diversas maneiras, nas devidas medidas, os esplendores da predestinação do Filho do Homem (n. 908, para o fim, e nos números nele citados). E nossos primeiros pais foram postos também nas mesmas condições (n. 281).

Visto que o sobrenatural, a graça de Cristo, a fé, a esperança e a caridade tiveram por objeto o futuro Homem-Deus, tanto no Céu Empíreo móvel como no Éden, houveram coisas ao mesmo tempo sublimíssimas e ultra reais, é claro que o Céu do Verbo Encarnado existia desde então como Céu superior, intelectual e religiosamente perceptível, poderoso em influências e agradando o olhar dos anjos viadores e dos primeiros homens (nn. 906, 907, etc.). Tudo estava disposto de acordo com a predestinação de Nosso Senhor Jesus Cristo, a qual se manifestava de várias maneiras e tudo girava em torno dele.

II - Como princípio de existência, de vida, de luz

915. – No começo de seu o Evangelho, São João visa sobretudo afirmar a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Parece sempre exprimir claramente as mesmas verdades que encontramos na prece de Nosso Senhor: *No princípio*, diz ele, *era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava, no princípio, junto de Deus. É por seu meio que todas as coisas foram feitas; e sem Ele nada teria sido feito, visto que tudo foi feito por Ele. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. A luz resplandeceu nas trevas, e as trevas não a*

compreenderam. Houve um homem enviado por Deus, do qual o nome era João. Este veio como testemunha para dar testemunho da luz, a fim de que todos crescem por meio dele (Jo., 1, 1-7; tradução segundo Martini).

O discípulo bem-amado atrai nossa atenção sobre o *princípio* das coisas. E, para explicar este princípio, diz-nos que o *Verbo já existia*, que *existia junto de Deus* e que *era Deus*. Afirma, de novo, que o Verbo estava junto de Deus, e acrescenta: *é por seu meio que todas as coisas foram feitas e sem ele nada seria feito*.

Que sublimes ensinamentos! O verbo é eterno, pois Ele existia desde *princípio* das coisas. Era distinto do Pai, porque estava *junto de Deus* e é nomeado à parte. Tinha a natureza de Deus, porque Ele *era Deus*.

Vemos aí o Céu imenso e eterno da Santíssima Trindade, e subentendendo o Espírito Santo que procede necessariamente do Pai e do Filho.

Mas o Evangelista repete em seguida, propositadamente, que o Verbo *estava, no princípio, junto de Deus*, para nos levar a considerá-lo especialmente com relação às criaturas. Não era somente enquanto Verbo que Ele estava junto de Deus, mas ainda como predestinado com todo o seu cortejo de seres finitos. Ou, em outros termos, como Homem, como Cabeça de sua futura Igreja, em parte inteligente e em parte material, como *Primogênito das criaturas* (n. 884). Também *é por seu meio que todas as coisas foram feitas, e sem Ele nada do que foi feito teria sido feito*.

É de duas maneiras que *todas as coisas foram feitas por Ele*. Por Ele como Sabedoria do Pai. E *por seu meio* enquanto sua predestinação compreendia todos seus membros e todo seu Império. É porque *sem Ele nada foi feito*. O Pai nada fez sem a sua Sabedoria. Além disto, criando com sua Sabedoria e com seu Amor, Ele nada fez, nada dispôs, nada organizou, sem a causa exemplar, meritória e final imediata de todas as coisas. Quer dizer, ao fazer todas as coisas, teve sempre a visão fixa sobre a Encarnação de seu Filho, e media tudo segundo as grandezas do Filho do Homem.

Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. Como a vida estava nele? Estava igualmente no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Todavia, estava especialmente *nele*, uma vez que ela estava nele de duas maneiras. Ou seja, como no Verbo eterno e como no primeiro predestinado. O Apóstolo do amor menciona particularmente *a vida* comunicada fora, esta vida que se tornou *a luz dos homens*.

Ó seres finitos, quem quer que sejais, vós participais desta vida que, por Nosso Senhor Jesus Cristo, sai do Oceano infinito da vida, e vos faz viver como imagens ou como vestígios de Deus.

Ó átomos, ó mundos materiais, vós viveis de vossas formas, de vossos princípios ativos, já que vós existis. Como vós existiríeis se a vida não tivesse saído criada pela predestinação de Nosso Senhor Jesus Cristo? Vós não serieis nada.

Ó vegetais, ó animais, qual seria também a vossa herança? Vós viveis de uma vida propriamente dita. Mas, sem a suprema vida participada fora, sem a irradiação da vida divina na união hipostática, então na divina maternidade, então na filiação adotiva, então nas naturezas inteligentes, a torrente vital não teria chegado até vós, e vós também não seríeis nada. Vós sois reflexos distantes da vida participada, ou melhor, uma espécie de aurora desta vida que sobe no horizonte. Vós não seria nada sem o astro vivificador.

E vós, ó seres inteligentes, o que serieis vós sem *a vida* que é *a luz dos homens* e dos anjos? Se a vida comunicada fora *estava em Nosso Senhor Jesus Cristo* predestinado, como primeiro raio da vida divina do Verbo, é evidente que vós não viveis senão da predestinação de Cristo, cujo prolongamento vos constitui.

Também o Verbo *era a verdadeira luz, que ilumina todo homem que vem a este mundo* (Ibid., v. 9): não somente a luz eterna e formalmente divina, mas ainda a luz que se comunica fora e que *dá o poder de tornarem Filhos de Deus* (Ibid., 12) a todos aqueles que a recebem e que se deixam esclarecer.

A luz da razão, a luz da graça, a luz da glória, tudo vos chega, ó criaturas inteligentes, como um vivo reflexo daquele que disse: *Eu, a luz, **vim ao mundo*** (Jo., 12,46); e ainda: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai a meu Pai se não for por mim* (Ibid., 14, 6), assim como ninguém vem do Pai senão por este mesmo caminho: *In ipso condita sunt universu* (nn. 666 e seg.).

Ó! bendito seja a Santa Igreja Católica, que mantém até o fim dos séculos o sublime ministério de São João Batista, testemunhando a luz no meio das trevas, que não a compreendem, a fim de que *todos os homens creem* em Nosso Senhor Jesus Cristo (Jo., 1,7).

Ó homens, acorrei todos Àquele que *é pleno de graça e de verdade* (Ibid. 14). Se, até agora, todos nós recebemos o presente de sua *plenitude* (Ibid., 16), continuemos a nos dessedentar na mesma fonte, mas de tal sorte que saíamos transformados em verdadeiros membros

de Cristo, e tenhamos a esperança fundada de reinar com Ele na sua glória.

916. – *O Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória digna do filho unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade* (Jo., 1, 14).

O céu do Verbo Encarnado sempre influenciou os outros céus e sempre se manifestou, de alguma maneira, às criaturas inteligentes no Paraíso móvel, no Paraíso terrestre (n. 914) e depois em toda terra, por meio de fatos diversos e muito significativos.

Mas esta manifestação adquiriu um sublime grau de evidência para a raça humana decaída, quando *o Verbo se fez carne e habitou entre nós*, como *Filho único do Pai, pleno de graça e de verdade*. O Profeta Baruc se exprime, no fundo, como São João, sobre as perpétuas teofonias do Homem-Deus, no tempo que precedeu à Encarnação.

Após ter falado da grandeza da mansão de Deus, que é particularmente todo universo[1385], após nos ter falado desta sabedoria que vem do céu e que é considerada como se comunicando aos homens[1386], ele acrescenta: *Mas aquele que sabe todas as coisas, conhece-a, e descobriu-a pela sua prudência; aquele que a encheu de gados e de quadrúpedes; aquele que envia a luz, e ela vai; que a chama, e ela obedece tremendo. As estrelas deram luz nas suas estâncias, e alegraram-se; foram chamadas, e disseram: Aqui estamos, e deram-nos com àquele que as fez. Este é o nosso Deus, e nenhum outro lhe é comparável. Ele achou todo caminho da ciência e a deu a Jacó, seu servo, e a Israel, seu amado. Depois de tais coisas, foi visto sobre a terra, e conversou com os homens* (Baruc, 3, 24-28).

917. – Aquele que firmou a terra para sempre, que enviou a luz, que comanda as estrelas, que trouxe todas as pistas da verdadeira ciência, e que deu esta ciência aos homens pela Revelação, é nosso Deus, é o Verbo preludiando a sua Encarnação, é Aquele que *veio em seguida à terra e conversou com os homens*. As interpretações autorizadas destas passagens, embora um pouco variadas, em nada se opõem umas às outras.

O Verbo encarnado sempre foi visto pelas criaturas racionais, mas em diversos graus de clareza.

Foi visto no Céu Empíreo e no Éden. Ele se mostrou por São Gabriel ou por outros anjos que representaram sua Pessoa, especialmente

---

[1385] Ver Cornélio a Lápide sobre este texto de Baruc, c. III, v. 24, 25, e Martini, in hunc. loc.

[1386] Ibid. v. 28-31.

no Monte Sinai, e em diversas outras circunstâncias. Mas, finalmente, *Ele mesmo foi visto sobre a terra, e conversou com os homens, o Verbo tendo feito carne e habitado entre nós..., **pleno** de graça e de verdade*.

O Verbo, segundo Santo Tomás, é *Deus expresso, Deus conhecido, Deus manifestado*, Deus comunicado, como exporemos com mais detalhes na sequência deste trabalho.

Ora, a manifestação divina por excelência é a Encarnação do Verbo com suas consequências diretas. Por conseguinte, todas as outras manifestações divinas são um crepúsculo mais ou menos luminoso do Astro finito incomparável, quer dizer, da humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

918. – Também, quando Salomão disse a Deus: *Enviai-me a sabedoria **de vossos céus sagrados, e do trono de vossa grandeza**, a fim de que ela esteja e trabalhe comigo, e que eu saiba o que vos é agradável* (Sab., 9, 10), "ele solicita, de uma maneira simbólica, que Deus lhe envie seu Filho"[1387].

Além do Céu infinito, não há outros céus mais santos e mais sagrados do que o Céu de Nosso Senhor Jesus Cristo e o de Maria Santíssima, céus pelos quais o Céu infinito influencia todos os seres; céus instituídos para comunicar o divino, em diversos graus de perfeição, ao conjunto das criaturas.

Já vimos, além disto, que o primeiro *trono da grandeza de Deus* é a humanidade de Cristo com Maria, e com seu brilho (nn. 241 e seg.), trono que sempre existiu, ao menos na predestinação, mas que resplandeceu de maneira diferente conforme os tempos.

No Antigo Testamento o Verbo manifestava-se especialmente pelo ministério dos anjos. "Não há inconveniente, diz Santo Tomás, que haja uma missão simultânea de um anjo quanto à aparência externa, e das Pessoas divinas quanto à graça interior. Ou, melhor dizendo, que o Anjo apareceu como uma Pessoa divina neste tipo de manifestações, não em sua própria Pessoa; é por isso que não é o anjo, mas uma Pessoa divina, que se diz ser enviada nessas criaturas, mesmo no que diz respeito à aparência externa"[1388]. É a própria Pessoa do Verbo que se manifestou assim, mas se fazendo servir por anjos naquilo que concerne ao modo visível de manifestação.

[1387] Cornélio a Lápide, in hunc loc.
[1388] Libr. 1, Dist. XVI, a. 4, ad 2, édition Fiaccadori.

E este modo era ordinariamente a aparência humana, que o Verbo preferiu a toda outra, por causa de sua futura encarnação.

A Sagrada Escritura atribui à Pessoa divina todo fato da aparição, segundo Santo Tomás, inclusive no que ela tinha de exterior e de sensível. O Verbo preludiava, por estas manifestações variadas e relativamente imperfeitas, a aparição por excelência que devia realizar quando se fizesse Homem: *Benegnitas est humanitas apparuit Salvatoris nostri Dei*[1389]. Assim como o Verbo se mostrou aos homens, em formas passageiras e humanas, como sendo Deus que descia do Céu e que vinha instruir ou dirigir os homens, da mesma forma Ele foi invocado por Salomão como sabedoria que desceu *dos céus sagrados e do trono da grandeza divina, para trabalhar com ele e para o inspirar no que é agradável a Deus*.

A ideia da descida de Deus à terra estava presente em todos os espíritos dos santos dos antigos tempos. Qual seria essa ideia senão um efeito da influência do que temos designado de Céu do Verbo Encarnado?

III – Como causa de toda filiação divina adotiva

919. – No entanto estas manifestações teântricas foram feitas com medida, tanto nas aparições sensíveis quanto nas proféticas e na fé dos santos. Foram uma preparação da plenitude dos tempos: "*Assim que chegou à plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho..., para que recebêssemos a adoção de filhos*" (Tit., 3, 4). "Este tempo é denominado de pleno, diz o Anjo da Escola, por causa da plenitude das graças que neles são concedidas..., por causa do cumprimento das promessas divinas... O tempo da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo foi pré-ordenado por Deus por duas razões: 1ª) por causa da grandeza daquele que devia vir, o que exigia que os homens fossem dispostos para sua vinda por numerosas testemunhas e por numerosas preparações;... 2ª) por causa da condição daquele que devia vir, o qual sendo o médico, precisava que os homens, antes de sua vinda, fossem convencidos de sua doença, quanto à sua falta de conhecimento com relação a lei da natureza e quanto à sua falta de virtude quanto à lei escrita.

Então necessitava que a lei da natureza e a lei escrita precedessem às duas vindas de Nosso Senhor Jesus Cristo"[1390].

[1389] Tit., III, 4.

[1390] Comentário à Epístola ao Gálatas, cap. IV, v. 4 e 5.

Disso se segue que antes da *plenitude dos tempos* tudo no mundo era preparação desta plenitude, tanto no Antigo Testamento como no Éden e no Céu Empíreo móvel.

Não há dúvida quanto ao que concerne ao período de tempo transcorrido entre a queda do primeiro homem e a Anunciação. Os profetas, as orações, os sacrifícios, as cerimônias, as diversas revelações e aparições, as esperanças dos mortais, tudo era orientado para o Messias que viria. Nada se compreende na linguagem dos antigos escrivães inspirados se se não a interpreta sob este ponto de vista, que era para eles o mais importante, e para o qual suas atenções se voltavam sem cessar[1391].

920. – Quanto aos habitantes dos dois paraísos, o dos homens e o dos anjos viadores, é evidente que eles também aguardavam *a plenitude dos tempos*, pois acreditavam e esperavam em Nosso Senhor Jesus Cristo e deviam tudo ao futuro Homem-Deus (nn. 298, 652 e outros), em quem todos foram predestinados (nn. 281, 298, etc.). É porque devemos entender, também quanto aos anjos glorificados, o magnífico ensinamento que nos dá Santo Agostinho sobre estas palavras do divino Mestre: *Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, o Filho do homem, que está no céu* (Jo., III, 13).

"A geração espiritual, são palavras do grande Bispo de Hipona, se fará de tal sorte que homens terrestres se tornam celestes, o que não poderão obter a menos que sejam seus membros, para que suba quem desceu, porque ninguém sobe, senão Aquele que desceu. Então, se não entram na unidade de Cristo para se fazer mudar e elevar, de maneira que o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo suba aquele que desceu, estimando apenas seu Corpo, quer dizer sua Igreja, seja outro Ele mesmo [estas palavras se entendem eminentemente bem quanto a Nosso Senhor Jesus Cristo e à Igreja: *Serão dois numa só carne* (Gen., II, 24), sobre o que Ele mesmo disse: *Assim não mais serão duas, mas uma só carne* (Marc., 10, 8)], não poderão subir, porque *ninguém sobe ao céu senão aquele que desceu do Céu, o Filho do homem, que está no céu*. Porque, se bem que Ele foi feito, na terra, Filho do homem, não julgou, porém, que sua divindade, pela qual habitou no Céu, desceu à terra, fosse desonrada pela denominação de Filho do homem, e também julgou conveniente honrar sua carne com o nome de Filho de Deus.

[1391] *Todos os profetas depois de Samuel, e todos aqueles que depois falaram, anunciaram estes dias, os dias do Messias.* (São Pedro, Act. III, 24)

"Com efeito, não foi necessário que essas duas coisas fossem vistas como dois Cristos, um Deus e outro homem, mas como um só e mesmo Cristo, Deus e homem: Deus, porque *no princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus; homem, porque o Verbo se fez carne e habitou entre nós* (Jo., 1, 1, 14). E, por causa disto, pela diferença da divindade e da enfermidade, o Filho de Deus permaneceu no Céu e o filho do homem viveu na terra; mas, pela unidade de Pessoa, a qual, de uma e de outra substância fazia um único Cristo Nosso Senhor, Ele vinha e o Filho de Deus vivia na terra. E, como este próprio Filho de Deus, feito também Filho do homem, permaneceu no Céu.

"A fé de coisas acreditáveis se forma, portanto, a partir da fé de coisas menos acreditáveis em que já acreditamos. Porque, se a divina substância, muito mais distante de nós e acima de nós por uma diversidade incomparável, pode tomar por nós nossa substância humana, de sorte que resultou desta união somente uma Pessoa, e que assim o Filho do homem, que estava na terra pela enfermidade da carne, aqui era Ele o mesmo do Céu, pela participação da divindade na sua carne, quanto mais é acreditável que os outros homens, seus santos e seus fiéis, tornassem um só Cristo com o Cristo-Homem, a fim de que, todos elevados pela graça de Cristo e por esta sociedade com Ele, é apenas Cristo que sobe ao Céu, Ele que desceu do Céu? Também o Apóstolo diz: *Como o corpo é um, embora tendo muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora numerosos, são, entretanto, um só corpo, assim é Nosso Senhor Jesus Cristo* (1a. Cor., 12, 12). Ele não diz: *Assim este corpo de Cristo; assim são os membros de Cristo*; mas, *assim é Cristo*, designando um só Cristo, a cabeça e o corpo"[1392].

921. – Sublime doutrina, que realça a excelência da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo! Mas, esta Igreja não é composta de anjos e de homens? Nosso Senhor Jesus Cristo não é a cabeça de uns e de outros? Tudo foi predestinado nele; todos receberam a graça e a glória como reflexos da união hipostática da humanidade com o Verbo em Nosso Senhor Jesus Cristo. ***Ninguém*** *subiu ao céu* da visão intuitiva, *como Aquele que desceu do Céu* se encarnou, o *Filho do homem, que está no céu*, que vê Deus naturalmente, por causa da união hipostática, que unicamente, em consequência, dá a outros o poder de se tornar filhos de Deus e de contemplá-lo face-a-face.

[1392] De Peccator, *Merit. et remiss*., livr. I, cap. 31, n. 60.

Então, é vós, ó Senhor Jesus, que subiu ao Céu logo que os anjos foram glorificados, porque *a ele, sem vós, ninguém sobe*. É uma parte de vosso corpo místico que entrou na glória, enquanto que a outra parte entrou na prova. Assim o mesmo sol é a causa da aurora e do grande dia.

Os anjos, tão inteligentes, tão esclarecidos pela graça, vos viram ao longe, vos amaram; entraram nos esplendores de vossa graça e de vossa glória, como as mais altas montanhas são as primeiras a receber os raios do astro do dia.

Mas nós, mortais, decaídos e cegos, gememos nas regiões mais baixas, nas trevas e na sombra da morte. E o grande Sol veio nos visitar mais tarde. Então *o mesmo Deus que ordenou que das trevas resplandecesse a luz, resplandeceu em nossos corações para que fizéssemos brilhar o conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo* (2a. Cor., 4, 6). "Antes que fossemos convertidos em Cristo nós éramos tenebrosos..., e a claridade da glória de Cristo não brilhava em nós. Mas agora que Cristo nos chamou a Ele por sua graça, essas trevas foram dissipadas e a virtude da glória da claridade de Cristo resplandeceu enfim sobre nós, e tão abundantemente que, não somente somos iluminados de maneira que possamos ver, mas ainda de maneira que iluminamos os outros"[1393]. E nossa iluminação é uma das glórias de Cristo, uma vez que somos seus membros, e que, como tais, no-lo honramos como Cabeça. O Verbo encarnado, que já havia iluminado os anjos no Céu, como dissemos, desceu do Céu para nos iluminar também, da maneira que melhor nos convinha. É o que nos diz o profeta Isaías: *O povo que caminhava nas trevas viu uma grande luz: A luz surgiu para eles que habitavam na tenebrosa região dos mortos* (Isías, 9, 2).

922. – Esta luz, sempre vista pelos homens ou como crepúsculo ou como pleno dia, transforma em filhos adotivos de Deus todos aqueles homens que o receberam e não preferiram as trevas (Jo., 1, 13; 3, 19). Assim a graça da divina adoção fez no gênero humano decaído o que havia já feito no Céu Empíreo móvel e no Éden.

Mas a graça divina sempre foi uma irradiação de Nosso Senhor Jesus Cristo, uma influência do Céu do Verbo Encarnado.

A geração espiritual, como diz Santo Agostinho, não se consegue obter sem que se torne um membro de Cristo. *Somente sobe ao céu aquele que desceu do céu, o filho do homem, que está no céu*. Os an-

[1393] Santo Tomás, Comentário in hunc. Loc.

jos ascenderam à filiação adotiva iniciada na prova e concluída na glória. De onde eles fazerem parte do Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Como filhos adotivos, *os anjos receberam na sua plenitude* (Ibid., 1, 16) a filiação natural. *Ninguém nunca havia visto Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, é quem o fez conhecer* (Ibid., 18), mas *descendo do céu*, tornando-se *Filho do homem*, pleno de graça e de verdade, e inundando de sua plenitude os anjos e os homens.

Nos dizeres de Santo Agostinho, os membros de Nosso Senhor Jesus Cristo tornaram-se um único Cristo com Ele, a exemplo do Filho de Deus e do Filho do homem que são uma única Pessoa. Portanto, os anjos são membros de Cristo, e o são à semelhança do Filho do homem, que não tem outra Pessoa senão a do Verbo.

Então Nosso Senhor Jesus Cristo sempre foi a fonte da irradiação divina e da filiação adotiva, o esplendor projetado por esta Fonte.

923. – Segundo Santo Tomás: "A filiação adotiva se aplica especialmente a Nosso Senhor Jesus Cristo, porque nós só podemos nos tornar filhos adotivos mediante nossa conformidade com o filho natural... É pelo Filho natural de Deus que nós nos tornamos filhos por adoção. E isto *segundo a graça que provém de Cristo*"[1394]. É este mesmo raciocínio, em substância, como o de Santo Agostinho, que abrange em sua generalidade todos os filhos adotivos de Deus.

Concluímos daí, como também das razões que já estudamos anteriormente, especialmente nos números citados nesta consideração, que a filiação adotiva de Deus no Céu Empíreo móvel, no Éden e na raça humana decaída, foi uma influência divina projetada pelo Céu do Verbo Encarnado.

E como a natureza foi criada e disposta para o sobrenatural (nn. 287-288), segue-se que o universo inteiro é também uma testemunha das influências do Céu, de que falamos, por sua excelência, por sua ordem, por suas tendências e por tudo que há nele.

"O Imperador Supremo, diz Santo Agostinho (n. 338), nesta espécie de magnífico e imenso reino de todos os seres criados, tudo dispos sob o ponto de vista de uma justiça inefável, relativa às recompensas e aos castigos, às graças e às retribuições", o que não se faz sem Nosso Senhor Jesus Cristo.

[1394] Comentários in Epistola ad Gal., c. 4, 5.

Quarto Ponto: Continuação do mesmo tema – Influências mais manifestas do mesmo Céu, conforme alguns grandes princípios e conforme às primeiras profecias

924. – Chamamos de **Céu**, por várias razões, todo o esplendor do Verbo Encarnado, nos tempos e nos lugares, e em tudo que está envolvido por eles.

Este esplendor é um Céu por sua altura incomparável, que nada ultrapassa a não ser a imensidade divina. Além disto, o sobrenatural comunicado está nele no máximo de intensidade e de força, formando essa **plenitude** de que fala São João: ***Plenum*** *gratiae et veritatis...* ***De plenitudine*** *ejus nos omnes accepimus* (Jo., 1, 14, 14).

Depois é um Céu pela universalidade de suas influências. É, como já dissemos, a atmosfera da existência, da vida natural, da vida sobrenatural, assistência da vida gloriosa para todos os seres. Por esta razão ele envolve, influencia, ilumina, atrai a si todas as coisas: *In ipso condita sunt universa in caelis et in terra* (Col., 1, 16); *In ipso vita erat*, como explicamos, *et vita erat lux hominun* (Jo., 1, 4).

Se agora esse Céu é místico para nós, entretanto não é menos real. Sua existência, como também sua grandeza e seu poder de ação ultrapassam a capacidade de nossa inteligência. Mas ele nos atinge e influencia todas as criaturas de maneira mais sublime do que os céus criados, quer dizer, universalmente, misteriosamente, profundamente, poderosamente. E a Revelação multiplica suas luzes para nos torná-lo conhecido.

De momento, vamos considerar as suas manifestações aparentes, mas com a brevidade exigida por uma visão sintética.

925. – Anteriormente (nn. 109 e seg.) vimos que *tudo está posto sobre as montanhas sagradas*, particularmente sobre Nosso Senhor Jesus Cristo e sobre Maria Santíssima, que são os astros mais resplandecentes do Céu sobrenatural. Tudo foi predestinado em Nosso Senhor Jesus Cristo e em sua divina Mãe à existência e aos outros bens (nn. 279 e seg., 294 e seg.).

No Céu Empíreo móvel e no Éden dos Filhos de Deus viveu-se da vida de Cristo, no Céu de Cristo (nn. 280 e 281).

E, como o sobrenatural é a medida, a sustentação e o coroamento da natureza, tudo que existiu e se desenvolveu o foi por influência do Homem-Deus (nn. 288 e seg.).

Tudo o que se passou na época primitiva, no governo do Céu Empíreo móvel e no bom combate dos anjos fiéis, na luta obstinada

dos anjos maus, na organização dos elementos do Caos enquanto dependentes de causas finais, na glorificação dos Santos Anjos e do Céu Empíreo, no terrível castigo infligido a Lúcifer e a seus partidários, tudo se fez principalmente com relação a Nosso Senhor Jesus Cristo. Tudo caminhava para Nosso Senhor ou Ele era recusado, demonstrando assim, da maneira mais impressionante, a existência e as influências incomparáveis do seu Céu (Ver todo o cap. V$^{e.}$ do II$^{e.}$ 1., nn. 610 e seg.).

Mas, concentremos nossas atenções sobre nosso planeta e sobre o gênero humano, ao qual o Verbo quis pertencer, por sua Humanidade.

926. – Antes mesmo de expulsar do Éden nossos primeiros pais culpados, e de maldizer a terra por causa do pecado, Deus prometeu ao homem um Redentor que devia vencer satanás e reduzir o príncipe do mal apenas a capacidade de unicamente colocar armadilhas *ao calcanhar* do bem (Gen., 3, 15). Desde então as inimizades foram estabelecidas, embora mais tarde elas tiveram que esperar o seu máximo, entre a serpente e a mulher e entre suas duas raças, porque a serpente foi *amaldiçoada* desde este dia e condenada a se *rastejar sobre o ventre e a comer a terra todos os dias de sua vida*.

Os primeiros mortais saíram do Paraíso Terrestre levando com eles a Fé e a Esperança, bem como poderosas e suaves luzes do Céu do Verbo Encarnado.

Além disto, *a Sabedoria guardou aquele que Deus havia formado primeiro para ser o Pai do mundo..., e Ela o tirou de seu pecado, dando-lhe a força para governar todas as coisas* (Sab., 10, 1-2). Então logo ele recuperou a caridade, que fez dele um membro de Cristo e que o tornou vitorioso, senão sobre todos os males da vida, ao menos sobre o demônio e o pecado.

Esta vitória de Adão o que era senão uma participação nas influências enérgicas do Céu de Cristo, de onde satanás havia sido expulso, e uma atração do primeiro Homem em direção a esse Céu?

927. – Depois, embora *todos os homens*, antes do Dilúvio, *levassem uma vida corrompida* (Gen., 6, 12), embora, mais tarde, *mesmo que os Pastores fossem privados da inteligência*, e que *todos caminhassem em sua vida individual, seguindo cada um, desde o maior até o menor, seu interesse próprio e passageiro* (Isaías, 56, 11), entretanto o gênero humano guardou a fé e a esperança naquele que havia de dizer de si próprio: "*Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o começo e o fim* (Apoc., 22, 13). Quer dizer, o primeiro, o mais abundante, a mais universal participação nas referências do Altíssimo, que

em outro lugar se designou a si mesmo com as mesmas palavras (Ibid., 1, 8; 21, 6). Sim, se o próprio Deus é o Começo e o Fim de uma maneira absoluta, é porque o Eterno e Soberano Bem, Nosso Senhor Jesus Cristo, como Homem, é nisto tudo o primeiro, o supremo grau de participação. Ele é *o Amém, a Testemunha fiel e verdadeira, o Príncipe das criaturas de Deus* (Apoc., 3, 14).

Antes de tudo, Ele é *o Amém* como Verbo, porque o Verbo *é Deus expresso e afirmado como conhecido* (nn. 786 e seg.), que também é bem expresso pela palavra *Amém*. É o *Amém*, o maior enquanto Homem, porque, como suprema santidade finita, Ele sempre amou e quis perfeitamente o que agrada a Deus: *Ego quae placita sunt ei, facio semper* (Jo., 7, 29); *Ita, Pater* (Mat., 11, 26).

E assim toda santidade, toda honestidade, toda virtude praticada pelos anjos e pelos homens, foi um reflexo da santidade de Nosso Senhor Jesus Cristo e um efeito das influências do seu Céu, porque há um axioma que diz: *aquilo que no gênero há como primeir*o e mais perfeito *é, de alguma maneira, a causa de tudo que há neste gênero*. Como, então, a humanidade, não obstante sua perversão geral, tem sempre mais ou menos santidade e virtude, e aquilo que há de melhor imprime sua marca em todo o resto, segue-se que a posteridade do primeiro homem sempre caminhou sob a luz benfazeja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

928. – Nosso senhor Jesus Cristo sempre foi também o *Testemunho fiel e verdadeiro*. Foi eternamente, desde o início, como Verbo, por que o verbo **diz** sem cessar, exprime, *testemunha fielmente, verdadeiramente*, adequadamente, tudo o que Deus é (nn. citados). Sempre testemunhou que *Deus é caridade* (1a. Jo, 4, 8), e que veio se comunicar criando, santificando, glorificando. Sempre testemunhou que, para atingir esse fim, Ele mesmo se encarnou. E que em vista de sua Encarnação, Deus criou Maria Imaculada, os anjos, os homens e um universo material, como cortejo do Homem-Deus.

Nosso senhor Jesus Cristo sempre foi, também enquanto Homem, o *Testemunho fiel e verdadeiro* da aliança sobrenatural de Deus com suas criaturas inteligentes. E, por elas, com todos os seres criados (nn. 889-901).

A união hipostática da humanidade com o Verbo, em Nosso Senhor Jesus Cristo, sendo o supremo "foyer", a suprema fonte, o modelo completo, de toda união com Deus pela graça, na glória, na maternidade divina, na filiação adotiva dos anjos e dos homens, na glorificação dos anjos fiéis e do Céu Empíreo, na sublime dignidade da Mãe

de Deus, na redenção do gênero humano, na atmosfera das graças atuais, que é como meio vital e sobrenatural onde se movem as criaturas racionais, na crença no divino como o agente orientador da natureza e dos homens, é como irradiações mais ou menos poderosas da humanidade tomadas e elevadas pelo Verbo. Irradiações projetadas em todos os tempos e em todos os lugares. E que compõe o mais sublime dos céus finitos, o Céu da humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Como todo o conjunto e todas as partes do universo se encaminham para o sobrenatural participado, do qual Nosso Senhor Jesus Cristo é o foco ("foyer") total e único, é justo dizer que cada ser existente se move em virtude das influências do Céu de Cristo. Isto depois da criação.

Nosso Senhor Jesus Cristo, considerado como Homem, é então, depois do Verbo, a primeira *testemunha fiel e verdadeira*, tanto do amor de Deus para com suas criaturas escolhidas, como para a destinação delas à graça, à santidade e à glória.

Assim Nosso Senhor é *o caminho* por onde Deus desceu e por onde sobem os seres racionais; *a verdade*, que contém em si todo o plano divino real e fora do qual não há senão vazio, erro e mal; *a vida* (Jo., 14, 6), que faz existir todos os seres, que os faz caminhar para o bem, que os conduz ao auge de sua perfeição ou à glória.

Ora, a humanidade, tendo sempre, embora em graus variados, desfrutado dessas influências, é preciso dizer que sempre viveu das irradiações vitais do Céu criado por excelência.

929. – Nosso Senhor Jesus Cristo é ainda o *príncipe das criaturas de Deus*, seja como Verbo divino, seja enquanto Homem. Como Verbo, porque **dizendo-se** Deus adequadamente, Ele diz também, por aí mesmo, todos os desígnios, todos os decretos e todas as obras de Deus (nn. 797 e seg.); porque, como suprema vida *comunicada* interiormente, Ele é o primeiro princípio e o primeiro modelo de toda vida *comunicada* para fora (ibid.); porque, enquanto vida comunicada, substancial, pessoal, atuante, Ele é também causa eficiente de toda participação do ser e de vida às criaturas (Ibid.). Desta forma, Nosso Senhor *é o caminho, a verdade e a vida* enquanto Deus.

É, além disto, por sua humanidade, o *príncipe das criaturas de Deus*. O primeiro decretado dos seres finitos. O motivo (razão) do decreto dos outros seres; a causa meritória, prevista ou atual, de toda obra divina para fora; a causa exemplar ou o motor de todas as coisas, que é seu cortejo acompanhante; o canal que transmite aos seres finitos todos os favores divinos; o astro criado soberano que atrai tudo a si

para elevar até o Bem supremo; a causa final mais alta, depois de Deus; e, por conseguinte, a mais poderosa de todas as atividades que ocorrem no universo.

Como pode ser que o antigo povo de Deus e a gentilidade, apesar das espessas brumas de tantos erros e vícios, tenha vivido na atmosfera de Cristo e não tenha desfrutado das influências de seu nobre Céu? *Jesus Cristo é sempre o mesmo, ontem e hoje; ele o será também por todos os séculos* (Heb., 13, 8). "Nosso Senhor Jesus Cristo é eterno, observa Martini sobre esta passagem, nele acreditaram os justos de todos os séculos passados; nele acreditaram... os apóstolos; nele acreditam ... todos os fiéis que presentemente vivem; nele se acreditarão por todos os séculos futuros até o fim do mundo... Assim como Cristo é eterno e imutável, igualmente deve ser imutável a fé de seus filhos".

Nosso Senhor Jesus Cristo é eterno como Verbo de Deus, mas enquanto Homem, é *o Cordeiro já conhecido antes da criação do mundo* (1a. Ped., 1, 19-20), e *imolado desde a origem do mundo* (Apoc., 13, 8) (nn. 876, 884, etc.). Então, todos os tempos, todos os lugares, todas as pessoas criadas, todas as coisas, foram subordinadas ao Homem-Deus e têm dependido constantemente do *Príncipe das criaturas de Deus*.

930. – Agora vamos ver essas disposições do plano divino descer, por assim dizer, das alturas abstratas para esclarecer, consolar, dirigir, revelar-se à humanidade decaída.

Esta mesma *Raça da mulher*, que foi prometida no Éden como devendo esmagar a cabeça da serpente (n. 926), foi prometida também em seguida como sendo *a Bênção* que devia chover sobre todos os homens: *Em ti, disse o senhor a Abraão, serão benditas todas as nações da terra* (Gen., 12, 3); *todas as nações da terra serão abençoadas naquele que sairá de ti* (Ibid., 22,18; 18, 8). Idêntica promessa feita a Isaac: *Todas as nações da terra serão bentas naquele que nascerá de ti* (Ibid., 26, 4). A mesma promessa foi feita a Jacó: *Todas as nações da terra serão benditas em ti e naquele que sairá de ti* (Ibid. 28, 14). Mesma divina promessa feita anteriormente pela boca de Moisés: *O senhor vosso Deus vos suscitará um Profeta, como eu, de vossa nação e dentre vossos irmãos; é ele que vos escutará... Eu lhes suscitarei,* disse também no Senhor*, do meio de seus irmãos um profeta semelhante a vós* (a Moisés); *eu lhe colocarei minhas palavras na boca, e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenei* (Deut., 28, 15, 19).

Toda tradição está de acordo em reconhecer o Messias neste Profeta semelhante a Moisés. Com efeito, à exceção de Nosso Senhor Je-

sus Cristo, *não se elevará mais em Israel profeta semelhante a Moisés, a quem o Senhor falará face-a-face* (Ibid., 34, 10). Além disto, São Pedro, São João, Santo Estevão, deram neste mesmo sentido a interpretação autêntica desta passagem (Atos, 3, 22; 8, 37; Jo., 1, 45; 6, 14).

931. – *Eis aqui*, escreve Balaão, *este o que diz aquele que entende as palavras de Deus, que conhece a doutrina do Altíssimo, que vê as visões do Onipotente... Eu o verei*, o Salvador prometido, *mas não agora; eu o contemplarei, mas não de perto. Uma estrela nascerá de Jacó; um cetro se elevará de Israel e ferirá os capitães de Moab; destruirá todos os filhos de Set... É de Jacó que sairá o Dominador* (Num., 24, 16-19).

Estas são as palavras, a doutrina e as visões do Altíssimo que fazem brilhar Nosso Senhor Jesus Cristo em todos os tempos.

O Céu infinito move o primeiro Céu criado. E este move todos os outros céus.

Eu o verei, mas não agora, não de perto. Suas influências estão presentes e despertam a fé e a esperança. Mas Ele próprio ainda não nos aparecerá.

Uma estrela surgirá de Jacó; é a estrela da manhã que Deus prometeu *dar* aos homens de boa vontade e aos Eleitos (Apoc., 2, 28). *Eu, Jesus..., Eu sou... a estrela brilhante da manhã* (Ibid. 22, 16); estrela da qual os reflexos, maravilhosamente dispostos pelos anjos, formaram a estrela dos Reis Magos[1395], e demonstraram que *os céus de Deus se abaixaram e desceram* à terra (Sal., 68, 6).

O maior astro do céu sobrenatural não se aproximou dos homens somente para os iluminar, mas ainda para os atrair a si e para os governar divinamente.

Também *um cetro se elevará de Israel e abaterá os capitães de Moab*, representantes da antiga serpente, cuja a cabeça deve ser esmagada.

Ele arruinará todos os filhos de Set, do homem decaído e pecador... e dará o império aos filhos de Deus: *Israel vero fortiter aget*.

Os filhos de Set são toda humanidade, porque a descendência de Caim morreu toda, por inteiro, no dilúvio, como estava destinada a morrer toda raça do velho homem pelo misericordioso dilúvio dos sofrimentos do Homem Novo: *Ele dará o poder de tornar filhos de Deus*

[13951395] Esta estrela, segundo São João Crisóstomo e Santo Tomás, *era uma virtude invisível transformada em uma aparência estelar*. (Suma Teológica, 3, q. 36, a. 7)

a todos aqueles que o receberam..., que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas do próprio Deus (Jo., 1, 12-13)... Agora o príncipe deste mundo será jogado fora e Eu, quando for elevado da terra, atrairei todos a mim (Jo., 12, 31-32). É de Jacó que sairá o Dominador. Feliz ruína de todos os filhos de Set. Esta ruína dos filhos de Sete não é outra coisa do que a dominação de Nosso Senhor Jesus Cristo, tendo por fim imediato a procriação dos filhos de Deus!

A versão caldaica coloca *dominará* no lugar de *arruinará*: *Dominabitur omnium filiorum hominum.*

Dominação de Nosso Senhor Jesus Cristo, que se estende progressivamente sobre a terra, mas que será completa e absoluta no fim dos tempos.

932. – Como são admirações as predições divinas relativas ao Messias! Elas seguem uma marcha precisa, mais e mais luminosa.

De início o Messias prometido é um descendente da primeira mulher: *Semen tuum*. O que há de mais genérico?

Mas, em seguida, é anunciado como descendente de Abraão, depois como descendente de Isaac, depois de Jacó, depois de Judá.

No meio do dédalo que formam as famílias e os indivíduos humanos, sempre mais numerosos, o Espírito de Deus distingue sem cessar a linhagem de onde deve sair o *Desejado das nações*. Infalíveis marcos são colocados na longa série dos tempos, para dirigir com segurança os olhares da humanidade sobre o Grande Enviado do Céu.

No seio da populosa tribo de Judá, a esperança vai se concentrar em Jessé, depois em seu filho, Davi, em seguida em Salomão (II Reis, 7, 12-13 e seg.; III Reis, 11, 34, 36). *Um rebento sairá do tronco de Jessé, e uma flor se elevará de sua raiz*.

O *Espírito do Senhor,* com todos os seus dons, se repousará sobre Ele. Será o grande foco sobrenatural cujo esplendor deve iluminar, aquecer, curar, aperfeiçoar e, por assim dizer, divinizar a humanidade.

A justiça e a caridade serão as maravilhas de seu reino. *Nesse dia o filho de Jessé será exposto diante de todos os povos, no Calvário, como um estandarte; as nações virão lhe oferecer suas preces; e seu sepulcro será glorioso... O Senhor levantará seu estandarte entre as nações*, e o cristianismo dominará sobre a terra (Isaías, 11, 10, 12)... *Nesse dia vós cantareis: Eu vos dou graças, Senhor, porque, tendo irritado contra mim, vós afastastes vossa fúria e haveis me consolado. Eis que Deus é meu Salvador; procederei com confiança, e não temerei nada, porque o Senhor é minha glória, e Ele se tornou a minha*

salvação. Vós tirareis com gosto águas das fontes do Salvador; e direis naquele dia: Louvai ao Senhor, e invocai o seu nome, publicai entre os povos as suas obras; lembrai-vos de que o seu nome é excelso. Cantai ao Senhor, porque ele fez coisas magníficas; anunciai isso em toda a terra. Casa de Sião, ó Igreja de Deus, exultai de alegria e cantais hinos de louvores, porque o Grande, o Santo de Israel está no meio de vós (Isaías, 12).

933. – *Escutai, então, casa de Davi,... O senhor vos dará, ele mesmo, um sinal. Eis que a Virgem, estando grávida e dando à luz um filho, lhe dará o nome de Deus Conosco (Emanuel). Ele será alimentado de manteiga e mel, como as outras crianças, até que esteja na idade de rejeitar o mal e escolher o bem*[1396]-[1397].

A casa de David, de onde deverá sairá o Messias, correrá um grande perigo. "Faceias, rei das doze tribos da casa de Israel, e Rasin, rei da Síria, havia decidido colocar no trono de Judá uma dinastia nova em que o chefe deveria ser o filho de Tabéel. Para atingir este fim, seria necessário, segundo os costumes do tempo, exterminar toda a família real existente... O Profeta fez, então, indicar os príncipes (de Judá) para a conservação de sua família como garantia decorrente da promessa divina, pois da casa de David devia sair o futuro Redentor"[1398]. Também a conjuração tramada contra a descendência real de David abortou-se *antes que o jovem rapaz*, Scheèr-Yaschud, filho de Isaías (Isaías, 7, 3), *soubesse rejeitar o mal e escolher o bem* (Isaías, 16), ou seja, quando tinha poucos anos.

Cerca de setecentos anos antes do nascimento temporal do Emanuel, os acontecimentos se dispõem, não segundo os cálculos da política mundana, mas segundo o plano do Altíssimo, que providencia tudo em vista da Virgem Maria e de seu Filho. O milagre futuro, *Signum*, domina os séculos antigos. O Messias será ao mesmo tempo Filho de Deus, *Emanuel*, e Filho do Homem, pois *Ele se alimentará de manteiga e de mel*, e vai progredir como quem vai atingir a idade da discrição. Sua Mãe será uma Virgem, uma pura criatura, mas o sobrenatural transbordará nela, pois Ela será, ao mesmo tempo, Virgem e Mãe. *Duplo signo*, duplo milagre: Uma virgem dá à luz, e um filho é Deus! E tanto a Virgem quanto o Filho descendem de David!

[1396] Id., 7, 14-15; tradução literária do hebreu feita por M. P. L. B. Drach: A Igreja e a Sinagoga.

[1397] David Drach , que se tornou Paul-Louis-Bernard Drach após seu batismo, também conhecido como "o Chevalier Drach ", nasceu em 6 de março de 1791 em Estrasburgo, e morreu no final de Janeiro de 1865 em Roma , é um ex-rabino francês de origem alsaciana que se converteu ao catolicismo. Foi bibliotecário da Congregação para a Propagação da Fé em Roma .

[1398] M. Drach, ibid., Tom. 2, pp. 18 e 19.

É por isso que os tempos e os eventos que precedem essas maravilhas devem se voltar nessa direção e serem orientados para esses milagres. Donde os dois reis, que maquinam exterminar a raça de David, em uma breve delonga perderam a coroa e a vida. Um, antes que o *jovem rapaz*, Scheèr-Yaschub, *soubesse rejeitar o mal e escolher o bem* (Ibid.). E o outro, antes que um segundo filho de Isaías, Maher-Schalal-IIhasch-Baz, estivesse no estado de clamar *meu pai! minha mãe!* (Ibid., 8, 3 e 4).

Dois filhos do Profeta, inocentes e fiéis instrumentos da vontade de Deus, servem para demonstrar que o Filho Jesus despôs as coisas com relação a si próprio e à Virgem, sua Mãe, inclusive nos tempos antigos.

934. – Damos o nome de Menino *Jesus* porque "*Emanuel* equivale perfeitamente a Jesus, que significa...: *Deus nos ajuda, nos assiste, nos salva*... Em hebreu, o nome *Jesus*, escrito por completo... significa o *Senhor nos socorre, nos* ***salva***... Está composto de *Senhor* e de *socorrer*, ou de *auxílio*".

Pelo próprio fato de o Messias ser chamado de Jesus, Ele é então designado de *Deus-conosco* ou *Emanuel*. Mas, como a luz da Revelação sempre foi aumentando, quer dizer, especificando cada vez mais precisamente tudo o que se relaciona com o Filho de Deus, o nome genérico de *Deus-conosco* tornou-se o mais específico de *o Senhor nos salva* ou de *Jesus*. O profeta Isaías disse bem, mas Maria Santíssima e São José, instruídos pelo anjo, disseram melhor ainda o verdadeiro nome do Messias (Luc. 1, 31; Mat. 1, 21-28).

935. – No entanto, a profecia de Isaías é ainda mais notável como não somente *predisse o Messias* como Homem-Deus, mas ainda ele o viu na sua glória, antes de anunciar seu nascimento de uma Virgem.

Escutamos de novo M. Drach cujo raciocínio nos parece muito preciso: "No Capítulo precedente (Is., 6, 1), o Profeta descreve a glória celeste do *Adonai-Jeová* que ele *havia visto assentado sobre um trono eminente e elevado*. Então não era uma de suas visões nas quais o Senhor se proporcionava à fraqueza daqueles que ele havia *escolhido para anunciar sua vontade*, como disse em Oseias. 12, 11, mas uma verdadeira visão. Ora, Isaías não pode ver a pura Divindade, porque o Senhor disse a Moisés: *Nenhum homem pode me ver em sua vida* (Êxodo, 33, 20). O profeta viu, então, o Verbo Encarnado, Deus,

fazendo-se visível, de alguma maneira, ao olho humano, na natureza terrestre que Ele uniu intimamente à sua"[1399].

"O filho de Amós diz no mesmo sentido que: *Os homens verão o Senhor* ***face-a-face****, quando Ele vier uma segunda vez à Sião* (Is., 52, 8)".

"Esta explicação das palavras de Isaías... é bem antiga. Um doutor pertencente à nação judaica..., o discípulo bem amado do Messias, imprimiu com esta explicação o carimbo da Verdade, dando-lhe um lugar no seu Evangelho.

Depois de transcrever o décimo segundo versículo do Capítulo sexto de Isaías, o Santo Evangelista acrescenta: *Isaías se exprimiu nestes termos quando viu a glória de Nosso Senhor Jesus Cristo; e* ***é dEle que falou*** (Jo., 12, 41)[1400].

936. – No quarto livro desta presente obra (Cap. I, Consid. 1ª e 2ª), confirmamos largamente esta interpretação. Aqui nós nos contentamos em fazer observar que, após ter visto o Verbo na sua natureza humana gloriosa, o Profeta facilmente estendeu seu olhar às circunstâncias da vida temporal do Messias. Tornou-se-lhe fácil cumprir o papel de quinto Evangelista, que com razão se lhe atribui. A glória de Nosso Senhor Jesus Cristo contém eminentemente todos os traços de sua vida tão humilde e tão laboriosa que lhe mereceu esta glória.

Além disto as profecias do filho de Amós estão cheias de fatos referentes a Nosso Senhor Jesus Cristo. "*O povo que caminhava nas trevas, diz ele, viu uma grande luz; o dia nasceu para eles que habitavam na escura região da morte... Uma Criança nos nasceu, e um Filho nos foi dado, que levará sobre seu ombro a marca de seu Principado; será chamado de Admirável, Conselheiro, Deus forte, Pai dos séculos futuros, Príncipe da Paz. Seu império se estenderá mais e mais, e a paz nunca terá fim. Assentado sobre o trono de David, ele assegurará sua duração e estabilidade em justiça e santidade, agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos operará estas coisas*"(Isaías, 9, 2, 6 e 7).

"O Profeta termina (este Capítulo) confirmando as ameaças que já havia feito contra Rasin e o reino de Israel. Pois ele liga incessantemente a libertação material e iminente de Israel, e a derrota de seus

---

[1399] O profeta Isaías é filho de Amoz e descendente da linhagem real; foi chamado a ser profeta ainda na juventude, no final do reinado de Uzias (Azarias, 790-739 a.C), durante a coregencia de Jotão. Isso sugere que o chamado ocorreu entre os anos 750 e 739 a.C. Seu ministério continuou por pelo menos 60 anos, abrangendo os reinados de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias (ver Is 1:1). Seu ministério terminou logo após a morte de Ezequias, em 686 a.C.

[1400] M. le Chevalier Drach, loc. C., pp. 195, 196.

inimigos, à libertação espiritual e futura de toda Israel. Uma e outra oferecem uma promessa certa da conservação da casa de David"[1401].

Tal é, com efeito, uma característica saliente dos Profetas: terem por objeto principal o Messias; daí sua luz sobre o passado, o presente e o futuro, o que, no fundo, abarca todas as coisas. ***Todos*** *os profetas depois de Samuel, e todos aqueles que posteriormente falaram, anunciaram esses dias* (Atos, 3, 24), os dias de Nossa Senhor Jesus Cristo e do Evangelho. Embora eles tenham anunciado também uma quantidade de outros fatos e ensinado muitas outras verdades, é porque esses fatos e estas verdades tinham relações estreitas com o Filho do Homem, de maneira que todo o Antigo Testamento (e com mais forte razão o Novo Testamento) descrevem as influências do Céu do Verbo Encarnado.

937. – Todas as profecias de Isaías – e como elas são numerosas! – anunciam fatos mais ou menos próximos que se referem especialmente aos judeus. Mas não deixam de acrescentar o acontecimento por excelência, que se dará mais distante, para o qual giram todos os fatos e todas as profecias, o acontecimento que resume em si todas as maravilhas do poder e da bondade do Senhor, o acontecimento que é absolutamente universal no seu brilho, em todos os tempos, sobre todos os lugares, todas as pessoas, todos os acontecimentos; o acontecimento que é a esperança e a salvação da humanidade: a Encarnação do Verbo e a obra restauradora do Filho do Homem.

Frequentemente o Profeta toma a pena somente para formular as relações que existem entre os pequenos fatos com o grande acontecimento divino. Ele exprime isso a seu povo, pois, sem transição aparente, ele se encontra em contemplação diante do que é descrito mais como historiador do que profeta. O atrativo é tão forte e constante que a arte e o livre arbítrio estão subordinados e prova que o profeta é profeta sobretudo para o Messias e não o é para outras coisas que com Ele não se relacionam.

Um olhar profano que lesse Isaías, sem se pôr neste ponto de vista, veria, por assim dizer, apenas enigmas nesta linguagem divina, mais ainda do que o eunuco da rainha Candace, que, apesar de sua fé, ainda assim disse: *Como poderei compreender a leitura de Isaías, se ninguém me explicar* (At., 8, 30,31). Mas, da mesma forma que essa leitura tornou perfeitamente inteligível para o eunuco, assim que São Filipe lhe *anunciou Nosso Senhor Jesus Cristo* (Ibid., 35,36), igual-

[1401] M. Drach, loc. Cit., p. 31.

mente todo leitor que considerar Isaías como um evangelista do Antigo Testamento terá a chave de suas profecias. Todos os tempos antigos eram orientados e giravam para Nosso Senhor Jesus Cristo.

938. – O povo de Deus existia unicamente para o Messias e os outros povos eram tratados conforme o exigiam as suas variadas condições. No centro de todas as coisas estava o Messias. E isto porque o Messias, sempre presente aos olhos de Deus, concentrava em si todas as atenções, todos os pensamentos, todas as complacências do Senhor. *Eis o meu servo, eu estarei com ele; meu eleito, no qual minha alma pôs toda minha complacência. Pus sobre ele meu espírito e ele ensinará a justiça às nações* (Is., 62, 1; Mat., 17-18). *É por ele, como por seu ministro*[1402], que o Altíssimo executa seu plano, fazendo tudo convergir para ele até que ele apareça, submetendo-lhe todas as coisas quando ele apareceu, fazendo todos os seres participarem de suas excelências, quando espalha suas influências e triunfos deificantes.

Suscipiam eum, segundo o hebraico, *sustinebo, sustentabo*[1403]; tomarei sua humanidade de maneira que ela subsistirá no Verbo e fora dele não haverá nenhum favor divino que se possa possuir no mais alto grau. Ele será meu eleito por excelência, Aquele por quem e graças a quem existem os outros Eleitos, porque, *minha alma, tendo posto nele todas as minhas complacências*, outros somente serão amados por mim como reflexo desta complacência primeira incomparável; serão amados como membros, chamados ou reais, do meu supremo Eleito.

Isto se deu no Céu Empíreo móvel, no Paraíso Terrestre, no Antigo Testamento, na gentilidade na medida em que nela houveram eleitos. Isso se verificará nos tempos evangélicos e em toda a eternidade.

Derramei meu espírito sobre Ele. O Espírito Santo, no princípio, pousará sobre Maria Santíssima, sua Mãe, e a virtude do Altíssimo a cobrirá com sua sombra (Luc., 1, 35); *e Ela conceberá do Espírito Santo* (Mat., 1, 18). Depois, então, *Este que foi concebido em Maria Imaculada o foi por obra do Espírito Santo* (Ibid., 20).

Soberana operação do Amor hipostático, externamente; soberana filiação divina comunicada à existência, de tal maneira que o Filho do homem será realmente o Filho de Deus, *o Espírito Santo repousará sobre Nosso Senhor Jesus Cristo* com a plenitude absoluta de seus

---

[1402] A palavra hebraica correspondente a *servus* na Vulgata significa ministro.
[1403] Cornélio a Lápide, in h. loc.

dons (Is., 11, 2). E toda comunicação do Espírito Santo, feita ou a fazer às outras pessoas, em qualquer tempo, será como uma irradiação, no passado, no presente e no futuro, do grande foco ("foyer") que contém a plenitude do Espírito Santo concedido.

Ó irradiação sobrenatural de Nosso Senhor Jesus Cristo, ó sublime atmosfera dívida divina, não sois vós toda graça saída, que sai e que sairá de Deus? Ó sobrenatural, ó Céu de Nosso Senhor Jesus Cristo, qual o ser saído do nada que não tenha experimentado suas influências vitais e salutares? Sem vós nada existiria, uma vez que tudo foi criado por vós, e de que vós sois ao mesmo tempo o fim imediato, a medida e o bem de todas as coisas (nn. 112, 241, 280 e seg., 287 e seg.). Tudo é e tudo está bem somente através de vós. Por isto é claro que vós influenciais todos os tempos, todos os lugares, todas as pessoas, todas as coisas. Vossa irradiação é o bem comunicado por Deus à criatura. E neste bem se encontra também *a justiça que o Messias ensinará às nações*.

939. – *Não gritará nem clamará, e nem fará acepção de pessoas; nem erguerá a voz fora*; quer dizer que *não quebrará o caniço rachado, e não apagará a mecha que ainda fumega. Julgará segundo a justiça; não será triste nem turbulento ao estabelecer a justiça na terra; e as ilhas*, ou seja, todas as regiões envolvidas pelos oceanos e pelos mares, *atenderão sua lei. É o Senhor Deus que diz estas coisas, Ele que criou o céu e os estende, que fornece à terra o que ela produz, que dá a respiração ao povo que a habita, e o espírito àqueles que a percorrem. Eu, o Senhor, que te chamei, ó Messias, por amor à justiça; Eu o tomei pela mão e te conservei; estabeleci-te para ser o reconciliador do povo e a luz das nações; para abrir os olhos aos cegos, para libertar aqueles que estavam acorrentados, e para fazer sair da prisão aqueles que estavam sentados nas trevas. Eu, o Senhor, este é meu nome; não darei a minha glória a um estrangeiro, mas a meu Filho; nem minha honra a simulacros* (Is., 42, 2-8)

A criação e a disposição dos céus, a firmeza da terra, a existência e conservação da humanidade e de seus povos, tudo se liga ao Messias, que a todos deve salvar, ou completar, ou aperfeiçoar. O Senhor fala como incidentalmente da universalidade dos seres, para fixar seus olhares sobre o Homem-Deus, e para o descrever com comprazimento, bem como seus divinos ministérios. *Eu coloquei minhas palavras na tua boca,* disse-lhe noutro lugar*, e te cobri com a sombra de minha mão, a fim de que estabelecesses os céus e fundasses a terra, e dissesses a Sião: Tu és meu povo* (Is., 51, 16).

Ó, que profundidade destas palavras! Quem poderia ouvir *as palavras de Deus na sua boca* senão o Emanuel, o Deus feito Homem, e permanecendo Deus? Jamais alguém poderia ser melhor *guardado à sombra da mão* do Senhor, senão o *Senhor nosso socorro*, ou *Jesus*, em quem a humanidade tem por pessoa o Verbo de Deus?

E por esta grandeza inefável de Nosso Senhor Jesus Cristo imaginamos a grandeza das obras que Ele realizará: *Estabelecer os céus, fundar a terra, e dizer a Sião: Tu és meu povo.*

Ó humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo! Nós aprendemos de novo, por aí, que vós sois, depois de Deus, a primeira causa do estabelecimento dos céus, da terra, do mundo sobrenatural e da sociedade dos filhos de Deus, a qual motivou a existência das outras criaturas inteligentes e de todos os seres inferiores. Os céus, a terra, o sobrenatural, a filiação adotiva de Deus, existiam antes de vossa aparição no meio dos homens, mas é por vós que eles existiram. Vós fostes a causa exemplar, a causa final e a causa meritória, para não dizer mais, e vossa realidade sublime sempre esteve presente aos olhos do Eterno.

Mas, *assim que vós aparecestes com a bondade própria de nosso Deus Salvador* (1a. Tit., 3, 4), inclusive os mortos vos viram, por assim dizer, criar e estabelecer os céus, fundar a terra e o reino sobrenatural. *Porque ninguém pode colocar outro fundamento senão aquele que o colocou* desde toda a eternidade, *o qual é Nosso Senhor Jesus Cristo* (1a. Cor. 3, 11). Então, quando *o Príncipe das criaturas de Deus* (Apoc., 3, 14) *se mostrará na terra e conversará com os homens* (Baruc., 3, 38), estes contemplarão com os olhos a primeira causa final dos céus, da terra, da humanidade, no sobrenatural e de todas as coisas (nn. 884 e 929).

O grande modelo usado por Deus na criação aparecerá com evidência:

– os astros, que sempre o tiveram como fim, brilhará com todo seu esplendor;

– os méritos infinitos que solicitaram e obtiveram de Deus todos os bens e que no princípio foram, segundo supomos, apenas *previstos*, se desdobrarão a nossos olhos na sua imensa e divina realidade.

E assim nós assistiremos, de alguma maneira, a criação e formação do Céu Empíreo, da sociedade angélica, do mundo sobrenatural, dos outros céus e dos outros seres, porque veremos, na obra, sua primeira causa depois de Deus, ao mesmo tempo que seu adorável Redentor e seu divino Aperfeiçoador.

940. – Precisaríamos citar quase todos os capítulos de Isaías se quiséssemos ser completo sobre esta questão. O herói anunciado e louvado quase continuamente por este profeta, é Nosso Senhor Jesus Cristo. Como Abraão *viu com transportes de alegria o dia do Messias* (Jo., 8,56), igualmente, mas incomparavelmente com mais frequência, o filho de Amós fixa seus olhos *nesse dia*: "*In die illa*", e o que ele vê senão Jesus? "*Eis aqui Deus, meu Jesus"*, exclamou ele, como para significar o nome do Filho, do Emanuel, do qual ele acaba de falar... O hebraico traz palavra por palavra: *Eis aqui Deus, minha salvação*.

A *salvação* é o Salvador, é Nosso Senhor Jesus Cristo, como se o profeta dissesse: Eis aqui Jesus, que nos trouxe uma tão abundante redenção de tantos males... Como direi, senão: Meu Deus, meu Jesus, meu tudo? Eis porque nesse versículo ele repete três vezes, seguidamente, o nome Salvação, quer dizer, do Salvador ou de Jesus[1404].

Minha força e meu louvor, é o Senhor do Senhor, porque ele se tornou minha salvação[1405].

941. – Nesta passagem o Homem-Deus é também claramente designado: *Meu nome é blasfemado sem cessar, durante todo dia*, pelos opressores de meu povo e pelos seus viciosos condutores. *Porque meu povo, nesse dia, conhecerá meu nome, pois eu mesmo, que falei outrora pelos meus profetas, eis que estou aqui presente* (Is., 52, 5,6)... *O Senhor manifestou seu braço santo aos olhos de todas as nações; e todas as regiões da terra verão o Salvador enviado pelo nosso Deus* (Ibid. 10).

Ó Jesus! Nós só conhecemos bem o nome de Deus olhando-vos. Sabíamos que Deus é o Senhor, o próprio Ser, o Altíssimo, o Onipotente. Mas jamais conhecemos perfeitamente o quanto este augusto nome contém de bondade e de amor até que ele se manifestou na descida de Deus a nós, pela Encarnação, para nos socorrer e nos salvar.

Vosso nome, ó Jesus, nos dá a conhecer eminentemente o nome de Deus, porque ele anuncia o amor infinitamente apropriado de *Deus que é caridade*: "*Deus charitas est*"; *e a caridade de Deus apareceu naquele que enviou seu Filho único ao mundo a fim de que nós vivamos por ele* (1a.Jo., 4, 8-9). Deus é essencialmente caridade, mas vosso nome, ó Jesus, designa esta caridade infinita irradiando-se fora.

Se o *Senhor* (Jeová) designa Deus por assim dizer nele próprio, vosso nome, ó Jesus, define Deus de alguma forma relativamente às

[1404] Cornélio a Lápide, in h. loc.; Is., 13, 1,2.
[1405] Tradução do hebreu segundo o mesmo comentador.

criaturas e sobretudo ao homem. E tudo está compreendido, não somente **em** vós, porque tudo foi predestinado em vós, mas ainda porque vosso nome, que exprime Deus se comunicando soberanamente aos seres finitos, aquilo que os faz existir, progredir e atingir seus fins.

Então, como *Jeová* significa o próprio Deus, *Jesus* indicva tudo do outro que é igual a Deus e ao mesmo tempo o próprio Deus comunicado no mais alto grau.

Ó profundidade da significação do nome *Jesus*! Ó nome inefavelmente delicioso! Ó *Senhor do Senhor*, no qual, pela Encarnação, a geração eterna se expande livremente em geração temporal. E, por consequência, à criação do infinito para vós, na santificação e na regeneração dos vossos membros, na glorificação de vosso corpo místico e do conjunto das coisas, bem como em tudo que está em vós e em vosso nome!

Como é justo que, *ao nome de Jesus, todo joelho se dobre, no Céu, na terra e no inferno. E que toda língua confesse que o Senhor Jesus Cristo está na glória de Deus Pai* (Filip., II, 10-11).

942. – *Eu mesmo falei outrora: eis-me aqui presente*. Então, o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos trouxe as luzes do Evangelho, foi também o autor das revelações sobrenaturais feitas nos tempos que precederam sua aparição na terra.

Tudo o que havia de sensível nos meios utilizados para manifestar as verdades divinas foram prelúdio da humanidade do Verbo, de sua voz e de sua visibilidade.

O Verbo estava presente também outrora quando apareceu por seus profetas, mas se escondia sob figuras que simbolizavam sua futura humanidade e não estava presente enquanto homem.

Após a Encarnação, Ele dirá: *eis-me presente*, como Verbo e como Homem. *E meu povo conhecerá aquele* que, dos meus nomes, dirá tudo ao mesmo tempo: o nome *Jesus*; *eis-me presente* totalmente, uma vez que eu sou o Verbo Encarnado.

943. – Em todos os tempos tudo convergiu para o Verbo Encarnado. Ele sempre foi *o braço santo* pelo qual Deus fez suas obras e dispôs os elementos.

Desde o começo os homens fiéis anteviram esta verdade e admitiram-na pela fé. O resto da humanidade duvidou deste desejo providencial e por isto foram dominados. Mas, pela Encarnação, *o Senhor manifestará suas obras santas aos olhos de todas as nações; e todas as regiões da terra verão o Salvador enviado pelo nosso Deus*.

O Senhor fará com que os mestres não mais distanciem os outros de vós, e seus olhos seu preceptor (Is., 30, 20). Esta é a razão pela qual até o fim do século numerosos apóstolos o pregarão como *um Deus crucificado*, como *um estandarte elevado diante de todos os povos*, mas que sempre será *a virtude de Deus e a Sabedoria de Deus* (1a. Cor., 1, 23,24).

944. – Todas as profecias de Isaías se reportam mais ou menos a Nosso Senhor Jesus Cristo. E quanto mais ele progride na sua missão profética, mas seus olhos se concentram no Messias.

Isaias fala do povo Judeu, dos Assírios, dos Medos, dos Persas, dos Filisteus, dos Moabitas, dos Etíopes, dos Egípcios, dos Idumeus, dos Árabes, de todos os gentios, de ilhas, do céu, da terra, de todos os tempos, do Juízo Final, da eternidade.

Mas, se se prestarmos bem a atenção, veremos que Isaias agrupa tudo isso na ideia dominante do Messias e seu reino. *A salvação que Ele dará será eterna... Elevai-vos, ó braço do Senhor! Elevai-vos... como vós haveis feito nos séculos passados, e desde o começo do mundo. Não sois vós que haveis abatido o Soberbo, que haveis ferido o dragão*, e Lúcifer, e Senaqueribe, e o Faraó, e seus orgulhosos imitadores? *Não fostes vós que secastes o mar e as profundezas do abismo, que haveis feito um caminho no fundo de suas águas, para passarem aqueles dos quais vós éreis o Libertador*? (Isaías, 51, 8, 9, 10).

A lei sairá de vós e minha Justiça esclarecerá os povos e se repousará no meio deles. O justo que devo enviar está próximo. O Salvador que prometi vai aparecer; meus braços, o Messias, o Espírito Santo que será enviado, os apóstolos, *governarão os povos*[1406]; *as ilhas me atenderão, e esperarão em meu braço*. *A lei sairá* do Pai pelo Verbo feito Homem; *a justiça de Deus esclarecerá os povos* por Cristo, e *se repousará entre eles* na Igreja de Cristo. É o Pai que enviou *o Justo e o Salvador*. O Pai tem braços pelos quais fez suas obras; nós indicamos as principais. O Verbo diz que *as Ilhas o atenderão*. E o Pai, que elas *esperarão* no Messias, que é *o braço* por excelência do Pai. – *Elevai-vos os olhos ao Céu, e abaixai-os para terra; pois os céus desaparecerão como a fumaça, e a terra se desgastará como um vestido, e seus habitantes morrerão com ela; mas o Salvador que*

[1406] Brachia Dei Patris, Filius ejus et Spiritus Sanctus intelliguntur; sicut est illud in Isaïa proph., *Et brachia mea populos judicabunt.* Brachium Dei Patris singulariter, Filius ejus accipitur..., quia omnis creatura electa ab ipso continetur. Santo Agostinho, *De Essentia Divinitatis*, I.

mandarei será eterno, e minha Justiça subsistirá para sempre (Ibid., 4-6).

O que há de mais evidente? Todo o universo móvel está subordinado ao Céu de Nosso Senhor Jesus Cristo!

O Senhor nascerá de vós, ó Jerusalém, *e sua glória brilhará em vós. As nações caminharão na luz de vossa luz, e os reis, no esplendor que se levantará de vós... Tudo o que há de mais grandioso nas nações virá se dar a vós... As ilhas estão esperando por mim e os navios, desde o início, para trazer seus filhos de longe... O povo e o reino que a vós não estiver submetido perecerá... Vós os alimentareis com o leite das nações...* (Ibid., 60). Uma vez que a gentilidade caminhe tão fortemente para Nosso Senhor Jesus Cristo, e isto, *desde o princípio*, então é Nosso Senhor Jesus Cristo que sempre atraiu pelas influências do seu Céu. Porque esta é a perpétua atenção do profeta Isaías para nos mostrar o Senhor (Jeová) como constantemente preocupado com o Salvador que deve ser enviado à terra, para mostrar ao povo judeu que ele deve viver apenas da fé e da esperança no Messias, e a nos mostrar que todos os povos da terra estão submissos a um certo governo que se diria estabelecido na Palestina e que deve a todos trazer e submeter a Nosso Senhor Jesus Cristo?

Na nossa opinião é impossível descrever melhor a ação universal do Verbo Encarnado, a que nos atrai, por fim, os olhares do Senhor, que orienta para Cristo todos os tempos, todas as pessoas, todos os seres; que prepara, pelo Cristianismo, *os novos céus e a nova terra*, imperecíveis para sempre, dignas moradas dos membros gloriosos do Homem-Deus: *Sicut coeli novi, et terra nova, quae ego facio stare coram me, dicit Dominus: sic stabit semen vestrum, et nomen vestrum* (Isaías, 66, 22).

Quinto ponto: As antigas teofanias[1407] eram manifestações do Céu do Verbo Encarnado

945. – *Um dia virá*, diz o Senhor, *em que meu povo conhecerá* completamente *meu nome*, *porque* direi então: *Eu mesmo que falava outrora, eis-me aqui* (Is., 52, 6).

Uma vez que sois *vós mesmo*, oh Deus, *que falais outrora*, vós estáveis então *presente* naqueles que vos escutavam. E vosso Apóstolo nos diz também *que vós haveis falado outrora aos nossos pais pelos profetas, muito frequentemente e de diversas maneiras*, mas que, *ulti-*

[1407] Teofanias = aparlições ou revelações de Deus.

mamente, nestes dias, vós haveis falado por vosso Filho, que vós haveis estabelecido herdeiro de todas as coisas (Hebr. 1, 1,2).

É Nosso Senhor Jesus Cristo considerado como homem que foi *estabelecido herdeiro* de todos os bens de Deus. É então pelo Filho considerado como Homem que vós quisestes nos falar *ultimamente*, nestes dias de plenitude dos tempos e das graças. Conhecemos plenamente *vosso nome*, oh Deus, uma vez que conhecemos o *Homem-Deus*.

Mas, se é o Verbo Encarnado que, mostrando-se humanamente no meio dos homens, disse: *Eis-me aqui presente*, então foi Ele que *falou outrora*... a *nossos pais pelos profetas, frequentemente e de várias maneiras*. Falou *pelo Espírito Santo que inspirou os santos homens de Deus* (2a. Petri, 1, 21); falou Ele próprio: "Eu mesmo que falei outrora"; falou por seus anjos e por seus outros ministros.

Mas, além disto, falou em numerosas aparições, como para preludiar a aparição suprema que devia realizar ao se encarnar; fazendo-se representar por homens, e simbolizar por coisas; agrupou todos os acontecimentos em torno de si mesmo e de sua Igreja. E assim demonstrou a universalidade e o poder de suas influências[1408].

I – As antigas teofanias segundo Santo Agostinho

946. – Segundo Cornélio a Lápide, São Cipriano, Santo Hilário e São Gregório Nazianzeno pensam que Deus apareceu visivelmente sobre uma forma corporal a Abraão, a Moisés e aos profetas.

Mas está muito conforme à verdade dizer que todas estas aparições foram feitas por anjos, que, em corpos fictícios, representavam a Pessoa de Deus, e por causa disto são chamados "Deuses"[1409]. Tal é a opinião da maior parte dos autores. É também, parcialmente, a doutrina de Santo Agostinho, que trata da questão ex-professo[1410]. E de Santo Tomás, que já citamos anteriormente (n. 918).

"Todas estas manifestações, diz o grande Bispo de Hipona, que foram feitas aos Padres, quando Deus se tornou presente a eles, segundo sua disposição conforme os tempos, foram feitas evidentemente por meio da criatura. E se nós não sabemos a maneira como Deus as fez pelo ministério dos anjos, sabemos, contudo... pela fé e pela autoridade das Sagradas Escrituras..., que foi pelos anjos que Deus as fez...

[1408] Nesta consideração tivemos em conta apenas as antigas teofanias.

[1409] *In Pentateuchum*, can. 16.

[1410] *De Trinit*., 2, 15, livr. 3, cap. 11, etc., e quase todo o l. 2. E ainda particularmente no livr. 4 da mesma obra, c. 21, n. 31.

"Mas, objetará alguém, por que então está escrito: "O Senhor disse a Moisés", e não: "o Anjo disse a Moisés"?

É porque, quando um oficial de justiça proclama a sentença do juiz, não se escreve "O oficial de justiça diz", mas "o juiz diz". Assim também, quando um santo profeta fala, se nos dirá "O profeta disse", não quer dizer outra coisa senão que "Deus disse". E se dissermos: "Deus disse", não suprimimos o profeta, mas não nomeamos aquele pelo qual falou por Deus.

O mencionado texto da Sagrada Escritura nos mostra com frequência que o anjo parece com o Senhor, e que frequentemente se diz: "O Senhor disse, quando entretanto é o anjo que falou, assim como já demonstramos"[1411]... "Ninguém duvida que o próprio Deus deu a lei a Moisés para submeter o povo de Israel, e entretanto se sabe igualmente que ela foi dada pelos anjos, como disse Santo Estevão: "... *Vós recebestes a lei pelo mesmos anjos, e vós nada haveis guardado*"(At., 7, 53).

"É verdade que a lei foi dada a esse povo pelo ministério dos anjos, mas por ela eles mesmos foram preparados e por ela foi-lhes anunciada a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo. E Ele próprio, como Verbo de Deus, que de alguma maneira foi admirável e inefável para os anjos, é pelos pelo ministério dos quais a própria lei foi dada. Também se diz no Evangelho: *Se vós credes em Moisés, sem dúvida crereis também em mim, porque fui eu mesmo que o criei* (Jo., 5, 46)".

"Então, foi pelos anjos que o Senhor falou, é pelos anjos que o Filho de Deus, futuro mediador entre Deus e os homens, e descendente de Abraão, dispôs sua vinda a fim de que encontrassem pessoas que o recebessem... O Apóstolo, escrevendo aos Gálatas, diz: *Então porque a lei? Ela foi estabelecida por causa das transgressões* (para as impedir e para as constatar, uma vez cometidas), *até que veio a descendência (Messias) para a qual Deus havia feito a promessa, e ela fosse dada pelo menos aos anjos na mão do mediador* (Gal., 3, 19)".

Santo Agostinho interpretou de outra forma esta passagem do Apóstolo. Para ele foi a descendência que foi *colocada pelos anjos na mão do Mediador*. Quer dizer, que a vinda do Messias foi preparada pelos anjos, sob a direção do Verbo (*in manu sua*). E que este Mediador, segundo o Bispo de Hipona, não era Moisés, mas Nosso Senhor Jesus Cristo[1412].

[1411] Loc. Cit., nn. 22, 23.

[1412] Santo Agostinho ensina a mesma doutrina em sua *Expositionis lib. Unus Epistolae ad Gal*., n. 24.

Santo Agostinho continua: “como o Apóstolo não designa como mediador um anjo, mas o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo, na medida em que Ele se dignou fazer-se Homem, nós o encontramos em outro lugar, quando diz: *Um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Nosso Senhor, Homem* (1a. Tim., 2, 5). Daí a Páscoa ser feita pela simulação de um Cordeiro (Exod., 12). Daí todas as coisas que figuram Nosso Senhor virem na carne, Cristo padecente, Cristo ressuscitado, e que estavam contidas na lei dada pelo ministério dos anjos. Estes anjos, sem dúvida, eram o Pai, e o Filho, e o Espírito Santo. Algumas vezes o Pai, algumas vezes o Filho, algumas vezes o Espírito Santo. E algumas vezes, sem nenhuma distinção de Pessoa, Deus era figurado pelos anjos, embora Ele aparecesse em formas visíveis e sensíveis. Aparecia por sua criatura, não por sua substância.

“Então consta, pelo ensinamento provável da razão... e pelos testemunhos, também claros quanto irrefutáveis, das Sagradas Escrituras, que, quando estas nos falam como Deus apareceu a nossos antigos pais, antes da Encarnação do Salvador, as vozes e as aparências corporais que formaram essas aparições feitas pelos anjos, foram como se estes falassem ou fizessem alguma coisa sob a pessoa de Deus segundo o costume que notamos nos Profetas, seja como eles tomam formas criadas alheias à sua natureza para representar Deus, figurativamente, aos olhos dos homens, manifestações que os profetas também praticaram, como a Sagrada Escritura mostra por meio de numerosos exemplos"[1413].

947. – Aquilo que havia de exterior e de sensível nas antigas teofanias era então atribuível aos anjos, segundo Santo Agostinho. Os anjos representavam Deus, algumas vezes o Pai, outras o Filho e outras o Espírito Santo. Entretanto, além disto, o grande Bispo de Hipona nos diz que é o Verbo particularmente que se manifestava assim pelo ministério angélico.

No nosso ponto de vista, este ensinamento nos parece muitíssimo interessante. Então vamos nos reportar a ele.

948. – “A propósito disto que está escrito, que Deus falou com Adão e Eva, com a serpente, com Caim, e com outros (Gen., 3, 4, 13, etc.), que o próprio Deus apareceu diversas vezes e que foi visto por eles, o que está provado... por um grande número de passagem das Escrituras..., os maniqueus nos armam embustes, dizendo que todos esses relatos são contrários às palavras do Senhor, no Novo Testamen-

[1413] Id., Ibid., nn. 26, 27, *De Trinit.*

to: *Ninguém jamais viu Deus; o Filho único que está no seio do Pai é aquele que o faz conhecer* (Jo., 1, 18). E ainda aos Judeus: *Vós jamais ouvistes sua voz* (do Pai), *nem vistes a sua face. E não tens permanente convosco a sua palavra porque não credes naquele que Ele enviou* (Ibid., 5, 37,38).

Nós respondemos que toda esta questão pode-se resolver pelas palavras do próprio Evangelho: *Ninguém jamais viu Deus, exceto o Filho único que está no seio do Pai, e que o faz conhecer*. Porque o próprio Filho, que é o Verbo de Deus, faz conhecer o Pai que viu, não somente nestes últimos tempos, quando Ele se dignou aparecer na carne, mas ainda outrora, desde a origem do mundo, seja falando, seja aparecendo, ou por um poder angélico, ou por uma criatura qualquer, porque Ele próprio é a verdade (eminente) que está em todas as coisas, porque a seus olhos tudo é evidente, porque tudo lhe serve no grau de seus desejos, porque tudo lhe está submisso. Quando Ele quer, aparece então a seus olhos aquilo que lhe agrada, por uma criatura visível, se bem que, segundo a divindade, Ele não pode ser visto... senão por um coração puríssimo (dos Bem-aventurados)"[1414].

949. – Das passagens seguintes da Sagrada Escritura, continua o santo Doutor (Gen., 28, 1, 2; 32, 24-30; Êxodo, 3,2; Ibid. 19, 3; At., 7, 30, 35), resulta que as aparições de Deus foram ao mesmo tempo aparições de anjos. Ou melhor, aparições de Deus pelos anjos.

"Com efeito, não devemos pensar que o Verbo de Deus, pelo qual todas as coisas foram feitas, possa se restringir a lugares, e aparecer visivelmente em qualquer um sem que seja por uma criatura visível. Pois, assim como a Palavra de Deus está no profeta, e como então se diz com razão: O Senhor disse, porque como é o Verbo de Deus, que é Nosso Senhor Jesus Cristo, quem disse a verdade aos profetas, igualmente é Ele que fala aos anjos, assim quando o anjo anuncia a verdade, se diz então com razão: *Deus disse*, e ainda: *Deus apareceu*, se bem que se possa dizer também com igual razão: *o anjo disse, o anjo apareceu*. Porque a primeira maneira de dizer se reporta a Deus habitando nos anjos. E a outra maneira se reporta à pessoa do anjo de que Deus utiliza para isso.

É segundo a mesma regra que o Apóstolo disse: *Quereis vós experimentar daquele que fala em mim, Nosso Senhor Jesus Cristo* (2a. Cor., 13, 3)"[1415].

[1414] Contra Adimantum, c. 9, n. 1.
[1415] Ibid.

950. – Quanto às outras palavras de São João a que nos referimos antes (n. 948), e que os maniqueus objetam, Santo Agostinho as explica facilmente de uma maneira que se harmoniza com as teofanias dos tempos antigos.

Vós jamais entenderam a voz do Pai, quer dizer, vós, Judeus, a quem Eu falo, vós nunca obedecestes à Palavra. *Vós nunca vistes sua figura*. Com efeito, isto não se pode. *Vós não tendes sua palavra permanecendo em vós*, porque, como Nosso Senhor Jesus Cristo permanece naquele que guarda a palavra de Deus; mas os judeus recusaram a Cristo e, por conseguinte, também a palavra divina; então eles não creram. "É porque, se não é surpreendente que o Verbo de Deus, o Filho único de Deus, que dá a conhecer o Pai, se manifesta *por si mesmo* a quem quer; a quem Ele quer *através de alguma criatura*, seja falando de modo sensível, seja aparecendo, mostrando-se *Ele próprio* àqueles que têm o coração puro, e fazendo como o Pai se mostra por Ele: *Bem-aventurados aqueles que têm o coração puro, porque verão a Deus* (Mt., 5, 8): Isto não significa que os dois Testamentos devam ter, portanto, a mesma linguagem sobre este ponto (Ibid., n. 2)".

951. – A propósito desta passagem do Gênesis: *Como eles* (Adão e Eva) *entendiam a voz do Senhor Deus que passeava no Paraíso*, etc. (3, 8-10), Santo Agostinho escreve: "Eu não vejo como se poderia tomar ao pé da letra este passeio e esse entretenimento de Deus, sem que Deus aparecesse sobre forma humana. Porque não se pode dizer que somente a voz era entendida, uma vez que lemos que Deus passeava, nem que aquele que passeava num lugar sem ser visível, pois o próprio Adão dizia que ele se escondeu da face de Deus.

Mas, quem era esse personagem que apareceu a Adão? Era o Pai, ou Filho, ou o Espírito Santo? Ou ainda seria o Deus Trino, indistintamente, que falava ao homem sob forma humana?"[1416].

Pareceria que este devia ser Deus Pai, ao qual se atribui especialmente o *Fiat lux* e o *Fiat firmamentum*, mas que, no entanto, fez todas as coisas por seu Verbo.

"Entretanto, pode acontecer que a Escritura tenha passado insensivelmente de uma Pessoa à outra. Após haver narrado que o Pai disse: *Que a luz seja*, assim como as outras coisas que Ele fez pelo Verbo, a mesma Escritura tenha indicado depois disso o Filho falando ao primeiro homem, sem o exprimir abertamente, mas dando a entender àqueles que seriam capazes.... Creio poder dizer sem temeridade que,

[1416] De Trinit., liv. 2, c. 10, n. 17.

se este lugar da Escritura designa realmente o lugar, ou seja, um Paraíso material, *Deus não poderia, de forma alguma, caminhar ali sem que fosse numa forma corpórea*"[1417].

952. – O mesmo Doutor diz, em outro lugar: "É assaz provável que Deus tenha aparecido ordinariamente sob uma forma humana aos primeiros homens, por meio de *alguma coisa criada segundo a circunstância*"[1418].

Então parece que estas aparições deviam se reportar particularmente ao Verbo que iria se encarnar, e que foi eternamente visto por Deus, enquanto Homem, como o modelo da humanidade.

Além disto, Santo Agostinho julga que a humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo desempenhou um papel em várias destas teofanias[1419]. Assim, a propósito das passagens do Êxodo (33, 18-23) em que Moisés solicita ver a face de Deus e em que ele apenas obtém ver Deus pelas costas, o bispo de Hipona diz que esta parte "posterior" de Deus indica a carne de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo a qual Ele nasceu da Virgem Santíssima, morreu e ressuscitou. E que está dito *posterior* por causa de sua mortalidade ou da época tardia em que o Verbo a tomou[1420]. No entanto, Moisés a viu realmente conforme a promessa que Deus lhe havia feito, mas sem ver *sua face*. Quer dizer, sua divindade: *Videbis posteriora mea; faciem autem meam videri non poteris*. Ora, é ao Verbo sobretudo que se refere como *sua* (mea) a carne a que Ele se uniu.

É-se então levado a crer que é o Verbo que falou a Moisés.

953. – Santo Agostinho supõe também que é Nosso Senhor Jesus Cristo como Filho do homem que apareceu sob uma forma visível a Daniel (*Dan*., 7, 9-14).

Mas o próprio Santo Doutor, aí como em vários outros lugares, sustenta que o Pai e o Espírito Santo também apareceram em diversas circunstâncias e sob diversas formas.[1421]

Sobre este outro fato relatado novamente por Daniel (*Dan*., 3, 92), que os outros três homens foram lançados na fornalha, Nabucodonosor viu um *quarto semelhante ao Filho de Deus*, Santo Agostinho se dirige a este Rei idólatra e diz: "Ó estrangeiro, de onde te vem este conhecimento? Qual a lei? De qual profeta? Ele não havia nascido no mundo e tu já conhecias a aparência da criança. De onde lhe provém

[1417] Ibid., n. 18.
[1418] De gen. Ad litt., l. 11, c. 34, n. 46.
[1419] Epifania significa "aparição ou revelação da divindade; manifestação de Deus".
[1420] De Trinit., l. 2, c. 17, nn. 28, 32.
[1421] Ibid., c. 18, nn. 33-35.

isto? Quem é que te o anunciou, a não ser que o fogo divino o tenha iluminado por dentro... para que tu desses testemunho do Filho de Deus".[1422]

954. – Vamos resumir em poucas palavras o ensinamento que nos dá o grande Doutor africano sobre esta matéria:

1º) quando Deus falava, ou aparecia, aos antigos, conforme o relato das Escrituras Sagradas, Ele o fazia por alguma coisa criada e sensível.

2º) Deus, em sua natureza divina e em suas divinas pessoas jamais se mostrou intuitivamente a olhos mortais: *Non videbit me homo et vivet* (Ex., 333, 20).

3º) Estas palavras e estas aparições não são sempre atribuíveis somente ao Verbo, mas também algumas vezes ao Pai, algumas vezes ao Espírito Santo, algumas vezes à Trindade inteira, algumas vezes a Deus tomado absolutamente. No entanto, toda ação divina fora são obra da Trindade[1423].

4º) O Verbo agia desde o Antigo Testamento como futuro *descendente de Abraão e futuro mediador de Deus e dos homens*. E a Lei escrita *foi dada pelo ministério dos anjos*, mas por *Sua mão*, enquanto que, pela Lei, Ele dispôs os homens e as coisas em vista de sua vinda na carne. Então Moisés era seu Ministro, como os anjos[1424].

5º) O Verbo *se fez conhecer ao Pai antes de se encarnar, desde a origem do mundo, seja falando, seja aparecendo, ou por um poder angélico, ou* ***por uma criatura qualquer****. Era Nosso Senhor Jesus Cristo que dizia a verdade pelos profetas, que falava ou aparecia pelos anjos*, que se manifestava algumas vezes diretamente ***por si mesmo***[1425].

6º) Daí a forma humana sobre a qual Deus se mostrou no Paraíso Terrestre a nossos primeiros pais. E, mais tarde, em outras ocasiões, a Abraão, a Moisés, a Daniel, a Nabucodonossor e a outros.

[1422] *Sermo contra Judaeos, Paganos et Arianos*, cap. 15.

[1423] *De Trilnit.*, l. 2, c. 10, n. 18.

[1424] *Iste mediator significatus est per Moysen, in cujus manus est Lex data*. (Santo Tomás, Coment. In Epist. ad Gal., c. 3, lect. 7, 4.

[1425] Se Santo Agostinho parece geralmente atribuir aos anjos a parte sensível das aparições, é porque certos heréticos de seu tempo pretendiam que a *substância do Filho de Deus era visível por si mesma sem se servir de nenhum corp*o, aparente ou real. Santo Agostinho os combateu. Mas seu grande princípio sobre essa questão não é que Deus se serviu sempre dos anjos para aparecer. Deus sempre se serve da *criatura que é submissa*, para se manifestar. Isto é perfeitamente verdadeiro também nos casos onde o Verbo se mostrou em si mesmo por um corpo aparente. (*De Gen. ad litt*., ll. 12, l. 8, c. 27, e c. 18)

II - As mesmas teofanias segundo outros Padres e outros autores.

955. – No início expusemos a doutrina de Santo Agostinho sobre esta matéria por causa da autoridade extraordinária deste grande homem. Ademais, este ensinamento é, na nossa opinião, o que melhor exprime o conjunto das verdades que sobre o assunto encontramos na Sagrada Escritura e na Tradição. Também ele se inclina menos para opiniões extremas, que se divergem singularmente quanto à questão das aparições divinas.

Berger[1426] nos parece ter melhor posto o estado desta questão. "Segundo a história da criação, escreve este autor, Deus conversou de uma maneira sensível com Adão e seus filhos, com Noé e sua família, com Abraão, Isaac, Jacó, Moisés e vários profetas. Os Padres da Igreja levantaram a questão de saber se era o próprio Deus que se tornava presente e visível aos homens, ou se era um anjo que falava e agia em nome de Deus. Quase todos os antigos estavam persuadidos de que era o Verbo divino, segunda Pessoa da Santíssima Trindade, que preludiava assim o mistério da Encarnação. Outros acreditaram que eram anjos.

Seria difícil provar de uma maneira incontestável uma ou outra destas opiniões. As duas parecem ser verdadeiras, em iguais circunstâncias.

A princípio, parece que, a menos que façamos violência ao texto sagrado, não se pode negar que o próprio Criador falou e conversou com Adão, Noé e Abraão. Não parece provável que um anjo, na sarça ardente, tenha dito a Moisés: *Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão*. E aos Israelitas reunidos ao pé do Monte Sinai: *Eu sou o senhor vosso Deus que vos tirou do Egito* (Ex. 20, 2). Entretanto, lemos nos *Atos dos Apóstolos* (7, 38) que era um anjo que falava a Moisés no Monte Sinai. E que Santo Estevão disse aos Judeus: *Vós recebestes uma lei estabelecida pelos anjos* (Ibid., 53)[1427].

956. – Parece-nos, assim como a Berger, que as duas opiniões acima provam ser igualmente verdadeiras conforme as circunstâncias.

[1426] Nota do tradutor: Parece que se trata de *Nicolas-Sylvestre Bergier (*31.12.1718 / 9 .4.1790), teólogo católico francês. Foi um crítico dos filósofos da Revolução Francesa. Doutor em Teologia Canônica da Diocese de Paris e Confessor de "Madames" de França. Autor de vários volumes do Dicionário de Teologia Católica.

[1427] Dicionário de T eologia Católica, art. Aparição.

Nós tomamos como regra geral estas palavras de Santo Agostinho: "Se se pergunta como foram pronunciadas estas vozes, estas formas sensíveis, estas aparências, antes da Encarnação do Verbo, as quais *prefiguravam* estes mistérios, respondo que Deus as fez pelos anjos, o que tenho assaz demonstrado, parece-me, pelas testemunhas das Sagradas Escrituras"[1428]. Entretanto, como já vimos, este Padre admitiu que o Verbo se passou também algumas vezes por anjos, *falando pelos profetas, mostrando-se diretamente Ele próprio àqueles que têm o coração puro, fazendo conhecer o Pai desde a origem do mundo*.

E, por consequência, fazendo-se conhecer também aos anjos, *manifestando-se por si próprio a quem quer*. É o que demonstra que o santo africano não condena a opinião daqueles que atribui ao próprio Verbo certas aparições.

957. – Esta opinião é, com efeito, tão universalmente sustentada pelos antigos Padres que a julgamos baseada na verdade, uma vez que ela não nega certas aparições divinas feitas mediante os anjos. É porque julgamos não muito seguros esses autores, que, como Suarez[1429], se esforçam para provar que **nenhuma** aparição divina aconteceu no Antigo Testamento que não tenha sido por meio angélico.

Antes de destacar quanto seus argumentos nos parecem fracos, damos a palavra a alguns destes antigos Padres que acabamos de mencionar, bem como a outros autores.

958. – "O Verbo, diz Santo Eusébio, apareceu *algumas vezes pelos anjos* aos mortais. Apareceu *algumas vezes Ele mesmo* há alguns daqueles anciãos cuja piedade era eminente. E então se mostrou a eles não de outra forma, mas na forma humana"[1430].

Nicéforo diz também: "O Verbo apareceu *algumas vezes por si mesmo*, e outras vezes por seus ministros, os anjos, a Abraão e a seus descendentes"[1431].

"Aquele que falou a Moisés, diz Tertuliano, era *o próprio Filho de Deus*; era sempre Ele que aparecia, pois ninguém mais, em sua vida, viu o Pai"[1432].

"Para instruir e para justificar os homens, diz São Leão Magno, o Filho de Deus Todo Poderoso pode aparecer como o fez aos Patriarcas e aos Profetas, na forma humana, ou quando lutou (com Jacó), ou

[1428] De Trinit., l. 4, cap. 21, n. 31.
[1429] De Angelis, l. 6, cap. 20, nn. 36 e seg.
[1430] L. 1. De Demonstr. , c. 5; et l. 5, c. 20, et 28; et l. 1 Hist., c. 2.
[1431] Hist., l., c. 2.
[1432] Contr. Prax., cc. 14 et seq., et contr. Juadae., c. 9.

quando teve uma conversação, ou quando quis receber a hospitalidade e inclusive alimentar-se. Mas eram figuras e ensinamentos místicos que anunciavam a verdade do Homem-Deus como descendente dos antigos Pais"[1433].

Santo Isidoro vai inclusive mais longe no mesmo sentido, quando escreve: "Em tudo onde um anjo é posto por Deus nas Sagradas Escrituras, devemos ver, não o Pai e nem o Espírito Santo; mas *somente o Filho*, que pré-ordenou sua Encarnação"[1434].

959. – Suarez cita também como favoráveis a esta tese: Santo Hilário, Teofilacto, São João Crisóstomo, São Justino, São Cipriano, Santo Epifânio, Santo Ambrósio, São Clemente Papa, e outros[1435]. O que nos persuade, ademais, como a verdade aqui não está em uma das opiniões extremas, mas naquela que admite certas aparições do Verbo feitas por Ele próprio. É o que resulta, como já vimos, do conjunto do ensinamento de Santo Agostinho.

São Dionísio, a que também nos opomos, mantém, em substância, a mesma linguagem: "Os ilustres Padres, diz ele, receberam dos celestes poderes a explicação destas divinas visões"[1436], o que simplesmente afirma um papel desempenhado por anjos nessas visões, sem prejuízo do papel principal que nelas desempenhou o Verbo. E isto por Ele mesmo.

O pensamento deste Padre é que Deus, considerado na sua natureza, não pode ser visto por olhos mortais e que Ele não quer aparecer aqui embaixo como alguma coisa criada ou sensível, tal como nos disse Santo Agostinho.

"Pretende-se que Deus, escreve São Dionísio no lugar citado, apareceu Ele próprio a algum Santos, sabe-se, pelas claras expressões dos oráculos sagrados, que o que é segredo em Deus, ninguém viu e nem verá jamais (Jo. 1, 18; 1a. Tim., 6, 16); e que, nestas teofanias a criaturas virtuosas, Deus se mostrou como convinha à sua majestade, com ajuda de visões sagradas adequadas ou proporcionadas aos videntes. A teologia, toda sábia... dá, com razão, a estas visões, o nome de teofanias porque elas proporcionam aos videntes uma ilustração divina e porque inicia-os em alguma coisa divina". Isto é, elas consistem em mostrar, de alguma maneira, o Deus invisível por aquelas coisas sensíveis. "Elas traçam a similitude divina" nos videntes, "elevando-os ao

[1433] Epist. 13, ad Palcheriam.
[1434] Libr. 1, De Summo Bono, c. 19.
[1435] Suarez, loc. Cit., nn. 7, 8, 25, 26.
[1436] Hierarquia Celeste, c. 4, & 3.

divino”... “Os oráculos não relatam como o próprio Deus deu a Moisés o código sagrado da Lei?” Sim, foi para nós aprendermos verdadeiramente quanto ela era santa e divina. Mas a Teologia ensina com sabedoria que esta Lei nos foi transmitida pelos anjos (Hebr., 2, 2), para efeito de mostrar que, na ordem da economia divina, o inferior se eleva a Deus por meio do superior”[1437].

960. – Assim, segundo São Dionísio, se Deus não apareceu Ele próprio, imediatamente, a alguns santos, é que Ele nunca se permitiu ser visto intuitivamente pelos mortais. Mas, “mostrou-se com a ajuda de santas visões que tinham alguma relação com aqueles que obtiveram esses benefícios”. E algumas dessas visões se deram sem o ministério de anjos. **O próprio** Deus deu as Tábuas da Lei a Moisés”, mas essa lei somente nos foi *transmitida* pelos anjos.

“O divino mistério da filantropia de Nosso Senhor Jesus Cristo foi revelado primeiro aos anjos, e, por eles, a graça deste conhecimento desceu até nós”. Mas Nosso Senhor se pôs, também Ele próprio, ao nível dos anunciadores, e é designado de *Anjo do Grande Conselho* (Is., 9, 6, conforme os Setenta).

Também, como nesta qualidade de anjo, Ele mesmo o diz, que tudo que aprendeu com o Pai Ele nos ensinou (Jo., 15, 15)[1438].

Ao atribuir um papel aos anjos nas aparições divinas, não podemos esquecer o papel do anjo por excelência, que era Nosso Senhor Jesus Cristo e ao qual é preciso atribuir principalmente, parece-nos, o que frequentemente se atribui às criaturas angélicas.

961. – Nosso Senhor Jesus Cristo é designado, pelo Profeta Malaquias, como *Anjo do Testamento* (3, 1). A respeito do que Cornélio a Lápide observa que Cristo foi o Anjo e o legado dos dois Testamentos, tanto do Antigo ou judaico, como do Novo ou cristão. Em seguida acrescenta: “o Cristo Enviado pelo Pai apareceu a Moisés no Sinai e contraiu com ele a Aliança com os Judeus. Aliança pela qual prometeu vir na carne para sua redenção e para redenção do mundo inteiro, porque Cristo, Nosso Senhor, foi o Anjo prometido no Antigo Testamento a Abraão e a seus descendentes, particularmente a Moisés.

É o que São Paulo diz aos Gálatas (3, 19) que antiga Lei foi dada na manhã, quer dizer, pela mão do mediador.

[1437] Hierarquia Celeste, c. 4, & 3, tradução do M. l’abbé Dulac.
[1438] Ibid., & 4.

Grande número de autores entende que mediador é Nosso Senhor Jesus Cristo. Daí vem que Ele próprio diz à Isaías (52, 6): *Eu mesmo que falei, eis-me aqui presente*.

Também São Basílio, São Cirilo, Eusébio, Santo Ambrósio e um grande número de outros Padres entenderam que todas as vezes que Deus apareceu no Antigo Testamento, era o Filho, a Segunda Pessoa, que apareceu, para significar antecipadamente sua real vinda na carne. E para preludiar, na sombra e figurativamente, num corpo aparente, como eu disse no começo do Pentateuco, Capítulo 16".[1439]

962. – É muito significativo que este ensinamento coincida com o de numerosos rabinos que comumente encontram o nome do Homem-Deus no Antigo Testamento, e o designam, conforme o hebraico, de Homem-Senhor, Homem-Anjo do Senhor, Anjo da Aliança, *Anjo da Força, Anjo Métatron*[1440].

No início Eva deu a seu primogênito o nome de Caim, o que quer dizer, textualmente "eu adquiri um *homem-Senhor*". Esta última palavra está no acusativo e é atributo de homem. A paráfrase "a" significa, em caldaico: "um homem, o anjo (ou o *Enviado*) do Senhor"; na versão siríaca: "um homem, o Senhor".

Este homem é designado de "vir" como se fosse o homem feito, e ao mesmo tempo de *Senhor* como se fosse Deus.

Por que este mistério? Ah! É como nossos primeiros Pais entenderam, da "própria boca de Deus", que o vencedor do inferno seria um Homem-Deus, um Homem-Senhor.

Foi por isto que Eva, na sua ignorância, primeiro fruto do pecado, imaginou que Caim era o Messias prometido. E ela o tomou pelo *Homem-Senhor*, ou pelo *Homem-Anjo do Senhor*.

O que leva fortemente a crer, parecer-nos-ia, que a nossos primeiros Pais, ainda no Paraíso, Deus aparecia sob forma humana. Daí que, vendo o filho, Eva o qualificou de *Homem-Senhor*.

963. – *O homem*, continua M. Drach, contra o qual Jacó teve uma luta mística (Gen., 32, 25), é designado de *Anjo e Senhor* pelo profeta Oseias (12, 4, 6). E de Deus, no Genesis (Ibid., 29,31). Então, sendo Deus e Enviado ao mesmo tempo, não parece ser, concluímos, *o Anjo da Aliança* ou Nosso Senhor Jesus Cristo.

[1439] Comentários de Malaquias, 3, 1.

[1440] Tomamos emprestadas essas noções e as seguintes sobre o mesmo assunto da obra de M. le chevalier Drach, *Harmonia entre a Igreja e a Sinagoga*, tomo II, pags. 405 e seguintes.

Nota do Tradutor: Uma vez que este nome, Anjo Metaton, não é mencionado explicitamente na Sagrada Escritura, no Antigo nem no Novo Testamento, a figura do "arcanjo Metatron" não é aceita pela Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

O Profeta Malaquias disse: *Eis que envio meu anjo, e ele preparará o caminho diante de mim*: "literalmente, segundo M. Drach: E ele preparará o caminho à *minha face*. A segunda Hipóstase (o Filho)[1441] designada pelos rabinos, a Face do Senhor". Este anjo é São João Batista que preparou o caminho ao Messias.

Mas o profeta continua: *E assim que o Senhor (Adon, Adonai) a quem vós pedistes, o Anjo da Aliança que vós desejais, entrará em seu templo*, diz o Senhor (Malaq., 3, 1). Somente Deus é *o mestre* do templo. E, além disto, Deus está claramente expresso pela palavra *Senhor, Adon*, que é o mesmo nome hebreu que se lê neste versículo do Salmo: *Dixit Dominus Domino meo*.

Então o Profeta Malaquias fala do *Deus-Anjo*, *Anjo da Aliança*. "*Este Anjo do Senhor*, ou Pessoa divina da Santíssima Trindade, é o Rei Messias, segundo os rabinos".

964. – Mas, este Anjo supremo, segundo os mesmos autores, era tal também antes de sua Encarnação.

O *Senhor* disse no Êxodo (23,20 e seg.): *Eis que envio meu Anjo diante de vós, para te guardar no caminho; obedeçais tua voz, porque meu nome está nele*... Com frequência, o *Nome* significa a *Essência* de Deus. Muitos rabinos dizem que este *Anjo* era Deus, porque esta palavra Anjo está precedida do artigo o, o qual designa a divindade e o próprio Filho e as duas naturezas do Verbo Encarnado[1442].

"O anjo que aqui é prometido a Israel, diz o rabino Moisés Nahhaménides, é o *Anjo Redentor*, que contém em si o grande *nome de Deus* com o qual Deus criou os mundos. ... A Escritura o chama de *Anjo* porque todo o governo deste mundo pertence a este *modo da divindade*. E nossos Doutores ensinam que este é *Métatron*" (Mestre e enviado).

"O rabino Behhaï, comentando o Êxodo 33, *e Deus disse, porque meu anjo vos precederá*, diz que 'Meu anjo' quer dizer *meu Anjo bem-amado*, Aquele pelo qual Eu sou conhecido no mundo. Foi falando deste anjo que Deus disse a Moisés: *Minha face caminhará diante de vós*, porque Moisés fez esta oração: *Fazei-me conhecer vosso caminho*, o que quer dizer, fazei-me conhecer o *modo* pelo qual vós sois conhecido no mundo. E Deus lhe respondeu: *Minha face* caminhará (diante de vós).

[1441] Hipóstase, em Teologia, significa a união do Verbo com a natureza divina, como substância única.

[1442] M. Drach, ibid., p. 412 e outras.

Tal é também o sentido desse versículo: *E o Anjo de sua face* os salvou (Is., 53, 9). Ou seja, o Anjo que é sua própria *face*"[1443].

Observemos, a propósito destas passagens, que convém perfeitamente ao Verbo ser chamado de *face de Deus*, porque Ele é *o esplendor da glória de Deus e a imagem de sua substância* (Hebr., 1, 3).

É sobretudo pelo Verbo que Deus se faz conhecer fora (ad dextra). E Nosso Senhor Jesus Cristo, sendo igual ao Verbo, inclusive enquanto Homem, sempre foi o *testemunho fiel* da Aliança de Deus com suas criaturas (n. 928).

967. – Mas, notemos aqui particularmente a distinção formal que Deus fez, no Capítulo 33º do Êxodo, entre *seu anjo*, anjo criado e seu Verbo, o Anjo por excelência.

Parece-nos claro, no contexto, que as primeiras palavras citadas pelo rabino Behhaï se reportam a um anjo normal, ao passo que os outros autores se referem ao Anjo divino ou ao Filho de Deus.

Com efeito, *O Senhor falou a Moisés e lhe disse*: *... Enviarei um anjo para vos servir de precursor... Quanto a mim, não subirei convosco* (1, 2, 3). Tratava-se do pavilhão onde Deus fazia suas orações e que, de fato, foi levantado bem longe do acampamento (v. 7). De sorte que o Anjo de Deus estava junto com o povo e o precedia, mas Deus mesmo queria se manifestar somente fora do acampamento.

Ora, o Senhor falou a Moisés face-a-face, como um homem tem costume de falar a seu amigo. Então, Moisés via Deus, parece-nos, sob a forma de um homem, como vemos o amigo que nos fala. Via-O, parece, como depois no Tabor, com traços humanos. Mas Moisés teria querido ver, além disto, o próprio Verbo: *Ostende mihi faciem tuam, ut sciam te*. *E o Senhor lhe respondeu*: *Minha face vos precederá*..., mas, *sem morrer vós não podereis ver meu rosto*, ou minha divindade (Êxodo, 33;11, 13, 14, 20).

Moisés obteve então que o *próprio Deus* acompanhasse o povo de uma certa maneira ostensiva, sem prejuízo do *Anjo*. E este era especialmente a *Face de Deus que caminhava diante* dos Israelitas. Quer dizer, o Verbo.

966. – Citemos ainda M. Drach: "Os rabinos atribuem ao anjo Métraton todos os atributos da divindade. Este anjo, *infinitamente elevado acima dos anjos*, que o profeta Malaquias anuncia como o Messias, foi constantemente o guia e o guardião dos antigos patriarcas do povo hebreu. Em uma palavra, aquele que os rabinos denominam

[1443] Id., p. 413, 414.

Métraton, não poderia ser, segunda definição que eles lhe dão, como a segunda hipóstase da divina trindade"[1444].

O mesmo autor cita em seguida diversas autoridades rabínicas, às quais vamos nos referir, de passagem: "O homem, que é o Santo *que está no alto,* governa tudo. É ele que dá o espírito e a vida a todos os seres". M. Drach termina este capítulo memorável com as palavras seguintes: "Números, 20, 15, Moisés manda dizer ao rei de Edom: *Nós moramos longo tempo no Egito, e invocamos Jeová que nos ouviu. Ele enviou um anjo que nos retirou do Egito*".

"a) Este *anjo*, é o próprio Jeová, como vemos no texto do Deuteronômio, 26, 8: *E Jeová nos retirou do Egito por sua mão poderosa*"[1445] (*Eduxit nos de Egypto in manu forti, et brachio extento*, etc.). Ora, Santo Agostinho nos diz com muita razão que "o braço do Pai, considerado no singular, é seu próprio Filho" (n. 944, 2a. nota do n.).

Então, é sobretudo pelas influências poderosas do Verbo que o povo judeu foi libertado de seus opressores, imagem do que o Verbo ia fazer mais perfeitamente pelo cristianismo, mediante sua Encarnação.

"b) no ritual das duas primeiras semanas de Páscoa, inserido na grande obra de Maimonides, este versículo está assim expresso: *E Jeová nos retirou do Egito*, não por um anjo, mas por um *Serafim*, não por qualquer *ministro*, mas pelo Santíssimo... retirou-nos ele próprio".

"c) Aben-Ezra diz nos seus comentários sobre o *livro dos números* que o Anjo do qual se fala aqui é o mesmo que Isaías denomina de *Anjo da face: Jeová afligiu com todas as aflições os filhos de Israel, e o Anjo de sua face os salvou por seu amor e sua misericórdia*" (Isaias, 63, 9)[1446].

967. – De todos estes dados parece-nos resultar claramente que o Verbo apareceu algumas vezes, Ele mesmo, sem se servir do ministério angélico.

E então, evidentemente, não aparecia enquanto essência divina, que somente os bem-aventurados podem ver, mas pelo meio de uma criatura visível qualquer, como nos disse Santo Agostinho, o mais frequente sob a forma humana. E que o Verbo tinha uma predominância saliente nessas teofonias, todavia sem excluir absolutamente as manifestações do Pai e do Espírito Santo.

[1444] Ibid., p. 417.
[1445] Ibid., pp. 419 420.
[1446] M. Drach, ibid.

E, por fim, de anjos criados, como ministros do Verbo e das outras pessoas divinas, preenchendo ordinariamente um certo papel nestes fenômenos sobrenaturais e divinos que, considerados em geral, foram efeitos das influências do Céu do Verbo Encarnado, causa exemplar, meritória e final, imediatas, de todas as coisas.

III – Nossa maneira de considerar estas teofanias segundo os princípios expostos nesta obra.

968. – Como indicamos acima (n. 957), estes autores nos parecem ir longe demais. Eles, com Suarez, atribuem todas as antigas teofanias aos ministérios angélicos.

Com efeito, as provas que eles dão não nos parecem sólidas. Eles se apoiam em São Dionísio, que dá apenas uma regra geral: apenas diz que Deus se mostra aos mortais unicamente sob formas sensíveis.

Isto ninguém contesta.

Mas, fora isto, São Dionísio atribui um papel aos anjos sem recusar o *Anjo do Grande Conselho*, a quem ele também chama de Anunciador; que faz dar a lei antiga *por Deus*, mas que a faz *explicar e transmitir* pelos anjos.

Observemos também que São Dionísio é citado por vários partidários das duas opiniões extremas. De onde, a nosso ver, este Padre recusa o absolutismo de uns e de outros. Quer dizer, daqueles que atribuem as teofanias unicamente aos ministérios dos anjos e dos que dizem serem manifestações apenas do Verbo (Anjo do Grande Conselho) (nn. 959, 960).

Se tomarmos o ensinamento de Santo Agostinho em todo seu conjunto (nn. 846-954), veremos que ele se identifica ao de São Dionísio: ora favorável a uns, ora favorável a outros. Evita ao mesmo tempo os dois excessos opostos. E, na realidade, são contrários apenas ao que há de exclusivo nas duas opiniões.

Sobre essa questão Santo Tomás nos remete à doutrina ensinada por Santo Agostinho no seu 3º livro *De Trinitate* (Da Trindade)[1447]. Termos citado mais amplamente Santo Agostinho, o qual o Anjo da Escola não desaprova em nada.

Santo Tomás nos diz que o Verbo *apareceu* aos anjos, no início (durante a prova), quando, unindo-se ao Verbo, eles foram elevados: *Verum est quod a principio apparuit angelis quando ex conversione*

[1447] Liv. 2, Dist. VIII, a. 2, ad 2^{m}.

ad se aedificavit ipsos[1448]. Não o viram intuitivamente, porque não estavam ainda glorificados. Portanto, o Verbo *apareceu* a eles porque então não havia se encarnado.

Segundo o texto do Apóstolo, este é o mistério da Encarnação que lhes apareceu: *Manifeste magnum est pietatis sacramentum, quod manifestatum est in carne..., apparuit angelis*... Com certeza, não apareceu aos anjos através de anjos, o que seria singular. Mas tudo leva a crer que se manifestou a eles como se manifesta sobrenaturalmente um objeto de fé, que foi, que é, ou que será real.

Esta realidade, eternamente conhecida de Deus como tal, pode aparecer por via sobrenatural, não importa em que tempo. E como os anjos, durante sua prova, creram na encarnação futura do Verbo, objeto importantíssimo de sua fé (nn. 646 e seg.), é que o Verbo, enquanto encarnado, lhes apareceu para os *edificar*.

A propósito da passagem do Êxodo: *O Senhor falou a Moisés face-a-face como um amigo costuma falar a seu amigo* (33, 2), Santo Tomás admite que se pode ter uma *contemplação eminente e familiar com Deus, a qual será, entretanto, inferior à visão da essência divina*[1449].

Uma contemplação que consiste em se encontrar *face-a-face* com Deus, sem que seja a visão da essência divina, indica maravilhosamente bem a visão do Verbo feito carne. E dificilmente pode significar outra coisa: *Quod vidimus oculis nostris, quod perspeximus, et manus nostrae contrectaverunt de Verbo vitae*.[1450]

969. – As provas dadas, a priori, por Suarez não nos parecem contradizer nossa opinião. Elas podem se resumir nesta regra geralmente formulada por São Dionísio, por Santo Agostinho e por teólogos, que Deus administra as coisas por meio das supremas; e as menores pelas medianas, desde que elas possam fazê-lo conveniente. Então Deus deve aparecer aos homens sempre por meio dos anjos.

Nós respondemos que, segundo Santo Agostinho e Santo Tomás, os anjos não são superiores aos homens, mais principalmente iguais, quando estes são considerados Filhos de Deus, como Profetas, Apóstolos, etc. (n. 457, primeira nota deste número).

Então não é de se espantar que Deus, algumas vezes, se manifeste diretamente aos homens. É por isso que Moisés, os Profetas, os

---

[1448] Comment. in 1ᵐ Epist. ad Timot., c. 3, v. 6.
[1449] II, q. 98, a. 3, ad 2ᵐ.
[1450] 1ª Jo., 1, 1.

Apóstolos, os bispos, são, como tais, espécies de anjos, ou de enviados de Deus, e que Nosso Senhor Jesus Cristo é o Anjo por excelência.

Em outras palavras. Se o Verbo apareceu aos homens por meio de outras criaturas que não anjos, estas criaturas, como instrumentos sensíveis utilizados pelo Verbo, são superiores aos homens, em cujo favor as teofanias são feitas, este instrumento tem a nobreza daquele que o maneja, embora por si só seja pouca coisa.

Assim a regra geral invocada por Suarez seria igualmente observada.

Mas, há mais. A própria Encarnação do Verbo deve modificar, segundo nos parece, a opinião de Suarez, pois o Filho de Deus quis *administrar as coisas* por sua Humanidade mais do que pelos anjos. E admitiu os anjos ao serviço de sua humanidade. Porque, então, não teria sido feito algo semelhante no Antigo Testamento, onde tudo era uma prefigura do Novo. O Verbo preludiou ali, por certas uniões acidentais, a união pessoal que Ele deveria contrair com a humanidade, pela Encarnação.

E como um anjo anunciou a Encarnação à Maria Santíssima, como perante os pastores anjos festejaram o nascimento do Menino Jesus, e serviram de diversas outras maneiras o Verbo feito Homem, igualmente anjos desempenharam certos papeis nas antigas teofanias, mesmo que o Verbo tenha aparecido por si mesmo.

970. – Todas estas teofanias visam de alguma maneira a Encarnação e têm por centro o Verbo fazendo-se homem. Os ministérios que os anjos nelas desempenhavam tinha o mesmo fim. "O fato de que os anjos assumiram corpos no Antigo Testamento, diz Santo Tomás, foi uma espécie de figura indicativa de que o Verbo de Deus devia tomar um corpo humano. Porque **todas** as aparições (divinas) efetuadas no Antigo Testamento foram ordenadas a esta aparição pela qual o Filho de Deus se mostrou na carne"[1451].

O Cardeal Franzelin, falando das profecias, das teofanias e dos fatos sobrenaturais do Antigo Testamento, diz também: "Todas as manifestações antecedentes, como preparação, e todas as manifestações seguintes, como efeitos e como continuação, visam a uma só e grande manifestação, que Deus fez de si mesmo, encarnando-se: *Grande mistério de piedade que se revelou na carne, que foi justificado pelo Espírito, que apareceu aos anjos, que foi anunciado às nações, acreditado no mundo, recebido na glória* (1ª Tim., 3, 15). O que

[1451] 1, q. 51, a. 2, ad 1m.

fez que São João, falando do mistério pelo qual Deus se fez visível na natureza humana que Ele tomou, escrevesse: *Nós vimos sua glória, glória digna do Filho único do Pai, pleno de graças e de verdade*... Nosso senhor Jesus Cristo considerado em toda sua admirável vida, com todas as maravilhas que operou por seu poder, considerado ao mesmo tempo com relação à história do Antigo Testamento, que foi uma preparação de seu vinda, e da qual Ele foi o complemento; considerado enfim em suas relações com toda a história cristã subsequente, que depende dele como de sua causa e de seu princípio; histórias que o olham, uma e outra, como seu fim comum, devendo necessariamente ser visto como o fato da manifestação de Deus"[1452].

971. – Deste ensinamento incontestável segue-se que os dois Testamentos são duas irradiações, de intensidades diferentes, do Céu do Verbo Encarnado. Antes do nascimento temporal do Filho de Deus, todo o sobrenatural que brilhou no mundo, entre os anjos e entre os homens, era uma aurora projetada pelo astro sobrenatural, por Ele mesmo, por Deus devidamente entendido e expresso (nn. 788 e seg.), para a suprema vida participada (nn. 797 e seg., ; 915, 917, 928, 929), pela união hipostática, que é o grande foco ("foyer") do sobrenatural comunicado. Em uma palavra, pelo Verbo encarnado.

Após o nascimento temporal de Nosso Senhor Jesus Cristo, o sobrenatural é um efeito, um reflexo, um prolongamento atenuado do divino participado ou da graça, de cuja plenitude é Nosso Senhor Jesus Cristo.

Então, como nos antigos tempos o Verbo apareceu, por si mesmo, ou pelos anjos, ou por outras criaturas tornadas visíveis, estas aparições, sendo sobrenatural e benfazejas, deviam ser atribuídas especialmente ao Verbo, as quais aconteciam então menos perfeitamente, de acordo com a exigência dos tempos, aquilo que se fez mais tarde mais perfeitamente pelo ministério de sua humanidade. E, como no Novo Testamento, é em favor de Nosso Senhor Jesus Cristo que o Pai se manifestou, dizendo várias vezes: Eis meu filho bem-amado etc.; como o Espírito Santo se manifestou como enviado de Nosso Senhor Jesus Cristo, da mesma forma, no Antigo Testamento, as aparições do Pai e do Espírito Santo foram atribuídas de alguma maneira ao Verbo, do qual a humanidade devia ter, por cortejo, todas as coisas, que assim tornaram amáveis aos olhos das Pessoas divinas, tanto os anjos como os homens e todas as criaturas.

[1452] De Deo uno, thes. 8, 3º.

972. – Estas explicações, e aquelas que foram dadas no número 969, mostram a solidez do ensinamento dos antigos Padres que viram o Verbo em várias teofanias e que, entretanto, parece-nos, não excluíram o ministério dos anjos, nem o excluíram no Novo Testamento.

Além disto, como observa São Paulo (Hebr., 2, 1-3), o papel dos anjos tinha uma certa predominância nos tempos antigos e a ação do Verbo era muito mais misteriosa, porque o próprio Deus falou e apareceu assaz frequentemente (Hebr. 1, 1, 2, etc.), segundo a linguagem da Sagrada Escritura. Parece que, em vários casos, Deus e os anjos eram tomados indiferentemente e designavam manifestações sobrenaturais. Mas este mesmo procedimento não era desprovido de sentido, pois a ideia de Deus que se manifestava e a ideia do Deus enviado, ou do anjo, se reuniam no Deus Messias, que foi enviado não somente como homem, mas ainda como Deus, assim como o Espírito Santo[1453]. Portanto, uma vez que o Verbo é o enviado divino por excelência, não é de estranhar que em numerosas teofanias a noção de Deus e a noção de anjo sejam consideradas uma só. E visto que a verdade revelada não brilhou no Antigo Testamento com a mesma clareza que no Novo, as aparições do Verbo algumas vezes foram narradas como sendo aparições de anjo, o que, ademais, podia acontecer simultaneamente.

973. – Mas, como conceber aparições do Verbo, feitas sob forma humana, sem que o ministério angélico fosse necessário?

Respondemos que o Verbo pode fazer eminentemente tudo o que fazem os anjos. Se os anjos podem formar e tomar corpos fictícios somente em virtude de um poder divino, como diz Santo Tomás[1454], o Verbo, para produzir os mesmos efeitos, não tem necessidade de nenhum poder "emprestado". E como unicamente o Filho de Deus se encarnou, embora o Pai e o Espírito Santo tenham cooperado também para este mistério de amor, assim também certas telefonias são particularmente atribuídas ao Verbo, se bem que a Trindade agisse em conjunto, fora.

Em outras palavras. Por que havia conveniência de somente aos anjos tomar aparências humanas, uma vez que eles não estão destinados a se encarnar, e isso teria sido menos adequado para o Verbo, que, de acordo com a predestinação eterna, deveria se tornar carne?

Na verdade, se o Antigo Testamento era um esboço e uma preparação do Novo, tudo parece nos levar a crer que o Verbo preludiava,

---

[1453] 1, q. 43, a. 4.
[1454] 1, q. 51, a. 2, ad 2^{m} e ad 3^{m}.

algumas vezes por si mesmo, aquilo que depois Ele próprio deveria fazer mais excelentemente.

974. – Ainda mais. Poder-se-ia acrescentar: então que aparência humana o Verbo poderia ter já que sua humanidade ainda não era real? Respondemos que a pergunta se torna ainda mais difícil se se tratar dos anjos, pois eles jamais seriam homens.

Vamos lembrar que para Deus não há nem passado nem futuro, mas um eterno presente, onde figuram simultaneamente tudo o que existiu, tudo o que existe e tudo que será real (n. 279), como no mesmo quadro.

Por conseguinte, a humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo era vista como real graças à indivisibilidade da eterna ciência de Deus, por toda eternidade e especialmente quando o Altíssimo do nada tirou anjos, homens e outros seres, pois tudo estava predestinado em Cristo (n. 279 e seg.). Ora, esta realidade infinita por excelência, a humanidade de Cristo, que o Eterno sempre contemplou como realidade, pode projetar sobrenaturalmente seu brilho, em diversas circunstâncias, aos olhos dos anjos e dos homens, que Deus queria favorecer com a visão.

O que é, antes de tudo, a profecia considerada nela mesma, senão uma visão sobrenatural do futuro, de um futuro que não existe na natureza quando ele é visto, mas que, portanto, existe para o profeta que o vê?[1455].

Está aí uma participação neste eterno conhecimento de Deus, pelo qual não há passado nem futuro. E daí certas teofonias terem sido, na nossa opinião, alguma coisa deste gênero: a humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo resplandecia transitoriamente aos olhos de alguns anjos e de alguns homens privilegiados.

Foi assim, pensamos nós, que Nosso Senhor Jesus Cristo *apareceu aos anjos* (n. 968); foi assim que *Abraão o viu... e se alegrou* (Jo., 8, 56); foi assim, cremos, que Nosso Senhor apareceu a Moisés no Monte Sinai, quando *a Lei foi colocada pelos anjos nas mãos do Mediador* (Gal. 3, 19), prenunciando a gloriosa e suave aparição que mais tarde se daria no Tabor. E ainda era assim, em nossa opinião, que Deus, no Paraíso Terrestre, *passeava após o meio-dia* (Gen., 3, 8) e que Ele se tornava visível a nossos primeiros pais inocentes.

[1455] Ou melhor, a profecia é uma visão da imagem daquilo que vai existir. Assim anjos e alguma homens santos puderam ver sobrenaturalmente a imagem viva de Nosso Senhor Jesus Cristo Homem: animado por quem? - Pelo Verbo que é eternamente vivo. Pois, se o Verbo sustenta realmente a imagem real de Cristo, como lhe é fácil sustentar sua imagem! E como o Antigo Testamento era o tempo das figuras, o Verbo se manifestava algumas vezes conforme a economia deste tempo. Mas, neste caso, era o próprio verbo que aparecia em certas circunstâncias, e isso por si mesmo.

Também Santo Tomás nos diz que "os anjos, antes de sua confirmação em graça, e os homens antes de terem pecado, conheciam, *com conhecimento explícito (manifesto)*, alguma coisa dos mistérios divinos que nós não podemos conhecer presentemente senão com conhecimento de Fé".[1456] *Eles viam* certas coisas sobrenaturais que para nós são objetos de Fé. Entretanto sua *contemplação* não era a visão intuitiva de Deus considerado em sua essência[1457]. "Eles não tinham a obscuridade da culpa ou da pena, mas no seu intelecto havia uma certa obscuridade natural, pela qual toda criatura está em trevas em comparação com a imensidade da Luz divina. E esta obscuridade é suficiente para que neles houvesse a Fé[1458]. A fé deles era então bem mais esclarecida do que a nossa. E, ademais, eles *viam* certas coisas que nós não conhecemos senão imperfeitamente pela Fé. Esta razão, e as outras, como já expusemos nesta consideração, nos levam a crer que os anjos, antes da prova, e os habitantes do Paraíso Terrestre, algumas vezes desfrutavam do privilégio sobrenatural de contemplar a humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo por uma certa participação na ciência imutável e eterna de Deus.

975. – Desta maneira Deus se manifestou por si mesmo sem mostrar sua essência divina aos mortais ou aos espíritos submetidos à prova.

Dizemos *se manifestava* porque as palavras, os sons, as instruções que acompanharam estas aparições podiam ser formadas e proferidas pelos anjos como ministros do Verbo, de uma maneira conveniente à humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo[1459].

Assim Santo Tomás não atribui nenhuma ação vital aos corpos fictícios tomados pelos anjos, mas somente uma virtude singular[1460], o que é igualmente suficiente para atribuir à humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, aparecendo milagrosamente nos tempos antigos.

Aqui nós nos perguntamos se não encontramos o ponto de vista de onde as diversas opiniões parecem verdadeiras, desde que não sejam absolutamente exclusivas.

[1456] 2ª 2ae, q. 5, a. 1.

[1457] Ibid., ad 1m.

[1458] Ibid., ad 2m.

[1459] O sacerdote, ao administrar os Sacramentos, nos parece agir de uma maneira análoga. Nosso Senhor Jesus Cristo é, entretanto, o principal ministro. Se, além disto, nele víssemos suas aparências humanas, não diríamos que Ele se manifesta, sem prejuízo da ação de seus ministros?

[1460] 1, q. 51, a. 3, in corp, et ad 2m, 4m, 5m. Por estes corpos os anjos podiam também produzir alguns efeitos por meio de causas naturais não vitais. (Santo Tomás, ibid.)

Quando Deus aparecia sobre a forma humana, Ele sempre tomou a forma humana de Nosso Senhor Jesus Cristo, o que nos parece conforme ao ensinamento quase unânime dos antigos Padres. Mas, tudo que é da parte ativa da teofania foi feita pelo Verbo através dos anjos, servidores de Cristo, especialmente por São Gabriel, que particularmente representava o Homem-Deus (nn. 526-528). É o que corresponde ao ensinamento comum dos escolásticos e dos teólogos atuais.

Como a Pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo é eterna, a qual estava necessariamente presente e ativa em todas as teofanias, deve-se atribuir-lhe o primeiro papel na parte atuante ou falante dessas manifestações, sem prejudicar o papel secundário que desempenhavam os anjos[1461].

Também Santo Agostinho nos diz que "o próprio Verbo estava de uma maneira admirável e inefável *nos anjos* pelo ministério dos quais a lei foi dada" antigamente (n. 946), que era "o Verbo de Deus, *que é Nosso Senhor Jesus Cristo*, que dizia a verdade nos profetas" e "falava nos anjos quando estes anunciavam a verdade" (n. 949).

976. – Acrescentamos que os anjos, tendo desde sua criação uma ideia infusa de tudo o que Deus queria realizar, ou menos na natureza, ideia aperfeiçoada e ampliada pela Revelação (nn. 626 e seg.; 635; 640 e seg.), ideia tornada eminentemente clara em sua glorificação, conheciam, parece-nos, a figura e toda aparência humana de Nosso Senhor Jesus Cristo, antes da Encarnação.

Concluímos daí não somente que os anjos podiam tomar corpos fictícios que reproduzissem fielmente a imagem de Cristo-Homem. Mas, além disso, que Deus não recusou absolutamente ao homem inocente e aos santos personagens do Antigo Testamento aquilo que geralmente Ele concedeu aos anjos durante sua prova.

Vimos (n. 457 e n. 888, notas) como, enquanto Filhos de Deus, os anjos e os homens são iguais. Então parece muito conveniente que eles gozassem até certo ponto dos mesmos privilégios.

Por conseguinte, se Nosso Senhor Jesus Cristo *apareceu aos anjos* durante a prova deles (n. 968), e apareceu aos homens durante a Encarnação, e mais tarde, de tempos em tempos, de diversas maneiras, é eminentemente crível que aparecesse também de alguma maneira

---

[1461] Todos os anjos são ministros ou administradores (Hebr. I, 14). O Verbo usou deles como, no Novo Testamento, Nosso Senhor Jesus Cristo se serve de seus ministros humanos. Dizem o que a Humanidade do Verbo diria se, em vez de ser apenas aparente, tivesse sido real. Mas, falando, os anjos diziam apenas o que o Verbo lhes sugeria. Na realidade, o Verbo às vezes aparecia sozinho, mas sempre se servia dos anjos para honrar as causas segundas.

aos nossos primeiros pais no Paraíso Terrestre e aos principais personagens do Antigo Testamento.

O plano divino é único e homogêneo. E Nosso Senhor Jesus Cristo é o que há de primeiro e de principal em todas as partes desse plano. Então, se o Verbo se manifestou por si mesmo, de maneira a mais esplendorosa, *fazendo-se carne e habitando entre nós*, é fácil admitir que Ele também apareceu, por si mesmo, por meio de sua humanidade, pelo menos em imagem, aos anjos viadores e a vários homens fiéis, nos Tempos Antigos, embora essas aparições fossem mais imperfeitas do que seu grande Advento ao nosso meio.

IV – Vários outros casos em que nos parece que Deus, ou melhor, o Verbo, apareceu por si mesmo

977. – Mencionamos acima (n. 974) quatro casos onde o Verbo apareceu por si mesmo, segundo nossa opinião, nos Tempos Antigos. Mas Ele apareceu assim também com mais frequência, segundo nossa maneira de ver.

No Genesis Deus fala ou se mostra um grande número de vezes antes de vermos mencionado o ministério dos anjos. À exceção dos querubins que guardam a entrada do Paraíso Terrestre (Gen., 3, 24), não encontramos nenhum anjo bom, se lermos corretamente, até àquele de Agar (15, 7). E depois encontramos os dois anjos que se dirigiam para Sodoma para destruírem esta cidade culpada (18, 16, 22). E em outros casos é sempre *Eloim ou Senhor*, até o Capítulo 19, é o próprio Deus que se manifesta. Então por que colocar anjos onde o texto e o contexto não colocam? No Capítulo 16, 7, 9, 10, 13, como frequentemente em seguida, está claro, pensamos, que um anjo fala na pessoa de Deus. Mas, quantas vezes até lá, e depois, o Senhor se mostra somente com as características próprias da divindade! Limitemo-nos a dar apenas alguns exemplos.

978. – Os anjos não figuram na história de Noé embora nela Deus fale com frequência e algumas vezes longamente.

Como Deus falava ou se manifestava?

O texto não nos diz nada. Mas parece mesmo que isto se fazia ordinariamente por meio de visões, como mais tarde nos entretenimentos que houveram entre Deus e Abraão (Gen., 15, 1, 2, 7, etc.), em que muitas vezes é Deus quem falava: *Ego Dominus qui eduxit te*, etc.

É o próprio Deus que disse a Noé e a seus filhos: *Crescei-vos e multiplicai-vos, e encheis a terra* (Gen., 9, 1), sempre como havia dito outrora a Adão e à Eva (Gen., 1, 28).

Os homens justos e os anjos fiéis são igualmente seus filhos (n. 457, notas), e não é de se espantar que a Deus agrade manifestar-lhes às vezes diretamente, tanto aos primeiros como aos outros, mas por meios sensíveis que não podem faltar em Deus e pelos quais Ele preludiava a Encarnação.

Também foi *o Senhor* que confundiu o orgulho dos construtores da Torre de Babel. Ele disse então: *Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro* (Gênesis 11:7), como havia dito no princípio: *Façamos um homem à nossa imagem* (I, 26), e um pouco mais tarde: *Agora Adão se tornou como um de nós* (3, 22).

Foi o Senhor que disse a Abraão para sair de seu país e quem lhe apareceu (Gen., 12, 1, 4, 7): *O Senhor apareceu a Abraão e lhe disse: Eu darei este país* (Canaã) *à vossa posteridade*. *Abraão ergueu neste lugar um altar ao Senhor que lhe havia aparecido*. Este patriarca não ergueria um altar a um anjo, mas *ao Senhor que havia se mostrado a ele*. É, então, por Ele mesmo, parece-nos, que Deus se manifestou.

No Capítulo 17, Deus apareceu ainda e falou a Abraão mostrando as características da Divindade: *O Senhor lhe apareceu e lhe disse*: *Eu sou o Senhor Todo Poderoso; caminheis diante de mim e sereis perfeito... E Deus lhe disse: Sou eu... Porei minha aliança convosco, com vossa descendência, na posteridade de suas gerações, por um pacto eterno, a fim de que Eu seja vosso Deus e o Deus de vossa posteridade depois de vós* (1, 4, 7). Esta linguagem, parece-nos, está muito bem colocada na boca de Deus do que na de anjo. E, além disto, nenhum anjo é mencionado neste Capítulo. Ou seja, se o Verbo, *fazendo-se carne*, devia conversar um dia habitualmente com os homens, se Ele devesse permanecer com eles corporalmente, pela santa Eucaristia, até o fim dos séculos, as justas proporções do Pão Divino parecem exigir que o próprio Deus se manifestasse, excepcionalmente, a alguns santos personagens dos tempos antigos.

979. – Nos Capítulos XVIII e XIX vimos se desenhar e se distinguir assaz claramente o caráter divino e o dos anjos. É *o Senhor* que *apareceu ainda a Abraão no Vale de Mambré*, mas no início o Pai dos crentes viu *três homens*. Entretanto um deles não demora em se mostrar como sendo ***o Senhor***, enquanto que os dois outros são denominados expressamente de *dois anjos* (XIX, 1).

Que o primeiro fosse o próprio Deus aparecendo sob a forma humana, o texto o diz em vários lugares: ***O Senhor*** *lhe apareceu* (1)... ***Senhor****, se já encontrei graças a* ***teus olhos*** (3)... ***O Senhor*** *disse a*

Abraão: Porque Sara ri? (13).... Não, disse o Senhor, isto não é assim, porque vós haveis rido (15)... Quando Abraão conduzia estes *homens* do lado de Sodoma, *o Senhor* lhe disse: *Poderia eu esconder a Abraão o que estou prestes a fazer*? (17)...

O Senhor acrescenta em seguida: *O clamor de Sodoma e Gomorra aumentou e seu pecado atingiu o seu auge.* (Gen., 18, 20). *Descerei e verei se as suas obras correspondem ao clamor que chegou até mim, ou, se assim não é, para o saber* (Gen. 18, 21). *E eles partiram de lá (os anjos) e foram a Sodoma: Mas Abraão* ***permaneceu ainda diante do Senhor****. E, aproximando-se, lhe disse: Perdereis vós o justo com o ímpio, Lot com os sodomitas?* (22,23)... E ***o Senhor*** continuou com Abraão esta familiar e célebre conversação que termina com estas palavras: *Se Eu encontrar dez justos em Sodoma, não destruirei esta cidade* (32). *E o senhor se retirou depois que cessou de falar a Abraão, e este se retirou à sua casa* (33).

O Senhor *desceu* também a Sodoma segundo sua promessa (21), mas de uma maneira invisível, e é o *Senhor que fez descer do céu sobre Sodoma e sobre Gomorra uma chuva de enxofre e de fogo, que destruiu estas cidades com todos os seus habitantes* (19, 24, 25).

Segundo a descrição bíblica, Lot, bem menos perfeito que Abraão, não viu *o Senhor*, mas somente os dois anjos e estes se comportaram em todo tempo como anjos, ***enviados***, *do Senhor* (13)[1462].

Quanto à Abraão é certo que foi *com o Senhor* com quem havia estado, como o escrivão sagrado afirma novamente neste capítulo (27).

Esta palavra, *Senhor*, não é um título honorífico dado a um anjo, porque em hebreu se lê *Senhor* (18, 3, 27, 30, 32), o mais divino e o mais incomunicável dos nomes.

980. – Seguindo o sentido literal, somos obrigados a fazer as mesmas observações quanto ao capítulo 22.

Deus e um anjo mostram-se, neste capítulo, sucessivamente e de uma maneira que nos parece muito distinta.

Primeiro é Deus que chama Abraão e lhe ordena o que se refere à imolação de seu filho.

Mas, em seguida é um anjo que lhe fala em pessoa. Ou melhor, por ordem de Deus, para o impedir de imolar Isaac (11,12)... Após o que *o Anjo do Senhor chama Abraão desde o Céu*, **pela segunda vez**,

---

[1462] Com exceção, talvez, no versículo 18, onde os anjos parecem se esforçar para deixar o lugar ao Senhor conforme se exprime Lot. (Sobre os nomes dados a Deus no Genesis ver Vigouroux, Manual Bíblico, tomo 1, n. 253, 3o.)

e lhe fala evidentemente em nome de Deus (15, 16 e seg.); *pela* ***segunda*** *vez*.

Portanto, o chamado do primeiro verso não foi feito pelo anjo como os dos versos 11 e 15, mas por Deus: *Tentavit Deus Abraham, et dixit ad eum: Abraham, Abraham*, etc. (v. 1).

Na visão de Jacó aparecem *anjos de Deus que sobem e descem ao longo da escada*. Mas o Patriarca *vê também o Senhor apoiado no alto da escala, o qual lhe diz*: *Eu sou o senhor, o Deus de Abraão vosso pai, e o Deus de Isaac... Todas as nações da terra serão abençoadas em vós e naquele que sairá de vós* (28, 12, 13, 14).

Mais longe é *um anjo de Deus* que se dirige, *em sonho*, a Jacó e lhe fala em nome de Deus, o que está indicado pelo próprio texto (31, 11-13).

Mais distante ainda vemos *um homem* maravilhoso *lutar contra Jacó até pela manhã*.

Este homem era um anjo ou Deus que aparecia sob uma forma humana? Ele mesmo disse ao Patriarca: *Vós não sereis mais chamado de Jacó, no futuro, mas de Israel; pois se vós fostes forte* ***contra Deus****, quanto mais será contra os homens!... Jacó deu o nome de Fanuel a esse aí, dizendo: Eu vi Deus face-a-face, e minha alma foi salva*; eu vi Deus sem morrer (32, 24, 28, 30).

Sobre esta passagem Cornélio a Lápide observa que "Teodoreto, São Justino, Tertuliano, Santo Hilário, Santo Ambrósio, São Cirilo e outros Padres, parecem dizer que era o Filho de Deus, o Verbo, que devia se encarnar; e isto se prova pelas palavras de Jacó que chama este homem de Deus (30). Mas, acrescenta o ilustre comentador, este "homem foi um anjo como se lê em Oséias, 12, 3"[1463].

Nós nos permitimos observar, a nosso turno e isso com o próprio Cornélio a Lápide, que, no texto hebreu, Oséias não dá o nome de anjo a este homem, mas ele o designa de ***Eloim***[1464]: *Ele* (Jacó) *luta com sua força* ***contra Eloim***, este que é um nome de Deus. Ou seja, já vimos que Nosso Senhor Jesus Cristo é o anjo por excelência, o divino enviado dos homens (nn. 963 e seg.).

Ademais, este personagem, segundo Oséias, é o mesmo que Jacó *encontrou em Betel* (Oséias, 12, 4). Ora, em Betel somente Deus é indicado no nome singular e é representado como *apoiado no alto da escada*.

[1463] Comentários, in h. loc.
[1464] *Comentários in Osec.*, loc. Cit.

Então, concluímos nós, a passagem do profeta Oseias não faz senão confirmar a opinião dos Padres acima referidos.

981. – Alguns autores julgam que é inconveniente ao Filho de Deus lutar contra um homem e se deixar vencer por ele. Respondemos que o antagonista de Jacó mostrou igualmente sua superioridade (25); mas, se algumas vezeso *Senhor quer obedecer a voz do homem* (Jos., 10, 14), Ele pode também manifestar, por outro lado, sua condescendência; que, se o *Filho do homem não veio à terra para ser servido, mas para servir* (Mat., 20, 28), convinha ao Verbo preludiar de alguma maneira, nos Tempos Antigos, a humilde condição que Ele devia escolher mais tarde; e que, enfim, se Nosso Senhor Jesus Cristo se dignou lutar contra o mundo e contra o demônio, e inclusive dar aparência de ter sido vencido pelos dois durante sua Paixão e Morte na cruz, nós não encontramos nada mais edificante no procedimento em que o efeito direto era fortalecer a coragem de um santo homem[1465].

Notemos, enfim, que o próprio nome de *Israel* dado a Jacó em certas circunstâncias é uma prova de nossa opinião, porque este nome não revela de nenhuma maneira a ideia de um anjo, mas unicamente a ideia de Deus. Significa, ou *poder de lutar com Deus*, ou *vencer Deus*.

Então todo contexto parece-nos favorável à nossa maneira de ver.

982. – A estrutura de nosso trabalho não nos permite dar semelhantes observações sobre todas as teofanias. Esta é a razão de nos limitarmos a estes exemplos. Além disto, cremos suficientes para fazer se destacarem as influências do Verbo sobre os primeiros períodos da humanidade. Por estes fatos podemos julgar os outros, pois tudo é homogêneo nas diversas partes do plano divino.

Também vimos que *mãos do homem* estão sob as asas dos querubins de Ezequiel, as quais conduzem as "engrenagens" do universo (nn. 273, 275): todas as obras do Criador são orientadas ao Verbo encarnado em quem tudo foi predestinado.

É evidente que, de uma maneira ou de outra, aparece sempre, e em todas as coisas, Aquele que é como a vida e o princípio da existência de todos os seres.

Julgamos ter provado que São Gabriel é o primeiro dos Serafins (nn. 518 e seg.).

Contudo é a *voz de um homem*, do Homem-Deus, que *fez entender a Daniel uma visão* (n. 526), pois que homem pode falar assim,

[1465] Segundo São Ruperto e Santo Tomás, esta luta era como imaginária, diz Cornélio a Lápide, in h. loc.

mesmo o mais sublime dos espíritos criados, senão o Homem por excelência que é superior a toda criatura?

Daniel viu também *como um homem vindo sobre as nuvens do céu e avançando para o Ancião de dias... Todo poder foi dado a este homem... E seu reino jamais será destruído* (n. 527). Este é o Filho do homem representado por São Gabriel, como havíamos insinuado no local citado? Ou é o próprio Verbo que aparece em sua humanidade?

Após tudo o que acabamos de dizer, somos muitíssimos inclinados a ver nele o Verbo mostrando-se pela imagem da humanidade que tomará um dia, *fazendo-se carne*.

E isto nos parece solidamente confirmado pelas inúmeras passagens semelhantes do Apocalipse (1, 13, 15, 17, 18), onde só se pode encontrar Nosso Senhor Jesus Cristo.

Assim o Apóstolo bem-amado de Nosso Senhor dizer claramente de seu Mestre o que Daniel dizia de uma maneira mais tênue. Nos dois casos é o próprio Verbo encarnado que o profeta via imperfeitamente: ***quasi*** *Filius hominis* (7, 13), mas do qual São João parece dizer expressamente: *É o Senhor, Dominus est*.

983. – São João nos explica no mesmo sentido uma visão de Isaías (n. 935). Este profeta *viu Adonai-Jeová sentado no trono eminente e elevado*, e o discípulo amado de Jesus nos diz que é a *glória de Nosso Senhor Jesus Cristo* que viu então o filho de Amós (Ibid.).

O Apóstolo São Judas diz também que ***Jesus****, tendo libertado o povo da terra do Egito, perdeu aqueles que não acreditaram*, e que, já antes, *Ele pôs de lado, para o Juízo do grande dia, os anjos que não conservaram sua primeira dignidade, mas que deixaram sua própria morada* (w. 5 e 6). Este *Jesus*, observa Martini, não é Josué como alguns têm pensado, pois não foi Josué que tirou o povo judeu do Egito, nem quem *fez perecer* no deserto *aqueles que foram incrédulos. E ainda menos quem aprisionou os anjos rebeldes*, acrescentamos nós. Este só pode ser Nosso Senhor Jesus Cristo, conforme este grande princípio de São Paulo de que tudo tem em vista Nosso Senhor Jesus Cristo e sua Igreja. E, na primeira Epístola aos Coríntios (cap. 10), vemos como o mesmo Apóstolo dizer que em tudo o que se refere aos israelitas durante a saída do Egito e à passagem do Mar Vermelho, seja reconhecido *o próprio Cristo*, e aplicar a instrução dos fiéis toda esta parte da História Sagrada.

Atribuindo então a Nosso Senhor Jesus Cristo enquanto Deus a libertação de Israel do Egito, nosso Apóstolo segue o espírito da Igre-

ja, como também o utilizado nas Escrituras, onde estas mesmas coisas são atribuídas à divina Sabedoria"[1466].

984. – Mas, não é vidente que, quando a Sagrada Escritura, no Novo Testamento, nomeia *Jesus* ou *Cristo*, ela designa o Verbo como encarnado ou como devendo se encarnar? Então é o Verbo assim considerado que fez justiça aos anjos revoltosos, que puniu os judeus incrédulos no deserto, que conduziu o povo de Deus para a terra prometida, que mostrou sua glória a Isaías, que apareceu a Daniel, a Jacó, a Abraão, etc. (nn. 961 e seg.).

É por isto que, parece-nos, os antigos Padres, que viram o Verbo mais frequentemente e que nos dão os relatos do Antigo Testamento, se inspiraram melhor do que nós nos ensinamentos dos Apóstolos[1467]. Eles não roubaram dos anjos o que a Escritura lhes atribui, mas também não diminuíram as influências diretas do Verbo de Deus, que, preparando sua encarnação, cumprindo-a, coroando-a, realizou, ou realiza, ou realizará, todo o plano divino.

Os ministérios dos anjos se relacionam, como todas as outras coisas, com o *grande mistério de piedade que é revelado na carne*. Esses espíritos benfazejos serviram Nosso Senhor Jesus Cristo no Novo Testamento. Serviram também no Antigo Testamento, e desde a origem das coisas. Mas sempre e em tudo eles desempenharam, em relação a Nosso Senhor Jesus Cristo, um papel secundário. O Verbo apareceu ou falou, algumas vezes, servindo-se deles, mas esse procedimento não tinha nada de necessário por meio daquele cujo cortejo é composto de todos os seres finitos, e *entre as mãos de quem o Pai colocou todas as coisas* (Jo., 3, 35; 13, 3).

Então, manifestando-se *desde a origem do mundo*, concluímos com Santo Agostinho, **ou por um poder angélico, ou por uma criatura qualquer**... *porque tudo lhe serve de acordo com seus desejos..., Ele se manifesta a quem quer* ***por si próprio****, a quem quer* ***por qualquer criatura****, seja falando sensivelmente, seja aparecendo, mostrando-se* ***diretamente Ele próprio*** *àqueles que têm o coração puro, e fazendo com que o Pai se mostre por Ele* (nn. 948, 950).

Sexto Ponto: Última visão sobre as influências do Céu do Verbo Encarnado

[1466] Martini, in h. loc.

[1467] Falando dos Padres deste tempo São Leão XIII diz: "Inde plerique prodierunt Patres et scriptores, quorum operosis studiis egregiisque libris consecuta tria circiter saecula ita abundarunt, ut *actas biblicae exegeos aurea jure ea sit appellata*". (Encicl. Providentissimus Deus).

I. – Outras influências exercidas por este Céu no povo de Deus, antes do nascimento temporal de Nosso Senhor Jesus Cristo.

985. – As teofanias das quais acabamos de falar parece-nos eminentemente notáveis como influências exercidas por Nosso Senhor Jesus Cristo, antes que Ele desposasse realmente a nossa natureza. *Ele assim nos indicou antecipadamente*, diz São João Crisóstomo, *que iria tomar a natureza humana. Então como as coisas eram de seu conhecimento e estava em preparação, não apareciam senão como figura a cada um desses homens privilegiados, como está dito em Oséias (c. 12, 10): "multipliquei* ***as visões****, e os profetas as representaram sob* ***imagens diferentes****". Mas logo que o Senhor julgou por bem tomar a forma humana,* ***Ele não se revelou apenas na carne aparente****, mas numa carne verdadeira*[1468].

Então é o Verbo, segundo São João Crisóstomo, que, nas telefonias, quis se revestir de uma carne aparente. Isto para, antecipadamente, indicar sua vinda na carne. E esta não foi uma interpretação particularmente grande do bispo de Constantinopla, porque "*um grande número de intérpretes*, diz Martini, *entendem como Verbo de Deus este anjo prometido de Deus como condutor de seu povo* (Ex., 23, 20)", e que devia instroduzir os israelitas na terra prometida[1469].

No fundo é São Paulo quem diz, segundo São João e São Judas (n. 983), quando escreve: "*Não tentemos a Nosso Senhor Jesus Cristo como alguns deles* ***o tentaram*** *e foram mortos pelas serpentes* (1a. Cor., 10,9). Com efeito é *o* ***Senhor*** *que caminhou diante deles, para lhes mostrar o caminho; aparecendo durante o dia numa coluna de nuvem, e durante a noite numa coluna de fogo, para lhes servir de guia de dia e de noite. Jamais a coluna de nuvem deixou de aparecer ao povo durante o dia, durante a viagem no deserto, nem a coluna de fogo durante a noite* (Ex., 13, 21, 22).

Quanto ao anjo do qual se fala no capítulo seguinte (Ex., 14, 19), ou era o próprio Verbo de Deus, como julgam um grande número de intérprete, o Anjo Métatron (n. 964), ou então ele acompanhou o Verbo e o servia, como parece insinuar a mesma passagem, onde o anjo e a coluna de nuvem são representados como duas coisas diferentes: *et cum eo pariter columna nubis*.

[1468] Hom. 58 ex Septuag., citada por Cornélio a Lápide, *Comment. in Gen*., c. 32, v. 30.
[1469] *Comment., 1ª ad Corint*., 10, 9.

986. – Mas o Verbo também exerceu e manifestou suas influências de muitas outras maneiras.

Pode-se dizer que todo o Antigo Testamento fala de Nosso Senhor Jesus Cristo e não tem em vista senão a Cristo Nosso Senhor, prova de que Ele é inteiramente um efeito das influências de seu nobre Céu.

Se tivermos, diz Santo Agostinho, *não importa qual dificuldade para entender a Sagrada Escritura, procuremos não nos distanciar de Nosso Senhor Jesus Cristo. Porque, quando Cristo se mostrar a nós*, *então saiberemos que entendemos. Por outro lado, antes de ver a Nosso Senhor Jesus Cristo ali, não nos gabemos de ter a compreensão dessas passagens, pois Cristo é o fundamento da lei*[1470], como diz São Paulo (Rom., 10, 4). Ora, entende-se por Lei, num sentido genérico, todos os escritos do Antigo Testamento[1471]. E Nosso Senhor Jesus Cristo não é somente o fim de todos esses escritos, mas ainda de todos os tempos e de todas as coisas que precederam sua vinda, pois os tempos e o que eles deveriam conter *foram dispostos em Cristo Jesus Nosso Senhor* (Ef., 3, 11), como as coisas estão dispostas segundo o fim que devem atingir[1472].

Estas palavras do Apóstolo, observa Santo Tomás, pode-se entender também como a predestinação eterna ou como a disposição temporal das coisas[1473]. Esta preordenação e esta disposição concreta de todos os seres, de seus modos, de seu funcionamento, de suas finalidades, foram feitos segundo o plano que é todo dominado por Nosso Senhor Jesus Cristo. Ou melhor, que é o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo considerado em todo seu corpo e seu cortejo. Isto porque, se considerarmos bem, encontraremos Nosso Senhor Jesus Cristo em todo lugar e em todas as coisas. Ou melhor, todos os tempos e todas as coisas **nele**: *in Christo Jesus Domino nostro*.

Também *a lei foi nossa mestra em Cristo, pelo que fomos justificados pela fé* (Gal., 3, 24). Ela foi como um instrumento de que Nosso Senhor Jesus Cristo se serviu para dar a fé nele e para vivificar seus membros ainda jovens, porque a Lei foi dada **na mão do Mediador** (n. 946). "A Lei do Senhor, diz Santo Agostinho[1474], é o próprio Senhor que veio completar e não destruir a Lei" (Mat., 5, 17). A Lei an-

---

[1470] *Enarrat*. in Salmo 96, n. 2.

[1471] Santo Agostinho, *Retraetat.*, l. 1, c. 25.

[1472] Ademais, acrescenta Cornélio a Lápide, in. h. loc., estas disposições foram feitas em virtude dos méritos previsto de Nosso Senhor Jesus Cristo.

[1473] Coment. in epist. ad Eféios, in h. loc.

[1474] *Enarrat*. I in Sal. 18, n. 8.

tiga era como o corpo imperfeito do qual se serviu então Nosso Senhor Jesus Cristo para salvar os homens. E Ele o empregou como quis, o que leva a dizer que ela estava *em sua mão*"[1475].

"Os homens se salvaram então como agora, diz Santo Agostinho, pela graça do Senhor Jesus Cristo... *A justiça divina, figurada e anunciada pela Lei e pelos Profetas, é manifestada agora sem a Lei* (Rom., 3, 21). Se ela é manifestada presentemente, também foi então, mas de modo oculto, o que foi significado pelo véu do Templo que Nosso Senhor Jesus Cristo, moribundo, rasgou, para indicar que Ele iria revelá-la (Mat. 27,51).

Então esta graça do único mediador entre Deus e os homens, Nosso Senhor Jesus Cristo Homem, era também o Tempo de Deus, mas como escondido e misterioso..., enquanto que agora Ele se mostra com evidência entre todas as nações"[1476].

"É enquanto Homem que Nosso Senhor Jesus Cristo é Mediador", e Ele o foi tanto no Antigo como no Novo Testamento[1477].

987. – Portanto, uma vez que tudo gira para Nosso Senhor Jesus Cristo; uma vez que Nosso Senhor Jesus Cristo era como o molde dos antigos tempos, a alma da Lei, o principal objeto da pregação profética, o Homem-Deus, de quem decorre ocultamente toda graça justificante, procuremos vê-lo como o invólucro de todas as coisas. "Naqueles tempos Deus tinha tais homens, tais pregadores de seu Filho por vir, que devemos buscar e encontrar a Cristo não somente nas coisas que eles disseram, mas também nas que eles fizeram, ou no que lhes aconteceu"[1478]. "É o Verbo *que se pregava a si próprio* nos profetas, e naqueles não profetas tanto quanto estavam cheios do Verbo de Deus; *era por estarem cheios de Cristo que eles anunciaram a Cristo*"[1479].

"Todas as coisas foram feitas por Cristo. ...Ele fez milagres antes de nascer de Maria Santíssima. Quem os fez senão aquele de quem se diz: "*Aquele que somente por si fez as coisas maravilhas?* (Sal., 71, 18). Aqueles que antes as faziam em virtude... Todos os milagres que foram feitos nestes tempos e posteriormente é o mesmo Senhor que os fez, e que **também** os fez por sua presença"[1480].

988. – Antes que o Messias "houvesse nascido de uma mulher, todos as santas e místicas aparições feitas a nossos Pais por meio de

---

[1475] *Vides omnem legis veteris* seriem fuisse stupum futuri. (Santo Ambrósio, l. 2, in cap. 2 Lucae, circa médium.

[1476] *Liber de peccato originali*, seu *De gratia Christi*, lib. 2, cap. 25.

[1477] Confissões, l. 10, c. 43.

[1478] Santo Agostinho, *Serm. II, De tentatione Abrahae a Deo*, c. VI, n. 7.

[1479] Id., *Enarra. in salm.* 142, n. 2.

[1480] Id., *Enarr. in salm*. 90, n. 1.

milagres angélicos, e as coisas notáveis que eles próprios fizeram, eram figuras de Nosso Senhor Jesus Cristo, a fim de que **toda criatura** anunciasse de uma certa maneira, por meio dos fatos, a vinda de um futuro mediador, que seria a salvação de todos aqueles que devem ser trazidos de volta à vida"[1481].

"Tudo o que está contido nos Livros Sagrados foram ditos por Nosso Senhor Jesus Cristo, ou por causa dele. Mas, para exercitar aquele que procura e para chamar aquele que encontra, a maior quantidade de nomes das coisas neles estão apresentadas por meio de alegorias e de enigmas, ensinadas em parte somente por palavras e em parte contadas também como fatos. Entretanto algumas coisas não estão claras ou não compreendidas no sentido que ajuda a dissipar as obscuridades. Mas, entre as próprias coisas que estão envoltas por figuras, há algumas que, colocadas próximas umas das outras e colocadas como no mesmo quadro, tanto unem suas vozes para demonstrar Cristo, que a surdez de qualquer um deve se corar"[1482].

Todas as Santas Letras pregam, portanto, a Nosso Senhor Jesus Cristo, tanto pelas palavras quanto pelos fatos.

989. – Assim "*a árvore da vida* era um sacramento que significava a sabedoria..., e o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo é a sabedoria e a Árvore da Vida no Paraíso espiritual, onde, do alto da Cruz, enviou o Bom Ladrão"[1483].

Como Caim, ao matar seu irmão, foi *o fundador da cidade terrestre, Abel*, vítima do ódio fraterno e *pastor de ovelhas animais*, *figurou Nosso Senhor Jesus Cristo posto à morte pelos Judeus e pastor de ovelhas humanas, porque o fato se passou como uma alegoria profética*"[1484].

Tudo o que se lê no relato bíblico concernente aos primeiros homens, *se se considera cuidadosamente os detalhes, prega antecipadamente Cristo e a Igreja, relativamente tanto aos bons católicos quanto aos maus. Porque não foi em vão que o Apóstolo diz: "Adão, que é a figura daquele que devia vir"* (Rom., 5, 14); *e ainda: "serão dois numa mesma carne..., o que é um grande Sacramento em Cristo e na Igreja*" (Ef., 5, 31,32).

[1481] Id., De Trinit., in salm. 90, n. 1.
[1482] Id., *Contra Fausto maniquéu*, l. 12, c. 7.
[1483] Id., *De Gen.* ad litt. ll. 12, l. 8, cc. 4 et 5.
[1484] Id. A Cidade de Deus, l. 15, c. 7, n. 2.

Nosso Senhor Jesus Cristo abandonou sua mãe, a Sinagoga, para apegar-se à sua esposa, a Santa Igreja[1485].

"Noé, com os seus, é preservado da morte pela água e através da madeira da arca, como a família de Nosso Senhor Jesus Cristo trouxe a salvação no Batismo que fluiu da Cruz"[1486].

990. – No mesmo livro, nos capítulos seguintes, e em outros, Santo Agostinho vê igualmente Nosso Senhor Jesus Cristo em Abraão, Isaac, Jacó, José, Moisés, Josué, David, Salomão e em todos os personagens memoráveis dos antigos tempos.

Da mesma forma os fatos pregam Nosso Senhor Jesus Cristo e a Santa Igreja também como pessoas[1487]. O Salvador Jesus, sendo *a finalidade da lei*, tudo convergia para Ele. E homens e coisas, tudo trazia algum traço de Cristo; o conjunto desses traços formam uma imagem fiel, por vezes grosseira, do Verbo encarnado e da Santa Igreja católica.

Portanto, havia uma espécie de forma única, e possante, que fazia tudo entrar no mesmo desenho, como abundantes peças que compõem um só todo. Este todo era a Igreja antiga de Cristo. E esta forma era a *influência do Céu do Verbo Encarnado*.

Alguns mundanos nos objetarão que isto é apenas misticismo.

Respondemos que esse misticismo é todo realidade e sublimidade. A alta filosofia do cristianismo seria desprezível por ser divina e por ela expli-car os fatos pelas causas mais elevadas?

Certamente o sobrenatural governava também o mundo antigo. E como o natural é um reflexo ou um crepúsculo da Encarnação do Verbo, o que dissemos parece-nos não apresentar nenhuma dificuldade.

991. – A religião inteira dos judeus continha também relações íntimas com Nosso Senhor Jesus Cristo e com o Evangelho!

Pelo que se refere ao dogma, à moral e ao fundo do culto, Nosso Senhor Jesus Cristo *não veio abolir, mas completar a lei e os profetas* (Mat., 5, 17). Ele veio aperfeiçoar sua própria obra. "De um e de outro Testamento, diz Santo Irineu, fizeram partes... o Verbo de Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, que falou a Abraão e a Moisés, que, nos últimos tempos..., tornou *mais abundante* a graça que vem dele"[1488].

[1485] Santo Agostinho, *Contra Faust. Manich*., l. 12, c. 8.

[1486] Id., ibid. c. 14.

[1487] Si petra Christus propter firmitatem, cur non et manna Christus, tanquam panis vivus qui de coelo descendit... ? cur non et nubes Christus, et columna? ... (Id., ibid., c. 29)

[1488] Adv. haer., l. 4, cc. 21 e 22.

"A Lei, diz também Clemente de Alexandria, é a antiga graça emanada do Verbo divino, pela voz de Moisés"[1489].

A Lei cerimonial era também, no dizer de São Paulo, uma sombra *lançada nos antigos tempos, para a realidade de Cristo: Quae sunt umbra futurorum: corpus autem Christi* (Colos., 2,17).

Os sacrifícios, as coisas santas que servem o culto, as festas, os sacramentos, como a circuncisão, o Cordeiro Pascal e a consagração dos padres, as diversas observâncias religiosas, todas estas coisas formam, diz Santo Tomás, a sombra de um corpo que era Cristo: *corpus pertinens ad Christum*[1490].

A Lei, diz ainda o Apóstolo, *era a sombra dos bens futuros e celestes, e não a imagem própria das coisas* (Hebr., 10, 1), que é próprio do Novo Testamento. Este é *a imagem* fiel da Jerusalém Celeste, notadamente pela claridade que nela domina e que exclui por si mesma o pecado. Aquela era *a sombra dos bens futuros*, prometendo sobretudo a seus observadores os bens temporais e não justificando os homens pela virtude do que ela significa. Quer dizer, Nosso Senhor Jesus Cristo que devia vir.

Mas, tanto uma quanto outra são influências do Céu do Verbo Encarnado, como a imagem proveniente do original, e *a sombra*, do corpo que a projeta.

Após ter falado da saída do Egito e do que havia se passado no deserto, o Apóstolo das Gentes diz: *Essas coisas foram figuras do que nos preocupa... Todas as coisas lhes aconteceram em figura* (1ª Cor., 10, 6, 11).

Então é verdadeiro que a Lei e os fatos pregam igualmente Nosso Senhor Jesus Cristo. Todos esses tempos eram, por assim dizer, proféticos. E como Cristo era, por excelência, o objeto profetizado, todo o Antigo Testamento girava para Ele como nossa terra gira atraída pelo sol: *omnia.*

Assim o antigo povo de Deus não vivia, como tal, senão de Cristo Nosso Senhor e de suas divinas influências.

E em todas as aspirações deste povo, como também no que se produzia sobrenaturalmente no meio dele, havia a mesma linguagem: *Céus, enviai do alto vosso orvalho, e que as nuvens chovam o Justo; que a terra se abra e que ela germine o Salvador* (Is., 45, 8)

[1489] Poedag., l. 1, c. 7.

[1490] Quando quis, continua Santo Tomás, videt umbram sperat quod corpus sequatur; legalia autem sunt umbra praecedens Christum, et eum figurabant venturum; et ideo dixit [Apostolus]: "Corpus", id est veritas rei pernitent ad Christum, sed umbra ad Legem. (Comentários à Epístila aos Colossensis, loc. cit.)

II – Influências do próprio Céu exercidas sobre todos os povos da terra antes da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo

992. – Quanto aos outros povos, sua sorte era regulada segundo exigia o povo de Deus.

Sobre este ponto, eis o magnífico ensinamento de Moisés: *Céus, escutai o que vou dizer; que a terra entenda as palavras de minha boca. Isto interessa aos céus, à terra, a todas as obras de Deus, a todas as nações... Todas as obras de Deus são perfeitas, e todas suas vias são plenas de equidade... Quando o Altíssimo dividiu os povos, quando separava os filhos de Adão, Ele marcou os limites dos povos segundo o número dos filhos de Israel* (Deut., 32, 1, 4. 8). *O Senhor tomou Jacó por seu herdeiro* (Ibid., 9).

É o povo de Deus que é, por assim dizer, a medida de todos os outros povos e a razão de elevar ou rebaixar, de multiplicar ou de diminuir, de ampliar ou restringir as diversas nações. Porque, se tudo no início foi feito por Deus e por seu Cristo, tudo em seguida é feito e disposto para os Filhos de Deus. E é por meio destes e de sua Cabeça, Nosso Senhor Jesus Cristo, que tudo procura a glória de Deus[1491].

Como os reinos terrenos eram de ouro, de prata, de argila e de ferro em sua composição, segundo a doutrina inspirada do profeta Daniel (2; 38, 39, 40), Deus, instituindo-os, entretanto, associou a esses metais a terra e a argila (41, 42), é suficiente que *uma pedra se destaque da montanha sem necessidade da mão de um homem* e os vem quebrar, para que eles sejam reduzidos a pó (37, 45). Esta *pedra*, no início pequena, em seguida *se tornou uma grande montanha que encheu toda a terra* (35, 44), é a Igreja do Antigo e do Novo Testamento, reino que desceu da montanha do sobrenatural, deslocada da montanha, não por mãos humanas, mas pelo dedo de Deus.

E é *nos tempos destes reinos terrestres que o Deus do Céu suscita um reino que jamais será destruído, o Reino que não passará a outro povo, que derrubará e reduzirá a pó todos esses reinos e que subsistirá eternamente* (44).

Esta destruição não é absoluta, uma vez que o reino sobrenatural subsistirá *no tempo* dos outros reinos, e que estes coexistem com ele. Mas, são aniquilados aqueles que se opõem ao reino divino, e eles próprios sentem o contragolpe desta aniquilação.

1491 O salmista diz: *O Senhor a ninguém permitiu oprimir* [os filhos de seu povo], *e Ele repreenda os seis por causa deles. Não toqueis nos meus ungidos, e não fazeis nenhum mal tá meus profetas* (Sal., 104, 14, 15). Assim sim a história das convulsões e dos Sofrimentos da sociedade humana é ordinariamente a história das perseguições contra a Igreja: *corripuit pro eis reges... Nolite tangere crhistos meos.*

A idolatria, a impiedade, a tirania, o ódio ao sobrenatural, não demoram para serem quebrados *pela pedra* que cai do alto. E ai dos reinos culpados! Onde está o poder da Babilônia, de Nínive, da Roma idólatra, da China, da Turquia, da África pagã?

O poder humano existe, portanto, mas, se não é cristão, ele é humilhado inclusive como humano.

O reino cristão é o reino por excelência. Quanto aos reinos terrestres, eles, ou são tributários do cristianismo, e neste caso existem por esta razão; ou então se revoltam contra o reino sobrenatural, e então se tornam bárbaros e se sucumbem sob os golpes *da pedra*.

993. – Por aí se vê claramente como os destinos dos impérios e das nações estão subordinados ao reino espiritual e sobrenatural do qual Nosso Senhor Jesus Cristo é o Rei.

O profeta Daniel no-lo ensinou formalmente, e nós o vemos com nossos olhos: *Altissimus... constituit terminos populorum juxta numerum filiarum Israel*. O povo de Deus deve ser até o fim dos séculos como o cérebro e o coração do gênero humano tomado em seu conjunto. E a sorte da humanidade depende destes órgãos principais.

Todos os outros membros do corpo social, Deus os fez dependentes de sua Igreja, fossem eles *de ouro, de prata* ou de outros metais preciosos e sólidos. E isto para que o mundo inteiro caminhe sob as influências divinas e vivificantes do Verbo Encarnado e de seu corpo místico, *a pedra deslocada da montanha sem a mão do homem*.

Os reinos terrestres são representados como *destruídos e aniquilados* pela *pedra* maravilhosa, porque se trata da realeza, da primogenitura constante e perpétua entre os homens.

E como somente a Igreja católica tem esta primogenitura universal e indestrutível, estes reinos existem unicamente sob esses aspectos. Sua dependência e sua caducidade, se os compara ao reino sobrenatural, entram na sua própria natureza e são inerentes a tudo o que está no natural. Deus não quis fortalecê-los ainda mais a fim de deixar a direção suprema das coisas para sua Igreja.

Por conseguinte, a constituição e o estado inclusive dos reinos terrestres são uma testemunha evidente das influências universais do Verbo Encarnado.

Somente os povos cristãos, como já dissemos, desfrutam da preponderância sobre a terra. Mas o verdadeiro cristianismo está unica-

mente no Catolicismo. Parece, então, que os povos católicos devem ser sempre, de fato, os mais poderosos[1492].

Se os povos praticassem fielmente o Catolicismo, ficaríamos maravilhados com sua prosperidade e com a extensão de seu domínio.

Contudo, é necessário levar em conta o fato de que Deus submete sua Igreja e seus filhos a duras provas, porque a vida aqui na terra é árida, onde se conquista mérito e onde se prepara para o triunfo imortal, único fim essencialmente necessário a ser alcançado.

Depois, tudo bem observado, é unicamente o Catolicismo que domina com maestria a terra, porque ele é a base indispensável e o único foco de cristianismo. É então ao Catolicismo que se deve atribuir principalmente o poder dos reinos cristãos, quaisquer que sejam eles.

E, como o Catolicismo vive unicamente de Cristo, segue-se que tudo o que há nele de constantemente preponderante sobre nosso planeta é uma participação das influências divinas do Verbo feito carne: *In diebus regnorum illorum, suscitabid Deus coeli regnum, quod in aeternum non dissipabitur, et regnum ejus alteri populo non tradetur* (Dan., 2, 44).[1493]

994. – Esta possante irradiação de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre a humanidade inteira, eminentemente visível em nossos dias, foi exercida também nos Tempos Antigos, embora de uma maneira mais fraca e mais misteriosa.

Imagino o primeiro povo de Deus cumprindo, em toda a terra, a parte que teriam preenchido os dez justos em Sodoma, se eles tivessem sido encontrados. Este pequeno povo seria como *o sal da terra e a luz do mundo*, pelo fato de que vivia de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quando em uma região de nosso globo abundam manifestações divinas, quando as grandes verdades que interessam a todo universo e a todo o gênero humano nela são comuns, quando a verdade moral é aí praticada, quando o Salvador de todos os homens é aí prometido e esperado, esta região, ainda que seja muito restrita relativamente a todas as outras, entretanto é um reservatório de riquezas inapreciáveis para todos os países do mundo.

O povo judeu foi como uma escola divina instituída e mantida no meio da humanidade pelo Mestre supremo. Homens de todos os países

---

[1492] O reino predito por Daniel, como se elevando sobre as ruinas dos outros e devendo durar para sempre, é um reino espiritual e sobrenatural. Entretanto, todo povo que mantém as leis acaba, por isso mesmo, tendo verdadeira prosperidade e verdadeiro poder.

[1493] Sempre pertencerá ao povo cristão.

podiam aí se instruir. E quantos judeus, aliás, que frequentaram os diversos povos pagãos pelos mais variados motivos, lançaram por toda parte a boa semente?

Embora os judeus, na sua singularidade, formassem uma nação única, entretanto esta nação era a única a prometer incessantemente por seus muitos profetas, *a salvação para todas as nações*, e a se ocupar com os interesses superiores da raça humana.

Esta é outra prova luminosa de como a nação judaica servia de instrumento ao Verbo para tornar universais suas divinas influências.

995. – Daí esta admirável espera de um Libertador, o qual reunia numa esperança comum todos os povos do mundo.

Daí *o abalo tremendo de todos os povos, causado pelo* ***desejado de todas as nações*** (Santo Agostinho, 2, 8). "Estavam-se **geralmente** persuadidos, diz Tácito, pela fé nas antigas profecias, de que o Oriente iria prevalecer e que não passaria muito tempo para se ver sair da Judeia aqueles que regeriam o universo. (Hist., l. 5, c. 13).

Suetônio tem a mesma linguagem[1494]. Cícero menciona antigos oráculos das Sibilas, que prometem "a vinda de um rei que precisaria ser reconhecido, para se salvar" (*De Divinat*., l. 2, c. 54).

Virgílio também faz gracioso eco da tradição universal: "Os últimos tempos cantados pela Sibila enfim chegaram. O curso imenso dos séculos vai começar de novo. Eis que uma nova raça foi enviada do alto do Céu. Com o nascimento deste Filho, pelo qual a idade de Ferro vai cessar, e que fará levar a idade de ouro para todo universo, seja como objeto de vossos cuidados favoráveis, casto Lucine!... É sob teu consulado, ó Pollion, que esse prodígio da nova idade vai se mostrar; é então que, se resta ainda continuidades da iniquidade dos homens, toda a terra vai pelo menos respirar, liberta de certo terror que a mantinha prisioneira depois de longo tempo. Este pelo qual se deve esperar essas maravilhas tomará a vida no seio da Divindade; Ele se distinguirá entre todos os seres celestes acima dos quais aparecerá e regerar o mundo pacificado pelas virtudes que herdou de seu Pai. Vinde, então, caro descendente do Céu, grande filho de Júpiter! O tempo predito se aproxima: Vinde receber as grandes honras que vos são devidas. Olhai: à tua vista o globo do mundo se balança; a terra, e o mar

[1494] Neste número e nos dois seguintes servimo-nos parcialmente dos *Estudos Filosóficos* de Augusto Nicolas, *Traditions sur l'attente du Libérateur et Venue et règne de J. C. Le Diotionnaire de Théologie de Bergier* nos dá também preciosos conhecimentos sobre esta questão. Ver Art. *Médiateur*, nota acrescentada por Mgr. Goussert, Roselly de Lorgues tem um muito bom tratado da mesma questão em sua obra Nosso Senhor Jesus Cristo diante do século, cc. 13 e 14.

e o céu profundo se agitam; veja como tudo se estremece à medida que se aproxima a nova era que vai se abrir."[1495]

996. – Os gauleses adoravam *a Virgem da qual um filho era esperado*. E eles foram os autores da seguinte inscrição: *À Virgem que deve dar à luz*.

Os antigos escandinavos tinham em seu livro sagrado, denominado de *Edda*, uma profecia segunda qual *Thor*, *o primogênito dos filhos de Odin, e o mais velho dos dois*, derrotará *a Grande Serpente, dará à própria vida a sua vitória*. Após o que o Mestre Soberano colocará fim às desordens e estabelecerá os sagrados destinos que *durarão para sempre*.

Entre os gregos, Ésquilo, no seu *Prometeu Acorrentado*, nos apresenta a humanidade decaída pelo pecado, mas que deve ser reabilitada por *um Deus que se oferecerá para recolocá-la pelos seus sofrimentos*.

Sócrates nos fala de um enviado do Céu que *virá nos instruir da maneira como devemos nos comportar em relação a Deus e aos homens*. O filósofo grego acrescenta que *é o meio de oferecer as ofertas do sacrifício até que vem este Personagem e que é de se esperar de sua bondade que ele não esteja muito longe*.

Platão chama este personagem de *Verbo*. Ele dá também o nome de *Salvador, de Deus, de Filho de Deus. Vós oreis, diz ele ainda, ao Deus do universo...; vós suplicareis seu Pai e seu Senhor, que todos conheceremos claramente, tanto quanto for possível aos homens*.

Em outros lugares, retratando o homem verdadeiramente virtuoso e divino, Platão nos dá o retrato de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele o vê *despojado de tudo, até mesmo da aparência de justiça, tendo apenas a justiça em si mesmo; irreprovável e carregado de todas as suposições de crime; posto na prisão com infâmia e seus tormentos; caminhando com um passo firme até o túmulo, constantemente cercado pelos falsos julgamentos da opinião pública, e sempre virtuoso; e, enfim, depois de ter sofrido todos os suplícios, expirando numa cruz*.

997. – Entre os teólogos pagãos o dos Persas talvez seja o menos incompleto e o menos errôneo. É nele sobretudo, pareceria, que Platão se inspirou mais diretamente do que nos hebreus.

Ora, o *Mithra* dos Persas, que eles designam também de *Palavra* ou *Verbo*, corresponde admiravelmente ao anjo *Métratron* dos antigos rabinos (nn. 962-966) e ao *Verbo* de nossas Sagradas Escrituras. Eles

[1495] 4ᵉ Écloga de Virgílio.

o olham como o *Rei do céu móvel*, *o rei dos vivos*, o *rei dos mortos*, o *Deus mediador*, salvador, redentor, *libertador, que nasceu de uma virgem*, que exterminará *Ahrimane* ou o demônio, que estabelecerá *um único governo dos homens* e que os tornará *felizes*.

"Os hindus, diz Augusto Nicolas, esperavam uma encarnação de *Wichnou* ou *Brahma*, para reparar o mal que havia feito Kaly ou Kaliga, a *Grande-Serpente*"[1496]. Inclusive eles dão o nome de *Krishna* a este personagem divino[1497].

Os chineses, segundo seus antigos livros, esperavam a chegada de um herói de nome *Kiuntsé*, quem, na religião dos ídolos, iria suceder a última religião, e que devia recompor tudo no seu primeiro esplendor. Nomeiam-no também como *Santíssimo*, *Doutor Universal*, *Verdade soberana*. Confúcio dizia que *um Santo devia ser enviado do céu, que ele salvaria todas as coisas, e que teria todo poder no céu e na terra... Nenhum homem saberia dizer seu nome*, acrescentava o filósofo chinês, *mas eu, Khiêou, já ouvi dizer que é o verdadeiro Santo. ... Este Santo deve existir no ocidente* (relativamente à China).

"A doutrina de Confúcio, observa ainda Augusto Nicolas, concorda com a de Fo ou Xacca, adotada pelo povo, não somente na China, mas no Tibet, ... na Conchinchina, em Tonquin, no Reino de Sião, no Ceilão e até no Japão. Nestes países idólatras acreditava-se universalmente que um Deus devia salvar o gênero humano, satisfazendo ao Deus supremo pelos pecados dos homens"[1498].

"Os árabes, fundados numa antiga tradição, aguardavam um Libertador, que devia vir salvar os povos"[1499].

O *Orus ou Épaphos* dos Egípcios, nascido miraculosamente de Isis, quer dizer da graça, por um *leve toque que fez Júpiter sobre a fronte de sua mãe*, vencedor da serpente Typhon *que encheu de mal e de miséria o mar e a terra*, é também, na realidade, o Redentor do mundo, mas enfeitado com a máscara de uma fábula pagã.

998. – Assim, ó Verbo divino, todos os povos da terra esperavam vossa Encarnação, *antes que vossa graça e vossa humanidade aparecessem a todos os homens* (Tit., 2, 11; 3, 4). Um pequeno povo, que vivia de vós, fazia brilhar em todos os lugares a esperança em vós, e

---

[1496] *Estudos filosóficos*, *Tradições sobre a espera do Libertador.*

[1497] Um poema sagrado dos indianos continha, há certa de 2500 anos, esta predição: "Nascerá um brahme (padre) na cidade de Sçambelam (*pão da casa* como Belém significa *casa do pão)*; este será Wichon [o Filho da trindade indu] Jesoudoou [Jesus]... Ele purificará a terra de seus pecados e fará reinar a justiça e a verdade, oferecerá um sacrifício... (Roselly de Lourgues, loc. cit.).

[1498] Ibid.

[1499] Id., ibid.

as diversas nações, sentindo como por instinto que elas existem para vossa Igreja, onde unicamente se encontra a salvação, acolheram com alegria esta esperança, e se prepararam para entender a pregação do Evangelho.

Além disto, nada impede admitir que vós haveis revelado também a alguns gentios o mistério de vossa Encarnação e de vossa qualidade de único mediador entre Deus e os homens e que assim os membros da gentilidade pertenciam à vossa espiritual Jerusalém[1500].

Por um privilégio especial de vossa bondade, que é também uma espécie de mistério, o povo de Israel foi uma nação profética, cheia de vosso espírito e de vossas influências, existindo unicamente para vós e por vós, de uma maneira toda singular e admirável.

Mas, vós tínheis vossos eleitos também entre aqueles que em nada figuravam como pertencendo a vosso povo. Eles acreditavam secretamente em vós, *e vossas divinas escrituras não mencionam estes crentes.*

Assim a salvação de vossa religião, única religião verdadeira, que unicamente prometia com veracidade a verdadeira salvação, jamais faltou a quem era digno, e àqueles a quem faltou era porque não eram dignos dela, por ter recusado a graça que se lhes apresentou[1501].

É porque, ó Verbo, salvador da humanidade, oceano das influências salutares, de vossas graças vivificantes, também misericordiosamente penetrai o mundo pagão, e animai com vossa vida todos os homens de boa vontade na terra.

E ao povo que era publicamente todo vosso, e aos membros pouco visíveis de vosso corpo místico, que estavam disseminados aqui e acolá em toda a gentilidade, volvei vossos olhos benfazejos sobre o conjunto dos tempos, das coisas e das pessoas, assim como para o pequeníssimo número de justos que teriam salvado Sodoma de sua afrontosa ruína.

É por vós que tudo existe, vive e vê, numa certa medida. *Vós estáveis no mundo, e o mundo foi feito por vós, e embora um número muito grande de pessoas não o conhecesse, vós éreis, no entanto, também, a verdadeira luz que ilumina todo homem que vem a este mundo*. Vivia-se de alguma maneira porque *em vós estáveis a vida soberana* que se comunicava fora. O que se conhecia verdadeiramen-

[1500] Santo Agostinho é desta opinião, *A Cidade de Deus*, l. 18, c. 17.
[1501] Santo Agostinho, *Liber de praedest. Sanct*., cc. 9, 10, nn. 17, 19.

te, ou se conhecia por *vossa vida que era a luz dos homens* (Jo., 1, 4, 4, 10).

Assim tudo existiu, viveu de alguma vida, e se moveu em vosso Céu graças às vossas universais influências.

Ó!, possam nossos corações vos amar tanto quanto vós sois digno de o ser!

III – Considerações suscintas sobre as influências exercidas pelo próprio Céu depois do nascimento do Salvador

999. – Estas influências nos parecem ter sido muito bem resumidas e expressas na oração profética de Habacuc (3, 2 e seg.).

Observemos inicialmente com Martini, cujo comentário nos parece particularmente estimável, que "a libertação dos judeus da escravidão da Babilônia foi para todos os profetas uma figura da Redenção dos homens por Nosso Senhor Jesus Cristo. E a destruição do Império Caldeu é com frequência apresentada como figura da vingança que Nosso Senhor Jesus Cristo tirará um dia de todos os ímpios. Portanto, é por isso que o profeta vem agora falar de Cristo, respondendo assim plenamente as dificuldades que havia exposto sobre a providência divina" (1, 13-17). É porque nós cremos, *com todos os antigos*, que esta oração de Habacuc contém de modo magnífico e claríssimo a profecia de Nosso Senhor Jesus Cristo, como diz São Jerônimo. E que para conhecê-la se deve entender as palavras e os sentimentos de Habacuc sobre a libertação da escravidão babilônica, sem ser necessário fazer uma espécie de violência ao texto em diversas passagens. Basta ler as explicações dadas pelos intérpretes que abraçaram este sistema... Sua discordância e sua espécie de frieza são bem próprias a nos persuadir que, na interpretação das Escrituras, o melhor que se pode fazer é sempre seguir os Padres da Igreja, e a próprio Igreja, que no-la transmite.

Ora, como todos sabem, a Igreja aplica a Nosso Senhor Jesus Cristo várias passagens deste cântico, especialmente no Ofício e na missa de Sexta-feira Santa. No entanto é verdade que aqueles que encontram aqui retratada, no sentido literal, a libertação dos hebreus, confessam que em sentido alegórico a profecia deve ser entendida a partir de Nosso Senhor. Mas São Jerônimos não quis que as predições manifestas das coisas futuras fossem atenuadas e como enfraquecidas *pela incerteza da alegoria*.

1000. – Adotamos integralmente esta opinião, que nos parece a única aceitável segundo o texto. A libertação dos israelitas foi na oca-

são da oração do Profeta, mas seu olhar inspirado se voltava imediatamente para o Libertador e sua Redenção por excelência, em que os méritos, presentes aos olhos de Deus, eram a razão de fazer cessar a escravidão à Babilônia.

A sombra dependia do corpo, a figura estava subordinada à realidade, e o homem de Deus lançava seu olhar com espanto e amor sobre o corpo e sobre a realidade, que era Nosso Senhor Jesus Cristo: *Corpus autem Christi* (n. 991).

Vejamos a magnífica linguagem inspirada por esta visão.

1001. – *O Senhor me disse: Escreva o que vês... Pois o que foi revelado a vós aparecerá enfim, e nada faltará*. Trata-se aqui *da coisa*, que é o objeto da revelação feita ao profeta. Mas ele então vê que seu objeto é um *personagem* futuro, e acrescenta: *se diferir, aguarde-o; pois certamente chegará, e não tardará. Mas aquele que é incrédulo não tem a alma reta, enquanto que o justo vive da sua fé* (Habacuc, 2, 2-4).

São Paulo entende essa passagem como se referindo a Nosso Senhor Jesus Cristo e àqueles que creem nele (Hebr., 10, 37, 38). E a Escritura nomeia várias vezes Nosso Senhor como *sendo Aquele que deve vir* (Gen., 19, 10; Mat. 11, 3). Mas é sobretudo no capítulo seguinte que Habacuc clama e canta as glórias do Messias.

1002. – *Senhor*, disse ele, *entendi vossa palavra, estou tomado de medo. Senhor, é a vossa obra por excelência, realizei-o ao meio do tempo. No meio dos anos vós deixarás claro: quando vós estiverdes com cólera, vós vos lembrarás de vossa misericórdia. O Profeta está tomado de medo, de estupor, ao ver a grandeza inefável deste mistério de piedade, que é revelado na carne, que foi justificado pelo Espírito, revelado aos anjos, anunciado às nações, crido no mundo, recebido na glória* (1ª Tim., 3, 16). "o que é este medo, pergunta Santo Agostinho, senão a indizível admiração que há pelo objeto da redenção dos homens, prevista (pelo profeta), e aparecendo subitamente (a seus olhos) como nova?... Com quem ele está falando senão com o Senhor (Jesus) Cristo?"[1502].

Senhor, vossa obra por excelência, *realizai-a no meio do tempo*, "Ao meio dos dois Testamentos"[1503], continua o Bispo de Hipona, na plenitude dos tempos, no tempo estabelecido e pré-ordenado por Deus. Esta obra, vivificai-a, *vivifica illud*; já a vimos de alguma forma

[1502] A Cidade de Deus, l. 18, c. 32.
[1503] Ibid.

na sombra, na figura, na imagem; mostrai-a também em sua viva realidade.

No meio dos anos vós a fareis aparecer claramente. Não é impossível que o Verbo se encarne *no meio dos tempos*, de sorte que o mundo dure no seu estado atual a quantidade de séculos que durou antes da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo. Não nos parece que haja inconvenientes em tomar literalmente as palavras duas vezes afirmadas pelo profeta: *In medio annorum virifica illud; in medio annorum notum facies*. A maior parte de significados que encontram os intérpretes dessas palavras não está comprometida por esta simplificação.

Sabe-se, ademais, que todos os tempos que precederam a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo na carne foram *uma preparação* deste fato inefavelmente grande e importante. Então, parece que a obra deve ter ao menos a duração de sua preparação, como o discurso deve ser também longo como o exórdio, que o tempo deve ser grande como seu vestíbulo, sobretudo quando se trata da obra divina por excelência, onde tudo está maravilhosamente bem proporcionado.

Mas, neste caso, por que razão os anos que seguem à Encarnação do Verbo não serão mais numerosos que aqueles que lhe serviram de prepa-ração?

A lei cristã, respondemos, parece dever corresponder, pela sua duração temporal, à duração da lei da natureza e à duração da lei mosaica, porque ela é o complemento e o aperfeiçoamento das duas.

Quanto a uma duração ulterior, há certamente, mas sob uma outra forma, sob a forma gloriosa. A graça e a glória, sendo da mesma natureza, a obra divina se continua na eternidade e assim a permanência da obra comple-tada ultrapassa de muito a duração do tempo da preparação.

Mas o profeta fala dos anos da prova humana, figurada pela prova suportada pelos judeus na Babilônia. Parece-nos muito provável que foi *no meio* dos setenta anos do cativeiro da Babilônia que Habacuc lamentou: *Senhor, vossa obra* de libertação, começai-a *no meio dos tristes anos; no meio dos anos vós nos fareis conhecê-la* por alguma antecipação, por algumas promessas consoladoras. E vossa vista se volte ao mesmo tempo para o Redentor que aparecerá *no meio dos anos* da prova humana.

Os israelitas haviam suportado cerca de trinta e cinco anos de escravidão quando Ciro tornou a Pérsia independente, combatendo os Medas, preparando assim sua marcha contra o império da Babilônia. O Profeta via este libertador como figura de Nosso Senhor Jesus Cris-

to, avançar contra os vencedores do templo de Deus, *no meio dos anos* de cativeiro. Sua prece: *in medio annorum vivifica illud*, estava concedida. No meio dos anos Deus lhe fez conhecer a libertação em via de se operar e o instrumento do qual se servia o Todo Poderoso para o cumprimento *desta obra*.

Mas, é, por assim dizer, em vista de Nosso Senhor Jesus Cristo que o profeta viu Ciro. É vendo a redenção do gênero humano que ele via a redenção material dos Hebreus.

Do corpo, o olhar se coloca na sombra; do original, ele se coloca na imagem. O escrivão inspirado diz a Deus: *Quando vós estiverdes em cólera, vós vos lembrareis de vossa misericórdia*, aquela, no futuro, quando aparecer Nosso Senhor Jesus Cristo. É por esta razão que a imensa misericórdia que o Senhor dispensará pelo salvador, pelo Verbo encarnado, projeta um de seus raios benfazejos sobre os israelitas cativos da Babilônia e prepara sua libertação.

1003. – Mas Habacuc vê unicamente o Deus feito Homem e o canta em um magnífico hino. *Deus*, escreve ele, *virá do lado sul, e o Santo aparecerá do Monte Faran. Sua glória cobre os céus, e a terra está cheia de seus louvores* (3, 3). *Virá do sul*, porque Belém está ao sul de Jerusalém; *o santo aparecerá do Monte Faran*, que está também ao lado sul, porque o Verbo estava esplendidamente manifestado nas religiões meridionais, e virá por assim dizer de lá para realizar em Belém sua aparição por excelência.

Também Moisés escreveu: "O *Senhor veio do Sinai*, onde dará sua lei; *elevou-se sobre nós de Seir*, onde foi erguida a serpente de bronze; *apareceu sobre o monte Faran*, onde fez chover codornas e onde deu espírito profético aos setenta juízes[1504]; *milhares de Santos Anjos estavam com ele*; *levava em sua mão direita a lei dada no meio do fogo no Sinai* (Deut., 33, 2).

O mesmo Senhor, o Verbo, vai levar ao mais alto grau de perfeição todas estas manifestações e todas estas graças, *elevando-se* como um astro ao sul de Jerusalém, fazendo-se Homem para a salvação da humanidade.

A lei que Ele nos traz é melhor do que aquela que *tinha na mão direita no Sinai*. É o fogo da caridade que acompanha a sua promulgação, e não os clarões que amedrontam.

[1504] Números, 11, 16, 17, 25.

Do alto da Cruz do Calvário cura todo o gênero humano doente que olha para ele, muito melhor que a vista da serpente de bronze, sua figura, que curava os israelitas no deserto de Seir.

Em vez de codornas que caem do Céu, perto do Monte Faran, dá-nos por alimentação sua própria carne, sua carne hipostaticamente unida à Pessoa do Verbo, sua carne transformada e tornada gloriosa pela ressurreição.

E no lugar do simples espírito profético dado aos setenta juízes, faz descer o Espírito Santo com todos os seus dons sobre os apóstolos e sobre seus filhos espirituais até o fim dos séculos.

Milhares de Santos Anjos estavam com Ele quando operava pessoalmente suas antigas teofanias, e que fazia tantas maravilhas, mas jamais os anjos não se mostraram tão brilhantemente como seus servos até que comemoraram seu nascimento em Belém: foi toda *uma multidão de milícia celeste, louvando a Deus, e dizendo: Glória a Deus no mais alto dos céus, e, sobre a terra, paz aos homens de boa vontade* (Luc., 2, 13, 14). *E os anjos retornaram ao céu* (Ibid., 15) e continuaram seu cântico, porque *a glória de Nosso Senhor Jesus Cristo cobre os céus* móveis acima dos quais os espíritos celestes cantam suas grandezas e suas bondades. Cobre, inclusive como Céu do Verbo Encarnado, os céus angélicos, que ele envolve em seu seio e os penetra com suas divinas influências.

Nossa pequena terra está também cheia de seus Louvores. Sua santidade inefável, sua sublime doutrina, seus milagres também tão numerosos quanto brilhantes, sua ressurreição, sua ascensão ao céu, a conversão dos gentios, as maravilhas que sua Igreja opera sobre toda a terra até o fim dos séculos, provam que nosso planeta não pode ser indiferente a seu olhar e que em todos os lugares deve ressoar seus louvores.

1004. – *Seu esplendor será como a própria luz; brilhantes e poderosas armas estarão em suas mãos: é aí que sua força está escondida*. Ele brilhará não somente como os anjos e como os santos, mas dirá com toda a verdade: *Eu sou a luz do mundo..., quem me segue terá a luz da vida* (Jo., 8, 12); *enquanto estiver no mundo, Eu sou a luz do mundo* (Ibid., 9, 5); *Eu, a luz, vim ao mundo a fim de que aquele que crer em Mim não permaneça nas trevas* (Ibid., 12, 46).

Assim, a versão caldaica tem: seu esplendor apareceu como a luz original: *splendor primigenius apparuit*.

Chifres estarão em suas mãos: feixes luminosos como aqueles que saíram da face de Moisés ao descer do Sinai, mas Ele tem chifres

nas mãos como armas das quais se serve para conquistar a terra. São os braços da Cruz pelos quais, no Alto do Calvário, Nosso Senhor toma possessão de todas as coisas.

É nos braços que sua força está escondida: por este meio Ele acalma a cólera de seu Pai nos céus, liberta as humanidades da escravidão de Satanás, e se torna o mestre dos corações à força do amor e do devotamento. *Reconcilia também todas as coisas, classificando pelo sangue de sua cruz, seja o que está na terra, seja o que está nos céus* (Colos., 1, 20).

É a rocha da salvação, ou o poderoso Salvador, *que Deus ressuscitou na casa*, ou na estirpe, *de David* (Luc., 1, 69).

1005. – *A morte caminha adiante dele, e o diabo precederá seus passos. Ele é a ressurreição e a vida; aquele que crê nele, mesmo que morra, viverá; e quem vive e nele crê jamais morrerá* (Jo., 11, 25, 26). Isto é verdadeiro também para a vida da alma, uma vez que *o diabo fugirá diante de seus passos*, sobretudo da sua palavra, dos corpos dos processos, das almas dos pecadores e do alto do governo das coisas: *Agora o príncipe deste mundo será lançado fora* (Jo., 12, 31).

Do alto, de sua cruz, Ele mediu a terra; com o olhar irritou a gentilidade; e as montanhas do século, os conquistadores, os imperadores pagãos, as colônias da idolatria, *foram aniquiladas*. *As colinas do mundo devem se inclinar quando o Eterno*, feito Homem, se puser *em marcha* para começar suas conquistas: *Todo vale será aplainado e todas as montanha e todas as colinas serão niveladas; os caminhos tortuosos serão endireitados, e os escabrosos, unidos; e toda a humanidade verá a salvação de Deus* (Luc., 3, 5, 6).

Diante dos passos de sua eternidade tudo cede: Deus é paciente porque é eterno; permite que o combata e que se faça guerra à sua Igreja, mas o Eterno fez sua Igreja indefectível à imagem de sua eternidade, e seus inimigos, como também os inimigos de seu corpo místico, estão submissos à tempestade que arrasta e perturba tudo o que é apenas humano. Por isso *as colinas do mundo são forçadas a se abaixar diante dos passos de sua eternidade* participada à Igreja.

1006. – *Eu vi as tendas dos egípcios e os pavilhões dos madianitas* que estavam voltados contra vosso povo *para a defesa da iniquidade* e da idolatria, quebrados e destruídos por vosso poder irresistível. O paganismo não pode se manter de pé diante de vós.

Contudo, *para o vencer, vós vos colocais em cólera*, *Senhor*, como outrora, *contra os rios*? *É sobre as ondas que vós exerceis vosso furor*, como quando vos flagelais com pragas o próprio Nilo e que vós

interrompeis o curso do Jordão? *Ou vós voltareis vossa indignação contra o mar* para engolir seus inimigos como fez o Mar Vermelho?

Ó, não! Mas vós *subireis sobre vossos cavalos, e vossa quádriga espalhará a salvação*. Vossos Apóstolos, vossos Evangelistas, vossa Igreja, animados de vossa doçura, atravessarão os séculos imitando-vos, quer dizer, *não perdendo as almas* ou trazendo os castigos do céu, mas *salvando-as* (Luc., 9, 54-56), *não julgando o mundo* antes do tempo, *mas fazendo o possível para salvar o mundo* (Jo., 3, 17).

É assim que vós *nos governais com uma grande reserva*, sobretudo sob a lei da graça, *para poderdes estar sempre livre para usar de vosso poder quando for de vosso agrado* (Sab., 12, 18).

Muitas pessoas, helás!, vêm uma espécie de fraqueza nesta reserva de vosso reino sobrenatural, que é a Igreja. Elas não estão atentas o suficiente para perceberem a verdade; não entendem a consideração que vós usais com respeito à liberdade humana. A doçura, a paciência, a amabilidade de vosso governo, que devem os ganhar mais do que a força, inspiram-lhes audácia e desprezo.

Mas elas devem ter horror de suas disposições a respeito do sobrenatural, porque a doçura com a qual se apresenta a elas é de tal natureza que arrasta os homens de boa vontade e desconserta e pune os soberbos (Mat., 13, 13-15; Marc., 4, 11, 12; Isai., 6, 9,10; 8, 14, 15).

Atenção! Atenção! *O temor de Deus é o começo da sabedoria* (Prov., 1, 7). Aqueles que não o têm estão no caminho da loucura e da perdição. Os simples creram em Deus, conheceram, amaram e serviram a Nosso Senhor Jesus Cristo. Os soberbos *caíram sob essa pedra e foram esmagados; esta pedra caiu sobre eles e os esmagou* (Mat., 21, 44).

O reino de Cristo e de sua Igreja é o reino do Cordeiro. Os lobos são singularmente tentados em lhe meter seus dentes e suas unhas; mas, por fim, não haverá nada tão poderoso e tão terrível como o Cordeiro. Sua cólera será tanto mais irredutível quanto sua mansidão, sua reserva e sua paciência foram mais admiráveis, mais perseverantes e mais ultrajadas.

Então também os orgulhosos dirão às montanhas: *Tombai sobre nós, e escondei-nos diante da face daquele que está assentado sobre o trono, e da cólera do Cordeiro* (Apoc., 6,16)

1007. – Eis o que nos diz ainda O Profeta Habacuc: *Vós resolutamente pegareis seu arco, ó Senhor, de acordo com os juramentos que fizestes às tribo*s de vossos eleitos. Então vós julgareis os homens, e todas as nossas criaturas vos servirão para amedrontar e punir vossos

inimigos, como para lembrar e fazer triunfar vossos fiéis seguidores. *Vós dividireis os rios da terra*, para que irriguem os campos. *À sua vista as montanhas tremerão; as ondas inflamadas retrocederão; os abismos levantarão suas vozes; o mar profundo estenderá os braços. O sol e a lua permanecerão imóveis em sua tenda*, como que tomados de espanto, esperando receber suas ordens; *marcharão à luz das vossas flechas, ao clarão da vossa lança flamejante*, tornando-se zelosos ministros da vossa justiça contra os culpáveis. *Será fazendo tremer que vós pisareis a terra; no vosso furor ferirás com espanto as nações.*

Entretanto, *é para salvar vosso povo que vós saístes* do repouso, e vós vos acercastes de um tão espantoso aparato de guerra; *é para salvar o vosso povo por meio de vosso Cristo, a quem vós haveis dado o poder de julgar* (Jo, 5, 27). *Vós haveis golpeado o chefe da família ímpia*, o chefe invisível que é o demônio, o chefe visível que é o anticristo; *vós haveis arruinado de cima a baixo a casa dele*. *Vós amaldiçoastes seu cetro* infernal e *o chefe* humano *de seus guerreiros*, que vêm como uma tempestade para *me reduzir a pó* com vossos eleitos. *Vossa alegria era semelhante a de um homem que devora o pobre em segredo*. Mas seu desejo foi em vão. *Vós haveis aberto um caminho a vossos cavalos através do mar, através da lama das grandes águas*.

Os condutores dos carros dos leitos encontraram, por milagre, um meio de subtrair às perseguições de seus inimigos e de os fazer atravessar felizmente este novo Mar Vermelho.

Ouvi da vossa boca, ó Senhor, o anúncio de todas estas coisas, *e minhas entranhas foram movidas; à vossa voz meus lábios tremeram. Que a podridão entre em meus ossos e se espalhe em mim* como em um outro Jó, *a fim de que*, graças a estes sofrimentos pacientemente suportados, *eu descanse um dia da tribulação suprema*, e que *eu vá me unir ao vosso povo de combatentes* e triunfadores. Mas nada me tenta na terra, pois ela sofrerá grandes males. *A figueira não florescerá, e as videiras nada produzirão. A oliveira frustrará a expectativa que se terá de seu fruto; os campos não produzirão nenhum grão. As ovelhas não terão filhos, e os estábulos ficarão sem rebanhos. Entretanto, quanto a mim, malgrado esses males que vejo avançar sobre a terra, alegrar-me-ei no Senhor e exultarei em Deus meu Jesus, porque quando estas coisas começarem a se cumprir, os amigos de Deus saberão que a sua redenção está próxima* (Lc, 21, 28).

O Senhor Deus é minha força, e a força de todos os eleitos; *farás meus pés como os do veado*, para favorecer minha fuga das ruínas do

presente. *E seu vencedor me levará alegre, cantando hinos de louvor, aos meus lugares altos* (Habac., 3).

É Nosso Senhor Jesus Cristo que vencerá nos santos. Ele os conduzirá ao Céu dos céus, às encantadoras *moradas* da Jerusalém Celeste, onde entoarão eterna aleluia (Tob., 13, 22).

1008. – Também tudo está submisso a Nosso Senhor Jesus Cristo até o fim dos séculos: *Christus vivit, Christus regnat, Christus imperat*. Nada vive sem a influência de seu Céu.

A luta do mal contra o bem é permitida por Ele. Ele pegou sua parte de gigante. Continua a combater com sua Igreja. Com um olhar aniquilaria a todos seus inimigos se quisesse destruir em vez de salvar. Aquilo que pode parecer fraqueza é unicamente amor, reserva e paciência.

Feliz quem compreende este carácter de Nosso Senhor Jesus Cristo e de seu império sobrenatural!

O Salvador trata os homens como seres inteligentes e livres. Com suficientes luzes para os que querem ver; suficientes recursos para os que querem fazer o bem ou ascender cada vez mais à perfeição.

E, de outro lado, suficientes obscuridades e mistérios para aturdir os orgulhosos inimigos de Deus.

Suficiente abandono para aqueles que caem na fossa que cavam para a religião de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os maus *têm sua hora*, porque como esta hora é também para os justos, eles devem merecer e elevar energicamente seus corações aos bens eternos.

E assim é Nosso Senhor Jesus Cristo que dirige as pessoas e coisas como elas são dirigidas.

É através deste crepúsculo de prova que os bons e os maus, como também o universo móvel, caminham para o Juízo Final, porque tudo que se move para seu fim, pertencendo ao cortejo de Nosso Senhor Jesus Cristo, deve participar da condição de Cristo sofredor e moribundo.

Nosso Senhor Jesus Cristo tem um olhar atento sobre tudo o que caminha. Do seio de sua Igreja, onde multiplica indefinidamente sua presença, inclusive corporal, e, *do alto do Céu*, na sua glória, Ele *inspeciona sem cessar todas as coisas: ab alto Christus universorum inspector* (Santo Efrem, *orat. de 40 Mart.*, t. 3). E, como, *todo poderoso, a Ele foi dado o céu e a terra* (Mat., 28, 18), suas influências têm o mesmo alcance de seus cuidados. Elas formam o céu, em parte visível e em parte invisível, onde tudo existe e se move por Nosso Se-

nhor Jesus Cristo, até que por fim apareça Ele próprio em todo seu esplendor *para ser glorificado nos seus santos* (2ª.Telas., 1, 10).

Então os maus serão condenados, o inferno será fechado, o universo renovado, a Jerusalém Celeste material completada, e todos os membros do Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo, sóis vivos do Paraíso Celeste, reinarão com seu Chefe sobre o conjunto das obras de Deus.

Sétimo Ponto: Resumo e confirmação das principais ideias emitidas nesta obra

I – Visão geral do conjunto dos céus

1009. – O Céu é o maior e o mais elevado, aquele que forma a essência do Paraíso; é o próprio Deus; o infinito em perfeição, o imenso em grandeza[1505].

É Céu porque contém, penetra, suporta, move e mantém todas as coisas. Sua substancia é infinita em grandeza, e ao mesmo tempo infinitamente simples e indivisível.

Entretanto, como cada Pessoa divina é imensa e como as Pessoas são realmente distintas entre elas na imensidade de Deus, segue-se que o Céu infinito é a uma só vez uno e trino, no sentido explicado anteriormente (nn. 780 e seg.). Ora, o Céu ultrapassa infinitamente todos os outros céus que são necessariamente finitos. *Os céus dos céus não podem conter Deus* (3 Reg., 8, 27). *O Altíssimo não habita nos templos feitos pela mão dos homens*, como nas mansões que seriam proporcionadas à sua grandeza, *segundo o que diz o Profeta*: *O Céu é meu trono, e a terra o escabelo de meus pés*.

Todo céu criado está abaixo de Deus com um trono está abaixo daquele que nele se assenta. *Que mansão vós construireis para mim*, diz o Senhor, *ou qual é o lugar do meu repouso? Não foi minha mão que fez todas estas coisas*? (At., 7, 48, 50). *O Deus que fez o mundo, e tudo o que está no mundo, este Deus, sendo o Senhor do céu e da terra, não habita nos templos feitos pela mão dos homens* (Ibid., 17, 24; Is., 66, 1, 2).

Deus está particularmente presente por suas graças. Mas está também presente em todo o universo que é como o templo que ele construiu *com sua própria mão*. Além disto, ele é ainda o Altíssimo que ultrapassa infinitamente sua obra em todos os sentidos e *que pesa*

[1505] "Nós contemplaremos a glória do Criador, diz São Gregório, Papa, veremos Deus face-a-face, veremos *a luz incircunscrita*" *(Hom., 37 in Evang.)*. Esta luz incircunscrita não é o esplendor do Céu infinito?

os céus na palma de sua mão (Is., 40, 12). Nada pode circunscrevê-lo e limitá-lo, exceto sua imensidade, e esta é a grandeza absolutamente simples e infinita.

1010. – O Céu está reservado unicamente ao Deus Uno e Trino: *Coelum coeli, Domino* (Sal., 113, 16). É particularmente *este céu que é a morada firme e inabalável de Deus* (2 Paralip., 6, 33). É sobretudo em honra deste céu que nós cantamos: *Hosana ao mais alto dos céus* (Mat., 21, 9; Marc., 9, 10); *Gloria a Deus nos Céus* (Luc., 2, 14; 19, 38).

Mas há vários céus que participam, mais ou menos abundantemente, da grandeza do Céu infinito. E que, por conseguinte, são mais ou menos vastos e mais ou menos perfeitos.

Nosso Senhor Jesus Cristo, enquanto homem, *elevou-se acima de todos os céus finitos*, e tem *sob seus pés* todas as coisas criadas.

Como tudo vive ou existe por suas influências e nas suas influências, é necessário dizer que estas formam o maior e mais belo dos céus depois do céu infinito. *Nós temos um pontífice tal*, diz São Paulo, *que está sentado à direita do trono da grandeza nos céus, ministro das coisas santas e verdadeiro tabernáculo erguido para Deus e não para o homem* (Hebr., 8, 1, 2).

Esse pontífice é o ministro *das coisas santas*, porque "Ele administra os sacramentos da graça nos tempos presentes, *e os da glória no futuro*... Este ministro do verdadeiro Tabernáculo, que é a Igreja Militante..., e a Igreja Triunfante... *É enquanto Homem que Nosso Senhor Jesus Cristo é assim ministro*, porque **todos os bens da glória** são dispensados por Ele.

... *Está assentado à direita do trono da grandeza*..., porque a humanidade que Ele tomou está associada com a divindade e se assenta com ela para julgar: *Vossa magnificência está elevada acima dos céus* (Sal., 8, 2)"[1506].

Ele assenta à direita da majestade nas alturas, quer dizer, acima de toda criatura"[1507].

Nós temos um grande pontífice, Nosso Senhor Jesus Cristo, que atravessou os céus (Hebr., 4, 14) inferiores e que, lá do alto, desempenha o ofício de pontífice dos bens celestes[1508], "no tabernáculo da

[1506] S. Tomás, *Comen. in Epist. ad Hebr*., 8, 1, 2.
[1507] Id., ibid., in cap. 1, 3.
[1508] Id., ibid., in cap. 9, 11.

celeste glória", onde está reunido, sem nenhuma mistura de mal, "a imensa multidão dos bens"[1509].

Este tabernáculo *não é esta criação, e não foi formado pela mão do homem*, porque é Deus que o criou criando *o céu e a terra, no princípio*, antes de desembaraçar o caos do qual nosso universo móvel emergiu; e Deus o glorificou glorificando os anjos (n. 420), antes que o homem fosse criado.

"Por este Tabernáculo pode-se também entender o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo", ou melhor, sua humanidade, "porque *nele toda plenitude da divindade habita corporalmente* (Colos., 2, 9)"[1510].

1011. – Estes dois céus não se excluem um ao outro, mas os dois são verdadeiros em graus diferentes de perfeição.

Nosso grande pontífice, Nosso Senhor Jesus Cristo, é o ministro por excelência *das coisas santas e do verdadeiro tabernáculo elevado por Deus e não pelo homem*. Ele preside o sobrenatural participado, do qual é o supremo em foco, enquanto Homem-Deus. Sua humanidade hipostaticamente unida ao Verbo é o mais perfeito dos tabernáculos levantados por Deus, porque em nenhum lugar Deus está tão presente e tão amplo na comunicação dos bens como na Humanidade assumida e elevada pelo Verbo.

Após este Tabernáculo, modelo de todos os outros, vêm, por ordem de perfeição, a Mãe de Deus, a qual é também um tabernáculo *levantado por Deus e não pelos homens*, porque Ela deve à graça sua excelência incomparável: *Ela é um tabernáculo santo, mais vasto que os céus, recebendo o Verbo de Deus que nenhuma criatura pode conter*[1511].

Em seguida a Igreja Militante e a Igreja Triunfante são os tabernáculos de Deus, modelados nos dois tabernáculos de que acabamos de falar. Deus fez abundar a graça ou a glória como reflexos da graça e da glória supremas compartilhadas em Cristo Nosso Senhor e em sua augusta Mãe.

É porque todos os tabernáculos de Deus têm por primeiro-ministro Nosso Senhor Jesus Cristo, que *preside a todos as coisas santas* que seu céu é sobrenaturalmente participado, onde os anjos no estado de prova obtiveram a graça, do qual os anjos fiéis e o Céu Empíreo extraíram a glória, que Ele se manifestou aos humanos como justiça original, como lei da natureza reforçada por graças e dons so-

[1509] Id., ibid.
[1510] Id., ibid.
[1511] São João Damasceno, *in Octoec. Gracc.*

brenaturais, como lei divinamente escrita e antiga aliança, como lei cristã e plenitude dos tempos, que será seguido pelo reino universal da glória.

Como são poderosas e universais as influências deste céu! Também como todo ser criado gira, de alguma maneira, para o sobrenatural e tem a tendência de o servir, todas as criaturas e todos os tempos dependem do céu de Nosso Senhor Jesus Cristo, o maior e o mais elevado dos céus, depois do Céu infinito.

1012. – O Céu de Maria Santíssima é como o arco-íris que brilha no céu de Nosso Senhor Jesus Cristo (nn. 890, 891), e que envolve no seu raio os céus de São José, dos Serafins, dos Apóstolos e dos outros eleitos (nn. 892, 893).

Os filhos de Deus glorificados têm por morada ordinária a face exterior do universo material (nn. 895, 901 e outros), porque eles devem estar, como nos diz Santo Tomás (nn. 871, 872), *acima de todos os céus materiais com Nosso Senhor Jesus Cristo*. É lá que *estão fixadas suas moradas* e que são medidas as doses de seu poder sobre as regiões e sobre os seres inferiores, aos quais eles têm uma plena liberdade de ir onde desejarem.

Os filhos de Deus serão como *fogos celestes* e como *estrelas vivas* elevadas acima de todos céus materiais (Dan., 12, 3).

Também *o louvor do Senhor está acima do céu e da terra* (Sal., 148, 14), porque é proferido por seres inteligentes que estão acima deste céu e da nossa terra.

Daniel nos dá, no início, uma ideia geral dos céus, mencionando *o tempo santo da glória de Deus*, ou o Céu infinito.

Depois *o trono de seu reino*, ou céu de Nosso Senhor Jesus Cristo (n. 241), que está *acima dos querubins*, e que é também o céu de todo o corpo místico de Jesus Cristo.

Depois *o firmamento do céu*, ou *a extensão* (rakia, hebr.) material, formada para o espaço dos corpos celestes, o que é como o tapete *solidíssimo (firmamentum)* dos céus materiais.

Em seguida, chegando aos detalhes das obras do Senhor, o Profeta menciona antes de todas os anjos: *Anjos do Senhor, bendizei o Senhor; depois céus e as águas que estão acima dos céus* (Daniel, 3, 53-60). Ou seja, acreditamos, o elemento fluido ou gasoso, o éter, que envolve e penetra toda a matéria do universo[1512].

[1512] Veresimile est coelum empyreum non esse solidum instar ferri, ... sed habere suum aerem vel aetherem, omni rerum specie ornatissimum, per quem Beati omnia sentiunt, respirant et moventur. (Cornélio a Lápide, *in Gen.*, 1, 6-8).

Ora, os anjos formam um único céu com os homens glorificados. Uns e outros são os membros de Nosso Senhor Jesus Cristo, e assentam com Ele acima de todos os céus materiais. E é mesmo acima destes céus, diz Santo Agostinho, que os anjos foram criados: *Creavit Angelos ultra coelos*[1513].

1013. – O Salmista tem, mais ou menos, a mesma linguagem.

Louvai o Senhor do alto dos céus, diz ele;
Louvai-o nos lugares mais elevados.
Louvai-o, vós todos, seus anjos,
Louvai-o, vós todos, seus exércitos,
Louvai-o, todas, brilhantes estrelas!
Louvai-o, céus dos céus,
E que todas as águas que estão acima dos céus
Louvem o nome do Senhor (Sal. 148, 1-5).

Sobre o que o Cardeal Belarmino fez, entre outras, as seguintes observações: "Inicialmente o salmista dirige seu convite aos anjos, que residem no alto do Céu como na própria corte do Rei eterno... Vós, anjos, que sois os primeiros na ordem das coisas criadas, continuais, como tendes feito, a louvar o Senhor.

Estas palavras, de coelis (do alto dos céus), significa o lugar onde moram os anjos, de maneira que o sentido é: *De vossa habitação celeste*, louvai o Senhor...

Dos anjos que, dotados de razão e de inteligência, louvem a Deus propriamente falando, o Salmista *desce* aos corpos celestes, que louvam a Deus... por sua grandeza, sua velocidade, suas influências, seu esplendor, sua admirável beleza...

Após ter enumerado o sol, a lua e as estrelas, que estão contidas no Céu, o autor inspirado passa ao próprio Céu, que ele chama de *céu dos céus*, quer dizer, céus superiores, aos quais estão sujeitos os céus inferiores....

A estes céus superiores o salmista acrescenta as águas que estão acima dos céus, a fim de não omitir nenhuma parte do mundo superior....

Tem-se como certo que estas águas são materiais ...., em seguida que elas estão acima da abóboda etérea...., e não somente acima de nossa atmosfera, porque o Profeta as coloca acima dos céus dos céus.... E no Salmo 103 o Profeta, falando do próprio Céu, diz: *Vós estendeis o céu como uma tenda; cobris as suas alturas com as águas*.

[1513] Serm., II, *De tentat. lAbrahae.*, c. 6, n. 7.

Moisés diz também claramente no primeiro Capítulo do Gênesis que há águas acima do firmamento, no qual, mais ou menos, ele nos mostra estrelas.... É assim, ademais, que pensavam os antigos Padres"[1514].

"Com uma arte admirável, diz ainda o mesmo autor, Deus colocou águas acima do céu, como se diria águas no fogo, mas nem as águas apagam o fogo, nem o fogo consome as águas"[1515].

Admirando a arte infinita do Criador, observemos com Santo Tomás, que o *Céu Empíreo* não é nomeado assim então porque ele estaria *no fogo*, mas porque é esplendidamente iluminado.

Além disto cremos que as águas das quais fala aqui o Salmista não são da mesma natureza que nossas águas, mas um elemento fluido ou gasoso, como aquele falado no sexto versículo do Gênesis: *Que o firmamento seja feito* ***no meio dos céus***.

Cornélio a Lápide admite que estas águas são especificamente diferentes de nossa água comum.

Quanto a nós, seguimos a opinião de São Boaventura e de outros intérpretes, tomando *essas águas superiores* pelo *céu cristalino*, ou melhor, pelo éter[1516].

1014. – Então, conciliando essas noções com as que encontramos em São Paulo e em Santo Tomás, dizemos que Nosso Senhor Jesus Cristo e seus membros eleitos estão *acima de* ***todos os céus*** *materiais,* seja qual for o último, e formam assim, por seu brilho e suas influências, um céu que domina e envolve todos os céus inferiores[1517].

Em seguida pensamos que o *éter*, espécie de atmosfera onde flutua a matéria, constitui o céu material mais vasto e mais elevado. Ele é, parece-nos, glorificado na sua parte superior, e é de lá que partem as moções físicas que comunicam o movimento ao universo móvel.

Depois, *abaixo destas águas* que cobrem o Céu do céus, e, por conseguinte, *nestas águas*, se encontram os *céus dos céus*, quer dizer, estes céus que são glorificados pelos gloriosos reflexos que projetam sobre eles seus felizes habitantes.

[1514] São Roberto Belarmino, *Explanat. in Psalmos, psal*. 148.

[1515] *In Salm*., 13, 3.

[1516] Vide Cornélio a Lápide sobre este versículo do Gênesis. Entretanto, não admitimos que o céu cristalino seja sólido, mas gasoso e extremamente móvel.

[1517] No ofício da Virgem, dos Apóstolos, et., a Igreja nos faz recitar o salmo 18. Caeli enarrant gloriam Dei. Ora, vários Padres, especialmente São Gregório, Papa, (Homil. 30 in Ev..), vêm nestes céus Maria Santíssima e os Apóstolos. Como o ensinamento da Igreja é sublime! Os céus vivos, formados pela presença, pelo esplendor e pelas influências dos mais nobres membros glorificados de Nosso Senhor Jesus Cristo, são os modelos e os conteúdos dos céus materiais cuja vista nos encanta. As opiniões dos Santos Padres foram no sentido das realidades superiores para aquelas que podem ser percebidas pelos sentidos, mas sem prejudicar estes últimas.

É destes céus, parece-nos, de que fala Jó quando diz que *são **tão sólidos** como **se fossem de bronze*** (37, 18).

Louvai-o, céus dos céus...
Que louvem o nome do Senhor,
Porque Ele quis e foram criados.
Ele os estabeleceu para sempre,
***Por todos os séculos dos séculos**:*
Deu-lhes uma lei que será observada (Salmo 148, 4-6).

Estes céus foram ***criados*** quando, *no início*, *Deus criou o céu e a terra*, enquanto que os céus inferiores foram **tirados do caos** e simplesmente **formados**: *fiat firmamentum*.

Estabeleceu aqueles para sempre no seu estado atual. E isto, no momento em que Ele os glorifica, tornando-os participantes da glória dos santos anjos.

É este *reino que foi preparado para nós depois da fundação do mundo* (Mat., 25, 34), quando o universo móvel começou a se organizar para a formação da luz.

No seu estado natural este reino foi preparado quando foi criado ao mesmo tempo com os anjos viadores. Mas, a completa preparação, de que parece falar o Evangelho, se efetuou pela glorificação do Céu Empíreo. É, então, depois que o **Paraíso Celeste** existiu, e *existirá pelos séculos dos séculos*, porque a glorificação é uma lei de fixidez na glória[1518].

1015. – Então, quando Nosso Senhor Jesus Cristo nos diz: *O céu e a terra passarão, mas minhas palavras não passarão* (Mat., 24, 35), Ele fala do céu de nossa terra, do céu ou dos céus que saíram do caos ao mesmo tempo que *o árido*. São *as estrelas do céu que cairão, e as virtudes do céu que serão abaladas* (Ibid. 29).

Diversas passagens de Isaías (13, 13), de Ezequiel (32, 7,8), de Joel (2, 10; 3, 15), têm, parece-nos, a mesma significação.

É destes céus ainda que São Pedro diz: *Quanto aos céus que existem agora, e à terra que deles é uma parte, ...estão reservados ao fogo no dia do Juízo... Estes céus passarão com um grande estrondo... Os céus abrasados serão dissolvidos* (2a Petr., 7, 10, 12). Sobre o que Martini faz observar que "Santo Agostinho (*A Cidade de Deus*, l. 20,

[1518] Esta fixidez parece ter dado lugar à opinião dos escolásticos de que o Céu Empíreo é imóvel. Na nossa opinião, está *confirmado* no seu estado, como os bem-aventurados na amizade de Deus, o que não é a imobilidade absoluta.

cc. 14, 16, 18, 24) e São Gregório (*Moral.*, 17, 5) não entendem como o céu aéreo, ou melhor, como a atmosfera que envolve a terra"[1519].

Portanto, são dois céus móveis que passarão. Ou melhor, se transformarão, para dar lugar a *novos céus e a uma nova terra* (2ª Petr., 3, 13). E é a estes céus que nós pertencemos presentemente.

Mas, há também céus materiais mais elevados e mais vastos que *Deus estabeleceu para sempre* e que são inundados de glória. Eles compõem o Empíreo ou o Paraíso. Têm por atmosfera o éter, ou *as águas* que estão *sobre o céu dos céus*, atmosfera iluminada pelos sois vivos do Céu Empíreo (nn. 895 e seg.). Estes, com Maria Santíssima e com Nosso Senhor Jesus Cristo considerado como Homem, formam o céu criado, inteligente, animado, para o qual foi criado o universo material. E que está colocado, parece-nos, como um arco-íris esférico, no céu infinito da imensidade de Deus e das pessoas divinas, bem como o Céu Empíreo material que o envolve e está disposto, como dissemos (nn. 153 e seg.), em forma de cubo perfeito[1520].

Ó! como é a minha alegria, visto que, como espero, ó meu Deus,
Verei vossos céus, a obra de vossas mãos! (Sal., 8, 4).

II. – Todo o universo é um templo de Deus. – Em todos os lugares dele Deus tem adoradores. – Nós formamos uma sociedade com todo o universo porque todo ele é cristão.

1016. – Esta concepção dos céus e do conjunto do universo, a predominância do Céu Empíreo sobre os céus inferiores, o posto de honra ocupado pelos céus finitos inteligentes, prova-se, parece-nos, teologicamente, por muitas outras razões que vamos expor em poucas palavras.

1º – O universo inteiro nos é apresentado na Sagrada Escritura e por seus intérpretes como um templo de Deus, ou como a mansão de Deus. Portanto, é necessário que este recinto esteja consagrado a Ele de alguma forma; é necessário que este templo tenha as suas pedras, e que esteja repleto de fiéis.

[1519] *Comment. in hunc. loc. Petri*. Retornaremos a esta ideia, posteriormente.

[1520] *Coelum [empyreum] neque movetur, neque rotundum est, sed fixum, fixeque in sua quadratura consistens, inquit Chryssostomus*. (Cornélio a Lápide, Comment. in Epist. ad Hebr., cap. 8, 2. A ideia que acabamos de exprimir nos parece mais própria a conciliar as duas opiniões que dividem os autores sobre a configuração exterior do Céu Empíreo. O Céu Empíreo material é um cubo perfeito como nos diz São João. Mas o Céu Empíreo inteligente parece disposto em forma de céu esférico. O éter pode estar começando a tomar essa disposição.

O universo está especialmente consagrado para o Céu Empíreo que o envolve de luz, de glória e de influências tão santas quanto poderosas.

As *pedras* e os *fiéis* que rezam e louvam a Deus neste templo são Nosso Senhor Jesus Cristo e seus membros místicos, particularmente aqueles que estão na glória.

Ó Israel, escreveu Baruc, *como a mansão de Deus é grande, e quanto é extenso o lugar de seu domínio! Ele é vasto e não tem limites; é elevado, imenso. Lá há estes gigantes célebres, que existiam desde o início*... (3, 24-26).

"A mansão de Deus de que se fala aqui é todo o universo criado por Deus, governado por Deus e, por conseguinte, domínio de Deus; domínio tão vasto que o homem não pode ver os limites... O Profeta mostra o caminho para alcançar a Sabedoria, que consiste em subir o mundo, que é a mansão e templo de Deus, até o próprio Deus"[1521].

Após ter subido seus degraus até os confins do universo, e constatado que *ele é elevado, que é imenso,* vê-se os lugares ocupados *desde o princípio por estes gigantes célebres*, pelos anjos rebeldes, que, durante a prova angélica, desempenharam no Céu Empíreo o triste papel que desempenharão mais tarde os gigantes humanos na futura terra prometida. Houveram aí também os Corés, os Datans e os Abirons destes primeiros tempos: *O senhor não os escolheu; eles não encontraram o caminho da Sabedoria; e por causa disto pereceram* (Ibid., 27).

Mas os anjos fiéis, reunidos pela fé em torno de Nosso Senhor Jesus Cristo, serão desde então os dignos ministros de Deus no grande templo do universo.

1017. – *O Senhor está no templo de sua santidade*, disse o salmista,

O Senhor, está nos céus que são seu trono (Sal. 10, 5).

"O autor inspirado designa de santo templo de Deus o céu superior, diz São Roberto Belarmino; um templo não feito pela mão do homem. O segundo versículo é mais claro ainda e tem a mesma significação: *O Senhor está no céu, que é seu trono*. Quer dizer que o Senhor tem sua sede ou seu trono no céu"[1522].

[1521] Martini, sobre o texto citado.
[1522] Coment. in hunc. loc.

Que o Senhor Deus, disse também Miquéias, *do alto de seu santo templo, seja testemunho contra vós. Pois eis que o Senhor sairá da sua habitação, e descerá, e pisará as grandezas da terra*. (1, 2 e 3). "Deus reside no céu como em seu templo, e de lá contempla a terra e todos as obras dos homens"[1523].

O senhor está no seu templo santo, disse Habacuc; *que toda a terra permaneça em silêncio diante dele* (2, 20). "Depois da criação do mundo Deus habita gloriosamente no céu, que é seu trono e seu templo"[1524].

São Jerônimo comenta também estas palavras do Profeta: "O universo inteiro, que consta do céu e da terra, e que está limitado pelos círculos nos céus, nos é mostrado aqui como sendo a mansão de Deus. É porque o Apóstolo também diz com segurança: *É nele que nós vivemos, que nos movemos e que estamos*"[1525].

1018. – Tiremos daí as conclusões que se aproximam diretamente de nossa questão.

O verdadeiro templo material de Deus, aquele que foi construído com suas próprias mãos, é todo o universo não inteligente, como nos ensinaram também claramente os Atos dos Apóstolos (n. 1009).

Mas o Templo do Senhor é especialmente o Céu Empíreo, porque é lá que sua glória brilhará plenamente e que seus louvores são cantados da maneira mais harmoniosa e mais santa.

Se todo o universo é um Templo de Deus, não nos espantemos com a grandeza que nós nos atribuímos no Paraíso, ou seja, no Céu Empíreo, pois ao Paraíso deve-se acrescentar ainda todos os mundos que serão renovados depois da ressurreição geral, a fim de que todo o *Templo que Deus construiu com suas próprias mãos* alcance o auge de sua beleza e da perfeição de sua consagração gloriosa.

1019. – 2º – Uma vez que universo é um templo de Deus, há em todo ele adoradores do Deus supremo, cantores de seus divinos atributos e de executores de suas santas vontades.

"Neste mundo, diz Santo Agostinho, cada coisa visível tem um poder angélico que a governa, como a divina Escritura o testemunha em diversos lugares"[1526].

"Aos anjos gloriosos, diz o mesmo Padre, que humildemente desfrutam de Deus, e que servem Deus alegremente, está submetida toda

---

[1523] Cornélio a Lápide, in h. loc.
[1524] Cornélio a Lápide, in h. loc.
[1525] In h. loc. Habacuc.
[1526] De div. quaest. 83, q. 79, n. 1.

natureza material, toda vida irracional, toda vontade defeituosa ou malvada. Vendo em Deus a verdade imutável, os anjos gloriosos dirigem suas vontades de acordo com essa verdade. Eles participam sempre na eternidade, na verdade e na vontade de Deus, independentemente do tempo e do lugar"[1527].

"O conjunto das coisas materiais não é ajudado extrinsecamente por seus corpos, pois não há corpo fora deste conjunto. Do contrário este não estaria na universalidade dos corpos". Deus, o puro espírito infinito, sozinho, circunda o universo material.

O universo material está envolvido pelos corpos gloriosos dos bem-aventurados, que formam a região superior do Céu Empíreo material, onde está também a morada habitual dos santos anjos.

"As partes do universo material são ajudadas extrinsecamente, de diversas maneiras, pelos corpos a fim de que elas se aperfeiçoem".

Segundo este princípio é necessário dizer:

a) que os corpos dos bem-aventurados aperfeiçoam o Céu Empíreo material;

b) que este aperfeiçoa o universo móvel, movendo-o, conservando-o, encaminhando-o para seu fim (nn. 334 e seg.);

c) que o universo móvel aperfeiçoa de alguma maneira o Céu Empíreo, servindo-se de sujeito às influências desse nobre céu, e sobretudo completando-o finalmente por sua glorificação;

d) que o próprio inferno aperfeiçoa, de alguma sorte, os céus, ao recolher em seu seio, como esgoto de todo o universo, tudo o que é ignóbil e lamacento no conjunto das coisas[1528].

Assim o universo material forma uma imensa unidade, um só todo, em que as diversas partes trabalham para o aperfeiçoamento do conjunto e se completam em seu gênero sob a ação das outras partes e do todo.

Mas os anjos bem-aventurados são ajudados e aperfeiçoados *extrinsecamente* pelas coisas?

"Se o são isto só pode se dar, ao que parece, enquanto se veem, enquanto desfrutam de sua constante sociedade em Deus, enquanto veem todas as criaturas em si mesmas, agradecem e louvam o Criador **em todos os lugares**.

[15271527] De Gen. ad litt., l. 8, c. 24, n. 45.

[1528] Santo Tomás, suplement., q. 97, a. 1.

Quanto ao que se refere à ação dos anjos, pela qual a providência de Deus cuida dos gêneros de todas as coisas, e sobretudo do gênero humano, esta ação ajuda extrinsecamente os seres, por meio de imagens semelhantes às dos corpos, e pelos próprios corpos que estão sujeitos a um poder angélico"[1529].

Se os anjos são aperfeiçoados pela vida de sua sociedade, eles o são muito mais pela contemplação da humanidade Santa de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Maria Santíssima, sua divina Mãe, de São José, seu Pai nutrício, e de toda a sociedade dos membros eleitos do Verbo encarnado.

Os anjos bem-aventurados *agradecem, louvam em todo lugar*, não somente o Criador, mas ainda o Redentor e a Corredentora, que são tudo o que há de maior, de mais belo e de mais benéfico, depois de Deus, no conjunto dos seres.

Mas, no que diz respeito ao cuidado das criaturas viajantes, os anjos bem-aventurados estendem sua solicitude sobretudo àquilo que é móvel e se encaminha para seu fim.

Então, *em todos os lugares* há esses felizes espíritos gloriosos. Se nós os víssemos em sua claridade, o conjunto da natureza nos pareceria um começo do Paraíso!

Ó! Como a Fé nos mostra o que nossos olhos corporais não podem perceber! Quantos veríamos ao redor de nossos tabernáculos, em nossos templos sagrados, em nossas reuniões sagradas, em nossos lares, em toda a Igreja, nos mares, nos céus!

Ó! É verdade que a criação inteira é um templo divino, de vez que ela está cheia de tais adoradores, uma vez que Deus se mostra a eles em todo lugar, face-a-face, uma vez que eles a enchem de um imenso conserto de louvores em honra daquele *em que tudo vive, se move e existe*!

1020. – 3º – Ainda uma vez, por que encontraremos um Paraíso vastíssimo, segundo a ideia que temos dado, pois consta que o universo inteiro é um paraíso sobre diversos aspectos?

Nós não vimos, ademais, que toda natureza observável está submetida a um *trabalho de nascimento* cujo termo será a glorificação geral, ou a assimilação pelo Céu Empíreo (nn. 322 e seg.)?

Mas, o que é particularmente digno de nota e que convém expor aqui é que nossas mais belas orações englobam a universalidade dos seres, e que se pode denominá-las "cânticos do universo".

[1529] Santo Agostinho, loc. cit., c. 25, nn. 46, 47.

Obras do Senhor, *bendizei vos **todas** o Senhor*;
*Louvai-o, e revelai sua soberana grandeza **em todos os séculos**.*
Anjos do Senhor, bendizei o Senhor...
Céus, bendizei o Senhor...
Águas que estão acima dos céus, bendizei todas o Senhor...
Potestades e Virtudes do Senhor, bendizei todas o Senhor.

"Estão aí, inicialmente, as inteligências, quer dizer, os anjos que movem o céu. Também as Virtudes estão colocadas entre os céus (superiores ou Empíreo) e o sol com as estrelas, porque as Virtudes presidem todas essas coisas. Em seguida, pode-se entender por *estas Virtudes* as influências dos céus (superiores) sobre os inferiores"[1530].

Depois de se dirigir aos anjos, o Profeta *se dirige aos céus* e ao éter glorificados, e em seguida ele chega às Virtudes que movem os céus móveis; depois aos céus móveis, que ele designa de *sol, lua e estrelas*; depois vemos diversos seres que são os mais vizinhos de nossa terra ou estão sobre ela[1531].

Nada foi esquecido porque tudo faz parte do grande Templo de Deus!

1021. – Esses diversos seres são convidados *a bendizer*, todos em conjunto, *o Senhor, a louvá-lo, a revelar sua soberana grandeza em todos os séculos*, não porque, de seu lado, eles esqueceram de o fazer, mas porque seu conserto pode aumentar nossas *bênçãos e nossos louvores*; porque, se pela graça, este concerto se torna mais perceptível por nós, nós aumentaremos nossa adoração e nossas preces; porque o simples desejo que temos de ver Deus celebrado por todos os seres do universo torna maior a harmonia de nossas homenagens mais bela do que toda harmonia do universo físico; porque, numerando os céus materiais, as estrelas, o sol, a lua e as outras coisas, nós nos encaminhamos indiretamente aos santos anjos, nossos irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo, que governam todos estes seres, e os convidamos a fazer brilhar a nossos olhos as diversas perfeições divinas por meio das criaturas das quais eles cuidam; e, enfim, porque sempre nos falta alguma coisa no conserto universal das criaturas até que aquilo que nossos corações e nossa conduta se harmonizem plenamente com a vontade de Deus; e, por causa disso, solicitamos a perseverança das criaturas no louvor a Deus soberano, a fim de que o tempo nos seja concedido a

[1530] Cornélio a Lápide, Comment. in h. loc.
[1531] Daniel, 3, 57 e seg.

nós mesmo para que cheguemos, enfim, a louvar também nosso Criador como lhe é devido.

Todo o universo nos ensina as verdades e a moral católicas; todo universo é católico! Nós bendizemos a Deus com todo o universo, e todo o universo bendiz a Deus conosco.

Em que, então, terminará esta "sociedade religiosa", que agora formamos com todas as criaturas, senão em se completar inteiramente em glória, com exceção daquele que foge desta sociedade e caminha em direção ao medonho abismo?

1022. – Constatamos também que nossa sociedade com todos os seres criados, no Prefácio, este hino sublime que se canta durante a Santa Missa.

O sacerdote dirige a Deus uma prece secreta, que termina assim: *Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho que vive e reina com todos vós na unidade com Espírito Santo*; depois o sacerdote eleva a voz e continua: *durante todos os séculos dos séculos*... E o povo responde: *Amém.*

– que o senhor esteja convosco;

– e com vosso espírito;

– corações ao alto!

– estão dirigidos ao Senhor.

– rendemos graças ao Senhor nosso Deus.

– é digno e justo.

– é verdadeiramente digno e justo, equilibrável e salutar, que nós rendamos graças sempre e em todo lugar, Mãe Santa, Pai Todo Poderoso, Deus eterno, por Jesus Cristo, Nosso Senhor.

É por Ele que os anjos louvam vossa majestade, que as Dominações o adoram, que as Potestades sentem temor diante de vós. Os céus e as Virtudes dos céus, bem como os bem-aventurados Serafins, vos louvem num mesmo transbordamento de alegria. Nós vos suplicamos ordenar que nossas vozes sejam também admitidas no seu conserto, e que cantemos com alegria: Santo, Santo, Santo é o Senhor, Deus dos exércitos. Os céus e a terra estão cheios de vossa glória! Hosana no mais alto dos céus. Bendito aquele que vem em nome do Senhor! Hosana no mais alto dos céus!

O pensamento do sacerdote se eleva para a Santa Trindade que é a fonte de todas as graças, porque a vida divina, comum ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, começa, por assim dizer, pela Santíssima Trindade a se comunicar fora (nn. 797-802). Depois vem o exercício da realeza, por Nosso Senhor Jesus Cristo, conjuntamente com Pai e o

Espírito Santo, *durante todos os séculos dos séculos*. Quer dizer, sobre todas as criaturas e em todos os tempos, porque *todos os séculos* significam todos os seres finitos e todas as suas operações. E o que se diz da grandeza de Nosso Senhor Jesus Cristo, o povo o aprova e o afirma a seu turno, dizendo: *Amém!*

Em seguida o celebrante diz aos fiéis: *Que o Senhor esteja convosco*, por suas influências sobrenaturais, como convém a *Nosso Pai que está nos céus*, com vossos filhos. E os fiéis respondem: *Que seja o mesmo com vosso espírito*.

Todos os pensamentos, estando assim elevados acima das coisas terrestres, o ministro de Deus acrescenta: *Ao alto os corações*; que as afeições sigam os pensamentos; que nosso amor se volte para os grandes e nobres objetos de que falamos.

E o povo responde: *Temos nossos corações voltados para o Senhor*!

Ó, quanto bem inapreciável, responde o ministro sagrado, *que nossos corações se levem para Deus e repousa em Deus*! *Rendamos graças ao Senhor, que é o autor de todo dom perfeito* (Tiag., 1, 17). *É conveniente*, acrescenta o povo, *é uma obrigação de justiça*.

Agora o sacerdote, representando os fiéis, não pensa e não fala mais senão a Deus: *É verdadeiramente digno*, diz ele, *justo, equitativo e salutar, que nós rendamos graças sempre e em todo lugar, Senhor, que sois a própria santidade*, governando todas as coisas com sabedoria e com ordem; *Pai todo poderoso*, de quem provém pela criação todos os seres e que nada haveis feito senão por um amor de pai; *Deus eterno*, em quem flutuam o tempo e os seres, como um peixe se move no Oceano. *Nós vos damos graça por Jesus Cristo, Nosso Senhor*, por tudo que vós haveis realizado e disposto fora de vós, porque vós haveis agido como um pai amoroso, criando os céus e a terra para vossos filhos angélicos e humanos, preparando-lhes assim um reino desde a fundação do mundo, vendo neles os membros místicos de vosso Filho Jesus, que tem por cortejo tudo o que vós haveis tirado do nada.

Nós vos agradecemos de tudo isto por Jesus Cristo, Nosso Senhor, porque, nada nos veio de vós senão por Ele, vós não aceitareis nenhuma homenagem que sem Ele tente se elevar até vós.

Também *é por Ele que os anjos louvam vossa majestade, que as Dominações o adoram, que as Potestades se tomam de tremor na vossa presença.*

Estes anjos da segunda e da terceira hierarquia, *com as Virtudes dos céus*, que são especialmente encarregadas de governar o universo

sob alta direção dos Querubins (nn. 273-276; 446; 453 e seg.), veem especialmente em Nosso Senhor Jesus Cristo as razões das coisas, e fazem caminhar toda natureza segundo as exigências de Cristo e de seu corpo místico (nn. citados). Isto porque *os anjos louvam a majestade de Deus por Cristo, Nosso Senhor,* com todos os seres que eles guardam e conduzem.

As Dominações a adoram por Jesus Cristo com todos os agentes que eles escolhem para execução do plano divino.

As Potestades, cheias de um santo temor a respeito de Cristo, *tremem* ao ver a ordem universal comprometida em relação ao Homem-Deus, e sem cessar estão atentos em prevenir qualquer desvio das criaturas a respeito do plano divino, pois tudo está conformado em Nosso Senhor Jesus Cristo. *Tremendo,* elas comunicam seu santo temor a toda a criação que elas governam.

As Virtudes fortificam e regulam as diversas energias dos seres, a fim de que tudo se mova convenientemente para Nosso Senhor Jesus Cristo (nn. citados).

Por conseguinte, todo o universo é católico! Os tempos, os espaços, as estrelas, os planetas, o éter, tudo está presidido pelos humildes adoradores e pelos fiéis servidores de Cristo, os quais fazem tudo convergir para Cristo, para que tudo celebre convenientemente o Criador.

E os céus, e as Virtudes dos céus, e os bem-aventurados Serafins; e os céus que compõem o Empíreo, e as influências que dirigem o universo móvel, e os céus inteligentes criados, onde os Serafins ocupam um lugar tão sublime, tudo entra no conserto presidido por Nosso Senhor Jesus Cristo e tudo canta a uníssono com o Verbo Encarnado, *num mesmo transporte de alegria*, a sabedoria, a bondade, a santidade, e a grandeza do Altíssimo.

Ó Deus, cuja palavra é toda poderosa, ó Mestre infinito do céu e da terra, que gostaríeis de ser nosso Pai, *ordeneis* que nós entremos também nesta harmonia universal, e que nossas fracas vozes cantem também com todas as vozes celestes: *Santo, Santo, Santo é o Senhor, Deus dos exércitos* angélicos, *Deus dos exércitos* austrais, Deus das multidões espirituais, Deus das multidões materiais e de toda sua ordem. *Os céus e a terra estão cheios de vossa glória*, que brilha em todos os lugares, que em todos os lugares é comemorada. *Hosana ao mais alto dos céus*, quer dizer, em latim, *salva, quaeso, in excelsis, ou de excelsis*: Salvai-nos, do mais alto dos céus, projetando lá do alto tais influências sobre a humanidade de Cristo, sobre Maria Santíssima,

sobre os anjos, sobre os santos, sobre o Céu Empíreo, que eles fluam abundantemente sobre nós e nos salvem.

Mas, a vossa salvação, ó Deus, desceu ela própria dos céus:

O Senhor manifestou sua salvação, aos olhos das Nações
Revelou justiça...
Todas as extremidades da terra viram
A salvação de nosso Deus (Sal., 97, 2, 3).

*Bendito aquele que vem em nome do Senhor! Hosana ao mais alto dos céus! Gloria (outro sentido da palavra Hosana) seja dada àquele que o céu e os céus dos céus não puderam conte*r[1532], e que, no entanto, nos deu como Salvador, seu próprio Filho!

1023. – Ó! sim, é mais e mais manifesto que o universo inteiro é a mansão que o próprio Deus construiu para seu divino Filho Encarnado e para seus filhos adotivos; que esta mansão é cercada de glória; que seus habitantes, já glorificados, a enchem de louvores ao Homem-Deus e ao Altíssimo; que nós formamos uma sociedade com estes felizes habitantes dos céus superiores; que todas as criaturas louvam a Deus pela boca dos bem-aventurados espíritos que as governam, terminarão por participar de sua glória quando todos os Filhos de Deus terão alcançado seu destino; que somente o que não é *céu* e não pode se tornar assim será eternamente excluído do Paraíso; que o fiel servidor de Nosso Senhor Jesus Cristo *será estabelecido* com Ele *sobre todos os bens de Deus* (Mat., 24, 46, 47).

Ó Israel, ó povo santo, *como é grande a mansão de Deus, e como é vasto* ***o lugar*** *de seu domínio* (Baruc, 3,24)! Este lugar é sua mansão e sua mansão é este lugar. *Este lugar é grande e não tem limites para nossos olhos mortais; é elevado, é imenso* (Ibid., 25); *e se Deus nos deu seu próprio Filho, ... como não nos terá dado* ***todas as coisas*** *com Ele*? (Rom., 8,32).

1024. – O *Te Deum* é um antigo hino que a Igreja canta em união com todo o universo: *Nós vos louvamos como Deus, ó Criador, nós vamos reconhecemos como o Senhor* de todos os seres. *A terra inteira adora em vós o Padre Eterno. A vós todos os anjos, a vós os céus, a vós todas as Potestades, a vós os Querubins, a vós os Serafins elevam perpetuamente este cântico: Santo, Santo, Santo é o Senhor, Deus dos exércitos. Os céus e a terra estão cheios da majestade de vossa glória*.

[1532] 3 Reg., 8, 27.

Tudo aí é Paraíso, ou começado ou acabado. Os Apóstolos, os Profetas, os Mártires, a Santa Igreja, vos celebrem em todo lugar como *Pai de imensa majestade* e como Céu infinito, como Filho adorável, como Espírito consolador.

E vós, ó Cristo, vós sois o Rei da Glória, o grande foco de toda glória participada, que inunda o céu angélico e o Céu Empíreo, que se eleva descendo aos céus inferiores, que chega até nós em forma de graça, para nos elevar até aos esplendores celestes, e finalmente para tudo glorificar... *Vós haveis aberto aos fiéis os reinos celestes, ó vós que assentais à direita de Deus, na glória do Pai*.

Ó! de graça, antes de descer como juiz, vinde nos socorrer, vossos servidores, que vós haveis resgatado por vosso sangue precioso. *Fazei que sejamos do número de vossos santos na eterna glória*.

Salvai vosso povo, ó Senhor, e bendizei vossa herança.

Governai vossos filhos por vossa graça, e os elevai até vossa eternidade, até o céu infinito e eterno que penetra todas as coisas e que está acima de todos os céus criados.

O universo inteiro figura nas preces e nos cânticos. Tudo o que é céu é católico. Tudo pertence, portanto, à Igreja, ou triunfante, ou sofredora, ou militante. E como estas são animadas pela glória iniciada, que é a graça, graça que será um dia consumada na glória, nós podemos proporcionalmente ter a mesma linguagem falando do universo móvel.

III – Os católicos amigos de Deus são os futuros reis de todo o universo – Relações especiais dos céus superiores com os céus inferiores e vice-versa

1025. – 1º) *O Pai nosso*, a mais comum e mais sublime das orações, também nos faz visualizar a universalidade dos seres como Reino de Deus e como futuro domínio de seus filhos: *Pai nosso que estais nos céus*... Nosso Pai está aqui, como em todo lugar, mas nós dizemos: *que estais nos céus*, para pensarmos na sua grandeza, na glória beatífica de onde Ele enche os céus superiores, nos bens que Ele nos reserva como sendo *nosso Pai*, e que são *todos os seus bens: super omnia bona sua constituet eum*.

Para explicar esta passagem, Santo Tomás se apropria das seguintes palavras de Orígenes: “O fiel servidor de Deus deve reinar

com Cristo a quem o Pai deu *todas as coisas*"... Nosso Senhor Jesus Cristo "estabelecerá seus fiéis ministros sobre todas as criaturas"[1533].

"Deus fará de seus fiéis ministros, disse Cornélio a Lápide (in. h. loc.) ... Os reis e os senhores do céu, da terra e de todo universo... Os bens de Deus são de duas espécies:

a) os bens exteriores e criados, como o céu, a terra e todas as criaturas que neles estão contidas; e

b) os bens interiores e incriados, como: a imensa majestade de Deus, sua bondade, sua suavidade, sua sabedoria, seu poder, sua honra, sua glória e suas outras perfeições essenciais ou pessoais..., pois, como Deus é o oceano de todas as coisas, é também oceano de todos os bens.

"Ora, é sobre essas duas espécies de bens que Deus estabelecerá seu fiel servidor..., porque Ele o fará dominar, por assim dizer, não somente sobre todas as criaturas, mas também sobre todos os bens imensos e infinitos que Deus contém em si, de maneira que esse servidor fluísse desses bens, com Deus, para que Ele seja beatificado e glorificado eternamente... Deus mesmo, além disto, se dá em possessão e herança segundo estas palavras: *Deus é a porção de minha herança e de meu cálice*" (Sal., 15, 5).

Então se Deus se dá a seus filhos, se Ele lhes deu seu Filho único, seu Espírito Santo, sua Mãe, não é evidente que Ele faça também de todo o universo seu império, e que criou tudo para seus Eleitos?

Assim, como é fácil para nós formarmos uma ideia justa do Paraíso Celeste, considerado como lugar!

Eis aí porque Deus *estendeu os céus como uma tenda que serve de domicílio* (Is., 60, 22). As relações neles são estreitas; as comunicações tão fáceis; os sentidos dos bem-aventurados tão perfeitos; sua agilidade tão grande; o meio, divino e glorioso, tão claro e tão límpido; a luz projetada pelos anjos e pelos santos tão resplandecente; a matéria tão subtil e tão dócil; os espaços tão próximos com relação a seus habitantes, que a imensa demora de cada um deles não é, por assim dizer, senão uma tenda, em que todos os céus são apenas a casa do Pai celeste ou a *Cidade de Deus*.

Ó Paraíso! Ó Mansão! Ó Cidade! Possamos um dia habitar em vós, com *Nosso Pai que está nos céus*, e que nos engrandecerá ao ponto de nos tornar seus *dignos* filhos, participando de sua imensidade, de

[1533] Catena Áurea, in Mateus, 24, 47.

sua grandeza, de seu poder, de sua felicidade, de todas suas perfeições!

1026. – 2º) Mas, devemos consagrar especialmente esse terceiro ponto às relações que unem os céus – sobretudo os céus superiores –, à nossa terra.

Estas relações estão indicadas sumariamente nas palavras citadas: *Pai nosso que estais nos céus*, por onde vemos que estamos em família com estes nobres espíritos, com estes filhos de Deus glorificados, que louvam o Criador em todo o universo, e que todos os céus, propriedades de nosso Pai celeste, fazem parte de nossa herança.

Aquele que reina soberanamente em todo lugar é nosso Pai!

Aqueles que governam todos os mundos de acordo com os desejos de nosso Pai são nossos irmãos!

Todos os seres que eles dirigem, com a glória que nos está prometida, constituem nosso futuro Reino.

Nossas relações com os céus e as relações deles conosco são então muito íntimas e contínuas.

Cada ato de virtude que praticamos aqui na terra é uma conquista realizada nos céus. Somos conquistadores pela graça que nos envia nosso Pai celeste e pelos atentos cuidados que nos prodigalizam nossos celestes irmãos.

Os céus inferiores nos servem fielmente, enquanto que os céus superiores nos ajudam a merecer nossa glória e a glorificação dos céus inferiores.

Ó! Como são grandes os Filhos de Deus, mesmo quando eles passam por sua prova na terra! Tudo no universo trabalha para eles, que, como seu Pai *está nos céus*, e, como um tal Pai, Ele dispõe todas as coisas para a utilidade, para a glória, e para a felicidade de seus filhos.

E seus filhos, vivendo de uma maneira digna de seu Pai, aumentam a glória dos céus superiores e ampliam os limites do Céu Empíreo, ao merecerem, como reflexo de sua ressurreição, a renovação gloriosa do universo móvel (nn. 418 e seg.).

1027. – Por estas palavras: *Pai nosso que estais nos céus*, como dissemos, indicamos para quem rezamos e onde ele habita.

Vejamos agora o que é preciso suplicar.

A primeira coisa que nós suplicamos é esta: *Que vosso nome seja santificado* (Santo Agostinho, *De Serm. Dom. in monte*, l. 2, c. 12).

O Senhor nos ordena suplicar *que Deus seja glorificado por nossa vida*, como se dissesse: "*Fazei-nos viver de tal sorte que todas as*

coisas vos glorifiquem por nós, pois santificar significa glorificar" (Santo Tomás de acordo com São João Crisóstomo, *Catena Áurea*, no cap. Mat., 9). É um pedido tão vasto quanto o concerto de criaturas que glorificam a Deus. E todas as criaturas só podem glorificar a Deus por nós na medida em que estivermos em estreita relação com todas elas.

Que vosso nome seja santificado. O nome significa a coisa nomeada, a coisa conhecida, a coisa manifestada.

Em nosso caso é o próprio Deus considerado como objeto de conhecimento, de louvor e de amor.

Que vosso nome seja santificado, quer dizer: que vós sejais conhecido de maneira a sempre ser, em todo lugar e de todas as maneiras, glorificado como santo; como querendo unicamente o verdadeiro bem; como exigindo a ordem; como amando cada coisa segundo seu grau de amabilidade; como detestando o mal segundo ele é detestável; como não mandando e não aconselhando nada que não seja digno da santidade; como dispondo todas as coisas tendo em vista o bem, principalmente o bem sobrenatural. Ora, isto visa, ao mesmo tempo, todas as disposições divinas e todos os seres criados.

Implorando *que o nome de Deus seja santificado*, rezamos como verdadeiros filhos de Deus, como habitantes do universo, como futuros reis dos céus e da terra, aos quais ordenamos, por assim dizer, desde agora, a santificarem o nome de Deus. Porque *é a Nosso Pai que está nos céus* que dizemos: *Que vosso nome seja santificado*; então queremos que Ele seja celebrado como santo, tanto nos céus, na terra e em todo lugar.

Na realidade, esta oração é uma associação de nossa voz às vozes angélicas que cantam no Céu Empíreo e em todo o universo: *Santo, Santo, Santo é o Senhor, Deus dos exércitos*. É o cântico dos céus que ressoa em nossa boca, e cujas ondas sonoras, aumentadas pelos nossos acentos filiais, sobe aos céus, tanto quanto nossas orações sejam íntimas com a Jerusalém celeste e com tudo que um dia deve completá-la.

128. – *Que venha a nós o vosso reino*. "É este reinado que será estabelecido logo que todos os rebeldes que são ou que serão até então dominados, e todos os eleitos estando libertados, Deus estará, como disse São Paulo, todo *em todas as coisas* (1a. Cor., 15, 28)"[1534]. É ainda o bem da universalidade dos seres que nós temos no coração, bem como a glória de Deus imensa e infinita.

[1534] Martini, in h. loc.

– “Pedimos, geralmente, àquele que olha o governo do mundo inteiro, que o diabo cesse de reinar nele, e, particularmente, que Deus reine em cada um de nós, com a exclusão do pecador” (São Jerônimo, Rom., 6).

– “Pedimos que nosso reino chegue, aquele que Deus nos prometeu e que nos foi merecido pelo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, ... a fim de reinarmos no império de Cristo” (São Cipriano, *De Orat. Dom.*).

– “O reino de Deus virá por bem ou por mal, mas nós o despertamos e elevamos nossos desejos a esse reino, para que ele venha para nós e possamos reinar nele”. (Santo Agostinho, *Ad Prob., Epist.* 121, cap. 11).

– “Fazemos bem em solicitar o reino de Deus, quer dizer, o reino celeste, porque há também um reino terrestre; mas, quem renunciou ao século é maior que as honras e que o próprio reino do século; isto porque quem de fato acredita em Deus e em Nosso Senhor Jesus Cristo não solicita nada dos reinos terrestres, mas dos reinos celestes” (São Cipriano, loc. cit.).

Devemos solicitar ao *Nosso Pai que está nos céus*, a graça, a glória, e seu pleno triunfo, em nós, desde que cada um possa se beneficiar deles.

O reino de Deus é particularmente o sobrenatural, tanto assim que solicitamos, como filhos de Deus, a vinda a nós deste reino; e o solicitamos ao ***nosso Pai*** *que está nos céus*.

Ora, solicitar que este reino chegue, é solicitar que a glória desça do Céu Empíreo sob a forma de graça e de socorros diversos, para nos elevar, para nos sobrenaturalizar e, enfim, para nos glorificar. É solicitar a eficácia desta graça e destes socorros.

E como o reino sobrenatural de Deus compreende também tudo o que foi criado para os seres racionais, solicitamos também o reflexo de nossa futura glória em nosso futuro reino material (nn. 418 e seg.)

Solicitamos, já dissemos, que a graça desça do Céu Empíreo até nós, pois Nosso Senhor Jesus Cristo que “estabeleceu seu trono nos céus como Deus e como Senhor, envie aos homens, **lá do alto**, os dons divinos, conforme estas palavras do Apóstolo aos Efésios, 4, 10: “*Ele subiu acima de todos os céus, a fim de preencher* ***todas as coisas****... de seus dons*...

A ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo é a causa de nossa salvação, não por maneira de mérito, mas como causa eficiente (e como causa exemplar), assim como temos falado de sua ressurreição...

A ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo é diretamente a causa da nossa ascensão, tendo esta começado, de certa forma, por nossa Cabeça, a quem é necessário que os membros se unam. "... Nosso senhor Jesus Cristo, subindo ... ao Céu, adquiriu para si e obteve para nós, para sempre, o direito à morada celeste e à correspondente dignidade"[1535]. Santo Tomás quer que raciocinemos sobre a ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo com relação à nossa ascensão, como ele raciocinou sobre a ressurreição de Cristo com relação à nossa ressurreição[1536].

Então, em nossa vida sigamos esse procedimento!

1029. – Deus livremente decretou elevar-nos ao Céu por Nosso Senhor Jesus Cristo ascendido acima de todos os céus... A Ascensão de Nosso Senhor é a causa eficiente de nossa ascensão, de vez que *sua humanidade*, segundo a qual Ele ascendeu, *é de alguma forma o instrumento de sua divindade* para nos elevar. *Esta virtude age por sua presença em todos os lugares e todos os tempos. E este contacto virtual basta à causalidade eficiente de que temos falado*.

Portanto, a Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo ao Céu é igualmente a causa exemplar da nossa ascensão[1537].

Como é evidente, Deus nos dá a graça e a glória pela humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ora, essa humanidade santa está no Céu e nos tabernáculos de nossas Igrejas. Dos nossos tabernáculos Ele faz irradiar a graça sobre toda a humanidade viandante (militante) para lhe aplicar a Redenção e para salvá-la.

Lá *de cima de todos os céus, Nosso Senhor enche todo o universo* com seus dons; todo o Céu Empíreo, com sua glória; todos os mundos móveis, com seus socorros para preparar sua renovação, no final dos tempos. E, como é também "**do alto** que Nosso Senhor nos envia dons divinos", estes dons consistem principalmente na energia e na atração multiforme que Ele exerce sobre nós para nos elevar até Ele.

Lá de cima de todos os céus, Nosso Senhor enche de seus dons especialmente *todas as coisas*. Mas, pela inefável Eucaristia, Ele nos enche particularmente **de si mesmo**, como, vindo à pátria, seremos mergulhados nos esplendores de seu Céu.

Tanto em um como em noutro caso, Nosso Senhor Jesus Cristo é excelentemente o reino que nós pedimos a Deus, dizendo: *Venha a nós* o *vosso reino*.

[1535] Santo Tomás, Suma Teológica, 3, q. 57, a. 6.
[1536] Ibid., ad 1m.
[1537] Ibid., q. 56, a. 1.

"O próprio Nosso Senhor Jesus Cristo, disse São Cipriano, pode ser este Reino de Deus, do qual em cada dia nós desejamos que venha a nós, porque, sendo Ele mesmo *a ressurreição*, uma vez que ressuscitaremos nele, igualmente se pode dizer que *Ele é o Reino de Deus*, porque ressuscitaremos nele" (loc. cit., n. 1030).

Com efeito, o reino de Deus, sendo especialmente o domínio da graça e da glória, e, portanto, das irradiações de Nosso Senhor Jesus Cristo, pedimos, de uma vez, tudo isto estimulando nossos desejos para o exercício da realeza de Nosso Senhor.

1030. – Por aí também se vê que o governo sobrenatural se torna realidade numa certa ordem local, análoga àquela que rege a natureza.

A princípio pode parecer que Deus, o autor da graça e da glória, estando presente em todos os lugares, portanto neles faz irradiar esses dons sobrenaturais. Mas, não! O próprio Deus quer seguir uma ordem particular, específica, semelhante àquela que se observa na natureza.

Desde que não concebamos Deus como circunscrito em alguma parte do mundo, diz Santo Tomás, "pode-se admitir que Deus é o princípio do movimento do céu agindo sobre o primeiro Céu, do lado do oriente, porque o princípio de todas as moções materiais, de acordo com a natureza, começa num lugar determinado, sob a moção de Deus. E é por isso que se diz na Sagrada Escritura que Deus está especialmente no Céu, segundo estas palavras de Isaías (66, 16): *O céu é meu trono*; e estas palavras do Salmo (113, 16): *O céu do céu é o Senhor*"[1538]. Igualmente, acrescentamos nós, Deus, como autor do sobrenatural, imprime as moções da humanidade de Cristo acima de todos os céus e sobre a terra, para transmitir o elemento e as ondulações do sobrenatural a todas as criaturas, segundo a capacidade de cada uma, porque é a todas as criaturas que o Salvador trouxe a *Boa Nova*: *Praedicate evangelium omni creaturae*. A graça e a glória interessam a todos, porque é nelas que todos encontram o seu fim.

Mas, o que é particularmente notável é que, devido a ordem estabelecida por Deus, todas as coisas têm relações estreitas com Nosso Senhor Eucarístico e com Nosso Senhor assentado *acima de todos os céus*.

A Eucaristia tem um poder de "fermento" de glória com o qual o amor infinito enriqueceu o mundo viandante. Com a Eucaristia todo o universo perceptível a nossos olhos foi enobrecido. A imensa irradia-

[1538] Contra Gentiles, l. 3, c. 68, n. 5.

ção dos santos tabernáculos leva à toda natureza móvel "vibrações" de vida, de ressurreição, de elevação (n. 368).

*Eis o **Homem** cujo nome é **Oriente***. Ele projeta nas regiões sujeitas à prova a aurora da luz da glória. *Germina a glória* no seio de Maria Santíssima, sem concurso varonil. *Germina ela mesma* nos nossos altares, sendo Ele próprio o autor principal da consagração do pão e do vinho, e *construirá um Templo ao Senhor*. Este Templo, disse São Jerônimo, *é a Igreja Militante*[1539], com tudo o que é viageiro, acrescentamos nós. *Ele levantará um templo ao Senhor*, repete o profeta, e *é Ele que levará a glória* e que a expandirá sobre todos seus eleitos e em todo o Céu Empíreo, ou seja, à Igreja Triunfante (São Jerônimo, ibid.).

Nosso Senhor se *assentará no trono celeste*, posto *acima de todos os céus, e reinará* sobre todas as criaturas, embebendo-as inteiramente de *todos seus dons* e de sua autoridade. E, como *padre*, terá também *o seu trono* sacerdotal. *Haverá entre esses dois tronos*, o seu trono real e o seu trono sacerdotal, uma *aliança de paz*[1540] (Zacarias, 6, 12, 13).

Nosso Senhor Jesus Cristo é particularmente *Rei* no seu trono de glória, que é a Jerusalém Celeste. E, particularmente *Padre* na Eucaristia, que é seu *trono de graça e ajuda oportuna* (Hebr. 4, 16) para todos que se encaminham para a graça.

Entre estes dois tronos há uma perfeita harmonia. Nos dois se assenta o mesmo personagem divino, distribuindo, por sua humanidade, a glória no alto e a graça abaixo, para todos que desejam receber a graça final para estrar na glória.

O imenso Templo de Deus, quer dizer, o universo, é formado como por três templos concêntricos:

– O templo mais vasto é a Jerusalém Celeste.
– O segundo templo é o universo móvel com tudo aquilo que está à procura de seu fim.
– O terceiro templo é o Purgatório.

Todas essas partes do Templo de Deus estão unidas entre si pelas influências de Nosso Senhor Jesus Cristo e alcançarão participar da posição gloriosa de Cristo Nosso Senhor.

Oh, então como são maravilhosas as relações que unem entre si os vários céus e nossa terra! Tudo isto forma, por assim dizer, um só

[1539] Martini, *Comment*, in h. loc.

[1540] Esta profecia tem por objeto principal Nosso Senhor Jesus Cristo. O "grande padre" Jesus, filho de José, é apenas uma figura.

corpo do qual Nosso Senhor Jesus Cristo é a cabeça. Cabeça que, pela graça e pela glória, faz participar todo seu corpo na sua condição própria de viandante e triunfante.

1031. – Sim, o pleno triunfo de Nosso Senhor Jesus Cristo chegará a nós conforme nossa oração: *Adveniat regnum tuum*. E a humanidade peregrina e o universo móvel serão finalmente libertados da servitude e alcançarão, ou a liberdade da glória dos Filhos de Deus, ou a *participação na liberdade desta glória* (nn. 325-329).

São João descreve maravilhosamente bem o início deste reino glorioso, universal e absoluto: *Eu vi um novo céu e uma nova terra; porque o primeiro céu e a primeira terra desapareceram; o mar não existe mais. E eu, João, vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, ornada como uma esposa preparada para o seu esposo. E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, e ele habitará com eles, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque o primeiro estado das coisas já passou. Então aquele que estava assentado sobre o trono disse: Eis que eu renovei tudo. E disse-me: 'Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis'. E disse-me ainda: Está cumprido. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Aquele que tiver sede, eu darei gratuitamente da fonte da água vida. Aquele que vencer possuirá estas coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho.* (Apoc. 21, 1-7)

1032. – *Eu vi um novo céu e uma nova terra* no lugar do céu móvel e do nosso globo. Quer dizer que o Céu Empíreo, então glorificado, não mudou nada!

O primeiro céu e a primeira terra desapareceram, e o mar não mais existe. Trata-se deste céu ao qual pertencem nossa terra e nosso mar. Seu primeiro estado cessou. Suas aparências e suas qualidades não mais são as mesmas.

Como o primeiro céu e a primeira terra desapareceram, não para deixar a vida após eles, mas para formar num novo céu e numa nova terra.

Igualmente o mar não mais existe no seu estado primeiro, para participar da nova condição da terra que o leva. Elemento líquido e sujeito a se evaporar, o mar sente prontamente a ação do envolvimento geral dos céus inferiores.

O vidente disse também: *O mar* ***não mais existe*** no seu estado primitivo. Segundo Santo Agostinho "*é a figura* deste mundo, que

passará pela configuração dos fogos deste mundo, como o dilúvio se formou pela explosão das águas deste mundo"[1541].

Todos os fogos de nossa natureza visível formarão um "dilúvio" de chamas que transformará os céus inferiores e a terra. São João não nomeia aqui qual o céu, mas São Pedro indica ***os céus****... e a terra* como *reservados ao fogo* (2ª Epístola, 3, 7).

Santo Agostinho, e numerosos autores com ele, persuadidos de que os astros visíveis são incorruptíveis, limitaram a configuração final à nossa atmosfera e ao nosso planeta. Mas parece-nos que, segundo a Sagrada Escritura, o fogo purificador atingirá de alguma maneira todo o universo móvel. Quer dizer, tudo o que deve tomar parte na renovação gloriosa. Porque, nesta circunstância, *estrelas cairão do céu, e as virtudes* ***dos céus*** *serão abaladas*, prova que os céus atualmente visíveis estão sujeitos à corrupção, como, ademais, os astronautas parecem o ter solidamente provado (n. 60). Muitas outras passagens das santas Letras veem ao apoio desta opinião (Ver n. 1015; Sal. 101, 26, 27, etc.)[1542].

É preciso observar, entre outras coisas, que esse fogo não terá somente o efeito de purificar o que está contaminado, mas ainda o de transformar os corpos de maneira que eles estejam numa relação conveniente ao estado dos bem-aventurados. E isto concerne, sem dúvida, aos céus móveis e corruptíveis.

Sobre este ponto, ouçamos o grande Santo Agostinho: "Para a conflagração... dos elementos corruptíveis as qualidades que convêm ao nosso corpo corruptível serão totalmente destruídas pelo fogo; e a substância (dos céus e da terra assim mudadas) será de qualidades que convirão, graças a uma transformação admirável, aos corpos (humanos) tornados imortais; de tal forma que o mundo renovado e posto em melhor estado será apropriado ao estado dos homens também felizmente renovados na sua carne" (loc. cit.).

A este propósito, observemos, de passagem, que, conforme Santo Agostinho, o mundo renovado fará parte do Paraíso material.

1033. – *E eu, João, vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, ornada como uma esposa preparada para o seu esposo*. Eis a gloriosa invasão do universo móvel pelo Céu Empíreo e por seus felizes habitantes!

[1541] A Cidade de Deus, l. 20, c. 16.

[1542] Nos princípios fundaste a terra, e o céu é obra das tuas mãos. Estas coisas perecerão, mas tu permanecerás, e todas envelhecerão como um vestido. E como uma vestidura as substituis, e permanecem mudadas. Tu, porém, é sempre o mesmo, e os teus anos não têm fim. (Salmo 101, 26-28).

O Paraíso celeste, materialmente falando, se completa. E os eleitos tomam posse de todo o reino de seu Pai. Isto, que São João nos diz neste versículo, "convém tanto a uma Jerusalém quanto à outra, mas mais à primeira. Quer dizer, ao próprio lugar. Ou seja, ao Céu Empíreo" (Cornélio a Lápide, in h. loc.).

Os bem-aventurados descem, e projetam sua claridade sobre os mundos renovados. E assim o Céu Empíreo toma sua extensão completa e definitiva[1543].

A nova Jerusalém desce do céu já glorificada. E que *de Deus descia do céu* porque, como Deus está mais especialmente no céu superior que a inunda de uma glória e de uma felicidade mais perfeitas.

A nova Jerusalém que desce para nossas regiões *está preparada como uma esposa ornada para seu esposo*, porque, estando glorificada, ela aparece toda penetrada de Deus, *que está em todas as coisas* (1ª Cor., 15,28). E toda inundada nos esplendores de Nosso Senhor Jesus Cristo, do qual ela é o Corpo Místico e o Império.

Os ornamentos da nova Jerusalém são a glória. E ela está desposada porque recebe esta glória de Nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual está indissoluvelmente ligada.

A graça e a Igreja Militante são uma irradiação longínqua e velada dessas glórias da Igreja Triunfante. Mas, por isso mesmo, a descrição de São João lhe convém, numa certa medida.

1034. – *A voz forte saída do trono* é a voz de uma criatura, ou da humanidade do Verbo, ou de Maria Santíssima, ou de um dos principais personagens da celeste corte, pois Deus é sempre representado como estando sentado no trono. Nós cremos que esta é a voz de Nosso Senhor Jesus Cristo considerado como Homem, porque sua humanidade, tabernáculo do Verbo, é o modelo do Tabernáculo Celeste penetrado da presença e da glória de Deus[1544]. E, além disto, tudo o que este Tabernáculo tem de esplêndido provém do Verbo Encarnado.

O conjunto dos céus, todavia, não é como um tabernáculo, comparado ao céu infinito da imensidade divina, na qual o universo glorificado flutua como um náufrago, pequeno, leve e brilhante.

1543 Esta Jerusalém estará renovada, como também definitivamente completada quanto a seus habitantes e quanto à grandeza da cidade material. Também estará renovada com relação ao universo móvel que cessa de caminhar pelas influências da graça para caminhar sob as influências da glória. Esta renovação é análoga a do Novo Testamento com relação ao Antigo Testamento.

1544 Além disto, toda a glória do Empíreo inteligente e material não é outra coisa, num certo sentido, do que a plena irradiação da humanidade gloriosa de Nosso Senhor Jesus Cristo (nn. 212-214). Então, a Nosso Senhor Jesus Cristo cabe somente dizer: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens. (Ver anteriormente, no número 241, como a humanidade de Cristo é o Trono de Deus).

No nosso ponto de vista, as outras palavras de São João são compreendidas numa simples leitura. Elas explicam a felicidade dos Eleitos.

Observemos somente que *aquele que vencer possuirá* ***estas coisas***, todas elas como o profeta acaba de enumerar: *o novo céu, a nova terra e a Jerusalém que descem,* quer dizer que todo o universo celeste se tornará paradisíaco.

Eis no que resultará os muitos relacionamentos que agora nos unem aos céus superiores!

IV – O lugar do inferno e as influências que ele exerce por meio de seus emissários – Necessidade e maneira de vencer estas influências – Prece à Maria Santíssima.

1035. – Após ter-nos retratado a transformação do universo móvel pela difusão dos esplendores do Céu Empíreo, São João não esquece de nos falar do inferno, que é o oposto da Jerusalém Celeste.

Diz São João: *Mas para os tímidos, os incrédulos, os abomináveis, os homicidas, os fornicadores (os que cometem imoralidade sexual), os envenenadores, os idólatras e todos os mentirosos, sua parte será no lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte* (Apoc. 21, 8).

Onde se encontra este lago? Com certeza não é no oceano luminoso do Céu Empíreo, que forma o tempo material de Deus e dos Eleitos.

Será em nossa terra? Mas ela é uma parte dos céus e será objeto de uma renovação gloriosa, o que, parece, deve ser de todo o globo terrestre, tanto do seu interior como de sua superfície.

Em outras palavras. O vidente de Patmos nos diz: *E ouvi todas as criaturas que estão no céu e na terra, e sob a terra e no mar, e a todas as coisas que neles há; e ouvi todas dizendo àquele que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro: benção, e honra, e glória, e poder, pelos séculos dos séculos. E os quatro animais*, que conduzem o universo móvel (nn. 271-277), *dizem: Amém!* (Apoc. 5, 13), em seu nome e em nome de tudo o que deles depende.

Então, não parece que o inferno tome parte neste concerto de louvores tão espontâneo e tão afetuoso.

Nos dizeres de Jó, *o inferno é esta* ***terra tenebrosa*** *que está coberta de obscuridade da noite;* ***esta terra*** *de miséria e de trevas, onde habita a sombra da morte, onde* ***tudo*** *está em desordem, e em um*

eterno horror (10, 21-22). Assim, o inferno é um mundo à parte onde nada está em ordem, onde tudo é miséria, obscuridade, horror.

Como entender esta passagem a respeito *da terra nova* de que nos fala São João?

Diz-nos ainda Jó: *O ímpio será precipitado da luz às trevas, e será levado* ***fora deste mundo****: et de orbe transferet eum* (18, 18).

Santo Tomás diz: "Logo que Deus, no fim dos tempos, purificar o mundo (pelo fogo), ele separará os elementos de forma que tudo o que estiver puro e nobre fique nas alturas, para a glória dos bem-aventurados, e tudo o que estiver ignóbil e turvo (embaçado, nebuloso) será lançado no inferno, para castigo (pena) dos condenados" (*Suplemento*, q. 97, a.1). O Anjo da Escola fala assim de acordo com São Basílio.

O Príncipe da Escolástica também diz, em outro lugar, que "todas as impurezas dos elementos se acumularão no inferno". E acrescenta que o fogo purificador "agirá também depois da ressurreição (dos homens, não somente antes), que envolverá os réprobos, que precipitará no inferno e, no fogo, tudo o que há de impuro e o que for encontrado como tal, quando da ordenação dos elementos...

"Este fogo será causado pela conflagração de todos os fogos do mundo, como diz Santo Agostinho. Quer dizer, pelo concurso de todas as causas inferiores e superiores que possam impulsionar o fogo em direção ao centro (do mundo)" (Livr. 4, Dist. 42, q. 1, a. 4, ad 2^{m} e 3^{m}).

Este lugar central (*circa locum medium*) é, sem dúvida, conforme diz Santo Tomás, o centro do mundo, o centro da esfera ocupada pelas chamas purificadoras. E, como este fogo é engendrado pela explosão de *todos os fogos do mundo e pelo concurso* parcial *de todas as causas superiores* que podem estimular este fogo, parece-me que os astros em chamas (abrasados), que giram acima de nossas cabeças, contribuirão possantemente para a conflagração de que falamos. Eles pertencem, além disso, àqueles céus que *passarão como um estrondo*, que serão *dissolvidos em fagulhas*, de onde *as estrelas cairão*, etc. (nn. 1015, 1031).

Ora, é-nos permitido crer que nossa terra não é o centro deste oceano celeste purificado pelas chamas. Então, é necessário que haja em alguma parte – no centro do universo, pensamos nós –, uma espécie de *astro tenebroso*, *onde reina a sombra da morte, onde a miséria, a desordem, o eterno horror*, estão no seu lugar; onde irão submergir-se todas as escórias do universo móvel.

Este astro não circula de modo nenhum, pois não terá outro fim a atingir. *Preparado para o diabo e para seus anjos* (Mat., 25, 41), que estão disseminados nos céus superiores, e que ***cairão do céu*** *como um raio* (Luc., 10, 18).

Esse astro forma um lugar dominado por tudo o que é céu e de nenhuma maneira é céu.

Esse "astro tenebroso" é o *tanque ardente, a fossa, o poço sem fundo, o último mundo, o lugar dos tormentos.* E é *o inferno,* porque é *inferior* a todas as criaturas.

1036. – Escrevendo assim nós cremos estar de acordo, quanto ao fundo, com toda a Tradição, porque ela sempre tendeu para a ideia de que o inferno está no centro do universo (nn. 25, 26). Como sempre se acreditou que o centro era o núcleo de fogo de nossa terra. Mas esta era apenas uma peculiaridade questionável que não modifica em nada o princípio genérico visto como o mais admissível, e que explica, em parte, as citações dos autores que escreveram sobre esta questão.

Quanto aos criminosos que a terra engoliu, e cujos relatos encontramos na Sagrada Escritura e nos anais da Igreja, isso não nos parece provar que o inferno esteja em nosso globo terrestre, mas sim que se vai para lá por uma descida que se distancia do Céu Empíreo. Se os infelizes, dos quais falamos, foram realmente condenados, e esse espetáculo de seu desaparecimento no seio da terra devesse fazer crer que eles haviam tomado o caminho do inferno, o efeito desejado seria por aí mesmo obtido. A lição era inteligível para os espectadores, o que provavelmente não teria acontecido se esses criminosos, ao caírem, tivessem seguido diretamente a linha que leva ao centro do universo.

1037. – Mas, esta prisão horrível e central, esta espécie de astro caótico, exerce uma atração sobre os seres viadores (caminhantes/peregrinos)?

A se julgar pela ordem moral, da qual a ordem física é uma imagem grosseira, não se pode negar que os seres móveis têm uma certa tendência para se precipitar no abismo, tal como, ademais, eles têm também uma propensão para alcançar as alturas.

Daí os dois movimentos opostos que se observa na natureza e de cuja combinação se forma o equilíbrio que mantém as coisas no estado de prova, ou na procura do bem definitivo.

Essa disposição é sobretudo visível no homem, que, pela razão – e particularmente pela graça – gravita para as alturas, para o geral, para o imenso, para o bem infinito. E, pelos sentidos, especialmente pelo pecado, para o particular, para baixo, para a desordem irremediável.

A luta travada entre estas duas tendências do homem constitui sua prova passageira, de onde ele sai: 1) ou para afundar na eterna prisão central, onde se aglomera finalmente todo mal; 2) ou para aproveitar de uma plena liberdade *na imensidade da criação*: *in tam immensa creatura* (Ecl., 16, 17), *na glória do poder de Deus* (2ª Tes., 1, 9), na qual formará o grande e indescritível oceano de todo bem.

Ó homens! Olhai neste quadro vossos direitos e vossos deveres.

Como vossos direitos são sublimes! Todos eles se resumem nesta palavra divina e divinamente pronunciada: *Vós seis deuses* (Jo., 10, 34). Vosso destino é participar do próprio Deus, que se fez vossa herança, das Pessoas divinas, de todas as perfeições divinas, de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Maria Santíssima, de toda a sociedade celeste, e de todo o universo gloriosamente renovado para vós (n. 1025).

Para *deuses* o Paraíso não pode ser demasiadamente grande e nem demasiadamente belo. Quem contempla a imensidade da Grandeza soberana, e dela participa como *Filho do Altíssimo* (Sal. 81, 6), não é muito pequeno para reinar com Nosso Senhor Jesus Cristo e com a Santíssima Virgem sobre todas as obras materiais do Criador. Ao contrário, o conjunto destas coisas é para seu Pai e para eles como o *tabernáculo de Deus com os homens*.

Mas ninguém pode alcançar um semelhante destino sem a graça do Altíssimo. E esta graça *é abundante*, felizmente ela *é superabundante*, inclusive *lá onde abundou o pecado* (Rom., 5, 20), tanto o Pai celeste é verdadeiramente *nosso Pai*!

Daí decorrem nossos deveres. A glória do Céu brilha sobre nós sob forma de graça, por Nosso Senhor Jesus Cristo, *que é o trono próprio da graça* (Hebr., 4, 16), a fim de nos elevar, como por uma divina atração, até *nosso Pai que está nos céus*.

Sigamos este movimento ascensional. Peçamos *sem cessar* para manter e para aumentar sobre nós a chuva das celestes influências!

Reparemos nossas perdas e enriqueçamo-nos com novas graças pela recepção dos Sacramentos, que são como entrepostos de energias divinas postos ao nosso alcance.

Desvencilhemo-nos das solicitações dos emissários do abismo infernal, que cegam nossos olhos pela incredulidade (descença), a fim de que não possamos ver os bens inefáveis que nos estão reservados; que, por "brilhantes" ilusões, desviam nossos olhares e os concentram naquilo que é passageiro; que se esforçam por substituir em nossos

corações, pelo amor natural e sensual, a festa da divina caridade que nos leva a *conversar sobre as coisas do Céu* (Filip., 3, 20)[1545].

As virtudes teologais constituem esta vida cristã que desde agora nos anima com influências e impulsos dos céus superiores.

Felizes aqueles que vivem desta celeste vida! Um dia *Deus virá* para *neles ser glorificado*, bem como *em todos aqueles que tiveram acreditado* (2ª Tess., 1, 10)[1546].

1038. – *Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos regenerou por uma esperança viva, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, e que não pode contaminar-se, nem murchar, reservada nos céus para vós, a quem o poder de Deus guarda, pela fé, para a salvação que está preparada para se manifestar no último tempo* (1ª Petri, 1, 3-5)!

Esta *regeneração por meio da ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, esta virtude de Deus, esta fé, nos foi trazida*, como diz São Paulo (Hebr., 12, 22-29), *da montanha de Sião, da cidade de Deus vivo, da Jerusalém Celeste, da multidão de numerosos milhares de anjos*.

A Igreja do Novo Testamento é uma ascensão para o Céu Empíreo, bem mais alta do que aquela que havia antes de Jesus Cristo. E ao mesmo tempo uma vinda muito perfeita da Jerusalém Celeste em direção a nós, uma vinda que só será superada pela difusão universal da luz da glória: *Vidi sanctam civitatem, Jerusalem novam, descendentem de coelo a Deo.*

Então nós nos aproximamos da Igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e que são: Nosso Senhor Jesus Cristo, Maria Santíssima, os anjos gloriosos, todos os santos ressuscitados que subiram ao Céu com o Salvador, e as almas de todos os justos que depois ascenderão à Pátria. Seus nomes estão escritos, não somente no conhecimento divino e no *livro da vida*, mas ainda ***nos céus***, onde suas *moradas espirituais*, bem como suas *moradas materiais,* estão claramente determinadas.

Nós nos aproximamos de Deus, o juiz de todos..., e o Mediador da Nova Aliança, Nosso Senhor Jesus Cristo; nós somos elevados

---

[1545] A nossa pátria, porém, está nos céus, de onde esperamos ansiosamente o Salvador, o Senhor Jesus Cristo (Filipenses 3,20).

[1546] Quando ele vier naquele dia para ser glorificado nos seus santos, e para se fazer admirável em todos os que creram, porque vós credes no testemunho que nós demos diante de vós. (2a. Tessalonicenses, 1, 20).

mais alto para o lugar onde o Céu infinito se mostra em todo seu esplendor e onde esparge suas magnificências, o esplendor do Céu de nosso Salvador, que fará, *para sempre,* de nossas almas, as *esposas de Deus* (Oséias, 2, 19).

Mas, *cuidemo-nos de não rejeitar... Aquele que nos fala do alto do Céu*, este Jesus que é a nossa salvação, e que nos dá a graça como promessa da glória.

Aproveitemos desta graça, largamente dispensada pela Igreja Militante, para sermos *agradáveis a Deus*, para *servi-lo com temor e respeito*, a fim de que, por este meio, *tomemos posse do reino imutável*.

Ó Cidade celeste,

Que minha língua se fixe no céu da minha boca,
Se eu cessar de pensar em vós,
Se eu não colocar Jerusalém,
Acima de todos as minhas alegrias (Sal. 136, 6)!
Eu me alegrei quando me foi dito:
Iremos à casa do Senhor! (Sal., 121, 1).

Ó Maria Santíssima! Ó "Rainha do céu e do mundo e dos anjos e dos homens"[1547], "Ó Rainha da misericórdia, da Graça e da Glória"[1548], "vós sois nossa salvação no Senhor"[1549], "vós sois a salvação garantida de todos os católicos que recorrem verdadeira e sinceramente a vós"[1550].

Então, sejais para todos nós, pobres peregrinos, "a generosa dispensadora dos tesouros celestes"[1551], vós "que distribuis a alegria a todas as criaturas"[1552].

Ó "Sol" do céu, *que tudo vê e tudo ilumina* (Ecl., 62, 16), ou seja, que envia especiais centelhas da eterna retribuição, como costuma fazer os príncipes, a quem se presta o menor serviço"[1553], se este serviço contribui, mesmo que seja pouco, para vos fazer amar e louvar; por favor, lembre-se de mim, a meu favor, porque *em vós está toda a graça do caminho e da verdade, e toda a esperança da vida e da virtude* (Ecl., 24, 25).

[1547] Santo Alberto Magno, sup. Missus est., cap. 223.
[1548] Id., Biblia Mar., super libr. Apoc.
[1549] São Boaventura, in Cantic. Psalt. B. M. V.
[1550] Santo Efrém, Serm. De Laud. B. M. V.
[1551] São Bernardino de Siena, tom. 3, Serm. De Ass. B. V.
[1552] São Gregório Taumaturgo, Orat. 2 in Ann. B. M. V.
[1553] Santo Alberto Magno, Serm. 2, iin. Ass. B. M. V.

É verdade que tudo o que eu possa fazer de bom desde já me veio por vós, pois vós sois "um Céu Empíreo pelo esplendor, que há em vós, de toda a sabedoria"[1554]. Mas, como vós sois "o oceano de graças"[1555], "da qual vós tendes toda plenitude"[1556], vossos benefícios não esgotarão vossa bondade.

Continue, se for de vosso agrado, a ser "resplandecente estrela matutina que reluz (a meus olhos), até que apareça (para mim) o dia"[1557] eterno.

E queira realizar esta preciosa promessa que se vos atribui com razão: *Aqueles que me tornam conhecido terão a vida eterna* (Ecl., 24, 31).



[1554] São Boaventura, Serm. 1, De B. M. V.
[1555] São Sabba, in Men. Graecor., 8 Fev.
[1556] São Jerônimo, De Assumpt. B. M. V.
[1557] Santo André de Creta, Orat. De Dormit. B. M. V.

Índice dos títulos e subtítulos

Avalição deste trabalho 5
Dedicatórias à Santíssima Virgem e a Santo Anselmo 7
Oração especial a Maria Santíssima para pedir, por sua intercessão, a graça de atingir nosso fim último: o Paraíso 12
PREFÁCIO
I - Razões que nos levaram a redigir este trabalho 15
1º) Importância do assunto 15
2º) A possibilidade de melhor conhecer o Paraíso 21
3º) Homenagem a Cristo Redentor e, consequentemente, à sua divina Mãe 27
II – Dificuldades de nosso empreendimento – Obserações sobre os personagens do trabalho, sobre o trajeto que seguimos e a extensão dada a determinados assuntos – Submissão total ao julgamento da Igreja 39
III – Matérias que serão objeto de outro volume 44
LIVRO I
Considerações gerais sobre o Céu Empíreo, seus habitantes e sua relação com os universos inferiores 47
Capítulo I - Verdade dos louvores que os santos dão a Maria Santíssima. – Inovocação à Virgem. – Visão geral dos céus de que Maria Santíssima é a rainha. – Os céus são feitos para a criatura racional, maior do que eles: temos a incumbência de governar os céus. – Oração a Maria Santíssima. 47
Primeiro Ponto - A Igreja e os santos não exageram quando falam de Maria Santíssima. – Invocação à Virgem. 47
Segundo Ponto: Visão geral dos céus 49
Terceiro Ponto: Os céus foram feitos para nós. Deveremos reinar sobre eles. 53
Capítulo II - Maria Santíssima é particularmente a Rainha do Paraíso, do Purgatório e inclusive dos infernos. – O Paraíso considerado como um lugar. – Sua extensão inimaginável – O Paraíso compreende todos os lugares que servem para os que estão em estado de prova, como também o limbo, o purgatório e o inferno 57
Primeiro Ponto: Maria Santíssima, bela como o Paraíso, é ela mesma um Paraíso. - Ela exerce seu poder sobre os céus, o purgatório e o inferno. – Invocação de suas luzes para conhecer as grandes realidades sobrenaturais sobre as quais Ela preside 58
Segundo Ponto: O Paraíso não é apenas um estado feliz das criaturas recompensadas, mas também um lugar especial,

o lugar mais risonho. Esta região também é feita para espíritos. 60
Terceiro Ponto: Identificação entre Paraíso Celeste, Céu Empíreo e Terceiro Céu. – O Paraíso compreende todo o universo criado. 63
Quarto Ponto: No universo, lugar que ocupam o inferno, o purgatório e o limbo 67
Capítulo III – A perfeição do Paraíso considerado como Céu e a perfeição incomparável de Maria Santíssima, a vários títulos chamada de Céu 69
Primeiro Ponto: Explicação do texto – As três obras divinas – Visão rápida sobre a perfeição material do Paraíso – Maria Santíssima, ela mesma, é um Céu. 69
Segundo Ponto: Riqueza do Céu Empíreo em sistemas e mundos diversos 72
Terceiro Ponto: Disposição geral do Céu Empíreo e do universo 75
Capítulo IV – Beleza de Maria Santíssima e beleza do Paraíso 81
Primeiro Ponto: Maria Santíssima é tão bela como um arquétipo divino encarnado, um céu mais belo do que todos os céus 81
Segundo Ponto: As belezas do Paraíso segundo o Pe. Ségnéri 85
Terceiro Ponto: Belezas do Paraíso julgadas segundo sua matéria 87
Quarto Ponto: Belezas do Paraíso segundo suas formas 92
Capítulo V – Quadro das moradas celestes 96
Primeiro Ponto: Explicação do texto - Morada celeste de Maria Santíssima 96
Segundo Ponto: Visão de conjunto das moradas celestes abaixo daquela de Maria Santíssima 100
Terceiro Ponto: As Províncias do Céu Empíreo e as residências dos Apóstolos 106
Quarto Ponto: Reflexões 111
Capítulo VI – O mundo acessível às nossas observações nos dá uma ideia da disposição das mansões celestes, em razão da unidade do plano divino. 114
Primeiro Ponto: O mundo físico, a sociedade humana, o sobrenatural visível, sobretudo a Sagrada Escritura nos pregam o Paraíso, assim como a diversidade e a subordinação de suas habitações. 114
Segundo Ponto: A Jerusalém judaica gravita em direção à Igreja como em direção ao Céu. A Igreja é o "laboratório" onde são desenhadas as moradias da Igreja triunfante 121

Terceiro Ponto: Assim como a Igreja militante nos dá uma ideia da variedade das moradas celestes, o papel que Maria Santíssima assumiu na terra nos dá uma ideia de sua Celeste morada. 127
Capítulo VII – Configuração da Jerusalém Celeste..... 134
Primeiro Ponto – Apresentação da opinião da Escolástica sobre a configuração do Paraíso. A noção de Cidade Santa é muito diferente da noção de cidade comum. 135
Segundo Ponto: São João viu uma "amostra" do Céu Empíreo, que é um cubo perfeito. 140
Terceiro Ponto: Assim concebido, o Paraíso Celeste não seria demasiadamente grande? 146
Quarto Ponto: Segundo Santos e Doutores, Maria Santíssima é de maneira notável uma Cidade de Deus que recebeu o Verbo Encarnado, sem nenhuma limitação da divindade ... 149
Capítulo VIII – Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima são inteiramente visíveis de todos os lugares do Paraíso não obstante a imensidade do Céu Empíreo. E exercem sobre todos a sua influência beatífica – Necessidade da intercessão de Maria Santíssima, segundo o plano divino..... 156
Primeiro Ponto: Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima, devido à sua excelência beatífica, são totalmente visíveis no Céu Empíreo..... 157
Segundo Ponto: Nosso Senhor Jesus e Maria Santíssima são inteiramente visíveis em todo o Céu Empíreo por causa do lugar que eles ocupam e do papel que desempenham na hierarquia dos seres..... 163
Terceiro Ponto: Necessidade da devoção a Maria Santíssima deduzida dos princípios expostos nas duas primeiras meditações 171
Capítulo IX – Deus, a santa humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima são os templos e as principais luzes do Céu Empíreo. 175
Primeiro Ponto: Comentários sobre o texto – Primeira parte ... 175
Segundo Ponto: Comentários do texto – Segunda Parte..... 180
Terceiro Ponto: Depois de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo, Maria Santíssima é também o templo e a luz do Céu Empíreo 188
Capítulo X – O trono e os tronos de Deus, de Cristo, de Maria Santíssima e dos outros bem-aventurados..... 193
Primeiro Ponto: Visão geral dos tronos 194
Segundo Ponto: O trono dos Apóstolos, segundo o texto deste Capítulo 200

Terceiro Ponto: Considerações mais particulares sobre o trono de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima. 203
Quarto Ponto: Independentemente de seus fins e de aplicações particulares, as revelações de São João têm um caráter geral com visões preciosas sobre os tronos celestes. 207
Capítulo XI – Razões intrínsecas do papel universal de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima com respeito ao universo e ao Céu Empíreo 214
Primeiro Ponto: Explicação sumária do texto - Tudo o que está predestinado de alguma maneira o foi em Jesus Cristo, para glória de Deus e bem de todas as almas. 215
Segundo Ponto: Como todos os seres gravitam em torno de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima. – Tudo foi predestinado também em Maria Santíssima, embora secundariamente. 220
Terceiro Ponto: Todas as distâncias e todos os espaços, como todas as pessoas criadas, todas as coisas e todos os tempos, estão submetidos a Nosso Senhor Jesus Cristo e Maria Santíssima. 229
Capítulo XII – Tudo foi predestinado à existência em Nosso Senhor Jesus Cristo, em Maria Santíssima e nos Eleitos. A natureza móvel fala uma linguagem conforme à sua destinação e procura o Céu Empíreo, que a vivifica através de suas influências. 236
Primeiro Ponto: O Espírito Santo, por suas vivas exortações, e todos os seres da natureza, por sua presente condição, incentivam-nos a reconhecer as coisas do alto. .. 236
Segundo Ponto: A natureza toda nos prega sobre o Céu Empíreo por seus dois grandes movimentos (centrífugo e centrípeto) – Doutrina de Santo Tomás, de Santo Agostinho e de Suarez – O Céu Empíreo é a parte mais nobre do Reino material de Maria Santíssima. 242
Terceiro Ponto: Como o Céu Empíreo exerce sua influência sobre a natureza móvel 253
Capítulo XIII – O ensinamento católico confirma e completa esplendidamente a “linguagem” da natureza física a respeito dos lugares da suprema felicidade, como também do supremo mal 262
Primeiro Ponto: Ensinamentos decorrentes dos principais mistérios sobre Nosso Senhor Jesus Cristo. 264
Segundo Ponto: Ensinamentos que decorrem dos exemplos de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua obra, considerada em geral 274

Terceiro Ponto: Ensinamentos que decorrem da doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo e das operações da graça – Doutrina da Igreja – Persuasão e prática dos fiéis..... 283

LIVRO II

Criação do Céu Empíreo, dos anjos e toda a época primitiva .. 295

Capítulo I – Criação e primeira condição do Céu Empíreo - Os anjos considerados em geral..... 295

Primeiro ponto: criação do Céu Empíreo e sua condição primeira – Como Maria Santíssima é um céu superior 296

Segundo ponto: os anjos – sua criação – suas hierarquias e as razões de ser delas..... 306

Terceiro ponto: os anjos (continuação) – As diferentes hierarquias – Ofício dos diversos coros angélicos 314

Quarto ponto: os santos da espécie humana são, no Céu, iguais aos anjos..... 321

Quinto ponto: número relativo de anjos – todos os anjos, inclusive os assistentes, têm alguma parte no governo direto do mundo ou dos homens..... 337

Capítulo II – Os serafins conhecidos 352

Primeiro ponto: São Miguel, São Gabriel e São Rafael são serafins..... 352

Segundo ponto: São Gabriel é o primeiro dos serafins..... 363

Capítulo III: Os anjos e seus lugares na hierarquia angélica..... 373

Primeiro ponto: os anjos e seus lugares na hierarquia angélica segundo diversas autoridades..... 373

I. Confirmação da doutrina precedente de que São Gabriel é o primeiro dos Serafins 373

II. Os anjos conhecem todos os lugares..... 375

III. – Os anjos se movem localmente e podem exercer sua influência em lugares distantes, sem incluir os lugares intermediários..... 376

Segundo ponto: Esta doutrina está de acordo com o ensinamento comum. – Os anjos agem enquanto glorificados. 383

I – Conformidade desta doutrina com o ensinamento comum da Igreja..... 383

II. Os anjos atuam enquanto gloriosos Filhos de Deus 389

Capítulo IV: Os anjos da guarda segundo Santo Agostinho e Santo Tomás – A felicidade acidental que os anjos da guarda desfrutam na realização de seus ministérios 392

Primeiro ponto: os anjos da guarda do universo material..... 392

Segundo ponto: os anjos guardiães da humanidade viajante 399

Terceiro ponto: Felicidade acidental dos anjos da guarda do universo e dos anjos da guarda dos homens, no cumprimento de suas funções..... 408

Quarto V: Como os bons anjos mereceram sua felicidade. Ou seja, a prova dos anjos e os assuntos que com ela diretamente se relacionam 419
Primeiro ponto: Natureza do caos – Como ele serviu para a provação dos anjos – O que o caos tem de instrutivo para nós 420
Segundo ponto: conhecimentos que os anjos tinham no período de sua prova 429
Terceiro ponto: A fé na Encarnação foi a causa principal da prova dos anjos – Consequências do ponto de vista da felicidade acidental dos eleitos. 439
Quarto ponto: Nosso Senhor Jesus Cristo como Redentor e Maria Santíssima como corredentora foram predestinados antes de todas as coisas e são os modelos perfeitos para os anjos, para os homens e para tudo que está sujeito à prova 452
Quinto ponto: Oposição dos anjos maus ao sobrenatural trazido pelo Redentor e pela Corredentora – Seu naturalismo e sua maldade – Conduta oposta dos Santos Anjos 468
Sexto ponto: Os anjos bons mereceram também sua felicidade secundária realizando seus deveres sociais e seus deveres relativos ao governo da matéria. Conduta oposta dos anjos maus. 476
Sétimo ponto: A duração da prova angélica 483
Oitavo ponto: Combate dos anjos bons contra a falsa ciência, que pregava contra o Espírito Santo – Recompensas correspondentes 490

LIVRO III

Céu infinito e suas relações – Visão sintética de seus seres criados inteligentes, de suas relações e de seus materiais superiores 504
Capítulo I: O Céu infinito e suas relações com os seres criados e os seres possíveis 504
Primeiro Ponto: O Céu infinito e as principais relações das criaturas com o Céu supremo, segundo a Sagrada Escritura. 507
Segundo Ponto: Continuação da mesma matéria, consoante a Sagrada Escritura 520
Terceiro Ponto: Deus está presente no universo - Sua contínua ação sobre as criaturas 528
I – Consideração sumária sobre a ubiquidade de Deus 528
II – Três maneiras de Deus estar em toda parte 533
III – Magnífica linguagem da Sagrada Escritura sobre as três maneiras de Deus estar em toda parte 538

Quarto Ponto: O Céu da Santíssima Trindade – Sua imensidade, sua visibilidade pelos Bem-aventurados e a essencial vitalidade 542
Quinto Ponto: Influência do Céu da Santíssima Trindade sobre as criaturas 553
Sexto Ponto: O Céu infinito ou a imensidade de Deus, segundo Santo Agostinho 565
Sétimo Ponto: O Céu infinito ou a imensidade de Deus, segundo Santo Tomás de Aquino. 577
I – Ensinamento formal de Santo Tomás 577
II. Ensinamento controverso de Santo Tomás de Aquino 580
Oitavo ponto: Linguagem notável de muitos Santos Padres – Observações sobre algumas opiniões teológicas 587
Nono Ponto: Exame da opinião pessoal do Padre Knoll 595
Capítulo II: Visão sintética do conjunto dos céus criados e de suas influências 604
Primeiro ponto: A humanidade gloriosa do Verbo forma, por seu brilho, o primeiro Céu, depois do Céu das Pessoas divinas 604
I. – Esta santa humanidade está acima de todos os céus e de todos os espíritos criados, para preencher todas as coisas de seus dons. 604
II. – A presença da humanidade gloriosa de Nosso Senhor Jesus Cristo se estende, de alguma maneira, a todos os tempos e a todos os lugares. 610
Segundo Ponto: Visão sintética do Céu de Maria Santíssima e dos céus dos principais bem-aventurados 616
I – Estes céus considerados principalmente segundo a doutrina de Santo Tomás 616
II. – Os mesmos céus considerados de acordo com outros dados 627
Terceiro Ponto: Quadro sintético das influências exercidas pelo céu do Verbo Encarnado 636
I – Como primeiro céu predestinado 636
II - Como princípio de existência, de vida, de luz 640
III – Como causa de toda filiação divina adotiva 645
Quarto Ponto: Continuação do mesmo tema – Influências mais manifestas do mesmo Céu, conforme alguns grandes princípios e conforme às primeiras profecias 650
Quinto ponto: As antigas teofanias eram manifestações do Céu do Verbo Encarnado 667
I – As antigas teofanias segundo Santo Agostinho 668
II - As mesmas teofanias segundo outros Padres e outros autores. 675

III – Nossa maneira de considerar estas teofanias segundo os princípios expostos nesta obra. 683
IV – Vários outros casos em que nos parece que Deus, ou melhor, o Verbo, apareceu por si mesmo 691
Sexto Ponto: Última visão sobre as influências do Céu do Verbo Encarnado 697
I. – Outras influências exercidas por este Céu antes do nascimento temporal de Nosso Senhor Jesus Cristo, no povo de Deus. 698
II – Influências do próprio Céu exercidas sobre todos os povos da terra antes da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo 704
III – Considerações suscintas sobre as influências exercidas pelo próprio Céu depois do nascimento do Salvador 711
Sétimo Ponto: Resumo e confirmação das principais ideias emitidas nesta obra 720
I – Visão geral do conjunto dos céus 720
II. – Todo o universo é um templo de Deus. – Em todos os lugares dele Deus tem adoradores. – Nós formamos uma sociedade com todo o universo porque todo ele é cristão. 727
III – Os católicos amigos de Deus são os futuros reis de todo o universo – Relações especiais dos céus superiores com os céus inferiores e vice-versa 737
IV – O lugar do inferno e as influências que ele exerce por meio de seus emissários – Necessidade e maneira de vencer estas influências – Prece à Maria Santíssima 748